

ROBERT
GALBRAITH

Autor de *O chamado do Cuco*

O HOMEM MARCADO

UMA HISTÓRIA DO DETETIVE CORMORAN STRIKE

Rocco
DIGITAL

ROBERT
GALBRAITH

O HOMEM MARCADO

UMA HISTÓRIA DO DETETIVE CORMORAN STRIKE

Tradução de Ryta Vinagre e Edmundo Barreiros

Rocco
DIGITAL

Atenção!

Se você pagou por este arquivo,
em qualquer formato (epub, pdf etc),
você está sendo enganado.

Estes arquivos de ebooks são
disponibilizados gratuitamente pela
comunidade leitora em sites e
apps como Z-library, Anne's Archive etc.

Não pague por serviços de pirataria.
Se for para pagar, compre o original e
valorize o autor e demais
profissionais envolvidos.





Booklover

Para Séan e Nadine Harris,
que me devolveram o que eu pensava ter perdido para sempre.

Sumário

Para pular o Sumário, clique aqui.

PARTE UM

Capítulo 1

Capítulo 2

Capítulo 3

Capítulo 4

Capítulo 5

Capítulo 6

Capítulo 7

Capítulo 8

Capítulo 9

Capítulo 10

Capítulo 11

Capítulo 12

Capítulo 13

PARTE DOIS

Capítulo 14

Capítulo 15

Capítulo 16

Capítulo 17

Capítulo 18

Capítulo 19

Capítulo 20

Capítulo 21

Capítulo 22

Capítulo 23

Capítulo 24

Capítulo 25

Capítulo 26

Capítulo 27

Capítulo 28

Capítulo 29

Capítulo 30

PARTE TRÊS

Capítulo 31

Capítulo 32

Capítulo 33

Capítulo 34

Capítulo 35

Capítulo 36

Capítulo 37

Capítulo 38

Capítulo 39

Capítulo 40

Capítulo 41

PARTE QUATRO

Capítulo 42

Capítulo 43

Capítulo 44

Capítulo 45

Capítulo 46

Capítulo 47

Capítulo 48

Capítulo 49

Capítulo 50

Capítulo 51

Capítulo 52

Capítulo 53

Capítulo 54

Capítulo 55

Capítulo 56

PARTE CINCO

Capítulo 57

Capítulo 58

Capítulo 59

Capítulo 60

Capítulo 61

Capítulo 62

Capítulo 63

Capítulo 64

Capítulo 65

Capítulo 66

Capítulo 67

Capítulo 68

PARTE SEIS

Capítulo 69

Capítulo 70

Capítulo 71

Capítulo 72

Capítulo 73

Capítulo 74

Capítulo 75

Capítulo 76

Capítulo 77

Capítulo 78

Capítulo 79

Capítulo 80

PARTE SETE

Capítulo 81

Capítulo 82

Capítulo 83

Capítulo 84

Capítulo 85

Capítulo 86

Capítulo 87

Capítulo 88

Capítulo 89

Capítulo 90

Capítulo 91

Capítulo 92

PARTE OITO

Capítulo 93

Capítulo 94

Capítulo 95

Capítulo 96

Capítulo 97

Capítulo 98

Capítulo 99

Capítulo 100

Capítulo 101

Capítulo 102

Capítulo 103

Capítulo 104

Capítulo 105

PARTE NOVE

Capítulo 106

Capítulo 107

Capítulo 108

Capítulo 109

Capítulo 110

Capítulo 111

Capítulo 112

Capítulo 113

Capítulo 114

Capítulo 115

Capítulo 116

PARTE DEZ

Capítulo 117

Capítulo 118

Capítulo 119

Capítulo 120

Capítulo 121

Capítulo 122

Capítulo 123

EPÍLOGO

Capítulo 124

Capítulo 125

Capítulo 126

Capítulo 127

Agradecimentos

Outros créditos

Créditos

O Autor

Índice

Mergulhei na luta da vida e depois saí,
Trouxe fragmentos dela para cá e para lá, fáceis de ver,
Quando encontrei meu cisne e o remédio era claro;
O que era opaco se iluminou quando capturei tua brancura
Em meu peito: tu me salvaste — mas em vão
Se te destruíste, e tudo por minha causa!

Robert Browning
The Worst of It

PARTE UM

Quanto às próprias minas, ele não foi chamado para dar uma opinião (…). Tudo que tinha a fazer era seguir os veios e extrair o minério em quantidades lucrativas (…).

John Oxenham
A Maid of the Silver Sea

1

Oh tantas vezes me lavei e me vesti,
E o que tenho para mostrar por todo o meu esforço?
Deixe-me ficar na cama e descansar:
Dez mil vezes dei o meu melhor,
E tudo precisa ser feito de novo.

A.E. Housman
XI, Last Poems

Os limpadores de para-brisa estiveram operando ao máximo desde que o BMW entrou no condado de Kent, o silvo soporífero e a batida irritante agravando a exaustão de Cormoran Strike ao olhar através da chuva pesada, que transformara a estrada deserta à frente em um jato cintilante.

Logo depois de embarcar no vagão-leito do trem da Cornualha para Londres na noite anterior, o namorado de sua sócia, que Strike sempre chamava mentalmente de "Maldito Ryan Murphy", tinha ligado para dizer que Robin estava de cama, com febre alta e garganta inflamada, e, portanto, não poderia acompanhar Strike na visita à mais nova cliente em potencial.

Tudo naquele telefonema irritara Strike, e a ideia de que estava sendo injusto — porque esta era a primeira vez em seis anos que Robin tirava licença médica, e, se a temperatura dela era de quarenta graus e a garganta estava inchada, era perfeitamente razoável que tivesse pedido ao namorado para ligar em seu nome — intensificou seu mau humor, em vez de aliviar. Ele esperava que Robin o levasse até Kent em seu velho Land Rover, e a perspectiva de várias horas em sua companhia tinha sido o único ponto a favor de manter aquele compromisso. Um misto de profissionalismo e masoquismo o impedira, no entanto, de cancelar e, assim, depois de um banho rápido e uma troca de roupa no apartamento do sótão

da Denmark Street, Strike partiu para o vilarejo Temple Ewell, em Kent.

Ter de dirigir ele mesmo não era só deprimente, mas também fisicamente doloroso. O tendão da perna, em que uma prótese tinha substituído a panturrilha, o tornozelo e o pé, estava tenso e latejava, porque sua viagem à Cornualha envolveu levantar muito peso.

Dez dias antes, ele fora às pressas a Truro porque o tio idoso tinha sofrido um segundo derrame. A irmã de Strike, Lucy, estivera ajudando Ted a fazer as malas para a mudança iminente a uma casa de repouso em Londres quando, nas palavras dela, "o rosto dele ficou estranho e ele não conseguia me responder". Ted morreu doze horas depois de Strike ter chegado ao hospital, com a sobrinha e o sobrinho segurando suas mãos.

Strike e Lucy foram então à casa do tio em St. Mawes, que fora deixada aos dois conjuntamente, para organizar o funeral e tomar decisões sobre o conteúdo do imóvel. Como era de se prever, Lucy ficou horrorizada com a sugestão do irmão de que eles poderiam contratar profissionais para esvaziar o imóvel depois de terem retirado os objetos de valor sentimental que a família quisesse guardar. Ela não suportava a ideia de estranhos tocando em nada: o velho Tupperware, antes usado para piqueniques na praia, a calça de jardinagem puída do tio, o pote com botões sobressalentes, cuidadosamente guardados pela falecida tia, alguns deles tendo pertencido a vestidos há muito doados a brechós. Sentindo-se culpado por Lucy ter lidado sozinha com o último lapso de consciência de Ted, Strike cedeu aos desejos dela, permanecendo em St. Mawes para carregar caixas, quase todas rotuladas como "Lucy", da casa para um furgão alugado, e para jogar o lixo em uma caçamba também alugada, fazendo intervalos regulares em que oferecia chá e conforto à irmã, cujos olhos estavam constantemente vermelhos de poeira e lágrimas.

Lucy acreditava que o estresse da transferência de Ted para uma casa de repouso tinha provocado seu derrame fatal, e Strike se obrigou a não perder a paciência com as repetidas explosões de autorrecriminação da irmã, esforçando-se ao máximo para não rebater a irritabilidade dela com seu mau humor, não estourar, não ficar irritado ao explicar que só porque ele não queria pegar mais objetos associados às fases mais estáveis da infância deles não significava que não estivesse sofrendo tanto quanto ela a perda do homem que tinha sido sua única figura paterna verdadeira. Strike só pegou para si a boina vermelha da Real Polícia

Militar de Ted, seu antigo chapéu de pesca, seu velho porrete de madeira, que usava para dar cabo do peixe que ainda lutava pela vida e algumas fotos desbotadas. Agora estes objetos estavam em uma caixa de sapatos dentro da bolsa de viagem que Strike ainda não tivera tempo de desfazer.

Quilômetro após quilômetro, sem companhia nenhuma exceto a ressaca emocional dos últimos dez dias e a dor no tendão, a aversão que Strike já sentia pela potencial cliente aumentou. Decima Mullins tinha o tipo de sotaque que ele associava às esposas enganadas e muito ricas que procuravam sua agência de detetives na esperança de provar a infidelidade ou criminalidade do marido com o propósito de garantir um melhor acordo de divórcio. Tendo como base a única conversa telefônica que tiveram até então, ela era melodramática e arrogante. Dissera que não poderia ir ao escritório de Strike na Denmark Street, por motivos que revelaria pessoalmente, e insistira que só estava disposta a discutir o problema cara a cara em sua casa em Kent. Tudo que ela se dignara a revelar até agora era que queria provar alguma coisa, e, como não conseguia imaginar nenhum cenário investigativo possível que não envolvesse provar alguma coisa, Strike não ficou particularmente grato pela dica.

Neste estado de espírito nada favorável, ele percorreu a Canterbury Road por uma paisagem de árvores nuas e campos encharcados. Por fim, com os limpadores de para-brisa ainda em silvos e baques, ele entrou numa trilha estreita e lamacenta à esquerda, seguindo uma placa indicando Delamore Lodge.

2

(…) Eu o perdi, pois ele não vem,
E fico sentado, aturdido… Ó Céus, acabem com
Essa agonia pior que o sofrimento, essa apatia enlouquecedora,
Por qualquer meio ou qualquer mensageiro!

Robert Browning
Bells and Pomegranates Nº 5:
A Blot in the 'Scutcheon

A casa à qual Strike chegou de carro não era o que ele esperava. Longe de ser um solar rural, Delamore Lodge era uma pequena habitação arruinada de pedra escura que se assemelhava a uma capela abandonada, localizada em um jardim silvestre que dava a impressão de não ser cuidado havia anos. Ao estacionar, ele notou que uma das janelas de estrutura gótica tinha vários vidros rachados, cobertos por dentro com o que parecia ser um saco de lixo preto, e que faltava parte das telhas. Vista em contraste com o sinistro céu de novembro e através da chuva incessante, Delamore Lodge era o tipo de lugar que as crianças podiam tranquilamente acreditar ser a morada de uma bruxa.

Pisando cuidadosamente com a prótese, porque folhas encharcadas de algumas árvores desfolhadas tinham formado um tapete viscoso no caminho irregular, Strike se aproximou da porta de carvalho da entrada e bateu. A porta se abriu segundos depois.

A imagem que tinha de Decima Mullins como uma loura bem cuidada em um elegante terninho de tweed não podia ter passado mais longe da verdade. Ele se viu diante de uma mulher gorda e pálida, cujo cabelo castanho embaraçado tinha raízes acinzentadas e aparentava não ser cortado havia muito tempo. Ela vestia calça preta de moletom e um poncho de lã preto e grosso. Considerando o jardim silvestre e a casa decrépita, seus trajes fizeram Strike se perguntar se estava diante

de uma excêntrica da classe alta que dera as costas à sociedade para pintar quadros ruins ou fazer vasos tortos de cerâmica. O tipo de pessoa que ele não conseguia achar encantadora.

— Srta. Mullins?

— Sim. Você é Cormoran?

— O próprio — confirmou Strike, notando que ela acertara prontamente seu nome de batismo. A maioria das pessoas dizia "Cameron".

— Posso ver sua identidade?

Dada a improbabilidade de que um ladrão qualquer decidisse aparecer nessa casa à luz do dia em um BMW, exatamente na hora em que ela esperava um detetive que tinha convocado a Kent, Strike se ressentiu de ter de ficar de pé sob o aguaceiro enquanto revirava o bolso à procura da carteira de habilitação. Depois de mostrar a ela, a mulher deu um passo para o lado para que ele entrasse em um corredor apertado, que parecia anormalmente cheio de suportes para guarda-chuvas e sapatos, como se sucessivos donos tivessem acrescentado os seus sem retirar os antigos. Strike, que suportara imundície de mais na infância, não apreciava a desordem e a sujeira naqueles que tinham condições de lidar com elas, e sua impressão negativa dessa mulher desleixada de classe alta se intensificou. É possível que parte da reprovação tenha transparecido em sua expressão, porque Decima disse:

— Esta casa era da minha tia-avó. Estava alugada até alguns meses atrás, e os inquilinos não cuidaram do lugar. Vou reformar e vender.

Não havia, porém, sinais de redecoração ou reforma. O papel de parede no corredor tinha se rasgado em alguns lugares e faltava uma lâmpada em uma das luminárias do teto.

Strike acompanhou Decima até uma cozinha pequena, onde havia um fogão antiquado de pedras gastas que parecia estar ali havia centenas de anos. Uma mesa de madeira estava rodeada por cadeiras descombinando. Strike notou um caderno com capa vermelha de couro na mesa e pensou ser possível que sua anfitriã fosse uma aspirante a poetisa. Isso, em sua opinião, ficava um degrau abaixo até da cerâmica.

— Antes de começarmos — falou Decima, virando-se para Strike —, preciso que me prometa uma coisa.

— Tudo bem — respondeu Strike.

A luz da luminária antiquada no teto não favorecia o rosto redondo e achatado de Decima. Se mais bem cuidada, ela poderia ter se tornado um pouco mais bonita, mas a impressão geral era de uma indiferença negligente com a própria aparência. Ela não tentava esconder as bolsas arroxeadas sob os olhos ou o que parecia uma rosácea severa no nariz e nas bochechas.

— Você mantém a confidencialidade dos clientes, certo?

— Há um contrato-padrão — disse Strike, sem saber o que havia sido perguntado.

— Sim, sei que existe um contrato, não foi o que eu quis dizer. *Eu não quero que ninguém saiba onde moro*.

— Não entendo por que eu precisaria…

— Quero uma *garantia* de que não contará a ninguém onde estou.

— Tudo bem — repetiu Strike. Ele desconfiava de que não demoraria muito para Decima Mullins começar a gritar ou chorar, o que, depois dos últimos dez dias, ele achava ainda mais desagradável.

— Muito bem, então — prosseguiu ela. — Quer um café?

— Seria ótimo, obrigado.

— Pode se sentar.

Ela foi até o fogão, em que havia um bule de estanho.

A cadeira rangeu sob o peso de Strike, a chuva tamborilava nas janelas intactas e o saco de lixo preto preso com fita adesiva nos vidros rachados farfalhava ao vento. Exceto pelos dois, a casa parecia estar deserta. Strike notou que o poncho de Decima tinha manchas, como se o estivesse vestindo havia dias. A parte de trás do cabelo também estava emaranhada em certos pontos.

Vendo-a fazer o trabalho pesado de preparar o café, abrir e fechar armários como se sempre esquecesse onde as coisas estavam e resmungar baixinho, a opinião de Strike sobre a mulher mudou de novo. Havia três tipos de pessoas que ele era extraordinariamente bom em identificar, mesmo após um breve contato: mentirosos, viciados e aqueles com transtornos mentais. Ele tinha o pressentimento de que Decima Mullins talvez pertencesse à terceira categoria, e isso, embora pudesse desculpar a aparência descuidada, não o deixava mais disposto a aceitar o caso.

Por fim, ela levou duas xícaras de café e uma jarra de leite para a mesa, e depois, por nenhum motivo evidente, sentou-se com extrema lentidão, como se

pensasse que poderia se machucar ao bater com força de mais na cadeira.

— E então — começou Strike, pegando bloco e caneta, mais ávido que nunca para terminar essa entrevista —, a senhora disse por telefone que queria provar alguma coisa, de um jeito ou de outro, não foi?

— Sim, mas preciso dizer outra coisa primeiro.

— Tudo bem — falou Strike pela terceira vez e tentou parecer receptivo.

— Eu quis você porque sei que é o melhor — declarou Decima Mullins —, mas fiquei em dúvida se o contrataria ou não porque temos conhecidos em comum.

— É mesmo?

— Sim. Sou irmã de Valentine Longcaster. Sei que vocês dois não se dão muito bem.

Esta informação foi tão surpreendente que deixou Strike sem palavras. Valentine, que ele encontrara com pouca frequência e sempre com relutância por certo período de sua vida, era um homem bonito, de cabelo desgrenhado, que se vestia com extravagância e trabalhava como stylist para várias revistas de arte chiques. Também era um dos amigos mais íntimos de Charlotte Campbell, a antiga noiva de Strike, que havia se suicidado alguns meses antes.

— Então "Mullins" é…?

— Meu nome de casada, de quando eu tinha uns vinte anos.

— Ah — murmurou Strike. — Certo.

Estaria ela dizendo a verdade? Ele não conseguia se lembrar de Valentine ter mencionado uma irmã, mas na época Strike sempre prestava a menor atenção possível em qualquer coisa dita por ele. Se os dois eram de fato irmãos, Strike raras vezes conheceu uma dupla de irmãos que se parecesse tão pouco, embora de certo modo isso pudesse dar credibilidade à história de Decima: teria sido perfeitamente típico de Valentine se calar sobre esta mulher atarracada e de aspecto sujo, porque ele era um homem que valorizava muito a aparência e o estilo.

— É *especialmente* importante que você não conte a Valentine onde estou, nem isso nem qualquer outra coisa que eu possa lhe pedir para manter em sigilo — disse Decima.

— Tudo bem — repetiu Strike pela quarta vez.

— E você também conhece Sacha Legard, certo?

Começando a sentir que algum demônio pessoal resolvera dedicar seus dias a lhe dar repetidos chutes no saco, porque Sacha era o meio-irmão de Charlotte, Strike respondeu:

— Também é parente dele?

— Não — negou Decima —, mas ele está envolvido no… no que quero que você investigue. Mas nunca conheci realmente Charlotte Campbell. Só a encontrei algumas vezes.

Alguns poderiam considerar seu tom direto insensível, em vista da morte recente de Charlotte em uma banheira cheia de sangue, mas, como Strike estava muito feliz por dispensar perguntas indecentes ou falsa solidariedade, ele falou:

— Muito bem, então, por que não explica o que quer que eu faça?

— Preciso que descubra de quem era um corpo — respondeu Decima, olhando-o com um misto de cautela e desafio.

— Um corpo — repetiu Strike.

— Sim. Você deve ter lido sobre isso nos jornais. Era do homem que encontraram no cofre de uma loja de prataria, em junho.

Cinco meses antes, Strike estivera concentrado quase inteiramente em um caso complexo que a agência investigava e prestara pouca atenção em outras coisas, mas se lembrava dessa matéria nos noticiários, que tinha gerado uma curta, mas intensa, cobertura da mídia.

— Sim — confirmou ele. — Se for quem estou pensando — (mas só Deus sabe por que ele disse isso, porque quantos homens eram encontrados mortos em cofres de prataria, em média, por mês, em Londres?) —, a polícia o identificou com muita rapidez.

— Não, não identificou — retrucou Decima, o tom não admitindo contradições.

— Pensei — começou Strike, embora o que realmente quisesse dizer fosse "como me lembro exatamente" — que ele fosse um ladrão condenado, não?

— Não — disse Decima, meneando a cabeça —, ele não era esse ladrão. Definitivamente não.

— Tenho certeza absoluta de que foi o que li — rebateu Strike, tirando o telefone do bolso. Agora tinha esperanças de conseguir sair dali em dez minutos, porque ela lhe dava um forte motivo para recusar um caso que ele realmente não queria. — Está vendo, aqui? — perguntou ele, depois de digitar algumas palavras

no Google. — "… o falecido, que se fez passar pelo vendedor William Wright no emprego de duas semanas na Ramsay Silver, foi identificado como Jason Knowles, vinte e oito anos, de Haringey, condenado por assalto à mão armada."

— Não foi conclusivo — insistiu Decima. — Conheço um policial, e ele me disse isso.

— Que policial é esse? — Strike tinha experiência com aqueles que afirmavam vínculos imaginários com a polícia para justificar suas teorias lunáticas.

— Sir Daniel Gayle. É um comissário aposentado. Sua filha trabalha para mim. Perguntei a ela se poderia falar com Sir Daniel, então ele conversou com algumas pessoas, e depois me contou que a polícia nunca teve confirmação por DNA. Eles nunca *provaram* que era esse tal de Knowles, não sem sombra de dúvida.

— Qual é seu interesse em descobrir quem era o homem? — perguntou Strike.

— Eu simplesmente preciso saber — respondeu Decima, a voz trêmula. — Eu *preciso*. Preciso saber.

Strike bebeu um pouco do café para ganhar tempo. Estranhezas do caso do corpo no cofre lhe vieram à mente. O corpo estava nu e muito mutilado, o que naturalmente tinha atiçado o interesse febril da imprensa antes que revelassem que a vítima era um criminoso violento, o que fez com que a simpatia e o interesse do público minguassem de maneira considerável. Knowles, como relatou a imprensa, tinha espancado tão violentamente a caixa de uma sociedade de crédito imobiliário, que ele havia roubado, que a mulher tivera uma fratura no crânio e convulsões. Na verdade, havia um consenso geral de que, por pior que tenha sido seu fim, Jason Knowles provavelmente o merecera.

— Está preocupada que o homem fosse alguém que conhecesse? — Strike quis saber.

— Sim. Acho… Não — falou Decima, de repente passional, com lágrimas nos olhos —, eu *sei* que era ele, e… preciso de provas, porque… preciso de provas. Só preciso que alguém prove isso.

— Quem, exatamente…?

— Ele era alguém muito *próximo* de mim, e o corpo combinava *com exatidão*, e tudo se encaixa: a prataria, e ele sendo a-assassinado — gaguejou ela, e então continuou: — E ele desapareceu na mesma época… Era ele. Sei que era.

A casa solitária, a mulher chorosa… Strike sentiu como se mergulhasse de volta

na situação que deixara na Cornualha, mas com implicações bem mais estranhas. Incapaz de pensar em outra coisa para fazer, ele abriu o bloco de anotações.

— Muito bem, que semelhanças existem entre o corpo e o homem que a senhora conhece?

— Eu escrevi tudo — disparou Decima, estendendo a mão para o caderno vermelho e folheando até o final o que se revelou um diário semanal, no qual Strike viu várias páginas preenchidas. — Meu amigo tinha vinte e seis anos… A imprensa disse que o corpo era de um homem na casa dos vinte e poucos a trinta e poucos anos. William Wright era canhoto; meu amigo também. O corpo era do tipo sanguíneo A positivo, o mesmo do meu amigo. Altura aproximada de um metro e setenta… isso bate. Wright foi entrevistado para o emprego no dia 19 de maio… Não vi meu amigo naquele dia. Wright se mudou para um quarto alugado em 21 de maio e isso também combina, porque meu amigo ia se mudar de casa naquele fim de semana… Eu queria que ele levasse suas coisas para a minha casa, mas ele não quis. Não sei onde colocou tudo. Deve ter sido naquele quarto alugado.

Depois de tentar sem sucesso pensar em um jeito mais educado de fazer a pergunta seguinte, Strike falou:

— E por que seu amigo mudou de nome e foi trabalhar em uma loja de prataria?

— Porque… é complicado.

— A senhora deu queixa do desaparecimento dele?

— Sim, claro que sim, mas a polícia não está ajudando. Eles só aceitaram a palavra da tia dele para o que… — Ela se interrompeu, depois falou em um tom mais agudo: — Olha, eu *sei* que era ele, eu *sei* que era, entendeu?

Strike, Robin e seus terceirizados tinham um nome para aquelas pessoas que mandavam e-mails e telefonavam ao escritório em número cada vez maior, à medida que a agência ficava mais famosa, desesperadas para dizer aos detetives que estavam sendo espionadas por eletrodomésticos, que círculos satânicos haviam sido traçados em volta de Westminster ou que estavam em relacionamentos com celebridades que sonegavam inexplicavelmente seus afetos devido a forças malignas: Gateshead. As características típicas de um Gateshead eram uma crença irracional, uma repulsa por questões de bom senso e uma incapacidade de pensar em explicações alternativas para seus dilemas. A mulher sentada de frente para

Strike agora apresentava um conjunto de sintomas clássicos.

— A senhora falou que a filha de Sir Daniel Gayle trabalha para a senhora — disse Strike, na esperança de desvendar o problema puxando um fio diferente. — O que exatamente…?

— Tenho um restaurante. O Happy Carrot, na Sloane Street. Ela é minha maître.

Strike por acaso conhecia o local que, apesar do nome, não era um estabelecimento vegano, mas um restaurante caro, muito bem avaliado pela crítica, que servia alimentos de produção orgânica, no qual ele recentemente estivera, seguindo um piloto comercial infiel e sua amante. A não ser que Decima estivesse mentindo sobre ser irmã de Valentine, sua família tinha dinheiro: os Longcaster eram muito ricos, e o pai de Decima e Valentine, que Strike nunca conheceu, mas sobre quem sabia bem mais do que gostaria de saber, era dono de um dos clubes privados mais caros de Londres. Tentando ainda outra abordagem, ele perguntou:

— A senhora conhecia bem o homem de quem pensa ser o corpo no cofre?

— *Muito bem* — afirmou Decima. — Eu…

Para consternação de Strike, algo agora se agitava por baixo do poncho de Decima, como se seus seios tivessem criado movimento próprio. E então, dando um susto em Strike, um guincho de furar os tímpanos ecoou na cozinha.

— Ah, meu Deus! — exclamou Decima em pânico, levantando-se, atrapalhada. — Eu esperava que ele dormisse…

Agora ela lutava para tirar o poncho, o que fez o cabelo fino se eriçar de estática, revelando um bebê muito pequeno preso a ela em um sling de lã.

— Você não pode contar a ninguém sobre ele! — disse Decima a Strike freneticamente, mais alto do que o berro da criança. — *Você não pode contar a ninguém que eu tenho um filho!*

A expressão desconcertada de Strike estimulou um pânico ainda maior em Decima.

— Ele é meu! Posso mostrar a certidão de nascimento! Eu o tive há três semanas! Mas ninguém sabe a respeito dele e você *não pode* contar!

Robin tinha escolhido um excelente dia para ter a garganta inflamada, pensou Strike, enquanto Decima tentava em vão se desvencilhar do arnês que prendia a ela o bebê que chorava. Por fim, e principalmente porque queria que o barulho

parasse, Strike foi em seu auxílio, soltando um fecho em que parte do poncho tinha se enganchado.

— Obrigada… Acho que ele está com fome… Vou dar de mamar…

— Vou deixar você à vontade — disse Strike prontamente, muito feliz por sair e sentar-se no carro, se era o que precisava fazer para não ter de assistir.

— Não, eu… Se você ficar de costas…

De boa vontade, ele atendeu ao pedido, virando-se para olhar pela janela que não era coberta por um plástico preto.

Os gritos do bebê diminuíram; Strike ouviu pés de cadeira arrastando e um leve gemido de dor de Decima. Tentou não imaginar o que acontecia atrás de si e torceu fervorosamente para que ela não fosse uma daquelas mulheres que desnudam os seios, felizes, na frente de estranhos. Por fim, depois do que pareceu muito mais do que apenas alguns minutos, ela disse numa voz trêmula:

— Tudo bem, pode se virar.

Decima tinha recolocado o poncho, e o bebê estava de novo escondido. Enquanto Strike voltava a sentar-se, ela disse, hesitante:

— Por favor, você *não pode* contar a ninguém que eu o tive! Ninguém sabe, só as pessoas do hospital!

Embora pensasse que ela morava ali sozinha, Strike concordou em guardar os segredos dela, apesar de sua suspeita de que ela não gozava de perfeita saúde mental. Ela não dera sinais de ser suicida e tinha família; se queria se esconder na deplorável casa herdada, não era da conta dele. Porém, Strike não queria o fardo de ser a única pessoa a saber da existência dessa criança, além da equipe do hospital.

— A senhora não tem uma… — ele se esforçou para pensar em alguém cuja responsabilidade seriam mulheres que acabaram de dar à luz — … uma assistente de saúde, ou…?

— Não preciso de nenhuma. Você *não pode contar a ninguém sobre Lion*. Preciso de uma *garantia*…

Strike, que tinha certeza de que ela acabara de dizer que o nome do filho era "Lion", o que não fortalecia sua confiança na saúde mental dela, perguntou:

— Por que não quer que ninguém saiba que tem um filho?

Decima caiu em prantos. Quando ficou claro que não ia parar tão cedo, Strike olhou em volta procurando um papel-toalha, mas não viu nenhum, então se

levantou e mancou em busca de papel higiênico.

O banheiro pequeno junto do corredor tinha uma caixa de descarga antiquada, de corrente, e uma planta-aranha morta no peitoril. Ele tirou o rolo todo do suporte, voltou à cozinha e o colocou na frente de uma chorosa Decima, que soluçou seus agradecimentos e pegou algumas folhas do papel. Strike voltou a sentar-se diante do bloco aberto.

— Este homem que a senhora acha que foi morto no cofre — disse ele. — É o pai do seu filho?

Decima chorou ainda mais alto, pressionando o papel higiênico nos olhos. Strike tomou isso como um "sim".

— *Ele não me abandonou!*

Ela já havia dito a Strike que o "amigo" tinha vinte e seis anos, e Strike calculou que ela estivesse perto dos quarenta. A mãe do próprio Strike se casara com um homem dezessete anos mais novo, em cujas mãos ela morreu, coisa de que Strike continuava convencido (embora o júri não tivesse concordado). Jeff Whittaker se casou com Leda Strike pelo dinheiro que acreditava que ela tivesse e ficou furioso ao descobrir que a grana estava bloqueada de um jeito que o impedia de tocar nela. Por conseguinte, Cormoran Strike não tinha muita simpatia por homens muito mais novos que se relacionavam com mulheres mais velhas e ricas.

— Todo mundo diz que ele me abandonou! — Decima chorava. — Valentine… ele foi *cruel* comigo e com Rupe, desde o começo… Na verdade, ele me disse "é melhor você não engravidar dele". *Ele realmente disse isso!* E eu *já estava grávida*! Ele ficou *f-feliz* quando Rupe desapareceu! E meu p-pai disse que Rupe só queria meu dinheiro, o que *não é verdade*! Quando nos conhecemos, foi *instantâneo*, não foi como *nada que eu já tivesse sentido*… foi como se eu *sempre* o conhecesse, e Rupe s-sentia exatamente o mesmo, ele *me disse* isso… tínhamos uma conexão incrível! Era como se nós… nos *reconhecêssemos*, como se tivéssemos nos conhecido — *não diga em uma vida passada* — em uma vida passada!

— O nome dele é Rupert? — Foi a única reação de Strike, voltando a pegar a caneta.

— S-sim… Rupert Fleetwood. — Decima se esforçava para se recompor e acrescentou, depois de algumas golfadas de ar: — Rupert Peter Bernard Christian Fleetwood. Ele nasceu em 8 de março de 1990 e foi cri-criado em Zurique.

— Ele é suíço?

— Não, a tia se casou com um suíço… quando Rupe tinha dois anos… os pais dele o levaram para uma v-visita… e a mãe e o pai foram esquiar… e teve uma avalanche… e eles morreram… então ele foi criado ali, pelos tios. Mas ele *detestava* Zurique, teve uma infância muito infeliz, só queria voltar ao Reino Unido, e fi-finalmente chegou a Londres, e então Sacha, que é primo de Rupe, sugeriu que ele procurasse emprego no clube do meu pai, que era padrinho de Rupe… e foi assim que nos co-conhecemos. Eu e-estava dividindo meu tempo entre o clube do papai e meu próprio negócio, porque o chef anterior do papai tinha sido demitido…

A notícia de Rupert ser primo de Sacha Legard, que era um ator aclamado e excepcionalmente bonito, reforçou a suspeita de Strike de que Rupert Fleetwood estivesse mais interessado no dinheiro de Decima do que nela. Se era parecido com Sacha, talvez tivesse a mesma preferência por mulheres mais novas e mais glamorosas.

— Há quanto tempo a senhora e Rupert se relacionavam?

— Um a-ano.

— Fleetwood sabia que a senhora estava grávida?

— Sim, e ele ficou *encantado*, ficou *tão, tão* feliz! — Decima soluçou. — Mas ele tinha uns problemas e… era *orgulhoso*, queria consertar as coisas sozinho… mas *nunca* me deixaria para sempre, éramos *muito apaixonados*… N-ninguém entende!

— A senhora disse que ele havia se mudado de casa. Não estavam morando juntos?

— Evidentemente *íamos*, um dia, mas ele precisava re-resolver umas coisas primeiro… ele tentava me *proteger*!

— Protegê-la do quê?

— Tinha alguém atrás dele, alguém perigoso!

— E quem era?

— Um traficante de drogas! E meu p-pai tinha… tinha denunciado ele à polícia…

— Por que seu pai falou com a polícia?

— Porque Rupe pegou… Mas ainda acho que ele tinha direito a isso! — disse Decima, estridente.

— Direito a quê?

— Um… um *nef*.

— Um o quê? — questionou Strike, levantando a cabeça. Nunca tinha ouvido falar de tal coisa.

— *Nef* é uma réplica. Era um enfeite de mesa grande, de prata — explicou Decima, desenhando no ar, com o braço livre, um objeto de cerca de sessenta centímetros quadrados —, do s-século XVII… no formato de um barco… Pertencia aos p-pais de Rupe. Pa-papai e Peter Fleetwood costumavam jogar gamão e apostar. Uma noite, eles se embriagaram e meu pai ganhou esse *nef* do Peter…

— Então Rupert achava que tinha direito a ele, porque havia pertencido aos seus pais?

— S… Não… Olha, logo depois de papai ganhá-lo de Peter, Peter e Veronica *morreram*! Então é de se pensar que ele *de-devolveria* o *nef* a Rupe, se não quando criança, então quando ele precisasse muito de dinheiro! Mas ele n-não devolveu… *O próprio afilhado! Como ele p-pôde denunciá-lo à p-polícia?*

Porque ele afanou a maldita prata dele, foi o pensamento nada solidário de Strike, mas em voz alta ele disse:

— Ele também tinha um traficante de drogas atrás dele?

— Sim, mas foi tudo culpa de Zac!

— Quem é Zac?

— O colega de quarto de Rupe… Ele mexia com *drogas*, com *coca*, e tinha um gângster de verdade atrás dele, porque Zac não pagou o que tinha prometido, ou coisa assim. Zac *fugiu*, os pais dele arrumaram um trabalho para ele no *Quênia*, e Rupe ficou responsável pelo aluguel de Zac e o depósito da fiança. Depois aquele traficante medonho ficou perseguindo *Rupe* para receber a dívida de Zac, ele o *ameaçava*…

— A senhora sabe qual é o nome do traficante?

— Chamavam ele de Dredge, não sei o nome verdadeiro. Ele *literalmente* estava ameaçando Rupe de morte se não recebesse o dinheiro, porque achava que Rupe era rico, como Zac, mas ele *não era*… Não tinha sobrado quase nada da herança dele, ele mal conseguia cobrir todas as contas extravagantes que Zac deixou, porque os tios usaram quase todo o dinheiro da herança dos pais de Rupe para mandá-lo para um in-internato perto de Zurique que ele *odiava*… e depois meu pai o demitiu do D-dino's, e foi por isso que ele pegou o *nef*, porque estava

desesperado! *Eu* quis ajudá-lo financeiramente, mas ele se recusou, porque *sabia* que as pessoas diziam que ele só estava comigo pelo meu di-dinheiro!

Strike desconfiava fortemente de que houvesse coisas que não estavam sendo contadas a ele. Fleetwood aparentava não ter tido escrúpulos com o roubo descarado, então parecia improvável que recusasse um empréstimo ou uma doação em dinheiro da namorada. Strike achava que era muito mais provável que o jovem tivesse mostrado uma falsa relutância em deixar que Decima o ajudasse a pagar o traficante, tentando manter a farsa de que a amava e supondo que ela continuaria a pressionar com a oferta. Quando ela aceitou a recusa dele, ele se voltou para outros meios de faturar uma grana com os ricaços dos Longcaster.

— Tudo bem — disse Strike, virando uma página do bloco. — Quando foi a última vez que a senhora viu Rupert?

— No s-sábado, dia 15 de maio — informou Decima com a voz embargada, pegando de novo o diário vermelho. — Eu f-fiz o jantar dele. Ele estava m-muito preocupado com Dredge atrás dele e por estar desempregado, com o bebê por nascer. Então, você *entende*, não entende? — perguntou Decima com olhos suplicantes. — Ele deve ter levado o *nef* para aquela loja, a Ramsay Silver, e eles concordaram em aceitar, mas não p-podiam pagar antes de encontrarem um comprador! E então a Ramsay Silver tinha uma vaga de emprego e Rupe a-aceitou, só para que entrasse *algum* dinheiro! Ele deve ter pensado que depois que o *nef* fosse vendido, ele ia poder pagar Dredge, parar de fingir ser William Wright e voltar para mim! M-mas então Dredge deve ter descoberto onde ele estava e o matou!

Esta era a primeira vez que Strike conhecia alguém que queria confirmar que seu amado estava morto, e não vivo. Esta, supôs ele, era a manifestação mais extrema de um fenômeno com o qual ele estava familiarizado demais: uma mulher recusando-se veementemente a aceitar que o parceiro não era o que ela pensava ser.

— Quando soube pela última vez de Rupert?

— Em 22 de maio… Nós conversamos por telefone. Ele estava se mudando de casa naquele fim de semana, então n-não falamos por muito tempo… Nós… nós…

O choro a dominou mais uma vez. Strike bebeu mais do café, agora frio. Por fim, Decima falou:

— Nós brigamos. Eu queria que Rupe s-só devolvesse o *nef* a meu pai, mas ele se recusou, o que não era *típico* dele… em geral ele não era assim, de jeito nenhum. Ele simplesmente me disse que era dele e que ia mantê-lo! Então, você entende — a voz dela se elevou a um lamento —, a culpa do que aconteceu é *minha*! É *minha culpa* que ele tenha ido até a Ramsay Silver! Ele achou que ninguém o apoiava, estava desesperado… e então foi m-morto! O telefone dele ficou mudo, não houve mais atualização nas redes sociais dele… Procurei a polícia, estava desesperada de preocupação, e eles passaram *semanas* sem me dar notícia nenhuma, e no fim me disseram que R-Rupe estava em Nova York, o que é simplesmente *ridículo*. Ele *não está*, eu *sei* que não está!

— Por que a polícia acha que ele está em Nova York?

— Eles acreditaram no que a tia dele disse! Ela a-alega que Rupe telefonou em 25 de maio e disse que tinha arrumado um emprego lá, mas isso é *ridículo*, ele não conhece ninguém em Nova York, o que ia *fazer* lá?

— Qual é o nome da tia de Rupert?

— Anjelica Wallner. É uma mulher *pavorosa*, Rupe a *odeia*! Isso é o mais ridículo… ele não contaria nada a *Anjelica*!

— Você falou pessoalmente com a sra. Wallner?

— Sim, mas ela só gritava "ele está nos Estados Unidos!" e me disse para parar de i-importuná-la! Rupe… bom, ele não contou a ela que estávamos juntos… Ela odeia meu pai, ou coisa parecida…

— E outros parentes de Rupert? Amigos?

— *Ninguém* o viu desde o dia 22 de maio! Sacha nem atende mais aos meus telefonemas! Tudo o que ele disse foi, "se Anjelica diz que ele está em Nova York, então ele está lá em Nova York!". *Ninguém está levando isso a sério!* Albie, amigo de Rupe, disse acreditar que ele foi embora para "clarear as ideias", mas agora até Albie parou de atender as minhas ligações! Sacha não fala comigo… Valentine tem sido muito cruel com tudo isso. Eu vim para cá para ter o bebê em paz… Preciso que Lion saiba que o pai dele só se afastou para tentar consertar as coisas e que nunca pretendeu nos abandonar para sempre! Eu *preciso* provar isso! Depois vou poder dar a Rupe um e-enterro decente… e pelo menos teremos… um túmulo para visitar. Não posso continuar assim… *Eu preciso que você prove que era Rupe naquele cofre!* — gemeu Decima Mullins, os olhos rosados e inchados como os de um porco, o filho, bebê, de um namorado ladrão por baixo de seu

poncho sujo.

3

Revelas tal perda de forma tão repentina.

Matthew Arnold
Merope: A Tragedy

Robin Ellacott mentiu para o sócio sobre a garganta inflamada e a febre alta. Na verdade, ela se encontrava deitada em uma cama de hospital com uma intravenosa de morfina, decidida que o menor número possível de pessoas soubesse do motivo de sua presença ali.

Na tarde anterior, Robin estava atravessando o pátio da estação Victoria em busca de um alvo de vigilância quando de súbito sentiu como que uma faca em brasa perfurando o lado inferior direito do seu corpo. Os joelhos vergaram e ela vomitou. Duas mulheres de meia-idade correram em seu socorro e, murmurando em pânico sobre apendicite, chamaram um funcionário da estação. Em um tempo extraordinariamente curto, Robin foi levada de maca da estação até uma ambulância à espera. Tinha uma lembrança nebulosa dos rostos dos socorristas, de mais dor lancinante e dos solavancos da maca enquanto era levada às pressas para o hospital, depois do bastão gelado do ultrassom na barriga e do anestesista com máscara hospitalar. Sua próxima lembrança nítida era de acordar ouvindo que tinha sofrido uma gravidez ectópica e que a trompa de Falópio havia estourado.

Robin ligou para o namorado, o agente do Departamento de Investigação Criminal Ryan Murphy, assim que conseguiu pegar o celular, mas ele estava muito longe, do outro lado de Londres, para ter alguma chance realista de chegar até ela antes que terminasse o horário noturno de visitas. Ela implorou a Murphy, que estava apavorado com o ocorrido, para ligar para Strike com a desculpa da febre e da garganta inflamada, e dizer que ela não poderia levá-lo a Kent. Robin também convencera o namorado de que seus pais não deveriam saber do que

havia acontecido, em nenhuma circunstância. A última coisa de que Robin precisava era a mãe adejando em volta dela e culpando seu trabalho pelo que acontecera, o que, embora fosse injusto, tinha certeza de que ela faria.

O choque da hospitalização repentina, e de sua causa, foram tais que, vinte e quatro horas depois, Robin ainda sentia ter passado por uma espécie de portal para uma realidade alternativa. Mal havia dormido na noite anterior, devido aos gemidos baixos de uma idosa no leito vizinho. Naquela manhã, Robin foi levada para um quarto individual recém-desocupado, pelo que ficou grata, embora sem ter certeza do que exatamente havia feito para merecer isso, exceto pelo fato de uma das enfermeiras mais velhas de serviço parecer ter pena dela por não ter visitas.

Embora estivesse grogue da combinação de falta de sono e morfina, Robin passou grande parte da manhã tentando refazer mentalmente os acontecimentos, para entender quando deveria ter acontecido a falha do anticoncepcional, em vista da data provável de concepção informada pelo cirurgião. Acreditava ter entendido o momento em que o erro provavelmente aconteceu e tinha medo de falar com Murphy sobre isso quando ele chegasse, à tarde. Sobretudo, tinha uma enorme sensação de autorrecriminação por não ter cuidado melhor do próprio corpo, por ter, como ela entendia, trazido esta catástrofe evitável para si.

Robin estava deitada observando um bando de estorninhos girando pelo céu de chumbo lá fora, quando o celular tocou. Ela o pegou e viu que era uma chamada da mãe. Incapaz de enfrentar a conversa, deixou que tocasse. Linda desistiu exatamente no momento em que a porta do quarto se abriu. Ela viu a cara larga e afável do cirurgião, o dr. Butler.

— Boa tarde — cumprimentou ele, sorrindo.

— Oi — disse Robin.

— Como está se sentindo? — perguntou ele, pegando o prontuário ao pé do leito e dando uma olhada nele.

— Bem — falou, enquanto Butler pegava uma cadeira e sentava-se.

— Sem dor?

— Sem dor.

— Que bom. Bem, me diga… você sabia que estava grávida?

— Não — respondeu Robin. Sem querer parecer idiota, ela acrescentou: — Precisei parar com a pílula por um tempinho, mas usamos camisinha. Acho que

uma delas deve ter rasgado e não percebemos.

— Um choque, então? — questionou o dr. Butler.

— Sim, foi — confirmou Robin, atenuando educadamente.

— Bom, como eu lhe disse ontem, não tivemos alternativa senão remover a trompa rompida. Foi muita sorte você ter sido trazida para cá tão rapidamente, porque poderia ameaçar sua vida, mas infelizmente tem um problema que talvez você não saiba — disse o dr. Butler, agora sem sorrir.

— E o que é? — perguntou Robin.

— Encontramos uma cicatriz significativa na trompa que removemos. Demos uma olhada rápida na outra e está idêntica.

— Ah — murmurou Robin.

— Já teve um diagnóstico de doença inflamatória pélvica?

— Não.

— Que você saiba, já teve clamídia?

A flecha do pavor foi amortecida pela morfina, mas Robin a sentiu mesmo assim.

— Sim, quando tinha dezenove anos, mas me deram antibióticos.

— Certo — disse o dr. Butler, assentindo lentamente. — Bom, pelo jeito, os antibióticos não tiveram efeito. Pode acontecer. Você ainda tem sintomas?

— Na verdade, não — informou Robin. Sentiu alguma dor, certamente, nos meses que se seguiram ao estupro que encerrou sua carreira universitária, mas havia dito a si mesma que era psicossomática. A última coisa que queria na época era enfrentar mais exames físicos íntimos. — Não, pensei que tivesse passado.

— Bom, os sintomas são variáveis, podem ser facilmente ignorados. Consegue lembrar qual foi a vez seguinte em que lhe deram antibióticos?

— Acho que… talvez um ano depois? — arriscou ela, esforçando-se para se lembrar. — Tive uma infecção na garganta. Na época, tomei mais.

— Muito bem, esse deve ter surtido efeito, porque não há infecção corrente. Infelizmente, porém, você ficou com muitos danos. Acho improvável que consiga conceber de modo natural.

Robin apenas o encarou. Ele deve ter pensado que ela não entendeu, porque continuou:

— O embrião não conseguiu passar pela cicatriz, sabe, e é por isso que se implantou na trompa e a rompeu. E como eu disse, o outro lado está igualmente

ruim.

— Tudo bem — disse Robin.

— Quantos anos você tem? — perguntou ele, olhando novamente o prontuário.

— Trinta e dois.

— Bom, não há nada de errado com seus ovários. Mas se pretende ter filhos, eu consideraria congelar os óvulos o quanto antes. Sua melhor chance será por fertilização *in vitro*.

— Tudo bem — repetiu Robin.

— E daqui em diante você deve ter muito cuidado com a contracepção. Há uma possibilidade significativa de que aconteça a mesma coisa na trompa restante, se conceber de novo por acidente.

— Terei cuidado.

— Ótimo.

Butler se levantou e recolocou o prontuário ao pé do leito de Robin.

— Vamos manter você aqui por mais uma noite, mas, supondo que esteja se sentindo bem, acho que poderá ir para casa amanhã.

— Que bom. Obrigada.

O cirurgião saiu.

Robin voltou a olhar pela janela, mas os estorninhos tinham ido embora; o céu cor de estanho estava vazio. Sua mente estava vazia.

Ela teria de voltar à pílula, é claro, depois de ser obrigada a interromper o uso durante os quatro meses que havia passado disfarçada recentemente em uma seita que proibia qualquer contracepção. As repercussões da estada de Robin na Igreja Humanitária Universal ainda ocupavam os jornais e a TV. Os investigadores tinham acabado de recuperar os corpos enterrados em sepulturas clandestinas no terreno onde a seita havia começado; seus fundadores, o casal Wace, estavam presos, assim como o alto escalão da administração da IHU, e a polícia tentava agora localizar muitos bebês traficados. Apoiadores famosos tentavam voltar atrás, com variados graus de sucesso; um romancista célebre estava escondido, enquanto uma jovem atriz fora demitida de seu novo filme depois de ser revelado que ela era uma das "esposas espirituais" do líder da seita.

O papel da agência de Strike e Robin na derrocada da seita foi minimizado pela polícia e pela própria agência. Robin prestara um depoimento detalhado de

tudo que havia visto na Fazenda Chapman, mas, para seu imenso alívio, soube que não precisaria testemunhar no tribunal. Encorajados pela exposição pública do regime de falsos eventos sobrenaturais, trabalhos forçados e lavagem cerebral da IHU, centenas de ex-integrantes ainda apareciam para fazer seus relatos. Por décadas, a IHU usara dinheiro e poder para silenciar toda a crítica: agora parecia que, a cada poucos dias, havia outra entrevista na televisão ou na internet com alguém que a seita tinha prejudicado. Meros dois meses depois da batida policial na Fazenda Chapman, foi lançado um livro de memórias de um ex-integrante e a obra imediatamente subiu ao topo das listas de mais vendidos.

Tudo isso deveria ser recompensador para Robin, e ela ficou de fato profundamente aliviada pela suposta igreja ter levado o golpe fatal, mas achava a interminável cobertura da mídia bem mais traumatizante do que esperava. Preferia não ser lembrada dos Quartos de Retiro, onde os membros da seita demonstravam sua pureza espiritual fazendo sexo sem proteção com qualquer um que quisessem; preferia expurgar de sua mente todas as lembranças do templo de cinco lados, onde quase se afogou; adoraria nunca mais ver as fotos da mata escura que ainda apareciam nos jornais.

E, naturalmente, era impossível extinguir por completo todo vestígio do papel da agência na derrocada da seita. Embora houvesse bastantes detalhes sórdidos do que ocorrera na Fazenda Chapman para manter os jornalistas ocupados por meses, e ninguém, exceto aqueles mais próximos da investigação, soubesse os pormenores do que Robin tinha passado, o escritório da agência ainda recebia telefonemas da imprensa, e o nome dela, e da agência, era mencionado em parte da cobertura jornalística. Um jovem e arrojado repórter de tabloide tentara pressionar Robin a comentar sobre sua experiência enquanto ela chegava e saía da Denmark Street, até que foi literalmente enxotado por uma terceirizada da agência, Midge, que aconselhou o homem a "dar o fora daqui, porra, ela não vai falar com você, seu babaca de merda".

Robin trabalhou firmemente durante todo esse tempo, decidida a não admitir a ninguém o quanto se sentia frágil com tudo. Por opção própria, só tirou uma folga de uma semana para descompressão depois daqueles meses de trabalho ininterrupto e de estresse elevado, mas ela não quisera acrescentar mais hormônios ao que reconhecia, para si mesma, ser um estado mental muito abalado. Assim, por ora, suas pílulas continuaram na gaveta da mesa de cabeceira, embora ela

tenha pesquisado a eficácia das camisinhas antes de decidir se dependeria delas por um tempo (não tinha deixado tudo ao acaso), e elas eram noventa e oito por cento eficazes, se usadas corretamente.

Se usadas corretamente.

O celular de Robin tocou de novo. Ela estendeu a mão, pegou o aparelho e viu o número de Strike. Com uma olhada no vidro da porta, caso algum outro médico estivesse prestes a entrar, e feliz pela chance de pensar em algo além de suas trompas de Falópio, ela decidiu arriscar e atendeu.

4

Deveria ser motivo suficiente para excluir qualquer homem da sociedade dos maçons o fato de a pessoa não ser desinteressada e generosa, tanto nos atos quanto nas opiniões sobre as pessoas e nas interpretações de suas condutas.

Albert Pike
Liturgia do rito escocês antigo e aceito da maçonaria

— Oi — disse Strike. — Como está a garganta? Pode falar? Se não, mandarei um e-mail mais tarde para você.

— Posso falar — respondeu Robin. Sua voz estava ligeiramente rouca, porque o quarto do hospital era aquecido demais, o que era útil para reforçar sua história. — Lamento de verdade não ter podido te levar. Onde você está?

— Estacionado na frente de um pub chamado Fox — informou Strike, vendo a chuva bater no para-brisa. — Acabo de sair da casa de Decima Mullins.

— Como ela é?

— Não dá para responder com uma palavra só. Quero sua opinião.

Ele descreveu a entrevista que tivera havia pouco, destacando a teoria de Decima de que era do namorado o corpo encontrado no cofre de uma loja de prataria em Holborn.

— Ai, Deus — disse Robin, quando Strike terminou de falar. — Coitada. Então temos de localizar Rupert Fleetwood para ela?

— Não — respondeu Strike.

— Como é?

— Ela deixou muito claro que não quer encontrá-lo vivo. Sempre que eu chegava perto de sugerir que ele podia simplesmente ter dado o fora por causa de todos os problemas em que se metera, a mulher tinha outro colapso. Sem dúvida trata-se de um caso Gateshead. É para identificar o corpo ou nada.

— Me fale desse assassinato na loja — pediu Robin. Ela esteve disfarçada na seita em junho, sem acesso a notícias, e era a primeira vez que ouvia falar nisso.

— Um vendedor que se dizia chamar William Wright foi contratado para trabalhar na Ramsay Silver, o que fez, até ser encontrado morto no cofre duas semanas depois. A teoria da polícia é de que ele voltou ao local à noite com cúmplices para roubar o lugar, mas estourou uma briga e ele foi morto. Eu me lembro de pensar que a história era meio estranha quando ouvi…

— Estranha como? — Robin quis saber.

— Bom, a velocidade tende a ser um componente essencial de um assalto, não é? Se eles tiveram habilidade suficiente para entrar no cofre, é de se pensar que teriam inteligência suficiente para não sair no tapa no meio do trabalho, mas uma carga de prata valiosa foi roubada na noite em que ele foi morto, então é difícil ver outra explicação que se encaixe além de um roubo que se transformou em um assassinato acidental. Antes de identificarem o cadáver, a história recebeu bastante cobertura da mídia, porque o corpo estava muito mutilado… a polícia parece ter pensado que aquilo foi feito para evitar a identificação… e a loja lida com coisas da maçonaria e fica bem ao lado da Grande Loja Maçônica de Toda a Inglaterra ou coisa assim…

— Teorias da conspiração?

— Várias, mas depois que os jornais descobriram que não foi uma morte de ritual maçônico, perderam o interesse.

— E o falecido era sem dúvida esse ladrão?

— Bom — disse Strike com relutância. — Mullins alega que a identificação do corpo não foi definitiva e ela *pode*, talvez, estar certa, porque dei uma olhada agora há pouco e, em todas as reportagens em que o cara encarregado da investigação é citado diretamente, ele diz ter "noventa e nove por cento de certeza" de que é Jason Knowles, mas depois pede mais informações. Dei uma busca rápida no Google e não consegui encontrar nada mais definitivo desde então, nenhum "Agora confirmado por DNA", "Provamos além de qualquer dúvida"… e eles não prenderam os assassinos nem encontraram a prata. E o comissário aposentado que Decima alega conhecer, Sir Daniel Gayle, existe.

"Mas nada disso significa que Fleetwood estivesse no cofre. Ela tentou construir uma história em torno do fato de que ele tinha alguma prata antiga para vender, mas, para a teoria dela estar correta, este traficante de drogas que

ameaçava matar Fleetwood, se ele não pagasse as dívidas do colega de quarto, deveria tê-lo localizado na loja onde ele fingia ser Wright, entrado lá à noite com alguns capangas, aberto o cofre, assassinado Fleetwood, que convenientemente estava sozinho à uma da manhã, retalhado o corpo, retirado aquela carga de prata, reiniciado o alarme do cofre, saído da loja e a trancado sem deixar nenhum rastro de sua presença, depois fugido com um saco grande cheio de castiçais maçônicos ou o que quer que tenham levado. E acho que você vai concordar que, se conseguiu tudo isso, o homem não precisaria do seu dinheiro de volta, porque seria um maldito gênio."

A risada de Robin foi interrompida por uma exclamação de dor, porque sentira uma pontada aguda no local da cirurgia.

— Está tudo bem com você? — perguntou Strike.

— Está, é só a minha garganta.

— Pessoalmente, acho que a tia na Suíça mexeu alguns pauzinhos para afastá-lo da namorada papa-anjo e que ele está exatamente onde ela diz: em Nova York.

— O que quer dizer com "papa-anjo"?

— Decima tem trinta e oito anos. Procurei no Google.

— Investigamos vários homens com esposas vinte anos mais novas, não é? — pontuou Robin, com certa frieza.

Tarde demais, Strike se tocou de que não deveria sugerir a Robin que havia algo de errado com diferenças de idade entre parceiros amorosos.

— É só que… Ela não é o tipo de mulher de trinta e oito anos que eu consiga ver como alvo de um homem mediano de vinte e seis anos.

— Bom, se ele está mesmo em Nova York, não deve ser tão difícil de provar.

— Só que ela não quer que provemos isso. Ela literalmente prefere acreditar que ele morreu a tê-la abandonado. Ela deu ao filho o nome de "Lion" — acrescentou Strike sem qualquer relevância.

— Como o Aslan de Nárnia? — perguntou Robin, sorrindo. Ela sabia muito bem como Strike acharia ridículo o nome "Lion".

— É.

— Muita gente rica batiza os filhos com nomes estranhos — comentou Robin.

— Assim como os birutas — acrescentou Strike. — De todo modo, estou ligando para saber sua opinião, porque não acho que seja ético tirar o dinheiro dela.

— Não, mas pelo visto ela vai tentar contratar outra pessoa.

— Ah, vai mesmo — concordou Strike —, e é o tipo de caso em que se pode tirar o couro do cliente, se você não tiver escrúpulos.

Houve um breve silêncio, durante o qual Robin olhou fixamente o teto do quarto do hospital, e Strike viu o vapor que ele exalava se espalhando pelo para-brisa molhado de chuva.

— Eu acho — falou Strike por fim — que vou acionar alguns contatos na polícia e descobrir que grau de certeza eles têm de que o corpo era de Knowles. Se for cem por cento de certeza desde as reportagens da imprensa, vou dizer a Decima de graça que não era Fleetwood, e depois talvez ela encare a realidade.

— E se ainda forem noventa e nove por cento? — perguntou Robin, olhando a hora no celular, porque o período de visitas se aproximava.

— Bom — disse Strike, cuja pesquisa no Google sobre Decima confirmara que ela era exatamente quem alegava ser —, eu direi que podemos investigar só para pôr fim a suas ilusões, porque pelo menos nós não a enrolaríamos, mas, para ser completamente sincero, devo dizer que ela e Fleetwood são ligados a pessoas com quem esperava nunca mais ter de falar.

— Quem?

— Valentine Longcaster e Sacha Legard.

— Sacha Legard, o ator? Por que n…? *Ah*…

A percepção foi meio atrasada pela morfina.

— É — confirmou Strike. — Rupert Fleetwood é primo de Sacha, e Decima é irmã de Valentine, que era um dos melhores amigos de Charlotte.

Imediatamente, Strike e Robin pensaram na última vez que a falecida noiva de Strike tinha sido mencionada entre eles, mais de um mês antes, no dia em que Strike contou a Robin que Charlotte tinha certeza de que ele estava apaixonado pela sócia. Apesar da morfina, Robin sentiu uma mistura estranha de expectativa e pânico. Strike abriu a boca para voltar a falar quando ela disse subitamente:

— Strike, me desculpe. Preciso desligar.

Sem esperar pela resposta do sócio, ela encerrou a ligação.

5

Mas, oh, meu caro, a casa caiu
E ninguém pode reconstruí-la (…).

A.E. Housman
XVIII, Last Poems

Robin tinha acabado de ver visitantes passando pelo vidro da porta de seu quarto e, como esperado, lá estava o namorado — alto, bonito, com uma expressão de extrema ansiedade e segurando um buquê de rosas vermelhas, várias revistas e uma caixa grande de chocolates.

— Meu Deus, Robin — murmurou ele ao ver a intravenosa e a bata de hospital.

— Está tudo bem — tranquilizou Robin. — Estou bem.

Murphy colocou os presentes ao lado da cama e se abaixou para abraçá-la, com muita delicadeza.

— Estou bem — repetiu Robin, embora mesmo o simples ato de levantar os braços para abraçá-lo tenha provocado alguma dor.

Murphy arrastou uma cadeira para o lado da cama.

— Me conte o que o médico falou.

Para desespero de Robin, parecia que uma bola dura de repente se alojara em sua garganta. Ela não chorara desde que dera entrada no hospital e não queria chorar agora, mas falar em voz alta as coisas que o cirurgião lhe contara ia tornar real o que tinha acontecido, em vez de um estranho interlúdio que ela poderia se convencer um pouco de ter sido um pesadelo.

Ela conseguiu contar a Murphy o essencial do que ouvira sem derramar nenhuma lágrima, odiando como se sentia suja e envergonhada ao falar da infecção que, sem que ela percebesse, destruíra silenciosamente suas trompas de

Falópio. Quando terminou de falar, ele colocou o rosto entre as mãos.

— Merda — disse ele, baixinho. — Deve ter sido… Uma camisinha deve ter estourado.

— Sim. Ou saiu. Ou coisa assim.

Ele a encarou.

— Você acha que aconteceu na noite em que nós brigamos.

— *Foi* naquela noite — afirmou Robin, com a garganta apertada. — Pelas datas… esta é a única noite em que *pode* ter acontecido.

— Você ainda acha que eu estava bêbado? — perguntou ele em voz baixa.

— Não, claro que não — falou Robin rapidamente. — Sei que foi um acidente.

Murphy tinha chegado tarde à casa de Robin na noite em questão, tenso, com maneiras bruscas. Estivera lidando (e ainda lidava) com um caso pavoroso no trabalho. Um menino de seis anos morrera baleado na cabeça e o irmão de nove anos ficara cego quando foram apanhados no fogo cruzado do que se acreditava ter sido um tiroteio entre gangues no leste de Londres. A Polícia Metropolitana não tinha pistas e a imprensa estava sendo muito crítica em relação ao modo como a investigação vinha sendo conduzida.

Ele não fora rude durante o sexo na tal noite, mas desajeitado. Quando se afastou dela, Robin perguntou se a camisinha estava intacta, porque tivera dúvidas, e ele disse "tá tudo bem… estou vendo… tudo bem" numa voz que definitivamente estava arrastada. Quando ela perguntou, hesitante, se ele estivera bebendo, Murphy, um alcoolista recuperado, estourou como Robin nunca vira acontecer. Gritara que sua voz não estava clara porque ele estava exausto. Que brincadeira era aquela de Robin, perguntar se ele tinha voltado a beber; um homem não tinha direito de ficar cansado? Depois disso ele saiu.

Quarenta e cinco minutos depois, voltou cheio de remorsos e fez um lastimável pedido de desculpa. A pergunta dela, dissera ele, o lembrara da ex-mulher, que aparentemente se recusava a acreditar que ele era capaz da sobriedade mesmo quando estava sóbrio. A explicação dele fora perfeitamente convincente, ele não tinha cheiro de álcool, e Robin sentiu vergonha. Seu namorado fora extremamente compreensivo e acolhedor depois de ela terminar o trabalho sob disfarce que a deixara física e emocionalmente esgotada, e ela se sentiu imensamente culpada por não ter lhe dedicado consideração semelhante quando

ele passava pelas próprias dificuldades no trabalho.

Robin teve vinte e quatro horas sozinha no hospital para refletir que deveria ter tomado a pílula do dia seguinte depois daquela noite, mas ela presumiu que suas preocupações com a camisinha fossem tão infundadas quanto a sua suspeita de que Murphy estivera bebendo. De todo modo, ela precisara acordar cedo para um trabalho de vigilância. Felizmente a mãe nunca precisaria saber que ela havia priorizado a investigação em detrimento da própria saúde… Felizmente ninguém jamais precisaria saber disso…

— Pensei que a coisa estivesse intacta — Murphy falou baixinho. — Juro que pensei.

— Eu sei — disse Robin, segurando a mão dele. — Fomos nós dois. Eu deveria ter tomado a pílula do dia seguinte, foi uma idiotice não tomar. Mas vou recomeçar com o anticoncepcional, porque como eu… como eu disse, o cirurgião falou que há uma probabilidade alta…

Sua voz falhou. Murphy fez menção de abraçá-la de novo, mas Robin o conteve.

— Desculpe… estou muito dolorida…

Ele lhe entregou alguns lenços de papel, depois voltou a segurar sua mão.

— Obrigada pelas flores, são lindas — falou Robin, assoando o nariz.

— Quando vão deixar você ir para casa?

— Amanhã.

— Merda, tão rápido assim?

— Que foi, queria mais tempo longe de mim? — perguntou Robin, com um sorriso forçado.

— Não, mas eu deveria estar… eu posso ver se consigo um tempo de folga…

— Ryan, está tudo bem, vou voltar de táxi. Foi uma cirurgia laparoscópica, não é grande coisa. Nem tenho nenhuma bolsa com roupas para carregar.

— Mas vai precisar de ajuda em casa. Deixa eu ligar para os seus pais…

— *Não* — disparou Robin com firmeza. — Não vou suportar os dois aqui, preocupando-se comigo de novo. *Não posso*, Ryan. *Prometa* que não vai contar a eles.

— Tudo bem — concordou ele, inquieto —, mas ainda acho…

— Vou pedir delivery e ficar deitada no sofá vendo TV. Não preciso de mais ninguém… além de você — acrescentou ela —, é lógico.

6

A tristeza pela perda daqueles que amamos é natural e correta. Lamentamos, porém, não só a morte de um amigo ou benfeitor, mas também a perda da Verdadeira Palavra, da qual somos privados por sua morte e que temos de buscar daí em diante até ser recuperada.

Albert Pike
Liturgia do rito escocês antigo e aceito da maçonaria

Como era sábado, a Denmark Street estava cheia de consumidores quando Strike voltou naquela tarde. Ao passar mancando pelas familiares lojas de discos e instrumentos musicais, ainda mais cansado, dolorido e deprimido do que quando tinha saído naquela manhã, os acordes de abertura de "House of the Rising Sun" foram emitidos de uma porta aberta. Apesar do mau humor, isso provocou em Strike um breve momento de diversão: o dono daquela loja uma vez dissera a ele que daria um desconto de cem pratas no preço de qualquer guitarra levada por alguém que tocasse o riff na frente dele.

Strike subiu a escada de metal com dificuldade, entrando em seu local de trabalho deserto, preparou uma xícara de chá cor de creosoto e pegou uma pilha de pastas ao seguir para a sala interna, porque queria se atualizar com o que tinha perdido durante os dez dias que passara na Cornualha. Porém, antes de abri-las, voltou-se novamente para o Google e rolou a tela do celular pelos resultados de busca, parando em uma foto de Decima com dólmã e chapéu de chef brancos, que pertencia ao site do Happy Carrot. Ali, ela estava muito mais nova e bem bonita, com o cabelo puxado em um coque extraordinário e um sorriso de covinhas.

Imbuído de um espírito masoquista, ele então procurou por Valentine Longcaster, o que resultou em uma miríade de imagens de Charlotte e Valentine

juntos, saindo de boates, comparecendo a almoços e vernissages, Charlotte de uma beleza sombria, Valentine vestido com extravagância, ambos com um sorriso radiante ou às gargalhadas.

Charlotte e Valentine não eram só amigos. Para grande diversão dos dois, eles foram meios-irmãos na infância. Por dois anos conflituosos e explosivos, a mãe de Charlotte, Tara, fora casada com Dino, pai de Valentine, embora os respectivos filhos nunca tivessem morado debaixo do mesmo teto, porque Valentine (e presumivelmente Decima) tinham sido levados para Los Angeles pela própria mãe, que reatara com um compositor de trilhas sonoras de cinema.

Na época em que Strike a conhecera, Tara costumava dissertar, quando bebia, sobre "o filho da puta do Longcaster". Strike suspeitava de que a amizade que Charlotte manteve com Valentine quando adultos existisse, pelo menos em parte, como um desafio à mãe, que ela odiava, embora fosse inegável que Charlotte e Valentine também tivessem muito em comum: um senso de humor mordaz, um amor pela cocaína, uma busca infindável por diversão e drama, e um ódio por tudo que fosse digno e monótono.

Ver aquelas fotos era o contrário de animador, mas Strike continuou rolando a tela, parando em uma foto de Charlotte flanqueada por Valentine e o meio-irmão dela, o ator Sacha Legard, muito parecido com ela, exceto pelos olhos azuis intensos, diferentes dos verde-acastanhados de Charlotte. Legard era o fruto do terceiro e mais longo casamento de Tara, com um lorde que era dono de uma casa imponente chamada Heberley House. Strike não conseguia se lembrar de Sacha alguma vez ter falado de um primo mais novo na Suíça, mas isto não era de surpreender: quando Strike o conheceu, a conversa de Sacha em geral girava em torno dele mesmo.

Em seguida, Strike pesquisou por Rupert Fleetwood e logo encontrou uma conta no Instagram que não era atualizada desde maio.

Só havia algumas selfies na página de Rupert que o mostravam bem distante da réplica mais nova de Sacha que Strike imaginava. Fleetwood era um jovem de aparência comum cujo rosto nunca teria agraciado uma capa de revista. Era pálido, de cabelos claros, ombros largos e pescoço curto, com um rosto muito redondo que fez Strike pensar em um queijo Edam sem a crosta de cera.

Uma das poucas selfies na conta mostrava Rupert e Decima em algum parque não identificado, ambos agasalhados contra o que parecia um frio dia de

primavera, tirada em 8 de março do ano anterior. Nenhum dos dois tinha se ajeitado melhor antes da foto. Decima sofria a ação do vento, com uma mecha de cabelos pretos nos olhos, as faces rosadas de frio, mas sem a rosácea de estresse ou as olheiras. Rupert tinha o nariz vermelho, e o pescoço curto não era favorecido pela gola rulê. Strike, porém, foi obrigado a reconhecer que a idade dos dois não parecia tão distante ali. Rupert tinha colocado como legenda palavras em italiano: *Buon Compleanno a me* (feliz aniversário para mim) e *anime gemelle* (almas gêmeas). Além dessa única inserção em italiano, não havia indicação no Instagram de Rupert ser poliglota e nenhuma alusão a sua criação na Suíça. A maioria dos posts exibia fotografias de Londres. Não aparecia nenhum nome suíço sob os posts, o que sugeria que ele não gostou muito de ser criado lá e tinha rompido todos os laços.

Havia duas velhas fotos de família na conta, inclusive uma fotografia de Rupert com os pais, postada no aniversário da morte deles. O bebê Rupert estava sentado e feliz nos braços da mãe glamorosa, Veronica, cujas sobrancelhas finas e o cabelo repicado declaravam que ela dera à luz nos anos 1990. O marido, Peter, de rosto estreito e bonito, parecia afável e vagamente boêmio.

Ainda mais para trás havia outra foto de família em que Strike parou. Essa mostrava um Rupert gorducho, com uns doze ou treze anos, de pé ao lado do tio Ned, o segundo padrasto de Charlotte, na frente da gigantesca Heberley House com suas muitas pilastras. Assim como o filho ator famoso, Ned Legard tinha olhos azuis penetrantes.

Duplamente convencido de não querer o caso de Decima, Strike fechou a conta no Instagram e passou as duas horas seguintes se atualizando a respeito do status das investigações em andamento da agência.

Ainda estava lendo quando ouviu uma batida na porta de vidro. Xingando baixinho, porque deveria ser alguém batendo na porta errada, Strike se levantou.

— Oi — disse Kim Cochran, a mais recente contratada da agência, quando ele abriu. — Tinha esperança de que você tivesse voltado.

Kim, que deixara a Polícia Metropolitana no ano anterior, havia trabalhado para uma agência de detetives rival até a empresa sair do negócio. Era bonita de uma forma atrevida, sempre bem arrumada e, com o cabelo escuro e curto e olhos castanhos atentos, lembrava a Strike um passarinho.

— Tenho novidades sobre o Plug — anunciou.

— Ah, sim — murmurou Strike, perguntando-se por que ela não podia ter mandado uma mensagem, em vez de aparecer pessoalmente. — Entre.

O apelido "Plug" vinha da semelhança de seu dono com um personagem dos quadrinhos Bash Street Kids. Por consenso, ele era o homem mais feio que a agência fora contratada para investigar, com orelhas muito grandes, um prognatismo acentuado, dentuço e de uma magreza descoordenada. Além de se gabar de uma multiplicidade de infrações criminosas no passado, envolvendo principalmente drogas leves e pequenos furtos, Plug também era o pai solteiro de um adolescente magricela que parecia perpetuamente oprimido e infeliz.

Pai e filho recentemente tinham deixado seu apartamento apertado em Haringey e se mudado, sem convite, para a casa em Camberwell da mãe de Plug, que sofria de Alzheimer em rápida progressão. Segundo o abastado tio de Plug, que contratou a agência, Plug era não só verbalmente abusivo com a velha senhora, como aos poucos drenava as economias de toda a vida dela, e ninguém da família tinha encontrado um meio legítimo de impedir que ele se servisse do dinheiro da mãe nem de tirá-lo da casa dela. O objetivo da contratação dos detetives era encontrar algo pelo qual Plug pudesse ser preso.

O caso Plug dava uma variada nos casos de adultério medíocres envolvendo clientes ricos: todos achavam prazeroso tentar deter um inegável vilão e proteger uma idosa frágil. Infelizmente, Plug ainda não tinha sido flagrado em nenhuma atividade criminosa.

— Ele acaba de se encontrar com um cara na estação de Tufnell Park — informou Kim — e passou a ele um maço gordo de dinheiro. Peguei em vídeo.

Ela estendeu o telefone e ali, de fato, estava o espantosamente feio Plug passando o que parecia um rolo de notas de cinquenta libras a um homem com muitas tatuagens na mão.

— O estranho é que ele não pegou nada com o homem — acrescentou ela. — Eu torcia para ver drogas ou coisa parecida.

— É — murmurou Strike, vendo o vídeo. Depois de entregar o dinheiro de um jeito furtivo, Plug simplesmente se virou e foi embora.

— Pode ser pagamento por serviços prestados, é claro — comentou Kim.

— O que ele fez depois disso?

— Voltou para a casa da mãe. Dev assumiu, então acho… — Kim bocejou. — Desculpe… vamos descobrir se Plug vai receber alguma entrega estranha esta

noite.

Ela se espreguiçou, erguendo os braços bem alto e arqueando as costas. Strike olhou rapidamente a escala de serviço. Kim vestia um suéter preto e justo.

— Tensa — disse ela, baixando os braços. — Horas de mais dentro do carro esta semana. Tem algum plano divertido para o fim de semana?

— Trabalho — respondeu Strike, com os olhos na escala. — Vou precisar cobrir umas coisas da Robin, agora que ela está doente.

— Será um prazer assumir isso, se você quiser — propôs Kim. — Não tenho muita coisa para fazer no fim de semana.

— É muita generosidade sua — declarou Strike, voltando a olhar para ela. — Seria meio espinhoso, porque Barclay vai ficar afastado amanhã e na segunda.

— Quero me manter ocupada. Como foi na Cornualha?

— Foi… sabe como é — disse Strike, com os olhos de volta na escala.

— Seu tio era idoso?

— Quase oitenta.

— Mesmo assim. Nunca é fácil quando eles se vão.

— Não — disse ele.

— E você também teve de ir de carro até aquela tal de Mullins assim que voltou. Como foi com ela, aliás?

— Tudo bem — falou Strike, tentando injetar um tom definitivo na voz.

Kim entendeu a dica e se levantou. Ela sabia entender dicas.

— Então, vou nessa. Me mande por e-mail o horário em que vai precisar de mim no fim de semana e estarei lá.

— Obrigado. Agradeço muito.

Kim foi embora. Depois de mais vinte minutos mexendo na escala, com os olhos coçando de cansaço, Strike trancou o escritório e subiu para seu apartamento no sótão a fim de preparar um jantar solitário.

Ele fez o máximo para ignorar a dor progressiva no tendão enquanto preparava um bife com legumes, mas sua melancolia crescente era mais difícil de descartar. Depois de sentar-se à pequena mesa de fórmica, os pensamentos se voltaram ao dilema que vinha dominando sua mente havia meses e que nos últimos tempos se tornara agudo, embora um pouco reduzido pelo interlúdio na Cornualha. Ele não conversou com ninguém sobre o assunto porque não queria conselhos nem ser reconfortado. Na verdade, para ele, já havia um interesse muito indesejado na

questão.

Quando um homem é obrigado a reconhecer que, apesar de se esforçar muito para evitar que acontecesse, se apaixonou pela mulher com quem construiu um negócio próspero e que ele considera sua melhor amiga; quando essa mulher está em um relacionamento estável e feliz com outro homem há mais de um ano; quando o primeiro homem sabe que arriscará os negócios e a amizade se confessar abertamente seus sentimentos, e ainda assim decidiu que não quer viver sabendo que poderia ter o que queria se simplesmente contasse isso para essa mulher, então este homem deve determinar como, quando e onde deve ocorrer a discussão há muito postergada. Strike esteve remoendo esse problema desde sua primeira tentativa séria de romper as barreiras que ele mesmo havia erguido entre ele e Robin Ellacott, contando a ela que Charlotte tinha certeza de que ele estava apaixonado pela sócia e mencionara o fato em seu bilhete de suicídio.

Pela enésima vez, sentado ali, comendo a refeição solitária, Strike se recordou da reação de Robin quando ele mencionou essas palavras. "Aturdida" talvez fosse a melhor descrição. Aturdida, depois atrapalhada. A conversa foi interrompida pelo aparecimento do Maldito Ryan Murphy no escritório. Na vez seguinte em que Strike e Robin se encontraram, havia um nítido constrangimento por parte de Robin que não existira antes.

Naturalmente esse comportamento se abria a interpretações muito divergentes. Talvez mostrasse que ele tinha espaço para a esperança. Strike ficou atento, nos dias que se seguiram a sua confissão ardilosa, em busca de qualquer aumento na frequência com que Robin falava em Murphy ou em referências a como estava feliz com o agente de investigação criminal, porque isso certamente seria um jeito óbvio de alertar Strike de que qualquer outra menção à palavra "amor" entre eles seria indesejada, mas não detectara nenhuma mudança nesse sentido. Por outro lado, ela não tentou retomar a conversa, nem com malícia, nem de brincadeira.

Desde então, às vezes, quando avaliava sinais promissores, ele se lembrava de que o constrangimento não denotava necessariamente repulsa, que Robin certa vez pronunciou as palavras "Não quero te perder" e que ela dissera espontaneamente que ele também era seu melhor amigo. Ele se lembrou do dia do casamento dela, quando ela saiu correndo da primeira dança para ir abraçá-lo. Entretanto, em seus momentos mais sombrios, ele revivia aqueles poucos segundos fatais na frente do Ritz pouco mais de dois anos antes, em que,

embriagado, ele se aproximara para beijá-la e vira uma clara recusa na expressão dela. Ele era oito anos mais velho do que Murphy e, embora soubesse, sem vaidade nenhuma, que era muito atraente para determinados tipos de mulher, pelas evidências disponíveis, não era fisicamente do agrado de Robin. Tanto o namorado atual como o ex-marido (o Maldito Matthew Cunliffe) eram magros, estavam em forma, tinham uma beleza clássica, enquanto Strike parecia um Beethoven de nariz quebrado e, ainda por cima, apesar de seus incessantes esforços, estava com seis quilos a mais do que o peso ideal, o que, em si, tinha de ser recalculado, levando-se em conta a perda de metade da perna.

E Robin desligara imediatamente quando ele falara em Charlotte hoje. Por quê? Porque temia ouvir, de novo, que Charlotte achava que Strike era apaixonado por ela? Porque queria calar qualquer discussão sobre o assunto?

Com o bife terminado e sentindo-se pior, para dizer o mínimo, Strike foi até a bolsa de viagem que tinha trazido da Cornualha e pegou a caixa de sapatos contendo os dois chapéus velhos de Ted, o porrete de pescador revestido de couro e as fotografias que retirara da casa familiar e agora tristemente vazia.

Ele não havia chorado no funeral de Ted, apesar do peso invisível que se alojara em seu peito. O tio ficara cada vez mais frágil e confuso depois da morte da esposa, dois anos antes, mas mesmo enquanto assentia para as condolências dadas por pessoas bem-intencionadas no velório lotado — "talvez tenha sido melhor assim", "ele jamais quis ser um fardo", "era o que ele ia querer, partir rapidamente" —, Strike tinha dificuldade para disfarçar um antagonismo latente. Todos pareciam ter se esquecido de quem Ted realmente era; não a figura vacilante que se perdeu certa manhã na praia que no passado conhecia melhor do que o próprio rosto, mas o herói da juventude de Strike, seu exemplo de homem. Strike se aproximara mais das lágrimas quando, em um interlúdio bem-vindo no bar com seu amigo mais antigo, Dave Polworth, Dave erguera um brinde de cerveja da Cornualha ao teto e dissera:

— Homem correto, o Ted.

"Homem correto" era uma expressão típica de Polworth com muitas conotações. Ser um homem correto significava ser um homem forte, um homem que apreciava a vida na natureza, mas também um homem de princípios. Significava a falta de pompa, um repúdio à superficialidade e uma serena autoconfiança. Significava ser lento para se enfurecer, mas firme nas convicções.

Polworth, como Strike, teve seus exemplos masculinos onde pôde encontrá-los, porque nenhum dos dois teve um pai que se qualificasse como "correto", e os dois meninos encontraram em Edward Nancarrow um homem digno de admiração e imitação, cuja aprovação significava muito mais do que qualquer estrelinha do professor na escola e cujas repreensões estimulavam um desejo de fazer melhor, trabalhar mais, de recuperar a boa opinião de Ted.

Strike pegou as antigas fotos e as examinou, uma por uma, parando na mais antiga de todas, que era em preto e branco. Mostrava um homem de uma beleza rude, grande, de pele marrom-clara e cabelos escuros e encaracolados, exatamente como os de Strike, de pé e de costas para o mar, a mão enorme no ombro do Ted menino, cujo rosto estava contraído de ansiedade.

Trevik Nancarrow, seu avô cornualhês, morreu antes de Strike nascer e, considerando o que sabia sobre o homem, ele não lamentou sua perda. Beberrão e de constituição forte, Trevik passara por ser um bom membro da comunidade fora do lar da família. Dentro dele, segundo os filhos, era o mais puro terror.

A sofrida esposa de Trevik morrera jovem, deixando-o como único responsável pelos dois filhos, nascidos com catorze anos de diferença: Ted, que tinha dezesseis, e Peggy, a mãe de Strike, com apenas dois anos — a mesma idade de Rupert Fleetwood, agora ocorria a Strike, quando os pais desapareceram embaixo de uma massa mortal de neve estrondosa. A mãe de Trevik tinha se oferecido para levar a pequena Peggy para casa. Tão imprevisível e má quanto o filho beberrão, a velha não tinha tempo para Ted: os meninos adolescentes eram bagunceiros e barulhentos, e o lugar deles era com o pai, enquanto Peggy, insistira a velha, amava e precisava da avó, que tinha orgulho de vesti-la e cuidar de seus longos cabelos pretos.

Muito mais tarde, Ted contara a Strike que sabia que, se tivesse ficado na casa do pai depois dos dezoito anos, aconteceria um assassinato, e não havia certeza de quem seria o assassino e quem seria a vítima. O Serviço Nacional salvou o jovem e, sem o desejo de voltar a St. Mawes enquanto o pai estivesse vivo, Ted, para desagrado de Trevik, continuou nas forças armadas, trocando o mar e o litoral entrecortado que ele amava pela Polícia Militar, voltando somente quando recebeu a notícia da morte prematura do pai. Ted então se casou com a garota local com quem se correspondia havia sete anos.

Foi Ted quem rompeu o padrão de bebedeira e violência que infestara os

homens Nancarrow por gerações. A esposa de Ted não precisava temer seus punhos, e os filhos adotivos conheceram a firmeza, mas nunca a brutalidade. Ted incorporara as virtudes, até então quase desconhecidas naquela família, de firmeza, sobriedade e justiça, enquanto Peggy, aos dezoito anos, aproveitou a primeira oportunidade de escapar da avó draconiana, fugindo com um jovem que visitara Truro com o parque de diversões itinerante. Rebatizou-se, então, de "Leda" e carregou o caos para onde quer que fosse, até sua morte em uma ocupação imunda em Londres.

Olhando fixo Ted e Trevik, Strike se viu desejando que o forte e capaz repositório de senso que ele acabara de perder pudesse estar ali com ele naquela noite. Ted sempre tinha um jeito de verbalizar coisas que Strike, então um adolescente inquieto e em geral raivoso, reconhecia serem a verdade, mesmo que ainda lhe faltasse a experiência de vida para pôr em prática as palavras de Ted.

"Não existe orgulho em ter aquilo pelo qual você nunca trabalhou", era uma das máximas recorrentes de Ted. Strike estava preparado para colocar isso em prática com Robin, mas nas semanas que se passaram desde então ele vira que o choque no rosto dela proporcionava poucas oportunidades de defender a própria causa. Não só isso, até a contratação de Kim, a agência esteve sobrecarregada de casos. Strike também sabia que Robin achava difícil lidar com o massacre da cobertura da mídia sobre a IHU; ela parecia mais apreensiva e ansiosa do que o de costume, mas estourava quando ele sugeria que tirasse mais tempo de folga. Por várias vezes ele tinha interrompido um dos terceirizados que tentava contar a Robin alegremente sobre outra prisão da IHU, na expectativa de que ela ficasse tão feliz quanto eles.

Agora, por algumas semanas, Strike protelava diariamente a declaração que queria fazer, porque temia que fosse egoísta confessar seus sentimentos por Robin neste momento. E então a morte de Ted o obrigou a sair de Londres, e a doença de Robin prolongava a separação dos dois e, sem dúvida, dava a Murphy oportunidades infinitas de bancar o namorado amável.

Embora ainda não tivesse nenhum sinal concreto, Strike temia que Murphy pretendesse propor casamento. A relação de Murphy e Robin parecia mais forte do que nunca, e os dois claramente eram propensos ao casamento, uma vez que ambos já haviam se casado antes. Robin estava na casa dos trinta e talvez até pensasse em ter filhos. Ela pareceu ambivalente com o assunto na única vez que

foi mencionado entre ela e Strike, mas isso já fazia algum tempo, antes de ela ter conhecido o policial bonitão. Depois do último grande caso dos dois, e do longo e traumático período em que ela passou disfarçada, Robin poderia muito bem achar que era hora de dar uma pausa na carreira. Esses temores aumentavam a urgência do dilema de Strike. Ele precisava falar antes de Murphy aparecer com uma aliança ou Robin anunciar que precisaria de licença-maternidade.

"Nunca deixe que outro sujeito mude sua estratégia", Ted disse a Strike uma vez, embora estivessem falando de boxe, e não de relacionamentos amorosos. "Mantenha-se fiel à sua estratégia e explore seus pontos fortes."

E quais eram os pontos fortes de Strike, neste caso em particular? Sem dúvida, a agência que ele e Robin construíram juntos, que ele tinha quase certeza de que significava para ela o mesmo que para ele. O trabalho dos dois proporcionava oportunidades, embora ultimamente não o suficiente, de passarem muito tempo juntos. Tantas chances perdidas, pensou Strike com amargura: hospedagens, refeições compartilhadas e longas viagens de carro, e ele, como o babaca idiota que era, orgulhara-se de não permitir que sua atração o dominasse, e qual foi o resultado? Estava sentado ali, sozinho, com os restos de uma cerveja e uma perna latejando, enquanto Murphy provavelmente estava no apartamento de Robin, somando pontos por levar flores e esquentar a sopa.

Entediado com a própria infelicidade, ele se levantou de novo e lavou as coisas do jantar. A melancolia não ia fazer bem nenhum: ele precisava de uma ação decisiva.

Parecia a Strike que o espectro de Edward Nancarrow assentia, com aprovação, para esta conclusão, então, depois de terminar com a louça, ele recolocou as fotografias e os dois chapéus na caixa de sapatos e, após deliberar por um segundo, colocou o velho porrete no peitoril, o único enfeite, se podia ser chamado assim, que já havia colocado em exposição.

7

Olhando embotado para o céu plúmbeo,
Encarando, com olhar vago,
Medindo a planície desanimada,
Comecei a pensar novamente.

A.E. Housman
XXXI: Hell Gate, Last Poems

Robin teve alta do hospital no domingo de manhã, com a recomendação de tomar paracetamol e ibuprofeno quando necessário, abster-se de exercícios extenuantes e só retomar as atividades normais depois de um repouso de três dias. Ela dormira mal de novo, desta vez não por causa do barulho, mas porque sonhou, repetidamente, que estava de volta à caixa em que fora trancada por uma noite inteira na Fazenda Chapman. Esses pesadelos a atormentavam nos últimos meses, mas ela não contava a ninguém sobre eles, nem sobre as ondas de pânico que a dominavam imprevisivelmente, em particular em espaços lotados, nem sobre o fato de que dormia com a luminária de cabeceira acesa quando Murphy não passava a noite com ela. Robin sabia o que aconteceria quando contasse às pessoas sobre o que vinha enfrentando mentalmente: elas lhe diriam que parasse de trabalhar. Strike por uma ou duas vezes sugerira que ela tirasse uma licença mais longa depois daqueles meses intensos disfarçada, mas Robin não queria tirar férias: queria ficar ocupada, enterrar-se em investigações, preencher a mente inquieta com os problemas dos outros.

Ela pegou um táxi de volta ao apartamento com uma dor latejante no lado direito inferior do corpo — os analgésicos a tinham amenizado, mas não eliminado. Apesar do que havia dito a Murphy, cujo caso do tiroteio entre gangues o mantinha no trabalho, sobre ficar bem sozinha, Robin sentia-se

emotiva e enfurecida consigo mesma por ficar assim. *Controle-se. Isso não foi nada. Pense em Strike, com metade da perna estourada. Você ficará bem assim que chegar em casa.*

Mas ela estava de volta ao seu apartamento dez minutos depois quando o homem do andar de cima ligou a música que, como sempre, estava muito alta. Robin ouviu o baixo pulsante, dolorida e cansada demais para subir e pedir a ele que diminuísse o volume, porém sentindo mais forte do que nunca a vontade de chorar. Em vez disso, foi pegar o laptop. Tinha acabado de abri-lo quando o celular tocou e ela viu de novo o número da mãe.

Preparando-se mentalmente, Robin atendeu.

— Oi, mãe. Desculpe por não ter ligado de volta ontem — disparou, antes que Linda pudesse falar. — Estava trabalhando.

— Achei mesmo que estivesse — disse Linda, cuja voz parecia embargada.

— Está tudo bem?

— Só queria que você soubesse… tivemos de colocar Rowntree para descansar.

— Ah, não — lamentou Robin. — Ah, mãe. Eu sinto muito.

O labrador marrom da família era velho, mas Robin o amava. Ela sentiu as lágrimas ainda não vertidas nos últimos dias arderem seus olhos. Linda, enquanto isso, claramente chorava.

— Foi necessário — continuou ela numa voz abafada. — Foi o fígado dele… Não havia nada que pudessem fazer. Melhor para ele… ir rapidamente…

— Sim, claro que foi — concordou Robin —, mas vou sentir muito a falta dele. Como está o papai?

— Ele quer outro, já está procurando por filhotes na internet. Não sei, mas… os cães são um laço tão forte… e n-nunca vai existir outro como Rowntree…

Elas conversaram por mais vinte minutos, e Robin não mencionou nenhum de seus problemas. Quando por fim Linda desligou, Robin voltou ao laptop, agora duplamente ávida para se enterrar em algo que mantivesse a cabeça ocupada.

Ela procurou "assassinato do cofre de prataria" no Google, depois rolou pelos resultados.

Como viu rapidamente, houve quatro fases distintas na cobertura midiática do crime do cofre de prataria, todas acontecendo ao longo de um mês no verão,

enquanto Robin estava totalmente isolada do mundo na Fazenda Chapman.

Logo depois da descoberta do corpo de William Wright, palavras como "nu", "desmembrado", "mutilado" e "maçônico" apareceram em centenas de manchetes sensacionalistas. Por uma delas, Robin soube que fora Kenneth Ramsay, proprietário da loja, a encontrar o cadáver sem mãos e sem olhos.

> "Foi um choque terrível, como pode imaginar. Eu sinceramente pensei que ia ter um ataque cardíaco. O corpo no chão, toda a prataria Murdoch desaparecida. Não conseguimos entender *como* isso aconteceu, que dirá o porquê. Wright não tinha as chaves nem os códigos, ele não deveria conseguir entrar na loja naquela noite e, sem dúvida, não sabia como abrir o cofre."

Robin clicou em um artigo relacionado e descobriu o que podia ser a "prataria Murdoch".

> Tesouros maçônicos inestimáveis, recém-adquiridos em um leilão, foram roubados do cofre em que William Wright foi assassinado. Faziam parte da coleção de A.H. Murdoch, um explorador escocês e maçom, que descobriu a segunda maior mina de prata no Peru, em 1827. Murdoch amealhou a maior e mais importante coleção de artefatos maçônicos do mundo, alguns encomendados da prata de sua própria mina, outros coletados ao longo dos anos. Entre eles, a adaga cerimonial de John Skene, o primeiro maçom a emigrar para a América.

Os artigos não chegavam a sugerir que William Wright tivesse sido assassinado como parte de alguma trama maçônica, embora muitos relatos tenham insinuado a empolgante possibilidade.

> Assassinado na sombra do Freemasons' Hall, o imponente local de reunião de mais de cem lojas maçônicas (…).
>
> A prataria Murdoch tem grande significado para aqueles que praticam as "artes" secretas da maçonaria (…).

A fase seguinte da cobertura da mídia tinha sido estimulada pela descoberta de que não existia a pessoa chamada William Wright, cujo nome, currículo e informações pessoais se descobriram falsos. Agora a possibilidade de envolvimento da maçonaria era considerada com mais força.

"ASSASSINATO MAÇÔNICO": Quem era a vítima imolada?

> A polícia ainda apela por informações sobre o vendedor que se fazia passar por "William Wright" de Doncaster, que foi despido e desmembrado no cofre de uma loja de prataria maçônica (…). Vários maçons notáveis tinham o sobrenome Wright, inclusive Sir Almroth Wright, bacteriologista, e o escritor Dudley Wright (…).

Imagens reticuladas de Wright tiradas da câmera de segurança interna da Ramsay Silver tinham sido liberadas à imprensa, mas eram de uma qualidade tão baixa que Wright poderia ser qualquer homem de barba e óculos. Sua estrutura física era a coisa mais notável nele, porque, embora fosse muito baixo, era bem proporcionado, de ombros largos. A natureza indistinta das imagens parecia acrescentar uma aura de mistério ao assassinato. Na segunda fase das reportagens, a polícia anunciava que tinha muitas pistas sobre a possível identidade de Wright e estava verificando todas.

A onda seguinte de matérias da imprensa, que foi, de longe, a mais animada, começou quando a polícia liberou outras fotografias, desta vez das câmeras de circuito interno próximas da loja, naquela noite, que pareciam mostrar William Wright e outros três homens seguindo na direção da loja nas primeiras horas do dia 18 de junho, um sábado. Essas imagens também estavam bem borradas, embora um dos homens sem dúvida fosse baixo e exibisse barba. Os tabloides ficaram em polvorosa, e, embora as gazetas reportassem as matérias numa espiral frenética de morte em ritual maçônico só para depois instilar nos leitores cautela em acreditar nisso, ainda assim dedicavam vários parágrafos às teorias.

> Detetives online têm se precipitado em apontar que o assassinato de "William Wright" tem estranhos ecos na lenda de "Hiram Abiff", o

mítico grão-mestre dos maçons, a quem foi confiada a construção do templo do rei Salomão, incluindo um cofre secreto para abrigar a Arca da Aliança.

Abiff possuía conhecimento de uma palavra secreta, um símbolo de sabedoria divina.

Três maçons menores, Jubela, Jubelo e Jubelum, queriam descobrir a palavra e ameaçaram Abiff, que se recusou a revelá-la, e foi assim assassinado dentro do templo pelas três ferramentas sagradas da franco-maçonaria: a régua, o esquadro e o cinzel. Versões decoradas destes instrumentos estavam entre os objetos roubados do cofre de Ramsay, onde foi encontrado o corpo de Wright.

Robin passou os olhos pelos comentários animados dos leitores, e alguns tinham identificado outras características maçônicas na morte de William Wright.

A separação das mãos é uma alusão às Mãos dos Mistérios decepadas que destrancam o templo da sabedoria.

A prata circundante pode muito bem ter sido uma alusão às Escrituras, lidas no Terceiro Grau: "Antes que o cordão de prata se rompa."

Soube que a letra G estava entalhada nas costas de "Wright" — uma referência óbvia à única letra remanescente da palavra secreta de Hiram.

Mas aí veio a fase quatro, que se mostrou um anticlímax terrível. A polícia tinha anunciado que "William Wright" na verdade era Jason Knowles, vinte e oito anos, morador de Haringey. Knowles havia cumprido seis anos pelo roubo de uma sociedade de crédito imobiliário em Lewes em 2010, e a foto policial mostrava um homem de ombros largos, pescoço grosso e musculoso, com uma cara fina e sardenta e um olhar um tanto desvairado.

Um artigo no *Times* concluía:

"Em vista da especulação disseminada nas redes sociais sobre um

suposto 'assassinato maçônico', que foi ampliada por alguns setores da imprensa, gostaria de confirmar que não temos motivos para acreditar que a morte de Knowles foi, de nenhuma forma, associada, inspirada ou cometida pela franco-maçonaria, nem a proximidade da Grande Loja Unida tem qualquer relação com o caso", declarou o inspetor-chefe Malcolm Truman, que comanda a investigação. "Agora temos certeza de que Knowles e seu assassino, ou seus assassinos, foram motivados por nada além de ganho financeiro e continuamos a apelar por informações sobre o assassinato e os objetos roubados do cofre da Ramsay Silver."

Robin não ficou surpresa ao ver que essa notícia desmotivadora não extinguiu inteiramente as esperanças daqueles que relutavam em desistir da possibilidade de que o assassinato tinha sido uma encenação proposital da morte de Hiram Abiff.

Shaun Coolidge

> O cara foi assassinado enquanto roubava objetos maçônicos de uma loja maçônica à sombra da Grande Loja Unida, mas, claro, não teve nenhum maçom envolvido.

Peter Mikkelsen

> se algum dia você for assassinado no corredor de hortifrúti da Tesco, vamos saber que foi culpa de um pepino

Floozy Soozy

> hahahahaha

Debbie Palser

> kkkk

Este comentário foi removido por violar nossa política de padrões da comunidade

Jane Burnett

> Todo esse absurdo sobre franco-maçons e era um ladrão de galinhas!

SkankyDoodle

> quantos roubos de galinha terminam com um ladrão deixado para trás com os olhos arrancados e as mãos decepadas? por que nada foi retirado da loja, só coisas de maçons, e qual o motivo do corpo nu e da morte de forma ritualística?

Jane Burnett

> Como filha e esposa de franco-maçons, posso garantir que não houve mortes ritualísticas! Os franco-maçons arrecadam muitos milhões para a caridade todo ano

> e ainda assim costumam ser estigmatizados por gente ignorante como você.

Este comentário foi removido por violar nossa política de padrões da comunidade

Jeff Grayling

> A segurança da loja deve ser uma m*** se o cara conseguiu invadir o cofre depois de trabalhar lá por duas semanas.

Paul Everleigh

> Estava pensando a mesma coisa. Ou segurança fraca, ou trabalho interno.

Starbanger

> Meu comentário agora foi removido pelo moderador DUAS VEZES!!! Tem alguma coisa suspeita aqui!!! O investigador-chefe Malcolm TRUMAN é maçom, membro da Loja William Churchill 7502, Holborn!!!!!

O telefone de Robin tocou. Ela torcia para ser Strike, mas era Kim Cochran.

— Oi — disse Kim, animada, e parecia que estava em um carro —, vou ser rápida. Parecia que o Plug ia para um trem quando você o perdeu na sexta? Ou ele pode ter encontrado alguém?

— Possivelmente encontrou alguém — respondeu Robin. Ela teve a presença de espírito de mandar uma mensagem a Kim depois de sair da cirurgia, fingindo ter confundido Plug com outro homem na multidão. — Estava indo para o Café Nero quando o perdi.

— E eu que pensava ser impossível confundir o Plug com outra pessoa — falou Kim com uma risadinha.

— Tinha muita gente — comentou Robin.

— Devia ter mesmo. Só estou perguntando porque eu o vi entregando dinheiro a um cara na Tufnell Park ontem — explicou Kim. — Agora estou seguindo o homem na A12. Strike me pediu para fazer seu turno esta manhã.

— Certo — disse Robin e depois, com esforço: — Bom, obrigada por cobrir meu turno.

— Ele está bem deprimido, o coitado.

— Quem?

— Strike, depois da Cornualha. Ele me contou tudo.

— Ah — murmurou Robin —, sei.

— Mas é bom saber sobre Victoria — disse Kim. — Pode voltar a seus antigripais.

Ela desligou, deixando Robin encarando de olhos semicerrados o telefone.

Robin vinha dizendo a si mesma que Kim Cochran havia sido uma boa contratação desde que ela ingressara na agência. Fazia um trabalho exemplar e tinha bons contatos na polícia, porque havia trabalhado para a Metropolitana por oito anos antes de virar detetive particular. Porém, quanto mais contato Robin tinha com Kim, menos gostava dela. Isso se devia em grande parte à desigualdade acentuada no jeito como Kim tratava as duas pessoas cujos nomes estavam gravados na porta de vidro da agência. Kim ria mais e com mais vontade das piadas de Strike do que de qualquer outra pessoa, e tratava as ideias e opiniões dele com deferência. Com Robin, ela era informal, até desdenhosa. Já havia dado uma indireta jocosa sobre o fato de que Robin era a única na equipe de detetives sem formação militar ou policial, sugerindo que o principal valor de Robin para a equipe investigativa era o fato de ela dormir com um agente de investigação criminal, depois rindo alto ("Brincadeirinha!") quando Barclay retorquiu: "Quando foi a última vez que *você* derrubou uma maldita seita inteira?"

Robin deixou o laptop de lado e foi até a cozinha. Não queria pensar em Kim Cochran, mas enquanto preparava um chá com torrada (porque a torrada não requeria estender o braço para pegar pratos nem se abaixar em busca de panelas), seus pensamentos desgovernados voltaram a algo que não deveria tê-la irritado nem um pouco: Kim perguntando a Midge (que passara a informação a Robin) sobre o status de relacionamento de Strike.

Quando uma mulher passava alguns anos se perguntando se tinha se apaixonado pelo homem que considerava seu melhor amigo; quando sacrificou um casamento e a segurança financeira pelos negócios que construíram juntos; quando, depois de descobrir que esse seu melhor amigo está dormindo escondido com outra mulher, ela é obrigada a admitir para si mesma que de fato se apaixonou por ele, a única coisa a fazer é se desapaixonar o mais rápido e completamente possível, e Robin se esforçava o máximo que podia para conseguir isso. Ao contrário de Strike, não queria particularmente passar o resto da vida pessoal sozinha em um apartamento espartano com uma sucessão de casinhos rápidos para quebrar a monotonia, então fez o que fora encorajada pela amiga mútua Ilsa Herbert e aceitou o convite de Ryan Murphy para um drinque.

Mais de um ano depois daquele primeiro encontro, Robin realmente pensava — não, ela *sabia* — que amava Murphy. Os acontecimentos dos últimos dias

certamente a deixaram em choque e desestabilizada, mas isso ia passar. Murphy era gentil, inteligente e muito bonito. Sim, houvera uma conversa, dois meses antes, em que Strike tinha sugerido…

Parada ao lado da torradeira, Robin disse a si mesma que não ia começar a remoer aquela conversa de novo, porque não precisava de mais complicações, dor ou estresse na vida. Ela estava com Murphy, e Strike podia fazer o que quisesse, embora, se o que ele queria era corresponder à paquera de Kim ("ele está muito deprimido, coitado, ele me contou tudo"), só podia lamentar pelo gosto dele.

Robin levou o chá e a torrada de volta ao laptop enquanto "Stitches", de Shawn Mendes, berrava pelo teto de sua sala de estar. Ao sentar-se, o celular tocou de novo e desta vez era Strike.

— Oi — disse ele. — Como está se sentindo?

— Um pouco melhor. E você?

— Bem. Sentado no BMW vigiando a ex-mulher do Babaca almoçando com outra mulher.

— Você precisa parar de chamar o homem de Babaca — disse Robin, entre a ironia e a irritação. — Especialmente em público. Pat acha que deveríamos usar "sr. B".

— Pat não tem que dar atualizações semanais a ele — rebateu Strike.

O cliente em questão era um jogador de críquete sul-africano que acreditava que a ex-mulher tinha um caso com um jornalista de tabloide casado, e que nisso estava a origem do recente fluxo de matérias desfavoráveis, embora verdadeiras, sobre o passado do jogador neste jornal especificamente. Strike por acaso conhecia o jornalista em questão: seu nome era Dominic Culpepper, e a agência chegou a fazer alguns trabalhos para ele, na época em que ainda não tinha dinheiro para ficar escolhendo clientes.

— Queria dar uma palavrinha sobre o caso Mullins, se tiver tempo — falou Strike.

— Sim, pode falar.

— Tentei cada contato na polícia que tenho para ver se eles sabem alguma coisa sobre o corpo no cofre, mas nada feito. Wardle, Layborn… Tentei até Anstis. Nenhum deles chegou perto do caso e eles não conhecem ninguém que tenha trabalhado nele. Você pode tentar Vanessa Ekwensi?

— Posso, mas ela está de licença-maternidade.

— Merda — resmungou Strike. — Posso perguntar a Kim se ela conhece alguém.

— Eu poderia perguntar a Ryan — sugeriu Robin. — Mas ele está meio soterrado no trabalho agora — acrescentou quando Strike não falou nada. — Ele está no caso da gangue, em que aqueles dois irmãos foram baleados.

— Uma coisa feia — comentou Strike, mas sem muita solidariedade. — Bom, se não conseguirmos um policial amistoso que nos dê alguma informação privilegiada, acho que é um beco sem saída. Não posso dizer a Decima que definitivamente não é Fleetwood sem saber os resultados da perícia.

— Vou tentar Ryan — disse Robin.

— Também liguei para um dos amigos de Fleetwood, um cara chamado Albie Simpson-White — informou Strike. — Ele é garçom no clube do pai de Decima, o Dino's, mas "não está disponível para conversar".

— O Dino's? Aquele lugar privado com o restaurante nos fundos?

— Esse mesmo.

— Andei pensando em levar a minha mãe lá, no aniversário de sessenta anos dela. O custo médio do almoço por pessoa é de quatrocentas libras.

— Quatrocentas pratas? *Para almoçar?*

— Tem três estrelas Michelin.

— Não vou gastar quatrocentas pratas no almoço, a não ser que a conta inclua a mesa e as cadeiras.

Robin riu, mas parou rapidamente, porque doeu.

— Nem perguntei como foi na Cornualha.

— Quê? Ah. Como era de se esperar — respondeu Strike. — Choradeira sem parar da parte de Lucy. Ela praticamente levou tudo que havia dentro da casa para Bromley, e duvido que Greg vá ficar satisfeito com isso. O funeral estava lotado. Eu queria… Merda, preciso ir, a sra. B está em movimento.

Strike desligou, deixando Robin se perguntando o que ele queria.

Na ausência de outra coisa que a distraísse, a inquietação que ela tentava reprimir desde a conversa com o cirurgião se intensificou. Depois de olhar por mais um minuto o nome da loja maçônica a que o inspetor-chefe Truman supostamente pertencia, Robin voltou o cursor ao topo da tela e, com relutância, digitou: "congelamentos de óvulos."

8

É a mais triste de todas as visões nesta terra, a de um homem preguiçoso e suntuoso (…). Ele é o guardião infiel que desvia o que Deus lhe deu em confiança (…).

Albert Pike
Moral e dogma do rito escocês antigo e aceito da maçonaria

A ex-mulher do jogador de críquete que Strike chamava de "Babaca" e Pat de "sr. B" dirigia rumo ao apartamento dela em Chelsea. Embora o círculo social dela se cruzasse com o de Dominic Culpepper, até agora ela e o jornalista não haviam mostrado sinais de ser nada além de meros conhecidos. Strike apresentara ao cliente jogador a ideia de observar mais atentamente outras pessoas próximas dele para descobrir a fonte dos vazamentos ao jornal de Dominic Culpepper, mas o Babaca — "fazendo jus ao nome", como colocara Barclay — escarneceu da ideia, insistindo que a agência continuasse a vigilância da ex-mulher.

Assim, sob o sol que já esmorecia, Strike dirigiu para Glebe Place, onde a linda ex-modelo estacionou seu Mercedes Classe S e entrou na casa que recebera como parte do acordo de divórcio. Strike parou o BMW, depois se acomodou para vigiar a porta de entrada. Julgando ser seguro supor que, no mínimo, ela estivesse trocando de roupa para sair novamente, ele pegou o celular e encontrou o número que Decima lhe dera da tia de Rupert Fleetwood, Anjelica, em Zurique.

O toque europeu do telefone soou longo e estridente em seu ouvido e, depois de alguns segundos, uma voz de classe alta falou:

— Wallner.

— Sra. Anjelica Wallner?

— A própria.

— Meu nome é Cormoran Strike e sou detetive particular. Recebi suas

informações de contato de…

— Você é o quê? O que disse que é?

Ele conseguiu falar "detetive particular" pela segunda vez antes de algo como uma explosão acontecer do outro lado da linha.

— O que é isso? *O que é isso?* Isso é *Decima* de novo, ou sei lá o maldito nome da mulher?

— Eu esperava poder lhe perguntar sobre seu sobrinho, Rup…

— Isso é insuportável! Primeiro a polícia, agora você!

— A senhora falou com a polícia…?

— *Quem ela pensa que é*, mandando gente me atormentar?

— Pelo que sei, ela é namorada do seu sobrinho — respondeu Strike.

— Pesquisei sobre ela! Sei quem ela é! — disse a tia de Rupert. — *O que* ele achava que estava fazendo, se envolvendo com a filha daquele *homem horrível*…

— Não gosta de Dino Longcaster?

— É irrelevante se gosto dele ou não! E *ela* tem idade suficiente para ser mãe dele!

— Bom, não é b…

— Ele estava atrás do dinheiro dela, e acho que não conseguiu o bastante, por isso a deixou! Diga isso a ela! *Diga a ela que fui eu que falei!* — gritou a sra. Wallner, nascida Fleetwood. — Ele só quer vida mole! Não quer trabalhar!

— Decima me disse que a senhora acredita que Rupert está em Nova…

— Ele *está* em Nova York! Eu disse a ele que precisava arrumar um emprego decente e ele arrumou, e já não era sem tempo também! Ele é um adulto e precisa resolver as confusões que cria!

— Por acaso teria o contato de…

— Se ele não deu a ela o contato, é porque não quer que ela tenha!

— Mas a senhora tem certeza de que ele está nos Estados Unidos, não tem? Teve notícias dele desde 25 de ma…

— Não é da sua conta se tive notícias dele ou não! É um ultraje mandar gente me importunar desse jeito, *um ultraje*!

— Decima só está preocupada com Rupert e gostaria de ser tranquilizada de que ele…

— A polícia está satisfeita com o paradeiro dele, então agradecerei se a srta. Longcaster parar de me importunar! *Passando adiante o número do meu telefone!*

— A senhora mesma não tem nenhuma preocupação com a segurança de Rupert?

— Por que eu teria? Por que deveria ter?

— Soube que ele estava sendo ameaçado, antes de partir — disse Strike.

— Se ele se envolveu com drogas, não sou nem um pouco solidária com ele! Não tem nada a ver comigo! Eu disse a ele: "Não vou te dar dinheiro, então, não, *não peça*!"

— Rupert queria que a senhora o ajudasse a resolver isso?

— Não vou pagar dívida com traficantes! Não tenho dinheiro para jogar pelo ralo!

— Está ciente de que ele era ameaçad…

— Não duvido que estivesse sendo ameaçado! Ele deveria escolher os amigos com mais cuidado, não acha?

— Pelo que a senhora sabe…

— É só o que tenho a dizer! *Adeus*.

A linha ficou muda.

9

Se deseja que eu melhore por causa do seu amor,
Não retome mais esses temas tristes.

Robert Browning
Paracelsus

Às oito horas daquela noite, a campainha de Robin tocou.

— Oi — disse a voz de Murphy pelo interfone. — Trouxe peixe com fritas.

— Ah, que maravilha, estou faminta. — Robin abriu a portaria para ele.

— Puta merda. — Foram as primeiras palavras de Murphy depois de passar da soleira e dar um beijo em Robin. Ele olhava o teto, através do qual a música do vizinho de cima martelava ainda mais. — Quer que eu vá lá e diga a ele para acabar com isso?

— É inútil — respondeu Robin. — Ele baixa o volume por vinte minutos, depois volta a aumentar. Ele acha que as pessoas não vão notar, se fizer isso aos poucos.

— Imbecil… sente-se. Só precisamos de garfo e faca, eu trouxe bebida.

— Ryan, isso está ótimo, obrigada — agradeceu Robin cinco minutos depois, quando os dois estavam comendo peixe com fritas no colo, com uma cerveja sem álcool e uma Coca Zero na mesa de centro. — Como vão as coisas no trabalho?

— Na mesma — respondeu Murphy, claramente relutante em entrar nas complexidades do caso do tiroteio entre gangues. — Como está se sentindo?

— Muito melhor — afirmou Robin, torcendo para que, se dissesse isso com frequência, começaria a acreditar nas próprias palavras.

Eles comeram sem dizer nada por alguns minutos, até Robin falar:

— Você sabe de alguma coisa sobre um assassinato que aconteceu enquanto eu estava na Fazenda Chapman, aquele que pensaram que tinha a ver com a

maçonaria?

— Qual, o do corpo na loja de prataria?

— Exatamente.

— Sei, um assaltante foi morto — disse Murphy mastigando uma porção de bacalhau. Ele engoliu. — Isso, ou um michê foi assassinado pelo dono da loja, que entrou em pânico e meteu o corpo no cofre porque não conseguiu pensar no que mais faria com ele.

— Esta foi uma teoria real? — questionou Robin, petrificada, com uma batata frita a meio caminho da boca.

— Provavelmente uma piada. Sabe como é. O morto estava nu e tinha um bronzeado artificial.

— Conhece alguém que esteve no caso?

— Conheço. Por quê?

— Strike se encontrou com uma mulher ontem que está convencida de que o homem no cofre na verdade era o namorado dela.

— Ela é do tipo que namora ladrões?

— Acho que não. Ela é bem chique, parece. O namorado era garçom… um garçom chique. Estamos tentando descobrir para ela se houve uma confirmação indubitável de que o homem no cofre era de fato o ladrão.

— Até onde eu sei, eles ficaram satisfeitos com a identificação — comentou Murphy.

— Cem por cento satisfeitos?

— Não sei. Por quê? Strike quer aparecer em cima da Metropolitana de novo, é?

— O quê?

Murphy pegou a cerveja sem álcool e tomou um gole.

— Teve gente que perdeu o emprego depois que Strike se meteu, sabia?

— Quem? — perguntou Robin bruscamente. — Roy Carver? Strike tentou dar a solução e ele não deu ouvidos. E se vai culpar a agência por resolver coisas que a polícia não resolve, deve me culpar também.

Murphy comeu mais umas fritas, depois falou:

— Os policiais que deram informações a Strike não estão conquistando muitos amigos no trabalho, isso eu posso te dizer. Eric Wardle deveria pensar nisso, da próxima vez que aceitar um curry de graça.

— Demos muita coisa a Wardle em troca — declarou Robin. — É uma via de mão dupla, sabe.

Ela se conteve e não ressaltou que Strike tinha entregado a Murphy os créditos pela prisão de uma assassina apenas dois meses antes, e que a agência dera ao policial assistência material em outro caso. Não conseguia deixar de suspeitar de que a cobertura contínua da mídia sobre a investigação de sucesso da IHU, em comparação com a até agora malsucedida tentativa de Murphy de pegar o atirador dos dois meninos, exacerbava os ressentimentos do namorado.

Eles comeram por mais alguns minutos, o único som era a batida do baixo no andar de cima.

— Desculpe — falou Murphy de repente. — Só não estou gostando de toda a crítica que estamos recebendo da imprensa. — Ele terminou a cerveja. — Como essa tal de Cochran está se saindo?

— Bem — disse Robin. *Bem demais*.

— Ela tem uma reputação e tanto no trabalho, pelo que me disseram.

Robin realmente não estava com humor para saber que detetive maravilhosa Kim tinha sido, então mudou de assunto para as últimas declarações do presidente eleito dos Estados Unidos, Donald Trump, a respeito de buscar ou não a prisão de sua adversária derrotada, Hillary Clinton. Havia uma coisa a ser dita sobre o choque do triunfo eleitoral de Trump, pensou Robin: sempre rendia assunto, se você quisesse evitar outros assuntos mais espinhosos.

Depois de terminarem de comer, Murphy levou os pratos para a cozinha e os lavou, instruindo Robin a continuar onde estava, depois voltou com cafés. Vendo a expressão hesitante dele ao sentar-se novamente, Robin sentiu uma pontada de medo.

— E então… como está se sentindo a respeito…?

— Já te falei, muito melhor. Sem dúvida vou ficar boa para voltar ao trabalho na quarta-feira.

— Não quis dizer fisicamente.

Robin, que sabia bem o que Murphy quis dizer, respondeu:

— Bom, estou feliz por ter saído do hospital, é claro… Minha mãe me ligou agora há pouco, aliás. Tiveram de colocar Rowntree para descansar. Ele teve problemas no fígado.

— Merda — praguejou Murphy. — Sinto muito.

Robin, que tinha mencionado a morte de Rowntree apenas para mudar de assunto, viu-se temporariamente incapaz de falar. Sua garganta tinha se contraído e ela temia cair no choro, sobretudo porque sabia que Murphy não seria desviado do que realmente queria conversar.

— Não podemos conversar sobre isso? — disse ele em voz baixa.

— Sobre o quê? — perguntou Robin com dificuldade.

— Sobre o que o médico falou.

— Eu já te disse, vou voltar a tomar a pílula.

— Não, isso não. Sobre congelar os óvulos.

— Não pensei muito nisso — disse ela.

— Não acha que pode ser uma boa ideia? Só por segurança?

— Que segurança? — questionou Robin, a voz de repente áspera. — Pesquisei o que isso envolve. A gente é entupida de hormônios e se submete a anestesia geral, e às vezes precisa fazer isso várias vezes, se eles não conseguem óvulos suficientes, ou se eles não forem viáveis.

— Por que não seriam viáveis? Você só tem trinta e dois anos.

Chocada com a própria raiva, Robin evitou olhar nos olhos dele de novo. *Não chore*.

— Sinto que você está me culpando — disse Murphy.

— Não estou te culpando, eu só… Você está falando de congelamento de óvulos como se fosse um passeio no shopping. Não é. É invasivo e consome muito tempo, talvez eu precise me afastar do trabalho…

— Você não pode esquecer o trabalho por dois minutos?

— Que lindo, partindo de você, que ultimamente está trabalhando o tempo todo!

— Desculpe se te deixei sozinha hoje… Acha que foi por querer? Foi você que não quis que seus pais soubessem!

— Não se trata de ficar sozinha, eu fico *bem* sozinha, só estou apontando que, pelo visto, não tem problema *você* colocar o trabalho em primeiro plano, mas não eu!

— Isso é diferente, eu *tenho* de fazer o que faç…

— Alguém meteu uma arma na sua cabeça e te obrigou a entrar para a polícia, por acaso?

— Sem essa, você entendeu o que eu quis dizer!

— Sim, que meu trabalho é tão banal que não importa se eu não aparecer…

— Eu nunca disse que era banal!

— Você quer que eu "esqueça o trabalho". Bom, eu não quero esquecer o trabalho. Por acaso, adoro meu trabalho e também sou muito boa nele — acrescentou Robin numa voz trêmula.

— Mas que merda, eu sei que é! Só estou te pedindo para se colocar em primeiro lugar um pouco!

— Não, está me pedindo para colocar meus *óvulos* em primeiro lugar. Meus óvulos e eu *não* somos a mesma coisa.

Seguiu-se um silêncio.

— Estou tentando te dizer — disse Murphy por fim — que se você quiser fazer o negócio dos óvulos, eu dou todo o apoio, ficarei com você…

— O que quer dizer "comigo"? É *você* que vai ter de ser cutucado e espetado e manipulado, Ryan? É *você* que terá coisas enfiadas dentro de você, que vai engolir drogas e sofrer *qualquer* dor ou desconforto?

— Não — respondeu Murphy, parecendo nervoso.

— Nunca conversamos sobre filhos — observou Robin. — Você nem mesmo perguntou se quero ter.

— Eu supus… Você gosta de crianças. Sua sobrinha, seus afilhados…

— Eu *gosto mesmo* deles, eu os amo, *claro* que sim. Isso não é… Olha — disse Robin, ainda reprimindo as lágrimas que estava decidida a não verter —, não era assim que eu queria ter essa conversa, mas se está perguntando, não sei se quero ter filhos, tá bom? Mas mesmo que eu não queira, não foi fácil… ouvir o cirurgião… me dizer… do nada… que aquele *maldito* estuprador fez isso comigo e… *Não!*

Murphy, que tinha se levantado para abraçá-la, retraiu-se.

— Desculpe — disse Robin. — Ainda estou dolorida. Me desculpe.

— Não precisa se desculpar.

Murphy ficou de joelhos ao lado do sofá e buscou a mão de Robin.

— O que eu posso fazer? — perguntou com humildade.

— Pare de reclamar do meu trabalho, e de Strike, e da agência — disse Robin com raiva, enxugando os olhos na manga. — Já aturei o bastante disso com Matthew e minha mãe. Ninguém está tentando aparecer para cima de ninguém, só estamos tentando descobrir se podemos ajudar essa mulher. Ela acabou de dar à

luz o filho do namorado e não sabe para onde ele foi. Deve ser terrível.

— Vou parar de reclamar — falou Murphy em voz baixa. — Foi babaquice minha. O que posso fazer para você se sentir melhor? Pode falar. Sorvete? Fim de semana em Paris?

Um riso relutante escapou de Robin.

— Cachorro? Quer um cachorrinho?

— Ryan, parece que você está tentando me convencer a entrar em um furgão.

Ele riu, e Robin riu também, mesmo dolorida.

— Estou falando sério — disse ele. — Qualquer coisa. Pode falar.

— Qualquer coisa?

— Foi o que eu disse.

— Tudo bem — falou Robin, respirando fundo —, descubra qual o nível de certeza da polícia de que era mesmo o assaltante no cofre.

Murphy sentou-se sobre os tornozelos, a expressão tão estranhamente vaga que Robin disse:

— Desculpe, deixa pra lá. Não quero que você faça nada…

— Não é isso — disse Murphy. Ele passou a mão no rosto. — A mulher que eu conheço, que esteve no caso… Nós demos uns amassos certa vez, quando eu estava bêbado, uns seis anos atrás.

— Ah — murmurou Robin.

— Sem sexo. Lizzie simplesmente foi embora. Eu estava de porre. Aconteceu no pub.

— Tá — disse Robin.

Murphy suspirou.

— Eu poderia pedir a ela, se é realmente importante para você. Ela sabe que agora tenho namorada.

— Sabe?

— Sabe — confirmou Murphy —, porque sempre que cruzo com ela, ela deixa claro que não se importaria de reprisarmos o que aconteceu, então eu comento muito de você… Mas se é tão importante, posso tentar ver se ela fala.

Robin hesitou. Sabia que precisaria ter bastante cuidado com o que diria a seguir, mas também estava um tanto ciente de que o que sentia no momento não era o que muitas mulheres sentiriam diante da perspectiva de o namorado muito cobiçado procurar uma mulher com quem já tivera um encontro amoroso,

bêbado ou não.

— Bom, eu confio em você — disse ela lentamente —, mas não gosto muito da ideia de uma mulher tentando te seduzir…

Ela disse as palavras certas; Murphy pareceu contente. Seus dedos apertaram os dela.

— Vou ver o que posso fazer.

— Obrigada — disse Robin, retribuindo a pressão.

— Você me ama só por minhas informações?

— Não — respondeu ela. — Também pelo peixe com fritas… e por muitas outras coisas.

Ele a puxou para um abraço e desta vez Robin não o evitou. Era meio desconcertante saber que queria a informação, mesmo que isso significasse que Murphy pagaria bebidas para uma mulher que claramente dava em cima dele. Mas, considerando as tantas outras preocupações de Robin no momento, não havia necessidade de começar a analisar isso também.

10

(…) afeto e gentileza fraternos devem nos reger em todo nosso intercâmbio e nossas relações com nossos irmãos (…).

Albert Pike
Moral e dogma do rito escocês antigo e aceito da maçonaria

Strike convocou uma reunião da equipe para a manhã de quarta-feira, porque a ex-mulher do jogador de críquete que Pat preferia chamar de "sr. B" tinha embarcado em um avião para as Ilhas Canárias. O Plug estava na casa da mãe em Camberwell, que Midge mantinha sob vigilância. Strike queria um brainstorm, com ênfase particular em se livrar do sr. B assim que possível.

Ele chegou à porta de vidro do escritório às nove horas e a encontrou destrancada, com a gerente Pat Chauncey já a sua mesa. Com sessenta e oito anos, de face simiesca e um cabelo preto nada convincente, Pat, como era sua prática invariável, tinha um cigarro eletrônico preso firmemente entre os dentes.

— Feliz aniversário — disse ela no barítono rouco que em geral a levava a ser confundida com Strike ao telefone.

— Ah — murmurou ele. — Tá. Obrigado.

Ele não tinha se esquecido de que era seu aniversário, só torcia para que a agência esquecesse. Não queria uma festinha de chá matinal, com velas e presentes sendo abertos, e sobretudo não queria lembrar a Robin de que ele tinha quarenta e dois anos. Porém, um envelope grande e um presente cúbico e de tamanho considerável em um embrulho azul estavam na mesa de Pat e, olhando para a área da cozinha, ele viu uma velha lata de bolo decorada com imagens da princesa Diana que definitivamente não pertencia ao escritório.

— Uma mulher chamada Decima Mullins ligou — informou Pat. — Ela quer saber quando você assinará um contrato com ela.

— Quando decidir se vamos pegar o caso — retrucou Strike, dirigindo-se à chaleira.

— E o sr. B deixou um recado ontem à noite. Ele quer uma atualização.

— Puta merda.

A porta de vidro se abriu de novo. Strike se virou e viu Robin.

— Bom dia — cumprimentou ela, sorrindo.

— Você parece extraordinariamente bem para quem ainda há pouco estava de cama.

— É, bom, isso é blush e corretivo — disse Robin, com uma animação sincera. Sentia-se muito melhor do que no fim de semana e muito mais feliz por estar de volta ao escritório. — A propósito, feliz aniversário.

Ela andou meio desajeitada até Strike para lhe dar um abraço e um beijo no rosto, que ele aceitou, feliz.

— E trouxe isso para você. — Robin tirou um pacote embrulhado e pesado da bolsa, o que lhe provocou uma fisgada no local da cirurgia, e entregou a ele. — Este — disse ela indicando o presente grande na mesa de Pat — é de todos nós. Pode abrir o meu agora. Não é muito imaginativo.

Ela não disse que precisou pedir a Murphy para comprá-lo enquanto estava temporariamente presa em casa, razão pela qual era bem impessoal. Strike desembrulhou a caixa e encontrou uma garrafa do que costumava ser seu uísque preferido. Robin não tinha como saber que essa bebida passara a lembrá-lo da falecida ex-noiva, então ele disse:

— Incrível, muito obrigado.

— Então, por que teremos uma reunião da equipe?

— Oportunidade — respondeu Strike. — A sra. B viajou. Midge está em cima do Plug, mas vai participar remotamente… e o Duas-Vezes…

— Tá brincando comigo — disse Robin, petrificada no ato de pendurar o casaco. — O Duas-Vezes voltou?

— Bom dia — cumprimentou Kim, entrando no escritório antes que Strike pudesse responder. — Feliz aniversário, Cormoran!

— Valeu — disse Strike, agora indo ao armário onde guardava as cadeiras de plástico dobráveis. — Ainda não concordei em aceitar o Duas-Vezes de novo — disse ele a Robin por cima do ombro. — Até tomarmos uma decisão firme em relação a Decima Mullins, não sei se teremos espaço para ele.

— Em breve devo conseguir algo sobre a certeza que eles têm de que o corpo era de Knowles — informou Kim a Strike, com confiança. — Estive falando com alguns contatos, embora as pessoas estejam estranhamente reservadas quanto a isso. O investigador-chefe, Malcolm Truman, foi suspenso.

— É mesmo? — perguntou Robin. — Por quê?

A porta de vidro se abriu novamente.

— Bom dia — disse Barclay, o escocês de Glasgow. Alto, de nariz pontudo e prematuramente grisalho, ele, como Strike, era ex-militar. — Ah, sim — acrescentou ele, vendo o pacote na mesa de Pat. — Feliz aniversário.

— Valeu — repetiu Strike.

— Já contou a Robin sobre o Duas-Vezes? — perguntou Barclay.

— Quem é o Duas-Vezes? — Kim quis saber.

— O cara que gosta de ser traído — explicou Barclay. — Ele paga as pessoas para pegar as namoradas no ato.

— Ah, fetiche de corno — comentou Kim com autoridade.

— Quem é a sortuda desta vez? — perguntou Robin a Strike.

— A esposa dele.

— Ah, meu Deus… alguém *se casou* com ele?

— Todos nós cometemos erros — disse Kim. — Embora eu nunca tenha *me casado* com um dos meus.

Ela riu. Robin, a única divorciada entre os detetives presentes, sentiu seu antagonismo cada vez mais familiar ressurgir, mas disse a si mesma que Kim não pretendera ofender.

Com a chegada de Shah, que era mais baixo do que os dois colegas homens e tão bonito que em geral era escolhido para passar uma conversa em testemunhas ou suspeitas mulheres, Pat colocou Midge Greenstreet no FaceTime.

— Feliz aniversário, Cormoran — disse Midge, que tinha cabelo preto, curto e penteado para trás, olhos cinza-claros, e agora estava sentada no carro. — Está fazendo quanto, 45?

— Dois — rebateu Strike —, 42. Muito bem, podemos…?

— Já abriu seu presente? — perguntou Midge.

— Você não é alguém fácil de presentear — disse Pat, agora levantando o pacote grande da mesa e estendendo a Strike. — Queríamos algo prático.

Strike abriu o embrulho e ficou aliviado por não encontrar nada que precisasse

ser experimentado na frente de todos, nada inútil que tivesse de guardar no apartamento por educação, mas um volumoso lote de seu fluido favorito para cigarro eletrônico.

— Nicotina suficiente para matar um touro — comentou Strike —, isso é ótimo. De verdade. Muito obrigado. Muito bem, melhor começar pelo Plug, caso Midge precise ir. O que ele está aprontando? — perguntou Strike à terceirizada.

— Ele esteve gritando com a pobre mãe de novo, o filho da puta. Deu para ouvir da rua, mas ele não…

— Já contei isso a Cormoran — interrompeu Kim, atropelando Midge. — No domingo…

— Posso terminar o que eu estava dizendo? — perguntou da tela Midge, irritada.

— Desculpe — disse Kim, de sobrancelhas erguidas. — Continue.

— … não saiu — terminou Midge, carrancuda.

— Tudo bem — disse Kim, com uma risadinha. — Bom, no domingo ele foi de carro a Ipswich, onde se encontrou com outros dois caras em um pub. Um deles estava anotando coisas em uma espécie de registro. Tirei fotos dos números das placas e vou pedir a um colega da Metropolitana para verificar os arquivos.

— Bom trabalho, isso pode ajudar — elogiou Strike, e Robin, lembrando-se de Murphy dizendo que ela "tinha uma reputação e tanto no trabalho", tentou, sem sucesso, não se ressentir —, mas não temos efetivo para começar a seguir um bando de parceiros do Plug, a não ser que consigamos nos livrar do Baba… — ele viu o olhar feio de Pat — … do sr. B. E por falar nele…

— Ela não está trepando com Culpepper — disse Barclay. — Se o cliente quer que pare de aparecer merda sobre ele nos jornais, pode tentar não ser um babaca.

— É, mas as coisas nos jornais são sobre a babaquice passada dele — observou Shah —, e se não estiverem vindo da ex, quem está vazando?

Seguiu-se uma discussão de quinze minutos sobre as pessoas que o sr. B e a ex-esposa conheciam. O celular de Robin apitou enquanto a conversa acontecia. Murphy lhe mandara uma mensagem.

Consegui o que você queria, mas é muito mais delicado do que eu podia pensar.

Robin respondeu:

Ryan, muito obrigada, de verdade. Tudo bem se Strike ouvir o que temos, junto comigo?

Depois de riscar o sr. B da lista de temas a discutir, Strike passou a Decima Mullins. Enquanto dava aos outros uma visão geral da posição atual, omitindo a menção ao bebê de Decima, Kim reiterou suas esperanças de que um dos contatos na polícia estivesse disposto a compartilhar o que haviam descoberto sobre o DNA do corpo no cofre da loja. Robin esperou apreensiva pela resposta de Murphy, que demorava a chegar; os detetives já haviam discutido várias questões relacionadas com despesas, as folgas de Natal e Ano-Novo dos terceirizados, e concordaram com duas trocas de serviço, antes que a resposta por fim aparecesse.

Tudo bem, mas vamos fazer isso pessoalmente e MAIS NINGUÉM pode saber que estou passando isso a vocês. É muito delicado.

Robin levantou a cabeça. Pat tinha retirado um bolo caseiro com glacê da lata decorada com fotos da princesa Diana. Com o cigarro eletrônico preso firmemente entre os dentes, ela meteu duas grandes velas nele, um quatro e um dois.

— Não vou acender isso — disse ela a Strike, carregando-o para a mesa. — Risco de incêndio.

Strike fez o máximo para aparentar gratidão enquanto cantavam os parabéns. Notando o sorriso forçado do sócio, Robin começou a rir antes que a música tivesse terminado, satisfeita que o riso não lhe provocasse muita dor. Strike, contagiado a contragosto pela diversão de Robin, viu-se genuinamente sorrindo quando Pat o instruiu a soprar as velas.

— Fez um pedido? — perguntou Kim com malícia, enquanto Pat começava a cortar fatias para todos.

Strike, que não o fizera, não respondeu.

— Strike, posso dar uma palavrinha rápida depois disso sobre Decima Mullins? — perguntou Robin.

— Sim, claro — confirmou Strike, aceitando um pedaço do bolo de chocolate

de Pat. — Também tenho umas coisas para te contar.

Robin sentiu uma satisfação secreta ao ver uma centelha de irritação no rosto de Kim.

II

Se duas vidas se unem, muitas vezes há uma cicatriz,
Elas são uma e uma, com uma terceira sombria (…).

Robert Browning
By the Fire-Side

Depois de os terceirizados terem terminado o bolo e partido para suas diversas tarefas, Strike e Robin foram para a sala interna, onde a janela estava enevoada pela chuva fina. Enquanto Robin fechava a porta para Pat, Strike disse:

— Midge não tem sido exatamente um raio de sol ultimamente.

— Kim a interrompeu — observou Robin.

— Não foi isso que eu quis dizer. Ela está de mau humor a semana toda.

— Ela e Tasha não estão se entendendo bem — disse Robin, que soube de toda a história dos problemas de relacionamento de Midge da última vez que as duas trocaram de turno na vigilância da sra. B. — Tasha está filmando longe de casa, e Midge acha que ela pode estar aprontando alguma com o protagonista.

Strike soltou um ruído indefinido. A difícil vida amorosa de seus terceirizados era de interesse mínimo para ele; a dele própria já lhe causava tristeza suficiente.

— Ryan conseguiu obter alguma informação para nós sobre o corpo no cofre — continuou Robin. — Ele conhece alguém que esteve no caso.

— Ah — disse Strike. — Ótimo.

Ele não gostou de precisar ser grato a Murphy por isso, mas informação ainda era informação.

— Sei que é seu aniversário, então você deve ter planos — continuou Robin —, mas se estiver livre para ir lá em casa esta noite, poderá ouvir diretamente de Ryan o que ele conseguiu. Ele não quer mandar por mensagem. Parece que é um assunto muito delicado.

— Tá, eu posso ir — respondeu Strike, cujos planos para a noite eram se deitar na cama e tomar cerveja enquanto via o Arsenal jogar contra o Paris Saint-Germain na Liga dos Campeões, mas não foi isso que disse a Lucy, que pensava que ele sairia para jantar com os amigos Nick e Ilsa.

Robin pegou uma foto que estava na mesa.

— Era isso que queria me mostrar?

— Não, mas você deve ver mesmo assim — disse Strike. — Este é Rupert Fleetwood.

Enquanto Robin examinava a cara redonda e os ombros largos de Rupert Fleetwood e seu uniforme de garçom de gravata-borboleta e colete borgonha, Strike falou:

— Liguei para Shanker ontem à noite, para saber se ele tinha ouvido falar de um grande traficante de coca que pode atender pelo nome de "Dredge".

Shanker, como Robin sabia, era o nome de um criminoso profissional que Strike conhecia desde os dezessete anos. Robin tinha um carinho por ele que Strike considerava ser ao menos parcialmente imprudente.

— E? — perguntou Robin.

— Ele sabia de quem eu estava falando. O idiota do colega de quarto de Fleetwood sem dúvida se meteu com o cara errado. Pedi a Shanker para dar uma sondada por mim, ver se descobre se esse Dredge pode ter eliminado alguns ex-alunos de escolas de elite ultimamente. O preço de sempre — acrescentou Strike.

Embora eles fossem amigos, Shanker não era um homem que prestasse serviços de graça.

— Isso é bom — comentou Robin. — Li seu e-mail sobre a tia de Rupert, aliás. Ela não me parece exatamente receptiva.

— Um dragão à moda antiga — disse Strike. — Zero carinho ou preocupação. Veja bem, não sabemos do histórico. Talvez ele a tenha roubado antes de vir da Suíça para a Inglaterra.

— Mas ela disse que ele está em Nova York?

— Disse, porém se recusou a me dizer se tivera notícias dele desde 25 de maio. Devo admitir que não consigo deixar de imaginar como deve ter sido difícil para a polícia procurar por um homem cuja parente mais próxima insiste que ele não está desaparecido. Decima não é casada com ele e os dois não moravam juntos, então ela não tem muita influência para dar início a uma busca.

— Dei uma olhada em toda a cobertura da mídia sobre o assassinato, enquanto estive fora — disse Robin. — Gente falando da lenda maçônica de Hiram Abiff. Já ouviu falar dele?

— Ah, sim — confirmou Strike. — O artífice mais habilidoso do templo de Salomão, assassinado por se recusar a divulgar os segredos do Mestre Maçom. *Manterei invioláveis os segredos do digno irmão Mestre Maçom, quando comunicado a mim, e por mim recebido, excetuando assassinato e traição* — recitou ele.

Robin o encarou.

— Que foi? — disse Strike.

— Você já foi da franco-maçonaria?

— Claro que não — retrucou Strike, bufando.

— Bom, eu não tinha como saber! É uma sociedade secreta, não é?

— "Uma sociedade com segredos", é como eles chamam. Não, um amigo meu no exército era maçom. Graham Hardacre. Eu o chamava de Hiram de vez em quando, para irritar. Veja bem, ele só ingressou para ter uma refeição quente.

— Quê?

— A mulher dele não cozinhava. Eles viviam de sanduíches. Os jantares maçônicos eram um jeito de ele poder comer um bife de forma legítima.

— Mas *ele* não podia cozinhar?

— Se a ideia um dia ocorreu a ele, deve tê-la considerado o fruto de uma mente enferma e a rejeitado. Ele é um cara engraçado, o Hardy, no sentido de ser estranho e de ser divertido. Mas é um bom investigador.

Ao dizer isso, Strike se lembrou de que Hardacre lhe enviara um e-mail vários meses antes, que ele, ocupado com o trabalho e os problemas pessoais, deixou de responder. Os caminhos dos dois divergiram drasticamente desde que Strike saiu do exército e foi morar em Londres, enquanto Hardacre permaneceu na Divisão de Investigação Especial da Real Polícia Militar. Hardacre tinha feito alguns favores a Strike nos primeiros dias da agência, mas agora lhe ocorria que eles não se viam pessoalmente havia cinco anos.

— Bom, será interessante ouvir de Murphy quanta verdade existe nos boatos de Abiff — disse Strike.

— Por que os homens fazem isso? — perguntou Robin.

— O que, matar gente?

— Não, por que eles gostam tanto de sociedades secretas com rituais e tal? As

mulheres não procuram tanto esse tipo de coisa.

— Sei lá — disse Strike, mas depois de pensar por alguns segundos, acrescentou: — Acho que talvez tenhamos mais o lance da hierarquia do que vocês. E costumamos precisar de um motivo para nos encontrar. Sair e fazer alguma coisa ou ver alguma coisa juntos. Não vamos muito à casa uns dos outros, a não ser que haja mulheres envolvidas.

— Então a franco-maçonaria é como o futebol?

— Só que no futebol não há tanta ênfase em apertos de mão estranhos e você não ouve com frequência os jogadores perguntando aos colegas que idade têm suas avós.

— Como é? — disse Robin, totalmente confusa.

— É como os maçons perguntam aos outros a que loja pertencem. As lojas são todas numeradas. "Quantos anos tem sua avó?" "Dois mil e cinquenta e três."

— Hardacre te contou tudo isso?

— Algumas coisas. É possível pesquisar a maior parte disso. Segundo o que eu aprendi com Hardacre, você deve ajudar os necessitados… com ênfase nos companheiros maçons… e ser um cidadão-modelo de modo geral. E você tem o dever de admoestar.

— O que é isso?

— Nada de exposição pública. Só uma palavra fraterna ao pé do ouvido.

— Isso se estenderia a algum crime? — perguntou Robin com curiosidade.

— "Exceto assassinato e traição" — citou Strike. — Partes disso não são para consumo público. Hardacre não me contaria as coisas importantes.

Robin olhou o relógio, depois disse com relutância, porque estava interessada na conversa:

— É melhor eu ir, vou render Midge por algumas horas. Às sete da noite está bom para você? Vou pedir pizza ou coisa assim.

— Sim, tá ótimo — confirmou Strike. — A gente se vê lá.

Robin saiu, deixando Strike se perguntando como seria passar a noite com ela e Murphy, porque seria a primeira vez que estaria com eles, sozinhos, como casal. Possivelmente, pensou, ele conseguiria achar um jeito de fazer Murphy parecer um idiota.

Com esta ideia sem dúvida pueril, porém satisfatória, ele se voltou ao computador para digitar uma atualização para o sr. B.

12

Todos nós, embora nem todos igualmente, equivocamo-nos.

Albert Pike
Liturgia do rito escocês antigo e aceito da maçonaria

Só depois de sair do escritório na Denmark Street foi que Robin sentiu certa apreensão pela noite iminente.

Estava ciente de que seu sócio e o namorado, que tinham sido razoavelmente amistosos antes de ela e Murphy começarem o namoro, agora eram antagonistas. Murphy mais de uma vez suspeitou da amizade de Robin e Strike, e ela por fim conseguiu dissuadi-lo dizendo ao namorado que Strike se relacionava com uma advogada, embora não fosse verdade; o breve caso de Strike com Bijou Watkins terminara antes de ela falar com Murphy sobre isso. Robin não tinha corrigido a história desde então, porque ainda servia a seus propósitos. Ela entendia perfeitamente por que Murphy ficava tenso com sua proximidade de Strike, considerando que a ex-mulher dele o trocara por um amigo, mas não precisava de mais exibições desnecessárias de ciúme depois de ter o bastante disso com o ex-marido.

Os motivos para a antipatia de Strike por Murphy eram mais misteriosos para Robin, mas ela desconfiava de que se devesse ao fato de ele temer perder a sócia para o casamento e os filhos. Se era essa a preocupação dele, Robin a considerava ao mesmo tempo ofensiva e irritante, porque, a essa altura, ela certamente provara seu compromisso com o trabalho e a agência dezenas de vezes. É claro que havia outra explicação possível para a atitude de Strike, mas ela não ia pensar nisso — embora pensasse com mais frequência do que queria admitir. *Disse a Amelia exatamente o que Charlotte escreveu… ela sabia que eu estava apaixonado por você.*

Pare com isso, Robin disse a si mesma com firmeza, enquanto arrumava a sala de

estar às seis horas daquela noite. Ela se ressentia de sua apreensão e odiava o cérebro indisciplinado por retornar, mais uma vez, à conversa em que Strike tinha soltado sua bomba e se afastado despreocupadamente depois. *Ele não está apaixonado por você, ele só estava agindo como um imbecil irritante*. Ela limpou a mesa de centro com um pouco mais de energia do que era necessário, como se desafiando o leve latejar no local da cirurgia, e lembrou a si mesma de que estava feliz com Murphy.

Seus nervos abalados não ajudaram quando ela foi assistir ao noticiário para se distrair e viu uma foto de Jonathan Wace, o líder da seita, olhando-a fixamente. Robin desligou a TV.

Tinha esperança de que Murphy chegasse ali às seis e meia e estivesse *in situ* quando Strike chegasse, mas ele estava vinte e cinco minutos atrasado. Justo quando ela pensava que Murphy teria de culpar a si mesmo se Strike chegasse antes, o namorado bateu na porta trazendo uma garrafa de água, a bolsa de ginástica no ombro e parecendo corado.

— O cara de baixo abriu a portaria para mim. Desculpe o atraso. Fiz uma hora de academia, mas, quando saí, um idiota tinha me bloqueado no estacionamento. Tive de esperar que ele saísse.

— Está tudo bem — tranquilizou Robin, recebendo-o com um beijo e um abraço, feliz por saber que ele tinha feito exercícios; com sorte, isso diminuiria seu nível de estresse que, dada a surra que sua equipe vinha levando da imprensa por não conseguir pegar o atirador dos dois meninos, continuava elevado. — Estou muito grata por isso, Ryan, sinceramente.

— Tá, tudo bem, você não quis o fim de semana em Paris… Ele ainda não chegou?

— Não, mas chegará a qualquer minuto — disse Robin. — Pedi pizza.

Ela tentava mostrar a Murphy que não fazia nenhum esforço especial pelo sócio, e tinha vestido jeans e um moletom velho por este motivo.

— Você avisou a Strike, não avisou, que isso é deli…

A campainha tocou. Robin abriu a portaria para Strike e alguns minutos depois ele e Murphy trocavam um aperto de mãos e o que quase se qualificava como sorrisos. Strike entregou a Robin uma garrafa de vinho tinto, pela qual ela agradeceu, indo à cozinha pegar taças. A campainha tocou novamente.

— Eu atendo — disse Murphy a Robin e, enquanto ele abria a portaria para o

entregador de pizza, Strike tirava o paletó e o pendurava, olhando a sala de estar de Robin, notando a bolsa de ginástica de Murphy colocada naturalmente na frente do quarto.

O apartamento estava praticamente inalterado desde a última vez que Strike estivera ali, para dormir, mas infelizmente só no sofá-cama. Ele se perguntou se Murphy sabia disso. Notou que a planta que ele dera a Robin como presente de casa nova florescia, mas, para seu desagrado, uma das fotos em cima da lareira agora era de Robin e Murphy, de braços dados na frente do que parecia preocupantemente a casa da família de Robin em Yorkshire.

Depois de dar a gorjeta ao entregador e passar as pizzas a Robin na cozinha, Murphy voltou a Strike, que ainda estava de pé no meio da sala, e disse em voz baixa:

— O que eu tenho é altamente confidencial. Se alguém descobrir que passei adiante, vou ficar na merda até o pescoço. Meu contato não deveria ter falado tanto, então o pescoço dela também está na reta, se alguém tagarelar.

— Eu não tagarelo — Strike garantiu a ele.

— Só fiz porque foi um pedido de Robin.

Como seria muito improvável que Strike pensasse que Murphy tivesse desencavado informações por amor a ele, Strike não entendeu o motivo para ouvir essa frase.

— De todo modo — continuou Murphy e gesticulou rispidamente para o conjunto estofado.

Strike sentou-se em uma poltrona, e Murphy, no sofá. Robin, que conseguia ouvir o silêncio desconfortável, desejou ter pensado em colocar música e apressou a montagem dos pratos, guardanapos e taças.

— Como estão as coisas com a advogada? — perguntou Murphy a Strike.

— Que advogada? — perguntou Strike.

Afastada deles, Robin sentiu o estômago revirar.

— Pensei que você estivesse saindo com uma advogada. Bijou ou coisa assim.

— Ah — murmurou Strike. — É. Está tudo bem.

Robin se apressou a voltar para a sala, meio corada, segurando pizza, pratos e guardanapos, e evitando olhar para Strike.

— Vamos começar, então? — perguntou, antes de sentar-se no sofá ao lado de Murphy, que tinha apanhado seu bloco.

— Acabo de dizer a Strike: isso *não* pode ser passado adiante.

— Não será, Ryan, eu prometo — garantiu Robin, servindo vinho para Strike.

— Tá legal. Bom. — Murphy pegou o bloco, enquanto Strike se servia de pizza. — Vocês devem saber do básico. Um cara que se dizia chamar William Wright conseguiu um emprego naquela loja em Holborn, a Ramsay Silver. Trabalhou duas semanas lá. Na terceira segunda-feira, o dono da loja abriu o cofre, encontrou o corpo mutilado de Wright e nada da prataria valiosa que tinha colocado ali na sexta-feira.

"A polícia logo descobriu que não existia uma pessoa chamada William Wright. Nenhum registro com este nome e data de nascimento, e as referências que ele dera na entrevista de emprego eram falsas. O antiquário em que ele alegara ter trabalhado em Doncaster nunca tinha ouvido falar dele. Os números de telefone das referências eram de celulares descartáveis. Apareceu alguém do público dizendo que Wright tinha morado no andar abaixo do dele, em Newham. Wright só ficou um mês por lá, pagou em dinheiro pelo depósito, e as pessoas que dividiam a casa só o conheciam como William Wright, de Doncaster."

Murphy bebeu um gole da garrafa de água, o que levou Strike, que estava tomando notas, a perceber que carregar garrafas de água por aí depois dos exercícios era uma afetação irritante. Murphy virou uma página no bloco e continuou:

— O último avistamento verificado de Wright vivo foi na sexta-feira, 17 de junho. Ele foi registrado pela câmera de segurança interna da loja quase o dia todo na sexta…

— "Quase"? — perguntou Strike.

— Ele saiu para alguma tarefa à tarde, mas voltou e continuou na loja até as seis. Às 18h10, uma câmera registrou a sua entrada na estação de metrô de Covent Garden. Tem uma gravação de segurança de quatro homens entrando na Wild Court nas primeiras horas da manhã de sábado, a rua onde fica a Ramsay Silver, perto da hora que a polícia sabe que a loja foi reaberta. Pressupõe-se que eram Wright e seus cúmplices. A câmera de segurança interna mostra alguém entrando na loja por volta de uma da manhã, no escuro. A pessoa anda um pouco e desliga a câmera. Acredita-se que Wright tenha sido assassinado logo depois

disso, por um ou mais dos homens que o acompanhavam. A perícia disse que ele estava morto havia cerca de quarenta e oito horas quando foi encontrado.

— Então Wright foi morto no cofre, sem dúvida nenhuma? — perguntou Strike. — Não em outro lugar e desovado no cofre depois?

— Não, sem dúvida aconteceu no cofre — afirmou Murphy. — Os padrões de respingos de sangue não podiam ser falsificados, segundo a perícia. Também havia uma pegada parcial que claramente fora feita enquanto o sangue ainda estava em estado líquido.

— Tem detalhes sobre a pegada? — perguntou Strike.

— Pensei que vocês estivessem tentando identificar o corpo, e não pegar os assassinos.

— A identificação dos assassinos pode ajudar a identificar o corpo — disse Strike, respondendo ao olhar pétreo com outro semelhante.

— Como vai entender daqui a um minuto, você seria desaconselhado a tentar localizar esses assassinos em particular — disse Murphy. Ele voltou às anotações. — A câmera de segurança foi religada por volta das três da madrugada, o alarme foi reativado…

— Eles o desativaram quando entraram na loja? — perguntou Strike.

— Eu… não sei — admitiu Murphy, olhando as anotações. — Suponho que sim. De todo modo, a loja só abriria novamente na segunda-feira de manhã. — Ele bebeu outro gole de água, depois disse: — As gravações das câmeras externas só mostram indivíduos ou casais na vizinhança da Wild Court logo depois do roubo, então os três ladrões claramente se separaram.

— Eles carregavam a prata roubada? — perguntou Robin.

— Meu contato não tinha muito a dizer sobre isso. Talvez tenham enfiado em mochilas. Acham que um deles entrou em um carro de fuga que chegou a Wild Court mais ou menos na mesma hora, mas a câmera mais próxima estava com defeito. Segundo minha fonte, um carro com placa falsa e só com o motorista dentro tinha passado por uma câmera anterior pouco depois das três da manhã. Quando passou pelas câmeras seguintes, havia duas pessoas dentro dele.

— Que carro era? — Strike quis saber.

— Meu contato não disse — respondeu Murphy, desta vez sem se dar ao trabalho de olhar para Strike. — Como eu mencionei, sábado a loja estava fechada, então o corpo ficou intacto até segunda-feira, quando o proprietário

abriu o cofre.

— O corpo estava mutilado, não estava? — perguntou Strike.

— É, mas os funcionários reconheceram como Wright pelo cabelo, a altura, a constituição física etc. O DNA do corpo combinava com o DNA encontrado na loja, inclusive fios de cabelo no ralo da pia. O corpo tinha sido enrolado em algo estranho, mas meu contato não me disse o que era. Tive a impressão de que isso foi feito para mandar um recado, talvez para degradá-lo. — Murphy bebeu outro gole da água e disse: — Agora vem a parte que vocês *não podem* falar para ninguém.

— Não vamos falar — Robin garantiu a ele.

— Explica por que não houve confirmação absoluta de que Wright era de fato Jason Knowles, mas se vocês falarem…

— Ryan, não vamos falar.

— Tudo bem — disse Murphy e continuou: — Jason Knowles tinha boas conexões no submundo. A maior parte da família era de vigaristas e o tio era um criminoso perigoso, mas o próprio Knowles não era peixe grande, só um ladrão. A Agência Nacional de Crimes tinha um agente à paisana plantado no círculo do tio de Knowles nos seis meses anteriores, porque o tio traficava armas. O cara da ANC ouviu a mesma história de duas fontes distintas: Jason caiu numa emboscada acreditando que ele e seus assassinos iam fazer um trabalho juntos, e seu corpo foi deixado de forma a não ser identificado. Os boatos eram de que o tio dera pessoalmente a ordem de matá-lo, suspeitando de que era ele que estava vazando informações à polícia.

— Meu Deus — murmurou Robin.

— Tudo sobre o trabalho com a prata batia. O corpo combinava com o de Knowles na altura e na constituição, e quando a polícia mostrou a fotografia de Knowles aos funcionários da loja, eles acharam que era ele. Disseram que não tinham total certeza, porque Wright tinha barba, que Knowles não tinha nas fotos, e Knowles não usava óculos, como Wright, e também não tinha um bronzeado artificial. O cabelo de Wright era mais escuro também, mas se descobriu que o cabelo do cadáver fora tingido. Além disso, Knowles estivera se gabando de que seu próximo trabalho apareceria em todos os jornais, e a prataria que foi roubada tinha importância histórica.

— Digitais? — indagou Strike.

— O problema era esse.

— Knowles devia ser fichado, não?

— Ele era, mas as suas mãos tinham desaparecido, o que obviamente implicava que o assassino sabia que as digitais identificariam o corpo.

— Não havia digitais de Wright na loja?

— Os atendentes usavam luvas para manusear toda a prata e abrir os armários de vidro, e infelizmente a pessoa da limpeza fez um trabalho muito bom na loja, na área dos funcionários e no banheiro na segunda de manhã, pouco antes de o corpo ser encontrado.

— Quem trabalhava na limpeza? — perguntou Strike.

Murphy virou uma página.

— Um sujeito chamado Todd.

— Um faxineiro homem? — questionou Strike.

— Homens *podem* fazer limpeza, pelo que soube — comentou Robin.

— Achei que era uma lenda urbana — rebateu Strike.

Agindo como se não tivesse ouvido esse diálogo, Murphy continuou:

— O infiltrado da ANC evidentemente passaria a correr perigo se a Metropolitana começasse a procurar identificação de DNA de Knowles, então a ANC pediu à Metropolitana para evitar que… continuasse a apelar por informações até terem resolvido o caso do tráfico de armas e os parentes de Knowles poderem ser testados com segurança. Infelizmente, o cara encarregado do caso do cofre, Malcolm Truman, mudou de lado e anunciou que a Metropolitana tinha certeza de que o corpo era de Knowles.

— Mas por que diabos ele fez isso? — perguntou Strike, genuinamente perplexo.

— Os jornalistas tendiam ao ângulo da franco-maçonaria, e Truman não queria parecer um cara sem nenhuma pista. Minha fonte disse que ele é um idiota arrogante que não quer parecer sem-noção para a imprensa. Foi suspenso logo depois de falar. A equipe que trabalhava no caso tentou desfazer os danos, mas os jornais perderam o interesse quando souberam que Wright era um criminoso e que a tese da franco-maçonaria era papo-furado. Resultado: William Wright era Jason Knowles, mas eles ainda não podem provar isso.

Murphy baixou a água e estendeu a mão para uma fatia de pizza.

— Pelo que entendi, os funcionários da loja estão limpos? — perguntou

Strike.

— Sim, todos tinham um álibi sólido — confirmou Murphy, mastigando um pedaço de pizza. — Todd, o faxineiro, estava jogando cartas de madrugada com um costumeiro grupo de pôquer, que confirmou que ele estava lá. A gerente, Pamela, passou o fim de semana em Grantham, onde compareceu a um casamento na família; partiu às oito da noite de sexta-feira. O dono, Ramsay, cuida da esposa em tempo parcial; tinha amigos hospedados no fim de semana que confirmaram que ele só saiu de casa para um almoço no pub com eles no sábado.

Os três comeram em silêncio por um minuto. Robin queria perguntar a Strike o que ele pensava, mas não queria fazer isso na frente de Murphy. Strike, enquanto isso, refletia sobre o fato de que o policial claramente não queria que a agência assumisse este caso, e embora estivesse inclinado a recusá-lo até este momento, Strike de súbito se perguntou se não estava sendo oferecida a ele uma oportunidade espetacular de criar uma cisão entre Robin e o namorado.

— Você falou em outros possíveis candidatos a Wright — disse Robin a Murphy.

— É, teve alguns — falou Murphy. Ele pegou o bloco novamente e virou uma página. — Quase todos foram excluídos. Tinha dois caras que não puderam ser descartados, porque eles não conseguiram obter DNA. Um se chamava Tyler Powell. A avó ligou para a polícia. Aparentemente ele tinha se metido em algum problema em casa, nas Midlands, e disse à avó que tinha arrumado um trabalho no sul. Ele era da altura e da faixa etária certas, mas não havia outro motivo para supor que fosse ele.

— Eles colheram material da avó para verificar o DNA? — perguntou Strike.

— Powell era adotado.

— Quem era a outra possibilidade? — perguntou Robin.

— Um homem chamado Niall Semple. Ele apareceu na imprensa porque era um ex-paraquedista com problemas de saúde mental que sumira de casa na Escócia e cortou todo contato. Mais uma vez, sem parentes consanguíneos. Tinham acabado de cremar a mãe dele quando Niall desapareceu. A esposa fez contato com a polícia. Ele era da altura e do grupo sanguíneo certos, mas, tirando isso, nada indicava que fosse ele.

— E ninguém pensou que Wright pudesse ser Rupert Fleetwood? — perguntou Robin.

— Minha fonte só falou em Powell e Semple — declarou Murphy.

— E aquele negócio do michê… — sugeriu Robin.

— Que michê? — perguntou Strike, erguendo os olhos do bloco.

— Só uma piada infame que virou uma bola de neve — disse Murphy. — O corpo estava nu, foi assim que começou.

— Esta pode ser uma pergunta estranha — disse Robin —, mas tinha alguma coisa entalhada nas costas do corpo?

— Mas como é que você sabia disso? — falou Murphy bruscamente.

— Vi na internet — explicou Robin, irritada com o tom de voz dele, sobretudo na frente de Strike. — Alguém comentando a matéria disse que tinha a letra "G" entalhada nele.

— Meu contato disse que era uma marca. — Murphy fechou o bloco. — E é tudo o que tenho.

— Bom, obrigada, Ryan — disse Robin. — Isso foi…

— E aí, e agora? — Murphy quis saber. Ele olhava para Strike e não para Robin.

— Queríamos descobrir se a Metropolitana tinha uma identificação definitiva — respondeu Strike — e agora sabemos. Eles não têm.

— Você não pode fuçar a família Knowles — disse Murphy.

— Nem pretendo. Não temos laboratórios forenses, não podemos analisar DNA.

— Então não vão pegar o caso? — indagou Murphy.

— Robin e eu teremos de discutir isso — falou Strike.

— Alguém quer mais…? — começou Robin.

— É Knowles — afirmou Murphy, fuzilando Strike com os olhos. — Você só está enrolando essa mulher, fingindo que há uma chance de ser o garotão dela.

— Não tenho certeza sobre isso — disse Strike, deliberadamente calmo. Que Robin veja Murphy ficar agressivo, tentando ditar o que a agência investigava. — Existem muitas semelhanças entre Rupert Fleetwood e o corpo, ele tinha bons motivos para querer se entocar por um tempo e possuía uma peça de prata valiosa para vender.

Robin, que sabia muito bem que Strike não acreditava que Rupert Fleetwood fosse William Wright, supôs que ele estivesse dizendo isso porque estava tão irritado quanto ela com o tom ditatorial de Murphy.

— De todo modo — disse Strike, baixando o prato e se levantando —, é melhor eu ir andando.

— Já? — questionou Robin, desconcertada. — Tem mais pizza. E pudim.

— Vou encontrar Bijou — disse Strike, olhando em cheio nos olhos de Robin. Embora quisesse muito evitar, ela se sentiu ruborizar. — Mas obrigado — acrescentou Strike, olhando de cima o furioso Murphy. — Isso foi extremamente útil.

13

E então os truques repentinos, longos segredos,
As tramas insondáveis, profundos telegramas,
Encontros casuais planejados por muito tempo, riscos de um olhar,
"Será que ela sabe? Será que ela não sabe?"

Robert Browning
In a Balcony

A escala de trabalho foi organizada de tal modo que Strike e Robin só se reencontraram na sexta-feira, um dia frio e sem nuvens. O centro de Londres estava todo decorado com seus enfeites de Natal, e às onze horas Robin se encontrava na Mount Street, em Belgravia, embaixo de uma das extravagantes faixas de luzes prateadas que se estendiam pela rua, fingindo falar ao telefone enquanto a ex-mulher do cliente jogador profissional de críquete fazia compras na Balenciaga.

Embora estivesse de luvas e casaco, o frio beliscava cada parte exposta da pele de Robin. Ela se sentia fraca e cansada, porque ainda não estava dormindo bem. A visita de Strike deixara conotações desagradáveis. Murphy tinha voltado ao assunto do corpo no cofre na manhã seguinte, delineando os perigos de provocar um homem que já ordenara a morte do próprio sobrinho e lembrando a Robin, mais uma vez, que mais gente além de Strike ficaria em perigo se Lynden Knowles passasse a acreditar que era investigado pela morte de Jason. Robin se esforçara muito para não parecer na defensiva nem com raiva enquanto reiterava que nem ela nem Strike tinham qualquer intenção de chegar perto do tio de Jason, e garantiu ao namorado que o segredo do homem infiltrado estava completamente seguro.

Ela poderia ter dito bem mais do que isso. Poderia ter lembrado a Murphy de

que não precisava ouvir sermões sobre os perigos de se misturar com criminosos profissionais, porque ela e Strike já haviam enfrentado uma família de criminosos tão sociopata quanto Lynden Knowles parecia ser. Poderia até ter dito em voz alta o que os dois sabiam, isto é, que tudo que Murphy dizia era tingido pela antipatia que tinha pelo sócio dela. Mas se conteve. Não queria uma briga.

Robin normalmente mandaria uma mensagem a Strike para perguntar o que ele pensava do caso de Decima, mas o constrangimento latente por ter sido apanhada em uma mentira sobre Bijou Watkins a impedia de fazer isso. Agora ela olhava do outro lado da rua um desenho entalhado em pedra acima das janelas da Balenciaga; ou era uma árvore, ou um feixe de trigo. Talvez estivesse sendo influenciada pelo simbolismo maçônico sobre o qual estivera lendo durante a viagem de metrô daquela manhã: o feixe de trigo, ela agora sabia, representava generosidade e caridade para a maçonaria.

Ao ouvir seu nome, Robin se assustou e se virou. Strike caminhava em sua direção. Ela esperava passar o turno para Shah e, mesmo assim, só dali a uma hora. Fingindo encerrar uma ligação, Robin colocou o telefone no bolso.

— Plug está indo para Ipswich de novo — foram as primeiras palavras de Strike. — Só Deus sabe o que está aprontando por lá. Enfim, Shah estará na cola dele e me contou que você estava aqui.

— Chegou cedo — comentou Robin. — Ainda vou ficar mais uma hora com ela.

— Eu sei. Queria conversar sobre o caso do cofre de prataria pessoalmente. Acabo de falar de novo por telefone com Decima Mullins.

— Espere aí — disse Robin, de olho na porta da Balenciaga —, a sra. B está em movimento.

A mulher de cabelos escuros, que vestia um casaco preto e comprido de peles sintéticas e botas de saltos muito altos, tinha saído da loja carregando uma grande sacola de compras e agora perambulava pela rua. Robin e Strike partiram para a calçada oposta, acompanhando seus passos, mas vinte metros atrás.

— O que você disse a Decima? — perguntou Robin.

— A verdade — respondeu Strike —, deixando de fora o sujeito infiltrado, obviamente. Eu disse que evidências circunstanciais apontavam fortemente para Jason Knowles, mas que ainda não havia confirmação absoluta de que era ele.

— E o que ela falou?

— Ela me pediu para tentar provar que era Wright. O que você acha?

— Achei que você não quisesse o trabalho.

— Não vou mentir — disse Strike. — Estou ficando interessado nesse corpo.

Mas isso, naturalmente, não correspondia a toda a verdade.

Desde que percebera o quão pouco Murphy queria que eles investigassem o cadáver no cofre, Strike passara a ver quantas oportunidades este caso proporcionava para a promoção de seus planos relacionados com Robin. Devido à informação delicada sobre o agente da ANC disfarçado, Strike tinha a desculpa perfeita para insistir que ele e Robin fizessem o grosso deste caso juntos, excluindo os terceirizados. A necessidade de confidencialidade justificaria as reuniões constantes entre os dois e, como bônus, talvez eles precisassem visitar as casas dos outros candidatos a William Wright, também para excluí-los. Isso significaria longas viagens de carro, muitas entrevistas e relatórios juntos e, com sorte, estadias noturnas. Ele tinha até uma desculpa excelente para abordar de novo o bilhete de suicídio de Charlotte, quando delineasse por que Sacha Legard e Valentine Longcaster não gostavam de falar com ele.

Strike não duvidava de que alguém poderia chamá-lo de cínico, mas isso não o perturbava nem um pouco. Afinal, ele pretendia dar valor ao dinheiro de Decima Mullins, e, se eles conseguissem provar que Fleetwood não era o homem no cofre, sua cliente teria a solução de que ela precisava.

A morena do outro lado da rua entrou em uma joalheira. Strike e Robin se viraram automaticamente para olhar a vitrine oposta, vendo a fachada da loja refletida.

— Mas — disse Strike —, se a investigação vai criar problemas entre você e Murphy, vamos largar.

Apanhada de guarda baixa, Robin o olhou.

— Eu… mesmo que causasse, não é um bom motivo para não aceitar o caso — disse ela sem pensar.

Que interessante, pensou Strike, mas em voz alta, falou:

— Bom, eu teria a mesma opinião se estivesse no seu lugar, mas alguns podem dizer que é por isso que continuo solteiro. Você não me perguntou como foi meu encontro com Bijou — acrescentou ele, olhando-a de cima.

— Ah, meu Deus, me desculpe por isso — disse Robin, vermelha de novo. — Eu nunca… Esqueci de contar a Ryan que você não estava mais saindo com a

Bijou, eu… Você não precisa…

— Não me incomoda — disse Strike. — Ela dá uma namorada imaginária muito melhor do que foi na realidade. Não que ela um dia tenha sido uma namorada — acrescentou ele.

— Como a chamaria, então? — questionou Robin, completamente perplexa com a guinada na conversa. O jeito habitual de Strike era de uma resoluta reserva a respeito de sua vida pessoal.

— Um exercício equivocado de distração e recompensa instantânea que me curou desse hábito. Essa foi rápida — respondeu Strike enquanto a ex do sr. B saía da joalheria do outro lado da rua.

— Não gostou de nada — disse Robin ao voltarem a seguir a mulher. — Acho que está fazendo compras de Natal.

— Meu Deus, não me lembre disso. — Strike gemeu. — Odeio essa merda. Eu pagaria uma boa grana para alguém fazer isso por mim.

— Onde vai passar o Natal? — perguntou Robin. Pela primeira vez em seis anos, ambos estariam livres nas festas de fim de ano.

— Na casa de Lucy. Não consegui me safar, não logo depois da morte de Ted. Também terei de ir à festa de véspera de Natal com todos os vizinhos. Preferia comer meu próprio pé. O que você vai fazer?

— Ryan e eu vamos para a casa dos meus pais. Estou apavorada com isso também, para ser franca — disse Robin.

— Sério? Por quê?

— Não sei. — Robin suspirou. — São só famílias, né? A casa estará cheia…

Mas havia muita coisa que ela não podia dizer. Haveria duas gestantes na casa, a cunhada, Jenny, e a namorada de Martin, seu irmão; ninguém da família sabia da recente hospitalização de Robin, mas ela não duvidava de que haveria muita conversa sobre bebês e gravidez, e tinha medo de que Murphy usasse isso como desculpa para voltar a falar em congelamento de óvulos.

— … queria ficar em Londres e fazer minhas coisas, mas parece que não temos permissão de fazer isso, a não ser que eu tivesse filhos.

— Você não teria permissão nem assim — disse Strike. — Joan ficaria mortalmente ofendida se Lucy e Greg não aparecessem todo ano com os sobrinhos-netos.

À frente, seu alvo jogava para trás o cabelo cuidado por profissionais.

— E então — disse Strike. — Vamos pegar o caso? A decisão é sua.

— Bom… por tudo que você disse, se não pegarmos, ela vai contratar outra pessoa.

— Concordo. E nós não vamos enrolar Decima.

— Não — concordou Robin —, e devo admitir que estou ficando interessada no corpo também.

— Mas como eu disse, se isso te criar problemas…

— Ligue para ela e diga que vamos pegar — afirmou Robin.

— Tem certeza?

— Absoluta.

— Vou ligar agora — disse Strike, pegando o celular.

Robin ouviu o lado de Strike da conversa, sentindo-se particularmente quente perto dele, agradecida por sua consideração com relação a Murphy e por ele ter levado na brincadeira a mentira sobre Bijou Watkins.

— Muito bem, vou lhe enviar o contrato — dizia Strike. — Certo… sim… não tem problema nenhum. O prazer é nosso.

Ele desligou.

— Muito agradecida — disse ele. — Mais choro.

Os dois sócios caminharam em silêncio, Strike inteiramente satisfeito com seu trabalho nos últimos dez minutos. Tinha dado um excelente primeiro passo ao estabelecer que não estava mais interessado em casos passageiros quando disse o que disse sobre Bijou Watkins, e Robin concordara com a investigação, apesar da clara reprovação do namorado. Não importavam os riscos, não importava o possível desentendimento, ele agora pretendia aproveitar o primeiro momento auspicioso para dizer a ela o que sentia, e, se a oportunidade não surgisse naturalmente, ele criaria uma.

Não existe orgulho em ter aquilo pelo qual você nunca trabalhou.

Nunca deixe que outro sujeito mude sua estratégia.

Mantenha-se fiel à sua estratégia e explore seus pontos fortes.

PARTE DOIS

"Às vezes as minas mais profundas provam-se melhores no fim."

"E enquanto houver alguém pagando por isso, suponho que você deva continuar cavando."

John Oxenham
A Maid of the Silver Sea

14

Você deu o primeiro passo por esta soleira, o primeiro passo para o santuário interno e o coração do templo. Está no caminho que leva à íngreme montanha da Verdade (…).

Albert Pike
Moral e dogma da liturgia do rito escocês antigo e aceito da maçonaria

— Onde você está? — Foram as primeiras palavras de Strike em 2 de dezembro, quando Robin atendeu ao telefone.

— Na A40 — respondeu ela, que teve de falar alto porque estava no Land Rover decrépito, que não tinha Bluetooth. — A sra. B está hospedada perto de Stroud. Vou render Midge.

— Kim vai para Stroud — informou Strike. — Acabo de receber um telefonema do proprietário da Ramsay Silver. Eu não esperava que estivesse tão disposto a conversar conosco, mas ele estava ávido por isso. Quer saber se podemos ir lá hoje à uma hora.

— Tudo bem, ótimo — disse Robin, que estava consideravelmente mais interessada em ver o local do assassinato de William Wright do que em ficar encarando um gramado de croquê deserto de trás de uma sebe. — Vou voltar.

— Te encontro na frente do Freemasons' Hall ao meio-dia e meia.

Assim, Robin se dirigiu a Londres. O dia frio estava nublado, mas de vez em quando o sol escapulia de trás das nuvens, revelando a sujeira no para-brisa que, primeiro, ela estava ocupada demais e, depois, ainda recém-operada para limpar. O velho Land Rover tinha começado a fazer um barulho misterioso nos últimos dias, e Robin ainda não conseguira identificar a origem. A vistoria do carro era iminente e Robin tinha a forte sensação de que desta vez ele não ia passar raspando.

A perspectiva de ir à Ramsay Silver tinha melhorado seu humor, que, por acaso, precisava de algum ânimo, porque, antes do telefonema de Strike, ela estivera remoendo duas conversas recentes que tivera com Murphy. O namorado não disse isso explicitamente, mas Robin sabia que ele estava zangado porque a agência tinha aceitado o caso do cofre, embora ela alegasse que eles tentavam encontrar Rupert Fleetwood, não identificar o corpo. Depois, na noite anterior, Murphy reclamara por telefone de sua vizinha desagradável, cujas portas batendo e gritos com os filhos adolescentes eram um constante impedimento ao relaxamento, quando ele de repente disse:

— Sabe de uma coisa, se comprássemos um imóvel juntos, poderíamos nos livrar de todos esses babacas.

Ao ouvir essas palavras, Robin sentiu algo parecido com pânico. Porém, sentindo-se culpada pelo modo como mentiu sobre o caso do cofre de prataria, ela se achava em dívida com ele.

— Sim, acho que podemos — respondeu.

— Não fique entusiasmada demais.

Ela riu de nervoso.

— Não, é sem dúvida uma ideia.

Desde que a ligação fora encerrada, Robin esteve tentando combater um aumento na ansiedade. Ela amava Murphy, não amava? Sim, ela pensava — não, ela sabia — sinceramente que sim. E a maioria das mulheres adoraria saber que o homem que amavam, e que as amava, queria assumir um compromisso desses, não é? E não fazia sentido encontrar um lugar melhor juntos, sem vizinhos barulhentos?

Só que quando Robin pensava em morarem juntos, a imagem que se apresentava era da terceira e última casa que dividira com o ex-marido. Robin sabia que era uma casa linda do século XVIII que fora feita para construtores navais e capitães do mar, mas já não conseguia se lembrar de nenhum detalhe de lá. O que mais se lembrava era da pesada sensação de constrição e infelicidade em que passou muitos dos dias em que morou ali.

Mas isso era Matthew. Ryan não é Matthew.

A sugestão inesperada de Murphy de eles morarem juntos tinha chegado só uma hora depois de Robin abrir uma carta de seu clínico-geral, encontrada no capacho da porta quando ela chegou em casa, tarde, após horas de vigilância. O

médico queria que ela marcasse um check-up depois da recente hospitalização. Ela não contou a Murphy sobre isso. Não queria ir; não entendia o sentido. Tinha todas as informações de que precisava e se sentia bem, e o local da cirurgia tinha se curado, então o que o médico poderia dizer ou fazer que a beneficiasse? Antes de Strike telefonar, o tópico congelamento de óvulos estivera se embolando com seus sentimentos complicados sobre sair à procura de uma casa, e Robin tinha a sensação, e não era a primeira vez, de que não era como as outras mulheres, de que queria coisas diferentes, de que estava disposta a suportar dificuldades diferentes, e não pôde deixar de se lembrar das palavras de Strike:

Eu teria a mesma opinião se estivesse no seu lugar, mas alguns podem dizer que é por isso que continuo solteiro.

Enquanto Robin saía do Land Rover na Great Queen Street uma hora e meia depois, um transeunte corpulento e careca disse alegremente:

— Não se veem muitos desses ainda rodando por aí!

— Não mesmo — concordou Robin. — Ele está nas últimas.

Ela observou o homem entrar no imenso prédio Art Déco de pedra cinza-clara ao lado do qual estacionara. Nunca tinha visto o Freemasons' Hall. Se tivesse pensado nisso, teria esperado que quem entrasse tivesse de dar, se não uma senha, pelo menos um cartão de membro, mas uma placa ao lado das portas de vidro indicava que ali havia uma cafeteria, um museu aberto ao público e visitas guiadas.

Strike estava de pé na esquina à frente, o colarinho para cima contra o dia frio, fumando o cigarro eletrônico enquanto olhava a fachada do prédio, e Robin foi na direção dele, sentindo-se muito melhor por ter algo em que pensar além de seus dilemas pessoais e muito mais animada por ver o parceiro de trabalho.

— Prédio impressionante — comentou quando o alcançou.

— É mesmo — concordou Strike.

Desse ângulo, o Freemasons' Hall parecia ter sido construído como um triângulo isósceles, exceto pelo ponto em que os dois lados longos convergiam, que se alinhavam e apresentavam uma fachada relativamente estreita, mas muito alta, compreendendo colunas, um relógio quadrado e uma torre.

— "*Audi, vide, tace*" — disse Strike, lendo uma inscrição acima deles. — "Veja, ouça e faça silêncio."

— Alguma chance de andarmos um pouco? — perguntou Robin, com as

mãos enfiadas nos bolsos. O aquecimento do Land Rover não funcionava, e o dia estava quase congelante.

— Sim, por isso quis que nos encontrássemos cedo: para ter uma impressão da área.

Assim, eles partiram pela Great Queen Street, com o imenso prédio de pedra a sua direita.

— Acho que Ramsay quer se reunir conosco porque tem esperança de que a gente encontre a prata roubada — comentou Strike. — Ele teve muito azar nos últimos anos. Seu único filho, já adulto, morreu em um acidente de jet-ski nas férias, um ano e meio atrás.

— Ah, não — lamentou Robin.

— Depois a mulher dele sofreu um grave derrame. Ainda está incapacitada. Era ela quem gerenciava a loja, porque Kenneth trabalha em um estabelecimento de serviços financeiros na mesma rua. Ouvi a história toda hoje de manhã. Acho que ele está tentando me envolver emocionalmente o máximo possível na descoberta da prataria.

— Bom, se a esposa dele precisa de assistência médica e não consegue trabalhar…

— Não o estou culpando, só adiantando as coisas para você, porque acho que ele vai ser mais acessível se fingirmos interesse tanto no roubo como no corpo. Ele me disse que tiveram um ligeiro aumento na clientela depois do assassinato, mas eram, em sua maioria, curiosos, e não pessoas que queriam comprar medalhas maçônicas.

Enquanto eles andavam, Strike olhava as ruas em busca de câmeras de segurança, além de transversais e vagas de estacionamento onde a prataria poderia ser dividida entre os membros da quadrilha sem serem observados, mas era uma área movimentada que seria bem iluminada à noite, e Strike duvidava de que os criminosos pudessem contar com a ausência de transeuntes mesmo naquela hora.

— Não consigo ver nossos ladrões-barra-assassinos fugindo nesta direção — declarou Strike. — Não, acho que a polícia tem razão: a prata foi levada embora no carro de fuga na Wild Street.

Robin teve uma imagem mental involuntária da expressão de Murphy, se tivesse ouvido Strike (como Murphy sem dúvida veria a questão) dignando-se a concordar com as conclusões da polícia.

Eles entraram à direita na Kingsway, uma rua mais larga e ainda mais movimentada. Uma música natalina escapava de uma loja enquanto eles passavam, e ambos sentiram aquela corrente de tristeza porque os Natais raras vezes eram livres na vida adulta — Robin desejando ficar feliz com a perspectiva da viagem para a casa dos pais como aconteceu quando se mudou para Londres, e Strike subitamente visitado por pensamentos em Ted, Joan e a casa vazia na Cornualha, que tinha acabado de ser posta à venda.

— A loja fica mais acima em uma viela, à direita — informou à sócia. — Eu não diria que é uma ótima localização, mas, dada a proximidade do Freemasons' Hall, talvez eles consigam negócios maçônicos…

Ele olhou o relógio.

— Meio cedo, mas podemos ir para lá agora.

Eles pegaram uma rua pouco atraente, que tinha uma fileira de latões de plástico de um lado.

A loja de prataria, que ficava na junção do Connaught Rooms com seus tijolinhos vermelhos e a pedra cinza-clara do Freemasons' Hall, parecia encardida e antiquada. Havia medalhões e correntes cerimoniais expostos sobre veludo preto na vitrine. Alguém tinha espalhado luzinhas de Natal vermelhas em volta desses objetos, em um tributo sem graça à época. O toldo preto tinha um letreiro prateado que dizia:

RAMSAY SILVER
~ Insígnias, Prataria e Raridades Maçônicas ~

Enquanto Strike abria a porta, uma sineta soou e ele notou que nenhuma das duas trancas tinha um grau muito mais seguro do que aquelas de uma casa mediana.

O primeiro som que ouviram, tragando a música natalina que tocava em alto-falantes ocultos, foi a tagarelice de um homem na casa dos cinquenta anos junto a uma mesa, segurando uma tigela de prata nas mãos com luvas brancas e falando com um cliente.

— … uma pena que o senhor não estivesse aqui no ano passado, se gosta de Art Nouveau, porque tínhamos duas joias, com design de Alphonse Mucha, muito especiais… Ah! — disse o homem ansiosamente, percebendo os recém-

chegados. — Sr. Strike?

— Sim — confirmou o detetive.

— Já falo com você! — disse Kenneth Ramsay.

Seu terno estava largo, como se ele tivesse emagrecido em um período relativamente curto. O pouco cabelo que ainda tinha era grisalho e encaracolado, o que combinava com seu rosto branco e corado de um jeito estranhamente inocente, que dava a impressão de nunca precisar ser barbeado, conferindo-lhe a aparência de um querubim envelhecido. Voltando-se ao cliente, que era um homem alto com um sobretudo de cashmere, Ramsay disse:

— Algo mais que gostaria de ver, se é Art Nouveau que o senhor prefere…

— Na verdade, eu só queria a tigela — disse o cliente, que tinha sacado a carteira.

— Tem certeza? Mas digo-lhe o que temos, e que vai combinar muito bem com isso, um par de castiçais de 1926, oriundo da Loja de Aitchison Haven, na Escócia. Dariam um lindo acrés…

— *Não*, obrigado — disse o cliente com firmeza.

— Tudo bem, hahaha, sem problemas. Vamos embrulhar isto para o senhor, então. Laura! Embrulhe para mim, por favor!

Uma jovem de óculos e de jeito amuado, que devolvia variadas peças de prata à prateleira, curvou-se sobre a mesa e começou a preparar fita adesiva e plástico bolha.

— Escolha maravilhosa, uma peça realmente fabulosa. Lindo arabesco. É colecionador? Quer que embrulhe para presente? Temos fita em algum lugar, não temos, Laura? Tem algum plano para o Natal? Vai ficar na cidade? Gostaria de ter seu nome em nossa *mailing list*? Vale a pena, o senhor será avisado antes, se alguma coisa especial…

— *Só a tigela* — disse o cliente, desistindo de se dar ao trabalho de ser educado.

Robin olhava a loja apertada e atulhada. As paredes da direita e da esquerda tinham suportes de espadas cerimoniais e prateleiras carregadas de prataria. Objetos mais altos, como urnas e centros de mesa ornamentais, estavam sobre bancadas, enquanto caixas de rapé e joias eram exibidas em armários de vidro. Símbolos maçônicos, agora se tornando familiares a Robin, estavam em toda parte: olhos dentro de triângulos, maços de trigo, colmeias, caixões e crânios. A parede de trás rompia a monotonia do mar de prata, porque exibia muitos

aventais e faixas antigos bordados a ouro, e os olhos de Robin se demoraram em um avental bordado com uma cabeça decapitada erguida por uma única mão.

Strike também fazia um levantamento da loja, disfarçadamente, mas concentrava-se na segurança, não na prataria. Ao lado da porta de entrada, havia um teclado do alarme que parecia ter sido instalado pelo menos uma década antes. Uma câmera pequena, que também parecia muitos anos desatualizada, estava posicionada em cima de uma porta empenada, atrás da mesa.

Quando, por fim, a compra do cliente foi colocada em sua sacola preta e prateada, Ramsay trotou para a porta da rua a fim de abri-la e, na ausência de sua voz, eles puderam ouvir a música natalina tocando nos alto-falantes.

I saw three ships come sailing in

On Christmas Day, on Christmas Day…

Ao sair da loja, o cliente, que tinha um dos olhos hipertrofiado e virado fixamente para o teto, fitou com o outro Strike e Robin com arrogância. Ramsay inclinou a cabeça enquanto o homem passava, como um lacaio. Depois de a porta ter sido fechada, Ramsay tirou as luvas brancas e foi até Strike para apertar sua mão, seu comportamento não menos frenético do que fora com o cliente.

— Quando telefonou esta manhã, eu pensei, "até que enfim". Um raio de esperança, foi o que pensei. Um raio de esperança. Estive lendo a seu respeito. Não poderia ter pedido por… Estou no meu limite, para ser sincero. Você pode ser o enviado de Deus que eu torcia para aparecer.

— Esta é Robin Ellacott, minha sócia — informou Strike.

— Como vai, como vai? — cumprimentou Ramsay. Seus olhos baixaram do rosto de Robin para seus seios e voltaram a subir enquanto ela apertava a mão dele. — Adorável… Quero dizer… o que gostariam de fazer primeiro? Dar uma olhada ou…?

— É, dar uma olhada — respondeu Strike.

— Muito bem, sim… Laura, pode tirar seu almoço agora — disse Ramsay à vendedora amuada.

Ela desapareceu por uma porta atrás da mesa, voltando um minuto depois com o casaco e a bolsa, e saiu, tilintando a sineta de novo.

— E então — retomou Ramsay, abrindo bem as mãos —, esta é a loja, obviamente, hahaha… vou lhes mostrar o cofre. Por aqui.

And what was in those ships all three

On Christmas Day, on Christmas Day?

Ramsay os levou até a porta preta atrás da mesa. Strike, de longe o maior dos três, andou com cuidado para não esbarrar em nenhuma urna nas bancadas.

— Como podem ver — disse Ramsay, parando para apontar a câmera acima da porta que levava ao cofre —, segurança de última geração. Uma câmera cobrindo a loja e outra no alto da porta do lado de fora… alarme… persianas de ferro nas vitrines à noite… e aqui embaixo… — ele precisou de duas tentativas para abrir a porta preta, mal encaixada no batente; no segundo empurrão, ela se abriu e revelou uma escada estreita que descia ao porão — … temos o cofre.

Ele acendeu um interruptor e iluminou a escada e um porão apertado. Os degraus de madeira da escada rangeram enquanto os três desciam. O espaço pequeno abaixo tinha um cheiro de mofo e dava a impressão de ter sido equipado de forma barata, muitos anos antes. A porta de aço de frente para eles tinha um segundo teclado ao lado e um volante de segurança; à direita havia uma porta entreaberta, revelando um banheiro minúsculo, e à esquerda havia uma pia, alguns armários laminados com xícaras e uma chaleira, e alguns ganchos na parede.

— Vamos olhar para o outro lado — informou Strike, enquanto Ramsay começava a digitar o código no teclado.

— Ah — disse Ramsay distraidamente —, sim… obrigado.

Quando a porta foi audivelmente aberta, Strike e Robin se viraram e viram o lugar onde William Wright fora morto.

O cofre, iluminado por uma única lâmpada pendurada no teto baixo, tinha altura para um homem de porte médio ficar em pé ali dentro, mas não Strike, e profundidade suficiente para acomodar deitado um homem da mesma altura. As paredes eram de tijolos aparentes e revestidas de prateleiras agora vazias. O cofre não continha nada além de cinco caixotes de variados tamanhos, todos carimbados com o nome Gibsons, que Strike sabia ser uma casa de leilões menor. Ele pegou seu bloco.

— Esses — começou Ramsay, apontando — são os caixotes em que chegou a prataria Murdoch… toda roubada — disse ele, olhando as prateleiras. — E eu nem mesmo as vi…

— Sério?

— Sim. Ela deveria chegar na sexta-feira, na hora do almoço. Vim aqui para

receber — disse Ramsay, como se a prataria fosse a visita de um potentado —, mas a Gibsons tinha muitas entregas naquele dia, então se atrasou e precisei voltar ao trabalho. Pamela ligou dizendo que tinham chegado…

— Pamela é…?

— Pamela Bullen-Driscoll. Minha cunhada, irmã da minha esposa. Ela estava nos ajudando na ocasião, com Rachel tão doente. Agora voltou para a vida dela.

— Você tinha hóspedes no fim de semana, não tinha? — perguntou Strike.

— Sim, e não poderia deixar Rachel sozinha com eles, então não vim aqui no fim de semana.

— Mas estava aqui na segunda-feira de manhã, quando o roubo foi descoberto?

— Ah, sim, porque eu queria ver John Auclair pessoalmente.

— Quem é esse?

— Um colecionador de prataria muito importante — explicou Ramsay. — Muito rico. Ele tinha me pedido para reservar a prataria Murdoch para ele ver, antes de oferecermos a mais alguém. Por isso Pamela nunca a retirou do cofre, só tirou as peças dos caixotes e colocou nas prateleiras… Eu desci aqui… abri a porta… e tudo tinha sumido… e Wright… bom, Knowles… — disse Ramsay, apontando o chão — … estava ali. De cara para baixo. As mãos tinham sumido. Eu nem acreditei no que vi. Não parecia real.

— De cara para baixo, você disse — falou Strike, fazendo anotações.

— É isso mesmo. E tinha sangue ressecado em volta da cabeça e…

Ramsay engoliu em seco, parecendo nauseado.

— As reportagens disseram que ele estava nu — comentou Strike.

— Sim, estava, a não ser por… Sim, ele estava nu.

— Soube que uma marca foi entalhada nas costas do corpo.

— Como sabe disso? — Ramsay arquejou, encarando o detetive.

— Foi mencionado em uma matéria da imprensa — mentiu Strike.

— Ah… pensei que eles não fossem revelar isso… Sim, era a Cruz de Salem. A marca de Murdoch.

Strike fez uma anotação, depois falou:

— E o corpo estava nu, exceto por…?

— Eu… O inspetor-chefe Truman me disse para não falar sobre isso.

— É mesmo? — perguntou Strike, encarando Ramsay.

— Bom, você entende… eles tentaram fazer o assassinato parecer… Truman disse que isso causaria mais problemas para mim. Entendi o ponto de vista dele. Foi consideração da parte dele. Gostei de Truman, ele foi o único que demonstrou interesse na recuperação da nossa prataria, mas depois foi afastado do caso. Não nos disseram por quê, ninguém nos conta nada… Sou um grande apoiador da polícia, um trabalho muito difícil, mas não fiquei nada impressionado com o pessoal que tem cuidado deste problema — disse Ramsay com ressentimento. — Não desde a saída de Truman.

— O corpo usava alguma coisa maçônica?

Robin viu a fé enfraquecida de Ramsay na polícia batalhar com seu desejo de ajudar os detetives, que ele parecia ver como sua última esperança.

— Sim — admitiu Ramsay numa voz fraca, por fim. — Uma faixa maçônica. Não consigo lembrar qual. Quando o viraram, eu não estava… concentrado na faixa. Os olhos e as orelhas tinham sido… Pamela gritou…

A voz de Ramsay sumiu.

— Tudo bem, acho que já vimos o suficiente aqui embaixo — disse Strike. — Se importaria se eu usasse seu banheiro?

— Não, claro que não — respondeu Ramsay, fechando a porta do cofre com o que parecia alívio. — Vamos? — Ramsay chamou Robin, que sorriu, e os dois subiram a escada. Depois que eles desapareceram, Strike, que não precisava ir a banheiro nenhum, aproximou-se do teclado ao lado do cofre para examinar mais atentamente.

Lá em cima, Ramsay conduziu Robin a uma das duas cadeiras de frente para sua mesa, em que havia um computador.

— Truman disse que falar da faixa e da marca seria fazer o que os assassinos queriam — explicou, sentando-se de frente para ela. — Foi uma distração óbvia. Ele sabia que as pessoas podem ser tolas a respeito dos maçons…

Ter sido solicitado a descrever o corpo parecia ter perturbado Ramsay, o que não era uma surpresa.

— Não sei se seu sócio lhe contou — acrescentou ele, enquanto mexia nas abotoaduras —, mas tem sido uma fase muito difícil para mim e minha esposa… Pavorosa, na verdade. E depois de perder toda a prataria Murdoch, quando ainda não tinha seguro… Passamos por anos horríveis, tudo foi… simplesmente infernal, na verdade. Tem sido infernal.

— Eu sinto muito — disse Robin, lembrando-se do jet-ski e do filho falecido. Ramsay piscou rapidamente. Com o único objetivo de distraí-lo um pouco, Robin olhou o armário de vidro mais próximo, repleto de pequenas quinquilharias de prata, e disse:

— Você tem algumas coisas lindas aqui.

— Ah, sim — disse Ramsay, iluminando-se —, e com preços muito bons!

Para consternação de Robin, ele se levantou num salto, recolocou as luvas e destrancou o armário.

— Um lindo reloginho de bolso — disse ele, segurando-o para ela em sua palma coberta de algodão. — Prata esterlina, não chapeado! Triangular, é claro. Símbolos maçônicos no lugar de números, está vendo? Mas naturalmente é mais um objeto masculino — disse ele, quando Robin não mostrou entusiasmo. — Para as senhoras… Você vai gostar desse…

Ele pegou um pequeno amuleto esférico de prata e abriu um fecho, de forma que se transformou em uma cruz articulada.

— Lindo, não? — disse ele. — E os símbolos maçônicos estão escondidos por dentro.

— Muito bonito — concordou Robin.

— Deveria dar uma dica a…

Os olhos de Ramsay foram ao dedo anular de Robin, sem aliança.

— … ou comprar para si mesma. De Natal.

Para alívio de Robin, Strike reapareceu, com o rosto meio contorcido. A escada era íngreme e o coto ainda reclamava, depois da Cornualha.

— Posso lhe fazer um bom preço — sugeriu Ramsay, sorrindo ansiosamente para Robin.

— Talvez em outra hora — respondeu ela, constrangida.

Ramsay trancou o armário com uma relutância evidente, voltou a sentar-se à mesa e procurou por um elegante catálogo de leilão na gaveta.

— Circulei tudo que arrematei — informou a Strike, enquanto este sentava-se ao lado de Robin. — Assim vai saber o que está procurando.

— Que bom — disse Strike, pegando o catálogo. A capa dizia *A coleção A.H. Murdoch* e mostrava uma espada e um grande navio de prata sobre rodas.

— Isto seria um *nef*? — perguntou Strike.

— Ah, você conhece prataria! — falou Ramsay com avidez. — Sim, foi

encomendado por Murdoch da prata de sua própria mina… a segunda maior do Peru, descoberta em 1827… e teve como modelo o *Carolina Merchant*, o navio que levou os primeiros franco-maçons para a América. Todos nós ficamos admirados que o bisneto dele quisesse fazer o leilão aqui em Londres, e não nos Estados Unidos…

Ramsay agora se lançou em uma explicação incessante do significado da prataria Murdoch, falando com a peculiar e insensível intensidade dos monomaníacos.

"… Murdoch, é claro, foi inspetor-geral da jurisdição da Louisiana…"; "… a maior e mais valiosa coleção de prataria maçônica do mundo"; "… bordas em *gadroon*…"; "… trabalho magnífico em malho do século XIX…"; "… brilhante gravação…".

— Podemos ficar com isso? — Strike interrompeu o fluxo de palavras ao alterar a voz.

— Ah… sim, sim, tenho outra cópia.

— Você é maçom? — perguntou Strike.

— Ah, sim — respondeu Ramsay. — E você?

— Infelizmente, não.

— Ah, pensei, sendo ex-militar… Um de nossos melhores clientes é um coronel da infantaria leve. O pai da minha esposa era maçom também. Ela é uma Bullen por nascimento. Bullen & Co.? Uma firma muito antiga de prataria. Fica nos Cofres de Prata de Londres. Estão no negócio há cento e vinte e sete anos.

— Nossa — comentou Robin, a quem em geral recaía a tarefa de ficar impressionada nas entrevistas.

— Mas quando o pai dela se aposentou alguns anos atrás, ele entregou a empresa à minha cunhada e ao marido dela. Decisão dele, é claro, cabia a ele — disse Kenneth com desdém. — Tínhamos esperança… mas, para resumir uma longa história, Pamela, Geoffrey, Rachel e eu fizemos um acordo e ficamos com o estoque maçônico… A Bullen & Co. tinha uma pequena linha secundária de artefatos maçônicos, nada da nossa escala, é claro. E abrimos esta loja.

— Que tipo de empresa havia aqui antes de vocês assumirem?

— Uma joalheria — informou Ramsay —, então o lugar já estava preparado para nós, na verdade. Muito conveniente.

— Mas você trocou todos os códigos quando assumiu a loja, não trocou? —

indagou Strike.

— Ah, sim, claro — confirmou Ramsay, antes de apontar o catálogo nas mãos de Strike e voltar a seu assunto preferido. — Consegui todas as peças Murdoch mais importantes. Fiz uma oferta antes do leilão e foi aceita. Pisei no calo de algumas pessoas, na verdade, hahaha; eram muitos os colecionadores interessados, esperando para dar um lance.

— Vamos falar de William Wright — disse Strike.

— Claro, o que precisar saber, pode perguntar — declarou Ramsay, mas continuou antes que Strike pudesse falar: — Nossa segurança é de fato de primeira, como pode ver, mas Knowles era um profissional, não era?

— Você o entrevistou para o emprego? — Strike quis saber.

— Sim, com Pamela, e ela gostou dele na hora, apesar do que disse depois. Era *ela* que vinha dizendo que precisávamos de mais alguém, porque ela não ia levantar as coisas pesadas, em particular subindo e descendo a escada… Nenhum de nós está ficando mais novo, e ela tem problemas nos olhos.

— Que problemas? — perguntou Strike.

— Ela fez aquela cirurgia a laser e não deu certo. Teve muitos problemas desde então, por isso pusemos o anúncio.

— Foram muitos candidatos? — indagou Strike.

— Não muitos. Os jovens têm expectativas irreais de salário hoje em dia, muito irreais — revelou Ramsay, eriçando-se um pouco —, mas Wright parecia o ideal. Um camarada baixo, mas forte… Nosso segurança tinha se demitido dois meses antes, veja bem, então pensei que Wright poderia cobrir as duas bases, por assim dizer. Ele lutava jiu-jítsu.

— Ele recebeu os códigos do alarme e do cofre quando começou aqui? Chaves?

— Ah, não — disse Ramsay. — Não, claro que não. De jeito nenhum.

— Você o via muito?

— Na verdade, não. Eu aparecia aqui às vezes na hora do almoço, para ver como andavam as coisas. Não, era só Pamela… Ah, e Jim, que aparecia para limpar duas manhãs por semana. Ele está conosco desde o começo, há alguns anos.

— Está se referindo a Jim Todd?

Ramsay não perguntou como Strike sabia o sobrenome do faxineiro, mas

falou:

— Esse mesmo. Um ótimo sujeito. Cheio de dificuldades, então o ajudamos com o trabalho. Ele limpa algumas empresas diferentes.

— Então, seria Pamela quem mais se relacionava com William Wright?

— Sim, e Jim o teria visto um pouco também. Mais do que eu. Como eu disse, estive muito ocupado, mas era importante manter a loja em funcionamento. É como se ela fosse nossa filha, sabe, e…

A voz de Ramsay falhou e Robin, pensando novamente no filho falecido, disse:

— Deve ser incrivelmente difícil para você.

— Tem sido — confirmou Ramsay com a voz rouca. — Sim. Tem sido.

Seu olhar vagou, aparentemente distraído, de volta ao peito de Robin. Ela cruzou os braços e ele virou a cara rapidamente.

— Então William Wright aparece em sua gravação de segurança, por toda aquela sexta-feira, 17 de junho? — perguntou Strike, seu tom menos solidário do que o de Robin. Ele notou o olhar.

— Sim, sim, ficamos com a câmera sempre ligada, caso apareçam ladrões. A polícia levou as gravações, depois do roubo ou… não, talvez ainda estejam aqui — admitiu Ramsay, olhando o computador —, mas eu não saberia como…

— Posso dar uma olhada? — perguntou Robin. — Temos uma câmera parecida em nosso escritório. Talvez eu consiga encontrar.

— Sim, claro — concordou Ramsay. — A senha — murmurou e, depois de algumas tentativas, conseguiu entrar corretamente, depois cedeu a cadeira a Robin.

— Pelo que sei, Wright saiu da loja por algum tempo, na sexta? — Strike sondou.

— Sim, muito brevemente, à tarde — confirmou Ramsay, assumindo a cadeira vaga de Robin. — Uma bobagem. O entregador confundiu dois caixotes. Mandaram o centro de mesa da Loja Oriental… você verá no catálogo, realmente magnífico… à Bullen & Co. por engano, e entregaram parte das coisas que *eles* arrematara m, para nós. Pamela percebeu o que tinha acontecido e enviou Wright à Bullen para pegar o material. Constrangedor para Pamela, na verdade — disse Ramsay, com o rosto ficando um pouco mais rosado. — Se isso não tivesse acontecido, não saberíamos que ela e o marido tinham dado lances para parte da

coleção Murdoch. Tínhamos um acordo de cavalheiros com a Bullen & Co. em que eles não competiriam conosco. *Nós* nos concentramos em prataria maçônica.

— E Wright trouxe esta peça de volta? — deduziu Strike.

— Sim, de táxi. Não demorou muito. Os Cofres de Prata ficam na mesma rua.

— Eu acho — começou Robin, com os olhos na tela do computador — que talvez consiga baixar a gravação relevante da câmera. Algum problema se pegássemos uma cópia, sr. Ramsay?

— Não, não, podem pegar.

— Você teria os números de telefone de Pamela Bullen-Driscoll e Jim Todd? — perguntou Strike.

Ramsay deu os números e Strike pegou a fotografia de Rupert Fleetwood que Decima havia lhe dado.

— Em sua opinião, há alguma possibilidade de que William Wright tenha sido este homem?

Ramsay olhou Rupert Fleetwood.

— Ah, não — disse ele. — Não, não. O que ele é… garçom? Wright usava óculos e tinha barba. E o cabelo era escuro.

— Desconsiderando o traje — continuou Strike — e tentando imaginar este homem de barba e cabelo tingido…

— Não, não — repetiu Ramsay, que parecia irritado —, não, ele não é nada parecido com Knowles.

Strike pegou a foto de volta.

— A polícia lhe mostrou fotos de dois homens chamados Niall Semple e Tyler Powell?

— Sim, sim, mas não eram eles, era Knowles — afirmou Ramsay, agora quase agitado. — Tenho *certeza* de que era Knowles.

— Tudo bem — disse Strike, fazendo anotações. — Alguém lhe ofereceu outro *nef* para venda, na época em que Wright veio trabalhar aqui?

— Outro *nef*? — indagou Ramsay, confuso. — Não, o do *Carolina Merchant* é o único que tivemos em nosso estoque. Não lidamos com objetos ornamentais que não sejam maçônicos.

— Certo — disse Strike, fazendo mais anotações. — E há algo de que se lembre em Wright que lhe parecesse estranho ou característico?

— Não, nada. Como eu disse, na verdade eu… Ah, mas havia as coisas que ele

pesquisava. A polícia descobriu isso.

— "Coisas que ele pesquisava"?

— Sim, nesse computador — revelou Ramsay, indicando o monitor na mesa. — A polícia vasculhou tudo e descobriu que ele pesquisava coisas estranhas.

— Encontraram o histórico de buscas dele?

— Sim, exatamente. Ele não deveria usar este computador. Só é usado para pedidos pela internet e para acessar o banco de dados de nossos clientes. Eu disse a Pamela: "o que ele estava fazendo, mexendo no computador?" Ela respondeu que devia ter sido quando ela saía para almoçar. Sabe, muita coisa disso foi por descuido de Pamela — disse Ramsay, em uma explosão repentina de ira. — Deveríamos ficar muito agradecidos pela ajuda dela, mas foi ela que saiu cedo na sexta, e isto fez com que Wright fechasse a porta sem disparar o alarme!

— É mesmo? — perguntou Robin, que tinha cortado, copiado e mandado por e-mail ao endereço da agência a parte relevante da gravação da câmera. — Por que Pamela saiu cedo?

— Ela… Era um problema particular — respondeu Ramsay, pouco à vontade. — Mas mesmo assim… um tremendo descuido da parte dela.

— O que Wright esteve fazendo online, você sabe dizer? — perguntou Strike.

— Ele procurava coisas sobre a franco-maçonaria e esteve em um site que falava de como limpar seu nome, escapar da prisão e coisas assim.

— Seria muito útil se conseguisse se lembrar de detalhes desse site — comentou Strike.

Kenneth torceu a cara de querubim.

— O nome era algo parecido com "inocente e acusado". Pessoas reclamando que armaram para cima delas, ou eram culpabilizadas por coisas que não tinham feito, e trocando conselhos sobre como sair dessa. Algumas coisas bem feias ali. Defendendo justiçamento, parte deles. Ensinando a se vingar.

— Consegue se lembrar de como era o site? Um logotipo, ou as cores?

— Tinha uma espécie de logo representando "olho por olho" — informou Ramsay. — Duas mãos, cada uma delas segurando um olho.

— E não há mais nada que possa nos dizer sobre Wright? — insistiu Strike. — Sotaque, menção à vida em casa, interesses?

— Bom, ele não diria a verdade a respeito de coisas assim, diria? — questionou Ramsay, frustrado. — Era um criminoso. Estava representando um papel. Ah —

disse ele de súbito —, mas tinha o e-mail. Descobrimos que Wright mandou um e-mail estranho daqui. Ele usou o endereço eletrônico da Ramsay Silver.

— Para quem o e-mail foi enviado? — Strike quis saber.

— Para um homem chamado Osgood.

— Você contou à polícia sobre isso?

— Ah, sim. Pamela descobriu, depois de percebermos que Wright estivera usando o computador. A polícia nos perguntou sobre isso, mas nenhum de *nós* mandou o e-mail. Ficamos todos perplexos, nunca ouvimos falar do homem… mas eu me atrevo a dizer que Osgood era um dos cúmplices de Wright no crime. Talvez ele o estivesse informando que conseguira se infiltrar na loja.

— Se importaria se ficássemos com uma cópia do e-mail? — perguntou Strike.

— Não, claro que não. Ainda está aí — disse Ramsay a Robin, que o encontrou sem muita dificuldade e encaminhou à própria conta e à de Strike.

— Sei que precisa voltar a seu escritório — disse Strike a Ramsay —, então, última pergunta: por acaso tem o endereço de onde Wright morava?

— Não fiquei com o currículo dele — disse Ramsay —, mas me lembro da rua: St. George's Avenue, Newham. Achei que era um bom presságio, quando vi. São Jorge.

— Por acaso se lembra do número da casa?

— Não, infelizmente não… Talvez na lista telefônica…

— Bom, obrigado por nos receber — agradeceu Strike. — Foi muito útil.

Ele se levantou, ainda segurando o catálogo que Ramsay lhe dera.

— Se tiver mais alguma pergunta, não hesite em me telefonar — disse Ramsay, enquanto se levantava. Agora que Strike e Robin estavam prestes a sair, ele mais uma vez parecia ansioso e meio patético. — Tome… fique com meu cartão. Para o que precisar…

Eles trocaram um aperto de mãos.

Enquanto Ramsay se agitava à frente para abrir a porta para os detetives, a voz de Dean Martin cantava nos alto-falantes da loja:

Silver bells, silver bells,

It's Christmas time in the city…

15

O ato de um homem que se dá no calor do momento, quando seu cérebro está em chamas, não é tão facilmente realizado quando exige a calma reflexão.

John Oxenham
A Maid of the Silver Sea

Strike olhou a câmera acima da porta de entrada por onde ele e Robin saíram na tarde fria. Ele suspeitava de que estivesse inativa, porque tinha uma rachadura perceptível na lente. Supôs que este era o motivo para que não aparecessem fotos na imprensa dos assassinos entrando na loja.

— Vamos dar uma olhada na Wild Street — disse ele, e os dois, saindo da Kingsway, foram para uma rua muito mais tranquila, sem lojas ou cafeterias. — É, eles devem ter trazido a prataria para cá — acrescentou, olhando os dois lados da rua — e enchido o carro de fuga. Tem um pub lá — continuou, apontando para o lugar onde eles se encontraram. — Quer comer alguma coisa?

— Boa ideia — respondeu Robin.

— O que Ramsay estava tentando te vender, quando eu subi? — perguntou Strike enquanto eles caminhavam.

— Hmm… primeiro um relógio de bolso triangular, depois um pingente que era uma bola que se transformava em uma cruz, com símbolos maçônicos ocultos quando era aberta. Quase fui persuadida a comprar essa.

— Nunca pensei que você fosse do tipo de cair em conversa de vendedor.

— Não sou, mas era uma peça bonita e…

— Você teve pena dele.

— Tive — admitiu Robin.

— Você não tem dinheiro para andar por aí tentando salvar idiotas da falência.

— "Idiota" é meio duro.

— Ele é um idiota — afirmou Strike implacavelmente. — Lamento pelos infortúnios pessoais dele, mas segurança de primeira uma ova. A segurança ali é tão desleixada que daria no mesmo deixar as malditas portas e vitrines abertas. Ele teria digitado o código do cofre bem na nossa frente se eu não o tivesse impedido, não colocou no seguro aquela prataria pela qual pagou uma grana, contratou um segurança sem treinamento para a loja por ser barato, não verificou direito as referências de Wright, nunca atualizou o alarme nem a câmera depois de comprar o lugar, as trancas da porta da frente…

— Sei de tudo isso, mas ele perdeu o filho, a esposa tem uma doença grave. As pessoas nem sempre tomam as melhores decisões quando estão passando por muito estresse.

— As pessoas que já têm problemas são as mesmas que não podem ter o luxo do descuido — declarou Strike.

Ele não notou a expressão ligeiramente confusa de Robin e não teria compreendido seu significado, se notasse. Ele não imaginava o quanto do seu tempo livre Robin passava se punindo pelo que ela agora considerava uma atitude desdenhosa em relação aos sinais de alerta nos seus dezenove e vinte e dois anos.

— O que foi fazer quando fingiu que precisava ir ao banheiro? — perguntou ela.

— Queria dar uma olhada naquela área dos funcionários. Não levaria muito tempo para adivinhar os seis dígitos que abrem o cofre, porque as teclas estão gastas. Você só precisaria memorizar o padrão feito por quem digitava o código. A pia e a privada estão limpas, então Todd não parece ter agido de um jeito incomum quando limpou a área dos funcionários antes de a polícia aparecer. Os armários embaixo da pia estão cheios de polidor de prata e desinfetante.

— Está pensando em conluio?

— É a primeira pergunta a se fazer quando acontece um roubo desses. Todd limpa o local, eliminando as impressões digitais, e Pamela sai cedo no dia do assassinato, deixando Wright para fechar tudo. Qualquer jogo de chaves-mestras abriria a tranca daquela porta, desde que o encaixe não estivesse fechado. Faz a gente pensar. — O pub Prince of Wales agora estava à vista, e Strike continuou: — Todos eles parecem ter álibis muito sólidos, então pode ter sido só desleixo. Se essa tal de Pamela estava preocupada com os joelhos e os olhos, em subir e descer a escada, ela pode ter dado o código do cofre a Wright para ele levar e retirar

coisas de lá, e não quis admitir isso a Ramsay nem à polícia. Primeiro as damas. — Strike gesticulou para Robin.

Ela passou pela porta que o sócio mantinha aberta, entrando no pub grande, lotado e barulhento, que tinha piso de tábua corrida, pilastras ladrilhadas e muito ouropel vermelho e dourado pendurado no teto.

— Vou pegar as bebidas — avisou Strike. — O que vai querer?

— Suco de laranja, por favor.

— Algo para ler enquanto espera — sugeriu Strike, entregando a ela o catálogo que Ramsay lhe dera. Ele foi ao balcão, já pesando as possibilidades não investigativas proporcionadas por este almoço aparentemente casual, enquanto a descontraída Robin sentava-se a uma mesa ao lado da janela e folheava o catálogo.

A introdução explicava que os objetos com "qualidade de museu" à venda foram todos comprados ou encomendados por A.H. Murdoch, explorador americano do século XIX, industrialista e grão-mestre da franco-maçonaria. A marca de Murdoch fora usada como imagem de fundo em várias páginas. Era um símbolo curioso: uma cruz inclinada com barras a mais. Kenneth Ramsay tinha circulado tudo que comprara, e Robin, examinando os preços estimados, deduziu que ele teria de pagar no mínimo cento e cinquenta mil libras para conseguir que as peças fossem retiradas do leilão. Os negócios dele estavam longe de florescer, então ela se perguntou como diabos ele conseguira o dinheiro.

A coleção A.H. Murdoch não era inteiramente maçônica. Havia uma ou outra peça de prata que era apenas decorativa, mas Ramsay não adquiriu nenhuma delas. Em vez disso, obteve uma seleção de objetos cujo uso era um enigma para Robin. O que, por exemplo, era um "malho de assentar"? Para ela, parecia um desentupidor, com um cabo de carvalho polido e uma peça cônica de prata maciça na ponta, com um entalhe complexo de uma estrela de oito pontas. Havia muitas colheres de pedreiro e esquadros, e várias "joias", que, aos olhos de Robin, eram medalhas, com desenhos complexos, inclusive uma águia de duas cabeças sobre uma cruz teutônica.

Quando Strike voltou à mesa com as bebidas e dois cardápios, encontrou Robin olhando a fotografia de um centro de mesa de prata decorado, que, segundo o catálogo, media quase um metro de altura.

— "Valor estimado: de sessenta a oitenta mil libras" — Robin leu em voz alta

o catálogo, virando-o para que Strike pudesse ver.

— Puta merda — disse Strike, encarando a coisa, que ele achava excepcionalmente feia.

— Este é o centro de mesa oriental que foi para a Bullen & Co. por engano — informou Robin, virando o catálogo para si a fim de examinar a profusão de símbolos que decoravam o objeto. — Escada de Jacó, uma acácia, o Olho da Providência, uma estrela cadente…

— Esteve estudando simbolismo maçônico?

— Sim… mas é estranho.

— É uma monstruosidade, isso sim — declarou Strike, olhando a peça de cabeça para baixo.

— Não isso, o roubo. Não é como roubar dinheiro, ou diamantes, que você pode vender com facilidade. Os ladrões não deveriam estar cogitando derreter a prata, porque seu valor está na forma. E esta peça sozinha deve ser imensamente pesada.

— E é por isso que acho que tudo deve ter ido para o carro de fuga na Wild Street. Mas por que alguém iria querer uma pilha de porcaria maçônica…

Robin pensou no sótão espartano em que Strike morava, sem quase nada de valor sentimental ou decorativo.

— Acho que você talvez subestime como as pessoas podem ser obsessivas por objetos, já que você mesmo não é uma pessoa de coisas.

— Uma pessoa de "coisas"?

— Existe algum objeto físico a que você seja realmente ligado?

— Sim, minha perna protética.

— Ha-ha… Você entendeu o que eu quis dizer. Não é só o tamanho e o peso delas — disse Robin, agora virando as páginas do catálogo —, todas estão publicamente ligadas ao assassinato de Wright. Acha que quem as roubou simplesmente as meteu em um porão em algum lugar e desce toda noite para se gabar por tudo aquilo?

— Boa pergunta — observou Strike. Ele bebeu um gole da cerveja, depois disse: — Outra pergunta é: por que Lynden Knowles queria um monte de prataria maçônica?

— Talvez ele conhecesse um comprador que não se importasse com os meios de obtenção? — sugeriu Robin na dúvida.

— Isso cheira bem para você? Um gângster que trafica armas de repente se tornando um receptador de alto nível?

— Na verdade, não — admitiu Robin.

— E se ele queria as coisas para si mesmo, o que acho muito improvável, por que ligar o assassinato do sobrinho a isso?

— É estranho — concordou Robin. — E por que matar Knowles no cofre? Teria sido mais simples…

— Dar um tiro na nuca dele no carro a caminho de um falso roubo, depois desovar o corpo? Tem razão, seria… O que quer comer?

— Sopa — respondeu Robin. — Não estou com fome.

Strike, que sem dúvida nenhuma estava com fome, partiu para o balcão, onde pediu sopa para Robin e peixe com fritas para si mesmo. Quando voltou à mesa, Robin lhe passou o celular, em que tinha puxado o e-mail destinado ao homem chamado Osgood, supostamente enviado por William Wright.

Ramsay Silver
Assunto: Algo que você deveria saber
Para: osgood@goodtunes.co.uk

prezado sr. Osgood (Oz)

Posso lhe ajudar com algo que sei que tem sido um problema para você, se concordar em se encontrar comigo.

— Enviado uma semana antes de Wright ser morto — notou Strike. — Sem garantias de que foi Wright que o enviou, é claro.

— Se não foi ele, é estranho que ninguém na loja tenha admitido ter feito isso — disse Robin, pegando seu telefone de volta.

— É verdade — concordou Strike. — Mas se a polícia pensasse que esse tal de Osgood teve alguma conexão com o assassinato e o roubo, era de se esperar que apareceria na imprensa. De qualquer forma, vamos tentar entrar em contato com ele.

— É estranha a rapidez com que o interesse da imprensa morreu, não é? — questionou Robin. — Quando souberam de Knowles, ninguém parece ter se importado mais que as mãos dele tenham sido decepadas e os olhos arrancados…

— Procedimento operacional padrão, não é?

— Como assim?

— Que os jovens violentos se eliminem. Ninguém liga.

— Mas este crime foi realmente *feio*. Fazer isso com um corpo… Se tivesse acontecido com uma mulher…

— Ainda bem que foi você quem disse isso, não eu.

— Por quê?

— Não está na moda dizer que os homens são vistos como descartáveis, em determinados contextos.

— Não estou dizendo que ele era *descartável*…

— Sei que não, mas não houve um décimo do interesse que teria havido se fosse uma mulher, mesmo que tivesse ficha criminal. E você tem razão, aquilo foi muito sádico — disse Strike. — Coisa de açougueiro.

— Só estou dizendo que se fosse uma mulher, teria havido um interesse libidinoso, porque ela estava nua — explicou Robin.

— É verdade — falou Strike —, mas os homens não apelam às emoções do público como fazem as mulheres e as crianças. Não estou dizendo que as mulheres têm uma vida fácil — acrescentou Strike, defendendo-se preventivamente de uma acusação que ele parecia ouvir pairando na conversa —, mas existem muito mais homens em situação de rua e eles recebem muito menos interesse da imprensa quando desaparecem… Não estou dizendo que as mulheres têm uma vida fácil — enfatizou ele —, só declarando fatos. Veja aqueles dois caras que eles não conseguiram excluir pelo DNA. Semple foi de algum interesse porque é um veterano ferido, mas Powell se ferrou. Dei uma procurada rápida por ele; nem um sussurro da imprensa a respeito.

— Encontrei algumas coisas — disse Robin, vasculhando a bolsa.

— Sério? — Strike ficou surpreso.

— Sim, olhe…

Robin passou a Strike algumas folhas de papel em que foram impressas umas fotografias que encontrara no Instagram e que pretendia colocar no arquivo do escritório quando tivesse a oportunidade. Todas foram ampliadas de fotos em grupo em que Tyler Powell fora marcado. Ele era um jovem de constituição forte, com orelhas grandes demais, um rosto meio torto e cabelo castanho cor de rato. Em uma das fotos, estava com uma camisa da seleção da Inglaterra.

— Tenho noventa e nove por cento de certeza de que é o Powell certo. As fotos foram postadas por pessoas de Ironbridge.

— Fica no caminho para Birmingham, não fica? — perguntou Strike.

— Exatamente — confirmou Robin.

Strike ficou satisfeito por Tyler Powell não morar mais perto de Londres. Uma viagem a Ironbridge poderia propiciar aquele tempo ininterrupto com Robin que ele desejava.

— Olha o verso da segunda folha — disse Robin. — Imprimi alguns comentários abaixo da última foto.

Strike obedeceu.

lolajonz não suporto ver esse FDP do Powell depois do que ele fez
rileymiley eca não dava para cortar o TP
ayeshaaaa por que ainda estamos vendo fotos desse babaca
ponzie2 chloegriff deleta esse post ninguém quer ver esse escroto

— Parece que ele ficou impopular — comentou Strike, virando a página para ver de novo a foto de Powell. Ele não parecia muito um cara mau, mas Strike se lembrava bem de um jovem soldado do corpo de atiradores que parecia um menino de coro de igreja e fora condenado por estupro no Chipre.

— Ainda não encontrei nenhuma rede social de Powell — relatou Robin —, mas vou continuar tentando.

— Tudo bem — disse Strike —, e vou perguntar ao Hardy se ele consegue descobrir alguma coisa sobre Niall Semple para mim.

A comida deles tinha chegado. Strike comeu algumas fritas, depois falou:

— Sabe de uma coisa, eu não me importaria de saber se o inspetor-chefe Truman algum dia enrola as barras da calça quando não está remando.

— Quê?

— É preciso enrolar a perna da calça durante a iniciação na franco--maçonaria. Prova que você não tem grilhões… é um homem livre. Não acho que os franco-maçons tenham matado Wright — opinou Strike, enquanto Robin abria a boca para falar —, mas Truman querer silêncio sobre a faixa e a marca nas costas do cadáver faz a gente pensar, assim como o fato de ele se esforçar muito para excluir a ligação com a franco-maçonaria na imprensa.

— Alguém na internet disse que Truman é maçom. Estava nos comentários de uma daquelas matérias da imprensa. Até deram a loja dele.

— É mesmo?

— Mas não é esse tipo de coisa que as pessoas *diriam*? Estive vendo umas teorias da conspiração sobre maçons, e as pessoas não conseguem se decidir se eles são uma fachada para a dominação mundial judaica ou afiliados da Ku Klux Klan.

— Tinha franco-maçons no exército, quando eu ainda estava lá — revelou Strike. — Hardy costumava me sacanear dizendo que isso influenciava as promoções. Ele dizia que, como a maçonaria é assunto particular de um homem, ninguém deixaria vazar para a vida cotidiana, mas eu testemunhei pessoas se aproximando de um conhecido grão-mestre em jantares informais. A franco-maçonaria costumava ser frequente na polícia também. Policiais e criminosos sérios pertencendo às mesmas lojas. Lembra-se de Duncan Hanrahan?

— Não — respondeu Robin.

— Franco-maçom e ex-policial que virou bandido. Tentou ganhar algum suborno por meio das ligações maçônicas na força policial. Posso ver se consigo descobrir algo sobre o inspetor-chefe Truman — disse Strike, fazendo uma anotação para isso.

— É realmente necessário? — perguntou Robin.

Strike a encarou. A sócia de repente parecia tensa, e Strike logo deduziu que ela estava preocupada com a reação do namorado, se ele descobrisse que a agência tinha voltado a atenção para um de seus companheiros policiais. Esta situação, Strike sabia, precisava ser tratada com muito cuidado. Ele ergueu as sobrancelhas.

— Você não acharia relevante se Truman tivesse um motivo pessoal para apressar a identificação de Knowles?

— Só não entendo como Truman ser maçom ia facilitar para que identificássemos Wright — rebateu Robin.

Na verdade, ela de súbito entendera as possíveis ramificações desta conversa descontraída. Robin já havia mentido a Murphy ao dizer que os dois estavam interessados em encontrar Rupert Fleetwood, e não em tentar checar a identificação de Knowles pela Polícia Metropolitana. O que ele diria se descobrisse que eles estavam vigiando lojas maçônicas em busca de sinais de um policial veterano entrando e saindo?

— Eu diria que é muito relevante para nossa investigação se o principal policial deixa que as lealdades pessoais superem seus deveres profissionais — afirmou Strike. — E se ele suprimiu informações porque era conveniente identificar Wright como Knowles? Qual era o nome da suposta loja de Truman, você se

lembra?

— Não — respondeu Robin com sinceridade, mas ficou mais abalada com o comentário sobre "lealdades pessoais". Não gostava da sensação de alianças divididas, que ela nunca experimentara durante um caso.

Decidindo temporariamente deixar de lado Truman e os maçons — é muito melhor que Murphy esteja irritando Robin, e não o próprio Strike —, o detetive comeu mais algumas fritas e disse:

— Bom, precisamos dar uma olhada nesse site que Wright visitou, para pessoas que foram acusadas erroneamente, mas é muito esquisito que Knowles tenha feito isso. Criminosos de carreira como ele não costumam precisar que estranhos na internet lhes digam como limpar a própria barra.

— Não — disse Robin —, mas *pode* combinar com Rupert Fleetwood. Talvez ele estivesse procurando conselhos sobre como convencer a polícia de que não tinha roubado realmente o *nef*?

— Ele subiu ao clube em plena luz do dia para roubá-lo, depois admitiu à namorada que tinha feito isso e se recusou a devolver, o que não é o comportamento de um homem querendo encobrir seus rastros. Se quer minha opinião, afanar aquele *nef* foi mais do que pelo dinheiro. Fleetwood estava mandando um gigantesco "foda-se" a Dino Longcaster. Longcaster era padrinho dele. Fleetwood deve ter suposto que poderia relaxar no trabalho por causa da ligação familiar, depois teve um chilique quando percebeu que não era o caso. A coisa toda cheira a arrogância e poder.

— Que bom que você tem a mente aberta a respeito dele — ironizou Robin.

— Não gosto de vigaristas e sanguessugas — rebateu Strike. — Mas tudo bem, só pela discussão: digamos que *fosse* Fleetwood no cofre. Ele se escondeu na Ramsay Silver para fugir de seus vários problemas e responsabilidades, pretendendo vender seu *nef* a Kenneth Ramsay, que acabou de mentir para nós a respeito da oferta de Fleetwood. Por que então ele usaria o computador do trabalho para descobrir como se safar de uma acusação de roubo? Ele desapareceu de vista e encontrou um possível comprador para a mercadoria. É de se pensar que ele estaria comprando champanhe online, não pedindo conselhos.

Robin agora parecia ainda mais perturbada.

— Qual é o problema? — perguntou Strike.

— Eu só… Não estamos fazendo algo imoral assumindo este caso, estamos?

Merda.

— Achei que tínhamos concordado em fazer isso para dar tranquilidade a Decima — respondeu Strike.

— Mas se realmente *não* achamos que era Fleetwood, se não existe a mais *leve possibilidade*…

— Sempre há uma leve possibilidade — disse Strike, mudando de opinião descaradamente. — Não prometemos a Decima que vamos provar que era Fleetwood no cofre. Daremos a ela um desfecho se provarmos que era outra pessoa.

— Até que ela comece a imaginar que Rupert foi vítima de outro crime não solucionado.

— Se a ilusão dela sobreviver à prova de que Fleetwood não era William Wright, ficarei feliz em avisá-la de que ela está nas garras de uma fixação mórbida.

— Você não acha que seria mais gentil fazer isso agora?

— Olha, *existem* semelhanças entre Wright e Fleetwood. Altura, constituição física, tipo sanguíneo, ser canhoto, Fleetwood desaparece, Wright aparece, a história da prata… Na verdade, no que diz respeito a Fleetwood, você poderia tentar convencer o amigo de Rupert, Albie Simpson-White, a falar com um de nós? Ele ainda se recusa a atender ao telefone sempre que ligo para o Dino's. Voz de mulher: menos assustador.

— Tudo bem — disse Robin, escrevendo um lembrete para si mesma.

— Também mandei um e-mail para o traficante de drogas e ex-colega de quarto de Fleetwood, Zacharias Lorimer, mas até agora nenhuma resposta. Darei mais alguns dias a ele, porque não quero desperdiçar dinheiro ligando para o Quênia, só para ele me dizer para não encher o saco. Ainda não tentei Sacha Legard e Valentine Longcaster. Provavelmente terei de mandar um recado a Sacha por intermédio do agente dele.

— Como ele é? — perguntou Robin, que foi incapaz de reprimir um leve frisson à menção do meio-irmão de Charlotte indicado ao Oscar.

— Parece alguém que se beneficiaria imensamente de levar um murro na cara.

— Strike!

— Você não o conheceu.

— Qual é o problema dele?

— Ele sempre recebeu tudo de bandeja; tudo que ele queria, desde o

nascimento. Os pais veneravam o chão que ele pisava, e ele acha que todos os outros sentem o mesmo.

— E isso *claramente* irrita você.

— Não. Bom — Strike cedeu —, um pouco. Não quer dizer que eu ficaria feliz se ele morresse.

— Meu Deus do céu, espero que não! — disse Robin, entre irônica e chocada. — Você costuma desejar a morte de quem não gosta?

— De algumas pessoas — respondeu Strike, pensando em Jeff Whitaker, o segundo marido da mãe. — Se eu soubesse que Mitch Patterson caiu morto no meio do tribunal, provavelmente comemoraria com uma cerveja, mas prefiro vê-lo na cadeia.

Até alguns meses antes, o ex-policial Mitch Patterson chefiara a agência de detetives rival para a qual Kim Cochran trabalhara. Nunca houve nenhum afeto entre Patterson e Strike, e durante a tentativa de derrubar os negócios de Strike e Robin, Patterson acabou preso pelo grampeamento ilegal do gabinete de um importante advogado.

— O julgamento começa na semana que vem — informou Robin.

— Eu sei, estou mais ansioso por isso do que pelo Natal. Aliás — disse Strike, fingindo uma ideia súbita —, se alguém vai falar com Sacha Legard, bem que poderia ser você.

— Por quê? É você que o conhece.

— É, o problema é esse. Suponho que ele saiba o que dizia o bilhete de suicídio de Charlotte, o que significa que ele não estará muito disposto a me receber no momento. Mas, pensando bem, isso deve se estender a você também.

Robin sentiu uma explosão quente na boca do estômago; não sabia se predominava o pânico ou o prazer, mas teve medo de enrubescer de novo.

Strike notou o rubor e esperou para ver se Robin ia ignorar o que acabara de ser dito ou se responderia a isso pela primeira vez. Olhando a sopa, ela disse:

— Sacha não pode te culpar pelo que ela escreveu naquele bilhete. Ela estava… Os jornais disseram que ela havia bebido e se drogado muito…

— Ela sabia exatamente o que dizia. Tinha dito tudo aquilo a mim antes, sóbria.

Isso era novidade para Robin. Antes que pudesse elaborar uma resposta, o celular de Strike apitou, e Robin aproveitou a oportunidade para sair da mesa,

resmungando que precisava ir ao banheiro.

Irritado com a interrupção, que ele considerou extremamente inoportuna, Strike atendeu.

— Oi — disse Midge —, é só para te informar que Kim e eu trocamos de turno esta noite. Ela vai ao Dorchester com você.

— Por quê? — perguntou Strike, emburrado.

— Ela acha que o Plug a viu ontem, então prefere que ele não a veja de novo hoje.

— Tudo bem — disse Strike. — Obrigado por me informar.

Ele desligou, ainda irritado. Tinha esperanças de fazer o trabalho no Dorchester com Robin — sentados no bar, os dois vestidos para se infiltrar em um baile de caridade, podia ser exatamente o ambiente certo para a declaração que ele pretendia fazer —, mas infelizmente Robin tinha a noite de folga.

Enquanto isso, uma Robin agitada estava dentro de um reservado no banheiro feminino, perguntando a si mesma que jogo era aquele de Strike, trazendo de novo à tona o bilhete de suicídio de Charlotte. Conhecendo o sócio tão bem como Robin conhecia, duas possibilidades lhe ocorreram. Ou ele estava fazendo declarações diretas do fato sem qualquer constrangimento, referindo-se ao bilhete puramente porque podia influenciar a atitude do meio-irmão de Charlotte em relação a ele e Robin, ou…

Ou o quê? Estaria ele tentando dizer-lhe indiretamente que tinha sentimentos mais profundos por ela do que admitira antes? Estaria ele pressionando para ver se ela sentia o mesmo? Ou era seguro fazer esse jogo, agora que ela estava com Murphy? Seria o objetivo do sócio minar a relação dela, porque era melhor para ele que Robin ficasse solteira, o que diminuiria o risco de ela abandonar a agência?

Com uma irritação crescente, Robin se perguntou por que, se Strike tinha algo a dizer, precisava ser formulado dessa forma, em termos saídos direto da boca de uma mulher morta e que poderiam ser negados de forma plausível. O que ela deveria dizer, em um pub lotado, no meio de um trabalho: "Charlotte tinha razão? Você *está* apaixonado por mim?" Se Strike de fato sentia alguma coisa por ela que se aproximasse do amor, ele teve incontáveis oportunidades de dizer isso, não teve? Ela sofrera pelos próprios sentimentos por ele muito mais do que queria admitir a si mesma hoje em dia. Se ele tivesse sugerido tais sentimentos dois anos

antes, tudo poderia ser diferente… ou não? Como Robin sabia, pelo contato longo e próximo com ele, Strike não se comprometia com relacionamentos. Pelo que ela sabia, ele só conseguia se manter em um por alguns meses, e Robin agora tinha idade suficiente, e sensatez suficiente, para saber que nunca seria o tipo de pessoa que iria atrás de sexo casual ou ficadas. Era importante se lembrar disso sempre que seus pensamentos indisciplinados vagassem para Cormoran Strike…

Ela pensou em Murphy, que não fazia joguinhos, que dizia francamente o que sentia por ela, que não tinha problemas para falar de um futuro com ela e não abandonava relacionamentos ao primeiro sinal de problemas; que não era, em resumo, um idiota irritante que mexia com seus sentimentos para promover intenções confusas, mas provavelmente egoístas. Não tinha sentido, para não dizer que era masoquismo, remoer como se sentira quando abraçara Strike no dia de seu casamento, ou quando eles se olharam nos olhos na calçada na frente do Ritz, e ela sabia que ele estava prestes a beijá-la, ou quando segurou a mão dele na cama que os dois dividiram, depois de ela ter fugido da Fazenda Chapman…

Houve uma batida alta na porta do reservado em que Robin estava sentada e ela se assustou.

— Tem alguém aí? — perguntou uma voz irritada.

— Sim — respondeu Robin, e rapidamente vestiu a calça e deu a descarga.

De volta à mesa, Strike ainda comia fritas quando o celular de Robin, que ela deixara virado para cima na mesa, recebeu uma mensagem. Sendo bom em ler as coisas de cabeça para baixo, Strike não precisou tocar no telefone para ver:

Ryan

Talvez a gente possa comprar algo como esse aqui www.rightmove.c...

Merda, merda, merda…

— Como está seu peixe? — perguntou Robin, sentando-se de frente para ele. Ela olhou rapidamente o telefone, depois o colocou na bolsa sem responder à mensagem.

— Muito bom — respondeu Strike.

Esta indicação de que Murphy e Robin pareciam pensar em morar juntos foi um golpe significativo em Strike. Além disso, ele sentiu, pelo tom de Robin, que continuar a apelar ao bilhete de Charlotte não seria aconselhável. Relutando em abandonar completamente o campo, porém, ele disse:

— Você contou a Murphy que pegamos o caso de Decima?

— Contei.

— Como ele reagiu?

— Bem — disparou Robin.

Strike se retraiu, mas só a um terreno um pouco mais seguro.

— Vou mandar um e-mail a Sacha Legard e ver se ele está disposto a se encontrar com um de nós.

Fosse porque a conversa tinha dado uma guinada de volta ao bilhete de suicídio de Charlotte ou não, Robin agora olhava o relógio.

— É melhor eu ir andando. Preciso estar em Camberwell em quarenta minutos.

— Tudo bem — disse Strike, enquanto Robin pegava as coisas dela —, mas vamos tentar ir à St. George's Avenue e falar com os colegas de quarto de Wright em breve. O ideal seria que nós dois fôssemos, ou vai levar o dia todo para achar a casa certa, uma vez que não temos o número.

— Tudo bem — falou Robin, agora com pressa. — Me informe quando.

16

(…) esta menina rebelde (que reconheço
apenas um pouco mais do que você, em seu vestido extravagante,
fala excêntrica e humor variável,
talvez não muito sábia, mas um pouco ousada,
ainda assim adequada, já que toda a obra da noite é estranha)
— Que tenha razão (…).

Robert Browning
In a Balcony

Strike voltou ao escritório em um estado de espírito muito pior do que quando tinha saído. Podia ser o cúmulo da hipocrisia ficar irritado por Robin (como ele entendia) ter escondido o fato de que procurava uma casa com Murphy — o quanto ele escondeu da própria vida privada, em toda a amizade dos dois? —, mas isso de forma alguma diminuía seu ressentimento.

Siga o plano de jogo. Ele entrou na sala interna, abriu a escala de trabalho e identificou a segunda-feira como o melhor dia para ele e Robin irem à St. George's Avenue juntos, reservando tempo suficiente não só para identificar a antiga residência de William Wright e, com sorte, interrogar os vizinhos, mas também para tomar outra bebida com Robin, sob a desculpa de conversarem sobre o caso. Depois de fazer os ajustes necessários, Strike voltou a atenção a Niall Semple, o ex-paraquedista que estava desaparecido havia seis meses.

Como dissera a Robin, houve um leve interesse da imprensa em Semple quando ele desapareceu, embora tenha arrefecido rapidamente. Strike abriu um artigo que ainda não havia lido, em que a esposa de Semple, Jade, implorava por informações sobre o paradeiro do marido. A matéria continha três fotos: uma de um Semple barbeado na farda de paraquedista, a segunda do dia do casamento e a

terceira, registrando a última vez que ele fora visto, em um caixa eletrônico em Camden.

De pescoço grosso e maçãs do rosto salientes, Semple era um homem bonito de cabelo louro curto e olhos azuis brilhantes; parecia o tipo físico retratado com mais frequência como um jovem nazista no cinema, embora seu sorriso fosse cativante na foto com o rosto bem barbeado.

Porém, na foto de seu casamento, ele tinha uma barba cheia — uma opção muito incomum para um soldado do exército britânico — e aparentava estar mais severo do que feliz. A esposa, Jade, parecia uma boneca pintada demais. Strike não era fã da moda corrente de exageros no uso de lápis e sobrancelhas angulosas que Jade adotara. O cabelo volumoso, tingido de um preto-azulado, estava puxado para trás em um penteado semicolmeia, com mechas soltas nos ombros, e o corpete do vestido de casamento era parcialmente transparente e tinha sido feito para realçar o decote. Ela parecia minúscula ao lado de Semple que, segundo o artigo, tinha um metro e setenta. Strike não achou Jade Semple atraente, mas podia imaginar que, para homens que gostavam desse tipo de coisa, que tinham prazer em se sentirem grandes e másculos ao lado de mulheres de proporções diminutas, ela era um partidão.

A última foto, de Semple em um caixa eletrônico em Camden, em 4 de junho do ano anterior, mostrava um homem desalinhado com uma barba desgrenhada que, de forma muito incongruente, segurava uma maleta de metal. Strike estreitou os olhos para a mão que segurava a maleta. Ou Semple estava com um robusto relógio de metal, ou tinha se algemado a ela.

Ele leu o artigo por alto e soube que Semple tinha passado por uma cirurgia no cérebro em 2014 e subsequentemente fora dispensado do exército, inapto para o serviço. Ele desapareceu da casa de sua família em Crieff, na Escócia, em 27 de maio, dias depois do enterro da mãe.

> "*Estou desesperada", declarou Jade Semple. "Estou muito preocupada, não consigo dormir nem comer, só quero que Niall entre em contato e, se alguém o viu, por favor, por favor, ligue para a polícia. Tenho muito medo de que ele esteja dormindo na rua ou metido em alguma situação ruim.*"

Strike se recostou na cadeira do computador, pensando não tanto no que o

artigo continha, mas no que não continha. A falta de detalhes sobre o incidente que deixara Semple tão gravemente ferido a ponto de encerrar sua carreira militar era particularmente interessante. Ele abriu o Facebook, encontrou com facilidade a conta de Jade Semple e rolou de volta à data em que o marido desaparecera. Um grupo de fotos de 26 de maio mostrava uma festa à fantasia. Jade tinha uma gêmea idêntica: ele não sabia dizer se era ela a vestida de Princesa Peach da franquia da Nintendo ou aquela vestida de Rosalina. Não havia sinal do marido em nenhuma foto da festa.

Desse dia em diante, Jade tinha postado apenas pedidos de informações sobre o marido desaparecido e links para as matérias da imprensa sobre seu desaparecimento. A última foto mostrava Jade segurando um filhote de cachorro que parecia um montinho de pelos alaranjados com a legenda #NovoBebêPeludo.

Strike enviou a Jade uma mensagem privada explicando quem ele era, que fora contratado para investigar o corpo encontrado no cofre de prataria e deu a ela o número de seu celular. Depois procurou o e-mail que havia recebido meses antes do ex-colega da Divisão de Investigação Especial e amigo Graham Hardacre, que ele deixara de conferir ou responder. Tinha acabado de localizá-la quando chegou uma mensagem de Kim.

Onde quer se encontrar esta noite? K bj

Strike notou o beijo descontraidamente anexado e não gostou muito disso. Respondeu:

Na frente do Dorchester, às 7

Tinha acabado de enviar a mensagem quando o celular tocou com uma ligação de Barclay.

— Tem alguma coisa rolando — disse o escocês em voz baixa, antes que Strike pudesse falar. — Plug está visitando algum complexo, com dois homens.

— O que quer dizer com "complexo"?

— Terreno baldio, cercas altas, galpões… Estamos bem ao norte de Ipswich. No meio do nada. Estou ouvindo cães de guarda. Tem alguma coisa rolando —

repetiu Barclay. — Se eu ficar por aqui até escurecer, talvez consiga entrar lá.

— E os cães?

— Vou vestir minha calça de salsicha.

— Tudo bem, mas faça-me o favor de não ser apanhado. Da última vez que Midge invadiu uma área particular, foi perseguida por um cara com um chicote de equitação.

— Tá, mas foi com a aristocracia — observou Barclay. — Pelo jeito desse pessoal, haverá facas.

— Não temos seguro de vida, Barclay.

— Eu costumava beber em Barlanark nos anos 1990 — disse Barclay. — Nenhuma noite era completa sem algumas facadas de leve. A gente se fala depois.

Quando Barclay desligou, Strike voltou ao seu e-mail a Hardacre, com o qual tomou algum cuidado, lembrando-se de perguntar sobre a esposa e os dois filhos do amigo, cujos nomes ele conseguira, com um grau significativo de esforço, lembrar.

Às cinco e meia, ele trancou o escritório e subiu para tomar um banho, comer um sanduíche e trocar de roupa antes de ir para o Dorchester. Seu mau humor piorou com o fato de que ele considerava as atividades da noite — infiltrar-se em um jantar de gala em benefício de uma instituição filantrópica para crianças — inteiramente inúteis. A sra. B compareceria, e o cliente insistira que a esposa deveria ser mantida sob vigilância ali, embora Dominic Culpepper atualmente estivesse em Lancashire. O sr. B achava que a ex talvez "mencionaria ter trepado com ele, quando estivesse de guarda baixa".

De banho tomado e vestido para o jantar, Strike ponderou se iria a pé até Dorchester a fim de contrabalançar o peixe com fritas de mais cedo ou se pegaria um táxi, porque sua perna ainda doía, e chegou a um meio-termo indo a pé até que um táxi aparecesse, o que aconteceu na Shaftesbury Avenue.

A noite estava fria, e a combinação da espalhafatosa iluminação natalina de Londres e dos festeiros animados com a chegada do fim de semana que lotavam as calçadas escuras parecia zombar do humor de Strike. Conforme o táxi desacelerava diante do Dorchester, que estava decorado com muita folhagem e milhares de pisca-piscas vermelhos, ele viu Kim Cochran sozinha ao lado da escada com um vestido vermelho justo, de gola alta e manga comprida, através do qual os mamilos ficavam claramente visíveis. Ela muito obviamente estava sem

sutiã.

Ele saiu do táxi e pagou ao motorista que, compreensivelmente, olhava para Kim em vez do homem parrudo e de nariz torto metendo notas de cinco em sua mão estendida.

— Boa noite — disse Strike, quando chegou a Kim.

— Nossa, você se produziu bem — comentou Kim, sorrindo.

— Você também — falou Strike, por educação.

Muitos outros homens vestidos a rigor passavam pelas portas giratórias na frente do hotel, acompanhados por mulheres muito maquiadas, de seda e paetês. Enquanto Kim ia à frente de Strike para entrar pela porta giratória, ele viu que seu vestido era um modelo costas nuas; revelava um longo trecho de pele macia e um único sinal, ligeiramente à direita da coluna.

— Tem um lugar ali em que podemos nos sentar um pouco — disse Kim, apontando o saguão longo com piso de mármore. — E fiz o reconhecimento do banheiro feminino, porque pretendo entrar e sair de lá com frequência, para o caso de ela deixar alguma coisa escapar durante o papo de mulheres. *Meu Deus*, minha garganta está implorando por uma bebida. Tive umas horas *muito* estranhas.

— É? — murmurou Strike enquanto eles chegavam à área com assentos. — E por quê?

— Primeiro, olha só: recebi um telefonema de Farah Navabi.

Strike se interessou de imediato. Farah Navabi era uma detetive extremamente bonita, mas não particularmente competente, que fora empregada por seu nêmese do passado, Mitch Patterson.

— O que ela queria?

— Me contratar. Está abrindo a própria agência.

— Como foi que ela conseguiu isso? Ela plantou uma maldita escuta para Patterson. Vai ter de cumprir pena junto com ele.

— Ela está confiante no contrário — informou Kim. — Você não conhece Farah como eu. Essa mulher pode escapar de qualquer coisa. *Meu Deus*, eu preciso de uma bebida.

— E o que você disse? — perguntou Strike.

— Eu disse a ela para ir se danar, é lógico. Estou feliz onde estou e… Ah, lá vem ela — acrescentou Kim em voz baixa.

Strike olhou em volta. A sra. B. andava em direção às portas do salão, o

mesmo casaco de pele sintética que estivera usando na Mount Street, agora aberto e revelando um vestido roxo e longo com paetês. Estava acompanhada por uma loura de vestido dourado com corpete tão apertado que Strike não sabia se os órgãos internos da mulher ainda estariam nos lugares certos.

— Vou ver se tem alguma coisa interessante sendo dita na chapelaria — disse Kim, levantando-se para seguir a mulher.

— Estarei no bar.

Strike se colocou de pé: a sra. B não deveria vê-lo sentado ali, sozinho. Eles não conseguiriam segui-la até o jantar de gala, é claro, mas Strike sabia, por trabalhos semelhantes, que depois que a comida era consumida, e desde que você estivesse adequadamente trajado e se portasse com certo grau de legitimidade natural, era muito fácil entrar de penetra nesses eventos.

Depois de anos seguindo os ricos, Strike estava familiarizado com o layout da maioria dos hotéis cinco estrelas de Londres, então virou à esquerda no final do saguão. O bar do Dorchester era decorado em dourado e verde com toques Art Déco e estava tomado de mais folhagem e luzes de Natal. Ele foi informado pelo homem na porta, que enfatizou a boa sorte de Strike, que eles poderiam espremê-lo no bar. Strike pediu um uísque duplo e tinha acabado de pegar o telefone para matar tempo, quando o aparelho tocou em sua mão.

— Strike.

— Sim — disse uma voz de mulher, tão alto que Strike estremeceu e afastou o celular da orelha —, aqui é Jade Semple — o sotaque do estuário era tão forte que ela pronunciou seu sobrenome como "Sempaw" —, esposa de Niall. Você escreveu para mim no Facebook.

— Ah, sim — disse Strike —, obrigado por me…

— Como vou saber que você é quem diz ser?

Ela lançava a voz como se falasse com ele do fundo de um poço e isto fez com que ele se lembrasse de Bijou Watkins, que era igualmente gritalhona.

— Podemos passar ao FaceTime, se preferir. Posso mandar uma foto da minha carteira de habilitação.

Ele ouviu uma voz de homem falar ao fundo e entendeu que estava no viva-voz.

— Não é difícil ter uma carteira de habilitação falsificada — disse o homem.

— Ou podemos nos encontrar pessoalmente? — sugeriu Strike.

O telefone agora parecia ter trocado de mãos, porque o homem falou em volume máximo:

— Quem te contratou?

— Não posso revelar isso, infeli…

— Imprensa — disse o homem com confiança. — Eu te falei, garota.

A linha ficou muda.

Strike de imediato salvou o número do celular de Jade Semple, que ela imprudentemente deixou de ocultar.

— Nada de interessante na chapelaria — disse uma voz no ouvido de Strike. — Ah, que bom, vamos beber. Uma vodca com tônica, por favor — pediu Kim ao barman. — Eles todos estão se sentando para o jantar — informou a Strike.

A bebida de Kim chegou na mesma hora em que o homem ao lado de Strike se levantou da banqueta, e ela sentou-se em seu lugar.

— Opa — disse ela, com outra risada, quando o vestido ficou agarrado no salto, puxando-o para baixo, nas costas, e deixando Strike com bons motivos para supor que ela não usava absolutamente nada sob ele. Ela tomou vários goles do drinque antes de falar:

— *Meu Deus*, eu precisava disso… Mas, então, olha só. Logo depois de Navabi me ligar, meu ex apareceu na minha porta. Eu estava vestida assim — disse ela, gesticulando para o vestido —, então obviamente ele achou que eu ia sair com alguém novo… uma boa briga, é lógico. Ele é *tão* idiota. Nós nos separamos — continuou ela, embora Strike não tivesse perguntado — porque ele foi despedido, e ficar desempregado passou a ser toda a personalidade dele. Não estou brincando! "Oi, meu nome é Ray, eu não trabalho."

Ela riu de novo. Strike não achava que estivesse embriagada, mas havia um ar um tanto frenético nela que o lembrou de Kenneth Ramsay, tagarelando desesperadamente numa tentativa de vender o que não era desejado. Strike não desejava de forma alguma ouvir sobre a vida pessoal de Kim, mas o silêncio prolongado poderia provocar perguntas indesejadas sobre seu humor, então ele perguntou:

— O que ele fazia?

— Trabalhava para um fundo hospitalar — respondeu Kim — e agora só fala "você me deixou quando eu estava na pior". Quer dizer, existem outros empregos, Ray. Crie coragem e mande seu maldito currículo, hahaha. Ah, meu

Deus, olha só ela…

Os olhos de Kim seguiam o reflexo, no espelho acima do bar, de uma mulher alta e magra que claramente tinha feito muito procedimento estético no rosto. Strike se lembrou da mãe de Charlotte, Tara, cuja foto, da última vez que ele vira, mostrava um uso exagerado de preenchimento.

— Por que elas fazem isso? — perguntou Kim. — Que sentido tem? Olha só o pescoço e as mãos dela… não enganam ninguém. *Você* faria? — perguntou a Strike, sorrindo com malícia.

— O que, plástica? — perguntou Strike, sabendo muito bem do que ela falava.

— Não — disse Kim, rindo enquanto lhe dava um cutucão — *você* sabe…

Só o que precisava fazer, pensou Strike sombriamente, era aguentar as duas horas seguintes. Ele pediu outra bebida, e Kim fez o mesmo. Ela tagarelava sem parar, e, embora Strike prestasse a mínima atenção possível e suas respostas fossem superficiais, ele soube, sem desejar, muito mais do que queria sobre a mais recente terceirizada. Ray, disse-lhe ela, tinha sido marido de uma amiga também da polícia ("bom, agora ex-amiga, é lógico, hahaha"); o relacionamento foi o principal gatilho para Kim sair da Metropolitana ("é tudo política mesmo, eu já estava farta"); ela também teve dois casos longos e complicados em seus vinte anos, ambos com policiais casados. Strike achou estranho, para dizer o mínimo, que ela lhe contasse todas essas coisas espontaneamente, embora ela parecesse supor que ele tomava suas histórias como sofisticadas e empolgantes, e não vulgares.

— … queria filhos, o que eu não quero, então foi o fim de tudo…

Judy Garland cantava "Have Yourself a Merry Little Christmas" em alto-falantes ocultos. Os pensamentos de Strike vagaram de volta a Robin. Uma longa viagem à Escócia para entrevistar Jade Semple significaria uma noite fora a seiscentos quilômetros de Murphy, e era exatamente o tipo de situação que ele esperava que este caso proporcionasse. Ele teria de pressionar Jade Semple. Neste exato momento, Robin e Murphy poderiam estar visitando a casa que Strike viu no celular dela. E se houvesse um presente de Natal em forma de aliança na bolsa de viagem de Murphy?

— … literalmente me ofereceu dinheiro para ficar. Dá para imaginar? *Dinheiro!*

Someday soon we all will be together

If the fates allow…

— … feliz por estar trabalhando no Natal, para ser sincera… Vou ver se já podemos entrar — disse Kim, deslizando da banqueta e indo para o salão de baile, sua vista traseira atraindo a atenção de muitos homens no bar.

Strike pediu um terceiro uísque, pegou o telefone de novo e, em busca de distração, abriu o site "A verdade sobre os maçons" e começou a ler respostas às muitas perguntas que as pessoas tinham feito no site.

GI-67: Os judeus podem ser maçons?

Stolkin: Sim, os maçons podem ser de qualquer religião, embora os católicos não recebam permissão da própria Igreja para ingressar.

AustinH: É verdade que os maçons se protegem?

Gareb 7: Em um sentido fraterno, sim. Se está pensando em esconder crimes, não, quem faz isso é a máfia.

— As portas estão abertas — disse a voz de Kim no ouvido de Strike. — Ela está bêbada e dançando.

Strike pagou ao barman e seguiu Kim para o saguão. Enquanto se aproximavam das portas duplas do salão, Kim passou a mão pelo braço de Strike, tagarelando e rindo, e eles entraram no evento de gala sem ninguém contestar.

Havia vasos altos cheios de flores brancas e pingentes de cristal nas mesas redondas. Garçons e garçonetes uniformizados serpenteavam pela festa, recolhendo garrafas vazias. A pista estava lotada, mas Strike localizou a sra. B na beira dela, dançando cara a cara com a mulher de vestido dourado ao som da música "Shout Out to My Ex".

— Mas isso não é apropriado? — comentou Kim em júbilo, já rodando com a música. — Vamos dançar?

— Não é o meu forte — respondeu Strike. — A perna.

— Tudo bem, eu vou sozinha — disse Kim, e se afastou dele com fluidez em direção à sra. B e a amiga, permitindo a ele outra olhada naquelas costas longas e nuas.

— O que — disse uma voz gélida ao lado de Strike — *você* está fazendo aqui?

Strike se virou e viu uma mulher branca e baixinha de cabelos castanhos e olhos grandes e escuros, que usava um vestido preto sem alças.

Ah, merda.

— Um amigo me convidou. Uma boa causa — respondeu Strike.

— Papo furado — rebateu a honorável Nina Lascelles.

Ele havia ido para a cama com ela duas vezes, seis anos antes. Ela era bem bonita, mas não foi por isso; ela simplesmente o ajudou a obter uma prova importante em um caso. Parecia grosseria na época não fazer sexo com ela, porque ela claramente queria, mas a história no mínimo estranha dos dois não foi a única razão para lastimar a presença de Nina ali naquela noite. Nina por acaso era prima de Dominic Culpepper, o jornalista que o sr. B suspeitava estar dormindo com a ex-mulher, e Nina claramente estava bêbada o bastante de champanhe barato para deixá-la desinibida.

Com a intenção de ter uma conversa civilizada, Strike perguntou:

— Com quem você está?

— Meu noivo — respondeu ela.

— Ah — murmurou Strike —, parabéns. Quem é ele?

Nina apontou para um louro parrudo que cambaleava pela pista ao lado da sra. B.

— Belos passos — comentou Strike. Nina não sorriu.

— O que você está *realmente* fazendo aqui?

— Eu já te falei — insistiu Strike. — Crianças. Uma boa cau…

— Você está atrás de alguém aqui.

— Sou um doador. A instituição ajudou meu afilhado.

— Ah — disse Nina. Ela claramente imaginou que nem mesmo Strike seria capaz de mentir dizendo ter um afilhado gravemente doente. — Tá legal. Desculpe.

Ele quis se afastar, mas achou desaconselhável fazer isso de um jeito que ela considerasse grosseiro. Por que diabos ele simplesmente não disse "obrigado" ou mandou flores, seis anos antes?

Shout out to my ex…

— Dominic está chateado com você! — Nina gritou para ele. — Ele disse que você cresceu muito para dar atenção a ele. Só passa dicas a Fergus Robertson hoje em dia.

— Você diria que Robertson é maior do que Dominic? — perguntou Strike. Robertson era um jornalista escocês baixinho e careca de origem humilde, enquanto o primo repórter do showbiz de Nina era egresso de uma escola de

elite. Como a expressão de Nina continuou gélida, Strike disse, sabendo muito bem que a resposta era não: — Dominic está aqui?

— Não. Aquela é sua acompanhante? — perguntou Nina, vendo Kim dançar praticamente costas com costas com a sra. B.

— É — confirmou Strike.

— Hmm — murmurou ela, com um leve desdém. Nina bebeu um gole de vinho, desajeitada.

"Shout Out to My Ex" tinha terminado. A sra. B e a amiga cambalearam, rindo, e foram para o que Strike supôs que fosse o toalete. Kim foi atrás delas.

— Qual é o nome dela? — perguntou Nina, com os olhos seguindo Kim.

— Linda — disse Strike, sem pensar muito, depois se perguntou por que diabos o primeiro nome a brotar pelos lábios era o da mãe de Robin, que o detestava.

— Ela também é detetive?

— Não, ela trabalha em uma loja.

— Claro que trabalha — zombou Nina.

— As pessoas *trabalham* em lojas — afirmou Strike. — Nem todo mundo trabalha em editoras ou como RP.

— Sei disso, *obrigada* — disparou Nina, bebendo outro gole de vinho.

Strike queria continuar a beber e desejou ainda mais que Nina desse o fora. Ela não queria dançar com o noivo, que agora cambaleava ao som de "Rockabye"?

— Ainda na Roper Chard? — perguntou ele.

— Sim — confirmou Nina. — Na verdade — acrescentou, com um riso levemente sarcástico —, se eles souberem que estive falando com você, vão querer me oferecer um acordo por um livro com as memórias de Cormoran Strike.

— Não haverá um livro de memórias — retrucou Strike.

— Foi o que pensei. — Nina bufou. — Não um com memórias verdadeiras, quero dizer.

O ego de Strike não era suficientemente grande para acreditar que este grau de raiva poderia ter origem em uma conexão tão breve, seis anos antes.

— O que isso quer dizer? — quis saber.

— *Quer dizer* que você realmente *ferrou* com a vida de uma amiga minha.

— E como eu fiz isso? — perguntou.

— Deixa pra lá — disse Nina com raiva.

Strike viu Kim andando na direção dele.

— Linda — falou, antes que Kim pudesse dizer alguma coisa —, esta é Nina. Nina, Linda.

— Oi — cumprimentou Kim alegremente. — Como conheceu Cormoran?

— Nós trepamos duas vezes, alguns anos atrás — respondeu Nina, fazendo com que Strike lamentasse a tendência das classes altas de falar com franqueza.

— Ah — disse Kim, sem perder nada da compostura. — Ele é bom, não é? E por falar no assunto, Corm, eu preferia estar fazendo isso. Vamos.

Ela passou o braço pelo de Strike.

— Boa noite — disse Strike a Nina, enquanto ele e Kim saíam.

Kim desenganchou o braço dele quando Strike estava prestes a se afastar dela.

— Peguei a mulher no flagra — disse a ele, e ergueu o celular para mostrar a foto que tinha acabado de tirar.

Duas mulheres, uma de roxo, a outra de dourado, estavam bem entrelaçadas em um beijo apaixonado, encostadas em uma parede do banheiro ladrilhado.

— A mulher de dourado é lady Violet — disse Kim, triunfante. — A esposa de Dominic Culpepper.

17

Sim, e não só não exploramos
aquele vasto e diverso mundo, o coração dos outros,
mas mesmo nosso próprio coração, aquele estreito mundo
limitado em nosso próprio peito, nós mal conhecemos,
e dificilmente percebemos as causas de nossos próprios atos.
Seja por uma obscuridade inata, ocultando
essa região em nuvens perpétuas,
ou por nossa própria falta de esforço, seja ela o obstáculo.

Matthew Arnold
Merope: A Tragedy

Strike ligou para Robin no sábado de manhã para dar duas notícias, nenhuma delas particularmente agradável.

— Barclay foi preso ontem à noite.

— Merda! — praguejou Robin, petrificando-se com uma xícara de café a meio caminho da boca.

— Pois é. Ele foi apanhado de surpresa por dois homens que o encontraram tentando entrar naquele maldito complexo que o Plug visitava, no norte de Ipswich. Barclay conseguiu subir ao telhado de uma construção na qual, supostamente, há roubos frequentes de implementos agrícolas. Então tiraram a porcaria das digitais dele e a polícia vai reconhecê-lo se ele rondar por lá de novo.

— O que ele disse que estava fazendo?

— Disse que tinha subido no telhado por causa de uma aposta. Fingiu estar bêbado.

A contragosto, porque seria muito inconveniente se Barclay acabasse em um tribunal, Robin riu.

— Que bom que alguém acha isso engraçado — comentou Strike.

— Ele conseguiu ver alguma coisa do telhado, antes de ser arrastado de lá?

— Não, ele disse que o lugar estava totalmente às escuras, mas que tinha cães. Foi o que deu a dica aos caras que o arrastaram para baixo: os cães de guarda latindo. Espero que ele não seja indiciado. Mas trazendo uma novidade um pouco mais leve, Kim matou o caso do sr. B. — Depois de explicar sobre a foto tirada no banheiro do Dorchester, ele disse: — … então você pode tirar o dia de folga amanhã.

— Ótimo — disse Robin, tentando parecer entusiasmada enquanto imaginava a satisfação pessoal e presunçosa de Kim.

Feliz ao saber que Robin tinha um inesperado dia livre, Murphy sugeriu um almoço no Prospect of Whitby, que ela não conhecia. Era o mais antigo de todos os pubs que ficavam à beira do Tâmisa, com paredes revestidas de madeira e modelos de barcos nos peitoris das janelas. Os dois comeram no deque, vendo o grande rio correr, Robin bem agasalhada contra o frio. O interlúdio tranquilo lembrou Robin de como Murphy e ela se entendiam bem quando nenhum dos dois estava exausto ou estressado. Depois de beber uma taça de vinho, ela concordou, com mais entusiasmo do que mostrara antes, que eles poderiam começar de verdade a procurar uma casa, uma decisão que ficou mais fácil porque o vizinho de cima de Robin tinha dado uma festa na sexta-feira, graças à qual ela mal teve uma hora de sono. Haveria uma visita no dia seguinte à casa geminada em Wanstead sobre a qual Murphy já havia enviado os detalhes a Robin, e eles concordaram durante o almoço que iriam "só para dar uma olhada", como colocou Murphy. Os dois também concordaram em não ver nenhuma propriedade em Clapham, Ealing ou Deptford, onde Robin tinha morado com o ex-marido, ou em Barnet, onde Murphy morara com a ex-esposa.

Murphy estava alegre, a conversa estava tranquila e Robin sentiu apenas carinho pelo namorado. Sim, havia coisas que ela não tinha contado a ele — a carta do médico, com relação à qual ainda não tomara nenhuma atitude; a ida à Ramsay Silver para ver o lugar onde William Wright fora assassinado e mutilado; o fato de que ela tentaria localizar a antiga residência de Wright no dia seguinte —, mas, no frio revigorante, com a leve tontura proporcionada pelo vinho e o Tâmisa lamacento deslizando por eles, isso não a perturbou muito. Ninguém estava falando de óvulos nem de congelamento; nenhum dos dois mencionou

Cormoran Strike. Para completar seu agradável dia, ela recebeu uma mensagem do sócio enquanto comprava mais bebidas no bar, informando que Barclay tinha sido liberado só com uma advertência.

Ótimo, ela respondeu. Não tinha contado ao namorado policial sobre a prisão de Barclay, então quando ele perguntou por que ela parecia tão feliz ao voltar à mesa, ela disse:

— Estou com você — e foi recompensada com um beijo.

Na manhã nublada e fria de segunda-feira, Robin partiu para a St. George's Avenue, em Newham, no ainda barulhento Land Rover. Estava dirigindo havia quinze minutos quando recebeu um telefonema de Midge.

— Oi — falou, precisando gritar por causa do motor e do barulho do Land Rover. — O que foi?

— Perdi um maço de recibos de despesas — contou Midge, irritada —, e Pat disse para falar com você a respeito disso.

— Não tem importância — respondeu Robin. — Escreva o que acha que gastou e vamos bater tudo com o extrato do seu cartão de crédito. Você está bem? — acrescentou ela, porque Midge parecia muito estressada, o que Robin achava não estar relacionado inteiramente com os recibos.

— Não — disparou Midge sem rodeios. — Tasha não está respondendo às minhas malditas mensagens e Kim está me tirando do sério. Posso te fazer uma pergunta?

— Pode — disse Robin.

— Tem alguma coisa rolando entre ela e o Strike?

Os recibos, Robin percebeu imediatamente, foram um pretexto para Midge ligar e fazer esta pergunta.

— O que quer dizer com isso? — perguntou ela, com os batimentos cardíacos se acelerando subitamente.

— Strike, Kim. Trepando. Porque acabo de encontrá-la no escritório e ela estava falando de sexta-feira à noite.

— Sim, ela se saiu muito bem — disse Robin no automático.

— Não estou falando da foto, embora essa não tenha sido difícil; elas estavam se agarrando bem à vista de todos. Não, ela disse que ela e Strike conversaram sobre seus ex a noite toda e depois ele encontrou uma delas, na festa. E Kim disse a essa mulher que eles iam embora para dormir juntos, e pelo jeito como falou

isso… Sei que ele é um galinha — acrescentou Midge —, mas não pensei que comeria a carne onde ganha o pão, tá entendendo?

— Não está acontecendo nada — declarou Robin, na esperança de estar dizendo a verdade.

— Você gosta dela? — perguntou Midge abertamente.

— Ela é boa no trabalho — respondeu Robin.

— Não foi o que eu perguntei.

— Midge…

— Tá legal, tudo bem — disse ela, rabugenta.

E desligou. Robin continuou dirigindo.

Será que Strike estava dormindo com Kim? Será que *dormiu*? Certamente não. Não, ele não poderia ter feito isso… Ele não comeria a carne onde ganha o pão, como disse Midge. Se havia uma coisa que Strike priorizava, acima de tudo, era a agência.

Então ele encontrou uma ex no Dorchester. Bom, não pode ter sido Charlotte (uma imagem mental desagradável a invadiu, daquele lindo rosto visto através da água ensanguentada)… talvez Ciara, a modelo? Elin, a locutora de rádio? Lorelei, dona de uma loja de roupas vintage? Madeleine, a designer de joias? Bijou, a advogada? Robin seguiu para Newham, os pensamentos persistindo na sucessão de mulheres bonitas que se envolveram brevemente com Cormoran Strike, e sentiu raiva de si mesma por ruminar as palavras de Midge, e raiva também do sócio, embora tivesse dificuldade para justificar essa emoção, se alguém perguntasse. Strike não provara ter feito nada de errado — ele não teria dormido com Kim… *Meu Deus*, ela torcia para que não tivesse…

Ela chegou à St. George's Avenue às onze horas e estacionou. Enquanto saía do Land Rover, o BMW de Strike passou por ela.

— Bom dia — cumprimentou ele, quando se encontraram na calçada entre seus respectivos carros. — Acabo de falar com Shah. Ele terá de ir àquele complexo esta tarde. Vai tentar entrar pela frente, bancando um veterinário que foi chamado e errou o endereço.

— Ótimo — disse Robin, tentando dissipar os pensamentos em Kim e no evento de gala. — E aí, estamos procurando por um lugar com várias campainhas, não é? Porque Ryan disse que Wright estava alugando um quarto, e não um apartamento.

— É — confirmou Strike, perguntando-se se estava imaginando uma leve indiferença no comportamento de Robin.

— Tudo bem, por que você não vai por ali e eu por aqui, e podemos ligar um para o outro se encontrarmos uma casa provável?

Assim os sócios se dividiram, Strike subindo a rua e Robin, descendo.

18

Nenhum deles se importava muito com este homem. Ele não era um homem com quem se tivesse uma amizade íntima. Mas a morte lhe dera uma nova dignidade entre eles (…).

John Oxenham
A Maid of the Silver Sea

A St. George's Avenue não era uma rua particularmente longa. Strike passou por casas geminadas baixas e duas ocupações, blocos quadrados de apartamentos, mas alguns minutos depois de ele e Robin terem se separado, os olhos de Strike caíram em uma casa que ele considerou promissora: alta, estreita, decrépita, com lixeiras transbordando e quatro campainhas em um painel sujo ao lado da porta de entrada.

Ele ligou para Robin.

— Acho que encontrei.

— Já? — perguntou ela, que ainda estava na frente de uma escola primária na outra extremidade da rua.

— Não fica longe de onde estacionamos.

Robin voltou pela rua e encontrou Strike no alto de uma escada suja. Ele apertou cada uma das quatro campainhas, mas não houve nenhuma resposta pelo interfone. Strike olhou a única janela no térreo. As cortinas finas, que tinham saído parcialmente do suporte, foram fechadas contra a luz por um prendedor de cabelo de plástico.

Um homem esguio e de barba comprida passava do outro lado da rua. Ele encarou Strike e Robin ao passar, mas continuou andando. Depois Robin viu uma mulher pálida e acima do peso, de legging e blusa de moletom, carregando uma volumosa sacola plástica de compras e segurando a mão de um garotinho que

comia chocolate. O cabelo da mãe era escuro e oleoso, e ela tinha tatuagens nas mãos e no pescoço. Robin teve o forte pressentimento de que mãe e filho moravam no prédio onde eles tentavam entrar, e, de fato, ela parou no pé da escada, olhando os dois detetives.

— Bom dia — cumprimentou Strike. — Não sei se pode nos ajudar.

— O que você quer? — perguntou ela, desconfiada, subindo lentamente a escada na direção deles. Strike sentiu um cheiro rançoso de cannabis nas roupas dela.

— Era aqui que morava William Wright? — perguntou Strike.

— Era — respondeu a mulher, desconfiada. — Por quê?

Strike tirou um cartão do bolso e lhe mostrou.

— Meu nome é Cormoran Strike e esta é minha sócia, Robin Ellacott. Somos detetives particulares.

A mulher pegou o cartão de Strike e o olhou fixamente. Uma expressão de compreensão crescente se espalhou por seu rosto, e ela parecia ligeiramente assombrada quando voltou a olhar para ele.

— Foi você que acabou com aquela igreja? E pegou o estrangulador?

— Ela acabou com a igreja — disse Strike, apontando para Robin. — Eu peguei o estrangulador.

— Rá — disse a mulher, olhando de um para o outro. Estava claro que ela se considerava na presença de celebridades, e Strike constatou ali a contrapartida das inconveniências de ficar conhecido pela imprensa: a sedução, para possíveis testemunhas, da glória refletida.

— Fomos contratados para descobrir o que pudermos sobre Wright — explicou, agora tirando a carteira do bolso. Os olhos da mulher o seguiram com ganância enquanto ele retirava três cédulas de dez libras.

— Pensei que eles soubessem quem era Wright — disse ela.

— Talvez sim — disse Strike —, talvez não. Qualquer coisa que você nos disser será da mais estrita confidencialidade. Não temos nada a ver com a polícia — acrescentou ele, um reconhecimento indireto do forte cheiro de maconha que pairava no ar fresco de inverno.

Ela mordeu o lábio, pensando.

— Tá — falou por fim. — Tudo bem.

Ela puxou as cédulas da mão de Strike, depois destrancou a porta enquanto o

filho os espiava com a encarada neutra e cautelosa das crianças pequenas. Os quatro passaram por cima de um amontoado de folhetos do lado de dentro da porta que ninguém se incomodara em recolher. A lâmpada no alto estava apagada, o piso não tinha carpete e era de pedra suja, e havia um cheiro de umidade misturado com comida. A mulher abriu uma porta à direita e os conduziu para dentro de sua casa.

O que antes deve ter sido uma sala de estar fora convertido em um quarto apertado, com um forte cheiro de maconha e cecê. Grande parte do chão estava atulhado de tigelas usadas como cinzeiros, maços de cigarros vazios e outros detritos menos prontamente identificáveis. Em um canto do cômodo havia um fogão velho e uma geladeira; evidentemente os ocupantes deviam lavar as coisas na pia suja visível pela porta de um banheiro apertado. Havia uma cama de casal, uma cama de armar, uma televisão precariamente apoiada em uma caixa de papelão, um sofá pequeno agora ocupado por dois sacos de lixo volumosos e uma cômoda, em cima da qual estavam duas canecas criando mofo e uma carta meio amarrotada com o remetente *Serviço Judiciário e de Tribunais de Sua Majestade*.

Strike foi imediata e desagradavelmente transportado àquelas partes da infância que passara com a mãe. Até o homem de cabelo comprido e seboso que estava deitado de bruços na cama de casal parecia familiar. Ele acordou assustado quando a parceira fechou a porta.

— Hãn? — falou, grogue, virando a cara de olhos inchados para eles. — *Que merda é essa?* — disse ele em um alarme atordoado, olhando para Strike que, mesmo em trajes civis, transmitia um ar de autoridade àqueles preparados para detectá-la.

— Ele é Cameron Strike, o detetive particular — explicou a mulher, com uma leve empolgação. — Foi ele que pegou o Estripador de Shacklewell e detonou aquela igreja. E…

Ela já se esquecera do nome de Robin.

— Robin Ellacott — informou Robin.

— É — disse a mulher. — Eles querem falar de William Wright. Eles não são da polícia, Daz.

Strike, que tinha uma expertise considerável nesta área, reconheceu no homem sonolento os sinais de um maconheiro consumado: fala lenta, jeito atordoado e uma leve paranoia, mas neste caso não sem razão.

— Tá, mas… que merda é essa? — repetiu Daz, fraco. — Eu estou pelado, Mandy.

Mandy riu, pegou uma calça jeans em um dos sacos de lixo pretos e jogou para o namorado.

— Se veste debaixo das cobertas — ela o instruiu, agora tirando os dois sacos do sofá. — Vão para a lavanderia mais tarde — explicou aos detetives.

O filho correu para pegar um boneco do Homem-Aranha que tinha sido desalojado de seu lugar entre as almofadas do sofá.

— A prefeitura colocou a gente aqui — informou Mandy a Strike e Robin. — Uma pocilga, não é? Podem se sentar — disse ela, apontando o sofá.

Estava extremamente sujo, mas os dois detetives atenderam ao convite, obrigados a se sentar tão próximos que os braços e as coxas se tocavam. Mandy se empoleirou na beira da cama; Daz, agora escondido embaixo do edredom, se contorcia, vestindo a calça.

— Eles não acham que William era Jason sei lá o quê — disse Mandy ao volume ondulante sob as cobertas. — *Eu* nunca achei que era ele — afirmou com orgulho.

— Você achava, sim. — Veio a voz abafada de Daz embaixo do edredom.

O filho agora vasculhava a sacola de compras de Mandy.

— *Não*, Clint! — falou Mandy bruscamente. — *Mas que merda…*

Clint começou a chorar.

— Ah, tudo bem — disse ela, cedendo imediatamente. Ela pegou um pacote de biscoitos de chocolate, abriu com os dentes e deu um ao menino. — Não me culpe quando o dentista quiser arrancar eles todos — acrescentou ela, pegando para si um maço de cigarros Mayfair e o abrindo.

— Tudo bem se fizermos anotações? — perguntou Robin.

— Tá, tudo bem — respondeu Mandy, parecendo bem empolgada.

— Eu faço isso — resmungou Strike para Robin, pegando o próprio bloco. Ele pensou que Robin poderia parecer menos ameaçadora a Daz, cuja cabeça tinha ressurgido de sob o edredom.

— Então você não achava que Wright era Jason Knowles, Mandy? — perguntou Robin.

— Achava, sim — insistiu Daz, antes que a namorada pudesse responder. — Quando saiu nos noticiários, você disse: "porra, ele *era mesmo* um fugitivo!" *Eu* é

que disse que a voz dele era estranha. Ele não era de Doncaster — informou Daz a Robin. — Eu tinha um amigo de Doncaster.

— Acha que ele estava forçando o sotaque? — Robin quis saber.

— Acho — confirmou Daz.

— Ele poderia ser escocês? — indagou ela, pensando em Niall Semple.

— Sei lá — disse Daz. — Talvez.

— Ele poderia ser alguém de classe alta tentando parecer da classe trabalhadora? — perguntou Robin, pensando em Rupert Fleetwood.

— Talvez — repetiu Daz.

— Eu vi o cara lá fora — contou Mandy, que parecia querer reclamar a atenção dos detetives e apontou o corredor. — Acho que no dia em que ele chegou.

— Ele trouxe muitas coisas? — perguntou Robin.

— Só uma mala — respondeu Mandy. Ela se abaixou, pegou um isqueiro ao lado de uma meia no chão e acendeu o cigarro.

— Qual era o quarto dele? — continuou Robin.

— O de cima daqui — revelou Mandy, apontando o teto. — É até pior. Metade do tamanho. Mas era só para um.

— Vocês foram as pessoas que identificaram William pelas fotos na imprensa?

— Não, foi Hussein — respondeu Mandy, soltando a fumaça. — Ele se mudou… ele, a mulher e a filha. Eles moravam nos quartos do último andar.

— Sabe o sobrenome dele? — perguntou Robin. — Para onde eles foram?

— Mohamed, era o sobrenome deles. Sírios. Não sei para onde foram. A garotinha andava de cadeira de rodas. Eles conseguiram uma habitação social rápido, por estarem morando aqui em cima. Talvez, se eu metesse Clint numa cadeira de rodas, *nós* arrumássemos uma casa e tudo — falou Mandy com amargura.

Daz saiu da cama, sem camisa e descalço, e ligou a chaleira em cima da geladeira. De algum modo ele parecia magricela, mas também flácido, com uma leve pança branca pendurada por cima dos jeans. Uma tatuagem grande nas costas mostrava os algarismos romanos para quatro e vinte.

— Vocês viam muito o Wright? — prosseguiu Robin.

— É, um pouco. Ele era esquisito, não era? — perguntou Mandy a Daz.

— Era — confirmou Daz, com uma risadinha. — Parecia uma daquelas

ilustrações do Adivinha Quem?

— Quem? Ah, o jogo de tabuleiro infantil? — concluiu Robin, depois de alguns segundos de confusão.

— É — disse Daz, que agora procurava saquinhos de chá. — Com a barba e os óculos dele… se tivesse um chapéu, hahaha… e ele era laranja, porra… bronzeado artificial. E malhava. Vi ele trazendo caixas pesadas de entrega e falei, "o que tem aí?" E ele disse, "pesos, comprei no eBay", todo cheio de si… carregando para cima… A gente podia ouvir ele andando pelo quarto.

Strike fazia anotações depressa. Clint, que já consumira seu primeiro biscoito, serviu-se disfarçadamente de um segundo do pacote na cama ao lado da mãe.

— A gente riu um pouco dele — contou Mandy — porque ele me disse que poderiam aparecer pessoas procurando por ele e, se aparecessem, a gente deveria dizer que ele não estava aqui. Achei que ele estava se gabando… mas olha só o que aconteceu — disse ela, com um leve ar de surpresa.

— Ele disse quem poderia estar procurando por ele? — perguntou Robin.

— Não.

— Ele disse "pessoas"? No plural?

— Ele disse "alguém", depois disse, "ou ele pode mandar alguém".

— Querendo dizer que a máfia estava atrás dele — disse Daz, rindo. Virando-se para eles segurando o chá, que ele tinha preparado em uma caneca com um desenho de um pênis, legendada com "Sr. Bilau", ele disse: — Sabe o que eu achava que ele era? Stripper. Bronzeado falso e a porra dos abdominais… Eu falei com a Mandy, ele é um maldito stripper e não vai admitir isso.

— Clint, não faça isso — censurou Mandy. O filho tentava pegar um prato em cima da cômoda. Quando mostrou sinais de tristeza, ela o distraiu com um terceiro biscoito. Daz, que coçava preguiçosamente a barriga, disse:

— Ele veio aqui uma vez, o Wright.

— Veio? Por quê? — Robin quis saber.

— Queria comprar erva. A gente tinha pedido comida por delivery e ele ficou um pouco com a gente.

— Você se lembra de algo que tenham conversado?

— Ele disse que a namorada ia se juntar a ele. Que vinha morar com ele aí em cima.

— Wright disse a vocês o nome dela? — questionou Robin.

— Não — respondeu Daz.

— Rita, não era? — comentou Mandy vagamente.

— Ah, é, talvez — falou Daz, embora Robin tivesse a impressão de que ele não conseguia se lembrar. — E o troço da arma — disse ele a Mandy —, lembra?

— Que arma era essa? — perguntou Robin, enquanto a caneta de Strike acelerava.

— A gente estava vendo um filme do John Wick enquanto comia comida chinesa — contou Daz —, e ele disse que alguém não estava segurando a porcaria da arma direito. Bancando o durão, entende?

— Não, aquele lance da Rita… — disse Mandy, de cenho franzido. — Isso foi quando ele tava muito chapado… Rita Linda ou coisa assim. Perguntou se a gente a conhecia. Lembra? — disse ela a Daz.

— Ele perguntou se vocês conheciam alguém de nome Rita Linda? — Robin quis saber.

— É… era Rita Linda? Acho que ele disse… ele não falou que sabia o que tinha *acontecido* com ela? — contou ela, apelando de novo ao namorado. — E disse que a gente ia ver no noticiário?

— Sei lá — respondeu Daz, ainda coçando o umbigo.

— *Era* alguma coisa parecida com Rita Linda. — Mandy pronunciou os dois nomes juntos, sem pausa. *Ritalinda.*

— Ritalin-da — disse Daz. — Hahaha.

— Ele disse que sabia o que tinha acontecido com Rita Linda? — perguntou Robin. — E que apareceria no noticiário?

— É, alguma coisa assim… E ele deixou cair o tubo de bagulho dele, lembra, Daz? E ele te disse que aquela porra era uma amostra de sangue, como se você fosse roubar dele.

— Desculpe, não estou entendendo — disse Robin. — Ele deixou cair o quê?

— O tubo de bagulho dele. *Sabe o que é*, onde você guarda seu baseado. Caiu do bolso dele quando ele se levantou. Daz foi pegar para ele e Wright tomou dele, e Daz disse, "tudo bem, eu não ia ficar com isso", e Wright disse, "não serviria para você, é minha amostra de sangue". — Mandy riu. — Amostra de sangue porra nenhuma.

— Ele disse por que carregava uma amostra de sangue? — perguntou Robin.

— É, ele disse que ia entregar aos médicos, depois saiu.

— Vocês viram o tubo com clareza? Estava mesmo cheio de maconha?

— Estava — disse Mandy, mas depois: — Devia estar. Ele achou que Daz ia roubar o bagulho dele. Por que outro motivo ficaria tão esquisito com isso?

— Ele era um babaca esquisito — falou Daz. — Olha só, quando saiu no noticiário, eu disse a Mandy, "isso era coisa de maçom". Ele me perguntou o que eu achava dos maçons. Parecia que ele estava pensando em entrar — contou Daz, agora examinando indolentemente meio baseado deixado em um cinzeiro em cima da geladeira. — Os malditos maçons — zombou ele, com uma gargalhada.

— Mas quando vocês souberam que ele foi morto em uma loja maçônica…

— É, eu entendi por que ele perguntou. Os malditos maçons — repetiu Daz, agora sem sorrir. — Na verdade não é engraçado, é? — perguntou, como se todo mundo estivesse rindo.

— Consegue se lembrar de mais alguma coisa que ele tenha dito? — continuou Robin. — Por exemplo, de onde ele veio? Alguma coisa sobre a família dele?

— Não — respondeu Daz.

— Acho que não — acrescentou Mandy lamentando —, não acho… não.

— Vocês se lembram de ele ter recebido alguma visita? — insistiu Robin.

— Sim, uma garota e um babaca de óculos escuros. Mas ele não estava aqui na hora, estava? — perguntou ela a Daz.

— Eu também não estava aqui — retrucou Daz.

— Ah, é — falou Mandy e sorriu. — Esqueci.

— Wright recebeu visitas quando não estava em casa? — perguntou Robin.

— Sim — disse Mandy —, depois de ele ser morto. Não — ela se corrigiu —, a garota foi antes. O cara foi em seguida. E só percebi depois. Eu te falei, não foi? — disse ela a Daz, que concordou com a cabeça.

— Pode me falar sobre eles? — pediu Robin. — Começando pela garota?

— Ela veio, tipo, na noite antes de ele morrer.

— Tem certeza da data? Sexta-feira, dia 17 de junho?

Mandy ficou alarmada por ser solicitada a ser tão precisa, mas depois disse:

— É, foi nesse dia, porque no fim de semana, quando aconteceu tudo que aconteceu, eu e ele — ela apontou para Daz — tínhamos brigado, e eu disse a ele para ir embora, e foi quando ouvi alguém abrir a porta da frente à noite. Achei que era Daz voltando, então abri nossa porta e vi a garota.

— Ela entrou por conta própria?

— É, ela tinha uma chave — informou Mandy. — Parecia estrangeira. Tipo assim, talvez paquistanesa, só que de pele clara. Cabelo preto, muito comprido. E usava uma camiseta cor-de-rosa com flores — acrescentou ela, e parecia satisfeita por ter se lembrado disso. — E carregava uma mala.

Ao lado de Robin, a caneta de Strike corria ainda mais.

— E eu disse a ela, "está se mudando pra cá?", porque Wright tinha dito que a namorada ia morar com ele, e ela disse, "só de visita", e não parecia inglesa, então subiu e, tipo, uma hora depois ela desceu, porque eu estava olhando pela janela…

— Procurando por mim — disse Daz de um jeito presunçoso.

— Não estava, não — rebateu Mandy. — Só estava olhando pela janela! Ela desceu e mal conseguia carregar a mala, e ela colocou no porta-malas de um carro e foi embora.

— O que consegue se lembrar do carro?

— Era prata — respondeu Mandy. — Parecia novo.

— Lembra a marca?

— Não. E aí, no dia seguinte cedo, tipo cinco da manhã, ouvi a porta da frente de novo…

— Não conseguiu dormir — disse Daz, presunçoso. — Sentindo minha falta.

— Sentindo sua falta uma ova — disparou Mandy com arrogância —, mas dessa vez eu pensei que *era* Daz, então me levantei e abri nossa porta e vi o cara de cabelo encaracolado subir a escada, e ele tinha uma mala vazia e tal, e me olhou quando eu fui ao corredor. Estava de óculos escuros, aqui dentro. Ele parecia um otário.

— Ele era negro, branco…?

— Branco. Então vim para cá e voltei para a cama, e, tipo, dez minutos depois teve, tipo, um *barulhão* na escada e pensei, "mas que merda tá rolando", e me levantei e abri a porta, e esse otário de óculos escuros tinha deixado a mala cair, e eu disse, "por que não faz mais barulho?", e ele não disse nada, só arrastou a mala pela saída e bateu a porta. E eu fui à janela de novo e ele entrou no carro e foi embora.

— Quando você diz "o carro", quer dizer que era o mesmo que a garota dirigia antes?

— Parecia. É, acho que era ela dirigindo, porque ele botou a mala no banco

traseiro e se sentou no banco do carona.

— E tem certeza de que o homem e a garota estiveram no quarto de Wright?

— Tenho, eu ouvi eles andando pelo nosso teto. E perguntei a Hussein depois, "você viu aquelas pessoas?" E ele disse que não. E aí, na segunda, estava no noticiário que Wright tinha sido morto, e eu falei pro Daz…

— Eu voltei sábado à noite — informou Daz a Strike e Robin. — Ela já havia sofrido o bastante.

— Vai se foder — rebateu Mandy. — Não, então, eu falei pro Daz, "isso foi esquisito, aqueles dois entrando e saindo do quarto dele".

— Só estou perguntando isso para nossa informação — disse Robin —, não porque vamos passar adiante. Vocês contaram à polícia alguma parte disso?

Daz soltou um leve "hã" de riso.

— Não — disse Mandy, mostrando os dentes marrons ao sorrir. — A gente só disse que não conhecia o cara muito bem.

Daz, é claro, estava traficando maconha, talvez outras drogas; Strike e Robin tinham registrado a piada da Ritalina, assim como notaram a intimação do tribunal em cima da cômoda. Robin podia muito bem imaginar que as emoções dominantes de Daz e Mandy ao encontrar a polícia na casa teriam sido de pânico e uma firme relutância à ideia de deixá-los entrar naquele quarto imundo.

Robin fez mais algumas perguntas, mas Mandy não tinha informações a dar nem sobre as roupas, nem sobre a idade da dupla; a mulher, disse ela, parecia nova, e o cara, mais velho, mas o corredor, ela lembrou a Robin, estava bem escuro.

— Um de vocês já viu o quarto de Wright por dentro? — perguntou Robin.

Os dois negaram com a cabeça.

— Antes de irmos — disse Strike, colocando a mão no bolso do paletó —, posso mostrar umas fotos a vocês?

Ele pegou o celular e o colocou no joelho enquanto organizava as fotos de Niall Semple, Tyler Powell e Rupert Fleetwood. Enquanto fazia isso, a tela do celular se acendeu e Robin viu uma mensagem de Kim e as palavras, em maiúsculas, "**TÃO SEXY**". No segundo seguinte, a mão grande e peluda de Strike cobriu a mensagem e ele devolveu o celular ao bolso, deixando Robin com a sensação de que cubos de gelo caíam no seu estômago.

— Podem me dizer se um desses homens poderia ter sido Wright? —

perguntou Strike, levantando-se para entregar as fotos a Mandy. Daz, com o meio baseado agora aceso, foi à ponta da cama e se sentou ao lado dela para ver.

— Que roupa ele está usando? — foi o único comentário de Mandy enquanto avaliava Rupert Fleetwood com a gravata-borboleta de garçom. — Bonito — disse ela com admiração, quando se voltou para a foto de Niall Semple. — Parece o Thor.

— Parece mesmo. — Daz riu, coçando a barriga flácida de novo.

— As orelhas dele. — Mandy deu uma risadinha quando chegou a Tyler Powell. — Mas — disse ela, olhando Powell —, pode ser ele, sabia? Com as orelhas cobertas, com o cabelo dele.

— Sério? — perguntou Strike.

— Não — negou Daz.

— Pode ter sido — insistiu Mandy.

— Que grau de certeza? — Strike quis saber. — De um a dez?

Mandy pareceu tão alarmada como ficou antes quando foi solicitada a concordar com uma data precisa.

— Cinco — disse ela. — Mas ele era meio parecido com ele também — acrescentou, agora segurando a foto de Rupert Fleetwood, com um ar de quem quer cobrir todas as bases.

— Tudo bem — falou Strike, pegando as fotos de volta. — Bom, vocês foram de muita ajuda, obrigado. Para deixar claro, o que vocês acharam quando viram a foto de Knowles?

— Nunca achamos que era ele — respondeu Mandy.

— *Você* achou — Daz a contradisse. — Você disse, quando apareceu: "merda, ele era barra-pesada mesmo, e *era* fugitivo."

— Nunca — negou Mandy, irritada.

— Tem mais alguma coisa que se lembrem sobre Wright? — perguntou Robin, mas Mandy e Daz tinham dado tudo que tinham. Porém, até Daz parecia meio relutante em deixar os detetives irem embora: a visita deles fora um interlúdio incomum e meio emocionante.

Robin queria ir para o ar puro de novo, mas sentiu uma pontada de culpa por deixar a família onde estava, especialmente porque Mandy começara a falar de habitação quando ficou claro que Strike e Robin realmente iam embora.

— Estamos há um ano na lista de espera por uma habitação social — contou

ela, acompanhando os dois até a porta.

— Isso é terrível — disse Robin.

Strike pôs a mão no bolso de novo e pegou mais vinte libras.

— Pelo incômodo — falou. — Compre alguma coisa de Natal para Clint.

— Ah, valeu! — agradeceu Mandy, agora bem mais feliz ao ver os dois partirem.

A porta se fechou às costas de Strike e Robin enquanto eles desciam a escada.

— Isso foi gentil — comentou Robin.

— Só espero que não vá tudo para a maconha. Quer conversar sobre o que ouvimos? Tem um pub…

— Podemos fazer isso amanhã? — perguntou Robin. — Eu preciso mesmo ir embora agora.

— Ah — murmurou Strike. — Tudo bem.

— Tenho um monte de papelada para arquivar no escritório e não quero adiar, porque vou ver uma casa mais tarde — explicou Robin.

— Tudo bem — repetiu Strike.

Merda, merda, MERDA.

Strike voltou lentamente para o BMW, pegando o celular no bolso. Outra mensagem de Kim tinha se seguido àquela que ele tinha vislumbrado.

Aimeudeus, desculpe, não era pra você!

Ele rolou para a mensagem anterior:

Ele estava TÃO SEXY de smoking!

19

Certamente não somos os primeiros
A termos nos sentado em tavernas enquanto a tormenta lançava
Seus planos esperançosos ao vazio, e amaldiçoado
Qualquer bruto ou canalha que fez este mundo.

A.E. Housman
IX, Last Poems

— Então — começou Murphy, colocando um copo de água tônica e um pacote de fritas na frente de Robin seis horas depois —, isso foi um desperdício de tempo.

— Pois é — concordou ela.

Os dois estavam sentados no canto de um pub barulhento situado perto da pequena casa geminada em Wanstead que tinham acabado de ver. Depois de passar uma hora no quarto de Mandy e Daz naquela manhã, Robin esperava que qualquer coisa parecesse boa em comparação, mas duvidava de que os "três quartos, sala e cozinha" tivessem sido decorados ou sequer reformados em trinta anos. Robin e Murphy andaram pelo lugar acompanhados por um casal de classe média que parecia ver a casa como uma oportunidade de investimento: reformar, vender e auferir um gordo lucro.

Murphy só tinha dez minutos de folga antes de precisar voltar ao trabalho. Ele não contou exatamente a Robin o que estava acontecendo no caso do tiroteio entre gangues nem o que ia fazer naquela noite; tinha chegado tarde para ver a casa e ficou quase monossilábico durante a visita. Não parava de verificar o celular.

— Está tudo bem? — perguntou Robin, hesitante.

— Está — respondeu Murphy.

Ele bebeu um gole de sua cerveja sem álcool, depois disse:

— A mãe deu uma entrevista grande ao *Mail*. — Robin sabia que ele se referia à mulher que perdera um filho, e cujo outro ficara cego, no tiroteio entre gangues. — Deve ser publicada online em breve.

— Ah, meu Deus, eu sinto muito — comentou Robin.

— Só estou de saco cheio de tudo isso — revelou Murphy em voz baixa, furioso. — Detivemos o cara que dirigia o carro de onde o atirador disparou. Pedimos uma prorrogação da prisão para continuar interrogando, e a porcaria foi indeferida.

— Por que foi indeferida?

— Porque ele tem um maldito advogado bom pra cacete, é por isso.

Robin sabia que o namorado se encontrava em um estado em que nem a solidariedade, nem outras perguntas seriam bem recebidas. Ela bebeu um gole da tônica e abriu as fritas.

— Como foi o seu dia? — perguntou Murphy, com um esforço evidente.

— Ótimo — disse Robin, com um ânimo forçado.

— O que você esteve fazendo?

— Tentando localizar Rupert Fleetwood. Não conseguimos.

Murphy abriu um sorriso forçado.

Cinco minutos depois, após terminar a bebida, ele falou:

— Preciso ir.

— Tudo bem. Vou ficar um pouco mais. Talvez coma mais fritas.

Murphy lhe deu um beijo e saiu.

Robin tinha de admitir a si mesma que era um alívio vê-lo desaparecer. Agora podia deixar que a expressão se anuviasse, saborear o anonimato deste pub lotado e barulhento, e se voltar a seu próprio estado de espírito, que era uma combinação de ansiedade, infelicidade e outra emoção que ela não queria exatamente identificar.

Além da visita deprimente à propriedade arruinada que eles tinham acabado de conhecer e a inquietação que havia resultado de ver aquela mensagem de Kim para Strike, Robin agora sentia o peso de saber que ela e o sócio estavam de posse de informações que a polícia nunca teve. Robin garantira a Mandy e Daz que eles não contariam nada que o casal dissesse, mas é claro que foi uma mentira: ela e Strike tinham a obrigação de passar uma evidência importante às pessoas que

deveriam estar lidando com isso, porque, independentemente do que Murphy pensasse, eles não estavam tentando roubar a cena nem excluir as autoridades competentes.

Robin estivera considerando se deveria contar ao namorado sobre o homem e a mulher que pareciam ter retirado coisas do apartamento de William Wright antes e depois de ele ser assassinado, mas, em vista do humor de Murphy quando finalmente apareceu na casa geminada, decidira fazer isso à noite. Se tivesse conversado com Strike após a entrevista, eles poderiam ter discutido tudo isso, é claro…

TÃO SEXY. Encarando o bar decorado de ouropel, Robin se perguntou quando, algum dia, precisou enviar a Strike uma mensagem com as palavras TÃO SEXY. A não ser que ela estivesse relatando uma conversa entreouvida, não conseguia imaginar circunstância nenhuma em que tivesse feito tal coisa, mesmo depois de anos de profunda amizade. No mínimo, as palavras sugeriam um grau até agora insuspeito de familiaridade e cumplicidade entre Kim e Strike.

Seu celular se iluminou. Strike tinha lhe mandado uma mensagem.

Como era a casa?

Embora Robin não soubesse disso, Strike também estava sentado sozinho em um pub: o Flying Horse, seu preferido. Ele também estava deprimido, embora pelo menos tivesse as compensações do álcool. Tinha levado meia hora para decidir se enviaria a mensagem de quatro palavras. Queria pressioná-la a confessar que ela e Murphy iam morar juntos, porque, por mais indesejado que fosse o anúncio, nenhuma ação ofensiva poderia ser tomada contra um inimigo oculto.

Robin olhou a mensagem de Strike por vários minutos. Irritada com ele como estava agora, ficou vagamente tocada por ele se dar ao trabalho de perguntar. Eles eram amigos, afinal de contas. Grandes amigos.

Horrível, ela respondeu.

Strike ficou levemente animado com a resposta. Pelo menos a coabitação não era iminente. Ele voltou a digitar:

Acho que encontrei aquele site que William Wright esteve vendo, no trabalho.

www.AbusadoEAcusado.com

Robin entrou no link e foi direcionada a um site encabeçado pelo logo que Kenneth Ramsay havia descrito: duas mãos estilizadas, cada uma delas segurando um globo ocular.

Ela rolou devagar para baixo. O site claramente era o último recurso dos desesperados. Advogados do tipo menos respeitável postavam anúncios ali em busca daqueles que procuravam compensação ou apelações a condenações. Os advogados ou esbanjavam conselhos gratuitos que confundiam o criminoso, ou tinham ido ao site pelo simples prazer com o infortúnio alheio.

Anon9: Fui preso por dirigir embriagado mas ninguém leu meus direitos de miranda isso quer dizer que posso apelar

Dogger: Os direitos de miranda só são lidos nos EUA seu idiota

AustinH: o pai da minha namo rada espalha boatos de ue fiz uma coisa muito ruim . como paro com isso eu preciso de um advogado?

Kojak: Posso resolver isso pra você sem envolver advogados

Kibosh: Fui acusado de "toque inapropriado" em uma estagiária no trabalho, suspenderam todo meu salário, ficaria grato em saber de mais alguém que tenha sido submetido a acusações infundadas semelhantes.

Belter: Pedófilo

C2J88: Pedófilo

Japh: Pedófilo

Robin respondeu a Strike.

Parece que WW estava escondido ou fugindo de alguém/alguma coisa.

É. Vou ligar para Wardle sobre aquela dupla que tirou coisas do apartamento de Wright, aliás. Não podemos guardar isso.

Robin relaxou um pouco. Não precisaria contar a Murphy e, com sorte, o namorado nunca saberia de onde Wardle tinha tirado as informações.

Strike, por outro lado, estava interessado na disposição de Robin em se

envolver em uma conversa por mensagens com ele. Isto parecia sugerir que agora ela não estava com Murphy. Ele mandou mais uma.

Mandei um e-mail pro tal Osgood. Ainda nenhuma resposta.

Robin respondeu:

Não. Bom, ele não parecia gostar muito de e-mails não solicitados

Strike digitou **Verdade**, depois mandou outra mensagem.

Estive me perguntando por que um homem andaria com uma amostra de sangue.

Pode ter sido mentira?

Também pensei nisso. E estive me perguntando se o carro de fuga que continha a prataria Murdoch também levava o homem de cabelo encaracolado e a mulher de cabelo comprido.

Sim

Queria fotos do corpo. Ver se tinha ferimentos de defesa.

Não está querendo demais?

Pode ser que eu tenha sorte de arrumar algumas. Kim disse que tem um contato.

Uma lasca de um ressentimento ardente perfurou Robin.

Pelo amor de Deus, calma. Você precisa de informações, disse uma voz racional em sua cabeça, mas não era páreo para sua versão colérica que queria digitar: *Por que*

você não trabalha com a maldita Kim nesse caso, então, se ela tem tantos contatos?

Ela levou o copo à boca e o encontrou vazio. Levantando a cabeça, percebeu que um grupo de mulheres perto dela lançava olhares nada amistosos por ela ocupar uma mesa e trocar mensagens quando não estava consumindo mais nada. Robin pegou suas coisas e saiu do pub.

A noite estava congelante, as estrelas brilhavam, distantes e inamistosas. Depois de entrar no Land Rover, Robin trancou a porta e voltou ao celular. Enquanto estava andando até o carro, Strike tinha mandado outra mensagem.

Aliás, o que você acha dela?

Robin olhou aquelas palavras por alguns segundos, antes de responder:

De quem, Kim?

Sim

Sem o conhecimento de Robin, Strike tentava conscientemente desarmar o que temia poder ser uma bomba-relógio. Ele não sabia se ela tinha visto a mensagem TÃO SEXY, e talvez fosse vaidade imaginar que tenha ficado remotamente preocupada, mas ele não gostava de pensar no que Kim pudesse estar falando pelas suas costas e, depois da noite dos dois no Dorchester, ele não descartaria que ela sugerisse uma atração mútua que não existia.

Agora no Land Rover, Robin teve medo de demorar muito a responder.

Ela é boa no trabalho.

Strike refletiu sobre essa resposta, de cenho meio franzido. Robin estava sendo diplomática ou não tinha notado um traço de sedução nas maneiras de Kim com ele? Ou ela não se importava?

O que você acha dela pessoalmente?

Robin, que agora se perguntava se ele estava pedindo seu selo de aprovação para seu casinho, hesitou. Temia responder negativamente, porque não queria

que Strike percebesse… o quê? Depois ela viu os três pontinhos que significavam que Strike estava digitando de novo e esperou.

Porque ela está começando a me irritar

De repente, as estrelas que mal eram visíveis pelo para-brisa embaçado de Robin brilharam com benevolência. Agora ela podia ser generosa.

Mas ela é boa no trabalho.

Então só eu acho que ela é muito presunçosa?

Não, pensou Robin, sentindo-se ainda mais aliviada do que quando Strike tinha dito que ia falar com Wardle sobre a dupla que parece ter roubado objetos do apartamento de Wright. *Não é só você*. Ela pensou em contar a Strike sobre a pergunta de Midge naquela manhã, mas algo a conteve. O pensamento em Murphy de algum modo se entrelaçou com seus motivos para não abrir uma conversa sobre Strike ser desejado por Kim: melhor, talvez, não entrar nesse assunto.

Ela está bem satisfeita consigo mesma, mas não dá pra dizer que ela não tem nada em que se basear. Foi um bom trabalho conseguir aquela foto no Dorchester. A propósito, mostrou a foto ao sr. B?

Mostrei. Ele ficou satisfeito. Só espero que não tenha nenhuma repercussão.

Como assim?

Encontrei alguém naquele jantar que me conhece: a prima de Dominic Culpepper. Se B usar essa foto para tentar estragar o casamento de Culpepper, não vai demorar para Culpepper deduzir quem estava vigiando a mulher dele e a sra. B naquela noite.

O sorriso desapareceu do rosto de Robin. Então a ex-namorada que Strike encontrou no jantar de gala era prima de Dominic Culpepper? Isso não combinava com nenhuma das ex-namoradas que ela conhecia. Exatamente quantas ex Cormoran Strike tinha?

Sem saber do novo buraco que sem querer tinha cavado para si mesmo, Strike digitava de novo.

Estive vendo o vídeo da câmera interna da Ramsay Silver esta tarde.

Algo de interessante?

Algumas partes que eu gostaria de discutir. Teve alguma sorte com Tyler Powell?

Tentei ligar para a avó dele hoje à tarde. Nenhuma resposta. Acho que também encontrei os pais dele, mas eles não têm linha fixa. Toda a família está em Ironbridge. Estranho que a avó tenha ligado para a polícia, e não a mãe ou o pai.

Os dedos de Robin ficavam cada vez mais dormentes do frio, mas ela continuou digitando.

Como o Dev se saiu naquele complexo de Ipswich, aliás?

Nada bem. Tinha uma espécie de vigia que parece não ter engolido a história dele.

Strike, preciso ir. Tenho de dirigir até em casa e estou congelando.

Tudo bem. Estamos ambos livres na quarta à tarde, podemos rever o vídeo da câmera de Ramsay então?

Ótimo, digitou Robin.

A mais de catorze quilômetros de distância, no Flying Horse, Strike colocou o

telefone no bolso e contemplou as garrafas atrás do balcão, sentindo-se melancólico. Precisava começar as malditas compras de Natal. A irmã, Lucy, ficava mandando mensagens ansiosas sobre a venda da casa de Ted e Joan. Certamente haveria uma casa em algum lugar que agradaria a Robin e Murphy.

Ainda assim, pensou ele, levantando-se, havia garantido outra tarde sozinho com Robin. Dadas as buscas que ela fazia por uma casa, de agora em diante toda conversa tinha de ser considerada uma oportunidade.

20

O quando, e o onde, e o como pertencem
A mim. É um trabalho triste, mas lido com ele.

Robert Browning
Second Year 1731 – King Charles

— Por que agora temos um aquário?

Eram nove da manhã de quarta-feira e Strike acabara de entrar no escritório, onde encontrou sua gerente com uma pá, colocando cascalho no fundo de um aquário instalado em uma mesa de canto ao lado do sofá, no qual antes havia um vaso com uma planta artificial.

— Porque ninguém me disse que a avó de Tilly tinha comprado um para ela — reclamou Pat, mais alto do que o barulho do cascalho.

— Tilly?

— Uma das minhas bisnetas. — Pat foi ríspida. — Ela queria um peixinho dourado de aniversário. Comprei todo o kit e depois descobri que a outra avó tinha comprado tudo. Vou precisar sair no almoço e comprar outra coisa para ela.

— Imagino que pretenda colocar um peixe nele.

— Bom, não vou jogar um gato aí dentro — falou Pat, irritada.

Strike não tinha desejo nenhum de acrescentar os cuidados com um peixinho dourado a sua carga de trabalho diária, mas, diante da atual irascibilidade de Pat, decidiu não perguntar por que ela simplesmente não vendia o aquário no eBay. Enquanto ia para a chaleira, ele colocou uma folha de papel com o título "Hussein Mohamed" na mesa de Pat. Tinha pedido a ela para procurar registros online da família síria que morava no último andar da casa de William Wright e que tinha uma filha em cadeira de rodas.

— Recebemos alguns telefonemas estranhos — informou Pat, mais alto do

que o barulho do cascalho.

— Como assim, "estranhos"?

Pat baixou o saco de cascalho, foi até a mesa e apertou um botão no telefone. Uma voz petulante e esganiçada de homem falou:

"Aqui é Calvin Osgood. Ficaria agradecido se me retornasse a ligação imediatamente e me dissesse do que se trata tudo isso. E para sua informação, *ninguém me chama de Oz*."

O homem ditou seu número do celular e desligou.

— Está tudo bem — tranquilizou Strike. — Ele é só um cara que recebeu um e-mail estranho da Ramsay Silver. Vou ligar para ele depois de tomar um café. Qual é a outra ligação esquisita?

Pat apertou de novo o botão da secretária eletrônica. Uma respiração baixa e gutural saiu do alto-falante, seguida por uma voz masculina rouca:

— Deixa isso de lado e você não vai se machucar.

— Isso? — perguntou Strike, virando-se para o aparelho quando ele bipou de novo. — Meio inespecífico.

— É — concordou Pat.

Strike sabia que ela tentava esconder uma inquietação pela qual não podia culpá-la. Os dois estavam no escritório quando Pat abriu um dispositivo explosivo. Enquanto Strike ia à chaleira, revisou mentalmente os casos atuais da agência, perguntando-se exatamente o que era "isso" que eles deveriam deixar de lado.

O Duas-Vezes foi aceito como cliente de novo porque, quaisquer que fossem suas peculiaridades pessoais, ele sempre pagava as contas em dia. Porém, a não ser que seu fetiche por mulheres infiéis tivesse evoluído para um desdobramento novo e estranho, ele dificilmente ligaria para o escritório para dizer que parassem de seguir sua esposa. Assim, restavam o Plug e o caso do cofre de prataria.

— Pode ser um dos caras que arrastou Barclay do telhado do complexo — disse ele. — Kim achou que o Plug pode tê-la visto outro dia também. Vou verificar.

— Essa camisa é nova? — indagou Pat, estreitando os olhos para ele.

— Hmm… é. — Ele tinha vestido naquela manhã por causa do eminente tête-à-tête com Robin. Agora se sentia vagamente constrangido, como se Pat tivesse lido seus pensamentos.

— Combina com você — falou ela rispidamente, e voltou ao aquário.

Agora na mesa dos sócios e fortalecido por meia xícara de um café forte, Strike ligou para Kim. Sua resposta imediata foi de uma defensiva nunca vista até agora.

— O Plug não me viu realmente, eu só estava sendo supercuidadosa — falou. — Pensei que houvesse uma possibilidade remota. De todo modo, eu estava de peruca e óculos. De jeito nenhum ele poderia me ligar a esta agência, só achei que era melhor se eu não o seguisse de novo logo depois disso.

— Tudo bem — disse Strike. Ele não se esquecera de que a troca de tarefas em questão implicara que Kim o acompanharia ao Dorchester em um vestido de costas nuas.

— Deve ter sido a Robin — sugeriu Kim. — Ela o perdeu, lembra, na estação Victoria? Ele pode tê-la visto e a despistado de propósito. Ela não é tão cuidadosa como deveria com os disfarces, uma vez que apareceu na imprensa mui…

— Bom, não há garantia de que tenha alguma coisa a ver com o Plug — rebateu Strike. — Vou deixar você continuar. — Ele desligou, tomou um pouco mais do café, depois retornou a ligação de Calvin Osgood.

Estava no meio da explicação de quem ele era e por que estava telefonando, quando Osgood interrompeu na voz fina e estridente que Strike imaginou que um mosquito teria, se pudesse falar.

— Sei quem você é, você explicou no e-mail! Não tenho *nada* a ver com a Ramsay Silver. Eu já disse tudo isso à polícia. Alguém por aí está *fingindo* ser eu. Era a essa pessoa que pensaram estar mandando o e-mail!

— Acha que sua identidade foi roubada?

— Eu *sei* que foi roubada! Ele está se chamando de Calvin "Oz" Osgood, o produtor de música, que é quem eu sou, só que nem eu nem mais ninguém me chama de Oz, e ele linkou meu perfil no LinkedIn à merda da página dele no Instagram, então estive recebendo e-mails direcionados a ele em minha conta profissional!

— "E-mails", no plural? — perguntou Strike, o celular agora preso entre o ombro e a orelha enquanto ele logava no LinkedIn e procurava por *Calvin Osgood produtor musical*. — O que eles diziam?

— Bom, teve um da Ramsay Silver falando em me ajudar com um problema, e algum idiota perguntando se eu ainda estava interessado em comprar o furgão dele, e uma completa bobajada de uma garota que não sabia escrever direito,

dizendo que eu tinha feito uma pegadinha com a prima dela, e reclamando do que eu fiz com ela, ou uma merda dessas.

Strike tinha acabado de encontrar o que supunha ser o verdadeiro perfil de Osgood no LinkedIn. Mostrava um homem de rosto gorducho, mas não sem beleza, que Strike julgava estar em meados dos trinta anos. Mas o que mais o interessou foi que Osgood tinha cabelo escuro e encaracolado. Lendo a página por alto, Strike soube que Osgood produzia música incidental para programas de televisão, embora nada a que tivesse assistido.

— Você salvou esses e-mails para "Oz"?

— Eu deletei — respondeu Osgood, acrescentando, na defensiva: — Eu não sabia que ia ter a polícia e um detetive particular me ligando para falar sobre eles, sabia?

— Os e-mails deletados ainda podem estar em sua lix…?

— Eu esvaziei. A polícia não foi de ajuda nenhuma — continuou Osgood, a voz esganiçada ainda mais aguda. — Para o que vou ser arrastado agora?

— Tudo isso deve ter sido muito difícil para você — disse Strike, mas não particularmente sincero.

Tinha acabado de encontrar a página no Instagram descrita por Osgood. Na suposta conta de Calvin "Oz" Osgood, produtor musical, havia um link para a página verdadeira de Osgood no LinkedIn, para reforçar a credibilidade da conta falsa, mas "Oz" não aparecia nas fotos no Instagram, a não ser por uma ocasional mecha de cabelo escuro e encaracolado, a parte de trás de uma cabeça igualmente encaracolada, ou uma lente dos óculos espelhados. Na ausência de fotos de todo o rosto, os pequenos traços visíveis do falso Osgood poderiam ser fotografias do verdadeiro produtor. As imagens mostravam ambientes glamorosos e intrigantes — piscinas de borda infinita, longas praias de areias brancas, fogos de artifício nas Seychelles, mesas de mixagem, fotografias de cantores famosos que pareciam ter sido tiradas nos bastidores de um palco e fotos de interiores de jatos particulares. As legendas eram curtas, entregando pouco, e tendiam para hashtags igualmente curtas: *#VidaDeLuxo, #ShowDeGoulding, #MagiaDaMúsica*. Uma mostrava dois pés bronzeados em uma balança que dizia sessenta e oito quilos, com a legenda *#PesoIdeal*.

— E esses foram os únicos e-mails que recebeu de pessoas que pensavam que o senhor e o Oz do Instagram eram o mesmo homem? — perguntou Strike. —

Aquele da Ramsay Silver, o e-mail sobre o furgão e o outro sobre uma suposta pegadinha?

— Sim — confirmou Osgood, ainda mais na defensiva. — Por que eu mentiria?

— Só verificando — falou Strike. — Bom, obrigado por me responder.

— Eu estava em Manchester — acrescentou Osgood — quando aquele tal de Wright foi morto, e já provei isso à polícia!

— Então não preciso incomodá-lo mais — disse Strike, e depois de agradecer a Osgood mais uma vez pelo tempo dele, Strike desligou e começou a pesquisa reversa das imagens que Oz postou no Instagram.

Como Strike suspeitara, tudo tinha sido roubado de outras contas, com as partes do cabelo encaracolado de Oz editadas no Photoshop. Strike desconfiava de que a foto da balança, mostrando um peso que Strike teria de perder pelo menos alguns membros para alcançar, pretendia explicar a discrepância no tamanho entre o verdadeiro produtor musical de cara gorducha no LinkedIn e seu imitador no Instagram.

Strike pegou um cartão do tipo que costumava prender no quadro de avisos com o título: *Oz*

Imita Calvin Osgood, produtor musical, online
Criou conta fake no Instagram em janeiro do ano passado
Pode ter ele mesmo cabelo encaracolado ou ter usado peruca encaracolada quando fingia ser Osgood.
Alguém na Ramsay Silver enviou e-mail a Osgood/Oz oferecendo ajuda para um problema não especificado
Recebeu e-mail sobre um furgão à venda
Recebeu e-mail mal escrito sobre uma pegadinha numa garota

Strike prendeu este cartão abaixo de vários recortes da imprensa e notas relacionadas com os quatro possíveis Wiliam Wright, voltou a sua mesa e passou o resto da manhã tratando da papelada que não tinha relação com o caso do cofre de prataria.

Ele ainda estava ali, consumindo um almoço atrasado, quando Midge chegou para arquivar as anotações mais recentes. Ouvindo-a perguntar a Pat "vamos ter

um peixe?", e a resposta ríspida de Pat, "não, um peru, o que é que parece?", Strike chamou Midge à sala interna e perguntou se ela achava que o Plug a havia visto ultimamente.

— Não — disse ela com um grau inesperado de agressividade. — Por quê? Que merda a Kim está dizendo agora?

— Ela não está dizendo nada — respondeu Strike. Ele se lembrou de Robin contando a ele que o romance de Midge poderia estar em perigo, mas não gostou muito do tom de voz dela. — Recebemos uma ligação anônima no escritório e fiquei pensando se podia ser ele ou um de seus parceiros.

— Ah — murmurou Midge, meio constrangida. — Tá legal. Bom, o Plug fez uma coisa bem esquisita ontem à noite. Saiu da casa da mãe à meia-noite, entrou no furgão e foi a um loteamento na mesma rua. Entrou no galpão com uma lanterna, ficou cinco minutos, saiu, trancou tudo de novo e foi para casa. Esperei até que ele estivesse dentro de casa, depois fui ao loteamento. Para resumir a história, quase estourei o joelho pulando a cerca e tem alguma coisa viva ali dentro.

— O que, no galpão?

— É. Um bicho, não uma pessoa… a não ser que seja surdo, suponho. Eu disse "bata duas vezes se consegue me ouvir", e ninguém bateu. Seja o que for, parece grande, mas não se mexia muito. As janelas estão escurecidas e tem uma corrente enorme com cadeado na porta.

Strike ouviu o "boa tarde" brusco de Pat na frente do escritório e percebeu que Robin devia ter chegado. Ele seguiu Midge até a antessala, onde Robin pendurava o casaco e Pat preparava mais café.

— Ah, nós vamos…? — começou Robin, olhando para o aquário, mas Strike a interrompeu.

— Como foi com a sra. Duas-Vezes?

— Chato — respondeu Robin. — Só o que ela parece fazer são compras e se encontrar para almoçar com amigas. Passei o turno para Dev na Harvey Nichols.

Strike, Robin notara, estava com uma camisa azul que ela nunca havia visto.

— Recebemos um telefonema ameaçador — ele informou a ela. Pat tocou para Robin a segunda das duas mensagens que a agência recebera à noite.

— "Deixa isso de lado e você não vai se machucar"? — repetiu Robin. Ela certa vez desembrulhara uma perna decepada neste mesmo escritório, então um

sussurro inespecífico parecia pequeno em comparação, mas mesmo assim não gostaria de mais pacotes indesejados. — O que seria o "isso"?

— Só Deus sabe.

Os sócios se retiraram para a sala interna.

— Não mencione peixes — avisou Strike a ela enquanto fechava a porta. — O aquário deveria ser um presente de aniversário para a bisneta dela, mas uma avó rival derrotou Pat nessa.

— Ah, entendi — disse Robin. — Bom, isso animaria o lugar.

— É, vai mesmo levantar o moral, o peixe morre e Pat bota a culpa em mim — falou Strike.

Robin riu e depois, notando alguns acréscimos no quadro desde que o examinara, aproximou-se para ver.

Na parte inferior do quadro estava a anotação nova de Strike sobre "Oz" e ao lado um cartão com o título "Wright" trazendo um sumário das anotações que Strike fizera sobre o homem que morou por um mês na St. George's Avenue e trabalhou na Ramsay Silver por duas semanas.

aproximadamente um metro e setenta de altura – grupo sanguíneo A+ – canhoto – meados dos vinte a início dos trinta – bronzeado artificial, malhava, pesos – fumava maconha – lidava com armas profissionalmente/por recreação? – sotaque falso? Não de Doncaster? – sabe sobre "Rita Linda". Isto estará/esteve na imprensa? – namorada indo morar com ele? – associados/inimigos podem incluir homem de cabelo encaracolado e pele marrom-clara, garota magra de cabelo preto longo (possivelmente do sul da Ásia). Eles tinham a chave da portaria e do quarto de Wright.

A determinar: Ligar para Jim Todd, faxineiro da Ramsay Silver 07335 854042

Ligar para Pamela Bullen-Driscoll, gerente da Ramsay Silver 07194 241267

Na base do quadro havia uma nova fotografia, mostrando um homem de cabelo escuro, um bico de viúva pronunciado e bigode grosso. Ao lado, Strike havia escrito:

Dar sequência: Inspetor-chefe Malcolm Truman, supostamente membro da Loja Winston Churchill

Próxima reunião no Freemasons' Hall 23 de dez 18h30

Evidentemente, pensou Robin, com um ligeiro pesar, Strike tinha encontrado

a alegação na internet de que Malcolm Truman era franco-maçom. Seu olhar subiu pelo quadro à nova anotação sobre "Oz".

— Então o tal de Osgood é vítima de roubo de identidade? — perguntou.

— É o que alega — respondeu Strike. — Ele não ficou radiante por ter sido arrastado para uma investigação de homicídio.

— Não é de surpreender.

— Ele alega que estava em Manchester quando Wright foi morto. Vou verificar isso, mas desconfio de que seja verdade e a polícia tenha concluído que ele era irrelevante. É claro que a polícia não sabe de um homem de cabelo encaracolado entrando no quarto de Wright na manhã depois de ele ser assassinado.

— Acha que pode ter sido esse tal de "Oz"?

— É uma possibilidade — disse Strike —, mas mantenho a mente aberta.

— Já contou a Wardle sobre o homem de cabelo encaracolado e a asiática?

— Já, sim, e ele passou a informação à equipe que cuida do caso. Também entrei em contato com o faxineiro e a gerente da loja, Jim Todd e Pamela Bullen-Driscoll. Reações interessantes.

— É mesmo? — Robin quis saber, sentando-se enquanto Pat entrava na sala com duas xícaras de café, que colocou ao lado de cada sócio.

— Valeu, Pat — agradeceu Strike.

— Biscoito? — perguntou ela.

— Não, obrigado. Tentando me comportar.

— Eu também não — disse Robin. — O Natal está chegando.

— Um biscoito não vai fazer mal a *você* — insistiu Pat.

— Pode fechar a porta quando sair, Pat — falou Strike.

A gerente do escritório saiu, agora com um sorriso malicioso.

— Continue sobre Pamela e Todd — pediu Robin.

— Todd topou nos encontrar, mas só pode a partir do dia 19. Pamela Bullen-Driscoll só faltou me mandar à merda.

— Sério?

— Muito refinada — comentou Strike — e muito fria. "Eu já disse tudo o que tinha a dizer à polícia, sr. Strike."

— Ah — murmurou Robin. — Recebi seu e-mail sobre Jade Semple, a propósito.

— É, outra que não tem vontade de falar comigo. Mandei a ela prints das minhas credenciais e não tive nenhuma resposta. Talvez ela não queira encontrar o marido, como alegou à imprensa. Tinha um homem bem irritado quando nos falamos. Mas vi todas as gravações da câmera da Ramsay Silver dos dias relevantes. Se chegar aqui, eu te mostro os melhores momentos.

Assim, Robin pegou seu café e girou a cadeira para ficar ao lado de Strike, e ele mais uma vez sentiu um vestígio do perfume que comprara para ela.

— Muito bem — disse ele, abrindo o bloco em uma página em que tinha listado muitos horários diferentes, assim ele sabia onde parar a gravação. Pressionou play e, de imediato, acelerou.

— Ah, meu Deus — disse Robin.

— É — falou Strike.

A qualidade do filme em preto e branco era muito ruim, os contornos de armários, mesas e prataria na loja vazia eram nebulosos.

— Sabia que a câmera era uma bela merda. Tudo bem — disse Strike, vendo os minutos se passarem rapidamente no pequeno relógio digital no canto da tela. — Vinte para as nove, chega Pamela Bullen-Driscoll.

Ele pressionou play. A silhueta de uma mulher atarracada apareceu atrás do vidro da porta, as feições indistinguíveis. Ela entrou, acendeu as luzes, depois digitou um número no teclado ao lado para desativar o alarme. Strike avançou novamente.

— Ela abre a porta do porão no terceiro empurrão, e podemos deduzir que estava pendurando a bolsa e preparando um café, porque ela volta a subir sem a bolsa e com uma xícara. Então abre as persianas — relatou Strike, enquanto Robin via Pamela usar uma manivela de metal para fazer isso. — Observe, aliás, que tem um defeito na persiana da direita. Não vai até o fim da vitrine… outra suposta parte da segurança que Ramsay não se deu ao trabalho de consertar ou substituir. Às 8h44, chega nossa vítima de homicídio. Este — disse ele, apertando play de novo — é William Wright.

Um homem entrou na loja com um terno tão indistinto quanto Pamela. A barba escura cobria boa parte do rosto, assim como os óculos, que tinham uma armação grossa visível mesmo nesta gravação de má qualidade, e Robin foi lembrada do comentário de Daz de que Wright parecia uma ilustração de Adivinha Quem? Wright levantou a mão num cumprimento a Pamela, que agora

estava sentada a sua mesa.

Strike avançou mais uma vez.

— Nada de interessante de manhã — contou, enquanto Pamela e Wright se movimentavam pela loja de uma forma acelerada e cômica. — Os negócios estão lentos. Três pessoas olhando, uma das quais compra alguma coisa… ele — disse Strike, apontando um idoso perambulando entre armários de vidro.

Strike apertou play mais uma vez às 11h46, e eles viram William Wright preencher uma nota fiscal para o idoso.

— Sem dúvida canhoto — observou Robin.

— Exatamente — concordou Strike, avançando de novo. — Depois, às 13h03, Kenneth Ramsay aparece.

De fato Ramsay apareceu, reconhecível para Robin pelo borrão de cabelo prateado.

— Animado — comentou Strike, enquanto acelerava um Ramsay que andava e gesticulava, trocando comentários com Pamela e Wright —, porque ele achava que a prataria Murdoch estava para chegar.

O Ramsay na tela saiu da loja três vezes para olhar os dois lados da Wild Court na esperança de ver o furgão de entrega da Gibsons, mas a cada vez voltava decepcionado.

— Ele fica até as 14h14 — disse Strike —, decide que não pode mais estender o horário de almoço e vai embora. Depois, às 15h15, a coisa finalmente aparece.

Strike aperta o play.

Um entregador grandalhão de macacão aparece do lado de fora da porta, que Wright abriu. O homem entrou, empurrando um carrinho de transporte carregado com dois caixotes de tamanho médio e outro menor.

— Wright arrasta os três primeiros caixotes do carrinho — relata Strike, enquanto Robin vê isso acontecer na tela — e sai para ajudar o entregador com o caixote maior. Eles o tiram do carrinho juntos, largam ao lado dos outros… Agora, olhe só isso: o entregador está dizendo que não é trabalho dele carregar os caixotes além do salão da loja.

Pamela estava gesticulando; o entregador negava com a cabeça. Pamela assinou um documento que ele lhe estendeu, e o entregador foi embora.

Pamela mais uma vez foi ao porão.

— Ela vai destrancar o cofre — disse Strike. — Note que ela não faz isso na

frente de Wright.

Eles viram Wright pegar o caixote menor e esperar que Pamela reaparecesse. Quando ela voltou para cima, Wright desceu ao porão e Pamela deu um telefonema no celular.

— Veremos o resultado do telefonema de Pamela às quinze para as quatro — informou Strike, acelerando o vídeo de novo.

Uma loura entrou na loja e começou a disparar entre os armários. Em velocidade dobrada, Wright levantou um dos caixotes de tamanho médio e desceu ao cofre às pressas com ele. A loura falou com Pamela, que vestiu luvas brancas para abrir um armário. Enquanto ela mostrava pequenos objetos indistinguíveis à cliente, Wright reapareceu e levou o terceiro caixote ao porão.

Às 15h47, outro homem apareceu na loja. Era careca, a cabeça quase esférica, usava uma mochila e também parecia estar de macacão. Strike pausou o vídeo.

— Este é Jim Todd, o faxineiro.

— Como você sabe?

— Porque quando falei com ele, Jim supôs que eu já sabia que ele fora chamado à loja por Pamela, porque Wright precisava de ajuda para levar o caixote maior ao cofre. Todd faz limpeza para um escritório local nas tardes de sexta-feira, então ele estava por perto. Pamela o pressionou a sair cedo e ajudá-la.

— Ele não parece do tipo que levanta peso — comentou Robin.

— E você tem razão sobre isso — concordou Strike, pressionando o play de novo. — Veja.

Wright, que tinha voltado do cofre, juntou-se a Todd para pegar o caixote maior, mas Todd claramente lutava para escorar o peso, de forma que eles foram cambaleando para a escada do cofre e desapareceram. Pamela ainda estava ocupada com a cliente loura. Strike acelerou o vídeo. Wright voltou à loja sozinho.

— Acho que Todd teve um pequeno ataque cardíaco lá embaixo — disse Strike. — Continue vendo.

A cliente loura ainda escolhia o que comprar, e Robin se lembrou do pequeno pingente globular de prata de que havia gostado. Todd enfim reapareceu, massageando o peito. A loura saiu da loja. Pamela desceu a escada para o cofre sozinha.

— Aqui — disse Strike — foi quando Pamela começou a abrir as tampas dos caixotes e percebeu que parte da entrega tinha sido confundida… ela volta para

cima…

Pamela retornou à loja, segurando objetos inidentificáveis nos braços.

— Os "itens menores" que Pamela arrematou, que deveriam ter ido para a Bullen & Co.? — perguntou Robin.

— Você deveria ser detetive — respondeu Strike. — Ela encontra uma sacola para as coisas, entrega a Wright, diz a ele para levar à Bullen & Co… ele sai… e agora ela dá outro telefonema.

Strike acelerou de novo. Pamela terminou o telefonema em seu celular, depois teve uma conversa com Todd, que parecia, pelos gestos que fazia, dizer a ela que precisava estar em outro lugar.

— Dizendo que ela ainda precisa dele — sugeriu Robin.

— Isso — confirmou Strike —, porque Wright não vai conseguir carregar o centro de mesa para o cofre sozinho depois de pegá-lo na Bullen & Co.

Pamela volta ao cofre, reaparecendo às 16h42. Tira alguma coisa do bolso do casaco.

— Olhe com atenção — disse Strike, pressionando play de novo.

— Uma mensagem? — Robin quis saber, porque a Pamela na tela olhava algo que estava em sua mão.

— Acho que sim — respondeu Strike. — Veja a linguagem corporal.

Pamela ficou paralisada por quase um minuto antes de Todd falar com ela. Ela o olhou. Outra conversa animada se seguiu, Pamela apontando o cofre, depois fazendo gestos de corte com as mãos.

— Ditando as regras — falou Strike. — Ele quer ir embora, mas Pamela quer que ele fique para ajudar Wright a descer com o centro de mesa, depois que o objeto chegar.

Strike acelerou mais uma vez, parando às 17h06, quando Pamela recebeu outro telefonema. Com o celular colado à orelha, ela apontou para Todd, que saiu pela porta da frente. Às 17h09, Wright e Todd reapareceram, cambaleando sob o peso de outro caixote grande.

— O centro de mesa oriental foi enfim entregue ao comprador correto — constatou Strike, enquanto os dois homens saíam de vista, cambaleando pela porta do cofre.

Todd reapareceu do porão, segurando a bolsa de Pamela. Ela a tirou da mão dele, falando com ele por cima do ombro, e foi para a porta da rua.

— E ela vai embora — disse Strike, pausando de novo.

— Para uma mulher que foi meticulosa com a segurança antes… — comentou Robin.

— Exatamente. Ela vai embora, deixando na loja dois homens que não têm os códigos e as chaves… ou não deveriam ter.

Strike pressionou play outra vez. Jim Todd parecia ter uma crise de tosse.

— É aqui que ocorre o ataque cardíaco? — perguntou Robin.

— Ele sobrevive, mas acho que o trabalho braçal cobrou seu preço.

Ele acelerou até as cinco para as seis.

— Wright volta a subir… Todd vai embora…

— Espere — pediu Robin, e Strike pausou o vídeo de novo. — Wright está segurando alguma coisa, não está? — Strike voltou o vídeo e pressionou play. — Está mesmo — constatou ela. — Uma sacola ou coisa assim. Está segurando junto do peito.

— Talvez — disse Strike. O filme era tão reticulado que era difícil saber. — Ele baixa as persianas… a da direita não vai até a base da vitrine… apaga as luzes… e sai, batendo a porta.

Strike pausou a gravação de novo.

— O que acha? — perguntou ele.

— A porta do cofre talvez ainda estivesse aberta. A porta da loja não foi trancada direito. O alarme não foi ativado.

— Você é boa nisso — elogiou Strike.

— Conluio entre Wright e Pamela?

— É uma possibilidade. Agora veja…

Strike acelerou novamente. A loja ficava cada vez mais escura enquanto eles olhavam. Dez da noite. Onze. Meia-noite. Uma da madrugada. Uma pequena quantidade de luz penetrou pela brecha na vitrine que não estava coberta pela persiana defeituosa.

À 1h10 da madrugada, Strike pressionou play mais uma vez.

Alguém abria a porta da loja. A escuridão era tal que o que acontecia ali mal era visível: um leve cintilar no vidro da porta, uma sombra se movendo pela loja. A câmera foi desativada à 1h11.

— Continue atenta — pediu Strike.

Uma segunda escuridão, depois o relógio recomeçou às 3h07. Uma sombra

atravessou novamente a loja na direção oposta. A figura, quase indistinguível, parou perto do alarme. A porta se abriu e se fechou, e a figura foi embora.

Robin pegou o próprio café morno com uma sensação desagradável correndo pela coluna. No interlúdio escuro da gravação, um assassinato tinha acontecido, e ela parecia sentir os olhos dos homens no quadro de cortiça atrás dela encarando aqueles dois, que tratavam a questão como um enigma interessante.

— E isso é tudo para a noite do homicídio — declarou Strike, acelerando de novo. — Literalmente nada aconteceu no fim de semana… loja vazia no sábado todo… continua vazia no domingo… e então, na segunda, dia 20, ela é aberta cedo. Oito horas da manhã, assim Todd pode limpar antes da chegada de clientes…

Eles viram o vulto de Pamela Bullen-Driscoll reaparecer e destrancar a porta da frente. Todd a seguiu para dentro, de macacão.

— Todd não tem uma chave — comentou Robin. — Ela precisa abrir a porta para ele.

— Correto.

Strike pausou enquanto Pamela desativava o alarme.

— Ou ela se esqueceu de que não tinha ativado o alarme na sexta-feira, ou esperava que outra pessoa o tivesse feito. Pamela não parece preocupada nem confusa por ele estar ativado.

— *Por que* o assassino o reativou? — indagou Robin.

— Ótima pergunta — disse Strike. — A reativação faz parecer que o culpado ou foi alguém que trabalhava na loja, ou que tem ligação com um deles. Por outro lado, deu a Todd uma boa hora para limpar as digitais que pudesse. Agora veja só…

Strike pressionou play de novo. Todd desapareceu escada abaixo até o porão. Ainda com o vídeo acelerado, eles viram Pamela abrir as persianas de metal. Todd reapareceu, segurando um balde que continha produtos de limpeza, e começou a faxinar os armários e a mesa.

— Dá nove horas — comentou Strike, enquanto os minutos avançavam no relógio do canto superior direito da tela. — Wright deveria estar ali, mas não está. Pamela dá um telefonema… ninguém atende.

Todd desapareceu no porão.

— Ele está limpando a área da cozinha e o banheiro dos funcionários. Pamela

vai procurar por Wright na rua, que agora está quarenta minutos atrasado. Ela volta à mesa, dá outro telefonema… ninguém atende… e aqui está Kenneth Ramsay.

Robin viu Ramsay chegar. Ele desapareceu escada abaixo no cofre. Agora Strike pressiona play de novo.

— Então, fora de vista, Ramsay abriu a porta do cofre… acho que ele deve ter gritado, porque veja só…

Pamela vai às pressas para o alto da escada, olhando para baixo.

— Depois ela desce também…

Por dois minutos, a loja fica vazia. E então a porta da frente se abre e entra um baixinho de barba e terno escuro.

— Este — disse Strike, pausando de novo — É John Auclair, o colecionador a quem Ramsay pensava que ia vender a prataria Murdoch. Pesquisei sobre ele. Milionário da publicidade.

Pamela saiu da escada, foi trôpega ao telefone na mesa e fez uma ligação.

— Ligando para a polícia… ela desaba numa cadeira… presumivelmente diz ao confuso Auclair o que eles acabaram de encontrar… e ele se manda, o que não é nenhuma surpresa…

Na tela, o magnata da publicidade estava voltando à porta principal. Ele a abriu e saiu apressado. Strike pausou o vídeo.

— Não vale a pena ver o resto. A polícia aparece, e é exatamente como você espera: porta trancada, Ramsay, Pamela e Todd confinados para interrogatório.

O celular de Strike tocou e, para sua surpresa, ele viu o número do velho amigo Shanker.

— E aí? — disse Strike.

— Quero conversar — falou Shanker.

— Sobre o quê?

— Pessoalmente.

Como Strike sabia, Shanker em geral detestava longas conversas telefônicas. Isso se devia principalmente à preferência dele por fazer negócios cara a cara, porque em geral assumiam a forma de espancamentos e facadas.

— Quando? — perguntou ele.

— Logo. Agora — respondeu Shanker.

— Onde você está?

— Na Clapham Junction. Você vai ter de vir. Preciso ficar aqui. Vou encontrar um cara.

O olhar de Strike foi à janela. Era outro dia cinzento de inverno; sua perna ainda doía e ele contava com uma tarde com a sócia, na esperança, embora otimista demais, de ter a chance de se declarar, mas Shanker raras vezes entrava em contato sem ter algo que valesse a pena ouvir.

— Tudo bem — disse Strike com relutância. — Me dê uma hora.

— Pub Falcon — falou Shanker, e desligou.

— O que ele quer? — perguntou Robin.

— Se encontrar comigo — respondeu Strike. — Agora. Será que ele descobriu que Dredge, o traficante de drogas, mandou assassinar Rupert Fleetwood no cofre de prataria?

— Então o caso pode ser resolvido na hora do chá? — ponderou Robin, ligeiramente decepcionada, porque ela também estava ansiando por uma tarde juntos.

— Eu não apostaria nisso — disse Strike, torcendo para estar certo. Precisava deste caso.

— Gostei da sua camisa, aliás — comentou Robin. — É nova?

— É, sim — confirmou Strike. — Obrigado.

Sentindo-se um pouco mais animado, ele foi à antessala para pegar o paletó.

21

Ainda assim, meu coração pressente
Que perigo ou morte te aguarda neste campo.
Queria tanto saber que estás seguro e bem (…).

Matthew Arnold
Sohrab and Rustum: An Episode

Strike levou quarenta minutos para chegar à estação Clapham Junction. Por coincidência, da última vez que estivera nesta parte de Londres, vigiava a primeira secretária-que-virou-amante do Duas-Vezes. A região tornara-se cada vez mais sofisticada ao longo da vida de Strike; ele se lembrava de Clapham Junction quando ali funcionavam casas de penhores e oficinas duvidosas que faziam desmanche de carros roubados. Agora havia um supermercado Waitrose, bares especializados em vinhos e profissionais liberais retornando agitados para suas casas que valiam bem mais de um milhão de libras.

Ele sabia que o pub designado por Shanker como o local do encontro era antigo, mas o Falcon também tinha sido revitalizado. Strike entrou e encontrou madeira encerada, lustre de vitral e bancos de couro recém-estofados. Havia algo de tranquilizador em ver Shanker sentado ali sozinho, de cara amarrada e estalando os dedos compulsivamente, repelindo sem esforço qualquer um que pensasse em sentar-se ao lado dele. A barba de Shanker escondia a cicatriz funda que ia do meio do lábio superior até a maçã do rosto que, barbeado, revelaria uma boca repuxada para cima em um esgar permanente no estilo Elvis. Sua cabeça de cabelo raspado e as tatuagens que cobriam as mãos e o pescoço o marcavam como alguém que levava uma vida bem diferente dos recém-chegados educados daquela região, que se amontoavam em volta do balcão, alguns dos quais olhando Shanker de soslaio com um misto de fascínio e apreensão.

Shanker, como Strike sabia bem, era quase inteiramente amoral, um homem criado em condições que a maioria das pessoas no mundo desenvolvido não conseguiria compreender, em que a violência era uma realidade diária e a única lei era o interesse pessoal. Contra todas as possibilidades, ele e Strike criaram um vínculo graças ao amor mútuo que nutriram por uma mulher profundamente falha que tinha sido mãe biológica de Strike e adotiva de Shanker. Leda, que retirara o Shanker adolescente das ruas depois de ter sido esfaqueado e o levara para casa na ocupação em que morava com os dois filhos, sem querer tinha forjado uma consideração entre os dois adolescentes que sobrevivera à divergência de interesses que deveria ser absoluta, e de vez em quando eles trocavam favores. Ambos lamentariam saber da morte do outro, mas meses e às vezes anos se passavam sem que fizessem qualquer contato, e era muito incomum para Shanker convocar Strike a se encontrar com ele, como fez hoje.

— Como vai? — perguntou Strike, depois de pegar uma cerveja e sentar-se.

— Estou pra encarar cinquenta e seis meses, a não ser que meu maldito advogado tire alguma coisa do cu — falou Shanker, carrancudo.

— Ah, é? Qual a acusação? — Strike quis saber, sem se dar ao trabalho de demonstrar surpresa. Shanker entrou e saiu da prisão por toda a vida adulta.

— Obstrução da porcaria da justiça. Um monte de besteira. E Alyssa me colocou pra fora de novo.

— Lamento saber disso — comentou Strike.

Era novidade para o detetive que a namorada de Shanker já tivesse decidido pelo menos uma vez que sua casa funcionaria melhor sem o parceiro, mas não foi uma grande surpresa.

— Como está Angel? — perguntou Strike, que sabia que a filha mais velha de Alyssa tinha leucemia.

— Indo bem.

— Que bom.

— É — murmurou Shanker, taciturno. — Eu amo os filhos dela. E amo Alyssa também, aquela piranha.

Ele bebeu a cerveja.

— Era disso que você queria falar? — perguntou Strike. — Porque não sou um grande consultor sentimental.

— Não — rebateu Shanker. — Sei o que vou fazer a respeito dessa merda

com a Alyssa.

— É? O quê?

Strike se preparou para se opor a qualquer plano de vingança ou intimidação contra uma mãe solteira cuja filha mais velha tinha uma doença grave, mas Shanker respondeu:

— Joias.

— Joias — repetiu Strike.

— Peguei essa dica do meu velho, antes de ele ficar senil. As mulheres nunca dizem não a joias. A única coisa útil que ele me disse naquela maldita vida. Elas não recusam, e depois pensam em você toda vez que olham para elas.

— Conselho sábio — comentou Strike.

— Pode dar seu sorrisinho, mas ele teve filhos com dez mulheres diferentes.

— Dando joias a todas elas?

— Bom, ele também tinha um pau de vinte e três centímetros — acrescentou Shanker, e Strike riu.

— E então, por que estou aqui? — perguntou o detetive. — Dredge, o traficante de drogas?

— Ah, sim — disse Shanker, como se só agora tivesse se lembrado disso. — Dredge não matou aquele garoto. Ele só tentou dar um susto com uns caras. O garoto deu a ele uns dois mil em dinheiro, então Dredge recuou.

— Espera, o quê? — questionou Strike.

— Aquele garoto — falou Shanker com impaciência. — Fleet sei lá o quê, o cara que você acha que pode estar morto. Ele não está. Ele deu a Dredge dois mil pra ser deixado em paz, e foi o que Dredge fez. O Fleet sei lá o que não foi o cara que fez a sujeira com o Dredge, né? Foi o parceiro dele, o que deu no pé pra África.

— Tem certeza disso? — Strike quis saber. — Rupert Fleetwood deu dois mil a Dredge para deixá-lo em paz?

— Foi o que eu disse, não foi?

— Tudo bem — falou Strike. — É bom saber disso.

— Mas não foi por isso que eu quis me encontrar com você — anunciou Shanker, baixando o tom.

— Sério? — perguntou Strike, confuso. — Então, por que eu vim aqui?

— Vou te fazer um favor.

Strike bebeu um gole da cerveja, depois esperou, interessado no que vinha a seguir.

— Cê tá cavando onde não deve, Bunsen.

Strike o olhou, perplexo.

— E isso significa…?

— Significa — Shanker baixou a voz — o corpo na loja de prataria.

Por um momento Strike ficou sem palavras, de tão surpreso. Não tinha contado nada a Shanker sobre o corpo no cofre de prataria, só que queria descobrir se Fleetwood tinha se dado mal nas mãos de Dredge.

— Mas como *diabos* você sabe que estou investigando isso?

— Foi o que fiquei sabendo.

Strike o encarou e falou:

— Knowles?

Shanker franziu o cenho.

— Foi Knowles — afirmou Strike.

Shanker não disse nada.

— Não me venha com essa merda inescrutável — falou Strike com impaciência.

— O que é isso? — perguntou Shanker com um leve interesse.

— *Isso* — disse Strike. — Ficar franzindo o cenho. "Foi o que fiquei sabendo."

Embora parecesse estar de mau humor, Shanker sorriu.

— Melhor deixar isso quieto, Bunsen.

— *Foi… o… maldito… Knowles?*

Shanker estalou distraidamente os dedos. Por fim, falou:

— Não.

— Não foi?

— Não.

— Knowles ainda está vivo?

— Claro que não, caralho — disse Shanker com impaciência. — Ele era um narco. Teve o que merecia. Mas ele não estava naquela maldita loja de prataria.

Strike o encarou. Havia muitos assuntos sobre os quais ele sabia que Shanker era de uma ignorância quase impressionante — a geografia de qualquer lugar que não fosse a Grande Londres, como funcionava o sistema de impostos, quem criava

as leis —, mas o conhecimento dele do crime organizado em Londres era ímpar. O aviso inespecífico deixado no telefone do escritório agora assumia um aspecto um tanto diferente.

— Por que está me avisando, se não era Knowles? Lynden não quer que eu fique cavando isso?

— Bunsen — disse Shanker, baixando a voz e se inclinando para a frente —, Lynden acha engraçado os policiais pensarem que era Jason. Por que Lynden o colocaria num maldito cofre de uma porcaria de loja de prataria? Isso era muito mais problema do que ele merecia.

— Esta ideia me ocorreu — admitiu Strike.

— Então tu ainda tem miolos, né? — rebateu Shanker.

— Então, onde está Knowles agora?

— Foi pra Barnaby's — contou Shanker, com um sorriso sombrio.

— Mas que merda é "Barnaby's"?

— Foi o que fiquei sabendo — repetiu Shanker.

— Se não era Knowles, por que estou recebendo esse aviso? Porque Lynden Knowles não quer que eu prove que *não era* o sobrinho dele?

— Lynden não dá a mínima pra essa merda — disse Shanker, dando de ombros. — Mesmo que descubram o que resta de Jason, não podem culpar Lynden. É pra isso que Barnaby's serve.

— Então por que…?

— Porque o cara no cofre — Shanker baixou a voz de novo — estava jurado.

— Jurado?

— É — disse Shanker —, e você não vai querer se meter com o sujeito que apagou o cara jurado, tá certo?

— Sabe quem era o mandante?

— Sei o bastante — respondeu Shanker.

— Quem é ele?

— Não conheço pessoalmente.

— Você conhece o cara que fez o serviço? — perguntou Strike.

— Nossa amizade é antiga, Bunsen, mas você fica do seu lado da rua e eu fico do meu, tá entendendo?

Como Strike se limitou a encará-lo, Shanker disse:

— Não o conheço bem. Pessoas em comum.

— E?

— Ele saiu do radar. Esperto da parte dele.

— Ele não costuma ser esperto?

— Ele é maluco. Bocudo. Ainda assim, serviço limpo — disse Shanker, reconhecendo o talento profissional do sujeito. — Ganhou uma grana por esse, pelo que soube.

— Mas ele abriu a boca, ou você não saberia que foi ele que fez.

— Bom, é, ele é bocudo. Como eu disse.

— Então por que o cara no cofre foi morto?

Shanker terminou a cerveja e falou:

— Soube que ele achava que podia levar uma grana rápida e não sabia no que estava se metendo.

— Trairagem? — Strike quis saber. — Chantagem?

— Tu não é idiota, é, Bunsen? — perguntou Shanker, com um brilho de admiração.

— Quer outra bebida?

— Quero, pode pegar — confirmou Shanker.

Strike comprou mais duas cervejas. Havia enfeites dourados pelo balcão. Ele ficou tão absorto na conversa que não notou a música natalina tocando ao fundo.

Hither, page, and stand by me,
If thou knowst it, telling
Yonder peasant, who is he?
Where and what his dwelling?

— Como você sabe que estou investigando? — perguntou Strike, depois de voltar a sentar.

— Você foi visto — revelou Shanker. — Visto onde não deveria estar. E a notícia correu, e o figurão mandante não ficou feliz com você metendo o bedelho. É só o que eu sei.

— Escute — começou Strike —, se tem um segundo Lynden Knowles atrás de mim, eu preciso saber. Não se trata apenas de mim, tem Robin e o restante da agência. O que exatamente estou vendo aqui?

— Pensa — disse Shanker. — Onde aconteceu.

Eles se encararam. Como Shanker não piscou nem riu, Strike disse:

— Você só pode estar brincando. Acha que vou ser perseguido pelos maçons?

— Sabe qual é o teu problema, Bunsen? — disse Shanker, carrancudo. — Você é ingênuo pra caralho. Acha que porque um cara tem dinheiro, veste um maldito terno e nunca fez nada de graça…

— Eu *não acho* isso, mas…

— Você acha que um homem que tem muito a perder e paga pra se livrar de um cara que tem provas contra ele, e se safa dessa, fica feliz quando descobre que você tá xeretando? Agora tu tem nome, Bunsen — disse Shanker com certa admiração.

— Tudo bem, você já me falou essa parte, me diga quem é esse figurão maçom.

— Não posso. Já te falei. Eu não sei o nome dele.

— Não está só supondo que ele era maçom pelo local onde o corpo foi encontrado?

— Não — disse Shanker, impacientemente —, tô te falando, ele é um maldito maçom. O cara que fez o serviço falou. O figurão é maçom, ele tem grana pra torrar e gente para fazer as merdas no lugar dele.

Shanker deu um golinho na cerveja, enquanto Strike se lembrava das palavras de Mandy, na St. George's Avenue: "*Ele disse que 'alguém' poderia aparecer procurando por ele, mas depois ele disse, 'ou ele pode mandar alguém'*".

— Você não sabe o nome do maçom? — perguntou Strike.

— Já te falei que *não*, porra.

— Sabe quem era a vítima?

— Não, só sei que ele tinha alguma coisa com o maçom, então apagaram ele.

— Por acaso o assassino atendia pelo nome de "Oz"? — arriscou Strike, dando um tiro no escuro.

— Quê… tipo o maldito mágico?

— É — confirmou Strike.

— Nunca ouvi falar.

O olhar de Shanker vagou para a direita, para a porta.

— Acabou o tempo, Bunsen.

Strike olhou em volta. Um homem grandalhão, ainda mais coberto de tatuagens do que Shanker, tinha entrado no pub.

— É só o que você tem? — perguntou Strike.

— É só o que tenho — respondeu Shanker, já levantando a mão para alertar o

tatuado na porta para sua presença.

— Tudo bem — disse Strike, levantando-se. — Obrigado pelo aviso.

Ele terminou a cerveja no balcão, depois saiu do Falcon sem olhar para Shanker ou seu parceiro de negócios.

Até onde sabia, Shanker nunca o enganara intencionalmente, preferindo um "fica fora disso" direto se as perguntas de Strike chegassem perto demais do alvo. Strike, portanto, tinha de levar a sério a possibilidade de que ele e Robin de fato tivessem topado sem querer com um crime que passou despercebido até eles chegarem à cena e complicarem a questão.

Strike virou a gola do casaco para cima, no frio, depois ficou parado por uns momentos, fumando o cigarro eletrônico e remoendo qual seria seu próximo movimento. Uma coisa em particular que o velho amigo tinha dito lhe despertou uma ideia. Guardando o cigarro no bolso do casaco, Strike partiu de novo, não para a Denmark Street, mas para a Wild Court.

22

Mas principalmente a grande e complicada questão de "Quem?".

John Oxenham
A Maid of the Silver Sea

Strike telefonou para a casa de Robin naquela noite para informar que Rupert Fleetwood de algum jeito tinha arrumado duas mil libras para pagar ao traficante com quem o colega de quarto dele tinha uma rixa, e para transmitir o alerta de Shanker sobre o corpo no cofre de prataria. Murphy estava lá para jantar, e o apartamento de Robin era pequeno demais para ele deixar de ouvir tudo que ela dizia, a não ser que ela se trancasse no banheiro. Fingir que queria tomar banho logo depois de o sócio ter ligado daria ao namorado motivos suficientes para suspeitas, então as respostas de Robin a Strike foram deliberadamente concisas e não sugeriam o assunto da conversa.

Felizmente para ela, cuja mente disparava depois do telefonema, Murphy não fez perguntas. Era evidente que estava abatido e cansado, arriado no sofá, vendo o noticiário. A edição do *Mail* de terça-feira tinha publicado a entrevista de duas páginas com a mãe dos meninos que foram baleados no tiroteio entre as gangues, e a isso se seguiram matérias em outros jornais do dia. Pela primeira vez, Robin, assim como o restante dos leitores, soube que o ex-namorado da mãe enlutada tinha sido preso inicialmente, e isso, alegava-se, desperdiçara horas e dias valiosos em que os verdadeiros perpetradores conseguiram encobrir seus rastros.

Mais uma vez, ela sentiu que Murphy não receberia bem nem solidariedade, nem perguntas, então ela não mencionou o artigo do *Mail* nem nenhuma das matérias derivadas a partir dele, mas era impossível não desconfiar de que Murphy estivesse pessoalmente envolvido em alguma parte do que agora pareciam ter sido erros iniciais no caso. Lembrando-se de novo de como ele foi gentil e

compreensivo depois de sua longa estadia na Fazenda Chapman, para não falar na consideração com ela desde que fora hospitalizada, Robin só queria apoiá-lo e aliviar seu estresse, e, talvez, sua culpa. Eles comeram a lasanha pronta que ela havia esquentado e, como ambos precisavam acordar muito cedo no dia seguinte, foram para a cama às nove e meia. Não faziam sexo desde que Robin recebera alta do hospital, mas Murphy a abraçou na cama, beijou o topo de sua cabeça e disse:

— Tenho uma sorte tremenda por ter você.

— Eu também tenho sorte por ter você — disse ela, retribuindo o beijo.

Mas depois que a respiração de Murphy ficou mais profunda e ele se afastou dela, dormindo, Robin ficou acordada no escuro, ruminando o telefonema de Strike e suas possíveis ramificações. O que ela realmente queria era sair de fininho da cama e ligar para o sócio, mas não queria acordar Murphy, então ficou onde estava, enfim adormecendo e sonhando que ela e Strike estavam na Ramsay Silver, que, por algum motivo misterioso, estava repleta de brinquedos de pelúcia em vez de espadas e aventais maçônicos.

Às nove da manhã seguinte, Robin estava de volta a Camberwell, vigiando a casa onde o Plug morava com a mãe idosa. Ela teve um vislumbre da velha senhora por uma janela do térreo, e seu coração se condoeu: parecia preocupada e resmungava sozinha. Em seguida, cinco minutos depois de ela ter chegado, o filho de catorze anos do Plug, que deveria estar na escola, saiu intempestivamente da casa, parecendo apavorado, e partiu numa caminhada acelerada pela rua. Com uma fração de segundo para decidir se deveria continuar vigiando a casa ou seguir o garoto, a detetive escolheu a última opção.

Robin quase sentiu pena do filho do Plug, como sentia da mãe dele. Não só o garoto tinha o fardo das orelhas e do prognatismo do pai, como parecia solitário, desamparado e assustado. Ela podia muito bem imaginar que não era divertido ser arrancado de Haringey para morar com a avó com Alzheimer e o pai verbalmente abusivo. O garoto andava a passos muito rápidos, chegando a correr de vez em quando, e Robin teve o pressentimento de que o que quer que ele estivesse fazendo, era a mando do pai. Robin logo sentiu uma pontada incômoda na lateral do corpo — ou talvez, pensou ela, o local da cirurgia estivesse doendo. Isso a lembrou da carta do clínico que ela continuava a ignorar.

Ela estava seguindo o garoto havia quinze minutos quando o telefone tocou.

— Tem um minuto? — perguntou Strike.

— Sim — respondeu, tentando não ofegar. — Estou seguindo o Plug Júnior a pé. Onde você está?

— Na Liberty's — informou Strike, e Robin de imediato se lembrou de seu aniversário de trinta anos, em que Strike a levara à antiga loja de Londres para comprar um perfume, antes da fatídica ida ao bar no Ritz. — A sra. Duas-Vezes está no cabeleireiro.

— Não sabia que a Liberty's tinha cabeleireiro.

— Nem eu, e agora estou preso, zanzando no departamento de roupas femininas feito um esquisitão — disse Strike, movendo-se para permitir a passagem de um grupo de mulheres para examinar fileiras do que, para ele, eram vestidos excepcionalmente feios, estampados com grandes flores fluorescentes.

— É Natal — lembrou Robin. — Finja que está comprando presentes. *Compre* alguns, pra valer.

— Não aqui — rebateu Strike.

— E por que não?

— Eu simplesmente… não posso.

A música, as opções desconcertantes, a multidão, sua total ignorância em relação ao que as mulheres para as quais tinha que comprar presentes poderiam querer: ele preferia encarar um tratamento de canal. Pelo menos seria silencioso e teria anestesia.

— Você vai parecer mais natural zanzando por aí se tiver sacolas de compras. Para quais mulheres precisa comprar alguma coisa?

— Lucy e Prudence. Eu não ia comprar nada para Prudence, mas ela me convidou para a festa de Natal deles. Não posso ir, mas isso significa que ela tem alguma coisa para mim.

— Quando começou o atendimento da sra. Duas-Vezes no cabelereiro?

— Cinco minutos atrás.

— Então você tem pelo menos duas horas e meia.

— Como sabe disso?

— Porque ela tem dois tons de luzes diferentes. Isso leva tempo.

— Eu liguei — começou Strike — para falar de Shanker e daquele telefonema anônimo no escritório, que estou inclinado a levar um pouco mais a sério agora.

— Podemos conversar sobre Shanker enquanto você desce ao térreo —

sugeriu Robin.

— Por que eu iria ao térreo? — Strike quis saber, mesmo assim se colocando em movimento.

— Bolsas e cachecóis — explicou Robin. — Para Lucy e Prudence.

— Tenho certeza de que as duas têm uma bolsa e um cachecol.

— Meu Deus, você é um caso perdido — resmungou Robin. — Acho que o Plug Júnior talvez esteja indo para o mesmo loteamento que o pai visitou outra noite — acrescentou ela, de olho na figura à sua frente.

— Talvez o crocodilo ou o que quer que eles mantenham no galpão tenha mastigado a porta e escapado — sugeriu Strike. — Vou lá para fora, assim posso ouvir meus próprios pensamentos e podemos falar de Shanker.

— Tudo bem, mas depois disso…

— Vou comprar alguma coisa, sim — disse Strike, com um suspiro.

Ele abriu caminho pelo departamento de papelaria lotado e por fim, com alívio, chegou à calçada e pegou o cigarro eletrônico.

— Então — começou, enquanto Robin andava, a dor na lateral ficando ainda mais aguda —, liguei para Decima e disse a ela que temos certeza de que Fleetwood se livrou de Dredge, o traficante, dando dinheiro a ele. Ela não engoliu… ou, mais precisamente, ela acha que isso prova que ele vendeu o *nef* a Kenneth Ramsay, mas acha que Dredge o matou mesmo assim, como um alerta a Zacharias Lorimer. Também liguei para Wardle e disse a ele que nosso contato criminoso tem certeza de que o corpo de Jason Knowles foi para "Barnaby's", seja lá o que isso signifique, e que Knowles não era o cadáver no cofre da Ramsay Silver.

— Ótimo — disse Robin, que estava preocupada por estar em posse de informações que a polícia deveria ter; com sorte, Murphy nunca descobriria de onde elas tinham vindo. — Não falou com Shanker do agente à paisana…?

— Porra, claro que não!

— Desculpe — falou Robin rapidamente. — Desculpe, claro que não falou, eu não sei por que eu…

Mas ela sabia por que tinha dito isso: estava paranoica com a possibilidade de o namorado descobrir que ela e Strike estavam se metendo em questões que não diziam respeito a eles.

Plug Júnior reduziu o passo para fazer uma ligação pelo celular, então Robin

também ajustou o ritmo. O lado inferior direito do seu corpo agora latejava.

— Na verdade, eu liguei para falar sobre aquela história do alvo — disse Strike — e o fato de que quem supostamente deu a ordem sabe que estamos investigando… ou sabe que *eu* estou. Shanker não mencionou você.

— Onde acha que você foi visto?

— Só pode ter sido na Ramsay Silver ou na St. George's Avenue — respondeu Strike.

Havia um relógio decorado no alto de uma arcada à esquerda dele, um São Jorge mecânico e o dragão acima, com uma legenda dourada: *Nenhum minuto que passa volta a existir, cuidado para em vão não agir.*

Em Camberwell, o filho do Plug destrancava o portão do loteamento, e Robin, aliviada, tinha se refugiado ao lado de uma caixa de correio.

— Isso está ficando muito estranho e sinistro — comentou Strike. — Se aceitarmos a premissa de que um franco-maçom rico e poderoso queria matar um homem que o chantageava… e as vítimas de chantagem tendem a querer a morte de seus chantagistas… não consigo ver nenhuma razão para o alvo ser levado à Ramsay Silver. Na verdade, é de se pensar que um maçom assassino ia querer manter a coisa toda o mais distante possível de uma loja de prataria maçônica, e por que *diabos* ele daria instruções para que o corpo fosse enrolado em uma faixa maçônica…

— E se Wright estivesse mesmo chantageando um maçom rico — disse Robin, vendo o Plug Júnior correr para a porta com cadeado do galpão —, por que ele foi trabalhar para outro maçom?

— Bom, exatamente. A coisa toda parece algum delírio de um teórico da conspiração. Parece a trama de um filme de baixo orçamento.

— Mas Shanker não é um teórico da conspiração.

— Você diz isso — Strike falou lentamente —, mas quando Shanker começa a falar sobre o que fazem as pessoas poderosas que respeitam a lei, as coisas viram fantasia rapidinho. Você nunca vai convencê-lo de que as pessoas que alcançaram riqueza e poder de maneiras legais não são, na verdade, vigaristas, e ele acredita firmemente em associações secretas e influências ocultas a que as pessoas como ele não têm acesso… e, eu sei — disse Strike, adivinhando o que Robin estava prestes a dizer —, existem vantagens injustas e redes de velhos camaradas, é claro que existem, mas o que Shanker acredita vai bem além disso. Se você disser a ele

que o primeiro-ministro pega metade dos impostos do país e coloca na própria conta bancária, Shanker vai te dizer que você é uma trouxa por não pensar que ele leva três quartos. No fundo, ele acha que todo mundo é tão corrupto quanto ele, e líderes mundiais e bilionários conspiram uns com os outros para se safarem juntos.

— Ele não pode achar que *todo mundo* é corrupto — disse Robin com sensatez. — Ele conhece você.

— Ele aceita que aberrações da natureza como eu brotem de vez em quando, mas, fora da sua área de expertise, ele é mais crédulo do que você pode imaginar.

— Então você acha que Shanker entendeu a situação errado? É tudo balela?

— Ele alega conhecer o verdadeiro assassino. Disse que o cara falou demais, satisfeito por se safar. Precisamos levar isso a sério. E teve o telefonema ao escritório também. Pode ter sido um biruta qualquer… mas pode não ser isso.

— Quer largar o caso? — perguntou Robin, e ficou surpresa com a tristeza que sentiu ao pensar nisso.

— Não — respondeu Strike. — Estou cada vez mais interessado… mas não depende só de mim. Por isso eu telefonei.

— Bom, se Shanker tiver razão, o risco já existe, não é? — questionou Robin. — Quem matou Wright nunca vai ficar feliz de estarmos investigando, vai? Sinceramente, não consigo acreditar que correremos menos perigo se desistirmos. Até parece que podemos contar a eles que estamos dando para trás. Na verdade, é muito melhor saber que eles estão de olho na gente. Estamos prevenidos.

— É exatamente o que penso — concordou Strike. — Onde o Plug Júnior está agora?

— Entrou no galpão.

A dor no lado inferior direito de Robin ainda estava extremante aguda. Pela primeira vez, ela pensou que poderia marcar aquela consulta com o clínico. Sintomas que negligenciara antes a levaram direto para a confusão em que se metera recentemente; a atitude responsável era ser examinada. Querendo abstrair, ela disse:

— Esteve acompanhando o caso do Patterson?

— Sim — disse Strike. — Não exatamente empolgante até agora, né? Eu tinha esperança de que o chamassem de babaca e ele pegasse dez anos.

— Talvez esquente depois que ele depuser. Vai voltar para dentro da Liberty's

e comprar uns presentes?

— Tudo bem. — Strike suspirou e voltou para a loja, para ser recebido por uma rajada de ar quente e "Jingle Bell Rock". — Como vou saber que cachecóis comprar?

— Bom — começou Robin, de olho ainda no galpão distante —, Prudence gosta de cores clássicas: creme, azul-marinho, preto… nada colorido, nem, sabe como é, hippie. E Lucy parece que fica bem em tons pastel, então escolha cores claras, e nada extravagante ou espalhafatoso demais.

— Como você sabe dessas coisas? — perguntou Strike, com um espanto sincero.

— Como sei o que fica bem nas pessoas?

— Tudo isso — disse ele, que agora estava diante de uma gama de cachecóis de diferentes tamanhos e estampas. — Lembrar que cores Prudence usa.

— Pelo mesmo motivo de você se lembrar da lenda de Hiram Abiff. Olha, eu sei que você não vai gostar disso, mas acho que temos que dar presentes de Natal à equipe também.

— Mas que merda. — Strike grunhiu.

— É bom para os ânimos — insistiu Robin —, e pela primeira vez temos uma equipe ótima de verdade. Precisamos mostrar que os valorizamos.

— Não vou comprar mais cachecóis — falou Strike, decidido.

— Não precisa — rebateu Robin. — Eu estava pensando em garrafas de bebida ou vales-presente. E — acrescentou ela, porque não duvidava de que Strike não tivesse a menor noção do que comprar para ela, como não tinha para as irmãs — se for me comprar um cachecol, gosto de azul e verde.

— Tarde demais, já escolhi seu presente — disse Strike. — Vai ter que servir, não posso usar a coisa. A gente se fala depois.

Ele desligou, deixando Robin ligeiramente surpresa.

23

Então os males se reúnem
Não falta nenhum deles,
Ira, inveja, discórdia, conflito (…).

Sófocles
Édipo em Colono

A substituição do Duas-Vezes pelo sr. B implicava que a agência mais uma vez trabalhava em plena capacidade. Strike e Robin se viram só de passagem nos dias que se seguiram, assim, informaram um ao outro, por mensagens e telefonemas, que ninguém que eles procuraram em busca de mais informações sobre o caso do cofre de prataria tinha respondido.

— É Natal — Robin lembrou a Strike na segunda-feira —, as pessoas estarão ocupadas visitando a família.

Apesar dessas frustrações, houve uma evolução em duas questões de interesse mútuo, ambas sem relação com o assassinato de William Wright. A primeira consistiu em dois dias de muita empolgação no caso Patterson, que teve uma ampla cobertura da imprensa. Na terça-feira, Farah Navabi testemunhou e teve um desempenho comovente e carismático. Aos prantos, de forma que um juiz solícito perguntou se ela gostaria de um intervalo para se recompor, a bela Navabi regalou o tribunal com um relato de como foi incansavelmente maltratada, intimidada e assediada sexualmente por seu chefe, e revelou que só tinha realizado o trabalho de grampear o escritório do advogado porque Patterson fez ameaças crassas de retaliação se ela não obedecesse.

"Nem tenho como dizer a vocês o quanto me arrependo", ela soluçou. "Andrew Honbold é um homem muito bom, e Mitch me convenceu de que ele era um monstro."

— Eu falei — disse Kim Cochran durante o que Strike garantiu que fosse uma breve passagem de vigilância naquela noite. — Ela alugou um espaço em Belsize Park e já fisgou vários clientes do Patterson.

Na quarta-feira, Patterson, que era alto e tinha ombros largos, com um rosto muito esburacado e enrugado, foi perseguido na caminhada do carro ao tribunal por paparazzi. Seu testemunho, tuitado ao vivo por vários jornalistas, imediatamente tornou-se material para memes por conta da repetição rumorosa da frase "inteira e completamente inverídico". Quando ele teve permissão de deixar o banco das testemunhas, tinha dito isso quarenta e sete vezes e ninguém, com a possível exceção do próprio Patterson, ficou surpreso quando, na manhã seguinte, ele foi considerado culpado, com a sentença adiada para depois do Ano-Novo.

Strike teria gostado muito mais de tudo isso se não tivesse descoberto, no site de notícias que lia sobre a condenação de Patterson, um artigo sumamente cruel sobre si mesmo, escrito por Dominic Culpepper. Exatamente como Strike temia, Nina sem dúvida informara ao primo que tinha sido Strike que estivera vigiando sua esposa no Dorchester.

Outro jornal havia tentado publicar um artigo alguns meses antes, afirmando que Strike era um grande mulherengo como o pai, que ele costumava fazer sexo com as clientes e tinha dormido com uma mulher que também se relacionava com o mesmo advogado que Mitch Patterson tinha grampeado. Esse artigo nunca foi publicado porque Charlotte, justo ela, não só resistiu ao convite de ferrar Strike na imprensa, como também entrou em contato com as namoradas de Strike que ela conhecia, para garantir que ninguém falasse.

Mas a frágil barricada erguida por Charlotte foi varrida do mapa pela fúria de Culpepper e pelo ressentimento de Nina. O jornalista não precisava mais de citações de ex-amantes que recusaram-se a falar da última vez, porque tinha a prima, Nina, que forneceu citações anônimas com as quais Culpepper conseguiu reforçar o retrato do detetive como um homem sujo e inescrupuloso, que usava as mulheres para obter o que precisava, associando Strike a Patterson como um carniceiro parasita e libidinoso, que lucrava com a infelicidade humana e manipulava friamente pessoas de bom coração. Culpepper também requentou a história da concepção de Strike, que notoriamente aconteceu em um pufe em uma festa da alta roda regada a drogas, em 1974, e até encontrou outra pessoa para

falar abertamente sobre as sujeiras de detetives particulares: lorde Oliver Branfoot.

Strike não conheceu Branfoot, mas estava familiarizado com seu rosto e sua voz porque o homem era uma daquelas figuras públicas que conseguiam penetrar na mente das massas como um gás tóxico e invisível. Educado em Marlborough, um herdeiro da nobreza, Branfoot era um homem forte e desleixado, notável por uma incapacidade de pronunciar a letra R. Antes um membro conservador do Parlamento, ele agora dirigia várias organizações e comitês beneficentes e políticos, estava sempre pronto para fornecer uma citação aos jornais, salpicava suas conversas com expressões em latim e tirava proveito da fraqueza do público inglês por um aristocrata que parecia disposto a rir de si mesmo, aparecendo com frequência em game shows políticos, nos quais ele representava à perfeição o papel do sangue-azul trapalhão e cordial. Embora não soubesse exatamente por que lorde Oliver Branfoot desejava ligar seu nome aos ataques a um homem que ele não conhecia, Strike podia pensar em um motivo óbvio para que Branfoot quisesse esbravejar na imprensa que o negócio de detetives particulares deveria ser regulado de forma muito mais rigorosa.

Strike não tinha ilusões quanto à provável trajetória da fúria de Dominic Culpepper: este artigo, ele suspeitava, era o primeiro passo do que possivelmente se tornaria uma vingança contínua. Ele sentiu um forte desejo de ligar para Robin, porque sua voz costumava fazer com que lidasse melhor com a merda que o afligia no momento, mas havia uma possibilidade de que ela ainda não tivesse visto o artigo e, assim, pareceria o cúmulo da estupidez chamar sua atenção para ele.

Mas naturalmente Robin já vira o ataque de Culpepper ao sócio, porque tinha lido o mesmo relato online da condenação de Patterson, e sem dúvida isso lhe deu o que pensar enquanto estava sentada na hora do almoço no bar do hotel Rosewood, vigiando a agora bem penteada esposa do Duas-Vezes, que desfrutava de um coquetel com uma amiga.

Strike poderia ter ficado levemente sensibilizado ao saber que Robin não ficou nada horrorizada com as acusações e insinuações do artigo, como Culpepper pretendia que o leitor ficasse. Ninguém tinha trabalhado com Cormoran Strike de maneira mais próxima nos últimos seis anos e meio do que Robin Ellacott, e ela estava disposta a jurar que independentemente de quaisquer defeitos que o sócio tivesse, ele nunca tinha dormido nem dormiria com uma cliente, ainda que várias

mulheres divorciadas e em processo de divórcio (ela se lembrava em particular da sedutora srta. Jones) deixassem óbvia sua disposição de fazê-lo. Robin também notou que nenhuma ex-cliente fora citada no artigo, nem mesmo no anonimato.

Ainda assim, alguma mulher desconhecida que o ajudara em um caso tinha um ressentimento sério contra Cormoran Strike, e essa, Robin presumia, era a prima de Culpepper. A implicação de que Strike havia seduzido a mulher desconhecida em busca de evidências não era uma ideia agradável, Robin precisava admitir, embora fosse possível argumentar que ela própria não tinha muito direito de condená-lo, depois de permitir que uma testemunha importante e potencial suspeito em um caso anterior a espremesse na parede de um pub e metesse a língua em sua boca.

A essa altura de suas reflexões, duas mensagens chegaram no telefone, quase juntas. A primeira era de Murphy e continha um link para um novo imóvel para eles visitarem.

Será que esse vale uma olhada? Vi que Patterson teve o que merecia. Já leu o lance sobre Strike? Bj

Strike teria ficado satisfeito em saber que a reação imediata de Robin a esta mensagem foi de irritação com o namorado e um senso de proteção para com o sócio. Murphy também havia sofrido ultimamente com uma imprensa ruim e não fora sequer nomeado pessoalmente, então Robin teria esperado que ele manifestasse alguma solidariedade por outro homem sendo atacado na imprensa. Em vez de responder à mensagem, ou abrir o link do que parecia ser outra casa geminada, desta vez em Wood Green, Robin abriu a segunda mensagem, que era do próprio Strike.

O Duas-Vezes ligou. Está prestes a se juntar à esposa e à amiga dela para os coquetéis. Você pode se retirar, ele ficará com ela pelo resto do dia.

Robin tinha acabado de levantar a mão, pedindo a conta, quando seu celular tocou com um número desconhecido, mas ela reconheceu o código de área de Ironbridge e atendeu prontamente.

— Alô, aqui é Robin Ellacott.

— Alô — disse uma voz hesitante e juvenil demais para ser a avó de Tyler Powell. — Foi você que ligou para minha tia-avó?

— Se sua tia-avó é Dilys Powell, sim — confirmou Robin.

— Bom, ela está no hospital — informou a garota.

— Ah, lamento saber disso. Você então pegou os recados?

— Sim. Estou alimentando o gato dela. Por que quer falar com ela?

— Queria conversar sobre seu primo Tyler — respondeu Robin.

— Ele não está aqui. Ele foi embora.

— Sim, eu sei — disse Robin. — Teve notícias dele ultimamente?

Robin ouvia uma caneta riscando e calculou que a garota ou estivesse rabiscando, ou fazendo anotações.

— Não gosto dele — disse a menina, por fim. — Nós não nos falamos.

— Bom, poderia dizer a sua tia-avó que eu telefonei e pedir a ela para entrar em contato quando estiver melhor? — pediu Robin.

— Tudo bem — disse a garota.

— Muito obrigada. Como você se cha…?

Mas a menina já havia desligado.

Dez minutos depois, o pançudo Duas-Vezes entrou no bar com um terno muito amarrotado e um sorriso largo para a esposa e a amiga. Robin pegou a bolsa e o casaco e saiu, com o cuidado de não olhar nos olhos do Duas-Vezes, que tinha uma tendência a sorrir com malícia sempre que localizava um dos detetives que pagava para espionar a mulher com quem estivesse dormindo.

No saguão do hotel, Robin parou ao lado de uma grande árvore de Natal cercada de modelos prateados de renas. A caminho dali, registrou sua proximidade dos London Silver Vaults. Ela pegou o celular e ligou para Strike.

— Oi. Olha, estou perto da Bullen & Co., a cinco minutos a pé. O que acha de eu tentar entrevistar Pamela Bullen-Driscoll?

— Acho que terá muita sorte se conseguir falar com ela.

— Mesmo assim — insistiu Robin, agora indo para a rua —, ela é uma testemunha-chave, e sempre é mais fácil pressionar pessoalmente.

— Acho que vale a tentativa — disse Strike, que supunha, pelo tom amistoso de Robin, que ela não tivesse visto o ataque a ele na internet. — Talvez ela seja mais receptiva a uma mulher. Vou a Ipswich daqui a uma hora, a propósito.

— Por quê?

— Um dos parceiros do Plug em Ipswich pegou dois anos por estelionato. Kim descobriu. Pensei em ir xeretar e ver se ele está aprontando algo hoje em dia que envolva o Plug, muito dinheiro e um livro-razão.

— Tudo bem — disse Robin. — Bom, eu te informo se conseguir falar com Pamela. Talvez você tenha notícias minhas em dez minutos.

Ela desligou, verificou a rota no celular, depois partiu pela High Holborn, virou na Chancery Lane e, por fim, entrou nos Southampton Buildings.

24

Vocês foram informados no grau Arco Real de que
o rei Salomão construiu uma câmara secreta, cuja aproximação
se dava por outras oito câmaras ou apartamentos sucessivos,
todos subterrâneos, e que leva a uma passagem longa e estreita (…).

Albert Pike
O rito escocês antigo e aceito da maçonaria

A entrada dos Silver Vaults era uma porta de madeira discreta com um pequeno toldo de vidro. Robin foi admitida depois de tocar uma campainha e se viu diante de um segurança uniformizado que pediu para revistar sua bolsa. Em seguida, ela precisou se registrar na recepção e foi instruída a descer três lances de escada e a não tirar fotos do lado de fora de cada loja.

Intrigada, Robin desceu a larga escada de pedra, os passos ecoando, e se encontrou em um espaço diferente de qualquer outro que já tivesse visto na vida.

Uma passagem subterrânea arqueada e de teto baixo se estendia para longe dela, as paredes de ambos os lados com pesadas portas de aço para cofres. Ela andou pelo corredor, notando as câmeras a intervalos regulares que a observavam do teto, e vendo, nos dois lados, portas que se abriam para verdadeiras Cavernas de Aladdin, repletas de prata deslumbrante e cintilante. A forte luz na passagem e nas lojas incomodava os olhos, em especial quando refletida nos milhares de superfícies prateadas muito polidas. Robin virou em um canto e viu que o labirinto subterrâneo se estendia para bem além do primeiro corredor.

A Bullen & Co. ficava na segunda passagem em que ela entrou. Era uma das maiores lojas, acarpetada com um azul vivo, e um verdadeiro mar de prata recebeu seus olhos: prateleiras de travessas, bandejas, caixas, urnas, jarros e escudos, e, em sólidas mesas de mogno, peças gigantescas, inclusive candelabros,

centros de mesa cobertos de querubins e um imenso *nef* representando um galeão com velas enfunadas.

Uma mulher que Robin reconheceu imediatamente como Pamela Bullen-Driscoll, porque vista de trás era quadrada, falava rapidamente ao telefone a uma mesa.

— Já te falei, Geoffrey. Eu já te disse… eu simplesmente *não ligo*!

Pamela pareceu sentir alguém atrás dela, porque se virou, disse, "Preciso ir!" e bateu o fone no gancho.

Pamela não via necessidade de mudar seu estilo em função da evolução da moda a sua volta. Do cabelo duro de laquê aos grandes brincos e colar de ouro, do blazer preto trespassado com ombreiras ao batom rosa fosco, Pamela nunca saiu dos anos 1980, embora as décadas que se sucederam tenham aprofundado as linhas em volta da boca e na testa. Apesar de não estar acima do peso, ela era quadrada e tinha um tronco curto. Trazia no pescoço uma corrente cravejada de cristais na qual pendurava óculos de leitura dourados.

— Posso ajudá-la?

— Espero que sim — disse Robin, pegando um cartão de visita na bolsa. — Meu nome é Robin Ellacott e sou da Agência de Detetives Strike e Ellac…

— Eu não tenho nada a dizer! — Pamela falou em voz alta.

Retraindo-se, ela esbarrou em uma mesa carregada de objetos de prata, e uma taça de chifre de aparência frágil, apoiada sobre um estojo sofisticado, caiu no chão. Pamela pisou nele acidentalmente e a taça se quebrou. A mulher caiu aos prantos.

Robin se apressou a ajudar Pamela, que catava os pedaços de um jeito que sugeria embriaguez, fazendo várias tentativas de colocar a mão em cada caco.

— Vá embora, por favor! — Pamela soluçou. — E feche a porta ao sair! Eu não tenho *nada* a dizer a você!

Robin se virou, retornou à entrada da loja e de fato fechou a porta, mas permaneceu dentro do incrível depósito de prata, voltando a Pamela para ajudar a pegar todos os pedaços da taça, em silêncio. A proprietária da loja estava aflita demais para se importar que Robin não obedecesse a suas ordens. Cambaleou até uma mesinha, pegou alguns lenços de papel em uma caixa prateada, afundou em sua cadeira e chorou.

Robin colocou os cacos na mesa, sentindo-se culpada e tentando demonstrar

solidariedade. Depois de quase um minuto chorando, Pamela disse:

— São meus olhos! Fiz aquela cirurgia a laser… e não consigo *enxergar* direito… borrado… visão dupla… dores de cabeça terríveis… *Eu preciso dos meus olhos!* — falou Pamela, histericamente. — E meu marido…

Ela não terminou a frase, mas continuou a chorar, os lenços cinza já escuros ficando mais escuros ainda com manchas de maquiagem.

— Será que eu podia… Tem algum lugar em que eu possa lhe preparar um chá ou um café? — perguntou Robin.

Pamela não respondeu, então Robin decidiu explorar sozinha. Havia uma pequena estrutura parecida com um quiosque no canto da loja que continha uma máquina de café e xícaras. Robin preparou dois cafés, acrescentou muito adoçante para Pamela, depois voltou à mesa e sentou-se de frente para ela. Pamela chorou por mais um minuto até parar no meio de um soluço e pegar sua xícara. Precisou de duas tentativas para segurá-la. Bebeu o café adoçado, depois sussurrou um "Obrigada".

— Não podem fazer nada por seus olhos? — perguntou Robin, com uma preocupação genuína.

— Estou tentando encontrar alguém… Disseram que ia clarear e não aconteceu…

— Quando foi a cirurgia? — indagou Robin, disfarçadamente ligando o celular na bolsa para gravar.

— Em janeiro… as *dores de cabeça*… mas não posso parar de trabalhar. É a minha empresa!

— É uma loja incrível — elogiou Robin. — A Bullen & Co. é uma empresa muito antiga, não é?

— Q-quatro gerações. — Pamela soluçou. — Meu bisavô fundou… mas não resta nenhum Bullen agora. Não posso ter filhos e meu… meu sobrinho… — Ela soltou outro soluço. — Ah, estamos todos passando por uma fase pavorosa…

Robin fez uma pausa educada antes de falar:

— Sra. Bullen-Driscoll, precisamos realmente da opinião de uma especialista. Não entendemos nada de prata, compreende?

— Você quer conversar sobre prata?

— Sim, se não se importar. Ajudaria a entender por que a prataria Murdoch era tão importante e por que alguém chegaria àquele ponto para roubá-la. O sr.

Ramsay disse…

— Kenneth é um tolo! — interrompeu Pamela, com uma raiva súbita. — Um *idiota*! Eu *não tinha ideia* do que ele estava fazendo! Eu o teria impedido, mas ele não me contou, não contou a minha irmã… Ele hipotecou de novo a casa deles, pediu uma soma *exorbitante* emprestada a uma taxa de juros *ridícula*, vendeu todas as ações deles… Minha irmã não sabia de nada, *nada*, até ser tarde demais. *Insanidade!* Eu poderia ter dito a ele que o esquema burro dele não ia dar certo!

— Que esque…?

— Ele pagou *muito mais* do que a prataria Murdoch valia… *Loucura!* Ele achou que John Auclair, um colecionador famoso, iria trotando para a lojinha encardida dele e lhe daria meio milhão por ela! Ninguém em seu *juízo* perfeito pagaria tanto por aquilo! Kenneth é um *tolo*, um completo *tolo*!

— Não acha que ele teria um bom lucro com a coleção, então? — perguntou Robin.

— É claro que não! — respondeu Pamela com impaciência. — A coleção Murdoch só é do interesse de um subgrupo restrito de pessoas.

— Quer dizer os maçons? — indagou Robin.

— Sim. Bom, não necessariamente *só* os maçons… — A oportunidade de falar sobre sua especialidade tranquilizou um pouco Pamela. — A.H. Murdoch era uma figura bastante romântica, suponho. Um daqueles exploradores vitorianos. Algumas peças que ele colecionava tinham mérito artístico próprio, mas a maioria… A adaga de Skene e o centro de mesa oriental, que, francamente, é uma monstruosidade…

— A peça que foi entregue aqui, por engano?

— Sim. Uma coisa enorme e feia, coberta de símbolos maçônicos, com mais de um metro de altura. Não consigo imaginar quem iria querer, francamente. Eu disse a Rachel dois anos atrás, quando eles compraram a loja: "Você está cometendo um erro!" — contou Pamela, outra vez com raiva. — *Tudo*, do começo ao fim, foi equivocado, mas ela não me ouviu! "*Kenneth* acha que vai ficar tudo bem", "*Kenneth* conhece o mercado", "*Kenneth* conhece pessoas que vão *fazer fila* para comprar"… e é claro que eles ficaram no prejuízo desde que abriram a loja! A localização é péssima, e simplesmente não há *demanda* para uma loja tão especializada… se eles se satisfizessem com a venda online… mas Rachel *sempre* foi tola com os negócios. Nenhum dos dois tinha *a menor* ideia do que

estava fazendo.

"*Ela* ficou chateada por nosso pai me colocar encarregada daqui, e Kenneth odeia seu emprego e pensou que ia conseguir sair e falar de prata maçônica o dia todo. E nenhum dos dois tem *noção* de como montar uma segurança correta. É de se pensar, com Rachel sendo uma Bullen — Pamela disse isso como alguém que tivesse declarado que a irmã é uma Mountbatten-Windsor — que ela *teria percebido* o que era necessário. *Este* — disse Pamela, gesticulando para os Silver Vaults — é o quarto prédio mais seguro *do mundo*. *Nunca* houve um roubo nos London Silver Vaults, *nunca*. *Idiota,* comprando aquele lugar decrépito, pensando que eles poderiam fazer tudo com poucos recursos. Eu avisei! E *olha* o que aconteceu!"

— Foi muito gentil da sua parte ir ajudá-los — comentou Robin.

— Bom, eu *tinha* de fazer isso. Depois que meu sobrinho… — As lágrimas encheram os olhos de Pamela de novo — … e depois que minha irmã teve o derrame… é *claro* que tentei fazer o que pude. Nenhum deles queria abrir mão da loja. "É só o que temos agora." *Naturalmente*, eu disse que ia ajudar.

— John Auclair *apareceu* para ver a coleção na Ramsay Silver, não foi?

— Sim — Pamela bufou —, mas ninguém fica tão rico quanto John Auclair sendo *tolo*. Conheço John, vendi a ele algumas peças ao longo dos anos. Ele sabia *perfeitamente* que Kenneth tinha pagado *muito mais* do que o valor real da prataria. *Eu* sabia que John viria na segunda-feira para decidir o que ia levar, quando Kenneth já estivesse desesperado para conseguir *alguma coisa* de volta. Mas é claro que ele nunca viu nada disso, porque…

— Horrível, perder tudo daquele jeito — comentou Robin, que não queria introduzir o assunto do cadáver cedo demais.

— Foi pavoroso — disse Pamela, com um estremecimento. — Eu *não sabia* que alguém tinha estado na loja no fim de semana. Wright não trabalhava aos sábados, Kenneth cuida de Rachel nos fins de semana e eu não podia estar lá, porque ia ao casamento do meu primo.

— Supostamente, a senhora e o sr. Ramsay eram os únicos que tinham os códigos e as chaves, não?

— Sim… Bom, suponho que Todd *poderia* saber onde ficavam os controles da câmera, mas ele não deveria conhecer o alarme nem os códigos do cofre, e *definitivamente* não tinha chaves… Kenneth chegou correndo depois de mim, com

medo de ter perdido John Auclair, escapulindo do escritório, como sempre… ele está por um fio naquele emprego… então ele desceu ao porão e depois gritou.

Pamela engoliu em seco.

— Eu disse: "Você está bem, Kenneth?" Pensei que ele tivesse escorregado, se machucado. Ele não respondeu. Fui ao topo da escada. Falei: "Está tudo bem com você?" E ele continuava sem responder, então desci lá… Ele podia ter me impedido de ver — disse Pamela com amargura. — Podia ter me avisado… Foi pavoroso. Ainda tenho pesadelos… Kenneth lhe contou? Sobre as mãos de Wright sumidas, e… e tudo?

— Um pouquinho — respondeu Robin. — Deve ter sido um horror.

— Foi *medonho*… e então John apareceu. Eu tinha acabado de voltar para cima, para chamar a polícia. Quase desmaiei na frente de John. Só disse à telefonista, "tem um corpo, encontramos um corpo", e então precisei me sentar. John foi embora… posso entender, quem iria querer se envolver *naquilo*? E então Kenneth subiu, balbuciando, e Todd subiu também. Ele viu, é claro. Estava limpando o banheiro quando Kenneth desceu até lá. Homem horrível — disse Pamela, com outro estremecimento — Horrível.

— Jim Todd, quer dizer? — perguntou Robin.

— Sim. Não gosto nada dele. Não acho que seja de confiança.

— É mesmo?

— Tem alguma coisa muito dissimulada nele. Kenneth tem uma capacidade de julgamento *horrorosa* — disse Pamela, de repente ficando acalorada de novo. — *Todas* as pessoas que Kenneth contratou… Ele só se importa se elas são baratas!

— Wright foi barato? — Robin quis saber.

— Sim, e este é um exemplo *perfeito* do que estou falando! — disse Pamela, frustrada. — Eles estavam pagando quase nada a seu primeiro segurança, então naturalmente ele aceitou a primeira oferta de emprego que teve e, como estavam perdendo dinheiro a rodo, não o substituíram. Mas eu não queria ficar ali sozinha quando fui ajudar, não podia carregar tudo para cima e para baixo, e *como* Rachel ia fazer isso, mesmo se ela estivesse bem… Então Kenneth pôs um anúncio procurando uma espécie de faz-tudo, um vendedor que carregasse o peso e servisse de segurança.

— Ele disse que não foram muitos os candidatos — disse Robin.

— Não, claro que não, não com o salário que ele oferecia! Não foram muitos

candidatos. Eu *disse* a ele que não gostava do currículo de Wright. Cheio de erros de ortografia.

— Erros de ortografia — repetiu Robin.

— Sim. E depois ele *mentiu*.

— Wright mentiu? — perguntou Robin.

— Não, Kenneth! Ele concordou que não deveríamos entrevistar Wright, depois meteu o e-mail dele na lista, escondido, e só quando Wright apareceu foi que percebi que Kenneth tinha *me enganado* para eu convidar o homem para uma entrevista. E *depois* — disse Pamela furiosamente — ele acusou *a mim* de cometer o erro, que *eu* tinha colocado o e-mail dele na lista, por engano!

— Isso me parece muito injusto — declarou Robin, que estava mais interessada nesta informação. — Quantas pessoas a senhora acabou entrevistando?

— Só três… bom, duas. Uma delas não apareceu… aquela que eu achei que *poderia* ser muito boa. Suponho que tenha encontrado uma oferta melhor. Então entrevistamos só Wright e um garoto que tinha dezessete anos e parecia incapaz de encontrar o próprio nariz. Então é claro que, com as exigências *físicas*, Wright foi a única opção.

— Ele alegou ser de Doncaster, certo? — perguntou Robin. — Ele tinha sotaque de Yorkshire?

— Não sei, sinceramente. Ele não parecia muito refinado… educado o bastante — respondeu Pamela de má vontade —, mas eu soube *na hora* que ele não entendia nada de prata nem de antiguidades, não importava o que tenha dito na entrevista. Nem mesmo um conhecimento *básico*. Ele me perguntou o que significava o leão passante!

— E o que isso significa? — perguntou Robin.

— O leão passante — repetiu Pamela, com uma leve incredulidade diante da falta de conhecimento da própria Robin. — A marca britânica mais *básica* e comum. Significa que o item é de prata esterlina: 925 de pureza. Quando expliquei isso a Wright, ele disse, "que engraçado".

— "Que engraçado" — repetiu Robin. — O que tem de engraçado nisso?

— Não faço ideia — rebateu Pamela. — Mas depois, quando descobrimos que era Knowles, pensei, *"eu deveria ter percebido"*, pelo nome "Wiliam Wright". É uma empresa conhecida de Sheffield. Fazem prataria para hotelaria. Deve ser de onde Knowles tirou a ideia. Me senti tão tola por não enxergar isso.

— O sr. Ramsay disse que Wright usou o computador do trabalho para realizar pesquisas — contou Robin.

— Sim, ele entrou no "A verdade sobre os maçons" ou coisa parecida. Imagino que você pode argumentar que ele estava tentando aprender, mas não tinha informações sobre prataria em um site *desses*. Só absurdos de conspiração, e gente entrando lá para discutir tramas maçônicas, e maçons argumentando com eles… Nada sobre *objetos* maçônicos.

— O sr. Ramsay nos deu a gravação da câmera do dia da chegada da prataria Murdoch, mas ainda não tivemos a chance de ver. — Robin mentiu. — Foi um dia normal?

— Sim — disse Pamela, mas havia uma leve preocupação em seu tom. — Bom… não com a chegada da prataria Murdoch. Mas, tirando isso, foi normal.

— O sr. Ramsay nos disse que a prataria chegou atrasada — relatou Robin.

— Chegou, sim. Ele foi demitido… o entregador da Gibsons. Já lidei com ele antes. O nome é Larry McGee. Descuidado, não é o tipo de gente a quem se confiam entregas valiosas. Não fiquei surpresa de a Gibsons ter se livrado dele.

— A prataria deveria ter chegado na hora do almoço, não é?

— Sim, mas só chegou às 15h15, e depois McGee se recusou a carregá-la até o cofre, só largou os caixotes no meio da loja, então tive de ligar para Todd ir ajudar Wright a carregar. Todd trabalha nas tardes de sexta-feira em um escritório na Kingsway que fecha na hora do almoço, então ele estava por perto.

— E alguém abriu os caixotes, para verificar a prataria? — perguntou Robin.

— Sim, é claro. Eu mesma abri. Sou muito cuidadosa com a segurança, não ia deixar aqueles dois lidarem com objetos valiosos sem a minha presença. Abri o cofre para eles, e depois que eles levaram os caixotes para dentro e subiram, eu desci e levantei eu mesma a tampa. Foi *aí* que abri a caixa maior e descobri que McGee tinha entregado as *nossas* coisas à Ramsay, então eu sabia que o centro de mesa oriental deveria estar *aqui*. Wright veio aqui, e meu marido lhe entregou a peça. — Por um segundo, Pamela deu a impressão de que ia chorar de novo, mas respirou fundo e falou: — Depois disso, se dá para acreditar… *depois de tudo que aconteceu!*… Kenneth reclamou que eu comprei algumas coisas da coleção para a Bullen. Disse que eu rompi um acordo de cavalheiros. Que absurdo completo! Nada que compramos é maçônico, são apenas algumas peças bonitas de prata em geral. Acho que Kenneth acredita que qualquer coisa que Murdoch *tocou* é dele

por direito divino!

— Então ele é um fã pessoal de Murdoch? — Robin quis saber.

— Ah, sim. Murdoch escreveu livros, sabia? Kenneth tem todos eles. Ele pertence a uma lojinha asquerosa em Lewisham… Kenneth, não A.H. Murdoch. Meu pai era maçom também, por isso a Bullen & Co. teve uma linha secundária de objetos maçônicos enquanto ele estava vivo, mas papai não era nem de *longe* tão tolo com isso como Kenneth.

— Então, depois de colocar a prataria Murdoch no cofre, foi um dia inteiramente normal? — perguntou Robin. — A senhora fechou no horário de sempre e assim por diante?

Seguiu-se uma pausa mínima, em que Robin teve certeza de que Pamela se lembrava de que fora apanhada pela câmera.

— Precisei sair meio cedo. Estava com uma dor de cabeça *pavorosa* — contou. — Tenho isso desde a cirurgia a laser.

— A senhora recebeu uma mensagem de texto, não recebeu? — disse Robin casualmente. — Pouco antes de sair?

— O quê? — perguntou Pamela. — Ah… sim.

De repente as lágrimas voltaram a encher os olhos de Pamela.

— Não quero falar nisso. Não tem nada a ver com a questão, a prataria Murdoch ou Wright. Pedi a Todd para ficar na loja até Wright voltar. Estava tudo bastante seguro. E então fui para casa.

Sem abordar a questão de como Wright e Todd deveriam ter trancado a porta, ativado o alarme ou aberto o cofre para colocar nele o centro de mesa, Robin falou:

— Suponho que não haja nenhuma possibilidade de a senhora nos dar um clipe de sua *própria* gravação… de quando William Wright chegou aqui naquela sexta-feira, para pegar o centro de mesa?

— Bom… não vejo por que não — disse Pamela, ainda fungando, mas virando-se para o teclado. Café e simpatia pareciam ter suavizado consideravelmente a mulher. — Mas você não vai achar muito útil, receio. Ele só fica visível por alguns segundos.

Quando o trecho da gravação foi encaminhado ao e-mail dela, Robin disse:

— Se importaria de ver uma foto para mim?

Ela pegou uma cópia da foto de Rupert Fleetwood na bolsa e a estendeu.

— A pessoa que nos contratou gostaria de saber se este pode ter sido William Wright.

Pamela pegou os óculos de leitura e deu uma olhada em Rupert com seu uniforme borgonha de garçom. Robin notou que ela tinha dificuldades para focalizar. Quando Pamela fez que não com a cabeça, o cabelo duro de laquê não saiu do lugar.

— Não, sem dúvida não.

— Todos vocês concordaram que William Wright era Jason Knowles, não foi? — indagou Robin. — Todo mundo que trabalhava na loja, quero dizer?

— Ah, sim — confirmou Pamela. — Sim, sem dúvida era Knowles. Bom, fazia todo o sentido. Ele viu uma oportunidade. A segurança na Ramsay…

— As câmeras parecem muito velhas — comentou Robin.

— *Velhas?* — repetiu Pamela, voltando ao desdém anterior. — A Bullen & Co. substituiu aqueles modelos vinte anos atrás, e a do lado de fora nunca funcionou, o tempo todo em que eles são donos da loja. Kenneth nunca se mexeu para consertar. Achava que só o fato de estar lá já funcionaria como um obstáculo.

— Tudo bem — disse Robin. Enquanto devolvia a foto de Fleetwood à bolsa, ela acrescentou: — O sr. Ramsay falou sobre um e-mail estranho que foi enviado da loja uma semana antes do roubo. A um homem chamado Calvin "Oz" Osgood? Dizendo que podiam ajudá-lo com um problema?

— Sim, Wright enviou — respondeu Pamela prontamente. — Bom, certamente não fui *eu*, e Kenneth não foi. Nenhum de nós ouviu falar nesse homem.

— E Jim Todd? — perguntou Robin.

— Ele não deveria ter a senha do computador — disse Pamela. — *Eu* certamente nunca dei a ele.

— Sra. Bullen-Driscoll, isso foi de muita ajuda — falou Robin calorosamente, levantando-se. — Espero de coração que os problemas com seus olhos sejam resolvidos.

— Obrigada — disse Pamela, também se levantando. — Você foi… muito gentil.

Dez minutos depois, Robin estava sozinha ao lado da entrada da estação Chancery Lane do metrô, o celular colado em uma orelha, um dedo na outra, e

um largo sorriso no rosto.

— Ellacott — disse a voz de Strike, audível mesmo com o ronco do trânsito que a cercava —, você é uma verdadeira maravilha.

25

"Todos nós seremos ricos antes de morrermos."
"Depende de quando vamos morrer", grunhiu Tom
— e nessa observação, por mais óbvia que fosse,
havia indubitavelmente muita verdade.

John Oxenham
A Maid of the Silver Sea

A viagem de Strike a Ipswich rendeu uma pequena quantidade de informações adicionais sobre o amigo do Plug que Kim havia identificado como um ex-estelionatário. Segundo uma vizinha, que estava saindo de casa com um Setter vermelho e com quem Strike entabulou uma conversa fingindo ser apaixonado por cães, o amigo do Plug foi processado pela Lei de Crueldade com os Animais e proibido de ter qualquer animal doméstico por cinco anos.

— Um nojo — disse a vizinha a Strike, fechando a cara para o jardim malcuidado do homem. — Acho que a pessoa deveria ser perpetuamente proibida de ter animais de estimação após ser processada por crueldade. O que ele fez com aquele galgo… não tenho tempo para pessoas que maltratam animais. Deveriam ser igualmente maltratadas, se quer minha opinião.

Enquanto dirigia de volta a Londres naquela noite, Strike se perguntou se a crueldade com animais fazia parte de algum negócio que movia as discretas trocas de dinheiro entre o Plug e seus associados. Ao chegar em casa, ele deu um telefonema anônimo à Sociedade Real de Prevenção à Crueldade com Animais, dando a dica à instituição de que um animal grande, ou vários, parecia estar encarcerado sem ar fresco nem luz solar no galpão trancado a cadeado do Plug. Isso, ele esperava, talvez revelasse algo interessante.

Ao sair do escritório, ele notou que o aquário de Pat tinha adquirido três

habitantes, e parou para vê-los. Não eram peixinhos dourados, do tipo a que ele estava acostumado. Na verdade, um deles, que era preto, lhe pareceu tão deformado que ele se perguntou se não estaria doente, com algo semelhante a um crescimento nodoso na cabeça, um corpo empelotado e um movimento nitidamente errático. Encostado na base do aquário havia um cartão escrito "NÃO ALIMENTE, JÁ FIZ ISSO" na letra de Pat, uma instrução que Strike ficou muito feliz em obedecer. Ele saiu, apagando a luz.

Seu plano para o dia seguinte era localizar Larry McGee, o entregador que fora demitido da Gibsons a certa altura, depois de entregar a prataria Murdoch. Strike foi para a casa de leilões depois do café da manhã, planejando fingir que não sabia que McGee fora demitido e torcendo para arrancar detalhes de sua demissão da pessoa com quem conseguisse falar.

Uma mulher estava parada na esquina da Denmark Street com a Charing Cross Road enquanto Strike se aproximava. Alerta para a possibilidade de interesse jornalístico depois do artigo de Culpepper, Strike a olhou ao se aproximar, mas descartou a ideia de que ela trabalhasse para a imprensa. Era uma jovem de constituição robusta com extensão capilar louro-clara; ao chegar mais perto, ele viu cílios postiços e lábios volumosos, e o corpo revelado pelo casaco com cinto apertado também mostrava evidências de melhoramento estético, lembrando Strike de Bijou Watkins, que tinha grandes implantes nos seios, como aqueles. A loura baixou a cabeça e arriou os ombros quando Strike passou por ela, mas ele suspeitou que isso se devesse menos a algum desejo de se preservar incógnita do que de não ser importunada por um homem qualquer, o que ele desconfiava que lhe acontecia com muita frequência.

Meia hora depois, Strike chegou à Gibsons Auction House, situada em um elegante prédio eduardiano na Northumberland Avenue. Luzes de Natal douradas de bom gosto tinham sido instaladas em volta de uma janela grande, onde duas pinturas abstratas estavam penduradas em cordões quase invisíveis. Um homem da altura de Strike, que vestia um terno preto imaculado e tinha cavanhaque e a cabeça raspada, montava guarda do lado de fora da porta.

— Bom dia — disse Strike, pegando um cartão na carteira e mostrando ao segurança. — Gostaria de falar com Larry McGee.

— Vai precisar de sorte — disse o homem.

— E por quê?

— Ele morreu, amigo.

O segurança olhou o cartão que Strike lhe entregava e ergueu as sobrancelhas.

— Você é aquele cara que resolveu o lance de Lula Landry?

— Eu mesmo — confirmou Strike. — McGee ainda estava trabalhando aqui quando morreu?

— Não — respondeu o segurança, que agora olhava Strike com curiosidade. — Ele foi demitido.

— Alguma chance de eu conversar com alguém sobre isso?

Cinco minutos depois, e para surpresa de Strike, que previra uma rejeição, ele foi levado pelo segurança a um escritório branco e austero, com outra tela abstrata pendurada atrás da mesa organizada. Sua ocupante era uma mulher alta e negra em seus trinta anos, que vestia um terninho violeta e tinha o cabelo em longos cachos. A placa com o nome na mesa declarava que ela se chamava Diana Boadu, e seu sotaque sugeria uma educação privada, embora ela não demonstrasse nada da arrogância que Strike podia esperar de sua aparência estilosa e do prédio eduardiano belamente decorado onde ela trabalhava. Pelo contrário, assim como o segurança, Diana pareceu admirada, se não meio emocionada, por falar com Cormoran Strike.

— Mas por que *você* está interessado em Larry McGee? — perguntou ela, quando Strike aceitou a oferta de um café e uma funcionária ruiva fora despachada para providenciar.

— Ele entregou a prataria Murdoch — respondeu Strike.

— *Ah* — murmurou Diana Boadu. — Entendi.

— Mas acabo de descobrir que ele morreu.

— Sim, soube que ele morreu — confirmou Diana, que não parecia muito triste com o fato. — Mas isso foi depois de nós o demitirmos… meses depois — acrescentou ela, como se temesse que Strike tivesse a impressão de que a demissão de algum modo matara McGee.

— Alguma ideia de como ele morreu?

— Carter, nosso chefe de entregas, deve saber, mas acho que ele está levando uma encomenda.

— Você se sentiria confortável em me dar o número de contato de Carter?

O café de Strike chegou enquanto Diana ditava o número de Carter. Depois de agradecer à ruiva, Strike falou:

— Posso perguntar o que McGee fez para ser demitido?

— Não vejo por que não — disse Diana. — Suponho… quer dizer, em vista de sua reputação — (Strike pensou fugazmente no recente artigo sobre seu comportamento com as mulheres; parecia que todo mundo tinha lido) —, que você seja discreto…

— Muito — ele lhe garantiu, pegando o bloco.

— Bom, suspeitamos que ele tenha roubado.

— É mesmo?

— Sim. O primeiro incidente foi relacionado a dois spaniels Staffordshire de louça do século XIX, que desapareceram entre o depósito e o comprador. O comprador era um colecionador muito distraído e levou uma semana para registrar que os spaniels não estiveram na entrega, porque ele deu lance em muitos lotes. Foi uma situação espinhosa. Eles podem ter sido roubados no depósito e sequer ter sido carregados para o furgão de McGee, e… bom, francamente, sempre há uma possibilidade de um comprador tentar um golpe. Nós investigamos, mas não conseguimos provar nada, então demos o benefício da dúvida a McGee e reembolsamos o comprador com nosso seguro.

— McGee fazia as entregas sozinho?

— Sim — disse Diana. — Em geral enviamos as pessoas aos pares, mas foi uma época particularmente movimentada, então ele fez esta entrega sozinho. Achamos que ele viu uma oportunidade.

— Quanto valiam esses cães de louça?

— De duas a três mil libras — respondeu Diana. — E depois… ah, aí está o Carter! — disse ela, surpresa.

Strike viu um homem branco, em boa forma, de cinquenta e poucos anos, olhar pelo vidro da porta de Diana, com o punho erguido para bater.

— Entre, Charlie — ela o chamou.

— Só queria lhe dizer que a entrega de Burne-Jones foi adiada de novo — informou Carter, abrindo a porta e metendo a cabeça para dentro.

— Ah, pelo amor de Deus — disse Diana, irritada. — Não somos um depósito. Ele comprou, precisa receber!

— Ele estava ligando de Istambul.

— Tá, tudo bem. — Diana suspirou. — Este é Cormoran Strike, Charlie. Ele é…

— Detetive particular, é — falou Carter, entrando um pouco mais na sala. — Bradley me contou.

Strike deduziu que Bradley fosse o segurança.

— Ele veio aqui para falar de Larry McGee — explicou Diana. — Quer puxar uma cadeira?

Carter fez isso com tal prontidão que Strike suspeitou que a mensagem sobre a entrega atrasada tivesse sido um pretexto para descobrir o que estava acontecendo no escritório de Diana. Carter parecia ex-militar ou policial; o cabelo basto e grisalho era muito curto, o olhar, penetrante, e o macacão azul-royal estava bem passado.

— Estava agora mesmo explicando sobre aqueles cães desaparecidos — comentou Diana. Voltando-se para o detetive, ela disse: — De todo modo, em janeiro passado, aconteceu a mesma coisa em outra entrega feita por McGee. Desta vez, foi uma *kifwebe*.

— Uma o quê? — perguntou Strike. No mínimo, o caso do cofre de prataria estava ampliando seu vocabulário; primeiro *nefs*, agora isso.

— É uma máscara, produzida pelos povos songye e luba. Esta era dos anos 1920 e era especialmente bonita, valia cerca de cinco mil. Mais uma vez, desapareceu entre o depósito e o comprador e, de novo, o cliente tinha comprado vários itens no mesmo leilão, então não notou de imediato a falta de uma das máscaras. Dois incidentes com objetos facilmente portáteis desaparecendo de lotes múltiplos entregues ao mesmo comprador, e McGee o entregador em ambos os casos…

— É uma tremenda coincidência — disse Strike.

— De fato.

— Vocês o deixaram fazer a entrega sozinho de novo?

— Não — falou Carter, antes que Diana pudesse responder. — Ele nunca mais saiu sozinho depois que os cães de louça desapareceram. Eram dois homens na entrega da *kifwebe*, e o colega que deu apoio a McGee disse que não houve oportunidade nenhuma de McGee ter afanado a peça. Ele era muito pateta, esse garoto — acrescentou Carter, meneando a cabeça. — Entrou em pânico e pensou que ia ser demitido se admitisse que McGee ficou sozinho com a máscara. No fim, tivemos de nos livrar *dele* também… nada criminoso, só preguiçoso.

— E vocês não envolveram a polícia? — perguntou Strike a Diana.

— É complicado — disse ela.

— Não querem uma reputação de segurança ruim.

— Exato. As perdas não foram imensas, relativamente falando, mas mesmo assim… não conseguimos provar que McGee tinha levado a máscara, mas, depois disso, a gerência pediu a Charlie para fazer um registro de cada infração, cada caso de atraso ou indolência. Nós só queríamos nos livrar de McGee.

— Suponho que ele tenha tido as referências verificadas antes de ser contratado, não? — Strike perguntou a Carter.

— Ele teve, sim — confirmou Carter —, mas não por mim. Eu o herdei do último chefe de entregas. — Virando-se para Diana, ele falou: — Já contou a ele sobre a pornografia?

— Ainda não tinha chegado lá — disse Diana.

— Pornografia? — perguntou Strike.

— McGee via no telefone dele, no trabalho — explicou Carter. — Em todo tempo livre. E não se incomodava se alguém o visse… ou pelo menos até receber uma advertência verbal com relação a isso. Não, ele tinha uma vidinha de fantasia, o McGee.

— Em que sentido?

— Dois dos rapazes mais novos que o acompanharam em entregas me disseram que ele estava sempre falando de mulheres, e que as garotas iam atrás dele.

— *Larry McGee* achava que as garotas iam atrás dele? — indagou Diana, com um riso desdenhoso.

— Ah, sim — respondeu Carter. — Atraídas a ele como moscas em volta do… em volta dele, pelo que alegava. — Carter se corrigiu rapidamente. — A adolescente que morava do outro lado da rua deixava a cortina aberta de propósito quando tirava a roupa na frente da janela, esse tipo de coisa. Meninas chegando nele para pedir cigarros e mostrando a calcinha quando se abaixavam. De qualquer forma, ele recebeu a advertência seguinte pelo modo como se comportava com as mulheres que visitavam o depósito.

— Temos depósitos e garagem em Waterloo — explicou Diana. — Era onde McGee ficava na maior parte do tempo. Ele fazia piadas impróprias sobre o que as jovens estavam vestindo e sobre a vida sexual delas. Depois recebemos duas queixas e começamos a preparar uma audiência disciplinar completa, mas então ele nos deu um motivo inabalável para demiti-lo, portanto não foi necessário.

— Qual foi a gota d'água? — Strike quis saber.

— Ah, ele realmente fo… ferrou tudo — disse Carter, corrigindo-se tranquilamente pela segunda vez. — Com a prataria Murdoch. Ele estava com um colega, como sempre. Os dois fizeram algumas entregas, depois ele dispensou deliberadamente o outro cara. Fingiu ter enxaqueca. Pediu ao cara para comprar umas coisas para ele na farmácia e, quando o cara voltou, o furgão tinha saído.

— Certo — disse Strike, que agora fazia anotações rapidamente. — Quando vocês descobriram o que aconteceu?

— Dave me ligou imediatamente — informou Carter.

— A que horas McGee partiu no furgão?

— Por volta de meio-dia e meia — contou Carter.

— Então a prataria Murdoch ainda estava na traseira?

— Estava.

— Quando eu soube que McGee tinha se livrado do colega, eu mesma liguei para o comprador, Kenneth Ramsay — relatou Diana. — Ele disse que a prataria não tinha sido entregue na loja no horário agendado. Fiquei extremamente preocupada. Pedi a ele para me ligar se e quando McGee aparecesse, sem dizer a Ramsay o que tinha acontecido, só que estávamos preocupados com o atraso. De todo modo, ele me telefonou para dizer que McGee tinha aparecido pouco depois das três horas. Fiquei preocupada; desconfiei de que alguma coisa fosse sumir de novo… Era outro caso de um monte de itens indo para um mesmo comprador, então as mesmíssimas condições em que desapareceram a máscara e os cães…

"Mas Ramsay me passou para a mulher que estava na loja e ela me disse que estava tudo lá, exceto pelos dois lotes confundidos. Um centro de mesa foi para a Bullen & Co. e alguns itens da Bullen & Co. foram para a Ramsay Silver. Pedi a ela para mandar fotografias de tudo que ela tivesse lá e que entrasse em contato comigo quando o centro de mesa fosse devolvido. Precisava ter certeza de que não tínhamos outro roubo… mas, de todos os lotes, eu não conseguia entender por que McGee teria escolhido roubar o centro de mesa. Era incrivelmente reconhecível e impossível de ser carregado sozinho por qualquer um que não fosse um halterofilista."

— E ela lhe enviou as fotos?

— Sim, ela tirou fotos dos itens e mandou, e estavam todos presentes e

corretos, e me ligou depois para dizer que o centro de mesa também tinha chegado. Estava tudo lá… foi um enorme alívio.

— Ela enviou uma foto do centro de mesa também?

Diana franziu a testa, pegou o iPhone e procurou. Enquanto fazia isso, Strike disse a Carter:

— Você chegou a descobrir o que McGee fez entre dispensar o outro cara e entregar a prataria Murdoch?

— Ele alegou ter se perdido — disse Carter —, mas não esperava que acreditássemos. Ele só tinha que dizer alguma coisa.

— Como assim?

— Ele voltou ao depósito depois de finalmente entregar as coisas na Ramsay. Eu liguei para ele direto da minha sala e perguntei o que tinha acontecido. Ele alegou que Dave estava demorando demais na farmácia e que sabia que já estavam atrasados, então achou melhor ir andando, depois se perdeu. Ele sabia muito bem que estava prestes a ser demitido e não se importou. Na verdade, ficou satisfeito. Sorriu quando foi embora.

— Vocês contaram isso à polícia?

— Contamos — disse Carter —, mas eles demoraram a nos procurar. Apareceu um policial jovem, provavelmente só para constar. Acho que eles não se importavam com o que aconteceu com a prataria antes de chegar à Ramsay. E não tive notícia nenhuma deles depois disso.

— Por acaso você tem uma foto de Larry McGee? — Strike perguntou a Carter, que pegou o celular no bolso do macacão.

— Devo ter uma aqui — murmurou ele, e começou a procurar.

— Não — disse Diana, que ainda olhava fotos em seu próprio aparelho. — A mulher da Ramsay Silver não me mandou uma foto do centro de mesa oriental… mas me mandou uma mensagem dizendo que tinha chegado.

— Este é McGee — falou Carter, estendendo o celular para Strike. — O cara grande no meio. Foi na despedida de solteiro do Hassan.

Strike examinou a foto de um grupo de homens em um pub. McGee, como Carter, tinha cinquenta e poucos anos: alto, acima do peso, de face corada, com um lábio inferior caído que lhe conferia a aparência de um camelo. O pouco cabelo que restava era grisalho.

— Posso tirar uma foto com meu celular?

— Fique à vontade — disse Carter.

Strike fez a foto, depois virou uma página no bloco e perguntou:

— Alguém manteve contato com McGee depois de ele ser demitido?

— Bradley o viu um pouco — informou Carter. — Nosso segurança. Ele e McGee moravam em Hounslow. Mesmo local.

— Tudo bem se eu der uma palavrinha rápida com Bradley? — perguntou Strike a Diana.

Alguns minutos depois, Carter conduziu o segurança ao escritório, esse último, intrigado.

— É, eu o encontrei no pub algumas vezes — disse Bradley, quando indagado sobre seu contato com McGee pós-demissão.

— Quanto tempo depois de ele ter sido demitido?

— Hmm… — Bradley coçou o cavanhaque. — Na primeira vez, foi no sábado seguinte, à noite.

— No dia seguinte ao da entrega? — questionou Strike. — Antes que o corpo e o roubo tivessem sido descobertos, na segunda?

— É — confirmou Bradley. — Foi antes de tudo sair no noticiário. Eu perguntei por que ele tinha dispensado Dave e dado o fora, e ele falou um monte da mesma me…

Ao contrário de Carter, Bradley foi lento para encontrar um sinônimo para a palavra que decidira não usar na frente de Diana. Depois de uma pausa embaraçosa, ele substituiu por "besteira".

— O que ele disse? — perguntou Strike.

— Ele me disse que foi atrasado por uma "loura gostosa" que o atraiu a um beco — respondeu Bradley com um sorriso malicioso.

— Pelo amor de Deus — resmungou Carter, revirando os olhos.

— Eu respondi que ele era um mentiroso — contou Bradley. — Ele simplesmente riu. Me disse que queria mesmo sair da Gibsons, e que ia meter a mão em uma grana decente em breve, então não havia desvantagem por ter saído.

— Alguma menção sobre a origem do dinheiro?

— Não — disse Bradley —, eu pensei que ele quis dizer um testamento ou coisa assim. Não conversamos por muito tempo. Eu não gostava dele. Ele só morava na mesma rua, então às vezes eu esbarrava nele.

— Você o viu depois disso?

— Vi, uma vez. No final de outubro, no mesmo pub. Ele parou de se cuidar. Parecia que tinha engordado uns dez quilos. Perguntei se ele já tinha tido o tal golpe de sorte e ele engrossou comigo, disse que nunca falou que ia ter um golpe de sorte e foi embora. Depois eu soube que ele tinha sido encontrado morto no apartamento dele, após um vizinho reclamar do cheiro. Saiu no jornal local. — Ele continuou com uma voz grave e constrangida: — Um jeito triste de morrer.

— No jornal? — disse Strike, que ainda escrevia.

— Foi. *Hounslow Herald*. Causas naturais. Sempre pareceu que ele sofria do coração. Ele tinha umas manchas na pele tipo carne enlatada, sabe? Foi como o meu velho morreu.

— Muito atraente para uma loura gostosa — disse Carter, e Bradley deu uma risadinha.

26

(…) Desista!
— A parte guerreira de você pode, se assim desejar,
Considerando verdadeiras espadas difíceis de equilibrar,
Arremessá-las longe e saborear a nata das alegrias
Brandindo-as apenas em sua imaginação (…).

Robert Browning
Sordello: Book the Fifth

— Mas isso é tão… *estranho* — disse Robin por telefone a Strike meia hora depois, enquanto ele voltava a pé para o escritório.

— Sim, é mesmo — concordou Strike, com um dedo na outra orelha para bloquear o barulho do trânsito. — Muito estranho.

Sua perna doía de novo, mas, lembrando-se da bolsa de ginástica e da garrafa de água de Murphy, ele resistiu à tentação de parar um táxi.

— McGee parece ter pensando que receberia o bastante para valer a pena sacrificar seu emprego — comentou Strike —, mas receber pelo quê?

Robin, que estava sentada em seu Land Rover na frente de uma casa em Pimlico que a sra. Duas-Vezes visitava, não respondeu de pronto. Depois de um breve silêncio, os dois sócios falaram ao mesmo tempo.

— Eu só consigo…

— Eu pensei… Fale você — disse Strike.

— Eu ia dizer que só consigo pensar em duas possibilidades: ou ele estava fazendo algo sem relação nenhuma com a entrega da prataria, ou queria adulterar a prataria de algum jeito… Mas a prata não foi adulterada.

— É o que você diz, mas uma coisa *deu errado* na entrega. O centro de mesa oriental não foi para onde deveria.

— Mas no fim acabou na Ramsay Silver. Parece uma coisa sem sentido de se fazer, trocar o endereço de dois caixotes, se foi o que ele fez.

— Mas Pamela nunca viu o centro de mesa. Ela saiu às pressas da loja logo depois de o caixote ser colocado no porão, então não teve a oportunidade de fotografar e enviar a foto à Gibsons. Não temos prova se a peça de fato chegou lá.

— Você acha que Wright a roubou, na volta da Bullen & Co.?

— Não consigo entender como ele teria feito isso. Ele não poderia ter carregado sozinho e voltou à loja com muita rapidez para alguém que teria de fazer um desvio para deixá-la em outro lugar.

— Mas de todas as peças a roubar, o centro de mesa seria a última, não é?

— Foi exatamente o que a mulher da casa de leilões me falou.

— Pamela me disse que era praticamente invendável, até para maçons.

Os olhos de Robin agora estavam apontados para a porta de entrada da casa onde a sra. Duas-Vezes visitava uma amiga.

— Suponho — disse Strike, rompendo outro breve silêncio — que a polícia tenha concluído que o desvio de McGee era irrelevante, mas ainda prefiro saber se ligaram para ele. Talvez tentar localizar parentes, descobrir se ele chegou a ser interrogado. Também não me importaria de ver o laudo da autópsia.

Robin sentiu um arrepio de inquietação cada vez mais familiar. Strike, novamente, estava conferindo o trabalho da polícia, e ela pensou de novo em Murphy, e naquela anotação no quadro de cortiça sobre o inspetor-chefe Malcolm Truman ser um suposto membro de uma loja maçônica.

— Não sei se já tive um caso em que parecem ter acontecido tantas coisas sem sentido — continuou Strike. — Não consigo entender por que McGee desapareceu do radar antes de entregar a prataria nem por que Wright teve de ser morto no cofre.

— Definitivamente vamos considerar o que Shanker disse, não vamos? Este foi um assassinato planejado, e não uma briga que saiu de controle?

— Só podemos ter certeza quando soubermos exatamente como Wright morreu, certo? Se havia marcas de defesa e ferimentos à faca na frente do corpo, ainda pode ser uma briga que saiu de controle, mas continua parecendo um lugar muito estranho para estourar uma briga fatal com faca. Como eu já disse, um roubo é um entra-e-sai rápido. Se você fica irritado com alguém durante a coisa, espera até sair do local para resolver. Não acho que devemos desprezar o ângulo

da Ramsay Silver, de agora em diante. Tudo bem tentar encaixar diferentes candidatos a Wright, mas tenho a sensação de que quando descobrirmos por que ele foi morto no cofre, vamos saber quem ele era.

— O que aconteceu com "meios antes dos motivos"? — perguntou Robin, repetindo para Strike as palavras que ele próprio gostava de citar.

— Isto *é* o meio — disse ele. — O motivo pode ser qualquer coisa: fúria, inveja, uma dívida que ele tinha a pagar. O que quero saber é por que Wright foi morto *ali*. Sabemos que ele saiu da Ramsay Silver às seis e que voltou à loja à noite. Não dá para acreditar que ele apareceu lá por acaso à uma da manhã sem perceber que um roubo em larga escala estava prestes a acontecer. Então, isso sugere que o próprio Wright é um criminoso. O problema é que, com Knowles descartado, o único candidato atual para Wright que sabemos que já cometeu roubo é…

— Rupert Fleetwood — concluiu Robin.

— Exatamente.

— Mas você não acha que Wright seja Fleetwood.

— Suponho que — disse Strike, relutantemente —, contextualizado desse jeito, ele tenha de subir um pouco na lista de suspeitos, com um roubo de prata comprovado nas costas, mas ainda tem uma grande diferença entre ele saindo do clube do padrinho em plena luz do dia, cambaleando sob o peso daquele *nef*, e este roubo meticulosamente planejado… porque você precisa dar muito crédito a quem fez isso, afinal, eles saíram limpos dessa. Nenhum vestígio da prata desde então, nenhuma pista. Mas se o falecido é Fleetwood, eu diria que foi particularmente insensato a gangue dar cabo dele no cofre. Fleetwood era um jovem de classe alta bem relacionado, primo de um ator famoso e, quando gente assim é assassinada, é de se esperar uma retaliação. Eu luto para entender como, com outros três homens no cofre, um deles não teria se metido para impedir uma briga entre Fleetwood e seu agressor, sabendo das possíveis consequências de deixá-lo morto no chão.

— Concordo — disse Robin. — Isso não bate.

— Mas se o assassinato de Wright foi um crime premeditado e deliberado, fica ainda mais estranho do que uma briga espontânea. De todos os lugares para matar alguém, o cofre de uma loja de prataria maçônica me parece um dos mais idiotas. A segurança da Ramsay pode ser uma merda, mas ainda é um lugar arriscado para

se meter, e você certamente garante o interesse da imprensa.

— Strike, tenho que ir. Acho que ela vai fazer compras de novo — informou Robin, vendo a sra. Duas-Vezes descer a escada da casa com a amiga, e encerrou a ligação, deixando Strike, cujo estômago agora roncava, entrando em um supermercado para comprar o almoço. Com Murphy ainda em mente, ele escolheu uma salada, em vez do grande sanduíche de bacon que realmente queria.

A loura que ele notara mais cedo na esquina da Denmark Street tinha sumido, mas quando Strike abriu a portaria de seu escritório, localizou um pequeno envelope branco que sem dúvida não estava no capacho quando ele saiu. Ao se curvar para pegá-lo, ele viu a tradicional grafia incorreta de seu próprio nome em maiúsculas: CAMERON STRIKE. A letra tinha uma aparência esquisita, como se cuidadosamente moldada entre duas linhas horizontais, e Strike, que já tivera motivos para consultar especialistas em caligrafia, suspeitou de que isso tivesse sido feito para eliminar qualquer traço de individualidade.

Ao chegar ao escritório, ele encontrou Midge e Pat conversando, e as duas se calaram quando ele entrou. Os olhos de Midge, ele notou, estavam vermelhos.

— Bom dia — falou, fingindo não ter percebido. Ao passar pelo peixe, ele fechou a porta da sala interna, sentou-se à mesa dos sócios e abriu o envelope branco. Dentro dele havia uma folha de papel em que estavam escritas duas linhas do que ele reconheceu como uma cifra maçônica.



— Mas que merda é essa? — resmungou ele, e tinha acabado de ligar o computador para decodificar quando Pat bateu na porta.

— Tem um homem tocando o interfone. Diz que quer falar com você sobre Niall Semple.

— Sério? — perguntou Strike, pensando imediatamente no homem que aconselhou Jade Semple a não falar com ele por telefone. — Ele deu um nome?

— Não — respondeu Pat, irritada —, e não tem hora marcada.

Por princípio, ela reprovava a entrada de pessoas sem hora marcada.

— Deixe-o entrar.

Strike se levantou, cobriu o quadro em que prendera as fotos de Semple e dos outros possíveis Wright e escondeu o bilhete cifrado embaixo do teclado. Depois

foi à antessala a tempo de ver Pat abrir a porta de vidro, Midge passar por ela e um estranho entrar.

Era um homem bonito no final dos cinquenta anos, de ombros largos, quase da altura de Strike, e vestia um terno azul-escuro que o detetive notou que era feito sob medida. Tinha fartos cabelos grisalhos, um maxilar quadrado e usava óculos de armação prateada, e entrou no escritório não exatamente com um ar de quem espera uma reverência, mas algo próximo disso. Strike não ficou inteiramente surpreso ao ver um sorriso cordial substituir a carranca de Pat; ela sempre teve um fraco por homens bonitos.

— Sr. Strike? — disse o recém-chegado, no tom dos ricos aristocráticos que o detetive podia imaginar anunciando a abertura de uma festa no jardim. Sem dúvida não era o homem que chamara Jade Semple de "garota".

— Sou eu.

— Ralph Lawrence.

Eles trocaram um aperto de mãos.

— Quer um café? — ofereceu Strike.

— Não, obrigado, estou com pouco tempo — respondeu Lawrence.

— Posso preparar um curto — sugeriu Pat.

— Tudo bem — aceitou Lawrence com o que Strike considerou ser um sorriso propositalmente encantador —, um curto, então.

— Entre — disse Strike, recuando para deixar Lawrence passar.

Ele notou o olhar amplo que o homem lançou às duas salas enquanto chegava à mesa dos sócios, como se estivesse memorizando detalhes.

— Temos uma conhecida em comum — afirmou Lawrence, sentando-se na cadeira de Robin enquanto Strike fechava a porta.

— Temos? — perguntou Strike. — E quem é?

— Angela Darwish.

O interesse de Strike pelo visitante não convidado se aguçou consideravelmente. Ele e Robin conheceram Angela Darwish no contexto de um caso anterior, que envolveu um grupo terrorista de extrema direita. Darwish estivera trabalhando em parceria com a Polícia Metropolitana e nunca revelou nem sua exata descrição de cargo, nem o empregador, mas no fim da investigação Strike sabia muito bem que ela era do MI5. Isso não significava que Lawrence também trabalhasse para o serviço de segurança, é claro, mas certas suspeitas que

rondavam a mente de Strike sobre Niall Semple começaram a assumir uma forma mais sólida.

— Como posso ajudar? — perguntou ele, também sentando-se.

— Atualmente você está tentando identificar o corpo encontrado no cofre de prataria da Ramsay Silver, não está?

Na ausência de provas de que falava com um autêntico agente do MI5, Strike respondeu com outra pergunta:

— A esposa de Semple lhe deu a dica de que eu queria entrevistá-la, ou você está monitorando as mensagens na página dela no Facebook?

— Já falou com alguém além de Jade? — rebateu Lawrence.

— Por que pergunta? — retrucou Strike, que poderia brincar de trocar uma pergunta por outra o dia todo.

— Acho que um homem com sua inteligência pode adivinhar por que estou perguntando — declarou Lawrence com um sorriso sutil.

Houve uma batida na porta e Pat entrou com uma bandeja. Embora soubesse ser infantilidade, Strike ainda assim ficou meio irritado por Pat ter trazido a leiteira e o açucareiro para seu visitante refinado.

— Muito obrigado — disse Lawrence, sorrindo para a gerente, e Strike ouviu a satisfação no "não há de quê" rouco de Pat.

— Posso falar com franqueza? — perguntou Lawrence, depois de Pat ter fechado a porta.

— Não sei. Pode?

Strike não estava sendo agressivo só porque sentia fome e tinha apenas uma salada de supermercado o aguardando, nem por causa da tranquila aura de segurança de Lawrence; ele conhecera muitos desse tipo no exército. O que o detetive achava ofensivo era o pressuposto do homem de que só precisava insinuar que ele era do MI5 para Strike aceitar isso como um fato. Strike considerou que Lawrence merecia bem pouco respeito, assim recostou-se na cadeira sem corresponder ao sorriso do sujeito e bebeu da caneca lascada do Arsenal que Pat considerava adequada para seu chefe.

— Gente mais bem colocada do que você já está procurando por Niall Semple — revelou Lawrence.

— É? — murmurou Strike. — Minha agência tem uma taxa de sucesso de cem por cento na localização de pessoas que tentamos encontrar, mas se você o

localizar antes de nós, avise.

De certo modo, ele esperava eliminar o sorriso da cara de Lawrence com essa, mas não foi o caso.

— O que você sabe a respeito de Semple?

— Ninguém parece tê-lo visto vivo desde que um cadáver com sua altura, peso e idade aproximados apareceu em um cofre em Holborn.

— Para quem está trabalhando? Para um jornal?

— Se você for quem sugere ser, sempre pode invadir computadores e descobrir — rebateu Strike.

O sorriso de Lawrence não se abalou. A impressão dada era de que ele lidava com idiotas obstrutores como Strike com frequência de mais para se deixar irritar por eles.

— Sr. Strike — falou —, Niall Semple não era o homem no cofre de prataria. Tem minha garantia pessoal com relação a isso.

— Tudo bem. Mostre-me a prova e vamos riscá-lo da nossa lista.

— Infelizmente — disse Lawrence —, não posso lhe dar provas sem infringir a Lei de Segredos Oficiais.

— Então não posso excluí-lo, posso? — questionou Strike, sem se deixar impressionar pela sugestão de que poderia colocar em perigo a segurança nacional ao identificar um corpo.

Strike notou certa decepção em Lawrence por seu apelo à rainha e ao país não ter funcionado. Ele agora olhava o lugar onde a perna protética de Strike estava escondida pela mesa.

— Herrick, não? — perguntou, referindo-se à operação militar britânica no Afeganistão.

— Foi — confirmou Strike, sabendo muito bem que deveria ficar lisonjeado por Lawrence saber disso.

— Entendo que você pode ter… certo sentimento de companheirismo por Semple, sendo você mesmo ex-militar…

— Não preciso ter sentimento de companheirismo por uma pessoa desaparecida para tentar descobrir se ela está viva ou morta — retrucou Strike. — É o meu trabalho.

— Você não tem os recursos que nós temos.

— Ainda assim, com todos os seus recursos, vocês não o encontraram.

— Você gosta de publicidade, sr. Strike, mas a publicidade, neste caso, pode ser prejudicial.

Strike sabia que agora ele tinha a vantagem; podia ver que Lawrence havia se arrependido imediatamente de ter se rebaixado a um ataque pessoal, porque o homem acrescentou depressa:

— Veja bem… estamos do mesmo lado.

— Quero descobrir se Niall Semple morreu. Você quer me impedir de descobrir. São dois lados muito diferentes. Devo lhe dizer o que acho que está acontecendo aqui?

— Por favor — disse Lawrence, pegando o café.

— Preocupado com a possibilidade de um tabloide vazar que estou procurando por Semple, você decidiu que deveria me fazer uma abordagem discreta, para me convencer a abandonar a questão. O fato de que burocratas de alto nível estão tentando me advertir — ele notou a pálpebra de Lawrence tremer e ficou satisfeito ao perceber que o homem não gostou de ser descrito como um burocrata — me faz pensar que Semple pode ter sido ferido em uma operação que vocês não querem que seja de conhecimento público. Ele sofreu danos cerebrais e pode representar risco. Conclusão: seria bom para vocês se ele estivesse morto, mas seria muito melhor se não tivesse acontecido de um jeito que agradasse aos jornais.

Por um momento, eles se encararam sem piscar, os olhos azul-claros de Lawrence nos castanhos de Strike.

— Tudo bem — disse Lawrence, colocando o café na mesa e se levantando. — Obrigado por seu tempo. Se em algum momento quiser entrar em contato comigo, ligue para este número. — Ele pegou um estojo de prata achatado e colocou um grosso cartão de visita branco na mesa. — Adeus.

O homem saiu sem um segundo aperto de mãos. Em vez de acompanhá-lo até a porta, Strike pegou o cartão que Lawrence deixara e o examinou, sem se impressionar. Trazia apenas o nome do homem, que Strike não necessariamente aceitava como verdadeiro, e um número de celular. Strike descobriu o quadro de cortiça e prendeu o cartão abaixo da foto de Semple, depois voltou ao computador, abriu o Facebook e enviou uma nova mensagem à esposa de Semple.

Não trabalho para um jornal. Só quero uma conversa rápida.

Se Lawrence realmente conseguia acessar as mensagens privadas de Jade no Facebook, Strike torcia para ele gostar dessa.

Sentando-se à mesa e ignorando a salada, porque já estava de mau humor, Strike pegou o bilhete cifrado que tinha escondido embaixo do teclado e passou a trabalhar, decifrando a mensagem, símbolo por símbolo. Em minutos, tinha produzido uma frase escrita em sua língua, abaixo do código:

O | homem | no | cofre | era | dangerous | dick | delion | eu | não | sei | quem | o | matou | mas | ele | está | na | TV

27

A única dificuldade foi decidir como ver a questão
— o que fazer, e como.

John Oxenham
A Maid of the Silver Sea

Na fria e enevoada manhã de sábado, Robin acordou, exausta, no apartamento de Murphy, em Wanstead. Ela teria preferido mais umas duas horas de sono, porque, apesar de dizer ao namorado que "ia para a cama logo" e "só preciso mandar mais alguns e-mails", Robin ficou sentada na sala de estar até as duas da manhã, examinando a página no Facebook de Calvin Osgood, o verdadeiro produtor musical, e a página no Instagram de Calvin "Oz" Osgood, seu imitador. Depois de abrir caminho pelo labirinto digital de conexões e becos sem saída, ela chegou a um site para jovens desaparecidos e foi incapaz de seguir adiante.

Ela se deitou de mansinho na cama para não acordar Murphy, mas sua noite foi inquieta e pontuada por pesadelos com a Fazenda Chapman. Porém, como Robin e Murphy tinham marcado de ver outra casa juntos, ela se levantou, de olhos inchados, mas sem reclamar, às oito, vestiu-se e tomou o café da manhã antes de partir na neblina densa e fria. Eles saíram no Toyota Avensis de Murphy, porque Robin tinha levado o Land Rover a uma oficina para uma vistoria. Ao deixá-lo lá, ela não se sentiu diferente de um dono de bicho de estimação esperando para saber se o veterinário poderia salvar seu amado animal: o barulho no carro, cuja origem ela ainda não havia identificado, tinha ficado mais alto.

O humor de Murphy estava melhor hoje. A Metropolitana tinha prendido novamente o motorista do carro do qual se acreditava que foram disparados os tiros nos dois jovens irmãos. Murphy disse a ela, com uma confiança cautelosa:

— Acho que desta vez vamos pegar os filhos da puta.

A neblina se estendia densa na rua enquanto eles seguiam para o oeste na Wood Green, mas o Avensis estava quentinho e confortável, e Robin pensou no velho Land Rover e tentou dizer a si mesma que talvez não fosse má ideia ter um carro com um aquecimento que funcionasse. "Do They Know It's Christmas?" soava no rádio quando o celular de Robin tocou e imediatamente conectou-se ao Bluetooth, revelando o nome de Strike.

— Oi — falou ao atender —, e aí?

— Boa notícia, se você puder conversar.

— Na verdade — disse Robin, com certo pânico, porque não queria que Strike dissesse nada que revelasse a Murphy o que eles estavam fazendo e, sobretudo, não queria que Strike mencionasse que eles sabiam que o corpo não era de Jason Knowles —, posso retornar a ligação depois? Estou indo ver outra casa.

— Sem problema, a gente se fala depois.

Robin desligou. "Do They Know It's Christmas?" voltou aos alto-falantes.

— O que eu não tenho permissão de ouvir? — perguntou Murphy.

— Deixa de ser bobo. Só estou cansada. Não vou começar uma longa conversa de trabalho agora.

Eles seguiram pela névoa e depois de um tempo Robin passou a falar sobre sua iminente ida a Masham.

Viu só?, pensou ela. *É você que estou levando para casa. É com você que vou passar o Natal.*

— Me parece bom — comentou Murphy com entusiasmo, meia hora depois, quando eles chegaram à Moselle Avenue. As casas geminadas eram de tijolinhos vermelhos e todas elas pareciam em um estado muito melhor do que a que eles viram em Wanstead.

Robin tinha acabado de sair do carro quando seu celular tocou novamente e ela reconheceu o mesmo número de Ironbridge que já havia visto. Como tinha deixado outra mensagem para Dilys Powell no dia anterior, ela disse:

— Ryan, preciso atender essa, é sobre Rupert Fleetwood. Vá entrando, chegarei em cinco minutos.

— Vou esperar por você.

Ela se perguntou se ele achava que era Strike ligando de novo.

— Está congelando. Entre e mostre interesse, não vamos querer perder o

horário.

Murphy, então, seguiu pela rua e foi recebido na casa, enquanto Robin atendia ao telefonema.

— Robin Ellacott.

— Aqui é Dilys — disse uma voz hesitante.

— Sra. Dilys Powell? A avó de Tyler?

— Sim — confirmou a mulher, que parecia desconfiada e confusa.

— É uma satisfação receber sua ligação, sra. Powell. Sou detetive particular e tinha esperança de conversar com a senhora sobre seu neto.

— O quê? Foi você que me ligou.

— Sim — disse Robin, falando lenta e claramente. — Sua sobrinha-neta me disse que a senhora estava no hospital.

— O quê?

— Espero que esteja melhor agora — falou Robin em voz alta.

— Bom, estou em casa — murmurou Dilys Powell.

— Eu liguei porque soubemos que a senhora teve receio de que Tyler fosse o homem na loja de prataria. O corpo no cofre. Ele entrou em contato depois de a senhora falar com a polícia?

— Não, ele não apareceu. Nenhuma notícia.

— O que a faz pensar que ele poderia ser o homem na loja de prataria, sra. Powell?

— Hein? Fale alto, não consigo te ouvir.

— Posso falar com a senhora pessoalmente? — perguntou Robin, elevando a voz para soar mais clara. — Para conversar sobre Tyler? Eu posso ir a Ironbridge.

— Foi embora — disse Dilys Powell. — Contou a Griff aonde ele ia. Nunca me disse nada.

— Griff é um amigo do Tyler? — Robin quis saber, agora procurando o bloco com uma só mão.

— Ele mora na mesma rua. O que você quer?

— Conversar com a senhora — falou Robin, de maneira ainda mais alta e articulada — sobre Tyler. Posso ir a Ironbridge? Talvez depois do Natal?

Houve uma breve pausa.

— Sim, você pode vir.

— Muito obrigada — disse Robin. A porta de entrada da casa à venda se abriu

e ela viu Murphy olhando-a. — Posso ligar mais tarde, sra. Powell, e marcamos uma data?

— Me ligar de novo? Tudo bem.

Robin desligou, depois atravessou a rua correndo.

— Desculpe — disse ela. — Era urgente.

Uma gestante tagarela mais ou menos da idade de Robin começou a mostrar a casa a eles, que estava impecavelmente limpa. O marido entretinha um bebê e uma menina mais velha na sala de estar.

— Eles iam ao parque, mas está muito frio e Nate está tossindo — disse a mãe a Robin e Murphy enquanto eles passavam pelo restante da família para ver a cozinha pequena e reluzente de tão limpa. — É uma região ótima, com ótimos vizinhos. Nós fomos *tão* felizes aqui, só queremos um pouco mais de espaço com outro bebê chegando, e quero ficar mais perto dos meus pais. Jardim — acrescentou ela, sorrindo, apontando para o pequeno gramado bem-cuidado do lado de fora da janela da cozinha.

No segundo andar, ela deu um passo de lado para que eles vissem o quarto menor, que tinha uma cama com o nome "Nathan" entalhado na cabeceira e aviões de cores primárias pintados nas paredes azul-claras. Murphy segurou a mão de Robin e apertou. Ela sentiu um leve embrulho no estômago, e lhe veio o pensamento espontâneo:

Eu nunca vou morar nesta casa.

— E este é o da Laura, claro — disse a proprietária orgulhosa, sorrindo radiante, enquanto eles entravam em um segundo quarto maior, decorado de branco e rosa-chiclete — e o nosso.

— Lindo — disse Robin automaticamente, olhando impassível o edredom amarelo e a mobília de pinho.

— E o banheiro.

Imaculado, com ladrilhos azuis e brancos: uma casa linda em cada detalhe, só que Robin já havia se decidido. A escada era estreita, e Murphy soltou sua mão para que ela descesse primeiro. Enquanto eles desciam, a campainha tocou.

— Opa, acho que é o próximo, e chegou cedo! — disse a proprietária.

— Já tem alguma oferta? — perguntou Murphy.

— Temos — disse a mulher, com um tom de quem se desculpa. — Não querem ir ao jardim e dar uma olhada?

Robin e Murphy saíram pela porta dos fundos para chegar ao gramado gelado e respirar o sabor úmido e fuliginoso da névoa que se dissipava aos poucos.

— O que você acha? — perguntou Murphy.

— Legal — disse Robin, que não queria se sentir culpada rápido demais.

— Aposto que vai ser vendida muito acima do preço pedido.

— Eu estava pensando nisso também — disse ela, fingindo lamentar —, e pode ser complicado estacionar, com dois carros. Ainda assim, *é* legal.

Pela janela da cozinha, eles viram uma família de quatro pessoas olhando a casa.

— Quer dar outra espiada no segundo andar? — perguntou Murphy.

— Tem fotos boas na internet. Podemos sair e tomar um café, e dar uma olhada no bairro?

— Boa ideia.

Então eles voltaram por dentro da casa, agradeceram aos proprietários e saíram de novo na Moselle Avenue. Quando estavam prestes a atravessar a rua, o celular de Murphy tocou.

— Trabalho — explicou. — Desculpe.

Ele se afastou, atendendo ao telefonema só quando não podia ser ouvido. Robin esperou até que ele estivesse a cinquenta metros para retornar a ligação de Strike.

— Como era a casa? — perguntou ele.

— Não muito boa. — Robin se sentiu aliviada ao dizer isso, embora soubesse que não foi da casa que ela não gostou, mas do aperto de mão de Murphy. Fora para transmitir consolo? Esperança? Encorajamento? — Me conte a novidade, porque também tenho uma.

Strike contou a Robin sobre a visita de Ralph Lawrence ao escritório na tarde anterior.

— Meu Deus do céu! — disse ela, imensamente aliviada por ter evitado que Strike lhe contasse isso pelo Bluetooth do carro. — O MI5 está nos advertindo?

— Supondo-se que ele esteja dizendo a verdade sobre quem é — disse Strike. — O MI6 estaria envolvido inicialmente, se Semple era do Regimento.

— Que regimento?

— *O* Regimento — disse Strike. — SAS, e, se eu tiver de apostar, diria que Esquadrão E.

— E o que isso quer dizer?

— Operações sob disfarce, o que explica por que não havia nenhuma informação na imprensa sobre como ele sofreu a lesão no cérebro. Ele fazia algo que o povo britânico e o inimigo não deveriam saber. Também explica a barba. As Forças Especiais são as únicas que têm permissão para isso. Mas não estou preocupado com Lawrence.

— Não?

— Eu acho que, se ele realmente tivesse provas de que Semple não era o corpo no cofre, teria compartilhando isso. Na ausência de provas, temos nosso direito de continuar investigando.

Robin não disse nada, embora mais uma vez estivesse imaginando a expressão de Murphy, se pudesse ouvir o que Strike dizia.

— De todo modo — continuou Strike —, mandei outra mensagem à esposa de Semple e espero ter notícias do meu companheiro Hardy, a quem pedi para desencavar algumas informações sobre Semple. Mas não é só isso que tenho para te contar…

Strike agora descreveu o bilhete que fora colocado por baixo da porta da agência. Quando terminou, Robin falou:

— Mas *que diabos* é isso?

— Pois é — disse Strike —, e acho que sei quem postou. Tinha uma mulher parada no final da rua quando saí do escritório ontem, e ela não queria que eu visse seu rosto. Não dei muita importância na hora, mas acho que ela ia a nossa porta para colocar o bilhete na caixa de correio quando me viu sair. Quando passei, ela tentava dar a impressão de estar esperando por alguém, mas é um ponto de encontro estranho, uma esquina fria de congelar em uma rua cheia de pubs e lojas de kebabs.

— Pode repetir o nome?

— Dangerous Dick de Lion.

— Ele parece…

— Um astro pornô?

— Eu ia dizer um personagem de desenho animado.

— Ele é um astro pornô.

— Q…?

— Eu pesquisei. Ele é um legítimo ator de filmes adultos e, pelo jeito da

mulher que estava à espreita na rua, ela também é do setor. Além do mais, se Dangerous Dick tem alguma conta nas redes sociais, ele deletou todas. É óbvio que isso pode significar um recomeço fora da indústria da pornografia… mas pode ser que não.

Sem que Strike se surpreendesse inteiramente, seguiram-se dez segundos de um silêncio atordoado da parte de Robin.

— O bilhete dizia "*o* matou?"

— Isso.

— Por alguém na TV?

— É o que parece.

— Mas isso não estaria…

— Ligado à história de Shanker, sobre um figurão com pessoas que obedecem a suas ordens? Sim, estaria.

— E como é que *ela* sabe que estamos investigando o corpo?

— Para mim, isso é bem mais interessante do que as dimensões de Dangerous Dick de Lion, que você mesma pode ver, se estiver interessada.

— E por que escrever um bilhete? Ela poderia ter mandado um e-mail anônimo.

— Talvez ela não quisesse deixar um rastro cibernético. Talvez pense que empregamos gênios de computação capazes de rastreá-la. O bilhete deu a impressão de que ela tentara garantir que sua letra não fosse identificável, o que explica a cifra, embora esta cifra, a Pigpen, também seja conhecida como cifra maçônica.

— Tá brincando — disse Robin, dando uma olhada em Murphy, que ainda estava de costas para ela.

— Não sei se tudo isso não passa de papo-furado ou não — comentou Strike —, mas, de agora em diante, tomaremos precauções. Quero saber onde você está o tempo todo, e se for uma questão de ir a um local mal-iluminado ou pouco movimentado, você não irá sozinha.

— E eu vou saber onde *você* está o tempo todo? — perguntou Robin.

— Se quiser — respondeu Strike.

— Mas isso é menos importante?

— Não estou com vontade de morrer esfaqueado e enrolado em uma faixa maçônica, mas sugiro respeitosamente que eles achem mais difícil fazer isso

comigo do que com você. Qual é sua novidade?

— Quê? — disse Robin. — Ah, sim… algumas coisas. A avó de Tyler Powell me ligou há pouco. Ela esteve hospitalizada. Pode conversar comigo, se eu for a Ironbridge.

— Excelente — falou Strike. — Talvez a gente consiga descartar Dilys e a esposa de Semple na mesma viagem.

— Tudo bem, ótimo — disse Robin.

— E as outras coisas?

— Midge e Tasha se separaram.

— Ah — murmurou Strike. — Achei mesmo que estava acontecendo alguma coisa. Ela parecia estar chorando quando a vi no escritório ontem.

— Tá, então tente…

— Não ser um cretino?

— Eu ia dizer "tente dar uma folga a ela", mas não ser um cretino também funciona.

— É justo. Mais alguma coisa?

— Bom, talvez isso não seja útil… mas mergulhei fundo no Facebook e no Instagram ontem à noite, procurando pelas contas do verdadeiro Osgood e de Oz, e tem uma garota…

Murphy tinha se virado e agora andava na direção de Robin.

— Strike, eu preciso ir — disse Robin, apressada. — Te conto o resto depois, mas tudo isso está ficando…

— É — concordou Strike. — Está mesmo.

28

Tenho meu gosto pela verdade,
Assim como meu toque de falsidade (…).

Robert Browning
Mr Sludge, "The Medium"

Às quinze para as duas da tarde de segunda-feira, Strike foi a Holborn entrevistar Jim Todd, o faxineiro da Ramsay Silver. Tendo um pretexto para telefonar a Robin, assim o fez, porque intensificar o contato com ela se enquadrava nas categorias de jogar com seus pontos fortes e não deixar que Ryan Murphy mudasse sua estratégia.

— Oi — disse Robin, atendendo no segundo toque. — Acabo de descobrir por que não conseguimos falar com Albie, o amigo de Rupert, no Dino's. Ele não trabalha lá há cinco meses.

— Mas eles não podiam ter nos contado isso? — questionou Strike. Robin também andava em algum lugar de trânsito intenso, e ele estava com o indicador livre no ouvido oposto para conseguir escutá-la.

— Não, porque, segundo a garçonete que acabo de emboscar na rua, eles não têm autorização para dar informações sobre os funcionários por telefone. Ela disse que Albie foi trabalhar na Harrods, e é para lá que estou indo. Onde você está?

— Quase na Leather Lane.

— O antigo lugar de Mucky Ricci — disse Robin, referindo-se a um velho gângster que foi suspeito em um caso anterior.

— Exatamente.

— Algum motivo em particular para telefonar, ou só checando se os maçons já me pegaram?

— É, eu recebi informações agora há pouco do meu companheiro da

investigação especial, Hardacre. Semple sem dúvida era um SAS e ficou inválido em 2015 por conta de uma lesão cerebral traumática que o deixou em coma induzido por três meses. Nenhum detalhe disponível, nem para a Polícia Militar, o que me faz pensar que ele definitivamente era do Esquadrão E.

— Então Lawrence *deve ser* do MI5?

— Acho que temos de aceitar que é um pressuposto válido — falou Strike. — Mudando completamente de assunto: o que você ia me dizer no sábado, sobre a página de Osgood no Facebook?

— Ah, sim — disse Robin, que, em seu estado atual de privação de sono, tinha se esquecido de que não passara a informação, mas a arquivara. — Bom, a mesma garota, chamada Sapphire, aparece nos comentários da página do Osgood verdadeiro e na página fake do Oz, no Instagram. Cavei um pouco e acho que a encontrei. O nome dela é Sapphire Neagle, e o caso é o seguinte: ela está em um site de pessoas desaparecidas. Parou de postar nas redes sociais em novembro e não aparece desde então. Sei que pode ser coincidência, mas…

— Contato online conhecido com um homem que definitivamente não é quem diz ser, é sugestivo — comentou Strike.

— Bom, exatamente. Não estou dizendo que ela está com Oz nem que ele sumiu com ela. Deus me livre. Mas é uma possibilidade. Eu estava pensando em ligar para a organização para ver o que eles podem me dizer. O que você acha?

— Não vai fazer mal. Temos de fazer um contato com a polícia, descobrir se eles sabem o que aconteceu com ela também. Aliás, o Land Rover passou na vistoria?

— Não. — Robin suspirou. — Ligaram dez minutos atrás. Disseram que ia precisar gastar mais dinheiro nele do que ele vale num desmanche — disse ela, tentando não parecer tão triste como se sentia. Robin tinha uma ligação sentimental com o carro velho que ela achava difícil de explicar a qualquer um que não soubesse o quanto ela o associava com sua escapada do primeiro marido, que jamais gostou do veículo, e com a carreira que significava tanto para ela.

— Você pode debitar parte do valor de um carro novo na conta do escritório — sugeriu Strike. — Outro Land Rover seria útil. É bom ter um carro que funcione também no campo, que não atole em áreas rurais. Nos dá alternativas. Bom, me informe como se saiu na Harrods. Preciso ir, cheguei na Leather Lane.

Encerrada a chamada, Strike andou pela rua estreita ladeada de lojas,

lanchonetes e quiosques, pensando no finado Land Rover de Robin, agora destinado a um ferro-velho. Embora não fosse tão ligado ao carro quanto a sócia, ele parecia marcar o fim de uma era, e ocorreu a ele que seu presente de Natal a Robin poderia ser repensado, à luz da notícia do falecimento do carro.

O Craft Beer Co., o pub que Todd escolhera para a entrevista, ficava em uma esquina, era decorado com cestos pendurados e um modelo tridimensional do estandarte real acima da porta. Strike olhou a harpa, o leão rampante e os três leões passantes ao entrar no espaço com piso de madeira.

Ele reconheceu Jim Todd não pelo rosto, porque a qualidade da gravação da câmera da Ramsay era muito ruim, mas pelo corpo. O faxineiro estava sentado em um banco de couro, com uma caneca de cerveja cheia na mesa diante dele. Baixo e muito rotundo, Todd tinha mãos e pés pequenos, olhinhos azuis, boca larga e de lábios finos, e tufos de cabelo grisalho felpudo em volta das orelhas, embora o resto fosse careca. Vestia uma calça velha, uma jaqueta que parecia suja e os olhos de alfinete estavam fixos em uma jovem de saia muito curta, de pé, junto do balcão.

— Cameron, não é? — perguntou Todd, quando Strike se juntou a ele, com meia caneca de cerveja na mão.

— Cormoran, mas atendo pelos dois nomes — disse Strike, sentando-se na cadeira oposta. — Obrigado por me receber, agradeço muito. Este é seu ponto?

— Mais ou menos. Moro nesta rua. Tenho um quartinho, prático para meu trabalho. Eu e um bando de paquistaneses, espremidos em um restaurante libanês, hahaha.

— É, a habitação em Londres não é brincadeira — comentou Strike, pegando seu bloco. — Você trabalha para empresas diferentes, certo?

— Isso aí.

— Todas na mesma região?

— Holborn, Covent Garden, é. Boca a boca. Faço um bom trabalho — contou Todd, ainda sorrindo, mas com uma leve sugestão de desafio.

— Bom, como eu disse por telefone, isto é só para contexto. Quantas horas por semana você trabalha na Ramsay Silver?

— Segunda e quinta de manhã, sempre, e de vez em quando faço hora extra, polindo o estoque e coisas assim.

— Há quanto tempo está lá?

— Agora são dois anos.

— Respondeu a um anúncio, ou…?

— Um cara para quem trabalho falou de mim para Ken Ramsay, e Ken me aceitou.

— Você teve muito contato com William Wright?

— Eu o via um pouco. Mas quer dizer Knowles, não Wright, né? — perguntou Todd com um sorriso mais largo, como se tivesse apanhado Strike de guarda baixa.

— A polícia ainda não tem uma identificação firme — respondeu Strike.

— Não tem?

— Não. Mas você tem certeza de que era Knowles, certo?

— Ah, sim — falou Todd, ainda sorrindo. — Não, era Knowles. Todos concordamos, eu, Ken e Pamela.

— Mas Pamela tem problemas de visão, não tem?

— Hein? Tem, mas ela não é *cega*.

— A polícia lhe mostrou alguma foto, além da de Jason Knowles?

— Mostrou algumas, sim — disse Todd.

— Lembra-se dos nomes dos homens?

— Um deles era um soldado.

Strike anotou antes de falar:

— A foto de Knowles era a da ficha policial?

— Era — confirmou Todd, e respondeu à pergunta que não fora feita: — Não foi só isso. Ele era parecido com Wright.

— Wright estava muito bem disfarçado, pelo que vi na gravação de segurança da loja.

— Bom… é — admitiu Todd.

— Parecia um daqueles homens que conseguem ter uma barba grossa — comentou Strike.

— Era grossa, sim — concordou Todd. — Alguns caras conseguem isso, né? Vai daqui — Todd bateu o indicador grosso em três centímetros abaixo do olho — até a metade do pescoço. Pamela disse a ele para se barbear um pouco, mas Wright me disse que tinha cicatrizes de acne que queria esconder.

— É mesmo? — Strike quis saber, e fez outra anotação. — Tenho algumas fotos aqui, se puder dar uma olhada. Acho que já deve ter visto pelo menos um

deles.

De fato, quando Todd pôs os olhos nas fotos de Niall Semple, ele disse:

— É, é ele, o soldado.

Ele dispensou a foto de Tyler Powell com um leve menear da cabeça, mas se demorou, sorrindo de novo, na foto do homem que Strike não tinha escolha senão chamar de Dick de Lion até descobrir seu nome verdadeiro. Na foto menos lasciva que Strike conseguiu encontrar dele online, De Lion estava sem camisa.

— Ele é o que… um stripper?

— Não até onde eu sei — respondeu Strike.

— Olha, ele *era* dessa cor, o Wright.

— Bronzeamento artificial?

— É. Pode ser ele, talvez…

Todd estreitou os olhos e Strike supôs que ele estivesse imaginando o louro Dick de Lion de cabelo escuro, barba cheia e óculos. De Lion tinha olhos castanhos e dentes muito brancos, embora estes talvez tenham sido aprimorados na fotografia.

— *Pode* ser ele — disse Todd.

— Que grau de certeza tem? De um a dez?

— Sei lá… cinco? Mas *pode* ser ele… Wright era meio…

Em vez de terminar a frase, Todd levantou a mão direita e a deixou pender, mole, do pulso.

— O quê? — disse Strike. — Afetado?

— Afetado. É.

Todd foi da foto de De Lion para a de Rupert Fleetwood.

— Não — descartou —, acho que não.

Ele devolveu as fotos.

— Você tinha muito contato com Wright, na loja? — perguntou Strike.

— Um pouco.

— Falava muito com ele?

— Um pouco — repetiu Todd.

— Como era o sotaque dele? Ele parecia vir de Doncaster?

— Não sei como isso seria — admitiu Todd.

— Ele podia ser escocês e estar fingindo um sotaque inglês?

— Acho que não.

— Ou tentar parecer mais da classe trabalhadora do que era?

— Um deles é rico, é? — questionou Todd, gesticulando para as fotos de Strike.

Strike ignorou a pergunta.

— Do que você e Wright falavam?

— Maçons — respondeu Todd prontamente, sorrindo de novo. — Wright fazia perguntas sobre eles o tempo todo.

— Você é maçom? — indagou Strike.

— Hahaha. Eu não, amigo — disse Todd.

Ele enterrou a cara na cerveja e tomou alguns centímetros antes de baixá-la de novo.

— Acha que ele ficou interessado nos maçons depois de começar a trabalhar na loja, ou era algo do interesse dele antes de ser contratado? — prosseguiu Strike.

— Sei lá. Mas ele sem dúvida gostava do assunto. Ficava rondando o Freemasons' Hall na hora do almoço.

— É mesmo? — Strike quis saber.

— Ah, é, sim. Eu estava andando pela Great Queen Street, indo para um dos meus empregos, e vi Wright entrando lá. Quando vi ele de novo, eu disse: "Achou algum bode sacrificial?" Hahaha.

— E o que ele respondeu?

— Respondeu que queria conhecer o Templo 17.

— Por quê?

— Sei lá, ele não disse. Só falou: "Eu queria ver." Mas depois descobri que ele era Knowles e pensei: "Templo 17 uma ova, ele estava se preparando para alguma coisa que tinha a ver com a prata que ia roubar." Eles têm um museu ali, na sede da maçonaria, e uma loja, com livros. Eu pensei: "Ele tá procurando as coisas, tentando descobrir o quanto tudo isso vale, aquela prataria não sei o quê."

— Você contou à polícia que Wright ia ao Freemasons' Hall?

— Claro que contei — declarou Todd, com ar de superioridade.

— Wright algum dia lhe disse que alguém poderia procurar por ele?

— Não, foi o contrário.

— Como assim?

— Acho que tinha um cara vigiando a loja. Eu vi o cara zanzando algumas vezes. Depois que vi pela terceira vez, eu disse a Wright para ficar de olho nele.

Grandão, do seu tamanho. Só zanzando. Mas quando eu disse isso a ele, Wright respondeu que tinha visto o cara e que ele trabalhava nas Connaught Rooms. Não deu a mínima. Depois, eu pensei que era o cúmplice dele.

— Você falou com Pamela ou Kenneth sobre esse homem?

— Não quis preocupar os dois. De qualquer forma, era o trabalho do Wright, ele deveria ser o segurança.

— E a polícia, contou a eles sobre esse cara?

— Contei, acho que contei. Sim — respondeu Todd, e tomou outro gole da cerveja.

— Esse homem tinha cabelo preto e encaracolado?

— Quê? Não. Cabelo liso. Quem tem cabelo preto e encaracolado?

Strike ignorou esta pergunta também.

— Então Wright nunca lhe falou que era um fugitivo, ou precisava se esconder, ou que tinha sido acusado por engano de alguma coisa?

— Tipo o quê? — Todd quis saber.

— Não sei, mas ele entrou em um site chamado Abusado e Acusado, no computador da Ramsay Silver.

— Sei desse site, a polícia falou disso — contou Todd. Não estava mais sorrindo. — Eles me perguntaram se *eu* tinha entrado lá. Claro que não. Nunca tive a senha da porcaria do computador. Foi culpa *dela*, se o idiota estúpido estava mexendo ali.

— O que quer dizer com isso? — perguntou Strike.

— Porque ela saiu, não foi? Pamela. No dia que chegou a droga da prataria sei lá o quê, ela deu o fora cedo e tal.

— Seria útil se você pudesse me contar o que aconteceu naquela tarde — informou Strike. — Você estava em outro trabalho quando a prataria chegou, não estava?

— É. Eu falei com a Pamela, na terça: "Vou te dar uma mãozinha se precisar." Como hora extra — acrescentou ele —, porque eu sabia que uma das coisas era enorme. Kenneth mostrou tudo pra gente, no catálogo dele. Eu disse que ia ajudar se precisasse.

— Não deveria ser o homem da Gibsons a carregar a prataria para baixo?

— Você viu aquela escada? — retrucou Todd. Desde a menção do site Abusado e Acusado, ele ficou irritado e agora estava carrancudo.

— Vi, sim — confirmou Strike.

— Acha que as pessoas que não precisam vão se arriscar a quebrar o pescoço ali? Eu estava lá certa vez, quando um entregador não quis carregar coisas para baixo. Segurança "de ponta", né? Eu disse a Pamela na primeira vez, me dá dez pratas e eu carrego para baixo, porque isso foi antes de eles contratarem Wright.

— O entregador anterior que não carregou coisas para baixo era Larry McGee?

— Quem? — perguntou Todd. Ele pegou a cerveja e bebeu de novo.

— McGee entregou a prataria Murdoch.

— Ah. Não. Não sei, nunca vi o cara.

— Então você reconheceu Larry McGee?

— Não — disse Todd. — Quem é ele?

— Acabei de lhe dizer. O entregador da Gibsons.

— Nunca ouvi falar dele.

— Então, quando foi que Pamela lhe telefonou para falar sobre a prataria Murdoch, você se lembra?

— Lá pelas três. Tive de esperar até poder sair discretamente, porque eu estava no outro trabalho.

— Então chegou lá a que horas?

— Uma meia hora depois, e Wright tinha carregado a maior parte sem mim. Só precisavam de mim para o caixote grande. Eu e ele carregamos para baixo.

— Você voltou ao trabalho na Kingsway depois de colocar o caixote no cofre?

— Não, porque depois Pamela gritou lá de cima que tinham trocado um caixote, e ela falou pro Wright ir pegar a coisa que tinha sido entregue na loja dela, a Bullen & Co., e ela me disse, "você vai ter que ficar e ajudá-lo a levar para o cofre quando ele chegar", e eu falei, "preciso ir, pensei que era um trabalho de cinco minutos", e ela disse, "você precisa ficar", e eu não queria, por causa do outro trabalho, mas ela meio que me fez sentir culpado.

— E como Pamela fez isso? — perguntou Strike.

— Ah, sabe como é, Ken e a esposa e o filho deles… Sabia que o filho deles morreu?

— Sim, eu sei — disse Strike.

— Então, eu falei que ia ficar. Ele é um bom homem, o Ken, não ia deixar ele na mão. Então Wright voltou e carregamos a porcaria para o cofre, e Pamela

disse, "Jim, traga a minha bolsa", e eu levei e pensei que tinha terminado, mas depois a Pamela me disse que eu tinha que ficar na loja até Wright voltar pra cima, porque ele desceu ali levando a merda do candelabro ou sei lá o que tinha no caixote. E depois ela deu no pé e eu fiquei preso ali, cuidando da loja.

— Então você não viu o que tinha no último caixote? Aquele que deveria conter o centro de mesa oriental?

— Não. E depois Wright voltou pra cima e eu disse a ele, "preciso ir, tenho que terminar meu outro trabalho", e ele falou, "como eu vou ativar o alarme e todo o resto?", e eu respondi, "isso não é problema meu", e fui embora. Ele estava fingindo — disse Todd —, não estava? Viu a chance dele. Deixou a porta destrancada, deixou a porta do cofre aberta. Foi *ela* que permitiu que isso acontecesse.

A interpretação de Todd poderia estar aberta a questionamentos, mas seu relato do que de fato aconteceu batia exatamente com o que Strike tinha visto na gravação de segurança, então ele não fez mais perguntas sobre a sexta-feira, mas virou uma página no bloco.

— Você não foi à Ramsay Silver no fim de semana?

— Não, já te falei, eu só trabalho segunda e quinta.

— Você tinha a chave da loja ou o código do alarme?

— Não, nunca tive.

— A polícia deve ter perguntado a você onde estava na sexta-feira à noite, suponho?

— Foi. Eu estava jogando cartas com quatro caras na casa de um deles, e todos eles disseram isso à polícia, e tinha câmera de segurança na nossa esquina mostrando que eu voltei para o meu apartamento quando…

— Presumi que a polícia tivesse perguntado a você — comentou Strike. — Podemos falar da segunda-feira, quando o corpo e o roubo foram descobertos? Você estava no porão quando Kenneth abriu a porta do cofre, não estava?

— É, eu estava limpando a área dos funcionários lá embaixo. Estava limpando o banheiro naquela hora.

— Do que se lembra sobre a descoberta do corpo?

— Eu estava no banheiro — repetiu Todd. — Estava com a porta fechada, porque se a gente deixa aberta, atrapalha a saída da escada para o cofre. Ouvi Kenneth abrir o cofre. Depois ouvi ele gritar. Perguntei: "Tá tudo bem, Ken?"

Pamela berrou alguma coisa pela escada, aí ouvi ela descer. Depois ela fez um barulho estranho e tal, então eu falei, "o que está acontecendo?", e saí para ver. — Todd bebeu um gole da cerveja antes de continuar: — Merda… fizeram um trabalho danado nele. Entalharam uma coisa nele, as mãos sumiram, e depois, quando viraram o corpo… uma coisa horrível.

— Quem virou o corpo? — Strike quis saber.

— A polícia. Eles chegaram e depois não tivemos permissão de sair da loja. Polícia na porta da frente, pra ninguém entrar. Ficamos presos ali quase o dia todo. Deram sanduíches pra gente. Chegou a perícia, tirando fotos, e eles viraram o cara, pra gente ver… Pamela quase vomitou. Arrancaram os olhos dele, esmagaram a cara dele e o pau dele sumiu.

— O pênis dele foi decepado?

— Foi… coisa horrível… depois eles meteram ele num saco e levaram embora, e a gente pôde ir pra casa.

— Alguém contou à polícia que John Auclair esteve lá, pouco depois da descoberta do corpo?

— Sim, acho que Ken contou.

Strike fez outra anotação, depois falou:

— Você por acaso sabe de alguma coisa sobre como Wright foi contratado? Houve uma desavença sobre como ele entrou na lista de entrevistados, não foi?

— Tu sabe disso, é? É, eu ouvi os dois discutindo isso.

— Kenneth e Pamela?

— Um culpando o outro por colocar o e-mail de Wright em vez do de outro cara.

— Quem você diria que estava certo? — perguntou Strike.

— Como assim? — perguntou Todd, de testa franzida.

— Qual deles você diria que pode ter colocado o e-mail errado por engano? Pamela ou Kenneth?

— Sei lá — disse Todd, mas depois acrescentou: — Ken, provavelmente.

— Por que diz isso?

— Porque… sei lá, ele pode ser meio descuidado. Mas é um bom sujeito, o Ken — acrescentou Todd, como se Strike estivesse sugerindo o contrário. — Não tem nada de errado com Ken.

— Mas você acha que ele pode ter cometido um erro?

— Qualquer um pode cometer um erro — disse Todd.

— É verdade. Você por acaso sabe alguma coisa sobre um e-mail sem assinatura enviado da Ramsay Silver a um homem chamado Calvin "Oz" Osgood?

— Não — respondeu Todd, encarando Strike. — Por quê?

— Você já usou aquele computador?

— Não, eu te falei isso — disse Todd, ainda sem piscar. — Sou o faxineiro. O que eu ia fazer na porcaria do computador?

— Não é um crime, é, usar um computador? Então não conhece um homem chamado Osgood? Ou "Oz"?

— Não — falou Todd com agressividade. — Não conheço.

— Nada mais de que se lembre sobre Wright? Alguma coisa que ele pode ter deixado escapar?

— Ele não ia deixar escapar nada, ia? — rebateu Todd.

— Mas ele lhe disse que ia olhar o Templo 17.

— Era mentira, provavelmente — disse Todd. — Queria ver tudo sobre prata.

— Bom, isso foi de muita ajuda, obrigado. Só mais duas coisas… — O detetive voltou uma página no bloco. — Por que você chamou William Wright de "idiota estúpido" antes?

— O quê? — disse Todd.

— Você disse "é culpa dela"… Pamela… "se o idiota estúpido estava usando o computador."

— Bom, o que ela estava aprontando, sempre deixando Wright encarregado enquanto ela dava o fora? — questionou Todd. — Mulher idiota. Quem dá no pé e deixa um ladrão encarregado?

— Mas por que "idiota estúpido"? — insistiu Strike.

— Bom… é estupidez aprontar coisas assim no trabalho.

— Que coisas, por exemplo?

— Tipo… aquele site. Qual era o nome mesmo?

— Abusado e Acusado — informou Strike.

— Simplesmente estupidez, dizer a seu empregador que você aprontou alguma.

— As pessoas naquele site alegam ser inocentes — observou Strike.

A única resposta de Todd a isso foi um leve "hmm".

— E você disse "quem era ele?" — perguntou Strike, virando outra página — com relação a Larry McGee.

— E daí?

— "Quem era ele?" em vez de "quem é ele?".

Todd o encarou.

— Larry McGee morreu — contou Strike. — Você já sabia disso?

— Não. Como eu ia saber? Quem era ele, quem é ele… não faz diferença.

— Você sempre morou nesta parte de Londres? — perguntou Strike, enquanto colocava o bloco no bolso.

— Nas redondezas — respondeu Todd, que agora estava definitivamente agressivo.

— E sempre trabalhou com limpeza?

— Fiz coisas diferentes. Faz-tudo… coisas diferentes — explicou.

Strike estimava que Todd estivesse em meados dos sessenta anos e, portanto, que logo estaria apto, ou tivesse acabado de se qualificar, a sua aposentadoria. Ele não tinha aliança. O interesse do homem por um trabalho avulso, que pudesse ser escondido da receita federal, e as condições de vida desconfortáveis que acabara de descrever sugeriam que ele não tinha economias nem família, mas podiam apontar para outras coisas também.

Se Strike estivesse de volta à investigação especial e Todd fosse um soldado, ele teria acesso imediato à data de nascimento, endereços prévios e quaisquer delitos anteriores do homem. Sua sensação de que alguma coisa não estava certa com o faxineiro aumentou com o decorrer da entrevista, embora ele não tenha apanhado Todd em nenhuma mentira; pelo contrário, as informações que podiam ser verificadas eram inteiramente exatas. Ainda assim, o lapso sobre Larry McGee e seu claro desconforto à menção do site Abusado e Acusado eram interessantes.

— Bom, obrigado por me receber — agradeceu Strike, levantando-se.

— Um prazer — disse Jim Todd, mas seu tom contradizia as palavras.

Strike voltou para a Leather Lane, pensando no homem de quem acabara de se despedir: envelhecendo e arrumando dinheiro onde podia. A disposição de uma variedade de empresários de oferecer trabalho a Todd, que estava em idade de aposentadoria, interessava Strike, assim como o fato de que essas empresas ficavam todas no centro de Londres, e não em alguma periferia decadente.

Senhorios respeitáveis não costumavam se dispor a alugar para certos tipos de

homem, Strike sabia, e esses mesmos homens também podiam ter opções limitadas mesmo quando se tratava de habitação social. Nesta categoria recaíam aqueles que tinham saído recentemente da prisão, em especial se cometeram determinados crimes. Esses homens precisavam de amigos, se quisessem sobreviver com certo grau de conforto no mundo exterior, e Cormoran Strike tinha a impressão de que, embora a vida de Todd não parecesse invejável, ele recebia um grau incomum de assistência que nem sua personalidade, nem seus talentos pareciam justificar.

29

(…) As almas dos mortos cruéis passavam para os corpos daqueles animais cuja natureza mais se assemelhava às suas próprias maldades (…). A esta doutrina se referiam aquelas figuras de animais e monstros que eram apresentadas aos Iniciados (…).

Albert Pike
Moral e dogma do rito escocês antigo e aceito da maçonaria

A Harrods ficava em um imenso esplendor de tijolinhos vermelhos no coração de Knightsbridge, delineada no maçante meio da tarde com luzes douradas, seus toldos verdes e dourados se estendendo sobre as vitrines cheias de roupas, bolsas e joias pelas quais Robin nunca poderia pagar. Ela só havia entrado na loja de departamentos duas vezes: uma com o ex-marido, logo depois de eles chegarem a Londres, e apenas para olhar; e na segunda vez com a mãe, pelo mesmo motivo.

Hoje, as vitrines da Harrods exibiam o leque habitual de produtos de grife em cenários nevados e, ao entrar, Robin se viu imersa em uma suntuosa fantasia natalina na qual quem andasse pelos corredores por tempo suficiente, com sua decoração extravagante e cintilante, ficaria tentado a acreditar que também poderia encenar festas de fim de ano com o mesmo glamour e luxo para os entes queridos, pelo menos até começar a ver as etiquetas de preço.

O lugar era tão grande que chegava a ser desconcertante, e Robin não podia culpar os vários vendedores, a quem importunou pedindo ajuda, por ficarem impacientes; eles estavam sobrecarregados com a multidão de Natal, e era totalmente compreensível que alguns suspeitassem de seu desejo de localizar um irmão de cujo departamento ela não conseguia se lembrar. Andar por andar, Robin subiu a escada egípcia, com seus dourados *ankhs*, faraós e constelações nas

paredes e no teto, e correu os olhos por salões repletos de mercadorias, procurando pelo jovem cujas fotos ela havia examinado no Facebook.

Por fim, depois de duas horas e meia de uma procura intensa, Robin encontrou Albie Simpson-White no departamento de esportes, no quarto andar, onde ele estava perto de um cavalo de fibra de vidro de tamanho real, ajudando uma mãe e sua filha adolescente a encontrarem calças de equitação com o número correto.

Ele parecia incrivelmente jovem para Robin, que sabia, pela página no Facebook, que ele tinha vinte e quatro anos: alto, louro e com cara de bebê, com uma tez que muitas mulheres teriam invejado. Ela se escondeu em meio a camisas Aertex até Albie ter terminado com as clientes e em seguida, antes que qualquer outra pessoa o encurralasse, aproximou-se do balcão.

— Albie?

Ele ficou ligeiramente surpreso por ser chamado pelo nome, embora estivesse à mostra em um crachá na lapela de seu paletó.

— Meu nome é Robin Ellacott e sou detetive particular. — Ela passou o cartão pelo balcão. — Gostaria muito de conversar com você sobre Rupert Fleetwood. Não aqui, é claro, mas se tiver um intervalo, ou depois do expediente. Podemos tomar um café ou um drinque?

Ele olhou o cartão, piscou para ele por alguns segundos, depois disse:

— Foi… Quem… Foi a Decima que te contratou?

— Isso mesmo — confirmou Robin.

Albie olhou em volta, depois falou em voz baixa:

— Eu *disse* a ela, não sei para onde ele foi! Eu *já disse* a ela! Ela insistiu em me ligar. *Eu não sei onde ele está!*

— Eu ficaria muito agradecida por um papo rápido — disse Robin. — Só para dar contexto. Decima está tremendamente preocupada com Rupert.

— Não tem por que ela ficar preocupada!

— Como sabe disso? Teve contato com ele?

— Não — disse Albie, o rosto juvenil corando —, mas tenho certeza de que ele está bem!

— Pode ser realmente útil ter todo o contexto que conseguirmos…

— Quem disse a você que eu estava aqui?

— Falei com uma amiga sua do Dino's, a Lina.

Albie olhou um homem de terno, que também usava um crachá, parado a uns dez metros, depois para Robin. Ela sabia que, como a maioria das pessoas inesperadamente confrontadas com detetives particulares, Albie tinha tanto medo de se recusar a falar com ela quanto de falar. O que ela sabia? Quais poderiam ser as consequências de mandá-la embora?

— Tudo bem — disse ele, nervoso —, me encontro com você na entrada de serviço às oito.

— Onde fica a entrada de serviço?

— Basil Street, 28.

— Muito obrigada, Albie. Pode ficar com meu cartão, caso precise do meu celular.

Albie o colocou no bolso rapidamente, depois se virou para um cliente que esperava para pagar por um par de tênis.

Robin voltou ao térreo para matar tempo antes de sua entrevista, adiando uma volta à rua gelada. Tinha acabado de entrar em um dos setores de alimentação quando seu telefone vibrou. Ela o pegou e viu que a mãe tinha mandado uma com a legenda "diga oi a Betty" e um emoji revirando os olhos. A imagem mostrava o pai de Robin, Michael, segurando uma filhote de Labrador preta nos braços.

Robin devolveu o telefone à bolsa sem responder e partiu de novo, com uma vaga ideia de comprar alguns chocolates ou biscoitos para levar para a casa da família, em Masham. Porém, era quase impossível andar desimpedida por mais de um metro, e ela era golpeada constantemente por consumidores irritados e sem rumo. Desde sua saída da seita onde trabalhou disfarçada, Robin não gostava de se encontrar em uma multidão, especialmente em espaços sem janelas.

Quando pensava se afinal seria melhor esperar na calçada gelada, seus olhos caíram em um tubo plástico transparente cheio de jujubas de cores festivas: vermelho, verde e branco. Isto fez com que se lembrasse do tubo que William Wright alegara ser sua amostra de sangue. Quem sabe a sobrinha, Annabel, gostasse de jujuba? Robin estendeu a mão para o tubo…

A mão grande de alguém se fechou dolorosamente em sua nuca, segurando-a com tanta força que ela não conseguiu virar a cabeça nem gritar, os dedos fortes apertando-lhe a carótida, e Robin ficou tão chocada que não foi capaz de entender o que estava acontecendo, nem mesmo de levantar os braços, e os

clientes continuavam a se arrastar em volta dela…

O homem que a segurava — ela sabia que era um homem pelo tamanho e pela força da mão que lhe comprimia o pescoço — forçava alguma coisa pequena e de borracha em sua mão esquerda, que ela fechou em um punho, lutando para respirar e gritar, mas ele apertou seu pescoço com mais força e ela entendeu que deveria abrir a mão, se era o que ele queria, e assim o fez. O homem colocou o que parecia um montinho de borracha em sua palma, depois sibilou em seu ouvido:

— *Vai acontecer de novo se vocês não desistirem dessa merda.*

Ele a soltou com um empurrão forte na nuca que a fez cair em cima de uma mulher carregando um bebê; a mulher gritou com o impacto e derrubou um pote de manteiga de conhaque que estava segurando, que se quebrou no chão.

— Presta atenção! — gritou a mulher, cambaleando para recuperar o equilíbrio. O bebê começou a chorar e as pessoas se viraram para ver.

— Desculpe, eu peço mil desculpas… Alguém me empurrou…

Com o pescoço ainda latejando, Robin se virou e ficou na ponta dos pés, pensando ter visto uma leve movimentação numa porta distante, como se alguém estivesse forçando uma saída apressada do setor de alimentos, mas era impossível ver seu agressor pelo mar de cabeças.

Trêmula, ela olhou o objeto que havia sido forçado em sua mão. Era um pequeno gorila de borracha.

Por vários e longos segundos ela encarou o objeto, tentando dizer a si mesma que o homem era alguém com transtorno mental, que ela fora uma receptora aleatória de um presente sem sentido, que ele a havia confundido com outra pessoa na multidão espremida, que isto não significava o que ela morria de medo que significasse.

Vai acontecer de novo se vocês não desistirem dessa merda.

O estuprador que encerrou sua carreira universitária e arruinou suas trompas de Falópio usara uma máscara de gorila para atacar Robin e outras seis mulheres, duas das quais morreram por estrangulamento. Ele foi sentenciado à prisão perpétua e ainda estava preso, tendo indeferidos todos os pedidos de liberdade condicional. A identidade de Robin tinha sido ocultada da imprensa quando ela prestou depoimento no tribunal, aos dezenove anos.

Como um estranho poderia saber que ela fora a Testemunha G?

— Com licença! — disse uma voz irritada, e um homem alto de aparência aristocrática estendeu o braço ao lado de Robin para pegar um bolo de Natal em uma caixa.

Robin saiu do caminho, o pequeno gorila de borracha ainda na mão esquerda, e escapou do setor de alimentos, procurando por um jeito de sair, olhando infrutiferamente o rosto de cada homem por quem passava. Queria largar o gorila, jogá-lo fora em algum lugar, mas a mão de seu agressor estava sem luvas, então podia ter DNA ali, como na máscara de borracha do estuprador em série, que fora encontrada escondida embaixo das tábuas do assoalho no "estúdio" em que a esposa dele nunca fora autorizada a entrar. Robin colocou o objeto na bolsa.

Indo por onde ela pensava ser a direção da Brompton Road, passando por balcões de cosméticos e lutando para atravessar uma multidão mais densa, ela imaginou contar a Murphy o que acabara de acontecer. Ele ficaria indignado. Exigiria saber que medidas ela estava tomando para se proteger. E, tão repentinamente quanto imaginou contar ao namorado, ela soube que não o faria.

Mas precisava contar a Strike. Será que alguma vez ela disse ao sócio que seu quase assassino usava uma máscara de gorila? Ela achava que não.

O frio se intensificara do lado de fora e a noite caía rapidamente. Robin se deslocou até as vitrines fortemente iluminadas, fora do caminho da horda de consumidores, sua respiração se elevando em névoa diante dela. Strike atendeu ao celular no segundo toque.

— Oi — falou Robin, tentando parecer despreocupada. — Como foi com Todd?

— Interessante — respondeu o sócio. — Alguma sorte com Albie Simpson-White?

— Sim, ele vai se encontrar comigo depois do trabalho.

— Ótimo.

— Sim… Na verdade, estou ligando porque uma coisa estranha acabou de acontecer — disse Robin, fazendo o máximo para parecer apenas ligeiramente interessada, e não profundamente abalada.

Quando ela relatou o incidente, Strike disse, incrédulo:

— Ele colocou um *gorila* de brinquedo na sua mão?

— Sim. A questão é que… o homem que… você sabe… quando eu tinha dezenove anos… o motivo para eu sair da faculdade… ele usou uma máscara de

gorila durante o… ataque.

De repente Robin percebeu que estava prestes a chorar e torceu para que Strike não reagisse com raiva, não a repreendesse por não ter tomado mais cuidado ou por não ter sido rápida o bastante para identificar o homem que fizera aquilo.

— Tudo bem — disse o sócio e, para alívio de Robin, embora parecesse sério, ele não parecia zangado. — Onde você vai falar com Simpson-White?

— Pensei em algum lugar perto daqui, em um pub ou coisa assim.

— Quer que eu vá te buscar depois?

— O quê? — disse Robin, rindo um pouco. — Não, claro que não. O centro está lotado. Eu só vou…

— O que vai fazer depois?

— Encontrar Ryan — respondeu Robin.

— Pegue um táxi — disse Strike.

— Não tem…

— *Pegue a porcaria de um táxi.*

— Tá legal, tudo bem, vou pegar um táxi — concordou Robin. Ela olhou a hora e partiu para a entrada de serviço, onde deveria se encontrar com Albie. — Talvez — disse ela, esforçando-se para manter um tom calmo e objetivo — tenha sido… não sei, uma coincidência ou…

— Não foi coincidência.

— Não — murmurou Robin, enquanto um ônibus de dois andares passava diante dela, os rostos dos transeuntes iluminados pelo brilho dourado das vitrines da Harrods. — Também não acho que tenha sido.

Os olhos arderam de lágrimas e por alguns segundos ela teve vontade de fugir. Mas fugir para onde? Para sua casa em Masham, como fez depois do estupro? Para Murphy, a quem ela sabia que não ia contar?

— Fique atenta — pediu Strike, e Robin percebeu que ele exercia o máximo de autocontrole para não dizer isso mais energicamente —, está bem?

— Vou ficar. Prometo.

30

Não me pergunte mais, temendo que eu responda;
Outros guardaram silêncio, e posso fazer o mesmo (…).

A.E. Housman
VI, Additional Poems

Albie saiu pela porta de serviço logo depois das oito. Seus olhos procuraram Robin em meio à multidão de funcionários que agora iam apressados para casa.

— Oi — cumprimentou Robin e, mesmo abalada, conseguiu soar perfeitamente animada —, quer comer alguma coisa? Por minha conta. Podemos comer um hambúrguer ou algo do tipo.

Tendo três irmãos, dois deles mais novos do que ela, Robin sabia da importância da comida para os jovens.

— Hmm… tá, tudo bem — concordou ele, e Robin pensou ter lido em sua expressão, embora estivesse nervosa, certa satisfação com o fato de que ele ganharia alguma coisa com isso.

— Conhece o pub Alfred Tennyson? — perguntou Robin, que tinha pesquisado o lugar enquanto esperava. — Fica a dez minutos nessa rua, mas a comida é boa.

Na verdade, ela jamais comera ali, mas tudo mais próximo parecia ainda mais caro, e havia um limite para o que ela pensava poder convencer o contador a aceitar como despesa de representação legítima.

Eles andaram pela noite gelada, passando por hordas de transeuntes, Robin falando amenidades. Discutiram o desconto para funcionários que Albie recebia na Harrods e que bom negócio ele tinha conseguido na maioria de suas compras de Natal. Ela soube que ele recentemente "arrebentou o joelho" jogando futebol e que "as pessoas sempre pensam que sou mais chique do que sou", por causa de

seu sobrenome duplo, que, na verdade, era o resultado de sua mãe feminista exigindo direitos iguais em sua certidão de nascimento. Albie parecia um jovem afável, inteligente, mas não acadêmico ("Não vejo sentido na universidade, você só desperdiça tempo quando podia estar ganhando dinheiro"), e ela ficou meio confusa tentando entender por que Rupert Fleetwood, cujo comportamento — relacionado com o *nef* roubado e com a namorada grávida — sugeria incompetência e indelicadeza, seria amigo de um jovem que parecia decente, trabalhador e responsável.

O Alfred Tennyson estava lotado, mas eles conseguiram garantir uma mesa para dois na área do restaurante. Robin sentou-se de costas para a parede; ninguém mais iria abordá-la por trás, sem ser visto, se ela pudesse evitar. Albie, que parecia dividido entre o prazer com a perspectiva de uma refeição decente depois de um longo dia no trabalho e o receio do que estava por vir, pediu um hambúrguer e uma cerveja, depois sentou-se, meio recurvado, com as mãos entre os joelhos.

— Então — começou Robin, quando a garçonete saiu —, como eu disse antes, Albie, só estou procurando por contexto. Não sabemos muito a respeito de Rupert, só que ele e Decima estavam em um relacionamento e que ele foi criado na Suíça pelos tios.

— Tudo bem — disse Albie, parecendo nervoso.

— Quando foi que você o conheceu?

— No ano passado. No início… fevereiro, acho. Quando ele começou a trabalhar no Dino's.

— Quanto tempo você ficou lá?

— Dois anos no total. Um pouco mais.

— E você gostava?

A cerveja de Albie chegou, e ele tomou um longo gole antes de responder:

— Era legal. Parte do trabalho. Já falou com o sr. Longcaster?

— Não — respondeu Robin. — Mas sei sobre o *nef*.

— Não deve julgá-lo por isso — falou Albie rapidamente.

— Julgar quem? Rupert?

— É.

Robin sentia a mesa vibrar ligeiramente; uma das pernas compridas de Albie subia e descia.

— Mas você gostava de Rupert? Eram amigos?

— Sim — disse Albie, com um leve sorriso. — Ele é um bom sujeito. Meio… uma alma antiga, sabe? Estável. O tipo de cara a quem todo mundo quer contar seus problemas.

Isso não coincidia nem remotamente com a ideia que Robin tinha formado de Rupert Fleetwood, que ela imaginava ser como a maioria dos jovens ricos e bem-nascidos de Londres com que ela se deparou em sua carreira de detetive. Eles existiam como turistas na própria cidade, desfrutando do melhor que ela oferecia sem nunca precisar sujar os pés onde as pessoas comuns andavam, a não ser que tivessem alguma crise pessoal; em geral, uma queda súbita nos rendimentos provocada ou por um pai retirando a mesada, ou por um vício descontrolado em drogas.

— O que você sabe sobre o ex-colega de quarto de Rupert, Zac?

— Ele tentou enganar um traficante de drogas, depois deu o fora e deixou Rupe e Tish segurando o rojão — relatou Albie num tom sombrio.

— Quem é Tish?

— Ex-namorada do Zac. O traficante estava ameaçando Tish e Rupe, tentando chegar a Zac por intermédio deles.

— Qual é o nome completo de Tish?

— Nunca soube seu sobrenome. Só a encontrei uma vez.

O hambúrguer de Albie chegou e ele começou a comer imediatamente, com uma fome evidente.

— Rupert não tinha muito dinheiro, tinha? — perguntou Robin.

— Não. Ele parecia rico, mas não sobrou nada da herança dele. Todo o dinheiro foi para pagar o internato dele na Suíça. Rupe precisava trabalhar para comer. Já falou com a tia dele?

— Meu sócio falou.

— Rupe não a suporta. Ele teve uma infância ruim. Era muito infeliz no internato e não gostava dos tios. Ele me disse que nunca se sentiu parte da família com eles. Queria voltar para a Inglaterra e para o lado materno da família. Rupe gostava de verdade do seu tio Ned, mas ele morreu pouco depois de Rupe voltar ao Reino Unido.

— O que Rupert fazia antes de trabalhar no Dino's?

— Trabalhava numa imobiliária, depois foi recepcionista de algum restaurante

no Soho, e então Sacha… sabe o primo de Rupe, Sacha Legard?

— Sei, sim — confirmou Robin. — Eles são amigos?

— Não acho que Sacha queira muita amizade.

— E por que não?

— Caso Rupe queira coisas dele — falou Albie solenemente.

— Que tipo de coisas?

— Sei lá… dinheiro? Ingressos para estreias? Sair com os amigos famosos dele?

— Rupert poderia querer essas coisas de Sacha?

— Não — disse Albie. — Só o que ele queria era uma família. Mas foi Sacha que sugeriu a Rupe ir trabalhar no Dino's. Sacha é sócio de lá. Ele disse que se Rupe quisesse um emprego melhor do que o restaurante, deveria perguntar ao sr. Longcaster, já que era padrinho dele e tal.

— Rupert tinha uma boa relação com o sr. Longcaster antes de ir trabalhar para ele?

— Rupe nem sabia que o sr. Longcaster era padrinho dele até Sacha contar. A tia dele não gosta do sr. Longcaster, mas Rupe não se importava com o que ela pensava a respeito de nada, então foi ao clube e o sr. Longcaster disse, "ah, você é o menino da Veronica e do Peter?", e falou que o testaria por um tempo.

— Então o sr. Longcaster não foi um padrinho muito presente?

— Acho que ele tinha se esquecido totalmente de Rupert, até ele aparecer no clube.

— E Rupert gostava de trabalhar lá? — Robin quis saber.

Aos poucos, ela aproximava a conversa do assunto Decima, mas não queria chegar lá rápido demais.

— Ele pensava o mesmo que eu. Algumas coisas eram boas — contou Albie. — Nós podíamos ver gente muito famosa lá, e no início isso é interessante, mas depois que fica lá um tempo, você percebe que são só pessoas. Algumas são legais e outras são idiotas, sabe?

— E Rupert sentia a mesma coisa?

— Sim… Você não falou com o sr. Longcaster? — perguntou Albie de novo.

— Não — repetiu Robin, mas desta vez acrescentou: — Por quê?

— Ele… Eu odeio esse cara — revelou Albie, com uma veemência súbita e surpreendente. — Odeio todos eles… menos Decima. Ela é legal. É a única que presta.

— Quando você diz "todos eles", quer dizer…

— Os Longcaster. Ele e a esposa… ela é uma vaca… e os outros filhos dele. Valentine… se ele estivesse pegando fogo, eu nem mijaria nele para salvá-lo — declarou Albie com agressividade. — Ele é um merda, age como se o clube fosse dele, trata os funcionários como lixo. E Cosima, ela é a mais nova, e é uma pirralha mimada. Decima é a única que presta, ela sempre tratou bem os funcionários. Bom, ela foi da equipe por um tempo, trabalhando nos cardápios. O sr. Longcaster pediu a ela para ajudar. Ela é uma chef muito boa, mas acho que o restaurante dela está com problemas. Vi na internet.

Robin pensou ter ouvido um traço de culpa, mas Albie continuou rapidamente:

— Enfim, ela não se encaixa na família. A mesma coisa com Rupe. Ouvi os dois conversando uma vez.

— Você acompanhou de perto o relacionamento de Rupert com Decima?

— Acho que sim — disse Albie.

A proibição de sua cliente de mencionar o filho era muito inconveniente; Robin sentia que Albie poderia ser influenciado por um pouco de chantagem emocional.

— Então, achava que Rupert e Decima eram uma boa combinação, ou…?

— Por que está perguntando isso, se você trabalha para ela? — Albie quis saber.

— Porque — começou Robin, olhando bem nos olhos dele —, acho que seria mais gentil para ela, no longo prazo, saber a verdade, em vez de ouvir mentiras e ficar se perguntando por que Rupert desapareceu, se gostava de verdade dela.

Albie olhou o próprio prato, comeu mais algumas fritas, então falou:

— Ela acha que o corpo na loja de prataria era dele, não acha?

— Ela te disse isso?

— Disse, mas isso é loucura. — Albie riu pouco à vontade. — Por que diabos Rupert iria trabalhar lá?

— Você acabou de me contar o motivo: ele precisava trabalhar para comer. Havia fugido com o *nef* do sr. Longcaster, então tinha motivos para se esconder, não tinha? Mas você não me parece o tipo de pessoa que o encorajaria a largar a namorada sem falar nada.

Ela viu o rubor se espalhar pelo rosto de Albie.

— Não sou — falou ele em voz baixa.

— Rupert queria terminar com Decima?

Albie abriu a boca, fechou, depois disse:

— Na verdade, não.

— O que isso quer dizer?

— Sei lá… O irmão dela era contra, achava que Rupe era novo demais para ela… e provavelmente não era rico o suficiente, conhecendo Valentine.

— Rupert decidiu se separar dela porque Valentine reprovava?

— Não — negou Albie. — Ele não queria terminar, mas precisou…

Ele se interrompeu.

— "Precisou"? — perguntou Robin. — Por que ele precisou? Porque tinha medo de Valentine ou do sr. Longcaster?

— Eu não ia dizer que ele precisou terminar com ela — falou Albie, ainda vermelho. — Ele só… Sabe como é, com o traficante de drogas e tal. Ele não queria que Decima fosse um alvo também.

— Albie, esta é uma linda história — disse Robin —, mas por que ele cortaria todo contato com ela, se queria protegê-la? E por que roubar o *nef* do pai dela, se ele gostava de Decima? Isso causou problemas para ela também, não causou?

— O *nef* não era… Ele não fez… Você não sabe o que aconteceu — disse Albie.

— Estou aqui para descobrir — rebateu Robin.

Albie respirou fundo, depois disse em voz baixa:

— Olha… o sr. Longcaster é um tirano. Ele não gosta de ninguém, só da filha Cosima, e isso só porque ela é magra, loura e bonita. Até Valentine morre de medo do pai. O sr. Longcaster foi um escroto com a Decima, embora ela tenha ido ajudá-lo no clube, e ela é talentosa, de verdade, é uma boa chef. Mas para o sr. Longcaster tudo era aparência; você precisa ter a aparência certa, ser bonita e ter estilo… ser um pouco gorda ou o que seja, ou não saber se vestir, isso é tipo, sei lá, um… pecado. E Decima e Rupe, eles não são como as pessoas que o sr. Longcaster quer em seu clube e na família. Você pode achar que estou exagerando, mas é assim que ele vive, tudo tem que ser perfeito: como os guardanapos são dobrados, o quanto os coquetéis estão gelados, quão magras são as garçonetes… Não estou brincando… Ele acha um jeito de demitir as garotas se decidir que elas não têm a aparência ideal. Ele quer viver nesse… nesse mundo

completamente controlado…

"Rupe queimou feio a mão na cozinha alguns dias antes de sair… e o sr. Longcaster só ficou com raiva. Disse que não queria os garçons usando curativos, que fazia eles não parecerem inteligentes. E ele costumava chamar Rupe de 'o água-viva'. Sempre que ele fazia alguma coisa errada… e Rupe trabalhava duro, eram só erros pequenos… ele o chamava de água-viva e tirava sarro disso."

Albie agora parecia mesmo zangado.

— "Uma lesma descerebrada, matéria semissenciente", coisas assim. "Espécie invasora, fundamentalmente inútil." E ele falava do pai de Rupe.

— O que ele dizia?

— Que Rupe era igual a ele. "Filho de lesma, lesminha é", essa era a preferida dele. E, uma vez, Rupe estava servindo ao sr. Longcaster e aos amigos dele em um jantar privativo na Dostoiévski… era uma das salas, todas as salas de lá têm nomes de apostadores famosos… e o sr. Longcaster apontou o *nef* para um dos amigos na frente de Rupe e disse que tinha ganhado do pai do garçom, depois disse que Peter Fleetwood era "ainda pior no gamão do que esquiando". E foi assim que os pais de Rupe *morreram* — disse Albie, e ele não estava mais vermelho, mas muito branco. — Esquiando.

— Isso me parece tremendamente cruel — comentou Robin.

— Isso nem é tudo — falou Albie em voz baixa. — Ser um merda com Rupe era tipo um passatempo novo para ele. E depois o sr. Longcaster descobriu sobre Rupe e Decima… Acho que Valentine notou que estava acontecendo alguma coisa e contou ao pai… e começou a temporada de caça para cima dos dois. Rupe simplesmente perdeu a cabeça. O *nef* foi por causa disso. Um dia, ele se enfureceu, pegou o *nef*, foi embora e nunca mais voltou.

— Quando foi a última vez que você o viu, Albie?

— Bom… nessa época. Quando ele pegou o *nef*. Naquele dia. No início daquele dia.

— Não o viu desde então?

— Não.

— Mas claramente vocês eram bons amigos.

— Sim — afirmou Albie.

— Você não o viu mesmo desde o dia em que ele pegou o *nef*?

— Não.

Robin tinha certeza de que ele estava mentindo. A fluência com que ele discutiu o bullying de Dino Longcaster fora substituída por uma nítida evasividade.

— Ele telefonou ou te mandou alguma mensagem?

— Hmm… talvez algumas vezes.

— Recentemente?

— Talvez… não recentemente. Tipo alguns dias depois de ter saído do Dino's. Nada desde então.

Assim como Strike tinha feito com Jim Todd, Robin agora sentia plenamente a desvantagem de não ter autoridade para exigir ver as mensagens de Albie e forçar sua cooperação. O prato de Albie estava quase vazio; Robin sabia que seu tempo estava acabando.

— Você sabia que a loja de prataria onde o corpo foi encontrado… o corpo que Decima acha que era de Rupert… é maçônica? — perguntou ela.

— Hmm… sim, acho que eu vi isso — respondeu Albie.

— Rupert tinha interesse pela maçonaria? Ele alguma vez teve alguma ligação com os maçons?

— Não. Nunca o ouvi falar nada sobre maçons.

— Rupert conhecia um homem chamado Osgood, ou "Oz"?

— Acho que não — disse Albie.

— Você não está preocupado com ele? — perguntou Robin.

— Com quem… Rupe? Por que eu me preocuparia? — rebateu Albie, agora parecendo meio assustado.

— Bom, ele estava passando por muito estresse, não estava? Tinha a polícia e um traficante de drogas atrás dele, nenhum apoio da família… e talvez outras coisas que o colocaram em pânico, com as quais ele não se sentia capaz de lidar?

Foi o mais perto que Robin se atreveu de tocar no assunto do filho de Decima.

— Rupe não ia se matar. Ele nunca faria isso. Tenho certeza de que está bem. Preciso ir, vou me encontrar com umas pessoas.

— Vou pagar a conta — disse Robin e, como esperava, as boas maneiras de Albie o mantiveram em sua cadeira enquanto ela chamava o garçom com um gesto. — Por que você saiu do Dino's? — perguntou ela, depois de gesticular para pedir a conta.

— Eu estava farto, depois de ver como o sr. Longcaster tratou Rupe. Não queria mais ficar lá. Algumas outras pessoas disseram que iam sair por causa disso também, mas não saíram — disse Albie com dureza. — Era mais fácil ficar. A grana é boa.

Cinco minutos depois, com a conta paga, eles saíram juntos para a calçada lotada, onde aqueles que bebiam estavam reunidos.

— Obrigada por conversar comigo — disse Robin. — Agradeço muito por isso.

Ela estendeu a mão, mas quando Albie a apertou, ela não soltou.

— Acho que você sabe mais do que está me dizendo. Acho que sabe onde Rupert está.

— Não sei! — afirmou Albie. — É sério, eu não sei!

— Então você está em contato com ele.

Albie puxou a mão.

— Não estou!

Robin esperava que ele desse as costas e saísse às pressas, mas agora que ela não o detinha fisicamente, ele parecia preso ao local por sua boa índole.

— Olha, diga a Decima… diga a ela que ele realmente a amava.

Mesmo no escuro, Robin via que Albie tinha ruborizado de novo.

— Se ele a amava, por que foi embora e a deixou sem falar nada?

— Talvez ele não tivesse alternativa — sugeriu Albie.

— Como assim?

— Quer dizer, ele não deve ter tido alternativa — corrigiu Albie depressa —, porque ele de fato a *amava*. Não era pelo dinheiro nem nada, não importa o que Valentine pense. Rupe era realmente… ele era muito apaixonado por ela.

— Por que você está falando nele no passado? — perguntou Robin. — O que mudou?

— Nada. Quer dizer… ele deve ter concluído que não ia dar certo. Ela é muito mais velha e tal.

— Albie, acho que você sabe mais do que está me dizendo.

— Às vezes é melhor você não saber das coisas — soltou Albie, como se as palavras tivessem sido arrancadas dele. — Preciso ir. Obrigado pelo hambúrguer.

Ele se virou e se afastou com as pernas longas, desaparecendo na multidão.

Robin o viu sumir, depois olhou em volta, nervosa. Ninguém a estava

observando; não havia nenhum homem à espreita nas sombras, pronto para atacar.

Ela partiu na direção contrária à de Albie, à procura de um táxi vazio, pensando em tudo que Albie havia dito, mas também olhando regularmente por cima do ombro.

PARTE TRÊS

"Eles investem muito dinheiro e obtêm muita sujeira,
mas não se ouve falar muito de prata."

John Oxenham
A Maid of the Silver Sea

31

(…) Polifemo, cego, golpeando ao acaso, e caindo
de cabeça entre as rochas afiadas pelo impulso
dos próprios golpes.

Albert Pike
Moral e dogma do rito escocês antigo e aceito da maçonaria

Strike duvidava de que o MI5 tivesse ordenado a um agente que agarrasse Robin pelo pescoço e forçasse um gorila de borracha em sua mão numa tentativa de fazer a agência recuar da investigação do cofre de prataria, mas a questão de quem estava por trás do ataque fazia o detetive se perguntar exatamente quais dos vespeiros a agência parecia, inadvertidamente, ter cutucado. Ele estava preocupado sobretudo com o fato de o agressor de Robin saber exatamente onde encontrá-la e ter aproveitado a oportunidade de atacar onde era menos provável que fosse identificado, o que sugeria que ele a estivera seguindo havia algum tempo sem que ela notasse.

Essa ideia também ocorreu a Robin. Quando ela e Strike se falaram por telefone na manhã seguinte, ela confessou seu medo de que o homem a tivesse seguido por horas.

— Qualquer um pode ser seguido sem perceber em meio às multidões de Natal em plena Londres — falou Strike, querendo demonstrar que estava do lado de Robin, apesar da própria preocupação.

— Eu sei — disse ela —, mas ainda me sinto uma idiota. Não vou cometer esse erro de novo.

— Acho que agora temos de levar um pouco mais a sério aquele telefonema anônimo ao escritório.

— "Deixa isso de lado e você não vai se machucar"?

— Exatamente.

— Então "isso" sem dúvida é o corpo no cofre de prataria?

— Meus instintos dizem que sim. — Strike hesitou antes de voltar a falar, ciente de como o assunto era delicado, entretanto certo de que deveria ser mencionado: — Não consigo entender como ele sabia…

— Que eu fui a Testemunha G no julgamento do estupro? — perguntou Robin, que tinha se preparado para discutir isso.

— É.

— Acho que sei — disse ela. — Está online. Descobri ontem à noite.

— Merda. Mas como…?

— Fofoca local, talvez — arriscou Robin, tentando parecer despreocupada, embora, na realidade, quando encontrou seu nome no site na noite anterior, tenha se sentido fisicamente mal. — As pessoas em Masham sabiam do que tinha acontecido. Amigos e familiares, depois que saí da universidade. De todo modo, descobri na seção de comentários… bom, na verdade nos comentários daquele artigo sobre você. Algum anônimo disse que não entendia como eu posso trabalhar com você, tendo sido eu mesma vítima de um estuprador de grande notoriedade.

— Ai, meu Deus — disse Strike. — Eu…

— Não peça desculpas — Robin falou categoricamente. — Não é culpa sua.

Strike relutava em verbalizar sua opinião seguinte, mas, mesmo que isso levasse a uma briga, decidira que precisava falar.

— Eu falei sério a respeito de você me manter informado sobre onde está. Nenhuma rua vazia e escura sozinha. Alguém pode ter concluído que você é um alvo fácil.

— Tudo bem — concordou Robin, mas Strike sabia, pelo tom, que não ia se safar dessa.

A sócia nunca aceitou bem Strike expressar preocupação em qualquer questão que desse a entender que ele não confiava que ela fosse capaz de se cuidar sozinha. Na verdade, embora ele tivesse bons motivos para pensar que Robin era imprudente de vez em quando — ele não ia se esquecer tão cedo do salto que ela deu na frente de um trem em movimento para tentar arrastar um homem que ela definitivamente não conseguiria carregar sozinha para um lugar seguro, nem de quando correu à frente do sócio para dentro de uma casa onde um assassino

conhecido esperava no escuro —, Strike confiava em sua capacidade de avaliar o risco mais do que ela talvez soubesse. E de todos os integrantes da agência, a ética de trabalho de Robin era a única que verdadeiramente combinava com a dele.

— Você contou a Murphy…?

— Sim, claro — disse Robin, com tensão na voz, e Strike concluiu que era mais seguro abandonar de vez o assunto.

Mas Robin estava mentindo. Não tinha contado absolutamente nada a Murphy sobre o homem na Harrods, porque de jeito nenhum iria ouvir sermões sobre segurança de outro homem nem discutiria o estupro de novo. O pequeno gorila de borracha agora estava em um saco para congelamento em sua gaveta de meias em casa.

Strike e Robin deviam ter uma reunião de atualização pessoalmente em 22 de dezembro, a última manhã que Robin passaria no trabalho antes do Natal. Strike acordou com o despertador, deu um tapa nele, tirou o cigarro eletrônico do carregador e deu um trago profundo, o ar frio de dezembro infiltrando-se no apartamento pelas janelas mal-encaixadas enquanto ele via o vapor vagar pelo teto escuro.

Desde a última conversa dos dois, Strike vinha se perguntando se hoje não seria um bom momento para forçar a discussão com Robin para a qual ele ainda não tinha encontrado uma abertura natural. É claro que não seria do jeito que havia planejado. Ele esperava que fosse em um pub ou restaurante distante, onde o vinho e os risos pudessem baixar a guarda de Robin, mas estava preocupado com a procura de casas e com o Natal, com a possibilidade de Murphy estar prestes a soltar uma proposta de casamento festiva. Se Strike se declarasse hoje, antes de Robin viajar ao norte, para Masham, ela teria tempo e espaço para pensar no que realmente queria. Talvez este, afinal, fosse o caminho: em um dia de inverno, sem romantismo nenhum, no escritório onde a amizade fora forjada e onde Strike, com muita relutância, tinha se apaixonado por ela.

Ele ficou deitado, ainda fumando, tentando elaborar mentalmente uma introdução para o assunto.

"Olha, tem uma coisa que eu queria dizer."

"Preciso que você saiba de uma coisa."

"Estive procurando um jeito de te dizer isso."

Agora lhe ocorria que esta seria apenas a segunda vez na vida que ele tomaria a

iniciativa com uma mulher. Em todas as outras ocasiões (e ele podia imaginar as reações de outros homens, se fosse tolo de dizer isso em voz alta), foram as mulheres que deram o primeiro passo, ou então sinalizaram com tanta clareza que uma abordagem sexual seria bem-recebida que dava no mesmo. A única exceção foi naquela festa estudantil em Oxford, quando ele cambaleou embriagado para Charlotte, com quem nunca havia falado na vida. Ela era a garota mais bonita que Strike já tinha visto, mas ele não corria risco nenhum: na pior das hipóteses, sabia que teria uma boa história para contar sobre sua audácia de se aproximar de uma mulher que todo homem na festa olhava com partes iguais de desejo e assombro.

Isso era diferente. Se ia pôr tudo em pratos limpos hoje, precisava se preparar para as possíveis consequências: a agência acabada, sua amizade mais importante destruída, toda esperança de um relacionamento que ele realmente queria, morta. A imagem mental indelével da expressão de Robin quando ele se aproximou para beijá-la na frente do Ritz surgia em sua mente enquanto ele estava deitado na cama, ouvindo o vidro da janela da cozinha tremer com o vento. Se ia ser recebido hoje com o mesmo olhar…

Mas ele precisava falar. Não podia viver sabendo que não tinha pelo menos tentado. Decidido, ele sentou-se, saiu da cama e pulou, usando os auxílios familiares de encostos de cadeiras e batentes de porta para se equilibrar em direção ao banheiro.

Tinha terminado o café da manhã quando, exatamente às nove horas, alguém bateu na porta de seu apartamento. Desconcertado, ele a abriu e encontrou a gerente no patamar.

— Já leu? — interpelou Pat em seu barítono.

— Li o quê?

— Você. No jornal. Daquele tal de Culpepper.

— O que… mais um?

— É. Eu não me dei conta… Ligaram ontem pedindo um comentário. Pensei que era sobre a última coisa. Tem quinze recados na secretária eletrônica no escritório, e tem dois deles zanzando lá fora.

Strike foi imediatamente ao laptop, que estava carregando na mesa da cozinha, sentou-se e o abriu.

— O que quer que eu faça? — perguntou Pat, observando-o.

— Diga "sem comentários" a qualquer um que telefonar.

Ele tinha acabado de localizar o artigo. Enquanto Pat fechava a porta ao sair, Strike o leu.

Filho de Jonny Rokeby é acusado de abuso contra profissional do sexo

Cormoran Strike, filho ilegítimo do astro do rock Jonny Rokeby e detetive particular preferido dos londrinos ricos, é acusado de ter contratado Candy, uma profissional do sexo de vinte e três anos, para armar uma cilada para um homem casado e, quando o esquema falhou, tentou forçá-la a fazer sexo com ele…

"Foi em 2013, e eu achei que ele devia ser um bom sujeito, ele tinha apanhado aquele estrangulador que ia atrás de profissionais do sexo… na verdade eu fiquei muito emocionada. Pensei que iria ajudá-lo a fazer uma coisa boa…

"… não é justo dar nome ao alvo, ele não queria fazer nada comigo. Mas quando pedi meu dinheiro a Strike, ele disse que só me daria se eu dormisse com ele…"

… este artigo recente neste jornal sobre Cormoran Strike, em que uma segunda mulher alegou ter sido usada pelo detetive para obter informações necessárias em um caso…

… filho do astro do rock Jonny Rokeby e da supergroupie dos anos 1970 Leda Strike, que morreu de overdose de heroína em 1994…

"Esta é outra prova, como se precisássemos, de que os detetives particulares estão operando em um Velho Oeste desregulado que precisa de atenção legislativa urgente", disse lorde Oliver Branfoot. "… as táticas sujas usadas por esses detetives precisam ser abordadas pelo bem do público…"

Aguardamos um comentário de Cormoran Strike.

Strike ficou imóvel, encarando a tela, cada músculo tenso, um rugido nos ouvidos, as entranhas pegando fogo. Culpepper tinha cruzado a linha para a pura invenção; este artigo não tinha fundamento nenhum. Seria a garota — seu rosto

estava pixelado nas duas fotos que acompanhavam o artigo, mas o corpo era claramente visível, com sua roupa íntima vermelha e mínima — uma quimera também? Ou Culpepper pagou a alguma profissional do sexo para que ela virasse Candy no artigo?

Strike desviou os olhos da tela e eles se fixaram no porrete de pescador que ficava no peitoril, uma relíquia gasta de Ted, um homem sobre quem ninguém jamais teria acreditado cometer uma vulgaridade dessas. Strike então olhou o celular. Nenhuma mensagem. Sem dúvida, os amigos e familiares estavam se perguntando se aquilo poderia ser verdade, se era assim que ele conduzia sua vida profissional, se este era seu segredinho sujo.

Ele se levantou, sentindo que o coração tentava abrir caminho pelas costelas, pegou as chaves e saiu do apartamento, batendo a porta.

32

O que pareço a mim mesmo, você pergunta?
Nenhum herói, confesso.

Robert Browning
A Light Woman

Robin tinha visto o artigo online sobre Strike pouco antes de embarcar no metrô naquela manhã e, por conseguinte, passou a maior parte da viagem até a Denmark Street olhando fixamente os pés do passageiro da frente e pensando no que tinha acabado de ler, em vez de na descoberta que fizera na noite anterior, que estivera ansiosa para contar a Strike.

Ela disse a si mesma que a história de Candy devia ser falsa, mas podia ter certeza absoluta? Em 2013, Robin e Strike não eram de forma alguma tão próximos como agora; havia partes da vida dele que continuavam um verdadeiro mistério para ela. Uma voz em sua cabeça insistia, *você sabe que ele nunca fez isso*, mas a vida ensinara a Robin que os homens em quem você pode confiar completamente — contadores arrumadinhos como o próprio ex-marido infiel, por exemplo, ou estupradores em série (o homem que acabou com sua carreira universitária e arruinou suas trompas de Falópio morava com uma mulher que lhe deu apoio durante o julgamento e fornecera a ele fracos álibis falsos), ou os bígamos e mulherengos com os quais ela lidava no trabalho — às vezes escondiam segredos imensos e espinhosos que destruíam mais vidas do que apenas a deles quando revelados. O currículo de Strike quanto à abertura e transparência sobre sua vida sexual era muito fraco. Robin não saberia de Madeline se Charlotte não tivesse contado a ela, sobre Bijou, se Ilsa não tivesse contado, ou sobre a prima de Dominic Culpepper, se Kim não falasse nela.

Não, Strike não seria o primeiro homem a ter feito alguma coisa de que

ninguém à volta dele acreditaria ser capaz, e o estômago de Robin parecia fervilhar de larvas se contorcendo, e ela só queria chegar ao escritório e resolver isso com o sócio, acreditando (mas será que podia contar com isso?) que, se o olhasse nos olhos, saberia a verdade.

Robin tinha acabado de sair da Tottenham Court Road quando seu celular tocou.

— Tem jornalistas na frente do prédio, ele quer que você saiba — informou Pat.

— Quantos? — perguntou Robin.

— Dois.

— O que está havendo aí?

— Acho que ele vai fazer alguma idiotice — respondeu Pat.

— Como assim?

— Ele está tentando falar com aquele jornalista que escreveu a coisa toda.

— Chegarei aí em cinco minutos — disse Robin, apertando o passo.

Enquanto virava a esquina para a Denmark Street, ela ouviu um homem chamar seu nome. Baixou a cabeça e continuou andando — não parecia ser um fotógrafo, graças a Deus…

— Srta. Ellacott? Srta. Ellacott? Alguma coisa a dizer sobre os comentários de lorde Branfoot? Alguma coisa a dizer sobre Candy, srta. Ellacott?

— Sem comentários — disse Robin com frieza, recusando-se a olhar a cara do jovem, mas lá vinha um homem mais velho, o celular gravando na mão.

— Sabia sobre Candy, srta. Ellacott? A senhorita a conheceu?

— Sem comentários — repetiu Robin; chegou à porta, abriu-a e a bateu na cara dos repórteres.

Ela correu pelos dois lances da escada de metal, sentindo dor no local da cirurgia, até chegar à porta de vidro. A primeira coisa que viu ao entrar foi a cara alarmada de Pat; depois ouviu a voz do sócio, como provavelmente a rua inteira ouvia.

— TÁ, VOU DEIXAR UM MALDITO RECADO! *DIGA ÀQUELE BABACA QUE VOU ATRÁS DELE, ENTENDEU?*

— Ah, pelo amor de Deus…

Robin cruzou apressada a porta que levava à sala interna.

— *SE ELE ACHA QUE A ÚNICA COISA QUE POSSO CONSEGUIR*

SOBRE ELE É QUE A MULHER DELE…

A primeira dica de que a sócia tinha chegado foi seu telefone sendo arrancado da mão.

— *Mas que merda…?*

Robin bateu na tela para encerrar a ligação.

— *Você não pode entrar em guerra com Culpepper* — falou ela energicamente, afastando-se de Strike enquanto mantinha o celular bem firme na mão. — Não *pode*! Ele tem um jornal de circulação nacional ao lado dele!

Strike a olhou com uma expressão tempestuosa.

— Então você viu. É óbvio.

— É, eu vi.

— Ele não vai fazer essa merda comigo. *Ele não vai fazer essa merda*. Vou *destruir* aquele escroto, vou fazer ele desejar…

— Strike…

— Eles pagaram alguma… Eles arrastaram alguma…

— *Eu sei o que eles fizeram!* Precisamos conversar! — disse Robin, batendo a porta divisória na cara de Pat.

Strike andava de um lado a outro só com a camisa de baixo.

— O quê? — disse ele furiosamente a Robin, que o observava. — Você precisa que eu diga? Tá legal, vou dizer: eu nunca contratei uma profissional do sexo… nunca contratei uma, ponto-final, mas tenho certeza de que nunca fiz uma *merda* como essa para ludibriar alguém.

— Eu sei — falou Robin (Ela *sabia*? Meu Deus, esperava que sim) —, mas não é assim que você deve lidar com isso. Ameaçá-lo só vai dar mais material para Culpepper publicar!

Robin esperava que sua voz não falhasse, mas precisava fazer a pergunta seguinte; o problema tinha ido longe demais para evitar educadamente o assunto.

— Quem era a mulher no primeiro artigo?

Strike agora conhecia a fúria de um predador encurralado. Sua empresa sob ataque, o relacionamento com Robin ameaçado; ele sabia que devia uma explicação a ela e que era fundamental que ela ouvisse a verdade por parte dele e que a fizesse parecer o menos sórdida possível, mas só o que queria era começar a esmurrar as janelas.

— O nome dela é Nina Lascelles — falou. — A *honorável* Nina Lascelles, se

quer o maldito nome completo… e foi por meio dela que consegui a porcaria do manuscrito do *Bombyx Mori* — explicou, referindo-se a um livro que a agência estivera ansiosa para obter. — Culpepper me disse que a prima trabalhava na editora e me deu as informações de contato. Nós nos encontramos, fomos à festa da Roper Chard juntos, ela me arrumou uma cópia do original. Não houve sedução nem promessas de nada. Nina gostou da aventura.

— E? — insistiu Robin, que ainda segurava firme o celular de Strike com as duas mãos.

— E eu a convidei para jantar comigo na casa da Lucy na noite seguinte. Como forma de agradecimento.

Robin, que nunca havia sido convidada para jantar na casa de Lucy, não conseguia entender por que Strike, o mais reservado dos homens, teria misturado negócios com família desse jeito.

— E depois…?

— Eu dormi com ela — respondeu Strike com agressividade —, é. Duas vezes. E depois nunca mais telefonei para ela. Mas não houve nenhuma maldita coerção, nenhuma troca de favores, nada.

— Tudo bem — disse Robin.

— Foi… uma daquelas coisas. Não é que eu tenha particularmente…

Ele teve senso suficiente para morder a língua no final da frase, mas Robin ouviu mesmo assim. *Não é que eu tenha particularmente gostado dela.*

Mas você dormiu com ela apesar disso, pensou Robin, *porque claro que dormiria. E agora olha só no que deu.*

— Ela queria um relacionamento — contou Strike, que achava que isso era um ponto a seu favor. — Ela queria continuar. É por isso… Eu soube que ela ainda guardava rancor na noite em que a vi no Dorchester. Ela alega que ferrei com a vida da sua melhor amiga também.

— Quem? — perguntou Robin, alarmada, imaginando novos escândalos prolíficos para os tabloides explorarem.

— Não faço ideia. Talvez alguma esposa infiel que estivéssemos investigando. Mas ela deduziu que eu estivesse ali a trabalho, no Dorchester, então quando o sr. B disse à ex que sabia o que ela estava fazendo…

— Bom, no futuro — disse Robin (Strike teria dito exatamente o mesmo, ela sabia, se o problema fosse de outro funcionário) —, talvez você não deva fazer o

tipo de trabalho em que possa esbarrar em ex-namoradas.

— Não são tantas assim, porra!

— Mas muitas vêm desse círculo social, não vêm? — indagou Robin, que estava decidida a dizer o que pensava; não para puni-lo, mas porque a agência significava mais para ela do que poupar os sentimentos de Strike. — É um milagre que isso não tenha acontecido antes. E você também é o membro mais reconhecível da agência. Precisamos ter isso em mente de agora em diante.

Depois de bufar em silêncio por alguns segundos, Strike berrou um "PUTA MERDA" para ninguém em particular, o que deu um susto em Robin.

— Sabe o que você precisa fazer? — perguntou Robin, obrigando-se a falar com calma. — Ligar para Fergus Robertson.

Strike a olhou feio.

— Eu pensei nisso, mas eu não…

— Isso não vai sumir apenas com um "sem comentários". Fale com Robertson, conte a verdade. Você sempre jogou limpo com ele.

— Eu não queria ter que…

— É tarde demais para "não queria ter que fazer" — disse Robin com raiva. Esta era sua agência também, e ela não ia ficar parada vendo-a ser destruída. — Você tem que dar os fatos a Robertson. Tem que revidar.

— Não vai bastar. Preciso cortar o mal pela raiz.

— O que vai fazer, localizar essa garota e ameaçá-la para que se retrate? — Robin agora perdia a paciência. — Como você acha que *isso* vai acabar? "*Cormoran Strike volta a ameaçar profissional do sexo*"? Ou está planejando bater em Dominic Culpepper com um taco de beisebol? Porque *isso*…

— Me dá meu telefone.

— Você não pode ameaçar Culpepper, Strike! *Não pode!*

— Não vou fazer isso. Vou ligar para Robertson e ver se consigo fazer algum controle de danos.

Robin devolveu o telefone, mas ficou ali, olhando para ele.

— Prefiro que você não ouça — disse Strike a ela.

— Tudo bem — rebateu Robin com frieza, e saiu da sala.

Strike esperou até a porta se fechar para sentar-se e pressionar o número de Robertson.

— Alô, alô — disse uma voz irônica do outro lado da linha. — Estava

pensando em te ligar, vendo que você não retornou os telefonemas dos meus colegas. Por que o sr. Culpepper quer tanto te pegar, assim de repente?

— Talvez esteja disposto a lhe dizer isso — falou Strike —, desde que eu tenha a garantia de uma ou duas citações exatas.

— Quem vai dar as citações?

— Eu.

— Manda bala — disse Robertson, e Strike ouviu uma página se virando.

— Eu nunca contratei mulher nenhuma… ênfase em "nenhuma"…, profissional do sexo ou o que seja, para armar uma cilada ou seduzir um alvo ou testemunha de investigação — declarou Strike, e ele ouviu a taquigrafia de Robertson movendo-se rapidamente pelo papel —, nem tentei obter sexo oferecendo dinheiro, retendo pagamento, nem por qualquer outro tipo de ameaça. Nunca conheci, falei nem interagi de modo algum com a mulher que se chama Candy, e suas alegações, para as quais ela não deu provas, são completamente infundadas.

— Vai entrar com um processo? — perguntou Robertson, que ainda escrevia audivelmente.

— Oficialmente, sim, estou falando com advogados. Extraoficialmente, não tenho dinheiro para processar, como Culpepper sabe muito bem.

— Tudo bem — falou Robertson. — Tudo isso me parece ter ficado muito pessoal, muito rápido.

— Existe um motivo para isso — disse Strike —, e talvez eu esteja disposto a lhe dar algumas dicas sobre onde cavar se você puder garantir que serei citado com exatidão…

33

E estivemos em muitos milhares de linhas,
E mostramos, em cada uma, espírito e poder;
Mas dificilmente, por uma breve hora sequer,
Estivemos na nossa própria linha, fomos nós mesmos…
Dificilmente tivemos habilidade para expressar um sequer
Dos inúmeros sentimentos que correm por nosso peito,
Mas eles seguem correndo para sempre, não pronunciados.

Matthew Arnold
The Buried Life

Robin estava no banheiro do primeiro piso. Retirou-se para lá porque não queria responder às perguntas de Pat e agora, pela segunda vez em três semanas, estava sentada em um vaso sanitário com a cabeça entre as mãos, furiosa com Cormoran Strike.

Será que ela o considerava alguém tão honrado quanto Sir Galahad? Não, nunca; ela o conhecia muito bem, mas, como milhões de mulheres antes dela, Robin preferia acreditar que o homem de quem gostava tanto era melhor do que isso. Ela acreditava que ele não tinha se encontrado com nenhuma profissional do sexo chamada Candy, mas uma coisa era certa: se Strike tivesse resistido a fazer sexo com uma mulher que ele persuadiu a ajudá-lo em um trabalho, Culpepper não teria um gancho onde pendurar seu artigo calunioso.

Cinco minutos depois, Robin voltou ao escritório, encontrando Strike ainda fechado na sala interna e Pat com o telefone grudado na orelha, ouvindo alguém. Estava pendurando o casaco quando Pat falou:

— Vou colocá-lo em espera, sr. Rokeby.

Os acontecimentos da manhã tinham sido tão tensos até agora que Robin não

registrou imediatamente o nome. Só ao se virar para a gerente e ver a expressão de medo e espanto de Pat foi que entendeu a importância do que acabara de ouvir.

— É o pai dele — sussurrou Pat.

— Ai, meu Deus — murmurou Robin. De todas as coisas que pensava que podiam derrubar completamente Strike esta manhã, o pai era a primeira. — O que Rokeby quer?

— Falar com ele — respondeu Pat, ainda aos sussurros, apontando com a cabeça um Strike fora de vista. — Disse que não consegue ligar para o celular dele, porque foi bloqueado. E disse que, se ele não estivesse disponível, gostaria de falar *com você*.

Robin podia ouvir a voz abafada de Strike falando com Fergus Robertson na sala interna. A ligação poderia acabar a qualquer momento.

— Diga a ele que ambos estamos indisponíveis, mas que você pode pegar o recado e um de nós vai retornar a ligação. E mande uma mensagem *para mim*, não mande…

A porta da sala interna se abriu.

— Vamos ter aquela reunião, então? — perguntou Strike, carrancudo.

— Sim, é claro — confirmou Robin, tentando ao máximo parecer pragmática.

Ela entrou na sala interna passando por ele, e Strike fechou a porta na cara de Pat, que ainda tinha o fone preso ao peito.

— Robertson vai fazer uma publicação com uma negação completa da minha parte — informou Strike, que respirava como se tivesse acabado de fazer o que realmente queria: transformar Culpepper em purê. — Disse que vai colocar um pouco de "o Cormoran Strike que eu conheço", mencionar a IHU, o Estripador de Shacklewell, serviço público, clientes agradecidos…

— Ótimo — disse Robin.

Nenhum deles se olhava nos olhos. Robin ouvia a voz de Pat se elevando e abaixando na antessala de novo. Strike foi à janela e olhou a Denmark Street pelas venezianas.

— E ele disse que vai ligar… É, ele ligou.

Na rua, o jornalista mais velho tinha acabado de receber um telefonema, presumivelmente de Robertson. Depois foi dizer ao mais novo que não havia sentido ficar por ali, porque Strike fizera ao colega deles o único comentário que

estava disposto a fazer.

— Tudo bem — falou Strike, sem olhar para Robin ao sentar-se, mas puxando para si as anotações sobre o caso do cofre de prataria. — Tenho novidades sobre Larry McGee. Falei com a filha dele ontem à noite.

Sua adrenalina se recusava a baixar; eram recorrentes as nítidas imagens mentais em que esmurrava Dominic Culpepper com tanta força que seus dentes se partiam. A ideia de dizer a Robin o que sentia por ela, naturalmente, fugiu; havia momentos imperfeitos para uma declaração dessas e ocasiões em que falar seria uma completa loucura, e Strike teria dificuldade de imaginar uma ocasião menos auspiciosa do que aquela, em que foi obrigado a explicar como tratou mal outra mulher e depois a aceitar o conselho de Robin de como combater melhor uma acusação de assédio de uma profissional do sexo.

— Então — começou, tentando se concentrar nas anotações que fizera enquanto conversava com a filha de McGee —, não houve nada de suspeito na morte. A autópsia revelou infarto do miocárdio relacionado com diabetes mal administrado. Basicamente, o cara da segurança da Gibsons tinha razão: ele realmente parou de se cuidar depois de ser demitido.

— McGee se relacionava bem com a filha? — perguntou Robin, que também tentava parecer profissional.

— Fazia dez anos que não o via. Ela soube que estava morto pela polícia batendo em sua porta. Pelo que me disse, ele não era um sujeito amável; abandonou a mãe dela quando ela tinha seis anos, sempre tentava ganhar dinheiro fácil, era esquisito perto das mulheres, foi demitido de um emprego anterior por supostamente passar a mão em uma colega. Perguntei se ela sabia por que ele achava que iria ganhar dinheiro, e ela não fazia ideia, disse que ninguém na família tinha muito a deixar, especialmente para ele. Perguntei se achava que ele um dia tivesse afanado coisas do trabalho ou sido cúmplice em um roubo, e ela disse que acreditava tranquilamente que ele poderia fazer isso. Eles o cremaram e deixaram as cinzas no crematório — acrescentou Strike. — Disse que ninguém da família queria lidar com elas. Enfim — ele folheou as anotações —, leu meu e-mail sobre Jim Todd?

— Sim — disse Robin. — Acha que ele pode ter conhecido McGee fora do trabalho?

— Não estou convencido de que o "quem era ele?" tenha sido um lapso de

linguagem, tampouco que não tenha sido Todd a ter acessado o "Abusado e Acusado" no trabalho — revelou Strike. — Ele ficou aflito quando mencionei isso e, considerando como eram desleixados de modo geral na loja, não acredito na palavra de Todd de que ele não conseguiria entrar na internet ali. Pelo que me disse sobre onde mora, duvido que tenha um computador em casa. Chamar Wright de "idiota estúpido" por procurar coisas assim no trabalho pode ter sido autorrecriminação. As pessoas se descuidam desse jeito. E aí, o que você acha de mantê-lo sob vigilância?

— Concordo em princípio, mas não temos efetivo para isso, temos?

— Bom, precisamos tentar, porque quero verificar esse sujeito. Terá ocorrido a você, tenho certeza, que, considerando o estado da visão de Pamela, a identificação de Wright como Knowles se apoia em grande parte em Jim Todd.

— Sim, isso me ocorreu — disse Robin, que não apreciou muito a aspereza no tom do sócio. Não era culpa dela que ele tivesse dormido com a prima de um jornalista.

— De todo modo — prosseguiu Strike —, li suas anotações sobre Albie Simpson-White. Você acha que ele sabe mais do que está admitindo.

— Acho — confirmou Robin. — A história de Rupert não ter alternativa senão deixar Decima e "às vezes é melhor você não saber das coisas"… Quero descobrir o que ele quis dizer com isso.

— Que Fleetwood tinha outra namorada grávida? — sugeriu Strike com desdém.

Robin ficou ainda mais irritada com esta reação. Ela ouvira educadamente a especulação de Strike sobre Jim Todd, afinal de contas.

— Mas ele disse que Rupert de fato amava Decima e deu a entender que ele era muito responsável e equilibrado de modo geral…

— Se "responsável" e "equilibrado" significam engravidar a namorada, roubar uma imensa peça de prata do pai dela e depois dar no pé, Simpson-White precisa da porcaria de um dicionário novo — disse Strike, e Robin deduziu, corretamente, que no atual estado de espírito de Strike não fazia muito sentido tentar convencê-lo a aceitar uma visão mais gentil de Rupert Fleetwood, então, em vez disso, falou:

— Bom, se tivéssemos terceirizados suficientes, eu sugeriria vigiar Albie também, porque acho que há uma pequena chance de ele nos levar diretamente a

Rupert. Sei que Decima não quer que o encontremos vivo, mas…

— Não, ela não quer — afirmou Strike. — Liguei para ela ontem porque queria falar sobre o que descobrimos a respeito do Wright na St. George's Avenue, e ela deixou muito claro que a única coisa que quer escutar é que ele está morto.

Ele colocou as anotações da conversa com Decima no topo da pilha diante de si e redobrou o esforço para se concentrar.

— Perguntei se Rupert levantava peso, e Decima disse que ele se cuidava, ia à academia, e ela podia imaginar que ele levantasse pesos, se não tivesse acesso a um cross-trainer. Até onde sabe, ele nunca fez jiu-jítsu, mas praticou um pouco de artes marciais na escola. Ela nunca o viu fumar maconha, mas sabe que ele fumava no passado. Perguntei se ele sabia lidar com uma arma e ela disse que sim, um rifle, porque o internato caro na Suíça tinha um clube de tiro, e depois perguntei se ele conhecia ou algum dia mencionou uma mulher chamada Rita ou Rita Linda. Também não. Depois perguntei se ele era ambidestro.

— O quê? — questionou Robin, sem entender. — Por quê?

— Porque antes de telefonar para ela, repassei tudo que tínhamos até agora, inclusive a gravação que você conseguiu na Bullen & Co.

— Mas é inútil — disse Robin, que já havia visto os três minutos de filme. — Wright fica encoberto por quase todo o tempo em que esteve lá.

— Sim, mas vendo uma segunda vez, notei uma coisa. Vem cá que eu vou te mostrar.

Então Robin rolou a cadeira para o lado da mesa de Strike. Ao fazê-lo, Robin sentiu o celular no bolso vibrar e suspeitou de que Pat tivesse lhe enviado o recado de Jonny Rokeby. Sentindo que escondia um pequeno, mas potente dispositivo explosivo em si, ela viu Strike abrir o vídeo em preto e branco, que era muito mais nítido e claro do que aquele da Ramsay Silver. A câmera grande angular cobria toda a Bullen & Co., que tinha um caixote imenso perto da entrada e alguns clientes olhando. Um homem de gravata, que Robin julgou ser o marido de Pamela, escrevia à mesa.

— Lá vem ele — falou Strike.

Baixo e imponente, com a barba cheia e de óculos, Wright apareceu de modo nítido por um momento, mas infelizmente coçando a face antes que o maior dos clientes o bloqueasse. Ele segurava uma bolsa preta e prata em uma das mãos. O

marido de Pamela pegou a folha de papel em que estivera escrevendo e avançou para Wright.

— Agora — disse ele, e desacelerou o vídeo —, sei que não dá para ver com clareza, por causa do cara parado na frente dele, mas observe: Driscoll pega a sacola e Wright se abaixa sobre o caixote para assinar o que suponho que seja um recibo escrito à mão para comprovar que ele recebeu o centro de mesa. Observe o cotovelo dele.

— Ai, meu Deus, como deixei passar isso? — Robin arquejou. — Ele assina com a mão direita!

— Exatamente — confirmou Strike, parando o filme. — Assim, existem três possibilidades: primeira, ele é ambidestro; segunda, por algum motivo ele não queria que a assinatura feita na Bullen & Co. parecesse com a dele; ou terceira, ele fingia ser canhoto na Ramsay e se esqueceu de fingir quando precisou assinar alguma coisa inesperadamente.

Enquanto rolava a cadeira de volta ao outro lado da mesa, Robin ouviu uma voz alta e clara que reconheceu como a de Kim Cochran na antessala. Depois houve uma batida na porta, que se abriu antes que um dos sócios dissesse "entre".

— Ah — murmurou Kim, vendo Robin primeiro —, se for uma má hora…

— Não — disse Strike, porque não queria dar a Robin a impressão de que não estava feliz por ela ouvir qualquer coisa que Kim tivesse a dizer. — O que foi?

Kim entrou na sala em outro vestido justo, preto e na altura dos joelhos, com botas de salto alto. A maquiagem, Robin notou, estava imaculada. Kim soltou uma risadinha e gesticulou para sua roupa com um acanhamento mal-fingido, como se só agora tivesse se lembrado de estar vestida assim.

— Desculpe por isso, é minha última tarde de folga antes do Natal e vou almoçar com minha irmã. Mas, enfim, consegui detalhes do carro de fuga que eles acham que os assassinos do cofre usaram.

— Sério? — perguntou Strike.

— Sim — confirmou Kim. — Tudo bem se eu me sentar?

Ela foi pegar uma terceira cadeira sem esperar por uma resposta. Embora irritada pela invasão, Robin tirou proveito da distração para pegar o celular no bolso e ler as mensagens que Pat lhe enviara.

Rokeby falou que viu a coisa no jornal e quer

oferecer os próprios advogados, disse que vai pagar. Falou que sabe que Cormoran nunca fez isso e que Culpepper é um merda e que se sente mal porque o lance de ser ilegítimo continua vindo à tona.

Pat depois mandou uma segunda mensagem.

Ele foi muito gentil.

— Adorei o peixinho, a propósito — comentou a radiante Kim, que tinha voltado com uma das cadeiras dobráveis. Ela se sentou e cruzou as pernas, o que fez o vestido preto e justo subir até a metade das coxas. — Então, nenhum dos meus contatos sabe me dizer por que eles não deram à imprensa detalhes sobre o carro de fuga. Como eu disse, parece haver alguma coisa muito estranha acontecendo em torno desse caso, todo mundo sendo muito reservado, mas, de todo modo: era um Peugeot 208, claro, com placas falsas. Chegou ao final da Wild Court com uma pessoa dentro, mas depois de sair da Wild Court eram duas. No entanto, não há uma visão clara de nenhuma delas. Foi para o oeste pela A40, depois desapareceu em uma área residencial, onde acham que a placa pode ter sido trocada de novo. Foi o máximo que consegui até agora, mas vou continuar tentando.

— Isso é de muita ajuda, obrigado — disse Strike, categórico novamente, mas desta vez Kim o ignorou.

— Também tenho novidades sobre o Plug.

— É mesmo? — disse Strike.

— Sim. O que estava naquele galpão foi transferido. Segui ele e o filho ao loteamento pouco depois da meia-noite. Os dois ficaram lá por dez minutos, depois levaram algo enrolado em um saco. Era grande e precisou dos dois para ser carregado, e, ou estava morto, ou drogado.

— Merda — praguejou Strike. — Eu liguei para a porcaria da proteção animal também.

— Talvez por isso eles tenham se livrado do que quer que fosse — sugeriu Robin. — Um fiscal visitou o galpão e Plug ficou sabendo.

— Depois — continuou Kim, como se Robin não tivesse falado —, eles colocaram na traseira do furgão de Plug e voltaram a Haringey, onde o levaram a uma espelunca na Carnival Street.

— Plug e o filho moraram em Haringey — falou Robin. — Talvez um amigo tenha concordado em cuidar da coisa?

— E depois disso — disse Kim, ainda sem reconhecer a presença de Robin — eles saíram e voltaram à casa da mãe de Plug.

— Pegou o número da casa na Carnival Street? — perguntou Strike.

— Peguei, número 15 — respondeu Kim.

— Tudo bem, bom trabalho — disse Strike —, registre tudo isso no arquivo. Talvez valha a pena dar uma olhada nessa casa também.

Enquanto se levantava e recolhia a cadeira, Kim disse a Strike:

— Quer um café? Preparei um pouco.

— Ah… seria ótimo, obrigado.

— Robin?

— Não, obrigada — disse Robin automaticamente, embora na verdade também tivesse gostado de um.

Kim sorriu e saiu, deixando a porta aberta.

— Do que estávamos falando mesmo? — perguntou Strike, passando a mão no rosto.

— De Wright ser canhoto — respondeu Robin. — Imagino que tenha falado com Decima sobre isso.

— Sim. Assumimos o caso com a condição de que não íamos embromá-la, não foi?

— Claro — concordou Robin.

— Então eu disse a verdade a ela: ainda não encontramos nenhuma evidência que sugira que Fleetwood era Wright, e está parecendo ainda menos provável do que no começo… e com isso ela desatou a chorar, implorou para que eu continuasse investigando e me disse que deixou mais um monte de mensagens para Sacha Legard, tentando convencê-lo a falar comigo, considerando que ele ignora meus e-mails.

Kim reapareceu com uma xícara de café.

— Valeu — disse Strike, notando o sorriso caloroso dela ao baixar a xícara e quase desejando não ter aceitado. Kim saiu, fechando a porta.

Ela vai zanzar por aqui até sairmos, pensou Robin. *Não vai desperdiçar esse vestido.*

— Imagino que o motivo para a Metropolitana não divulgar esse Peugeot 208 — comentou Strike, baixando a voz — seja que alguém do círculo de Lynden Knowles dirija um.

— Talvez — concordou Robin.

— Continuando — retomou Strike, virando outra página das anotações —, Pat encontrou noventa e dois Hussein Mohamed casados até agora, então estamos meio longe de descobrir aquele que morou no andar de cima de William Wright, mas quando eu tiver um tempo, vou passar um pente fino e ver se algum deles parece provável. Também fiz algumas pesquisas sobre nosso amigo pornô, o Dangerous Dick. Ele é registrado no que parece a maior agência de entretenimento para adultos, a Triple XR… ou era. Liguei para lá… nome falso, é lógico… e pedi para ser colocado em contato com ele. Ele não está mais na folha de pagamento de lá.

— Ah — murmurou Robin.

— Obviamente, isso não quer dizer que ele tenha sido morto, mas é interessante, mesmo assim. Pedi informações de contato e eles ficaram desconfiados e disseram que eu poderia deixar um recado para ele. Pedi a ele para telefonar, mas não recebi nenhuma ligação. Imagino que muitos esquisitões tentem entrar em contato com os astros pornôs deles, então acho que será melhor você fazer a próxima abordagem. Voz nova, e imaginei que uma mulher parecerá menos suspeita, mas não consigo pensar em nenhum disfarce além de fingir que você está montando o elenco de um filme pornô.

— Tudo bem — disse Robin, no fundo se perguntando que outros dilemas imprevistos teria que enfrentar naquele dia. Não tinha a menor ideia de como exatamente convencer uma agência de atores para filmes adultos de que você é uma verdadeira produtora de pornografia.

— Vamos trabalhar nisso depois do Natal — falou Strike. — Nesse meio-tempo, vou tentar identificar a mulher que entregou o bilhete cifrado. Se ela está na mesma linha de trabalho, deve ter uma presença online. Mas, enfim, o que você conseguiu?

— Bom, cheguei a um completo beco sem saída com Sapphire, a garota que mandou mensagens a Osgood e Oz. Liguei para a organização de pessoas desaparecidas e parece que ela sumiu de um lar adotivo. Só ficou lá por um mês e

não disse nada aos pais adotivos sobre se encontrar com um homem nem falou em ninguém chamado Oz. Mas ela tem um histórico de fugas, então talvez não haja nada nisso, mas — Robin continuou, hesitante —, na verdade, descobri outra coisa. Pode ser completamente irrelevante, mas só para constar…

Ela digitou algumas palavras em seu teclado e virou o monitor para Strike ver uma matéria datada de junho.

Duas fotos da mesma jovem bonita, que tinha cabelos pretos na altura da cintura e pele marrom-clara, o olharam da tela. Em uma delas, a garota vestia camiseta e jeans. Na outra, fazia biquinho de lingerie preta.

ESTUDANTE DE LONDRES ENCONTRADA ESFAQUEADA EM NORTH WESSEX DOWNS

O corpo de uma jovem, descoberto em North Wessex Downs no domingo, 19 de junho, foi identificado como a estudante espanhola Sofia Medina, de 20 anos, segundo a polícia.

Descrita pelos amigos como "extrovertida, esforçada e divertida", Medina estudava para uma graduação em Cinema e Produção Cinematográfica na Universidade de West London. Foi vista viva pela última vez pela colega de apartamento Gretchen Schiff, 21, na tarde de quinta-feira, 16 de junho.

"Ela me disse que talvez passasse o fim de semana fora", declarou Schiff aos repórteres. "Não achei estranho. Ela tinha muitos amigos. Achei que fosse ficar na casa de alguém depois de uma festa ou coisa assim."

Medina era muito ativa em sua conta no OnlyFans, e uma amiga que quis permanecer anônima disse que o trabalho era uma tentativa de obter renda suficiente para ajudar a financiar sua educação.

"Avisei a ela que estava facilitando demais para os homens a encontrarem na vida real. Ela falava que era estudante e postava fotos dela nos banheiros da universidade. Sinceramente, tive medo de que alguém que a visse no OnlyFans a assediasse e a sequestrasse."

A análise da perícia revelou que Medina foi estuprada antes de ser morta. Acredita-se que o assassinato tenha acontecido nas primeiras

horas de domingo, 19 de junho. Seu corpo, que sofrera múltiplas facadas, foi encontrado por alguém que levava o cachorro para passear.

FURGÃO ABANDONADO

A polícia gostaria de identificar o dono de um VW Up Complete 999cc ano 2013, localizado abandonado sem as placas na Baydon Road, aproximadamente a quatro quilômetros de onde o corpo foi encontrado.

Se tiver alguma informação sobre essa história, ligue por favor para…

Robin achou que precisaria explicar a Strike por que lhe mostrava esse artigo, mas quando terminou de ler, ele disse:

— É, eu me lembro de ter visto isso. Acha que ela pode ter sido a asiática que tirou coisas do apartamento de William Wright, antes de ele ser assassinado?

— Bom, obviamente ela não é asiática, mas o corredor estava escuro, e Mandy só viu a dupla brevemente. Sei que é um tremendo tiro no escuro, mas ela combina com a descrição básica da mulher… pele marrom-clara, cabelo preto e comprido, não parece inglesa… e foi assassinada só vinte e quatro horas depois de Wright. — Robin podia ouvir como sua teoria era fraca quando falada em voz alta, mas ainda assim se sentiu compelida a compartilhar. — O que pegou para mim foi Sofia dizendo que a colega de apartamento ia passar o fim de semana fora, mas sem dar detalhes do que estaria fazendo.

— Talvez elas tenham brigado. Ou talvez não fossem amigas, só pessoas que alugam um apartamento juntas.

— Sei que pode ser só isso — disse Robin —, mas olhe só isto aqui. — Ela digitou outro termo de busca, depois falou: — Esta é a descrição que deram do corpo, antes de ser identificado como o de Sofia. *"Latina ou sul-asiática, um metro e sessenta e dois, usando jeans, tênis e uma camiseta cor-de-rosa com o desenho de uma peônia."* — Ela olhou para Strike. — Mandy disse que a garota que entrou e saiu do apartamento de Wright estava com uma camiseta cor-de-rosa com estampa de flores.

Robin soube, pela expressão de Strike, que ele agora estava interessado, então continuou:

— Sofia foi vista viva pela última vez na tarde de quinta-feira, portanto na véspera da chegada da prataria Murdoch à Ramsay Silver. Na sexta-feira à tarde, uma garota parecida com a descrição de Sofia e usando roupa similar ou idêntica dirige até a St. George's Avenue em um carro prata, entra com a própria chave no quarto de Wright, retira coisas em uma mala e sai da casa. Um carro prata… possivelmente o mesmo carro prata… volta cedo na manhã seguinte, um homem de cabelo encaracolado entra na casa e sai com mais coisas em uma mala. Outra pessoa está dirigindo. No dia seguinte, Sofia é assassinada no meio do nada, perto de um furgão abandonado.

— Um furgão — repetiu Strike.

— Sei que combinaria melhor se fosse um Peugeot 208 abandonado…

— Não necessariamente — disse Strike. — Um homem mandou um e-mail a Calvin Osgood, pensando que ele era Oz e perguntando se ele ainda estava interessado em comprar seu furgão, lembra?

— Ai, meu Deus, é claro!

Strike coçou o queixo, estreitando os olhos.

— Sabe de uma coisa, as mulheres podem ser úteis em determinadas situações.

— Obrigada.

Strike quase sorriu pela primeira vez desde que acordou.

— Quer dizer, a presença de uma mulher em geral faz com que tudo pareça mais inofensivo. Certas ou erradas, as pessoas veem um homem e uma mulher e pensam, "casal cuidando da própria vida", e não "estão indo cometer roubo e assassinato". — Strike deu um trago no cigarro eletrônico. Precisava aumentar a concentração de nicotina, porque não estava satisfazendo tanto quanto um Benson & Hedges teria feito. — Tudo bem, para fins de argumentação, digamos que Sofia Medina ficou com um dos caras que matou Wright. Vamos forçar um pouco mais e dizer que o homem era Oz, nosso amigo de cabelo encaracolado. Ela diz à colega de apartamento que vai passar o fim de semana fora porque sabe que irá ajudar Oz a roubar a prataria Murdoch e assassinar William Wright.

— Quando você coloca desse jeito — disse Robin —, começa a parecer menos crível. Ela era estudante. Tinha perspectivas. Por que diabos ia concordar em se envolver em um assassinato?

— Ele pode tê-la coagido.

— Como?

— Mulheres jovens cujas famílias não sabem que elas têm contas no OnlyFans podem ser vulneráveis a chantagem.

— Mas o que ele a chantageou a fazer? *Ela* não pode ter matado Wright e também não teria sido de muita utilidade para carregar o centro de mesa oriental.

— Bom, com uma garota com essa aparência, a resposta óbvia seria agir como isca.

Os dois imediatamente pensaram na Candy pixelada, posando com roupas íntimas vermelhas no jornal.

— Wright disse aos vizinhos que uma namorada ia morar com ele — ponderou Robin. — Terá sido Sofia Medina? Será que foi ela que o convenceu a ir trabalhar na Ramsay Silver?

— É uma teoria — falou Strike, refletindo sobre o assunto. — Será que Wright achava que ele e Medina seriam Bonnie e Clyde, sem perceber que tinha gente por trás dela que ia arrancar os olhos dele e decepar seu pau?

— Talvez não haja ligação — disse Robin, perdendo a confiança de novo.

— É claro que Medina pode não ter percebido que o trabalho envolvia assassinato e mutilação — comentou Strike. — Oz pode ter mentido que era só roubo, talvez contando uma história de que ele tinha direito à prata, que ela o estaria ajudando a recuperar o que lhe pertencia. Ele pode ter alegado que Ramsay o enganara de algum jeito e que aquilo era vingança. Ou… espere aí.

Strike se levantou e foi consultar o cartão no quadro onde escrevera tudo que tinham descoberto até agora sobre Oz.

— O verdadeiro Osgood recebeu outro e-mail dirigido a Oz — disse Strike, lendo o cartão. — Uma garota escreveu a ele em um inglês ruim, querendo saber sobre uma pegadinha que Oz fez com a prima dela…

— Inglês ruim — repetiu Robin. — Acha que a garota era espanhola?

— Pode ser — respondeu Strike. — Que pena que o babaca idiota deletou os e-mails.

— Mas que tipo de "pegadinha" envolveria Oz entrando na loja na escuridão e saindo coberto de manchas de sangue?

— Ela pode não ter percebido as manchas de sangue se ele estivesse cambaleando sob o peso do centro de mesa oriental — disse Strike.

— Mas como ele explicaria sair da loja com um jogo completo de roupas masculinas? Porque Wright também foi despido, não se esqueça.

— É, bom argumento — falou Strike, de cenho franzido. — Posso ligar de novo para Wardle e apontar a coincidência da aparência de Sofia Medina e de suas roupas combinarem com a descrição da mulher que foi à casa de Wright nas primeiras horas da manhã.

Strike ainda estava de pé e de costas para Robin, passando os olhos no quadro de cortiça cada vez mais cheio. Enquanto ele fazia isso, Robin estava angustiada pensando no que deveria fazer com o recado de Jonny Rokeby. Ela teria preferido esconder, porque, a não ser que os dois se comunicassem sem que ela tivesse conhecimento, as últimas palavras do sócio ao pai foram "vai se foder". Porém, definitivamente seria errado não passar ao sócio a oferta de assistência jurídica.

Sem saber do que se passava a suas costas, Strike, que olhava um novo artigo de jornal preso abaixo da foto de Tyler Powell, disse:

— Você achou "Griff".

— Quê? — perguntou Robin.

— "Homem a quem Tyler Powell se confidenciou em vez de sua avó", é o que diz aqui.

— Ah, sim — disse Robin. — Dilys falou, "ele disse a Griff para onde ia, e não a mim". Acho que é esse o endereço dele. Dilys contou que Griff mora "na mesma rua" e um Ian Griffiths mora na frente da casa dos pais de Tyler. Pode valer a pena falar com ele, assim como com Dilys.

— E Dilys pode nos receber em janeiro? — perguntou Strike, ainda lendo a anotação de Robin.

— Sim.

— Estive botando mais pressão em Jade Semple, e ela parece estar vacilando. Garanti a ela que não trabalho para a imprensa, embora não consiga entender por que ela se preocupa tanto com isso. Se ela genuinamente quer encontrar o marido, um pouco mais de cobertura ajudaria. De todo modo, se eu conseguir que ela concorde, vamos tentar agendar essas entrevistas mais ou menos na mesma época, pegar todos juntos.

— Tudo bem — concordou Robin, ainda tentando decidir como abordar melhor o tema de Rokeby.

Strike se virou do quadro e estava prestes a embarcar em uma discussão sobre a melhor maneira de eles viajarem de Londres a Ironbridge, quando Robin falou:

— Escute, tem uma coisa que preciso te contar — (e por um segundo Strike se lembrou de que era ele quem pretendia dizer essas palavras, ou algo parecido, esta manhã) —, mas por favor… *por favor*, não perca a cabeça. Prometa que não vai fazer nada precipitado.

— Tudo bem — disse Strike, perguntando-se que diabos estava por vir. Ela não começaria o anúncio de seu noivado com essas palavras, não é?

— Seu pai ligou há pouco para o escritório. Ele viu aquele artigo e está oferecendo ajuda… ajuda jurídica. Disse que vai pagar os próprios advogados para entrarem com um processo.

Strike simplesmente a encarou. Do outro lado da porta, Robin podia ouvir Kim rindo.

— Ele telefonou enquanto você falava com Robertson — informou Robin. — Eu pedi a Pat para pegar o recado, e… bom, é isso. Ele disse que se sentiu mal por… por ter sido envolvido na matéria, então queria ajudar. Pat disse que ele foi gentil… Não fique furioso. Por favor.

— Não vou ficar — disse Strike, com dificuldade.

Não na sua frente, quer dizer.

Robin olhou a hora no celular.

— É melhor eu ir andando — disse ela, levantando-se.

— Vai a Yorkshire de carro esta tarde?

— À noite, mas preciso fazer as malas e arrumar umas coisas.

Na verdade, Robin tinha consulta marcada com o clínico esta tarde. Foi difícil conseguir hora antes do Natal e ela não queria perder.

— Estou com seu presente aqui — falou, agora pegando a bolsa e retirando o que parecia um cartão. — Sei que não parece grande coisa, mas você vai entender quando abrir.

— Obrigado — disse Strike, pegando-o automaticamente. — Deixei o seu lá em cima. Espere um pouco.

Robin o acompanhou até a antessala, onde Kim estava encostada na pia, segurando um café. Enquanto Strike ia até a porta de vidro, Kim disse:

— Obrigada pelo vale-presente, Cormoran.

— Agradeça a Robin, foi ideia dela — disse Strike e foi até seu apartamento.

Assim que a porta de vidro se fechou, Pat disse a Robin em um sussurro que parecia um rosnado:

— Contou a ele?

— Sim — disse Robin.

— O que ele vai fazer?

— Não sei.

Os olhos atentos e brilhantes de Kim passavam de uma para a outra; Robin quase podia ver seu nariz tremendo de curiosidade.

Strike voltou em alguns minutos, segurando uma caixa pequena e achatada embrulhada em papel de presente natalino e um cartão.

— Feliz Natal — disse ele, entregando a Robin.

— Obri…

O telefone na mesa de Pat tocou, e Robin sentiu o estômago se apertar.

Por favor, Deus, que não seja Rokeby de novo.

— Agência de Detetives Strike e Ellacott… Quem?

Os olhos de Pat se arregalaram.

— Um minuto, vou colocá-lo em espera.

Ela apertou um botão e olhou para Strike.

— Ele disse que é Sacha Legard.

— *O quê?* — perguntou Kim, arregalando os olhos. — O *ator*?

— É melhor eu ir andando — falou Robin, segurando o presente. — Feliz Natal para todos.

Se Kim e Pat não estivessem ali, e Legard não estivesse na espera, ela poderia ter dito mais a Strike, poderia ter reiterado seu apelo a ele para não estourar com o pai, pelo próprio bem e não o de Rokeby, mas ela apenas sorriu para ele, virou-se e saiu.

— Tudo bem — disse Strike, azedo, para Pat (*foda-se Rokeby, foda-se o Natal, foda-se o maldito Culpepper, foda-se essa merda toda*) —, passe Legard para mim.

Ele foi para a sala interna de novo. O telefone em sua mesa tocou.

— Strike.

— Cormoran — disse a voz belamente modulada de Sacha Legard. — Há quanto tempo não nos falamos.

— É — disse Strike.

— Não sabia que você estava tentando entrar em contato comigo.

Uma ova que não sabia.

— Recebi um telefonema de Dessie Longcaster… Mullins, quero dizer… parecia muito perturbada — contou Legard.

— Ela lhe disse do que se tratava? — perguntou Strike.

— Disse. Meu primo Rupert — respondeu Legard, com um tom de exasperação irônica.

— Decima está muito preocupada com ele. Podemos nos encontrar para conversar?

— Sinceramente, acho que tudo isso é uma tempestade em copo d'água — falou Legard.

Os entrevistadores, como Strike sabia, em geral concordavam que Sacha Legard não só era um talento extraordinário, mas também um homem de uma doçura e uma generosidade de espírito incomuns. Strike, que o conhecia melhor, evitara ler seus comentários bajuladores por anos; ele já comia fritura suficiente e não precisava aumentar a pressão sanguínea. O detetive deixou que seu silêncio falasse por ele. Será que Legard queria arruinar sua imagem pública encantadora aparecendo como um homem que se recusava a ajudar uma mulher aflita? Ele realmente queria parecer indiferente quanto ao paradeiro do jovem primo?

— Bom, se vai ajudar a tranquilizar os ânimos de Dessie — disse Legard por fim —, tudo bem.

— Beleza — disse Strike. — Amanhã está bom para você? Tenho o dia inteiro livre.

— Claro. Venha ao National Theatre às três horas. É nossa última noite de…

— Ótimo, verei você lá — disse Strike, e conseguiu sublimar um pouco seu impulso incessante de esmurrar alguém ao desligar antes que Sacha Legard pudesse lhe dizer que sucesso indubitável de crítica ele estrelava no palco no momento.

34

Não culpes a luz que falha,
Nem os sussurros da noite:
Embora a noite sussurrante estivesse em silêncio,
Ainda assim o coração daria conselhos errados.

A.E. Housman
XVII, More Poems

A ida de Robin ao clínico foi difícil de várias formas que ela não previra. Só o que ela realmente queria era descobrir se as dores agudas no local da cirurgia representavam algum motivo de preocupação, e a curta resposta a isso, segundo o jovem e ríspido substituto com o qual ela foi obrigada a se consultar, em vez da médica que solicitara, foi "não". Depois de perguntar a ela se tinha sintomas de infecção, como temperatura elevada, e se o local da incisão tinha se curado bem (ela declinara da oferta dele de dar uma olhada), ele disse:

— Você fez uma cirurgia — como se ela não tivesse percebido, como se tivesse dormido durante todo o choque, a dor e a morfina —, ainda está se curando. Você tem sido fisicamente muito ativa desde que saiu do hospital?

— Razoavelmente — respondeu Robin, lembrando-se da corrida pela calçada até o galpão de Plug e a correria de hoje pela escada da agência.

— Bom, aí está sua resposta — disse o médico.

— Tudo bem — falou Robin, abaixando-se para pegar a bolsa e ir embora, mas o médico continuou a falar:

— Vejo que conversaram com você no hospital sobre a fertilização *in vitro* — disse ele, com os olhos no monitor do computador.

— Sim, mas…

— Você tem trinta e dois anos, certo?

— Sim — confirmou Robin.

— Enquanto ainda tiver menos de trinta e cinco, você tem cinquenta e cinco por cento de probabilidade de uma gravidez bem-sucedida por fertilização *in vitro* — disse ele —, mas as chances diminuem com a primeira implantação. Espere até os quarenta e suas chances caem para dez por cento.

— Tudo bem. Bom, obrigada…

— Em geral, as mulheres acham que a fertilização *in vitro* é uma rede de segurança. Não existem garantias. Se é o que quer, precisa pensar nisso…

— O quanto antes — disse Robin. — Sim, o cirurgião me disse.

Ela não pretendia ser grosseira, mas já tivera mais do que o suficiente do clínico, com suas estatísticas, sua monocelha e seu ar de condescendência. Talvez ela tenha imaginado o ar de crítica quando ele leu "clamídia" em voz alta, da tela, mas de jeito nenhum ia contar que suas trompas tinham sido arruinadas.

Robin passou a maior parte da viagem de quatro horas a Masham fingindo uma animação que não sentia. Murphy, que teve o tato de não mencionar o artigo sobre Strike e Candy, estava de ótimo humor porque, enfim, ele e sua equipe fizeram três prisões no caso dos irmãos baleados: a do homem que disparou a arma, a do motorista do carro do qual ele fez os disparos e a da namorada deste último, que dera um álibi falso aos dois homens. Genuinamente satisfeita por ele e pela mãe dos meninos, Robin o encheu de congratulações e disse a si mesma que era o momento errado para contar sobre a ida ao clínico.

Quando, exatamente, seria o momento certo de abordar o assunto, Robin não sabia. Tinha a horrível sensação de que, se contasse a Murphy as probabilidades de uma gravidez bem-sucedida por fertilização *in vitro*, ele ia sugerir que começassem a tentar ter um filho imediatamente, que seu "você só tem trinta e dois anos" ia se transformar rapidamente em "você já tem trinta e dois anos". Robin pensou novamente em todas as mulheres do mundo que ficariam radiantes com o fato de o namorado querer ter filhos com elas e perguntou a si mesma o que havia de errado com ela, que entrava em pânico e se sentia sufocada ao pensar no que um dia achou que queria, antes de ter sido enviada a um escritório decrépito na Denmark Street como secretária temporária e tudo mudar: a parte de si que ela pensava que o estuprador tivesse levado embora para sempre provara não estar morta, mas adormecida, só esperando por sua chance, enquanto algo que ela dava como certo — que podia ter filhos como e quando quisesse — tinha desaparecido

para sempre, embora ela nem soubesse disso então.

Não chore, disse a si mesma, enquanto a M11 já quase às escuras passava deslizando pelas janelas do carro, as músicas natalinas tocando no rádio e Murphy falando em detalhes de como destruiu pessoalmente a namorada do motorista, pegando a mulher em contradições de sua história.

— Ela é uma viciada em spice — disse ele a Robin.

— Viciada em quê?

— Spice. Maconha sintética. Está em toda parte. Ela transpirava como se estivesse numa sauna. Falava umas três palavras por minuto. Levei quase cinco horas para desmascarar a garota.

Murphy tomou um gole de água, como se a lembrança disso o deixasse com sede.

— Meu Deus, eu estava ansioso por isso. Precisava de uma pausa.

— Eu também — disse Robin sem sinceridade. Na verdade, ela daria quase qualquer coisa para ser levada de carro na direção oposta, de volta ao seu apartamento solitário e ao trabalho, mesmo que o homem que agarrou sua nuca estivesse lá. *Vai acontecer de novo se vocês não desistirem dessa merda.*

Eles enfim chegaram, já no escuro, à antiga casa de pedra em Masham onde Robin fora criada. O pai tinha pendurado luzes brancas no velho lilaseiro no jardim. Quando Robin tocou a campainha, houve uma correria de boas-vindas durante as quais Betty, a nova filhote, disparou para fora e teve de ser resgatada do meio da rua por Murphy. Lá estava Stephen, o irmão mais velho de Robin, e Jenny, sua esposa alta, em gestação tão avançada que precisou de três tentativas para sair da poltrona e cumprimentar os recém-chegados; Jonathan, o irmão mais novo de Robin, que havia se formado na universidade e trabalhava para uma consultora de gestão de marcas em Manchester; o pai de Robin com cabelos escuros, óculos de aro de chifre; e a mãe, Linda, cujo carinho por Murphy o fez receber um abraço tão caloroso quanto o de Robin. A família tinha atrasado o jantar para que Robin e o namorado pudessem se juntar a eles. Todos se acomodaram em volta da mesa da cozinha impecavelmente limpa, em um piso coberto de folhas de jornal devido à presença da ainda não adestrada Betty, cujo rabo fazia o corpo todo ondular quando o abanava sem parar. Com uma ligeira melhora no estado de espírito, Robin bebeu vinho e comeu o frango com cogumelos que a mãe tinha preparado, e a notícia de que o ex-marido, Matthew,

também estava na cidade para o Natal, com a segunda esposa e o filho, mal provocou nela um leve tremor de emoção.

— Ela está grávida de novo — informou Linda à família —, a Sarah. Eu a vi na cooperativa.

— Bom, boa sorte para ela — disse Robin, decididamente despreocupada.

— Para quando é o seu? — perguntou Murphy a Jenny.

— Dia 3 de janeiro — respondeu Jenny —, mas sinceramente ele pode chegar esta noite, se quiser. Não aguento mais tanta azia.

— É um menino? — perguntou Robin, que ainda não sabia disso.

— É, e eles acham que terá mais de quatro quilos e meio — informou Stephen.

— Que bom que um de nós está feliz com isso — falou Jenny.

— Ficamos preocupados — disse Linda, fingindo reprovação, enquanto olhava a nora à mesa. — Ela ainda estava trabalhando até um mês atrás — contou a Robin.

— Só nas coisas pequenas, Linda — disse Jenny, que era veterinária. — Nada de cavalos ou bois.

— Pensei que Martin estaria aqui — comentou Robin.

Martin era o terceiro dos quatro filhos dos Ellacott e, até bem recentemente, morava com os pais, mas tinha se mudado para a casa da namorada grávida, na vizinha Ripon.

— Não, eles chegam amanhã — informou Linda, com aquele tom de reserva que indicava a Robin que havia uma história que a mãe não queria contar na frente dos outros.

Robin ficou feliz em ir para a cama em seu antigo quarto. Murphy dormiu quase assim que se deitou. Robin ouviu os sons dos outros entrando e saindo do banheiro, dos pais de Annabel vendo como a filha estava no antigo quarto de Martin, de Jonathan andando pelo sótão convertido onde, como caçula, ele teve de dormir quando jovem. Ela se perguntou por alguns minutos o que estaria na caixa quadrada e achatada que Strike lhe dera de Natal, que ela havia deixado no fundo da bolsa de viagem quando desfez as malas, em vez de levar para o térreo e colocar embaixo da árvore de Natal, como Murphy e ela fizeram com os presentes que compraram para a família e um para o outro. A caixa de Strike tinha o tamanho e o peso apropriados a uma joia, mas ela não conseguia pensar

em nada menos provável do que seu sócio lhe dando algo tão pessoal, não depois de ter desistido de lhe comprar um perfume certa vez porque os nomes pareciam íntimos demais. A lembrança de Strike lhe dizendo que entrara em pânico com a ideia de dar a ela um frasco rotulado de algo como "Gostosona" a fez sorrir no escuro.

Vai ficar tudo bem, disse ela a si mesma, ouvindo a respiração lenta de Murphy. *São só quatro dias*.

35

Por que não, então, ter falado antes,
Escrito, agido? De quem é a culpa
Se seu silêncio permaneceu intacto?

Robert Browning
Waring

Strike considerava a autopiedade uma perda de tempo injustificável, entretanto, o desânimo que o dominava na manhã seguinte se recusava a passar. Apesar do que Robin dissera antes sobre as tensões de um Natal em família, quem poderia garantir que ela não amoleceria com a atmosfera festiva depois de chegar a Masham? Havia crianças e canções natalinas, e talvez a porcaria do vinho quente, e todos encantados com seu imensamente cobiçado agente de investigação criminal… Strike só fora a Masham uma vez, para invadir o casamento de Robin. Bom, ele estaria fodido se precisasse fazer isso outra vez.

Agora ele estava sentado no BMW, vigiando um depósito até onde tinha seguido o desempregado Plug. Enquanto monitorava as portas do local esperando pelo reaparecimento do sujeito, Strike agravou o próprio desalento ponderando os muitos outros dilemas que enfrentava.

O artigo de Fergus Robertson apareceu no *Telegraph* naquela manhã. Como o detetive supunha que deveria ter previsto, algum código de honra esfarrapado entre jornalistas picaretas tinha impedido Robertson de revelar ao mundo o verdadeiro motivo para Dominic Culpepper agora estar decidido a acabar com a reputação de Strike, mas ele sugeriu que o investigador tinha feito muitos inimigos durante sua carreira e o citou na íntegra com relação a sua negação de tudo pertinente a Candy e sua ameaça vazia de um processo judicial. Talvez, pensou Strike, de olho no depósito, ele realmente devesse contratar um

advogado. O custo seria exorbitante, mas ele tinha uma sensação desagradável de que sua refutação não seria suficiente para fazer a história de Candy desaparecer para sempre.

Ele não tinha intenção de aceitar a oferta de ajuda financeira do pai, que certamente vinha de um desejo de melhorar a própria imagem pública. Strike considerava que Rokeby tinha violado uma fronteira territorial ao ligar para seu escritório na Denmark Street e falar com uma de suas funcionárias. Sim, Robin provavelmente tinha razão: a atitude mais sensata era ignorar o pai, mas se ela voltasse de Masham noiva, Strike consideraria todos os pedidos anteriores anulados.

Enquanto isso, Jade, a esposa abandonada de Niall Semple, tinha lhe mandado uma mensagem na noite anterior:

parece que não tem sentido você vir me ver porque eu não acho mais que Niall fosse o homem naquela loja

Isso era má notícia, porque na eventualidade de Robin voltar de Masham sem aliança, uma viagem à Escócia daria a Strike uma excelente oportunidade de se declarar, enquanto que seria difícil justificar uma estada noturna em um hotel se só viajassem a Ironbridge. Ele digitou a resposta:

O que a fez mudar de ideia?

A resposta dela foi:

acho que ele está com outra mulher

Strike respondeu questionando se ela não ficaria mais tranquila se tivesse certeza de que o marido não estava no cofre, mas não houve resposta.

Como se não bastasse lidar com isso, Strike tinha recebido uma ligação anônima no celular, encaminhada do telefone do escritório, logo após sair da Denmark Street naquela manhã. Depois de algumas respirações guturais, uma voz rouca dissera:

"Deixe isso de lado. Temos gow-too do nosso lado. *Deixe de lado*."

— Mas que merda é "gow-too"? — dissera Strike, e nisso o interlocutor

desligou.

Gow-too. Desde que o desconhecido ameaçou Robin na Harrods, Strike não estava mais disposto a ignorar as ligações anônimas, como se fossem apenas piadas de alguém se divertindo à custa da agência. Dito isto, como Robin estava em segurança em Yorkshire, ele simplesmente se chateou por adicionar mais uma irritação à sua coleção já superlotada.

Não havia nada no futuro imediato de Strike que pudesse animá-lo. Ele passaria os próximos três dias dormindo com alegria, mas nem isso podia fazer. O dia seguinte era véspera de Natal, o que significava ter de ir à festa de Lucy para os vizinhos, seguida por uma noite no quarto de hóspedes e a animação forçada do dia de Natal, com seu cunhado Greg fazendo os costumeiros comentários mordazes sobre as escolhas de Strike. O detetive em geral ignorava isso pela irmã, mas lhe ocorrera, sentado no carro vigiando o depósito onde Plug fazia compras, que esmurrar Greg poderia ser quase tão satisfatório quanto espancar Dominic Culpepper, e se satisfez por alguns segundos imaginando socar o cunhado em cima do peru de Natal. Porém, antes de conseguir chegar perto do almoço natalino, teria de se encontrar com Sacha Legard no National Theatre, uma perspectiva que desenterrava lembranças da falecida noiva de Strike o que, em seu estado emocional enfraquecido, ele achava impossível evitar.

A atitude de Charlotte com relação ao meio-irmão Sacha e a toda sua família sempre oscilou entre dois extremos. Ela passou grande parte da vida mandando todos eles para o inferno e declarando que odiava e temia a Heberley House, a majestosa casa onde passou a maior parte da infância e onde a mãe e o padrasto davam festas extravagantes e regadas a drogas, em uma das quais Charlotte, aos dez anos, ingeriu LSD por acidente. Ela insistia que desprezava as convenções de sua classe, culpava seus internatos e parentes por sua infelicidade e alegava que só o que queria da vida, agora que estava livre deles, eram os prazeres simples e a verdadeira conexão humana. Essa costumava ser a parte dela que Strike ao mesmo tempo amava e lastimava, e que, nos primeiros dias do caso dos dois, ele se permitiu acreditar que era a "verdadeira" Charlotte.

Porém, com a idade e a experiência, veio a percepção indesejada de que a mulher que ele amava era como um camaleão, multifacetada e em geral manipuladora, contendo muitas outras identidades que eram tão reais quanto a preferida dele. As mudanças entre esses diferentes aspectos da personalidade dela

apareciam subitamente: de repente, ela achava sem graça e limitantes as diversões que Strike podia pagar com o salário de policial militar, e anunciava o desejo de um dia caro nas corridas, com champanhe e apostas pesadas, ou uma viagem bate-e-volta a Marraquexe com amigos da alta sociedade, inclusive "Sachy" e "Val", porque "vamos, querido, vai ser divertido", e depois ela zombava de Strike por sua relutância e sua obsessão burguesa com a solvência e a sinceridade.

"Ah, *é claro* que Sachy é um tremendo hipócrita", dissera Charlotte uma vez, rindo, quando Strike fez esta acusação contra seu meio-irmão, depois de um jantar durante o qual Sacha e outro ator rico conversaram sobre socialismo ao longo dos três pratos. "Todos nós sabemos que ele vota nos conservadores e não há uma evasão fiscal que ele não conheça. Relaxa, querido, você leva essas coisas muito a sério."

Nos episódios maníacos que acometiam Charlotte em intervalos regulares, ela perguntava por que Strike se importava que a face pública não combinasse com os hábitos privados, desde que a pessoa em questão fosse divertida e tivesse estilo. Por que Strike tinha de entediar e constranger todo mundo com trivialidades originadas de sua experiência real com a pobreza e a sordidez? E seguiam-se brigas em que ela acusava Strike de parcimônia e falta de alegria, e se ele lembrasse Charlotte das coisas que ela havia dito, dias ou até horas antes, sobre seu ódio aos padrões duplos, à falsidade e ao materialismo, havia uma súbita explosão de fúria em que ela lhe lançava acusações absurdas: que ele a odiava e a desprezava, e que achava que ela era indigna e superficial. Depois disso, ela ou entrava numa bebedeira autodestrutiva ou atirava objetos, em geral as duas coisas.

A única parente por quem ela nunca, em circunstância nenhuma, expressava amor, era sua mãe. Charlotte fora considerada dispensável por ambos os pais, que esperavam ter um menino depois da irmã mais velha dela. Ela só conheceu o desdém e a crueldade de Tara, que Strike sempre acreditou ter origem na semelhança física das duas, a narcisista Tara odiando ver a própria juventude perdida piscando para ela do outro lado da mesa de café da manhã. Nunca, antes ou desde então, ele soube de um ódio entre pais e filhos como o que nutriam Tara e Charlotte, e ele atribuía a maior parte da instabilidade mental de Charlotte a uma infância de abandono que escalava, às vezes, a maus-tratos completos.

O instinto materno latente de Tara enfim despertou com a chegada de Sacha, que era o fruto de seu terceiro casamento. Tara mimou o único filho homem,

perfeitamente satisfeita ao ver as próprias feições em forma masculina, e ele se tornou a única pessoa de quem a hedonista e profundamente autocentrada Tara gostava, além de si mesma. Por conseguinte, Sacha era a única pessoa da família dilacerada por álcool e drogas de Charlotte que podia dizer com sinceridade que teve uma criação inteiramente feliz.

É claro que isso não era culpa de Sacha, e Strike não o culpava por isso. Seu ressentimento vinha do modo como ele se comportou quando teve idade suficiente para notar a insensibilidade de Tara para com a irmã. Sacha era a única alma viva que poderia intervir com algum resultado, entretanto, as tentativas de suicídio de Charlotte e suas estadas em instituições psiquiátricas sempre passavam ignoradas pelo meio-irmão, que nunca a visitava, nunca telefonava e nunca se referia a nenhuma delas depois que passavam. Quando Charlotte estava bem, Sacha ficava satisfeito em socializar com ela, porque ela era um trunfo espirituoso e decorativo para qualquer reunião. Caso contrário, para ele, a meia-irmã poderia muito bem nem existir.

Houvera uma ocasião, e apenas uma, em que Strike apelou ao homem mais novo em busca de ajuda. Apesar de suas frequentes críticas contra o lugar, Charlotte tinha decidido comemorar o aniversário de trinta anos com uma grande festa na Heberley House. Strike previra uma miríade de possibilidades de drama e conflito se o evento ocorresse ali, e tentou convencer Charlotte de que seria preferível uma festa em Londres, ou mesmo um fim de semana fora com ele, mas foi em vão. Charlotte queria champanhe e canapés, duzentas pessoas em traje de gala espremidas no salão, fotos tiradas da escada sinuosa e lanternas penduradas nas árvores do parque de caça, e a falta de entusiasmo de Strike pelo plano foi considerada, inevitavelmente, uma chatice e um desrespeito. Talvez algum resquício da Charlotte criança abandonada e não amada estivesse tentando provar a si mesma que tinha valor aos olhos da família, ou talvez ela estivesse deliberadamente armando uma situação em que uma implosão ia acontecer. Strike estava familiarizado, na época, com a parte perigosa de Charlotte que às vezes procurava se ferir o mais fundo possível.

Dois meses de um conflito inteiramente previsível com Tara antes da festa culminaram com a mãe cancelando metade dos arranjos e anunciando que passaria o dia do evento em St. Moritz com o filho. Sem saber que Tara tinha soltado essa bomba por mensagem de voz, Strike, que estava de licença do exército na época,

tinha voltado ao apartamento de Charlotte depois de uma cerveja com o velho amigo Nick e não encontrou sinal da namorada, mas o vestido de renda preto que ela pretendera usar em sua festa na Heberley estava em farrapos no chão do quarto e havia manchas de sangue na pia do banheiro. Ela não atendeu ao telefone nem retornou naquela noite. Na manhã seguinte, incapaz de falar com outro membro da família, ele ligou para Sacha.

Quando atendeu ao telefone, Sacha estava na sala VIP da primeira classe no aeroporto de Heathrow, em meio à turma do jet-set com quem a mãe andava. A informação de que a irmã tinha desaparecido, deixando manchas de sangue e um vestido rasgado para trás, não comprometeu nem um pouco o bom humor de Sacha. Mesmo falando com um homem dez anos mais velho do que ele e com uma experiência de vida muito maior, o Sacha de vinte anos tinha adotado um tom fatigado, de alguém com muita experiência de vida, ao dizer a Strike que o terapeuta de Tara a havia aconselhado de que um pouco de firmeza era necessário no que dizia respeito a Charlotte. A melhor coisa que Strike poderia fazer, dissera Sacha, enquanto o riso de Tara e dos amigos soava ao fundo, era ignorar este pedido óbvio de atenção, e, antes que Strike pudesse dizer a Sacha exatamente o que pensava dele e da mãe, o jovem desligou.

Strike precisou de quarenta e oito horas para localizar Charlotte em um hospital. Ela engolira um punhado de antidepressivos com todo o uísque que conseguiu ingerir no meio de um bar do Soho. Quando caiu de lado na cadeira, o gerente foi em seu auxílio, recebendo em troca muitos insultos e a ordem de que tirasse a porcaria das mãos de cima dela. Por incrível que pareça, ela ainda foi capaz de andar, porque saiu cambaleando para a calçada e tropeçou no trânsito, onde foi atropelada por um ônibus que passava. Quando Strike enfim a encontrou, um dia depois de seu próprio aniversário de trinta anos, que ele passou dando telefonemas infrutíferos a mais parentes e hospitais, ela estava em uma ala cirúrgica depois de uma lavagem gástrica, com marcas de autoflagelação nos braços e uma fratura no ombro. A recompensa dele por três dias de pavor e tentativas incessantes de envolver os parentes de Charlotte no que poderia ter acontecido com ela foi ouvir que grande filho da puta ele era por ter saído para beber cerveja com Nick justo quando ela mais precisava dele. Em seguida, ela o presenteou com um de seus habituais ultimatos de "ou eu ou o exército", e Strike, como sempre, escolheu o exército e voltou à Alemanha, onde estava

estacionado na época, um homem temporariamente livre.

Quando Charlotte foi encontrada pela polícia morta em uma banheira cheia de sangue, Sacha tinha a declaração pungente e perfeita pronta para a imprensa. "Sou uma das pessoas de coração partido que a amavam, lutando para compreender o fato de que nunca mais voltarei a ouvir seu riso. '*A morte se acha sobre ela como geada precoce sobre a flor mais doce de todo o campo.*'"

Sentado no BMW gelado, lembrando-se de tudo isso a contragosto, Strike se perguntou de novo com que diabos estava brincando em todas aquelas vezes em que concordou em aceitar Charlotte de volta. Ele valorizava a verdade; ela era uma mentirosa incorrigível. Ele insistia que era possível, com trabalho, passar por cima de sua herança genética, enquanto Charlotte tinha uma crença fantástica de que estava inescapavelmente condenada por uma família infestada de vícios. Ainda assim, eles se conheciam tão bem que cada um deles era capaz de prever com uma precisão quase assustadora o que o outro pensava e sentia. Enquanto estava envolvido no relacionamento, Strike nunca conseguiu imaginar amar outra mulher tão profundamente, mas desde que terminou, pensava em seu romance com Charlotte como uma infecção prolongada de que enfim conseguira se livrar.

Agora ocorria a ele, sentado e vigiando o depósito, que Robin, que parecia muito menos complicada do que a ex-noiva falecida, era um mistério muito maior para ele do que Charlotte já fora um dia. Ele não sabia o que Robin pensava ou sentia, e se apaixonar por ela, o que aconteceu inteiramente contra a sua vontade, não parecia uma infecção, mas o reconhecimento de uma deficiência que ele nunca soube ter e que aos poucos se tornara gradual e dolorosamente sintomática. E naquele momento — cada pensamento o levava para lá, por menor que fosse a relação — ela estava em Masham com Murphy, e ele estava sozinho e infeliz, e não tinha ninguém para culpar, exceto a si mesmo.

36

Um jovem grego, pelo que ouvi dizer,
Um daqueles a quem muitos amaram em vão,
Olhou dentro de um poço na floresta
E nunca mais desviou o olhar.

A.E. Housman
XV, A Shropshire Lad

Strike tinha poucas opiniões fortes sobre arquitetura, mas sempre considerou a construção brutalista que abrigava o National Theatre, que parecia um cruzamento de estacionamento de vários andares com uma estação de energia, uma das piores monstruosidades de Londres. Caminhando até ele às dez para as três daquela tarde, com o Tâmisa cinza e monótono cintilando ao longe, Strike achou que ele se comparava desfavoravelmente com os depósitos por onde tinha acabado de passar a vigilância a Midge. Uma faixa pendurada perto da porta anunciava que a peça de Sacha se intitulava *A morte não é punição,* e exibia um retrato de Sacha sério e resoluto no que parecia um pijama listrado.

Uma jovem tímida, de cabelos volumosos e óculos, adejava ao lado da entrada, com um crachá pendurado no pescoço.

— Sr. Strike?

— Eu mesmo.

— Meu nome é Grace. Sacha me pediu para levá-lo até lá em cima. É um prédio meio confuso, se não estiver familiarizado.

— Tudo bem — disse Strike.

Ela manteve a porta aberta para ele e, ao andarem juntos pelo vasto saguão de carpete marrom, com seu teto alto em um padrão que lembrava um gigantesco waffle de concreto, sua guia perguntou a Strike se ele já vira a peça de Sacha.

— Não — disse Strike.

— Ah, é maravilhosa — disse ela esbaforida, e falou por vários minutos sobre a peça, em que Sacha fazia o papel do verídico dr. Walter Loebner, que sobreviveu à tortura da Gestapo, escapou de um campo de concentração e viveu para testemunhar contra seus torturadores.

Strike resistiu à tentação de bufar. É claro que não havia nenhuma lei decretando que só homens corajosos deveriam interpretar aqueles que sobreviveram a atrocidades indizíveis antes de realizar fugas que desafiavam a morte, mas por acaso ele achava sumamente contraditório que Sacha Legard fizesse esse papel. Charlotte e Strike, ambos dotados de muita coragem física, costumavam rir juntos de como Tara conseguira incutir no adorado filho seu próprio horror de macular a mais requintada obra da natureza. Strike sabia muito bem que Sacha se preocupava com a segurança de arneses de voo e a probabilidade de sofrer lesões durante lutas de espadas bem ensaiadas, nunca progredira das pistas de iniciantes quando esquiava e preferia que seus dublês fizessem qualquer coisa em termos de mergulho, cavalgadas ou pular de grandes alturas. Nada disso era de conhecimento público, naturalmente, porque Sacha fazia um aventureiro muito convincente nas telas.

— … ia para a Broadway, mas acho que eles não conseguem imaginar ninguém senão Sacha como Walter, e ele está comprometido com um filme no ano que vem…

Strike e sua guia subiram em um elevador até os andares superiores, e a jovem continuou a exaltação de Sacha até que a expressão de tédio de Strike a intimidou a se calar. Por fim, ela o levou a um pequeno bar reservado para o elenco no terceiro andar, e lá estava Sacha, sentado sozinho, a não ser pelo barman.

O ator vestia jeans e uma camisa azul-escura e, mesmo na iluminação desfavorável do bar, estava assombrosamente bonito. Como muitos de seus companheiros atores, ele era muito mais magro pessoalmente do que parecia no palco ou nas telas.

— Cormoran — disse ele, animado, levantando-se. — A última vez que nos vimos deve ter sido no funeral do meu pai.

— Sim, deve ter sido lá — concordou Strike, apertando a mão que Sacha estendia.

— Obrigado, Sua Graça — disse Sacha, sorrindo para a jovem de óculos, que

ficou rosada de prazer com o que evidentemente era uma piada recorrente entre os dois e respondeu com:

— Não há de quê, milorde. Devo buscar…?

— O que vai beber? — perguntou Sacha a Strike.

— Café, se tiver — respondeu o detetive, e Grace se apressou para buscar.

— Você se deu muito bem desde a última vez que nos vimos — disse Sacha com sinceridade.

— Assim como você — falou Strike, com esforço.

— Rá — disse Sacha, com um sorriso de falsa modéstia —, nesta área, somos apenas tão bons quanto dizem as últimas críticas.

— Ele pode dizer isso — trinou Grace do balcão —, porque ele "é dono do palco", segundo o *Independent*!

— "Dono do palco" — repetiu Sacha, com um sorriso e um leve revirar de olhos ao voltar a sentar-se. — O que isso *quer dizer*?

Strike costumava achar Sacha mais natural no palco do que fora dele. Quando as câmeras estavam ligadas ou a cortina subia, Sacha conseguia emular perfeitamente a autêntica emoção humana. Fora do palco, ele sempre tinha um leve ar de quem atuava, e Strike agora assistia a uma apresentação privativa de *Ator talentoso, descansando.*

— E então, você é lorde Legard hoje em dia — comentou Strike.

— Ah, meu Deus, não — negou Sacha, rindo. — Não, sou como papai, não uso o título. Isso é tão ultrapassado.

Mas deixa que os subalternos saibam, só pela piada. Babaca.

Ao se aproximar do teatro, Strike se perguntou se Sacha mencionaria Charlotte, se ia apertar a mão dele em condolências ou reutilizar sua citação de *Romeu e Julieta*, e Strike teria achado tudo isso completamente condenável. Porém, a completa ausência de comentários o incomodava ainda mais. Ele supunha que deveria ter percebido que Sacha preferiria não falar do passado e, perversamente, isso deixou Strike decidido a fazer alusão àquela época quando surgisse a oportunidade.

Grace colocou um café na frente de Strike, que lhe agradeceu. Ela saiu do bar.

— E então, quer falar do Rupe? — perguntou Sacha.

— Isso mesmo — confirmou Strike, pegando o bloco.

— Tudo bem, eu deveria ter te falado logo de cara, não serei de muita ajuda.

Eu estava filmando no México quando aconteceu toda aquela história entre ele e Dessie… Na verdade, eu mal a conheço… Assim, sinceramente, você deve saber mais do que eu a respeito de tudo. Mas é claro que quero ajudar — disse Sacha com seriedade. — No que puder.

— Você mal conhece Decima?

— Infelizmente, sim. Só a encontrei algumas vezes… por intermédio de Valentine. Quer dizer, eu já comi no Happy Carrot. Ela é de fato uma chef talentosa. Uma pena o que está acontecendo com o restaurante; soube que enfrenta problemas. Ela saiu de licença ou coisa assim, não foi?

Strike desconfiou de que estivesse sendo convidado a reconhecer que sua cliente estava enfrentando alguma crise emocional. Como ele não disse nada, Sacha continuou:

— É, então, infelizmente estou por fora da história toda, porque fui direto das filmagens de *Conquest* para os ensaios desta peça.

Strike não tinha ideia do que era *Conquest* — filme, série de TV, comercial de loção pós-barba — e se importava ainda menos, então apenas perguntou:

— Rupert era seu primo em primeiro grau, certo?

— Sim, isso mesmo, o filho da irmã do meu pai. Coitado. Sabe o que aconteceu? A avalanche e tal?

— Sim, Decima me contou.

— Uma coisa horrenda. Eu só tinha doze anos quando aconteceu. Ainda me lembro de chorar baldes. Minha primeira experiência do verdadeiro luto.

Como Strike declinou, pelo silêncio, o convite tácito de se solidarizar com o ator, Sacha prosseguiu:

— Sim, então Rupe foi criado na Suíça pela tia paterna. Ela o manteve em rédea curta enquanto ele crescia lá. Papai só conseguia trazê-lo a Heberley de poucos em poucos anos, e Rupe era bem mais novo do que eu, então nunca passamos muito tempo juntos quando éramos crianças. Mas era um menino adorável.

— Ele parece ter se metido em muitos problemas, de um jeito ou de outro — comentou Strike.

— Bom, como eu disse, você deve saber mais a respeito disso do que eu — respondeu Sacha, com uma expressão tristonha.

— Sabia da dívida com drogas?

— A… o que, desculpe? — disse Sacha, e Strike reconheceu sua reação como uma tentativa de ofuscar os fatos, e não de confusão verdadeira.

— Rupert estava sendo ameaçado. O colega de quarto enganou um traficante de drogas que depois voltou sua atenção para Rupert.

— Ah — disse Sacha.

— E Rupert acabou pagando dois mil ao cara para se livrar dele.

— Ah — repetiu Sacha. — Entendo

— Você não sabia que tinha um traficante de coca vingativo atrás dele?

— Eu… Não, não fazia ideia.

— Ele pediu dinheiro emprestado a você?

Um leve rubor tingiu o rosto bonito de Sacha.

— Não sei se isso é da sua conta.

— Meu trabalho é fazer perguntas que em geral não seriam da minha conta.

— "É um trabalho sujo, mas alguém precisa fazê-lo"?

— Não diria que preciso fazê-lo — falou Strike. — É só a linha de atuação que mais se adapta às minhas habilidades.

— Olha, a pessoa com quem você realmente precisa falar é a tia de Rupe, Anjelica. Ela vai saber da história toda.

— Já falei com ela. Não foi muito elogiosa sobre Rupert nem muito solidária com os problemas dele.

— Ah — murmurou Sacha, com outro sorriso tristonho. — Bom, acho que ela tem medo de que Rupe seja geneticamente predisposto a ser um esbanjador.

— Os pais de Rupert eram esbanjadores?

— Não a minha tia, mas Peter Fleetwood não era o que você chamaria de o cara mais trabalhador do mundo. Um sujeito encantador, mas principalmente jogava e bebia.

— Você sabia que Rupert afanou o navio de prata do Dino's?

Um entrevistador menos experiente poderia ter deixado passar o tique mínimo no canto da boca de Sacha Legard.

— Não. Mais uma vez, como vê, eu estava…

— No México, sim. Mas descobriu depois?

— Sim — confirmou Sacha, e Strike percebeu uma leve relutância em ter de admitir este conhecimento concreto, por menor que fosse.

— Quando foi que você descobriu?

— Hmm… foi no meu aniversário, na verdade.

— E isso foi quando? — Strike quis saber.

— No dia 21 de maio.

— Rupert contou a você o que ele tinha feito?

— Não, eu… Bom, para falar a verdade, vi Rupe e Valentine numa espécie de confronto em um canto na minha festa. Estávamos no Claridge's e, sim, teve uma leve cena. Eu não tinha convidado Rupe… não era uma festa grande, ele não conhecia muitas pessoas ali… de todo modo, olhei em volta e lá estava ele. Foi loucura entrar de penetra, considerando as circunstâncias; é de se pensar que ele teria evitado qualquer lugar onde os Longcaster estivessem.

— Sim — concordou Strike, que fazia anotações rapidamente —, é verdade. Dino estava em sua festa?

— Meu Deus, não — respondeu Sacha, com uma risadinha. — Dino nunca comparecia a festas, a não ser aquelas dadas em seu clube. Você o conhece?

— Não — disse Strike.

— Uma figura e tanto — comentou Sacha.

— Tara não se importa que você ande com o ex-marido dela?

— Ah, tudo isso são águas passadas — falou Sacha tranquilamente. — Mamãe não dita com quem eu me encontro. Não, para minha festa… eu só convidei Val e Cosima. Ela estava aos prantos, na verdade.

— Quem é Cosima? — perguntou Strike, embora já soubesse.

— Meia-irmã de Decima e Valentine. Uma garota adorável.

Strike parecia se lembrar de que, nas anotações de Robin de sua entrevista com Albie Simpson-White, Cosima Longcaster foi descrita como "uma pirralha mimada".

— Por que ela chorava?

— Suponho que porque Rupe estava sendo agressivo, ou ofensivo. Eu… para falar a verdade — disse Sacha pela segunda vez, baixando a voz —, tive de pedir à segurança para convidar Rupe a se retirar. Ele parecia estar procurando briga. Depois que ele saiu, perguntei a Val do que se tratava tudo aquilo, e ele me contou sobre esse navio de prata que tinha desaparecido.

— Ele disse por que Rupert foi lá?

— Suponho que ele estivesse tentando convencer Val a retirar a queixa na polícia, ou coisa assim. Val ficou muito irritado com tudo isso, como pode

imaginar.

— Como Valentine iria retirar a queixa? A propriedade roubada era do pai dele, não era?

— Sinceramente não sei dos detalhes — disse Sacha, com um gesto de impotência. — Era tudo novidade para mim, não sabia o que estava acontecendo… e, como pode imaginar, naquela noite tive de falar com muita gente e tal, então deixei de lado.

— Você falou com Rupert depois da festa?

— Não, o que eu soube depois foi que ele tinha ido para Nova York.

— Como descobriu isso?

— Anjelica mandou e-mails a todos os curadores, disse que ele tinha conseguido um emprego lá.

— Teve notícias de Rupert desde que ele foi para Nova York?

— Acho que não — disse Sacha, com a testa meio franzida de novo. Ele se inclinou para a frente, baixou a voz ainda mais e disse: — Olha… posso falar com franqueza? Eu acho… olha, eu não gosto de dizer isso, mas sinceramente, acho que Dessie está… sabe como é… meio iludida. Val acha que seria melhor para ela… *mais gentil*, a essa altura… ela ser ajudada a encarar a realidade.

— Que é?

— Corta essa, Corm — disse Sacha, sorrindo, e Strike se ressentiu de ouvir a abreviação de seu nome usada por seus amigos e por Charlotte, quando ela não o chamava de "Bluey" —, Dessie é bem mais velha do que Rupe. Odeio dizer isso, mas acho que Rupe só caiu na real e deu no pé. Dessie é um amor, ela é ótima, mas acho que Rupe deve ter se envolvido com ela enquanto trabalhava no Dino's, e ela criou algum *grand amour* na cabeça. Ele tem vinte e seis anos. Não quer ficar amarrado nessa idade.

Convenientemente esquecendo-se de que dissera a Robin que Decima não era o tipo de mulher de trinta e oito anos que ele podia ver como "do interesse de um cara de vinte e seis" e que ele afirmou que o que Rupert achava mais atraente em Decima era o dinheiro dela, Strike disse:

— Eles ficaram juntos por um ano, certo? Não foi um caso de uma noite.

— Não sei, porque…

— Você estava no México, sei. Tem o número de Rupert em Nova York?

— Não — respondeu Sacha.

— Sabe onde ele está trabalhando?

— Terá de perguntar a Anjelica.

— Eu perguntei, ela se recusou a me dar as informações de contato.

— Bom… com todo respeito — disse Sacha —, ela não é obrigada a isso, é?

— Então você nunca verificou se ele realmente foi para Nova York?

— Ele é adulto, não vai querer que eu fique perseguindo ele.

— Então sua posição é: ele foi para Nova York, ele sem dúvida está vivo…

— Como assim, "vivo"? — perguntou Sacha, agora sem sorrir.

Talvez o ator, como o próprio detetive, agora sentisse como se uma Charlotte espectral tivesse puxado uma cadeira para a mesa, sorrindo. Ela sempre ficava estimulada pela tensão e pela possibilidade de brigas, e adorava ver familiares que alegava odiar, mas dos quais nunca conseguia se libertar, em um embate com o namorado que não se deixava impressionar nem pela riqueza deles, nem por sua origem aristocrática. Rupert Fleetwood, por quem Strike nutria bem pouca simpatia até esse momento, de súbito parecia ter se tornado o substituto dela: um jovem por quem seus parentes de sangue aparentavam ser, na melhor das hipóteses, indiferentes, e cujo desaparecimento ocasionara exasperação e não preocupação. Sentindo como se a noite em que Charlotte quase foi morta por um ônibus em Londres tivesse ocorrido apenas dias antes, Strike disse:

— Sinceramente não sei como colocar isso de forma mais simples. "Não morto", se preferir.

— Mas por que ele estaria morto?

— Ele perdeu o emprego, estava falido, tinha um traficante de drogas o ameaçando, a polícia estava atrás dele, ele tinha acabado de romper um caso amoroso, nenhum familiar com quem falar…

— Ele tem família — retrucou Sacha.

— Eu não pretendia fazer nenhuma crítica — disse Strike —, mas minha informação é de que ele não se dá com os tios na Suíça, o que deixa você, e como você mesmo admitiu…

— Não acha que eu teria feito alguma coisa, se pensasse que Rupe tinha verdadeiramente desaparecido?

Não, seu escroto, não acho.

Strike quase podia ver o sorriso largo de Charlotte. Começando a ter um prazer vingativo nesta entrevista, ele disse:

— De onde exatamente veio aquele tal de *nef*?

— Do clube Dino's.

— Quero dizer: de onde originalmente. Propriedade dos Fleetwood ou dos Legard?

— Como isso pode ser relevante?

— Bom, onde Rupert achava que ia desovar aquilo?

Houve uma pausa. Strike viu o rubor na pele clara de Sacha.

— Não está sugerindo *seriamente*…

— Não estou sugerindo nada — disse Strike sem honestidade nenhuma. Ele não acreditava nem por um segundo que Rupert tivesse roubado o *nef* por ordem de Sacha, para que adornasse o aparador na Heberley House, mas ele gostou de sugerir que Sacha, tão escorregadio em sua capacidade de se livrar de responsabilidades e culpas, ainda poderia ser atraído para a história do *nef* roubado e do traficante de drogas pela polícia ou pela imprensa. — Era uma relíquia dos Fleetwood, então?

— Não — respondeu Sacha, depois de outra pequena pausa —, era nossa. Quer dizer, da irmã do meu pai.

— Ah — murmurou Strike, fazendo mais uma anotação. — Bom, duvido que Rupert o tenha levado para o exterior. Ele precisava de dinheiro. Teria desejado vendê-lo. Você foi alvo de alguma pergunta da imprensa? — indagou Strike, a ideia sugerida pelos próprios problemas recentes.

— Sobre o quê?

— Tem muito aí para deixar os tabloides animados, "primo de ator famoso perseguido por traficante de coca foge com tesouro ancestral"…

— Não — negou Sacha —, ninguém. Não, não houve interesse.

Strike ergueu as sobrancelhas para indicar surpresa, divertindo-se com o desconforto agora evidente na expressão de Sacha.

— Você é sócio do Dino's, não é? — questionou Strike. — Foi você que sugeriu a Rupert ir trabalhar lá?

— Sim — confirmou Sacha.

— Alguma ideia de por que a tia de Rupert acha que Dino Longcaster é um "homem medonho"?

— Muita gente acha Dino um homem medonho — comentou Sacha, com um sorriso forçado. — Nunca ouviu minha mãe falar isso?

— Ouvi, sim. Tara tem contato com Rupert? — quis saber Strike, que não duvidava de que a resposta fosse "não", porque podia imaginar o quão pouco Tara se interessaria por um sobrinho pobre de um casamento anterior.

— Não — disse Sacha, instigado enfim a demonstrar pouca paciência —, e vou te aconselhar…

Ele parou de repente, mas Strike, cujo único objetivo agora era espicaçar o ator ao máximo antes de Sacha encerrar a entrevista, disse:

— Você me aconselharia a não entrar em contato com sua mãe?

— Sim, aconselharia.

— Ela está se desintoxicando em algum lugar de novo? — perguntou Strike, com tanta educação que Sacha levou alguns segundos para registrar o sentido das palavras, e ao fazer isso seu rubor aumentou.

— Eu aconselharia você a não entrar em contato com ela — disse ele, agora parecendo tenso — por motivos que achei que seriam óbvios.

— Charlotte, quer dizer — falou Strike.

O nome enfim foi pronunciado e, dos dois homens que se encaravam pela mesa de madeira, Strike era de longe o mais tranquilo, e não só porque foi ele que quebrou o tabu. O detetive era consideravelmente maior do que o ator, sem medo de acrescentar outra fratura ao nariz já torto, e na verdade animado com a perspectiva de bater em alguém, enquanto ele tinha certeza de que Sacha, apesar da raiva, agora desejava ter um botão de pânico instalado em algum lugar no bar do elenco.

— Você acha que me ver traria à tona lembranças insuportáveis de sua amada filha morta? — perguntou Strike. — Não foi essa a declaração dela à imprensa: "Nossa amada Charlotte"?

— Infelizmente preciso ir — disse Sacha, que parecia mais pálido do que quando Strike entrou no bar.

Strike sabia que o ator tinha esperança de que ele se levantasse para sair ao ouvir isso, portanto teve um grande prazer em continuar exatamente onde estava.

É o grande infortúnio do covarde ver perigo em todo canto, e do esnobe que ele perpetuamente subestime aqueles que considera inferiores. Assim, Cormoran Strike sabia que Sacha Legard, que era esnobe e covarde, não confiava racionalmente no autocontrole do ex-soldado comum sentado na frente dele.

— Corm, eu não quero uma briga.

Mas está se metendo em uma, seu cagão de merda.

— Seria um estardalhaço nos jornais, dois de seus parentes se suicidando com meses de diferença. Para onde devo mandar as fotos do corpo de Rupert, quando o encontrar? Por intermédio de seu agente?

— Está me ameaçando? — perguntou Sacha, em um meio sussurro.

— Fazendo uma simples pergunta.

— Não tenho motivos para supor que Rupert… que ele tenha se ferido.

— Ninguém o vê há seis meses. Redes sociais inativas. Nenhum telefonema. O traficante de drogas atrás dele. A família insistindo que ele está nos Estados Unidos, mas obstruindo qualquer um que queira entrar em contato com ele.

— Por que não sugere de uma vez que um de nós o matou? — rebateu Sacha, com uma tentativa fraca de um riso desdenhoso.

— Não consigo ver um motivo, a não ser que você realmente quisesse aquele *nef* de volta à Heberley House e não quisesse pagar por ele — comentou Strike.

— Eu soube que Rupert está em Nova York — insistiu Sacha. — Só posso lhe dizer o que me contaram.

— Eu consultaria seu pessoal de relações públicas antes de usar essa frase no inquérito — sugeriu Strike.

— Você está… Isso é o que eu estou pensando? — disse Sacha, que parecia ter raspado um resquício de coragem fraca de algum lugar. Talvez contasse que o barman viesse em seu auxílio, se Strike avançasse sobre a mesa e o pegasse pelo pescoço. — Você quer vingança ou algo assim? Charlotte estava doente havia anos…

— Ah, você notou, foi?

— Então *é mesmo* vingança? — perguntou Sacha, agora branco em volta da boca e dos olhos. — Charlotte tinha os melhores psiquiatras, o melhor cuidado que a família poderia dar. Você não sabe…

— *Eu* não sei? *Eu?*

— Você nem sequer foi ao funeral dela!

— Eu tinha um desfile de moda diferente para ir naquele dia.

Strike se levantou e viu, com prazer, Sacha se encolher ligeiramente na cadeira.

— Fui contratado para fazer um trabalho — disse Strike. — Se por acaso eu tiver que testemunhar no tribunal que você é um babaca autocentrado que não se

incomoda quando parentes desesperados desaparecem, acredite em mim, serei eu mesmo o dono do maldito palco. Tenha um ótimo Natal.

37

Mas por que ser severo com um único caso?
De quantas maneiras, nesta véspera de Natal,
O mesmo cansativo acontecimento se repete?
A mesma tentativa de fazer você acreditar,
E com praticamente o mesmo efeito, nem mais nem menos:
Cada método abundantemente convincente,
Como eu digo, para aqueles já previamente convencidos (…).

Robert Browning
Christmas-Eve

— … bom, se ele fez isso, é criminoso — dizia Murphy.

Robin parou na escada. Tinha dormido até as nove e meia, o que não fazia havia meses, e tinha acordado e descoberto que o namorado não estava mais na cama. A julgar pela quietude na casa, Robin presumiu que um ou ambos os pais de Annabel a levaram para fazer compras ou ao parque. Robin estava no meio da escada para a cozinha quando ouviu Murphy falando, e algo em seu tom a fez parar entre as paredes em que fotos de família eram exibidas, ouvindo.

— Ela falou com você sobre isso? — perguntou Linda.

— Não — disse Murphy —, e eu não toquei no assunto. Ela fica irritada.

— Acho que ela não suportaria admitir que ele não é perfeito, mesmo se todos disséssemos a ela que deveria encontrar um trabalho diferente, e até parece que não existem outros lugares em que ela poderia trabalhar. Mas isso é totalmente diferente, é realmente… realmente *sujo*. Ele tem uma namorada, você sabe?

— Tem, uma advogada, ao que parece — respondeu Murphy.

— O que será que *ela* disse quando viu isso?

— Só Deus sabe — falou Murphy. — Ele deve ter dito a ela que era besteira.

O que mais pode dizer?

— O *Telegraph* disse que ele vai processar.

O coração de Robin batia desconfortavelmente acelerado, mas ela disse a si mesma para permanecer calma. Se deixar levar pela emoção seria fazer exatamente o que sua mãe e Murphy queriam. Ela desceu os últimos degraus da escada na ponta dos pés.

— Ela não mencionou nenhum processo para mim.

— Bom, se ele não vai processar…

— Falando de Strike e Candy? — perguntou Robin, entrando na cozinha, obrigando-se a parecer animada e não furiosa.

Murphy pareceu assustado e culpado. Linda ficou paralisada no ato de enxugar um prato do jantar. A filhote, Betty, saltitou para Robin, latindo suas boas-vindas. Robin se abaixou automaticamente para lhe fazer carinho, enquanto olhava para o namorado.

— Deixei você dormir porque achei que precisava — explicou Murphy, que vestia moletom e uma camiseta, e segurava sua garrafa de água. — Eu ia sair para correr.

— Bom, não quero atrapalhar — disse Robin, em um tom que dizia *Vou cuidar de você depois*.

Não inteiramente para surpresa dela, Murphy foi até a porta dos fundos, parecendo envergonhado. Quando a porta se fechou, Robin disse à mãe:

— Se está interessada em Strike, provavelmente é melhor pedir informações a mim, e não a Ryan. Sou eu que trabalho com ele.

O *Telegraph* estava aberto na mesa da cozinha, o que intensificou o mau humor de Robin. Possivelmente a mãe estivera folheando o jornal para verificar se havia mais alguma história desagradável sobre Strike que pudesse discutir com Murphy enquanto Robin não podia ouvir.

— Eu só estava… — começou Linda.

— Sei o que você "só" estava fazendo — interrompeu Robin, indo para o bule de café enquanto Betty pulava em volta de seus pés calçados com chinelos. — Então pergunte.

— Eu só vi o artigo a respeito daquela… daquela mulher, e… bom, as pessoas por aqui sabem que você trabalha com ele, então elas me perguntaram sobre o assunto.

— Ah, então, esta é sua chance de ter um boletim completo para os vizinhos — ironizou Robin.

— Robin, não seja…

— Se quer falar pelas minhas costas…

— Não estávamos falando de *você*…

— "Ela fica irritada." "Ela não suportaria admitir que ele não é perfeito."

— Estávamos…

— Nossa agência descobriu que a esposa daquele jornalista tem um caso — disse Robin. — Foi vingança do jornalista alegar que contratamos uma profissional do sexo para ludibriar um homem.

— Ele não disse que vocês *todos* contrataram — comentou Linda.

— Nenhum de nós contratou — falou Robin com veemência, agora se virando para olhar feio a mãe. — *Nenhum* de nós.

— Tá, tudo bem, se você diz que não é verdade, não é verdade — cedeu Linda. Ela ainda tinha o prato de jantar e o pano de prato nas mãos, mas não fazia nada com eles.

— E Strike *vai* processar — disse Robin, por mera raiva. — Então trate de ficar de olho na retratação, assim pode alertar os vizinhos quando sair.

— Robin…

— Se quer falar mal do meu sócio, fale na minha cara, e não com meu namorado — disse Robin, cuja raiva aumentava em vez de diminuir à medida que ela lhe dava vazão; não havia percebido quanta raiva tinha guardada (porque ela era a criança tranquila, a conciliadora, aquela preparada para não criar estardalhaço em meio a três irmãos turbulentos). — Estou enjoada e cansada desse constante desgaste sobre o Strike e a agência. Talvez, se isso não acontecesse sempre que vejo vocês, eu quisesse vir aqui com mais frequência!

Ela sabia o quanto tinha magoado a mãe pelo arquejar involuntário de Linda, mas não se importava. Robin pensava no pós-operatório que atravessara sozinha, em vez de suportar a insistência de Linda em afirmar que seu horário de trabalho pesado levara ao erro; na semana que passou com os pais depois de seu longo trabalho disfarçada, durante a qual Linda aumentou sua ansiedade, em vez de atenuá-la; nas incontáveis provocações sobre os perigos que corria, enquanto Jenny, a veterinária grávida, safou-se com um "ficamos preocupados", ao invés de uma forte insistência de que ela desistisse da carreira que amava e pela qual se

esforçara tanto.

— Strike não precisa tentar intimidar profissionais do sexo para trepar com ele — disse Robin, agora com a corda toda. — Vendo como está tão interessada, você deveria saber que ele se sai muito bem com as mulheres, não precisa contratá-las. Parece que me lembro de você gostando dele e me dizendo que ele "tinha alguma coisa", antes de decidir que ele é o diabo encarnado… E, em vista da formação dele, ele não precisa que *Ryan* diga que é criminoso tentar coagir mulheres a fazer sexo retendo seu pagamento.

— Robin…

— Só diga na minha cara! *Diga* que você não gosta dele, *diga* que preferia que eu continuasse sendo a garota que eu era depois que fui estuprada!

— Você não pode… Como pode me dizer isso? — sussurrou Linda.

— Fácil. Estou no lugar que me cabe, onde eu sempre quis estar. Levei muito tempo para chegar lá por causa do que aconteceu, mas você preferia que eu tivesse uma espécie de vida pela metade, você preferia…

— Eu não preferia que você ainda estivesse com Matthew — interrompeu Linda. — Nós jamais gostamos dele. Fiquei feliz quando você terminou o casamento. Eu nunca quis dizer isso, mas eu, *nós* sempre achamos que ele era errado para você…

— Que pena que você não é tão inteligente quando se trata do que é o certo para mim — disse Robin.

— Robin…

— *Eu não estou mais naquela maldita escadaria* — disse Robin, elevando a voz —, mas você me faz sentir que nunca saí de lá, pelo modo como me trata!

Ela colocou café de mais na xícara, que transbordou. Betty, que não gostava de vozes altas, tinha escapulido e agora brincava com um osso de borracha no canto. Robin sabia que nunca havia magoado Linda assim, nem na adolescência, quando naturalmente ocorrera certa quantidade de portas batendo e recriminações mútuas. Ela e a mãe foram próximas no passado; mas nos últimos quatro anos, desde que Robin sofrera o ferimento que deixara uma cicatriz de vinte centímetros no braço, um abismo se alargava firmemente entre mãe e filha. Robin ficava enfurecida e ofendida com a sugestão constante e implícita de Linda de que a filha era uma tola maleável que fazia o que o sócio queria, sem autonomia nem senso; a mãe não sabia com que frequência Strike incentivava sua

melhor agente à cautela, o quão pouco ele queria que ela se ferisse.

— Você não tem filhos — falou Linda em voz baixa.

— Obrigada por apontar isso — disse Robin. — Tive medo de tê-los deixado em algum lugar.

— Você não sabe como é morrer de preocupação com uma filha…

— *Você* não sabe como é ter as *minhas* preocupações — retrucou Robin, pensando no bastão de ultrassom gelado na barriga, no gorila de borracha escondido na gaveta de meias em Londres, no MI5 se zangando com a agência por investigar, e no inspetor-chefe Malcolm Truman e sua loja maçônica. — Então estamos quites.

Ela havia acabado de virar um pouco do café na pia quando ouviu a porta da frente se abrir e seu pai, Stephen e Annabel entrarem na cozinha, todos corados, alegres e falantes. Linda enxugou os olhos apressadamente no pano de prato enquanto Michael Ellacott colocava uma sacola volumosa de compras na mesa.

— Tia Bobbin — disse Annabel, trotando para Robin para mostrar um graveto. — Esse é meu Homem de Palito.

— Estamos em uma grande fase do Homem de Palito — Stephen informou à irmã.

— Que lindo — disse Robin à sobrinha, que era alta para sua idade, de cabelos escuros como a mãe, mas com as covinhas do pai. — Você precisa cuidar dele.

— Ou um cachorro vai pegar — disse Annabel, assentindo seriamente.

— Jenny ainda está dormindo? — perguntou Stephen à mãe.

— Sim, e Jonathan também — disse Linda, a voz artificialmente animada enquanto voltava a enxugar e guardar a louça. — Não sei qual é a desculpa *dele*.

Robin sentou-se à mesa da cozinha e puxou para si o *Telegraph* abandonado enquanto os outros faziam barulho ao redor — Linda abrindo e fechando armários, Michael guardando mantimentos, Stephen desabotoando o casaco de Annabel e pegando alguma coisa para ela beber. Depois de olhar distraidamente um artigo sobre o Conselho de Segurança das Nações Unidas sem dizer uma palavra, Robin virou a página.

Lorde Oliver Branfoot, desgrenhado e parecendo um touro, foi flagrado sorrindo radiante, de smoking ao lado de um homem muito alto e de uma loura corpulenta de vestido de noite. A legenda dizia: "Branfoot Trust recomenda a reintrodução de centros de detenção juvenil."

— Já ouviu a saga de Martin? — disse uma voz perto de Robin, e ela se assustou.

— Quê?

— A mamãe te contou do Martin? — perguntou Stephen.

— Não — disse Robin, levantando-se, café em uma das mãos e o jornal na outra. — Desculpe, isso pode esperar. Preciso ligar para Strike.

38

Qual era o plano do homem sábio?…
Por esta vida aguçada pelo árduo trabalho,
Trabalhar da melhor forma que puder,
E conquistar o que é conquistado pela luta.

Matthew Arnold
Empédocles no Etna

Embora tecnicamente estivesse de folga para o Natal, Strike estava sentado à mesa dos sócios. Para se poupar de outra ida ao apartamento de cima, ele desceu a mochila que preparara para a breve estada na casa de Lucy, mais duas bolsas de viagem cheias de presentes de Natal para a família, incluindo um cachecol em tom pastel que escolhera para Lucy na Liberty's, uma garrafa de gim para Greg, vales-presentes para os sobrinhos mais velho e mais novo e, para Jack, seu preferido, um kit de sobrevivência que ele mesmo teria adorado quando jovem. Entre outras coisas, a mochila cáqui continha tabletes de purificação de água, uma bússola, rações de emergência, maquiagem de camuflagem, um canivete sofisticado e dois bastões luminosos de segurança. Estes últimos lembraram Strike do objeto tubular que tinha caído do bolso de William Wright na noite em que ele compartilhou a comida delivery e a maconha com Mandy e Daz, e que Wright alegara ser uma amostra de sangue. O que realmente era, Strike ainda não sabia.

Pat agora estava de folga para o Natal, mas tinha encostado outro cartão manuscrito no aquário.

NÃO ALIMENTE, TEM UM BLOCO DE COMIDA COM TEMPORIZADOR AÍ DENTRO, VAI DURAR UMA SEMANA.

Os terceirizados estavam em trabalhos variados, o que deixava Strike sozinho e livre para uma pesquisa que preferia fazer de maneira privada: tentar identificar a mulher que tinha colocado o bilhete cifrado pela porta de seu escritório. Isso significava vasculhar fotos publicitárias de filmes pornôs, e ele não queria ser flagrado com uma ereção nem ter que explicar ao contador por que estava lançando custos com pornografia na conta da empresa, e era por isso que tentava não pagar por nada.

Partindo da premissa de que a loura pudesse ter trabalhado com Dangerous Dick de Lion e se soubesse ou temesse que ele tivesse sido assassinado, Strike seguia firmemente pela obra de De Lion, que incluía títulos como *Doze homens com tesão* e *A casa das bundas*. O homem fazia "crossover", o que significava que trabalhava em pornografia hétero e gay, então Strike agora estreitava os olhos para várias atrizes nuas ou pouco vestidas numa tentativa de identificar a mulher que só vira uma vez. Estava olhando fixamente uma mulher de cabelos escuros sendo penetrada anal e oralmente quando seu celular tocou.

— Oi — disse Robin. — Desculpe por ligar na véspera de Natal.

— Está tudo bem — falou Strike, fechando a janela do computador como se ela pudesse ver o que ele fazia e torcendo para que sua ereção cedesse o suficiente para se concentrar. — O que foi?

— Imagino que você não tenha visto o *Telegraph* de hoje.

— Não — respondeu Strike, com uma sensação sinistra que, no mínimo, ajudava a debelar a ereção. — Não tem outro…?

— Não — interrompeu Robin —, nada sobre você, mas tem uma foto de lorde Oliver Branfoot e, Strike, ele está ao lado do cliente que vimos na Ramsay Silver. Aquele homem alto que tinha um olho virado para o teto.

Sentada na cama, ainda de pijama, Robin esperou pela resposta de Strike. Depois de alguns segundos, ele disse:

— Merda.

— Kenneth Ramsay disse seu nome na frente dele, lembra? Mas não o meu.

— Quem é o cliente? — Strike quis saber.

— Sir Victor Lambert — disse Robin, lendo o jornal. — Ele é membro do Branfoot Trust, e estive pesquisando: ele é banqueiro. Mas *ele* não pode ter ordenado o assassinato de Wright, pode? Ele não faria compras na Ramsay Silver depois.

— Isso não seria sensato — concordou Strike.

— Então… — disse Robin, sem querer colocar em palavras o que pensava: se antes tivera receio de que ligar Sofia Medina ao assassinato de Wright era meio absurdo, isso certamente era cem vezes mais.

— Você acha que Lambert falou com seu amigo Branfoot que eu estive xeretando a Ramsay Silver — começou Strike —, e Branfoot, que ordenou o assassinato de Wright, entrou em pânico e começou a nos perseguir?

— Bom… sei que é um exagero — respondeu Robin —, mas você não pode dizer que não bate. Shanker disse "você foi visto", e sabíamos o tempo todo que só podia ser na Ramsay Silver ou na St. George's Avenue. Sei que Branfoot é um rematado opinador de plantão, mas por que de repente ele ficou tão interessado no negócio de detetives particulares? Por que quer nos pegar? E ele está na TV, o que também combina com o bilhete cifrado.

Robin ouviu alguém subir. Neste momento ela ficaria muito satisfeita se Murphy a encontrasse ao telefone com Strike; na verdade, poderia até pedir a ele para sair do quarto até terminar a ligação. Porém, os passos passaram pela porta de seu quarto, e ela considerou que Murphy provavelmente garantiria que a corrida fosse longa, depois da cena na cozinha.

— Bom — disse Strike por fim —, só porque um homem adora publicidade pessoal, não significa que não possa ser também um vigarista. Veja Jeffrey Archer. Veja Savile.

Ele se levantou e, mais uma vez, ficou contemplando o quadro de cortiça na parede do escritório, no qual os quatro candidatos atuais a William Wright estavam alfinetados, os olhos em Dick de Lion, com seu bronzeamento artificial, o cabelo oxigenado e os dentes muito brancos.

— Talvez valha a pena descobrir para que lado Branfoot balança, sexualmente falando.

— Ele é casado — disse Robin, que fez uma busca rápida no Google antes de ligar para Strike. — Com uma mulher. Ela está aqui nesta foto do *Telegraph*, com Branfoot e Lambert. Eles têm dois filhos homens.

— Forte motivo, se ele esteve fazendo indecências com De Lion e não quer que a família e os jornais saibam. Ainda não explica por que De Lion teria ido trabalhar na Ramsay Silver, mas… É, acho que teremos que ficar de olho em Branfoot. Posso ligar para Fergus Robertson de novo, ver o que ele pode me

contar — disse Strike, virando-se de costas para o quadro para escrever um lembrete a si mesmo no bloco aberto na mesa. — Aliás, recebemos outro telefonema ameaçador.

— Sério?

— Foi. "Deixe isso de lado ou gow-too vai te pegar."

— O que é "gow-too"?

— Foi exatamente o que perguntei. Ele desligou.

— É um nome?

— Ninguém de quem eu tenha ouvido falar. Enfim, fique atenta nele, ou nisso, ou neles. Também falei com Sacha Legard.

— Falou? — perguntou Robin, tremendo levemente por dentro. — E como foi?

— Muito informativo — respondeu Strike, e descreveu a entrevista, deixando de fora parte das coisas mais agressivas que disse a Legard e concluindo: — Então um de nós precisa falar com Valentine Longcaster, e, se ele não estiver disposto, veremos se a irmã dele, Cosima, pode explicar o que Fleetwood estava fazendo ao entrar de penetra em uma festa de elite na qual não era bem-vindo, para falar com um familiar de quem ele roubou uma grande peça de prata. Dei uma pesquisada em Cosima. Lembra de Pernas? — disse ele, em referência à adolescente que a agência vigiara por um tempo, porque a mãe acreditava que ela estava tendo um caso com o próprio ex-namorado.

— Sim — confirmou Robin, que seguiu a adolescente loura e pernuda em algumas ocasiões.

— Bom, Cosima é parecida com ela. Talvez você precise entrevistá-la, se for o caso. Ela só tem dezoito anos; provavelmente eu serei acusado novamente de assédio sexual se chegar perto dela.

— Tá certo — concordou Robin.

— E tem outra coisa — continuou Strike. — Ontem à noite, enviei Shah para vigiar a entrada do Freemasons' Hall. Adivinha quem apareceu para a reunião das seis e meia da loja?

— O inspetor-chefe Malcolm Truman? — arriscou Robin, com desânimo.

— Na mosca — disse Strike. — Shah conseguiu algumas fotos.

— Interessante. — Robin se obrigou a dizer.

— Como estão as coisas em Masham? — perguntou Strike, indo à janela e

olhando a Denmark Street, onde os compradores de última hora, em pânico, entravam e saíam das lojas de música.

— Péssimas. Acabo de ter uma briga feia com a minha mãe.

— Ah — murmurou Strike, lamentando não ter sido com Murphy, enquanto observava um senhor hippie na rua, apressado, com um ukulele debaixo de um braço e discos de vinil debaixo do outro. — Bom, é a temporada ideal para isso.

— Quando vai para a casa da Lucy?

— Tentando partir o mais tarde possível — revelou Strike. — Pretendo chegar na metade da festa, alegando pressões do trabalho.

— Se eu tenho de sofrer, você também tem — disse Robin. — Chegue cedo e ajude a preparar a comida ou algo assim. Ganhe alguns pontinhos.

— O que me lembra: obrigado pelo meu presente.

— Já abriu?

— Já — disse Strike. — Não ia fazer isso na frente de Greg.

— E por que não?

— Porque ele é um babaca — respondeu Strike, que achava isso motivo o suficiente. Robin o presenteou com a entrega mensal de comida e cerveja da Cornualha; ele ficou comovido com isso e feliz por ter aberto sem necessidade de explicações, ou ouvir comentários sobre sua cintura, ou sobre a mulher que parecia conhecê-lo tão bem.

Ele não queria que o telefonema terminasse, mas não conseguiu pensar em nenhum motivo para prolongá-lo, então quando Robin disse "Acho melhor eu ir", ele concordou que deveria ir também, desejou a ela um bom Natal e desligou.

Strike tinha acabado de voltar a sua mesa, sentindo-se um pouco melhor depois da conversa com Robin, quando o telefone fixo tocou na antessala. Não havia mais nenhum perigo de que fosse Charlotte, que costumava telefonar em ocasiões especiais, particularmente quando estava bêbada, mas ele estava em estado de alerta máximo para jornalistas, que poderiam querer transformar a história de Candy em um espetáculo natalino, então se levantou e foi à mesa de Pat, ligou o viva-voz e deixou a secretária eletrônica tocar. Depois de a voz rouca de Pat terminar de dizer que o escritório estava fechado para o Natal, ouviu-se um clique e a voz de uma mulher que parecia frenética, com um forte sotaque escocês, falou apressada:

"Oi, eu preciso de ajuda, ele me deu uma parte, mas tem mais, ele me disse, está tudo escondido embaixo da ponte, mas eu preciso de ajuda pra chegar lá, então venha ao Golden Fleece, pergunte por mim lá, eu preciso continuar em movimento, tem gente atrás de mim, não estou brincando, venha ao Golden Fleece."

O recado terminou, e Strike ficou olhando o telefone em completa perplexidade.

39

E, à medida que suas velas se consomem, e pensamentos estranhos
Crescem, com certo zumbido em meus ouvidos,
Sobre a vida que vivi antes desta vida (…).

Robert Browning
The Bishop Orders His Tomb at
Saint Praxed's Church

Robin teve a inevitável briga com Murphy em voz baixa, no quarto, depois de ele ter voltado da corrida. Agora de banho tomado e vestindo o suéter que Jenny lhe dera, e que Robin achou educado trazer para o Natal, ela disse ao namorado exatamente o que pensava da conversa entre ele e Linda pelas suas costas, e exigiu saber por que, se ele tinha dúvidas sobre a história de Candy, não poderia ter perguntado a ela.

— Você sabe por quê — disse Murphy, também em voz baixa. Ele no início pediu desculpas, afogueado e suado depois de correr, mas, diante da raiva de Robin, foi ficando irritado também. — Porque você não ouve uma maldita palavra contra Strike, e, da última vez que mencionei tê-lo visto no jornal, você me deu um gelo.

— Eu já te disse *várias vezes* que Strike pode ser um cara muito irritante — falou Robin, que tinha certeza de ter dito isso antes. Talvez com frequência suficiente.

— Deve ter dito isso quando eu estava com fones de ouvido — retorquiu Murphy. — Você sempre fica calada a respeito dele comigo, como fica a meu respeito para ele.

— Do que você está falando?

— "Estou indo ver outra casa."

— Quê?

— Foi o que você disse a Strike, quando estávamos indo ver a casa em Wood Green. "Estou indo ver outra casa."

— Bom, nós estávamos indo ver outra ca…

— É. *Nós* estávamos.

— Eu…

— *Nós* estávamos — repetiu Murphy, agora sem baixar o tom. — Você e eu. "*Nós*."

— Almoço! — Jonathan gritou pela escada.

Como era de se esperar, o clima em volta da mesa estava permeado de emoções ocultas enquanto a família consumia uma grande massa gratinada. Linda estava anormalmente calada, mas por sorte a tagarelice ingênua de Annabel preenchia os espaços em que a conversa de Robin com a mãe e o namorado poderia ter acontecido, e Betty proporcionou uma distração soltando um grande cocô bem ao lado do fogão.

Enquanto Linda retirava uma torta de maçã do forno, o terceiro irmão de Robin, Martin, bateu na porta dos fundos. Como o pai, Martin tinha cabelos e olhos escuros, mas não tinha nem a natureza doce de Michael Ellacott, nem sua responsabilidade profissional.

— Carmen não veio com você? — perguntou Linda, com ansiedade.

— Ela vem mais tarde — respondeu Martin, com a expressão taciturna.

Robin passou a maior parte da tarde com Jenny e Annabel na sala de estar, enquanto todos os homens da família, incluindo Murphy, falavam de futebol na cozinha. Annabel brincava de enfermeira com uma boneca de pano que aparentemente tinha caído de uma árvore e quebrado todos os ossos, e, enquanto Robin ajudava a enrolar muito papel higiênico na boneca e lhe dava remédio com uma colher de plástico, Jenny contava a ela a história de Martin e Carmen até então, que já incluía três términos e reconciliações.

— Sua mãe morre de preocupação — sussurrou Jenny.

— Quando Carmen vai dar à luz? — perguntou Robin, que não conhecia a mulher, mas sabia que ela engravidara com apenas três meses de namoro com Martin.

— Em fevereiro — respondeu Jenny em voz baixa. — Gostaria de atribuir tudo aos hormônios dela, mas eles são tão *parecidos*.

— Ai, Deus — disse Robin.

O histórico de empregos de Martin era irregular e seu limiar para o tédio era muito baixo. O que ele mais gostava de fazer era beber e jogar; o dinheiro sempre escapulia por entre os dedos dele como água, e a sugestão anterior de Robin de que a paternidade "poderia dar um jeito nele" tinha sido feita mais por esperança do que por expectativa.

— Alguém quer uma xícara de chá? — ofereceu Murphy, aparecendo na soleira da sala de estar.

Lembrando-se de que recentemente recusara café preparado por Kim, Robin disse:

— Sim, por favor, eu adoraria. Obrigada, Ryan. — Ela viu, como pretendia, um leve abrandamento na expressão pétrea de Murphy.

Foi decidido às seis horas daquela noite que Murphy e os quatro irmãos Ellacott, mas não Jenny, que estava cansada demais, iam sair para beber no Bay Horse, o local que Robin e os irmãos frequentavam no passado. Robin ficou feliz por se afastar da presença da mãe, que exibia um ar de martírio que, em vez de aliviar, agravava a ira da filha. Robin também ansiava por alguma bebida alcoólica, na esperança de que isso pudesse deixá-la num clima mais festivo do que conseguiria em casa.

Um Nissan Micra muito velho parou na escuridão fria justo quando eles saíam de casa, e, pelo fato de Martin imediatamente atravessar a rua correndo até o carro, Robin supôs que fosse a namorada dele ao volante.

— É melhor irmos andando — disse Jonathan em voz baixa —, caso eles estejam prestes a perder a cabeça.

— Está tão ruim assim? — perguntou Robin, enquanto ela e Jonathan andavam atrás de Stephen e Murphy, que davam gargalhadas de alguma piada que Robin perdera.

— É sem parar. Ela é barra-pesada.

— Como assim?

— Tatuagens, bebe como um gambá, e de cada duas palavras, uma é "porra". Pode imaginar como isso cai com a mamãe.

Considerando seus sentimentos atuais para com Linda, Robin se viu mais do que disposta a dar o benefício da dúvida a Carmen.

Foi só quando eles entraram na rua do Bay Horse que Robin, pela primeira vez na vida, perguntou-se por que era chamada de Silver Street. Pensamentos em

centros de mesa, martelos e esquadros maçônicos encheram sua cabeça de novo enquanto eles se juntavam à aglomeração dentro do pub, onde ela havia bebido legalmente seu primeiro drinque e, mais tarde, comemorou suas notas altas, sem imaginar como sua carreira universitária seria curta e por quê. O pub tinha três partes, duas de cada lado da porta principal e um salão nos fundos e, como era esperado na véspera de Natal, estava lotado. Quando Murphy berrou que ia pagar a primeira rodada, Robin pediu uísque. As últimas três vezes que havia tomado essa bebida foram com Strike. Nas três ocasiões, precisou do alívio forte e imediato provocado pelo uísque, primeiro porque Strike acabara de lhe provocar um sangramento pelo nariz e dois olhos roxos, segundo porque ela cometera o que temia ser um erro catastrófico em um caso e, por fim, porque fora interrogada sob custódia.

O uísque teve o efeito bem-vindo de sempre quando ela tomou um gole, queimando a garganta, começando a relaxar o nó duro e apertado que tinha no peito. Agora estava mais fácil segurar a mão de Murphy, e ele retribuiu a pressão e, em seguida, se curvou para lhe dar um beijo na boca, e eles sorriram um para o outro, e Robin pensou, *ele é mesmo lindo,* e, ainda de mãos dadas, eles ficaram abaixo das serpentinas de Natal, e Robin acenou para um casal de colegas de escola que nunca saiu de Masham e ficou aliviada quando eles não foram falar com ela.

— Robin, esta é Carmen! — berrou Martin no ouvido dela.

Robin se virou e viu uma mulher mais alta do que ela, com as laterais da cabeça raspadas e o restante do cabelo tingido de um vermelho-tomate vibrante em um rabo de cavalo. Ela usava uma jaqueta de couro por cima de um vestido justo, e a pele acima dos seios era uma massa sólida de tatuagens: os destroços de um galeão ao sol poente, com sereias nas pedras. Sua barriga de grávida não parecia bem uma parte dela, de tão magro que era o resto do corpo.

— Oi! — gritou Robin, enquanto Slade começava a cantar "Merry Xmas Everybody" nos alto-falantes. — É um prazer te conhecer.

— Igualmente! — gritou Carmen em resposta.

— Não, eu pago essa rodada — falou Robin em voz alta a Jonathan, quando viu que ele procurava a carteira. — Carmen, o que vai querer?

Ela esperava que a mulher, com sete meses de gestação, dissesse suco de fruta, mas Carmen disse "Uma vodca dupla com gelo, por favor". Robin soltou a mão

de Murphy para ir ao balcão.

Havia outra gestante na fila do bar; era loura, com um corte chanel, e seu rosto estava de algum modo inchado, mas abatido, como o de Jenny, que ficara em casa. A mulher olhou para Robin quando a detetive se aproximou dela e, só então, com um choque de surpresa, Robin reconheceu Sarah Shadlock, a antiga amiga de universidade do ex-marido, então amante e agora segunda esposa.

— Oi, Sarah — disse Robin automaticamente.

Sarah resmungou um "Oi" e foi para o espaço deixado por um homem que tinha se afastado do balcão, segurando quatro cervejas em suas imensas mãos de fazendeiro.

— Deixe-me ajudar — disse Murphy no ouvido de Robin e, quando ela se virou, sorrindo, ele a beijou na boca de novo. Ela até poderia pensar que o namorado estivesse tão bêbado quanto os homens que cantavam junto com Slade no canto; Ryan parecia muito contente pela briga dos dois ter acabado, e ela viu Sarah olhar para eles antes de fazer seu pedido.

No brilho quente e difuso engendrado pelo segundo uísque duplo de Robin, ela pensou que poderia procurar uma reconciliação com Linda logo cedo no dia seguinte, antes que todos os outros acordassem. Carmen e Martin berravam no ouvido um do outro e era difícil saber se trocavam carinhos ou insultos, mas eles provavelmente resolveriam tudo no fim, pensou Robin, antes de pedir a Stephen, responsável por aquela rodada, seu terceiro uísque. Ele e Murphy estavam se entendendo particularmente bem; rindo de outra piada que Robin não ouvira, mas não era assim que os Natais deveriam ser? Agora ela experimentava um sentimento de generosidade para com todos, e precisava de mais uísque para que isso continuasse, e quando Stephen meteu em sua mão seu terceiro uísque duplo, ela disse, "Eu te amo, Button", e ele riu com ela e disse, "Você está bêbada, Bobbin", o antigo apelido de infância dela, como Button era o dele.

E então, por uma brecha na multidão, Robin viu o ex-marido sentado a uma mesa no canto. Seus olhos poderiam ter passado direto por ele se Sarah não estivesse ali: ele engordara e parecia ter olheiras. Enquanto Robin desviava o olhar de novo, começou a tocar "Not Tonight Santa" e, com um estremecimento desagradável, ela se lembrou do ano em que a música foi lançada: Robin tinha vinte e um anos, e o homem sentado no canto deste pub familiar, que mais tarde se mostrara dissimulado, imensamente materialista, coercitivo e infiel, era sua

única garantia de que os homens que queriam fazer sexo com você não eram todos monstros. Isso foi depois daquele estupro destruidor que, sem o conhecimento dela, deixara uma infecção em seu corpo que devorou silenciosamente sua capacidade de fazer o que Sarah, Jenny e Carmen fizeram com muita facilidade: conceber um filho por meios naturais, sem que nenhum homem com monocelha, armado de estatísticas e sermões críticos precisasse se envolver.

— Você é Robin Ellacott?

— Hein? — disse Robin estupidamente à garota que fizera a pergunta. Ela era uma estranha com cara de bebê, usando um vestido que parecia uma camisola e cílios postiços tão grossos que pareciam as lagartas que Robin e Stephen, quando crianças, apanhavam e tentavam, sem sucesso, criar em tigelas de folhas de alface.

— Você é Robin Ellacott? — repetiu a jovem.

No stocking this morning

But that don't make me blue…

— Sim — confirmou Robin.

— Como você pode, tipo, trabalhar com ele, se ele faz coisas assim?

— Hein? — disse Robin em voz alta.

— Tipo — a garota ficou na ponta dos pés para gritar no ouvido de Robin —, como você pode estar com alguém, se ele força as mulheres a fazer sexo com ele?

— Eu não sei do que…

Com um leve atraso, Robin percebeu do que a garota falava.

— Isso não aconteceu — gritou ela.

— Quê?

— *Isso não… aconteceu!* Você não deveria acreditar em tudo que lê!

Ela viu a garota se virar e passar a resposta às duas amigas, que também estavam com pouca roupa e muita maquiagem. Elas deveriam ter frequentado a mesma escola de Robin, mas muito tempo depois de ela ter se formado. Robin deu as costas a elas, bebendo mais uísque, e viu Martin e Carmen, agora sem qualquer sombra de dúvida discutindo, junto da parede onde eram exibidas as tampas de barris de cerveja. Robin virou a cara; não queria ver nem se preocupar com isso esta noite. Murphy estava absorto em um grupo de homens que Stephen conhecia, mas ali estava Jonathan, graças a Deus, estendendo outro uísque duplo.

— Obrigada, Jon — agradeceu ela.

Em seguida, iniciou-se outra conversa aos gritos com o irmão mais novo, que Robin tinha certeza absoluta de que era sobre trabalho, porque ela pegou as palavras "desafio" e "difícil", e já havia notado, em casa, como ele adotava um tom portentoso quando falava de seu primeiro emprego de verdade.

— Ótimo — disse ela ao acaso, e Jonathan falou:

— O que quer dizer com ótimo?

— Não sei — admitiu Robin, confusa. Ela comera pouco no almoço por causa do climão e agora consumira um terço de uma boa garrafa de uísque.

— Eu disse — gritou Jonathan em seu ouvido — que *ela tem câncer.*

— Merda, quem? — perguntou Robin, alarmada.

— Minha chefe — gritou Jonathan.

— Ah — murmurou Robin, tentando não parecer aliviada demais por não ser alguém que ela conhecesse. — Isso é terrível!

— Pois é — disse Jonathan e continuou falando, mas Robin só conseguia distinguir uma sílaba em quatro, e as três jovens com olhos de lagarta, que não conseguiram atrair a atenção de nenhum homem, estavam obviamente falando daquela pavorosa mulher mais velha que trabalhava com um notório pervertido, mas fingia que ele não era um. Robin se perguntou se elas tinham lido sobre seu estupro na internet, ou se sua história passada tinha caído no folclore local sem que ela percebesse.

— Vou tomar um pouco de ar fresco! — gritou Robin para Jonathan.

— Hein?

— Eu já volto! — gritou ela, ainda mais alto, e Jonathan, sem dúvida supondo que ela fosse ao banheiro, virou a cara, assim não viu que ela caminhava para a saída com o que restava do uísque na mão.

Estava muito frio na Silver Street, mas Robin ficou grata por estar longe da multidão. Ela se recostou na parede caiada do pub, na esperança de que isto a deixasse sóbria, e depois voltaria para dentro. Ela bebeu o que restava do quarto uísque e, em seguida, por força do hábito, tirou o celular do bolso para ver se Strike tinha mandado alguma mensagem, mas é claro que ele não mandara, porque estava na festa de Lucy. Era Natal. Não havia trabalho a ser feito.

Seu bom humor desapareceu; ela deveria ter parado em dois uísques, ou ter comido mais no almoço. Seu hálito se elevava em uma nuvem no ar de inverno enquanto ela olhava para a direita, para a Chapman Lane, e então, com um

peculiar sentimento de surpresa, pensou: que coincidência! Estranho como você toma as coisas como certas quando são familiares e não as questiona, e é preciso distância para fazer você olhar para trás e se perguntar por quê, e como, e se foi tudo obra do acaso ou se havia algum significado ali.

Strike riria dela por isso… bobajada mística…

Ela precisava fazer as pazes com a mãe, sobretudo agora que tinha visto Martin e Carmen juntos…

Linda.

Rita Linda.

Perguntou se a gente conhecia.

Rita Linda.

Ele sabia o que tinha acontecido com ela.

Ritalin-da.

Robin colocou o telefone no nível dos olhos e digitou "Rita Linda".

Linda Rita Clay era uma cabeleireira em Nantwich. Rita Linde era uma compositora alemã. Linda Mae Ritter morava em Detroit e tinha sete filhos, inclusive trigêmeos.

Robin tentou diferentes grafias. Reeta Linder. Reena Lynda. Reata Lindar.

Você quis dizer Reata Lindvall?

— Tudo bem, Rob?

Robin olhou. O ex-marido estava parado ali, com um maço de Marlboro Lights na mão. Ele fumava ocasionalmente quando estudante, mas nunca depois disso, pelo menos enquanto eles estavam juntos.

— Oi — disse Robin.

Ele acendeu um cigarro.

— Trabalhando? — perguntou ele, com um meio-sorriso.

— Sim.

— Hmm — murmurou Matthew.

Eles ficaram um tempo em silêncio. A igreja onde eles se casaram, onde Strike entrou de penetra na cerimônia, derrubando os arranjos de flores, ficava a uma caminhada de cinco minutos de onde eles estavam.

— Quem é o sósia do Paul Newman?

— Quê? Ah… Ryan? Ele é agente de investigação criminal.

— Ah — disse Matthew, assentindo ao soprar a fumaça. — Eu sempre achei

que você terminaria com Strike.

— Escondeu isso bem — falou Robin com sarcasmo. Matthew riu.

— Vai ficar quanto tempo na cidade?

— Até o dia 29.

— Vamos ficar até o Ano-Novo.

Como Robin não respondeu, ele acrescentou:

— Voltar para cá acaba com a gente.

Robin, que não via por que deveria ouvir qualquer coisa de Matthew, voltou a atenção para seu telefone — *Você quis dizer Reata Lindvall?* —, mas Matthew falava de novo:

— Sem filhos ainda, então?

— Nove — disse Robin, tentando ler sobre Reata Lindvall no celular, mas sua visão estava inexplicavelmente turva. — Todos adotivos.

Ele riu outra vez.

— Não é uma má ideia. Vou ficar acordado a noite toda de novo, em breve. As porcarias das fraldas e…

— Achei você.

A voz de Sarah estava gélida. Ela segurava dois casacos. Robin a olhou, mas a mulher que dormira com o marido de Robin em seu quarto em Deptford e deixara um brinco de diamante nos lençóis para Robin encontrar não queria mais olhar para trás.

— Só estou fumando um pouco — explicou Matthew, jogando o cigarro longe.

— Estou cansada — falou Sarah, empurrando o casaco do marido nele próprio.

— Tudo bem. A gente se vê — disse ele a Robin.

— Tchau — respondeu Robin.

Os Cunliffe foram embora. Concluindo que o esforço de focar a tela do celular era oneroso demais nas atuais condições, Robin respirou fundo o ar noturno e voltou para dentro do pub.

40

Cerveja, amigo, cerveja é a coisa certa a beber
Para os camaradas que sentem dor ao pensar:
Olhe dentro do pote de estanho
Para ver o mundo como ele não é.
E tenha fé, é agradável enquanto dura:
O problema é que não vai durar.

A.E. Housman
LXII, A Shropshire Lad

Strike chegou à festa de Lucy em Bromley às nove e meia. Seu objetivo era perder a maior parte da festa sem ser grosseiro e sobretudo evitar a primeira fase dolorosa de qualquer reunião, em que os convidados são poucos, o bate-papo é particularmente laborioso e a escolha de companhia tão limitada que se corre o risco de ficar preso a um chato que depois gruda em você a noite toda.

Porém, ele estava mais atrasado do que pretendia, porque tinha perdido a hora enquanto tentava identificar a loura que acreditava ter colocado o bilhete cifrado pela porta da agência. O frustrante é que, imediatamente antes de perceber que estava atrasado e ser obrigado a partir para Bromley com um saco de presentes na mala do BMW e uma mochila para passar a noite, ele a encontrou.

Seu nome profissional era Fyola Fay, e ela aparecia com De Lion em *Eu sei quem você comeu no verão passado* e *Garota do sexo*. Se Strike não tivesse prometido comparecer a essa maldita festa, teria podido continuar à mesa dos sócios no escritório, vasculhando sistematicamente o OnlyFans, Flickr, ModelHub e qualquer um dos outros lugares em que uma mulher poderia ganhar um dinheiro a mais vendendo nudes ou vídeos online, procurando pistas do nome verdadeiro de Fay e meios de entrar em contato com ela. Em vez disso, arrastava-se para a

porta da casa de Lucy, passando pela magnólia desfolhada no jardim da frente, carregando suas bolsas de presentes mal-embrulhados e se preparando, depois de uma tarde vendo seios, pênis imensos e orifícios masculinos e femininos, para fingir interesse pelo trabalho, pela casa e pelos filhos dos outros.

Ele esperava que Lucy estivesse irritada por ele estar atrasado, mas quando o sobrinho mais novo, Andrew, abriu a porta, a irmã de Strike, que estava mais adiante no corredor e usava antenas de pisca-pisca com seu vestido de festa, exclamou "Stick!" e passou correndo pelas mulheres com quem falava para abraçá-lo. Ocorreu a ele, então, com uma leve agitação de culpa, que ela estava feliz e aliviada por ele ter aparecido. "I Wish It Could Be Christmas Everyday" soava dos alto-falantes na sala de estar. Resolvendo se comportar da melhor maneira possível, Strike subiu a escada para depositar suas bolsas no quarto de hóspedes, cumprimentou o sobrinho preferido, Jack, que estava no próprio quarto jogando algum videogame de tiro no PlayStation com outros três meninos de sua idade, depois voltou à multidão do térreo, cheio de adultos com suéteres de Natal e vestidos de festa e várias crianças pequenas que Strike fez o máximo para não pisotear nem esbarrar enquanto ia à cozinha onde, supunha ele, havia comida e cerveja.

— Aí está ele! — disse Greg, o cunhado, com um falso entusiasmo.

Greg estava de pé com outros três homens, que levaram as latas de cerveja à boca ao mesmo tempo, como se tivessem ensaiado o movimento, todos eles olhando Strike com aquele tipo de desafio que certos homens exibem quando se veem cara a cara com um que pode ser considerado superior a eles de alguma maneira, seja em termos de tamanho, aptidão física ou sucesso no mundo.

— Nos encontramos de novo — disse uma voz feminina atrás de Strike e, virando-se, ele viu uma mulher que não se lembrava de ter conhecido: cabelos escuros, acima do peso, de pele oleosa, com um caftã prata na altura do joelho, que o fazia pensar em um rolo de plástico-filme, e brincos de anjo que piscavam, como as antenas de Lucy. — Marguerite — disse ela, sua expressão desanimando quando a de Strike continuou neutra. — Nos conhecemos aqui, em seu jantar de aniversário, alguns anos atrás. Você trouxe sua namorada, Nina.

— Ah, sim — disse Strike, agora situando-a: Lucy havia convidado Marguerite para conhecer o irmão, sem se dar conta de que ele ia aparecer com outra mulher. — Como vai?

— Ótima — respondeu ela. — Nina veio?

— Não — disse Strike.

— Tudo que vem fácil, vai fácil para você com as mulheres, não é, Corm? — comentou Greg no tom agressivamente jocoso que em geral empregava com o cunhado. A expressão de Marguerite se iluminou.

— Só vim pegar uma cerveja — disse Strike a ela, porque vira uma pilha de latas em uma bancada distante e forçou caminho pela multidão em torno da mesa central empilhada de comida, provocando uma pequena onda de murmúrios e cabeças se virando. Devido ao seu estado de espírito pessimista, ele suspeitava de que isso se devia à história de Candy e não a qualquer apreciação de seus triunfos de detetive, e teve o cuidado de não olhar ninguém nos olhos, chegando à cerveja com a sensação de ter alcançado um porto seguro.

Enquanto abria uma lata, seu celular apitou no bolso. Na esperança de que fosse uma mensagem de Robin, ele pegou o aparelho, mas viu que era uma mensagem de Kim.

Plug deixou o filho na casa com a velha e se mandou para a Carnival Street de novo, com um monte de tábuas e uma tela de arame na traseira do furgão.

E o que quer que eu faça a respeito?, pensou Strike, irritado. Ele tinha a sensação de que Kim simplesmente queria uma desculpa para entrar em contato, um pressentimento fortalecido pelo fato de a segunda mensagem chegar quase imediatamente.

Espero que esteja tendo uma véspera de Natal divertida bj

Strike recolocou o telefone no bolso sem responder e encontrou o grupo em volta de Greg, que agora tinha absorvido Marguerite, olhando para ele. Strike não tinha a menor vontade de se juntar ao grupo: os homens tinham o olhar daqueles que podem conversar por horas sobre os melhores postos de gasolina da M1 ou sua mais recente partida de golfe. A expressão de Marguerite era simplesmente ávida.

O telefone de Strike apitou outra vez.

— Com licença — murmurou para ninguém em particular. Ele o pegou no

bolso de novo e, apenas para se livrar daquelas encaradas, saiu pela porta dos fundos e foi ao deque que Greg tinha construído ele mesmo e que dava para o gramado gelado.

Esperando ver o nome de Kim de novo, ele se surpreendeu ao ver uma mensagem de Jade Semple e, a julgar pela ortografia, ela parecia estar tentando, com muito mais sucesso do que ele, afogar as tristezas da véspera de Natal em álcool.

Não acho que bNiall fosse aquee corpo foi só o nome William Wrihgt que me fez pensr que podia ser

Strike respondeu:

Niall tinha alguma ligação com esse nome?

Alguém bateu na janela atrás de Strike. Ele se virou e viu o sobrinho mais velho e menos preferido, Luke, cujo objetivo ao bater no vidro parecia ser simplesmente fazer o tio mostrar a cara a seus dois companheiros adolescentes e sorridentes, como se Strike fosse um peixe de aquário. De cara amarrada, o detetive deu as costas para a janela e viu que Jade tinha enviado outra mensagem.

Mais ou mens ms só entrei em pânico nao acho que era elle

— Stick, o que está fazendo aí fora?

Lucy tinha ido ao deque, tremendo em seu vestido fino de festa.

— Desculpe — disse Strike, apressadamente metendo o telefone no bolso. — Trabalho. Um dos meus terceirizados levou um murro na cara.

Era uma meia-verdade: Shah quase teve o nariz quebrado em dois trabalhos anteriores.

— Ah, que coisa horrível — disse Lucy. — E como…?

— Vamos voltar para dentro — sugeriu Strike, sentindo-se culpado de novo. — Me apresente a seus amigos.

Pela hora seguinte, ele bebeu cerveja e entrou em conversas altas e vazias com vários pais de colegas dos sobrinhos na escola. Alguns queriam perguntar a ele sobre a carreira de detetive, outros queriam dizer que sua irmã era adorável;

alguns, que já estavam embriagados, pareciam incapazes de identificá-lo do colégio e ficaram confusos quanto ao motivo da presença de alguém que não levava seus filhos à escola local. A exceção foi uma mulher magra e bêbada, que usava um vestido largo que devia estar no auge da moda, mas que Strike achou parecido com um saco dos correios: ela insistia em voz muito alta que conhecia Strike "do taekwondo" e que o filho dele, Fingal, era muito talentoso e não deveria desistir. No fim, ele concordou com ela e prometeu convencer Fingal a continuar, recebendo um abraço da mulher em resposta e descobrindo que ela fedia a cecê.

Cinco minutos depois, enquanto pegava outra cerveja, ele foi encurralado por um homem cuja testa funda e nariz comprido e pontudo lhe dava a aparência de um cão whippet. Strike supôs que ele fosse alguma espécie de corretor de seguros, porque queria saber como Strike resguardava sua empresa contra erros profissionais que levassem a prisões errôneas ou ferimentos. Quando Strike disse, com sinceridade, que a agência nunca havia cometido um erro profissional que resultasse em prisões errôneas ou ferimentos, ou pelo menos nenhum ferimento em algum investigado (Robin poderia montar um caso contra ele, se tivesse decidido processá-lo), o cara de whippet demonstrou irritação.

— Mas vamos *supor* que acontecesse…

— Não vejo como — rebateu Strike.

Nos últimos vinte minutos, ele estivera consciente da grande massa prateada que era Marguerite circulando, como um asteroide imenso e imprevisível, e, vendo que seu interlocutor estava decidido a insistir no assunto, Strike anunciou descaradamente que precisava ir ao banheiro e o deixou parado ali.

Inevitavelmente havia uma fila para o banheiro. Strike se juntou a ela com relutância, porque a mulher do vestido de saco que achava que ele tinha um filho chamado Fingal também esperava, então pegou o telefone de novo para desestimular uma conversa. Queria reler as mensagens de Jade Semple, mas em vez disso viu uma nova mensagem de Kim.

Trabalhando, e precisaria te conhecer MUITO melhor para mandar nudes.

Mas que porra. Ele estaria prestes a receber outro "opa, desculpe, não pretendia te mandar essa mensagem nem um nude"? O que Kim Cochran não percebia era

que Strike tinha feito esses joguinhos em um nível muito mais sofisticado, com uma grã-mestra, por dezesseis anos; esta era uma tentativa de sedução muito fraca.

Um homem obeso de suéter com estampa de renas acabara de sair do banheiro; a mulher com cecê cambaleou para dentro. Enquanto Strike avançava para se colocar ao lado da porta fechada, chegou outra mensagem de Jade Semple.

Uma mulher tirou dinheiro do cartão de Niall depois que acharam o corpo

Strike ainda olhava essa mensagem quando a porta do banheiro se abriu.

— *O cheiro não é meu!* — gritou a mulher de vestido largo, equilibrando-se no batente da porta, claramente muito bêbada. — É dele, que veio antes!

Todos, menos Strike, riram. A mulher se afastou cambaleando, e ele entrou no banheiro. Ela não estava errada sobre o cheiro; Strike abriu a janela antes de dar uma longa mijada. Teria preferido se refugiar ali pelo resto da festa, desde que o fedor melhorasse, assim poderia se concentrar em Jade Semple. Apesar do odor, ele achava que poderia arriscar alguns minutos de isolamento tranquilo, então enviou uma mensagem a ela:

Se Niall tinha uma ligação com o nome "William Wright", gostaria muito de falar com você pessoalmente.

Ele esperou alguns minutos, mas ela não respondeu, então, aproveitando o alívio temporário do bate-papo, ele sentou-se no assento da privada e procurou no Google: "Fyola Fay estrela pornô nome verdadeiro." Quando chegaram os resultados da pesquisa, alguém bateu na porta do banheiro.

— *Rápido, por favor, ele vai vomitar!*

Strike destrancou a porta e se achatou na parede enquanto um garoto ruivo de uns seis anos, com a cara verde e sendo meio carregado e meio arrastado pela mãe, soltou uma golfada e vomitou copiosamente a trinta centímetros da privada, espirrando nos sapatos, na barra da calça de Strike e no tapete branco e felpudo em volta da base da pia.

— Ele tem intolerância a lactose — disse a mãe atormentada. — Ele comeu um monte de palitos de queijo… *não foi, Hector?* — perguntou ela com raiva, metendo a cabeça do menino na privada enquanto ele vomitava de novo.

Strike não se considerava um homem que se enojava facilmente, mas vômito era de longe o fluido corporal que mais detestava; por acaso ele também dava uma alta pontuação à higiene pessoal em sua lista de virtudes, assim, foi particularmente irritante ser incapaz de limpar dele mesmo os nacos do que parecia feijão cozido com curry.

Ele desceu, mas teve de parar no meio do caminho devido ao engarrafamento de pessoas saindo pela porta da frente. Marguerite estava à espreita no corredor abaixo como um tubarão se aquecendo e Strike viu, embora sem olhar diretamente para a mulher, a inclinação da cabeça dela para cima enquanto o olhava. A bateria de um dos brincos de pisca-pisca tinha acabado.

A atenção dela, por sorte, foi desviada para o cara de whippet justo quando Strike chegou ao corredor, então ele conseguiu escapar dela para a cozinha, onde esperava poder se limpar com a ajuda de um papel-toalha úmido. Ao passar por Greg, Strike disse:

— Acho que você deve saber que seu banheiro acaba de ser a cena de um grande incidente ambiental.

— Por que, o que você fez?

— Não fiz nada. Um menino chamado Hector comeu uns palitos de queijo.

Ele podia ter acrescentado que um dos amigos de Greg também tinha feito um cocô que irradiava feito lixo nuclear, mas o culpado estava a meio metro de distância, perfeitamente despreocupado, devorando canapés de salsicha.

— Mas que *merda* — praguejou Greg, e abriu caminho para sair da cozinha.

— Com licença — disse a mulher bêbada de vestido largo atrás dele.

Strike sentiu o cheiro dela antes de vê-la. Ela pôs as mãos na cintura dele por trás, como se quisesse movê-lo, mas escorregou em um líquido derramado no chão e, enquanto por instinto ele a segurava para impedir que caísse, seu celular deslizou da mão.

— Você é um *bom homem* — disse ela de maneira indistinta, e ele a manteve rigidamente afastada de si enquanto a mulher recuperava o equilíbrio, porque não queria ser abraçado de novo.

Marguerite pegou o telefone dele.

— Ah, meu Deus — ela arquejou, rindo um pouco.

Ele olhou para o que ela via: uma foto em close de Fyola Fay, com a boca em torno de um imenso pênis preto. Strike arrancou o celular das mãos dela; sem

dúvida se espalharia pelo círculo social de Lucy que ele estava batendo punheta no banheiro durante sua festa de Natal, e, incapaz de pensar em alguma explicação que não soasse incrivelmente ridícula, ele meteu o celular no bolso e foi, de cara amarrada, para a pia, onde fez o máximo para limpar o vômito de Hector. Pelo canto do olho, viu a massa sólida de prata se aproximando.

Não venha me dizer que você gosta de pornografia, caralho.

— Está tudo bem — disse ela em um sussurro provocante. — Não sou fofoqueira. As mulheres também podem gostar de pornografia, sabia?

— Com licença — falou Strike, e mais uma vez foi para o jardim dos fundos, a perna da calça molhada gelando seu tornozelo verdadeiro.

Por que diabos ele parou de fumar? Enquanto descia a escada do deque de madeira para o gramado, pretendendo se dissolver na escuridão, onde poderia ter paz por alguns minutos, seu telefone apitou de novo. Se tivesse recebido um maldito nude "por acidente" de Kim, ele estaria prestes a soltar umas grosserias a ela, mas quando tirou o celular do bolso viu, com alívio no coração, uma mensagem de Robin. Então ele a leu:

idy~#=eeid

Mensagem acidental, obviamente. Ainda assim, ele respondeu:

Cifra? Se for, mande a chave.

41

Arrasta-te para teu leito estreito,
Arrasta-te, e que nada mais seja dito!
Inútil o teu ímpeto! Tudo permanece firme.
Tu mesmo terás de quebrar no fim.

Matthew Arnold
The Last Word

Tudo deu muito errado no Bay Horse. Estava na hora de fechar, e Robin agora estava extremamente bêbada ("vamos comer alguma coisa lá", disseram a Linda ao partir para o pub, mas ninguém tinha comido nada no pub, e Robin inadvertidamente bebera muito mais uísque puro desde o encontro com Matthew do lado de fora).

Ela voltou do banheiro e viu Martin e Carmen ainda brigando, e depois Jonathan, que encontrara dois velhos amigos do futebol no bar, queria que ela levasse cervejas do balcão para Stephen e Murphy. O namorado parecera estranho ao lhe passar o telefone que ela deixara na mesa, e ela viu que tinha recebido uma mensagem, mas não leu, porque se concentrava em não derramar as cervejas na mão e, enquanto entregava o copo a Murphy, disse, "Essa é sem álcool?", pensando que ele saberia distinguir qual cerveja seria pelo cheiro, mas de repente, do nada, veio a mesma explosão súbita da raiva que ele exibira na noite de sua pior briga.

— Mas que merda *isso* quer dizer?

Ela viu o olhar de choque de Stephen enquanto Murphy dava as costas a ele. Robin tentou responder, mas sua boca parecia cheia de algodão invisível.

— Eu não… Eu só…

Sua visão estava borrada. Uísque de mais. Gestantes de mais. Matthew. Sarah.

"Not Tonight Santa."

E então chegou a hora de fechar. Foi um alívio voltar para o ar frio da noite, embora os arredores de Robin ainda se comportassem como um livro de animação; a Silver Street, o céu e seus companheiros apareciam em um conjunto espasmódico de imagens. Murphy andava à frente com Jonathan, e ela não sabia para onde tinham ido Martin e Carmen. Uísque de mais…

— Por que ele explodiu com você? — perguntou Stephen, em voz baixa.

— Na-nada — respondeu Robin. — Só um… Ele pensou que eu queria dizer… acusando ele… estou muito bêbada, Button…

Stephen passou o braço por ela. Seu irmão mais velho, que era gestor predial de uma imobiliária a trinta quilômetros de Masham, era o maior dos irmãos Ellacott, quase do tamanho de Strike, mas isso não era nada parecido com Strike abraçando-a no Ritz, na noite em que ele quase a beijou. *Não pense nisso.*

As estrelas também se moviam aos espasmos, e é de se pensar que elas pelo menos ficariam imóveis… dizem que se você tem enjoo no mar, deve olhar o horizonte, mas ela não conseguia ver o horizonte, só as luzes nebulosas da rua e as costas recurvadas e furiosas de Murphy…

Então eles estavam em casa, com a cozinha vazia cheirando ao que Linda, Jenny e Annabel comeram no jantar. Betty, acordada dentro da caixa, começou a ganir, querendo sair. Murphy subiu calado, Jonathan disse um alegre boa-noite e Robin conseguiu retribuir soltando um ruído pelo que parecia um chumaço de algodão invisível em sua boca, então lhe pareceu uma boa ideia ir ao banheiro do térreo.

— Está tudo bem com você, Bobbin?

— Eu tô legal, vai dormir, Button…

Ao contrário do garotinho em Bromley que ela não sabia que existia, Robin conseguiu chegar à privada antes de vomitar. Uma mão cruel, implacável e gigantesca apertava suas entranhas repetidas vezes; por fim, completamente exausta, tremendo e encharcada de suor, ela se deitou no piso frio, fraca e cansada, pensando no terrível caos que aprontara na véspera de Natal. Depois do que pode ter sido dez minutos, ou meia hora, quando o cômodo pequeno e escuro não estava mais girando, ela se levantou com cuidado.

Robin voltou à cozinha enquanto Martin e Carmen entravam pela porta dos fundos, ambos claramente num porre ainda maior.

— Quem está no meu quarto? — Martin exigiu saber, e Robin precisou se esforçar para se lembrar.

— Annabel — respondeu.

Era esperado que Martin e Carmen fossem dormir no próprio apartamento, que ficava só a vinte minutos de distância.

— Merda — disse ele com raiva, como se isso fosse culpa de Robin, e ela quase sentiu que era e lhes ofereceu seu quarto, antes de lembrar que Murphy estava lá. — Vamos ter de dormir na porcaria da sala — reclamou Martin e partiu nessa direção.

— Você parece quase tão fodida quanto eu — comentou Carmen, espiando Robin, que tentou sorrir para ela antes de subir.

Ela abriu a porta do quarto em silêncio, na esperança de que Murphy já estivesse dormindo, mas é claro que não estava. Deitado de barriga pra cima, sem camisa, iluminado pela luminária de cabeceira, ele a olhou de cara amarrada enquanto ela fechava a porta em silêncio.

— Vomitou, foi?

— Sim.

— Mas *eu* é que estava bebendo.

— Ryan, eu só pensei que você saberia identificar qual cerveja era a sem álcool pelo cheiro delas — explicou Robin, parando junto da porta, sem querer chegar mais perto dele antes de poder escovar os dentes. — É só isso. Não estava te acusando de beber cerveja de verdade.

Ela estava muito atenta em articular as palavras com clareza, porque o uísque ainda não tinha saído completamente de seu corpo. Como Murphy não respondeu, Robin foi até a cadeira do quarto, em que estava seu pijama.

— Não pode deixar nem a véspera de Natal passar sem mandar uma mensagem a ele escondida — disse ele subitamente.

— O quê? — perguntou Robin, desconcertada, parada com o pijama nas mãos.

— Strike. Foi o que você fez, quando foi para a rua.

— Eu não mandei mensagem para o Strike.

— Mentira — acusou ele, e a palavra soou pelo quarto como uma frigideira caída.

— Eu não mandei mensagem para o Strike — repetiu ela. — Não desde que

chegamos aqui.

— Mentira — disse ele de novo. — Você deixou o telefone na mesa quando foi ao banheiro. Ele te respondeu, eu vi.

Robin procurou nos bolsos, pegou o celular e olhou a mensagem incompreensível de Strike, que só fez sentido depois que ela viu o que acidentalmente enviara a ele, provavelmente após abandonar sua tentativa de ler sobre Reata Lindvall.

— Ryan, isso foi acidental. Olha.

Ela se aproximou da cama e estendeu o telefone. Ele o pegou e leu as duas mensagens.

— Ah — murmurou.

Robin pegou seu celular. Ainda não estava sóbria e tinha vontade de chorar, mas em vez disso apanhou o roupão antes de ir ao banheiro. Quando ela alcançou a maçaneta, Murphy disse:

— Por que ficou tão bêbada hoje?

— Porque eu briguei com a mamãe — respondeu Robin, com a garganta apertada — e depois briguei com você… e todo mundo está grávida.

Ele se levantou um pouco nos travesseiros, incrivelmente bonito à meia-luz. (*Quem é o sósia do Paul Newman?*)

— Robin, me desculpe — falou ele em voz baixa. — Vem cá.

— Agora não — disse ela, reprimindo o choro. — Preciso me limpar e escovar os dentes. Estou nojenta.

— Você nunca está nojenta.

— Deixa eu me limpar — disse ela, e depois se abaixou na bolsa de viagem quase vazia, tateou em busca do presente de Strike, que estava embaixo de suas calcinhas, ergueu-se com a caixa escondida pelo roupão e saiu do quarto.

A casa estava em silêncio. Robin se fechou no banheiro e trancou a porta. Queria tomar um banho, mas temia acordar Annabel, então tirou a roupa e se limpou, vestiu o pijama e escovou os dentes pelo dobro do tempo habitual, até que não restasse nenhum gosto de uísque. A cabeça começara a latejar, mas pelo menos o chão continuava firme sob seus pés e as paredes estavam imóveis.

Depois de vestir o roupão, ela se sentou na beirada da banheira e pegou o presente de Strike, que estava embrulhado em papel azul com estampa de estrelinhas douradas. Ela sabia que ele próprio embrulhara, porque estava

calombento e com fita adesiva de mais. Ele era péssimo para embrulhar presentes.

Mas quando ela rasgou o papel, viu o que era inconfundivelmente uma caixa de joias, feita de cartonado azul-claro. Devagar, como se o conteúdo pudesse explodir, ela abriu a tampa.

Uma grossa pulseira de prata, da qual pediam sete pingentes, estava em um leito de espuma preta, e Robin reconheceu o pingente do meio de imediato: era o globo maçônico que ela admirara na Ramsay Silver. Ela olhou, fascinada, sem perceber que estava boquiaberta. Depois tirou a pulseira da caixa e, maravilhada como estava, pôde acompanhar perfeitamente o processo de pensamento de Strike. Ele voltara para comprar o globo, e alguém, talvez Kenneth Ramsay, tentara vender a ele mais pingentes — faça uma pulseira! —, e isso lhe deu a ideia, mas ele não ficou satisfeito em comprar um lote de Ramsay; em vez disso, montou meticulosamente este, e era igual a Strike, no sentido de que era meio desajeitado e deselegante, os pingentes não combinavam, mas havia muita reflexão em cada um deles: piadas particulares e lembranças compartilhadas, incomunicáveis a qualquer um, menos aos dois.

Um Land Rover de prata, representando o carro de que talvez só Strike sentiria tanta falta quanto ela; o Parlamento, onde Robin trabalhou disfarçada e plantou um grampo tão legalmente suspeito quanto aquele pelo qual Mitch Patterson foi preso (ela nunca contou isso a Murphy); um escudo esmaltado em miniatura com o brasão do Skegness, onde eles uma vez comeram fritas juntos, brincaram sobre passeios de burro e entrevistaram a testemunha-chave em um caso de assassinato de trinta anos; uma ovelha de prata ("*Como seu pai ganha a vida? Você nunca me contou." "Ele é professor de medicina, produção e reprodução de ovelhas… Por que isso é engraçado?")*; uma balança de prata minúscula *("É Libra, meu signo, eu tinha um chaveiro com isso." "Tá, bom, sou do time racional."*); um tordo, conhecido em inglês como *robin*, esmaltado em prata, o mais novo e brilhante pingente de todos, simbolizando seu nome e, talvez, o Natal; e, no meio de tudo isso, o que ela não duvidava de que fosse o mais caro, tirando a própria corrente: o pequeno globo de prata, com seu fecho decorado que, quando aberto, desdobrava-se em uma cruz maçônica articulada. Ela o levou ao nível dos olhos para examinar os símbolos inscritos por dentro antes de perceber que não conseguia enxergar, porque lágrimas escorriam por seu rosto.

Para que você fez isso?, pensou ela, e escorregou da banheira para o chão e

chorou baixinho nos joelhos, duas manchas de lágrimas se espalhando na calça do pijama, a pulseira firme na mão.

Robin precisou de vários minutos para recuperar o controle, depois examinou cada pingente de novo, duas vezes, pensando que nada mais que ninguém lhe desse hoje (porque agora devia ser o dia de Natal) poderia significar tanto para ela; nem diamantes, nem um Land Rover novo; nada. Ela sabia quanto trabalho Cormoran Strike dedicara a isso; ele, que achava que dar presentes era uma tarefa onerosa, que achava inexplicável que alguém se lembrasse do que qualquer um gostava ou vestia, mas que se lembrou de tudo isso, porque queria que ela soubesse que ele lembrava, e *ah, meu Deus, eu o amo*, pensou Robin, e depois outra voz em sua cabeça disse com severidade:

Não, você não ama.

Eu amo, eu amo…

Você ainda está bêbada.

Enxugando os olhos na bainha do roupão, Robin pegou o telefone. Não se importava se o acordaria, não ligava se ele se perguntaria o que ela estava fazendo acordada mandando mensagem para ele, nas primeiras horas do dia de Natal, quando ela deveria estar na cama com o namorado.

Obrigada. Eu amei demais bjs bjs bjs bjs bjs

E a quatrocentos quilômetros dali, no quarto de hóspedes da irmã, em Bromley, insone, sofrendo de azia e gases depois de cerveja de mais, e rabugento depois do que provavelmente foi a pior festa a que já comparecera, Cormoran Strike ouviu o celular vibrar e o pegou no escuro. Vendo a mensagem de Robin, o Natal e as oportunidades incomuns que ele proporcionava, se você estivesse enfim preparado para trabalhar por elas, de repente pareciam uma coisa maravilhosa.

Fico feliz, ele digitou e depois, lenta e aflitivamente, acrescentou um beijo para cada um dos que ela mandou.

PARTE QUATRO

E investir tudo sem obter nada resulta em tempos estressantes, tanto em empreendimentos comerciais quanto no caso de indivíduos. Os grandes poços iam cada vez mais fundo, as galerias se ramificavam por grandes distâncias sob o mar e havia um chamado constante por mais e mais dinheiro, para que não se perdesse o que já tivesse afundado.

John Oxenham
A Maid of the Silver Sea

42

Na carreira de todo homem há certos pontos
Em que ele não ousa ser indiferente;
O mundo o detecta com clareza, se ele ousa,
Tão perplexo com o jogo e perdendo vida…
Por isso, ele deve se casar com a mulher que mais ama
Ou com aquela de que mais precisa, o que quer que ele ame ou de que precise (…).

Robert Browning
Bishop Blougram's Apology

Strike passou a noite de Ano-Novo de vigilância na Stapleton Tavern em Haringey, observando Plug beber com um grupo de amigos igualmente abrutalhados. Ele usou o tempo de forma produtiva. Ele e Jade Semple tinham mantido contato intermitente por meio de mensagens desde a festa de Lucy, e esta noite eles continuavam trocando mensagens. Ela estava, outra vez, muito obviamente bêbada. Embora continuasse insistindo que não acreditava mais que fosse do marido o corpo no cofre, sua disposição para permanecer se comunicando com Strike sugeria uma dúvida à espreita. Strike esperava conseguir em pouco tempo, com bastante persistência, uma entrevista com ela pessoalmente.

Ele estava determinado a não deixar passar a chance de garantir uma noite sozinho com Robin em um restaurante decente a centenas de quilômetros de Murphy ou de qualquer outro babaca que quisesse interromper. Claro, se ele se declarasse e Robin lhe desse um fora, o resto da viagem seria extremamente desconfortável, mas sempre haveria razões para não correr esse risco. Se o pior acontecesse, ele simplesmente teria de lidar com isso. Afinal de contas, já tinha se

adaptado à perda de uma perna.

A reação de sua sócia a sua iniciativa de presenteá-la com imaginação tinha dado esperança a Strike. Ela devia ter entendido o que ele estava lhe dizendo de forma implícita quando examinou aqueles pingentes de prata, quase todos carregados de lembranças e piadas íntimas, certo? Será que abrir seu presente nas primeiras horas do dia de Natal indicava uma ansiedade incomum para saber o que ele tinha dado a ela? Os cinco beijos que seguiram seu obrigada e o uso da palavra amei — ainda que não tenha sido um "eu te amo" — podiam ser o comportamento de uma mulher tentando manter um homem firmemente ao seu alcance? E aonde Murphy tinha ido enquanto Robin estava digitando todos aqueles beijos? Era demais esperar que eles tivessem tido uma discussão?

Esses pensamentos permitiram que Strike aguentasse de bom humor as horas longas e improdutivas vigiando Plug. Entretanto, ao voltar para a fria e deserta Denmark Street às três da manhã, suas reflexões foram bruscamente interrompidas.

Uma letra "G" grande e ainda fresca havia sido pintada em vermelho na porta de entrada do escritório. Strike ficou observando aquilo por um minuto inteiro, descartando em segundos a possibilidade de que estivesse olhando para a assinatura de um grafiteiro bêbado. Nenhuma outra porta na Denmark Street ganhara decoração semelhante, e parecia coincidência de mais alguém ter aleatoriamente escrito a única letra do alfabeto que tinha adquirido recentemente um duplo sentido agourento para a agência nos andares de cima.

Ele devia ver aquele "G" como uma representação da letra inscrita no meio do esquadro e do compasso, o símbolo mais identificável da maçonaria? Ele tinha sido escolhido porque um Olho da Providência ou uma acácia teriam exigido muito mais talento artístico? Ou isso era uma mensagem para Robin, que tinha sido a testemunha G no julgamento de seu estuprador e quase assassino?

Xingando por dentro, Strike subiu até seu apartamento no sótão, pegou materiais de limpeza e voltou para a rua para remover a letra. Entretanto, como não tinha aguarrás, só conseguiu tornar ilegível o que estava escrito, deixando uma grande mancha vermelha. A porta sem dúvida ia precisar ser pintada antes que o senhorio tornasse a vê-la.

Eram quatro horas quando Strike finalmente retirou a prótese, perguntando-se se deveria contar a Robin o ocorrido. Ele não queria desencavar seu estupro

novamente. Será que esse era um caso óbvio de quanto menos fosse dito, melhor?

Só quando conectou o celular ao carregador ele percebeu que tinha recebido uma mensagem de voz em algum momento da noite, e a tocou.

"Aqui é Valentine Longcaster" disse uma voz indistinta e de classe alta acima dos barulhos e conversas ao fundo. "Recebi todas as suas malditas mensagens. Eu não tenho porra nenhuma para dizer a você. Faça um favor para todos nós e escolha como resolução de Ano-Novo se matar com gás."

Strike configurou o despertador, bocejou e foi para a cama. A resposta de Valentine aos e-mails que o detetive tinha lhe mandado não foi surpresa. Várias vezes, quando tinha bebido muito, cheirado muito, ou os dois, Valentine havia informado a salões cheios de pessoas que *aquela*, apontando para Charlotte, era *sua pessoa favorita no mundo*. Parecia que, ao contrário de Sacha, com sua convicção em se esquecer, Valentine não estava preparado para fingir que não se lembrava do conteúdo do bilhete de suicídio de Charlotte, no qual ela havia culpado a recusa de Strike em atender o telefone pela overdose planejada e por cortar os pulsos na banheira.

Seu telefone apitou. Ele o pegou e viu uma mensagem de Jade Semple.

ta bom voce pode vir no diq17m as não co0nte a ninguighem por qie eles não quequeriam que eu falasse com voce

Ótimo, respondeu Strike, que tinha uma ideia interessante de quem "eles", que não queriam que Jade falasse com ele, poderiam ser. **Vejo você no dia 17.**

Ele se deitou para dormir, pensando que o ano, no fim das contas, tinha começado com algo positivo, e já estava planejando manobras estratégicas que nada tinham a ver com o desaparecido Niall Semple.

43

As estrelas não fizeram comigo o pior que podem fazer:
Meus prazeres são muitos, meus problemas são dois.
Mas, ah, meus dois problemas não me dão descanso,
O cérebro em minha cabeça e o coração em meu peito.

A.E. Housman
XVII, Additional Poems

Vários dias depois de voltar de Masham e de ter trabalhado quase sem parar desde então, Robin ainda sentia-se como no momento em que tinha desembrulhado a pulseira de Strike: ansiosa e culpada. Seu nervosismo parecia o estado no qual uma pessoa espera pelos resultados de uma prova ou de exames médicos. Quando, de tempos em tempos, seu subconsciente rebelde dava indícios do que ela poderia estar antecipando ou temendo — ela não sabia qual —, ela o reprimia da melhor maneira possível.

A pulseira que ganhara de Strike agora estava escondida dentro da única bolsa de festa em seu guarda-roupa, mas era difícil esquecer o que ela, bêbada, pensou na primeira vez que a examinou. Além disso, ela sabia que, se outra mulher tivesse mostrado a ela a pulseira e explicado o significado dos pingentes, ela teria respondido: "Acho que ele pode estar tentando dizer que ama você." Que homem daria um presente tão íntimo, tão cheio de significados que só vocês dois poderiam entender, sem saber como seria interpretado?

Mesmo assim, o presente tinha sido dado por Cormoran Strike, que vivia espontaneamente em dois aposentos em cima de seu escritório, sozinho e autossuficiente. Sim, as referências recentes ao bilhete de suicídio de Charlotte podem sugerir um desejo de iniciar uma conversa que só uma vez antes eles tinham chegado perto de ter, enquanto comiam curry no escritório, quando

Strike disse que ela era sua melhor amiga, e ela achou que ele pudesse estar prestes a dizer mais, a reconhecer o que os dois, ela continuava convencida, tinham sentido no dia em que se abraçaram no casamento de Robin, quando ela podia jurar que ele considerou pedir a ela para fugir com ele e deixar Matthew sozinho na pista de dança…

Mas ele não tinha falado no casamento, tinha? Nem no escritório, bebendo uísque e comendo curry. Em meio a suas deliberações culpadas sobre o que poderia estar acontecendo dentro da cabeça de Strike, Robin continuava a encarar a conclusão à qual chegara no banheiro do pub Prince of Wales: que Strike, conscientemente ou não, estava fazendo algum tipo de jogo com a intenção de enfraquecer os laços dela com Murphy, para que ela não cogitasse trocar a agência por uma existência mais calma.

Aquilo que ela pensou, quando estava sentada bêbada no chão do banheiro de seus pais, parecia uma traição ao homem com quem ela agora deveria estar montando uma casa. Ela amava Murphy, não amava? Com certeza tinha dito isso a ele, e ela achava — sabia — que sim. Descontando os dois últimos acessos de raiva dele, um devido ao estresse, o outro ao ciúme, e ambos interligados a sua própria história com o álcool e o fracasso de seu casamento, eles praticamente nunca discutiam. Ele era gentil e inteligente, e ela não poderia ter pedido mais nada dele logo após sua gravidez ectópica. Ryan nunca tinha expressado opinião sobre quanto ela ganhava, nem reclamado do Land Rover velho, nem do que todas as outras pessoas viam como uma carreira turbulenta. A vida sexual deles, recém-retomada, era muito mais prazerosa do que aquela que Robin tivera com Matthew, porque Murphy parecia realmente se importar se Robin estava curtindo, enquanto Matthew, percebia ela em retrospecto, queria principalmente aplausos. Murphy também era generoso: ela no momento estava usando os brincos de opala que ele lhe presenteara no Natal, e que combinavam com o pingente que seus pais tinham lhe dado pelo aniversário de trinta anos. Mais importante de tudo: Murphy era transparente e honesto. Ele não fazia joguinhos, não mentia, não compartimentava sua vida de uma forma que deixava Robin sem saber ao certo qual era o seu lugar.

Por isso ela devia a ele honestidade e transparência semelhantes, não devia? Mesmo assim, ela se sentia cada vez mais como achava que esposas infiéis deviam se sentir enquanto suas vidas viravam uma bola de neve, forçando-as a se manter

em um constante estado de alerta ao deslize que poderia levar à descoberta. Se Murphy descobrisse que ela e Strike estavam entrevistando parentes de outros possíveis William Wright, ele ia saber que estavam investigando o corpo no cofre, não apenas tentando encontrar o desaparecido Rupert.

Quase pior: Strike tinha mandado para ela um itinerário da visita deles a Crieff e Ironbridge. Ele reservou duas cabines para Glasgow para a noite do dia dezesseis. Eles iam, então, pegar um carro alugado para ir até Crieff entrevistar a esposa abandonada de Niall Semple, antes de seguir para o sul até Ironbridge, onde a avó de Tyler Powell vivia, interrompendo a viagem para passar a noite em Lake District. Robin tinha procurado no Google o hotel em Lake District. Ele parecia bem bonito, com vistas incríveis do lago Windermere. Ela e Strike normalmente ficavam nas acomodações mais baratas possíveis quando viajavam a trabalho. Pequenas ondas de nervosismo e empolgação insistiam em atingi-la quando pensava no lugar, e ela estava tentando não as analisar, porque já estava sobrecarregada de culpa. Ela tinha dito a Murphy que a viagem de três dias que ia fazer estava ligada ao "caso Fleetwood". Felizmente, ocupado como sempre estava no trabalho, Murphy não perguntou por muitos detalhes.

As incômodas sensações de culpa e confusão de Robin se manifestavam externamente como simpatia e consideração aumentadas em relação ao namorado. Antes que voltassem para Londres, ela havia concordado em fazer uma oferta pela segunda casa que eles tinham visto, mas sabia o tempo inteiro que não seria aceita, e não se surpreendeu quando souberam, na primeira semana de janeiro, que ela havia sido vendida por quase dez mil libras a mais do que o máximo que eles poderiam ter pagado. Agora Murphy estava lhe enviando informações sobre outras casas, e Robin estava fazendo meias promessas de visitá-las quando tivesse tempo.

Enquanto isso, ela estava se policiando e pensando duas vezes em relação a qualquer movimento relacionado a Strike. Na noite escura e entediante do dia de Ano-Novo, ela chegou em casa depois de um período de vigilância de Plug, que não tinha se mexido desde que voltou para casa, do pub, tarde da noite, e ela mal tinha tirado o casaco quando Strike enviou uma mensagem:

Valentine Longcaster não quer falar com a gente.

Não é uma grande surpresa. Ele era o maior fã de

Charlotte.

Sentada no sofá, Robin sentiu outra vez aquela sensação de — o quê? Pânico? Empolgação? — com a recorrência do nome de Charlotte, mas, determinada a parecer inabalada e profissional, ela escreveu de volta:

É uma pena. Eu queria saber por que Rupert entrou de penetra no aniversário de Legard. Quanto a tentar fazer pessoas falarem, estive me perguntando o que você acharia se eu tentasse falar com Gretchen Schiff, que dividia um apartamento com Sofia Medina?

Strike demorou para responder a essa sugestão. Depois de cinco minutos, Robin achou que ele poderia ter esquecido quem era Sofia Medina, então acrescentou:

Sofia, a garota cujo corpo foi encontrado nos North Wessex Downs. Blusa rosa.

Quando mesmo assim não houve resposta, Robin levou o telefone com ela para a cozinha para fazer uma xícara de chá. A resposta de Strike chegou no momento em que a chaleira estava fervendo.

Desculpe, achei que a sra. Duas-Vezes estivesse em movimento. Alarme falso. Acho que tentar convencer Schiff a falar é uma boa ideia. Se Medina conhecia um homem de cabelo escuro encaracolado que gosta de usar óculos escuros em lugares fechados, finalmente teremos alguma coisa concreta.

Está bem, vou mandar uma mensagem para Schiff. Eu a encontrei no Instagram.

Robin queria dizer mais duas coisas a Strike. Ela se sentia desconfortável e constrangida em relação a uma delas, enquanto a outra podia ser totalmente

irrelevante para a investigação. Enquanto estava se perguntando se não seria mais fácil abordar os dois assuntos com ele por mensagem em vez de pessoalmente, Strike escreveu outra vez.

Notícia urgente: acabei de ter notícias de Barclay. Eu o botei atrás de Jim Todd esta tarde. Todd limpou um café por duas horas, então fez uma ligação de um telefone público e uma viagem de metrô que não deu em nada.

Como assim, não deu em nada?

Ele ficou sentado por uma hora na Linha Circular dando voltas, então saltou onde tinha embarcado. Com certeza tem alguma coisa suspeita em relação a Todd. Não consigo encontrá-lo em nenhum registro. Acho que está usando um nome falso.

Robin então recebeu uma mensagem de Murphy, que estava no trabalho. Ela viu o link chamativo de um site de imóveis, deslizou-o para o lado sem ler e, em vez disso, escreveu novamente para Strike.

Você acha que Todd tem ficha?

Estou começando a achar que sim.

Depois de ler essa mensagem, Robin resolveu mencionar a questão que achava embaraçosa. No pouco tempo que ela não dedicara a pensar sobre seus sentimentos por Strike no Natal, ou nos dele por ela, Robin também ficou preocupada com o que o sócio esperava que ela fizesse em relação ao ator pornô Dangerous Dick de Lion, que, se o bilhete cifrado deixado embaixo da porta merecesse crédito, era o corpo no cofre de prataria. Robin escreveu uma mensagem:

Eu queria falar com você sobre Dick de Lion.

Não houve resposta imediata, possivelmente porque a sra. Duas-Vezes agora estava realmente em movimento. Robin, portanto, abriu a mensagem de Murphy e entrou no link com os detalhes de uma casa em Walthamstow. Ao contrário da maioria das outras casas geminadas de dois quartos e dependência que ele tinha enviado para ela, essa parecia ter sido recentemente decorada e ficava na extremidade de uma fileira de imóveis semelhantes. A mensagem de Murphy dizia:

Mas só tem dois quartos.

Quantos bebês de fertilização in vitro *você está esperando?*, foi o pensamento imediato de Robin.

O telefone dela tocou. Strike estava ligando em vez de escrever. Tentando ignorar o frio na barriga, Robin atendeu.

— O que tem De Lion? — perguntou ele.

— Eu… bem, eu não vou conseguir fingir que estou montando o elenco de um filme pornô, por mais que pesquise. Desculpe, mas não vou fazer isso bem. Se você acha que esse é o único jeito de descobrir onde ele está, vai ter que ser um dos outros.

Ela se perguntou se Strike a estava achando pudica ou inadequada. A verdade era que Robin tinha uma forte aversão a pornografia. O estuprador que tinha destruído suas trompas de Falópio guardava um monte de filmes focados em estrangulamento e estupro embaixo das tábuas do piso, onde ele também escondia sua máscara de gorila.

— Eu não queria envolver nenhum dos outros com De Lion — disse Strike.

— Bom, então vamos nos concentrar em descobrir quem era a garota que botou o bilhete por baixo da porta?

— Merda. Eu me esqueci de te contar — disse Strike. — Eu sei quem ela é. Seu nome profissional é Fyola Fay, e o verdadeiro é Fiona Freeman. Ela mora em Wimbledon. Eu encontrei um site dedicado a expor atrizes pornôs. Nomes verdadeiros, profissões anteriores ou atuais, estado civil etc. Não há um site equivalente para homens, infelizmente.

— Grande surpresa — comentou Robin de um jeito sombrio. — Devo tentar falar com ela?

— Nós precisamos pensar sobre isso — disse Strike. — Não duvido que ela fique mais confortável falando com você do que comigo, mas descobri que ela mora com um diretor pornô que parece levantar ônibus em vez de pesos e comer esteroides no café da manhã. Talvez seja necessário fazer uma vigilância secreta da casa, para termos certeza de pegá-la sozinha. Por falar nisso, parece que encontramos outra Gateshead. Uma mulher escocesa que parece transtornada e, até agora, já ligou duas vezes, me pedindo para me encontrar com ela no Golden Fleece.

— Onde é isso?

— Não tenho a menor ideia — disse Strike. — Ela parece louca o bastante para ter me confundido com Jasão, dos Argonautas.

Robin riu, então falou:

— Na verdade, tinha outra coisa que eu ia te contar. Sei que pode não ser nada relevante, mas pesquisei Rita Linda no Google enquanto estava em Masham e consegui um resultado de busca que eu queria que você visse. É o único que encontrei que explicaria "pode estar nos jornais" e Wright "saber o que aconteceu c…".

— Merda, preciso ir. A sra. Duas-Vezes está ativa — disse Strike.

E desligou.

Robin rolou por suas fotos recentes para encontrar uma imagem que ela tinha salvado de um parágrafo sobre "Reata Lindvall", a mulher cujo nome ela havia encontrado na internet quando estava bêbada demais para ler, em frente ao Bay Horse, e a enviou para Strike.

Ela preparou para si mesma uma xícara de chá, pegou alguns biscoitos, sentou-se diante do laptop e voltou para a página abandonada do Instagram de Sapphire Neagle, a estudante desaparecida que tinha deixado mensagens tanto para Calvin Osgood, o verdadeiro produtor musical, quanto para Oz, seu imitador online. Robin estava tentando identificar a escola que Sapphire frequentara por um breve período antes de desaparecer. Uma garota negra bonita também parecia ter se tornado próxima de Sapphire durante suas semanas na escola, a julgar pelas muitas selfies que as duas haviam tirado juntas, mas Robin ainda não tinha conseguido descobrir o nome verdadeiro dessa amiga.

Apesar de ter algo para ocupar a mente e da troca objetiva de informações que havia acabado de ter com seu sócio, a ansiedade subjacente de Robin não foi

aliviada. Ela ainda sentia como se estivesse esperando que alguma coisa acontecesse, algo perturbador e catártico, como quando uma pessoa sente a mudança na pressão do ar e percebe que uma tempestade está se aproximando.

44

Não rico demais, você não pode ter tudo,
Um homem no qual as riquezas se esfregam com facilidade,
Rapidamente se apega — um homem com direito a elas
Nascido no sangue (…).

Robert Browning
Half-Rome

Sem que Robin soubesse, Strike também estava tendo problemas relacionados com imóveis. Uma boa oferta tinha sido feita pela casa de Ted e Joan em St. Mawes, mas Greg achava que eles deveriam esperar por mais. O que isso tinha a ver com Greg, considerando que ele não era o dono do lugar, era uma pergunta que Strike ainda não havia feito, visando manter a harmonia familiar. Já passara por dois telefonemas tensos sobre o assunto com a irmã. Nas duas ocasiões, ele havia sido favorável a aceitar o que estava sendo oferecido. Na segunda vez, Lucy tinha dito distraidamente:

— Greg disse que você… Ah, eu simplesmente não sei o que fazer.

Strike não sabia o que Greg tinha dito que ele ia fazer, mas podia imaginar que seu cunhado ou tinha dito a Lucy que o detetive não precisava do dinheiro extra que Greg esperava espremer dos compradores, ou que Strike era idiota demais para perceber que havia um dinheiro a mais a ser ganho. Strike sabia que a inclinação de Lucy para esperar mais dinheiro não era realmente por ganância. De algum jeito confuso, ela queria obter o maior valor possível pelo que tinha significado tanto para ela por tanto tempo.

Acontece que, para Strike, aquela velha casa em St. Mawes também não era apenas um imóvel, mas ele achava que a oferta que tinha sido feita era mais do que justa. Por mais que fosse desanimador pensar em outras pessoas morando na

casa de Ted e Joan, valia mesmo a pena querer mais alguns milhares de libras para espantar o que pareceu uma família local agradável em favor de pessoas que estariam comprando uma casa de veraneio e poderiam pagar mais? E Strike ficou vagamente surpreso ao descobrir em si mesmo esse ponto de vista muito córnico que seu amigo mais antigo, Dave Polworth, teria aprovado efusivamente.

Enquanto isso, Decima Mullins tinha pedido uma atualização presencial no dia 13 de janeiro, quando disse que precisava ir a Londres de qualquer jeito. Strike, que desconfiava que essa viagem pudesse estar relacionada ao seu restaurante com problemas, concordou com a reunião, e, muito ciente de quão pouca informação nova tinha para dar a ela, decidiu que agora tinha uma justificativa para entrar em contato com o ex-colega de casa de Rupert e o responsável por um dos problemas mais urgentes de Fleetwood: Zacharias Lorimer. O detetive, portanto, enviou um segundo e-mail para o jovem, fazendo insinuações vagas sobre um inquérito policial e sugerindo fortemente que era de seu interesse responder.

Pouco antes de uma da tarde em uma sexta-feira extremamente fria, exatamente uma semana antes da atualização prevista com Decima, Strike voltou à Denmark Street para encontrar Pat a sua mesa, e o escritório, exceto por ela, deserto.

— Você tem uma mensagem de um homem do Quênia, Zacharias Lorimer — disse ela a Strike.

— É mesmo? Dizendo o quê?

— Ele pode falar com você pelo FaceTime hoje às quatro e meia. Isso é uma e meia em nosso fuso horário. O número dele está junto do seu teclado.

— Ótimo — disse Strike, verificando seu relógio e se dirigindo à chaleira. — Quer um café?

— Tudo bem, quero — resmungou Pat. — E Dev acabou de passar por aqui. Ele disse que Todd está na Linha Circular outra vez, e que você vai saber o que isso significa.

— Certo — falou Strike. — Obrigado.

— E eu descobri outros Hussein Mohamed.

— Quantos nós temos até agora?

— Cento e cinco.

Como Pat parecia estar de bom humor, Strike apontou para o aquário.

— Você sente pena do preto? — perguntou ele, apontando para o peixe

levemente obsceno com os calombos na cabeça.

— Esse é um Oranda — grasnou ela, depois de tirar da boca o cigarro eletrônico. — Uma espécie chique.

— Ah — murmurou Strike.

— Eu o chamo de Cormoran. Ele tem o cabelo igual ao seu.

— Cabelo?

— Você sabe o que quis dizer — rebateu Pat.

Depois de fazer café para os dois, Strike foi para o escritório interno, levando o sanduíche que havia comprado no caminho. Ele mal tinha dado duas mordidas quando o celular notificou a chegada de uma mensagem de Robin.

Atualização sobre Gretchen Schiff. Posso estar animada demais, mas acho que tem alguma coisa aí. Eu não mencionei assassinato, só disse que estamos investigando um roubo, um homem com nome falso e uma mulher que parecia Sofia. Eu esperava que ela

O celular de Strike tocou: era Lucy. Strike recusou a ligação e continuou a ler a mensagem de Robin.

dissesse que Sofia nunca teria nada a ver com um roubo, mas ela ficou em silêncio, depois voltou a falar pedindo mais detalhes. Eu disse que não me sinto confortável fazendo isso por telefone, que preferia conversar pessoalmente. Eu enviei para ela provas de que sou realmente quem estou dizendo ser.

Seu celular tocou pela segunda vez: Midge. Dessa vez, ele atendeu.

— Oi, o que aconteceu?

— *A porra da Kim!*

— O que tem ela?

— Ela acabou de me dar uma *porra* de uma bronca por eu não fazer anotações direito! Eu também sou ex-policial, *porra*, não preciso que ela me diga como cuidar da *porra* dos meus arquivos! Estou te contando agora, caso ela chegue correndo para falar com você. Eu acabei de dizer para ela ir à merda.

— Ótimo — disse Strike, com muito menos sinceridade do que tinha dito a

mesma palavra cinco minutos atrás, antes de lembrar que deveria providenciar uma folga para Midge.

— Olhe, desculpe, mas é a *porra* do jeito dela — falou Midge furiosamente. — Ela não é a porra do chefe de…

— Vou conversar com ela — interrompeu Strike. — Não posso falar agora. Preciso fazer uma ligação.

Ele desligou e voltou à mensagem de Robin.

Minha impressão é que ela está preocupada e quer saber o que eu sei. Estou esperando para saber se ela está disposta a um encontro.

Strike largou o sanduíche, prestes a responder, quando seu celular tocou pela terceira vez: Kim. Ele atendeu.

— Oi — falou Kim. — Desculpe por isso, mas Midge e eu acabamos de ter uma discussão.

— Fiquei sabendo.

— Olhe, eu sou apenas obcecada por manter arquivos atualizados. A questão é que não estamos chegando a lugar nenhum com Plug, e investigar seus amigos parece ser nossa melhor pista. Midge faz as coisas um pouco às pressas…

— Eu nunca achei que ela fizesse as coisas às pressas — declarou Strike, o que era verdade, embora ele às vezes tivesse motivo para achá-la insubordinada. — E há maneiras de se comunicar com colegas sem dar a impressão de que você se acha superior a eles.

Ele olhou para a hora na tela do computador: tinha três minutos até a chamada com Zacharias Lorimer.

— Se ela não gostou de meu tom, desculpe — disse Kim. — Acho que só fico hiperfocada no trabalho e quero todo mundo a pleno vapor.

— Cabe a mim e a Robin decidir se os terceirizados estão a todo vapor.

— Está bem, entendido. Vou pedir desculpas. Para ser totalmente honesta com você, eu estava ficando puta com ela, porque ela não parava de falar naquela merda de história dos jornais, você sabe, aquela coisa sobre você e Candy…

— Um pedido de desculpas deve resolver as coisas — disse Strike com firmeza, embora não tivesse gostado do que acabara de ouvir.

— Vou ligar para Midge agora. Na verdade, se você tiver um instante, eu

queria explicar a você a mensagem que enviei na noite de Natal. Eu fiquei muito constrangida. Você está logo acima desse cara chamado Stu na minha lista de contatos, ele está me infernizando, querendo sair comigo desde que descobriu que eu me separei do Ray…

— Não importa. Preciso ir.

Ele desligou, totalmente irritado, perguntando-se se Midge estava mesmo obcecada por aquela maldita reportagem. Ela tinha o hábito de expressar com veemência comentários sobre a vida pessoal dele; Strike se lembrava muito bem dela reclamando sobre "aquela com os peitos falsos", depois que seu caso extremamente imprudente com Bijou Watkins apareceu na *Private Eye*. Então, ao perceber que era exatamente uma e meia, ele abriu depressa o FaceTime e digitou o número no Post-it que Pat tinha deixado ao lado de seu teclado.

Zacharias Lorimer atendeu após alguns toques, e Strike se viu diante de um jovem com cabelo louro farto e ondulado, a pele de coloração rosa-amarronzada, semelhante a um presunto, típica de anglo-saxões expostos ao sol forte. Ele estava sentado no que parecia ser algum tipo de chalé elegante com paredes de madeira. A luz ofuscante do sol entrava pelo que aparentava ser uma janela a sua direita. Ao fundo era possível ver a extremidade de uma grande pintura de leoa e uma bandeja de bebidas bem abastecida, sugerindo que Zacharias não estava vivendo mal no Quênia, embora sua camisa cáqui indicasse vagamente algum tipo de ocupação como guarda florestal.

— Oi — disse ele, antes que Strike pudesse falar. — Você é Cormoran, certo?

— Sim, o próprio — confirmou Strike. — Obrigado por retornar…

— Tudo bem — disse Zacharias vigorosamente. — Olhe, eu não sei onde o Rupert está, beleza? Eu *disse* para Decima que não sei onde ele está, então isso é tudo o que eu tenho a dizer, ok?

— Certo, isso está bem claro — rebateu Strike, que reconhecia uma pessoa presunçosa quando via uma, então mudou de tática. — Você disse isso à polícia?

— O que você quer dizer com isso?

— Você viajou para o Quênia antes que eles entrassem em contato com você, não foi? — perguntou Strike.

— O quê? — disse Zacharias, olhando para fora da tela com olhos levemente injetados.

— Eu presumi… Mas tudo bem, se eles ainda não localizaram você…

— Do que você está falando? Por que a porcaria da polícia iria querer falar comigo?

— Você quer dizer, além da dívida de drogas?

Strike percebeu que Lorimer esperava que ele não soubesse sobre seus negócios com Dredge, porque sua pele queimada de sol ficou com manchas vermelhas. Também deduziu que Lorimer não fosse uma pessoa lá muito brilhante, porque, depois de uma pausa longa, ele disse em um tom de voz que mal fingia confusão e desafio:

— Do que você está falando?

— Dredge. O traficante a quem você ficou devendo por um quilo da melhor cocaína colombiana.

— Eu não…

— Eu não estou nem aí para a cocaína — cortou Strike. — Mas se você preferir falar com a polícia do que comigo, podemos encerrar por aqui.

Ele estendeu a mão, como se fosse fechar o FaceTime, e Zacharias disse:

— Espere!

Strike recuou.

— Ninguém entrou em contato comigo, só você, está bem? — revelou Zacharias, agora parecendo em pânico.

— Olhe — disse o detetive com um ar cuidadosamente calculado de circunspecção. — Eu só quero informações sobre Rupert. Se a polícia achar que estou me metendo nas investigações deles ou alertando suspeitos…

— O que você quer dizer com "suspeitos"? Por quê? Suspeito de quê?

— Quando você foi para o Quênia?

— Por quê?

— Porque se você partiu depois que o assassinato estava em todos os noticiários britânicos, não posso ser acusado de lhe dar detalhes que você já sabe.

— Eu… O quê? — disse Zacharias, nitidamente abalado. — Espere… isso é aquela coisa da loja de prataria?

— Como você sabia disso? — perguntou Strike rispidamente, como se Zacharias tivesse alguma informação privilegiada suspeita.

— Porque Decima disse alguma coisa sobre isso, mas é totalmente ridículo, eu procurei na internet, e a polícia descobriu que foi um ladrão…

— Aconteceram outras coisas desde então, mas eu provavelmente não

deveria… De qualquer forma, obrigado por seu tempo.

Mais uma vez, Strike estendeu a mão para fechar a janela.

— Espere aí! Eles… o quê? Eles acham mesmo que aquele corpo era de Rupert? Isso é simplesmente… é um absurdo! — disse Zacharias, agora totalmente em pânico.

— Você tem uma razão concreta para achar isso? — perguntou Strike. — Você esteve em contato com ele depois que o corpo foi encontrado?

— Não, mas isso não… *não pode* ter sido ele!

— Você sabia que Rupert tinha um antigo navio de prata que queria vender?

— Não — respondeu Zacharias, parecendo realmente confuso.

— Ele o roubou porque precisava de dinheiro para tirar Dredge da cola dele, depois que você fugiu para o Quênia.

— Eu nunca mandei ele roubar nenhum maldito navio de prata! — disse Zacharias, agora ficando lentamente roxo. — Se ele roubou, foi por conta própria.

Ele estendeu a mão para fora da tela e pegou um copo do que podia ser água ou gim e deu um gole grande.

— Então é novidade para você que Rupert pode ter tido a cabeça esmagada porque você não pagou suas dívidas?

— Eu nem sei quem é esse Dredge…

— Não tente me enrolar. Nós dois sabemos que você não está no Quênia pela paisagem. Quando foi a última vez que você teve notícias de Rupert?

— Desde que nos mudamos da nossa casa.

— Alguma ideia de para onde Rupert pode ter ido, se ele não era o corpo no cofre da loja de prataria?

— Não sei… de volta para a Suíça, talvez, como instrutor de esqui ou alguma coisa assim? Ele fala alemão e italiano. Isso é o que *eu* teria feito se fosse ele.

— Provavelmente não há muita demanda para instrutores de esqui em maio, que foi a última vez que temos certeza de Rupert ter sido visto — informou Strike.

— Ele poderia ficar com a tia e o tio em Zurique antes do início da temporada.

— A tia diz que Rupert está em Nova York.

— Bem, então provavelmente ele está.

— Ele alguma vez falou com você sobre arranjar um emprego em Nova York?

— Não, não que eu me lembre… Olhe, se ele fugiu para algum lugar, isso não tem nada a ver comigo, está bem? — disse Lorimer. — Eu nunca o fiz roubar nada! Ele estava todo empolgado com aquele relacionamento estranho; ela tem quase quarenta, aquela tal de Longcaster! Acho que ele tinha a porra de um complexo de Edipido ou algo assim.

— Complexo de Edipido?

— É, você sabe, quando você quer transar com a própria mãe — explicou Zacharias — Eu estou lhe dizendo, ele já estava pirando antes de eu dar no pé. Rasgava roupas e outras coisas.

— O que você quer dizer com rasgava…

— Tish não contou a você sobre isso? — perguntou Zacharias com um esgar.

— Tish é sua namorada?

— Ex-namorada. Ela provavelmente sabe onde ele está, vá perguntar a ela. No fim, eles ficaram muito próximos.

— Eles estavam romanticamente envolvidos?

— Não — falou Zacharias com a expressão fechada, mas Strike desconfiou de um tipo diferente de traição; talvez os dois tivessem se unido pelo medo que ambos sentiam de se tornar o alvo da vingança de Dredge.

— Qual o sobrenome da Tish?

— Benton, Tish Benton — respondeu Zacharias com uma rapidez que sugeria uma esperança vingativa de que Strike redirecionasse sua atenção enervante para sua ex.

— Você tem o telefone dela?

— Não o atual.

— Alguma ideia de onde ela esteja morando?

— Não — disse Zacharias. — Tente os pais dela, eles vivem em Hampshire.

Strike fez uma anotação, então disse:

— O que foi que você disse sobre Rupert rasgar as roupas?

— Não as *roupas* dele — disse Zacharias, como se tivesse sido Strike quem dissera isso, não ele. — Só aquela maldita camiseta da sorte idiota que ele costumava usar o tempo todo. Ele a rasgou. Como, você sabe, um grande gesto, eu acho. Para obter mais simpatia de Tish — escarneceu ele.

— Quando Rupert rasgou a camiseta?

— Não sei, pouco tempo antes de eu partir…

Zacharias olhou para alguma coisa fora da tela, possivelmente um patrão que se aproximava, porque em seguida ele disse:

— Preciso ir, tenho trabalho a fazer.

— O que você está fazendo aí? — perguntou Strike

— Hospedagem para turismo ecológico — respondeu Zacharias rispidamente.

Era, pensou Strike, o equivalente do século XXI de enviar um filho problemático para as colônias. Provavelmente, a facilidade com que a família de Zacharias lhe conseguiu uma sinecura confortável estaria ligada à sugestão casual de que Rupert Fleetwood poderia ter desaparecido nos Alpes para se tornar instrutor de esqui.

— Posso fazer uma última pergunta?

— O quê? — disse Zacharias de maneira rude.

— Você ou Rupert conhecem um homem chamado Osgood ou Oz?

— Não.

— Já ouviu Rupert mencionar alguém com esse nome?

— Não — repetiu Zacharias.

Strike ouviu uma porta se abrir fora da tela.

— Eu tenho que ir — falou Zacharias apressadamente. Ele se inclinou para a frente, apertou um botão e desapareceu.

O detetive se encostou na cadeira, de cenho franzido para a tela vazia, então olhou para suas anotações.

Tish Benton sabe mais?

Fleetwood fala italiano e alemão.

Destruiu camiseta da sorte.

Ele duvidava de que essas informações fossem solucionar o caso, e precisava fazer alguma descoberta, porque a despesa da investigação crescente estava ficando cada vez mais alta. Ainda havia uma viagem para a Escócia e para Ironbridge à frente, e Strike não tinha se esquecido de que o restaurante de Decima parecia estar em dificuldades. Depois de arrancar a página do caderno, ele se levantou, desdobrou as abas de madeira do quadro de cortiça e prendeu essas notas esparsas embaixo da foto de Rupert Fleetwood.

Havia um acréscimo ao quadro desde a última vez que ele o havia visto, nitidamente feito por Robin quando passou pelo escritório. Era um print do artigo que ela tinha encontrado online e enviado para Strike. Estava relacionado a uma mulher sueca chamada Reata Lindvall, que tinha sido assassinada com a filha de seis anos na Bélgica em 1998. Seu ex-amante havia sido considerado culpado dos crimes e foi condenado à prisão perpétua.

Strike já tinha respondido a mensagem de Robin sobre Lindvall com um neutro "vale a pena ter em mente", mas não queria encher o quadro com coisas que, em sua opinião, tinham apenas um remoto valor especulativo. Todos os seus candidatos atuais a William Wright eram crianças quando Lindvall foi assassinada e nenhum deles tinha qualquer ligação conhecida com a Bélgica. Se qualquer outro detetive da agência tivesse prendido o parágrafo ali, Strike o teria removido, mas, como tinha sido Robin, ele o manteve, por enquanto.

Com o café na mão, Strike recuou um passo e examinou o padrão formado pela maioria das anotações, que ele havia organizado em colunas abaixo de seus possíveis Wright. Não tinha qualquer intuição sobre nenhum deles, nenhuma certeza subjacente de que *ali* estava seu homem; ainda parecia extremamente provável que William Wright tivesse sido uma pessoa totalmente diferente.

Voltou para sua mesa, pegou o celular e ligou para Robin. Ela atendeu, e Strike ouviu que ela estava dirigindo.

— Onde você está?

— A sra. Duas-Vezes está em Chelsea — informou Robin.

— Bem, eu só queria dizer que foi um trabalho muito bom com Schiff. Se ela…

— *Merda!*

— Qual o problema?

— É a embreagem dessa droga de carro alugado, está sempre prendendo.

— Você já deu uma olhada em um Land Rover novo?

— Já, mas não há nada que eu, de forma realista, possa pagar, nem mesmo se a empresa ajudar — disse Robin, que parecia tensa. — Desculpe, Strike, vou ter que me concentrar; o trânsito está ruim, e essa droga de embreagem…

— Tudo bem, nos falamos dep…

Robin desligou.

Strike tornou a sentar-se diante do computador e pegou o café agora frio e seu

cigarro eletrônico, pensando em como não era nada prático a empresa continuar a alugar carros para Robin. Em sua cabeça, o Land Rover estava associado a muitas viagens significativas, piadas, comidas compartilhadas e longas conversas. Alguns de seus melhores momentos juntos tinham sido naquele carro velho e frio, com seu chacoalhar cada vez mais persistente e a lata no porta-luvas servindo de cinzeiro para ele.

Strike pegou novamente o celular e ligou para Lucy.

— Acabei de ver que perdi uma ligação sua mais cedo.

— Ah, estou muito feliz por você ter ligado de volta — disse a irmã, parecendo tão estressada quanto estivera nas últimas duas vezes que eles tinham se falado. — É a casa. Greg está *insistindo* que esperemos por mais, mas acabei de falar com o corretor. Os Smith definitivamente não podem subir mais…

— Sabe, eu estava pensando — começou Strike, jogando baixo — sobre o que Ted e Joan teriam desejado.

— Greg diz que eles teriam desejado que obtivéssemos o máximo possível — disse Lucy.

Aposto que ele diz isso.

— Sabe, para o futuro dos meninos — acrescentou Lucy apressadamente —, e para nós, imagino.

— Você acha mesmo que eles ligariam mais para o dinheiro do que para quem vai se mudar para lá? — questionou Strike. — Sei que vamos conseguir empurrá-la para alguém de Londres procurando uma casa de veraneio…

— Eles não iam querer isso — retrucou Lucy. — Não. Eles teriam preferido que fossem pessoas locais.

— Bem, exatamente. Quantos anos você disse que os filhos dos Smith têm?

— Seis e oito, eu acho.

— Seria como Ted, Joan e nós dois de novo — disse ele, sem nenhum constrangimento.

Lucy emitiu um pequeno ruído que ele desconfiou que indicasse lágrimas.

— Olhe, a decisão é sua — disse ele. — Se você preferir esperar por mais dinheiro…

— Não, você tem razão, você tem toda a razão — concordou Lucy com a voz embargada. — É *isso* o que eles teriam desejado, que ela continuasse sendo o lar de uma família. Eu tenho pensado nisso o tempo todo, mas Greg… Não, eu já

me decidi. Quero que a casa fique com os Smith.

— Bem, eu concordo — falou Strike. — Acho que Ted e Joan ficariam satisfeitos. Eles não eram pessoas mercenárias.

— Não — disse Lucy, e assoou o nariz. — Você tem razão, eles não eram. Obrigada, Stick, isso, honestamente, tira um peso da minha cabeça. Eu andava muito estressada com isso. De qualquer forma, como você es…

— Estou ótimo. Desculpe, Luce, preciso desligar, estou em um serviço. Me mantenha informado sobre os Smith.

Ele desligou. Com o dinheiro da venda da casa da Cornualha em sua conta, ele não apenas estaria livre do fardo de manter um olho no local a mais de quinhentos quilômetros de distância, como também poderia oferecer a Robin um empréstimo pessoal para comprar um Land Rover novo. Agora um pouco mais animado, ele se pôs a trabalhar para tentar localizar os detalhes de contato de Tish Benton.

45

Devagar, devagar e suavemente, onde ela estava,
Ela afunda no chão; — seu capuz
Tinha caído; seus braços estendidos
Ainda seguram a mão de seu amado; sua cabeça
Está curvada, meio enterrada na cama.

Matthew Arnold
Tristão e Isolda

Robin estava aliviada por ter um projeto em que focar no momento, algo em que concentrar suas energias, de forma que não fosse mais possível se preocupar com assuntos pessoais: tentar convencer Gretchen Schiff, antiga colega de apartamento de Sofia Medina, a se encontrar com ela.

A página de Medina no OnlyFans tinha desaparecido da internet, supostamente por ordem de sua família, então Robin não conseguiu ver nenhum dos homens que pudesse estar pedindo por contato no mundo real. Gretchen era, portanto, sua melhor esperança de obter mais informações sobre Sofia. Havia grandes intervalos entre as mensagens de Robin e as respostas de Gretchen, mas Robin estava cada vez mais convencida de que tinha, como ela colocou para Strike, "alguma coisa aí". Embora a desconfiança de Gretchen e sua falta de disposição para conversar pudessem ser explicadas pelas consequências traumáticas de saber que sua colega de apartamento tinha sido assassinada, a jovem ainda não havia descartado a ideia de que Sofia pudesse estar envolvida em um roubo, e essa omissão era tão sugestiva quanto a constante curiosidade de Gretchen para descobrir mais sobre o homem com o nome falso que Robin estava investigando.

Finalmente, para satisfação de Robin, a estudante concordou em se encontrar com ela na quinta-feira, escolhendo o Montagu Pyke, um pub em Wetherspoons,

como o local para a entrevista.

Uma chuva forte caía no dia marcado para o almoço. Robin estava em extremo alerta enquanto caminhava até o pub, olhando para trás com regularidade e tomando todas as medidas de contravigilância possíveis, entre elas atravessar a rua inesperadamente para ver se alguém entrava no trânsito atrás dela, mas estava confiante de que não havia sido seguida.

Ela ficou satisfeita quando saiu da chuva, mas o pub, pensou ela ao entrar, não era exatamente o que se poderia chamar de aconchegante ou reservado. Tinha sido um palco musical famoso e era grande o bastante para acomodar algumas centenas de pessoas, com teto em arco muito alto e paredes marrons, nas quais havia grandes cartazes de artistas que tinham se apresentado ali, entre eles The Who, Jimmy Hendrix e — os olhos de Robin foram atraídos imediatamente para a foto enorme — os Deadbeats, a banda do pai de Strike, com Johnny Rokeby de cabelo comprido em primeiro plano, com sua calça jeans boca de sino e jaqueta de couro aberta, sem camisa. Robin esperou que um grupo de jovens, que parecia estar com muita ressaca, pedisse coquetéis, comprou um café para si mesma e pegou uma mesa onde tinha uma visão clara da entrada.

Robin reconheceu Gretchen assim que ela entrou no pub, fechando um guarda-chuva molhado ao chegar. Era uma garota cheia de curvas, com cabelo farto e naturalmente dourado que caía sobre os ombros, pele pálida e olhos verdes límpidos. Ela não usava maquiagem, e seu suéter de lã grossa acrescentava alguns centímetros a seios já bem grandes.

Gretchen estava acompanhada por um jovem alto, magro e de aparência marcante, cujo cabelo estava preso em um coque, e que usava cavanhaque e óculos de armação redonda. Os dois compraram cervejas e, quando Gretchen avistou Robin, que tinha enviado sua fotografia para a estudante, ela murmurou algo para o rapaz, e os dois se dirigiram até a detetive.

— Oi — cumprimentou Robin quando eles chegaram aonde ela estava, sorrindo quando estendeu a mão, que Gretchen apertou, embora não tenha retribuído o sorriso. O rapaz ignorou a mão estendida de Robin quando ela lhe foi oferecida.

— Você é Robin? — perguntou Gretchen.

— Sou eu.

O inglês de Gretchen, como Robin soube em seu primeiro e único

telefonema, era praticamente sem sotaque, embora ela fosse austríaca.

— Esse é meu namorado, Max.

— Oi, Max — disse Robin quando o casal se sentou à sua frente. — Você também está na Universidade de West London?

— Estou.

— O que está estudando?

— Marketing digital — respondeu ele. Max tinha o ar de um homem determinado a não dar mais informação do que fosse estritamente necessário.

— Vocês gostariam de comer alguma coisa? — perguntou Robin, empurrando o menu na direção deles, mas os dois balançaram a cabeça. Max não tinha tirado a bolsa carteiro do ombro. — Bem, como já expliquei para você, Gretchen, nossa agência está investigando um roubo — começou Robin.

— Por que *você* está investigando? — Max quis saber. — Por que não a polícia?

— A polícia também está investigando — rebateu Robin.

Poderia ser verdade, pensou Robin. Alguém na Metropolitana poderia ter voltado à St. George's Avenue e pedido a Daz e Mandy mais detalhes sobre as pessoas que tinham entrado no quarto de Wright e saído carregando malas.

— Mas quem nos contratou não acha que eles estão levando isso com seriedade suficiente, porque os objetos roubados não eram muito valiosos — continuou Robin.

Isso, também, poderia ser verdade: tudo o que Robin poderia garantir que estava no quarto de William Wright eram seus pesos, e o terno e os óculos que ele usava para trabalhar na Ramsay Silver.

— Então por que você quer saber de Sofia? — perguntou Max, cujo sotaque era muito mais forte do que o da namorada.

— Uma garota foi vista entrando e saindo do quarto que foi roubado na sexta-feira, dia 17 de junho. Ela tinha cabelo preto comprido e usava uma roupa muito parecida com a que Sofia estava usando quando foi encontrada. Depois, um homem de cabelo escuro e encaracolado entrou no quarto, nas primeiras horas da manhã seguinte. Nós achamos que os dois partiram em um carro prateado.

À menção do homem de cabelo encaracolado, Max ficou sem expressão, e Gretchen pegou de repente a garrafa de cerveja e deu um gole desajeitado.

— Mas obviamente — disse Robin, disfarçando a onda de empolgação que

tinha acabado de sentir — muitas mulheres têm cabelo preto comprido e usam blusas cor-de-rosa. Só que o fato de uma garota, que bate com a descrição de Sofia nessas circunstâncias tão incomuns, ter sido vista apenas vinte e quatro horas antes de ela ter sido encontrada morta fez com que nos perguntássemos se havia uma conexão.

A pausa que se seguiu deveria, pensou Robin, ter sido cheia de protestos — "Sofia nunca participaria de um roubo", "não pode ter sido ela", "você encontrou a pessoa errada" —, mas os dois estudantes ficaram sentados imóveis, sem olharem um para o outro. Mesmo assim, Robin quase podia ver as comunicações invisíveis circulando entre eles. *E agora? Diga alguma coisa. Qualquer coisa.*

— Mas como você diz — falou Max por fim —, há muitas mulheres com essa aparência, com cabelo comprido e tal. E eu não acho que ela estaria envolvida com uma coisa dessas. — Ele se virou de um jeito um tanto artificial para olhar para a namorada. — Estaria?

— Não — disse Gretchen. — Eu acho que não.

— Você conhecia Sofia bem, Gretchen? — perguntou Robin.

— Conhecia — respondeu ela, mas acrescentou rapidamente: — Mas só porque dividíamos o apartamento. Eu anunciei no mural da faculdade, e ela se candidatou. Nós tínhamos amigos diferentes.

— Você gostava dela?

— Por que importa se Gretchen *gostava* dela? — perguntou Max com arrogância.

Robin o ignorou e se dirigiu a Gretchen outra vez.

— Algum dos amigos homens dela tinha cabelo escuro encarac…?

— Não — disse Gretchen, depressa demais.

É, pensou Robin, era certamente o homem de cabelo escuro e encaracolado que estava preocupando o casal.

— Mas vocês não tinham o mesmo círculo de amizades — comentou Robin. — Então vocês talvez não soubessem se ela estivesse envolvida com alguém assim?

— Não — respondeu Gretchen, nitidamente se esforçando para manter um tom casual. — Talvez não.

— Eu li nos jornais sobre a conta de Sofia no OnlyFans. Você estava preocupada que ela estivesse facilitando demais para os homens descobrirem onde

ela estava…

— Não fui eu — disse Gretchen rapidamente. — Outra pessoa disse isso para os jornais. Não fui eu.

— O que uma conta no OnlyFans tem a ver com o roubo? — perguntou Max. — Não é ilegal postar seus próprios nudes. Isso não é crime.

— Não, claro que não é — concordou Robin e, se dirigindo a Gretchen outra vez, perguntou: — Você alguma vez ouviu Sofia mencionar um homem chamado William? William Wright?

— Não, eu nunca a ouvi falar de nenhum William — respondeu Gretchen.

— Villiam, não, *eu* também nunca ouvi ela falar esse nome — acrescentou Max.

— O que *você* achava de Sofia, Max? — perguntou Robin. Se ele quisesse falar, que falasse.

— Eu só a conhecia porque elas dividiam o apartamento — disse ele, mas não resistiu a acrescentar: — Ela era uma garota festeira.

— *Sag das nicht* — murmurou Gretchen.

— Não tem nada de errado em ser uma garota festeira — disse Max para a namorada. — Ela era assim, só isso. Ela me mostrou seus, como se diz? *Requisiten* — disse ele para Gretchen. — Da primeira vez que eu fui ao apartamento dela. As perucas e coisas assim.

Diante da expressão educadamente curiosa de Robin, Gretchen murmurou:

— Ele está falando dos acessórios dela.

— Acessórios? — questionou Robin com voz inexpressiva, então ela percebeu o que isso significava e disse: — Ah, para as fotos que ela publicava na rede?

— *Ja* — disse Max. — Brinquedos sexuais e perucas e coisas assim.

— Certo — falou Robin. Ela se voltou para Gretchen. — Imagino que a polícia tenha perguntado a você sobre tudo isso.

— Perguntou — confirmou Gretchen.

— E a vida amorosa de Sofia?

— É — disse Gretchen com relutância. — Ela era popular.

— Ela estava sempre com homens — comentou Max. — Todo mundo sabe disso.

— Ela tinha um namorado em particular?

— Não… não — respondeu Gretchen. — Eu acho que não.

Será que Gretchen havia sido tão evasiva também com a polícia, ou sua fala hesitante tinha sido atribuída ao choque ou a um inglês ruim?

— Sofia alguma vez disse a algum de vocês que ela se sentia ameaçada ou estava preocupada com algum dos homens que visitavam seu perfil no OnlyFans? — perguntou Robin.

— Ela estava gostando da atenção, não estava com medo — respondeu Max.

— Então você nunca viu Sofia com um homem com cabelo escuro e encaracolado? — perguntou Robin a Gretchen, mas Max respondeu por ela outra vez:

— Gretchen já disse que não. Ela contou à polícia tudo o que sabe.

— Eu não conheço todo mundo que Sofia conhecia — falou Gretchen. — Eu contei isso à polícia. É como Max diz: havia muitos homens diferentes.

— Você alguma vez soube que ela tinha roubado algum…?

— Não — disse Gretchen.

— Tem certeza? — insistiu Robin.

— Ela podia… se esquecer de devolver coisas — revelou Gretchen, hesitante. — Mas isso não é como roubar o apartamento de alguém.

Como ser amistosa não estava levando Robin a lugar nenhum, ela concluiu que havia necessidade de uma mudança de tom.

— Por que você concordou em se encontrar comigo, Gretchen? — perguntou ela, agora sem sorrir.

— Porque… eu queria saber do que isso se tratava.

Robin pôde ouvir a tensão na voz dela. Ela também podia dizer que Max estava ansioso para afastar a namorada dessa mulher perigosa, para que recuassem e pensassem em seus próximos passos. Robin decidiu que um blefe era a única saída.

— Gretchen, nossa agência tem bons contatos na polícia. Eles já sabem que Sofia estava andando com um homem que tinha cabelo escuro e encaracolado. Foi assim que ligamos Sofia com a dupla que roubou o apartamento em Newham. Acho que você sabe quem é esse homem e acho que você também sabe que Sofia estava com ele no fim de semana em que foi morta.

— Como Gretchen pode saber com quem Sofia estava? — falou Max, com raiva. — Ela não estava lá. — Ele se levantou. — *Lass uns gehen* — disse ele para a namorada.

Gretchen começou a se levantar.

— Infelizmente vou ter que contar à polícia que acredito que você tenha escondido informações deliberadamente — declarou Robin.

Gretchen desabou na cadeira, como se suas pernas não aguentassem seu peso. Max se abaixou para sussurrar no ouvido da namorada:

— *Du solltest mit einem Anwalt reden!*

Robin, que tinha estudado alemão por três anos na escola, pareceu se lembrar da palavra "Anwalt" de quando estava aprendendo o nome de diversas profissões. Ao ouvir as palavras do namorado, a expressão de Gretchen desmoronou. Escondendo o rosto nas mãos, ela começou a chorar.

— *Ich hätte es sagen sollen!*

— *Dann geh zurück zur Polizei!* — falou Max com raiva, e Robin deduziu pela última palavra dita por ele à namorada que era à polícia que ela deveria dar qualquer informação que tivesse, e não a Robin.

— Você não precisa me contar o que sabe — disse Robin. — Mas você *deveria* contar à polícia, se sabe alguma coisa sobre esse homem. — Então Robin mudou de abordagem outra vez, tornando-se reconfortante. — Tenho certeza de que você não vai se meter em nenhum problema. As pessoas esquecem coisas, e depois sua memória se aviva…

Gretchen continuava chorando. Max sentou-se outra vez e pôs uma das mãos de maneira hesitante nas costas dela, murmurando em alemão. A garota sacudiu a cabeça, com ombros trêmulos, o rosto ainda escondido. Quatro jovens em uma mesa próxima, que dividiam um jarro de um líquido roxo, olhavam fixamente para a cena. Robin lançou um olhar hostil na direção deles, que se voltaram depressa para o jarro de coquetéis.

— Me conte mais sobre Sofia — pediu Robin, julgando ser melhor deixar de lado o assunto do homem de cabelo encaracolado por enquanto.

Gretchen ergueu os olhos. Seu rosto triste marcado por lágrimas parecia infantil agora. Ela limpou o nariz na manga do suéter.

— Ela era… o que Max disse — murmurou.

— Uma garota festeira? — falou Robin com delicadeza. — Bem, ele está certo, não há nenhum mal nisso, há?

Ainda acariciando as costas da namorada, Max disse entre lábios cerrados:

— *Sag nichts anderes. Sie hat keine Autorität.*

— Eu posso não ser policial — disse Robin —, mas nós trabalhamos muito próximos da polícia, e continuar a esconder o que você sabe…

— Ela queria um *sugar daddy* — disse Gretchen bruscamente.

Robin não precisava saber nada de alemão para reconhecer que Max tinha acabado de xingar em voz baixa. Começou, então, uma discussão em sua língua natal, Max falando em um sussurro raivoso, Gretchen chorando, a voz ficando cada vez mais aguda. Várias palavras eram recorrentes: *Polizei, Anwalt* e *Lüge*, a última das quais Robin estava certa de que significava "mentira".

— *Weil die Polizei es bereits weiß!* — Gretchen finalmente disse para o namorado e, apelando a Robin, falou: — Eles já sabem, a polícia, certo? Eles sabem que ela conhecia o homem de cabelo encaracolado?

No estresse da situação, seu sotaque inglês impecável estava se deteriorando.

— Eles sabem, sim — disse Robin. *E se eles não ouviram quando contamos a eles que ele esteve na casa de Wright, vão ouvir agora.*

— Está vendo? — disse Gretchen desesperadamente para o namorado. — *Eles já sabem!*

— Me fale sobre esse homem — pediu Robin — Onde Sofia o conheceu?

— No… no OnlyFans — respondeu Gretchen.

Robin pegou o caderno da bolsa. Seus dois entrevistados pareceram assustados ao vê-lo, mas tinham ido fundo demais para fugir.

— Por quanto tempo eles estiveram juntos?

— Só… um mês, algo assim, antes de ela morrer. Ela disse que o *amava.*

— Non era *amor* — disse Max com impaciência. — Ela gostava do dinheiro dele.

— Ele é rico — contou Gretchen a Robin. — Deu a Sofia um colar de rubis… rubis de verdade…

— Você tem certeza de que eram de verdade? — perguntou Robin, fazendo anotações.

— Tenho, porque ela levou o colar a um joalheiro, e ele disse que eram verdadeiros.

— Ela estava usando esse colar na última vez que você a viu?

— Ela o usava o tempo todo — informou Gretchen enquanto Robin escrevia. Não havia nenhuma menção a um colar de rubis no corpo encontrado nos North Wessex Downs.

— Você chegou a conhecer o sujeito, Gretchen?

— Não. Eu não queria que ela o levasse ao apartamento, não queria nenhum homem do OnlyFans ali. Ela disse que ele era da indústria musical…

Uma segunda onda de empolgação atravessou Robin.

— … mas ele fez coisas ruins quando era novo.

— Que tipo de coisas ruins?

— Não sei. Sofia achava que isso o tornava mais…

— Excitante? — sugeriu Robin, e Gretchen assentiu antes de dizer, arrasada:

— E ela o *levou* ao nosso apartamento, e eu soube, porque o vi saindo do prédio quando estava chegando em casa. Eu o vi à distância, um homem tipo… como você disse, com cabelo escuro encaracolado, e ele era mais velho, e eu soube que era ele. E eu falei: "Você trouxe O… você o trouxe aqui, não foi?"

Robin resolveu ignorar momentaneamente o "O", mas, antes que ela pudesse fazer a pergunta seguinte, Gretchen começou a chorar novamente.

— Eu não queria que sua família soubesse que ela estava com um homem casado! Eles são religiosos, são bem velhos! Foi por isso que ela quis vir para o Reino Unido estudar, para escapar deles! Ela era… inocente. Ela era — disse ela para seu namorado raivoso, que tinha aberto a boca para falar outra vez. — Ela fez todas essas coisas, com as fotos online, mas ela era…ingênua. Infantil. Ela queria viver na fantasia… O… ele disse a ela para não contar a ninguém que estava com ele, porque ele era casado e tinha um filho, mas ela me contou. Ela estava empolgada com tudo aquilo, não conseguia se conter. Ela queria me mostrar o colar…

— Sofia estava com ele no fim de semana em que foi morta? — perguntou Robin outra vez.

— Não sei — disse Gretchen, chorosa. — Mas acho que sim. Ela disse que ia para um lugar especial. Ele viajava muito, então achei que talvez eles fossem para o exterior, mas ela ficava rindo disso como se fosse… uma travessura ou algo assim, então eu achei que talvez ele fosse levá-la para a casa dele, porque sua mulher estaria fora. Eu não gostei disso, não achei que ela deveria… não com um homem casado e com filho, isso não era certo.

— Sofia contou a você onde esse homem morava?

— Ela disse que ele tinha uma casa grande no campo, com piscina.

— Você se lembra de um condado, uma cidade?

Gretchen balançou a cabeça.

Robin pousou a caneta.

— Estou vendo que você é uma boa pessoa, Gretchen. Você tem moral. Estava preocupada com o que Sofia estava fazendo com aquele homem e nitidamente a estava protegendo

Gretchen fechou os olhos verde-claros como se não conseguisse aguentar olhar para Robin.

— E é por isso que eu sei que uma coisa séria deve ter impedido que você contasse sobre esse homem à polícia — continuou Robin.

— *Ja*, eu já disse isso a você… A família dela…

— Infelizmente, não acredito que tenha sido porque você queria proteger os pais dela de saber que ela estava tendo um caso com um homem casado — afirmou Robin. — Eles já sabiam que ela estava publicando nudes online por dinheiro. Enfim, se foi ele que assassinou a filha deles, você honestamente acha que eles não iriam querer que fosse apanhado?

Gretchen começou a chorar outra vez.

— Você tem medo dele? — perguntou Robin. — Tem medo que ele faça alguma coisa com *você*, se falar sobre ele?

Max agora estava olhando para o pôster dos Deadbeats. Ele tinha parado de tentar controlar a entrevista; a coisa que havia tentado impedir já tinha acontecido.

— Gretchen — chamou Robin, baixando a voz. — Esse homem também tem fotos suas?

Um leve movimento negativo com a cabeça foi a única resposta, mas os soluços de Gretchen aumentaram.

— Tem? — repetiu Robin em voz baixa e, dessa vez, Gretchen assentiu.

— S-Sofia… Ele ofereceu muito dinheiro a ela por algumas fotos de nós duas… Eu… eu estava bêbada. E no dia seguinte… eu quis que ela dissesse a ele para apagar, mas eu sei que ele ainda está com elas…

— A melhor coisa que você pode fazer agora é me contar o nome desse homem, e tudo mais que você conseguir se lembrar sobre ele — disse Robin.

— Mas as fotos vão acabar nos jornais. — Gretchen chorava.

— Se você é uma testemunha, há maneiras de protegê-la…

— Todo mundo vai *saber* que era eu, minha família, as pessoas na faculdade…

— Futuros empregadores — interveio Max, com raiva.

— As pessoas vão achar que eu faço coisas como essa o tempo todo. Eu não faço, eu nunca fiz, eu estava bêbada, e ela disse que eu podia ficar com metade do dinheiro…

— Você prefere que o assassino de Sofia escape impune? — questionou Robin em voz baixa. — Prefere que esse homem permaneça livre para assassinar outras garotas? Ou no fundo você acha que Sofia teve o que mereceu, por ser tola e gostar de colares de rubis?

— Não! — gritou Gretchen. — Eu *gostava* dela! Ela era engraçada e era… ela era doce…

— Então me conte tudo o que você sabe sobre esse homem — falou Robin, com firmeza.

— Ela não me contou nada, só falou do trabalho dele e que ele tinha uma esposa.

— E o nome dele? — Robin quis saber.

— Não era seu nome verdadeiro — disse Max com desdém. — Ele não usaria seu nome verdadeiro.

Mas Gretchen, que tinha coriza e lágrimas gotejando no queixo, sussurrou:

— Osgood. Calvin Osgood, mas ela o chamava de Oz.

Max deu um grande suspiro, passou o braço em torno dos ombros da namorada e disse:

— *Und jetzt rufen wir einen Anwalt an.*

— É — disse Robin, fechando o caderno. — Eu acho que chamar um advogado é uma boa ideia.

46

E como suas sombras nubladas
Sopradas pelo campo
Nós dois seguimos para sempre,
Mas não nós dois sozinhos.

A.E. Housman
XLII: The Merry Guide,
A Shropshire Lad

— Bem, tenho absoluta certeza de que não consegui nada que supere o que você conseguiu ontem — disse Strike quando Robin chegou ao escritório às onze horas na manhã seguinte. Eles iam almoçar com Decima Mullins no Quo Vadis, na Dean Street, e Strike tinha sugerido uma atualização rápida antes de se encontrarem com a cliente, não porque houvesse muito a dizer que já não tivesse sido comunicado por mensagem, e-mail ou telefone, mas porque ele continuava a aproveitar toda oportunidade para conversar em particular com a sócia.

Era outro dia frio, o céu cinza como fumaça, e Robin usava um vestido de tricô verde-floresta e botas pretas apropriadas tanto para o clima frio quanto para a escolha de restaurante da cliente. Strike, vestindo o único terno que atualmente cabia nele depois de um ano de dietas intermitentes, se conteve e não disse a Robin que ela estava bonita. Tudo isso poderia esperar pelo hotel em Lake District: até lá, ele achava melhor manter um profissionalismo absoluto.

— Então, quais você acha que são as chances de que Oz e Medina tenham limpado o apartamento de Wright?

— Elas estão ficando cada vez maiores — disse Robin, tentando soar animada.

O triunfo que ela tinha sentido logo depois de sua entrevista com Gretchen e Max ficou mesclado de ansiedade da noite para o dia. Mais uma vez, ela e Strike estavam de posse de informação que deveria ser passada à polícia. Strike dissera

que ia contar a Wardle, deixando Robin mais uma vez rezando para que o namorado não soubesse de onde esse conhecimento viera, mas ela tinha a sensação de que era apenas questão de tempo até que Murphy descobrisse o que eles estavam realmente fazendo.

— Mas nós ainda não temos o quadro completo, temos? — questionou Robin. — Se *foi* Oz quem limpou o apartamento de Wright, por que envolver Medina? Por que não o esvaziar sozinho? Por que teve que ser feito em duas etapas; por que voltar lá, depois que Wright estava morto?

— Eu tive uma ideia em relação a isso — disse Strike —, e se eu estiver certo, é porque Oz fez merda.

— Como?

— Acho que Medina deveria pegar qualquer coisa no quarto que pudesse levar à identificação de Wright, mas havia algo ali que ela não conseguiu carregar. Então Oz voltou para buscar isso, mas deixou cair na escada, sem conseguir aguentar. Wright comprou pesos *depois* de se mudar, lembra? E a menos que Oz o tenha visitado pouco antes que ele fosse assassinado, não tinha como saber que eles estavam ali.

— Mas por que importaria se os pesos fossem deixados lá? — questionou Robin. — A polícia já tinha o DNA de Wright, eles não tinham como impedir que ele fosse comparado.

— É exatamente aí que minhas especulações param. Eu não sei por que seria urgente levar os pesos, mas não consigo pensar em muitas outras coisas que uma mulher razoavelmente pequena não teria sido capaz de carregar, e que o próprio Oz teve dificuldade para erguer. Não acho que ele queria ter chegado nem perto do quarto de Wright, mas teve que fazer isso; e infelizmente para ele, Mandy estava acordada às cinco da manhã.

— Ainda não consigo ver por que ele precisou de Sofia Medina — disse Robin. — Ela era um problema; tinha falado com a colega de apartamento. E quanto a servir de isca, ela não poderia ser a namorada que Wright achava que estava indo morar com ele.

— Por que não?

— Porque a cronologia não bate — respondeu Robin. — Gretchen diz que Sofia só conhecia Oz havia um mês. Sofia poderia ser ingênua, mas não consigo vê-la ser oferecida para um segundo homem, quando o que ela queria era o

próprio Oz, ou seus rubis e seu estilo de vida *jet set*. Além disso, Wright precisaria ser absurdamente ingênuo para concordar que uma garota fosse morar com ele logo depois de conhecê-la, quando ele sabia que havia pessoas atrás dele.

— Ele não seria o primeiro homem a preferir não olhar para os dentes de um cavalo muito atraente — comentou Strike, com uma recordação dolorosa de Bijou Watkins nua. — Mas é, você tem razão, a linha do tempo não parece encaixar. Bom, se a polícia começar a investigar Oz e Medina, nós talvez consigamos ficar com algumas migalhas.

— Ainda estou tentando conseguir informação sobre aquela garota desaparecida que trocou mensagens com Oz online — revelou Robin. — Sapphire Neagle. Encontrei sua conta no Instagram e identifiquei uma amiga que talvez possa ajudar. Se eu conseguisse descobrir onde ela estuda, poderia tentar conversar com a amiga.

— Qualquer informação nova vai ajudar, se você puder conseguir — falou Strike, agora dirigindo a atenção para o monte de anotações sobre Wright e a Ramsay Silver reunidas no rodapé do quadro. — Porque, lamentavelmente, não consigo ver como tudo isso se encaixa, e parte disso tem que ser irrelevante. Nós também temos que encontrar um jeito de reduzir os Hussein Mohamed porque não temos mão de obra para bater em mais de cem portas por algo improvável. Enquanto isso, Midge diz que Jim Todd fez mais duas ligações de cabines telefônicas e andou na Linha Circular sem ir a lugar nenhum mais uma vez.

— Ainda estou interessada na mensagem que Pamela Bullen recebeu no dia do roubo e que a fez sair apressada da loja sem trancá-la.

— É — disse Strike, coçando o queixo. — Mas a polícia deve ter verificado isso e ficado satisfeita com o que quer que ela tenha dito a eles.

— Mesmo assim…

— Concordo. Eu também gostaria de esclarecer isso, mas ela já mentiu para você, e não consigo vê-la jogando limpo agora. Tenho dado uma checada em John Auclair, o colecionador de prata que estava lá quando o corpo foi descoberto, mas não vamos conseguir falar com ele em breve, porque…

— … ele está em Mônaco — completou Robin. — Eu sei. Vi na internet. Belo iate.

Strike bebeu um gole de chá enquanto dava as costas para o quadro para ficar de frente para Robin.

— Quer repassar todas as informações sobre nossos quatro candidatos atuais a William Wright?

— Está bem — concordou Robin.

— Vamos começar pelo último — disse Strike, apontando para a foto de Dick de Lion, com sua barriga sarada e pele alaranjada. — Eu não tive sorte com seu nome verdadeiro, mas tenho investigado lorde Oliver Branfoot. De acordo com Fergus Robertson, há boatos circulando no meio jornalístico sobre Branfoot há anos.

— Que tipo de boatos?

— Dizem, no círculo dos tabloides, que Branfoot é bissexual. Robertson me contou que Branfoot renunciou à vaga de membro do parlamento porque houve um incidente envolvendo um jovem estagiário. Aparentemente, o estagiário recebeu um belo suborno, porque ele se recusou a falar com a imprensa e se manteve calado desde então. Branfoot renunciou sob o pretexto de que sua mulher estava doente, e passou a se concentrar em seu *think tank* e em obras de caridade. Ele tem um interesse especial por rapazes problemáticos, projetos para jovens criminosos e por aí vai, e Robertson não acha que isso seja totalmente altruístico.

"Eu não contei a Robertson por que estamos interessados em Branfoot, mas ele não é estúpido; ele percebeu Branfoot desenvolver um interesse incomum, ultimamente, pelo negócio de detetives particulares. Eu pedi a ele que ficasse atento e lhe prometi o furo se conseguirmos qualquer coisa. Se… e esse é um grande 'se', mas, para efeito de argumentação… se Branfoot teve alguma coisa a ver com o corpo e se, um 'se' ainda maior, aquele bilhete cifrado merece crédito, e o corpo era de Dick de Lion, nós talvez tenhamos um motivo. De Lion estava chantageando Branfoot ou estava se recusando a ser subornado, como no caso do estagiário, então Branfoot decidiu se livrar dele. Mas dizer que não temos provas concretas do que aconteceu é o eufemismo do ano."

— Mas essa teoria *explicaria* o que Shanker contou a você — comentou Robin.

— Explicaria — concordou Strike. — E é por isso que perguntei a Robertson se Branfoot é maçom. Ele não sabe, mas pareceu animado com a pergunta, então espero que investigue um pouco para nós. Por outro lado — acrescentou Strike, virando-se para olhar para o quadro outra vez —, nossa viagem está chegando. Se

ouvirmos alguma coisa que sugira que era Semple ou Powell no cofre, Branfoot se torna irrelevante.

Robin, que experimentou outro de seus tremores inconvenientes ao pensar naquele hotel em Lake District, fez um esforço para parecer prática ao dizer:

— Jade Semple primeiro, então?

Houve uma batida na porta divisória, que se abriu imediatamente.

Ah, de novo não, pensou Robin quando Kim Cochran apareceu com uma cadeira dobrável.

— Ah, desculpem — disse ela. — Não achei que você fosse estar aqui esta manhã, Robin. — Ela se virou sorridente para Strike. — Acho que você vai gostar disso.

— De quê? — perguntou Strike, com um tom de voz tão pouco amigável quanto Robin poderia desejar.

— Eu obtive informações sobre os três homens que foram até a loja para assassinar Wright e… — Kim ergueu um grande envelope pardo. — Consegui fotos do corpo.

47

E o destino, seu curso seguindo em frente,
Jogou o navio do homem contra um recife invisível.

Robert Browning
The Agamemnon of Aeschylus

— Tenho trabalhado nesse cara que conheço há *semanas*, e ele finalmente entrou em contato ontem à noite — disse Kim, triunfante, armando a cadeira e se sentando.

Robin fervia de ressentimento por dentro. Não era apenas por Kim estar prestes a ofuscá-la (embora fosse, com certeza, em parte por isso); o tom de voz rude quando ela falava com Robin e o sorriso largo que reservava para Strike incomodavam.

— Está bem — disse Kim, abrindo o envelope pardo. — Não preciso dizer que se alguém souber que esse cara me deu cópias disso…

— Ninguém vai saber — garantiu Strike, estendendo a mão. Embora houvesse três fotos diferentes, Kim entregou o lote para Strike, e o ressentimento de Robin queimou um pouco mais. — Meu Deus. — Depois de examinar a primeira foto, ele a deslizou sobre a mesa para a sócia.

Os olhos arrancados eram escuros e aterrorizantemente vazios. Sangue seco, como batom aplicado por um bêbado, cobria a boca da qual os dentes tinham sido arrancados. Uma orelha tinha sido cortada; o outro ferimento ainda estava coberto pelo cabelo comprido e escuro. A faixa maçônica — preta e vermelha, com bordados em ouro que brilharam com o flash da câmera — estava disposta sobre um peito musculoso e sem pelos, com um bronzeamento artificial que não fora aplicado corretamente; havia manchas brancas embaixo dos braços. Entretanto, o tom de pele falsamente saudável não conseguia esconder as grandes

marcas de descoloração roxo-azuladas, que não eram hematomas, mas sinais de *livor mortis*. O pênis também tinha sido cortado, deixando outra ferida aberta escurecida. Os braços terminavam em cotos onde as mãos deveriam estar: Robin pôde ver ossos e tendões e se perguntou, sentindo-se um pouco enjoada, o que havia acontecido com as partes desmembradas do corpo. Enfiadas em sacos ou bolsos?

Ela expressara surpresa para Strike pelo fato de a imprensa não ter se interessado mais pelo que tinha sido feito com esse homem não identificado, depois que perceberam que ele era um criminoso. Agora, ela sentia uma leve pontada de culpa por também ter parado de pensar nele como um ser humano conforme o caso avançava. O corpo no cofre — a cena de crime tão estranha e deliberadamente montada, com a prata e a faixa, a improbabilidade daquilo tudo, a teatralidade — tinha reduzido o cadáver quase a um boneco de cera em sua mente, a peça central de um enigma estranho.

— A visão de trás — disse Strike, passando outra foto sobre a mesa para Robin.

Ela estava imaginando que a marca entalhada nas costas do homem fosse uma coisa pequena. Pelo contrário, a Cruz de Salem ia da nuca à divisão de suas nádegas. Montes de carne tinham sido removidos para fazer a cruz inclinada de três barras, lembrando Robin de um grande pedaço de bacon.

— A mutilação foi feita um bom tempo depois que ele foi morto — constatou Strike. — Não há sangue suficiente aqui para que tenha sido feita logo após a morte.

— Seus assassinos ficaram na loja por duas ho… — começou Robin.

— Ele foi atacado pelas costas, atingido na cabeça com um objeto pesado — interrompeu Kim. — A parte de trás do crânio está afundada. A autópsia disse que na verdade foi isso que o matou, o afundamento da cabeça. O sangue deve ter começado a se acumular na parte inferior do corpo antes que começassem a mutilá-lo. Talvez isso tenha sido deliberado. Talvez eles não quisessem que o sangue escorresse por baixo da porta do cofre.

— Não teria importado se tivesse escorrido, não havia ninguém lá no sábado nem no domingo — observou Strike. — Você sabe onde essa pegada estava em relação ao corpo? — perguntou ele, olhando para a terceira foto.

— Embaixo dele — respondeu Kim. — Eles a viram quando o levantaram.

— É mesmo? — disse Strike, franzindo levemente a testa ao entregar a última foto para Robin, que viu uma pegada leve e parcial no que tinha sido nitidamente sangue fresco. Ela percebeu algumas coisas na foto, mas, em vez de dizê-las na frente de Kim, perguntou:

— E os quatro homens que entraram na loja naquela noite?

— Eles não entraram — corrigiu Kim, olhando para Strike, e não para Robin. — Eles foram descartados. Aparentemente, todo mundo está se borrando de medo, e isso se deve em grande parte a você.

— O que eu tenho a ver com isso? — Strike quis saber.

— Meu contato diz que você deu a eles informação de um contato, um gângster pra valer ou algo assim, que disse que não era Jason Knowles no cofre. — Os brilhantes olhos castanhos de Kim estavam examinando o rosto de Strike em busca de uma reação, mas, diante da sua impassividade, ela acrescentou: — Então, não muito depois de você fazer isso, se é que é verdade, eles receberam confirmação do que você tinha dito. Meu contato diz que eles tiveram informações novas. Eu não sei de onde.

Do cara disfarçado da Agência Nacional de Crimes, pensaram Strike e Robin ao mesmo tempo.

— Aparentemente, Jason Knowles foi atraído para outro lugar achando que ia entrar numa casa para roubar, então ele não teve nada a ver com o trabalho no cofre de prataria, afinal de contas, e agora todo mundo está puto com você por estar certo.

— Como eles descartaram os quatro homens da Wild Court? — perguntou Strike.

— Bem, todo mundo está correndo para checar novamente tudo o que Truman fez, e eles voltaram ao vídeo dos quatro homens entrando na Wild Court vindos da Queen Street. Eu não sei exatamente o que aconteceu, mas eles finalmente os localizaram. Parece que eram quatro estudantes estrangeiros bêbados. Eles estavam perdidos, andaram a esmo pela Wild Court e tiveram algum tipo de discussão, então se separaram e finalmente encontraram o caminho de volta para o hostel. A polícia os isentou totalmente de qualquer envolvimento com o roubo, então agora o mistério é: como e quando Wright voltou para a loja se ele não era um desses quatro homens, porque eles não conseguem encontrar imagens que batam com ele em lugar nenhum. Além disso, havia algo sobre um

motorista de entregas chamado McGee, ou algo assim, ter ido a Dalston, mas eu não entendi direito o que meu contato disse sobre isso. Ele estava bem bêbado quando o encontrei — acrescentou Kim, com outro de seus risinhos.

— Dalston — repetiu Strike, fazendo uma anotação.

— É, ele foi até lá e voltou para a Old Street ou algo assim, mas, como eu disse, não sei como isso é relevante. Espero que você saiba — concluiu Kim, sorrindo para Strike.

Ela se recostou na cadeira, de pernas cruzadas e parecendo, como Robin achava que ela tinha todo o direito de estar, excepcionalmente satisfeita.

— Alguma novidade sobre aquele carro de fuga? — perguntou Strike. — O Peugeot?

— Ah, é, eu quase esqueci — respondeu Kim. — Eles acham que havia duas pessoas nele. Suponho que algum especialista conseguiu melhorar as imagens das câmeras de segurança que estavam realmente funcionando. Elas parecem ser de um homem e uma mulher.

— Certo — falou Strike. — Bem, parabéns, isso vai ser de grande ajuda.

— Não foi nada — disse Kim ainda sorrindo, mas não se levantou. — Hum, tudo bem se eu der uma palavrinha em particular com Cormoran, Robin?

Robin ficou surpresa ao ver como podia ficar mais irritada, mas, na verdade, a irritação ainda tinha muito espaço para crescer.

— É claro — disse ela, tentando parecer simpática quando ficou de pé. Ela achava que também deveria parabenizar Kim pela informação extra que tinha conseguido com a polícia, mas, como Kim tinha agido até então como se Robin fosse totalmente invisível, ela não conseguiu se forçar a fazer isso; simplesmente saiu da sala e fechou a porta às suas costas.

— Desculpe — começou Kim para Strike depois que Robin saiu —, mas eu achei que você provavelmente ia preferir que mais ninguém ouvisse isso.

— Ouvisse o quê?

— Bijou Watkins está sendo seguida pela agência de Farah Navabi por instrução de Andrew Honbold.

Strike apenas a encarou. A frase continha elementos que não pareciam se encaixar.

— Farah ainda quer que eu trabalhe com ela — contou Kim. — Ela ligou ontem à noite e me disse que você vai precisar abandonar os negócios por ter a

reputação destruída pela imprensa.

Ignorando uma sensação de queimação repentina por trás do umbigo, Strike disse:

— Andrew Honbold contratou Farah Navabi? A mulher que grampeou o escritório dele?

— Ela falou todas essas coisas sobre ele ser "um homem bom" no tribunal e chorou ao dizer como tinha sido coagida por Patterson, e ele engoliu tudo. Então, ele a contratou para seguir Watkins.

— Por quê? — Strike quis saber. — Por que ele mandou segui-la?

— Não sei, mas Navabi pareceu achar que isso poderia ser um problema para você.

— Tudo bem — falou Strike. — Obrigado pelo aviso.

Kim se levantou.

— E estamos bem por conta daquela história com Midge, certo?

— Sim, estamos — disse Strike, que só queria que ela fosse embora. — Estamos bem.

Kim saiu da sala. Robin reapareceu na porta.

— Está tudo bem? — perguntou ela, porque a expressão de Strike estava agora estranhamente fechada.

— É, tudo bem — disse Strike outra vez, conferindo o relógio. Eles ainda tinham um bom tempo antes do almoço com Decima. — Na verdade, você poderia me dar mais um momento? Eu preciso fazer uma ligação.

48

Na trilha pela qual a Lua viaja, há nove estrelas notáveis (…).

Albert Pike
Moral e dogma do rito escocês antigo e aceito da maçonaria

Robin se retirou de novo. Para seu desprazer, Kim estava demorando a sair do escritório, parada ao lado da porta e remexendo no conteúdo de sua bolsa a tiracolo. Como a cadeira de Pat estava vazia, Robin imaginou que ela estivesse no banheiro no patamar. Kim olhou ao redor e disse com um sorriso:

— Eu não queria fazer isso, mas ele precisava saber.

— Saber o quê? — perguntou Robin.

— Acho que eu não deveria dizer — respondeu Kim de um jeito irritantemente presunçoso. Ela vestiu o casaco e saiu.

Enquanto isso, no escritório interno, Strike tentava contatar sua velha amiga, a advogada Ilsa Herbert, a mulher por intermédio da qual ele tinha conhecido Bijou. Ilsa não poderia ser culpada pelo caso de duas noites de Strike e Bijou; na verdade, ela tentara alertá-lo sobre a mulher depois de sua primeira noite juntos, dizendo a ele que ela era faladora e indiscreta, mas Strike, exasperado com o conselho não solicitado e com raiva do relacionamento cada vez mais profundo entre Robin e Murphy, tinha deixado claro para Ilsa que sua vida particular não era da conta dela.

O celular de Ilsa estava ocupado. Strike tentou várias vezes, e os cinco minutos que ele levou para falar com ela pareceram uma hora. Finalmente, ela atendeu.

— Oi, Corm. — Ele soube imediatamente por seu tom de voz que ela sabia por que ele estava telefonando. — Vou para um lugar mais reservado — avisou ela.

Strike escutou seus passos, desejando que ela estivesse correndo. Finalmente,

Ilsa tornou a falar, com a voz ecoando um pouco.

— Certo, podemos continuar.

— O que você sabe sobre Honbold e Bijou Watkins? — perguntou ele.

— Como…

— Acabei se ser informado de que ele mandou segui-la.

— Ah, meu Deus. Bem, há muitos rumores circulando de que Honbold acabou de conseguir uma superliminar.

— Por quê?

— Para impedir que os jornais publiquem que ele não sabe se o bebê de Bijou é dele ou seu.

Strike não falou imediatamente, porque o pior pensamento que tinha passado pela sua cabeça enquanto esperava que Ilsa atendesse acabara de se tornar realidade.

Ele tinha usado proteção quando dormiu com Bijou, porque não era tolo. Depois de dizer a ela que não queria tornar a vê-la, ele percebeu que o alvo dela, o tempo todo, era o conselheiro da rainha casado que ela esperava forçar a deixar a mulher; Strike tinha sido uma diversão prazerosa e, possivelmente, uma forma de deixar Andrew Honbold com ciúme. Bijou e Strike depois tinham, ambos, mentido para ele, dizendo que seu relacionamento não tinha passado de alguns drinques. Honbold, uma figura que sofria com os tabloides, terminou com sua mulher depois que o caso com Bijou chegou aos jornais, e, até esta manhã, Strike tinha considerado o assunto encerrado, supondo que, na ausência de outras informações, Honbold iria se casar com Bijou assim que saísse seu divórcio.

— Não é meu — afirmou ele. — Não pode ser, se ela ainda não teve o bebê.

— Ela teve. Ele nasceu prematuro — informou Ilsa. — Bem, ela está dizendo que foi prematuro.

— Eles não têm como saber? — questionou Strike, que era praticamente ignorante em relação a tudo que dizia respeito a partos e recém-nascidos.

— Eu não sei os detalhes, Corm.

— Por que caralhos Honbold… Ela *contou* a ele que nós…?

— *Ela* não contou a ele — disse Ilsa com hesitação. — Corm, sinto muito. Eu tentei alertar você. Todos os gabinetes souberam que vocês dormiram juntos. Isso, em algum momento, ia acabar chegando a Honbold. Quero dizer, antes de ela ficar grávida, ela *queria* que ele soubesse, para deixá-lo com ciúme.

Aparentemente, um jornalista soube do fato de que Honbold acha que o bebê pode ser seu, e Honbold foi direto para os tribunais superiores para impedi-lo de publicar isso. Ele não quer estar em todos os jornais novamente, mas eu acho que ele e Bijou se separaram. Acho que ele está mandando segui-la porque prefere não pagar pensão para o filho. Ele está tentando provar que Bijou ainda tem um caso com você.

— *Não pode ser meu* — disse Strike.

Ele não gostou do silêncio que se seguiu.

— O que foi? — disse ele agressivamente.

— Eu não…

— Você sabe de alguma coisa.

— Corm…

— *Desembucha!*

— Certo, está bem. Ela fez um pequeno truque quando estava tentando forçar Honbold a deixar a mulher. Ela pegou camisinhas usadas no lixo e…

— Ela não teria feito isso comigo — disse Strike enquanto suas entranhas se contorciam de pânico. — Era Honbold que ela queria.

Mais uma vez, Ilsa se calou.

— Você sabe de mais alguma coisa? — perguntou Strike.

— Eu não *sei*, são apenas boatos. Advogados são fofoqueiros terríveis.

— Que boatos?

— Ah, tem uma história circulando de que Honbold está tomando uma droga que causa redução na contagem de espermatozoides, por isso ele achou estranho que tivesse conseguido engravidá-la. Aí ele soube sobre você e ela e ficou furioso, e agora está convencido de que o bebê é seu.

— Quando o bebê nasceu? — perguntou Strike, tentando se lembrar das vezes e das datas, para encontrar uma fórmula numérica que provasse, além de qualquer dúvida, que ele não era o pai

— Eu não sei exatamente. No início de dezembro?

Isso não era preciso o suficiente para Strike. Se o bebê tivesse nascido após uma gestação completa, havia uma chance…

— Eu *literalmente* soube disso tudo ontem à tarde, quando as pessoas estavam comentando sobre a superliminar — disse Ilsa. — Ele deve ter acabado de contratar essa detetive particular…

— É, eu acho que sim — falou Strike, que agora estava realmente suando por baixo do paletó. — Se você souber de mais alguma coisa…

— É, claro. Eu ligo para você. Corm, eu sinto muito.

— Você tentou me alertar — disse ele, o que lhe custou algum esforço. — Escute, você pode me passar o telefone de Bijou? Eu o apaguei.

— Está bem.

— E você pode, por favor, não contar nada disso para Robin? Eu prefiro fazer isso pessoalmente.

— É claro.

A ligação terminou, e Strike abriu a porta para o escritório externo, onde Pat estava digitando. Robin não estava ali.

— Onde…

— Banheiro — disse Pat, resmungando.

O telefone de Strike apitou. Ilsa tinha acabado de mandar o contato de Bijou. Ele voltou para o escritório interno, pensativo… Não podia ligar para ela agora, não com Robin prestes a voltar. Teria de ser mais tarde, depois do almoço com Decima.

Enquanto isso, dentro do banheiro pequeno e úmido no patamar, Robin lavava as mãos, imaginando que, se Strike elogiasse o impressionante trabalho de detetive de Kim quando ela saísse, ela talvez não conseguisse responder com muita elegância.

— Está tudo bem? — perguntou outra vez quando tornou a se juntar a ele.

— Está. Kim só queria discutir coisas pessoais — disse Strike, esforçando-se para parecer natural.

— Ela considera você o representante do RH da empresa, não é?

— Só Deus sabe.

Robin tornou a sentar-se e disse:

— Então, o casal no Peugeot. Você não acha…?

— Oz e Medina? — disse Strike, tentando se concentrar (ele acreditava que Kim não fosse contar a Robin nada sobre Bijou; Kim, ele tinha certeza, iria adorar pensar que ela e Strike tinham um segredinho sórdido que excluía sua sócia). — Deve haver uma possibilidade.

Robin pegou a foto que mostrava a pegada no sangue perto da cabeça do cadáver.

— Parece pequena para um pé masculino, não parece?

— É, eu também pensei nisso — falou Strike.

— E ela estava *embaixo* do corpo.

— Ótimo. Quero dizer, é — disse ele, esforçando-se para manter o foco.

— A mutilação, a faixa, tudo parece uma montagem deliberada — comentou Robin. — Por que eles não se livraram da pegada?

— Talvez eles não a tenham percebido, então botaram o corpo em cima dela, enquanto o estavam mutilando.

— Sabe, se Medina *estava* dirigindo aquele Peugeot para buscar Oz depois do assassinato, ela pode não ter visto sangue nele — disse Robin. — Quem quer que tenha feito isso esperou que o *livor mortis* se instalasse antes de começar a cortar o corpo…

O telefone de Robin tocou, e ela viu uma mensagem de seu irmão, Stephen.

— Está tudo bem? — perguntou Strike em resposta à expressão chocada de Robin ao ler a mensagem.

— É, tudo bem, minha cunhada acabou de fazer uma cesariana de emergência… Meu Deus, o bebê tinha quase cinco quilos.

— A mesma coisa que eu — disse Strike, ainda se esforçando para parecer normal.

— Quando você fez uma cesariana de emergência? — perguntou Robin.

— Não, eu tinha quase cinco quilos ao nascer. Foi assim que ganhei meu nome.

— Como assim?

— Cormoran. Ele era um gigante da Cornualha. Minha mãe disse que iria me chamar assim como piada, minha tia a levou a sério e disse que ela não podia fazer isso, então, é claro, me deram esse nome só para irritar Joan.

— Eles vão chamá-lo de "Barnaby" — contou Robin, olhando para a foto de seu novo sobrinho, que estava todo vermelho e enrolado em uma manta de hospital, com a expressão indignada de um lutador de sumô. — Nascido numa sexta-feira 13.

— Quem nasceu? — perguntou Strike.

— Meu sobrinho. Hoje é sexta-feira…

— Ah — disse Strike. — É claro.

Ele não era um homem supersticioso, mas achou que isso podia mudar a partir

daquele dia.

49

Ah, muitos meses antes que eu aprenda
Ainda vão me ver sobressaltado
E ouvindo, enquanto voltam os dias,
Por ele, que jamais virá.

A.E. Housman
XLII: A.J.J. More Poems

A consciência de Strike estava sussurrando que ele deveria contar a Robin exatamente a calamidade recente e não prevista que havia se abatido sobre ele, que tinha de alertá-la que outro dilúvio de vulgaridades nos tabloides poderia estar prestes a engolfá-los. Entretanto, depois da história sobre a garota de programa e de sua admissão forçada de que tinha dormido com Nina Lascelles, sem falar no estupro de Robin se tornar público no rastro da publicação da vida amorosa dele nos jornais, Strike não queria acrescentar à pilha desagradável de circunstâncias desfavoráveis a ele que houvesse uma chance remota — *por favor, Deus, uma maldita chance remota* — de que ele fosse o pai de uma criança com uma mulher que detestava. Uma sensação primitiva de interesse pessoal, portanto, calou sua consciência: ele ia resolver as coisas sem que Robin jamais precisasse saber.

Às 12h15, os dois sócios saíram do escritório para almoçar na Dean Street. O dia estava frio e luminoso, o sol, uma moeda de platina deslumbrante tentando abrir caminho através da cobertura de nuvens. Numa tentativa de esconder as razões para sua ansiedade extrema, Strike disse:

— Parece que podemos excluir a possibilidade de ele ter sido morto em uma briga que saiu do controle. Alguém bateu na parte de trás de sua cabeça enquanto ele estava de costas. Isso não foi nenhum acidente.

— Não — disse Robin. — O que aumenta a probabilidade de a mutilação, a faixa maçônica e as marcas em suas costas terem sido planejadas antes do assassinato.

— Quantas pessoas você diria que conheciam a marca de A.H. Murdoch?

— Não muitas — respondeu Robin. — Mas a Cruz de Salem é um símbolo maçônico.

— Verdade — concordou Strike. Ele se lembrou da letra "G" escarlate que tinha sido pintada na porta da rua do escritório no Ano-Novo. — Alguma sorte na procura por um Land Rover novo?

— Não — disse Robin. — Eles estão todos fora de minha faixa de preço, mesmo de segunda mão… Por falar nisso, nós recebemos mais telefonemas daquela Gateshead escocesa? A do Golden Fleece?

— Nada desde o Ano-Novo — informou Strike.

O celular dele tocou. Ele o pegou do bolso e viu que era Pat quem estava ligando. Com medo de que Bijou, que não tinha mais o número de seu celular, estivesse tentando encontrá-lo no escritório, ele silenciou o telefone.

— Lucy — disse ele para Robin. — Vou retornar depois. Falando nisso, acabamos de vender a casa de Ted e Joan. Eu estava pensando: a agência poderia pagar parte de um Land Rover, e eu poderia emprestar o restante a você.

— O q… Você não pode fazer isso!

— Posso, sim. O dinheiro vai ficar parado na minha conta. Eu não tenho nenhum uso para ele no momento.

A preocupação imediata de Robin foi com Murphy, e com o que ele ia pensar se ela aceitasse um empréstimo desse tamanho de Cormoran Strike. Ele certamente ia ver isso como outro laço entre eles, outro compromisso do tipo que ela nunca tinha assumido com ele, e mesmo assim ela se sentia estranhamente vulnerável e desolada sem seu próprio carro, seu próprio meio de… A palavra "fuga" surgiu em sua mente e foi descartada.

O Quo Vadis, o grande restaurante de fachada preta e clube restrito para membros onde Decima tinha reservado o almoço, agora estava à vista. Ao perceber que ela ainda não tinha respondido ao que era, por qualquer padrão, uma oferta muito generosa, Robin disse:

— Strike, obrigada, mas você não pode. É demais.

— Você precisa de um carro, e eu não acho que nenhum gestor de negócios

vá nos aconselhar a continuar a alugar um para você.

— Mas…

— O Land Rover era muito prático, especialmente para viagens longas e para fora de Londres.

— Mas mesmo de segunda mão eles custam…

— Eu sei quanto eles custam. Vamos ver quanto o contador vai permitir que você cobre da empresa, e eu completo a diferença. Nós podemos assinar um contrato de empréstimo, se isso fizer com que você se sinta melhor.

— Mas pode levar séculos para eu pagar a você.

Bom, pensou Strike, mas em voz alta, ele disse:

— E daí? Eu disse a você que não tenho nenhum uso para o dinheiro agora.

— É *muito* generoso da sua parte — disse Robin, e pensou, com algum desejo, em um Defender 90 de segunda mão que tinha visto na internet na véspera. — Mas…

— Pelo amor de Deus, eu não estou lhe oferecendo um rim — disse Strike, e Robin riu.

Eles entraram no clube. O foyer tinha paredes vermelho-sangue. Na recepção, deram o nome de Decima, foram conduzidos para o andar superior e entraram em um restaurante grande de paredes brancas e cadeiras de couro em torno das mesas. Depois foram para uma pequena sala privativa chamada de Biblioteca, que tinha paredes azul-escuras, estantes e luminárias esféricas.

Decima já estava sentada à mesa redonda, usando um vestido preto solto. Tinha perdido muito peso desde o último encontro entre ela e Strike; seus grandes olhos castanhos estavam sombrios, mas ela havia escovado o cabelo e pintado as raízes brancas. Seu aspecto era o de uma criatura que havia sido arrancada à força de sua toca para a luz do dia. Strike, que temia ter de ver Decima amamentar, registrou que não havia nenhum bebê presente.

— Você não trouxe…?

— Lion? Não. Uma garota local está cuidando dele — respondeu Decima, e olhou para o telefone virado para baixo ao lado dela. — Lion vai ficar bem, eu deixei muito leite para ele.

Isso entrava na categoria de excesso de informação, na opinião de Strike, mas Robin falou, com um sorriso:

— Você tem alguma foto dele?

— Algumas — disse Decima. Ela pegou as fotos do filho para mostrar a Robin.

— Ele é uma graça — elogiou Robin, mas, na verdade, para a detetive, ele parecia apenas um bebê como qualquer outro. Parecia menor do que o sobrinho enorme cuja foto ela havia acabado de receber, mas, fora isso, igual à maioria dos outros. Entretanto, diferentemente das fotos de bebê que Robin estava cada vez mais acostumada a ver dos amigos e da família, essas eram todas da criança sozinha, no trocador de fraldas ou dormindo no berço. Claro, ninguém morava com Decima para tirar uma foto dela com o filho, e o pai nunca o vira.

— Eu não queria deixá-lo, nunca fiz isso antes — disse Decima nervosa. — Mas eu precisava vir à cidade hoje, precisava resolver alguns problemas com a equipe. Com sorte, eles vão ficar bem sem mim por um pouco mais de tempo.

— Eu gosto deste clube — comentou Robin, tentando deixar Decima relaxada.

— Eu o escolhi porque ele é perto do seu escritório e podemos falar em particular. Meu pai o odeia — acrescentou Decima.

— Não vejo como alguém pode não gostar disso — falou Robin, olhando ao redor para a sofisticação sutil do lugar, os painéis de madeira, as flores frescas.

— Meu pai não aprova nenhum clube além do dele — explicou Decima. — De qualquer forma, este está sempre cheio de gente da mídia. Os literatos de merda, como meu pai os chama.

Robin poderia ter rido se Decima não parecesse tão tensa.

Um garçom então chegou para anotar seus pedidos de bebida.

— Só água, por favor, estou amamentando — disse Decima, o que, mais uma vez, na opinião de Strike, era informação da qual o garçom não precisava.

Quando a porta voltou a ser fechada, Decima começou imediatamente um discurso, olhando para Strike, e não para Robin, com o tom de voz tremulamente assertivo.

— Há algumas coisas que eu gostaria de dizer, se não houver nenhum problema.

— É claro — disse Strike.

— Ah, bem, primeiro: vocês parecem pensar que, se Rupe tivesse conseguido dar algum dinheiro para Dredge, o homem não o teria machucado, mas Zac devia a Dredge muito mais do que duas mil libras. Dredge ainda tinha motivo para

machucar Rupe: mandar uma mensagem para Zac!

— Isso é possível — comentou Strike. — Mas não encontramos nenhum indício que sugir…

— E se Rupe tinha duas mil libras, ele *deve* ter vendido o *nef*! Ele obviamente recebeu um adiantamento da Ramsay Silver enquanto eles não o vendiam!

— O proprietário da Ramsay Silver disse que só teve um *nef* no estoque — contou Strike. — Era maçônico e foi levado na noite em que Wright foi assassinado.

— Mas Ramsay dificilmente *admitiria* ter o *nef* do meu pai, não é? — questionou Decima. — Ele foi roubado!

— Bem, é notoriamente difícil provar uma negativa — disse Strike, com cuidado para manter um tom de voz educado. — Nós não podemos ter cem por cento de certeza de que Kenneth Ramsay nunca comprou o *nef* do seu pai, mas eu acho muito improvável. Sua loja é especializada em peças maçônicas, e…

— Mas então onde Rupe conseguiu duas mil libras?

— Não estou negando que ele possa, de algum jeito, ter vendido o *nef*…

— Mas é uma grande coincidência aparecer na Ramsay Silver um corpo que bate *exatamente* com Rupe, que tinha um grande objeto de prata para vender, não é? — disse Decima, com a voz agora um pouco mais aguda. — E Rupe ter um traficante de drogas atrás dele, que fez ameaças de *literalmente* matá-lo?

Ela já tinha dito isso, é claro, tanto pessoalmente quanto por e-mail. Strike poderia ter respondido que o corpo era tão parecido com Rupert Fleetwood quanto com qualquer um dos outros homens cuja foto estava presa no quadro de cortiça no escritório. Ele poderia até ter observado que havia milhares de pessoas pelo país que tinham objetos de prata que gostariam de transformar em dinheiro rápido, mas não via razão para achar que algum deles também tinha morrido no cofre da loja de prataria. Enquanto ele tentava formular uma resposta diplomática, Decima disse:

— E eu queria dizer mais uma coisa. Eu não acredito que Rupert tenha ido à festa de aniversário de Sacha Legard. Sacha ou está mentindo ou cometeu um erro.

— Não acho que ele possa ter cometido um erro — rebateu Strike. — Havia muitas testemunhas. Seria uma mentira muito estúpida de se contar.

— Mas Rupe *nunca* teria ido até lá!

— Por que você diz isso?

— Porque uma semana antes da festa, Sacha estava no Dino's com alguns amigos, e eles estavam todos falando sobre a festa, e, quando Sacha ergueu os olhos e percebeu que era Rupert quem estava lhe servindo os coquetéis, ele ficou realmente constrangido, porque não tinha contado a Rupe sobre ela, nem lhe feito um convite nem nada. Mas Rupe me disse que preferia passar a noite inteira morto em uma vala a ter de ir até Claridge com Sacha e seus amigos. E a festa foi no dia 21, bem no fim de semana em que Rupe e Zac estavam se mudando de casa, então por que Rupe iria querer ir a uma festa na qual não era desejado, quando estava ocupado embalando e organizando tudo? E você disse que ele foi até lá para falar com Val, que é a *última* pessoa que ele ia querer ver depois do negócio com o *nef*, e sendo ele alguém tão contra o fato de estarmos juntos!

— Eu mesmo achei uma coisa estranha para Rupert fazer — admitiu Strike. — Aparentemente, ele falou com sua irmã Cosima e também com seu irm…

— Cosima é minha meia-irmã — cortou Decima. Manchas vermelhas surgiam em suas faces pálidas. — E Rupe a *odiava*, então isso também não faz sentido!

— Por que ele odiava…?

— Porque ela é mimada e acha que merece tudo. Meu pai a adora e dá a ela tudo o que ela qu…

O garçom reapareceu para anotar os pedidos de comida. Tanto Strike quanto Robin escolheram massa aleatoriamente.

Depois que o garçom desapareceu, Strike disse:

— Eu tenho algumas perguntas novas para você, Decima, se não se importar.

Agora parecendo suspeitar de uma armadilha, Decima disse:

— Vá em frente.

— Rupert alguma vez mencionou um homem chamado Calvin Osgood, ou Oz?

— Não. Por quê?

— Há uma possibilidade de que Oz esteja envolvido no assassinato.

— Ele talvez fosse um dos amigos de Dredge! — disse Decima imediatamente.

— É possível — disse Strike, que queria evitar lágrimas, se fosse possível. — E uma garota chamada Sofia Medina?

— Não — repetiu Decima, mas agora parecia preocupada. — Por quê?

— Ela também pode estar envolvida — respondeu Strike.

— Não, eu nunca o ouvi mencionar ninguém que se chamasse Sofia.

— Está bem, vamos em frente: você por acaso tem o telefone de Tish Benton? Seus pais, em Hampshire, parecem estar viajando, e não consigo achar um endereço atual dela.

— Por que você iria querer falar com Tish? *Ela* não vai saber de nada.

— Lorimer me contou que ela tinha se tornado uma espécie de confidente para Rupert antes de eles se separarem.

— Eu não acho que *isso* seja verdade — retrucou Decima imediatamente.

— Bem, foi o que Lorimer disse.

— Não, eu não tenho o telefone de Tish… Ela e Zac deixavam Rupe nervoso, brigando o tempo todo quando eles dividiam a casa. Eu não acho que ela tenha ficado próxima de Rupe — acrescentou Decima com um toque de medo que fez com que o coração de Robin se apertasse de pena.

— Você sabe qual o ramo de trabalho de Tish? — perguntou Strike.

— Marketing. Ela trabalhava para uma empresa que faz bolsas. Não me lembro qual.

— Está bem — disse Strike, fazendo uma anotação. — Ainda sobre Lorimer: ele sugeriu que Rupert poderia ter voltado para a Suíça para ser instrutor de esqui.

— Rupe *nunca* iria ser um instrutor de esqui, pelo amor de Deus — disse Decima, com a voz repentinamente áspera. — *Nunca!* Para começar, ele não queria aprender a esquiar, mas foi obrigado na porcaria da escola. Ele odiava isso. Quem não odiaria depois que os pais morreram daquele jeito? Zac supostamente era *amigo* dele, era de se pensar que percebesse que essa seria a *última coisa* que Rupe iria querer fazer!

— Eu também achei que isso era improvável — revelou Strike. — Agora, essa próxima pergunta pode parecer estranha, mas Zacharias mencionou que Rupert tinha uma "camiseta da sorte".

— Ah, é, ele tinha — confirmou Decima e, por uma fração de segundo, sua cliente quase sorriu, mas então sua expressão se entristeceu. — Eles a encontraram no quarto de Wright?

— Não — disse Strike —, mas você pode nos contar sobre ela?

— Por quê?

— Lorimer diz que Rupert a rasgou antes de desaparecer.

— O quê? — disse Decima sem forças. — Não, ele… ele *nunca* faria isso.

— Por que não?

— Porque… ele achava que ela dava sorte, ele a adorava.

— O que a fazia dar sorte? — perguntou Robin.

— Ele sempre a estava usando quando coisas boas aconteciam com ele: quando soube que tinha conseguido um emprego em Londres e poderia voltar para a Inglaterra, e quando foi aprovado no exame de direção… e… e a estava u-usando… na noite… em que contei a ele… q-que estava grávida…

Meu Deus, pensou Robin. *Que merda.*

Decima começou a chorar.

— *Ele não pode tê-la rasgado!* — disse ela em um lamento, todo o autocontrole desaparecendo; Robin achou que sua voz provavelmente tivesse alcançado o andar inteiro do clube. Robin estendeu a mão por instinto na direção dela para oferecer conforto, mas sua cliente se encolheu. — Não… não… ele *não pode* ter rasgado aquela camiseta, ele *não pode*…

Os olhares de Strike e de Robin se cruzaram, o dele levemente desesperado, o de Robin, angustiado.

— Ele amava aquela camiseta! — Decima choramingou, pegando o guardanapo. — Ele a adorava!

— Você pode descrevê-la para nós? — pediu Robin, sem nenhum objetivo real em vista, exceto dar a Decima a sensação de que ela estava sendo levada a sério e era escutada, e que os detetives ainda estavam ativamente tentando ajudar.

— Ela é p-preta — Decima soluçou de forma indistinta, seu rosto agora escondido atrás do guardanapo —, com "White Lion" escrito nela…

— White Lion? — repetiu Robin.

— Eles eram uma banda dos anos 1980 — choramingou. — Glam rock… Rupe encontrou a camiseta em um brechó quando era adolescente… Ele tinha esse vídeo… do pai cantando uma música do White Lion para ele quando era bebê… A música se chamava "Little Fighter". E… e Rupe costumava cantá-la… Era uma espécie de piada… uma espécie de tema pessoal… Foi por isso que eu chamei Lion de "Lion"!

— Certo — disse Robin e, sem se importar com o que Strike achava, acrescentou: — Bem, parece que Zacharias deve ter cometido um erro. Não consigo ver por que Rupert rasgaria a camiseta se significava tanto para ele.

A porta então se abriu outra vez, e o garçom reapareceu com seus pratos. Ele continuou a ignorar diplomaticamente as lágrimas de Decima ao servir o prato dela enquanto a mulher limpava o rosto e assoava o nariz.

Depois que o garçom saiu, Strike falou:

— Você provavelmente sabe que a polícia está considerando outros candidatos a Wright, além de Jason Knowles.

Robin não conseguiu entender a mudança abrupta de assunto, mas Strike estava agindo totalmente de acordo com seus próprios interesses. Ele tinha uma sensação desagradável de que imediatamente após essa entrevista, Robin ia dizer que eles tinham um dever moral de convencer Decima de que seu namorado nunca foi William Wright, mas ele não ia sacrificar a iminente viagem a Crieff e Ironbridge; ele precisava daquele hotel em Lake District. Era essencial, portanto, que Robin ouvisse dos próprios lábios de Decima que ela queria que eles excluíssem todos os outros possíveis candidatos a serem o homem morto no cofre.

— É. Eu… eu soube que eles estavam considerando outras pessoas — disse Decima, ainda tentando conter as lágrimas. — Sir Daniel, Sir Daniel Gayle — acrescentou ela como um parêntese a Robin. — Ele é um comissário aposentado… — Ela disse isso com uma ênfase patética no posto (*estão vendo, eu tenho fontes de informação confiáveis, tenho boas conexões, sou racional*). — Ele me contou que estão procurando por um veterano desaparecido e por um homem que matou alguém por acidente e fugiu.

— Um deles matou alguém por acidente? — perguntou Strike. — Você consegue se lembrar do nome dele?

— Não. Sir Daniel disse que eles estavam apenas mantendo os arquivos sobre esses dois homens abertos por que não conseguiram obter DNA de nenhum deles. Por que está me perguntando sobre eles? — disse ela, ainda tentando conter as lágrimas com o guardanapo.

— Você disse que queria provas de quem era o homem no cofre — explicou Strike. — Isso significa, necessariamente, olhar para as outras possibilidades, mas se você preferir que nos concentremos *exclusivamente* em Rupert, e no que aconteceu com ele…

— Ele está morto, *eu sei que ele está morto*! — bradou Decima, agora com um traço de histeria. — Eu quero certeza, mas *sei* quem era a pessoa no cofre…

— Então você gostaria que nós tentássemos excluir esses dois homens? —

perguntou Strike.

— Eu acho que, se vocês *conseguirem*, isso pode fazer a polícia acordar e levar Rupe mais a sério — disse Decima, enxugando os olhos no guardanapo. — Eu disse a eles: "Vocês podem colher DNA do meu bebê quando ele nascer, podem compará-lo com o de Wright"… Mas depois de Anjelica dizer que ele estava em Nova York, acabou, eles pararam de investigar… Isso foi porque nós não éramos casados, eu sei disso… Mas ele *não* está em Nova York, ele *não pode* estar… Eu não paro de pensar que o *escuto*.

— Você o escuta? — perguntou Robin, preocupada.

— Eu acho que o escuto chegando em casa… ou chamando meu nome… Sonho que ele está de volta, mas sei que ele nunca vai voltar… ele nunca vai ver Lion… nunca vai saber… nunca vai saber como eu *lamento*…

— Lamenta o quê? — Robin quis saber.

— A última vez que falei com ele… Eu estava com *muita raiva* dele por roubar o *nef*, foi uma coisa muito *estúpida* de se fazer… é minha culpa, é tudo minha culpa, eu estava com raiva, e Rupe achou que não tinha escolha além de resolver toda a confusão sozinho… *eu o matei* — disse Decima Mullins em um lamento. — E um dia vou ter que explicar a Lion o que fiz!

50

(…) nenhuma ambição sórdida, nem voracidade lamentável, nem considerações básicas podem tentar um verdadeiro cavaleiro escocês à desonra (…).

Albert Pike
Moral e dogma do rito escocês antigo e aceito da maçonaria

Uma hora depois de se sentarem com Decima, e sem conseguirem mais informação do que tinham obtido nos primeiros quinze minutos de almoço, Strike e Robin saíram do Quo Vadis, ambos cientes de que sua cliente estava consideravelmente mais infeliz por tê-los encontrado. Decima continuara a insistir, sem tocar na comida, que Rupert era William Wright, reiterando o perigo representado por Dredge, o traficante de drogas, e insistindo, com um desespero mórbido, na altura e na compleição do corpo no cofre, que, como ela enfatizara inúmeras vezes, batiam *exatamente* com Rupert, incluindo a altura, o peso e o tipo sanguíneo.

Enquanto Strike deixava o restaurante com a sanção oficial de Decima para a viagem a Crieff e a Ironbridge, ele percebeu que estava prestes a ter problemas com Robin, que parecia estar tanto com raiva quanto preocupada, então sugeriu que fossem até o café local favorito dele, que ficava a três minutos a pé. Como esperado, assim que os dois se sentaram a uma mesa redonda de metal do lado de fora do Bar Italia, Robin disse:

— Eu não estou me sentindo confortável com isso, Strike.

— Com o quê? — perguntou ele, preparado para uma batalha. Ele tinha organizado seus argumentos no caminho até a Frith Street. As cabines estavam reservadas. O hotel, com vista para o lago, estava esperando.

— Eu acho que aquela mulher está tendo um colapso nervoso. Ela convenceu

a si mesma de que Rupert está morto e que ela é a culpada disso. Nós só estamos perpetuando…

— Se nós não fizermos o trabalho, outra pessoa vai fazer — afirmou Strike.

— Então devemos manter Albie Simpson-White sob vigilância. Tenho *certeza* de que ele sabe onde está Rupert.

— Decima deixou muito claro que não quer que Rupert seja encontrado, se ele estiver vivo.

— Mas, Strike, pense bem, isso é loucura. Você a *viu* agora…

— Você provavelmente vai encontrar algumas pessoas em qualquer ônibus em Londres que são tão iludidas quanto ela. Ela não é louca.

— Ela está cuidando sozinha de um bebê… Desculpe, mas eu acho que temos…

— Uma responsabilidade moral? Concordo, e é por isso que quanto mais rápido provarmos que o corpo não era de Fleetwood…

— Você só quer continuar investigando. Você quer se exibir para a Metropolitana.

Assim que ouviu as palavras escaparem, Robin desejou que elas não tivessem sido ditas. Não pretendera dizê-las; Murphy tinha falado repentinamente por seu intermédio, ou talvez ela estivesse projetando em Strike sua culpa pelo número de coisas que ela mesma estava escondendo do namorado.

— Me exibir para a Metropolitana? — repetiu Strike, encarando-a.

— Eu não quis dizer isso — disse Robin apressadamente. — Eu…

— Você acha que isso tudo é apenas uma questão de ego para mim?

— Não, é claro que não. Eu só acho que você ficou muito interessado pelo corpo no cofre e não está pensando no que é melhor para De…

— O que é melhor para ela é parar de se culpar pelo assassinato de Fleetwood — disse Strike —, porque ele *não foi* assassinado, e alguém precisa provar isso para ela.

— Mas nós *poderíamos* provar isso seguindo Albie Sim…

— Se a sra. Duas-Vezes correr e trepar com outra pessoa, ou se Plug desobedecer à lei, então sim, podemos ter alguém livre para seguir Simpson-White, mas como exatamente vamos cobrar Decima por isso, quando ela disse explicitamente que não é o que quer?

— Então nós a deixamos gastar dinheiro na investigação do paradeiro de

homens sem nenhuma conexão com ela?

— Ela concordou com isso há pouco…

— Você sabe muito bem que a *fez* dizer isso!

— Não podemos receber dinheiro dela sem sermos transparentes em relação ao uso que estamos fazendo dele!

Agora Strike assumiu a ofensiva; ele não queria fazer isso, porque esperava não embarcar para a Escócia com Robin sentindo raiva dele, mas com a própria viagem em risco, ele não teve escolha.

— Você concordou em pegar este caso sabendo que ela quase com certeza está iludida em relação ao corpo ser de Fleetwood.

— Eu sei, mas…

— A única coisa que mudou foi que você a conheceu e sentiu pena dela.

— Talvez isso seja verdade — admitiu Robin —, mas…

— Para ela, é provar de quem era aquele corpo, ou nada. Enquanto ninguém conseguir contato com Fleetwood, ela vai continuar tentando provar que era dele. Se não formos nós, vai ser outra pessoa. A diferença conosco é que não vamos cobrar dela por bobagens. Nós estamos tentando ativamente fazer o que ela quer, e se no final Wright for Semple, Powell ou De Lion, o trabalho vai estar feito. Ele não era Fleetwood.

— E se provarmos que não é nenhum deles?

— Aí ela tem razão: a polícia pode levar a possibilidade de ser Fleetwood um pouco mais a sério, ela vai conseguir seu exame de DNA e pronto, vai ter a certeza que procura. Você acha que não estou tentando ajudá-la, mas estou. Se eu conseguir encontrar um jeito de forçar Valentine a falar…

— Por que está tudo bem forçar Valentine a falar conosco, mas não manter Albie sob vigilância? Por que está tudo bem tentar encontrar essa garota Tish com quem Rupert morou?

— Porque qualquer coisa que Fleetwood tenha feito e dito *antes* de desaparecer pode esclarecer se ele tinha a intenção de se disfarçar de William Wright. Nós podemos justificar isso nas contas dela. O que *não podemos* justificar é tentar encontrar Fleetwood vivo, porque a cliente disse expressamente que não quer que façamos isso!

— Mas, em algum momento, ela vai ter que encarar a possibilidade!

— Não é nosso trabalho dizer à cliente o que ela quer que seja investigado —

disse Strike. — Não somos a porcaria de assistentes sociais.

Eles ficaram sentados em silêncio por quase um minuto. Durante esse tempo, Robin bebeu um pouco de café sem olhar para Strike.

— Eu preciso ir — falou. — Preciso trocar de roupa. Vou vigiar Plug esta noite. Se eu não vir você até lá, nos encontramos em Euston na segunda-feira à noite.

Strike a observou ir embora, insatisfeito com o jeito como a conversa tinha transcorrido, então pegou no bolso o celular que estava silenciado. Tinha mais uma ligação perdida de Pat, além daquela que ignorara a caminho do Quo Vadis. Strike ligou de volta para ela.

— Oi — disse ele. — Você me ligou.

— Liguei. Uma mulher chamada Bijou Watkins quer falar com você.

Strike estava ciente de que Pat sabia quem Bijou Watkins era, mas gostou de ela fingir que tinha se esquecido de toda a mídia conectando-o à mulher alguns meses antes.

— Está bem. Eu tenho o contato dela. Vou ligar para ela agora.

— Certo — disse Pat mal-humorada e desligou.

Strike contemplou o jazz club de Ronnie Scott, que ficava quase em frente ao café onde ele estava sentado, pensando no que estava prestes a dizer. Então encheu o pulmão de vapor de nicotina e ligou para o número de Bijou.

51

(…) tudo o que quero é que a coisa
Seja resolvida de uma vez por todas. Do jeito que está,
Você conta muitas mentiras e se machuca:
Você não gosta do que apenas gosta demais.
Você gosta do que, se dado a você pelo que você diz,
Você acha extremamente detestável.

Robert Browning
Fra Lippo Lippi

— Alô?

— Sou eu, Strike.

— Ah, graças a Deus — disse Bijou. — Olhe, eu sinto muito, eu não queria te envolver nisso, mas…

— Eu sei sobre a superliminar. Sei que ele acha que é meu filho.

— Por q… Como?

— Porque as pessoas estão fofocando — interrompeu Strike. — Exatamente como você queria que elas fizessem quando estava tentando deixar Honbold com ciúme suficiente para largar a mulher.

— Você não enten…

— Não *ouse* me dizer que eu não entendo, porra! — rebateu Strike, quase sem conseguir manter a calma agora que ouvia a voz alta e rouca outra vez, porque ela o lembrava das horas de tédio que tinha passado na companhia dela, tudo em prol de duas trepadas fáceis e de sua própria estupidez. — Agora me escute. Ele mandou seguirem você.

— *Andrew* mandou?

— Quem mais? — disse Strike, mantendo a voz baixa com dificuldade, porque

um destemido casal de meia-idade, de forma muito inconveniente, tinha resolvido enfrentar o frio e se sentar à mesa ao lado. Abandonando seu café, Strike se levantou, guardou o cigarro eletrônico no bolso do casaco e saiu na direção da Denmark Street. — Por isso não pode haver nenhum encontro entre nós dois, se foi isso que você ligou para sugerir.

— Ah, meu Deus, ah, meu Deus — gemeu Bijou. — Como é a pessoa que está me seguindo?

— Como eu vou saber? Só estou avisando. Você precisa viver, a partir de agora, como uma freira agorafóbica até ter o resultado do teste de DNA.

— Andrew está se recusando a fazer um teste. Ele está *convencido* de que ela é sua!

— E não é?

— *Claro* que não.

— Tem certeza disso?

— Tenho, *claro* que tenho.

— Porque desde a última vez que nos vimos, me contaram sobre um péssimo hábito seu na cama — disse Strike impiedosamente.

— O que você quer diz…

— Camisinhas usadas. Lixeira no banheiro do quarto. Você fazendo a coisa por si mesma.

— Eu *nunca*…

— Não é isso o que diz minha fonte, e infelizmente eu a acho muito mais confiável do que você. Também soube que Honbold pode ter bons motivos para achar que não pode engravidar uma mulher.

— Você está falando da sulfasalazina? Ela apenas *reduz* a contagem de espermatozoides, não deixa você *estéril*.

— Se — disse Strike — você ficou grávida deliberadamente de mim porque Honbold não seria capaz, e você achou que poderia conseguir convencê-lo de que a criança era dele…

— *O que você acha que eu sou?*

— Eu sei exatamente o que você é, e é por isso que estamos tendo essa maldita conversa. Eu te avisei quando você me arrastou para suas confusões na última vez. Eu não vou aceitar calado se isso me causar mais problema do que já causou.

— Você está ameaçando uma mãe! — disse Bijou com a voz estridente. —

Como acha que *isso* ia cair com a imprensa?

— Se você procurar a imprensa, vou reagir lançando armas nucleares, então não *ouse* me ameaçar com a porra dos jornais. Honbold tem que fazer um teste de paternidade…

— Ele diz que não vai fazer isso a menos que eu o leve aos tribunais! Ele está com muita raiva… Cormoran, por favor, *por favor*, eu preciso que *você* faça isso para que eu possa *provar* que Ottolie é filha d…

— Nem fodendo — disse Strike furioso. — Isso sugere que eu *posso* ser a merda do pai, e quando essa informação vazar…

— Como ela poderia vazar?

— Provavelmente de você, porque você conta tudo para todo mundo, não consegue manter a porra da boca fechada nem quando é do seu interesse. Se você contar a Honbold que estou dando uma amostra de DNA, todas as suspeitas dele vão ser confirmadas…

— Não, não. Eu vou *dizer* a ele que você só está fazendo isso para *provar* que não é…

— A menos que você esteja mentindo, a menos que você ache que a criança *pode* ser minha, você não precisa do meu DNA. Diga a Honbold que vai levá-lo aos tribunais se for preciso, e ele que pague para ver se sua superliminar vai aguentar isso.

— Mas se eu fizer isso, ele *nunca* vai…

— Se casar com você? Você ainda acha que vai ser a sra. Andrew Honbold depois disso? Diga a ele que você vai vê-lo nos tribunais e *me deixe em paz*.

Enfurecido, Strike encerrou a ligação.

52

(…) enquanto atos são julgados por seus motivos,
E cada ato tem muitos motivos improváveis,
Este puro, aquele culpado, cada um pode ter impulsionado…
Nosso poder falha em tentar discernir claramente se a causa
Atribuída a nós pelo ator é verdadeira (…).

Matthew Arnold
Merope: A Tragedy

A sexta-feira de Robin só acabou nas primeiras horas da manhã de sábado, quando as luzes na casa da mãe de Plug em Camberwell se apagaram e ela soube que seu alvo, que tinha gritado muito naquela tarde, havia finalmente ido para a cama. Ela foi para casa pela noite gelada no Mazda alugado, bocejando com regularidade, pensando contra a sua vontade em uma infinidade de coisas estressantes, Decima Mullins em primeiro plano entre elas.

Strike poderia muito bem estar certo ao dizer que a mulher frágil obcecada pelo cadáver na loja de prataria simplesmente contrataria outra pessoa se eles se recusassem a investigar para ela, mas essa era a primeira vez que Robin se sentia suja só por fazer seu trabalho, e ela não precisava de mais coisas em sua consciência. A viagem iminente a Crieff e a Ironbridge já estava pesando sobre ela, porque tinha deliberadamente ocultado seu destino de Murphy, deixando-o com a vaga impressão de que eles estavam à procura de Rupert Fleetwood em algum lugar na Northumbria. O pior de tudo eram as pequenas ondas de apreensão e empolgação que ela sentia quando visualizava aquele hotel em Lake District.

Para agravar os estresses gerais e específicos de Robin, Murphy agora a estava pressionando a se comprometer a ver pelo menos uma das casas que ele não

parava de enviar para ela, e uma torrente de informações sobre seu novo sobrinho surgia em seu telefone a cada dez minutos, ou pelo menos era essa era a sensação, significando que Robin tinha de fingir o prazer e o fascínio que sua família esperava dela, e que ia precisar encontrar tempo em sua agenda ocupada para comprar e enviar um presente.

Parecia haver bebês em toda parte. Jenny e a miniatura de lutador de sumô, Barnaby; a prima de Robin, Katie, de cujo primeiro filho ela era madrinha, tinha acabado de anunciar sua segunda gravidez; o filho iminente dos briguentos Martin e Carmen; a policial amiga de Robin, Vanessa Ekwensi, estava prestes a dar à luz; e Lion Fleetwood, fotografado parecendo frágil e assustado no trocador de fraldas.

Não pense nisso. Desde que o choque da gravidez ectópica passara, Robin estava reprimindo uma tendência traiçoeira que tinha de se apegar ao fato de que o que rompera sua trompa de Falópio tinha sido um ser humano de verdade. Era muito melhor pensar na situação como algo semelhante a um apêndice supurado, e não que, se não fosse por uma clamídia não tratada, por volta do próximo agosto uma criança surgiria na vida de Robin e a mudaria de forma irrevogável. *Não pense nisso, qual a razão?*

Robin saiu para assumir a vigilância de Jim Todd ao meio-dia. Essa era a primeira vez que seguia o faxineiro, e ela tinha vestido seu casaco mais quente, um gorro útil que escondia seu cabelo, além de um cachecol que não servia apenas como proteção contra o dia muito frio, mas também era prático se ela tivesse de afundar o rosto nele. Shah já tinha enviado uma mensagem com a localização de Todd no momento: um café na Kingsway. Ao seguir o faxineiro, a agência finalmente tinha descoberto em cima de qual restaurante libanês ele morava e também que ele raramente saía do prédio antes do meio-dia quando não estava fazendo faxina. Robin permaneceu alerta para qualquer um que a estivesse seguindo, como fazia desde que o homem desconhecido pusera o gorila de borracha em sua mão na Harrods, mas tinha certeza de que não havia ninguém.

— Está congelando, não está? — foram as primeiras palavras de Shah quando Robin se juntou a ele. — Ele está aí dentro há meia hora. Um café da manhã demorado.

— Certo, obrigada — disse Robin.

Ela esperava que Shah fosse embora imediatamente, porque ele tinha mulher e

dois filhos pequenos em casa, e provavelmente não queria perder muito do fim de semana, mas, para sua surpresa, ele permaneceu ali.

— Escute — começou ele. — Espero não estar dizendo nada inapropriado aqui, mas queria te perguntar uma coisa.

— Pode falar — disse Robin, perguntando-se se estava prestes a ouvir mais uma reclamação sobre Kim Cochran.

— Por que Bijou Watkins está ligando para Strike?

— Quando Bijou Watkins ligou para ele? — perguntou Robin, surpresa.

— Ontem. Eu estava prestando contas ontem à tarde no escritório e ouvi Pat transmitindo o recado.

— Ah — disse Robin. — Certo. Eu… eu não sei. Quero dizer, eles romperam. Você tem certeza de que Pat disse Bijou…?

— Não é um nome que se pareça com muitos outros — respondeu Shah.

— Não, isso é verdade.

— Não precisamos de Strike envolvido com a maldita Bijou Watkins outra vez — disse Shah. — Você perdeu tudo isso, mas pelo amor de Deus…

— O que eu perdi? — Robin quis saber.

— A *Private Eye*, rumores de que ele a ajudou a grampear o escritório do amante casado. E agora ela está grávida, saiu no *Mail*, eles fizeram um perfil solidário à ex-mulher dele, porque os jornais detestam Honbold, pois ele é o presidente daquela campanha por jornalismo ético. Não precisamos de mais publicidade sobre a vida sexual de Strike, não depois da merda da história da garota de programa e a coisa de ele transar com mulheres que conseguem provas para ele.

O nó de ansiedade no estômago de Robin se apertou. A lealdade a Strike entrava em conflito com o desejo de atenuar os receios de Shah. Eles não queriam perder Shah: ele era um detetive muito bom.

— Watkins pode ter ligado à procura de alguma ajuda profissional — sugeriu Robin. — Não por motivos pessoais.

— Então é melhor que ele a tenha dispensado. Nós temos clientes suficientes, não precisamos de mulheres com quem ele está transando.

— Ele não dorme com clientes — afirmou Robin.

— É melhor que ele não comece a fazer isso — disse Shah. — Desculpe — acrescentou ele rapidamente. — Eu sei que isso não é culpa sua, mas minha

mulher acreditou na história da garota de programa. Ela sempre me pergunta por que estou trabalhando para um cara tão desprezível.

— Essa história não era verdade — rebateu Robin.

— Foi isso o que eu disse a ela. Por isso seria bom se Strike conseguisse, daqui pra frente, andar na linha. Ali vai Todd.

Robin olhou para o outro lado da rua. O faxineiro quase esférico, com a cabeça branca reluzente e tufos de cabelo sobre as orelhas, tinha acabado de sair do Black Sheep Coffee e descia a rua lentamente.

— Vejo você depois — disse Robin a Shah e saiu andando, seguindo Todd do lado oposto da rua.

Confusa e preocupada com o que tinha acabado de ouvir, Robin queria ligar para Strike imediatamente e perguntar o que estava acontecendo, mas Todd seguia na direção do metrô de Holborn, que ficava apenas a um minuto de caminhada, e, como era esperado, ele atravessou a larga rua de mão dupla à frente dela e desapareceu na estação.

Enquanto descia pela escada rolante, mantendo várias pessoas entre ela e Todd, Robin revisou mentalmente as evidências de que o caso de Strike e Bijou tinha terminado meses antes. Ele dissera a ela explicitamente que nunca tinha considerado Bijou uma namorada. Ele não escondera de Robin a gravidez de Bijou; ao contrário, pouco depois de Robin deixar a Fazenda Chapman, Strike contou a ela que o filho era de Honbold, com uma total indiferença que reforçava a impressão de que ele não se importava nem um pouco com a mãe ou com o bebê.

Então será que Bijou queria mesmo contratar um detetive? Só que isso não fazia sentido. Andrew Honbold não ia querer que ela contratasse Strike, não depois que o nome dela e do detetive tinham sido colocados juntos na *Private Eye*… Não, pensou Robin, com a agitação desagradável no estômago aumentando, havia alguma coisa acontecendo, algo que Strike não tinha contado a ela.

Todd pegou o primeiro trem disponível para o leste e sentou-se, com as pernas curtas e gordas afastadas, aparentemente jogando alguma coisa em seu telefone, enquanto Robin permanecia de pé, balançando, segurando-se a uma alça que pendia do teto, pronta para entrar em movimento quando Todd se movesse, mas com os pensamentos muito distantes do homem com a cabeça em forma de ovo

cujo reflexo ela estava vendo na janela escura.

53

O olho mal podia ver
A maçonaria eterna,
Mas abaixo dela na escuridão
Uma centelha se agitava de um lado para o outro.

A.E. Housman
XXXI: Hell Gate, Last Poems

Strike, que tinha tirado a tarde de sábado de folga, encontrava-se no momento parado no escritório interno, mais uma vez contemplando o quadro em que estava preso o material relevante para o caso do cofre da loja de prataria, que ele tinha acabado de reorganizar.

Estava tentando conter o zumbido baixo de medo que o incomodava desde sua ligação para Bijou no trabalho. Seus olhos, no momento, estavam fixos na pegada parcial encontrada sob o corpo de Wright. Várias coisas sobre ela chamaram sua atenção, antes que fossem afastadas de sua mente pelas notícias sobre Bijou Watkins.

Robin estava certa: a pegada tinha sido deixada por um pé relativamente pequeno. Embora fosse apenas parcial, era muito característica, e isso parecia estranho, porque tinha sido encontrada embaixo do corpo, o que com certeza significava que deveria estar borrada. Entretanto, se ela teve tempo de secar antes que o corpo fosse movido, Strike não via razão alguma para o assassino não a ter visto e limpado.

Ele também tinha percebido outra coisa sobre a pegada. O solado do tênis que a deixara estava perceptivelmente desgastado do lado direito. Strike, por acaso, sabia muito sobre análise de marcas deixadas por passos, porque isso tinha feito parte de seu processo de reabilitação depois da amputação. Ele ficava em cima de

uma caixa de luz enquanto a uniformidade de sua pisada era avaliada como parte do ajuste de sua prótese, e por isso aprendeu uma coisa ou outra sobre o jeito diferente com que solas se desgastavam se o dono tivesse algo semelhante a um passo desequilibrado. A menos que ele estivesse errado — e o artigo ortopédico que ele acabara de ler parecia confirmar sua hipótese experimental —, a pessoa que estava usando esse tênis podia mancar um pouco.

Strike pegou o bloco sobre a mesa. Ele o abriu e viu o que parecia ser uma anotação que Robin fizera para si mesma: PRESENTE BARNABY. Strike imediatamente se lembrou de Shanker, e do misterioso "Barnaby's" para onde iam os corpos, mas então ele recordou que Barnaby era o nome do novo sobrinho da sócia. Abrindo uma página em branco, ele escreveu uma única palavra nela, "manco?", arrancou-a e a prendeu embaixo da foto da pegada.

Strike tinha substituído o parágrafo sobre Reata Lindvall, a sueca assassinada na Bélgica em 1988, por fotos da assassinada Sofia Medina. A estudante espanhola fazia biquinho para ele, sua pele cor de mel escuro contra a lingerie preta, o cabelo reluzente caindo em ondas de ambos os lados do rosto. O vazio provocante de sua expressão drenava toda a sua personalidade.

Ao lado da foto de Medina estavam as três fotos que Kim tinha conseguido do corpo de Wiliam Wright. Strike examinou os detalhes da faixa por alguns segundos, então sentou-se a sua mesa, ligou o monitor do computador, procurou na Amazon os livros digitais de A. H. Murdoch e comprou o que parecia ser o trabalho mais conhecido do homem, *Segredos do ofício*.

Strike supôs que o número 32, identificado nas contas vermelhas da faixa no corpo, se referisse a um dos graus maçônicos, e logo descobriu que estava certo. Atingir o grau 32 dava a um maçom o posto de Príncipe Sublime do Segredo Real. Ele era simbolizado por espadas onduladas e uma cruz teutônica com uma águia que também aparecia na faixa, e era superado em status apenas pelo grau mais elevado de todos, Grande Inspetor Geral Soberano.

Há muito tempo em domínio público, o livro de Murdoch tinha sido escaneado para o formato digital de maneira desleixada, por isso de vez em quando havia uma palavra ilegível. Strike fez uma leitura diagonal da parte que falava sobre o grau 32.

O Príncipe Sublime do Segredo Real se torna, com a outorga do

> grau, nada mais que um Cavaleiro Cristão, o sucessor espiritual e legítimo dos cavaleiros templários.

Strike desceu a tela até ver a palavra "prata".

> Quando eleva e ilumina, uma mulher pura e casta é como prata, ou a lua. O […] maçom nunca deve confundir o chumbo vil com o metal mais nobre, ou ele pode se ver aprisionado para sempre nas masmorras da luxúria e da libertinagem.

A última linha trouxe de volta pensamentos desconfortáveis sobre Bijou Watkins, mas antes que afundasse mais na tristeza, seu celular tocou novamente.

— Strike.

— Eu preciso sair daqui — disse uma voz com sotaque de Glasgow.

— Barclay? — perguntou Strike, franzindo a testa. — Você está bem?

— Estou fodido. Você precisa arranjar outra pessoa para vigiar Plug.

— Você foi visto novamente?

— Não. Eu comi um maldito camarão.

— Você o quê?

— Comi um maldito camarão… A porcaria do sanduíche devia estar com a etiqueta errada… *merda*.

Strike ouviu o som de vômito.

— O que, você é alérgico?

— É, eu sou alérgico — foi a resposta fraca de Barclay. — Eu preciso ir à porra de um banheiro.

— Está bem, eu assumo Plug — disse Strike. — Onde ele está?

Barclay vomitou outra vez, então arquejou:

— Camberwell. Na casa da mãe.

— Certo. Vá embora — disse Strike, levantando-se. — Tem certeza de que não precisa de…

— Não, minha mulher está vindo… Eu não posso dirigir ass…

A ligação terminou quando Barclay começou a vomitar outra vez.

54

Um homem pode ser um bom tipo de homem no geral e mesmo assim um homem muito mau em particular: bom na Loja e mau no mundo; bom em público e mau com sua família; bom em casa e mau viajando (…).

Albert Pike
Moral e dogma do rito escocês antigo e aceito da maçonaria

Robin ainda estava seguindo Jim Todd, que descera do primeiro trem em Liverpool Street e mudara para a Linha Circular, que, por razões ainda desconhecidas, parecia de longe ser sua favorita.

Todd permaneceu no trem novo por quase uma hora, jogando intermitentemente um jogo em seu celular e olhando para os passageiros a sua volta. Uma ou duas vezes ele mudou de lugar, embora Robin não conseguisse entender por que faria isso. Ele não parecia tê-la visto, mas, por precaução, ela fazia pequenas alterações em sua aparência de vez em quando, enquanto Todd estava olhando para outro lado: botando óculos de lentes transparentes, que ela reservava exatamente para esse tipo de situação, ou tirando o gorro e o virando do avesso, de modo que o lado vermelho do tecido ficasse para fora em vez do preto. Ela também mudava de posição, às vezes sentando-se, às vezes ficando de pé: qualquer coisa para impedir que ele percebesse que havia outra pessoa no vagão que parecia gostar de andar em círculos tanto quanto ele.

O tempo todo em que Robin estivera fazendo essas coisas e vigiando Todd, ela não parava de sentir pequenas ondas de ansiedade em relação a Strike e Bijou Watkins. Era absurdo achar que ainda havia alguma coisa acontecendo entre eles, não era? Bijou estava grávida de outro homem…

Aldgate… Tower Hill… Monument…

Entretanto, Strike costumava esconder coisas sobre sua vida sexual, como

Robin sabia muito bem.

Gloucester Road… High Street Kensington… Notting Hill Gate…

Bijou estava grávida. O caso deles tinha sido há um ano, não tinha? Talvez não um ano… e havia aquela coisa horrível que Ilsa contara a Robin quando estava tentando convencê-la a falar com Strike sobre o caso amoroso desaconselhável… sobre até onde Bijou tinha ido para tentar engravidar do amante casado… Strike não queria filhos, ele sempre tinha sido claro em relação a isso…

Baker Street… Great Portland Street… Euston Square.

As portas do trem se abriram e se fecharam. Várias adolescentes entraram no vagão, agarradas a suas compras feitas nas ruas comerciais, conversando e rindo. Robin as observou, sentindo-se repentinamente velha em suas camadas de roupas práticas. Duas das garotas estavam de pernas de fora, a pele sarapintada por baixo de minissaias que nem mesmo um dia gelado de janeiro as impedia de usar.

Todd se levantou. Robin mudou sua própria posição para vê-lo, caso ele estivesse prestes a sair do trem. Todd estava agora se segurando a uma alça de mão, ainda olhando para o telefone.

Farringdon…

Uma senhora se levantou de seu assento bem ao lado das adolescentes e foi lentamente na direção das portas, preparando-se para quando elas se abrissem. Com velocidade surpreendente para um homem tão rotundo, Todd pegou o lugar vazio. Agora ele estava posicionado bem na frente das pernas sarapintadas sob as minissaias, com os pés pequenos cruzados, a cabeça curvada sobre o telefone, aparentemente atento ao seu jogo.

Barbican…

E, segundos antes de ver a prova, Robin percebeu por que Todd gostava de andar por horas na Linha Circular, e entendeu por que nenhum dos outros terceirizados o havia visto agir daquela forma: porque as oportunidades eram raras nesses meses amargos de inverno…

Ele estendeu discretamente o telefone para posicioná-lo por baixo da minissaia de uma das garotas, que estava com as pernas afastadas para se equilibrar. Robin fez um movimento involuntário, e isso, ou alguma sensação de estar sendo observado, fez com que Todd olhasse ao redor, direto nos olhos de Robin.

— OI!

Robin não foi a única pessoa que viu aquilo: um homem negro e alto usando

fones de ouvido gigantes estava apontando.

— EU VI ISSO, SEU PEDÓFILO DE MERDA!

O homem de fone de ouvido tropeçou na mochila de um vizinho quando se atirou sobre o faxineiro, e Robin ficou bloqueada de um lado pelas adolescentes agitadas, uma das quais dizia com medo "O que ele fez? O que ele fez?", e, do outro, por um grupo de pessoas esticando a cabeça para ver o que era aquele tumulto. Todd já estava na porta quando o trem parou na estação Barbican; ele se embrenhou na multidão que esperava para embarcar e desapareceu de vista.

— Com licença, com licença! — dizia Robin em voz alta, tentando passar. Depois de finalmente conseguir, com esforço, sair pela porta, ela olhou freneticamente para os dois lados da plataforma, mas Todd não estava em nenhum lugar à vista.

55

Ele tinha a crueldade elementar do selvagem, que só reconhece o próprio sofrimento (…).

John Oxenham
A Maid of the Silver Sea

Strike tinha chegado em frente à casa da mãe de Plug na Vestry Road para assumir o lugar do adoentado Barclay. O sol tinha se posto, e a poça de vômito rosado na sarjeta que ele percebera ao chegar havia desaparecido na escuridão.

Quando estava se preparando para o que provavelmente seria uma noite passada no BMW, a porta da frente da casa se abriu, e o alvo de Strike saiu sozinho, agasalhado contra o frio com uma grossa jaqueta preta. Para descontentamento de Strike, Plug não pegou seu carro, mas saiu andando a pé, não dando ao detetive nenhuma escolha além de fazer o mesmo.

Desejando ter sido mais prevenido e trazido luvas, Strike seguiu Plug pela Peckham High Street. Ele logo mudou seu palpite inicial de que Plug ia comprar comida para viagem, porque o homem não parava de andar e, por fim, desapareceu embaixo de uma arcada na estação Queen's Road Peckham.

Na plataforma, Plug abordou um segundo homem, de compleição atarracada, com uma expressão de agressividade reprimida e a cabeça praticamente toda raspada.

As suspeitas de Strike sobre as viagens regulares de Plug ao complexo nas cercanias de Ipswich, as associações de negócios com outros homens de aspecto bruto e o episódio estranho da criatura no barracão estavam longe de ser provadas. Essa era a primeira vez que ele estava em uma situação na qual podia ouvir a conversa do homem, então silenciou o celular e se aproximou da dupla, cuja conversa, em voz baixa, estava, no momento, incoerente.

— O que ele está oferecendo?

— Mil — disse Plug.

— Vale mais.

— Foi o que eu disse a ele. Ela tem muito mais potencial.

Os dois homens de fisionomia truculenta fizeram silêncio. Era difícil dizer se eles não gostavam um do outro ou se eram amigos do peito; eles pertenciam àquela categoria de ingleses para quem o amor e o ódio tinham faces quase idênticas.

O trem chegou, e Strike seguiu os homens e entrou no vagão. Estava cheio, por isso não pareceu estranho que ele escolhesse um assento perto deles, fingindo estar enviando mensagens de texto, mas, na verdade, fazendo anotações de tudo que conseguia ouvir da conversa.

— Soube que você teve um problema em Ipswich.

— Problema, não. Pessoas, só isso. Mas elas não voltaram a aparecer.

O trem partiu. Strike se esforçou para ouvir melhor.

— A vadia do Gaz pode fazer isso.

— Nem fodendo — retrucou Plug.

— Ela está bonita.

— Se você quer desperdiçar seu dinheiro… — escarneceu Plug.

O trem seguiu chacoalhando na direção da Ponte de Londres.

56

Levei minha pergunta para o santuário que não parou de falar,
O coração interior, que conta a verdade e a conta de forma duas vezes mais simples;
E da caverna dos oráculos, ouvi a sacerdotisa gritando
Que ela e eu certamente íamos morrer para nunca mais viver.

A.E. Housman
XXV: The Oracles, Last Poems

Robin procurou pelos corredores e vasculhou escadas rolantes cheias, mas não encontrou nem sinal de Jim Todd. Provavelmente não era a primeira vez que ele tinha sido flagrado filmando por baixo de saias e talvez possuísse estratégias para essas situações, tivesse esconderijos em suas estações favoritas da Linha Circular e conhecesse as maneiras mais rápidas de escapar para a superfície. Pouco depois de desistir de procurar por ele, Robin viu o sujeito que também havia flagrado o que Todd estava fazendo e as adolescentes, agora chorosas e agitadas, falando com uma funcionária do metrô, mas Robin sabia que nada seria feito. O crime era comum demais, e Todd havia desaparecido. O que a mulher no uniforme azul-marinho poderia fazer em relação a isso?

Com uma dor aguda na lateral do corpo depois de muito correr, Robin se encostou na parede de azulejos da plataforma da estação, observando as pessoas que saíam para beber e comer no sábado à noite, e imaginou os comentários irônicos que Kim ia fazer quando soubesse que Robin tinha perdido Todd em Barbican, assim como tinha perdido Plug na Victoria Station. Então — porque isso estava atormentando sua mente havia horas, impedindo que até mesmo a revelação do que Todd andava fazendo na Linha Circular por dias seguidos conseguisse tirar isso de sua cabeça — ela pensou em Strike e Bijou.

Ela, agora, tinha uma desculpa para ligar para ele. Strike estava de folga nessa noite, então provavelmente estaria em casa. Ela ia contar a ele sobre Todd filmar por baixo de saias, depois lançar uma pergunta casual sobre por que Bijou estava ligando para o escritório. Ela ia dizer que Shah estava preocupado com isso, estruturar a coisa toda como uma questão pessoal. Decidida, Robin voltou até a escada rolante e, apesar da dor, subiu por ela, ansiosa para ligar para Strike o quanto antes.

Lá fora, na escura Aldersgate Street, ela fez a chamada, que foi direto para a caixa postal. Ela não deixou mensagem, mas tentou novamente, com o mesmo resultado.

Algo pior que ansiedade a incomodava. Era sábado à noite. Onde ele estava, com o telefone desligado? Robin observou o trânsito por mais alguns segundos, então fez a volta e retornou para a estação, e, enquanto descia pela escada rolante, lembrou-se da noite em que Strike fora a seu apartamento para ouvir o que Murphy tinha a dizer a eles sobre Jason Knowles, e como ele disse "Vou me encontrar com Bijou". Talvez isso não tivesse sido uma piada. Talvez ele *estivesse* de folga para se encontrar com Bijou.

Murphy queria vê-la naquela noite, mas Robin teve de trabalhar, então eles combinaram de passar o domingo juntos. A ideia do dia seguinte com o namorado deveria estar animando-a, deveria aliviar essa mistura horrível de medo e de raiva, mas não o fez. Robin queria olhar na cara de Strike quando lhe contasse sobre Todd e lhe perguntasse sobre Bijou Watkins.

Ela soube, assim que entrou na Denmark Street, que Strike não estava lá, porque as luzes estavam todas apagadas, tanto no apartamento no sótão quanto no escritório. Mesmo assim, Robin ligou para ele novamente enquanto olhava para as janelas no alto. A ligação foi para a caixa postal mais uma vez.

Ele saiu com ela.

Você não sabe isso.

Então por que ele não está atendendo ao telefone?

Robin entrou pela porta da rua e subiu os três lances da escada de metal até o apartamento de Strike no sótão, sabendo que seria infrutífero, mas determinada a confirmar. Ela bateu na porta, mas não houve resposta, então desceu até o andar do escritório, destrancou a porta de vidro e desligou o alarme.

No escritório interno, ela acendeu a luz, registrando vagamente as mudanças

no mural desde a última vez que pusera os olhos nele. Ela conferiu a hora no celular: era muito mais cedo do que esperava; seu dia longo e a escuridão do céu, fora da janela, fizeram com que ela pensasse que fossem pelo menos nove horas. Com o coração batendo na garganta, ela sentou-se na cadeira habitual e permaneceu imóvel por um ou dois minutos, pensando. Então respirou fundo e ligou para Ilsa Herbert.

— Oi, Robin — disse Ilsa, atendendo depois de alguns toques. — Como vai?

Robin teve certeza de ouvir um traço de cautela.

— Já estive melhor — falou Robin sinceramente. — Como você está? Como está Benjy? — perguntou ela sobre seu afilhado.

— Andando — disse Ilsa —, o que significa que está puxando o fio dos abajures e sempre batendo com a cabeça na mesa de centro, então isso é bom e relaxante. O que anda acontecendo?

— Não muita coisa — disse Robin com falsa leveza. — É um momento meio complicado, de um jeito ou de outro. Atarefada no trabalho, e o Land Rover deu pane. — Ela engoliu em seco. — Você sabe sobre Bijou Watkins?

Houve uma pausa muito breve. Robin podia visualizar a expressão cautelosa de Ilsa.

— O que tem ela?

— Sobre ela e Strike — disse Robin.

— Ele… contou para você? — perguntou Ilsa, e o pulso de Robin se acelerou ainda mais.

— Contou.

— Ah, graças a Deus — disse Ilsa, parecendo imensamente aliviada. — Ele me pediu para não contar a você, disse que ele mesmo ia fazer isso, mas eu disse para Nick há *literalmente* meia hora: "Aposto que ele não contou." Ele já falou com ela?

— Acho que está fazendo isso agora — disse Robin, cujos ouvidos estavam zumbindo.

— Pessoalmente?

— É, eu acho que sim.

— Ah, meu Deus — disse Ilsa, e afastou a boca do telefone para contar ao marido. — Robin disse que ele está se encontrando com Bijou esta noite. — Ilsa voltou ao fone. — Eu tentei alertá-lo, você sabe que tentei! Se *for dele*… ele diz

que não pode ser, mas eu te contei sobre o truque da camisinha, não contei?

— As que ela pegava do lixo? — perguntou Robin, o zumbido estridente nos ouvidos ficando mais alto. — É, você me contou.

— Cá entre nós, a fofoca nos gabinetes é que *é* de Corm, que ela percebeu que estava grávida depois de ele largá-la, então tentou fazer com que parecesse ser de Honbold, mas isso provavelmente é o que as pessoas *querem* que tenha acontecido. Nenhum deles é popular, quero dizer, Bijou e Honbold. Corm contou a você sobre a superliminar?

— Ah, contou — disse Robin.

— Estou surpresa por Honbold tê-la conseguido. Se sua persona pública está totalmente ligada à ética pessoal e aos valores familiares, e você enganou sua mulher e quer escapar de suas obrigações com uma filha que você gerou fora do casamento, isso é interesse público bem sólido. Mas Honbold tem amigos nos altos círculos e não ficou rico como é sem saber defender um caso. Ele deve tê-los convencido de que não há nenhuma história, mas isso não vai resistir por muito tempo, os jornais vão acabar vazando a coisa toda. Acho que tudo vai levar a um teste, depois os jornais vão poder atacar, de um jeito ou de outro… *Meu Deus*, eu espero que ela não seja de Corm.

— Então é uma menina? — disse a voz de Robin, vinda de algum lugar distante que não parecia estar ligado nem com sua boca dormente, nem com seu cérebro paralisado.

— É. Eu diria que não pode ser dele, porque Bijou estava tentando agarrar Honbold havia *séculos*, mas, odeio dizer isso, ela gostou mesmo de Corm. Não foi uma coisa aleatória. Eu acho que ela gostou muito da ideia de ser a sra. Cormoran Strike, mas então ele a largou, obviamente, e ela se voltou para Honbold.

— Certo — falou Robin com uma voz extracorpórea.

— Eu sinto pena dela, sério, ser dispensada logo depois de dar à luz, mas ela é tão detestável que não consigo evitar sentir que recebeu o que merecia. Mas eu lamento muito por Corm… sei que ele é um babaca, mas ele usou proteção, e camisinhas são…

— Noventa e oito por cento eficazes — disse Robin como um autômato. — Se usadas corretamente.

— A menos que uma pessoa as pegue em uma lata de lixo. *Meu Deus*, isso é uma confusão e tanto.

— Bem, ninguém o obrigou a fazer isso — disse Robin, cuja garganta se apertava rapidamente. — Ninguém o obriga a dormir com mulheres e largá-las só porque elas estão disponíveis e ele quer um pouco de diversão sem compromisso.

— Eu sei, mas tudo estourar na cara dele desse jeito…

— Ilsa — disse Robin, receosa de que não fosse capaz de manter por muito mais tempo o fingimento de que não estava abalada. — Eu tenho que desligar, desculpe.

— Ah — disse Ilsa, desconcertada. — Por que… você só ligou para conversar, ou…

Merda.

— Ah, meu Deus, desculpe — disse Robin, fingindo ter se esquecido de algo, embora sua garganta traidora estivesse se fechando enquanto ela falava, e seus olhos estivessem ardendo. — Eu só queria saber se você estava livre para tomar um drinque algum dia nessa semana.

— Essa semana não. Estou no tribunal, estamos atolados de trabalho. Posso escrever para você na semana que vem?

— Ótimo — disse Robin, mas isso saiu como uma espécie de guinchado.

— Robin?

Ela não conseguiu responder imediatamente.

— Robin — repetiu Ilsa, agora parecendo preocupada. — Você já sabia de tudo o que eu contei a você, não sabia?

— Sabia sim, claro — Robin se forçou a dizer, mas não havia como esconder o fato de que agora estava chorando. — Eu só… isso é uma grande confusão, como você disse. Por favor, não conte a Strike que eu liguei para você para conversar sobre isso, ele vai ficar irritado… especialmente se souber que fiquei abalada.

— Não, claro que não vou contar a ele — disse Ilsa com simpatia. — Eu sinto muito mesmo, Robin. Sei que isso é um pesadelo para a agência, especialmente depois daquelas reportagens na imprensa.

— É — confirmou Robin —, esse é o problema… mas com sorte… bem, vamos esperar e ver o que o teste de DNA diz.

— Eu ligo para você para marcarmos um drinque na semana que vem — disse Ilsa.

— Ótimo. Até logo, então.

Robin desligou e desabou sobre a mesa, com o rosto entre os braços e uma represa rompida em seu interior, e as lágrimas contidas por meses finalmente se derramaram, o emaranhado confuso de sentimentos dentro dela, alguns reconhecidos, mas a maioria reprimidos por muito tempo, se libertando de todas as restrições.

Então Strike podia ter acabado de se tornar pai, assim como Matthew, Stephen, Martin, Shah e Barclay, enquanto ela… ela tentava não pensar em seu bebê, porque havia sido apenas um monte de células, não havia? Não um verdadeiro ser humano que pertencesse a ela, mas, mesmo assim, ela tinha sido roubada do que muitas mulheres faziam deliberadamente e com facilidade, mesmo que isso significasse fazer um trabalho sujo com um pedaço de borracha gosmento em uma lata de lixo; não, o filho dela tinha sido gerado por descuido e ignorância, então houve agonia para ela e morte para a pessoa pequenina que estava alojada em sua trompa de Falópio, para sempre impedida de conhecer a mãe. Robin não desejara aquele bebê, mas agora chorava por ele, cheia de vergonha por ele ter tanto vivido quanto morrido…

E Strike, por quem ela sentia coisas que não deveria, sentimentos que tentara extinguir, mas que ultimamente estavam voltando a dominá-la — ele lhe dera aquela pulseira, falara muito sobre o bilhete de suicídio de Charlotte e lhe oferecera um empréstimo para comprar um Land Rover apenas para mantê-la ligada a ele e à agência; era tudo cinismo, ele não estava sendo honesto com ela, ele não a alertou sobre aqueles novos escândalos que iam explodir como minas terrestres sob seus pés. Ele não queria o que Murphy estava oferecendo a ela; não, tudo o que ele queria era continuar esgueirando-se e escondendo segredos enormes sobre outras mulheres, e talvez ela descobrisse, dali a um ano, que ele tinha dormido com Kim Cochran, e haveria mais consequências sórdidas e outra descoberta arrasadora para Robin, que precisava parar, agora, para sempre, de sentir qualquer coisa além de amizade por ele — embora, nesse momento, ela mal sentisse isso…

E Robin chorou por culpa, porque escondia tantas coisas de Murphy, especialmente a maior de todas: que ela sentia o que não deveria por seu sócio, agora não havia como negar, mas isso precisava acabar, naquele dia mesmo…

Quantas vezes mais ela ia se torturar devido aos verdadeiros sentimentos de Strike, enquanto ele estava ocupado escondendo dela segredos imensos? Quanto

de sua vida ela ia deixar em suspenso, com esperança e expectativa — ela tinha começado a admitir isso para si mesma — de que Cormoran Strike se tornasse sincero e honesto com ela, que dissesse a ela claramente o que queria e sentia? Ele *tinha mostrado* a ela o que queria, ele não precisava dizer: uma série de mulheres bonitas para serem descartadas quando não fossem mais convenientes, e Robin à disposição para ajudá-lo a tocar sua empresa de sucesso, que agora estava ameaçada por suas próprias ações. Que tipo de tola sonhadora acreditava que aquele homem se transformaria, aos quarenta e dois anos, em alguém que quisesse a monogamia e uma vida doméstica estabelecida?

Finalmente, depois de respirar fundo várias vezes, Robin sentou-se ereta, esfregou os olhos inchados e ardentes na manga do casaco e foi buscar um rolo de papel higiênico no banheiro do patamar para assoar o nariz e limpar a mesa, que agora estava suja de lágrimas e rímel. Então ela sentou-se novamente, ainda soluçando de vez em quando, com uma dor de cabeça aumentando e uma longa viagem de metrô até em casa pela frente.

Ela não ia trair Ilsa; tanto Robin quanto Strike poderiam fazer o jogo duplo de não admitir o que sabiam, mas ela não suportaria falar com ele, não até conseguir se controlar melhor.

O telefone do escritório tocou. Robin não queria atender, não queria que Strike soubesse que tinha passado ali. Mesmo assim, ela botou o telefone automaticamente no viva-voz para poder ouvir a mensagem, se houvesse uma. Ela ouviu enquanto a voz rouca de Pat informava à pessoa que estava ligando que eles tinham contatado a Agência de Detetives Strike e Ellacott, que o escritório funcionava das nove às cinco e que ela podia deixar uma mensagem. Houve um bipe, então uma voz áspera de homem falou:

"Você foi avisada para parar com isso. *Pare com isso, porra*, ou você vai ter o que merece, sua vadia."

Um clique: a pessoa desligou.

Com os olhos ainda ardendo, Robin olhou fixamente para o telefone. Apesar de seu estado atual, ela pensou reconhecer a voz como a mesma que sussurrara em seu ouvido "*Vai acontecer de novo se vocês não desistirem dessa merda*", enquanto a segurava pelo pescoço na Harrods. Ela pensou em Todd (o incidente da filmagem por baixo da saia parecia ter sido horas atrás) e no jeito como ele olhara diretamente em seus olhos, quase como se tivesse sentido que ela o estava

observando, mas não tinha sido Todd quem pusera o gorila em sua mão; ela teria sentido sua barriga imensa se apertando contra suas costas.

Você foi avisada para parar com isso. O homem desconhecido sabia que ela não estava obedecendo. Como? Todd havia ligado para alguém e contado que tinha sido seguido por Robin? Será que o homem que ligou estava vigiando o escritório nesse momento? Não seria a primeira vez que alguém aparecia na Denmark Street para ameaçar a agência. Ela conseguia muito bem imaginar tanto Strike quanto Murphy gritando com ela para tomar cuidado, para chamar um táxi, para levar essa ameaça a sério, como faziam os homens quando estavam preocupados, quando preferiam direcionar sua agressividade para você a ter que avaliar a situação com frieza, mas se o homem do outro lado do telefone realmente quisesse machucá-la, por que deixar mensagens primeiro? Seria mesmo sensato segui-la até o escritório depois do que tinha acabado de acontecer?

Tirando o telefonema da cabeça, Robin ligou o computador. Ela precisava encontrar alguma coisa que pudesse usar para escapar da viagem à Escócia na segunda-feira à noite…

Quarenta minutos depois, ela tinha duas boas razões, que surgiram com tanta facilidade que ela sentiu como se o destino tivesse atravessado a tela para acariciar com bondade sua cabeça. *Você precisa de uma folga.*

Robin pegou seu telefone, então tornou a largá-lo. Ela não queria mandar uma mensagem para Strike, porque ele poderia ligar de volta. Em vez disso, abriu o e-mail. Depois de pensar em que saudação deveria usar, decidiu não usar nenhuma, porque ele não era mais seu "querido" nada naquela noite.

Descobri por que Todd gosta tanto de andar na Linha Circular a tarde inteira. Ele está filmando por baixo da saia de meninas. Ele foi flagrado enquanto eu o seguia e foi literalmente perseguido para fora do trem. Na confusão, eu o perdi.

Robin parou para pensar, então voltou a digitar.

Fiquei pensando sobre a viagem da semana que vem e parece inútil que nós dois entrevistemos Jade Semple quando foi você quem a convenceu a falar. Eu acabei de identificar a escola que Sapphire Neagle estava frequentando

antes de desaparecer, e quero tentar falar com uma amiga dela quando estiver indo ou voltando de lá para tentar descobrir, pelo menos, o que ela sabe sobre Oz.

Também tenho olhado o Instagram de Valentine Longcaster. Ele está avaliando um lugar chamado Ferro-Velho do Próprio Deus para um ensaio fotográfico de moda na terça-feira, e eu conheço o lugar. Fica em Walthamstow, perto da minha casa. Acho que eu devo tentar entrevistá-lo pessoalmente. Ele pode ficar mais propenso a falar comigo do que com você.

Eu vou a Ironbridge na quarta-feira falar com Dilys Powell, porque sou a única que já falou com ela antes.

Robin parou de digitar outra vez. Seus olhos se desviaram para o mural, e ela percebeu que Strike tinha removido o parágrafo sobre Reata Lindvall. Robin sabia muito bem que nenhum dos suspeitos de serem Wright tinha qualquer conexão conhecida com Reata Lindvall nem com a Bélgica, mas ficou satisfeita por ter outra razão para estar com raiva de Strike, que tinha removido sem cerimônia a informação em que ela esbarrara na noite de Natal, com o ex-marido parado ao seu lado e o namorado com raiva no pub atrás dela, e a mente de Robin focada, como sempre, no trabalho.

Percebi que você removeu o parágrafo sobre Reata Lindvall, mas, como não temos mais nenhuma pista sobre quem poderia ser "Rita Linda", você pode perguntar a Jade se Niall ou qualquer pessoa da família ouviu falar dela ou tem alguma conexão com Liège?

Robin parou mais uma vez, olhando fixamente para a tela com os olhos ardendo, então continuou a digitar.

Não vou poder ficar muito tempo em Ironbridge, porque Ryan e eu estamos procurando uma casa juntos e temos visitas marcadas para ver duas na semana que vem.

Vejo você na terça.

PARTE CINCO

Ainda era um caso de fé e esperança — um caso de investimento contínuo de trabalho e dinheiro, e, até agora, de obter pouca coisa com isso —, exceto a escória que interveio entre eles e suas esperanças mais elevadas.

John Oxenham
A Maid of the Silver Sea

57

Quando os sinos dobram na torre,
Em meio à noite vazia,
Há um sabor azedo em minha língua
Por tudo o que eu já fiz.

A.E. Housman
IX, Additional Poems

Cormoran Strike tinha sido chamado de muitas coisas pelas mulheres em sua vida, mas "estúpido" nunca foi uma delas. O comunicado direto de que Robin e Murphy estavam procurando uma casa juntos, o tom gélido do e-mail dela e os textos tensos relacionados ao trabalho que eles trocaram nas quarenta e oito horas seguintes: tudo deixava bem claro para Strike, como se ela tivesse gritado na cara dele, que ele agora estava recebendo a rejeição amorosa para a qual tinha estado alerta por todos esses meses, mas que, até o momento, nunca tinha se materializado.

Alguma coisa tinha mudado, mas ele não sabia o quê. Será que a raiva dela por ele ter se recusado a manter Albie Simpson-White sob vigilância tinha aumentado até se transformar em fúria depois do café no Bar Italia? Será que Murphy tinha colocado objeções à viagem deles ao Norte, perguntando (com alguma justificativa) por que os dois precisavam viajar para a Escócia para entrevistar uma mulher solitária? Será que Strike não tinha percebido um acúmulo de pequenas queixas, simbolizadas pela referência raivosa de Robin a sua remoção de Reata Lindvall do mural?

Ele ligou para Robin depois de chegar ao escritório e ouvir a nova mensagem ameaçadora deixada pelo homem desconhecido de voz rouca, mas a ligação foi para a caixa postal. Robin respondeu com uma mensagem curta dizendo que

estava tomando todas as precauções possíveis. O tom dessa mensagem fez com que ele se perguntasse se deveria tentar forçar uma conversa, enviar um texto simples tipo "está tudo bem?", mas sua longa experiência com mulheres que ficavam com raiva dele fez com que desconfiasse que o máximo que receberia em resposta seria um "tudo bem" passivo-agressivo. O negócio sórdido com Bijou Watkins estava pesando em sua consciência, mas Robin não tinha como saber de nada disso, tinha? Ilsa prometera não contar a ela, e se Kim tivesse aberto a boca, Robin teria perguntado a ele sobre isso. Ele certamente não ia contar nada a ela sem ser forçado — não queria se parecer mais com um canalha fraco e mulherengo do que já parecia.

Strike cancelou a reserva do hotel em Lake District, porque de jeito nenhum ia ficar olhando sozinho para o Windermere, e, às onze e meia da noite de segunda-feira, apesar da autodisciplina que normalmente o impedia de beber sozinho, ele tomou duas cervejas Doom Bar antes de subir a bordo do Caledonian Sleeper, com uma garrafa de uísque guardada na mala que arrumara para sua viagem de dois dias até Glasgow.

Sua cabine era pequena e demasiadamente aquecida. Sem tirar o casaco, o detetive sentou-se no beliche de baixo e bebeu um copo de plástico de uísque puro. Os escoceses da cabine ao lado estavam falando tão alto que Strike conseguia perceber algumas palavras, principalmente "seu babaca" e "seu filho da puta". Era impossível saber se eles estavam brincando ou discutindo.

O ódio de si mesmo e um fatalismo desolado tinham se apoderado de Strike naquela noite. Parecia muito mais provável do que três dias antes que ele fosse, de fato, o pai da filha de Bijou. A distância intransponível entre ele e a única mulher que queria ia ser contrabalançada pelo estreitamento de um vínculo indesejado com uma mulher da qual ele nunca sequer tinha gostado. Isso não seria a porcaria de uma piada cósmica? Ele, com seu ressentimento de toda a vida em relação ao pai que o gerara acidentalmente, que fora forçado a cumprir as mais básicas obrigações paternas por um exame de DNA, agora estar aprisionado por sua própria prole indesejada?

Sete anos de oportunidades perdidas com Robin; ele não parava de contá-las, como um avarento conta seus centavos. Ele fodera com tudo, e estava acabado: ela ia morar com Murphy e se casar com ele, e ter seus filhos e deixar a agência, e ele, como o grande babaca que era, teria que viver com isso, porque tinha

demorado demais para agir, demorado demais para reconhecer o que era extremamente óbvio, e ele merecia essa infelicidade, merecia a falta de esperança que o estava engolfando, porque tinha sido um merda arrogante que achava que ela estava ali à disposição, se ele quisesse…

Às 23h45, o trem partiu, levando Strike na direção de uma entrevista que ele arranjara exclusivamente para ter uma desculpa para jantar com Robin. Um segundo uísque não teve muito efeito além de fazê-lo suar. Ele tirou o casaco e abriu a janela da cabine, então se deitou no beliche de baixo, equilibrando um copo de plástico de uísque no peito e pensando no e-mail em que Robin finalmente admitira que ela e Murphy iriam morar juntos, que ele quase já havia decorado.

Ele não poderia, até onde conseguia ver, fazer muita coisa, nesse momento, para melhorar a relação — não que ele imaginasse haver como ressuscitar o que, talvez, sempre tivesse sido uma esperança fútil de romance, mas ele não queria perdê-la como sócia ou, pior, como amiga. Se tivesse sido sua recusa em manter vigilância sobre Albie Simpson-White que a deixara com raiva, ele não poderia fazer nada sobre isso naquela noite, porque não havia ninguém disponível para seguir o homem. Ele também estaria com problemas se a origem da repentina frieza dela estivesse no fato de Murphy ter tido um ataque de ciúme. Por outro lado, se o problema *tivesse* sido remover aquela droga de papel do mural, ele podia fingir estar levando a sério a possibilidade de que "Rita Linda" fosse Reata Lindvall. Ele, então, tomou outro gole de uísque e pesquisou pela mulher no Google, finalmente encontrando um relato de seu assassinato em um site belga, que oferecia uma tradução ruim para o inglês.

Reata nasceu na Suécia em 1972, filha de mãe solteira e pai desconhecido, e ficou órfã aos dez anos quando a mãe alcoolista morreu. Ela então passou por diversos lares adotivos até fugir em 1988. Depois de viajar para a Suíça com uma amiga, onde as duas foram empregadas como "camareiras de chalés", ela deu à luz a própria filha, Jolanda, em 1993 com, como escreveu o site, "mais uma vez um pai desconhecido".

As repetidas menções a filhas concebidas por acidente não estavam colaborando para animar Strike. Entretanto, ele continuou lendo.

Reata pretendia dar o bebê para adoção, mas mudou de ideia quando a menininha nasceu. Logo depois de dar à luz, ela conheceu o belga Elias Maes, de

trinta e nove anos. Os dois começaram um relacionamento, e Reata e Jolanda se mudaram para Liège, para morar com Maes.

> O relacionamento com Maes era violento e difícil, e os dois bebiam muito. Maes acusava Lindvall de ser uma mãe negligente, e os dois acusavam um ao outro de infidelidade. Vizinhos diziam que Maes reclamava do comportamento de Jolanda e podia ser cruel com a criança. Lindvall e Maes se separaram por seis meses em 1998, depois reataram.
>
> No dia 20 de junho de 1998, Reata e Jolanda desapareceram. Amigos preocupados entraram em contato com a polícia. Maes, que estava viajando a trabalho, foi preso ao voltar, suspeito de tê-las sequestrado e assassinado. Posteriormente, foi liberado sem nenhuma acusação.
>
> Apesar dos apelos públicos, não se encontrou nenhum sinal de Lindvall ou de sua filha. Maes ainda estava sob suspeita, e em 1999 ele se mudou para Antuérpia.
>
> No início de 2000, a polícia recebeu uma pista e vasculhou a floresta perto de Lac d'Ougrée. Fragmentos de ossos humanos e roupas velhas foram recuperados. Análises de DNA comprovaram que os restos humanos pertenciam a Reata e Jolanda.
>
> Maes foi preso outra vez. Grupos feministas belgas fizeram campanha na frente do tribunal enquanto durou o julgamento. Em março de 2001, Maes foi considerado culpado dos assassinatos de Reata e Jolanda Lindvall e condenado a duas sentenças de prisão perpétua.

Strike bebeu mais uísque e pensou em escrever para Robin com algum comentário anódino ou pergunta sobre Lindvall para mostrar que ele não a estava descartando, mas ainda não conseguia ver como a sueca morta poderia ser relevante para sua investigação, e sentiu-se certo, de uma maneira masoquista, de que Robin, nesse exato momento, estava transando com Murphy e gostando muito disso.

Os escoceses na cabine ao lado continuavam brincando ou discutindo, e Strike

de repente desejou estar em outro lugar, qualquer lugar que não fosse aquela lata de sardinhas chacoalhante. Ainda segurando a garrafa de uísque, ele se levantou do beliche, abriu a porta da cabine e saiu andando pelo trem.

O bar apertado era fortemente iluminado, não muito limpo e quase tão deprimente quanto sua cabine. Um pequeno grupo de homens estava parado na outra extremidade, todos, pelo som que faziam, escoceses. Strike sentou-se à única mesa e serviu outra dose grande de uísque em seu copo plástico, então olhou vagamente pela janela para os postes e janelas que passavam.

Seu celular apitou. Ele esperava que fosse Robin, mas naturalmente era Kim.

Imagino que você não ainda não tenha conseguido pegar no sono aí no trem.
Essa não é a mulher que encontramos no Dorchester?!

Strike abriu o link para a reportagem que ela tinha anexado e ali, com certeza, estava a honorável Nina Lascelles em um vestido de noiva, ao lado do mesmo homem louro que ela apontara na pista de dança e cujo nome, descobriu-se, era Percy, e cujo casamento era notícia porque ele era um promissor membro trabalhista do parlamento. Strike olhou fixamente para a foto por quase um minuto, perguntando-se por que uma das madrinhas parecia vagamente familiar. Então ele percebeu que a mulher de aspecto rabugento tinha sido um alvo de investigação anterior. Midge tinha flagrado a mulher casada visitando o amante, o que explicava o furioso "*Você realmente ferrou com a vida de uma amiga minha*" no Dorchester.

Ele desceu a tela. Abaixo da reportagem sobre Nina, havia outro artigo sobre Dominic Culpepper, e, com uma agitação desagradável no estômago, Strike viu o nome de Charlotte.

O texto detalhava o "casamento não convencional" da mãe de Charlotte, Tara, com seu quarto marido, um tal lorde Jenson. O casal vivia separado, Jenson mantendo a casa grande em Mayfair na qual tinha vivido com a ex-mulher, e Tara (da rica família Clairmont, que fundou a famosa rede de hotéis Clairmont) continuando a reinar na mansão herdada pelo filho, a Heberley House, o que "agrada a Sacha", segundo Tara, "porque ele está sempre filmando muito, e quem vai cuidar de Heberley melhor do que eu?".

Naturalmente, também havia menção ao trágico suicídio da filha de Tara.

"Ela tinha problemas desde a infância", diz com tristeza lady Jenson. "Nós fizemos todo o possível, é claro, mas quando seu filho vira adulto… infelizmente, ela entrou em um relacionamento muito longo e muito disfuncional que, nós acreditamos, contribuiu de forma significativa para seus problemas de saúde mental."

Antes de seu casamento, Charlotte teve um relacionamento intermitente de quase vinte anos com Cormoran Strike, o controverso detetive particular que, recentemente, teria assediado uma profissional do sexo.

Entretanto, lady Jenson continua resiliente.

"Aprende-se a lidar com isso", diz ela. "Naturalmente, a perda de uma filha…"

— Que diabos você está fazendo aqui? — disse uma voz trovejante.

Strike ergueu os olhos. Um homem baixo, atarracado e quase totalmente calvo, que mascava vigorosamente um chiclete, tinha se separado do grupo no bar e estava olhando para o detetive: Fergus Robertson, o jornalista que, recentemente, pegara o depoimento de Strike sobre a história de Candy.

— Trabalho — disse Strike. — E você?

— A mesma coisa — respondeu Robertson, sentando-se sem ser convidado na cadeira à frente de Strike. — Vou registrar a reação de Nicola Sturgeon ao discurso de Theresa May sobre o Brexit amanhã. O jornal a convenceu a me dar uma entrevista.

— Certo — comentou Strike, guardando novamente o telefone no bolso.

— Estou vendo que você não quer enriquecer a British Rail — disse Robertson, com olhos no uísque de Strike.

— Pode se servir — ofereceu Strike, empurrando a garrafa na direção do jornalista, que se serviu de uma dose generosa em seu próprio copo plástico.

Strike se sentia tão deprimido que mal conseguia manter o interesse pela conversa de Robertson, porém era uma distração leve estar sentado diante do jornalista. Quando Robertson devolveu a garrafa, ele se serviu de mais uma dose tripla.

— É engraçado encontrar você aqui — comentou Robertson. — Eu ia te ligar quando voltasse de Edimburgo.

— É? — perguntou Strike sem muito interesse. — E por quê?

— Você já ouviu falar na Loja Maçônica Winston Churchill?

— Por que a pergunta? — perguntou Strike, que sabia perfeitamente bem que essa era a loja do inspetor-chefe Malcolm Truman.

— Você me perguntou se Oliver Branfoot é maçom.

— Perguntei, e você disse que não sabia.

Robertson pôs mais chiclete de nicotina na boca, então disse, observando Strike atentamente:

— Maçons astutos são sempre notícia.

— Imagino que sim — disse Strike, ainda não bêbado o suficiente para entregar por descuido para Robertson uma história que poderia fazer com que os dois fossem processados.

— Segundo os boatos, os membros da Loja Winston Churchill são em sua maioria da polícia.

— É?

— É. Eu conversei com outro jornalista que estava cobrindo os maçons em 1999 — contou Robertson, abaixando ainda mais a voz. — Quando a Comissão de Assuntos Internos produziu seu relatório sobre a maçonaria na vida pública. Você se lembra disso?

— Não — disse Strike, que tinha passado grande parte de 1999 em Kosovo. — O que o relatório dizia?

— Que há muita paranoia injustificada sobre os maçons, mas eles não ajudam a si mesmos sendo tão reservados, e houve casos em que alegações de influência maçônica poderiam ser justificadas. O cientista forense envolvido na investigação dos atentados à bomba em pubs de Birmingham era maçom, como foi revelado pela investigação da Comissão de Assuntos Internos sobre influência maçônica. "Em relação ao perito forense, concluímos que a maçonaria pode ter sido um fator na relação próxima e pouco profissional que ele mantinha com a polícia."

"Enfim — acrescentou Robertson, baixando mais a voz e ainda observando Strike para ver sua reação —, eu estava falando com esse cara outro dia e lancei o nome de Branfoot na conversa, e ele disse que Branfoot é maçom, e que tinha ouvido dizer que Branfoot havia mudado de loja alguns anos antes. Aparentemente, ele costumava frequentar uma que é cheia de aristocratas, mas, segundo minha fonte, ele se mudou para a Winston Churchill".

Diante do silêncio de Strike, Robertson disse em um rosnado meio jocoso:

— Vamos lá. Você tem alguma coisa sobre Branfoot.

— Ele entrou na onda de Culpepper contra mim, e eu queria saber por que, só isso.

Strike tinha recebido uma boa dose de informação, mas se sentia demasiadamente anestesiado pela infelicidade para ter muito prazer com isso. O bar cheio de vozes e risos masculinos, o jovem barman com espinhas vestindo um colete de poliéster, o cheiro de uísque barato e a visão do mascar vigoroso de Robertson de repente ficaram ainda mais intoleráveis do que sua cabine apertada.

— Preciso dormir — informou ele ao jornalista ao se levantar.

— Você vai me manter informado — disse Robertson —, não vai?

— Claro.

Strike pegou sua garrafa de uísque pelo gargalo e voltou pelo trem, balançando com seu movimento.

De volta ao beliche de baixo, ele pensou em escrever para Robin para contar a ela sobre Branfoot frequentar a mesma loja que Malcolm Truman, mas de que isso adiantaria? Ela devia estar saboreando risadas pós-sexo com seu namorado policial naquele momento. A notícia poderia esperar até Ironbridge. Entretanto, um pensamento vingativo lhe trouxe certo consolo.

Ele tinha a porcaria de uma boa razão, agora, para investigar mais fundo o inspetor-chefe Malcolm Truman, que coincidentemente era da mesma loja maçônica que lorde Oliver Branfoot, e qualquer um que não gostasse de que Strike fosse atrás de um membro da Polícia Metropolitana — o maldito Ryan Murphy, para citar apenas um exemplo — podia enfiar suas objeções no rabo.

58

Uma garota, aqui do caramanchão do castelo,
Com passos furtivos e o rosto em chamas,
Em meio a sebes de murta em flor
Veio sob o luar
Encontrar o navio de seu amante pirata (…).

Matthew Arnold
A Southern Night

Robin, que tinha passado grande parte do fim de semana fingindo estar animada em relação à casa que ela e Murphy iam ver na quinta-feira à noite, estava grata por ter uma desculpa para acordar antes do namorado na segunda-feira. Ela queria estar de prontidão na frente da Juniper Hill High School em Finsbury Park antes que os primeiros alunos chegassem, para potencializar suas chances de surpreender Tia Thompson, amiga da desaparecida Sapphire Neagle.

Parada na calçada oposta à entrada da escola grande e feia, observando os primeiros alunos entrarem com seus suéteres vermelhos, Robin estava tentando, sem sucesso, bloquear os pensamentos em Strike.

Ele não telefonara no fim de semana — não que ela normalmente esperasse que fizesse isso —, mas era de se pensar que ele ligaria para ela para perguntar por que seu e-mail havia sido tão pouco amistoso, por que ela tinha desistido da parte escocesa da viagem e para convencê-la de que haveria muitas outras oportunidades para falar com Tia Thompson e Valentine Longcaster, não haveria? Mas não. Grande amizade…

Talvez eu deva ir embora, pensou Robin. *Talvez eu deva simplesmente arranjar outro emprego*.

Mas essa era uma forma de sangria mental: ela na verdade não tinha a menor

intenção de se demitir. Abandonar tudo o que tinha ajudado a construir? Deixar quase sete anos de sacrifício, risco e trabalho duro e impiedoso? Jogar fora o emprego que ela amava, só porque Cormoran Strike era um canalha mentiroso e manipulador? Porque ele *era* manipulador, ela agora sabia disso: sua oferta para comprar para ela um Land Rover novo, seu presente de Natal e as repetidas menções ao bilhete de suicídio de Charlotte, tudo projetado para mantê-la presa a ele e à agência, enquanto ele estava por aí engravidando a maldita Bijou Watkins e, até onde Robin sabia, dormindo por fora com algumas outras mulheres… Bem, boa sorte, Bijou, você escolheu um pai e tanto para seu bebê…

A multidão de suéteres vermelhos estava crescendo, e Robin examinava o rosto de toda garota negra que conseguia ver. A maioria dos alunos chegava em grupos, mas quando finalmente Robin avistou e identificou Tia, ela estava caminhando sozinha, lendo alguma coisa em seu celular enquanto fumava um cigarro eletrônico. Ela estava tão atenta a sua tela que, ao atravessar a rua, vinte metros antes de chegar aonde Robin estava parada, a detetive gritou:

— Tia, cuidado!

Tia levou um susto e pulou para trás no momento em que um ônibus passou.

— Como você sabe meu nome? — perguntou a garota enquanto Robin corria em sua direção.

— Eu esperava poder falar com você — respondeu Robin, sem conseguir deixar de acrescentar: — Você não deveria estar vendo o Snapchat enquanto atravessa a rua.

— Para sua informação — disse Tia, mostrando a tela para Robin —, estou lendo a merda de um livro.

— Ah — murmurou Robin. — Bem, mesmo assim… Eu esperava poder falar com você sobre Sapphire Neagle.

— Por quê?

— Meu nome é Robin Ellacott. Sou detetive particular. Sapphire está desaparecida, e estou tentando descobrir o que aconteceu com ela.

Robin entregou seu cartão a Tia. A garota o examinou e franziu o cenho.

— Eu só queria fazer algumas perguntas — explicou Robin. — Se você não souber as respostas, não tem problema.

Tia parecia estar compreensivelmente cautelosa.

— Você pode procurar por mim na internet — disse Robin. — Eu sou

mesmo uma detetive particular e estou preocupada com Sapphire. Nada do que você disser vai acabar nos tribunais nem nada assim. Só estou tentando encontrá-la.

— Tudo bem — falou Tia lentamente. — Mas depressa, eu não quero perder a aula de inglês.

— Você sabe alguma coisa sobre um homem, um homem mais velho, que Sapphire pode ter conhecido antes de desaparecer?

— Sei — respondeu Tia. — Eu falei com eles sobre ele.

— Falou com quem?

— Com a polícia — explicou Tia. Ela deu outra tragada profunda no cigarro eletrônico e exalou. Robin sentiu cheiro de algodão-doce.

— O que você disse a eles? — perguntou Robin.

— Ele disse que ia arranjar um emprego para ela como vocalista de apoio. Disse que ela poderia viajar em turnês. Com Ellie Goulding.

— Você alguma vez a viu com esse homem?

Tia balançou a cabeça.

— Alguém viu?

— Não sei. Acho que não.

— Como Sapphire o conheceu?

— Mais acima na rua, no Jimmy's — contou Tia, apontando a cabeça na direção da esquina.

— O que é o Jimmy's?

— Uma cafeteria.

— Então ela não o conheceu pela internet?

— Eu acabei de dizer. Sapphire o conheceu no Jimmy's. Ela matou aula uma tarde e começou a conversar com esse cara lá. Ele pagou um café para ela. Ela disse que pesquisou sobre ele online, então sabia que ele era de verdade.

— "De verdade" em que sentido?

— Ele trabalhava na indústria musical ou algo assim.

— Ela disse a você qual era o nome dele?

— Não, ela parou de me contar qualquer coisa sobre ele porque eu disse que ele era um grande mentiroso, então ela bateu no meu rosto.

— Ela *bateu* em você?

— Bateu — disse Tia com um sorriso torto. — Não doeu de verdade. Ela é

alta, mas é muito magra… alguns dos garotos costumavam chamá-la de Olívia Palito.

— Mas você era amiga dela?

— Na verdade, não — disse Tia, com um leve dar de ombros. — Eu era sua "parceira". Se você é uma boa aluna, você tem que cuidar das pessoas novas.

— Você teve que cuidar dela?

— Mais ou menos, é… Mas ela estava sempre brigando. Passava a maior parte do tempo na turma para alunos problemáticos quando estava aqui.

— O que mais você sabe sobre ela?

— Sei que seu pai e seu tio abusaram dela até ser acolhida pelo serviço social, quando tinha sete anos — disse Tia, um pronunciamento mais chocante por ter sido dito em um tom tão natural.

— Que horrível! — disse Robin.

— É — concordou Tia, sem emoção. — Ela falava muito sobre isso. Garotas como ela, elas acham que vão superar as coisas deixando que os garotos façam isso com elas outra vez. Dizendo a si mesmas que não é nada de mais.

Os olhos com cílios grossos de Tia pareciam velhos demais e cansados do mundo em seu rosto jovem e redondo. Robin não achou que a insensibilidade da garota fosse uma pose. Talvez ser "parceira" de tantos alunos problemáticos a tivesse deixado dessensibilizada aos fatos mais feios da vida.

— Você acha que Sapphire estava dormindo com esse suposto produtor musical?

— Provavelmente — disse Tia, dando outro trago em seu cigarro eletrônico.

— Você se lembra de ela dizer alguma coisa sobre ele?

— Lembro. Ele deu a ela um colar. Sapphire me disse que eram rubis.

Apesar de sua infelicidade geral, um tremor de animação atravessou Robin ao ouvir isso.

— Rubis — escarneceu Tia. — Eram apenas contas. Minha tia tem um anel de rubi. Eu sei a diferença.

— Você se lembra de mais alguma coisa que Sapphire disse sobre ele?

— Não — respondeu Tia, e, ao dizer isso, uma campainha soou ao longe, e Robin viu as hordas de suéteres vermelhos entrarem no prédio cinza e feio. — Eu tenho que ir.

Robin observou a garota atravessar a rua, mas Tia mal tinha chegado ao portão

da escola quando, de repente, se virou e voltou correndo até onde estava a detetive.

— Acabei de lembrar. Ele lhe disse que ela parecia com uma garota sueca que ele conhecia. Quando ele disse que ela tinha o visual certo para o emprego de cantora de apoio.

— Uma garota sueca — repetiu Robin, com o coração repentinamente acelerado.

— É — confirmou Tia.

— Obrigada, Tia. Isso foi de grande ajuda. Você não deveria esconder isso? — acrescentou ela, olhando para o cigarro eletrônico ainda na mão da garota.

— Ah, é — disse Tia, sorrindo pela primeira vez. Ela o guardou na mochila, então fez a volta, atravessou a rua correndo e entrou no pátio que esvaziava rapidamente.

59

Languidamente através das grades da janela,
Olhando para o mar a muitas léguas,
De sua torre solitária erguida na costa,
Enquanto os cavaleiros estão nas guerras (…).

Matthew Arnold
Tristão e Isolda

Desde que saiu mancando do trem na estação Glasgow Central às seis da manhã, com a ponta de seu coto suada e esfolada porque ele tinha dormido todo vestido e ainda de prótese, Strike estava se sentindo péssimo: mal descansado, enjoado e com uma dor de cabeça latejando por trás das têmporas.

Plenamente ciente de que, com quase uma garrafa inteira de Johnnie Walker dentro de si, ele ainda estava acima do limite alcóolico, Strike pegou o Audi A1 automático alugado e partiu para o norte sob mais uma chuva torrencial, parando no caminho em uma van de fast-food ao lado da estrada para comprar e comer um sanduíche de bacon e ovo, porque ele não estivera em condições de tomar o café da manhã com cheiro de plástico que lhe ofereceram no trem. Durante a hora e meia seguinte, ele dirigiu o tempo todo na dúvida se deveria parar o carro outra vez e vomitar.

Pouco antes das onze horas, com a chuva forte ainda caindo, o estômago revirado e a cabeça latejando, Strike entrou na pequena cidade de Crieff, em Perthshire, onde a mulher abandonada de Niall Semple continuava a morar, e deixou o Audi em um estacionamento perto da High Street. No mapa, a casa dos Semple parecera estar a uma pequena distância, mas o que Strike não percebeu foi que a Comrie Road, que ele teria que percorrer para chegar lá, era uma ladeira íngreme. De cabeça baixa, amaldiçoando o clima, a subida e seu próprio consumo

de uísque, ele saiu andando pela rua, passando por lojinhas instaladas em prédios vitorianos de pedra manchada.

O celular dele tocou, e Strike atendeu, abrigando-se na proteção inadequada de uma soleira.

— Oi, Pat, tudo bem? — disse ele com voz rouca.

— Você está doente?

— Não, estou ótimo — respondeu Strike, enquanto a chuva escorria pela sua nuca.

— Talvez tenhamos encontrado seu Hussein Mohamed — contou Pat. — Há uma reportagem local sobre uma refugiada síria de nove anos chamada Hafsa Mohamed, que está de cadeira de rodas. Diz aqui: "Seu pai, Hussein, afirma com orgulho que, embora ele e a mulher falassem um pouco de inglês quando chegaram a Londres, Hafsa teve de começar do nada. Ela agora é fluente na língua e está brilhando na escola primária em Forest Gate." Forest Gate, isso ainda fica em Newham. Aparentemente, eles permaneceram na área que conheciam.

— Parece promissor — comentou Strike. — Você pode falar com o jornal para ver se consegue os contatos da família?

— Tudo bem — respondeu Pat, tomando nota.

— É melhor eu desligar. Estou indo para uma entrevista — informou Strike.

Quando guardou o telefone no bolso, ele virou o rosto para cima para permitir que a chuva caísse diretamente em sua face, na esperança de que isso o fizesse se sentir menos enjoado. Um símbolo familiar chamou sua atenção, diretamente acima: o esquadro de ferro e o compasso, em destaque discreto acima da porta azul comum diante da qual ele estava se abrigando.

Ele voltou para a calçada, contemplando a loja maçônica que não era maior do que uma pequena casa geminada de dois andares, então começou a subir o morro, perguntando-se — enquanto tentava manter o equilíbrio na calçada escorregadia e ignorar suas entranhas ferventes e a dor de cabeça latejante — quantos maçons se reuniam naquele templo pequeno atrás dele. Ele deveria ter parado para comprar analgésicos. Não deveria ter bebido quase uma garrafa inteira de Johnnie Walker Black Label. Desejou não ter comido aquele maldito sanduíche.

A casa dos Semple era grande, quadrada, isolada e feita de pedra cinza, com um jardim bem cuidado na frente. Como ele sabia pelas mensagens de Jade, essa era a casa em que o marido tinha crescido e que ele herdara depois da morte da mãe.

Quando Strike tocou a campainha, a porta da frente se abriu e revelou a esposa baixinha de Niall Semple que, para sua surpresa, vestia uma capa de chuva amarela com capuz e estava acompanhada por um cachorro numa guia que, para Strike, parecia uma raposa que alguém enfiara numa secadora de roupas. Ele era pequeno, laranja e coberto por pelo longo em torno de todo o corpo, e começou a latir de um jeito vociferante ao vê-lo.

— Cameron? — perguntou Jade em voz alta, acima dos latidos do cachorro.

— Sou eu — confirmou Strike, que não se deu ao trabalho de corrigi-la.

— Eu não sei com o que eu concordei — disse ela, numa mistura de irritação e mau presságio. — Mas podemos conversar enquanto ando com Pom Pom. Eu não tenho muito tempo.

Strike, que estava com muito mais vontade de sentar do que de sair para andar na chuva, disse:

— Está bem.

No corredor atrás de Jade, um homem baixo de cabelo ruivo com o tipo de bigode que Strike associava a pilotos da Segunda Guerra Mundial saiu por uma porta com um uma xícara de café nas mãos, então sumiu novamente de vista. Sem saber que Strike tinha visto seu hóspede, Jade disse:

— Vamos.

Então ela saiu, fechou a porta e passou por ele pelo caminho através do jardim, deixando Strike sem opção além de segui-la.

Ele teve um palpite de que havia acabado de ver o homem que chamara Jade Semple de "querida" e a alertado de que Strike provavelmente estava trabalhando para algum jornal. Ele também desconfiou de que Jade pudesse ser alguém, como ele, que sofresse de ressacas, uma conclusão à qual chegou não apenas devido ao hábito de Jade de lhe enviar mensagens quando não parecia capaz de ver o telefone ou usar os dedos muito bem, mas à palidez e ao inchaço de seu rosto e ao fato de que seus cílios postiços pesados tinham sido postos meio tortos. Ela tinha aparência élfica, pouco mais de um metro e meio, com olhos castanho-escuros e um nariz pequeno e afilado, e exalava um cheiro forte de um perfume oriental intenso que lembrou a Strike o de uma amiga de sua tia Joan nos anos 1980, cuja fragrância era forte o bastante para encobrir a fumaça de um churrasco. Nesse caso (a menos que ele a estivesse julgando por seu próprio estado, porque ele tinha certeza de que estava fedendo a uísque), ele desconfiou que isso estivesse

encobrindo o fato de que ela acordara atrasada demais para tomar banho. A pequena quantidade de cabelo preto-azulado que ele conseguia ver por baixo do capuz da capa de chuva não parecia penteada, e havia um sulco profundo em seu rosto que parecia ter sido feito por um travesseiro. O melhor palpite de Strike era que o Bigode Ruivo a mantivera acordada até tarde.

— Vamos subir o MacRosty Park — disse Jade. — Mas, veja, eu agora *definitivamente* não acho que era Niall naquele cofre, está bem? Isso foi pouco antes de eu perceber o que estava de fato acontecendo. Não sei por que eu concordei em fazer isso — repetiu distraída.

— O que fez você achar que era Niall, para começo de conversa? — perguntou Strike, com os olhos semicerrados contra a chuva e tentando não mancar. Ele podia sentir a ponta de seu coto se esfolando.

— Porque era uma loja de maçons, e o corpo se parecia um pouco com o dele, e o tipo sanguíneo batia e tudo mais, e porque ele ficou um pouco engraçado em relação aos maçons depois da lesão na cabeça. Você sabia que ele é maçom?

— Não — respondeu Strike. — Você sabe de que grau ele era?

— Cavaleiro de alguma coisa, não consigo me lembrar.

— Não príncipe?

— Não, "cavaleiro"… Todos os homens na família dele eram maçons. Ele nunca agiu de modo estranho em relação a isso até ser ferido, e sempre foi, tipo, uma coisa social, mas então ele ficou engraçado, lendo o tempo todo, de modo que me fez pensar, quando eu vi que era uma loja de maçons… e também tinha a questão do nome "William Wright".

— Ele tinha uma conexão com esse nome?

— É, mais ou menos. Wright era um… como se diz mesmo… botânico famoso, e ele nasceu em Crieff há, tipo, duzentos anos ou algo assim.

— Niall tem interesse pela história local?

— Não, mas o pai dele tinha. Ele publicou por conta própria um livro sobre história maçônica em Perthshire e incluiu um capítulo sobre esse William Wright, achando que ele era maçom, mas, na verdade, ele nunca foi maçom, então o pai de Niall teve que cortar fora as páginas do livro sobre ele. Quando eu vi que aquele homem na loja de prataria chamava a si mesmo de "William Wright", eu pensei: não era aquele sujeito sobre o qual o velho sr. Semple errou totalmente?

Então eu fui pesquisar e estava certa.

Ela atravessou a rua na direção de um parque encharcado pela chuva, e Strike foi atrás, rogando a Deus que não lhe pedissem para caminhar sobre grama escorregadia, que era a pior de todas as superfícies para sua prótese.

— Mas aí eu descobri sobre a mulher — disse Jade com amargura. — Então soube o que estava realmente acontecendo. Eu ainda estou aqui em Crieff só porque ele vai ter que voltar alguma hora. Eu não vou me mudar de volta para Colchester para ele poder trazer uma mulher para morar aqui. Eu não vou facilitar a porcaria das coisas para Niall depois do que ele fez. Ele que volte para casa e diga na minha cara que quer o divórcio.

Para alívio de Strike, eles entraram no parque por um caminho asfaltado liso. Ainda estava chovendo forte, mas o ar frio e fresco fazia com que ele se sentisse menos enjoado. Ele mal conseguia sentir o perfume de Jade na brisa constante, e a voz dela era menos ensurdecedora ao ar livre. À direita deles, havia uma área para crianças brincarem.

— Você acha que ele está com a mulher sobre a qual me escreveu? A que usou o cartão de crédito dele depois que o corpo no cofre apareceu?

— Acho, sim.

— A polícia a localizou?

— Ainda não, mas me mostraram uma foto dela em um caixa eletrônico usando o cartão dele. Câmera de segurança bancária. Ela parece uma verdadeira biscate — disse Jade com agressividade. — Loura. Ele sempre me disse que não gostava de louras. Eu nem sabia sobre essa conta bancária que os dois estavam usando. Ele estava escondendo isso de mim.

— Ele estava sacando dinheiro sem você saber?

— Estava. Ninguém me diz quanto havia lá, ou se tudo acabou. Eles só me procuraram com uma foto da mulher e perguntaram se eu a reconhecia, e eu nunca a tinha visto na vida. Tatuagem no rosto — disse Jade com amargura. — *Quanta classe.*

Ela se abaixou e soltou o Lulu da Pomerânia da guia; ele saiu correndo pela grama enquanto Strike e Jade continuavam a andar pela trilha.

— Que tipo de tatuagem essa mulher tinha?

— Não dava para ver muito bem, era embaixo do olho. Eu deveria ter imaginado. Eu o ouvi no telefone com uma mulher, lá em casa, uma semana

antes de ele desaparecer. Niall estava dizendo "me encontre no Engineer". Entrei no quarto e ele pareceu culpado e desligou. Nós discutimos. Eu falei: "Com quem você vai se encontrar? Que Engineer?" Ele disse que não sabia do que eu estava falando. Mentiroso de merda. Eu sei o que é a porra do Engineer. É um pub em Camden. Coincidência. Bem perto de onde ele estava tirando dinheiro da conta bancária secreta dele.

— Você tem certeza de que era uma mulher que estava falando com ele?

— Tenho, eu ouvi sua voz esganiçada do outro lado da linha — confirmou Jade. — Eu estava escutando da porta no corredor.

— Você contou isso à polícia?

— Contei, e eles disseram que ninguém no pub se lembrava de vê-lo lá, mas e daí? O lugar é cheio. Eu deveria ter imaginado. Nós só tínhamos um mês de casados, mas estávamos juntos havia muito mais do que isso, e ele me traía, bem, eu o traía também, mas quando nos casamos, nós dois dissemos que a partir dali éramos apenas nós dois, sabe?

— Certo — disse Strike.

— POM POM, NÃO! — gritou Jade, fazendo Strike se encolher. O cachorro tinha pegado alguma coisa que Jade não queria que ele comesse. Ela saiu andando pela grama molhada enquanto Strike ficou onde estava, sob a chuva pesada, vendo-a tentar arrancar o que quer que fosse da boca do Lulu da Pomerânia.

Jade lembrava a Strike da mulher de seu amigo mais antigo, Penny Polworth, não na aparência — Jade era mais bonita, apesar dos cílios postiços tortos e do cabelo despenteado —, mas no jeito como ela falava sobre o marido desaparecido. Strike tinha a impressão de que os Polworth sempre viveram em um estado de animosidade mútua que eles julgavam ser a única condição natural para um homem e uma mulher viverem juntos. Os dois pareciam mais felizes quando faziam sua vontade em detrimento da do outro e reclamavam constantemente um do outro, estivessem juntos ou separados.

Strike se lembrava muito bem da explicação sincera de Polworth para tê-la pedido em casamento (*Eu pensei no dinheiro que gastava atrás de mulheres, e no aborrecimento, e se eu ia querer chegar aos quarenta anos vendo pornografia sozinho em casa, então pensei, isso faz todo o sentido. Para isso serve um casamento. Eu vou conseguir coisa melhor que Penny? Eu me divirto falando merda para mulheres em bares? Penny e eu nos damos bem. Eu podia estar muito pior. Ela não é feia. Assim eu já teria meu buraco à*

minha espera em casa, não é?). Strike tinha sido padrinho do casamento e se lembrava de que os dois Polworth estavam felizes o bastante no dia, mas nunca, nem uma vez, ele invejou o relacionamento deles; na verdade, não conseguia se lembrar de invejar qualquer casamento, exceto (ele reconheceu com uma pontada interna de dor, sem nunca ter pensado no assunto antes) o de Ted e Joan, que pareciam tanto gostar um do outro quanto se amar.

— Nós vamos por aqui! — gritou Jade para Strike, chamando-o para atravessar a grama.

Em vez de explicar sobre sua perna, Strike cerrou os dentes e saiu andando pela grama escorregadia na direção de Jade e do Lulu da Pomerânia, que tinha começado a latir outra vez, depois de ser privado de qualquer objeto velho que estivesse tentando engolir.

— Nós podemos andar junto das árvores — disse Jade, indo em frente outra vez. — É mais abrigado.

Enquanto eles caminhavam, Strike pegou o cigarro eletrônico.

— Eu tinha um igual a esse — disse Jade, estreitando os olhos na direção de Strike —, mas ele o tirou de mim.

— Quem, o Niall? — perguntou Strike, que agora se concentrava, sobretudo, em não tropeçar.

— É, ele disse que não queria que eu fumasse cigarro eletrônico. Pelo amor de Deus, eu parei de fumar por ele, e poderia ir a qualquer lugar, mas acabei presa na porcaria de Crieff no frio. Eu poderia pelo menos fumar, não é?

— Não vejo por que não — disse Strike, com tato. — O que você quis dizer sobre Niall ficar "um pouco engraçado" em relação aos maçons depois da lesão?

— Niall lia sobre eles o tempo todo e ficava horas sem falar. Um dia, ele saiu para fazer uma coisa e foi até Dunkeld.

— Onde é isso?

— A mais de trinta quilômetros daqui. E ele ficou empacado na ponte.

— O que você quer dizer com ficar "empacado"?

— Com medo de atravessá-la. Ele surtou. É maçônica, também, aquela ponte. Construída por um velho maçom. Supostamente há uma marca maçônica, ou algo assim, nela, não sei. Eu tive que pegá-lo de carro. Agora eu acho que teria sido melhor deixá-lo lá — disse ela com amargura.

— Niall tinha alguma conexão com Camden, que você saiba?

— Não, mas, na verdade, eu não sabia de uma tonelada de coisas, não é?

— Ele conhecia o Freemasons' Hall?

— Não sei.

— E sobre prata antiga?

— Não. O que ele saberia sobre prata antiga?

Strike pensou, imediatamente, em uma cristaleira cheia de prata rodesiana brilhante em Hereford, situada na base do exército mais fortificada no Reino Unido, onde as cercas eram encimadas com arame farpado, câmeras vigiavam o perímetro, dentro do qual era proibido fotografar ou fazer desenhos do lugar, e onde a natureza do que acontecia por trás de algumas portas estava coberta pela Lei de Segredos Oficiais.

— Que tipo de coisa Niall estava lendo antes de desaparecer? — perguntou ele.

— Não sei. Livros velhos.

— Ele os levou quando foi embora?

— Talvez. Ele estava com uma mala quando foi filmado no caixa eletrônico.

— É, eu vi isso — disse Strike. — Uma mala de metal. Você a havia visto antes?

— Não.

— Parece que ela podia estar algemada a ele.

— É, a polícia também achou isso.

Eles, agora, estavam sob um dossel de árvores. Strike estaria mais grato pelo alívio da chuva se o chão não estivesse enlameado. Ainda empregando metade de sua atenção para não cair de bunda, ele disse:

— O que você pode me contar sobre quando Niall foi embora?

Houve um breve silêncio. Strike decidiu que era educado (e sem dúvida mais fácil) fingir que não tinha percebido que ela havia começado a chorar. Ele tinha uma desculpa; as lágrimas que agora escorriam pelo rosto dela podiam ser pingos de chuva, mas por que Robin não podia estar ali? Por que ele tinha que lidar sozinho com tantas mulheres chorando?

— Todo mundo acha que eu sou uma vadia por deixá-lo quando ele não estava bem — disse Jade com voz rouca —, mas era nosso trigésimo aniversário, meu e do meu irmão gêmeo. Eu fiquei no hospital com ele por três meses direto. Então viemos para cá para ficar na velha casa de sua mãe, e ele mal falava comigo,

só lia sobre a porra dos maçons e saía para fazer coisas. Eu disse a ele: "Eu quero uma festa de aniversário", e ele não quis ir, então, no fim, eu disse: "Tudo bem, vou sozinha." Eu não via minha família havia séculos. E foi aí que ele me abandonou, enquanto eu passava o fim de semana em Colchester.

— Ele não deixou um bilhete nem nada?

— Deixou… bem, não um bilhete de verdade — disse Jade com voz embargada. — Só um pedaço de papel com umas merdas loucas escritas. Não tinha nem meu nome, mas ele o colocou no meu travesseiro.

— Onde está esse papel?

— Eu o entreguei ao homem que veio me ver depois que Niall foi embora.

— Que homem?

— Lawrence ou algo assim, do Exército ou do Ministério da Defesa, não sei, eu não estava bem nessa época, mas ele parecia saber tudo sobre Niall, disse que estavam tentando encontrá-lo. Eu nunca mais tive notícias dele.

— Mas Lawrence mostrou a você uma identificação, não mostrou?

— Não me lembro. Provavelmente. Ele queria saber para onde eu achava que Niall tinha ido e coisas assim. Antes que eu descobrisse sobre a loura, eu disse que achava que ele estava passando por dificuldades ou algo do tipo, porque ele não tinha tocado em nossa conta bancária. Eu estava morrendo de preocupação — disse ela com um soluço que nem Strike podia afirmar com credibilidade não ter ouvido.

— Desculpe, isso deve ser muito difícil para você — disse ele. — Eu sei que…

A perna falsa escorregou de baixo dele; por um momento, ele ficou totalmente no ar, então caiu com um estrondo de costas na faixa de lama. O Lulu da Pomerânia começou a latir, como se o grito de dor de Strike tivesse sido um convite para uma briga.

— Ai, meu Deus — disse Jade em pânico, olhando para a barra de metal revelada pela perna da calça dele. — Pom Pom, *cala a boca*. Você não tem uma perna! Por que não disse nada?

— Eu tenho uma perna — falou Strike de um jeito estúpido, enquanto o cachorro continuava a saltitar ao seu redor, latindo. — Não — acrescentou ele quando Jade estendeu a mão para tentar ajudá-lo; ele não podia usar uma mulher tão pequena para aguentar seu peso tanto quanto não podia se erguer apoiado em uma folha pendurada de uma árvore. Depois de várias tentativas, cobrindo as duas

mãos de lama no processo, ele conseguiu se levantar outra vez, com o joelho direito agora excruciantemente dolorido, e a extremidade de seu coto queimando. Sem querer piedade nem discussões sobre a falta de seu pé direito, Strike disse com uma alegria forçada: — Está tudo bem. Vamos continuar.

— Você deveria ter me dito… nós vamos voltar para a trilha — disse Jade. Seus modos tinham mudado. Ainda chorava, mas observava com certa preocupação enquanto o extremamente enlameado Strike caminhava com dificuldade, sem conseguir mais esconder que mancava.

— A lesão cerebral de Niall foi a única que ele sofreu? — perguntou o detetive.

— Não. Ele ficou com queimaduras nas costas e uma espécie de marca na parte de trás da cabeça. Eu nunca soube como isso aconteceu, porque ele nunca me contou o que fazia em operações. Mas seu melhor amigo no regimento, Ben, foi morto mais ou menos na mesma época em que Niall foi ferido. Eles tiveram que insistir com Niall até que ele entendesse. "Onde está Ben?" "Como está Ben?" Ben era o melhor amigo de Niall — disse Jade com outro soluço. — Tudo deu errado… eu engravidei, então nós nos casamos, então eu perdi o bebê, então cerca de um mês depois ele foi ferido. Quando ele saiu do coma, depois da morte de Ben, eu me senti muito sortuda… e então, ele desapareceu…

— Sinto muito — repetiu Strike.

Gravidezes indesejadas, abortos espontâneos: ele estava novamente, contra sua vontade, se lembrando de Bijou Watkins e de Charlotte, que, nos últimos dias de seu relacionamento, disse ter perdido um bebê que ele nunca teve certeza se existiu.

Eles voltaram caminhando lentamente até a casa de Jade, mantendo uma conversa leve, Strike coberto de lama e sentindo cada vez mais dor. Ao se aproximarem da porta da frente, ela parou e disse, de um jeito estranho:

— Eu o convidaria a entrar, mas preciso sair em um minuto.

— Está tudo bem — disse Strike, que tinha certeza de que era mentira, e que ela não queria que ele conhecesse o Bigode Ruivo. — Eu estou de carro, vou me limpar no hotel. Obrigado por se encontrar comigo.

Ele não pôde oferecer a mão, porque estava coberta de lama, então fez uma saudação vaga e se virou para ir. Ele estava mancando havia uns trinta segundos quando ouviu um grito às suas costas.

— Ei, Cameron!

Ela o alcançou com o celular na mão.

— Eu tirei uma foto do bilhete que Niall deixou no meu travesseiro. Se você quiser, pode ficar com ela. Eu te envio por mensagem.

— Isso seria ótimo — falou Strike. — Muito obrigado.

— Certo, está bem, boa sorte em descobrir de quem era aquele corpo — disse ela, então fez a volta e saiu andando para a casa do marido e para o novo homem que estava lá esperando por ela.

60

Agora que suas esperanças estavam destroçadas, sua mente mergulhou naturalmente em uma vala sombria (…).

John Oxenham
A Maid of the Silver Sea

A setecentos quilômetros de distância, Robin estava parada em uma propriedade industrial em Walthamstow, vigiando a entrada de uma grande unidade de armazenamento que abrigava o Ferro-Velho do Próprio Deus. O lugar era uma combinação de loja, locadora e museu contendo centenas de letreiros de néon, alguns resgatados de antigos estabelecimentos, outros feitos sob encomenda. Robin tinha vislumbrado o interior de cores vibrantes e intensas, enquanto as modelos, o fotógrafo, o maquiador e outros auxiliares pegavam araras de roupas e acessórios. Ela também captara um vislumbre do stylist Valentine Longcaster, que reconheceu das fotos que havia encontrado na internet. Ele tinha cabelo louro-escuro com uma franja comprida e estava usando calça jeans preta, uma camisa vermelha e um colete colorido. Valentine publicara algumas fotos artísticas dos letreiros de néon em seu Instagram na semana anterior, e, em resposta a uma pergunta de alguém que parecia ser um amigo, ele disse que estava se "preparando para a sessão de fotos da terça-feira".

A empolgação de Robin sobre o que tinha descoberto naquela manhã com Tia Thompson de algum modo havia se dissipado, e não apenas porque estava extremamente frio e era estranho estar parada em meio a pallets e vans estacionadas enquanto curiosos mecânicos de automóveis passavam por ela, um deles coçando os cinco centímetros de bunda visíveis acima da cintura do jeans folgado. Não, a principal razão para o aumento da tristeza de Robin foi ter reconhecido uma das modelos que entraram na unidade de armazenamento: Ciara

Porter, alta e angulosa, com pele branca como leite e cabelo louro platinado. Os jornais nunca deixavam de lembrar os leitores de colunas de fofoca que Ciara tinha um diploma em inglês de Cambridge, mas, para Robin, ela ia ser para sempre uma das mulheres com quem Cormoran Strike tinha dormido. Ao que parecia, Londres estava cheia delas: era possível que ela tivesse se sentado em frente a uma delas no ônibus até ali, ou alguma outra lhe tivesse servido um café antes de embarcar nele…

Pare de ficar obcecada por ele, pelo amor de Deus, você precisa superar isso.

Robin duvidou que fosse conseguir qualquer coisa naquelas horas de vigilância no frio. Ela não podia entrar no Ferro-Velho do Próprio Deus porque estava fechado para o público durante a sessão de fotos, e quando Valentine finalmente surgiu, tudo o que ele fez foi entrar em um carro e ir embora; ela não teve como fazê-lo conversar sobre Rupert Fleetwood. Entretanto, ela ainda estava grata — se é que esse ressentimento e essa infelicidade poderiam ser chamados de gratidão — por ter encontrado um pretexto para evitar a porcaria do hotel em Lake District.

Havia um mecânico ali perto mexendo em um carro. Ele estava usando um lenço sobre a metade inferior do rosto, como um bandido. Robin desejou também ter um, mesmo que isso parecesse estranho. Ela não conseguia mais sentir os lábios nem os dedos dos pés.

Seu telefone tocou. Murphy.

— Oi, Ryan.

— Preciso te perguntar uma coisa — falou, parecendo estar com raiva.

— Qual o problema? — disse Robin, virando-se para andar uma curta distância. Era mesmo hora de mudar de posição.

— Sua agência tem tentado conseguir fotos do corpo de William Wright?

Ah, merda.

— O quê… Por que você está me perguntando isso? — Robin quis saber.

— *Responda a maldita pergunta!*

— Ryan, eu… Strike e eu não estávamos tentando consegui-las, mas sim, Kim Cochran obteve cópias.

— Pelo amor de Deus, Robin!

Robin afastou o telefone alguns centímetros do ouvido.

— Você entende… Eu *disse* como esse caso inteiro é confidencial!

Aparentemente, a notícia de que a Polícia Metropolitana não acreditava mais

que Jason Knowles fosse o corpo no cofre ainda não tinha chegado a Murphy.

— Kim fez isso por iniciativa própria — explicou Robin. — Nós não pedimos a ela que fizesse. Como…?

— O *idiota* com quem ela as conseguiu foi visto fazendo cópias, depois foi visto bebendo com ela e agora ele foi suspenso sem direito a salário. Você percebe…?

— Percebo que você está me culpando por algo que eu não fiz — interrompeu Robin, agora com raiva. — Eu acabei de lhe dizer que não pedimos a ela que fizesse isso, ela achou que estivesse ajudan…

— Bem, não me ajuda nada quando você começa a minar a porra de uma investigação da polícia…

— O que nós minamos? Nós vimos algumas fotos!

— Por que a maldita Cochran achou que as fotos iam ajudar a encontrar Fleetwood?

— Bem, a cliente acha que Fleetwood era o cadáver, por isso, obviamente…

— Vocês precisam parar de enrolar essa mulher e dizer a ela que era Knowles!

— Talvez você devesse conversar com a equipe que está trabalhando nesse caso, se quer saber qual a probabilidade de o corpo ser de Knowles, na opinião deles — disparou Robin com raiva — Eu tenho que ir.

Ela desligou, agora dividida entre a raiva e a tristeza por causa de Murphy e também de Strike. Foi bom ela não ter contado a ele que o MI5 os alertou a parar de investigar Niall Semple, não foi? Ou sobre a suposta participação do inspetor-chefe Malcolm Truman na loja maçônica? Ou sobre o gorila de borracha em sua gaveta de meias?

O homem com o rosto coberto como o de um bandido continuava a observá-la.

61

Os olhos do homem alegre e do homem melancólico estão fixos na mesma criação; mas são muito diferentes os aspectos que eles atribuem a ela. Para um, é tudo beleza e alegria… O outro olha preguiçosa ou tristemente para a mesma cena, e tudo ganha um aspecto sem brilho, sem luz e doentio.

Albert Pike
Moral e dogma do rito escocês antigo e aceito da maçonaria

Duas horas e meia depois de deixar Crieff, Strike interrompeu a viagem para o sul na pequena cidade escocesa de Moffat, onde uma cafeteria na praça do mercado lhe forneceu um hambúrguer e uma oportunidade bem-vinda de descansar o joelho direito. A lama em seu paletó e em sua calça tinha secado, e a chuva havia diminuído, mas o céu do meio da tarde já estava escurecendo. Ele imaginou que muitos achariam Moffat pitoresca, mas Strike via tudo com os olhos pessimistas da ressaca e da infelicidade. Seu joelho estava inchado e esfolado, e a estátua de um carneiro em cima de uma pilha de pedras, vista pela janela da cafeteria, piorou ainda mais seu humor. Ovelhas, mesmo quando fundidas em bronze, costumavam lembrá-lo do pai de Robin, o professor de veterinária especializado em ovelhas, e da noite em que ele e Robin passaram juntos no Ritz, quando ela deu pela primeira vez a Strike essa informação.

Ele pegou o celular e abriu a foto que Jade tinha enviado para ele do bilhete deixado por Niall Semple quando desapareceu.

Omnia in numeris sita sunt
generativo
oculto
caos

salutar
generativo
caos
divindade
salutar
R.L. sabe onde

Tudo o que Strike entendeu dessa nota foi o latim, que dizia: *Tudo está velado em números*.

Ele pesquisou pelo botânico William Wright no celular e viu que o homem tinha mesmo nascido em Crieff e sido enterrado em Edimburgo. Ele buscou "Dunkeld" no Google e viu que a ponte ali tinha sido construída pelo maçom Thomas Telford, e descobriu, além disso, que uma ponte sobre o rio Dee era obra do também maçom Isambard Kingdom Brunel. Ao lembrar que Semple queria se encontrar com uma mulher desconhecida em um pub chamado Engineer, ele se perguntou vagamente se a maçonaria tinha um apelo especial para engenheiros, ou vice-versa.

Ele pesquisou graus maçônicos e descobriu que havia pelo menos nove chamados de "cavaleiro". Ele abriu o site "A verdade sobre os maçons" outra vez e pesquisou por qualquer coisa envolvendo os serviços especiais ou as forças armadas.

Strike encontrou apenas duas entradas relevantes. A primeira, datada de 2015, estava discutindo quantos soldados condecorados eram maçons.

K do Leste: Paddy Mayne, um dos membros fundadores das Forças Especiais, com certeza era. Ele morreu em uma colisão com um trator parado na Irlanda, depois de um jantar maçônico.

Jeroboam9: Tenho quase certeza de que Austin "Fuzz" Hussey (também das Forças Especiais, Batalha de Mirbat) era maçom.

Harry O'Dim: Não é verdade em relação a Hussey, mas Johnson Beharry, detentor da Cruz da Vitória, com certeza é.

A única outra menção ao exército que Strike conseguiu encontrar era uma segunda conversa curta.

St Geo: É verdade que um Sublime Príncipe do Real Segredo morreu na operação Toral?
DeMolay: É

St Geo: “um combate de duas religiões se encarando frente a frente, como dois bodes das trevas sobre a ponte do Infinito” — Pike

Strike tornou a ler a citação. Alguma coisa o incomodava… pontes…

Seu celular tocou, e ele viu o número de seu amigo e mais antigo contato na polícia, Eric Wardle.

— Oi — falou ele ao atender. — Tudo bem?

— Você conseguiu fotos do corpo da loja de prataria — disse Wardle.

— Ah — murmurou Strike. Ao contrário de Robin, seu pulso não se acelerou ao saber que a Metropolitana sabia disso. — Algum problema?

— Bem, a equipe que está trabalhando nisso está muito puta com você — informou Wardle. — O cara que as vazou para você foi suspenso.

— Só para registro, isso foi feito por iniciativa de uma terceirizada. Não estou dizendo, porém, que não fiquei satisfeito por ter as fotos.

— Ela adora jogar merda no ventilador, essa Kim Cochran — disse Wardle, cujo tom de voz estava inexpressivo. — Ela criou problema em todos os lugares em que trabalhou, pelo que soube. Uma devoradora de homens.

Strike escolheu fingir não ter ouvido isso.

— O que os está deixando mais preocupados, eu ter conseguido as fotos, ou eles terem feito merda, dizendo que o corpo era de Knowles?

— Os dois. E eles provavelmente acham que você está prestes a superá-los. De novo.

— Não seria a eles que eu estaria superando se identificasse o corpo, seria a Malcolm Truman — afirmou Strike. — Eles vão assumir o erro, ou vão continuar a fingir que era Knowles?

— Não sei. Só pensei que você deveria saber. Eles vão buscar qualquer razão para derrotar você, se entrar no caminho deles.

— Aviso anotado — falou Strike. — Já tem alguma informação sobre o que aconteceu com o corpo de Knowles?

— Não tenho ideia. Eu estou de licença.

— Você está doente? — perguntou Strike.

— Na verdade, não — respondeu Wardle. Então, sentindo nitidamente que isso exigia explicação, ele disse: — O médico diz que é depressão.

— Ah — murmurou Strike. — Certo.

Alguns anos antes, Wardle tinha perdido o irmão atropelado por um motorista

que fugiu. Strike sabia que ele estava tentando agir como pai substituto para os quatro sobrinhos e sobrinhas desde então. Enquanto isso, a mulher de Wardle o havia deixado, levando com ela seu próprio bebê de três meses.

— Estou pensando em sair, na verdade — revelou Wardle.

— Da Metropolitana? — perguntou Strike, ávido por esclarecer o que Wardle queria dizer. Homens, às vezes, procuravam uma saída diferente. Ele conhecera alguns.

— É — confirmou Wardle. — Eu só estou… exausto.

— Tem um emprego esperando por você na agência, se quiser — afirmou Strike. — Mudança de ritmo. Equipe amigável; exceto por mim, é óbvio.

— Haha — disse Wardle em um riso forçado.

— Quer tomar uma cerveja quando eu voltar para Londres?

— Claro, tudo certo. Onde você está?

— Escócia — respondeu Strike. — Eu te ligo quando estiver de volta.

— Certo — disse Wardle, embora não parecesse entusiasmado.

Quando a ligação terminou, Strike olhou pela janela, sentindo-se ainda mais deprimido. A chuva estava caindo mais forte lá fora. Ele pegou o cigarro eletrônico, percebeu o olhar de censura da garçonete, tornou a guardá-lo no bolso e pediu um segundo café.

62

Ubi honor non est*, onde não há honra,*
Ibi contemptus est, *onde há desprezo,*
Ibi injuria frequens*, e onde isso,*
A injúria frequente, ibi et indignatio*;*
E onde há indignação, ibi quies
Nulla*, e onde não há quietude,*
Por que, ibi, *a mente está sempre se projetando*
Das alturas onde ela propôs se abrigar…

Robert Browning
Dominus Hyacinthus de Archangelis

Eram seis e meia e estava escuro na propriedade industrial. A maior parte das pessoas que entrava e saía das unidades em torno do Ferro-Velho do Próprio Deus tinha desaparecido, embora restassem alguns retardatários, pelos quais Robin estava grata, porque faziam sua presença parecer menos estranha.

Finalmente, a porta da Unidade Doze se abriu, e Robin viu novamente o brilho de néon do interior e observou as três modelos saírem conversando e acenderem cigarros ao chegarem ao ar livre, cada uma delas envolta em um casaco. Por fim, quando as araras de roupas foram empurradas até uma van, e o fotógrafo e seu assistente guardaram o equipamento, Valentine Longcaster surgiu e deu uma parada para acender um cigarro e conversar com as modelos. Sentindo que era agora ou nunca, e com tanto frio que não se importava mais se não fosse bem recebida, Robin se aproximou do grupo.

— Sr. Longcaster?

Valentine se virou.

— Meu nome é Robin Ellacott. Eu sou detetive particular e estava pensando

se poderia dar uma palavrinha com você sobre Rupert Fleetwood.

Robin estava muito consciente dos quatro pares de olhos fixos nela. Ciara Porter em especial — tão branca que parecia iluminada no escuro — estava encarando ela de boca aberta, e uma das outras modelos, de cabelo preto com corte estilo pixie, arquejou e disse em um sussurro audível para Ciara:

— Espere… *é a PM?*

— Acho que deve ser, sim — disse Valentine com a voz arrastada, exalando fumaça.

Convencida de que ele ia se recusar a falar, Robin foi pega de surpresa quando ele disse:

— Está bem. Vamos conversar sobre o maldito Rupert Fleetwood.

A modelo com o corte pixie riu.

— Há um restaurante perto daqui — disse Robin, que com certeza não ia entrevistar Valentine diante de uma plateia. — Nós podemos conversar lá, se você quiser.

— Duvido que haja algo que eu goste em Walthamstow — retrucou Valentine. — Está bem, eu vou segui-la no meu carro.

— Eu não vim de carro — disse Robin. — É uma caminhada curta. Só uns poucos minutos.

— Então eu vejo você lá — disse Valentine. — Qual o nome dele?

— Arte e Pasta — disse Robin. — É logo virando a…

— Eu encontro.

— Certo — disse Robin. — Vou esperar por você lá, então.

Ela fez a volta e saiu andando. Atrás dela, Robin ouviu Valentine fazer um comentário incompreensível, depois dar uma gargalhada.

O pequeno restaurante, que ficava a três minutos a pé, tinha um mural pintado na parede externa. Robin estava com frio de mais para esperar por Valentine do lado de fora, então entrou e pegou uma mesa para dois sob um teto baixo que era, em parte, de ferro corrugado. Lanternas coloridas pendiam de barras de ferro acima das mesas, e havia desenhos infantis presos nas paredes. Robin duvidou que fosse o tipo de lugar de que Valentine Longcaster gostaria.

Vinte minutos se passaram sem sinal de Longcaster. Robin pediu uma água mineral e checou seus e-mails. Pat tinha enviado uma mensagem para ela e para Strike dizendo que o jornal local tinha se recusado a dar os contatos da família

Mohamed, o que não fez sentido para Robin até ela ver o anexo sobre Hafsa, a refugiada síria de nove anos. A foto de Hafsa mostrava uma garotinha com um adorável rosto em formato de coração e olhos enormes com cílios grandes. Robin ainda estava examinando isso quando sentiu alguém assomando sobre ela e ergueu os olhos para ver Valentine.

Quando envolto pelo brilho néon do Ferro-Velho do Próprio Deus, Valentine poderia passar por um jovem de vinte e cinco anos, porque era magro e se movimentava de forma enérgica. Seu cabelo louro-escuro farto estava raspado dos lados, mas com uma franja caída masculina, e suas roupas eram peculiares e joviais. Entretanto, quando sentou-se em frente a Robin, a detetive achou que ele realmente aparentava seus quarenta anos. Havia uma flacidez no queixo, bolsas sob os olhos injetados, nos quais as pupilas estavam tão dilatadas que seus olhos azuis quase pareciam pretos. Também havia algumas pequenas espinhas amareladas no canto da boca, que ele tentara esconder com maquiagem.

— Então — disse ele tirando a jaqueta preta. — Onde está Decima?

— Não sei — respondeu Robin.

— Aham — disse Valentine com sarcasmo. — Será que ela pensa que se ficar escondida por tempo o bastante, Fleetwood vai ficar preocupado que ela tenha feito algum mal a si mesma e voltar?

Uma garçonete jovem apareceu a sua mesa.

— O que é seguro beber? — perguntou Valentine com voz arrastada, olhando para a garota.

— Ah, bem, nós temos…

— Peroni — disse ele.

— Eu estou bem com esta água — disse Robin, antes que a garçonete conseguisse perguntar.

A garçonete foi buscar a cerveja de Valentine. Robin pegou o caderno.

— Então, posso perguntar quando foi a última vez que você viu Rupert?

— *Pode* — disse Valentine. — Você vai perguntar?

— Está bem — disse Robin. — Quando foi a última vez que…?

— No dia 21 de maio do ano passado, como você já sabe, porque Sacha contou ao cabo Brokeby.

Robin decidiu ignorar o apelido insultuoso de Strike.

— E você não teve nenhum contato com ele desde então?

— É claro que não tive.

— Por que "é claro"?

— Você pode parar com essa sua coisa de Miss Marple, você não vai me pegar.

— O que você…?

— Tenho certeza de que Decima já contou a você que acho que Fleetwood é um vigaristazinho de merda em construção. A família está feliz em se livrar dele.

O celular de Robin tocou. Ela o pegou do bolso, viu o número da mãe e recusou a ligação.

— Você discutiu com Rupert no dia 21 de maio, certo? — perguntou a Valentine. — Sobre o que foi?

— Ele entrou de penetra na festa do Sacha, e eu não gosto de aproveitadores.

— Você sabe por que Rupert apareceu por lá? Ele tinha roubado aquele *nef* do seu pai, então parece estranho que…

— Bem, ele é um grande idiota, sabe? — disse Valentine. Ele afastou o cabelo dos olhos, olhando para Robin pelas enormes pupilas pretas. — Ele não acreditava que meu pai fosse chamar a polícia, por causa da publicidade, mas meu pai não dá a mínima para o que a imprensa diz sobre ele e se importava menos ainda com o que escrevessem sobre Fleetwood. Eu disse a ele na festa que meu pai tinha ligado para a polícia assim que percebeu que o *nef* havia desaparecido, então ele entrou em pânico e fez merda outra vez. Decima deveria ter pagado a ele o valor do *nef* e o ter obrigado a devolvê-lo. Aparentemente, ela não aprendeu a lição.

— Que lição?

— Que se você quer fazer de um gigolô um caso permanente, você precisa continuar a gastar dinheiro — disse Valentine. — Ela se casou com outro sanguessuga quando tinha uns vinte anos, ela mencionou isso?

— Não — revelou Robin.

— Bem, ela casou, então a família já passou por isso antes. Mullins era um Fleetwood mais bonito. Tinha péssimas ideias para negócios e ficava tentando fazer todo mundo investir, então fugiu atrás de alguém mais bonita quando percebeu que Decima não era exatamente um prêmio milionário, só se parecia com um.

A garçonete chegou com a cerveja de Valentine. Como ele nitidamente não ia agradecer a ela, Robin o fez.

— Vocês estão prontos para pedir? — perguntou a garçonete.

— Eu não vou comer — disse Valentine.

— Espaguete à carbonara, por favor — pediu Robin, que sentiu que um prato justificaria ocupar uma mesa. A garçonete tornou a ir embora, e Robin falou: — Então você acha que Rupert deixou sua irmã por outra mulher?

— É o que a maioria dos namorados dela faz.

— Sua irmã Cosima ficou perturbada com o que Rupert disse a ela na festa, certo?

— E daí?

— O que ele disse para perturbá-la?

— Isso não é da porra da sua conta.

— Bem, isso *é* da minha conta — disse Robin —, porque estou sendo paga para descobrir por que Rupert desapareceu.

— Ele não desapareceu, ele está nos Estados Unidos.

— Como você sabe disso?

— Sacha me contou. — Depois de uma leve hesitação, Valentine acrescentou: — Fleetwood foi grosseiro com Cosima quando ela disse que ele não deveria ter invadido a festa, está bem?

— Ela o abordou, então? Para dizer que ele deveria ir embora?

— Não — negou Valentine, mas então: — É possível.

— Sacha contou ao meu sócio que Rupert parecia estar lá em busca de briga. Com quem ele queria brigar? Com Cosima? Com você?

Valentine tomou um gole de sua Peroni.

— Porque eu não acho que faz sentido — continuou Robin — ele ter ido lá só para beber de graça. Ele estava fazendo mudança naquele fim de semana. Isso é sempre estressante e um trabalho duro. Além disso, conversei com um bom amigo de Rupert, Albie Simpson-White…

— Quem?

— Ele trabalhava no clube do seu pai. Pelo jeito como ele descreveu Rupert, invadir aquela festa não era nada do feitio dele.

— Mas ele invadiu — insistiu Valentine. — Então os poderes de percepção de quem quer que seja esse Albie não parecem muito bons, não é?

— Sacha disse que Cosima estava chorando. Ela chora com tanta facilidade no meio de uma festa só porque um penetra é grosseiro com ela?

— Você está tentando ser engraçada? — perguntou Valentine, de repente agressivo e debruçando-se para mais perto.

— Estou apenas…

— Se você ou seu maldito sócio chegarem *perto* de Cosima…

— Nós não vamos precisar fazer isso, se você apenas me contar…

— *Você ouviu o que eu acabei de falar?*

— Por que você concordou em conversar comigo? — perguntou Robin, fingindo compostura. Quando ele chegou mais perto, ela viu um leve resíduo de pó branco em torno de suas narinas; ele tinha usado cocaína no carro ou pouco antes de deixar o Ferro-Velho do Próprio Deus. — As pessoas normalmente concordam com uma entrevista quando querem descobrir o que nós já sabemos.

— Foi isso que o grande detetive ensinou a você? Joguinhos mentais transparentes?

— Não é um jogo mental, eu estou…

— Você se senta ao pé e meio de Brokeby, bebendo a sabedoria dele?

— Dois pés, um falso. Você está pensando nas pernas dele. Mas continue.

— Esse é exatamente o tipo de coisa que aquele maldito sujeito pequeno e pedante diria para tirar proveito.

— Ele está longe de ser pequeno — retrucou Robin.

— Você deve saber, é claro.

— Nós estamos mesmo fazendo piadinhas com pênis? — disse Robin.

— *Quod si non aliud potest, ruborem ferreo canis exprimamus ore*.

— Infelizmente, você vai ter que traduzir. Eu nunca estudei latim.

— Peça à porra do seu namorado para fazer isso para você.

— Meu namorado também não fala latim.

— Ele vai entender isso.

— Cormoran Strike não é meu…

— Ah — murmurou Valentine. — Ele já ficou entediado, é isso? Essa foi rápida.

— Nós não estamos juntos nem nunca estivemos — esclareceu Robin. — Eu estou aqui…

Seu telefone tocou novamente. Era Linda, uma segunda vez. Robin recusou a ligação.

— Vocês dois começaram a trepar assim que ele largou Charlotte — acusou

Valentine.

— Você está mal informado — disse Robin.

— É *você* quem está mal informada, querida.

— Acho que eu sei melhor com quem estou dormindo…

— Você sabia que ele a agredia?

— Sr. Longcaster, eu…

— Prefere não saber dos fatos ruins sobre seu herói?

— Cormoran Strike não é meu herói, é meu sócio.

— Charlotte me contou que você ficava com os olhinhos brilhando sempre que ele entrava na sala.

— Ela nos viu juntos por aproximadamente um minuto e meio, no máximo — defendeu-se Robin, começando a perder a calma contra a sua vontade. — E, segundo me lembro, eu estava olhando para ela o tempo…

— Aposto que estava. Gostou do que viu?

— O que eu deveria…?

— Avaliou a concorrência? Você *não* era a porra de uma concorrente, não para ela.

— Como eu não estava concorrendo, isso não…

— Você sabe do que ela chamava você?

— Eu na verdade não podia estar menos interes…

— "PM" — disse Valentine. — Quer saber o que isso significa?

— Eu acho que nós terminamos — disse Robin e, em um momento péssimo, a garçonete então voltou e botou um prato de espaguete à frente dela.

— Obrigada — murmurou Robin.

— Parmesão?

— Não, obrigada.

A garçonete foi embora.

— Eu acho que nós terminamos — repetiu Robin para Valentine, mas ele não se mexeu.

— Se o cabo Brokeby tivesse me procurado com essa merda de "e se Fleetwood se matou?" que ele usou com Sacha, eu teria lhe dado o que ele merece — disse Valentine. — Ele quer falar de suicídio, eu estou mais do que pronto para falar de suicídio.

— Bem, você teve sua oportunidade — disse Robin — e se recusou a falar

com ele.

— A morte de Charlotte é culpa dele.

— Não é — disse Robin.

— Ele simplesmente a *destruiu*.

— Eles se separaram seis anos antes de ela se matar.

— Foi isso o que ele contou a você, não foi?

Robin sentiu uma sensação estranha no estômago. Será que Strike havia escondido isso dela também? Será que tinha continuado a se encontrar com Charlotte e a dormir com ela, ao longo de todos aqueles anos em que fingiu que eles tinham se separado?

— PM significa "pônei de mina" — disse Valentine sem remorso. — A pequena e desgrenhada assistente de Yorkshire de Cormoran Strike.

— Que interessante — ironizou Robin. — Se você…

— Ele saía com outras quando deveria estar com ela e a espancava, e ela ainda o amava, e na noite em que ela morreu, ele disse coisas para ela…

— Minha informação é que ele não atendeu o telefone — disse Robin.

— Então você precisa da porra de uma fonte de informação melhor — retrucou Valentine.

Ele ficou de pé, olhando para ela.

— Você *é* um maldito pônei de mina. Ele arrasta você pelo escuro como faziam nas minas com aqueles animais idiotas. Agora se afaste da minha família. Eu nunca mais quero ver você.

Ele saiu andando, com a jaqueta sobre o ombro, e xingou uma mulher que demorou tempo de mais para se afastar da porta.

63

Os pensamentos dos outros
Eram leves e fugazes,
Sobre o encontro de amantes,
Ou sorte ou fama.
Os meus eram sobre problemas
E os meus eram constantes;
Então eu estava pronto
Quando chegaram os problemas.

A.E. Housman
VI, More Poems

Robin agora não tinha o menor apetite para seu espaguete. Prestes a chamar a garçonete para pedir a conta, seu celular tocou pela terceira vez. Vendo que a mãe estava ligando de novo, ela respirou fundo, pôs um dedo no ouvido livre para bloquear o ruído do restaurante e atendeu.

— Oi, mãe, desculpe por não atender mais cedo. Estava trabalhando. Está tudo bem?

— Carmen teve o bebê — disse Linda.

— Espere… o quê? Eu achei que ele só estava previsto para…

— Ele nasceu um mês antes — disse Linda. — Foi um parto complicado, e eles acham que tem alguma coisa errada.

Um calafrio atravessou Robin.

— Com o bebê?

— É — respondeu Linda. — Estamos esperando notícias, estamos no hospital.

— O quê…?

— Ele não está mexendo direito com o braço, ou alguma coisa assim. Eu não

sei, ninguém nos dá informações completas. Eles acham que foi uma lesão no parto, nervos rompidos ou… ninguém parece saber.

— Ah, não — disse Robin, que se sentiu completamente desamparada. — Eu… O que eu posso fazer?

— Nada, nada. Eu só precisava contar a você… Robin, é o médico. Eu ligo para você depois.

Ela desligou.

— Tudo bem com seu espaguete? — perguntou a jovem garçonete, reaparecendo junto da mesa.

— Tudo — disse Robin, erguendo os olhos. — Você pode trazer a conta, por favor?

— Você tem certeza de que não há nada…?

— Não, por favor, por favor, só me traga a conta.

Cinco minutos depois, Robin saiu na noite congelante e foi andando na direção da estação de metrô mais próxima. Finalmente, sem conseguir aguentar a ansiedade sozinha, ela tirou as luvas e ligou para Ilsa.

— Oi, tudo bem com você? — perguntou Ilsa, atendendo no terceiro toque.

— Me desculpe por fazer isso com você outra vez, Ilsa. Eu só preciso conversar com alguém. Bem, com você.

— Por quê? Qual o problema?

— Eu… A namorada do meu irmão acabou de ter um bebê um mês antes do previsto, e tem alguma coisa errada com ele. Eu acabei de saber…

— Ah, não, Robin. Eu sinto muito.

— Não é isso. Não posso fazer nada em relação a essa situação esta noite — disse Robin distraidamente. — Talvez eu não devesse me preocupar com isso agora, mas Ilsa, eu simplesmente preciso saber, Strike alguma vez foi violento com Charlotte Campbell?

— *O quê?*

— Acabei de me encontrar com um homem chamado Valentine Longcaster, e…

— *Ele* — disse Ilsa com um tom de voz severo. — Ah, eu o conheço. Nós nos encontramos algumas vezes. Houve uma festa horrível em uma balsa, e um jantar no Belgravia. Como você o conheceu?

— É complicado — respondeu Robin. — Enfim, ele me contou que Strike

batia em Charlotte, e Ilsa, se ele fez isso…

— Ele não fez — disse Ilsa.

— Tem certeza? — insistiu Robin, e, mesmo ao dizer isso, ela soube que ninguém poderia lhe dar a total certeza que ela tão avidamente desejava. Quem sabia o que acontecia quando um homem e uma mulher estavam sozinhos juntos, sem serem observados, sem serem ouvidos? — Eu não posso trabalhar com ele se… eu não posso aguentar isso além de todas as outras coisas…

— Robin, *ela* o machucava. Atirava coisas, arranhava o rosto dele…

— Como você sabe que não foi em autodefesa?

— Bem, para começar, na noite da casa-barco, ela ficou bêbada, pegou uma faca e ficou agitando-a de um lado para outro. Todos fomos embora, mas Nick tinha deixado a porcaria dos seus óculos escuros favoritos lá, então ele voltou e viu através da janela: Charlotte estava ameaçando esfaquear Corm ou a si mesma, e ele a desarmou, e ela caiu. Nós nunca contamos a Corm que Nick tinha visto isso, mas, séculos depois, Corm contou a Nick que ela o estava acusando de jogá-la pelo barco ou alguma baboseira dessas. Se ele fosse tão violento, por que era sempre ele quem andava com lábios cortados, e por que ela estava sempre implorando que ele voltasse?

Robin queria acreditar em Ilsa, mas, levando em conta os acontecimentos recentes, ela não tinha certeza se podia confiar em alguma coisa relacionada a Cormoran Strike.

— Olhe, nove em cada dez vezes, as mulheres estão dizendo a verdade sobre apanharem — falou Ilsa. — Eu sei disso. Processei casos de abuso doméstico suficientes, mas Corm não é um abusador. Robin, ele *não é*. Escute, eu tive um caso muito ruim há cinco anos: uma mulher que estava tentando obter a custódia exclusiva da filha mais nova…

Robin ouviu passos às suas costas. Ela olhou para trás, mas o homem estava a cinquenta metros de distância. Ela não gostava de ser seguida, não depois da Harrods e do incidente que a deixara com uma cicatriz de mais de vinte centímetros no antebraço direito — não que aquele homem a estivesse seguindo, é claro, ele estava apenas andando na mesma direção, no escuro. Enfim, essa era uma rua residencial: havia janelas acesas por toda parte, muitas pessoas poderiam ouvi-la gritar…

— … sua própria história de violência, então o único jeito de ela conseguir a

guarda era retratá-lo de forma ainda pior. Ela disse que ele as havia atacado com garrafas quebradas e usado cordas…

Era imaginação de Robin ou o homem atrás dela estava apertando o passo? Ela tornou a olhar para trás. É, ele certamente estava mais perto, e uma de suas mãos parecia estar dentro do casaco.

— … simplesmente desmoronou na cadeira. A coisa não podia ter acontecido do jeito que ela dizia. Enquanto isso, seu parceiro tinha sido visto coberto de escoriações e hematomas…

O homem atrás de Robin passou embaixo de um poste de luz. Ele estava usando uma máscara de gorila de borracha.

— Ilsa! — gritou Robin. — Estou na Shernhall Street indo na direção da estação Wood Street e estou sendo seguida, e estou prestes a filmá-lo e descrevê-lo para você.

— O q…

— Se acontecer alguma coisa, chame a polícia!

Ele estava andando diretamente na direção dela; Robin ergueu o telefone, como se o estivesse filmando, e disse em voz alta:

— Ele está usando uma máscara de gorila, cerca de um metro e setenta e cinco, cabelo escuro, jaqueta verde, luvas pretas…

O homem reduziu o passo. Ela podia ver seus olhos brilhando por trás dos pequenos buracos na máscara.

— Você precisa parar — falou ele em voz baixa, avançando na direção dela enquanto Robin recuava. — Pare. Simplesmente pare.

De dentro da jaqueta, ele sacou um punhal.

— ILSA! — disse Robin, agora berrando. — ELE TEM UMA FACA…

64

Ela pensou que, além disso, verdadeiras mentiras eram — mentiras contadas
Para fazer o mal, enquanto essa tinha o bem no coração (…).

Robert Browning
Pompilia

— Você precisa parar — repetiu o homem por trás da máscara. — Está bem? Pare, se não quiser se machucar. *Pare*.

Antes que Robin conseguisse dizer ou fazer qualquer coisa, ele jogou o punhal aos pés dela, se virou e saiu correndo.

Ilsa ainda estava gritando do outro lado do telefone. Atônita demais para registrar o que tinha acabado de acontecer, Robin encarou o punhal largado na calçada, então se abaixou para olhar para ele.

— VOCÊ ESTÁ AÍ, ROBIN!?

— Estou — disse Robin, levando o telefone ao ouvido outra vez. Seu coração parecia prestes a sair pela boca novamente. — Estou aqui. Estou bem, está tudo bem. Ele fugiu correndo.

— *MEU DEUS, ROBIN!*

— Está tudo bem, estou bem. Ele não fez na…

— Você está bem? — disse um homem de chinelos que tinha acabado de sair da casa mais próxima. — Eu ouvi um grito.

— Estou — respondeu Robin, enquanto Ilsa não parava de falar pelo telefone que ela baixara para responder o homem. — Estou, obrigada, estou bem. Havia um homem me seguindo, mas ele foi embora.

— Você tem certeza de que está bem?

Ele era idoso, e, quando se aproximou do poste de luz mais próximo, ela viu sua expressão de preocupação.

— Estou, sim, estou bem, mas obrigada… muito obrigada por checar.

O homem voltou para casa. Robin levou o telefone ao ouvido outra vez.

— Está tudo bem, Ilsa, ele só jogou a faca na minha direção.

— Ele *o quê*?

— Eu sei — disse Robin, usando o pânico de Ilsa para adquirir uma força perversa. — Um agressor e tanto.

— *Ele jogou uma faca em você?*

— Jogou — confirmou Robin, olhando para o punhal largado no chão.

Sua lâmina de vinte centímetros parecia sem corte. Tinha um cabo preto e uma guarda de latão, na qual estava gravado um símbolo familiar. Robin pegou suas luvas no bolso, vestiu-as enquanto prendia o telefone entre o ouvido e o ombro e o pegou. Ilsa ainda estava falando.

— Desculpe, o quê? — perguntou Robin se aprumando e sopesando o punhal nas mãos. Ele tinha trinta e cinco centímetros de comprimento, era pesado e nitidamente cerimonial, em vez de uma arma de verdade. Mesmo assim, ele seria um porrete e tanto.

— Eu disse: *chame a polícia!*

— Eu duvido que eles o peguem — disse Robin, agora examinando o símbolo do compasso e do esquadro no cabo. — Está escuro, e ele estava usando máscara. Não há câmeras… enfim, eu não estou machucada. Ele só queria me assustar.

— *Isso está longe de ser a porcaria da ques…*

— De onde ele me seguiu? — disse Robin, agora falando mais consigo mesma do que com Ilsa.

— Robin, você está me deixando apavorada…

— Eu estou bem, estou bem… Agora eu só preciso encontrar um jeito de esconder o punhal para não ser presa no metrô.

O telefone de Robin começou a tocar.

— Ilsa, desculpe, é minha mãe. Eu vou ter que atender.

— Mas…

— Eu ligo para você depois.

Um homem que passeava com seu cachorro surgiu da escuridão à frente. Robin enfiou o punhal maçônico dentro do casaco, apertou o cinto para que ele não caísse e atendeu a ligação da mãe.

— Oi, mãe…

— Ah, Robin, que pesadelo — disse Linda, que estava nitidamente chorando.

— O que foi? — falou Robin alarmada.

— Martin acabou de ameaçar bater no médico…

— *O quê?*

— Descobriram que Carmen tem uma pelve androide…

— O que é isso?

— É mais difícil para o bebê passar. Eles acham que foi por isso que ele se machucou ao sair. Se tivesse nascido no prazo certo, eles provavelmente teriam feito uma cesariana. Martin os está culpando por não perceberem nem agirem antes. Ela passou dezenove horas em trabalho de parto, e agora ele foi expulso do hospital…

Robin saiu andando enquanto a mãe chorava em seu ouvido e não conseguiu pensar em nada a dizer, exceto:

— Onde está o papai?

— Foi atrás de Martin, ele está tentando acalmá-lo…

— Mãe, eu sinto muito. Eu queria poder fazer alguma coisa…

— Ah, meu Deus, espere aí, Stephen acabou de chegar… — A voz de Linda ficou abafada. — É Robin, Stephen. Estou contando a ela… Voltei — disse Linda no telefone outra vez.

— Mas qual é o problema com o bebê? Você disse que o braço dele não está se mexendo.

— Eles dizem que são nervos rompidos, uma espécie de paralisia; eles precisam investigar. Disseram que tem solução, se for isso, mas parecem preocupados…

— Mãe, eu… — Mas Robin não conseguiu pensar em nada a dizer que ajudasse. — Por favor, só diga a Carmem que desejo tudo de melhor e que estou realmente ansiosa para conhecer… Ele já tem nome?

— Eles estão dizendo que vão chamá-lo de Dirk — respondeu Linda. — Eu não me importo com isso, só quero que ele fique bem… *Você* está bem, não está? — acrescentou Linda, nitidamente sentindo que deveria conferir.

— Eu? — perguntou Robin, parando para apertar o cinto, pois o punhal estava escorregando. — Estou ótima. Não se preocupe comigo.

Agora em alerta máximo, Robin correu para casa, olhando diversas vezes para trás. Quando já estava em seu apartamento, pôs o punhal gravado com o compasso e o esquadro dentro de um novo saco para congelamento, então

escondeu-o na gaveta de calcinhas junto com o pequeno gorila de borracha que tinha sido posto em sua mão na Harrods.

Será que tinha sido o mesmo homem? Será que ela — era impossível evitar a ideia — tinha ficado cara a cara com Oz?

Antes de fechar as cortinas da sala, Robin olhou para a rua a fim de garantir que não havia ninguém à espreita vigiando-a. Ela disse a si mesma que houvera um aspecto cômico na metodologia do homem que a ameaçou; jogar o punhal aos pés dela tinha sido ridiculamente anticlimático, o tipo de coisa que uma criança faria. Mas a máscara de gorila a havia abalado, muito mais do que a faca; aquilo tinha sido perverso, pessoal, com a intenção de evocar um terror atávico. Ela voltou até a porta da frente três vezes nos vinte minutos após chegar em casa, confirmando se a havia trancado e acionado o alarme.

Quanto mais Robin pensava nisso, mais segura ficava de que o homem devia tê-la seguido desde seu apartamento, pela manhã, pegado o ônibus com ela, então se escondido na propriedade industrial, e, parando para pensar, o homem com o lenço no rosto que estava circulando por lá tinha a mesma jaqueta verde do homem com a máscara de gorila. Ele fingiu ser mais um operário caminhando entre as unidades industriais, esperando por uma chance de assustá-la com a máscara e o punhal, e transmitir sua mensagem. Ela se sentiu humilhada; ela, que tinha passado por treinamento em vigilância e contravigilância, deveria saber um pouco mais sobre isso. Conhecia todos os truques porque ela mesma os usava: tirar e vestir o casaco mudando sutilmente a aparência, esconder o rosto, mudar constantemente de posição. Ele nem foi muito bom; ela o notara mais cedo encarando-a.

Ela sabia bem por que tinha sido tão descuidada, é claro. Aliviada por estar sozinha e sem ter de fingir animação para Murphy, ela mergulhou em pensamentos sobre Strike e Bijou Watkins, e depois se distraiu com a presença de Ciara Porter na sessão de fotos.

Nervosa, com raiva de si mesma e apesar do fato de praticamente não ter comido nada o dia inteiro, Robin deu apenas duas mordidas no sanduíche que tinha preparado para si mesma, em seguida jogou o resto no lixo. Pensou em telefonar para o namorado, mas achou melhor não, ainda com raiva pelo jeito como tinha falado com ela mais cedo. De qualquer forma, não podia contar a Ryan sobre o homem com o punhal; ele ia ter uma reação exagerada, e a última

coisa de que Robin precisava no momento era o fardo de sua preocupação, ou da insistência renovada de que ela não deveria estar investigando o corpo no cofre.

Não, a única pessoa para quem poderia contar — a única pessoa para quem ela *tinha* de contar — era Strike. Ela pegou o telefone outra vez e contemplou a ideia de ligar para o sócio, então decidiu que ia fazer isso no dia seguinte quando estivessem em Ironbridge.

O homem do andar de cima provavelmente não estava em casa, porque não havia música pulsando através do teto. Isso era bom: Robin ia conseguir ouvir movimento em seu patamar, receber um alerta antecipado de alguém tentando entrar em seu apartamento. Ela foi tomar um banho de banheira. Duas vezes ela desligou as torneiras, convencida de que tinha ouvido um barulho do outro lado de sua porta da frente.

Ninguém vai entrar aqui. Acalme-se, pelo amor de Deus.

Ela entrou na banheira, tentando saborear a sensação da água quente para relaxar. Ela precisava conseguir dormir: ia estar de pé às cinco da manhã para pegar o carro alugado no qual iria a Ironbridge entrevistar a avó de Tyler Powell.

A máscara de gorila surgiu em sua mente, com aquelas pupilas reluzentes sob a iluminação da rua. Ele era o terceiro homem que ia atrás dela, saído do nada; ela se lembrou das mãos enforcando-a na escada, o soar de seu alarme antiestupro, a faca cortando sua carne…

Charlotte Campbell brandindo uma faca em uma barca; *a morte de Charlotte é culpa dele*; um bebê prematuro com o braço machucado; *cinquenta e cinco por cento de chance de o bebê nascer vivo*; a caixa na Fazenda Chapman; *você não sabe como é morrer de preocupação com uma filha*; uma pulseira, um punhal e um gorila de borracha escondidos do homem com quem ela estava procurando uma casa; *quando você começa a minar a porra de uma investigação da polícia… Nós só estamos tentando encontrar Rupert Fleetwood… Estou realmente decepcionada por não termos conseguido a casa… Eu? Estou ótima. Não se preocupe comigo…*

Ela não podia contar a verdade para as pessoas que deveriam amá-la, porque elas não queriam a verdade, elas queriam que Robin fosse a pessoa cujas mentiras não eram mentiras.

O banho não estava ajudando. Charlotte Campbell sangrara até a morte em uma banheira como essa.

Robin saiu e puxou a tampa do ralo, como se pudesse escoar seus pensamentos

sombrios com a água, secou-se e vestiu um pijama. Pela primeira vez desde sua mudança para esse apartamento, ela desejou não morar sozinha, e imediatamente se lembrou da ocasião em que Strike tinha ido para passar a noite, quando ele roncara no sofá e ela achou o som reconfortante, porque o escritório deles tinha acabado de ser destruído por uma bomba…

Por que ela estava pensando em Strike, não em Murphy? Ela ligou a TV, então a desligou quase imediatamente. Ela queria ser capaz de ouvir passos.

Você é um maldito pônei de mina. Ele arrasta você pelo escuro como faziam nas minas com aqueles animais idiotas.

Pare, se não quiser se machucar. Pare.

65

Pouca é a sorte que tive,
E, ah, é um pequeno conforto
Pensar que muitos outros homens
Não tiveram sorte nenhuma.

A.E. Housman
XXVIII, Last Poems

Strike tinha usado a bengala retrátil que levava consigo para emergências para entrar e sair do Travelodge, em Penrith, e besuntou a extremidade de seu coto com o creme hidratante habitual antes de dormir. Infelizmente, nenhuma dessas medidas melhorou a dor em seu joelho direito, que permanecia inchado e continuava a se ressentir cada vez que sustentava o menor peso ou fazia um movimento.

A viagem para Ironbridge na manhã seguinte foi, portanto, desconfortável, apesar de o Audi ser automático. A chuva melhorou conforme ele seguia para o sul, mas o sol intermitente não ajudou muito a animá-lo. Ele deveria estar saindo do hotel em Lake District com Robin do seu lado, embevecido por sua declaração de amor ter sido retribuída e (ainda melhor) consumada, ou — em seu atual estado de espírito lúgubre, ele não duvidava que isso sempre tivesse sido o mais provável — em um constrangimento mútuo e extremo porque ela o rejeitara. Mas ele aceitaria até isso no lugar dessa depressão acachapante. Não havia desonra em perder depois de arriscar tudo; ele teria lidado com isso e sabido, pelo menos, que havia tentado, mas ser abatido antes de sair da trincheira era mesmo uma derrota terrível.

A cidadezinha de Ironbridge era bonita, o que Strike não esperava. Uma imponente ponte de ferro em arco atravessava o verde lodoso do rio Severn, que

era ladeado por árvores grossas e folhagem. Os prédios pareciam despencar pela encosta íngreme da margem norte, onde a High Street, paralela ao rio, era margeada por lojas, cafeterias e pubs que tinham um charme típico dos anos 1950, com letreiros iluminados pela luz do sol de inverno. Strike não sentiu nenhum prazer com a cena; ele preferiria ter parado em meio a prédios grafitados e de vidro quebrado, que teriam combinado melhor com seu estado de espírito.

Ele deixou o Audi no estacionamento do Swan Taphouse e estava prestes a mandar uma mensagem para Robin com sua localização quando a viu a cem metros de distância saindo do próprio carro alugado. Ele ficou ressentido por ter de usar a bengala para andar até ela, porque parecia implorar por compaixão.

Robin, que tivera apenas umas poucas horas de sono na noite anterior, interrompidas por sonhos em que dormia demais e se atrasava para pegar o carro alugado, ou com a caixa na Fazenda Chapman, ou com Murphy gritando com ela, passara a maior parte da viagem decidindo agir naturalmente com Strike quando o visse. Murphy ligou para ela durante a viagem para o norte, desculpando-se por ter ficado com tanta raiva por causa das fotos do corpo no cofre, e eles reafirmaram sua intenção de ir até a casa de dois quartos em Walthamstow no dia seguinte. Ela, é claro, não contou ao namorado sobre ter sido ameaçada com um punhal maçônico.

Aproximando-se um do outro, à distância, ambos constrangidos, cada um foi tomado por pensamentos muito diferentes. Strike achou que Robin estava longe de estar em sua melhor forma. Ela ainda não havia recuperado todo o peso perdido na Fazenda Chapman e, sob aquela luz brilhante de inverno, parecia um pouco abatida e muito cansada. Ela também tinha uma mancha preta embaixo do olho direito. Mas nada disso importava: ele a queria, como nunca quisera nenhuma outra mulher na vida, e era tarde demais.

Enquanto isso, Robin viu Strike mancando em sua direção e se odiou por reconhecer o quanto o achava atraente, despenteado e mal barbeado como estava. Robin levara um bom tempo para ver o que as outras mulheres pareciam achar tão sexy naquele homem de nariz quebrado, acima do peso e parecido com um urso, e era muito desconcertante achá-lo fisicamente atraente justamente naquele momento, dentre todos os possíveis, e ela precisava ajustar a visão outra vez, para se concentrar exclusivamente em Murphy (*quem é o sósia de Paul Newman?*), porque Strike era um mentiroso que tinha escondido da sócia tanto namoradas

quanto bebês.

— Oi — disse Strike quando eles cobriram os últimos poucos metros que os separavam, cada um tentando olhar para qualquer coisa que não o outro. — Temos meia hora antes de Dilys, certo?

— Certo — confirmou Robin.

— Quer tomar um café ou alguma coisa assim?

— Pode ser. Acho que aquele hotel está aberto.

Apesar de sua decisão de agir com naturalidade, ela ouviu a hostilidade na própria voz ao apontar na direção do Tontine Hotel, uma grande construção georgiana com persianas verde-ervilha, com vista para a ponte de ferro.

Eles atravessaram a rua em silêncio. Robin poderia ter perguntado sobre o fato de o sócio estar andando de bengala, mas como ele normalmente não gostava de perguntas sobre a perna, ela decidiu não falar nada. Strike, enquanto isso, se questionava perversamente por que ela não podia pelo menos perguntar sobre sua perna.

Depois de sentarem-se junto à janela no bar do hotel, cada um com um café, Strike contou a Robin sobre sua entrevista com Jade Semple, deixando de mencionar sua ressaca terrível e o fato de ter caído de bunda na lama no meio da entrevista, porque sua reputação como detetive era basicamente a única coisa que tinha a seu favor nos últimos tempos, e ele não ia abrir mão disso de jeito nenhum.

— Se Niall estava em um estado mental tão ruim que tinha medo de atravessar uma ponte — disse Robin quando Strike terminou —, seria possível que estivesse em condições de fugir com uma namorada? Será que essa mulher não estaria preocupada com ele? Ela ia querer essa responsabilidade?

— Não tenho ideia — admitiu Strike. — Mas vou ser honesto: eu não acho que o casamento dos Semple foi lá um arranjo perfeito. Ela é de Colchester, o que significa que provavelmente o conheceu quando ele ainda era do 3º Regimento de Paraquedistas, pois é lá que eles têm sua base. Para ser direto em relação a isso, homens nesse tipo de regimento são alertados sobre garotas locais tentando deixar a vida de cidade pequena para trás. Ela é bonita o suficiente, mas não acho que os dois tivessem muita coisa em comum. Semple passou no exame de seleção para as operações especiais da força aérea, então deve ser muito inteligente, e ela mesma disse que os dois eram infiéis antes de se casarem. Eu

acho que ela engravidou, ele se sentiu encurralado e pensou que estava fazendo a coisa certa ao se casar com ela.

Seriamente irritada pela audácia de Strike de falar de forma tão despreocupada sobre gravidez acidental e por sua crítica implícita a Niall Semple por se envolver com uma mulher com quem não tinha nada em comum, Robin disse:

— Você perguntou a ela sobre Reata Lindvall e a Bélgica?

Merda. Ele tinha esquecido completamente.

— Perguntei. Nenhuma conexão — respondeu Strike.

— Você perguntou se ela conhecia um homem chamado Oz?

Merda, ele também não tinha perguntado isso a ela.

— Perguntei. Ela achava que não.

— Então — começou Robin, esforçando-se para parecer tranquila e profissional. — Qual você acha que é a chance de Niall Semple ser o homem no cofre?

— Em comparação, um pouco mais provável do que Fleetwood, porque ele é maçom e, pelo que Jade disse, ficou meio obcecado pela maçonaria depois de sua lesão. Além disso, há uma conexão com o nome William Wright. Por outro lado, será que, com dano cerebral, ele seria capaz de todos os subterfúgios para fingir ser Wright? E por que ele fazia corridas de trinta quilômetros? Isso me sugere que ele estava treinando para alguma coisa, ou pensava estar. Não consigo evitar me perguntar se ele não deixou o país e tentou voltar para o campo de batalha para encontrar ou vingar seu melhor amigo.

— Mas nós saberíamos se ele tivesse deixado o Reino Unido.

— Você acha que as Forças Especiais sempre viajam com seus próprios passaportes?

— Ah — murmurou Robin, que não tinha pensado nisso.

— Estamos falando sobre o tipo de homem que pode se orientar pelas estrelas, escalar prédios sem cordas, aprender árabe em apenas duas semanas. As Forças Especiais são os melhores dos melhores. Tenho dificuldade para entender por que um homem como esse ia achar importante entrar disfarçado em uma loja de prataria em Londres.

— Talvez a lesão cerebral o tenha deixado com um interesse anormal pela prataria Murdoch?

— Ah, é, e Jade me deu uma foto do bilhete que ele deixou para ela — disse

Strike, pegando o telefone, e a raiva que Robin sentia dele queimou um pouco mais por ele ignorar sua sugestão. Ainda assim, ela pegou o celular e leu a estranha mensagem.

— "RL sabe onde" — leu ela em voz alta. — Alguma ideia do que isso significa?

— Não — disse Strike.

Só nesse momento ocorreu a ele que aquelas eram as iniciais de Reata Lindvall, mas, como também eram as iniciais de milhões de outras pessoas, ele não achou o fato de grande relevância.

— A outra coisa que descobri foi que ele algemou a maleta a si próprio. Achei mesmo que fosse o caso quando vi a foto na imprensa.

— Você acha que ele estava levando alguma coisa de valor?

— Essa seria a explicação óbvia, mas se ele estava fazendo isso, deve ter conseguido essa coisa valiosa entre deixar Crieff no dia 27 de maio e ir a um caixa eletrônico no dia 4 de junho. Jade diz que Niall não levou nada de valor com ele. Talvez alguns livros maçônicos antigos.

— Bem, eu consegui falar com Tia Thompson, amiga de Sapphire, ontem — contou Robin, devolvendo o telefone para Strike, com cuidado para que seus dedos não se tocassem.

— Ah, bom trabalho — disse Strike, tentando ficar bem com a sócia, mas ela não sorriu. Depois de fazer um resumo conciso de tudo o que Tia havia lhe contado, Robin concluiu:

— … e a última coisa que ela me contou foi que esse homem misterioso na indústria musical disse a Sapphire que ela parecia com uma garota sueca que ele tinha conhecido.

— Muito interessante — comentou Strike, decidindo não expressar sua opinião de que "você parece sueca" era uma frase muito fácil para usar com uma jovem britânica loura que você estivesse tentando lisonjear. Apesar disso, ainda procurando agradar, ele acrescentou: — Bem, nós na verdade não temos muitas candidatas a Rita Linda, então com certeza devemos ter Lindvall em mente… Por falar em estudantes, Pat acha que encontrou Hussein Mohamed, ou pelo menos sua filha.

— Eu sei — disse Robin. — Ela me mandou um e-mail.

— Com a foto da menina que estava no jornal, nós poderíamos…

— Vigiar escolas primárias em Forest Gate e segui-la até sua casa? — questionou Robin.

— Isso funcionou com Tia Thompson.

— Eu não a segui até em casa, e Tia tem dezesseis anos. Você acha mesmo que isso é a mesma coisa que espreitar uma criança em cadeira de rodas que acabou de escapar de uma guerra civil?

— Eu não estou falando em *espreitar*… Está bem, esqueça, foi só uma ideia — falou Strike.

— É melhor pagarmos os cafés — sugeriu Robin. — Já não temos muito tempo.

— Eu pago — ofereceu Strike, pegando a carteira.

— Eu preciso ir ao banheiro — avisou Robin se levantando. — Hum… a casa de Dilys fica em uma rua bem íngreme. Acabei de ver a placa. Se sua perna está ruim…

— Está tudo bem — disparou Strike.

Então você que se dane, pensou Robin, saindo para procurar o banheiro feminino.

Strike pediu a conta e olhou de um jeito melancólico pela janela para a enorme ponte de ferro. De repente, seu subconsciente decidiu vomitar a coisa que o havia incomodado no café, em Moffat. A escocesa desconhecida, que tinha ligado duas vezes para o escritório para implorar por sua ajuda e pedido que ele se encontrasse com ela no Golden Fleece, dissera: *Está tudo escondido embaixo da ponte.*

Enquanto isso, Robin, que estava lavando as mãos na pia, olhou para o espelho e percebeu não apenas como parecia pálida e exausta, mas também o borrão preto de rímel embaixo do olho direito. Strike poderia ter lhe avisado sobre isso, pensou ela furiosamente enquanto o limpava.

66

(…) era apenas a justiça equivocada de um povo simples que queria sangue por sangue, e não ligava muito para de quem fosse, desde que seu próprio senso de justiça fosse satisfeito.

John Oxenham
A Maid of the Silver Sea

Robin não tinha mentido sobre a inclinação da New Road, que fazia com que a rua em Crieff parecesse uma ladeira suave. Ela subia sinuosamente a colina atrás da High Street, e o aclive era tanto que, apesar do frio, Strike logo estava suando outra vez por pura dor e, contra sua vontade, tinha de parar a intervalos de alguns metros.

— Escute — disse Robin, a empatia temporariamente suavizando seu ressentimento. — Eu posso facilmente entrevistar Dilys sozinha.

— Não — arquejou Strike. — Eu vou junto.

Uma mistura de orgulho, teimosia e um resíduo triste de sua determinação de passar o máximo de tempo possível com Robin o forçou a seguir em frente. Murphy, pensou ele, enquanto seu joelho gritava por piedade, certamente estaria subindo a colina dando cambalhotas como uma maldita gazela.

As casas de ambos os lados da rua estreita davam para o rio abaixo, de modo que as do lado direito davam de fundos para a vista. Todas ficavam isoladas e estavam bem cuidadas, algumas feitas de tijolos, outras pintadas e com a aparência de chalés, com plantas pendendo em torno das portas. Robin, que estava tentando acompanhar o passo de Strike sem enrolar de um jeito muito óbvio, de repente parou por conta própria e olhou para uma placa circular azul, em uma casa em um pátio pequeno.

— Strike.

— O quê?

Ela apontou. Ele seguiu seu dedo e leu:

BILLY WRIGHT COMANDANTE DA
ORDEM DO IMPÉRIO BRITÂNICO
1924-1994
LENDÁRIO CAPITÃO DE FUTEBOL
DA INGLATERRA E DOS WOLVES
VIVEU E CRESCEU AQUI

— Meu Deus — murmurou Strike, satisfeito pela oportunidade de parar de andar e tentando não deixar transparecer que a bengala estava aguentando metade de seu peso. — Billy Wright… isso deveria ter passado pela minha cabeça… nunca pensei nele como William…

— E a avó de Tyler mora logo ali — comentou Robin. Ela estava apontando para uma casa que era bem menor do que aquelas ao seu lado e pintada de um tom lamacento de laranja.

"Logo ali", pensou Strike, era um termo relativo. Ele levou outros cinco minutos de agonia para chegar à porta da frente, de madeira, de Dilys Powell.

Robin bateu, então tornou a bater. Eles esperaram.

— Ah, não — lamentou Robin. — Ela pareceu muito vaga nas duas vezes em que falei com ela… Talvez tenha se esquecido de que estávamos a caminho?

Strike mal conteve um palavrão. Robin olhou pela janela empoeirada, além das flores de plástico em um vaso no batente da janela, para uma sala típica de uma senhora idosa com poltronas com capas protetoras, alguns objetos de louça baratos e um carpete roxo estampado.

— A casa dos pais de Tyler fica um pouco mais adiante — disse Robin. — Será que podíamos tentar lá?

— Está bem — concordou Strike, tentando parecer que isso não ia exigir mais nenhum esforço.

Eles saíram andando outra vez, Strike agora inclinado para o lado, tentando usar a bengala como perna substituta.

No alto da colina, havia uma casa branca maior do que a de Dilys, ao lado da qual havia uma placa de VENDE-SE. Robin bateu. Ninguém atendeu. Ela foi olhar

por uma janela. A sala no primeiro andar não tinha nenhuma mobília.

— *Oi!*

Os detetives se viraram. Um homem baixo de aspecto extremamente beligerante, com cabelo escuro comprido, surgira da porta dos fundos da casa em frente. Ele usava uma camiseta do Steely Dan e segurava um violão e, enquanto seguia depressa em direção a eles, fez exatamente o que Strike estava evitando pelos últimos quinze minutos: escorregou no gramado dos fundos e tropeçou. Entretanto, ele recuperou o equilíbrio com a ajuda do violão e, mancando e com os pés levemente virados para dentro, avançou na direção deles, gritando:

— O que vocês querem? São da maldita imprensa, não são?

— Não — disse Strike, interessado em sua suposição. Ele pegou a carteira e sacou um cartão. — Nós somos detetives particulares.

Robin imaginou que o homem fosse Ian Griffiths, o vizinho de Tyler, porque ele tinha acabado de surgir da casa que ela sabia pertencer ao homem. Robin havia crescido em uma família de pessoas altas — a única que tinha estatura mediana era a mãe, e todos os seus irmãos tinham em torno de um metro e oitenta — e ela se sentiu um pouco culpada (será que havia uma coisa como preconceito sobre altura?) por a primeira coisa que percebeu em Ian Griffiths ter sido o fato de ele não ter muito mais de um metro e meio. Ela teve de admirar sua coragem, porque ele estava encarando Strike como se estivesse mais do que disposto a desafiá-lo fisicamente, apesar da diferença de mais de trinta centímetros entre eles e do fato de Strike ser consideravelmente mais largo. Talvez, pensou ela, Griffiths tivesse a intenção de usar o violão como arma. Mas ele pegou o cartão da mão de Strike.

— *Detetives?* — rosnou Griffiths, lendo o cartão. — Da porcaria do Shropshire Star, não é?

— Não — disse Robin, antes que Strike pudesse responder; ela sentiu que um pouco de apaziguamento poderia ser necessário, e os talentos de Strike nessa área eram variáveis. — Dilys Powell nos convidou para falar sobre seu neto, Tyler, mas ela não parece estar em casa.

— *Dilys* contratou vocês? — questionou Griffiths, nitidamente sem acreditar.

— Não, nós estamos trabalhando para um cliente diferente — explicou Robin.

— O maldito do Faber Whitehead, não é? — perguntou Griffiths, parecendo

ainda mais irritado.

— Eu não conheço ninguém chamado Whitehead — falou Robin delicadamente. — Dilys acha que Tyler pode ser o homem encontrado morto em uma loja de prataria em Londres em junho passado. Foi por isso que ela quis conversar conosco.

— Ah — murmurou Griffiths. Parte de sua energia pareceu aplacada. — É. Ela falou alguma coisa sobre isso…

— Você por acaso não sabe onde Dilys está, sabe? — perguntou Robin.

— Não — respondeu Griffiths, olhando para a rua na direção da casa de Dilys. — Ela provavelmente esqueceu que vocês vinham. Ela está tomando muitos remédios. Teve uma queda feia há alguns meses. Esta colina é letal quando está congelada.

Sua beligerância parecia estar se transformando em constrangimento. Ele aparentava quarenta e poucos anos, tinha cabelos escuros, olhos cor de avelã e uma covinha no queixo, um homem muito bonito. Então ele olhou para o violão, como se surpreso ao se ver segurando-o.

— Imagino que você conheça Tyler Powell — comentou Robin. — Morando em frente aos pais dele?

— É, eu o conheço — confirmou Griffiths, que parecia estar tentando se decidir sobre alguma coisa. Ele semicerrou os olhos para Strike, que ele parecia achar especialmente suspeito. — Você tem certeza de que não está trabalhando para os Whitehead?

— Nunca ouvi falar deles — rebateu Strike.

— Certo, está bem… Vocês podem entrar e esperar por Dilys, se quiserem. Ela não deve ter ido longe. Tomem uma xícara de chá. Está muito frio.

— É muito simpático da sua parte — comentou Strike, grato pela chance de tirar o peso do joelho direito. — Obrigado.

— Ian Griffiths — disse o homem, finalmente estendendo a mão, que primeiro Strike e depois Robin apertaram. — Mas todo mundo me chama de Griff.

Ainda segurando o violão, Griffiths conduziu Strike e Robin por seu portão dos fundos. O jardim ali era cheio de esculturas extravagantes, entre elas, uma gárgula.

Strike, que largara a faculdade no fim do primeiro ano, tinha apenas uma vaga

lembrança de alojamentos estudantis, mas em sua visão reprovadora, o interior da casa de Griffiths indicava uma pessoa que nunca saíra da adolescência. Não apenas o lugar fedia a incenso, coisa à qual Strike tinha forte aversão, porque esse era o cheiro característico das várias casas para as quais Leda o arrastara na infância, mas a sala para a qual Griffiths os conduziu estava repleta de objetos kitsch que Strike classificou mentalmente como quinquilharias baratas: bonecos do Dia dos Mortos, globos de neve cheios de purpurina, um urso de pelúcia rastafári, almofadas em padrões psicodélicos espalhadas e um pôster emoldurado de Jesus fumando um baseado estavam entre os objetos para os quais Strike não teria nenhum uso. Velas haviam sido presas a garrafas de vinho vazias, prateleiras raquíticas tinham uma combinação de LPs e CDs, e no canto havia um teclado e dois outros violões, embora Strike reconhecesse a contragosto que o lugar parecia basicamente limpo.

Havia muitas fotos em porta-retratos, a maior das quais mostrava uma mulher bonita de cabelo escuro com uma camisa em pintura tie-dye e um colar de contas, com os braços em torno de uma menina igualmente bonita. A mesma criança aparecia em outras fotografias, em duas das quais usava um uniforme escolar.

Ao ver os olhos de Robin nas fotografias, Griffiths falou:

— Eu perdi minha mulher há sete anos. Câncer de mama.

— Ah, eu sinto muito — disse ela.

— Obrigado — agradeceu Griffiths. — Nós nos mudamos para Ironbridge para ficar perto do meu irmão e da esposa dele. Chloe agora é adulta e está viajando pela Europa com o namorado, por isso, no momento, estou sozinho. O que vocês querem com seu chá?

Quando eles disseram suas preferências e Griffiths saiu para preparar as bebidas, Strike e Robin se sentaram no sofá, que estava coberto por uma manta com uma mandala. Robin, que sabia exatamente o que Strike estava pensando do gosto de seu anfitrião para decoração, podia ter feito um comentário, mas, em vez disso, escolheu pegar seu bloco de notas.

— Você faz as perguntas — disse Strike em voz baixa. — Eu faço as anotações. Acho que ele gosta mais de você do que de mim.

— Certo — concordou Robin, guardando novamente o bloco no bolso.

Griffiths voltou depois de cinco minutos com três xícaras de chá e um prato de biscoitos com marshmallow. Strike lhe agradeceu e pôs a caneca ao seu lado em

uma bandeja de vime com pernas bambas, o que significou afastar para o lado um bonequinho dourado de um menino aparentemente prestes a fazer xixi e uma vela roxa grande decorada com cristais.

— Você é músico, sr. Griffiths? — perguntou Robin.

— Sou. Eu dou aula de violão e piano. Toco em uma banda. Estamos um pouco velhos para conseguir um contrato com uma gravadora agora, mas tocamos em pubs, casamentos e coisas assim.

Ele sentou-se em frente a eles e começou a desembrulhar um biscoito, dizendo:

— Desculpe se fui um pouco… Houve muitos problemas. Quero dizer, por causa do Tyler.

— Que tipo de problemas? — Robin quis saber. A caneta de Strike estava parada acima de seu bloco.

— Dilys não contou a vocês?

— Não, mas sabemos que Tyler fez alguma coisa que deixou as pessoas em Ironbridge insatisfeitas com ele — comentou Robin. — Nós vimos na internet que as pessoas não queriam ver fotos dele.

Griffiths engoliu um grande pedaço de biscoito, então falou:

— Ele foi perseguido. Por um grupo de linchamento, foi isso o que aconteceu.

— O que houve? — perguntou Robin.

— É uma história longa.

— Nós gostaríamos de ouvi-la, se você não se importar de nos contar.

— Ah — murmurou Griffiths. — As pessoas por aqui diriam que vocês estão perguntando à pessoa errada.

— Por que isso?

— Porque eu fui o único que ficou ao lado de Tyler, além de sua avó… Houve um acidente de carro, sabem, e as pessoas culparam Tyler por ele.

— Ele estava dirigindo, então?

— Não, e isso é a pior parte… eles só queriam alguém para culpar.

Robin esperou. Griffiths pousou seu prato com o biscoito parcialmente comido e falou:

— Ty estava saindo com essa garota, Anne-Marie, sabe. Ela era uma boa amiga da minha Chloe, então eu a conhecia. Uma boa garota. Cheia de energia. Ty era apaixonado por ela. Me disse que ela era especial e tudo mais…

"Mas então os malditos Whitehead se mudaram para uma casa mais acima na rua. São cheios de grana. Ele é arquiteto, ela é professora de yoga. Eles têm uma banheira quente nos fundos, um Range Rover na garagem; vocês conhecem o tipo. As pessoas faziam qualquer coisa para serem convidadas para seus jantares.

"Bem, eles tinham dois garotos. O mais novo, Hugo, era muito falante e gostava de ostentar; era mais jovem do que Ty, tinha vinte poucos anos.

"Enfim… Anne-Marie se apaixonou por Hugo. Ele é um cara adorável, o Ty. Ele nunca ia iluminar o mundo com seu cérebro, mas é mesmo um cara muito legal. Ele trabalhava em uma oficina em Dawley, era bom em trabalhos manuais. Eu o conheço bem, dei aulas de violão para ele. Ele conversava muito comigo. E não tinha tido vida fácil. Seus pais… bem, eu digo pais… sabem, ele foi adotado, mas quando tinha um ano, sua mãe adotiva foi embora. Ela nunca quis ter nada a ver com ele depois disso. Ninguém soube para onde ela foi. Seu pai se casou novamente, mas nenhum deles dava a mínima para Ty. Os dois gostavam de beber e de festas, e quando a madrasta de Ty herdou um dinheiro, Gill e Ivor partiram para a Flórida. É lá que eles estão agora. Pobre Ty. Ele foi deixado morando na casa velha até ela ser vendida."

— Mas ela ainda não foi vendida — comentou Robin, olhando para a janela dos fundos da casa dos Powell.

— Não, porque eles não receberam uma oferta da qual gostassem, sabem? É coisa do Ivor. Ele é do tipo que gosta de ganhar até o último centavo…

Strike, que estava fazendo anotações, pensou imediatamente em Greg.

— Tyler não podia ter ido com eles para a Flórida? — perguntou Robin.

— Não — respondeu Griffiths. — Ty gosta de Ironbridge. É tudo que ele conhece. De qualquer forma, eles não o queriam. Na opinião deles, Ty tinha vinte e cinco anos anos, já era hora de se virar sozinho. Então Anne-Marie deixou Ty para ficar com Hugo, e ele não sabia quando ia ficar desabrigado; Chloe e eu queríamos oferecer a ele nosso quarto extra, mas… bem, isso foi antes…

— Antes? — instigou-o Robin.

— Ah, foi difícil para Chloe — disse Griffiths desconfortavelmente. — Ela e Ty eram bons amigos quando chegamos aqui, mas depois do que aconteceu, as pessoas estavam se voltando contra todo mundo que ficava ao lado de Ty, então eu acho que… quero dizer, não se pode culpá-la, na verdade. Mas ela mudou de ideia. Ela não queria Ty morando aqui, não depois do acidente.

"Eu não sei direito o que aconteceu naquela noite, mas basicamente: havia um show em Birmingham ao qual um grupo deles queria ir, mas Hugo não conseguiu o Range Rover do pai emprestado, então perguntou a Ty se ele e Anne-Marie podiam ir de carona com ele. Não havia nada de mais nisso", disse Griffiths rapidamente. "Ty é uma pessoa boa, sabem? Ele faria qualquer coisa por qualquer um. No último minuto Ty disse que estava se sentindo mal, mas que Hugo ainda assim poderia pegar seu carro emprestado. Ty adora carros. Ele comprou esse barato e o arrumou. Aquela porcaria era seu orgulho e sua alegria, então as pessoas estão iludidas se acham…

"Enfim… Hugo tinha acabado de passar no exame e bateu com o carro. Anne-Marie morreu na hora e Hugo ficou em coma por três meses. Teve morte cerebral, mas sua mãe não queria desligar os aparelhos.

"As pessoas da região ficaram perturbadas, é claro. Anne-Marie era uma moradora local, crescida em um apartamento em cima de uma loja de doces na High Street. Todo mundo a conhecia. E como Hugo estava em coma, e os Whitehead eram os queridinhos de todos na época…

"Então os Whitehead começaram a espalhar que não poderia ter sido Hugo dirigindo, sabem? Devia haver algum problema com o carro de Ty, ele não tinha condições de pegar a estrada ou algo assim. Mas então as pessoas começaram a dizer que tinham *feito* alguma coisa com o carro, que ele tinha sido sabotado. Disseram que Ty sabotou o carro para que se acidentasse. Vingança, sabem, contra Hugo e Anne-Marie. Mentira", disse Griffiths com ferocidade. "Tudo mentira. Mas os boatos continuaram, e todo mundo ficou olhando de esguelha para Ty. Finalmente, ele me procurou e disse que já tinha aguentado o suficiente, ele só precisava ir embora… Esperem aí", disse Griffiths repentinamente, ficando de pé e olhando pela janela para a New Road. "Aí vem Dilys, ela devia estar na igreja. Eu vou chamá-la, que tal?"

67

Eu falei com ela, mas ela apenas balbuciou
No velho estilo; os dois olhos estavam fundos
De volta a suas órbitas, sua estatura encolheu;
Em suma, a alma em seu corpo afundou
Como uma espada que volta para sua bainha.

Robert Browning
The Flight of the Duchess

Dilys Powell era uma mulher pequena, de faces flácidas e com cabelo branco ralo, que parecia frágil e doente. Estava usando um casaco de inverno grosso de xadrez escocês e entrou na sala muito devagar, apoiada em um andador, com uma bolsa preta grande pendurada no braço.

— Olá, sra. Powell — cumprimentou Robin, levantando-se. — Eu sou Robin Ellacott. Nós nos falamos por telefone sobre seu neto, Tyler?

A única resposta de Dilys foi uma fungada.

— Ela estava na igreja — falou Griffiths, conduzindo Dilys a uma poltrona. — É lá que seu marido está enterrado. Eu estava contando a eles sobre o acidente de carro, Dilys — disse ele à mulher idosa, levantando a voz. — Sobre Hugo e Anne-Marie, e por que Tyler deixou Ironbridge.

— Ele nunca fez nada com o carro — resmungou Dilys.

— Foi o que eu disse a eles.

— Ele nunca fez nada — repetiu Dilys. Ela largou o andador, então sentou-se com a ajuda de Griffiths em uma poltrona.

— Nós esperávamos fazer algumas perguntas para a senhora, sra. Powell — disse Robin —, sobre por que a senhora achou que o homem no cofre poderia ser Ty…

— Ele foi embora — falou Dilys. — Ele nunca me contou para onde ia. Contou *a ele* — disse ela com um olhar ofendido para Griffiths.

— Só que… — começou Griffiths.

— Prata — disse Dilys.

— O que tem a prata, sra. Powell? — Robin quis saber.

— Ele estava falando sobre prata. No telefone.

— É mesmo?

— É.

— O que ele falou sobre prata?

— Não sei.

— Com quem ele estava falando? Com a senhora?

— Provavelmente com Jones.

— Quem é Jones? — perguntou Robin.

— Amigo dele — respondeu Dilys. — Lá em Higwell Farm, perto de Apeton.

— Qual o primeiro nome de Jones? — indagou Robin.

— Wynn — respondeu Dilys enquanto a caneta de Strike se movimentava rapidamente pela página.

— Wynn é um amigo próximo de Tyler?

— É — confirmou Dilys, franzindo o cenho. — Eu não gosto dele.

— Por que não? — Robin quis saber.

— Ele é rude — explicou Dilys, e se virou para olhar para Griffiths. — Eu preciso ir ao banheiro.

— Tudo bem — disse Griffiths, tornando a se levantar. Ele ajudou Dilys a sair da poltrona e conduziu suas mãos novamente para o andador. — É a primeira à esquerda no corredor.

Dilys deixou a sala devagar. Quando saiu do raio de audição, Griffiths falou em voz baixa:

— Dilys piorou muito depois que Ty foi embora. Ele era bom para ela, fazia suas compras e coisas assim. Foi um golpe duro para ela, a partida dele, especialmente depois que os pais dele foram para a Flórida. Ivor é filho de Dilys. Todos nós nos oferecemos para ajudá-la, mas Dilys gosta de sua independência.

— Há uma sobrinha-neta, não há? — perguntou Robin. — Eu falei com ela antes do Natal.

— Ela não mora por aqui, voltou para a universidade — contou Ian. — Eu

não ia mencioná-la. O gato de Dilys, que ela deveria estar alimentando, morreu enquanto Dilys estava no hospital. O gato era velho, mas Dilys não perdoou a garota, e quando Dilys fica irritada, acreditem em mim, todo mundo sabe. Ela piorou depois de escorregar no gelo no outono passado. Ela apagou quando caiu no chão, descendo a colina. Ficou lá deitada no escuro por algumas horas, e ninguém percebeu. Ela ficou um mês no hospital e… merda — disse Griffiths, pulando de pé ao ouvir um baque abafado vindo de algum lugar fora de vista.

Ele saiu da sala. Eles ouviram mais duas pancadas e Dilys dizendo: "Não fui eu. Eu consigo fazer isso!", em seguida o barulho de uma porta fechando. Griffiths tornou a entrar na sala.

— Ela está bem. Só bateu na mesinha do corredor — informou.

— Então Tyler nunca mencionou prata para você? — perguntou Robin.

— Não, ele só me contou que tinha arranjado emprego em um pub, em algum lugar no sul. Dilys ficou com raiva por eu nunca ter contado isso a ela, sabem, mas eu achei que ela soubesse. De qualquer forma, não sei se Ty estava dizendo a verdade. Ele não me deu o nome do pub nem nada. Ele só devia estar tentando me fazer pensar que ele tinha um plano.

Eles ouviram uma descarga distante.

— Você esteve na Bélgica — disse Strike para Griffiths.

— O quê? — perguntou Griffiths.

Strike ergueu o bonequinho dourado da mesa ao lado de onde estava sentado.

— Este é o Manequinho, não é? Uma cópia da estátua belga?

— Ah, Chloe me mandou isso quando estava viajando. Uma piada de família. Encontrar o souvenir mais brega em qualquer lugar que você vá.

— Ah, certo — murmurou Strike, botando a coisa novamente no lugar. Ele achou que isso explicava a Virgem Maria cintilante e o elefante tailandês rosa-néon na prateleira acima da cabeça de Griffiths.

— A sra. Powell foi entrevistada pela polícia, não foi? — perguntou Robin.

— Foi — confirmou Griffiths —, mas acho que não deu em nada. Ty levou todas as suas coisas com ele quando foi embora, sabem, então não havia como excluí-lo pelo DNA. Como eu disse, ele ficou morando na casa depois que Gill e Ivor foram para a Flórida. Eles se livraram da maior parte dos móveis antes de colocar o lugar à venda.

— Sabe se eles mantinham contato com Ty? — perguntou Robin.

— Não tenho ideia, você teria que perguntar a Dilys, mas, como eu digo, eles não são pais muito interessados.

Dilys voltou para a sala arrastando os pés alguns minutos depois, e novamente Griffiths a ajudou a sentar-se na poltrona. Em vez de agradecer, ela olhou para ele com o cenho franzido.

— Sua Chloe parou de falar com Ty, e eles supostamente eram amigos.

— Ela não parou, Dilys — retrucou Griffiths. — Ela só estava viajando, então…

— Tyler não tinha ninguém do lado dele — afirmou Dilys. — Ninguém. Todos disseram que ele havia feito alguma coisa com o carro. Ele nunca, nunca fez isso.

Ela parecia ao mesmo tempo com raiva e chateada, com as mãos se movendo de forma inquieta sobre o colo.

— Quando Tyler deixou Ironbridge? — perguntou Robin.

— Meses — respondeu Dilys. — Há meses.

— Deve ter sido… em maio, Dilys? — perguntou Griffiths. — Eu sei que não foi muito depois do aniversário de Chloe.

— Eles deveriam ser amigos, mas ela viajou e nunca ficou ao lado dele — disse Dilys, para quem isso parecia um problema grave.

— Só porque ela estava fora de…

— Ele olhava para o telefone, o tempo todo. Se defendendo, ele dizia. Na internet. Eu disse a ele: "Pare de olhar o que estão dizendo, você só vai se aborrecer."

— A senhora teve notícias de Tyler desde que ele partiu, sra. Powell? — perguntou Robin.

— Ele me mandou algumas mensagens pelo whatsit — respondeu ela, apertando e soltando as mãos no colo. — Mas então parou.

— A senhora quer dizer por WhatsApp? — sugeriu Robin, hesitante.

— É.

— A senhora consegue se lembrar de quando as mensagens pararam?

— O quê? — perguntou Dilys, franzindo o cenho ao levar a mão ao ouvido.

— Será que eu poderia ver essas mensagens? — perguntou Robin, um pouco mais alto.

— Para quê?

— Para ver as datas — explicou a detetive.

Griffiths pegou a bolsa de Dilys no chão e a entregou a ela. Resmungando em voz baixa, Dilys procurou em suas profundezas e, finalmente, retirou de lá um Nokia velho. Respirando com dificuldade, ela apertou os botões e, depois de uma espera prolongada, entregou o telefone a Robin, que viu uma série de mensagens.

Tyler Powell
Oi, vó, espero que você esteja bem

Dilys Powell
meus joelhos estão tão ruins que mal consigo andar

Tyler Powell
Sinto muito você não pode ligar pra Doris?

Dilys Powell
Não posso incomodar Doris o tempo todo. Quando você vai voltar?

Dilys Powell
você está me ignorando?

Dilys Powell
Canalha ignorante

Dilys Powell
depois de tudo o que eu fiz pra você

Tyler Powell
Vovó eu não sou ingrato mas estou ocupado eu tenho um emprego

Dilys Powell
então você está satisfeito por eu ser uma prisioneira em minha própria casa

Dilys Powell
eu não consigo fazer compras nem nada

Dilys Powell
nem pense que eu vou deixar meu dinheiro pra você depois de tudo isso

Dilys Powell
Canalha ingrato

Tyler Powell
se eu sou um canalha ingrato então você vai ficar melhor sem ter notícias minhas

Dilys Powell
Onde você está?

Dilys Powell
Eu preciso saber onde você está

Dilys Powell
Estou mal, meus joelhos estão ruins

Dilys Powell
onde você está, Tyler

Dilys Powell
Eu chamei a polícia

Dilys Powell
me diga onde você está, estou preocupada

A última mensagem de Tyler tinha sido enviada no dia 16 de junho do ano anterior. A última mensagem de Dilys para ele tinha sido enviada em outubro.

Entretanto, acima dessa conversa no WhatsApp, havia outra, que Robin, ao ver o nome de Tyler, abriu discretamente, descendo a tela até a primeira mensagem, que tinha sido enviada em 12 de julho do ano anterior.

07700 903361
Vovó este é meu telefone novo

07700 903361
Vovó eu me livrei do telefone velho porque pessoas estavam me atormentando nele então você precisa usar esse novo agora para falar comigo. Griff pode saber dele mas mais ninguém ok?

Dilys Powell
Quem é?

07700 903361

É Tyler você precisa usar este número pra falar comigo agora

Dilys Powell
É você, Wynn Jones

07700 903361
Não vovó sou eu, Tyler. Eu vou ligar pra você tudo bem?

07700 903361
Vovó atenda o telefone sou eu

07700 903361
Vovó ESSE NÃO É WYNN SOU EU

A última dessas mensagens tinha sido enviada pouco antes do Natal.

— A senhora se importaria se eu fizesse cópias disso, sra. Powell?

— Tudo bem — disse Dilys, e Robin fotografou as duas conversas com seu próprio telefone.

— E tem algum problema se eu pegar o número do pai de Tyler? — perguntou Robin ao ver o nome de Ivor Powell em uma conversa mais antiga no WhatsApp.

— Não, tudo bem — disse Dilys outra vez.

Robin salvou o número, então devolveu o Nokia.

— A senhora falou pelo telefone com Tyler desde que ele foi embora, sra. Powell?

— Não — respondeu Dilys. — Esse não é ele. É Jones fazendo joguinhos.

— Wynn Jones de Higwell Farm?

— É.

— A senhora acha que ele tem telefonado fingindo ser Tyler?

— O quê?

— Não acha que é mesmo Tyler que tem ligado para a senhora?

— Mal-educado — disse Dilys. — E ele era um bom garoto antes de tudo isso.

— Você falou com Tyler desde que ele foi embora, Griff? — perguntou Robin.

— Não desde junho — respondeu Griffiths.

— Parece que ele queria que você tivesse seu telefone novo — comentou

Robin.

— Aquele não é Tyler, o outro — disse Dilys com rebeldia. — Eu sei a diferença.

— A senhora ligou para a polícia no fim de junho, sra. Powell, não ligou? — questionou Robin, olhando para as mensagens outra vez. — Foi porque a senhora viu as notícias sobre…

— Ele falou "prata" — disse Dilys com teimosia. — Eu o escutei.

— A senhora sabia que a loja onde o corpo foi encontrado era maçônica? — perguntou Robin.

— O quê?

— Ela guarda coisas para os maçons. Tyler, por acaso, tinha algum interesse pela maçonaria?

— Maçons — disse Dilys. — Com seus apertos de mãos engraçados?

— É, eles — confirmou Robin.

— Não, ele não ia se envolver com isso — disse Dilys com impaciência. — Ele trabalha em uma oficina.

— Ele sabia alguma coisa sobre prata? — perguntou Robin. — Marcas oficiais, antiguidades, alguma coisa assim?

— Não — respondeu Dilys desconfiada. — Mas ele poderia aprender. Ele não é idiota.

— Quais eram os interesses de Tyler? O sr. Griffiths já nos contou que ele gostava de carros.

— Ele amava o carro dele — disse Dilys. — Ele mesmo o arrumou. Ele entendia de motores. — Como se estivesse refutando uma acusação não dita, ela repetiu: — Ele não é idiota.

— Havia mais alguma coisa pela qual Tyler se interessava? — perguntou Robin.

— Futebol. Os Wolves. Ele ama os Wolves.

— É — disse Robin. — Nós acabamos de ver a placa no muro na rua. Billy Wright. A senhora sabia que o homem que estava trabalhando na loja de prataria chamava a si mesmo de William Wright?

— É — disse Dilys assentindo. — Billy Wright.

— Eu posso verificar mais alguns detalhes? — perguntou Robin. — Qual era a altura de Tyler?

— Mais alto do que *ele* — disse Dilys apontando a mão trêmula para Griffiths.

— Não é difícil — disse Griffiths com um sorriso triste. — Ele deve ter em torno de um metro e setenta.

— Tyler tinha alguma marca característica? Cicatrizes ou…

— Uma marca de nascença — disse Dilys.

— É mesmo? Onde?

— Nas costas — disse Dilys.

— Ele é canhoto ou destro?

— Destro — disse Dilys.

— A senhora sabe qual o tipo sanguíneo dele?

Dilys balançou a cabeça.

— Ele sabia alguma coisa sobre armas?

— Armas? É, um pouco — disse Dilys.

— É mesmo?

— É. Ele tinha um fuzil de ar comprimido. Ele queria entrar para o exército, mas não foi aceito.

— Ele queria? — perguntou Griffiths, parecendo surpreso.

— Isso foi antes de você se mudar para cá — disse Dilys, que pareceu ficar satisfeita com o fato de haver alguma coisa sobre Tyler que Griffiths não soubesse. — Ele ficou chateado quando não foi aceito. Estava determinado.

— Por que ele não foi aceito, Dilys? — Robin quis saber.

— Ele é alérgico a amendoim — respondeu Dilys. — Quase morreu uma vez, quando uma criança na escola deu um para ele.

— Que horror — comentou Robin.

— Eu nunca soube que ele era alérgico a amendoim — falou Griffiths.

— Bem, tem muita coisa que você não sabe — rebateu Dilys de forma rude.

— Tyler fazia algum exercício? — perguntou Robin.

— Ele trabalhava em uma oficina — repetiu Dilys.

— Ele gostava de se manter em forma? — perguntou Robin, levantando a voz novamente.

— É, ele estava em forma.

— Carregando pneus o dia inteiro — acrescentou Griffiths.

— Ele não é idiota — retrucou Dilys outra vez.

— Ele conhecia uma garota chamada Rita? — perguntou Robin.

— Que Rita? — perguntou Dilys. Suas mãos continuavam a se remexer inquietas no colo.

— Não sabemos seu sobrenome — disse Robin. — Ele conhecia alguém cujo primeiro nome era Rita?

— Não tem nenhuma Rita por aqui — falou Dilys.

— Você alguma vez ouviu Tyler falar sobre uma Rita? — perguntou Robin a Griffiths. — Ou uma Rita Linda?

— Não — respondeu Griffiths. — A única garota sobre a qual eu o ouvi falar foi Anne-Marie.

— Ela não era grande coisa — murmurou Dilys. — Vejam a droga do problema que ela causou.

Havia dois jeitos de olhar para essa afirmação, pensou Robin.

— Tyler ficou chateado quando terminou com Anne-Marie, não ficou? — perguntou ela.

— Ele não ligou. Por que deveria ligar? Aquela lá saía com todo mundo.

— Ele ficou arrasado quando ela morreu, Dilys — disse Griffith com reprovação.

— Coração mole — falou Dilys. — Quem está morto, está morto.

— O sr. Griffiths estava nos contando sobre a família Whitehead — comentou Robin.

— Eles! — disse Dilys com as mãos tremendo sobre o colo. — Agora eles foram embora, depois de todos os problemas que causaram.

— Eles se mudaram depois da morte de Hugo — explicou Griffiths.

— Alguma ideia de para onde eles foram? — perguntou Robin.

— Eu sei que eles eram originalmente dos Home Counties…

— Já foram tarde. Espalhando mentiras — disse Dilys. — Dizendo que foi culpa de Tyler. E todo mundo acreditou nisso.

— Eu não acreditei, Dilys — interveio Griffiths —, nem…

— Sua Chloe foi embora e deixou ele à própria sorte. Ninguém ficou do lado dele.

Dilys franziu os lábios, como se quisesse se impedir de chorar.

— Quando a senhora leu as notícias sobre o corpo no cofre — disse Robin, de forma tão compassiva quanto possível —, o que a fez…?

— Porque era parecido com ele e ele tinha dito "prata" — respondeu Dilys.

— Eu o ouvi ao telefone.

— A polícia veio vê-la depois que a senhora ligou para a emergência? — perguntou Robin.

— Inúteis — disse Dilys. — Inúteis.

— Eles entrevistaram a senhora, não?

— Eles vieram me ver — disse Dilys. — Inúteis.

— Mais uma coisa, sra. Powell: Tyler alguma vez falou sobre um homem chamado Oz, ou um homem na indústria musical?

— Oz? — disse Dilys. — Quem é Oz? O que vocês são, repórteres?

— Não, sra. Powell, nós somos detetives particulares — lembrou Robin. — Nós conversamos por telefone. Eu perguntei se podíamos…

— Eu preciso ir para casa — disse Dilys de repente. — Eu preciso ir.

Ela parecia assoberbada e um pouco confusa, e recusou a ajuda de Griffiths enquanto se esforçava para sair da poltrona. Robin percebeu que não fazia mais sentido tentar convencê-la a ficar. Dilys pegou o andador, apanhou sem agradecer a bolsa que Griffiths lhe entregou, então saiu a passo de caracol na direção da porta dos fundos.

— Eu consigo — disse ela asperamente para Griffiths quando ele tentou segui-la.

— Desculpem — disse ele em voz baixa enquanto Dilys andava com seu passo arrastado pela trilha do jardim.

— Não, nós agradecemos pelo chá e pelas informações — disse Robin, se levantando. Ao lado dela, Strike estava tendo alguma dificuldade para fazer o mesmo: seu joelho estava se recusando a cooperar. Robin pegou um cartão na bolsa e o entregou a Griffiths. — Se você se lembrar de mais alguma coisa, poderia nos avisar?

— É, claro — disse Griffiths, guardando o cartão no bolso da calça jeans. — Essa coisa toda… foi um acidente, e as pessoas queriam alguém a quem culpar. Fofoca de cidade pequena. Vocês sabem como é.

Os pensamentos de Robin voaram de forma inútil na direção de Masham e do fato de seu estupro ter vazado na internet.

— É — disse ela. — Eu sei.

Com um gemido baixo que não foi capaz de conter, Strike conseguiu sair do sofá.

— É, valeu— disse ele, tentando não fazer uma careta de dor enquanto estendia a mão para Griffiths. — Você foi de grande ajuda.

68

E por muito tempo tentamos em vão falar e agir
Nosso eu oculto, e o que dizemos e fazemos,
É eloquente, é bom — mas não é verdade!

Matthew Arnold
The Buried Life

— Acho que podemos voltar para a High Street por ali — sugeriu Robin, olhando para uma travessa que descia de forma quase vertical, logo depois da esquina da casa de Griffiths, e parecia levar na direção do sopé da colina —, mas…

— Eu prefiro voltar por onde viemos — disse Strike, o que não era totalmente verdade; o que ele preferia fazer era entrar em um bondinho que o levasse de forma indolor de volta para seu carro.

Eles refizeram seus passos em silêncio. A subida da New Street já havia sido muito ruim; a descida estava botando tanto peso no joelho direito de Strike que, a cada passo, ele temia que fosse ceder. Dilys ainda não tinha chegado em casa. Ela estava à distância, caminhando muito devagar com a ajuda do andador, pequena e corpulenta com seu casaco de xadrez escocês, mas como Strike e Robin também estavam se movimentando de um jeito lento, eles praticamente não ganharam terreno em relação a ela, e Dilys entrou em casa e fechou a porta antes que os detetives passassem por ela.

— Quer comer alguma coisa enquanto falamos sobre o que aconteceu? — perguntou Strike quando eles finalmente chegaram ao pé da rua, tentando não se encolher de dor e torcendo para que não ficasse óbvio o quanto estava suando.

— Tudo bem — concordou Robin.

— Tem um pub onde deixei meu carro — disse Strike, então eles se dirigiram

para o Swan Taphouse, um hotel grande cinza-claro que dava para o rio vagaroso. Havia mesas de madeira do lado de fora, protegidas por guarda-sóis quadrados azuis. Strike fixou o olhar no banco mais próximo até chegar a ele. Depois de se jogar sobre ele com alívio, ele captou o olhar de Robin e se lembrou de que mulheres costumavam não compartilhar de sua indiferença ao frio.

— Se você preferir entrar…

— Não — disse Robin com firmeza, dividida entre a irritação por ele não a ter consultado e a compaixão relutante, porque ela podia ver que ele estava em agonia. — Está tudo bem. Vou pegar algo para beber. O que você quer?

— Cerveja sem álcool — disse Strike. — Qualquer uma.

Uma bartender saiu do prédio logo depois de Robin entrar. Embora nitidamente surpresa por ver clientes que preferiam o lado externo a se sentar lá dentro em pleno janeiro, ela entregou dois cardápios de papel para Strike. Ele pegou o cardápio, mas ficou observando a água, de cor cáqui, e as pessoas caminhando pela margem com seus cães, até Robin reaparecer com sua cerveja e um suco de tomate para si mesma.

— Então — começou quando ela sentou-se à sua frente —, pensamentos sobre Powell?

— Bom, ele mencionou prata — disse Robin. — Supostamente, mas…

— Ele poderia estar falando sobre um carro prata que estivesse repintando em sua oficina, é — disse Strike. — Embora deva haver pubs chamados "Silver alguma coisa"[1]. Pense. "Prata" também pode ser um sobrenome, a menos que Long John fosse o único.

Ele esperava que isso pudesse provocar um leve sorriso em Robin, mas ficou decepcionado.

— Bem, nós certamente deveríamos falar com esse amigo de Tyler, Wynn Jones — continuou Strike. — Podemos procurar a fazenda depois de comer.

— Eu não posso ficar aqui por tanto tempo. Tenho que vigiar a casa de Fyola Fay amanhã de manhã cedo. Você pode falar com Jones sozinho.

— Certo — disse Strike. *E você tem que procurar mais casas com o maldito Murphy, é claro.*

Os dois estavam com dificuldade para se encarar. O banco deixava menos espaço entre eles do que a mesa no Hotel Tentine, e Robin, determinada a manter a conversa em assuntos de trabalho e não dar a Strike nenhum pretexto

para perguntar sobre sua frieza, disse:

— Tyler parece ser um bom candidato a visitar o site "Abusados e Acusados".

— É, parece — concordou Strike, enquanto Robin pegava o telefone para examinar as fotos que tinha tirado das mensagens de WhatsApp entre Tyler e Dilys.

— A última mensagem de Tyler de seu telefone antigo foi pouco antes do assassinato de Wright. Então ele envia para ela um número novo, dizendo que está sendo "atormentado" no antigo. Ela achou que Wynn Jones estivesse fingindo ser Tyler, por alguma razão… Eu vou tentar esse número.

O telefone tocou algumas vezes, então entrou uma mensagem pré-gravada.

"Aqui é Tyler. Estou ocupado. Deixe uma mensagem que eu entro em contato com você."

— Oi, Tyler — disse Robin. — Meu nome é Robin Ellacott, e eu gostaria muito de falar com você, se possível. — Ela ditou o número do próprio celular, então desligou.

— Foi uma grande coincidência, ele começar a enviar mensagens de um número novo logo depois do assassinato de Wright — falou Strike.

— Foi — concordou Robin, ainda examinando as mensagens em vez de olhar Strike nos olhos. — Embora as pessoas *estivessem* com raiva dele. Naqueles comentários no Instagram que encontrei, estavam exigindo que Chloe Griffiths apagasse as fotos dele, porque não queriam olhar para ele. Tyler também pode ter ficado de saco cheio de receber mensagens ou ligações horríveis.

— Verdade — disse Strike, cujo principal objetivo no momento era aliviar a tensão entre ele e Robin.

— Mas a polícia deve ter visto as mensagens — disse Robin, ainda olhando para o telefone e não para o sócio. — E ele não foi excluído, então, provavelmente, eles não têm boas evidências de que ainda esteja vivo.

— Ou eles pararam de se dar ao trabalho de procurar quando Truman decidiu que era Knowles — disse Strike. — Eu já disse isso antes, mas quem se importa quando rapazes desaparecem?

— Ele parece ter tentado ligar para Dilys — comentou Robin, ainda examinando as mensagens. — Mas se ele quisesse mesmo que ela saísse do pé dele, porque simplesmente não contar a ela onde estava?

— Ele pode não ter confiado nela em relação a seu paradeiro — sugeriu

Strike. — Ela poderia ter revelado sua localização ou tentado mandar alguém buscá-lo de volta… Dito isso, toda a coisa do nome falso e do disfarce parece um pouco extrema para Powell, e não consigo ver por que ele iria querer trabalhar numa loja de prataria maçônica. Há sempre procura por bons mecânicos. Por que não tentar fazer isso em algum outro lugar?

— A menos que ele realmente *tenha tido* alguma coisa a ver com aquele acidente de carro e estivesse com medo de ser preso por isso — disse Robin.

— Estou com dificuldade para entender como o fato de ele mexer nos cabos de freio ou na direção antes que eles fossem para o show teria resultado em um acidente no caminho de volta. Isso já foi investigado. Deve ter havido um inquérito.

— Mas há uma conexão com o nome William Wright.

— Verdade — disse Strike, coçando o queixo. — Bom, se Powell não retornar sua ligação, devemos ter uma conversa com os Whitehead, se conseguirmos encontrá-los. Se eles realmente acham que Powell sabotou o carro, eles têm um motivo, então é preciso descartar isso. Depois, temos a marca de nascença nas costas de Powell. Será que a Cruz de Salem foi gravada no corpo para ocultar uma marca característica?

— E eles cortaram as orelhas, os olhos e as mãos por diversão?

— Você está se esquecendo do pênis — disse Strike, o que não era verdade; Robin não tinha esquecido. — O problema é que a mutilação poderia ter ocorrido para disfarçar qualquer um de nossos possíveis Wright.

Os dois beberam suas bebidas, olhando para o Severn em vez de um para o outro. Robin estava se perguntando quando ia contar a Strike sobre o homem com o punhal maçônico. Antes que ela pudesse falar, a bartender voltou para anotar seus pedidos. Depois que Strike pediu haddock empanado, e Robin, nachos de frango, o detetive disse:

— Sobre as coisas maçônicas, eu não te contei: eu esbarrei com Fergus Robertson no trem para a Escócia. Na verdade, lorde Oliver Branfoot é maçom e membro da Loja Winston Churchill, que se reúne em um dos templos no Freemasons' Hall e também é a loja de…

— Malcolm Truman — concluiu Robin, sentindo uma ansiedade familiar.

— É. Aparentemente, Branfoot mudou de loja há alguns anos, e a William Churchill é cheia de policiais.

Ele registrou a repentina desolação no rosto de Robin, mas, antes que pudesse continuar, ela disse:

— Tem uma coisa que eu também não contei a você. Ontem à noite, depois que entrevistei Valentine Longcaster…

— Ah, ele falou com você? — perguntou Strike, experimentando sua própria sensação de medo. Ele esperava e contava que Longcaster não desse atenção a Robin.

— Falou — disse Robin.

— Para me atacar?

— Um pouco.

— O que ele disse? Que eu batia em Charlotte? Que transava com muita gente? Que é minha culpa ela ter se matado?

— Foi por aí, mas…

— Eu nunca botei um dedo nela quando estava com raiva, exceto para impedir que ela se machucasse — disse Strike.

Quantos golpes mais no estômago ele deveria aguentar? Quanto respeito próprio seria retirado dele diante da pessoa cuja boa opinião importava mais para ele do que a de qualquer outra?

— Certo — disse Robin —, bem, não era isso o que eu…

— Ele tinha alguma coisa útil para dizer sobre Fleetwood, ou ficou só falando que Charlotte era uma santa, e eu, um canalha?

— Ele não disse muita coisa útil sobre Fleetwood, não — disse Robin, mantendo o tom contido. — Mas ele com certeza estava incomodado por estarmos chegando perto de sua irmã Cosima e foi evasivo no geral em relação ao motivo de Rupert ter entrado de penetra na festa de Legard. Mas — disse ela, respirando fundo — não era isso o que eu ia te contar.

"Eu fui seguida quando saí do restaurante onde entrevistei Longcaster. — Ela não queria admitir a parte seguinte, mas a honestidade a levou a fazer isso. — Acho que ele me seguiu desde meu apartamento, ontem de manhã, e eu não percebi. Ele estava usando uma, bem, ele estava usando uma máscara de gorila quando me alcançou…

— *O quê?*

— Mas eu o havia notado antes, na propriedade industrial onde eu estava esperando por Longcaster; ele estava usando a mesma jaqueta verde. Ele só entrou

em ação quando eu estava completamente sozinha, e não havia mais ninguém…

— Como assim, entrou em ação? — perguntou Strike.

— Ele puxou uma faca — respondeu Robin. — E…

— Ele *O QUÊ*? — disse Strike tão alto que uma mulher que passava com um bichon frisé olhou ao redor.

— Eu estou tentando contar "o quê" — resmungou Robin. — Ele sacou esse… bem, era um punhal maçônico. Eu sei por que ele o jogou em mim. Estou com ele em casa. Foi um aviso, não um ataque — disse ela, porque Strike estava parecendo perigoso. — Ele disse: "pare, se não quiser se machucar." Ele estava tentando me assustar — falou, omitindo a menção de que o homem que a ameaçara tinha atingido seu objetivo. — Na verdade, nunca houve a possibilidade de que ele realmente…

— *Por que diabos você não me ligou depois que isso aconteceu?*

— O que você poderia ter feito? — disse Robin com tranquilidade. — Você estava na Escócia.

— Eu falei com você, e você concordou: se você fosse a qualquer lugar sozinha, deveria me contar. Nós concordamos, depois de Shanker, depois daquele homem na Harrods e de todos esses malditos telefonemas, o último tendo você *especificamente* como alvo…

— "Vadia" pode significar Kim ou Midge, e eu não posso ligar para você literalmente toda vez que estiver em um lugar sozinha — disse Robin com o tom de voz não mais contido. — Era uma rua residencial bem iluminada, e ele não me machucou de fato…

— Você sabia que havia a porra de um "G" pintado na porta da rua na véspera de Ano-Novo?

— O quê? Não, eu não sabia. Por que você não contou…

— E esse homem disse para você parar?

— *Por que você não me contou que havia um G pintado na porta?*

— Alguém nitidamente decidiu que você é o elo mais fraco…

No momento em que as palavras saíram de sua boca, ele desejou não as ter dito. Robin empalideceu de raiva. A zombaria de Kim por sua falta de treinamento policial e sua própria consciência de que deveria ter visto a pessoa que a seguira na véspera estavam em conflito com seu desejo de apontar a grande audácia de Strike de sugerir que ela era a pessoa que estava decepcionando a

agência, quando suas armações com mulheres estavam atraindo tanta imprensa negativa…

— Eu não quis dizer "elo mais fraco" em termos de… quero dizer — falou Strike. — Você é mulher, não é, e Branfoot sabe que tem uma coisa com a qual seus capangas podem assustar você…

— Nós não temos nenhum indício de que Branfoot tem alguma coisa a ver com esses homens! — bradou Robin furiosamente.

— Quem mais está ligado a esse caso que tem um bando de capangas para obedecer suas ordens? "Ou ele pode mandar alguém", disse Wright. *Foi você* quem viu o amigo de Branfoot, da Ramsay Silver, no jornal. Branfoot é da mesma maldita loja que o principal investigador…

— Eu sei disso, eu sou capaz de me lembrar da informação que você me contou dois minutos atrás! Mas não fui eu quem deu uma desculpa para Branfoot nos criticar nos tabloides…

Atingido fundo, Strike também perdeu a calma.

— Você tem certeza de que são os ataques da imprensa que estão preocupando você?

— O que você quer dizer com isso?

— Você não quer que nós investiguemos uma loja maçônica cheia de policiais da Metropolitana?

— Isso não tem nada a ver com Ryan! — disse Robin com raiva e de forma pouco sincera. — Eu sei que essa história da loja é meio suspeita, mas nós não temos…

— Meio suspeita? Eu acho que ela fede mais do que uma traineira de camarões! Por que Branfoot trocou de loja? Por que ele resolveu ir para onde estava a polícia?

— Eu não…

— Não me venha com isso, nós sabemos que ele é muito astuto. Jimmy Savile paparicou a polícia local por anos, convidando-os toda sexta-feira para tomar uns drinques.

— Você acha *mesmo* que Truman soube que Branfoot estava por trás do assassinato e concordou em encobri-lo? — ironizou Robin.

— As coisas não precisam ser tão explícitas! Não estou dizendo que Truman sabe que Branfoot ordenou o assassinato.

— Por que Branfoot ia mandar matar alguém em uma loja de prataria maçônica?

— Porque ele é amigo de um bando de policiais maçônicos que se encontram, literalmente, na porta ao lado, então sabia que eles estariam predispostos a silenciar qualquer coisa que parecesse maçônica e assim ele seria capaz de exercer uma enorme influência sobre a investigação! Ou Branfoot teve sorte, e seu amigo acabou encarregado do caso, ou Truman mexeu seus próprios pauzinhos maçônicos para garantir que ficasse com o trabalho!

— E por que Branfoot teria ordenado que fosse colocada uma faixa sobre o corpo e que uma marca maçônica fosse gravada nele?

— E se a intenção era exagerar na violência para parecer que alguém estava tentando incriminar os maçons, e Truman caiu direto na armadilha e se apressou a negar qualquer conexão, estimulado por Branfoot?

— Então Truman pôs toda a sua carreira em risco para manter Branfoot feliz?

— *Escute o que estou dizendo*. Ele não precisa ter feito isso especificamente para Branfoot! Truman pode ter arriscado sua carreira porque a maçonaria é sua prioridade, o centro de sua vida emocional e social! Ela significa isso para alguns homens! Mas se você vai me olhar nos olhos e me dizer que não há homens que ficam lisonjeados por ter uma associação com a aristocracia, e que não sentem uma emoção ególatra por se misturarem com lorde Oliver Branfoot fora da TV…

— Eu não estou dizendo isso, mas…

— Então você tem que admitir que Truman pode ter sido facilmente influenciado por Branfoot a defender a ideia de que alguém estava tentando incriminar os maçons. Nesse caso, a coisa de Knowles teria sido um maná dos céus para Truman. Ele pagou um preço profissional pela maneira que conduziu o caso, mas ainda corre para o Freemasons' Hall todo mês, o que deve dizer a você alguma coisa sobre suas prioridades na vida!

— Nós montamos uma história sobre Branfoot e não temos nem um fragmento de prova de que seja verdade — disse Robin exaltadamente. — O bilhete cifrado, o amigo de Branfoot fazendo compras na Ramsay Silver, Branfoot criticando detetives particulares e Dick de Lion podem não ter nenhuma conexão.

— Diz isso a pessoa que está insistindo comigo para investigar uma belga cujo nome se parece vagamente com Rita Linda — disse Strike, e se arrependeu disso

imediatamente conforme o rosto de Robin enrubesceu.

— Eu disse desde o começo que ela poderia não ser relevante, e, para registro, ela era sueca, não belga…

— O que estou dizendo…

— Eu entendo o que você está dizendo, obrigada, sendo o elo mais fraco como eu sou, e já que estamos falando em não entender, você já pensou que nas duas vezes em que fui ameaçada eu estava tentando falar com pessoas sobre Rupert Fleetwood?

— Nas duas vezes em que você foi ameaçada, aconteceu em lugares fáceis de alguém fazer isso sem ser pego — disse Strike. — Como os homens que estão seguindo você poderiam saber com quem estava indo falar? Você acabou de me dizer que o homem com máscara de gorila a seguiu desde seu apartamento!

— Está bem — disse Robin, voltando à ofensiva. — Explique isso: por que um ator pornô ia trabalhar em uma loja de prataria maçônica?

— Porque armaram para ele.

— Como isso foi armado? Por quem?

— E se isso devesse ter acontecido com Knowles e, na verdade, aconteceu com De Lion? E se ele achou que ia ajudar a roubar uma carga de prata? Só porque Branfoot é um merda, isso não significa que De Lion fosse um anjo. Nós não sabemos nada sobre ele, que pode muito bem ser um marginal. E se Oz e Medina atraíram De Lion para a Ramsay Silver, dizendo que ele ia conseguir ganhar cem mil com isso? Aí o roubo da prataria Murdoch faz sentido; a ideia era parecer que tinha sido um roubo com um assassinato acidental, quando na verdade foi um assassinato com um roubo acidental.

— E onde está a prata agora?

— Eu não tenho ideia, em qualquer lugar! Enterrada na floresta. Em algum local seguro e escondido? Branfoot tem dinheiro, ele não precisa disso.

— Não consigo deixar de notar — disse Robin, com o tom de voz agora duro — que sua atitude em relação à Metropolitana e sua atitude em relação às Forças Especiais são de algum modo diferentes.

— O quê? — disse Strike, surpreso.

— O maçom Niall Semple não pode estar envolvido em um roubo de prataria maçônica porque ele é o melhor dos melhores, fala árabe fluente e navega orientado pelas estrelas, enquanto o maçom Malcolm Truman…

— Truman e Branfoot são da mesma maldita loja! Por que Branfoot está atrás de nós? Por que o interesse repentino no negócio de detetives particulares?

— Talvez sua mulher tenha mandado segui-lo, e ele descobriu! Talvez os jornais estejam farejando sobre ele, por causa de todos os boatos a respeito de sua vida sexual!

— Você me disse no início desse caso que não importava se Murphy…

— *Isso não tem nada a ver com Ryan!* — bradou Robin, sua raiva abastecida pelo conhecimento de que ela estava, pelo menos em parte, mentindo. — O que vai acontecer com nossos contatos na Metropolitana se começarmos a desacreditar policiais?

— A Metropolitana já botou Truman de licença, eles provavelmente ficariam muito satisfeitos por terem uma razão para demiti-lo! Se você acha que Wardle, Layborn e Ekwensi vão parar de falar conosco porque ajudamos a força a se livrar de um cara problemático, você tem uma opinião muito pior sobre eles do que eu!

— Eu estou falando é de sua *atitude*; totalmente preparado para acreditar no pior sobre a polícia, enquanto…

— Há muitos babacas no exército, como eu deveria saber, porque eu já estive nele…

— Você disse que ia "pegar pesado" com Branfoot; acha que isso vai manter a boca dele fechada, se você começar a insinuar…

— Por acaso Murphy sabe que temos fotos do corpo? — perguntou Strike. — Ele está aborrecido com isso?

Robin sentiu o sangue fluir para o rosto outra vez.

— Isso não é…

— Ah, *não* é?

Irritada, Robin se levantou.

— Tenho que pegar a estrada. Estou cansada e preciso de tempo para me preparar para Fyola Fay.

— Você não vai esperar a comida?

— Não estou com fome — retrucou Robin, pegando as chaves do carro no bolso. Vê-las fez Strike dizer:

— Eu vou comprar um maldito Land Rover novo.

— O quê?

— Você ouviu o que eu falei. Nós precisamos de um Land Rover novo. Você

não pode ficar alugando carros, a empresa não pode…

— Eu vou comprar outra coisa, só não encontrei ainda algo pelo que possa pagar…

— É por isso que…

— Eu não posso pegar um empréstimo assim tão grande com você — disse Robin.

— Então não pegue — disse Strike. — O Land Rover vai ser da empresa, mas você vai dirigi-lo, então encontre alguma coisa apropriada e me mande os detalhes.

— Está bem — disse Robin com a voz gélida.

Ela se virou e saiu andando, mas antes que Strike pudesse começar a processar o que tinha acabado de acontecer, Robin se virou novamente e caminhou outra vez na direção da mesa.

— Eu esqueci — disse ela, o que era uma mentira ainda maior do que a afirmativa de que não estava com fome. — Tem mais uma coisa.

— O quê?

— Dev me contou que Bijou Watkins telefonou para o escritório. O que ela queria?

Por uma fração de segundo, Strike pareceu tão surpreso quanto ela esperava. Então ele disse:

— Ela queria conselhos.

— Ah, é mesmo? — disse Robin, olhando com raiva para ele. — Conselhos sobre…?

— Ela acha que Honbold está traindo ela — inventou Strike.

— É mesmo?

— É. Eu disse a ela para contatar outra pessoa, porque eu não aceitaria o trabalho.

— Então eu posso dizer a Dev que não vai mais ter artigos na imprensa sobre você e mulheres?

— Eu mesmo vou dizer isso a ele — falou Strike.

— Ótimo, porque não queremos perder Dev. Vejo você no escritório.

Ela saiu andando e, dessa vez, não se virou nem olhou para trás.

A bartender então reapareceu com dois pratos grandes de comida.

— Ah — disse ela, vendo Robin se afastando pela rua. — O senhor quer…?

— Eu vou comer os dois — rosnou Strike, afastando seu caderno do caminho.

---

[1] Silver, prata em inglês. (N. da E.)

PARTE SEIS

Havia prata ali, sem dúvida, e os muitos veios finos que surgiam os atraíam com esperança constante de bolsões e depósitos poderosos dos quais estes eram apenas leves indícios.

John Oxenham
A Maid of the Silver Sea

69

Cansado de mim mesmo e exausto de perguntar
O que sou, e o que eu deveria ser,
Fico na proa desse navio, que me leva
Adiante, adiante, pelo mar iluminado pelas estrelas.

Matthew Arnold
Self-Dependence

Então era isso, pensou Robin: Strike tinha mentido na sua cara. Ele, que a repreendia por não informá-lo imediatamente de um incidente de menor importância (para os propósitos de seu ressentimento atual, era bom para Robin minimizar o impacto que seu perseguidor com máscara de gorila brandindo um punhal teve sobre ela), estava escondendo deliberadamente um futuro risco de escândalo para a agência e de intromissão da imprensa (e convinha a ela atribuir toda a sua raiva e mágoa a isso, em vez de investigar o peso no fundo do estômago, que aumentava mais toda vez que ela pensava em Strike como pai).

Quando ela e Barclay entraram na Wycliffe Road no carro dele no início da manhã seguinte, Robin teve outra fonte de aborrecimento: um olho direito ardendo, do qual não paravam de escorrer lágrimas. Na noite anterior, ela tinha picado muita pimenta forte na cozinha, e evidentemente não tinha lavado as mãos bem o suficiente depois, porque ao tocar na pálpebra, ela inflamou os dutos lacrimais. Picar pimenta havia sido parte de um projeto sobre o qual ela não pretendia falar com Murphy, primeiro porque ele ainda não sabia nem sobre o homem na Harrods nem sobre o outro com o punhal maçônico; e segundo porque era ilegal carregar e usar spray de pimenta no Reino Unido. Mesmo assim, Robin se sentia um pouco mais segura nesta manhã, sabendo que estava carregando na bolsa uma mistura potente de pimentas chile, caiena, alho e vinagre

em um borrifador plástico. Ela ia se preocupar com as consequências jurídicas depois, se precisasse usá-lo. A internet defendia o spray como forma de afastar pragas de jardim, mas ela podia estar em posição jurídica delicada se alegasse estar carregando o produto na bolsa em benefício dos três vasos com plantas que possuía em casa. Mesmo assim, se Robin tivesse escolha na questão, nenhum outro homem ia agarrar seu pescoço pelas costas sem sofrer consequências, tampouco chegaria perto o bastante para sequer agitar punhais embotados na sua cara.

Barclay estacionou a curta distância do apartamento de dois andares onde Fyola Fay, cujas contas eram endereçadas a Fiona Freeman, vivia com o namorado, um homem alto, musculoso, totalmente careca e diretor de filmes pornôs chamado Craig Wheaton, cuja placa personalizada do carro trazia as letras GYM. Fiona usava as redes sociais apenas para promover novos filmes dos quais participava ou divulgar sua conta no OnlyFans. Sua publicação mais recente era o anúncio de um masturbador para homens modelado a partir de sua própria genitália cujo slogan era: *Entre em sua estrela favorita!* Até agora, a vigilância da agência não havia identificado nenhuma ocasião em que Wheaton estivesse regularmente ausente, e Fiona, em casa. Robin certamente não queria tentar uma entrevista até ter certeza de que Wheaton não estivesse no caminho, porque uma vez ela falou com uma mulher cujo parceiro chegou de repente, agredindo fisicamente Robin, furioso por encontrá-la em sua casa, e ela não queria uma repetição. O plano era Barclay ficar de olho em Wheaton se ele saísse. Se o casal ficasse em casa o dia inteiro, nenhuma tentativa seria feita.

— Me cutuque se eu pegar no sono — disse Barclay com um bocejo. — Fiquei de olho na sra. Duas-Vezes até as duas da manhã. Pelo menos não estava vomitando.

— Quando você vomitou? — perguntou Robin, levemente interessada.

— Strike não contou a você sobre o camarão?

— Que camarão?

— Eu comi um sem querer há umas semanas enquanto estava vigiando a casa da mãe de Plug. Comprei um sanduíche em uma espelunca que não etiquetava as coisas direito. Bastam frutos do mar passarem perto de mim que eu me transformo num maldito vulcão de duas bocas. Strike precisou ir me render. Foi na mesma noite em que você flagrou seu faxineiro filmando por baixo das saias.

— Ah — murmurou Robin.

Ela tornou a olhar para a porta da frente de Fiona Freeman, pensando naquela noite e em sua convicção de que Strike tinha estado com Bijou Watkins, ou para uma ficada clandestina, ou para resolver a confusão da paternidade do bebê. Então ele não estivera com Bijou, afinal de contas. Mas isso mudava alguma coisa? Strike ainda estava escondendo a verdade dela, não estava? Ainda estava omitindo que outra explosão sórdida da imprensa poderia prejudicar a agência deles a qualquer momento.

— Ei, ei — falou Barclay quando as cortinas da sala de estar se abriram no apartamento de dois andares de Freeman, e eles captaram um vislumbre de Fiona vestindo top e legging verde-limão.

— Merda — disse Robin quando a cabeça platinada de Fiona desapareceu. — Parece que ela vai para a academia.

— Ela poderia ter uma esteira em casa — sugeriu Barclay.

Vinte minutos se passaram, então a porta da frente da casa de Freeman se abriu, e Wheaton saiu sozinho usando um agasalho esportivo. Ele desceu apressadamente a escada e entrou em seu carro.

— Eu vou arriscar — avisou Robin, abrindo a porta do carona.

— Está bem, boa sorte.

— Mantenha contato — pediu ela.

Robin esperou na rua por mais dez minutos para se assegurar de que Wheaton não ia voltar para buscar alguma coisa que tivesse esquecido, então atravessou, subiu a escada e tocou a campainha.

Alguns segundos depois, Fiona abriu. Em sua pesquisa na internet, Robin descobriu que Freeman tinha vinte e três anos. Ela era uma jovem de porte atlético, com, literalmente, cada centímetro visível do corpo enfeitado ou melhorado para enviar uma mensagem alta e explícita: cabelo platinado comprido e um forte bronzeado artificial; cílios postiços grossos e unhas postiças pontudas rosa-néon; seios com silicone, preenchimento labial e nas maçãs do rosto — até os dedos dos pés eram enfeitados com anéis e esmalte, e havia uma corrente tatuada em volta do tornozelo direito.

— Fiona, meu nome é Robin Ellacott. Eu sou detetive particular e trabalho com um homem chamado Cormoran…

Fiona tentou fechar a porta, mas Robin enfiou o pé no vão e disse, muito

depressa:

— Estamos investigando o corpo no cofre da loja de prataria. Nós sabemos que você acha que era Dick de L…

— Vá embora. *Vá embora daqui!* — arquejou Fiona, em uma voz quase tão grave quanto a de Pat.

— Qualquer coisa que você disser vai ser totalmente confidencial, ninguém precisa saber que você falou comigo. Vai ser melhor se você falar…

— Vá se *FODER*.

Sob o risco de ter os ossos do pé quebrados, Robin o retirou. A porta bateu. Robin ficou onde estava, em frente à porta, agora um pouco desarrumada e sem fôlego.

No minuto seguinte, Fiona apareceu na janela ao lado da porta.

— VÁ EMBORA DAQUI, MERDA! — gritou ela de trás do vidro.

— Vai ser melhor para você falar comigo! — gritou Robin em resposta.

Fiona mostrou o dedo e desapareceu outra vez. Robin ficou onde estava, torcendo para que suas ameaças vagas funcionassem, depois que elas tivessem tempo para serem processadas.

Pelo canto do olho, ela viu um novo brilho verde-limão. Fiona tinha voltado brevemente até a janela para ver se Robin ainda estava lá, mas se escondeu outra vez.

Mais cinco minutos se passaram. Robin se perguntou se Fiona estava esperando que Wheaton voltasse e lidasse com ela. Então a porta da frente se entreabriu.

— Eu mandei você *se foder* — disse Fiona. — Vá se *foder*!

— Ou você fala comigo, e nesse caso posso proteger sua identidade, ou você pode explicar no tribunal por que escreveu aquele bilhete — disse Robin. — A escolha é essa.

Por mais alguns segundos, a porta permaneceu apenas com uma fresta aberta. Então ela se abriu uns vinte centímetros.

— Eu não sei de que porra você está falando — disse Fiona. — Eu nunca escrevi porra nen…

— Escreveu, sim — afirmou Robin. — Você escreveu um bilhete anônimo em um código maçom e o enfiou pela porta da agência.

— Você não sabe do que está falando. Eu nunca…

— Você foi filmada por uma câmera — blefou Robin. — Nós podemos provar que foi você.

O bronzeado artificial de Fiona estava forte demais para permitir que Robin visse se ela havia empalidecido, mas sua mão voou com dedos curvos até a boca, e as pupilas de seus olhos azul-claros se dilataram. Ela permaneceu imobilizada pelo choque, aparentemente sem fala, com a outra mão agarrada à porta.

— Só me conte o que você sabe, e eu vou embora — disse Robin.

A porta da frente do vizinho se abriu.

— Entre — sussurrou Fiona, afastando-se para permitir a entrada de Robin e nitidamente com medo de que o vizinho soubesse o que estava acontecendo.

Fiona parecia prestes a hiperventilar. Ela conduziu Robin na direção da cozinha, com a mão em concha ainda cobrindo a boca, a bunda enorme, esteticamente aumentada, ondulando por baixo da Lycra verde-limão. Havia uma tatuagem de borboleta logo acima da calça. Robin pegou o celular, botou-o para gravar e tornou a escondê-lo na bolsa.

A cozinha tinha paredes brancas com uma bancada central branca na qual havia um cinzeiro limpo, um maço de Marlboro Lights e um iPhone com uma capa rosa cintilante. Uma bicicleta ergométrica de aparência cara ficava de frente para as portas duplas que davam para um pequeno jardim nos fundos. A decoração era dominada por uma fotografia em preto e branco emoldurada de Wheaton e Fiona, da cintura para cima, os dois nus. Ele estava atrás dela, músculos besuntados de óleo, curvando-se para beijá-la na boca, com as mãos nos seios de Fiona.

Fiona começou a andar de um lado para o outro no espaço reduzido entre a bancada central e a bicicleta.

— Craig vai me matar — arquejou ela através dos dedos que ainda cobriam sua boca. — Ele vai perder a cabeça completamente.

— Craig é seu parceiro? — perguntou Robin, fingindo não saber.

— É.

— Ele não sabe sobre o bilhete?

— Não, ele não sabe sobre a porra do bilhete, é claro que não! — disse Fiona meio desvairada.

— Você provavelmente só vai confirmar coisas que nós já sabemos — disse Robin.

— Outras pessoas falaram? — perguntou Fiona, parando de repente.

— Falaram — respondeu Robin. Era uma meia-verdade. Shanker havia falado.

— E o que elas disseram?

— Que o homem no cofre foi morto porque tinha informação sobre uma pessoa rica e importante.

— Ah, *merda* — gemeu Fiona outra vez, começando a andar de um lado para o outro novamente.

— Eu prometo a você que podemos mantê-la fora disso, se nos contar o que sabe.

— Você não pode me manter fora disso, eu agora estou nisso até o *pescoço*, porra. Craig vai me *matar*!

Uma desconfiança, então, passou pela mente de Robin, uma desconfiança que ela sabia que não deveria expressar nesse estágio inicial da entrevista.

— Você conhece Dick de Lion? — perguntou ela.

— O nome dele é Danny — disse Fiona, com os lábios grossos tremendo. — É, eu o conheço. Eu trabalhei com ele. — Ela explodiu: — Eu avisei a ele para não se envolver! Eu *avisei*.

— Se envolver com o quê? — perguntou Robin.

Fiona pegou os cigarros na bancada central, foi até as portas duplas, abriu-as e acendeu um. Ela deu uma tragada profunda e exalou na direção do jardim pavimentado, que tinha plantas em vasos e uma mesa e cadeiras cor-de-rosa.

— Qual o sobrenome de Danny? — perguntou Robin.

— O mesmo. De Lion é seu nome verdadeiro.

— No que você achava que ele não deveria se envolver, Fiona?

Fiona deu outra tragada no cigarro e mais uma vez exalou na direção do jardim, agitando a mão livre para tentar manter a fumaça do lado de fora. Robin resolveu recuar um pouco.

— De onde ele é? De Londres?

— Não — respondeu Fiona. — Ele vem desse lugar estranho… lá não tem carros. Eu achei que ele estivesse brincando, mas é de verdade. Lá não tinha carros, só, tipo, carroças puxadas a cavalo e tratores. Eu acho que é uma ilha. Eu pensei que ele estivesse inventando isso, mas não estava. Ele me mostrou fotos.

— Como se chamava o lugar, você se lembra?

Fiona balançou a cabeça.

— Quantos anos tem Danny, você sabe?

— Vinte e cinco.

— Ele está na indústria adulta há muito tempo?

— Provavelmente há tanto tempo quanto eu — disse Fiona. — Dois ou três anos.

Ela lançou um olhar desesperado para Robin.

— Olhe, eu não sei qual o nome do cara, do cara rico. Craig nunca me contou. Só disse que ele às vezes aparece na TV.

Fiona estava tremendo um pouco de frio, mas seu desejo por nicotina superava seu desejo de se aquecer, porque ela deu mais um trago profundo no cigarro e soprou a fumaça na direção do jardim.

— Como Danny conheceu esse homem? — perguntou Robin, avaliando o terreno. — Craig os apresentou?

Fiona assentiu, sem olhar para Robin.

— E Danny e o homem rico começaram um relacionamento?

— *Não* — negou Fiona com um riso de escárnio.

— Pelo que nós já sabemos — disse Robin, fazendo uma aposta —, parece que Danny estava chantageando…

— Não, ele não estava — disparou Fiona, voltando-se novamente para Robin. — Ele nunca chantag… Foi uma piada! Craig me disse que Danny e o cara rico tiveram uma discussão, e que o cara tinha, tipo, contatos e outras coisas… disse que conhecia pessoas violentas, que tinha a polícia na palma da mão… e então Danny desapareceu.

— Quando?

— Não sei… no fim de maio do ano passado?

— Como Craig conhece o homem rico? — perguntou Robin.

— Desde que ele era criança — respondeu Fiona. — Eu não sei exatamente como.

O telefone de Robin apitou. Ela o pegou para ver uma mensagem de Barclay.

Wheaton está no shopping gourmet. Eu mando um alerta quando ele voltar para o carro.

Robin botou o celular que ainda estava gravando de volta na bolsa e falou:

— Então Craig disse a você que o corpo no cofre era Danny?

— É — confirmou Fiona, começando a chorar. — Ele me disse para… para parar de ficar perguntando às pessoas onde Danny estava… a menos que eu quisesse seguir pelo mesmo caminho…

— Danny foi o único jovem que Craig apresentou ao homem rico?

Fiona sacudiu a cabeça, ainda chorando.

— Tem outros?

— Tem… garotas também… o cara rico é bissexual. Craig me disse que ele é casado com uma mulher, mas gosta dos dois.

Fiona deu outro trago no cigarro e esfregou os olhos com as costas da mão.

— Como você soube que nós estávamos investigando esse corpo, Fiona?

— Porque eu ouvi Craig no telefone com o cara rico… ele sempre fala de um jeito diferente quando está falando com ele… e eu o ouvi dizer "Cameron Strike" e que ele não o tinha visto por perto nem nada. Craig parecia com medo. Então pesquisei Strike no Google e vi que ele era um detetive particular.

Fiona saiu para o jardim de pés descalços, apagou o cigarro em uma pedra do pavimento, jogou a guimba no jardim da casa ao lado, fechou as portas duplas e foi, ainda chorando, até a bancada central da cozinha, onde se sentou, apoiando a testa na mão.

O telefone de Robin apitou de novo, e, em segundos, o de Fiona também. As duas pegaram seus celulares, e Robin leu:

Wheaton voltou para o carro com as compras, mas está parado e digitando no celular.

— É Craig — sussurrou Fiona, escrevendo em resposta para o parceiro.

— Ele está vindo para casa? — perguntou Robin, tentando parecer despreocupada.

— Ainda não… Ele quer saber o que precisamos da loja de bebidas…

Robin guardou o próprio telefone na bolsa.

— Eu achei — começou Fiona, tornando a se levantar e pegando o purificador de ar de uma gaveta na bancada central — que pudesse dar a dica para esse Strike com um bilhete, porque Craig lê meus e-mails e minhas mensagens e tudo mais…

Ela borrifou bastante aromatizador pela cozinha, então escondeu os cigarros atrás de um mixer em um armário na parede.

— Danny só queria ganhar um dinheiro — disse ela com voz rouca, voltando a se sentar. — Isso não é crime. Ele nunca teve muito. Achou que ia se dar bem com o cara rico, mas estava abusando da sorte. Eu o *avisei*.

— Como ele estava abusando da sorte? — perguntou Robin.

— Bem… tipo… o cara rico pagou para Danny fazer tratamento odontológico, sabe, porque os dentes de Danny eram muito ruins. E Danny acrescentou um pouco… só um pouco, à conta. Ele sempre fazia coisas assim. Tentando arrancar um pouco mais do cara, sabe? Eu disse a ele: "Cuidado", mas ele falou que era o favorito do cara e…

— Foi por isso que eles brigaram? — Robin quis saber. — O homem rico percebeu que Danny estava tentando obter mais dinheiro do que eles haviam combinado?

— Foi — confirmou Fiona. — A quantia estava começando a aumentar. Ele meio que botou Danny contra a parede, e foi então que Danny comentou… a coisa que ele disse, de brincadeira. Mas o cara levou a sério. Ele falou para Danny que o que ele tinha acabado de dizer era chantagem.

— Mas Danny e o homem não estavam fazendo sexo?

— Não — disse Fiona.

— Então com o que Danny poderia chantageá-lo?

— Bem… esse cara gosta de assistir e filmar em segredo. Ele se excitava por não saberem que ele estava lá.

— Mas Danny sabia que o homem estava lá?

— Bem, sabia. Todos eles… alguns deles sabiam, é.

— Onde aconteciam essas filmagens?

— O cara tem um apartamento com um espelho falso. Ele é todo equipado. Craig foi o intermediário dele com os pedreiros.

— Craig fingiu que o apartamento era dele? Que as alterações eram para ele?

— É, exatamente.

— Você sabe onde fica o apartamento?

— Não. Eu só sei que era lá que tudo acontecia.

— Então o homem rico contrata atores de filmes adultos para aparecerem em seus filmes particulares?

— É. Ele não quer usar profissionais do sexo. Não confia neles. Só está fazendo seus próprios filmes, para uso particular. É tudo legal. Ele paga um bom dinheiro — disse Fiona. — *Muito* bom. Era por isso que Danny sempre participava.

— Mas só algumas pessoas nas filmagens sabiam que o homem estava assistindo?

— Bom, é — disse Fiona com voz rouca, olhando para as unhas rosa-néon em vez de para Robin. — Todos os profissionais sabem, mas não os… não os amadores… Craig me contou que sempre tinha alguém que não sabia que estava sendo filmado. Uma vez foi uma garota que trabalha para o cara rico, uma assistente do escritório dele. Um dos profissionais a seduziu em um bar e a levou para o apartamento, e ela achou que o lugar pertencia a ele, e ela estava bêbada, e o cara rico assistiu a esse cara transando com ela e filmou. E ele fez a mesma coisa com dois rapazes que fazem parte de alguma coisa de caridade que o homem rico administra. Ele mandou dois rapazes profissionais atraí-los para o apartamento, então filmou tudo e assistiu. Mas os amadores estavam todos a fim — disse Fiona apressadamente. — Não era estupro. Eles não estavam drogados nem nada. Ninguém era menor de idade. Eles todos consentiam.

Mas não em serem observados e filmados, pensou Robin. Até Fiona parecia saber que o que tinha descrito não era totalmente inocente, porque acrescentou:

— Craig me disse que os profissionais tinham que convencer os amadores a aceitar dinheiro no fim. Tipo para o táxi, ou qualquer outra coisa, embora mais do que o necessário. Então, você sabe, eles eram filmados e recebiam dinheiro.

O celular de Robin apitou novamente.

Wheaton está no carro, parece que está indo pra casa.

— O homem rico alguma vez apareceu diante das câmeras? — perguntou Robin.

— Não, nunca. Ele só fica atrás do espelho.

— Então o que Danny disse para o cara que pareceu chantagem?

— O homem estava discutindo feio com ele por causa de dinheiro, então Danny disse: "Aposto que meus filmes independentes iam ter sucesso se eu desse mais publicidade a eles." E o cara ficou furioso. Danny ficou com medo. Tentou

fingir que não, mas ficou.

— Craig nunca disse a você qual o nome do homem?

— Não, nunca. Ele disse que contar às pessoas vale mais do que valeria a vida dele.

— Além de ser rico e às vezes aparecer na TV, ele mencionou algum outro detalhe pessoal sobre o homem?

— Só que a mulher dele não sabe do apartamento.

— E ele é maçom — afirmou Robin, como se ela soubesse acima de qualquer dúvida que esse era o caso, e a inocente Fiona assentiu. — Este é meu cartão — disse ela, entregando um deles enquanto botava a bolsa no ombro. — Se você se lembrar de mais alguma coisa sobre esse homem, por favor, me ligue. Mais ninguém vai saber que você falou comigo, além de Strike.

— Então… Danny *era* o cara no cofre? — perguntou Fiona, chorosa, seguindo atrás de Robin pelo corredor.

— Eu não sei — respondeu Robin. — Mas se você me mandar seu telefone por mensagem, posso lhe contar quem era, assim que descobrirmos.

Robin chegou ao degrau de pedra no alto da escada, então se virou para olhar para Fiona novamente. As palavras de Strike, "não somos a porcaria de assistentes sociais", passaram por sua mente quando ela falou:

— Você não precisa ficar com ele. Pode fazer outra coisa.

— O quê? — perguntou Fiona.

— Eu não… Não me parece que Craig trate você muito bem — disse Robin. Ela era dez anos mais velha do que Fiona, mas se sentiu uma anciã ao dizer isso. — Homens que leem todos os seus e-mails e mensagens… Eu estive com um homem que ouvia minhas mensagens de voz e as ocultava de mim depois. Isso acabou mal. Mas — acrescentou ela — eu sei que isso não é da minha conta.

— Não — falou Fiona. — Não é.

Robin ouviu a porta da frente bater atrás dela quando chegou à calçada. Pouco antes de chegar à esquina, olhou para trás. Fiona estava olhando para ela da janela de novo; Robin esperou que ela mostrasse o dedo médio outra vez, mas a expressão da garota estava simplesmente vazia.

70

Vida, infortúnio, isolamento, abandono, pobreza são campos de batalha que têm seus heróis… heróis obscuros, mas às vezes maiores do que aqueles que se tornam ilustres.

Albert Pike
Moral e dogma do rito escocês antigo e aceito da maçonaria

Na manhã de terça-feira, Strike sentou-se para tomar o café da manhã ao lado de uma janela no sótão embaçada pela condensação e viu que Robin tinha lhe enviado um e-mail à noite. Desde que havia dito que não ia com ele para a Escócia para entrevistar Jade Semple, a sócia decidira enviar e-mails quando, normalmente, teria telefonado. Ele também percebeu que esses e-mails nunca começavam com um cumprimento.

Arquivo de áudio da entrevista de Fyola Fay em anexo. Pontos importantes: o nome verdadeiro de Dick de Lion é "Danny". Ele vem de uma ilha onde não há carros e está desaparecido desde maio.

O parceiro de Fyola Fay conheceu o homem rico "quando era criança". Eu pesquisei um pouco: Craig Wheaton passou sua adolescência em um orfanato para meninos parcialmente financiado pela Fundação Oliver Branfoot.

Também em anexo, possível Land Rover.

R

Strike pegou o celular e ligou para ela.
— Acabei de ler seu e-mail.
— Ah, sim — falou Robin tranquilamente.
— Muito bom trabalho. Você descobriu o elo entre Branfoot e De Lion.
— Um elo indireto, é — disse ela, infelizmente se lembrando do comentário

sobre o "elo mais fraco" que Strike tinha feito em Ironbridge. Strike estava falando como se tudo estivesse normal entre eles, e, embora ela não quisesse nenhuma conversa que a deixasse com raiva, ou pior, chorosa, o tom objetivo dele era irritante. Robin não ia de jeito nenhum se desculpar por nada que tinha dito no Swan Taphouse, mas estava irritada pelo fato de Strike não achar que precisasse consertar as coisas.

— Bem, eu acabei de achar a amiga de Rupert, Tish Benton, ou pelo menos os pais dela — informou Strike.

Robin desconfiou de que isso fosse para mostrar a ela que ele não tinha se esquecido de Decima.

— É, eu também a encontrei — comentou Robin com tranquilidade. — Ela tem uma página no Instagram, mas é privada. Eu enviei uma solicitação para segui-la.

— Ótimo, porque os pais ficaram muito desconfiados quando eu disse a eles quem era. Eu deixei meus contatos e pedi que Tish me ligasse, mas não estou esperançoso.

— Certo, bem, tem outra coisa que eu queria te dizer — começou Robin. — Eu quero manter Albie Simpson-White sob vigilância. Não me interessa como vamos cobrar por isso, mas estou disposta a abrir mão do meu tempo livre para fazê-lo, ou cobrir os outros enquanto eles o fizerem. Não me sinto bem gastando o dinheiro de Decima para investigar todos esses outros possíveis Wright se não estivermos tentando ativamente conseguir uma solução para ela também.

— Tudo bem — falou Strike, parecendo resignado. — Vamos começar a vigiar Simpson-White.

— Obrigada — disse Robin formalmente.

— Eu não tive sorte com o amigo de Powell, Wynn Jones — revelou Strike. — Ele não estava na fazenda. Supostamente, sofreu algum tipo de acidente com um trator. Eles não pareciam muito dispostos a me dizer como entrar em contato com ele, mas deixei um cartão. Imagino que Tyler Powell não tenha retornado a sua ligação.

— Não — negou Robin. Ela agora estava se arrependendo de ter deixado seu nome verdadeiro no suposto telefone de Tyler. Se ele estivesse vivo, mas se escondendo de perseguidores em sua cidade natal, ele quase com certeza ia preferir não falar com uma detetive particular, especialmente se desconfiasse de

que ela tinha sido contratada pelos Whitehead.

— E nós recebemos mais um daqueles telefonemas anônimos — contou Strike.

— O homem ou a mulher escocesa?

— O homem — disse Strike. — Aparentemente, ele disse: "Parem ou vocês vão ser refinados como prata na fornalha da aflição." Pat anotou imediatamente, por isso está bem preciso. Eu pesquisei, e é uma aproximação grosseira de uma citação da Bíblia sobre Elias.

— Certo — comentou Robin.

Strike então clicou no link de um Land Rover usado que ela tinha enviado para ele por e-mail.

— O Defender 90 parece bom — comentou. — Quer ir lá ver?

— Quero — confirmou Robin. — Eu posso ir lá no domingo à tarde. É só isso?

— É, acho que sim.

Robin desligou sem se despedir. Strike pousou o celular se sentindo um pouco mais deprimido do que estava antes de ligar para ela.

Mal tinha voltado ao trabalho quando seu telefone tocou. Wardle estava ligando para dizer que o curry na cidade que eles tinham planejado para aquela noite teria de ser adiado, porque a ex-mulher dele tinha pedido inesperadamente que ele cuidasse do filho de dezoito meses. O policial insinuou que a pouca informação que tinha para Strike poderia ser facilmente contada por telefone, mas o detetive escolheu não aceitar a sugestão, anunciando que ia levar um curry para viagem por volta das sete horas para discutir pessoalmente as descobertas de Wardle.

Por mais amigos que fossem, essa seria a primeira vez que Strike visitaria Wardle em casa. Sua afinidade mútua, que tinha sido cultivada apesar da desconfiança recíproca inicial, havia crescido com o passar dos anos, mas eles raramente tinham uma conversa que pudesse realmente ser chamada de pessoal: na verdade, Strike não conseguia se lembrar de nenhum homem com quem tivesse conversas profundamente pessoais. Entretanto, ele conhecia Wardle muito bem para saber que as coisas deveriam estar de fato muito ruins para ele admitir estar afastado do trabalho por conta de depressão, e sabia, também, que os recentes infortúnios do homem — a morte do irmão, ser largado pela mulher, a

mudança para um apartamento de solteiro, a guarda compartilhada do filho pequeno, tudo somado a um trabalho altamente exigente — davam a ele muitos motivos para isso. As lembranças de dois suicídios que tinha investigado nas forças armadas pairavam no fundo da mente de Strike. Os dois homens pareciam estar lidando bem com tudo até que, de repente, estavam mortos, por isso ele fez a viagem a Brixton naquela noite, por mais que sua perna estivesse doendo e apesar dos próprios problemas.

Quando deixou a loja de curry às seis horas com a comida para viagem na mão, seu celular tocou, e, com fortes desconfianças, ele viu o número de Bijou.

— Ai, graças a Deus! — disse ela quando ele atendeu, com um toque de histeria na voz. — Olhe, eu sinto muito, mas você *tem* que fazer um teste de DNA. Você *tem* que fazer isso.

— Eu tenho, é?

— Andrew está me *desafiando* a levá-lo ao tribunal, mas ele diz que se eu fizer isso… — Bijou começou a chorar — … ele vai direto falar com um jornalista chamado Colin Pepper e dizer que tem certeza de que ela é sua.

— Então ele vai desrespeitar sua própria superliminar? — questionou Strike, com a sensação familiar de ter um arame quente se apertando em torno da cabeça.

— Ele está sendo *horrível*, está *convencido* de que Ottolie é sua. Se eu pudesse mostrar uma *prova* a ele… *POR FAVOR* — disse ela em um lamento. — Isso é tanto por você quanto por mim!

Strike, que estava com a sensação horrível de que ela estava certa, viu um ônibus de dois andares vindo rapidamente em sua direção e, por uma fração de segundo, imaginou pular na frente dele e apagar a si mesmo e a todos os problemas, se perder em um vazio escuro, em um estado bem-aventurado de não existência, mas o ônibus passou, e Strike saiu mancando sem conseguir sequer reunir raiva quando disse:

— Está bem. Você quer que eu arranje um kit?

— Não, eu compro, mas vamos ter que nos encontrar para eu pegar sua amostra, e vou levar a minha e a de Ottolie ao mesmo tempo.

— Você está sendo vigiada — lembrou-a Strike.

— Eu não vi ninguém…

— Porque eles são bons no que fazem, não porque não haja ninguém aí — disse Strike. — É preciso pensar mais sobre isso. Eu ligo para você quando tiver

um plano.

Ele desligou e continuou andando, tentando afastar sua própria infinidade de problemas para se concentrar melhor nos de Wardle.

O apartamento do policial ficava em um prédio moderno na Brixton Water Lane. Strike tocou o interfone, subiu dois lances de escada, que não ajudaram muito seu coto latejante, e encontrou Wardle esperando na porta com o filho de dezoito meses sonolento e de pijama, nos braços. A imagem proporcionou a Strike uma visão extremamente indesejada de si mesmo tentando divertir uma filha em seu apartamento no sótão para permitir que Bijou saísse pela cidade na busca de outro marido rico em potencial.

— Ele já vai dormir — disse Wardle, e, para a leve surpresa de Strike (sua experiência com crianças pequenas era que a hora de dormir era sempre aleatória e frequentemente envolvia muitos protestos e choro), o filho de Wardle se acalmou depressa no quarto extra, enquanto Strike estava na cozinha abrindo as tampas de recipientes plásticos de curry. A música tilintada de um desenho animado vinha da sala de estar.

A cozinha estava tão limpa e arrumada quanto Strike esperava, mas Wardle não fez nenhum esforço para deixar o lugar mais aconchegante nem para mudar o que Strike achou ser a decoração pré-existente, porque ele duvidava que o policial tivesse escolhido ladrilhos com desenhos de tubérculos.

— Obrigado — agradeceu Wardle, sentando-se à mesa. — Quanto eu te devo?

— É por minha conta — disse Strike. — Pagamento pela informação que vou receber em breve.

— Bem, dessa vez você deixou a equipe de investigação muito puta.

— Como eu fiz isso? — perguntou Strike, se servindo de pão naan.

— Aquelas testemunhas, os vizinhos de Wright. Daz e outra pessoa.

— Mandy, é. O que tem eles?

— Eles estão negando terem contado qualquer coisa a vocês.

— Ah — murmurou Strike.

Ele não estava surpreso. A reação reflexiva imediata de Daz e de Mandy ao serem visitados pela polícia pela segunda vez seria negar tudo, sem parar para pensar que poderiam estar se metendo em problemas muito mais sérios se continuassem a não admitir que tinham escondido evidências da polícia.

— E um deles deixou escapar que você lhes deu dinheiro.

— Que eles pegaram em troca da informação. A Metropolitana acha que eu distribuo dinheiro para pessoas sem nada a me dizer?

— Só estou avisando — disse Wardle —, essa é a linha que a equipe está adotando, que você tenta melhorar sua reputação fingindo ter descoberto coisas que eles não descobriram.

— Então ninguém está seguindo Oz nem Sofia Medina?

— Eu não disse isso — falou Wardle. — Uma das mulheres da equipe, chamada Iverson, acha que Daz e Mandy contaram a verdade a você, e que vale a pena investigar esse Oz. Murphy conhece Iverson — acrescentou ele. — Ele a conhece muito bem, na verdade.

Strike sentiu um lampejo de interesse não relacionado com o caso.

— É mesmo? — quis saber.

— É — confirmou Wardle. — Eles deram uns bons amassos num pub um tempo atrás.

— Há quanto tempo foi isso? — perguntou Strike, tentando parecer natural.

— Quando ele estava se separando da mulher — contou Wardle, e a pequena fagulha de algo que não era exatamente esperança, mas semelhante a isso, murchou e morreu dentro de Strike. — Eu te disse, ele virava um grande babaca quando bebia, e nenhum rabo de saia estava em segurança. Aparentemente, ele, nos últimos tempos, está com um humor péssimo. Iverson diz que se não o conhecesse, acharia que ele estava bebendo outra vez. E, veja bem, ele teria bons motivos para isso.

Por mais que Strike gostasse de acreditar que Murphy tinha voltado a beber, ele achou que seria demais torcer por isso.

— Por que ele teria bons motivos? — perguntou.

— Ele estava naquele tiroteio de gangues com os garotos.

— Eu soube.

— Bom, foi ele que fez a cagada. Prendeu o namorado da mãe, que é um escroto assumidamente violento, vingativo e fichado, mas Murphy comprometeu todas as provas.

Strike, que imaginava que Robin já soubesse de tudo isso, percebeu que mesmo se não fosse o caso, ele só ia parecer um babaca se levantasse o assunto com ela, então não insistiu.

— Enfim, eu verifiquei o álibi de Calvin Osgood para você — continuou Wardle. — A coisa é sólida. Ele estava mesmo em Manchester quando disse que estava.

— Eu achei que estivesse, mas queria confirmar — disse Strike, empurrando uma das embalagens plásticas na direção de Wardle. — Coma um pouco. Está gostoso.

O policial se serviu de frango Madras. Ele parecia ter perdido peso recentemente e, ao contrário de Strike, ele já não tinha muito para perder. Wardle tinha uma beleza juvenil quando Strike o conheceu, mas parecia ter envelhecido muito mais do que os sete anos que haviam se passado desde então, e agora estava bem grisalho nas têmporas.

— Essa Iverson — disse Strike —, ela investigou a conta de Oz no Instagram? Porque Robin descobriu que uma garota desaparecida, chamada Sapphire Neagle, estava se comunicando com ele.

— Não sei — disse Wardle. — Ela provavelmente acha que sou muito seu amigo para me contar coisas de mais. Mas eu sei que a equipe está bem puta com Truman. Você sabia que ele é maçom?

— Sabia, sim — confirmou Strike, feliz por Robin não estar presente para ouvir isso.

— Há muitos boatos de que Truman queria que o corpo fosse de Knowles para desviar a atenção de onde o assassinato aconteceu. Ninguém precisa de uma história sobre maçonaria na Metropolitana…. Você sabia que eles excluíram aqueles quatro caras em Wild Court?

— Sabia, sim — repetiu Strike.

— Então agora eles estão tentando descobrir como Wright e seu assassino chegaram à loja, porque não parece haver nenhuma imagem deles em lugar nenhum.

— Havia um Peugeot envolvido, não havia?

— Esse é o carro prateado que eles acham que pegou o assassino às três da manhã?

— É. Imagino que tenham tentado localizá-lo.

— Tentaram, mas não deu em nada. Eles estão examinando imagens de câmeras, mas ele desapareceu em uma área residencial e se perdeu.

Strike tinha acabado de pegar a faca e o garfo outra vez quando seu celular

tocou, e, ao ver que era Robin ligando, atendeu imediatamente.

— Oi, você pode falar? — disse ela. Animado pelo fato de ela ter ligado para ele em vez de mandar um e-mail, Strike disse:

— Posso, claro, só me dê um minuto.

Ele se levantou da mesa e apontou para a porta da frente, sinalizando para Wardle que precisava de privacidade para essa conversa.

— Certo — disse Strike, que então saiu para o patamar em frente ao apartamento de Wardle. — Pode falar.

— Estou no hospital… estou bem — acrescentou ela depressa. — Plug está aqui com o filho. O menino se machucou feio no rosto. Mordido. Strike, eu acho que sei o que está acontecendo.

— O quê?

— Cães. Cães perigosos. O menino foi mordido naquela casa na Carnival Street onde eles puseram todos os animais que estavam no barracão naquele loteamento. Os dois estavam ilesos quando entraram. Vinte minutos depois, Plug saiu meio carregando o filho, que tinha o rosto coberto de sangue.

— Merda — disse Strike, pensando no complexo nas cercanias de Ipswich. — Briga de cães. É isso, não é? O dinheiro é para apostas, ou para comprar cachorros… Está bem, bom trabalho, agora nós sabemos com o que estamos lidando. Com sorte, um médico pode chamar a polícia quando virem o que é o ferimento.

— Plug parece estar absolutamente furioso. Aposto qualquer coisa com você que ele vai pressionar o menino a não contar o que realmente aconteceu, a dizer que foi um cachorro vira-lata, ou algo assim.

— É, ele provavelmente vai mesmo. Nesse caso, cabe a nós pegá-lo. Agora que sabemos o que estamos tentando provar, ficou mais fácil. Por falar nisso, você fez alguma coisa em relação àquele Land Rover? — perguntou Strike, ávido para continuar a promover aquela atmosfera levemente mais amigável.

— É, eu marquei de vê-lo no domingo à tarde. É melhor eu ir, o garoto foi levado para tomar pontos.

— Está bem, até logo — disse Strike, e voltou para Wardle, que estava abrindo a segunda cerveja.

— Robin — falou Strike.

— Ah — murmurou Wardle.

— Escute, eu estou grato pela informação — disse Strike, tornando a sentar-se. — É bom saber que ainda tem alguém na Metropolitana que não acha que eu sou um babaca.

— Eles têm suas próprias cotas de babacas — disse Wardle, e Strike percebeu o uso do "eles" no lugar de "nós".

— Você estava falando sério? — perguntou ele. — Sobre se demitir?

Wardle bebeu mais cerveja antes de responder:

— Não sei. Minha mãe acabou de morrer.

— Merda — disse Strike, que não sabia nada sobre isso. — Sinto muito.

— É. Foi no mês passado. Ela nunca ficou bem depois do meu irmão — contou Wardle. — Aquilo partiu o coração dela.

Suas palavras estavam saindo como se cada uma delas se grudasse na garganta e tivesse de ser arrancada com esforço.

— Ela decidiu não fazer uma nova série de quimioterapia… Ela criou a nós dois como mãe solteira. Nós éramos a vida dela. A morte de Terry quase a matou, depois April me largou, e ela passou a ver Liam muito menos.

— Liam?

— Meu filho — disse Wardle com um leve sorriso. — O garoto que você acabou de me ver levar para a cama.

— Ah, é, é claro.

— Enfim… Minha mãe me deixou muito mais dinheiro do que eu esperava. Ela mesma recebeu uma herança, pouco antes de morrer… nunca conseguiu aproveitá-la. Antes que ela morresse, eu sempre me dizia que seria loucura não ficar no emprego por conta da pensão, mas com o que ela me deixou, eu ainda poderia deixar Liam bem. — Ele suspirou e falou: — Vamos nos sentar em cadeiras melhores? Eu passo a noite inteira aqui em meu laptop, às vezes ficando com a bunda dormente…

A sala de estar tinha um jogo de sofá de três peças, uma televisão e pouca coisa mais. Quando Strike entrou pela porta, um lamento distante de "*Papai!*" foi ouvido.

— Merda — murmurou Wardle quando saiu para ir até o quarto extra.

Strike se sentou no sofá, com uma cerveja na mão, os olhos na TV, pensando naquela palavra choramingada: "papai." Ele nunca tinha usado a palavra para se dirigir a nenhum homem em sua vida, porque a coisa mais próxima que tivera de

um pai havia sido Ted. Muito tempo atrás, quando menino, ele desejou ser capaz de dizer isso para Rokeby, ser capaz de falar sobre ele como "pai", mas nunca conseguiu. Strike sempre fora obcecado pela precisão, mesmo quando criança. Você não chama um homem que conhece há dez minutos de pai. Ele imaginou a bebê que Bijou tinha recentemente dado à luz o chamando de "papai" e bebeu mais cerveja.

O desenho animado ao qual o filho de Wardle estava assistindo tinha terminado. Algum tipo de programa humorístico de perguntas e respostas tomou seu lugar, e Strike de repente percebeu que estava olhando para lorde Oliver Branfoot, que estava sentado curvado atrás de um pódio iluminado ao lado de um jovem comediante.

Grande, acima do peso e de ombros arredondados, Branfoot estava usando um terno com o qual parecia ter dormido. Seu cabelo escuro ou estava mal cortado ou despenteado para parecer assim, enquanto o nariz grande e carnudo e os olhos caídos davam a ele o aspecto divertido de um grande gnomo de jardim.

O apresentador do programa estava falando:

— A que o presidente Trump se referia, essa semana, quando disse: "os inimigos estão sempre dizendo que é terrível"?

Branfoot apertou a campainha primeiro.

— O cabelo dele? — disse ele com voz empolada, o que provocou uma série fácil de risadas. — Séuio — disse Branfoot com expressão séria, piscando para a plateia no estúdio como se estivesse surpreso por sua reação. — Séuio. Deve ser isso.

— Logo você está dizendo isso? — disse o comediante sentado ao lado de Branfoot, o que provocou uma nova rodada de risadas fáceis.

— Infelizmente estou muito ofendido com sua obseuvação — disse Branfoot, fingindo indignação. Ele sempre parecia usar palavras com R quando estava na televisão, tirando o máximo proveito do valor cômico de seu problema de fala. — Eu posso não ser Uichard Gere, mas não saio por aí com o que pauece ser tuigo ceifado na cabeça.

— A resposta — disse o apresentador acima da alegria renovada do púbico — é sua conta no Twitter.

— Está tudo bem, ele só gritou enquanto dormia — disse Wardle reaparecendo na sala. — Ai, meu Deus, não esse babaca do Branfoot. Por que eles

sempre o convidam para essas coisas?

— Porque ele gosta de bancar o idiota — respondeu Strike.

— Não tenho certeza se isso é encenação — comentou Wardle.

— É uma ótima encenação — afirmou Strike, com um olhar impassível na direção da tela. — Esse escroto sabe *exatamente* o que está fazendo.

71

Mas eu persisto, porque também tenho
Meu tempero de intuição (…).

Robert Browning
Balaustion's Adventure

Mesmo com a oferta de Robin de abrir mão de seu próprio tempo livre para que eles não tivessem de sacrificar o deles, acrescentar Albie Simpson-White à lista de pessoas que precisavam ser seguidas pela agência causou um alto nível de irritação entre os terceirizados. Robin sabia que eles achavam que ficar de olho em Plug, na casa da Carnival Street onde acreditavam que um ou mais cães perigosos eram mantidos, além dos associados de Plug conectados à criação e luta de cães em Londres e Ipswich, enquanto também vigiavam a sra. Duas-Vezes e preenchiam as lacunas no caso do cofre da loja de prataria que os dois sócios não conseguiam cobrir sozinhos, já era trabalho mais do que suficiente.

Como esperado, Kim Cochran foi a pessoa que demonstrou com mais sinceridade o seu desdém pela nova tarefa. Robin desconfiou de que Strike devia ter contado aos terceirizados que seguir Albie era um desejo pessoal de Robin, porque ela tinha ouvido Kim dizer a Shah:

— Ou seja, nós estamos andando atrás desse Simpson-White só para ver se ele nos leva ao amigo desaparecido? — Então, ao ver Robin no escritório interno, Kim deu outro de seus risinhos e acrescentou: — Bem, nunca se sabe. Talvez eu ganhe na loteria essa semana, também.

Eu gostaria que você ganhasse *na porcaria da loteria. Aí talvez você fosse embora*, pensou Robin com raiva no domingo ao meio-dia, enquanto seguia Albie de seu apartamento até o metrô. Ela deveria passar o trabalho para Kim em cerca de duas horas, e, se houvesse mais algum comentário supostamente engraçado durante a

rendição, ela achou que ia botar a mulher firmemente em seu devido lugar.

Por sorte, o tempo continuou frio como sempre, o que fez com que a escolha de Robin por um gorro e um cachecol, nos quais ela escondia a maior parte do rosto, parecesse perfeitamente natural. Como ela já havia se encontrado com Albie, também estava usando uma peruca preta e óculos. Albie não tinha nem olhado para ela; estava ouvindo música nos fones de ouvido, marcando o ritmo com um de seus pés grandes. Robin, portanto, estava temporariamente livre para pensar na casa de dois quartos que ela e Murphy tinham visto na quarta-feira.

Ela ficava na extremidade de uma série de casas geminadas, o que significava que recebia bastante luz, ia precisar de pouca reforma e sua localização era conveniente para o metrô. Murphy ainda tinha dúvidas sobre o tamanho, mas quando Robin lembrou a ele por quanto acima de seu orçamento máximo a casa de três quartos em Wood Green tinha sido vendida, ele concordou em fazer uma oferta por essa, que tinha sido aceita na sexta-feira.

Robin ficou aliviada por terem tomado a decisão, e disse a si mesma que essa sensação era felicidade. Ela até chegou a ligar para a mãe para contar que ela e Murphy iam morar juntos, e Linda, como esperado, ficou muito satisfeita, embora, depois de expressar seu prazer, ela tivesse confessado que Martin e Carmen estavam discutindo sem parar, o que Linda achava ser causado pela inquietação do bebê, Dirk. Isso não ajudou no quadro agora quase constante de ansiedade e culpa de Robin. Ela ainda não tinha mandado presentes para nenhum dos novos sobrinhos.

Desde que o homem de jaqueta verde e máscara de gorila a havia ameaçado, ela estava assustada, constantemente olhando para trás à procura de qualquer sinal de estar sendo seguida. O número de coisas que ela não estava contando a Murphy também estava pesando muito em sua consciência. A teoria de Strike sobre Malcolm Truman ter interferido na investigação para proteger os maçons estava começando a parecer preocupantemente possível, e Robin imaginou qual seria a provável reação de Murphy se eles conseguissem provar que era De Lion no cofre da loja de prataria, e que o principal investigador tinha deliberadamente tentado ofuscar sua identidade por pressão de um amigo maçom.

Albie desembarcou do metrô na estação de Notting Hill Gate, e Robin o seguiu pela Pembridge Road e dobrou uma esquina, onde ele entrou em um pub chamado Sun in Splendour, que tinha uma fachada curva de um amarelo

vibrante. Robin escreveu a localização para Kim, então entrou no pub para ver Albie sentado sozinho a uma mesa, bebendo um copo de cerveja.

Robin não ousou chegar muito perto dele, então pediu para si mesma um suco de tomate e ficou no bar, observando Albie intermitentemente em um espelho e olhando para seu telefone para aumentar a impressão de uma mulher esperando um amigo atrasado.

Quando abriu o WhatsApp, Robin viu que tinha acabado de receber uma mensagem nova e muito longa de um número desconhecido.

Olá, eu sou Chloe Griffiths, filha de Ian Griffiths. Meu pai me pediu para entrar em contato com você como uma testemunha do caráter de Tyler Powell. Eu não ia fazer isso, mas meu namorado acha que devo contar a verdade pra você, mesmo que meu pai não queira ouvi-la.

Eu sei que meu pai disse a você que Tyler não teve nada a ver com o acidente de carro, e não estou dizendo que ele teve, mas sei com certeza que Tyler não é o cara doce e simpático que meu pai acha que é. Meu pai acha que qualquer um que goste de Steely Dan e queira aprender violão é um cara legal, mas Tyler não é.

Ele força muito a barra com garotas quando está bêbado, ele fez isso com muitas amigas minhas. Meu pai sente pena dele, acha que Tyler é desesperado por amor ou algo assim porque seus pais não são muito legais com ele, então ele acha que é tudo inofensivo, mas não é. Anne-Marie só saiu com Tyler umas duas vezes, e ele começou a falar sobre casamento. Meu pai achou que isso só mostrava o desejo de Tyler de constituir uma família de verdade, mas Anne-Marie ficou bastante assustada por ele ser muito intenso e possessivo quando eles só haviam saído duas vezes, e Tyler ficou com muita raiva quando ela o largou e falou um monte de merdas sobre ela.

Outra garota que eu conheço chamada Zeta também teve uma experiência ruim com Tyler, mas ela nunca procurou a polícia por causa disso, embora muitos de nós disséssemos que ela deveria procurar, mas ela falou que não tinha nenhuma prova. Eu não quero dizer o que aconteceu porque ela pode

não querer falar sobre o assunto, mas você pode tentar falar com ela. O telefone dela é 07700 942369.

Tyler e eu meio que éramos amigos quando nos mudamos para a frente um do outro porque eu sentia pena dele e minha mãe tinha acabado de morrer, e ele foi muito simpático em relação a isso. Ele é um pouco lento, e eu percebia que estava infeliz em casa, mas então ele começou a inventar desculpas para vir à nossa casa o tempo inteiro, e eu acho que ele só fez aulas de violão com meu pai para tentar flertar comigo. Tyler é do tipo que acha que se uma garota é legal com ele, ela quer ficar com ele. Quando contei a ele que tinha um namorado, ele agiu muito mal e parou de aparecer para as aulas de violão, e a avó dele começou a me tratar de um jeito péssimo.

Anne-Marie, porém, era uma das minhas melhores amigas e, honestamente, metade da razão para eu querer viajar pela Europa foi para não ficar o tempo inteiro pensando na morte dela, e as pessoas também estavam meio que se juntando contra mim porque meu pai estava andando por aí defendendo Tyler para todo mundo, e as pessoas acharam que eu devia pensar a mesma coisa, porque Tyler e eu costumávamos ser amigos.

Eu não posso provar que Tyler fez alguma coisa com o carro naquela noite, mas ele fazer as malas e ir embora de Ironbridge é muito estranho, porque ele nunca quis viver em nenhum outro lugar antes. Meu pai não pode reclamar por eu ter contado a verdade para você só porque ele não quer ouvi-la.

Segundos depois que Robin terminou de ler essa mensagem, Strike ligou para ela.

— Oi, onde você está? Pode falar?

— Posso, estou em um pub — disse Robin, olhando para Albie pelo espelho.

— Meu velho amigo do Departamento de Investigações Especiais, Hardy, vem à cidade para um casamento de família na semana que vem e acha que pode nos levar em um tour particular do Freemasons' Hall. Quer vir ver o Templo 17?

Robin hesitou. Ela tinha muita curiosidade de conhecer o interior do

Freemasons' Hall, especialmente em um tour particular, mas continuava com raiva de Strike.

— Não, nós já estamos com excesso de trabalho do jeito que as coisas estão. Você fica com o Templo, e eu vou insistir com Tyler Powell. Eu na verdade acabei de receber uma mensagem de Chloe Griffiths, ex-vizinha de Tyler. Vou enviar para você.

— Está bem — disse Strike, que ficou desapontado em relação ao Freemasons' Hall; ele tinha certeza de que ela iria querer conhecê-lo. — Você vai ver o Land Rover novo esta noite, não vai?

— Vou — disse Robin. — É melhor eu ir, vou passar a bola para Kim em um minuto.

Enquanto dizia isso, ela viu a terceirizada entrar no pub.

— Tchau — disse Robin para Strike, e desligou. — Albie é o cara louro sentado sozinho — contou a Kim, sem olhar para ela, pois estavam as duas paradas de frente para o bar, embora aparentemente sem conexão uma com a outra. — Você vai conseguir chegar mais perto dele do que eu… ah — falou Robin, olhando para o espelho.

Uma jovem bonita com cabelo quase preto, brilhante, tinha acabado de entrar no pub e acenou para Albie.

— Nós estamos muito interessados em uma garota chamada Tish Benson — informou Robin em voz baixa para Kim, enquanto a recém-chegada comprava uma bebida para si mesma na outra extremidade do balcão. — Essa pode ser ela. Se você conseguir chegar perto o bastante para ouvir seu nome, isso seria ótimo.

— É, eu acho que isso vai estar dentro de minhas habilidades — disse Kim.

— Bom saber — falou Robin com aspereza, então foi embora.

72

(…) nós percorremos uma légua juntos, apesar de meus deuses não serem os teus, porque éramos irmãos nos mistérios sagrados (…).

Albert Pike
O rito escocês antigo e aceito da maçonaria

Sem que Robin soubesse, Strike estava atualmente preocupado com um problema investigativo que ele considerava ainda mais urgente do que a identidade do corpo no cofre da loja de prataria.

Depois de quebrar a cabeça para encontrar a melhor maneira de escapar da vigilância sob a qual o ex-amante de Bijou a havia colocado e um lugar discreto apropriado para a coleta das amostras de DNA, ele decidiu recorrer outra vez a seu grande conhecimento dos hotéis cinco estrelas de Londres. Na mesma manhã fria e úmida em que combinou de se encontrar com seu velho amigo Graham Hardacre para um tour do Freemasons' Hall, Strike ficou em seu apartamento até as 9h10, hora em que supôs que Bijou estivesse acordada, mas ainda em casa, sem pessoas ouvindo nem passantes para escutar. Ele pegou o porrete de pescador de Ted e sentou-se, sopesando-o na mão enquanto esperava que ela atendesse, o que ela fez em poucos toques.

— Alô?

— Sou eu — disse Strike. — Tenho um plano para o teste de DNA.

— Ah, graças a Deus — falou Bijou fervorosamente. — Hoje?

— Depois de amanhã, mas você não pode contar a *ninguém*…

— Eu não vou contar! — disse Bijou de um jeito estridente. — Pelo amor de Deus, você acha que eu quero que as pessoas saibam?

— Certo, bem, eu reservei um quarto no Savoy.

— O hotel?

— Não, o repolho — disse Strike com irritação. — É claro que é a droga do hotel.

— Nós não podemos nos encontrar em um hotel, isso vai parecer…

— *Escute* — pediu Strike, que tinha previsto as pequenas objeções da mulher e não estava com nenhuma disposição de prestar atenção nelas. — É o hotel em Londres no qual é mais difícil se localizar, lá é um labirinto. Ele tem duas entradas, na frente e nos fundos, e três elevadores diferentes que vão para partes diferentes do prédio. Eles são discretos e profissionais, e estão acostumados com celebridades, então não vão se deixar enganar e dar nenhuma informação sobre reservas. Ninguém vai conseguir seguir você até o quarto nem provar com quem você se encontrou ou o que você fez lá dentro, desde que siga minhas instruções.

— Mas…

— Qual a probabilidade de nos encontrarmos em um hotel caro na cidade quando nós dois temos apartamentos e você está com uma bebê? Você vai lá para se encontrar com uma amiga americana que só estará na cidade por vinte e quatro horas, a negócios, mas quer conhecer sua filha. Vocês vão tomar um café juntas no quarto dela às dezesseis horas. Isso é o que você vai dizer se precisar de uma história.

— Está bem — concordou Bijou, em dúvida.

— Você tem uma caneta?

— Tenho — respondeu ela, e Strike a ouviu procurando. — Pode dizer.

— Você vai entrar pela frente. Não precisa se esgueirar, você não tem nada a esconder. Você atravessa o lobby, desce a escada, vira à esquerda e depois à direita. Isso leva você para o elevador vermelho.

— Elevador vermelho — repetiu Bijou, que estava nitidamente anotando.

— Se alguém estiver seguindo você, isso vai ficar óbvio, porque não vão ter escolha além de entrar no elevador com você. Se alguém *entrar*, e não me importa o quanto pareçam inocentes, saia. Finja ter esquecido alguma coisa ou perceber que estava no elevador errado (também tem um verde e um azul). Se a pessoa que entrou no elevador com você sair ao mesmo tempo, pare imediatamente e deixe claro que você acha seu comportamento estranho.

— Como?

— Olhe fixamente para ela. Deixe claro que está desconfiada. A pessoa precisa saber que foi descoberta, que está correndo o risco de ser confrontada por você

ou ser denunciada para um funcionário do hotel por estar seguindo você.

— E se perguntarem para onde eu estou indo? E se *me* confrontarem?

— Então ou você conta a história de que vai se encontrar com uma amiga americana no quarto dela, ou pergunta por que isso é da conta dessa pessoa. *Não* entre em um elevador com ninguém, está bem?

— Está bem — disse Bijou.

— Quando você estiver sozinha no elevador, aperte o botão do sexto andar. Não é onde você vai saltar, mas queremos que eles corram para cima quando você estiver descendo até o quarto andar. Eu já vou estar no quarto esperando por você. Nós colhemos as amostras, e eu vou embora imediatamente pelos fundos do hotel. Você fica no quarto por pelo menos umas duas horas para dar credibilidade à história do café com uma amiga. Aí você vai sair de novo pelo lobby na frente.

— Está bem — falou Bijou —, mas vai ser muito caro pegar um quarto no Savoy, e eu não estou sendo paga no…

— Está tudo bem. Eu já paguei por ele — informou Strike.

— Ah — murmurou Bijou. — Bem, eu pago a metade, se você…

— Não precisa. Eu só quero resolver isso.

Depois de dar a ela o número do quarto, Strike desligou.

Ele recolocou o porrete no batente da janela e se levantou, tentando não pensar no provável massacre na imprensa se Dominic Culpepper descobrisse que há uma história que envolve Strike, uma bela mulher de cabelos escuros, uma bebê concebida por acidente e um advogado muito conhecido que era o flagelo dos tabloides, nem imaginar os efeitos dessa história sobre Robin e o resto da agência. Strike havia detectado uma nítida falta de cordialidade em suas interações recentes com Shah, e tinha uma sensação ruim de que isso podia ser porque Shah sabia que Bijou ligara para o escritório.

Ele estava descendo a escada sem intenção de entrar no escritório, porque queria chegar sem pressa ao encontro com Hardacre, quando Pat, ao vê-lo passar, o chamou de trás da porta de vidro.

— Tudo bem? — perguntou Strike olhando para dentro.

— Aquela Gateshead escocesa ligou outra vez — informou ela, parecendo aborrecida. — Muito grosseira.

— A mulher que quer se encontrar comigo no Golden Fleece? — perguntou Strike.

— É — confirmou Pat. — Ela estava com muita raiva por você não ter retornado a ligação. Xingando.

— Eu não tenho o telefone dela — falou Strike. — O que ela estava dizendo dessa vez?

— Alguma coisa sobre um engenheiro e sobre haver pessoas atrás dela. Estava xingando sem parar.

— Está bem, se ela ligar de novo, tente pegar os contatos dela.

Ele estava prestes a descer novamente quando mudou de ideia e, em vez disso, entrou no escritório interno, onde fez uma anotação e a prendeu no quadro de cortiça embaixo da foto de Niall Semple. Mulher escocesa. Engenheiro. Pessoas atrás dela.

— Se essa mulher retornar a ligação — disse ele a Pat enquanto se dirigia à porta de vidro —, pergunte se ela é loura e se tem alguma coisa tatuada no rosto.

— No *rosto*? — repetiu Pat.

— É, você sabe, uma coisa na parte da frente da cabeça — falou Strike, e saiu.

Hardacre tinha sugerido se encontrarem em um pub chamado Freemasons' Arms, que ficava perto do Freemasons' Hall, porque, como ele havia dito para Strike por mensagem, "nós bem que podemos fazer as coisas direito". Entretanto, como Strike viu quando entrou, o pub era decepcionantemente desprovido de emblemas maçônicos, dando ênfase, em vez disso, a velhas fotografias de futebol.

Hardacre já estava no bar. Com menos de um metro e setenta e cinco, o homem do Departamento de Investigações Especiais tinha engordado desde a última vez que Strike o vira e perdido mais de seu cabelo castanho-acinzentado, embora o rosto amigável e comum tivesse bem menos rugas do que o de Wardle. A dupla trocou seu meio abraço e seu meio aperto de mão habituais.

— Você está mais magro, Oggy.

— Não magro o bastante — disse Strike, cujo joelho e tendão tinham sentido a caminhada de dez minutos. — Você parece bem. Como está a família?

— Está todo mundo bem — respondeu Hardacre. — Uma cerveja rápida antes de sua iniciação?

— É, está bem — concordou Strike. — Mas eles tiram todo o dinheiro e todo o metal de você primeiro, não tiram?

— Você tem pesquisado sobre o assunto? — questionou Hardacre com um sorriso.

— Só estou me perguntando se álcool é uma boa ideia quando estou prestes a

saltitar por aí no escuro — respondeu Strike.

— Acho que eles vão abrir uma exceção para sua perna, a menos que você a use frequentemente como arma.

— Não com frequência — falou Strike —, mas já aconteceu.

Eles levaram suas cervejas para uma mesa perto da janela.

— Então — começou Hardacre —, o que estamos procurando?

— O museu e o Templo 17 — explicou Strike.

— O museu não vai ser problema, mas normalmente não deixam o público entrar nos templos, com exceção do Grande Templo. Por que estamos interessados no número dezessete?

— William Wright estava interessado nele, ou pelo menos é isso o que diz meu informante — revelou Strike.

— É muito específico querer ver só um templo.

— Esse informante não é de muita confiança. Estou checando só por garantia. Imagino que você não tenha mais nada sobre Niall Semple para mim, tem?

— Um pouco — disse Hardacre, baixando a voz —, mas você vai ter que guardar essa informação, Oggy. Eu vou me meter em uma encrenca das brabas se descobrirem que passei isso para você.

— Não vai haver publicidade — afirmou Strike, consideravelmente mais simpático a esse pedido do que ficara com um quase idêntico feito pelo maldito Ryan Murphy.

— O nome Ben Liddell é familiar para você?

— Não — disse Strike —, mas sei que o melhor amigo de Semple se chamava Ben, e sei que ele foi morto na mesma operação em que Semple sofreu sua lesão cerebral traumática.

— É esse mesmo. Bom, Semple parece ter ficado com muita raiva por isso e, pelo que soube… e eu não deveria saber nada disso, Oggy… ele demonstrou grande animosidade em relação ao regimento quando recuperou a sanidade e deu a entender que poderia expor para a imprensa a operação fracassada na qual Ben morreu.

— Isso explicaria muita coisa — comentou Strike, pensando em Ralph Lawrence, o suposto agente do MI5, e sua óbvia preferência por Strike desistir das tentativas de encontrar Semple. — O que você sabe sobre a operação?

— Nada — respondeu Hardacre. — E, francamente, não quero saber.

— Esse Ben Liddell tem algum parente próximo?

— Não tenho ideia.

— Está bem… Posso fazer algumas perguntas maçônicas?

— Pode, vá em frente.

— Você por acaso não sabe o que é um gow-too, sabe?

— Gow-too? — repetiu Hardacre. — Como se soletra? G—A—O—T—U?

— Eu não vi isso por escrito — disse Strike. — O que significa se for isso?

— Um acrônimo maçônico em inglês: Great Architect Of The Universe. O Grande Arquiteto Do Universo.

— Deus, em outras palavras?

— É. Por quê?

— Temos recebido ligações anônimas de um cara que supostamente tem GAOTU do seu lado. Eu achava que a maçonaria não era uma religião.

— Não é — disse Hardacre.

— Mas você acredita em Deus.

— Você precisa acreditar em um poder único mais elevado para ser maçom. Não precisa ser nenhum deus em particular.

— Isso, apesar do fato de a maior parte do simbolismo ser cristão, com uma tendência na direção das Cruzadas?

— Ainda é apenas simbolismo — falou Hardacre. — Nós não temos mais como objetivo reconstruir o Templo em Jerusalém. Só erguê-lo em nossos próprios corações puros.

Strike escarneceu, então disse:

— Você já leu A.H. Murdoch?

— Não muito — revelou Hardacre. — A linguagem é muito floreada e obscura. Eu prefiro *Ponte para a luz*.

— O que é isso?

— Uma introdução popular ao rito escocês.

— Pontes são importantes na maçonaria, não são?

— O que você quer dizer com importantes?

— Pontes têm aparecido um pouco — contou Strike.

— Como?

— Semple perdeu a cabeça uma vez e não conseguiu passar por uma ponte maçônica, e tenho uma escocesa ligando para o escritório que pensa haver alguma

coisa escondida embaixo de uma ponte.

Hardacre tomou um gole de cerveja e olhou para Strike pensativamente por um instante, então disse:

— Tem uma parte em *Moral e dogma*, outro texto-chave do rito escocês, sobre uma ponte. "O general em retirada pode destruir uma ponte depois de passar para atrasar a perseguição e salvar a maior parte de seu exército, embora ao fazer isso ele submeta um destacamento a certa destruição." Ele diz que essa ação não é injusta, mas "pode infringir a regra ideal de justiça de algum sonhador".

— Interessante — comentou Strike. — Isso pode se encaixar com o fato de Semple ter ficado com raiva por seu amigo ter sido sacrificado.

— É. E quando você é iniciado no 15º grau, também tem uma ponte.

— O quê, literalmente?

— Eles não costumam montar uma ponte de madeira no meio do templo — respondeu Hardacre. — Mas há uma representação simbólica de ponte.

— O que acontece, um troll salta de baixo dela e pega você, se não souber a senha?

Hardacre riu.

— Você atravessa a ponte sobre um rio no qual há partes de corpos flutuando…

— Partes de corpos?

— É simbólico, Oggy — disse Hardacre.

Para leve surpresa de Strike, seu velho amigo pareceu meio constrangido, meio desafiador, então ele resolveu deixar de lado, no momento, comentários impertinentes sobre a maçonaria.

— O quanto você diria que os maçons valorizam as medalhas…?

— Joias — corrigiu-o Hardacre.

— As joias que eles recebem por alcançar os graus?

— Bem, eles provavelmente não iriam querer perdê-las. Por quê?

— Porque Semple parece ou ter trazido alguma coisa valiosa, ou uma coisa que ele achava ser valiosa, com ele, para Londres. Ou a pegado aqui, imagino. Ele tinha uma maleta algemada ao corpo na última vez que foi visto.

— Se ele ficou obcecado pela maçonaria, pode ter achado que fosse importante manter suas insígnias com ele — disse Hardacre.

— O que seriam essas insígnias? Faixa? Avental? Medalhas… quero dizer,

joias?

— Tudo isso, provavelmente. Por falar nisso, eu dei uma procurada por qualquer conexão maçônica com o nome William Wright. Um capitão William Wright da Loja de Ardwick morreu na Primeira Guerra Mundial.

— Onde ela fica?

— Em East Lancashire. A loja ainda funciona.

— Ele era bem conhecido, esse Wright? Será que a maioria dos maçons teria ouvido falar dele?

— Duvido — disse Hardacre. — Pelo que pesquisei, a coisa mais notável que ele fez foi ter se afogado no mar. Como o caso está indo, no geral?

Strike fez para Hardacre um resumo dos acontecimentos recentes, incluindo as ligações anônimas para o escritório e o encontro de Robin com um homem mascarado com um punhal, embora omitisse qualquer menção a gorilas.

— Merda — praguejou Hardacre. — Mas tudo isso, sem dúvida, aponta para uma direção, não é?

— Uma pista falsa forçada?

— Bem, obviamente — disse Hardacre com uma risada. — Brandir um punhal maçônico na rua… Você acha que um maçom verdadeiro faria isso?

— Pode ter sido um maçom maluco — comentou Strike. — Mas eu concordo, os detalhes maçônicos são provavelmente cortina de fumaça.

— Devem ser — falou Hardacre.

— Então você não consegue imaginar um maçom cometendo assassinato?

— Eu não iria tão longe. Nunca se esqueça do que disse Albert Pike.

— Você tem que me lembrar dessa.

— A maçonaria não muda a natureza humana e não pode transformar pessoas desonestas em pessoas honestas.

Quando terminaram as cervejas, eles saíram para o sol brilhante. Dez minutos depois, Hardacre estava falando em voz baixa com uma mulher na recepção do lobby de mármore do Freemasons' Hall, que tinha um teto alto com cornija dourada.

— Você está com sorte — disse Hardacre, tornando a se juntar ao detetive. — Se esperarmos meia hora, vamos poder dar uma olhada no Templo 17. Há pessoas lá agora. O museu primeiro?

Então eles subiram a escada larga para visitar o museu do primeiro andar.

Havia diversas peças de prataria maçônica em exposição, embora exatamente que benefício William Wright pudesse ter obtido de olhar para elas permanecesse um mistério para Strike.

— Olhe aqui — disse Hardacre, chamando Strike até uma pequena pintura a óleo na parede. — Esse é o seu homem. Alexander Hughson Murdoch.

O quadro mostrava um cavalheiro vitoriano de expressão severa, cabelo grisalho com costeletas quase até o queixo e sobrancelhas que sugeriam sagacidade, vestido com os trajes de um grão-mestre completo, com avental bordado a ouro e uma corrente de ouro em volta do pescoço. Pintado no fundo estava o *nef* de prata que havia sido roubado da Ramsay Silver, uma réplica em miniatura do navio que tinha levado o primeiro maçom para a América. A biografia curta ao lado do quadro cobria o nascimento de Murdoch, em Edimburgo, sua emigração para a América e sua jornada triunfante de pobretão para multimilionário.

Enquanto Strike continuava a observar o conteúdo dos mostruários de vidro, Hardacre visitou a loja do outro lado do museu, voltando alguns minutos depois.

— A mulher do caixa diz que o museu estava interessado em fazer uma oferta por parte da prataria Murdoch, mas perdeu para seu Ramsay.

Strike olhou por cima do ombro de Hardacre para a loja.

— Eles vendem punhais aqui?

— Não vi nenhum — respondeu Hardacre. — Mas você pode conseguí-los com muita facilidade. Estão à venda na internet.

— E qualquer pessoa pode comprar um, não pode? Você não precisa dar uma senha nem mostrar sua tatuagem do Olho que Tudo Vê…

— Eu normalmente envio para eles um retrato do príncipe Albert, mas só de brincadeira — contou Hardacre. — Não, qualquer pessoa pode comprá-los.

Ele verificou o relógio.

— Nós provavelmente já podemos entrar no Templo 17.

— Pela sua experiência, é comum que maçons mudem de loja? — perguntou Strike quando eles deixaram o museu e estavam andando por uma passagem de piso de mármore.

— Não é muito incomum. As pessoas se mudam para outras cidades. Você pode achar uma da qual goste mais, ou pode ter brigado com alguém que prefere não ver.

— Pensei que os irmãos vivessem em tamanho estado de boa vontade fraternal que isso nunca acontecesse.

— Eu acabei de dizer: a maçonaria não muda a natureza humana. Por que você está interessado em pessoas que mudam de loja?

— Só um pensamento passageiro. Por acaso você sabe alguma coisa sobre a Winston Churchill? Eles se reúnem aqui.

— Assim como umas mil outras lojas — disse Hardacre. — Há um boato de que uma delas usa crânios humanos de verdade em seus ritos. Norueguesa, segundo dizem, mas não me cite quanto a isso. Eu não quero ser excomungado.

Um homem de terno caminhou na direção deles segurando um cajado comprido com uma Cruz de Salém no alto. Strike deixou que o homem saísse do raio de audição antes de dizer:

— O papa se importa que vocês andem por aí com coisas como essa?

— Ele não gosta de nós, de maneira geral. Muitos deuses não cristãos são permitidos.

Alguns minutos depois, eles chegaram a uma porta de madeira com o número dezessete, que Hardacre abriu. O salão era forrado de carvalho escuro, com cadeiras suficientes dispostas em torno do piso quadriculado, para acomodar oitenta pessoas. Atrás de uma cadeira parecida com um trono, havia um grande cisne acorrentado, entalhado na parede.

— O símbolo de Buckinghamshire — explicou Hardacre, apontando. — Este templo foi fundado por maçons do país. É onde três das lojas mais antigas, anteriores a 1717, se reúnem.

— E o que é tudo isso? — perguntou Strike, virando-se para apontar para a estranha reunião de objetos no meio do piso quadriculado.

— Quanto a isso, eu teria que matar você se lhe contasse — disse Hardacre.

Dez estandartes pendurados em mastros estavam frente a frente acima do carpete preto e branco, e os olhos de Strike foram imediatamente atraídos para o leão embaixo da palavra "Judeia". No chão havia ferramentas, entre elas uma pá e uma picareta, um livro antigo com o nome da loja gravado e um grupo de objetos geométricos tridimensionais esculpidos em pedra branca.

— Isso está preparado para um rito, não está? — perguntou Strike. — Essas coisas não estariam aqui normalmente, estariam?

— Não.

Strike olhou para o restante da câmara. Ele notou os *ashlars* (cubos de pedra representando os não iniciados e os maçons instruídos) "grosseiros" e "perfeitos", posicionados ao lado de cadeiras que nitidamente pertenciam a maçons com algum tipo de papel cerimonial elevado.

— Não posso dizer que é óbvio o que Wiliam Wright queria ver aqui — comentou Strike por fim, depois de dar uma olhada abrangente no lugar. — Mas já vi o bastante. — Enquanto deixavam o templo, Strike perguntou: — Você mantém que maçons não têm permissão para usar o status de membro para promover interesses pessoais?

— Isso está claro nas regras, Oggy — respondeu Hardacre. — Nós não temos permissão de discutir política nem religião durante as reuniões, nem fazer negócios.

— Mas como você já destacou, a maçonaria não muda a natureza humana.

— Como quiser — disse Hardacre, bem-humorado como sempre.

Quando eles saíram do hall para a luz do sol, a conversa mudou facilmente para amigos militares em comum, e Strike arquivou mentalmente GAOTU, o cisne acorrentado e o significado simbólico das pontes para pensar nisso depois, quando tivesse tempo.

73

Eu sabia que a massa de homens escondia
Seus pensamentos, temendo que se fossem revelados,
Por outros homens seriam recebidos
Com total indiferença, ou com culpa repreendida;
Sabia que eles viviam e se moviam
Usando disfarces, desconhecidos dos outros
Homens, e desconhecidos de si mesmos — e ainda assim
O mesmo coração bate em todo peito humano!
Mas nós, meu amor! — com um feitiço igual que entorpece
Nossos corações e nossas vozes? — também devemos ser tolos?

Matthew Arnold
The Buried Life

Às oito horas da noite seguinte, Robin, que tinha sido informada pelo Duas-Vezes de que sua esposa ia comemorar o aniversário de uma amiga no Coya, um restaurante latino-americano em Mayfair, sentou-se para ver a mulher dele, até então irrepreensível, beber e comer com outras sete mulheres. Música pulsava no salão mal-iluminado no subsolo, que estava decorado com folhagem luxuriante para sugerir uma floresta tropical. Robin, que tinha passado em casa para trocar de roupa, estava usando um velho vestido azul, o pendente de opala que seus pais lhe deram em seu aniversário de trinta anos e os brincos combinando que Murphy dera a ela de Natal. Quando conferiu seu reflexo antes de sair do apartamento, ela se lembrou da noite em que tinha usado exatamente aquela roupa, e Strike, ela tinha certeza, chegara perto de beijá-la na calçada em frente ao Ritz.

Ao pensar que comer sozinha poderia chamar um pouco de atenção, Robin tinha convidado Midge para se juntar a ela, mas ela ainda não tinha chegado,

então Robin ficou sentada escrevendo em seu caderno enquanto observava de um jeito discreto e natural o grupo da sra. Duas-Vezes, que estava todo na mesma faixa etária de Robin, animadas e nitidamente com a intenção de ficarem tão bêbadas quanto possível, tão depressa quanto possível.

Robin tinha acabado de erguer os olhos de suas anotações pela terceira vez na esperança de ver Midge quando, em vez da colega, avistou Strike de terno caminhando em sua direção e experimentou um choque elétrico no fundo do estômago.

— Midge e eu trocamos — disse ele sentando-se em frente a ela. — Eu achei que nós deveríamos nos atualizar em relação ao caso do cofre da loja de prataria, porque tive boas vinte e quatro horas de coleta de informação.

— É. Eu vi sua anotação no arquivo sobre o Templo 17 — disse Robin.

— Eu me aprofundei mais em Semple ontem à noite. Seu melhor amigo, Ben Liddell, que também era escocês e foi morto na operação em que Semple sofreu sua lesão cerebral, tem apenas um parente vivo: uma irmã chamada Rena. Estou começando a me perguntar se ela não é nossa Gateshead escocesa.

— É mesmo?

— É. Ela pode até ser a mulher com quem Jade Semple escutou Semple planejando se encontrar. A Gateshead ligou novamente ontem e falou com Pat sobre um engenheiro. O pub onde Jade escutou Niall combinando de se encontrar com a mulher se chamava "The Engineer". A Gateshead parecia preocupada em voltar lá, e é por isso que ela quer se encontrar comigo no Golden Fleece.

— Certo — disse Robin, deliberadamente sem entusiasmo. Ao que parecia, se permitir fazer especulações sobre a sueca Reata Lindvall era inútil, mas não havia problema que Strike fizesse suposições sobre uma mulher desconhecida por ela ser escocesa.

— Mas eu tenho muito mais do que isso — continuou Strike, sem perceber que tinha acabado de irritar Robin ainda mais. — Veja isso.

Ele entregou o celular a Robin, e ela olhou para a reportagem datada de 2010, encimada por uma foto de Jim Todd olhando de cara fechada para a câmera, com a legenda "Todd Jameson". O faxineiro tinha mais cabelo na fotografia, mas a boca grande e os olhos pequenos eram inconfundíveis. A manchete dizia: **ESTUPRADOR DE BATTERSEA É PRESO**.

— Estupro de uma garota de dezessete anos. Condenado a dez anos, saiu em cinco — disse Strike.

— Como você descobriu isso?! — perguntou Robin, esquecendo-se momentaneamente de seu antagonismo.

— Eu disse a você que Todd talvez estivesse usando um nome falso. Comecei a pesquisar variações de Todd e de James, e isso apareceu. É surpreendente a frequência com que as pessoas ficam próximas de seus verdadeiros nomes quando escolhem um falso.

Robin devolveu o celular para o sócio. Strike, que tinha reconhecido tanto o vestido quanto o pingente que Robin tinha usado no Ritz na noite em que ele quase a beijara, se lembrou de como, recentemente, ele tinha torcido por uma situação como essa — os dois bem-vestidos, sozinhos em um restaurante — para fazer a declaração que, ele agora tinha certeza, teria sido infrutífera.

— Tem mais — prosseguiu ele, tentando desfazer esse pensamento infeliz. — Quando eu consegui o nome verdadeiro de Todd, não foi muito difícil descobrir que ele tem um irmão que é o vereador conservador de um distrito. Eu telefonei para o cara. Ele não ficou muito satisfeito em falar com um detetive particular interessado em seu irmão pervertido, mas se tornou muito mais amistoso quando perguntei a ele qual a idade de sua avó.

— Ele é maçom?

— Sem dúvida. Ele chegou à conclusão de que fomos contratados por Kenneth Ramsay para conter todos os boatos maçônicos em torno do assassinato. É desnecessário dizer que eu não o corrigi. Em suma: quando Todd saiu da cadeia depois do estupro em Battersea, ele procurou o irmão querendo dinheiro. Seu irmão lhe disse para ir embora, e Todd ameaçou contar muitos segredos de família para a imprensa local, incluindo o fato de que a mãe deles se prostituía. O irmão mais velho cedeu e conseguiu arranjar uns trabalhos de faxineiro para Todd com alguns companheiros de maçonaria, para que ele tivesse algum dinheiro para jogar. Ao que parece, tudo pelo que Todd se interessa são cartas e garotas. Enfim, o irmão supôs que eu já soubesse que as agressões sexuais de Todd remontam há muitos anos. Eu não neguei, insisti um pouco, e descobri que Todd foi preso na Bélgica em 1997.

— *Bélgica?* — perguntou Robin, chocada.

— É. Ele estava trabalhando como motorista de ônibus, levando garotas do

Leste Europeu entre bordéis e redes de abuso, e estava fazendo isso sob o nome de "Jim Philpott", que era o nome de solteira da sua mãe. Veja só isso.

Strike abriu uma reportagem nova em seu telefone e o entregou a Robin. Ali, em meio a sete outras fotos feitas pela polícia em 1997, estavam os olhos pequenos e a boca larga familiares de Todd, embora, na época em que as fotos foram tiradas, Todd tivesse a cabeça toda coberta por um cabelo castanho opaco. Um hematoma na parte superior da bochecha sugeria que ele tinha resistido à prisão quando a polícia belga o encurralou. Ele foi preso como parte de uma gangue pan-europeia de aliciamento e tráfico de garotas com promessas de carreiras de modelo, ou trabalho como empregada, para pessoas ricas no Reino Unido.

Todd, Robin viu, tinha cumprido doze meses por seus crimes, recebendo a pena mais curta entre os homens que foram presos. Nenhuma das garotas resgatadas o acusou de abuso físico, só do fato de ele saber o que estava fazendo quando as transportava entre bordéis e grupos de abusadores na França, na Alemanha, em Luxemburgo e na Bélgica. Robin não acreditou que o papel de Todd tinha sido restrito ao de motorista: não havia garantia de que todas as vítimas tivessem sido encontradas, e sua condenação posterior por estupro no Reino Unido sugeria que ele teve sorte por escapar de uma sentença mais longa. Entretanto, como Robin reparou, Jim Todd estava na cadeia quando Reata Lindvall e sua filha desapareceram, então ele, sem dúvida, não poderia tê-las matado.

— Interessante — comentou ela, devolvendo o telefone a Strike.

Ainda torcendo por uma melhora na atmosfera, Strike falou:

— Também descobri qual era a mensagem que fez Pamela sair cedo da loja.

— Como? — perguntou Robin sem conseguir reprimir uma nota de rivalidade profissional. Ela considerava Pamela sua própria testemunha e tinha ficado orgulhosa por conseguir tanta informação com a mulher.

— Localizei o marido dela e falei com ele esta tarde. Eles estão separados. Pamela o chutou porque ele transou com uma antiga namorada que encontrou no Facebook.

— Então o que a mensagem dizia?

— Era supostamente da velha namorada, contando a Pamela que ela e o marido estavam tendo um caso e profundamente apaixonados, e pedindo a

Pamela que se encontrasse com ela no café Debenhams, na Oxford Street, para discutir a questão. Entretanto…

— Na verdade, não era da namorada?

— Exato. Telefone descartável. Pamela chegou em casa na sexta-feira depois de esperar sozinha no café Debenhams até a hora de fechar. Ela se descontrolou com o marido, que entrou em pânico e se entregou, dizendo "Foi só uma vez", antes de perceber que a mensagem tinha sido enviada de um número desconhecido. Então, alguém conhecia o suficiente sobre a vida particular de Pamela e Geoffrey para saber exatamente como atrair Pamela para fora da loja; Geoffrey diz que ela já estava desconfiada da verdadeira natureza de sua amizade revigorada antes de receber a mensagem falsa. Eu perguntei a Geoffrey quem poderia saber sobre tudo isso, e ele disse que ele e Pamela tiveram algumas discussões sobre o assunto quando ele estava trabalhando na Bullen & Co., e ela, na Ramsay.

— Então qualquer pessoa nas duas lojas pode ter ouvido isso?

— Exatamente. A outra coisa que Geoffrey me contou foi que era com certeza o verdadeiro centro de mesa oriental no caixote que chegou à Bullen & Co., que ele abriu para conferir o conteúdo. Ele é especialista em prata antiga, então acho que podemos acreditar no que está dizendo.

— Certo — disse Robin, tentando não se sentir aborrecida por Strike ter descoberto tudo isso, em vez dela. — Bem, eu falei com Ivor Powell, o pai de Tyler, na Flórida.

— E?

— Ele disse que recebeu algumas mensagens de Tyler e que ele está trabalhando em um pub. Pareceu irritado por eu o estar incomodando pelo que chamou de "besteira" de Dilys e se recusou a me enviar as mensagens de Tyler. Eu não me surpreenderia se ele não tivesse recebido nenhuma. Ele deu a impressão de simplesmente não se importar com Tyler.

Um garçom chegou à mesa para anotar o pedido de bebida de Strike. Quando ele foi embora, Strike disse:

— Essa mensagem da filha de Griffiths sobre Powell foi interessante.

— Foi — concordou Robin. — Ela com certeza pinta um retrato de Tyler diferente daquele no qual seu pai insistiu.

— Pat ainda não encontrou Powell em nenhum pub chamado "alguma coisa

de prata". Claro, ele pode estar fazendo como Todd e usando um nome diferente. Quero dizer, um nome diferente de William Wright.

— Eu também investiguei o acidente de carro que matou Anne-Marie Morgan e Hugo Whitehead — disse Robin. — Parece mesmo que Hugo apenas perdeu o controle do carro na tempestade. O sistema de freios ABS do Mazda falhou, e o carro derrapou e bateu na traseira de uma carreta. Os airbags não foram acionados, e o carro pegou fogo. Suponho que as pessoas em Ironbridge tenham se aferrado à falha do sistema ABS, mas, naquelas condições, isso era provável, especialmente se Hugo estivesse dirigindo em alta velocidade.

— Então nós não achamos que Powell deixou Ironbridge por ter um peso na consciência?

— Ele pode não ter provocado o acidente — disse Robin. — Mas eu ainda gostaria de saber o que aquela outra garota, Zeta, que teve uma experiência ruim com ele, tem a dizer.

A cerveja de Strike chegou, servida por um garçom que perguntou se eles estavam prontos para pedir a comida. Strike pediu carne, Robin, frango, e o garçom tornou a ir embora. O grupo da sra. Duas-Vezes irrompeu em risos estridentes. Robin olhou para a mesa delas para ver a sra. Duas-Vezes afastar o cabelo bem pintado dos olhos, falando com um garçom muito bonito de olhos escuros.

— Ocorreu a você que temos um número incomum de criminosos sexuais reunidos em torno desse caso? — perguntou Strike a Robin. — McGee apalpou uma colega de trabalho em um emprego anterior, Todd é um estuprador e traficante de mulheres, Oz parece aliciar garotas…

— Você provavelmente não vai gostar de minha resposta para isso — disse Robin.

— Que é?

— Que homens costumam subestimar o quanto outros homens são pervertidos e predadores. Você sabe o que dizem: "Todas as mulheres conhecem uma vítima de estupro, mas nenhum homem conhece um estuprador."

Strike decidiu recuar para um território um pouco mais seguro.

— Esse parece um trabalho de profissional, não um primeiro assassinato. Não há muitas pessoas com sangue-frio o bastante para passar algumas horas com um cadáver fresco, cortando-o e dissecando-o, tarde da noite em um cofre no

subsolo. Isso exige nervos fortes.

— Você acha que Oz é o assassino contratado que Shanker mencionou?

— Se *foi* um assassinato encomendado, Oz deve ser o homem, é, mas ainda tenho perguntas. Se estivesse contratando um assassino — disse Strike, abaixando a voz —, eu não ia passar nem perto de um criminoso sexual. Olhe para Todd. Ele está no registro de criminosos sexuais, sabe que riscos está correndo se for preso, e mesmo assim ele não consegue se controlar. Não se pode confiar que um homem cuja vida é dominada por impulsos assim vá manter a cabeça no trabalho, e os poucos erros cometidos por Oz durante a encomenda desse crime são todos relacionados a sexo e a mulheres.

— Você se refere ao fato de ele ter usado a mesma persona duas vezes?

— Para começar, é, isso foi um descuido. Imagino que ele tenha achado que, se tinha funcionado com Medina, e ele se safara disso, então por que não usar "Oz" novamente se ele havia investido tanto trabalho nessa persona. Mas era otimismo de mais achar que Sapphire, de catorze anos, fosse manter a boca fechada em relação a um homem que a cobria de rubis.

— Ela, porém, nunca contou o nome dele para ninguém — comentou Robin.

— Ainda assim ela falou que tinha se encontrado com um homem mais velho que tinha prometido que ela ia ser uma cantora de apoio. E essa não foi a única coisa negligente que ele fez. Por que visitar Medina em casa? Eu acho que ele gosta do risco, da emoção, de chegar tão perto delas quanto possível. Foi o cúmulo da estupidez pressionar por fotos de Gretchen e Medina juntas. Ele pode ter achado que isso ia dar a ele poder sobre Gretchen, mas era igualmente provável deixá-la com mais vontade de vê-lo preso. O maior erro de todos foi usar Medina no roubo quando ela, nitidamente, falava demais. Por que usá-la especificamente? Se você precisa de uma mulher para o trabalho, por que não escolher alguém firme e confiável que fique de boca fechada?

— Será que ele não conhecia outras mulheres que topassem dirigir um carro de fuga? — questionou Robin.

— Ou talvez ele não pudesse resistir à ideia de usar uma garota que ele sabia que ia acabar estuprando e matando. Medina era a cereja do bolo. Um bônus que ele daria a si mesmo. É aí que o autocontrole de Oz falha: garotas.

Houve outro silêncio, durante o qual os dois sócios seguiram seus próprios fluxos de pensamento, até que Strike disse:

— Mas ainda há anomalias. Shanker me contou que o assassino era um "louco que falava demais", mas não mencionou o aspecto sexual. Oz parece ser eficiente e controlado. Nitidamente um grande manipulador. E um bom ator. Mesmo que ele tenha sido descuidado com Medina, no fim das contas, ainda não estamos mais perto de descobrir quem é o dono do cabelo encaracolado e dos óculos escuros do que estávamos quando ouvimos sobre ele pela primeira vez.

— Eu acho que o cabelo encaracolado é uma peruca — disse Robin — escolhida para simular o verdadeiro Osgood.

— Eu acho que você pode muito bem estar certa em relação a isso — falou Strike.

— Mas Mandy nega ter visto o homem de cabelo encaracolado e a garota de cabelo preto comprido — observou Robin, que tinha lido a anotação de Strike no arquivo.

— É, e o problema é que, sem terem visto uma garota que batesse com a descrição de Medina e um homem com a descrição de Oz, na casa de Wright, a hipótese de Oz ser o assassino desmorona.

— Ainda tem o e-mail enviado para Osgood da Ramsay Silver — disse Robin —, e o testemunho de Gretchen de que Sofia estava saindo com um homem mais velho chamado Oz, e os completos estranhos que enviaram e-mails para o verdadeiro Osgood sobre um furgão à venda, e um problema, e uma brincadeira envolvendo uma garota.

— Você não precisa me convencer, eu já estou convencido — falou Strike. — Tenho certeza de que Oz e Medina esvaziaram o quarto de Wright, e tenho certeza de que eles eram o casal naquele carro de fuga, mas a equipe de investigação do assassinato está supondo que Mandy elaborou sua história na hora, porque eu paguei pela entrevista, e ela queria entregar alguma coisa que valesse o dinheiro.

A comida deles chegou. Quando Strike pegou a faca e o garfo, disse:

— Kim me contou que a garota que Albie Simpson-White encontrou no pub não era Tish Benton. O nome dela é Clarissa, e tudo sobre o que ela falava eram suas próximas férias na Sicília. Há, porém, uma coisa engraçada: a garota está morando em Pembridge Gardens, quase em frente a uma loja para mulheres maçons.

— Kim botou uma anotação no arquivo? — perguntou Robin, que não tinha

tido a chance de verificar. — Ou ela apenas telefonou para você com essa novidade?

— Ela me ligou. Eu não sei sobre o arquivo — respondeu Strike. — Por quê?

— Porque quando ela está reclamando de algo, a linha de investigação é minha, mas quando ela tem novidades, é sua — falou Robin com acidez, e imediatamente se arrependeu disso. Ela, então, assumiu um tom de voz menos belicoso: — Eu vou tentar falar com Cosima Longcaster essa semana para descobrir por que Rupert foi de penetra naquela festa de aniversário.

— Ótimo — falou Strike. — Isso vai ajudar, porque Decima está querendo uma nova atualização.

Houve mais uma pausa silenciosa, os dois sócios agora pensando no Bar Italia e na discussão sobre suas responsabilidades com Decima, mas naturalmente nenhum deles deu sinal disso.

— O Land Rover novo é ótimo — comentou Robin.

— Bom — disse Strike. — Como está a procura pela casa?

— Nós encontramos uma de que gostamos. Nossa oferta foi aceita.

— Ah — murmurou Strike, com a mesma sensação antiga de levar um soco no estômago. — Parabéns.

— Obrigada — falou Robin com os olhos na comida.

74

(…) então terminou o jogo
Que não devia ter começado.

A.E. Housman
XIV: The Culprit, Last Poems

Saber que Robin e Murphy iam com certeza morar juntos ainda estava pesando como chumbo no estômago de Strike quando ele entrou no Savoy Hotel, às três e meia da tarde seguinte, pelo lado do prédio que dava para o Tâmisa. Ele pegou seu cartão magnético que servia de chave na recepção no grande lobby verde e creme, então subiu no elevador vermelho, cujas paredes eram laqueadas e decoradas em dourado. Estava confiante de que não tinha sido seguido, entretanto, quando o mostrador vermelho e dourado se moveu para cima, ele se sentiu como imaginava que se sentiam homens culpados entrando no tribunal para ouvir sua sentença.

O corredor longo e deserto no qual saiu tinha um carpete verde-claro e lilás que abafava seus passos. Ele virou e entrou, sem ser observado, na suíte Superior Queen, que tinha reservado e que dava para um pátio frio. O quarto era vagamente no estilo Art Déco e tinha custado algumas centenas de libras para Strike.

Ele sentou-se na cadeira de espaldar reto, à escrivaninha, e ligou a televisão em busca de distração, mas alguns minutos passados assistindo ao presidente Trump justificando sua decisão de restringir a imigração de muçulmanos para os Estados Unidos fizeram com que ele tornasse a desligá-la. Ele abriu e-mails no celular e viu um com um texto longo e infeliz de Decima Mullins que repetia todas as semelhanças entre Wright e Fleetwood que ela já havia compartilhado com ele. Depois de ter dado uma olhada rápida, ele deixou o celular de lado a favor do

único material de leitura disponível no quarto: uma revista grossa dedicada às pessoas que compravam ou cobiçavam produtos de luxo.

A capa mostrava uma jovem loura muito bonita usando uma grande quantidade de diamantes, e a legenda embaixo da foto chamou a atenção de Strike.

COSIMA LONGCASTER: A IT GIRL EXTRAORDINÁRIA

Strike passou pelos anúncios de relógios masculinos, bolsas de couro de crocodilo e canetas-tinteiro de platina até encontrar quatro páginas com fotos de Cosima posando com mais colares e anéis de diamantes, o cabelo louro soprado por um grande ventilador. Na quinta página, havia algo que se assemelhava vagamente a uma entrevista.

> **Prato favorito:** Qualquer coisa apimentada, quanto mais quente melhor!
>
> **Drinque favorito:** Tenho meu próprio coquetel no Dino's, o Cosmic: tequila, gengibre e mel. Delícia!
>
> **Sua ideia de diversão:** Qualquer noite no Dino's, minha casa longe de casa.
>
> **Paixão secreta:** Sou totalmente viciada em crimes reais. Qualquer coisa sobre assassinatos não solucionados.
>
> **Melhor presente que você já ganhou:** Meu pai me deu um diamante rosa não engastado quando fiz dezoito anos. Ainda estou decidindo como vou usá-lo.
>
> **Uma coisa que ninguém sabe sobre você:** Eu fiz um desses testes de DNA para ancestralidade e descobri que sou três por cento Neandertal!

Strike largou a revista outra vez.

Houve uma batida na porta. Ele se levantou e a abriu. Bijou estava ali fora, parecendo cansada, as mãos apoiadas em um carrinho de bebê de aparência cara.

— Alguém seguiu você? — perguntou Strike, saindo da frente para deixá-la entrar.

— Acho que talvez uma mulher de cabelos escuros, mas ela não entrou no elevador comigo.

— Você foi até o sexto andar antes de vir até aqui, como eu falei?

— Fui. Eu fiz tudo o que você disse — retrucou ela.

Strike olhou de um lado para outro no corredor ali fora. Estava vazio. Ele fechou a porta, trancou-a e se virou para ver Bijou tirando o casaco. Ela estava um pouco mais pesada do que era durante seu caso extremamente breve, mas continuava bonita, com o cabelo castanho brilhando, os olhos azuis cintilando em contraste com a pele marrom-clara. Em vez dos vestidos justos que associava a ela, Bijou estava usando um suéter creme grosso e jeans.

A bebê no carrinho estava em sono profundo; Strike podia ver olhos bem fechados embaixo de um gorro rosa-claro. Ele tinha se perguntado se saberia, ao ver a criança, se eles estavam geneticamente ligados, mas ela parecia um macaco calvo, e ele não sentiu nada além de uma antipatia cheia de apreensão.

— Eu trouxe o kit — disse Bijou, remexendo na bolsa e pegando uma caixa de papel. — Você só tem que passar esse palito com algodão no lado interno da bochecha e botá-lo nesse líquido. Eu vou fazer o nosso agora, também.

Sem saber bem por que, Strike foi até o banheiro preto e branco para que ela não pudesse vê-lo coletar a amostra. Quando terminou, ele voltou para o quarto, onde Bijou estava sentada com o olhar vazio na direção das paredes cor de pergaminho e do carpete dourado e florido.

— Aí está.

Os dedos dela roçaram nos dele quando ela pegou a amostra; Strike retirou a mão como se tivesse se queimado.

— Certo — falou. — Me informe assim que receber o resultado.

— É só isso? — perguntou Bijou com voz chorosa.

— O que você esperava? — retrucou Strike com a mão na maçaneta da porta.

— É só que… Não há necessidade de ser tão *grosseiro* em relação a tudo isso!

— Você levou uma vida muito protegida se acha que isso é grosseiro — rebateu Strike, e saiu.

75

Com a decisão tomada, duas pessoas decidem se encontrar
E fazer uma à outra felizes.

Robert Browning
Half-Rome

Robin estava parada diante da casa dos Longcaster em Belgravia no dia seguinte quando Strike ligou para ela.

— Novidades — anunciou ele sem rodeios. — Kenneth Ramsay acabou de ligar para me dizer que Jim Todd desapareceu. Ele não foi trabalhar na Ramsay Silver na quinta-feira, não foi ao escritório da Kingsway na sexta-feira, não está atendendo ao telefone nem às batidas na porta de seu apartamento. Estou me perguntando se ele reconheceu você no metrô e ficou nervoso. Há fotos suas na internet. Ele pode ter ligado você a mim.

— Ah — murmurou Robin, com um aperto no peito. Ela realmente não queria ser a razão para Todd ter desaparecido. Ela podia imaginar as piadas de Kim em relação a isso.

— Acho que ele pode ter caído morto no próprio apartamento dele, como McGee, mas se foi isso, parece uma grande coincidência. Vou tentar falar com os vizinhos de Todd quando tiver tempo.

Depois que Strike desligou, Robin ficou se sentindo profissionalmente inadequada, além de todas as suas outras preocupações. Todd desaparecido, possivelmente por causa dela; vigiar Albie Simpson-White não os deixou mais perto de Rupert Fleetwood do que estavam antes; e seus esforços para falar com Cosima Longcaster ainda não tinham dado resultados.

Cosima, como Robin já tinha descoberto, não era uma pessoa fácil de abordar para uma conversa. A jovem de vinte e um anos morava com os pais em uma casa

grande em Belgravia a cinco minutos a pé do clube do pai, o Dino's. A julgar pela conta de Cosima no Instagram, que tinha vinte mil seguidores, sua principal ocupação era socializar e fazer selfies, com trabalhos de modelo esporádicos em paralelo. Magra, com cabelo louro comprido e fino como o de um bebê, a pele, um misto de creme e pêssego e pernas de potro, Cosima publicava fotos no Instagram pelo menos duas vezes por dia, às vezes experimentando roupas diferentes em seu closet, mas normalmente posando com amigos em vários restaurantes e clubes da moda. Ela também passava muito tempo no Dino's.

A principal dificuldade para chegar a uma distância que lhe permitisse fazer perguntas a Cosima era o denso cordão de pessoas que a cercava constantemente. A garota ou estava em casa, cercada por funcionários uniformizados, ou se divertindo com grupos grandes de amigos em lugares onde a entrada exigia muito dinheiro ou ser um sócio. Quando ela circulava, era de Uber ou em um dos carros da família, com motorista, assim estava liberada para beber. Ela nunca parecia ir a pé para lugar nenhum, diferentemente de seu pai, cuja rotina invariável era sair de casa exatamente ao meio-dia, caminhar rapidamente até o Dino's para almoçar e ficar lá até as primeiras horas da manhã seguinte.

Dino Longcaster era um homem alto e forte, sempre impecavelmente vestido, com pele marrom e bolsas pronunciadas sob os olhos. Sua cabeça extremamente grande e redonda, com o cabelo grisalho alisado para trás, parecia uma bola de canhão, e sua expressão habitual era de tédio, beirando o desdém. Sabendo como ele tinha sido rude com Rupert Fleetwood, Robin achou quase agradável não gostar do homem com quem nunca tinha falado, vendo arrogância em tudo, desde a expressão de seu rosto ao nó de gravata perfeito.

Robin passou as horas seguintes esperando que Cosima saísse, mas finalmente foi forçada a ir embora sem tê-la visto, para aproveitar sua noite de folga com Murphy.

Ele tinha reservado para eles uma mesa em seu gastropub favorito em Wanstead, o Duke, o que, pelo menos, significava que Robin não precisava passar em casa primeiro para trocar de roupa. Ela retocou a maquiagem no metrô e saiu para a noite fria, olhando com regularidade para trás para ver se não estava sendo seguida, como vinha fazendo toda vez que estava sozinha no escuro.

Ela tinha andado apenas vinte metros quando seu telefone tocou. Era sua mãe outra vez. Robin desconfiou que estava prestes a ouvir notícias que não iriam

animá-la.

— Oi, mãe.

— Ah, Robin — gemeu Linda.

— O que aconteceu? — disse Robin em pânico.

— Nós achamos que eles se separaram, Martin e Carmen. Ele não quer falar sobre isso, mas dormiu aqui nas últimas três noites.

— Ah, meu Deus — disse Robin, olhando mais uma vez para trás; a rua estava vazia. — Então Carmen está sozinha em casa com um bebê doente?

— Ele, na verdade, não está *doente*, mas sim, ela está sozinha com ele. Não sei o que fazer. Ela nunca pareceu gostar muito de nós, e eu liguei esta tarde para oferecer ajuda, mas ela não atendeu.

Não havia nada que Robin pudesse dizer ou fazer para remediar a situação, mas ela ouviu pacientemente até soar um bipe avisando que outra pessoa estava ligando.

— Mãe, desculpe, mas tenho que ir. Ligo para você amanhã.

Ela mudou de ligação e disse:

— Robin Ellacott.

— Olá — disse uma voz tímida de menina. — Aqui é Zeta.

Por alguns passos, a exausta Robin não conseguiu de jeito nenhum se lembrar de quem era Zeta.

— Eu… eu não sei como você conseguiu meu telefone — falou a garota.

— Ah — murmurou Robin ao se lembrar: Zeta era a garota a quem Tyler Powell supostamente fizera algo ruim em Ironbridge. — Foi sua amiga Chloe Griffiths que me deu.

— Ah — disse Zeta com voz estridente. — Eu… eu preferia que ela não tivesse feito isso.

— Eu só estava ligando para obter um contexto da situação — explicou Robin, tentando parecer tranquilizadora. — Nada do que você me contar vai ser passado adiante.

— O que você quer saber? — perguntou Zeta, apreensiva.

— Chloe me contou que você teve uma experiência ruim com Tyler — disse Robin.

— Eu não quero que você conte à polícia!

— Eu não vou contar — garantiu Robin apressadamente.

— Porque eu não tenho nenhuma prova! Ele simplesmente vai dizer que não fez nada!

— Entendo. Ainda assim, eu gostaria de saber o que aconteceu.

— Bem… eu estava muito bêbada no Jockey & Horse. O pub. E eu estava falando sobre Anne-Marie, Hugo e o acidente… Você sabe sobre isso?

— Sei — confirmou Robin.

— Eu não quero problemas. Não quero que Tyler volte para… para me pegar, nem nada assim.

— Eu não vou contar à polícia — garantiu Robin outra vez.

— Bom, Tyler estava lá, e eu não percebi. Alguém deve ter contado a ele o que eu estava dizendo, e ele me abordou e estava com muita raiva. Então uma semana depois, quando eu estava voltando a pé para casa na Wellsey Road, no escuro, um carro subiu na calçada. Ele não me acertou por apenas alguns centímetros.

— Você conseguiu ver quem estava dirigindo?

— Não, os faróis estavam fortes demais.

— Mas você acha que foi Tyler?

— Acho.

— Você reconheceu o carro?

— Não, mas ele trabalha em uma oficina. Poderia ter apanhado qualquer um dos carros emprestado.

— Certo — falou Robin. — O que exatamente você estava dizendo sobre o acidente, Zeta?

— A mesma coisa que todo mundo estava dizendo. Tyler costumava se gabar de sabotar carros se não gostava das pessoas que os levavam para sua oficina. Todo mundo sabia disso.

— Entendi — disse Robin.

— Não conte à polícia — pediu Zeta.

— Eu não vou contar — afirmou Robin. — Você…?

— Então, tchau.

Zeta desligou.

Uma profunda apatia tomou conta de Robin enquanto ela caminhava. Estava farta de homens abusivos, insensíveis e com desvios sexuais, mas precisava mostrar um rosto alegre para Murphy quando chegasse ao pub para o que supostamente

seria uma comemoração pela oferta da casa ter sido aceita, porque não era culpa de Murphy se Tyler usava sua habilidade ao volante para aterrorizar mulheres jovens, ou se lorde Oliver Branfoot e Dino Longcaster gostavam de humilhar pessoas menos ricas e influentes do que eles mesmos, ou se Craig Wheaton policiava os e-mails e mensagens de sua namorada. Não era culpa de Murphy que Niall Semple tenha abandonado a noiva logo depois que ela perdeu o bebê, nem que Jim Todd tenha estuprado uma estudante, nem que Larry McGee fosse tão viciado em pornografia a ponto de não conseguir parar de assistir, mesmo no trabalho, ou que um homem não identificado — ou mais de um — estivesse usando o próprio estupro de Robin para intimidá-la.

Olhando para trás mais uma vez e tocando o spray de pimenta feito em casa, na bolsa, para se tranquilizar, Robin se lembrou de que milhões de homens, entre eles Murphy, seu próprio pai e seus irmãos, não eram depravados, violentos nem sádicos, mas pessoas boas e decentes. O problema era que esse tipo de homem bom e decente raramente aparecia em casos criminais. O trabalho dela, sabia bem, corria o risco de distorcer sua visão de mundo, e ela achou que seria bom tirar umas folgas, para escapar da Londres amargamente fria e escura e não ter de pensar sobre o lado sujo da vida dos homens; mas ainda não. Não agora. Havia muito a fazer.

Murphy já estava sentado a uma mesa de madeira com uma cerveja a sua frente quando Robin entrou no pub.

— Você está linda — disse ele.

— Você é um mentiroso — respondeu Robin, beijando-o. — Eu me pareço como estou me sentindo: arrasada.

Depois de ficar em pé o dia inteiro, foi um alívio se sentar, e Robin pediu uma taça de vinho torcendo para que, como aconteceu com o uísque na noite de Natal, isso a deixasse mais festiva.

— Escute — começou Murphy. Eles tinham brindado à casa nova, e Robin havia bebido um gole grande de vinho. — Eu não estou querendo fazer nenhuma crítica, está bem?

Ah, meu Deus, agora o quê?, pensou Robin.

— Por que você não me contou que Jason Knowles foi descartado como o corpo no cofre da loja de prataria? — perguntou Murphy. Seu tom de voz estava leve, mas seu olhar estava investigativo. — Você sabia, não sabia?

— É, eu sabia — confirmou Robin, cansada demais para mentir. Eles estavam indo morar juntos; ela precisava ser honesta com ele, pelo menos sempre que fosse possível. — Kim Cochran nos contou que a equipe que está trabalhando no caso o excluiu. Eu não te contei porque sei que você, desde o começo, não queria que investigássemos o corpo, e você disse aquela coisa sobre "superar a Metropolitana", então me senti desconfortável para mencionar isso.

— Certo — disse Murphy. — Então, você sabe de quem era o corpo no cofre?

— Não — respondeu Robin, com um pequeno tremor de culpa ao pensar, novamente, em Dick de Lion e em lorde Oliver Branfoot.

— Você me contaria se soubesse?

— Pare com isso, Ryan. Você acha que eu esconderia uma informação dessas da polícia?

— Não — negou Murphy. — Não acho que você esconderia isso da *polícia*, mas me perguntei se você contaria para *mim*, especificamente.

— Bem, é cl…

— Porque eu sei que fui um babaca em relação a isso — continuou Murphy.

Robin segurou a mão dele e a apertou.

— Eu entendo como você se sentiu — disse ela. — Eu sei por que você não queria que nós invadíssemos o seu espaço. O caso era muito delicado, eu entendo.

Murphy tomou outro gole de cerveja, então falou:

— Eu soube que Strike contou a eles que o corpo de Knowles foi para o "Barnaby's"

— É — confirmou Robin.

— Você descobriu o que é Barnaby's? Ou quem é ele?

— Não — disse ela, lembrando-se mais uma vez de que ainda não tinha comprado os presentes para os novos sobrinhos.

— Quem é esse contato que Strike tem que sabe todas essas coisas sigilosas?

— Eu não poderia contar a você nem se quisesse. Não sei seu nome verdadeiro.

— Ele é nitidamente bem informado — comentou Murphy.

— É — concordou Robin.

— Um criminoso, obviamente.

— É — repetiu Robin. Ela bebeu mais vinho, ainda segurando a mão de Murphy.

— Bem, eu tenho alguma informação para você, se você quiser — disse Murphy. — Sobre aquele Peugeot. O carro de fuga.

— Sério?

— É. A informação vai ser divulgada, o primeiro passo para reconhecer que Truman fez merda. Mas você pode tê-la antes.

Robin soltou a mão de Murphy para procurar o caderno dentro da bolsa. Murphy riu.

— O que foi? — disse Robin

— Sempre que você consegue alguma informação, você fica com a mesma expressão no rosto…

— Que expressão?

— Eu a vi no dia em que levei você para casa pela primeira vez, quando contei que tínhamos prendido Phillip Ormond. Como um cão avistando um coelho. Concentrada. Intensa.

— Ah — murmurou Robin.

— Eu gosto — disse Murphy.

Uma garçonete chegou para anotar seus pedidos de comida. Quando ela se afastou, Murphy abaixou a voz e falou:

— O Peugeot foi alugado em uma locadora em Reading bem tarde naquela quinta-feira.

— Quem o alugou? — perguntou Robin.

— Uma jovem loura.

— Uma *loura*? — repetiu Robin, pensando em Sofia Medina.

— É. Por quê?

— Porque… — Eles iam morar juntos. Ela precisava ser honesta com ele, tanto quanto possível. — Tem uma garota chamada Sofia Medina, uma estudante espanhola, que achamos que pode ter tido alguma coisa a ver com a morte do homem no cofre.

— É mesmo?

— É, mas ela tinha cabelo preto comprido… Ah — disse Robin ao ter um pensamento repentino.

— Ah o quê?

— Sofia tinha perucas. Ela as usava para seus vídeos no OnlyFans, uma testemunha me con… não, espere. A loura e a morena eram do mesmo tamanho?

— O quê? — disse Murphy, compreensivelmente confuso.

— Quero dizer, da mesma altura — disse Robin, pensando na magra e alta Sapphire Neagle, que tinha sido apelidada de Olívia Palito.

— Não tenho ideia — admitiu Murphy.

— Está bem, esqueça isso — pediu Robin. — Fale mais da loura.

— Ela apresentou uma carteira de motorista falsa na locadora.

— Você sabe que nome tinha nela?

— Não — negou Murphy. — Enfim, a equipe teve que assistir a centenas e centenas de horas de vídeos para tentar descobrir o que o veículo fez, e isso não foi fácil, porque as placas foram trocadas, e ele entrava e saía de áreas em que não há câmeras. Ela saiu da locadora de carros e entrou na M4 na direção da cidadezinha de Whistley Green e durante a noite sumiu de vista. No fim da manhã de sexta-feira, ela reapareceu na M4 com placas falsas e foi para Dalston.

— Dalston — repetiu Robin, que estava anotando. — Ela ainda estava sozinha no carro nesse momento?

— Estava — confirmou Murphy. — Desapareceu das câmeras em Dalston, mas eles têm quase certeza de que ela entrou em uma área de garagens meio abandonadas que vão ser demolidas. Houve um período de horas durante o qual o carro não foi visto, mas a loura foi filmada por uma câmera, a pé.

— Indo aonde?

— Ela entra na estação Dalton Junction. Ainda não descobriram nem onde nem quando ela desceu, mas uma garota de cabelo escuro comprido sai de Dalton Junction por volta das seis da tarde, usando roupas diferentes…

— Ah — murmurou Robin, ainda escrevendo.

— … e leva o carro para Newham.

Embora não demonstrasse nenhum sinal externo, Robin sentiu um tremor por dentro. Se a equipe da investigação do assassinato inicialmente tinha desacreditado Mandy, eles agora deviam ter mudado de ideia. Em voz alta, ela perguntou:

— Ele foi para a St. George's Avenue em Newham?

— Não sei, talvez. Então ele foi visto em Holborn, tarde da noite. A loura estava de volta ao volante. Pouco depois das três da madrugada, ele apanhou um homem no fim de Wild Court. O casal passou por áreas sem câmeras outra vez,

mas foi filmado brevemente em Newham — é, pensou Robin, agora a polícia com certeza devia ter mudado de ideia sobre a história de Mandy — por volta das cinco da manhã, então rumou para Orpington, na direção de Petts Wood, onde sumiu de vista outra vez, mas puseram de novo as placas originais no lugar. O carro reapareceu na M4, e a loura devolveu o veículo para a locadora de Reading em bom estado. Ela só ficou visível na câmera dos limites do estacionamento, em seguida entrou em uma van, mas as placas não são visíveis. A van partiu, e, se eles sabem o que aconteceu depois, meu contato não me contou.

— Qual era a marca da van?

— Não sei.

— Alguém revistou Petts Wood à procura da prata?

— Provavelmente, não tenho certeza.

— Seu contato é a mesma mulher que…

— Aquela com quem eu falei antes, é.

— Ela não tentou seduzir você em troca de informação, tentou?

Robin disse isso porque sabia que lhe daria prazer. Ele sorriu.

— Você não tem concorrência, pode acreditar em mim. O que aconteceu no pub na outra noite… ela estava lá. Foi isso. Ela simplesmente… estava lá.

Ao se lembrar de Strike e Nina Lascelles, Robin bebeu mais vinho, então falou:

— Obrigada, Ryan. Eu agradeço muito.

— Não foi nada — disse ele. — Então, nós devemos receber a análise de volta amanhã.

— Análise? — repetiu Robin de um jeito inexpressivo, então: — Ah, da casa, é, claro.

— É melhor que ela não tenha fungos na madeira.

— Ela parecia estar em condições muito boas — comentou Robin. — Tenho certeza de que tudo vai estar bem.

Eles conversaram sobre a casa até a comida chegar, quando Murphy tomou um gole de sua cerveja, então baixou a voz novamente.

— Então, escute… eu não preciso de resposta nem de nada esta noite, está bem? Não tem pressão. Só estou tentando aprender com meus erros.

— Que err…

— Eu deveria ter tido essa conversa com Lizzie, antes de nos casarmos. Sobre

filhos.

Robin sentiu um frio na barriga.

— Quero dizer, levando em conta que vamos morar juntos e tudo mais — acrescentou ele. — Eu só quero saber o que você está pensando. Depois do que aconteceu.

Um pensamento desagradável surgiu na cabeça de Robin: que ele tinha acabado de contar sobre o Peugeot só para amaciá-la para essa conversa; que ele achava que a recepção de informação ia deixá-la mais disposta a falar sobre óvulos congelados.

— Está bem — disse ela. — Bem, eu… não sei. Essa é a verdade. Eu simplesmente não sei.

Murphy parecia estar com expectativas, então Robin falou:

— Eu costumava achar que queria filhos. Ou talvez eu apenas esperasse tê-los, não sei. Aí eu arranjei esse trabalho, que amo mais do que qualquer coisa. Bem, não mais do que você — disse ela apressadamente, porque era isso o que você deveria dizer, não era, sentada diante do homem com quem ia morar junto? — Mas não consigo imaginar fazer esse trabalho e tentar criar uma família, com o trabalho e o estresse e… não o risco, não estou à procura de risco — disse Robin, com o spray de pimenta caseiro na bolsa e o punhal maçônico escondido na gaveta de meias. — Mas sim, eu provavelmente ficaria mais avessa ao risco se também tivesse filhos… Talvez chegue um momento em que eu queira muito tê-los, mas eu… eu não posso garantir isso. Não posso prometer que isso vai acontecer. Eu simplesmente não sei. Então, se isso é um grande empecilho…

— Não é — disse Murphy. — Eu só queria ter tido essa conversa com Lizzie antes de nos casarmos, porque eu não sabia que ela tinha certeza de que não queria ter filhos, e eu queria.

Se perguntando se ele tinha pesquisado as chances de um nascimento bem-sucedido por fertilização *in vitro*, Robin falou:

— Eu sei que tenho que tomar uma decisão sobre congelar os óvulos. Eu sei que o tempo não está do meu lado.

A sensação de opressão que ela tinha experimentado naquela casa de capitão de navio em Deptford, que ela achava ter deixado para trás, voltou.

76

Como devo chamá-lo?
Esse estranho magro, de feições sombrias,
E olhar aguçado?

Matthew Arnold
The Strayed Reveller

A ansiedade de Strike pelos resultados do teste de DNA se intensificara na quarta tarde sem notícias, então ele ligou para Bijou enquanto caminhava na direção da rua malcuidada em Holborn onde o desaparecido Jim Todd, ou Todd Jameson, que Strike agora sabia ser seu nome, tinha morado até bem recentemente.

— Eu ainda não tive nenhuma notícia — retrucou Bijou. — Assim que tiver, aviso a você.

— Você tem certeza de que as amostras foram entregues?

— Tenho, eu recebi um e-mail de confirmação.

— Alguns desses lugares dão retorno em dois dias — comentou Strike.

— Teve um fim de semana — disse Bijou com o que Strike considerou ser uma falta de preocupação deplorável. — Eu disse a você. Entro em contato quando tiver notícias.

Ele continuou andando, com o tendão latejando, o estado de ânimo sombrio. Não apenas estava ansioso pelos resultados do DNA, como o relacionamento com Robin continuava gélido. A última comunicação dela tinha sido um e-mail longo, detalhando os movimentos do Peugeot usado no roubo e assassinato da Ramsay Silver, dando crédito a Murphy pela informação de um jeito que sugeria, de forma passivo-agressiva, que Strike deveria transmitir seus agradecimentos ao agente do Departamento de Investigação Criminal. Strike tinha respondido apenas "muito interessante, vamos discutir". Ele deu continuidade a isso com uma

mensagem curta dizendo a ela que queria manter lorde Oliver Branfoot sob vigilância para tentar descobrir a localização do apartamento onde as filmagens secretas eram feitas. Robin não tinha respondido, possivelmente, pensou Strike, porque ainda estava com raiva por ele estar tentando provar a conexão maçônica entre Oliver Branfoot e Malcolm Truman.

Ele chegou à porta do movimentado restaurante libanês, acima do qual Todd tinha morado, e tocou todas as campainhas ao lado de uma porta lateral suja e pintada de cinza, sem nenhuma resposta. Ele, então, assumiu posição em uma porta do lado oposto, observando e esperando.

O restaurante tinha serviço de entregas, assim como mesas para comer no local, e cheiros apetitosos seguiam aqueles que passavam por Strike com seus jantares recém-comprados. A noite tinha caído quando, finalmente, um homem baixo de pele marrom, usando uma túnica branca manchada que sugeria que ele trabalhava em uma cozinha, dobrou a esquina e se aproximou da porta cinza. Strike atravessou a rua imediatamente, alcançando seu alvo no momento em que o homem botou a chave na fechadura.

— Boa noite — falou Strike. — Por acaso você sabe se Jim Todd está?

— Todd? — repetiu o jovem, piscando olhos cansados e injetados. Ele tinha sobrancelhas pretas grossas e um sotaque do Punjabi, leve mas perceptível. — Você o conhece?

— Não muito bem.

— Onde ele está?

— Era isso o que eu esperava descobrir — disse Strike.

— Ele é seu amigo?

— Não — respondeu Strike. — Só estou procurando por ele.

— Ele deve dinheiro a você?

— Não — repetiu o detetive. — Por quê?

— Ele me deve dinheiro. Cinquenta libras — disse o jovem. — Diga isso a ele quando encontrá-lo.

— Você emprestou dinheiro a ele?

— Eu ganhei dele.

O jovem girou sua chave na fechadura, que estava dura.

— Como você ganhou? — Strike quis saber.

— Pôquer — disse o outro quando a porta se abriu.

— Você, por acaso, era uma das pessoas que passaram a noite jogando pôquer com Todd na noite de 17 para 18 de junho no ano passado?

O jovem pareceu surpreso e um pouco apreensivo com a pergunta.

— Eu sou detetive particular — disse Strike, pegando um cartão. — Estou investigando um assassinato. Você precisou falar com a polícia sobre Todd? Para confirmar seu álibi?

— Precisei — disse o jovem.

— Ele estava mesmo jogando cartas com você naquela noite?

— Estava.

— Até que horas?

— Quatro. Ele queria continuar com o jogo. Não estava nem ganhando.

— Quando você viu Todd pela última vez?

— Não sei… há uma semana, talvez? Por que tem tanta gente atrás dele?

— Teve mais alguém? — perguntou Strike. — Além de mim e da polícia?

— Teve. Um outro cara veio à procura dele.

— Quando?

— Não sei — disse o jovem de modo vago. — Quarta-feira?

— Cara branco?

— É.

— Cabelo encaracolado? — disse Strike.

— Não sei — disse o trabalhador de cozinha. — Ele estava de chapéu.

— Ele, por acaso, usava óculos escuros mesmo do lado de dentro?

— Usava — confirmou o jovem, com uma leve surpresa pelo que ele nitidamente achou ser um palpite de sorte.

— Você falou com ele?

— Falei. Ele estava batendo na porta de Todd. Eu estava tentando dormir. Eu saí e disse: "Todd não está. Pare de fazer esse maldito barulho." Ele falou: "Aonde Todd foi?" Eu respondi: "Não sei, mas ele me deve cinquenta libras." Ele disse: "Você nunca vai ver essa grana", e foi embora.

Strike pegou sua carteira e extraiu dela um cartão de visita e cinco notas de dez.

— Sua ajuda pode ser muito valiosa para mim — falou. — Você consegue se lembrar de mais alguma coisa sobre o homem que veio procurar por ele? Traços faciais? Altura? Roupas? Sotaque?

Com os olhos nas notas de dez, o jovem disse:

— Ele não era tão grande quanto você.

— Certo. Mais alguma coisa?

— Quando ele saiu andando… foi engraçado.

— Ele mancava?

— Mais ou menos.

— O quarto de Todd ainda está vazio?

— Não, meu amigo o ocupou.

— Seu amigo ia se importar se eu desse uma olhada?

— Posso perguntar a ele.

Ele conduziu Strike até uma escada que fedia mais do que a casa de Daz e Mandy em Newham. Havia uma leve suspeita de urina velha. Uma luz fluorescente piscava no teto.

Strike subiu apoiado no corrimão atrás do trabalhador de cozinha. O prédio havia sido nitidamente adaptado para abrigar o maior número de inquilinos possível, e Strike duvidou que as modificações tivessem sido feitas com planejamento ou autorização. Uma porta à frente estava entreaberta, revelando um chuveiro sujo. Outras quatro portas tinham sido espremidas ali. Seu guia bateu na segunda.

— Gagandeep?

Depois de um minuto de conversa em punjabi através de uma porta fina, um segundo homem de pele marrom a abriu. Ele era alto, barbudo, com expressão igualmente exausta, e estava apenas de cueca boxer. Compreensivelmente desconfiado, ele se voltou para seu companheiro de casa, e outra conversa em punjabi rápida se seguiu, no fim da qual Gagandeep permitiu que Strike entrasse.

O quarto, cuja janela empoeirada dava direto para a parede de tijolos do prédio em frente, era pequeno e tinha poucos móveis muito velhos e baratos. A cama estreita, pensou Strike, deveria ter sido desconfortável para o quase esférico Todd. Havia pintura descascando nas paredes, uma lâmpada no teto e um carpete muito manchado.

— Todd deixou alguma coisa para trás?

— Deixou — respondeu Gagandeep.

Ele foi até o guarda-roupa e o abriu para revelar suas roupas parcialmente empilhadas embaixo de um número inadequado de cabides de arame. Depois de

procurar por alguns segundos, Gagandeep pegou um livro velho de capa dura que estendeu para Strike: *Saiba a hora de apostar: ganhe muito todas as vezes*.

— Eu gostaria de comprar isso de você — disse Strike, tirando mais dinheiro da carteira antes de dar cinco notas de dez para o sujeito. — E se algum de vocês vir o homem que estava batendo na porta de Todd outra vez — ele apontou para o cartão na mão do trabalhador de cozinha —, ligue para mim. Tem mais dinheiro para vocês se conseguirem me dar informação sobre ele.

77

O que dizer de uma palavra apressada?
O coração não se abala
Pela alfinetada de um verme
Onde suas raízes são rápidas?

Robert Browning
A Lovers' Quarrel

O Dia dos Namorados de Robin começou mal. Murphy tinha dormido no apartamento dela. Além de um cartão, ele comprara para ela um cachorro de pelúcia com um coração na boca, em alusão a sua oferta anterior de comprar para ela um cachorro. Depois que Robin tinha rido e o beijado, ele disse:

— Você pode levá-lo com você quando estiver de vigilância ou qualquer coisa que vá fazer essa noite. Dia dos Namorados por procuração.

Robin decidiu ignorar a clara sugestão de que Murphy ainda estava irritado porque ela tinha de trabalhar naquela noite, mas a culpa e a irritação residuais que isso lhe causou ainda a acompanhavam naquela tarde, enquanto vigiava a sra. Duas-Vezes, que estava comprando sapatos sozinha. Quando o celular de Robin tocou, ela ficou aliviada ao ver o número do escritório em vez do de seu namorado.

— Oi, Pat.

— Um homem chamado Wynn Jones ligou — informou Pat. — Amigo daquele Tyler Powell.

— Que bom — disse Robin, que tinha ligado para a fazenda em que Jones trabalhava e deixado uma mensagem pedindo que telefonasse para ela. — O que ele disse?

— Que não quer falar com você, que sabe quem contratou você.

— Ele disse quem?

— "O maldito Faber Whitehead" — citou Pat com desdém.

— Esse é o pai do garoto que se acidentou com o carro de Tyler — disse Robin. — Imagino que você não tenha salvado o número de Jones, né? — acrescentou ela com esperança.

— Salvei, sim — confirmou Pat.

— Você poderia me enviar, por favor? — pediu Robin quando um bipe em seu ouvido lhe disse que ela tinha uma ligação em espera.

— Vou fazer isso — disse Pat e desligou, deixando que Robin conferisse a tela do celular. Quando viu o nome de Murphy, teve um estranho pressentimento. E quando ela atendeu, as primeiras palavras dele foram:

— Nos passaram a perna.

— O quê?

— Um filho da mãe ofereceu mais cinco mil ao vendedor. O corretor acabou de me ligar.

— Ah, merda — murmurou Robin.

Mas ela ficou chocada com o alívio que tinha acabado de invadi-la.

— Você não parece exatamente aborrecida — observou Murphy.

— Claro que estou aborrecida, mas estou no meio da Selfridges, Ryan, não posso começar a chorar sem atrair atenção — disse Robin em voz baixa, enquanto a sra. Duas-Vezes experimentava sapatos de salto agulha verde-esmeralda. — Qual o conselho do corretor?

— Oferecer mais, obviamente.

— Certo, está bem… Você quer fazer isso? Ou nós procuramos outra coisa?

— Eu não quero mais um ano disso. Eu praticamente tive que arrastar você para ver a porcaria de três casas.

— Isso não é verdade — disse Robin, surpresa pela agressividade repentina dele e certa de que ele estava forçando uma discussão para aliviar sua frustração por ter sido passado para trás. — Eu gostei dessa, fui eu que defendi comprá-la, lembra?

— Mas você está feliz em abrir mão dela e continuar procurando.

— Eu não estou *feliz*, só estou perguntando se podemos pagar mais cinco mil! — disse Robin, enquanto a sra. Duas-Vezes admirava a si mesma em um espelho de corpo inteiro.

— Qual é seu objetivo, acabar com alguma coisa ainda menor?

— Eu não tenho um "objetivo", eu só preferia que nós não falíssemos…

— Bem, não é como se você precisasse economizar dinheiro para um carro novo, agora que Strike comprou um Land Rover para v…

— *Ele* não comprou um Land Rover para mim, o carro pertence à empresa da qual sou sócia — esclareceu Robin, mantendo a voz baixa com imensa dificuldade, perdendo a luta para não se deixar levar pela raiva abertamente —, e se tem alguma coisa que você queira dizer sobre as casas serem pequenas, vá em frente e diga.

— Eu não…

— Ah, *não*…? — interrompeu Robin em um sussurro alto e furioso. — Não me diga que não vai fazer pressão, para depois sugerir que eu não quero que haja espaço para crianças!

— Isso está na sua cabeça, não na minha!

— Não venha de gaslighting comigo, Ryan. Eu não sou idiota. Tenho que ir.

Ela desligou.

Alguns minutos depois, Murphy ligou novamente para ela. Robin não atendeu, porque ainda estava se sentindo agitada e aborrecida, não apenas por causa dessa nova explosão de Murphy, mas por sua própria sensação de alívio, que ela sabia estar lhe dizendo alguma coisa que estava suprimindo e negando desde que concordou em ir morar com ele.

Pela segunda vez em poucos dias, Robin imaginou fugir para algum lugar quente e luminoso, onde tivesse espaço para decidir o que realmente queria. A distância, sentia ela, poderia lhe dar perspectiva; um ambiente desconhecido poderia arrancá-la desse padrão de concordar porque sentia que deveria concordar, porque quando você dizia "Eu te amo", isso resultava em certas obrigações. Ela lembrou a si mesma mais uma vez de como Murphy tinha sido bom e atencioso depois da gravidez ectópica e após o período longo que ela passou na Fazenda Chapman, sem mencionar como tinha sido transparente e sincero na discussão sobre filhos. Ela achava — sabia — que o amava, mas quando ele ligou pela terceira vez, ela deixou a ligação cair na caixa postal novamente.

Robin passou a vigilância da sra. Duas-Vezes para Midge às quatro horas, então foi para a garagem onde o novo Land Rover estava estacionado, porque ela deveria render Strike, que estava vigiando a casa na Carnival Street onde Plug

Júnior tinha sido mordido por um cachorro e que Plug Sênior estava atualmente visitando. Ela tinha acabado de botar a chave na ignição quando chegou uma mensagem de Murphy.

Como você não está atendendo minhas ligações, vou escrever. Não era isso o que eu queria que acontecesse no Dia dos Namorados. Eu esperava que você ficasse tão desapontada quanto eu fiquei por perdermos a casa, mas não foi o que pareceu, isso é tudo o que eu estava dizendo. Eu disse aquilo sobre lugares pequenos porque nós dois gostamos de um pouco de espaço. Não tinha nada a ver com filhos.

Mentira, pensou Robin, e digitou em resposta:

Você falou sobre eu ter um "objetivo". Que "objetivo"? Também não gostei da observação sobre o carro. Achei que você fosse ficar satisfeito por eu não ter que investir milhares do meu próprio dinheiro quando estamos tentando comprar uma casa juntos, mas você aproveita todas as oportunidades para incluir Strike em uma discussão.

O telefone de Robin apitou várias outras vezes enquanto ela dirigia até Haringey, mas ela ignorou as novas mensagens. Um nó apertado de ansiedade e medo tinha se alojado em seu peito, embora ela não soubesse dizer do que estava com medo. De ser honesta consigo mesma? De ser honesta com Murphy? Das consequências prováveis, se ela expressasse a mínima reserva em relação a morarem juntos? Por que ela tinha se permitido ser arrastada para essa situação? Ela não tinha aprendido nada sobre ouvir suas próprias dúvidas com a calamidade que tinha sido seu breve casamento?

Mas isso não é a mesma coisa, ela argumentou contra si mesma. *Ele não é Matthew.*

A Carnival Street tinha uma fileira de casas caindo aos pedaços de um lado e um ferro-velho que ocupava toda a sua extensão do outro. Robin chegou e viu o

BMW de Strike estacionado a apenas algumas vagas de distância dela. Supondo que ele fosse embora agora que a havia visto chegar, Robin estacionou, pegou o celular e viu uma mensagem da mãe.

Martin e Carmen voltaram bjs

Que bom, respondeu antes de se voltar para as últimas mensagens de Murphy.

Eu não aproveito todas as chances para incluir Strike em discussões porque sei o que acontece quando falo sobre ele. Você fica exaltada.

A mensagem seguinte dizia:

Eu queria que conseguíssemos um lugar onde pudéssemos viver por muito tempo, não um lugar que comece a parecer apertado em poucos meses. Eu tenho a impressão de que você preferia manter tudo tão temporário quanto possível, como se fôssemos estudantes que podem se mudar em menos de um ano. E eu não acho que seja uma ofensa terrível querer quartos extras.

A última dizia:

Só porque eu quis uma conversa aberta sobre isso outra noite, você achou que eu só estou pensando em filhos. Eu não estou pressionando você, mas também não vou me desculpar por querer. Tudo o que eu desejo é honestidade recíproca.

A porta do carona se abriu. Robin se sobressaltou, e sua mão se dirigiu instantaneamente para a bolsa e o spray de pimenta antes que ela registrasse que era Strike entrando no carro.

— Tenho umas coisas para contar a você.

— Tudo bem — disse Robin, largando o celular e tentando se concentrar.

— O amigo de Plug em Ipswich que foi preso por crueldade com animais saiu para o complexo há uma hora, com um cão na traseira da van que, e vou citar Barclay palavra por palavra, "parece um maldito tigre". Aparentemente, muitos outros homens se juntaram desde então, todos em vans, e, mudando de assunto… Merda.

Plug e um amigo tinham acabado de sair de casa, arrastando um cão gigantesco que pareceu para Robin ser o tipo de criatura que poderia guardar os portões do inferno: um cruzamento entre um rottweiler e um buldogue gigante preto, muito musculoso e rosnando com uma focinheira. Foi necessário o esforço dos dois homens para colocá-lo na traseira da van de Plug.

— Você não quer…? — Robin começou a dizer enquanto ligava o motor.

— Não — disse Strike, puxando o cinto de segurança. — Eu vou junto.

78

Mais do que eu, se a verdade fosse dita,
Resistiram e suaram quente e frio,
E através de suas entranhas em gelo e fogo
O medo lutou com o desejo.

A.E. Housman
XXX, A Shropshire Lad

— É muito típico isso explodir na noite em que Barclay está na cola deles — disse Strike, pegando o telefone no bolso. — Ele precisa cair fora. Os caras que o arrastaram daquele telhado provavelmente estão lá.

Strike ligou para Barclay e informou que ele e Robin estavam a caminho, e que ele deveria ir embora antes de ser visto.

— Que noite estranha para fazer uma rinha, o Dia dos Namorados — comentou Robin depois que Strike desligou.

— Eu não acho que estamos lidando com românticos natos.

— Pelo menos ele não trouxe o filho junto — disse Robin. — Meu Deus, eu sinto pena do garoto.

— É, não consigo imaginar que seja muito divertido ter Plug como pai… Você leu meu e-mail sobre o homem de óculos escuros que procurou por Todd depois que ele se mudou? — perguntou Strike.

— É, eu li todos os seus e-mails — respondeu Robin, um pouco mais áspera do que pretendia.

— Está tudo bem?

— Está, sim — disse ela rapidamente. A última coisa que queria no momento era uma discussão sobre seu humor. — Você ia dizer outra coisa antes que ele saísse de casa. "Mudando de assunto…"

— Ah, é — disse Strike. — Eu acho que identifiquei Danny de Lion.

— Você está brincando!

— Não. Ainda não sei se ele está morto ou vivo, mas tem um registro dele em Sark, que se encaixa com tudo o que você descobriu com Fay: nenhum carro, só tratores ou carroças puxadas por cavalos, uma ilha pequena. Se eu encontrei o cara certo, o sobrenome verdadeiro dele é De Leon com um "e", não um "i". Ele tem a idade certa, e há algumas fotos antigas circulando pela internet que parecem com ele, antes de aderir à água oxigenada e ao bronzeamento artificial, e ele ainda tem mãe e um irmão que moram lá. Você sabe como é a bandeira de Sark?

— Não — respondeu Robin.

— A Cruz de São Jorge com dois leões passantes no quadrante superior esquerdo.

— Ah, meu Deus — disse ela, sem conseguir se segurar. A agência provar que Malcolm Truman tinha conspirado para ocultar os fatos em torno da morte de William Wright com certeza não ia aliviar a tensão em seu relacionamento com Murphy, embora ela estivesse com tanta raiva dele naquele momento que isso a estava aborrecendo um pouco menos do que aborreceria antes de seu telefonema sobre a perda da casa.

— Não consegui descobrir um telefone fixo da mãe nem do irmão — continuou Strike. — Mas Sark é tão pequena que estou pensando em ir até lá para bater em algumas portas. Eu não vou cobrar Decima — acrescentou ele, antes que Robin pudesse protestar. — Estou com o dinheiro da casa de Ted e Joan, vou pagar do meu próprio bolso.

— Você acha que De Leon era Wright, não acha? — perguntou Robin.

— Eu ainda não apostaria nisso — respondeu Strike —, mas ele é o único para o qual eu consigo encontrar uma narrativa coerente: era um chantagista e foi eliminado no cofre, porque isso dava a Branfoot o controle máximo sobre a investigação. Entretanto, estamos muito longe de provar isso, razão pela qual quero ir até Sark. Se a família de De Leon teve contato com ele depois de 17 de junho do ano passado, nós podemos excluí-lo. Se não teve, vou procurar o namorado de Fyola e tentar assustá-lo para que me conte onde Branfoot faz suas filmagens secretas. Descobrir o endereço do apartamento onde ele tem a câmera e o espelho transparente vai amedrontar seus capangas, se é que alguma coisa é

capaz de fazer isso.

O celular de Robin tocou e foi imediatamente conectado ao Bluetooth, revelando o nome de Murphy.

— Ignore — disse ela enquanto o telefone continuava a tocar. — Então você está inclinado a excluir Semple e Powell?

— Ainda não — respondeu Strike, que estava muito mais interessado no fato de Robin estar ignorando a ligação de Murphy no Dia dos Namorados do que em Niall Semple ou em Tyler Powell. — Tenho que admitir que, desde que me encontrei com Hardy, tenho repensado um pouco Semple.

— De que jeito?

— Foi só… ao ver o Freemasons' Hall e escutar Hardy. Acho que projetei muitas das minhas próprias coisas em Semple.

Murphy desligou. O silêncio que se seguiu pareceu particularmente alto.

— O que você quer dizer com projetou? — perguntou Robin.

— Nunca tive muito interesse em religião e misticismo, então acho que faz muito mais sentido para mim que um ex-membro das Forças Especiais tente voltar ao serviço ativo por conta própria, em vez de se esconder em uma toca de coelho maçônica. Mas ele *sofreu* uma lesão cerebral, e essa história das pontes está me incomodando um pouco… Eu baixei um livro que Hardy mencionou para mim, *Ponte para a luz*. Ele é uma introdução aos graus maçônicos.

Strike abriu o aplicativo do Kindle no telefone para ver as passagens que tinha marcado na noite anterior.

— Hardy me contou que tem uma ponte na cerimônia de iniciação no 15º grau, quando você se torna um Cavaleiro do Leste. Jade Semple me contou que o grau alcançado por Niall se chamava "Cavaleiro de alguma coisa". Durante a iniciação, o candidato tem que atravessar uma ponte sobre um rio com "corpos e membros e cabeças humanos flutuando nele". O candidato finalmente chega "à câmara do tesouro do rei Ciro, que contém os tesouros sagrados… a Arca da Aliança, candelabros de ouro, o altar e os recipientes de ouro e prata".

"Acho que eu vinha presumindo que para Semple fosse uma coisa ou a outra, que ele tinha uma escolha binária entre a guerra ou a maçonaria, mas isso — disse Strike, indicando o livro em seu celular — está cheio de referências a ser um soldado espiritual. Na verdade, quando você se torna um Príncipe Sublime do Segredo Real, você se torna um 'soldado de Deus para combater o fanatismo, a

intolerância, a irracionalidade e todos os males que transformaram a Terra em um inferno', o que não está muito distante de:

"Nós somos os peregrinos, mestre. Nós vamos
Sempre um pouco mais longe; pode ser
Além daquela última montanha azul coberta de neve
Do outro lado daquele mar revolto ou cintilante…"

— O que é isso? — perguntou Robin.

— Um poema de James Elroy Flecker — explicou Strike. — Foi adotado como uma espécie de declaração de missão das Forças Especiais. Está gravado no balcão do refeitório deles na base em Hereford, e também na torre do relógio, onde estão inscritos os nomes dos homens mortos em serviço. Um pobre coitado sobreviveu às operações de comando, só para ser atropelado por um motorista que não prestou socorro nos Estados Unidos.

— Você entrou na base das Forças Especiais? — perguntou Robin, com certa curiosidade.

— Uma vez. Como parte de uma investigação no Departamento de Investigações Especiais. Preciso dizer que a pilhagem deles seria uma boa concorrente de Kenneth Ramsay.

— Como assim?

— Eles têm vitrines inteiras repletas de prataria, e digamos apenas que alguns souvenirs valiosos, que antes pertenciam a ditadores, podem ter ido parar direto nos bolsos das Forças Especiais durante as rendições. Eles têm a pistola pessoal de Uday Hussein em um estojo na parede. Eles a pegaram ao lado de seu cadáver. O sentimento geral sobre guardar lembranças é "Quem quiser, que venha pegá-las". Duvido que alguém ache que seria capaz.

"Mas o que me incomoda sobre Semple ser Wright é que não consigo ver quem iria querer eliminá-lo. Assassiná-lo discretamente no subsolo de uma loja de prataria sem assumir responsabilidade por isso não me parece ser o estilo do Estado Islâmico.

"Com Tyler Powell, é o contrário. Temos um motivo claro para vingança, porque as pessoas acreditavam que ele foi responsável por duas mortes, mas ainda resta a questão: por que matá-lo no cofre? Powell parece o oposto de Semple: um

instrumento bem contundente. Por que montar um embuste tão elaborado, com tantas coisas que poderiam dar errado, só para infiltrá-lo disfarçado em uma loja de prataria e assassiná-lo em um lugar tão inconveniente?"

— Especialmente quando poderiam ter dado um amendoim para ele comer — disse Robin, e Strike riu. — E quanto a Fleetwood?

— Ele ainda parece tão improvável quanto Powell, até onde sei, mas não me esqueci dele. Kim vai vigiar Albie outra vez esta noite. Encontrar Tish Benton ajudaria…

Houve silêncio outra vez, e Robin se sentiu motivada a rompê-lo.

— Pat fez algum progresso com Hussein Mohamed?

— Fez, há três deles registrados como residentes da área de Forest Gate. Acho que vamos ter de recorrer aos antiquados métodos de bater perna e ir de porta em porta.

— Acho que ele *vai* para Ipswich — disse Robin quando Plug virou em direção à M11.

— Eu estou examinando o livro de pôquer de Todd, o que ele deixou para trás — disse Strike. — Há anotações a lápis nas margens que são interessantes.

— Dizendo o quê?

— Não é o que ele escreveu, ele estava apenas fazendo observações sobre seu próprio conhecimento quanto ao pôquer. É como ele escreve. Eu apostaria que Todd é disléxico. A ortografia está toda errada, mesmo com as palavras escritas da maneira correta no livro, para orientá-lo.

Por um ou dois segundos, Robin não entendeu por que isso era importante.

— Ah — murmurou ela ao compreender. — O currículo de Wiliam Wright?

— Exatamente. Cheio de erros de ortografia, segundo Pamela.

— Você acha que foi Todd quem o escreveu?

— Eu acho que há uma grande possibilidade. Todd saberia exatamente o que Kenneth Ramsay estava procurando e pode ter adaptado o currículo de Wright para se encaixar (o jiu-jítsu, o trabalho anterior em uma loja de antiguidades e assim por diante). Alguém também ajudou Wright a aprender o suficiente sobre prata para passar na entrevista. Todd trabalhou na Ramsay Silver por dois anos antes de Wright aparecer, e eu imagino que qualquer pessoa com contato frequente com Kenneth Ramsay acabaria sabendo mais do que queria sobre prataria maçônica.

— Você acha que foi Todd quem botou o endereço de Wright na lista de pessoas a serem entrevistadas?

— Acho, sim. Ele entrou em pânico quando soube que Pamela não gostou do currículo, e acrescentou o nome de Wright à lista de entrevistados sem que ela percebesse. Eu não acreditei que ele não soubesse a senha do computador quando falei com ele. Acho que Todd ajudou Wright a conseguir o emprego, e acho que ele sabia *exatamente* o que estava acontecendo na Ramsay Silver na noite de 17 de junho, e por isso insistiu em continuar jogando pôquer até as quatro da madrugada, para se assegurar de ter um álibi sólido. Enfim, estou atualmente tentando localizar a ex-prostituta mãe de Todd para ver se ela sabe onde ele está… Você viu que Patterson foi condenado?

— Vi — respondeu Robin. — Dois anos.

— Para mim, não chegou nem perto de ser tempo suficiente — comentou Strike. Quando Robin não respondeu, ele acrescentou: — Vi que eles divulgaram um pedido de informação sobre aquele Peugeot prata.

— É — disse Robin, que tinha visto fotos borradas do carro na internet naquela manhã. Apesar do novo apelo, não houve nenhuma admissão de que a polícia tivesse reconsiderado sua identificação de Jason Knowles.

— Se tanto a motorista loura quanto a morena eram Medina — disse Strike —, não sei bem por que ela não ficou de peruca o tempo todo.

— Imagino que uma peruca seria muito quente e provocaria coceira, com a quantidade de cabelo de verdade que ela tinha — comentou Robin.

— Ou talvez uma loura devesse fazer uma parte do trabalho, e uma morena, o resto, e ninguém jamais deveria associá-las — sugeriu Strike.

O sol estava se pondo, e Plug tinha acabado de acender as lanternas de sua van branca quando o celular de Strike, que ainda estava em sua mão, apitou. Pelo canto do olho, Robin o viu ler alguma coisa. Ele permaneceu totalmente imóvel por quase trinta segundos. Olhando de lado, Robin viu seu rosto aparentemente aflito.

— O que aconteceu?

— Eu… Nada — respondeu Strike.

— Não me venha com essa — disse Robin. — É mais coisa sobre Culpepper?

— Não, é…

Estupefato de alívio, Strike não conseguiu pensar em nada a dizer além da

verdade.

— Acabei de descobrir que não sou pai.

— O quê? — perguntou Robin com voz fraca.

— Eu não quis contar a você…

Strike se sentiu quase embriagado com a liberação da tensão, e sua boca pareceu estar agindo de forma independente do cérebro. Ele tivera essa sensação apenas umas duas vezes em toda a sua vida: ao chegar à velha casa em St. Mawes através de uma paisagem alagada, a tempo de estar com sua tia no leito de morte, e ao encontrar Charlotte, finalmente, no hospital, quarenta e oito horas depois de achar o vestido rasgado dela.

— Até ter certeza.

— Do quê?

— Bijou Watkins teve o bebê de Honbold prematuramente — explicou Strike —, e ele achou que pudesse ser meu. Eu fiz um teste de DNA, ela acabou de me passar os resultados, e isso não tem nada a ver comigo. Pelo amor de Deus — disse Strike, passando a mão pelo rosto antes de ler a mensagem de Bijou em voz alta: — "Acabei de ver isso, desculpe pelo atraso." Puta merda. Mas ela sempre soube que não era meu, então suponho que não estivesse com medo do resultado.

Ele olhou de soslaio para Robin, cujo olhar estava fixo nas luzes traseiras de Plug.

— Eu sei que deveria ter contado a você — disse Strike. — Eu só queria, depois de toda aquela outra merda com Culpepper, saber com certeza com o que estava lidando.

Quase contra sua vontade, a pressão implacável da raiva e da angústia que acompanhava Robin desde que Ilsa tinha lhe contado sobre o bebê de Bijou estava relaxando.

— Quando você fez o teste?

— Na quinta-feira. Eu me encontrei com ela no Savoy. Coletei uma amostra com um palito com algodão. Entreguei tudo para ela, e se eu nunca mais tornar a vê-la, vai ser muito bom.

Ele olhou de esguelha para o perfil de Robin.

— Pode dizer.

— O quê?

— Que eu sou um filho da mãe idiota e irresponsável que teria merecido, se a

criança fosse minha.

— Eu não ia…

— Eu direi isso, então. Eu sou um filho da mãe idiota e irresponsável e teria merecido…

— Acidentes acontecem — disse Robin, que queria saber o quanto Strike ia contar a ela.

— Não teria sido um acidente, não da parte dela. Ilsa me contou que ela é adepta de resgates na lata de lixo. *Pelo amor de Deus* — disse Strike outra vez, passando a mão pelo cabelo enquanto olhava ao redor. — Por que não tem bebida aqui? Nós deveríamos deixar uma garrafa sempre à mão.

— Para você poder celebrar toda vez que descobrir que não é pai?

— Não vai haver outra vez, posso prometer isso a você — afirmou Strike. — Chega de mulheres que são sinais de alerta ambulantes. Eu não tenho desculpa por não ver o problema quando ele está bem na minha frente. Eu tive dezesseis malditos anos de experiência.

— Então — disse Robin —, por que não respeitar o sinal de alerta?

— Porque às vezes — disse Strike, agora sem nenhuma cautela —, se você não consegue o que quer, aceita o que consegue.

Confusão e apreensão tomaram conta de Robin. O que ele quis dizer com isso? O que, ou quem, ele queria? Havia outra mulher que ela não sabia, de quem ele gostava? Ele estava falando da falecida Charlotte, agora para sempre além da esperança de correção ou de um reencontro? Ou estava insinuando que…? Mas ela não poderia se obrigar a perguntar. Estava com medo de dar um passo que pudesse deixá-la na posse de informações com implicações que iriam muito além de decidir se ela e Murphy deveriam fazer uma proposta mais alta pela casa.

Ao lado dela, Strike estava pensando: *me pergunte. Pergunte o que estou querendo dizer com isso e eu digo, porra. Pergunte.*

Nenhum dos dois falou. Eles seguiram viagem em silêncio.

79

(…) aos domínios de Hades ele desceu,
Para arrastar para a luz o cão de três formas
Do inferno (…).

Robert Browning
Herakles

Mais de uma hora depois, a van branca de Plug sinalizou para a esquerda e entrou em uma rua que levava ao complexo com terrenos baldios ao norte de Ipswich.

— Qual é o plano? — perguntou Robin, olhando através da escuridão a sua frente. As lanternas de Plug eram as únicas coisas nitidamente visíveis.

— Se possível, conseguir entrar tentando parecer que temos nosso próprio cão perigoso na traseira — respondeu Strike. — É nessas horas que um Land Rover é útil.

— Está bem — disse Robin —, mas, merda, eu não acho que isso vai funcionar, Strike, acho que eles estão checando nomes…

Um homem de barba com uma lanterna na mão estava parado no fim do caminho de terra que levava ao complexo. Plug baixou a janela; ele e o sentinela trocaram algumas palavras rápidas, e este último gesticulou para que ele passasse. Robin olhou pelo retrovisor e viu outra van se aproximando, uma azul.

— Vale a pena tentar — disse Strike. — Continue andando.

O homem corpulento estava olhando para a van azul atrás do Land Rover. Ele sorriu, acenou e sinalizou distraidamente que o Land Rover devia seguir em frente, então passou andando por ele, provavelmente para falar com um amigo.

— Bom trabalho — elogiou Strike quando Robin acelerou pelo caminho.

O barulho de gritos distantes e graves ficava mais alto conforme eles se aproximavam de uma faixa de terreno irregular na qual havia muitos carros e vans

estacionados. À esquerda, eles podiam ver os contornos de um grande grupo de homens, todos em volta de uma coisa que não conseguiam enxergar e que estava iluminada pelos faróis de três vans estacionadas.

Robin parou o carro. A vinte metros de distância, Plug saiu de sua van, praticamente invisível na escuridão. Construções anexas os cercavam, e também gaiolas de arame dentro das quais enormes cães latindo se misturavam.

— Depois que eu descer, faça a volta com o carro — disse Strike.

— O que você quer dizer com "descer"? Nós podemos filmar daqui! — falou Robin. Ela não gostou da aparência da multidão, muito menos dos rosnados, latidos e uivos que vinham não apenas da arena, mas dos veículos ao redor.

— Se eu conseguir filmar rostos, temos um processo, mas quero o carro de frente para a rua caso eu precise sair depressa. Fique aqui e mantenha as portas trancadas.

Antes que Robin pudesse protestar mais, Strike tinha descido do carro. Ela o observou caminhar na direção da multidão, andando com cuidado sobre o solo irregular. Até onde Robin podia ver, ela era a única mulher presente.

Ela fez a volta com o Land Rover para que sua frente apontasse na direção da rua. Só então se lembrou de que Murphy tinha escrito enquanto ela estava dirigindo e pegou o celular.

Este Dia dos Namorados está sendo uma bela de uma porcaria.

— De quem é a culpa? — disse Robin com raiva, largando o celular e se esticando para ver o grupo de homens ao qual Strike agora tinha se juntado.

Levando-se em conta sua altura, Strike não tinha dificuldade para ver o que estava acontecendo no centro da multidão que gritava. Dois cães enormes, um cinza e um malhado, os dois de pernas curvadas e focinho achatado, estavam emaranhados sobre a terra, rolando e rosnando, já ensanguentados. Muitos dos homens estavam filmando. Strike pegou seu próprio celular e começou a gravar.

A visibilidade era ruim, porque os faróis estavam apontando para os cães, não para os homens, mas ele pensou reconhecer nas sombras o rosto do amigo de Plug do trem. O homem que tinha o livro-razão em Ipswich estava aceitando dinheiro de alguns recém-chegados. Mudando de posição, Strike isolou seu alvo e deu um zoom em Plug enquanto ele vibrava e dava socos no ar, incitando os cães.

Strike pôde ver dois grupos de homens na multidão, esforçando-se para controlar os dois cães que iriam lutar em seguida, ambos com focinheira e quase fortes demais para segurar.

No meio do ringue, o cinza, que tinha um rasgo na cara, agora estava segurando o cão malhado pelo pescoço. Enquanto Strike assistia, vida e sangue começaram a se esvair do malhado, suas pernas se agitando com cada vez menos força enquanto sangue jorrava de sua jugular. Finalmente, um homem de cabeça raspada entrou no ringue e fez o gesto de um juiz de boxe com os braços, anunciando que a luta tinha terminado. Metade da multidão, incluindo Plug, gritou em aprovação, enquanto a outra metade vaiava. O dono do cão cinza correu adiante com outros dois homens; eles soltaram as mandíbulas do animal do cadáver, conseguiram, depois de alguma dificuldade, botar a focinheira e o puxaram do ringue improvisado por uma corrente pesada.

Strike continuou filmando enquanto o cão morto era arrastado para fora da arena por mais dois homens. Plug estava de papo com amigos dos seus dois lados. O dono de um dos cães que iam lutar em seguida estava chutando seu animal nas costelas, rindo conforme ele ficava cada vez mais enfurecido.

— Quem é você? — perguntou uma voz ao lado de Strike.

— O que você tem a ver com isso? — retrucou Strike, deliberadamente agressivo, olhando para o homem largo, muito tatuado e com piercing no rosto.

Mas ele achou que era uma boa hora para ir embora. Depois de guardar o celular no bolso, Strike saiu andando pelo solo escuro e irregular, estreitando os olhos em busca do Land Rover.

— Ei! *Você!*

Strike apertou o passo o melhor que conseguiu, ainda assim tentando manter cautela; ele não queria tropeçar, não com cães tão perigosos atrás dele. Houve mais gritos confusos, mas ele pensou ter ouvido:

— *Peguem a porra do telefone dele!*

Robin viu a silhueta de Strike andando o mais depressa que ousava naquele terreno irregular. Ela abriu a porta do carro, mas quando fez isso, viu uma criatura gigantesca, parecida com um buldogue, iluminada pelas lanternas de um grupo de homens que se aproximava. Eles retiraram a focinheira do animal e o soltaram, então ele começou a correr diretamente na direção de Strike.

— *Pega, Lennon!* — disse um dos perseguidores, incitando o cão a avançar, e

Robin soube que Strike, que agora cambaleava, não ia conseguir chegar ao carro antes de ser alcançado pelo cão. Ela enfiou a mão na bolsa, mas era tarde demais: o animal tinha saltado de trás dele e atingido Strike atrás dos joelhos; ele cedeu, e o animal cravou os dentes em sua coxa.

— MERDA!

Robin saiu do carro. As figuras nas sombras de homens correndo estavam crescendo, mas ela apontou o spray de pimenta para a cara agressiva do cão e o apertou a curta distância. Com um ganido frenético, o animal meio cego o soltou.

— ENTRE. *ENTRE!* — gritou Robin, mas Strike não apenas tinha sido mordido como tinha levado muito spray de pimenta no rosto, e, como resultado disso, não conseguia enxergar. Tateando a esmo na direção do lugar onde achava que o carro devia estar, ele conseguiu chegar até o veículo e entrar. O cão gigante estava uivando e esfregando a cara freneticamente no chão para tentar aliviar a queimação, mas a ameaça agora vinha dos homens a poucos metros de Robin. Prendendo a respiração e fechando os olhos, Robin jogou muito spray no ar a sua frente, então pulou de volta para dentro do carro, atrás de Strike, e bateu a porta quando um dos homens soltou um grito de dor, esfregando os olhos contra o vapor nocivo.

Punhos caíram sobre as janelas do carro, mas Robin já tinha ligado o motor. Ela pisou fundo, e o Land Rover disparou pelo caminho de terra, deixando um grupo de homens engasgando e tossindo em seu rastro.

80

O mundo para eles era rígido e sombrio
Seu destino era apenas chorar e gemer.
Ah, que eles mantenham sua fé sincera,
Pois nenhum deles poderia subsistir sozinho!

Matthew Arnold
Euphrosyne

— Puta merda, o que havia naquele borrifador? — arquejou Strike, que não tinha posto o cinto de segurança por estar incapaz de enxergar, com lágrimas jorrando dos olhos.

— Spray de pimenta. Desculpe. Desculpe mesmo, foi o único jeito…

Robin fez a curva na estrada em alta velocidade, então olhou de soslaio para Strike, que estava com uma das mãos apertando a parte interna da coxa, com sangue escorrendo pelos dedos.

— Ah, meu Deus, Strike… Você precisa ir a um hospital?

— Não… eu estou bem…

— Tem lenços de papel no porta-luvas.

Strike tateou à procura do trinco, com os olhos, que estavam inchando rapidamente, queimando.

— Nós precisamos de um hospital — afirmou Robin, olhando novamente para a virilha dele.

— Não, não precisamos — disse Strike entre os dentes, apertando um bolo de lenços de papel na parte interna da perna. — Olhe, se o filho da puta tivesse mordido dois centímetros mais para cima, eu nunca mais teria que me preocupar em ser pai de alguém. Ele quase arrancou minhas bolas.

Ele enfiou a mão livre no bolso e sentiu alívio ao encontrar o celular ali. Se o

tivesse deixado cair, teria perdido a visão sem nenhuma razão.

— Desculpe, desculpe *mesmo* — repetiu Robin, contendo o impulso histérico de rir. — Foi o único jeito de tirar aquele cão de cima de…

— Eu sei, vou ficar mais grato assim que tiver certeza de que ainda tenho meus globos oculares… A ONU deveria saber sobre esse maldito spray — arquejou Strike, limpando o rosto molhado com a manga do braço livre. — Se Saddam tivesse isso, ninguém teria nos culpado por invadir.

— Vamos encontrar algum lugar para parar… arrumar leite…

— Leite?

— É a melhor coisa para pimenta nos olhos. Precisei pesquisar quando toquei nos meus depois de preparar o spray.

Finalmente, Robin avistou um estacionamento e entrou. O adolescente de expressão entediada na janela do quiosque aceitou sem questionar o pedido dela de leite e entregou duas caixas, além de uma embalagem de lenços de papel.

Robin tornou a entrar no Land Rover, derramou um pouco de leite nos lenços de papel e os pôs nas mãos de Strike. Ele pressionou os dois chumaços nos olhos e, depois de algum tempo, murmurou:

— Está um pouco melhor.

— Bom. Como está sua perna?

— Bem. Mas sujei o assento de sangue, desculpe.

— O carro é de nós dois, não só meu — disse Robin.

Strike jogou a cabeça para trás, pressionando os lenços de papel embebidos em leite nos olhos.

— Infelizmente, o filho da puta não mordeu a prótese, como aquele Jack Russell, lembra? Isso teria quebrado a droga de seus dentes.

Alguns minutos se passaram, com Strike ainda encostado no banco do passageiro, de olhos cobertos. Depois de um tempo, Robin derramou leite em novos lenços de papel.

— Aqui — disse ela, puxando uma das mãos dele do rosto e botando os novos chumaços dentro dela.

— Obrigado — murmurou ele.

Eles continuaram sentados no pátio dianteiro que, se não fosse por eles, estaria vazio, com carros passando velozes no escuro, e Robin, observando Strike, que não conseguia vê-la, sentiu súbita e estranhamente como se ele tivesse entrado

novamente em foco. Ele era irritadiço, teimoso e reticente quando ela desejava que ele se abrisse, mas também era divertido e corajoso, e tinha sido honesto naquela noite, quando ela esperava que mentisse. Em suma: ele era seu melhor amigo imperfeito.

— Escute — disse Strike, com lenços de papel encharcados de leite ainda grudados nos olhos, que ardiam. — Eu nunca achei que você fosse o elo mais fraco.

Robin riu, embora estivesse feliz por Strike não conseguir enxergá-la, porque os olhos dela se encheram de lágrimas.

— Essa foi mesmo uma péssima escolha de palavras. Você não é a única com merda no seu passado. Um homem poderia se aproximar de mim por trás e gritar "bang" no meu ouvido, não é? Tudo o que eu quis dizer foi…

— Eu sei o que você quis dizer — interrompeu Robin.

— Eu tenho andado preocupado, só isso.

— Eu sei — disse Robin em voz baixa.

— Quer vir a Sark comigo?

— O quê?

— É um lugar muito pequeno. Nós podemos cobri-lo duas vezes mais rápido se formos juntos.

Strike percebeu que a tensão entre eles havia aliviado. Estava sentindo dor de mais para analisar o porquê da mudança, mas tinha a intenção de tirar o máximo proveito disso.

Robin imaginou pegar um avião e viajar para Sark. Perspectiva, luz, o mar…

— É — disse ela. — Está bem.

Ela tornou a ligar o carro. Os olhos de Strike continuavam ardendo e inchados, o ferimento na coxa estava se tornando cada vez mais doloroso, ele provavelmente precisava de uma vacina antitetânica, mas de repente estava mais feliz do que estivera em meses.

PARTE SETE

"A prata está mesmo lá", dizia ele repetidamente, "ela só deseja ser encontrada", então ele seguiu em frente, aqui e ali, onde quer que achasse que as chances fossem mais favoráveis.

John Oxenham
A Maid of the Silver Sea

81

Veja, portanto, que controlando primeiro seu próprio temperamento e governando suas próprias paixões, você se torna capaz de manter a paz e a harmonia entre os outros homens e especialmente entre os irmãos.

Albert Pike
Moral e dogma do rito escocês antigo e aceito da maçonaria

Levou quarenta e oito horas inteiras para que a parte branca dos olhos de Strike se recuperasse do spray de pimenta. Durante esse tempo, ele tomou uma vacina antitetânica de emergência e passou o vídeo da luta de cães e os nomes e endereços de Plug e de seus amigos para a polícia em Ipswich. As mordidas na parte interna da coxa de Strike significavam que andar estava ainda mais doloroso do que o habitual, mas mesmo assim seu estado de ânimo permaneceu positivo. Não apenas Robin tinha concordado em ir com ele a Sark, como também decidira não atender à ligação de Murphy no Dia dos Namorados, e seus sentimentos em relação a Strike pareciam ter voltado ao estado normal.

Strike reconhecia que não sabia exatamente que estado era esse, mas sua amizade, pelo menos, parecia ter sido misteriosa e completamente restaurada. O universo, pelo visto, tinha decidido que, em vez de ser a vítima de uma cruel piada cósmica, Strike ia receber um mínimo de esperança, e ele ficou tão empolgado, tanto pelo restabelecimento de um relacionamento normal com Robin quanto pelo fato de não ter gerado uma filha, que agora ousava se perguntar se poderia ter uma chance de fazer uma declaração que até muito recentemente considerava impossível, em um lugar propício na ilha de Sark.

O mais cedo que ele e Robin poderiam viajar para a ilha era na quarta-feira da semana seguinte, porque a balsa que saía de Guernsey não levava passageiros às segundas e terças na baixa temporada. Pat reservou quartos para os detetives no

Old Forge, a única pousada aberta em fevereiro, e Strike pesquisou sobre o lugar na internet. Ele podia não ter as mesmas vistas daquele hotel em Lake District que ele havia escolhido com grandes esperanças, mas tinha seu próprio charme rústico. Melhor ainda, ele e Robin estariam completamente sozinhos na casa remota: o proprietário, que também providenciava o café da manhã, morava em outro lugar.

Enquanto isso, Robin e Murphy tinham conversado muito desde o Dia dos Namorados. Murphy havia pedido muitas desculpas pelo seu antagonismo diante da perda da casa, o que fez com que Robin se sentisse obrigada a fazer uma concessão, então ela contou a ele, com honestidade apenas parcial, que estava adiando a procura por um lugar adequado para morar, não porque não quisesse dividir uma casa com ele, mas porque a vida dos dois já estava ocupada e estressante o bastante sem essa busca. Ela disse que ficaria feliz em fazer uma oferta maior pela casa de dois quartos se Murphy também ficasse, e tentou ignorar como seu ânimo arrefeceu um pouco quando ele concordou.

Murphy, então, conduziu a conversa novamente para filhos, só porque, ele enfatizou, queria que eles fossem completamente honestos um com o outro, e não por a estar pressionando a tomar uma decisão. Devido a um desejo obscuro de conciliação e por se sentir culpada pelas recentes meias-verdades e mentiras deslavadas, Robin revelou pela primeira vez que tinha ido ao médico para fazer um check-up, e que lá ela soube que as chances de uma gravidez bem-sucedida com fertilização *in vitro* eram muito mais baixas do que achava. Murphy não conseguiu esconder muito bem sua felicidade só por ela ter conversado com um médico, nitidamente imaginando que isso significava que ela estava contemplando um iminente congelamento de óvulos. Na esperança de tirar o máximo de proveito dessa boa vontade, Robin contou a ele que ia viajar para Sark a trabalho na semana seguinte.

Ele recebeu essa notícia bastante bem, mas quando os dois se encontraram para pedir comida no apartamento de Robin na noite de segunda-feira, dois dias antes de ela viajar para Guernsey com Strike, Murphy observou, sem motivo aparente, que eles nunca tinham tirado férias juntos no exterior. Robin concordou que essa seria uma coisa boa de se fazer, e torceu para que o assunto parasse por aí.

Pouco depois, eles foram para a cama, e Robin apagou a luz, mas o silêncio parecia carregado de coisas não ditas. Robin tinha certeza de que havia alguma

coisa a caminho que ela não ia querer ouvir. Então Murphy disse no escuro:

— O que você teria desejado fazer, se a gravidez não tivesse sido ectópica?

— O quê? — perguntou Robin, embora ela o tivesse ouvido com muita clareza.

— E se a gravidez tivesse sido viável? O que você teria desejado fazer?

Robin sentiu como se a cama tivesse derretido embaixo dela. Essa era a pergunta que ela temia, a pergunta que não ousara fazer a si mesma, e ela soube por que Murphy a fez quando eles não podiam ver o rosto um do outro. Cada segundo pareceu durar uma hora. Por fim, ela disse:

— Essa não é uma pergunta justa.

Robin esperou que ele falasse, mas ele não fez isso, então disse:

— Eu não sabia até estar terminado. Eu não tive escolha. Ele, o embrião, o que quer que fosse, estava morto antes que eu soubesse.

— Mas e se não estivesse? Se você tivesse a escolha?

— *Essa não é uma pergunta justa.*

A voz de Robin tinha vacilado e saído de controle.

— Foi um acidente — disse ela. — Um erro. Isso não deveria ter acontecido.

— Mas se…

— Eu não sei, Ryan. Eu não sei como ia me sentir se engravidasse acidentalmente de um bebê que pudesse sobreviver e *nunca* vou saber, não é?

— Eu não…

— Queria me aborrecer? Queria discutir? Por que agora? Por que me perguntar esta noite?

Mas ela sabia por quê. Era por causa de Sark, por causa de Strike; Murphy podia não estar fazendo isso conscientemente, mas ela percebeu que ele queria ao mesmo tempo castigá-la e forçá-la a fazer confissões que fossem garantias ou rejeições.

Ele se tornou conciliador assim que ouviu o sofrimento na voz dela, e Robin, cansada demais para querer discutir, se esforçou para responder com simpatia. A conversa breve que se seguiu não resolveu nada, e, embora tenha terminado com Robin nos braços de Murphy, ela teve de se esforçar para ficar ali, deitada em silêncio, com um nó familiar de raiva e aflição no fundo do estômago.

— Você está bem? — perguntou Pat com voz rouca, removendo o cigarro eletrônico para fazer a pergunta quando Robin entrou no escritório na manhã

seguinte.

— Estou — respondeu Robin.

Ela tinha acabado de ver uma coisa no Instagram que, embora não acabasse com seus problemas pessoais, tinha, pelo menos, os empurrado para o fundo de sua mente.

— Você sabe onde Kim está? — perguntou ela a Pat.

— Em Forest Gate, tentando encontrar a casa daquele Hussein Mohamed.

— Como você está se saindo com Powell? — questionou Robin, olhando para a longa lista de pubs com "silver" no nome, a maioria deles riscada, que estava em cima da mesa da gerente do escritório. Silver End, Colchester; Silver Ball, Cornualha; Silver Hind, Lymington…

— Nenhuma sorte. Ele contou a você — Robin sabia que Pat estava falando de Strike, a quem ela sempre se referia como "ele" quando o detetive não estava presente — que só tem uma pousada aberta em Sark? Vocês estão fora da temporada

— Eu sei. Isso não tem importância, não é como se estivéssemos viajando de férias — disse Robin, quase como se Murphy pudesse ouvi-la, e, ávida para mudar de assunto, falou, olhando para o aquário: — Os peixes estão bem.

— Ele não gosta do preto — disse Pat.

— Quem, Strike? — perguntou Robin, olhando para o peixe com a cabeça empelotada enquanto ele ondulava lentamente pelo meio das plantas de plástico.

— Eu disse que se parece com ele — falou Pat, e, por mais infeliz que Robin estivesse se sentindo, ela riu.

Seu celular apitou, ela olhou para ele e viu uma foto enviada pela mãe, que mostrava Stephen e Jenny lado a lado com Martin e Carmen, as duas mães segurando seus bebês: o gordo Barnaby e Dirk, de aparência frágil. Com mais uma pontada de culpa, Robin se lembrou de que ainda não tinha comprado presentes para nenhum de seus novos sobrinhos.

Ela foi para o escritório interno, sentou-se à mesa dos sócios e estava prestes a ligar para Kim quando seu celular apitou com uma mensagem. Para sua surpresa, ela viu que era de Wynn Jones, amigo de Tyler Powell, para quem ela tinha escrito no dia anterior, reiterando seu pedido de entrevista e garantindo a ele que não estava trabalhando para os Whitehead.

A mensagem de Jones tinha uma foto de Robin que havia saído na imprensa

dois anos antes. Ele havia escrito: **Essa é você?**

Sou, escreveu Robin em resposta. **Por quê?**

Para seu desagrado, Jones respondeu com um emoji babando.

Robin sabia que o mundo estava cheio de rapazes cuja reação instintiva a qualquer mulher de aparência passável eram piadas de cunho sexual. Ela também sabia que, no interesse de promover essa nova linha de comunicação, deveria responder com um emoji de riso. Ela fez isso, sem sorrir, então respirou fundo e ligou para Kim Cochran.

— Oi — disse Kim, atendendo depois de alguns toques. — Tudo bem?

— Alguma sorte com a casa dos Mohamed?

— Ainda não — respondeu Kim.

— Certo — disse Robin. — Bem, eu queria falar com você sobre a garota de cabelo escuro com quem Albie Simpson-White se encontrou, no Sun in Splendour.

— Clarissa, é. O que tem ela?

— Bem, para começar, o nome dela não é Clarissa — afirmou Robin. — Aquela era Laetitia Benton, a garota que estamos tentando localizar.

— Não — disse Kim com total confiança. — O nome dela era Clarissa, ele a estava chamando de "Riss" ou alguma outra abreviação assim.

— Os amigos de Laetitia Benson a chamam de "Tish" — continuou Robin —, e eu *sei* que aquela era ela, porque ela acabou de aceitar minha solicitação para segui-la no Instagram. As fotos mais recentes são das férias dela, não na Sicília, que foi para onde você disse que ela ia, mas na Sardenha.

— Certo, está bem, eu ouvi mal — disse Kim despreocupadamente. — Mas nós sabemos onde ela está morando agora, então quando ela voltar da Sardenha…

— Graças a você não levar essa vigilância a sério, nós perdemos uma oportunidade de falar pessoalmente com uma das pessoas que eram mais próximas de Rupert Fleetwood antes de seu desaparecimento. Ela era nossa melhor pista.

— Eu sempre levo a vigilância a sério — rebateu Kim —, mas aquele pub era muito barulhento, e eu não sou a única que cometeu um erro recen…

— Você contou a Strike que podia não ter ouvido corretamente? — perguntou Robin.

— Eu achei que *tinha* ouvido corretamente, então por que eu diria a ele que não tinha? Desculpe, mas acho que você está exagerando as coisas, por algum

motivo. Você pode enviar um e-mail para ela, não pode?

— Eu achei que uma mulher com sua experiência saberia que é muito mais difícil para uma testemunha se recusar a falar pessoalmente — disse Robin.

— Testemunha — escarneceu Kim. — Nós nem sabemos se ela sabe alguma coisa!

— Então você só se esforça quando acha que vale a pena?

— Não — disse Kim, com mais um de seus risinhos —, mas…

— Você sabe que sou sócia desta agência, não sabe? — perguntou Robin.

— É óbvio que sei.

— Então talvez você queira mudar de tom.

— Só estou pontuando que…

— Um pedido de desculpas seria ótimo — falou Robin.

— Certo, está bem, desculpe!

Robin desligou.

Sua explosão de raiva não fornecera a catarse pela qual ansiava.

Ela olhou para o celular a fim de conferir se Wynn Jones havia escrito outra vez, mas ele não o fizera, portanto, ela ligou o computador e entrou no site de pessoas desaparecidas no qual Sapphire Neagle estava listada. A garota ainda não fora encontrada.

Depois de ficar sentada pensando por alguns minutos, Robin abriu o vídeo do interior da Ramsay Silver que ela havia salvado.

A existência de uma loura que havia dirigido o Peugeot 208 tinha lembrado Robin de uma coisa à qual ela não havia dado importância antes. Ela avançou o vídeo, então apertou o play quando a figura borrada da cliente loura entrou na Ramsay Silver.

Era impossível distinguir seu rosto, mas o corpo era discernível: baixa e magra, mas cheia de curvas. Sem dúvida não era, como Robin quis verificar, uma garota que poderia ser chamada de "Olívia Palito". Mesmo assim, ela parecia jovem pelo jeito com que se movia entre os armários. Seu cabelo, ondulado e razoavelmente curto, era um borrão esbranquiçado. Ela estava usando um vestido, em vez do top e da calça jeans de Medina, mas carregava uma ecobag bem grande no ombro. Será que poderia conter uma muda de roupa?

Robin a observou conversar com Pamela, que vestiu as luvas brancas para abrir um armário. Wright subiu do subsolo e carregou um dos caixotes de tamanho

médio para o cofre.

Todd chegou, mas Robin ainda estava observando a loura. Parecia um lugar estranho para uma jovem fazer compras… Claro, ela podia ter um parente maçom…

Então Wright e Todd pegaram o caixote maior e desapareceram de vista outra vez, enquanto a loura, ainda sendo atendida por Pamela, examinava algo pequeno no mesmo mostruário do qual Kenneth Ramsay tinha pegado o relógio de bolso triangular e o amuleto de orbe para mostrar a Robin.

Pamela abriu o mostruário. Alguma coisa não identificável foi escolhida pela loura, e Pamela foi até o caixa quando Wright reapareceu, seguido um tempo depois por Todd.

A cliente loura foi embora, agora com uma sacola preta pequena contendo sua compra. Pamela desceu a escada até o cofre.

Robin deixou que o vídeo continuasse sendo exibido enquanto pensava sobre a loura e a morena que tinham dirigido o Peugeot 208. Duas jovens, ou uma única jovem trocando de roupa e de peruca? Ela desconfiava muito da segunda opção, e que a mulher em questão fosse Sofia Medina.

Na tela, as figuras borradas de Wright e Todd gesticulavam uma para a outra, Todd nitidamente indicando que queria ir embora, e Wright, segundo os movimentos agitados das mãos, protestando. Todd saiu. Wright agora estava sozinho, de costas para a câmera. Às 17h55, ele atravessou a loja para acionar a manivela e começou a baixar as persianas de metal por cima das vitrines.

Robin estendeu a mão e apertou o pause. Tinha acabado de perceber uma coisa que não tinha registrado antes. Ela voltou o vídeo.

Foi quase imperceptível, mas Wright havia tropeçado de leve durante sua caminhada na direção da vitrine. Robin se lembrou imediatamente de uma vítima de assassinato em um caso anterior que foi vista cambaleando quando saía do trabalho. Naquele caso, a explicação tinha sido que ela havia sido drogada, mas isso não parecia provável no caso de Wright. Talvez ele estivesse apenas cansado; ele tinha levantado e carregado muitas coisas. Mesmo assim, Robin voltou a imagem e assistiu a seu leve tropeço outra vez, estreitando os olhos em um esforço para tornar a figura mais nítida, sem sucesso.

Parecia que seu pé havia atingido um pequeno obstáculo, mas, devido aos muitos mostruários de vidro que enchiam a área da loja e à qualidade ruim das

imagens, foi impossível ver o que poderia ter feito com que ele tropeçasse. Mesmo depois de assistir ao incidente cinco vezes seguidas, ela não descobriu mais nada e desligou a gravação. Enquanto fazia isso, chegou outra mensagem de Wynn Jones.

Eu não ia me importar de ser revistado por você

Só para o caso de Robin não ter entendido a piada sutil, ele acrescentou dois emojis de gota que, como Robin sabia muito bem, podiam significar suor ou ejaculação. Menos animada do que nunca, ela mesmo assim respondeu com outro emoji de riso.

82

O barro jaz imóvel, mas o sangue é um andarilho;
O fôlego é um produto que não se conserva.
Levante-se, rapaz: quando a jornada terminar,
Haverá tempo suficiente para dormir.

A.E. Housman
IV: Reveille, A Shropshire Lad

Apesar do cansaço, e sem contar com os sentimentos perenes de culpa e ansiedade que estavam rapidamente se tornando habituais, Robin chegou a Gatwick às seis horas da manhã seguinte em um estado de relativa alegria e empolgação, porque estava realizando o desejo de sair de Londres, por mais breve que fosse.

Ela entrou no aeroporto puxando sua pequena mala com rodinhas e examinando os guichês de check-in à procura do sócio, mas não viu sinal dele. A última mensagem de Strike para ela tinha sido às dez horas da noite anterior, quando ele estava seguindo o ainda em liberdade Plug. Robin tinha acabado de entrar na fila quando viu Strike caminhando em sua direção, com uma bolsa grande pendurada no ombro, barba por fazer, olheiras de cansaço e mancando um pouco.

— Passei a maldita noite inteira acordado — foram suas primeiras palavras quando ele se juntou a ela.

— Por quê?

— Plug ainda não foi preso. A coisa está ficando feia.

— O que você quer dizer com isso?

— Ele estava com dois cães menores no carro. Foi até a Carnival Street 15 outra vez, porque aquela monstruosidade preta nitidamente não morreu no massacre do Dia dos Namorados, e levou os cães para dentro pela nuca.

Seguiram-se barulhos horríveis, parecia que o monstro preto os estava destroçando.

— Ah, meu Deus — disse Robin.

— Eu liguei para a sociedade protetora dos animais e disse que eles precisavam ir até a Carnival Street o mais rápido possível. Quanto antes aquela coisa for detida, melhor. Enfim, Plug então foi de carro até a maldita Barking[2].

— Apropriado.

— O quê? Ah, é… Bem, eu acho que aquele cão preto infernal tem uma irmã, porque por volta das cinco da manhã, Plug saiu de uma casa horrível carregando um filhote que se parecia muito com ele. Enfim, eu falei com o tio dele pelo telefone logo cedo. Ele está muito furioso porque Plug ainda não foi preso. Por pouco ele não me culpou.

— Como isso pode ser sua culpa?

— Clientes, não é? — disse Strike. — Acham que temos que ser capazes de fazer mágica. Eu disse a ele que a polícia vai tentar identificar e prender simultaneamente tantas pessoas do ringue quanto possível, para que não avisem o restante, mas, ao que parece, é tarefa minha fazer com que eles trabalhem mais depressa.

Depois de despacharem a bagagem, eles seguiram para a sala VIP, onde Strike tomou dois expressos em uma tentativa de despertar. Esse não era o jeito que ele tinha planejado partir para Sark. Considerando a declaração que esperava fazer lá, ele quisera pelo menos ter tomado uma chuveirada primeiro, e no momento estava exausto demais para pensar em qualquer coisa divertida para dizer. Robin, que podia ver que ele estava se esforçando para manter os olhos abertos, decidiu esperar até eles estarem no voo antes de começar a conversa sobre a Bélgica e Reata Lindvall que estava louca para ter. Ao mesmo tempo, e apesar de Strike estar tão sonolento, ela saboreou uma leveza que não sentia havia muito, e percebeu que parte da razão era que ninguém estava prestes a começar uma conversa sobre bebês perdidos e óvulos congelados com ela.

Quando eles finalmente foram para o avião, Robin deixou que Strike ficasse com o assento da janela, porque ele era grande o bastante para incomodar os vizinhos dos dois lados caso se sentasse no meio. O jovem à esquerda de Robin falava fluentemente em francês com seu amigo do outro lado do corredor, então ela se sentiu segura para dizer a Strike:

— Eu li muito sobre Reata Lindvall ontem à noite. Sei que você não acha…

— Esqueça o que eu disse antes — pediu Strike, um pouco mais alerta pela ingestão de cafeína e achando que deveria aproveitar o que poderia ser uma onda de energia. Ele estava preparado para negar qualquer coisa que tivesse dito se isso melhorasse suas chances com Robin, e, enquanto também tinha informação nova para compartilhar, ficou mais do que satisfeito em escutá-la primeiro.

— Está bem — disse Robin —, eu sei que Jim Todd não pode ter matado Reata Lindvall e sua filha, porque estava preso na época por tráfico humano, mas ele parece bem conectado, criminalmente falando. Tão bem conectado quanto Jason Knowles, à sua maneira.

— É — concordou Strike. — É uma pena que ele seja velho demais para ter sido um dos jovens marginais de Branfoot. Isso teria sido um encaixe perfeito. Ele poderia ter recomendado Oz para Branfoot como o assassino.

— Oz parece ser mais novo que Todd, não parece? Mas não *exatamente* novo.

— Concordo — disse Strike —, mas ele e Todd parecem ter um gosto idêntico em matéria de vítimas: adolescentes e mulheres muito jovens. Acho possível que tenham se conhecido no negócio de tráfico humano.

O avião começou a se mover.

— Bem, eu descobri algumas coisas novas sobre os assassinatos das Lindvall ontem à noite — prosseguiu Robin. — Eu estava examinando reportagens antigas, e é óbvio que elas são principalmente em francês, então não foi fácil, mas os restos humanos que encontraram na floresta são interessantes, mais pelo que estava faltando do que pelo que havia lá.

— Que partes estavam faltando?

— Cabeças, mãos e pés — informou Robin. — Os fragmentos de ossos que eles recuperaram eram tão pequenos que eles não conseguiram nem dizer se vinham de um adulto ou de uma criança. A pessoa de quem eram os ossos parece ter sido desmembrada, e os ossos depois foram queimados para torná-los mais fáceis de triturar.

Empurrada para trás em seu assento quando o avião se ergueu no ar, ela abriu uma reportagem salva em seu próprio telefone que mostrava fotos da floresta ao lado de Lac d'Ougrée.

— Eu sei que animais selvagens podem ter desenterrado ou levado partes dos cadáveres nos anos anteriores à descoberta dos restos mortais — disse Robin —,

mas parece muito conveniente que raposas tenham removido exatamente as partes que poderiam levar a uma identificação.

— Parece mesmo — falou Strike. A cafeína estava perdendo efeito mais rápido do que ele esperava, mas ele estava se esforçando para se concentrar, em parte pelo desejo de agradar, mas também porque seu interesse tinha sido realmente despertado. — Então nós temos uma nítida semelhança no *modus operandi* do assassino das Lindvall e de William Wright?

— Exatamente — disse Robin —, mas tem mais: a maioria das matérias antigas que encontrei parte do princípio de que Reata e Jolanda estavam ambas na floresta, porque roupas e pertences das duas foram encontrados lá, mas o relato contemporâneo mais detalhado que encontrei, que eu tive que traduzir para o inglês, diz que os fragmentos de ossos só mostravam um único DNA. O problema é que tanto Reata quanto Jolanda tinham pais desconhecidos, e a mãe de Reata tinha sido cremada, então não havia como dizer se os fragmentos eram da mãe ou da filha, e, é claro, os pertences na floresta tinham apodrecido e enferrujado, então não puderam ser testados, e o namorado acusado tinha se livrado de todas as coisas delas em casa.

— Isso dá o que pensar — falou Strike, não com honestidade total. Apesar de seus esforços, ele estava ficando cada vez mais grogue.

— E então o caso se transformou em uma questão política — acrescentou Robin, deslizando para a direita para mostrar a foto de uma passeata de mulheres em uma ponte sobre o rio Meuse, perto de Lac d'Ougrée. — Você leu sobre os protestos enquanto acontecia o julgamento?

— Mulheres com raiva — disse Strike, então o avião enfrentou uma pequena turbulência, e ele e Robin bateram os cotovelos.

— É — confirmou Robin. — A equipe de defesa de Maes disse que Reata negligenciava Jolanda, achava que ela era um estorvo, se arrependeu de não a ter dado para adoção e a matou, possivelmente por acidente, em um acesso de raiva. A defesa disse que os pertences de Reata encontrados no local do enterro poderiam ter sido plantados pela própria mulher, na esperança de que as pessoas achassem que ela estava morta, assim como Jolanda.

— Isso é muito fraco — comentou Strike.

— Eu sei. Você pode ver por que isso se tornou uma verdadeira *cause célèbre* para as feministas. Não estou dizendo que o júri foi afetado por isso, mas,

objetivamente, eles não tinham prova concreta de que duas pessoas haviam sido assassinadas. Tudo que está além de qualquer dúvida é que havia partes de um corpo na floresta. Mas Maes foi a única pessoa alegando que Reata era uma mãe negligente. Outras testemunhas disseram que ela amava Jolanda. Enquanto isso, a promotoria defendia que os fragmentos de ossos encontrados provavelmente eram de Reata, porque os de Jolanda seriam menores e mais fáceis de esconder. Maes ainda insiste que é inocente. Ele tem um pequeno fã-clube na internet de homens que acham que ele foi incriminado por Reata. Houve alguns supostos avistamentos dela depois que ela desapareceu, mas nenhum parece ter muita credibilidade.

Apesar de todos os esforços de Strike, Robin percebeu que ele não estava achando de muita importância o que ela estava lhe contando, então ela mudou para um assunto mais obviamente relevante.

— Por falar nisso, estou fazendo algum progresso com o amigo de Powell, Wynn Jones. Nós temos trocado mensagens.

— Sério? — perguntou Strike, tentando conter outro bocejo. Ele estava achando o movimento do avião nitidamente soporífico.

— Sim. Ele na verdade tem sido um pouco… — A palavra em que Robin pensou foi "assustador", mas refletindo que em comparação com alguns dos outros homens envolvidos nesse caso, o comportamento de Jones era mais rude do que sinistro, ela disse: — Paquerador.

— É mesmo?

— É. Ele encontrou fotos minhas na internet entrando e saindo do tribunal — disse Robin. — Enfim, acho que consegui convencê-lo de que os Whitehead não são nossos clientes. Eu falei que estamos trabalhando para uma mulher, e ele disse: "É Dilys, não é?", e eu respondi que não podia confirmar isso, mas ele me contou que Dilys tinha ligado para ele, preocupada que o corpo no cofre fosse de Tyler, e ele, Jones, disse a Dilys que ela estava sendo tola.

— Isso pode explicar por que Dilys acha que Jones é grosseiro.

— Foi o que pensei. Enfim, espero conseguir falar com ele pelo FaceTime e pressioná-lo para saber por que Powell mencionou prata na ligação com ele, porque ele ignorou essa pergunta duas vezes. Mas, aproveitando que estamos falando de Powell: eu não me sinto muito bem em relação a isso, no entanto, acho mesmo que devemos tentar conversar com os Whitehead. Só para descobrir

se havia motivos concretos para achar que Powell sabotou seu próprio carro, ou se foi apenas um rumor. E tem mais algumas coisas — disse Robin. — Isso pode não ser absolutamente nada, mas…

Ela percebeu, no meio da frase, que Strike tinha pegado no sono, com a cabeça apoiada na janela. Quando olhou para ele, o sócio emitiu um ronco profundo. À sua esquerda, o francês riu.

— Seu marido está cansado.

— É — disse Robin, pegando a revista de bordo do bolso a sua frente. — Ele trabalha à noite.

Cinquenta minutos depois, quando o avião começou a descer aos solavancos, Strike acordou assustado.

— Merda — murmurou ele. — Desculpe.

— Tudo bem — falou Robin.

— Eu estava roncando?

— Um pouco.

Strike passou as costas da mão na boca, com medo de que também tivesse babado.

— Acho que eu não roncava tanto assim antes de quebrar o nariz — comentou ele, se desculpando.

— Como isso aconteceu? — disse Robin, que nunca tinha perguntado.

— Lutando boxe. Um golpe *uppercut* de um granadeiro galês. Ele teve sorte.

— É claro que teve — comentou Robin, achando graça.

— Ele teve — insistiu Strike. — Eu o nocauteei no round seguinte. Você estava me contando mais sobre Lindvall — acrescentou ele.

— Eu terminei — disse Robin, mentindo. — Era só isso.

Strike dormir enquanto ela estava falando tinha reduzido temporariamente seu entusiasmo pelo assunto.

Strike bocejou, então falou:

— Você sabia que eles descobriram prata em Sark no século XIX?

— É mesmo?

— É. Século XIX. Eles encontraram um bom filão, acharam que tinham ficado ricos e botaram muito dinheiro nas minas, mas o filão se esgotou. Custou uma fortuna, porque eles estavam escavando sob o mar e precisavam de bombas para retirar a água. Aí o poço desabou, afogando dez mineiros, e esse foi o fim da

prata de Sark. Arruinou o Seigneur.

— Quem é o Seigneur?

— O governante feudal de Sark. É um lugar estranho — comentou Strike. — O último sistema feudal da Europa, até 2008, quando eles decidiram experimentar, em vez disso, a democracia.

As fantasias de Robin com calor e luz acabaram com sua primeira visão de Guernsey, onde estava frio e úmido. Ela e Strike foram de táxi do aeroporto até a cidadezinha de Port St. Peter, onde eles pegariam a balsa para Sark. O motorista de táxi tagarela impossibilitou mais discussões sobre o caso até que eles desceram em frente à bilheteria da balsa, onde foram informados de que, além das passagens da balsa, também teriam de comprar etiquetas de bagagem, o que ia garantir que suas malas fossem transportadas de trator até seu alojamento quando chegassem a Sark.

— Você costuma enjoar? — perguntou Strike a Robin conforme eles andavam na direção da baía, com chuva molhando seus rostos enquanto olhavam para o mar cinzento e agitado.

— Eu nunca fui muito testada — admitiu Robin.

— Ah, bom — disse Strike. — A viagem é curta.

Só quando começou a descer a rampa gradeada longa, íngreme e molhada na direção da balsa, Strike pensou que deveria ter botado a bengala na mala que tinha arrumado, por motivos de força maior, de forma apressada naquela manhã. Ele andava devagar, com o joelho direito tremendo a cada passo alternado, segurando firme o corrimão, enquanto Robin observava com alguma preocupação. Entretanto, ele chegou ao interior da pequena balsa sem acidentes, e, sem querer correr mais riscos, sentou-se na primeira fila de assentos de plástico, bem em frente a uma placa que dizia: *A Sark Shipping se reserva o direito de recusar o embarque e a passagem de qualquer um que pareça estar embriagado*.

Os motores ganharam vida, e a balsa se afastou da doca.

— Mantenha os olhos no horizonte se ficar enjoada — aconselhou Strike a Robin, e ela pensou imediatamente na noite de Natal, em sua visão turva e nas costas curvadas e raivosas de Murphy.

[2] Latindo, em tradução literal. (N. da E.)

83

"E nossos homens — bem, eles são de Sark, e há mais do que um pouco do diabo neles."

John Oxenham
A Maid of the Silver Sea

— Não foi tão ruim — disse Strike, quarenta e cinco minutos depois.

— Não — disse Robin, embora, na verdade, ela não tivesse achado o movimento da velha balsa muito agradável e tivesse passado os últimos vinte minutos olhando fixamente para o horizonte sem falar.

— Cuidado com os degraus! — gritou um jovem marinheiro atrás deles. — Estão escorregadios.

Xingando a si mesmo outra vez por ter se esquecido da bengala, Strike subiu a passos lentos os degraus íngremes de pedra da baía, que estavam de fato perigosamente escorregadios, embora tivesse parado de chover. Com a perna latejando, ele enfim chegou ao alto da escada e viu três tratores, um dos quais puxava carros-reboques de passageiros, abertos, que estavam quase lotados, e dois dos quais estavam sendo carregados com bagagem.

— Se apertem! — gritou o coletor de bilhetes, chamando Strike e Robin para a frente. — Vamos, tem espaço!

Robin encontrou uma faixa estreita de assento ao lado de um homem grande com um gorro sujo de tinta, enquanto Strike se espremeu ao lado de duas mulheres com sacolas de compras no colo. Robin não via como poderiam caber mais pessoas no veículo, mas os dois últimos passageiros da balsa — ambos homens e nitidamente locais, a julgar pela forma como cumprimentaram o motorista do trator — subiram e, ao ver que não havia lugares sentados, simplesmente ficaram na borda do carro-reboque, despreocupados, de pé,

enquanto se agarravam às colunas de metal que sustentavam o telhado.

O motorista do trator ligou o motor e puxou a fileira de carros-reboques através de um túnel curto na encosta, depois subiu uma estrada muito íngreme, com Robin desnecessariamente preocupada com os homens que estavam de pé, parecendo alheios a qualquer perigo. Cerca de dois minutos depois, o trator chegou ao alto do morro e parou em frente a um pub pintado de creme, o Bel Air, acima do qual tremulavam as bandeiras de Sark e do Reino Unido. Todos os passageiros desembarcaram e partiram a pé em direções diferentes, deixando Strike e Robin sozinhos para analisar o ambiente, enquanto o trator que levava suas bagagens com etiqueta verde desaparecia de vista.

À frente se estendia algo semelhante a uma rua comercial, embora, para pessoas acostumadas com Londres, ela tivesse uma aparência estranha: sem carros, com construções de um só andar e um ar totalmente pacato.

— Certo — disse Strike. — A mãe de De Leon mora na Rue des Laches, que deve ficar perto.

Ele estava com a expressão tensa que indicava a Robin que já estava sentindo muita dor. Os dois caminharam uma curta distância pela rua, que era na verdade uma trilha de terra nivelada, embora cheia de poças, com algumas pedras protuberantes aqui e ali. Só então Robin compreendeu totalmente as implicações da ausência total de ônibus ou táxis: eles tinham muito o que caminhar, porque haviam chegado a leste da ilha, e sua pousada ficava ao sul.

Para alívio dela, a primeira placa de madeira à qual eles chegaram apontava para a esquerda, na direção da Rue des Laches. Eles seguiram por uma segunda trilha, com campos de um lado e casas do outro, até Strike dizer:

— É ali.

A casa de telhado baixo era pintada de azul-claro e parecia estar em muito mau estado. Havia duas macieiras desfolhadas no jardim da frente. Enquanto Strike e Robin subiam pelo caminho que levava à porta, um homem barbudo e corpulento chegou dos fundos da casa empurrando um carrinho de mão cheio de achas de lenha.

— Bom dia — cumprimentou Strike. — Meu nome é Cormoran Strike, essa é Robin Ellacott, e estamos procurando a sra. De Leon.

— Ela foi para St. Peter Port — disse o homem, desconfiado. — O que vocês querem com ela?

— Perguntar a ela sobre seu filho, Danny.

— Ah, é? — disse o homem, largando o carrinho de mão. Sua expressão tinha endurecido. — Por quê?

— Posso perguntar quem…?

— Eu sou o irmão dele — respondeu o homem. — Irmão mais velho. Richard de Leon.

Para alarme de Robin, Richard pegou uma das achas curtas no carrinho de mão e, segurando-a com uma das mãos, avançou lentamente na direção dos detetives. Ela se lembrou de Ian Griffiths explodindo de raiva em frente à casa dele em Ironbridge, segurando o violão, mas o De Leon mais velho apresentava um tipo muito diferente de ameaça. Embora mais baixo do que Strike, seus antebraços eram enormes, e vasos rompidos no rosto sugeriam dias longos de trabalho duro ao ar livre.

— O que você tem a ver com Danny? — perguntou ele.

— Eu só queria saber se você ou sua mãe tiveram notícias dele ultimamente — respondeu Strike.

— Não — disse Richard. — Não tivemos.

— Então ele não voltou para casa, em Sark?

— Não — repetiu Richard. — Não voltou.

— Você teve notícias dele ultimamente?

— Não — disse Richard pela terceira vez. — Ele não está aqui. Eu não o vi nem tive notícias dele.

— Há quanto tempo? — insistiu Strike.

— Por que você quer saber?

— Estamos investigando um corpo não identificado — explicou Strike, levando a mão ao bolso, mas mantendo o olho na acha na mão de Richard. — Amigos de Danny em Londres estão preocupados que seja ele. Este é meu cartão.

De Leon praticamente o arrancou da mão de Strike e olhou para o cartão com desconfiança.

— Detetive particular? — Richard ironizou, como se Strike tivesse dado a ele um objeto de piada.

— Isso mesmo.

De Leon olhou para o detetive com olhos sombrios e injetados. A semelhança entre ele e o homem louro com bronzeamento artificial que enfeitava o quadro

de cortiça no escritório era pequena.

— O que vocês querem realmente?

— Eu acabei de dizer — falou Strike. — Se você afirma que Danny não está aqui…

— Não é questão de eu afirmar que ele não está — disse Richard em voz alta. — Você está me chamando de mentiroso?

— Não — disse Strike. — Estou dizendo…

— Ele está em Londres, está bem? Ele foi para Londres.

— E há quanto tempo você não tem notícias dele?

— Por que isso interessa a você?

— Porque se você teve notícias dele depois de junho passado, ele não pode ser o falecido que estamos tentando identificar — explicou Strike.

Richard de Leon olhou com raiva para Strike por vários segundos antes de dizer:

— Não. Nós não temos notícias dele desde junho.

— Certo — disse Strike. — Bem, obrigad…

— Vocês fiquem longe da minha mãe — avisou De Leon, e então Robin se lembrou de Valentine Longcaster fazer uma ameaça implícita parecida em relação a sua irmã mais nova. — Vocês não cheguem nem *perto* dela, estão me ouvindo?

— Seria difícil chegar a qualquer lugar perto dela, considerando que ela está em Guernsey, e eu não sei como ela é — rebateu Strike. — Mas obrigado por sua ajuda.

Ele não tinha certeza se a acha na mão de De Leon não seria usada quando eles virassem de costas, então gesticulou para Robin ir na frente. Os dois chegaram à estrada sem sofrer nenhuma lesão causada por uma madeira arremessada, mas Richard de Leon continuou olhando com raiva para eles até que sumissem de vista.

— Você acredita nele? — perguntou Robin em voz baixa enquanto eles retornavam pela Rue des Laches.

— Não tenho certeza. Algumas coisas nessa conversa foram estranhas.

— Eu teria esperado um pouco mais de preocupação, você não? Depois de ouvir que tem um corpo por aí que pode ser de Danny?

— É, eu também — concordou Strike. — Ele nem piscou, não é? Só queria que fôssemos embora.

— Talvez Richard e Danny não se deem bem. Talvez ele não se importe se Danny está vivo ou morto.

— Ou talvez ele saiba exatamente onde Danny está e ache que nós estamos atrás dele.

— Assassinos enviados por Oliver Branfoot?

— Se é com isso que ele está preocupado, significa que Danny e seu irmão têm confiança absoluta um no outro, o que pode ser verdade, eu acho — disse Strike. — Eu tenho a tendência de esquecer que há irmãos que realmente contam tudo um para o outro.

— Você não faz isso? — perguntou Robin.

— Meu Deus, não. Você faz?

— Não — admitiu Robin, pensando em seu Natal desastroso.

— Quer comer alguma coisa enquanto planejamos nossos próximos passos?

Eles voltaram para o pub Bel Air, que parecia ser o lugar mais provável para encontrar comida, com Strike mancando cada vez mais. Quando Robin parou para acariciar um golden retriever que saiu de uma sorveteria pequena para saudá-los, ela falou:

— Na verdade, eu me encontro com você lá. Tem uma coisa que eu me esqueci de trazer, quero ver se consigo comprar.

Perguntando-se se ela ia ligar para Murphy, Strike seguiu sozinho, passou pelos banheiros do pub, que ficavam do lado oposto de um pequeno gramado e estavam identificados como Homens/Hommes e Mulheres/Femmes, e entrou no Bel Air.

Alguns moradores locais estavam assistindo a corridas de cavalos na grande TV de tela plana no salão da frente, que era acarpetado de vermelho. O pub fez Strike pensar em seu velho bar local na Cornualha, o Victory, com um ar náutico característico que se estendia, no segundo de dois salões, a um balcão feito de um barco a remo de madeira. Ele comprou uma cerveja, perguntou sobre comida, foi informado de que a única coisa que havia eram pizzas, pediu duas e foi sentar-se, com alívio, a uma mesa no canto, ao lado de uma parede cheia de antigos cartazes de música, exibindo não apenas os Beatles e Bowie, mas a banda de seu pai, os Deadbeats.

Robin, enquanto isso, estava caminhando pela rua principal, a Avenida. Com a exceção de uma loja vendendo joias de prata, quase tudo estava fechado, mas

finalmente ela avistou uma espécie de armazém aberto, que parecia oferecer de tudo, de produtos básicos para casa a cartões de felicitações e brinquedos. Estava prestes a entrar quando, olhando para a esquerda, viu uma figura larga vindo em sua direção e reconheceu Richard de Leon. Ao ver Robin, ele se virou apressadamente e voltou andando na direção da Rue des Laches.

Robin levou sua compra, uma bengala com cabo de borracha, para o pub. Ao passar perto da Rue des Laches, ela olhou ao redor, mas De Leon parecia ter se retirado novamente para a casa da mãe.

Ela encontrou Strike no salão dos fundos do Bel Air, onde deu a ele a bengala.

— Sim, você *precisa* dela — afirmou, categórica, enquanto Strike abria a boca para protestar. — Teremos que andar até a pousada depois daqui. Strike, pare com isso, eu até comprei em verde-militar para ninguém pensar que você é frouxo.

Strike sorriu, embora com relutância, porque imaginou Murphy andando sem problemas pela ilha, possivelmente com sua bolsa de ginástica e garrafa de água.

— Eu deveria ter trazido uma comigo — admitiu ele. — Obrigado. Eu pedi pizza para você; era tudo o que eles tinham.

— Ótimo — disse Robin. — Eu acabei de ver Richard de Leon outra vez, por falar nisso. Ele não estava tentando me ameaçar — acrescentou ela, antecipando a pergunta de Strike. — Não falou nada, só me viu e voltou pelo caminho por onde tinha vindo.

— Estranho — comentou Strike quando um grupo de pessoas se instalou a uma mesa vizinha. Ele tomou um gole de sua cerveja sem álcool, então sussurrou: — Eu ia contar isso a você antes de pegar no sono no avião. Aquela Gateshead escocesa que eu achava que pudesse ser a irmã do melhor amigo falecido de Niall Semple? Acho que encontrei alguns traços dela na internet no fim de semana. Ela abriu e abandonou duas contas no Twitter e uma página no Facebook durante os últimos sete anos. Dá uma olhada.

Robin passou pelas fotos no telefone de Strike. As publicações de Rena Liddell eram frequentemente misteriosas e às vezes confusas. Ela parecia gostar de fotos aleatórias de nuvens, portas e imagens borradas das costas de pedestres, mas nenhuma selfie. Sua foto de perfil em todas as três contas era o desenho de um morcego roxo e azul.

— Zubat — disse Robin.

— O quê? — perguntou Strike.

— A foto dela. É um Pokémon chamado Zubat. Meu irmão Jon adorava Pokémon quando criança. Mas ela está chamando a si mesma de @Mirbat, não @Zubat.

— Foi isso o que me fez ter quase certeza de que era ela.

— *Você* gosta de Pokémon? — perguntou Robin, rindo quando ergueu os olhos.

— Não — respondeu Strike. — Mirbat é uma cidade costeira em Omã. Houve uma batalha lá em 1972: nove caras das Forças Especiais contra duzentos e cinquenta rebeldes comunistas. As Forças Especiais ganharam.

— *Nove contra duzentos e cinquenta?*

— Os melhores dos melhores — disse Strike, como tinha dito em Ironbridge. — Eu não me surpreenderia se Rena tivesse ouvido falar da batalha pelo irmão, por isso o nome.

Robin rolou a tela pelas publicações caóticas e confusas de Rena. Uma preocupação com muçulmanos e com o risco que Rena achava que eles representavam para o Reino Unido era muito evidente em seus posts. Algumas de suas publicações no Twitter tinham sido denunciadas e removidas. A julgar pelas que permaneceram, Robin desconfiou que fossem extremamente islamofóbicas.

— Acho que estamos falando de um transtorno mental sério, vício ou os dois — afirmou Strike. — Ela posta em espasmos, com intervalos de meses, mas ultimamente está escrevendo menos e ficando mais incoerente. Entretanto, se você olhar para 2015, ela conseguiu dizer alguma coisa quando devia estar tomando os remédios certos.

Robin subiu a tela e viu:

> Estão me dizendo que meu irmão está morto eu não acho que ele está morto não acredito nisso

— É claro — falou Strike — que se Richard de Leon estiver dizendo a verdade e ele não tem notícias de Danny desde 18 de junho do ano passado, Rena Liddell se torna irreleva…

O celular de Strike tocou na mão de Robin.

— Wardle — avisou ela, devolvendo-o.

— Eu vou falar lá fora — disse Strike, com uma olhada para o grupo da mesa

ao lado.

A bengala, Strike teve de admitir com relutância, foi útil e permitiu que ele saísse para o pátio mais depressa do que teria feito sem ela.

— Tudo bem? — perguntou ele a Wardle.

— Oi — respondeu o policial. — Nada urgente. Eu só queria perguntar… você estava falando sério sobre um emprego na agência?

— Estava, claro. Mas nós provavelmente não conseguimos igualar o salário que você recebe.

— É, eu sei — falou Wardle. — Eu tenho pensado sobre isso. Como eu disse, com a morte da minha mãe, eu ainda posso garantir que Liam vai ficar bem.

— Nós podemos usar você assim que quiser trabalhar — disse Strike, embora tivesse lhe ocorrido ao dizer isso que ele ainda não tinha discutido o assunto com sua sócia. Virando-se distraidamente para olhar para a rua comercial, ele viu Richard de Leon sair da Rue des Laches, olhar ao redor, ver Strike o encarando e retornar apressadamente pelo caminho de onde tinha acabado de surgir.

Enquanto isso, no pub, um barman tinha acabado de chegar à mesa de Robin com duas pizzas.

— De férias? — perguntou ele ao servi-las.

— Na verdade, não — respondeu Robin. — Estamos procurando um homem chamado Danny de Leon.

— Danny? — falou o barman animadamente. — Ele está na casa de Helen Platt, acabei de vê-lo. Clos de Camille, Rue de La Seigneurie. Ele está cuidando do jardim dela.

84

O que há de tão falso quanto a verdade,
Falsa para ti?
Onde está o dente da serpente,
Que evita a árvore (…).

Robert Browning
A Woman's Last Word

Com as pizzas terminadas, Strike e Robin deixaram o Bel Air meia hora depois, saíram pela Avenida sob um céu que ainda ameaçava chover e seguiram as orientações verbais dadas a eles pelo belo barman prestativo. Ao passarem pelas lojas pequenas e baixas que estavam vazias ou fechadas, Strike falou:

— Quais você diria que são as chances de o nosso amigo Richard estar tentando subir a estrada às escondidas para avisar ao irmão que estamos atrás dele?

— De altas a muito altas — respondeu Robin.

— Por que ele simplesmente não telefonou?

— Talvez tenha telefonado — disse Robin. — Ou talvez tenha esperado você entrar de novo no pub para poder ir correndo até lá. Ele pode estar esperando por nós na casa de Helen Platt. Espero que não tenha trazido a acha de madeira.

Strike riu, mas não respondeu, porque, mesmo com a bengala, ele estava achando a Avenida mais difícil de percorrer do que se ela fosse asfaltada, e ele não queria aparentar dificuldades com o terreno, não quando Murphy provavelmente estaria saltando portões se estivesse ali, aquele filho da puta.

— Eu não entendo por que este lugar é britânico — comentou Robin quando eles entraram à direita na Rue de la Seigneurie. — Os nomes de todos os lugares são em francês, e estamos mais perto da França do que da Grã-Bretanha.

— Eu não acho que *seja* britânico, estritamente falando — disse Strike, ainda

tentando com determinação não fazer careta nem arfar. — O Seigneur governava a ilha para o monarca britânico, ou alguma coisa assim. Tudo remonta a Guilherme, o Conquistador.

Eles cruzaram por uma igreja com um cemitério e pelo posto policial, os dois prédios antigos e baixos de pedra, e depois de mais cinco minutos, estavam passando por casas atraentes. Adiante e à esquerda, eles podiam ver, à distância, a torre do que Strike sabia por mapas ser a Seigneurie, a grande construção de pedra onde vivia o atual Seigneur.

— É aqui — disse Robin, apontando de repente para uma casa pintada de rosa-claro. — Clos de Camille.

Ela era muito mais bem cuidada que a residência da família De Leon, a camélia que lhe dava o nome se erguendo orgulhosamente por trás da porta de entrada. Entretanto, ninguém atendeu quando Robin tocou a campainha.

— Talvez Richard *tenha* telefonado para avisá-lo — sugeriu ela, tornando a se juntar a Strike na rua.

Um portão pintado na lateral estava aberto, e eles puderam ver um jardim comprido e bem cuidado.

— Tem um homem com uma pá — falou Strike, estreitando os olhos na direção de uma figura de jaqueta amarela que parecia estar trabalhando do outro lado de uma área gramada. — Nós podemos…

O celular de Robin tocou.

— Desculpe — disse ela com uma sensação de decepção ao ver que era Murphy ligando. — Eu preciso…

— Está bem, vejo você lá dentro — respondeu Strike e a deixou, passando pelo portão aberto, fazendo um uso liberal de sua bengala enquanto caminhava pelo gramado na direção do jardineiro distante. Robin esperou até que o sócio saísse do raio de audição, então atendeu o telefone.

— Oi — disse Murphy. — Como está Sark?

— Fria — respondeu Robin, observando Strike caminhar lentamente na direção do homem distante de jaqueta amarela, que ainda estava de costas para a rua.

— Descobriu o que estava procurando?

— Talvez. Não sei.

— Escute, eu queria falar sobre segunda-feira à noite.

Robin, que achava ter sido suficientemente afetuosa quando se despediu de Murphy na terça-feira de manhã para evitar um *post-mortem*, pensou: *Ah, meu Deus, agora não.*

— Ryan, estou no meio do trabalho. Nós podemos conversar sobre isso quando eu voltar.

— E quando vai ser isso?

— Amanhã, se tivermos sorte — disse Robin, observando Strike. A figura de jaqueta amarela ainda não tinha se virado.

— É que isso não sai da minha cabeça — insistiu Murphy. — Eu não quis mesmo aborrecer você com o que disse, só estava tentando…

— *Por favor* — pediu Robin entre os dentes. — Não diga que você estava tentando ser honesto.

— Você não quer…?

— É claro que eu quero honestidade entre nós, é só que isso parece estar se tornando uma desculpa abrangente para forçar conversas que eu…

— Eu não estava tentando forçar nada. Estou tentando entender…

— E eu dei a você minha resposta — disse Robin, tentando se manter tranquila. — Eu respondi a você honestamente. Eu não sei o que teria feito se o bebê tivesse sido viável e não acho justo…

— Você ficou triste? Sobre o bebê?

— *Fiquei* — disse Robin com a voz embargada. — É, eu chorei pelo bebê. É isso o que você precisa saber? Que eu não sou desumana?

— Eu nunca…

— Seja honesto, Ryan. Você quer que eu me comporte como você acha que uma mulher deveria se comportar.

— O que isso quer di…?

— Você queria que eu chorasse em seus braços por nosso filho perdido e dissesse que queria congelar meus óvulos imediatamente para podermos fazer outro.

— Isso não…

— Olhe, eu estou trabalhando — disse Robin, observando Strike, que agora estava perto o bastante para chamar o jardineiro. — Eu preferia… — Ela levou um susto, então exclamou: — Ah, meu Deus! Eu preciso ir. — E desligou.

Cormoran Strike tinha acabado de ser acertado na cara com uma pá.

85

"Você não conhece nossos homens de Sark… Eles primeiro fazem as coisas e depois se desculpam…"

John Oxenham
A Maid of the Silver Sea

Danny de Leon golpeou a cabeça de Strike com a pá com tanta força que o derrubou. De sua posição repentinamente de bruços na grama molhada, o detetive viu o jovem em pânico largar a arma e começar a correr na direção da casa, enquanto Robin corria na direção deles.

— Você não ouse! — gritou Strike, com medo de que De Leon empregasse violência contra Robin também, mas a sócia, preparada e com a vantagem do fato de De Leon ter olhado para trás quando Strike gritou, abaixou-se e o agarrou pela cintura, enganchando a perna em torno da dele e fazendo os dois caírem, embora Robin tenha ficado com a pior parte, batendo com força no chão com De Leon em cima dela.

— Nós somos detetives, não estamos atrás de você — ela conseguiu dizer, apesar de estar sem fôlego. — Viemos a Sark para saber se você estava bem!

Ele estava tentando se soltar de Robin enquanto ela agarrava com toda a força a sua jaqueta amarela. Strike, enquanto isso, tinha conseguido ficar de pé e, esquecendo a bengala, cambaleou sem pensar na direção do par que lutava, escorregando na grama ao se aproximar, quase caindo outra vez, e os alcançou bem a tempo de segurar De Leon antes que ele conseguisse se soltar de Robin, então o ergueu de pé.

O bronzeado artificial e o cabelo oxigenado haviam desaparecido. O cabelo de De Leon estava com o que parecia ser seu castanho-escuro natural, e os dentes perfeitos pelos quais Oliver Branfoot pagara se destacavam, muito brancos, contra

um rosto que agora estava naturalmente afetado pelo clima, em oposição ao bronzeado artificial. Ele era baixo, forte e bonito, e continuava a lutar com Strike até que o detetive o sacudiu e gritou:

— PELO AMOR DE DEUS, PARE COM ISSO, NÓS NÃO ESTAMOS AQUI PARA TE MATAR!

— Nós estávamos preocupados que você tivesse sido assassinado — arquejou Robin, despenteada e suja de grama, voltando a ficar de pé. — Nós achávamos que você fosse um corpo…

— Em um cofre — concluiu Danny, e imediatamente pareceu desejar não ter feito isso. Ele tinha parado de resistir, mas parecia ao mesmo tempo com raiva e com medo. Ele levou as mãos aos ouvidos e disse: — Meus fones de ouvido…

— Esqueça os malditos fones de ouvido — disse Strike, cujo queixo estava sangrando e inchando rapidamente. — Nós queremos falar com você.

A impressão era que Danny preferia recusar, mas ao olhar para Strike, parte de sua raiva pareceu desaparecer.

— Está bem — murmurou ele. — Nós podemos entrar em casa.

— E a dona? — disse Strike.

— Ela não está. Foi fazer compras em Guernsey com minha mãe.

— Eu vou pegar sua bengala — disse Robin para Strike. — Vejo você lá.

Então Strike saiu cambaleando na direção da casa, com o queixo latejando, o joelho extremamente dolorido depois de andar pela grama escorregadia e ainda segurando a jaqueta de Danny caso ele tentasse fugir, enquanto Robin ia até a extremidade do jardim, onde pegou a bengala de Strike e encontrou os fones de ouvido de Danny, um dos quais tinha sido esmagado por um pé masculino.

A porta dos fundos da Clos de Camille levava diretamente a uma cozinha arrumada com paredes rosa-claras enfeitadas com pinturas de pequenas paisagens marinhas que lembraram Strike da casa de Ted e Joan em St. Mawes. Danny tinha acabado de sentar-se à mesa de pinho quando Robin entrou com a bengala de Strike.

— Você precisa limpar isso — disse ela, olhando para o rosto de Strike, onde um corte acinzentado tinha sido aberto pela pá. — Está sangrando e imundo.

Strike foi até a pia e se ocupou com sabão e água, enquanto Robin abriu a porta do freezer e encontrou um pacote de ervilhas congeladas. Ela entregou o pacote a Strike, que murmurou um obrigado enquanto secava o rosto com toalhas

de papel.

Então uma quarta pessoa chegou pela porta dos fundos: Richard de Leon.

— Ah, meu Deus, o que *você* quer? — gritou Danny.

— Que merda está acontecendo?

— Seu irmão acabou de acertar meu rosto com uma pá — respondeu Strike, com o saco de ervilhas congeladas pressionado contra o queixo.

— *Por que você não estava atendendo a porcaria do celular?* — perguntou Richard para o irmão mais novo.

— Eu estava ouvindo música, está bem?

— Como já dissemos a você, sr. De Leon — falou Robin, tentando acalmar a situação, porque os dois irmãos De Leon pareciam prestes a explodir, possivelmente em violência física —, nós estávamos preocupados que seu irmão estivesse morto.

— Bem, ele não está, está? — retrucou Richard.

— Valeu por isso — falou Strike, com as ervilhas congeladas pressionadas sobre o rosto. — Nós não tínhamos certeza.

— Bem, por que vocês estão atrás dele, se ele não está…?

— Isso não é complicado — respondeu Strike, que então sentou-se em uma cadeira à mesa da cozinha, com uma dor excruciante no joelho e mais do que disposto a descarregar todo o seu mau humor sobre qualquer um que representasse um alvo. — Um homem foi assassinado, nos disseram que era seu irmão, nós procuramos seu irmão, ele está vivo, não era ele. Eu posso desenhar, se você quiser.

— Você não está ajudando, está bem? — disse Danny com ressentimento para o irmão. — Só *fique fora disso*!

— Eu vou, merda! — resmungou Richard e circundou novamente Robin, que ele pareceu achar ter mais chances de lhe dar uma resposta racional. — Tudo bem, vocês sabem que ele está vivo, por que ainda estão aqui?

— Porque nós gostaríamos de fazer algumas perguntas a ele sobre Oliver Branfoot — explicou Robin.

Richard olhou de Robin para Danny, depois novamente para Robin.

— Isso é verdade? — perguntou ele, agora parecendo mais chocado do que com raiva. — Essa coisa de Branfoot? É de verdade?

— Eu *disse* a você que era, porra! — exclamou Danny.

— É, mas você diz muita mentira, não diz?

— Por que você simplesmente não vai se f…

— É verdade — interrompeu Robin.

— Como nós sabemos que vocês não estão trabalhando para ele? — perguntou Richard.

— Nós mencionaríamos o nome dele se estivéssemos? — rosnou Strike. Ele tinha noção de que seu rosto estaria muito inchado quando chegassem à pousada.

— Danny, como você sabe que lorde Branfoot acha que você era o homem no cofre? — perguntou Robin.

— Me disseram — respondeu Danny.

— Quem disse?

— Eu não vou contar isso a vocês. Sem chance. Eles seriam as próximas vítimas.

— É melhor você contar, babaca — disse Richard, que então arrastou uma terceira cadeira até a mesa e se sentou.

— O que importa quem me contou?

— Foi outro ator dos filmes particulares de Branfoot? — indagou Robin.

— Eu acabei de dizer a vocês. Eu não… *Como vocês sabem dessas coisas?*

— Sua amiga Fiona pôs um bilhete anônimo por baixo da porta do nosso escritório — explicou Robin. — O namorado dela disse que era seu o corpo no cofre, e ela acreditou. Ela está muito preocupada com você.

— Eu sei, ela não parava de me ligar — falou Danny —, mas eu não podia dizer a ela que estava bem, podia? Porque o maldito Craig ia contar para Branfoot se soubesse onde eu estava!

— Ela diz que lorde Branfoot ameaçou você, depois que ele pagou para arrumar seus dentes.

— Ele pagou pela merda dos seus *dentes*?! — gritou Richard.

— Pagou — confirmou Danny. — E daí?

— *Por que você não pôde pagar pelos seus próprios dentes?*

— Ele ofereceu, está bem?

— Essa é o maldito problema! — disse Richard, cutucando Danny com um indicador grosso. — Você sempre quer ter as coisas sem pagar por elas!

— Branfoot também tirou muito de mim, não se preocupe!

— O que fez você voltar para Sark, Danny? — perguntou Robin.

— Eu estava… Não importa — murmurou Danny.

— *Conte a porra da verdade!* — urrou Richard.

— Eu estava com uma sensação ruim! — gritou Danny. — Está bem?

— Que merda de sensação?

— Por parte de Branfoot? — Robin quis saber.

— É — confirmou Danny.

— O que aconteceu? — perguntou Robin, tentando antecipar Richard.

— Eu estava… voltando para casa uma noite — respondeu Danny com hesitação — e fui seguido. Um cara grande. Eu apertei o passo, ele apertou o passo. Eu comecei a correr, e ele também. Passou um táxi, e eu o chamei. Eu olhei para trás, e o homem estava correndo na direção oposta… Branfoot conhece pessoas, pessoas violentas através de sua, vocês sabem, maldita obra de caridade. Homens que estiveram na cadeia e estão querendo uma grana… Ele me contou uma vez que é o único homem em Londres que conhece tanto policiais quanto criminosos… Depois que fui seguido, fiquei em casa por alguns dias, mas aí eu vi o sujeito outra vez. Ele estava na rua, olhando para minhas janelas.

— Foi então que você decidiu voltar para casa? — prosseguiu Robin

— Não imediatamente. Mas então esse meu amigo ligou e disse que o maldito Craig estava dizendo por aí que iam "cuidar de mim". Então, é, eu arrumei uma bolsa, esperei até que o homem que estava por perto fosse embora, chamei um táxi e fui direto para o aeroporto.

— O amigo que avisou que Branfoot ia "cuidar de você" — disse Robin — é a mesma pessoa que contou que Branfoot acha que era seu o corpo na loja de prataria?

— É — confirmou Danny. — O homem que deveria me matar deve ter contado a Branfoot que aquele corpo era meu.

Estava claro para Robin pela expressão de Richard que até então ele achava exagerado ou completamente fictício o relato de Danny do que o havia feito fugir de Londres. A chegada de dois estranhos em busca de Danny tinha sido nitidamente um choque, mas Robin percebeu que ouvir Danny repetir sua história para outras pessoas, sobretudo pessoas que a confirmavam, tinha deixado Richard em um estado de alarme do qual ele tinha até agora escapado.

— Bem, Branfoot não vai achar que aquele corpo era seu para sempre, vai? — questionou Richard, nervoso. Apontando para Strike e para Robin, ele falou: —

Se eles descobriram, o maldito Branfoot também pode! Quanto tempo você acha que vai levar para ele calcular que você voltou para a casa da sua mãe?

— Olhe, fique fora dessa merda, isso não tem nada a ver com você! — retrucou Danny com raiva, levantando-se tão depressa que sua cadeira caiu para trás.

— Danny, por favor, sente-se — pediu Robin. — *Por favor*. Nós queremos ajudar.

Ela olhou para Strike, convidando-o a concordar, mas como, no momento, o que Strike mais queria era bater em Danny, ele não disse nada.

— *Vocês*, ajudar? — disse Danny para Robin, e ela ouviu o medo por baixo de sua agressividade. — Como podem ajudar? Vocês estão piorando as coisas! Eu estou em segurança enquanto ele achar que era meu o corpo no cofre, e vocês estão aqui querendo provar que não era!

— Bem, o jeito óbvio de eliminar a ameaça seria…

— *Não* — os irmãos De Leon disseram juntos.

— Ele não vai tornar tudo público — disse Richard.

— Eu não vou falar com a imprensa, de jeito nenhum — afirmou Danny.

— Nossa mãe não sabe o que ele andou aprontando — contou Richard. — E ela também não vai saber. Ela perdeu nosso pai no ano passado.

— Se eu falar, Branfoot vai *garantir* que eu esteja acabado — falou Danny.

— Mas o que Branfoot está fazendo é ilegal — insistiu Robin. — Ele está filmando as pessoas sem o consentimento delas, e se…

— Todos foram filmados recebendo dinheiro, não há prova — disse Danny. — Se eu falar…

— Mas seu irmão tem razão, Danny. Quando aquele corpo for identificado…

— Aí eu vou para outro lugar — disparou Danny, frenético.

— Você vai viver escondido para sempre?

— Se for preciso!

— Meu Deus do céu, que confusão da porra! — explodiu Richard, também se levantando. — Eu fiquei do seu lado com nosso pai, Dan, mas pelo amor de Deus, eu estou começando a achar que ele estava…

Danny se atirou sobre o irmão, e Richard defendeu o soco, mas Danny não parou de atacar, empurrando Richard, que parecia não querer revidar, de costas na direção dos armários da cozinha. Strike então largou o pacote de ervilhas, ficou

de pé, interpôs seu corpanzil entre os irmãos e empurrou Danny para trás com a mão no peito do homem mais jovem.

— Pegue essa cadeira e sente-se nela, merda — ordenou o detetive. — E tenha em mente que você ainda me deve uma pela maldita pá. — Ele apontou para Robin. — Ela é mais legal do que eu. Meu interesse em seu bem-estar terminou quando descobri que você estava vivo. O problema é que Branfoot agora está indo atrás de nós, porque ele acha que vamos provar que você *era* o corpo no cofre. Ele parece ter mandado os caras que estavam atrás de você para nossa agência. *Ela* já foi ameaçada com a porra de um punhal.

— Não consigo acreditar nisso — disse Richard, passando a mão pela boca. — Não consigo acreditar nessa merda.

Danny, que tinha permanecido de pé contra as ordens de Strike, agora gritava com o irmão:

— *Você sabe por que eu fui embora!*

Parte da disposição para brigar pareceu se esvair de Richard, que puxou a calça para cima, parecendo desconfortável.

— É, eu sei por que… e não estou dizendo que você estava errado em ir embora, Dan. Mas por que você teve que fazer *aquilo* para viv…

— Foi você que disse que sou inútil em todas as outras coisas!

— Eu nunca disse que você era inútil em todas as coisas, seu mentiroso, eu disse que você nunca seria pedreiro! — gritou Richard. — Essas são as únicas escolhas em Londres, por acaso? Fazer muros de pedra ou mostrar o pau?

Strike então pegou a cadeira caída e a pôs de pé.

— *Sente-se* — disse ele para Danny pela segunda vez. Parecendo derrotado, Danny obedeceu.

Richard também pegou uma cadeira, assim como Strike, cujo joelho direito estava tremendo mais do que nunca.

Dirigindo-se a Robin de baixo de suas sobrancelhas grossas, Richard murmurou:

— Nosso pai era… duro com Dan. Mas por que você teve que se envolver com todas *aquelas* coisas? — disse ele de um jeito lastimável, virando-se para Danny.

— Eu não sei — respondeu Danny. — Eu precisava de dinheiro… A coisa só aconteceu!

— Foi a cocaína que aconteceu, seu pequeno monte de merda — disse Richard.

— Se eu fosse pequeno — murmurou Danny —, não poderia pagar pela cocaína.

— Muito engraçado — falou Richard. Ele olhou de soslaio para Strike. — Então, e agora?

— Nós contamos a Branfoot que ele está vivo — respondeu Strike, implacável.

— Não podemos fazer isso! — disse Robin.

— Você quer passar os próximos anos olhando para trás à procura de um homem com um punhal? — falou Strike com raiva. — Ele não tinha gume na última vez, mas pode ter na próxima. Branfoot conhece criminosos de verdade, ele se *assegurou* de conhecê-los. — Ele, então, se dirigiu a Danny: — Ou você conta à imprensa sobre Branfoot e o deixa assustado demais para fazer qualquer coisa contra você, ou *nós* vamos contar a ele. Não há terceira opção aqui. A coisa vai vir à tona.

Os irmãos De Leon também pareceram ter sido atingidos por pás. Robin pegou as ervilhas congeladas no chão e as devolveu a Strike, que agradeceu e as apertou contra o queixo latejante. Finalmente, Richard disse:

— Ele vai falar com a imprensa, depois de prepararmos nossa mãe.

— Ai, Deus — falou Danny, abaixando o rosto sobre a mesa da cozinha.

— Bem, nós temos que contar a ela — insistiu Richard, com raiva. — Vai ser a maior história em Sark desde a maldita ocupação alemã.

— Eu deveria ter me matado — resmungou Danny com a voz abafada.

— A quem isso ajudaria, seu idiota, exceto Branfoot?

— Ele vai tornar isso público — disse Richard para Strike. — Só nos deem alguns dias.

Strike olhou para Robin, que olhou suplicante para ele. Com extrema relutância, ele disse:

— Precisa ser logo. Eu quero que Branfoot saia do nosso pé.

— Está bem. Nós vamos explicar a nossa mãe; embora como vamos fazer isso… Ah, não comece! — disse ele para a nuca do irmão, porque Danny, que ainda estava de cabeça baixa, tinha começado a chorar.

— Você ainda tem meu cartão? — perguntou Strike a Richard.

— Tenho, em casa.

— Eu também quero seus números de telefone. Branfoot precisa ser exposto *logo*. Se demorar demais, um de nós pode ser assassinado.

Richard deu os dois números de celular, e Strike os digitou em seu telefone, enquanto Danny continuava a chorar. Depois de fazer isso, Richard se levantou.

— Vou acompanhar vocês até a saída.

Deixando Danny debruçado na mesa, eles caminharam de volta até a rua pela lateral da casa, Strike, com muita dor e se apoiando pesadamente na bengala. Quando eles chegaram à rua, Richard disse:

— Não o julguem… sabem, nosso pai era horrível com Danny — disse ele desconfortavelmente. — Ele era… você sabe. Como se diz mesmo? Homofóbico. Eles nunca se deram bem. Foi por isso que Danny foi embora. Foi por isso que ele saiu dos trilhos, o idiota. Ele fugiu e fez o que nosso pai achava que homens como ele fazem, entende? Se revoltam — disse Richard. — É isso o que aconteceu.

— Eu entendo — respondeu Robin.

Strike, cujo ferimento estava piorando ainda mais pelo contato com o ar frio, não disse nada. A lateral de seu rosto parecia ter sido inflada com uma bomba de ar.

— Idiota — repetiu Richard. — Eu não tinha percebido… Ele sempre inventou muitas histórias, sabe? Eu achei que estivesse inventando metade disso. Achei que estivesse imaginando que o cara estava atrás dele. Isso tudo é… um choque, sabe?

— É claro — disse Robin. — Nós não queremos que nada de mal aconteça com Danny.

Richard olhou para Strike, que emitiu um ruído evasivo, mas só para deixar Robin satisfeita.

— Está bem. Como eu disse, nos deem alguns dias — pediu Richard. Ele deu um suspiro profundo. — Minha mãe acha que Danny tem trabalhado com alfaiates da Savile Row. Ele conta a ela sobre todas as celebridades de quem tira medida para fazer smokings.

86

Todo aquele ânimo corajoso e alegre,
Todo aquele sofrimento humano querido;
Olhos alimentados por almas, desgastados pelo sofrimento,
Dor suportada com heroísmo,
Amor fiel na profundidade divina —
Pobre Matthias, eles eram teus?

Matthew Arnold
Poor Matthias

— Vamos encontrar um lugar onde nos sentar? — foram as primeiras palavras de Robin quando Richard de Leon voltou a entrar em Clos de Camille. Embora o corte feito pela pá tivesse parado de sangrar, o lado esquerdo do rosto inchado de Strike estava ficando roxo conforme os hematomas se formavam.

— Eu estou bem — respondeu ele, sabendo que deveria estar parecendo o contrário.

— Bem, eu tomaria um café ou alguma coisa depois de tudo isso — falou Robin.

Para alívio dela, que temia que eles pudessem ter de voltar até a Avenida para encontrar algum lugar, um estabelecimento na Rue de la Seigneurie estava aberto para clientes, embora fosse necessário subir até o segundo andar para chegar ao Captain's Bar, no qual havia escotilhas pintadas nos beirais inclinados. Sem estar em condições de apreciar a decoração náutica, Strike se jogou em uma cadeira perto da janela e, ao ser informado por Robin que o lugar não servia café, pediu a cerveja que realmente queria.

— Com álcool — acrescentou ele, porque, na ausência de analgésicos, ele resolveu improvisar, e Robin se lembrou imediatamente da noite de Natal e da

raiva repentina de Murphy porque ela tinha perguntado a ele sobre o conteúdo alcoólico de seu copo de cerveja.

— Então… é isso — disse Robin quando tornou a se juntar a Strike à mesa com a cerveja dele e sua própria água tônica. — De Leon está descartado. Ele também era seu favorito para ser Wright.

— Era, sim — admitiu Strike. — Eu podia ver uma razão para ele ser morto no cofre, mas não consigo ver por que diabos Powell ou Semple…

— Ou Rupert…

— Ou Fleetwood, se formos considerá-lo, tinha que morrer ali.

— Eu também não — disse Robin. Depois de um instante, ela perguntou: — Você acha que o homem morto é uma pessoa totalmente diferente, que foi assassinado por razões que não conhecemos?

— Eu penso nisso o tempo todo — respondeu Strike. — Mas se *foi* alguém de quem nunca ouvimos falar, a polícia também não parece saber disso, e é muito estranho que literalmente ninguém tenha aparecido para dizer quem poderia ser esse homem. Mas acho seguro concluir que quem quer que seja Oz, ele não é o homem que Branfoot pagou para matar De Leon. Shanker foi enganado. Vou ter que informar a ele que o suposto assassino está mentindo.

Começou a chover novamente enquanto eles estavam sentados ao lado da janela, e cada um deles deu um gole em sua bebida.

— Então, na verdade, eles *são* irmãos que contam tudo um para o outro — disse Robin.

— Duvido que Danny quisesse contar a ele — falou Strike. — Provavelmente achou que ia precisar do apoio de Richard se os capangas de Branfoot aparecessem.

— Mas eles gostam um do outro, dá para ver… Você tem visto Al ultimamente? — perguntou ela, se referindo ao único meio-irmão com quem Strike tinha contato.

— Não — respondeu ele. — Al ainda está puto porque eu não quis me reconciliar com Rokeby depois de descobrir que ele tinha câncer de próstata. Não nos falamos depois disso.

— Eu gosto dele — comentou Robin, que tinha visto Al apenas uma vez, mas guardou a lembrança de uma pessoa que parecia ao mesmo tempo gostar do irmão mais velho e se sentir impressionado por ele.

— É o que você sempre me diz.

— Você também diz isso — rebateu Robin, sorrindo.

— Ele é legal — disse Strike, com um leve dar de ombros. — Só não temos absolutamente nada em comum.

— Como Martin e eu — disse Robin, que então levou a mão à testa e exclamou: — Ah, merda!

— O que foi?

— Eu me esqueci de retornar a ligação da minha mãe ontem, sobre Dirk.

— Sobre o quê?

— Dirk, o filho do Martin. Meu sobrinho mais novo. Ele deveria ir para casa ontem. Houve alguns problemas no parto, ele tem um braço paralisado.

— Merda — disse Strike.

— Eles acham que vai se resolver — falou Robin.

— Sua família tem se reproduzido muito ultimamente.

Robin experimentou outra vez a leve contração interna que agora acompanhava toda menção a bebês e a gravidez, sem saber que Strike tinha percebido um leve sinal externo.

— Escute — disse ela, ávida para mudar de assunto. — Duvido que consigamos um jantar para viagem. Não vi nenhum lugar que esteja aberto. Não acha melhor eu comprar alguma coisa para prepararmos esta noite no Old Forge?

— Está chovendo.

— Sorte minha não ser feita de papel machê.

— Está bem, eu vou — disse Strike, pegando seu copo com a intenção de virá-lo.

— Não — recusou Robin. — Fique aqui e descanse a perna. Não olhe para mim assim, nós ainda vamos ter que andar até a pousada depois. Só deixe que ela descanse um pouco. Eu volto logo.

Robin deixou Strike olhando fixamente pela janela, sentindo como se fosse um velho ranzinza e resmungão que estivesse sob os cuidados de uma neta. Ele ainda não tinha visto seu rosto no espelho, mas sabia que o ferimento da pá devia estar feio, porque estava atraindo olhares discretos dos homens que estavam jogando bilhar. O joelho, que ele tinha torcido durante a corrida louca pela grama na perseguição a Danny de Leon, também parecia perigosamente inchado outra vez.

Perguntando-se a que distância ficava a pousada, ele viu um grupo de alunos de escola primária passar correndo do lado de fora, nitidamente recém-liberados das aulas, todos saudáveis e ágeis. Ele permanecia exausto, sabia que estava com uma aparência terrível e, depois dos desafios físicos imprevistos que já tinha enfrentado em Sark, encontrava-se em um estado tão ruim quanto estivera certa vez, um ano antes, quando Robin disse que ele não tinha condições físicas para subir uma escada com ela, em direção ao que ele temera ser uma armadilha assassina.

Esse não era o jeito que ele queria que a viagem transcorresse, e, para aumentar sua sensação de infelicidade, ele se perguntou se a estranha expressão de Robin quando ele mencionou procriação não indicava que ela logo teria, ou talvez já tivesse, uma coisa para contar a ele que ia indicar a concretização do relacionamento dela com Murphy de uma forma que nenhuma declaração dele poderia enfraquecer.

Robin levou quase uma hora, primeiro para encontrar o supermercado, depois para carregar uma bolsa com os ingredientes para um espaguete à carbonara, acrescentando o vinho que ela achava que eles mereciam, analgésicos e toalhas umedecidas com álcool para o rosto de Strike. Ela voltou para o Captain's Bar porque não queria que Strike andasse sozinho para se encontrar com ela, considerando o estado de sua perna. Quando ela voltou, o hematoma e o inchaço do rosto dele estavam ainda piores, dando a seu rosto uma aparência muito torta.

— Como está?

— Ainda não está tão ruim quanto aquela droga do seu spray.

Strike se forçou a ficar de pé.

— Eu posso carregar uma dessas — disse ele, estendendo a mão.

— Tudo bem, eu consigo…

— Me dê uma dessas malditas bolsas. Eu tenho uma das mãos livre e uma perna boa.

— Está bem, está bem — disse Robin, exaltada. — Aqui, satisfeito?

— Em êxtase — respondeu Strike, e eles se dirigiram para a escada.

Enquanto voltavam pela Rue de la Seigneurie, inevitavelmente devagar, porque Strike agora estava com sérias dificuldades por causa do joelho torcido, ele disse:

— O que você acharia de Wardle vir trabalhar para nós?

— Wardle? — perguntou Robin, surpresa. — Ele estaria interessado?

— Estaria, sim.

— Bom, ele seria ótimo — respondeu ela. — Mas nós podemos pagar por ele?

— Ele não está esperando o salário que tem na polícia. O custo-benefício é que poderíamos assumir mais trabalho com outro terceirizado. Eu acho que ele valeria e muito seu preço.

— O que o faz querer sair da polícia?

Enquanto Strike explicava a combinação de circunstâncias pessoais que deixaram Wardle ávido por uma mudança de carreira, Robin teve tempo para se lembrar de que Murphy não gostava de Eric Wardle. Ele nunca explicou por quê, mas era comum ter um comentário crítico para fazer sempre que o nome dele surgia. Entretanto, as contratações na agência não dependiam de Murphy, tanto como não dependia dele a decisão de quais casos seriam investigados.

A chuva tinha parado outra vez, mas a luz estava rapidamente se esvaindo, e como seu avanço era muito lento, o sol se pôs antes que eles chegassem à viela solitária onde deveria ficar o Old Forge. Logo eles estavam envoltos por uma escuridão de veludo.

— As estrelas estão incríveis, não estão? — perguntou Robin, olhando para cima. Na ausência de iluminação pública, elas brilhavam cintilantes sobre o preto profundo, cada constelação nitidamente marcada.

— É — concordou Strike, que poderia, em outras circunstâncias, ter tentado ser poético, mas agora sentia muita dor e estava concentrado sobretudo no terreno úmido e irregular, que Robin iluminava com a lanterna do celular. O vento estava sussurrando através das cercas vivas; Robin não parava de olhar para trás, esperando ver um veículo atrás dela, mas era um alívio pensar que não havia ninguém com uma máscara de gorila prestes a aparecer.

— Eu acho que é aqui — disse ela por fim, quando um prédio assomou à direita.

Evitando dizer "Meu Deus, eu espero que seja", Strike a seguiu com cuidado por um caminho curto coberto de cascalho, desceu alguns degraus de pedra e, finalmente, com alívio enorme, entrou pela porta destrancada da pousada, onde Robin acendeu as luzes.

Eles estavam em um corredor grande, com uma passarela de madeira no alto que conectava dois quartos do andar de cima. À direita havia um quarto no

térreo, e, à esquerda, um chuveiro. Suas malas, ainda com as etiquetas verdes presas a elas, estavam paradas no meio do piso de madeira.

— Quer ficar com o quarto do térreo? — perguntou Robin.

— Quero — confirmou Strike. — Tudo bem se eu tomar um banho antes de comermos?

— É claro, eu vou cozinhar — disse Robin, pegando a bolsa de compras com ele.

Os dedos deles se tocaram quando ele a entregou a ela. Robin sentiu um leve arrepio percorrer seu corpo, e depois uma sensação repentina de entusiasmo e pânico misturados.

87

(…) nós estaremos
Mais proximamente unidos — duas criaturas que a terra
Carrega sozinha — com sentimentos estranhos não revelados
Senão um para o outro (…).

Robert Browning
Pauline

A cozinha do Old Forge tinha um fogão embutido em uma parede de tijolos e assentos para oito pessoas. Nos batentes das janelas havia modelos em madeira de faróis, mas a profundidade da escuridão do lado de fora obscurecia qualquer visão da costa ou do mar.

Robin estivera cozinhando e bebendo vinho por dez minutos quando seu celular apitou, e ela achou que fosse Murphy. Depois de abaixar o fogo do molho carbonara, ela o pegou e leu:

Talvez isso seja insegurança, mas é a verdade. Você diz que me ama, mas sinto que esconde de mim parte de você. Às vezes eu sinto até que você está apenas me tolerando. Eu sempre sinto como se estivesse arrastando você para morarmos juntos, mas não consigo me lembrar de você mostrar verdadeiro entusiasmo por isso, e quando eu disse a você que tínhamos perdido a casa, eu não ouvi nenhuma decepção.

O que você disse antes sobre o bebê, você está enganada. Não é que eu queira que você aja como eu acho que mulheres deveriam agir, é que você nunca, nem uma vez, reconheceu que foi nosso filho que você perdeu. Eu sinto que não posso demonstrar nenhuma tristeza por esse bebê porque isso vai fazer com que você se sinta pressionada.

Às vezes há uma distância entre nós, e não sei se essa é apenas quem você é, e é assim que você ama, ou se você está enganando a nós dois sobre o que você realmente sente. Se é isso, eu prefiro saber agora.

Robin ficou parada olhando fixamente para a mensagem, tão chocada que só se lembrou de onde estava quando percebeu que o molho de queijo estava começando a ferver na panela, e se voltou apressadamente para cuidar dele. Ondas frias de pânico e medo estavam se quebrando sobre ela. Então Murphy sabia… o quê? Ela o amava, não amava? Amava, ela achava — sabia — que sim. Mas ele sentiu…

Strike entrou na cozinha ainda apoiado na bengala, mas se sentindo melhor por ter tomado banho, seu cabelo molhado parecendo um pouco diferente do normal.

— O cheiro está ótimo — disse ele e começou a arrumar a menor das duas mesas da cozinha.

— Como está o rosto? — perguntou Robin.

— Já esteve pior — grunhiu Strike.

— Tem lenços umedecidos com álcool no fundo da bolsa, se você precisar.

Quando derramou o espaguete em um prato grande e o pôs na mesa, Robin disse:

— Me dê um momento… Pode começar a comer, não espere. — Então foi para o corredor, pegou sua bolsa de viagem e a levou para cima, escolhendo aleatoriamente o quarto mais próximo, que era decorado em amarelo e continha três camas, entre elas uma de casal: projetado, como ela registrou vagamente, para uma família… Sentada na cama, ela leu novamente a mensagem de Murphy, então digitou sua resposta, uma frase dolorosa de cada vez.

Você sabe que eu te amo.

Mas ela amava mesmo? De verdade? Tentando conter outra torrente de ansiedade e culpa, Robin continuou:

Eu não sei o que você quer dizer com distância.

Não mesmo? Talvez ela soubesse, mas qualquer casal não estaria sofrendo

alguma tensão, depois daquele longo período na Fazenda Chapman, do caso terrível do tiroteio de Murphy, do aborrecimento de procurar uma casa e, é claro, da gravidez ectópica?

Robin continuou a digitar:

Eu fiquei triste pelo bebê, eu chorei por ele, mas descobrir que não posso ter filhos de forma natural foi horrível. Eu ainda estou processando isso, e você me pressionar a falar sobre o assunto e a tomar decisões sobre meus óvulos não está ajudando. Por favor, compreenda que preciso de tempo para entender o que aconteceu e o que vou fazer em seguida.

Isso, pelo menos, foi honesto.

Podemos conversar melhor sobre isso quando eu estiver em casa? Estou com Strike, ainda estamos trabalhando e não posso ter uma conversa sobre isso sem que ele escute.

Ela hesitou, lembrando a si mesma dos bons momentos que tinha tido com Murphy. Robin sabia que ele era um homem bom e gentil, não sabia? Por isso ela encerrou com:

Eu te amo muito. bj bj bj bj bj

Ela enviou a mensagem, sentindo um vazio que não tinha nada a ver com fome. Seu telefone apitou; ela ficou com medo do que estava prestes a ler, mas, ao olhar para ele, viu apenas outra mensagem de Wynn Jones.

Então, o único jeito para eu conseguir falar com você é ser entrevistado?

Sim, escreveu Robin automaticamente em resposta. Então, sem querer ficar ali em cima por tempo de mais, para que Strike não perguntasse se estava tudo bem, ela desceu a escada de madeira.

— Desculpe — disse Strike, com a boca cheia de espaguete, quando ela tornou a entrar na cozinha. — Eu estava faminto.

— Tudo bem, eu disse para você não esperar — falou Robin com uma

animação forçada, virando sua taça de vinho. — Acho que estou quase conseguindo falar com Wynn Jones. Ele acabou de me escrever outra vez.

Strike engoliu.

— Ótimo. Isso é realmente fantástico.

— Bom — disse Robin, sentando-se em frente a ele.

— Então, você descobriu como Dirk está?

— O que… Ah, meu sobrinho? Descobri — disse Robin, que tinha mesmo ligado para sua mãe no caminho do supermercado naquela tarde. — Estão felizes com ele. Eles ainda têm esperança de que sua paralisia desapareça.

— Qual foi o problema?

— Foi um parto difícil — disse Robin. Um nó parecia ter se alojado em sua garganta outra vez. *Você ficou com muitos danos*… Ela tomou outro gole de vinho. — Os nervos dele se romperam, e ele foi prematuro também. — *O embrião não conseguiu passar da cicatriz, sabe*…

— Menor que o de cinco quilos, então?

— Muito — respondeu Robin com dificuldade, lembrando-se dos solavancos de quando foi transportada de maca e da sensação gelada da sonda do ultrassom.

Strike tornou a encher a boca de espaguete. Apesar do latejar em seu rosto e em sua perna, ele soube que estava se aproximando depressa o momento em que ia dizer a ela que a amava. O que era necessário agora era um pouco de conversa leve, com sorte envolvendo algumas risadas e mais vinho, para afrouxar as inibições. Ele podia começar sondando sutilmente o estado de seu relacionamento com Murphy, e então…

— E aí, pelo que viu, você ia gostar de morar em Sark? — perguntou ele.

— Não sei — respondeu ela, que estava com dificuldade para não pensar nas mensagens de Murphy e achou difícil engolir a massa por causa do nó na garganta. — É muito bonito.

— Eu achei que fôssemos ver mais cavalos.

— Eles provavelmente só usam as carroças no verão — disse Robin. — Para turistas.

— É. Eu me daria bem se deixassem eu ter meu próprio trator, mas…

Strike de repente percebeu, para sua grande consternação, que Robin estava chorando, embora tentasse esconder o fato. Ele engoliu apressadamente.

— O que eu…?

— Não é nada, não é você — disse Robin com uma voz aguda. Ela se levantou, foi até o rolo de toalhas de papel e arrancou algumas folhas. — Me ignore. Só me ignore. Desculpe.

— Por que…?

— Não é nada — repetiu ela, se apoiando de lado, mas sem conseguir parar de chorar.

— Pare com isso, o que…?

— Eu… perdi um bebê.

— *O quê?* — disse Strike, tomado de horror.

Sem conseguir mais conter isso, sem conseguir fingir, sem conseguir lidar sozinha com o fardo de sua própria confusão e culpa, Robin voltou cambaleante até a mesa, sentou-se e contou a história curta e brutal de sua gravidez acidental enquanto chorava.

— Merda — disse Strike. — Eu… sinto muito.

Ele não tinha ideia do que mais dizer. Não sabia o que isso significava para Robin ou para seu relacionamento, não sabia se ela estava chorando a perda de um filho, e se tinha desejado o bebê. Ele observava, com desalento, enquanto Robin lutava sem sucesso para recuperar o controle sobre si mesma.

— Eu não sei por que estou tão… Ah, *Meu Deus*.

Sem conseguir parar de chorar, ela se curvou sobre a mesa, como Danny de Leon tinha feito mais cedo, com o rosto escondido nos braços, o cabelo caindo no prato de espaguete. Sua lealdade a Murphy se misturava com seus pensamentos conflituosos sobre a mensagem que ele tinha acabado de enviar, e ela estava lutando com uma vontade poderosa de botar para fora as coisas que não tinha ousado dizer para nenhum outro ser humano.

Strike não conseguia pensar em nada a fazer, exceto estender a mão sobre a mesa e colocá-la em seu ombro enquanto ela chorava. Ele raramente se sentia tão desorientado… ou com tanto medo de dizer a coisa errada.

— Você… queria o bebê?

— Não — respondeu Robin, sua voz a meio caminho entre um guincho e um gemido. — Foi um acidente completo. Eu nem soube, até estar tudo… tudo acabado… ah, Meu Deus, desculpe.

— Pare de se desculpar — disse Strike. Em sua ignorância total do que podia estar envolvido em uma gravidez ectópica, ele disse: — O que… Quanto tempo

você ficou no hospital?

— Só duas noites — disse Robin, erguendo o rosto molhado, ainda tentando recuperar o controle. — Não foi nada… não foi nada de mais. Só que isso aconteceu por causa… do estuprador… quando eu tinha dezenove anos… ele me transmitiu uma infecção, e é por isso que não posso… Eu não sei por que estou fazendo isso! — disse ela um pouco histérica enquanto lágrimas incontidas escorriam, e ela esfregava o rosto freneticamente.

— Murphy… Ryan…?

— Ele tem sido ótimo, mas ele realmente quer filhos. — Robin assoou o nariz na toalha de papel, então respirou fundo. — Não tenho nada a reclamar dele, ele diz que me quer, mesmo que eu não possa ter filhos, e tem sido muito legal desde que isso aconteceu…

— Bom — Strike esforçou-se para dizer, embora esse talvez fosse o monossílabo menos sincero que já havia passado pelos seus lábios. — É claro — acrescentou ele —, Murphy não é idiota. Ele sabe que não vai encontrar ninguém como você outra vez.

— Obrigada — murmurou Robin, esfregando os olhos com a mão esquerda, mas sua direita encontrou a de Strike e a apertou.

— E pelo que parece — disse Strike —, você ainda podia… se quisesse…

— Mas eu não sei se *quero* ter filhos — disse Robin, e seu alívio ao dizer isso para uma pessoa que não fosse Murphy pareceu remover um torniquete. — Se eu tivesse um bebê, não ia mais poder fazer *isso*. Tenho certeza de que há mulheres que conseguiriam fazer as duas coisas, mas eu não acho que seja uma delas. Não é que eu não goste de crianças, eu entendo totalmente por que as pessoas as querem e amam tê-las, eu entendo, tanto quanto possível quando você mesma não passou por essa situação, mas eu amo muito *isso*. Não seria a mesma coisa se eu tivesse filhos, eu ia me preocupar mais em correr riscos, ia me sentir culpada por trabalhar demais, o que significaria lealdades divididas, e acho que ficaria ressentida com meus filhos por ter de abrir mão disso, ou não ser capaz de entregar o que posso entregar agora. Isso é egoísta? — perguntou ela, olhando para Strike com os olhos cheios de lágrimas.

— Droga, isso é o oposto de egoísmo — disse Strike de forma robusta. — Se todo mundo pensasse bem sobre ter filhos antes de tê-los, haveria muito menos pessoas fodidas neste mundo.

— Os médicos dizem que eu devo congelar os óvulos, e Ryan quer que eu faça isso, ele acha que isso significa ter opções… Talvez eu devesse fazer isso — disse Robin, esfregando os olhos na manga. — Talvez essa seja a coisa inteligente a fazer… tudo isso simplesmente me foi *imposto*, e descobrir que aquele maldito estuprador me tirou a chance…

Ela esfregou os olhos, percebeu o molho de queijo no cabelo e esfregou isso também.

— Sinto muito — disse Strike outra vez, sem saber o que mais dizer.

— Tudo bem — falou Robin, assoando o nariz. — Não foi nada, em comparação com o que você passou.

— O quê, minha perna? É diferente, não pior — disse Strike. — Quem já esteve dentro de um hospital militar, acredite em mim, agradece pela sorte que teve. Minha amputação foi abaixo do joelho. Seria bem diferente se fosse acima do joelho. Eu não sou paraplégico. Não tive a genitália explodida. Ainda tenho visão; por pouco, depois daquele maldito spray. Eu estou bem. — Com medo de ser cedo demais para humor, ele, mesmo assim, acrescentou: — Obviamente foi um golpe saber que nunca mais vou dançar *O lago dos cisnes*.

Para seu alívio, Robin riu.

— Você alguma vez pensa na pessoa que plantou o explosivo?

— Não muito — respondeu Strike. — Ele só fez o que achava que tinha que fazer. Não foi pessoal.

— Eu também não acho que tenha sido pessoal com meu estuprador — comentou Robin.

— Isso é diferente — disse Strike outra vez.

Robin respirou fundo e falou:

— Me desculpe mesmo por ter jogado tudo isso em cima de você.

— Para que servem os amigos? — falou Strike.

Mas ele nunca tinha estado em um dilema tão grande quanto o que sentia no momento. Será que ele podia contar a ela, naquele instante, depois de ela ter perdido um bebê recentemente: "Tem mais uma coisa para levar em conta quando você pensar no futuro: eu amo você."

— Vamos só conversar sobre o caso — pediu Robin, tirando sua mão da dele. — Por favor.

— Tudo bem, mas vamos comer primeiro — falou Strike.

Então eles comeram, cada um consumido por seus próprios pensamentos. Strike estava refletindo sobre o que fazer para obter os melhores resultados, tentando examinar a questão de todos os lados. Ela tinha acabado de contar algo muito pessoal. Isso não abria a porta para ele fazer o mesmo? Eles estavam juntos sozinhos, enfim, no lugar mais remoto que provavelmente iam visitar, onde mais ninguém poderia procurá-los e interromper. Não era loucura deixar essa chance passar? Entretanto, ele temia que, se falasse agora, quando Robin já estava nitidamente em um estado de crise, ele se transformasse, talvez para sempre, de amigo e confidente em outra fonte de dor e confusão.

Robin percebeu o cenho levemente franzido de Strike e se perguntou se ele a estava achando tão caótica e descuidada quanto ela se sentia por se meter em tamanho problema, por cair no espaguete e chorar, e ela teve uma imagem mental repentina de Kim Cochran, sempre arrumada, profissional e animada, sua vida pessoal em perfeita ordem. *Todos nós cometemos erros. Embora eu nunca tenha me casado com um dos meus…*

Quando os dois terminaram de jantar, eles foram, por sugestão de Robin, para a sala de estar ao lado, que tinha um teto com vigas e uma lareira de tijolos com um queimador de madeira, enquanto Robin carregava o vinho.

— Fogo? — sugeriu Strike, porque a sala estava fria, e mesmo que isso não o incomodasse muito, ele sabia por experiência própria que costumava incomodar mulheres.

— Ótimo — respondeu Robin, que já tinha puxado uma manta do sofá para se enrolar nela.

Ela olhou ao redor da sala de teto baixo, para o navio em uma garrafa e um cavalo de porcelana em cima da cornija da lareira, para mais uma paisagem marinha na parede e para os muitos panfletos anunciando as atrações de Sark espalhados sobre uma mesa lateral, e pensou no quanto teria gostado de estar ali, não fosse pela mensagem de Murphy. Ela se sentia fisicamente cansada, mas desejava estímulos mentais, e também estava ciente de um desejo de provar a Strike que ainda estava à altura do trabalho, independentemente de seus problemas pessoais.

— Então — disse ela, enquanto Strike estava ocupado com jornais velhos e achas de lenha —, nós voltamos para a pergunta de por que Wright foi morto no cofre, se não foi um blefe duplo maçônico.

— É — disse Strike, que desanimou com essas palavras.

Robin queria falar de trabalho. Isso era um fechamento deliberado da porta para qualquer conversa mais pessoal? Ela estava tão ciente quanto ele de como aquela situação era incomum (a casa isolada, as centenas de quilômetros entre eles e Londres) e estava procurando levar as relações novamente para território profissional? Com relutância e um peso no coração, ele chegou à conclusão de que falar nesse momento sobre seus próprios sentimentos seria um erro; provavelmente, um erro irrecuperável.

— Tudo bem — disse ele, depois de acender o fogo, fechar a porta do queimador de madeira e ficar novamente de pé com a ajuda da viga da cornija —, que razões as pessoas têm para matar em lugares específicos?

— Não sei — disse Robin.

Strike se serviu de mais vinho e sentou-se em uma cadeira de vime, que rangeu alto.

— Eu consigo pensar em quatro.

— É mesmo? — disse Robin, pega de surpresa.

— É. Acaso, conveniência, oportunidade e necessidade.

— Bom — disse Robin, enrolando-se mais na manta, acalmada por ter um exercício intelectual no qual envolver a mente e grata pelo fogo —, com certeza não foi acaso, não é? Wright e seu assassino não estavam naquele cofre naquela hora da madrugada por acaso. Isso foi pré-arranjado. Organizado.

— Concordo — disse Strike.

Robin bebeu mais vinho, tentando se concentrar.

— O que vinha depois de acaso? — perguntou ela.

— Conveniência. Isso, em particular, cobre assassinatos domésticos. Acho que podemos desconsiderar isso. De todos os locais para se cometer assassinato, eu tenho dificuldade de pensar em um que seja mais inconveniente do que um cofre subterrâneo.

— E então, oportunidade?

— Oportunidade se encaixaria bem se o assassino fosse Kenneth Ramsay, Pamela Bullen-Driscoll ou Jim Todd. O cofre pode muito bem ter sido um dos poucos lugares em que eles teriam tido a chance de acertar um homem forte na cabeça pelas costas, sem testemunhas. Infelizmente, todos têm álibis indestrutíveis. Então nos resta a necessidade. O cofre foi literalmente o único lugar em que o

assassinato foi possível.

Interpretando corretamente a falta de resposta de Robin, Strike continuou:

— Também não consigo pensar por que teria sido necessário fazer isso ali. Mesmo se aceitarmos a premissa de que Wright foi atraído para sua morte com a promessa de uma parte do lucro do roubo, por que o assassino dificultou tanto a coisa para si mesmo? Se uma vítima estivesse atrás de dinheiro fácil, haveria centenas de outras situações das quais ela poderia ser convencida, e ela provavelmente daria as costas e exporia a parte de trás da cabeça em algum momento. Por que *lá*?

— Não sei — disse Robin outra vez. — Sinto como se tivéssemos muitas peças de quebra-cabeças diferentes.

— Nós temos — disse Strike. — Semple, Powell, Fleetwood… Knowles, por falar nisso… E sabe-se lá que merda é o "Barnaby's".

Vendo as chamas dançarem, Robin perguntou:

— Com que frequência você acha que há um caso de assassinato em que tanto o assassino quanto sua vítima estavam fingindo ser outra pessoa?

— Acho que não é frequente — respondeu Strike. — Mas tenho certeza de que mais assassinos fariam as coisas dessa maneira, se conseguissem realizar este arranjo. A identidade falsa de Wright funcionou brilhantemente a favor do seu assassino. Quando você não consegue identificar a vítima, é muito difícil ver por que alguém iria querer sua morte.

Os dois observaram as chamas dançando no queimador de madeira por um tempo, então Robin falou:

— Eu não paro de pensar em Wright. O jeito como Daz e Mandy o descreveram… ele parecia…

Robin se calou. Ela bebeu um pouco de vinho.

— Parecia? — instigou-a Strike.

— Bem, um pouco… solitário, perdido ou alguma coisa… Parece tolice descer até a casa de seus vizinhos, comer comida de delivery, fumar maconha com eles e deixá-los dar uma boa olhada em você, se você está disfarçado porque está planejando um roubo. Se Wright soubesse que só ia ficar lá por pouco tempo, por que fazer amizade com Mandy e Daz? E encomendar pesos para seu apartamento, por que você faria *isso*, se soubesse que só ia ficar ali por um mês?

— Duas observações muito boas — disse Strike.

— Você ainda acha que Todd escreveu o currículo de Wright? — perguntou Robin.

— Acho, sim — confirmou Strike. — Logo, Wright achou que Todd fosse um associado, até mesmo um amigo… mas isso levanta mais perguntas, não é? Se Todd fosse um agente duplo, convencendo Wright de que estava do seu lado, mas na verdade atraindo Wright para o cofre para ser morto por Oz, nós voltamos para a pergunta perene: por que o assassinato teve que ser no cofre? E por que Wright teria concordado em entrar ali à uma da madrugada com o homem de quem ele estava fugindo? Isso não é uma comédia shakespeariana, na qual um homem penteia o cabelo diferente e logo se torna indistinguível da própria irmã. Uma peruca encaracolada está longe de ser um disfarce irreconhecível.

— Wright pode nunca ter se encontrado com Oz antes, nem saber como ele era.

— Então é igualmente estranho ele ter concordado em entrar naquele cofre com ele à uma da madrugada. Mandy disse que Wright contou a ela e a Daz, "ou ele podia mandar alguém". Wright sabia que poderia não reconhecer o homem que estava indo atrás dele.

— Eu sei que Reata Lindvall provavelmente *não* era Rita Linda — disse Robin, lembrando-se da expressão vidrada de Strike no avião —, mas *digamos* que seja, para fins de especulação; talvez Todd tenha contado a Wright o que havia acontecido com ela, depois de descobrir a verdade em sua prisão na Bélgica.

— Isso passou pela minha cabeça quando eu soube que Todd esteve preso na Bélgica — disse Strike —, mas se Wright achava que Todd era seu amigo, por que ia contar a informação para a imprensa? Isso ia acabar com o disfarce de Todd, ia lembrar ao mundo de que ele era um estuprador condenado, apontando a polícia e a imprensa diretamente na direção dele outra vez e incriminando Todd por esconder provas.

Quase um minuto se passou enquanto cada um deles perseguia seus próprios pensamentos. Então…

— Aquele e-mail enviado para Osgood da Ramsay Silver… — disse Robin, se desenrolando da manta para pegar seu próprio celular no bolso. Depois de encontrar a mensagem, ela a leu em voz alta: — "Prezado sr. Osgood (Oz), posso lhe ajudar com algo que sei que tem sido um problema para você, se concordar em se encontrar comigo."

Ela olhou para Strike.

— *Só pode* ter sido Wright quem mandou esse e-mail. Todd não teria enviado um e-mail para Oz do trabalho, não se eles fossem cúmplices.

— Até onde vejo, isso parece razoável — disse Strike. — Mas Wright queria escrever para Oz, o falso produtor musical, ou Osgood, o verdadeiro?

— E se Wright soubesse que Osgood tinha um impostor e fosse contar a ele quem era? A inclusão de "Oz" pode ter sido uma dica?

— Isso se encaixaria, mas essa não é a única explicação. E se Wright estivesse se oferecendo para ajudar em um problema que ia ser resolvido no cofre à uma da madrugada?

— Que tipo de problema Osgood poderia ter tido que significasse descer até o cofre da loja à uma da madrugada?

— Bem, por exemplo, "Estão faltando cem mil dólares em prataria maçônica" — disse Strike, e Robin riu. — É tentador tentar encaixar Semple em tudo isso — continuou Strike —, porque seu estado mental pode explicar algumas anomalias: confiar demais em Todd, fumar maconha com os vizinhos. Provavelmente ele *tinha* uma fixação pela prataria Murdoch…

— Mas também é possível encaixar Powell nisso — disse Robin. — Ele queria um novo começo, e nós sabemos que ele não era a pessoa mais inteligente do mundo, o que poderia explicar ele confiar demais em Todd e não reconhecer o perigo representado por Oz.

— É verdade, mas como eu disse em Ironbridge, uma loja de prataria maçônica é um lugar especialmente estranho para um mecânico escolher trabalhar. Além disso, pelo visto ninguém dava muita importância a Powell, com a exceção de sua avó, e seu interesse parece ser principalmente por ele não estar mais fazendo compras para ela. Acho que o acidente de carro foi realmente um acidente. Nós achamos mesmo que os simpáticos Whitehead de classe média, por mais desolados que tenham ficado, contrataram assassinos para vasculhar o Reino Unido inteiro atrás de Tyler Powell?

— Não — admitiu Robin —, mas Tyler poderia achar que era isso o que ia acontecer… Nós estamos nos esquecendo de Rupert Fleetwood.

— Eu não me esqueci dele — disse Strike —, mas vou dizer uma coisa a você: não faz sentido que Todd tenha escrito um currículo para Fleetwood, que saberia perfeitamente bem como escrever um; e, levando em conta sua educação cara em

escolas particulares, eu ficaria surpreso se ele não conseguisse aprender o suficiente sobre prata para passar na entrevista sem precisar de Todd. Por outro lado, eu acho muito fácil acreditar que Powell teria gostado que outra pessoa se incumbisse dessa parte do emprego, e o mesmo poderia se aplicar a Semple. Nós não sabemos como ficaram sua leitura, sua escrita e sua concentração depois da lesão, e ele provavelmente nunca escreveu um currículo na vida. Homens nas Forças Especiais não precisam disso.

— Eu tenho *certeza* de que Rupert ainda está vivo — disse Robin. — Mas não era de se esperar algum sinal dele a essa altura? Ele deve saber que estamos a sua procura. Sacha Legard deve ter conferido onde ele está, depois que você falou com ele. E tenho *certeza* de que Albie Simpson-White sabe o que aconteceu com ele. E, mesmo assim, Rupert não fez nada para nos impedir de tentar encontrá-lo, ou para acabar com a infelicidade de Decima. Ele deve saber que isso seria melhor, no longo prazo… E seu filho? Ele não liga nada para a criança?

— Não tenho ideia — disse Strike.

— Ele é mais um que parece ter agido de forma inconsistente. Albie realmente o fez parecer uma boa pessoa, sabe. Ele *jurou* que Rupert amava Decima, e mesmo assim ele desapareceu sem dizer uma palavra… Eu *preciso* tentar encurralar Cosima Longcaster — disse Robin, com determinação. — Vou tentar fazer isso esta semana… Escute, você se importa se eu for me deitar? Estou muito cansada, e você também deve estar, porque passou a noite inteira acordado.

— Tudo bem — disse Strike. — Dormir cedo vai me cair bem.

— Eu vou só lavar a louça — disse Robin, livrando-se da manta que enrolara em torno de si mesma.

— Eu faço isso, você cozinhou. São uma panela e dois pratos — disse Strike, se levantando da cadeira com dificuldade, com a ajuda da bengala. — Vá para a cama. Eu cuido disso.

Depois que Robin subiu, Strike voltou mancando para a cozinha, sentindo-se totalmente infeliz. Não era muito reconfortante achar que tinha feito a coisa certa e decente ao não forçar sua crise emocional sobre Robin quando ela estava nitidamente no meio de sua própria crise séria, mas seu último vislumbre de esperança tinha se apagado na escuridão, deixando-o dominado pela autorrecriminação. Ele só tinha a si mesmo para culpar pelo fato de ter sido forçado, no que provavelmente era o local com o ambiente mais auspicioso para

um romance que ele e Robin jamais iriam visitar juntos, a ouvi-la resumir seus planos para preservar os óvulos para Murphy.

Havia uma afirmação emoldurada no batente da janela sobre a pia na qual ele lavou as coisas do jantar. Ela dizia: *Sempre encerre o dia com um pensamento positivo. Não importa se tudo está difícil, amanhã é uma nova oportunidade para melhorar as coisas.*

Strike lançou um olhar sombrio para essas palavras enquanto secava as mãos, então cambaleou pelo corredor até seu quarto.

88

Mas ela tinha confundido seu homem. Talvez ela não conhecesse muitos como ele.

John Oxenham
A Maid of the Silver Sea

O ferimento no rosto de Strike parecia ainda pior na manhã seguinte, o inchaço um pouco menor, mas com hematomas azuis lívidos manchando sua pele. Seu rosto continuava doendo, e ele resolveu não se barbear, com medo de reabrir o corte deixado pela pá.

Antes de voltar para a balsa, ele e Robin caminharam um pouco por La Coupée, que ficava logo depois do Old Forge: um istmo alto e estreito que conectava a ilha principal com Little Sark. Enquanto Robin, açoitada pelo vento, estava olhando para baixo para o mar cinza e turbulento, Strike, que tinha acabado de checar seu telefone, falou:

— Vamos precisar de sorte para voltar hoje.

— Por quê?

— A tempestade Doris acabou de atingir o Reino Unido — informou Strike. — Ventos de cento e cinquenta quilômetros por hora. Eles cancelaram muitos voos.

E assim foi. Quando chegaram ao aeroporto em Guernsey, foi para descobrir que seu voo estava atrasado, e circulavam rumores entre passageiros irritados de que seria cancelado. Robin se viu torcendo para que fosse; que ela e Strike pudessem simplesmente se retirar para um hotel em Guernsey, e ela conseguisse aproveitar mais uma noite longe de Londres com a consciência limpa. Entretanto, uma hora depois do horário previsto, eles foram autorizados a embarcar.

A aproximação no aeroporto de Gatwick foi enervante, e em determinado

momento Robin agarrou instintivamente o antebraço de Strike enquanto o avião voava em zigue-zague na direção da pista de pouso, agitado por ventos fortes. Entretanto, eles aterrissaram sem problemas, provocando uma salva de palmas dos passageiros, menos de Strike, para quem o antebraço agarrado tinha sido agridoce, e que teria aguentado animadamente um pouso mais brusco pelo contato físico prolongado.

Embora Londres ainda tivesse traços resultantes da surra que levara da tempestade, o dia seguinte estava calmo, claro e frio. Uma árvore tinha sido arrancada na rua de Richmond onde o Duas-Vezes e sua mulher moravam, e Strike observou homens de jaqueta amarela lidando com ela enquanto estava sentado em seu BMW, feliz por poder tirar o peso da perna depois de todas as caminhadas que tinha feito em Sark, mas ainda com dor no queixo e se sentindo mais deprimido do que estivera no Old Forge. Ele não conseguia obter conforto na lembrança de Robin apertando seu braço no avião nem de ela segurando a mão dele na cozinha, porque ela e Murphy logo estariam morando juntos, e quisesse ela ter filhos ou não agora, o rumo das coisas era claro de se ver: Murphy fazendo uma pressão sutil, Robin finalmente cedendo, e então percebendo, como ela tinha dito em Sark, que não poderia se afastar o suficiente dos filhos para trabalhar como trabalhava agora…

Kim deveria assumir a vigilância da sra. Duas-Vezes às sete da noite, mas faltando dez minutos, Strike recebeu uma mensagem dela.

Mil desculpas, houve uma emergência pessoal, você pode continuar com ela?
Vou chegar aí o mais rápido possível.

Como estava cansado e com fome, além de estar se sentindo deprimido, Strike não ficou muito satisfeito com essa mensagem, mas deu uma resposta afirmativa, só para ver a sra. Duas-Vezes sair sozinha de casa alguns minutos depois, entrar em um Uber e partir na direção do centro de Londres. Strike foi atrás em seu BMW, torcendo para que ela não fosse longe demais; ele queria muito ir para casa. Enquanto a observava conferir a maquiagem no banco traseiro do carro, Strike se perguntou se Duas-Vezes não ia acabar abandonando-a, como tinha feito com uma namorada anterior que se mostrou decepcionantemente monogâmica. Era uma vergonha, pensou Strike, ele não ter o mesmo fetiche que Duas-Vezes;

ele estaria se divertindo como nunca se obtivesse prazer em saber que a mulher que amava estava transando com alguém mais bonito.

O motorista da sra. Duas-Vezes a deixou em frente ao hotel St. Martins Lane. Strike encontrou uma vaga para estacionar, então entrou no lobby espaçoso e de piso branco, que era decorado com objetos como peças de xadrez gigantes e um sofá coberto de pele sintética. Tentando não mancar de maneira óbvia demais, ele foi até um balcão de informação e soube que havia um restaurante e um café. Ele foi verificar os dois, mas nenhum deles mostrou qualquer sinal de seu alvo.

Agora se perguntando se a sra. Duas-Vezes não tinha na verdade desaparecido em um quarto para um encontro, ele indagou a um funcionário que passava se havia outro lugar onde a mulher com quem havia marcado de se encontrar poderia estar, e foi orientado a ir ao Blind Spot, um bar secreto no qual se entrava por uma porta branca escondida com uma mão dourada estendida como maçaneta. Strike não estava no clima para achar isso charmosamente excêntrico.

O salão ali dentro era comprido, estreito e tão escuro que ele quase caiu de cara ao prender o pé falso na borda de um tapete. Depois de recuperar o equilíbrio, ele viu a sra. Duas-Vezes na outra extremidade do salão, mal-iluminada por um pequeno abajur e compartilhando um reservado com outras duas mulheres. Um garçom conduziu Strike para a única mesa vazia, que era um reservado de couro posicionado de um jeito que obrigava Strike a ficar de olho na sra. Duas-Vezes em um espelho grande na parede oposta, que dava uma imagem parcial e distorcida.

Caixas de som acima de sua cabeça estavam tocando "Itchycoo Park".

I feel inclined to blow my mind…

O garçom entregou a ele um menu de coquetéis. *Que se foda*. Ele estava a dez minutos a pé do escritório; ia deixar o carro onde estava. Ele merecia álcool. Depois de passar impacientemente pelos coquetéis, todos os quais tinham como tema cidades e países diferentes, ele pediu um Ardbeg duplo e tentou encontrar um jeito de estender a perna com a prótese no espaço estreito entre a mesa e o sofá de couro.

O drinque de Strike chegou logo depois que ele enviou para Kim uma mensagem com o novo local. Ele deu um gole grande no uísque defumado, sem vontade de pedir os caros petiscos do bar, apesar de sua fome, porque esperava não ficar muito tempo ali. Por toda a sua volta havia casais sob a iluminação fraca,

com os olhos refletindo pequenos fachos de luz projetados pelos abajures; então, torcendo para parecer alguém esperando uma namorada, ele se refugiou no telefone, procurando na internet informações sobre a mãe de Jim Todd, uma tarefa que estivera fazendo intermitentemente o dia inteiro.

Nancy Jameson estava se revelando difícil de encontrar, porque alternava entre o nome de casada e o de solteira. Strike tinha descoberto várias sentenças judiciais contra ela, a maioria por comportamento desordeiro, mas também por furto em lojas, embora as últimas datassem de cinco anos atrás. Strike sabia que ela poderia estar morta, mas insistiu em procurá-la, porque a tarefa mundana estava mantendo sua mente longe de seus outros problemas. Quando terminou o primeiro uísque, ele pediu outro.

Às oito horas, com Françoise Hardy cantando pelas caixas de som, e Strike em seu terceiro Ardbeg duplo, seu celular tocou com uma ligação transferida do escritório. Ele o levou ao ouvido e disse:

— Strike.

A ligação estava ruim. Por alguns segundos, ninguém falou, mas Strike podia ouvir um ruído crepitante. Então, uma voz masculina muito grave disse:

— Aqui é Rupert Fleetwood.

Demorou alguns segundos até Strike registrar o que tinha acabado de ser dito; dois Ardbegs duplos e meio não tinham melhorado seus poderes de concentração. Procurando às pressas o bloco de anotações no bolso, ele disse, falando mais alto que Françoise Hardy:

— É bom falar com você, sr. Fleetwood.

— Você tem procurado por mim — disse a voz grave.

— Tenho — confirmou Strike.

A ligação inesperada, chegando tão pouco tempo depois de Robin ter expressado surpresa por Fleetwood não ter entrado em contato com eles, o pegou desprevenido.

— Sua ex-namorada está muito preocupada com você.

Não houve resposta.

Oui mais moi, je vais seule

Car personne ne m'aime…

— Onde você está no momento? — perguntou Strike, que tinha conseguido abrir o bloco e estava tentando encontrar a caneta.

— Isso não importa — disse a voz grave. — Só diga a Decima que estou bem.

— Acho que isso não vai deixá-la muito feliz — comentou Strike, passando o celular para o ouvido esquerdo para poder escrever. — Ela acredita que você jamais a deixaria. Ela acha que o motivo para você não ter mantido contato é que está morto.

Ele esperou, mas não houve resposta.

— No mínimo, eu acho que ela gostaria de saber por que você desapareceu — acrescentou Strike.

— Não ia funcionar entre nós.

— Por que não?

— Simplesmente não ia — disse a voz. — A culpa não foi dela.

— Eu vou precisar de uma prova de que você é realmente Rupert Fleetwood, se quiser que eu transmita essa mensagem — disse Strike. — Me conte algo que apenas ele e Decima saberiam.

Ele esperou, com a caneta posicionada.

— Ela me chamava de "Urso" — disse a voz grave.

— E ela e Rupert são os únicos que sabem disso? Decima nunca disse isso quando havia outra pessoa ouvindo?

Comme les garçons et les filles de mon âge

Connaîtrai-je bientôt ce qu'est l'amour?

— Eu posso pensar em uma coisa que só Rupert e Decima sabiam, antes que ele desaparecesse — disse Strike.

— Eu roubei o navio de prata do pai dela — disse a voz grave.

— Muitas pessoas sabem que Fleetwood roubou aquele barco. Eu quero alguma coisa que só Rupert e Decima…

O homem que tinha ligado desligou.

Strike baixou o celular, franzindo o cenho. Ele se perguntou se deveria ligar para Robin com a notícia de que Rupert Fleetwood, ou alguém fingindo ser ele, tinha acabado de ligar, mas ela provavelmente estava com Murphy.

Embora o uísque não o estivesse exatamente animando, ele pelo menos tinha um efeito entorpecente, que era melhor do que nada, então Strike pediu um quarto, se perguntando o que tinha acontecido com Kim. Esse atraso não era característico dela; ela geralmente era muito pontual.

Sua bebida nova tinha acabado de ser posta a sua frente quando seu celular

voltou a tocar, também com uma ligação transferida do escritório. Torcendo para que fosse o homem de voz grave outra vez, ele atendeu.

— Strike.

— Oi, sou eu — disse um sussurro alto e raivoso. — O que você está esperando? *Eu preciso me encontrar com você!*

Depois de um momento de incompreensão, Strike disse:

— Você é a pessoa que tem me ligado a respeito de uma ponte?

— Eu não sei de nada sobre isso! — disse ela furiosamente. — *Eu preciso que você venha!*

— Onde você está? — perguntou Strike, tentando tirar o bloco do bolso outra vez.

— Só venha ao Golden Fleece, pelo amor de Deus!

— Onde fica isso?

— Você sabe onde, é o único lugar onde estou em segurança, mais ou menos, mas eu tenho que tomar cuidado, acho que estão me vigiando…

— Você é Rena Liddell?

— NÃO DIGA A PORRA DO MEU *NOME*! — gritou ela.

Ele ouviu o barulho do fone de uma cabine telefônica ser jogado para baixo.

Merda.

Strike agora estava excepcionalmente faminto, além de um pouco bêbado, por isso cedeu e pediu batatas fritas com anéis de lula do cardápio de petiscos do bar. Mal o garçom se afastou, Kim finalmente entrou no bar.

— Desculpe, eu *nunca* me atrasei para um trabalho — murmurou ela.

Quando ela sentou-se ao lado dele, Strike viu sob a iluminação limitada do reservado que ele não era a única pessoa com ferimentos faciais. Alguém tinha muito obviamente atacado o rosto de Kim, deixando arranhões profundos e sangrentos. O olho direito dela estava inchado, e Strike pôde ver hematomas se formando em torno dele.

— O que aconteceu com você?

— É… é Ray… você sabe, meu ex?

Mais lento para compreender do que o normal por causa de todos os Ardbegs que tinha consumido, Strike disse:

— Sim, o cara desempregado … *Ele* fez isso?

— Não, foi… Eu contei a você que ele estava com outra pessoa quando

ficamos juntos, não contei? Bem, foi ela.

— Meu Deus — disse Strike.

— Eu abri a porta do meu apartamento, e ela estava ali parada — disse Kim. — Olhe, sinto muito, mas posso beber um drinque de verdade, eu realmente…

Não estando em posição de recusar, considerando quantos Ardbegs já tinha consumido, Strike ergueu a mão para chamar o garçom, e quando Kim, que agora estava sentada com as mãos no rosto, murmurou "qualquer coisa", Strike pediu um Ardbeg para ela também.

Quando sua bebida chegou, Kim deu um gole grande, então tossiu e disse:

— Meu Deus, isso é horrível, o que é?

— Uísque.

— Ah… bem, eu acho que vai dar para o gasto.

Ela virou mais na garganta.

— O que fez a ex de seu ex aparecer hoje? — perguntou Strike.

— Porque Ray se matou — disse Kim sem rodeios.

A imagem de Charlotte deitada em uma banheira cheia de sangue emergiu do subconsciente de Strike. Ele se lembrou do choque de uma suspeita antiga ser encontrada enforcada na própria garagem.

— Merda, eu sinto muito.

— Isso não tem nada a ver comigo — disse Kim apressadamente. — Nós nos separamos há meses, não é *minha* culpa, mas ela está procurando alguém a quem culpar. Era *ela* que ficava perturbando Ray por causa de dinheiro o tempo todo. Eles têm filhos juntos — acrescentou ela e tomou outro gole do Ardbeg. — Eu abri a porta do meu apartamento, e ela estava ali no patamar, esperando. Ela me agarrou pelo cabelo e me deu um soco no rosto. Eu caí no chão, e ela começou a me chutar, então subiu em cima de mim…

— Ela não é policial? — perguntou Strike, que se lembrava vagamente do que Kim tinha contado a ele no Dorchester.

— É. Se ela está tão preocupada com os filhos, você imaginaria que ela não ia querer ser presa logo depois da morte do pai deles, não é mesmo? Meus vizinhos saíram para o patamar, um deles a puxou de cima de mim e sua mulher ligou para a polícia. Eu tive que prestar depoimento. Depois saí e fui para meu carro e descobri que ela o havia arranhado e quebrado todas as janelas. Precisei pegar um táxi para vir para cá, e não sei como vou seguir a sra. Duas-Vezes até em casa.

— Eu não me preocuparia com isso — falou Strike. — Ela não vai transar com mais ninguém esta noite.

— Ah, meu Deus, você é tão legal — disse Kim, e se inclinou na direção dele antes de terminar o copo de uísque. — Posso beber outro?

Strike tinha dúvidas sobre pedir uma segunda bebida para ela, mas levantou a mão mesmo assim. Se não tivesse pedido comida, agora estaria a caminho de casa, mas estava faminto e queria suas batatas fritas.

Quando sua comida e o Ardbeg novo de Kim chegaram, ela estava duas vezes mais encostada contra ele, apertando o braço direito contra o esquerdo dele, com risinhos entrecortados. Ela parecia compreensivelmente abalada pela notícia de que seu ex-namorado estava morto, mas ele não gostou do clima de sedução que estava se insinuando no comportamento dela, por si só e também no contexto do luto recente. Enquanto isso, tinham servido a ele apenas três anéis de lula, que não pareceram uma grande recompensa por ter permanecido ali. Ele se serviu de batatas fritas.

— Esse é ele, o Ray — disse Kim, mostrando a Strike uma foto em seu telefone, embora ele não quisesse particularmente vê-la.

Ray era um homem bonito com o mesmo tipo de cabelo farto e prematuramente grisalho de Barclay. Strike se perguntou se Kim estava mostrando a ele a foto porque ela estava ao lado de Ray em um top revelador feito com um lenço.

— Isso foi em Ibiza — disse ela, com a voz embargada, voltando a tela para si mesma e examinando a foto. — Ah, meu Deus! — exclamou ela com emoção repentina, vendo mais fotos. — Ele se matou no carro. Fumaça do escapamento. Não sei por que estou…

Ela começou a chorar. Strike, que não queria fazer nenhum gesto físico de conforto e estava se esforçando para dominar seus pensamentos, levando em conta o cansaço e a grande quantidade de uísque ingerida, disse:

— Isso é uma coisa péssima de acontecer.

Exatamente como ele temia, Kim então se jogou sobre ele e ficou ali, chorando, enquanto Johnny Kidd & the Pirates começavam a cantar pelas caixas de som.

When you move in right up close to me

That's when I get the shakes all over me…

Pelo amor de Deus, pensou Strike, incapaz de pegar suas batatas sem desalojar Kim. Olhando para baixo, ele viu o celular dela virado para cima em seu colo, mostrando-a nua e exibindo as marcas de bronzeado em um espelho. Ele afastou o olhar, torcendo para que a falta de um braço de consolo em torno dela pudesse convencê-la a mudar de posição, e depois de um minuto, isso aconteceu. Com outro riso entrecortado e um "desculpe" sussurrado, ela se aprumou e esfregou os olhos com as costas da mão.

— Ah, merda! — disse ela, com um constrangimento mal fingido, virando o celular. — Eu não sei o que estou… — Ela virou o olhar castanho brilhante totalmente na direção dele pela primeira vez e soltou um pequeno suspiro. — Espere… o que aconteceu com *você*?

Ele foi lento demais para impedir que ela o tocasse de leve no rosto.

— Uma pá — disse ele, pegando as últimas batatas.

— Uma *pá*?

— É. Bem, eu tenho que …

Ele ergueu a mão para pedir a conta, e, ao fazer isso, Kim passou a mão em sua coxa.

— Você foi muito legal. Obrigada.

Ele pegou a mão de Kim e a jogou de volta no colo dela.

— Não.

— O quê?

— Você sabe o quê. Nós não vamos trepar — disse Strike, com mais veemência do que teria dito se não tivesse bebido tanto. — Nunca.

— O quê? Eu não…

— *Chega* — disse ele, com a língua parecendo mais pesada do que o normal, mas com a raiva de si mesmo pela confusão que havia feito com Robin finalmente encontrando um alvo. — Chega de mensagens acidentais, chega disso, está bem? E guarde a porra dos seus nudes pra você mesma.

Ele estava extremamente consciente de Kim sentada, rígida, ao seu lado enquanto ele pagava a conta. Strike não duvidava de que ela estivesse com raiva e humilhada, mas não se importou. Depois de pagar, ele se levantou com dificuldade, com formigamento nas pernas, e disse, sem olhar para ela:

— Vejo você no escritório.

E saiu, e só por um milagre da sorte evitou tropeçar no tapete pela segunda

vez.

89

A meio caminho, por um só mandamento quebrado,
A mulher fez sua parada eterna,
E ela hoje, um sinal cintilante,
Permanece no deserto de sal.
Atrás os tonéis em fermentação do julgamento
Trovejaram, e o enxofre choveu grosso:
Ele até a colina de sua perdição
Seguiu sua estrada.

A.E. Housman
XXXV, More Poems

Robin sentiu como se tivesse ficado duas semanas longe de Londres, em vez das quarenta e oito horas que tinham realmente se passado. O pior de tudo era a inquietação que havia voltado quase no mesmo momento em que o avião sacudido pela tempestade aterrissou. Agora percebia como tinha se sentido segura em Sark. Ela estava de volta à barulhenta e lotada Londres, onde qualquer dos homens por quem passava poderia ter uma máscara de gorila escondida em casa; ela voltou a olhar para trás a cada poucos metros, a fazer corridas rápidas de contravigilância pelo meio do trânsito e a sair dos vagões do metrô nos últimos segundos.

Esse medo suprimido, mas sempre presente, não era a pior de suas preocupações. Ela e Murphy se encontraram para jantar em um restaurante italiano na noite de sábado e conversaram. Ela repetiu que o amava, disse que não sentia distância e que com certeza queria que eles fossem morar juntos. Ela tentou não se lembrar de Strike segurando sua mão sobre a mesa da cozinha no Old Forge nem de como ele tinha sido compreensivo quando ela chorou. Ela

precisava esquecer isso tudo. Ela ia morar com Murphy.

Ela passou a noite no apartamento de Murphy, e permaneceu lá no domingo. Eles fizeram sexo duas vezes; ele parecia muito mais feliz do que estava ultimamente, e Robin disse a si mesma que também estava.

Para sua surpresa, no fim da tarde de domingo, o amigo de Tyler Powell, Wynn Jones, escreveu concordando em falar com ela naquela noite pelo FaceTime.

— Está tudo bem? — perguntou Murphy, observando a expressão dela ao ler a mensagem de Jones.

— Tudo — disse Robin. — É só uma pessoa com quem estou tentando falar sobre Rupert Fleetwood.

Ela se perguntou por que ainda estava mentindo para ele sobre o que exatamente estava fazendo no caso do cofre da loja de prataria, e achou que era força do hábito.

— Escute, você se importa se eu passar uma hora na academia? — perguntou Murphy.

— Não, é claro que não — disse Robin.

Ela se sentiu aliviada com a perspectiva de ficar sozinha, e ficou ainda mais satisfeita por Murphy não estar presente quando, dez minutos depois que ele saiu de casa, Strike ligou para ela.

— Pode falar? — perguntou ele com a voz rouca.

— Posso — disse Robin. — Você está bem?

Strike, deitado sem a prótese na cama em seu quarto no sótão, disse:

— É, estou bem.

Na verdade, seu estômago tinha estado embrulhado o dia inteiro, o que ele desconfiava ser culpa do kebab que havia comprado no caminho de casa chegando do Blind Spot na noite anterior, porque sua fome não fora aplacada por algumas batatas fritas e três anéis de lula de preço exorbitante. Ele havia dormido até tarde, depois ficou na cama tentando ignorar seu desconforto gastrointestinal enquanto fumava o cigarro eletrônico e continuava a procurar por Jim Todd na internet, com uma bolsa de gelo presa ao joelho dolorido. Ele logo ia precisar botar a prótese de novo, porque naquela noite ia seguir Plug.

— Eu tenho uma grande notícia — continuou ele. — Recebi um telefonema ontem à noite de um homem dizendo ser Rupert Fleetwood.

— *O quê?*

— É. Uma grande coincidência, depois de você dizer que estava surpresa por ele não ter entrado em contato. Ele me contou o apelido que diz que Decima usava com ele e confessou ter roubado o *nef*, mas quando insisti para que contasse alguma coisa que só ele e Decima saberiam, ele desligou.

— Ah — murmurou Robin.

— Ele tinha uma voz grave. Eu mandei um e-mail para Decima para perguntar se isso se encaixa com Rupert, embora conhecendo-a, ela vá dizer que alguém deve ter fingido. Eu acho que também encontrei a mãe de Todd. Ela está em Harlesden, então vou procurá-la assim que tiver tempo, ver se Todd mantém contato. E mais uma coisa — disse Strike, torcendo para isso não dar início a uma discussão. — Kim pediu demissão. Acabei de receber o e-mail.

— *Ah* — murmurou Robin outra vez. Pela primeira vez em dias, ela ficou animada. — Por que…? Aconteceu alguma coisa, ou…

— É, aconteceu uma coisa — disse Strike, que tinha decidido que precisava ser honesto sobre isso, mesmo que resultasse em problemas. — Ela apareceu para uma vigilância em um estado péssimo. Seu ex se matou com o escapamento do carro.

— Ah, meu Deus!

— Então a ex *dele* apareceu na casa de Kim para dar uma surra nela. Ela chegou ao bar e estava chorando, porque foi agredida e… bem, ela estava se encostando em mim e botando a mão na minha perna, e… — Ele se lembrou da fotografia nua, mas resolveu não mencionar isso. — Eu tinha bebido um pouco e disse a ela para parar com aquilo, e ela ficou ofendida. Bem — admitiu Strike —, eu fui bastante rude. Enfim, foi um pedido de demissão de duas frases: "Eu gostaria de encerrar meu contrato com efeito imediato. Por favor, envie o que resta de meu pagamento."

— Certo — disse Robin, sentindo-se um pouco atordoada. Isso era muito para processar em um único telefonema. — Bem… para ser totalmente honesta… estou feliz por me ver livre dela.

— Graças a Deus — disse Strike, relaxando um pouco. Ele estava preocupado com a reação de Robin; sobretudo que ela ficasse nervosa por ele ter mais do que poderia ser genericamente chamado de "problemas com mulheres". — Em uma notícia melhor, Wardle entregou sua demissão no trabalho, então não vamos ficar

com pouco pessoal por muito tempo.

— Ótimo — disse Robin. — Bem, eu acabei de ter progresso com Wynn Jones. Vou falar com ele pelo FaceTime em meia hora.

— Ele ainda está dando em cima de você?

— Se é possível chamar os emojis de berinjela que ele me envia de "dar em cima"… — comentou ela.

— Enviando o que para você? — perguntou Strike, para quem esse comentário se perdeu. Ele nunca tinha usado um emoji na vida.

— Eu explico outra hora — respondeu Robin. Ela nunca tinha discutido sobre pênis eretos nem os símbolos usados para eles na internet com Strike e não ia começar agora. — Depois eu te conto como foi.

Robin fez um café para si e, na hora marcada, ligou para Wynn Jones em seu laptop. Depois de apenas alguns toques, ele atendeu com as palavras "tudo bem?".

Jones era um jovem atarracado com papada e quase nenhum pescoço. Seu cabelo escuro muito curto já havia recuado para revelar uma grande faixa de testa vermelho brilhante. Um de seus olhos era maior do que o outro, o que lhe dava uma expressão infeliz de malícia. Com sua aparência desgastada e a camisa xadrez, ele teria se misturado facilmente com qualquer dos trabalhadores rurais que Robin conhecera em Masham, alguns deles colegas de escola que não estavam interessados na vida acadêmica porque tinham fazendas nas quais trabalhar e, em alguns casos, para herdar.

Jones estava sentado no que parecia ser uma sala de estar muito apertada e pouco limpa. O sofá de couro artificial tinha sido rasgado em vários lugares pelas garras de um gato. Latas de cerveja amassadas e embalagens de comida para viagem estavam empilhadas sobre uma mesa baixa à esquerda de Jones, e a borda de um alvo de dardos era visível acima de sua cabeça, a parede ao redor toda cheia de furos. Jones estava segurando uma lata de Carlsberg e, embora passasse pouco das seis horas, tinha a expressão desmazelada e vidrada de um homem que já havia bebido várias cervejas.

— Oi — disse Robin. — Muito obrigada por concordar em conversar comigo, Wynn.

— Tudo bem — disse Jones. Ele olhou para fora da câmera e ergueu as sobrancelhas para alguém ou alguma coisa fora de vista; uma expressão maliciosa e divertida.

— E então, ela é gostosa? — disse uma voz fora da câmera.

— É, não é ruim — disse Jones com um sorriso malicioso.

— Então, como eu expliquei, Wynn — disse Robin, fingindo não ter ouvido isso. — Eu queria conversar com você sobre Tyler, porque a avó dele acha que…

— Ele era um corpo — disse Jones, e Robin ouviu risos abafados e roucos do homem fora da câmera. — Ela está senil, não está? Uma detetive esperta de Londres como você já deveria ter descoberto isso, a essa altura, se você falou com ela.

A aversão irritada em relação à capital e a seus habitantes também era familiar para Robin, que tinha nascido em Yorkshire, por isso ela ignorou esse comentário.

— Dilys não acredita que o homem que tem ligado para ela desde julho seja Tyler. Ela acha…

— Que sou eu, é — disse Jones, parecendo confiante. — A vaca velha. Eu disse a ela que não sou. Lugs me disse para falar com ela, então eu fiz isso.

— Lugs?

— É assim que nós o chamamos. "Lugs". Você e o filho de Johnny Rokeby deviam me pagar, por direito. Estou contando coisas que vocês já deveriam saber.

O homem fora da câmera riu.

— Dilys está sempre achando que as pessoas estão tentando enganá-la — disse Wynn. — Ela pensou que o carteiro tinha roubado parte de sua pensão no ano passado, a velhota. Enfim, Lugs está cansado dela. Ela o manda fazer suas compras e todo tipo de coisa.

— Você teve notícias de Tyler desde que ele desapareceu?

— É, mas então ele ficou puto comigo — respondeu Jones, com o sorriso agora mais largo.

— Por que isso?

— Eu o chamei de covarde.

— Por que você o chamou de covarde?

— Ele deveria ter socado todos os que estavam dizendo merda sobre ele e o acidente — disse Jones e tomou outro gole de cerveja. — É isso o que eu teria feito, se estivessem falando merda sobre *mim*. Fugir só fez com que ele parecesse culpado.

— Então você tem certeza de que Tyler é inocente, é isso?

— Por que você está me perguntando isso, se está do lado de Dilys?

— Eu só estou tentando descobrir para onde Tyler foi e se alguém fez mal a ele — respondeu Robin.

— Ninguém fez nenhum mal a ele, ele está bem! E ele nunca teria feito nada com seu Mazda. Ido até Birmingham para ferrar com ele? Teria sido muita coragem.

— As pessoas disseram que o carro foi sabotado em Birmingham, não foi?

— "Pessoas" não disseram isso. Foi o maldito Faber Whitehead que disse.

— Esse é o pai de Hugo?

— É. Ele estava falando sobre uma pessoa na câmera do estacionamento mexendo com o carro.

— É mesmo? — disse Robin. — Você sabe como era essa pessoa…?

— Não havia ninguém lá — desdenhou Jones. — Whitehead não quis acreditar que o filhinho do papai estava correndo. Sabotagem é o caralho.

A pessoa fora da câmera riu de novo.

— Tyler estava em casa na noite do acidente, não estava? — perguntou Robin.

— É, ele estava com um resfriado, ou coisa assim.

— Os pais dele estavam lá?

— Não, àquela altura eles já tinham ido para a Flórida.

— Você sabe para onde ele foi, Wynn?

— Sei — respondeu Jones, com o sorriso se abrindo. — Mas você tem que fazer valer a pena para mim se eu for contar isso a você.

Houve outra risada no fundo.

— Tyler não está aí agora, está? — disse Robin, tomada por uma desconfiança repentina. — Ouvindo você falar comigo?

Robin ouviu uma porta se abrir e bater, depois muitas risadas.

— Não, é claro que não — respondeu Jones, com o sorriso mais largo do que nunca.

— Você pode me apresentar ao amigo que está aí com você, escutando? — perguntou Robin.

A câmera fez um giro estonteante quando Jones virou o celular para ficar de frente para um jovem com dentes marrons tortos, que estava sentado em uma poltrona velha de tweed. Robin supôs que a porta atrás dele tivesse sido aquela

que acabara de ser batida, ou pelo jovem de dentes tortos para ter efeito cômico, ou por uma terceira pessoa que havia acabado de sair. Ele acenou para Robin, olhando com malícia para ela, e a câmera do telefone se virou novamente na direção de Jones.

— Você não quer tranquilizar a Dilys, Wynn? — perguntou Robin.

— Eu contei a ela que Tyler foi trabalhar em um pub, e *ele* contou a ela, e eu disse a ela que não sou eu quem está telefonando — disse Jones com impaciência. — Lugs não quer que ela saiba onde ele está trabalhando porque não quer que a vaca velha o perturbe, só isso, mas ele *disse* a ela que está vivo, e ela sempre diz: "Pare com isso, Wynn Jones, eu sei que é você."

Robin resolveu usar outra abordagem.

— Você disse que Tyler parou de falar com você?

— É.

— Quando foi isso?

— Não me lembro. Perto do Natal?

— Mas você tem certeza de que era mesmo Tyler ligando e escrevendo para você?

— Claro que tenho.

— Me conte sobre Tyler e Anne-Marie — pediu Robin, planejando voltar ao nome do pub.

— Não tem nada para contar.

— Eles estavam em um relacionamento, não estavam?

— Não. Ele gostava mesmo era de Chloe Griffiths.

O jovem de dentes ruins riu de novo no fundo.

— Essa é a Chloe que morava em frente a ele?

— É. Anne-Marie não era nada, ele não ligava. Bem — Jones corrigiu a si mesmo —, ele ligou quando ela morreu, mas não porque estavam transando.

— Anne-Marie não era namorada de Tyler? — perguntou Robin.

— Não. Só amigos.

— Minha informação é que Tyler ficou muito aborrecido quando eles terminaram.

— Quem contou isso a você, o maldito Faber Whitehead?

— Eu não falei com os Whitehead — disse Robin.

— Era de Chloe que ele gostava, não de Anne-Marie. Ele tinha tesão por

Chloe, e ela dava corda, e o idiota achou que ia chegar a algum lugar, mas eu podia ter dito que ele estava perdendo tempo.

— Por que isso? — Robin quis saber.

— Ela conseguia coisas com ele, mas nunca fez nada com ele, e então ela o largou e ficou com outro homem. Esnobe — acrescentou Jones. — Um cara que só tirava notas dez e tudo mais. Ela não ia ficar com um mecânico.

— Que coisas Chloe conseguiu com Tyler?

— Ele comprou uma porcaria de pulseira para ela, com flores, em seu aniversário — respondeu Jones, como se isso fosse uma coisa absurda que Powell tivesse feito, e a mente de Robin viajou para a pulseira com pingentes de prata escondida em seu guarda-roupa, que ela nunca tinha usado. — Mas ele jamais recebeu alguma coisa dela de volta, o idiota.

— Tyler alguma vez mencionou prata para você, ao telefone? — perguntou Robin.

— Prata? — escarneceu Jones. — Por que ele falaria de uma porcaria de prata?

— Não sei, é por isso que estou perguntando. Você consegue se lembrar de alguma conversa telefônica em que Tyler tenha mencionado Silver ou algo que se parecesse com Sil…?

— Sylvain, talvez — disse Jones, aparentemente surpreso por um pensamento repentino. — Sylvain Deslandes.

— Quem é Sylvain Deslandes? — perguntou Robin.

— Um defensor do Wolves.

— Um jogador de futebol?

— É — disse Jones, sorrindo com malícia mais uma vez pela falta de conhecimento elementar da mulher de Londres.

— Você se lembra de Tyler falar com você sobre Sylvain Deslandes, ou você só acha possível que isso tenha acontecido?

— Nós podemos ter conversado sobre ele — disse Jones. — Lugs gostava do cara.

— Você conhece uma garota chamada Zeta? — perguntou Robin. — Ela estava morando em Ironbridge por volta da época em que Tyler foi embora.

— Eu não conheço nenhuma Zeta — falou Jones. — Eu não moro em Ironbridge, eu moro em Apeton.

— Zeta me contou que Tyler a ouviu falar sobre ele e a ameaçou.

— Eu não o culpo — declarou Jones de forma contundente. — Se uma pessoa estivesse dizendo coisas como aquela sobre mim, eu teria acabado com ela, garota ou não — acrescentou e tomou outro gole de cerveja.

— Tyler alguma vez pegou emprestado algum dos carros na oficina em que trabalhava?

— Não, é claro que não. Por quê?

— Zeta diz que um carro quase a atropelou na Wellsey Road, e ela achou…

— *Wesley* Road — corrigiu Jones, com o prazer pedante de um morador local corrigindo a forasteira ignorante.

— Então você conhece Ironbridge? — perguntou Robin.

— Eu estudava lá. E às vezes ia até lá para tomar uns drinques.

— Mas você nunca esbarrou com Zeta?

— Não, e se ela está dizendo que Lugs tentou atropelá-la, ela é uma mentirosa em busca de atenção.

— E Rita? — insistiu Robin. — Você alguma vez ouviu Tyler mencionar alguém com esse nome?

— Zeta, Rita… Quem vem depois? Peter?

— Ryvita — disse o jovem fora de vista com os dentes tortos, e os dois jovens gargalharam.

— Então ele nunca mencionou uma mulher chamada Rita, ou Reata? — insistiu Robin.

— Mas que droga, acabei de falar para você, era de Chloe Griffiths que ele gostava — retrucou Jones com impaciência. — Então Zeta e Rita e todas essas pessoas comentando sobre o acidente, elas estão falando merda, e se estiverem dizendo que ele também fez coisas a elas, estão mentindo, está bem? Estão tentando ganhar fama em cima de tudo o que aconteceu.

— Wynn, eu ficaria muito grata se você me dissesse o nome do pub onde Tyler está trabalhando. Eu gostaria de tranquilizar Dilys de que ele está vivo, e isso vai encerrar as coisas.

— Talvez eu dê a você o nome se você me der alguma coisa — disse Jones, e o jovem fora de vista caiu na gargalhada.

— Tyler tinha outros amigos com quem eu possa falar, sobre para onde ele foi? — prosseguiu Robin, ignorando a segunda insinuação de que Jones queria uma compensação.

— Não — respondeu Jones, e então: — Bem, é, ele tinha amigos, mas ninguém o conhece melhor do que eu.

— Você pode, por favor, me dar o nome do pub onde ele está trabalhando, Wynn?

Jones deu um gole grande na lata de Carlsberg, esvaziando-a, então a amassou com uma das mãos e se abaixou para pegar outra; Robin captou um vislumbre de um carpete sujo e de um cinzeiro transbordando.

— O que você vai me dar? — disse Jones, com o rosto ainda mais vermelho depois de ter se abaixado. Ele pôs o celular no colo, e Robin então viu um teto manchado de nicotina e a parte de baixo da lata que Jones estava abrindo antes que o rosto dele tornasse a preencher a tela.

— Você não quer tranquilizar Dilys? — perguntou Robin.

— Aquela vaca velha fala mal de mim. Não estou nem aí se ela está tranquila ou não — disse Jones. — Já sei…

O amigo de Jones tinha começado a rir como nunca, embora a piada ainda não tivesse sido contada. Robin achou que sabia o que estava por vir: isso tinha ficado ainda mais provável desde aquele primeiro emoji babando. Jones ou não sabia o paradeiro de Powell, ou havia prometido ao amigo guardar segredo. Ele era grosseiro e infantil, e uma mulher que ele provavelmente nunca encontraria só servia para divertir a ele e a seus amigos.

— Mostre os peitos, e eu conto a você…

Robin encerrou a ligação.

Ela tornou a se afundar na cadeira e esfregou os olhos cansados. Não conseguia deixar de pensar que a amizade de Powell com o grosseiro e ofensivo Jones tendia a acrescentar peso ao retrato dele dado por Chloe e Zeta, em vez daquele oferecido por Dilys e Griffiths. Quando tornou a abrir os olhos, Robin olhou para seu caderno.

Por alguma razão, estava experimentando uma dúvida pequena e incômoda, mas não sabia por quê. Será que tinha acabado de deixar passar alguma coisa, não havia conseguido fazer alguma conexão importante? Ela tornou a ler suas anotações, mas não conseguiu ver nada óbvio, então tentou se lembrar de tudo o que Jones dissera, além das partes que ela havia achado importantes o suficiente para transcrever. *Dilys acha que Jones está fingindo ser Tyler. Pulseira para Chloe. Zeta, Rita, quem é o próximo, Peter? Apeton. Wesley Road.*

Robin ouviu a porta do apartamento se abrir e se fechar; Murphy tinha voltado. Ele entrou na sala segundos depois, remexendo em sua bolsa de ginástica.

— Ah, fala sério… eu deixei o telefone na porcaria da academia.

— Aqui — disse Robin, oferecendo o dela.

Murphy ligou para seu próprio telefone e, depois de uma breve conversa, desligou.

— Estão com ele na recepção. Quer que eu traga um curry quando voltar?

— Seria ótimo — disse Robin, bocejando.

Murphy saiu outra vez. Robin ficou sentada pensando em Tyler Powell, de quem ela não tinha encontrado nenhuma rede social. Voltando-se para o laptop, ela abriu o Twitter e o Instagram e começou a procurar por variações dos nomes "Lugs" e "Powell".

Depois de vinte minutos, ela encontrou uma conta no Instagram que achou que pudesse, possivelmente, ter sido de Tyler: LugzCarz. Ela só tinha fotos de motores antigos intercaladas com fotos dos motores nos quais a pessoa postando estava trabalhando. A conta tinha poucos seguidores, mas duas coisas deixaram Robin desconfiada de que fosse de Powell: não havia publicações desde maio do ano anterior, quando Powell deixou Ironbridge sob uma nuvem de suspeitas e, embaixo, uma foto de um Austin-Healey Mark III 1965 à qual alguém tinha respondido: *pare de publicar carros como se nós não soubéssemos o que você fez*. Entretanto, quanto a oferecer pistas sobre o paradeiro de Powell, a conta era inútil.

Robin fechou o site, se alongou e ficou de pé.

Murphy tinha deixado a bolsa de ginástica, e uma poça de líquido transparente tinha vazado dela. Evidentemente ele não tinha tampado bem o bastante a garrafa de água.

Robin abriu a bolsa e encontrou roupas de ginástica úmidas e amarfanhadas. Como esperado, só havia um resto na garrafa, e a tampa não estava corretamente atarraxada.

Um aroma leve fez com que ela cheirasse os dedos. Sem conseguir acreditar na evidência de seu nariz, Robin levou o indicador à boca.

Ainda agachada, sentindo o gosto de álcool, ela tornou a sentir aquela onda gelada de choque de quando encontrou o brinco de diamante que havia voado das roupas de cama naquela casa em Deptford, no dia em que ela deixou Matthew

de vez. Ela pensou no aumento da quantidade de treinos e de corridas que ela imaginara estarem fazendo tanto bem a Murphy. Ela se lembrou da noite de Natal, quando ela achou, se não soubesse do contrário, que ele estava bebendo, como seus irmãos. Ela se lembrou da noite de sua pior briga.

Inexpressiva, ela pegou toalhas de papel e enxugou o excesso que tinha derramado no chão, então pôs a garrafa de água, com seus restos incriminadores, na mesa de centro. Ela ficou parada por mais um minuto, olhando fixamente para ela, então foi até a cozinha, onde fez uma busca metódica dos armários, que não revelou nenhuma bebida.

O céu lá fora estava escuro; ela não tinha percebido o anoitecer. Foi até o quarto e abriu o guarda-roupa de Murphy. Supostamente, seu namorado tinha revistado armários e gavetas de outras pessoas de forma profissional, mas detetives particulares raramente — ou nunca — examinavam os pertences pessoais de suspeitos.

Robin teve de ficar na ponta dos pés para alcançar a prateleira de cima. Atrás de uma pilha de camisetas e de uma caixa pequena com moedas estrangeiras e cabos de carregamento velhos, havia uma bolsa de aniagem que tilintou quando ela a tocou. Robin a puxou para baixo, já certa do que estava prestes a ver.

Havia dentro dela seis garrafas de vodca, uma delas quase vazia.

90

No entanto, algo parecia incomodar
E formigar em seu sangue; um golpe — um truque —
E muita coisa seria explicada.

Robert Browning
Sordello: Book the Second

Strike estava novamente de volta à Carnival Street em Haringey, vigiando a casa onde os amigos de Plug estavam mantendo o gigantesco cão preto. Estava começando a sentir muita simpatia pelo ponto de vista do cliente, que estava ultrajado por Plug ainda não ter sido preso. Strike não era muito sentimental em relação a animais; com a única exceção de uma cobra que uma vez, quando menino, ele conseguira pegar, ele nunca sentira a vontade de ter um animal de estimação. Ainda assim, o que ele havia testemunhado na luta de cães e visto de Plug desde então o convencera de que o canalha sádico merecia ser condenado à prisão, assim que possível, libertando tanto sua mãe quanto seu filho de seu bullying e de sua coação.

Strike, no momento, estava em uma área de sombra profunda embaixo de um poste de luz que não estava funcionando e fumava o cigarro eletrônico enquanto esperava pelo reaparecimento de seu alvo. Estrelas surgiram gradualmente acima dele, um pouco mais visíveis do que poderiam ser em uma rua mais bem iluminada, embora não tão brilhantes quanto tinham sido quando vistas de Sark. Preferindo não pensar na noite no Old Forge, Strike atravessou a rua e foi para outra área de sombra na calçada em frente ao ferro-velho. Uma placa grande anunciava que o lugar se chamava Ferro-Velho Brian Judge, e a cerca que o margeava tomava toda a extensão da rua. Strike podia ver o alto de pilhas de metal compactado. Ele se perguntou se o velho Land Rover de Robin tinha sido

mandado para um desses cemitérios de metal.

Uma van enferrujada passou e parou na entrada do ferro-velho. O motorista apagou os faróis, desceu e foi falar no interfone ao lado do portão.

Quando o rosto do homem foi iluminado pela luz de segurança no alto do portão, Strike teve a sensação estranha de que já o vira em algum lugar. Ele era mais baixo do que a média, cabeludo, na casa dos quarenta anos, tinha a pele muito escura e não era exatamente bonito. Strike achou que tinha visto o homem antes, usando terno e gravata em vez do moletom e da calça jeans sujos que estava vestindo no momento, e andando com um grupo de pessoas igualmente bem vestidas, mas quando ou onde isso poderia ter acontecido, ele não conseguia lembrar.

Correntes tilintaram no interior do ferro-velho. Os portões começaram a se abrir. O motorista voltou para a van, deixando os faróis apagados, e entrou. Os portões tornaram a se fechar.

Onde diabos ele tinha visto aquele homem antes? Em um casamento? Um funeral? Ele o associou vagamente a uma igreja, mas Strike não botara o pé em uma igreja mais do que um punhado de vezes nos últimos dez anos. O homem, com muita certeza, também não tinha comparecido aos funerais de Ted e de Joan nem estivera presente na igreja vazia em que Strike passara parte da manhã em que soube que Charlotte estava morta.

A porta da casa que Strike estava vigiando se abriu. Plug emergiu, segurando um filhote grande e agitado. Strike, das sombras, tirou algumas fotos, e estava prestes a seguir Plug de volta pela rua quando, de repente, ele se lembrou de onde tinha visto o motorista da van antes.

Alguns anos atrás, Strike e Robin tinham investigado um caso antigo que os levara para a órbita de dois criminosos violentos chamados os irmãos Ricci. A dupla visitava o pai, Niccolò (um gangster que fora conhecido como "Mucky" em seu passado de cafetinagem e produção de pornografia), todo domingo em sua casa de repouso. Strike agora podia visualizar o grupo aparecendo, filhos e esposas bem vestidos, os dois homens de terno. O irmão mais velho, Luca, tinha a reputação mais temível, mas Marco, o mais jovem dos dois e o homem que tinha acabado de entrar com uma van no Ferro-Velho Brian Judge, tinha sua própria contagem respeitável de ataques com ácido e esfaqueamentos.

Um instinto poderoso dizia a Strike para ficar ali, em vez de seguir Plug, então

ele observou Plug sumir de vista. Agora sozinho na rua, que estava deserta a não ser por ele, Strike perguntou a si mesmo o que o estava incomodando, mas não teve resposta, exceto que seu subconsciente, depois de revelar a identidade do homem na van, parecia estar tentando lhe dizer outra coisa.

Ele voltou para sua posição na primeira faixa de sombra em que tinha se escondido, do outro lado da rua do ferro-velho. Dez minutos se passaram, com Strike olhando fixamente para a placa que dava nome ao lugar. Então, como um pedaço de metal que deslizou e se alojou em outro lugar, algo nas profundezas de sua mente mudou de posição, e ele viu o que estava escondido e soube por que tinha ficado ali.

Uma gíria rimada da região leste de Londres.

Brian Judge.

Judge.

Barnaby Rudge.

Quando levou a mão ao bolso para pegar o celular, um Renault parou em frente aos portões. Marco Ricci saiu do ferro-velho, entrou no carro e foi embora. De dentro do ferro-velho vinha um som trovejante. Uma hora estranha para começar o negócio barulhento de compactar veículos ou acender um incinerador, mas, sob algumas circunstâncias, esses trabalhos poderiam ser questão de urgência.

Shanker atendeu a ligação de Strike em menos de trinta segundos.

— E aí, Bunsen?

— Eu queria te fazer uma pergunta. Você, pessoalmente, tem algum interesse no Barnaby's?

Quando Shanker tornou a falar, ele pareceu desconfiado.

— Por que você está perguntando?

— Responda.

— Eu, pessoalmente, nunca o usei — respondeu Shanker. — Não.

— Então a polícia não pode ligar você a nada em Haringey? Especificamente, na Carnival Street?

Strike esperou que Shanker negasse que o Barnaby's ficava na Carnival Street, mas, em vez disso, com um tom de voz agourento, ele perguntou:

— O que está acontecendo, Bunsen?

— Estou te dando um aviso em troca do aviso que você me deu há alguns

meses.

— Quem entregou? — Shanker quis saber, furioso.

— Uma pessoa foi seguida, e certas atividades suspeitas foram observadas — informou Strike.

— *Merda* — praguejou Shanker. — Você não está com um policial, agora, está?

— Você acha que eu ia ligar para você se estivesse com um policial comigo?

— Como eu posso saber? Você conhece muitos desses escrotos, não conhece?

— Eles também falam muito bem de você — comentou Strike. — Tudo bem. Eu só queria avisar você antes.

— Tudo bem, valeu — respondeu Shanker mal-humorado, e desligou.

91

(…) perdoe-me! Eu me humilho —
Sei que fui louco e totalmente monstruoso
Em tudo o que fiz naquele momento, mas como Deus
Me dá esse conhecimento — o coração para sentir e a língua
Para testemunhar —, que você também seja gracioso!
Não julgue nenhum homem pelo trabalho solitário
Do — bom, eles dizem, e eu acredito —
Diabo que há nele (…).

Robert Browning
The Inn Album, IV

No exato momento em que Robin ouviu a chave de Murphy girar na fechadura da porta da frente outra vez, Strike ligou para seu celular. Ela recusou a ligação e esperou, sentindo-se mal, que Murphy reaparecesse na sala de estar, o que ele fez segundos depois, com o telefone em uma das mãos e que o que cheirava a curry na outra.

— Trouxe frango Madras para você — disse ele, sorrindo e mostrando o pacote.

Então seus olhos caíram na garrafa de água aberta que Robin tinha posicionado na mesa de centro em frente a ela.

— O que isso está fazendo aqui?

— Ela derramou — respondeu Robin. — Em sua bolsa de ginástica.

— O que você estava fazendo remexendo na minha…?

— Ela vazou no chão. Eu estava secando quando percebi o que era.

Robin olhou fixamente para ele, sentindo-se estranhamente trêmula, como alguém nos primeiros estágios de uma gripe.

Ele abriu a boca, então tornou a fechá-la. Olhou para a garrafa com restos de vodca, depois novamente para Robin, então disse:

— Eu…

Robin havia imaginado suas possíveis reações enquanto esperava que ele voltasse. Ficara se perguntando se ele ia tentar fingir que isso era algo que só tinha acontecido uma vez, até mesmo que outra pessoa tivesse enchido a garrafa sem seu conhecimento. A vida ensinara a ela que havia poucos limites para as mentiras que homens desesperados estavam preparados para contar.

Os olhos de Murphy se encheram de lágrimas. Ele largou a comida para viagem, sentou-se em uma poltrona, com as mãos no rosto, e começou a chorar. Não havia dúvida de que as lágrimas eram verdadeiras: ele estava fazendo ruídos que eram quase inumanos; lamentos estrangulados e ofegantes, com o corpo tremendo.

Robin nunca o vira chorar antes, mas não ofereceu conforto. Ela queria ouvir o que ele diria, quantas mentiras mais ele estava preparado para contar.

Finalmente, ele começou a falar em frases entrecortadas, sem olhar para ela, ainda chorando.

— Aqueles garotos que foram baleados… eu estraguei tudo… foi tudo culpa minha… eu achei que a testemunha estava mentindo… fui lá e prendi o cara errado… foi tudo culpa minha. Fui eu quem fez isso… eu tinha certeza de que o babaca era o responsável… eu peguei pesado com ele… investigação… reclamações…

"Eu tomei uma cerveja no pub, só uma… não consegui parar… não consegui parar de jeito nenhum… Você vai me deixar, não vai?"

Ele olhou para ela, com olhos vermelhos e o rosto molhado.

— Você falou tanto sobre honestidade — sussurrou Robin —, e durante *todo esse tempo*, você esteve bebendo…

— Não o tempo todo… eu juro, não o tempo todo, é muito irregular. Eu fico tentando… Vou voltar para o AA amanhã. Vou jogar fora toda a bebida que tenho, você pode me ver jogar.

— Você tem mais bebidas neste apartamento? — perguntou Robin, testando para ver o que ele ia dizer.

— Tenho, no… no guarda-roupa — respondeu Murphy. — Vou fazer isso agora mesmo. Robin, você é literalmente a melhor coisa que já aconteceu

comigo. Eu vou compensar você…

— E naquela noite? Na noite em que engravidei?

— Eu não estava bêbado naquele dia — disparou ele. — Começou depois disso.

Robin não acreditou nele. Ela se levantou do sofá, foi até o quarto dele, pegou a bolsa que já tinha arrumado e o casaco. Quando voltou, Murphy estava de pé.

— Robin, eu juro que vou voltar para o AA amanhã, eu vou parar…

— Eu preciso… não estar aqui — falou Robin, vestindo o casaco. Suas entranhas estavam geladas. Fazia meses que ela se sentia culpada por mentir para ele por omissão, enquanto ele estava escondendo esse segredo gigante.

— É isso? — perguntou ele, parecendo em pânico. — Acabou?

— Eu preciso de um tempo — respondeu Robin.

— Você me ama?

— Amo — disse ela automaticamente.

— A casa…

— Nós precisamos retirar a oferta — falou Robin. Ela também tinha pensado sobre isso, enquanto ele ia buscar o telefone em qualquer bar em que estivera, a menos que tivesse mesmo ido à academia e ficado sentado na cafeteria, bebendo vodca pura, fingindo estar se reidratando depois do exercício.

— Não — disse Murphy. — Robin, por favor…

— Você precisa se concentrar em ficar sóbrio. Não vamos acrescentar mudar de casa a todo o resto que está acontecendo. Eu ligo para você quando tiver…

— Resolvido como terminar comigo com delicadeza? — completou Murphy, começando a chorar outra vez. — Robin, não vá. Por favor, não me deixe. Eu juro que vou parar…

— Eu falo com você amanhã — avisou Robin. Ela pôs a bolsa no ombro e se dirigiu para a porta da frente.

92

Meu rapaz, nossas mães não deram à luz dois reis (…).

A.E. Housman
IX, Last Poems

Strike supôs que Robin estivesse tendo uma noite muito boa com Murphy para se dar ao trabalho de atender sua ligação, o que de algum modo embotou sua sensação de triunfo em relação à inesperada epifania do Barnaby's. Cansado, mas sem nenhuma vontade de ir para casa e ficar deprimido em seu sótão, ele resolveu ir a Harlesden, até o último endereço conhecido da mãe de Jim Todd, Nancy Jameson, cujo sobrenome de nascimento era Philpott.

Quarenta minutos depois de deixar a Carnival Road, ele parou em um estacionamento cercado em três lados por prédios residenciais baixos. Mesmo na escuridão parcial, Magdalen Court parecia um lugar desolador; Strike teria escolhido a Carnival Street e a vista do ferro-velho no lugar disso. Havia lixo espalhado por toda parte. Uma faixa pequena de grama seca ao lado da vaga em que Strike estacionou estava coberta de pontas de cigarro. Grafite cobria várias paredes cinza. Os prédios eram de concreto, e em seu brutalismo genérico pareciam homenagens baratas ao National Theatre. Sacadas cinza compridas se estendiam em cada andar, com portas dispostas a intervalos regulares. Ao olhar para o alto com os olhos semicerrados, Strike viu o apartamento de Nancy Jameson, o número 39, iluminado no segundo andar do bloco do meio. Havia uma luz acesa em sua janela.

Um grupo de cinco jovens fumava cigarros eletrônicos a uma curta distância de onde Strike tinha estacionado, todos olhando com curiosidade para o BMW. Dois dos jovens eram brancos, dois tinham a pele marrom-clara, e o último, marrom-escura. Strike seguiu diretamente em sua direção, sentindo o cheiro

abafado de vapor de cannabis.

— Tem uma nota de cinco para cada um de vocês se aquele carro estiver no mesmo estado em que o deixei quando eu voltar aqui para baixo.

— O quê? — perguntou um dos garotos brancos com a voz sonolenta; ele tinha cabelo oxigenado comprido e seco e estava usando um moletom com capuz estampado com as palavras WACKEN OPEN AIR.

— É, está bem — disse o jovem de pele mais escura, que era alto, magro e não usava casaco por cima de sua camiseta do Snoop Dogg, apesar do frio da noite.

Strike foi até a escada visível no canto do prédio do meio. As paredes internas também eram grafitadas, e alguém recentemente tinha jogado um curry para viagem em cima dos corrimões, ou vomitado. Strike, que tinha morado em lugares como esse com a mãe, fez uma prece interna de gratidão por não ser mais o caso.

Ele chegou à sacada do segundo andar e bateu na porta do apartamento 39. Ninguém respondeu.

Olhando para baixo, para o pátio da frente, ele viu os cinco jovens o encarando.

— Vocês conhecem Nancy Jameson? — gritou para eles.

Um dos dois garotos do sul da Ásia, que tinha uma barba rala, gritou em resposta:

— Ela vai ficar puta.

Seus companheiros riram. Strike bateu novamente. Ninguém atendeu.

Ele foi olhar pela janela, mas a cortina de voal muito suja tornava quase impossível perceber mais do que o fato de que havia uma luminária acesa. Mesmo assim, depois de observar por alguns segundos, Strike achou ter visto movimento no canto da sala.

Voltou até a porta da frente e bateu pela terceira vez. Não houve resposta. Ele retornou ao estacionamento.

— Você conhece Nancy? — perguntou ele ao jovem de barba ao se aproximar do grupo.

— Conheço, ela é uma velha escrota — respondeu o adolescente, seguido por murmúrios de concordância e risadas dos amigos.

— Você a viu ultimamente?

O garoto sacudiu a cabeça.

— Algum de vocês? — insistiu Strike, olhando para o grupo.

— Eu a vi — respondeu o segundo garoto branco, que estava usando a camisa de futebol do Millwall. — Com um cara gordo.

— Mais novo do que ela?

O garoto deu de ombros. Strike se lembrou de ter aquela idade; todo mundo com mais de quarenta parecia decrépito.

— Tudo bem — disse ele. — Tenho motivos para acreditar que Nancy pode ter feito mal a si mesma e está incapaz de abrir aquela porta da frente.

Era uma desculpa ruim, mas como os jovens, de qualquer modo, iam ser testemunhas do que ele estava fazendo, Strike achou melhor estabelecer as bases para uma defesa. Ele voltou ao carro e pegou seu molho de chaves-mestras no porta-luvas.

— Você vai arrombar? — perguntou o jovem barbado, com interesse.

— Não é arrombar — mentiu Strike.

— Podemos ir junto? — o jovem com camisa do Millwall quis saber.

— Vocês também estão preocupados com Nancy, não estão? — disse Strike.

— Estamos — respondeu o segundo dos garotos do sul da Ásia, que era o único de casaco e cuja acne parecia dolorosa. — Estamos morrendo de preocupação.

— E vocês acham que eu devo entrar lá e ver como ela está? — indagou Strike, ainda pensando no que poderia precisar dizer a um advogado.

O garoto com acne riu.

— Achamos. Com certeza.

Strike imaginou que foram as chaves-mestras que despertaram o interesse deles, ou talvez eles quisessem testemunhar a fúria embriagada da mulher diante de um estranho entrando em seu apartamento. Ele duvidava que houvesse muito mais a fazer em Magdalen Court em um sábado à noite de fevereiro.

— Eu preciso que pelo menos um de vocês fique de olho no meu carro.

— O que ficar cuidando do seu carro ganha todas as vinte e cinco libras? — perguntou o jovem de pele mais escura.

— Não, mas ganha mais cinco — disse Strike.

— Tudo bem, eu fico — falou o garoto.

Então Strike subiu a escada novamente se arrastando, com os dois garotos brancos e os dois do sul da Ásia seguindo em seu rastro.

— Isso foi Baggy — ele ouviu um dos garotos dizer para outro, apontando para o curry ou o vômito espalhado no pé da escada, e todos eles riram.

Strike bateu em vão pela quarta vez na porta do apartamento de Nancy, então enfiou a chave na fechadura e a girou. Não tinham posto nenhuma corrente por dentro, então ele não foi obrigado a usar o ombro nem quebrar qualquer parte da porta.

— Que merda de cheiro é esse? — perguntou o jovem de barba, abrindo caminho à frente, mas sendo barrado pelo braço que Strike tinha acabado de estender.

— Fiquem aqui — disse o detetive com firmeza. — *Não* entrem.

O cheiro inconfundível, doentio e adocicado de carne em decomposição tinha acabado de atacar suas narinas. Ele podia ouvir o zumbido de moscas.

— *Fiquem aqui* — disse ele com firmeza para os jovens, então saiu andando pelo corredor estreito para olhar através da porta aberta a sua direita, onde a luminária ainda estava acesa e onde um gato incrivelmente magro deu um miado triste, passou correndo por ele e escapou para a sacada.

Os corpos de Jim Todd e de uma mulher que Strike supôs ser sua mãe, Nancy, estavam jogados sobre o carpete sujo em um miasma repugnante estimulado pelo fogareiro a gás que continuava a queimar. Todd, que estava totalmente vestido, tinha sido esfaqueado inúmeras vezes. Seu sangue, agora preto, tinha encharcado sua camisa e o chão embaixo dele. Havia indícios de que o gato faminto tinha comido parte de seu rosto. Nancy, uma mulher baixa e magra de camisola, tinha sido morta com uma única facada no peito. Manchas escuras, em uma faixa horizontal, eram visíveis em seus olhos baços e fixos, em um dos quais havia um verme se remexendo.

— MERDA!

Strike se virou: os jovens tinham, é claro, desobedecido sua instrução para ficarem parados. O garoto de acne tinha coberto a boca com a mão.

— Para fora — disse Strike. — *Fora!*

Três dos jovens retrocederam, mas o garoto barbado ficou, aparentemente sem conseguir se mexer. Strike o agarrou bruscamente pelo ombro da jaqueta e o levou até a sacada, tarde demais para impedir que o garoto com o uniforme do Millwall, gritasse para seu amigo, que estava vigiando o carro de Strike.

— *Eles foram assassinados!*

— Cale a boca — rosnou Strike. — Isso não é a porra de um jogo.

A porta do apartamento 38 então se abriu, e uma mulher com o rosto muito enrugado, cabelo pintado de vermelho e um pescoço tatuado saiu de penhoar e chinelos.

— O que está acontecendo? — perguntou ela com raiva.

— Falo com a senhora em um minuto — disse Strike.

Ele se virou para o garoto com acne, que estava muito enjoado e parecia menos empolgado que os outros, o que Strike achou indicar um nível de maturidade.

— Chame a polícia. Diga a eles…

— Eu falei, *o que está acontecendo*?

— Só um instante, senhora… — Strike abaixou a voz. — Diga a eles que duas pessoas foram assassinadas e dê a eles o endere…

— Eu não vou ficar aqui se a polícia está vindo — disse o garoto com o moletom escrito WACKEN, e saiu correndo, empurrando a vizinha para o lado ao passar.

— Ei! — disse ela, olhando com raiva para ele. — Que cheiro é esse? — acrescentou, chegando mais perto.

— Dê o endereço à polícia — continuou Strike, ainda se dirigindo ao garoto com acne. — Depois vá lá para baixo e espere, para poder trazê-los até aqui; *não conte isso para mais ninguém* — acrescentou Strike, vendo que os outros dois garotos já estavam ocupados com seus telefones. — Nós não queremos atrair curiosos, e vocês não querem ser acusados de obstrução de justiça.

Isso, é claro, era uma ameaça completamente vazia, mas funcionou; os dois garotos guardaram os telefones novamente no bolso.

— Eu *falei*… — começou a dizer a vizinha de forma ameaçadora.

— Houve um acidente — informou Strike, enquanto os três jovens voltavam na direção da escada. — As autoridades apropriadas estão sendo notificadas.

— Mas…

Strike tornou a entrar no apartamento 39 e fechou a porta na cara da mulher.

Não importava o fato de que ele tinha visto muitos corpos na vida, cadáveres em decomposição não tinham nenhuma atração para Strike. Mesmo assim, ele puxou a lapela do casaco sobre o rosto para bloquear o pior do cheiro de carniça e voltou para a sala de estar, determinado a aproveitar ao máximo os dez ou quinze

minutos que ele provavelmente teria antes da chegada da polícia.

Outra olhada para os corpos confirmou sua opinião de que eles estavam mortos havia dias, embora a decomposição tivesse sido acelerada pelo fogareiro a gás. Todd, observou ele, tinha um ferimento na cabeça, além de ter sido esfaqueado diversas vezes no abdômen e no pescoço.

Strike olhou ao redor da sala pequena e com poucos móveis. O papel de parede estava descascando em alguns lugares. A TV tinha pelo menos dez anos. Havia um peso de papel de cristal sólido, grande e anguloso no chão, coberto de sangue seco e com um único fio de cabelo grisalho. Fora isso, não havia sinal de luta.

Strike checou o restante do pequeno apartamento. O banheiro não era muito limpo, mas não mostrava vestígios de sangue. O quarto de Nancy estava abarrotado, bagunçado e exalando um cheiro ruim. O quarto ao lado estava cheio de lixo, mas a cama de solteiro, com seu edredom desarrumado, sugeria que Todd estivera dormindo ali. O canto de um livro estava visível embaixo do travesseiro, que Strike moveu para revelar o título: *Como ganhei mais de um milhão de dólares jogando pôquer*, de Doyle "Texas Dolly" Brunson.

Uma sirene distante estava ficando cada vez mais alta. Strike podia ouvir vozes do lado de fora: mais vizinhos estavam saindo de seus apartamentos, juntando-se como moscas de caixão. Puxando a lapela do casaco novamente por cima do nariz, Strike saiu do local a tempo de ver a luz azul piscante entrar no pátio escuro.

PARTE OITO

Por meses ele estava seguindo um veio que continuava sob o mar, e ficou cada vez mais rico ao revelá-lo. Ele acreditava que ia levá-lo ao veio-mãe (…).

John Oxenham
A Maid of the Silver Sea

93

Você teve sua vez e disse suas verdades:
É minha vez, agora, e aqui você me acompanha:
Mesmo concedendo tudo isso, o primeiro fato ainda resiste —
Você me despreza (…).

Robert Browning
Apologia do bispo Blougram

Em sua vida profissional, Strike havia assumido com mais frequência a posição de interrogador do que a de interrogado, mas nos anos recentes, ele tinha estado na ponta desconfortável de um interrogatório policial muito mais do que gostaria. É verdade que houve ocasiões em que ele esteve ali como vítima — no ano passado, tinham atirado nele e em Robin, e, no ano anterior a esse, uma bomba foi enviada para seu escritório —, mas essa era a terceira vez que Strike descobria um cadáver em Londres, e isso sem levar em conta os dois encontrados por Robin. Pensando no assunto de forma impessoal, ele podia entender por que a Polícia Metropolitana estava ficando irritada com o que começava a parecer uma predileção, em vez de acaso.

Ele dirigiu até a delegacia local, acompanhado por um policial uniformizado, e prestou depoimento, abrindo mão de seu direito a um advogado. Depois de ouvirem o relato de Strike de como ele tinha encontrado os dois Jameson mortos, o que incluiu o fato de que ele tinha sido contratado para identificar o corpo no cofre da Ramsay Silver, seu interlocutor, um homem mais velho com estrabismo, exigiu que Strike entregasse suas chaves-mestras, o que não o incomodou, porque ele tinha vários conjuntos. O policial deixou a sala resmungando sobre a necessidade de dar alguns telefonemas. O detetive permaneceu sozinho, à mesa cinza arranhada, por quase uma hora, fumando seu cigarro eletrônico até que foi

proibido de fazer isso por uma policial furiosa, que levou para ele uma xícara de chá.

Quando o policial estrábico finalmente voltou, foi para anunciar que Strike ia ser levado para a Scotland Yard. Quando Strike perguntou se podia ir novamente em seu próprio carro, disseram a ele que "não", e depois, como se o pensamento acabasse de ocorrer ao policial, ele foi preso.

— Por quê? — perguntou ele, certo da resposta, mas querendo confirmação.

— Por arrombar e invadir propriedade — disse o sargento estrábico.

Era quase meia-noite quando Strike saiu do carro da polícia na Scotland Yard. A última vez que tinha ido até ali, ele estava realmente, e não como um eufemismo, ajudando a Metropolitana com suas investigações. Ele foi levado para uma nova sala de interrogatório em um andar alto e deixado sozinho outra vez.

Tendo em mente o alerta de Wardle de que ele tinha irritado seriamente a equipe de investigação de assassinato que ele imaginava estar prestes a encontrar, Strike pretendia ser honesto até onde fosse possível, enquanto mantinha um nível sensato de autopreservação. Um júri poderia perdoar sua invasão do apartamento da sra. Jameson se estivesse convencido de que ele achava que as duas pessoas no chão pudessem ser salvas, por isso ele pretendia se aferrar teimosamente à história cujas bases tinha estabelecido em Magdalen Court. Se achasse a equipe de investigação intransigente, ele estava guardando uma carta e um porrete na manga, que estava confiante de que poderiam ter bom efeito se fossem utilizados. Ele, portanto, pegou o cigarro eletrônico e voltou a saborear em silêncio a nicotina até que, pouco antes da uma hora da madrugada, dois policiais à paisana entraram na sala: um homem branco de aspecto flácido com cerca de cinquenta anos, que usava um terno de aparência barata e tinha uma expressão rígida, e uma mulher com trinta e tantos anos de cabelo ruivo até o ombro.

Se forçado a dar uma opinião, Strike teria achado que essa mulher era razoavelmente bonita. Ela tinha um sinal grande no rosto, dentes bem espaçados, mas uma boa compleição e olhos verdes atraentes. Ele teve a sensação de que ela poderia ser o contato de Murphy: a mulher chamada Iverson com quem o namorado de Robin uma vez tinha dado uns amassos quando eles estavam bêbados. Strike se perguntou se a dupla tinha sido tirada de suas camas para entrevistá-lo ou se estava de plantão. A expressão irritada do homem podia ser explicada pelas duas possibilidades.

Ele ligou o gravador e se apresentou como detetive de investigação criminal Northmore e, confirmando o palpite de Strike, a ruiva como detetive de investigação criminal Iverson. Northmore disse a data e a hora, revelando ter muito mau hálito, que Strike pôde sentir a mais de um metro de distância. Northmore convidou Strike a dizer seu nome e endereço, e pediu a ele que confirmasse que tinha aberto mão de seu direito a um advogado, depois lhe informou que Iverson estava investigando o assassinato do cofre da loja de prataria, enquanto ele investigava o assassinato de Sofia Medina. Strike ficou interessado nessa última informação: a Metropolitana tinha evidentemente reconsiderado sua opinião de que o homem e a mulher vistos na St. George's Avenue fossem invenções da imaginação de Mandy.

Northmore consultou as anotações passadas para ele pelo policial uniformizado de Harlesden, então falou:

— Você disse que foi contratado para identificar o corpo que foi encontrado no cofre da Ramsay Silver no dia 20 de junho do ano passado.

— Isso mesmo — confirmou Strike.

— Quem contratou você?

— Desculpe, mas isso eu não posso contar.

— Você entende que está preso? — perguntou Northmore, que tinha grandes bolsas cinzentas embaixo dos olhos azuis injetados.

— É, eu entendi isso — disse Strike.

— Você abriu mão do direito de permanecer em silêncio.

— Eu assinei um contrato juridicamente vinculativo com meu cliente, que exige confidencialidade.

— Essas regras não se aplicam quando é a polícia fazendo as perguntas, sr. Strike.

— Nada que eu fiz esta noite tem alguma coisa a ver com meu cliente. Eu entrei no apartamento da sra. Jameson — prosseguiu Strike, decidindo que podia muito bem tirar essa parte do caminho — porque quando olhei pela janela, não apenas vi duas pessoas jogadas no chão, mas sinais de movimento. Achei que pelo menos uma delas poderia estar viva, e possivelmente com necessidade urgente de cuidados médicos.

— Você não pode ter visto nenhum movimento — disse Northmore, e outra lufada poderosa de gengivite se derramou sobre Strike. — A menos que esteja

dizendo que viu os vermes pela janela — acrescentou ele com leve escárnio.

— Havia um gato na sala — contou Strike. — Os garotos que subiram comigo o viram fugir quando eu entrei. As cortinas de voal estavam imundas. Eu não consegui ver que era um animal em movimento. Eu achei que fosse um dos corpos.

— Por que você não chamou uma ambulância, se achou que havia duas pessoas feridas jogadas no chão?

— Eu não queria desperdiçar o tempo dos serviços de emergência se eles tivessem suas próprias razões para estarem ali deitados.

— Você acabou de dizer que eles não estavam atendendo à porta.

— Foi por isso que achei que alguém deveria entrar ali com urgência para ver o que estava acontecendo.

Os dois estavam, Strike sabia, se exibindo para a fita. Essas conversas eram preliminares para o negócio importante diante deles. Northmore lembrava Strike em quanto problema ele já tinha se metido; Strike expunha a defesa que pretendia montar, se eles quisessem mesmo acusá-lo. O jogo não tinha realmente começado.

Iverson então falou, revelando ser, inesperadamente, galesa.

— Sua cliente teve bebê recentemente? Ou esteve grávida ao longo do ano passado?

Strike esperou sinceramente que sua expressão não o houvesse traído, mas a pergunta foi um choque.

— Por que você está…

— Wright contou a um de seus vizinhos do andar de cima que sua namorada estava grávida — disse Iverson, observando a reação de Strike. — Ele mencionou que estava economizando para um anel de noivado.

— O vizinho em questão sendo membro da família Mohamed? — perguntou Strike.

— É — confirmou Iverson.

— Eu não posso revelar detalhes sobre meu cliente — insistiu Strike, embora a informação de que Wright havia dito que sua namorada estava grávida o tivesse abalado.

— Onde você recebeu a informação de que Knowles não era o homem encontrado no cofre da loja? — perguntou Iverson.

Percebendo que eles estavam reconhecendo que sabiam havia muito tempo que Strike estava investigando o corpo no cofre, ele respondeu:

— Um contato.

— O mesmo sujeito que anteriormente passou informações a você sobre o crime organizado?

— É — disse Strike.

— As pessoas podem achar que um informante assim seria mais útil trabalhando para a polícia do que para um detetive particular — comentou Northmore. O hálito do homem fedia muito; Strike estava tentando não respirar pelo nariz. — Ou você o paga bem o bastante para garantir que seja o único a receber as informações?

— Não é questão de dinheiro — falou Strike, e Northmore escarneceu, o que irritou o detetive, embora ele tentasse não demonstrar isso. — Esse contato em particular não colaboraria de jeito nenhum com a polícia.

— Mas nós temos que acreditar na palavra dele quando diz que Knowles foi para o "Barnaby's"?

— Não é preciso acreditar na palavra dele se eu puder apontar para vocês exatamente o que é e onde fica o Barnaby's — disse Strike, decidindo que era hora de usar sua carta na manga.

Como ele esperava, seguiu-se mais silêncio.

— Você sabe onde fica? — questionou Iverson.

— Sei, sim. Para falar a verdade, descobri esta noite.

— Conveniente — comentou Northmore.

— Coincidência — respondeu Strike.

— Você não parece ter problemas para complicar ou ameaçar investigações policiais, sr. Strike — falou Northmore.

— Quando eu fiz isso? — perguntou Strike.

— Você entrou em uma cena de crime sem autorização apenas há algumas horas.

— Ninguém sabia que era uma cena de crime antes que eu entrasse lá.

— Você tem entrevistado pessoas ligadas a duas investigações de assassinato em aberto.

— A investigação de William Wright estava fechada quando minha agência pegou o caso — observou Strike. — Vocês o haviam identificado como Knowles.

Eu passei todas as informações que poderiam ser úteis para vocês desde que começamos a investigar. Não escondemos nada.

— Exceto o Barnaby's — disse Northmore.

— Eu disse a vocês: só descobri o que é o Barnaby's esta noite.

— Quanta informação o agente Murphy está passando para vocês?

Pelo canto do olho, Strike viu a expressão de Iverson enrijecer. Ele ficou surpreso por citarem Murphy nominalmente na fita. Será que o homem estava sob alguma suspeita? Até mesmo sob investigação?

— Zero — respondeu Strike.

— Ele não deixou escapar nada durante uma conversa na cama? — disse Northmore.

— Eu ainda não transei com ele — disse Strike. — Ele está se fazendo de difícil.

Iverson soltou um arquejo que poderia ser um riso contido.

— Murphy jamais compartilhou informação confidencial comigo, e, até onde sei, ele também não compartilhou com minha sócia — declarou Strike.

— Você não teve escrúpulos em obter provas de maneira ilícita com nossa equipe — acusou Northmore.

— Se você está falando das fotos do corpo, Cochran fez isso por iniciativa própria — disse Strike —, e ela não trabalha mais na minha agência.

— É? E por quê? Não gostou do jeito como você conduz os negócios?

Desconfiando de que isso fosse uma alusão às recentes reportagens nos jornais sobre seus relacionamentos com mulheres, Strike optou por não responder.

— Você ficou surpreso ao encontrar Jim Todd morto esta noite, sr. Strike? — perguntou Iverson.

— Fiquei, sim — respondeu Strike. — Fui lá para tentar conseguir os contatos dele com sua mãe, se ela os tivesse. Eu não sabia que ele estava morando com ela.

— O que fez você ficar tão interessado por Todd?

— Acho que foi ele quem ajudou William Wright a conseguir o emprego na Ramsay Silver.

Ele teve a impressão de que sua resposta não foi surpresa para Iverson e supôs que a equipe no caso do assassinato no cofre da loja de prataria também pudesse ter chegado a essa conclusão.

— O que você sabe sobre os movimentos de Jim Todd no dia 17 de junho?

— perguntou Iverson.

— Não muito.

— Você por acaso sabe por que ele foi a Dalston?

O interesse de Strike se aguçou consideravelmente.

— Posso imaginar — começou, deduzindo que a Metropolitana tivesse examinado mais imagens de câmeras de segurança — que ele ia se encontrar com Larry McGee.

As expressões impassíveis olhando para ele pareciam indicar que essa também tinha sido a conclusão da polícia, mas Iverson disse:

— O que faz você pensar isso?

— Porque dois homens conectados com a prataria Murdoch irem para Dalston, onde não tinham nenhum motivo conhecido para estar, aproximadamente na mesma hora… — Strike não podia ter certeza de que havia sido na mesma hora, mas agora estava sondando — … me parece muita coincidência.

Pela ausência de oposição, ele supôs que McGee e Todd tinham realmente convergido para Dalston no mesmo momento.

— O que você sabe sobre o relacionamento de McGee e Todd? — perguntou Iverson.

— Fora o fato de que Todd trabalhava na Ramsay Silver, e que McGee entregou a prataria Murdoch ali naquele dia, muito pouco. Mas Todd deixou escapar que sabia que McGee estava morto quando eu o entrevistei, o que pareceu estranho, porque ele tinha dito inicialmente que não sabia quem ele era.

— Você entrou em contato com a filha de McGee — disse Iverson.

— Entrei, sim — confirmou Strike —, mas ela não me disse nada de útil, além de que McGee era um cara horrível com mulheres, o que eu já tinha descoberto com seus ex-colegas na Gibsons.

— Você ofereceu dinheiro à filha? — perguntou Northmore.

— Por que eu ofereceria dinheiro a ela? — retrucou Strike, mas o policial não disse nada.

— O que fez você se interessar tanto por McGee? — perguntou Iverson.

— Estou interessado em tudo o que aconteceu com a prataria roubada. Isso está ligado com o homem assassinado que eu devo identificar — respondeu Strike. — Um quadro geral, entendem?

Ele não tinha se esquecido de que o interesse da polícia pelo que acontecera com a prataria Murdoch imediatamente antes de sua chegada à Ramsay havia sido mínimo.

Iverson olhou para Northmore, que se aprumou na cadeira antes de perguntar:

— De onde você tirou a ideia de que Sofia Medina estava ligada ao assassinato no cofre?

— Isso não fui eu, foi minha sócia. Ela percebeu que a descrição do corpo e das roupas de Medina batiam com a que nos fizeram da mulher que levou objetos do quarto de Wright em Newham. Como vocês sabem — acrescentou Strike, mais uma vez em benefício da gravação —, quando nos contaram sobre o homem e a mulher que entraram no quarto de Wright, nas horas anteriores e posteriores a seu assassinato, nós passamos a informação diretamente para vocês.

— Você ofereceu à testemunha dinheiro pela informação — disse Iverson.

— Ofereci — confirmou Strike. — Eles são pobres.

— Você tem distribuído muito dinheiro para testemunhas em potencial — prosseguiu Northmore, e o fedor de gengivas inflamadas se derramou sobre Strike outra vez —, o que torna seus testemunhos fáceis de derrubar no tribunal.

— Se você está me dizendo que a Metropolitana nunca recompensou informantes…

— Você também pagou dois ex-vizinhos de Jim Todd. Não consegue ver como isso pode turvar as águas, um investigador particular abastado circulando por aí dando dinheiro para testemunhas e suspeitos? — questionou Iverson.

A mulher era muito cara de pau, pensou Strike. Ela tinha vazado informações para Murphy, sabendo muito bem quem era a namorada dele, e agora ficava ali, sentada presunçosamente em seu terninho azul-marinho, agindo como se ela, ao contrário de Strike, nunca tivesse se desviado em nada de um profissionalismo absoluto. Mesmo assim, Strike tinha de admitir que o caso que ela e Northmore estavam montando contra ele era decente. Antes da venda da casa de Ted e Joan, ele estava longe de ser próspero; todos os ganhos tinham voltado para a empresa, mas seria fácil demais retratá-lo como o filho de um astro do rock multimilionário que pisoteava de forma inglória investigações abertas de assassinato, corrompendo e talvez subornando testemunhas importantes para atingir seus próprios objetivos. Agora ele entendeu a primeira e estranha sugestão de Northmore sobre guardar Shanker apenas para si, como uma espécie de detector de metal humano, usando

o poder de sua carteira, em vez de dividi-lo com a polícia.

— Você deu dinheiro a Gretchen Schiff? — perguntou Iverson.

— Minha sócia entrevistou Schiff, e não, ela não lhe deu dinheiro — respondeu Strike, que tinha decidido que era hora de usar o porrete na sua manga. — Eu preciso dizer que nos surpreendeu vocês não terem conseguido a informação sobre Oz com Schiff, sobretudo porque Medina não é a única jovem que desapareceu depois de conhecê-lo, é?

Ele teve de dar esse crédito a Iverson: ela não demonstrava emoções em sua expressão. A menção a Oz não causou nem o mais leve tremor ou reconhecimento.

— Vocês sabiam que ele fez isso pelo menos duas vezes, certo? — questionou Strike. — Que uma garota chamada Sapphire Neagle desapareceu depois de conhecer um homem que também se apresentava como produtor musical e que também deu a ela um colar de rubis.

— Esta entrevista é sobre o que *você* sabe, não o que nós sabemos — disse Iverson.

— Só estou surpreso por vocês não terem apelado por informação sobre ele — rebateu Strike. — Especialmente levando em conta o lance do furgão.

Strike percebeu que Iverson não queria, nem um pouco, pedir que ele esclarecesse o que queria dizer; isso seria uma admissão de fraqueza. Por fim, ela disse:

— Que lance do furgão?

— Oz estava querendo comprar um furgão — explicou Strike. — O verdadeiro Calvin Osgood recebeu um e-mail sobre isso, mas ele nunca tentou comprar um furgão velho. Um furgão abandonado foi encontrado nas proximidades do corpo de Medina, não foi?

Ele poderia ter dito mais, poderia ter dito que sabia que uma jovem cujo cabelo natural era loiro ou usava peruca tinha entrado em um furgão depois de devolver o Peugeot na locadora, mas como ele devia esse conhecimento a Murphy, por intermédio de Robin, ele o guardou para si mesmo.

— Foi estranho o jeito como Truman não quis olhar para nada que não se encaixasse com a hipótese de o corpo ser de Knowles — comentou Strike.

Os olhos de Northmore piscaram na direção do gravador. Strike soube perfeitamente bem que o policial de repente ficou preocupado com o que ele

pudesse estar prestes a dizer na gravação, e era exatamente por essa razão que tinha dito aquilo. Se quisessem intimidá-lo com a possibilidade de uma cobertura negativa na imprensa, precisavam saber que ele também tinha suas próprias histórias.

— Como estamos falando sobre coincidências e corrupção de investigações de assassinato — continuou Strike —, não tenho certeza se já é de conhecimento público que Malcolm Truman é membro da Loja Maçônica Winston Churchill, o que é engraçado, porque essa é a mesma loja para a qual lorde Oliver Branfoot entrou há alguns anos. Ele tem se interessado muito por mim ultimamente, então resolvi retribuir o favor. Eu geralmente retribuo favores — disse ele, olhando diretamente nos olhos de Northmore.

— Nós vamos fazer um intervalo rápido — disse o policial, olhando para o relógio na parede. — Pausa em nossa entrevista à 1h25.

Ele apertou o botão de desligar o gravador, levantou-se e olhou Iverson nos olhos. Os dois saíram da sala.

Strike ficou sentado sozinho por vinte minutos antes que os investigadores voltassem, Northmore com a expressão ainda mais fechada do que quando saiu.

— Você disse que gosta de retribuir favores, sr. Strike — falou Iverson.

— Sabe, eu ia me sentir mais seguro se ainda estivéssemos gravando — comentou Strike cruzando os braços. Ameaças veladas de difamá-lo na imprensa e a possibilidade muito real de ele estar prestes a ser acusado de arrombamento e invasão de domicílio não o deixavam inclinado a fazer acordos que pudessem ser rompidos.

Depois de uma pausa breve, Northmore tornou a ligar o gravador, anunciou que era 1h45 e repetiu o nome dos presentes.

— Você disse que gosta de retribuir favores, sr. Strike.

— Sempre que eu posso, é — confirmou Strike.

— Nós podemos estar preparados para não fazer acusações pelo arrombamento e pela invasão de domicílio, considerando que você achou que um ou ambos os Jameson talvez pudessem ser salvos.

— É muito decente de sua parte — comentou Strike, sem nenhuma sugestão de sorriso.

— Mas você vai receber uma advertência pelo uso indevido de chaves-mestras.

— É justo.

— Se alguma informação que compartilhamos com você esta noite se tornar pública, isso, é claro, vai comprometer nossa investigação — disse Iverson. — O mesmo vale para qualquer detalhe pessoal que você ache ter sobre o inspetor-chefe Truman…

— Ah, estou plenamente confiante em relação aos detalhes — declarou Strike. — Eu tenho prova fotográfica de que ele frequenta a Loja Winston Churchill.

Northmore não conseguiu disfarçar uma leve careta.

— Mesmo assim…

— Não consigo ver por que eu ia precisar compartilhar essa informação com qualquer outra pessoa — disse Strike. — Não é divertido ser atacado pelos tabloides, como eu bem sei. — Em benefício da gravação, ele acrescentou: — E, como eu acho que já provei ao passar para vocês toda informação relevante que nossa agência descobriu, estou longe de querer estragar investigações da polícia.

Ele gostou da cara fechada de Northmore.

— Sendo assim — disse o homem —, nós gostaríamos de saber onde e o que é o Barnaby's.

— É justo — repetiu Strike. — Tem um ferro-velho chamado Ferro-Velho de Brian Judge na Carnival Street, em Haringey. Ele acende seus incineradores e esmaga veículos em horários estranhos da noite. Marco Ricci, irmão de Luca, esteve lá há algumas horas para deixar uma van de carga imunda.

Northmore e Iverson trocaram olhares que deram a Strike a sensação de que talvez houvesse suspeitas anteriores sobre o ferro-velho ou seu proprietário.

Iverson olhou outra vez para o relógio na parede.

— Entrevista concluída às 1h53. — Depois de desligar a fita, ela disse: — Está bem, sr. Strike. Você está livre para ir.

Strike estava cansado e com fome, sua perna latejava e ele tinha sido obrigado a deixar o BMW em Harlesden. Mesmo assim, ele sentia que naquela noite tinha saído no lucro.

94

Mas quando as neves no Natal
Se espalharam no alto do Bredon,
Meu amor despertou bem cedo
E saiu sem ser vista
E foi sozinha para a igreja.

A.E. Housman
XXI: Bredon Hill, A Shropshire Lad

Às cinco da manhã, Robin, que mal tinha dormido, decidiu que não adiantava ficar na cama e se levantou para fazer café.

Havia três ligações perdidas de Murphy, todas as quais ela tinha ignorado, e várias mensagens, que ela havia lido quando chegaram. Uma delas incluía um vídeo anexado; Murphy filmara a si mesmo derramando garrafas de vodca na pia da cozinha. Robin se perguntou qual seria o sentido daquilo. Será que ele imaginava que ela achava que seu estoque escondido abrangia todas as reservas do mundo?

Suas mensagens de súplicas, desculpas e explicações estavam cheias de informação que ela não conhecia. Ele havia sido posto sob investigação no trabalho, e um superior tinha conversado com ele sobre a bebida, depois que um colega o "entregou" por beber vodca no serviço.

Murphy alegava em suas mensagens noturnas que não tinha contado nada disso a ela por causa da gravidez ectópica: ele não queria sobrecarregá-la, não queria jogar todos os seus problemas em cima dela depois das coisas pelas quais ela tinha passado. Disse que ficou meses consumido pela culpa, que Robin era boa demais para ele, que ele a amava mais do que tinha amado qualquer outra mulher, mas que se ela quisesse deixá-lo, ele ia entender, porque havia quebrado sua confiança

de tantas maneiras que não ia tentar justificar, mas ainda assim implorava para que ela ficasse, que lhe desse outra chance, que o deixasse provar seu valor para ela.

O efeito cumulativo dessas mensagens não apenas roubou o sono de Robin, mas a encheu de raiva, culpa e medo.

A história de Murphy se contradizia. Ele já estava sob investigação no trabalho antes de sua hospitalização, e ela tinha certeza de que ele estava mentindo sobre a noite em que a gravidez acontecera, que ele, na verdade, estava bêbado quando os dois fizeram sexo. Embora Robin não conseguisse pôr toda a culpa nele — tinha sido escolha dela confiar em preservativos por um tempo e não tomar a pílula do dia seguinte —, ela o culpava por sua explosão de raiva quando ela perguntou se ele tinha bebido, o que a deixou cheia de remorso por acusá-lo falsamente.

E mesmo assim… com os olhos no céu escuro, Robin não conseguiu mentir para si mesma. Ela estava longe de não ter culpa.

Mais de uma vez Murphy a havia criticado por passar voluntariamente meses disfarçada na Fazenda Chapman, o que a deixara em um estado mental tão frágil que ela não quis recomeçar a tomar hormônios. Ele tinha sido legal e a apoiado em seu retorno à vida normal, e foi então (ela percebeu, em retrospecto) que ele parou de falar muito com ela sobre o próprio trabalho. Ela tinha adotado com facilidade um padrão de não perguntar a ele pelos detalhes, de supor que a falta de discussão sobre seu trabalho era o que ele preferia. Será que uma mulher que realmente o amasse não teria insistido mais, mesmo que isso tivesse provocado uma briga? Ele tinha sido dissimulado, com certeza, mas ela não se dispôs demais a ser enganada? E ela não estava contando mentiras para o namorado, fosse deslavadamente ou por omissão, havia meses?

Robin bebeu seu café, que estava esfriando depressa, e se lembrou da noite em que tinha chorado, com o rosto apoiado sobre a mesa do sócio, pelo bebê perdido, mas também por Cormoran Strike. *Você diz que me ama, mas sinto que esconde de mim parte de você*… Ela era um dos motivos para Murphy ter voltado a beber? *Às vezes há uma distância entre nós, e não sei se essa é apenas quem você é, e se é assim que você ama*… Ela pensou no alívio que a dominara quando eles perderam a casa… *Não pode deixar nem a véspera de Natal passar sem mandar uma mensagem a ele escondida*… Não tinha escrito para Strike, mas verificara o telefone na esperança de que ele tivesse escrito para ela… Robin era culpada com muita frequência, não de fato, mas no espírito…

Será que ela poderia deixar Murphy agora, no que era nitidamente um dos pontos mais críticos de sua vida? Depois que ele ficara ao seu lado após a Fazenda Chapman e a gravidez? O que iria acontecer com Murphy se ela o deixasse? Ou se fosse demitido? Ela pensou sobre o ex de Kim, que tinha se matado depois que ela o deixara. Ela pareceu ver, outra vez, o rosto bonito de Charlotte Campbell através da água ensanguentada da banheira. Apesar de tudo, ela acreditava que Murphy era essencialmente um homem bom. Ela tinha dito a ele, várias vezes, que o amava.

Sem conseguir aguentar pensamentos que a estavam levando para uma infelicidade mais profunda, Robin foi tomar banho e se vestir. Enquanto secava o cabelo, Murphy escreveu outra mensagem para ela.

Por favor, não me deixe. Por favor.

Robin não respondeu. Era ridiculamente cedo, mas ela não se importava: ia cedo para o escritório atualizar a papelada.

95

Agora, quem quebrou sua cabeça? Quem estaria mais propenso a quebrar sua cabeça?

John Oxenham
A Maid of the Silver Sea

Logo depois de deixar a estação de Tottenham Court Road, uma hora mais tarde, Robin percebeu que Strike tinha lhe enviado uma mensagem enquanto ela estava no trem.

Me liga quando acordar. Eu tive uma noite cheia.

Robin apertou o número dele.

— O que aconteceu?

— Achei que ainda estivesse dormindo. Onde você está?

— Charing Cross Road.

— Mas o que você está fazendo acordada tão cedo? — perguntou Strike.

— Não conseguia dormir.

— Sei bem como é — comentou Strike. Ele tinha pegado um táxi para voltar a Harlesden a fim de pegar seu carro, guardou-o na garagem de sempre, retornou ao escritório e então, tomado por uma ideia e se sentindo ligado demais para ir para a cama, passou as horas seguintes examinando os arquivos sobre o cofre da loja de prataria.

— Onde você está? — perguntou Robin, que podia ouvir conversas e tilintares ao fundo.

— Não sei — respondeu Strike. — Onde estou? Espere aí… Café Little Portland, na Little Portland Street. Estou tomando um café da manhã inglês completo. Eu não jantei.

— Quer companhia?

— Quero, se for você — disse Strike, e, cansada e infeliz como estava, Robin sentiu um lampejo de conforto com essas palavras.

— Está bem, vejo você aí.

Pouco antes de chegar ao café, ela recebeu outra mensagem do namorado.

Por favor, só me ligue.

Robin foi tomada por outra onda de raiva e culpa. Ela precisava decidir o que ia dizer antes de responder a Murphy. E, no momento, não tinha a menor ideia.

Quando entrou no café, um pé-sujo à moda antiga, onde o ar estava pesado com o cheiro de gordura de bacon e de ovos fritos, ela viu Strike a uma mesa de canto com o aspecto semelhante ao dela: exausto e um pouco desalinhado.

— O que aconteceu? — perguntou, ao sentar-se na cadeira em frente a Strike.

— Você está bem? — indagou ele, porque Robin parecia muito pálida e cansada.

— Estou.

Ela não tinha intenção de contar a Strike que Murphy estava bebendo; sentia demasiada lealdade em relação ao namorado para fazer isso.

— Quer comer alguma coisa enquanto eu conto a você?

— Na verdade, quero, sim — disse Robin, que não tinha tomado o café da manhã.

Ela pediu chá e um sanduíche de bacon e, quando o garçom se afastou, Strike contou a ela sobre suas atividades daquela noite, começando com o Barnaby's, continuando com a descoberta de dois corpos e concluindo com sua prisão, seu interrogatório e sua soltura sem acusação. Quando o sanduíche e a caneca de chá de Robin chegaram, ela estava boquiaberta.

— Ah… meu… *Deus*.

— Pois é — disse Strike. — E tem mais: Iverson me perguntou se nossa cliente estava grávida ou se teve um filho recentemente.

Robin levou a mão à boca, exatamente como Fiona Freeman tinha feito quando Robin lhe contou que ela tinha sido filmada botando o bilhete cifrado por baixo da porta da agência.

— Aparentemente — continuou Strike —, Wright contou a um de seus

vizinhos de cima que sua namorada estava grávida.

— Ah, não — sussurrou Robin através dos dedos.

— Ele poderia estar mentindo — disse Strike, que esperava essa reação.

— Mas…

— Ele poderia estar tentando pintar um retrato de si mesmo como um homem respeitável para impressionar seus novos vizinhos.

— Eu sei, mas…

— Eu levei um choque e tanto quando ela perguntou — admitiu Strike —, mas isso ainda não significa que Fleetwood seja Wright. Até onde sabemos, Powell ou Semple podem ter engravidado suas… estarem com bebês a caminho — Strike se corrigiu apressadamente, porque depois do que Robin tinha lhe contado em Sark, ele não queria parecer superficial em relação à gravidez. — Enfim, estou ainda mais ansioso para encontrar Hussein Mohamed agora, e Shah acha que descobriu a casa certa.

— É mesmo?

— É, acabei de ver no arquivo. A mulher abriu a porta para Shah, e ele viu uma cadeira de rodas atrás dela no corredor. A mulher disse que o marido está trabalhando como motorista de Uber. Ela pareceu em pânico quando bateram em sua porta e a fechou na cara de Shah antes que ele pudesse perguntar sobre Wright. Eu acho que precisamos ficar de olho na casa e ver se conseguimos pegar Hussein chegando ou saindo entre seus turnos.

— Nós contaremos a Decima o que Wright disse?

Strike mastigou um bocado de salsicha, pensando.

— Eu prefiro não contar — disse ele. — Não a menos que consigamos mais alguma coisa, alguma coisa concreta. Teve aquele homem que ligou dizendo ser Fleetwood, lembra?

— Decima falou com você sobre isso?

— Falou — disse Strike. — Resposta previsível. "Todo mundo me ouviu chamar Rupert de 'Urso'; esse homem pode estar fingindo uma voz grave, e todo mundo que trabalhava no Dino's sabia que o *nef* tinha sido roubado." Ela acha que foi alguém se passando por ele só para fazer uma piada macabra ou porque a pessoa está envolvida em seu assassinato e tentou nos tirar do caminho. Sinceramente, nesse momento, acho que poderíamos arrastar à força Fleetwood vivo até Decima e ela ia insistir que ele estava morto.

— Tish Benton voltou da Sardenha — disse Robin, pegando o telefone e abrindo o perfil de Tish no Instagram. — Eu não acho que foram férias, não totalmente. Ela arranjou um emprego novo, que vai significar muitas viagens. Nós podemos precisar de sorte para pegá-la em Londres, no futuro.

Strike pegou o telefone dela. Uma garota bonita com cabelo preto reluzente sorria na foto mais recente, parada diante de uma placa que dizia Hotel Serenità, com a legenda:

> Muito empolgada em anunciar que a partir de 1º de março vou começar a trabalhar como #consultorademarca para #ClairmontHotelsEurope #Viagem #trabalhodossonhos #hoteisdeluxo

— Ah — disse Strike. — Bem, precisaremos tentar encontrá-la em casa entre os voos.

Robin parecia realmente exausta e infeliz, pensou Strike quando devolveu seu celular. Ele não podia atribuir tudo ao choque com o aumento das chances de que Wright fosse Fleetwood, porque ela já havia chegado com um aspecto pálido e triste.

— Você tem certeza de que está bem? — perguntou ele, recordando sua confissão anterior de que não tinha conseguido dormir.

— Estou bem — disse Robin automaticamente.

Mas o desejo de aliviar seus fardos, pelo menos em parte, a fez acrescentar:

— Ryan está… passando por um momento difícil.

— Ah — murmurou Strike, que se arrependeu de perguntar, porque não ficou especialmente animado com o pensamento em Robin acordada a noite inteira para consolar ou aconselhar o namorado. — Eu não ia contar isso a você, mas o nome dele apareceu na entrevista de ontem à noite.

— Como? — disse Robin, de repente em pânico.

— Me perguntaram se ele está nos passando informações… Eu neguei, obviamente. Disse que ele nunca nos contou nada.

Eles ficaram sentados em silêncio por um minuto. Então Robin falou:

— E se ele estiver passando por algum tipo de crise mental?

— Quem, Murphy?

— Não! — disparou Robin. — Rupert Fleetwood!

— Ah — disse Strike, deprimido por seu tom de voz protetor.

— Eu sei que você acha que pego leve demais com Rupert — continuou ela —, mas me escute, por favor. Ele sofreu muito bullying no trabalho. Longcaster o insultou sobre a morte de seus pais na frente de convidados. Ele foi perseguido por um traficante por causa de dinheiro. Todo mundo é contra seu relacionamento. Decima anuncia que está grávida. Diz que Rupert teve algum tipo de… algum tipo de colapso e roubou aquele *nef*, e só então percebeu o quanto tinha piorado sua situação. Isso é *muito* estresse. Digamos apenas que ele pegou o emprego na Ramsay Silver para provar alguma coisa, que ele podia se virar por conta própria, que não estava com medo de sujar as mãos, dizendo a si mesmo que ia voltar para Decima como um herói e…

— E ser preso pelo roubo do *nef* — disse Strike.

— Mas e se ele não estivesse pensando de forma racional?

Strike engoliu um grande bocado de morcela antes de dizer:

— Eu não estou negando que aumentaram as chances de Fleetwood ser Wright, mas me responda isto: se ele estava verdadeiramente feliz com a gravidez, por que rasgou a "camiseta da sorte" que estava usando quando Decima contou a novidade?

— Não sei — disse Robin. — Mas se Wright tinha uma namorada grávida, e ele *não era* Fleetwood, parece muito estranho que nenhuma outra mulher tenha aparecido procurando o pai do seu filho. Decima é a única mãe recente que conhecemos que acha que Wright poderia ser seu parceiro…

— Possivelmente, a mulher em questão acha apenas que foi abandonada — rebateu Strike. — O oposto de Decima.

— Eu ainda quero saber por que Rupert foi à festa de Sacha Legard — prosseguiu Robin. — Essa foi a última vez que ele foi visto, e é muito estranho que ele tenha ido de penetra, considerando tudo o que estava acontecendo na época. Eu vou falar com Cosima esta semana, vou *obrigá-la* a falar comigo, de algum jeito… Você teve notícias de Kim desde ontem?

— Não. Por quê?

— Não esperava que ela saísse em silêncio. Achei que ela poderia procurar você para convencê-lo a aceitá-la de volta.

— Não depois do que eu disse a ela no bar — garantiu Strike. — Não, eu deixei uma mensagem na mesa de Pat essa manhã para pagar o que devemos a ela, então, espero, não ouviremos mais nada sobre ela.

— O que ela vai fazer agora?

— Provavelmente, entrar para a nova agência de Farah Navabi.

— Você sabe quando Wardle pode começar?

— Quarta-feira. Ele quer começar direto no trabalho, e já está disponível. Aparentemente, quando ele disse que estava se demitindo, não fizeram muita questão de que ele continuasse. Ele acha que desconfiam de que vá se juntar a nós.

Robin olhou ao redor da cafeteria que estava se enchendo rapidamente e baixou a voz ao dizer:

— Então… Todd.

— Está muito morto, o Todd — disse Strike. — É. Exatamente o mesmo modus operandi do assassinato de Wright, exceto pelo desmembramento e pela mutilação. Golpe na parte de trás da cabeça e diversos ferimentos de faca. A mãe levou uma única facada na barriga. Ela não deve ter exigido muito esforço. Pequena e magra.

— Isso é horrível — disse Robin.

— Não é bom — concordou Strike. — Acho que Oz cometeu quatro assassinatos em oito meses, o que nos coloca no território de um assassino em série, mas não acho que esses sejam assassinatos por emoção, pelo menos nem todos. Creio que ele gostou de matar Medina, mas duvido que tenha tido prazer com Todd e sua mãe. Todd simplesmente tinha se tornado um problema, então precisava desaparecer.

— Porque ele filmava embaixo das saias das mulheres?

— Acho que é, sim. Ele soube que Todd poderia ter despertado o interesse da polícia outra vez, e imagino que uma das últimas coisas que Oz fosse querer era Todd em uma sala de interrogatório. E se Todd resolvesse entregar Oz em algum tipo de acordo?

— Todd, então, *deveria* estar implicado no assassinato do próprio Wright.

— É — disse Strike —, e acho que a polícia também está indo por esse caminho; eles ligaram os pontos entre Todd e McGee, embora eu não ache que saibam muito mais do que nós. Eles me perguntaram por que os dois foram para Dalston ao mesmo tempo.

— Mas Todd tinha um álibi muito sólido para o verdadeiro assassinato.

— Ele tinha, sim, mas eu apostaria que Todd escreveu o currículo de Wright e

o treinou para passar pela entrevista. E outro pensamento me ocorreu depois que saí da delegacia: se Todd encontrou aquele quarto horrível na St. George's Avenue para Wright, ele talvez, em algum momento, tenha tido as chaves. Ele pode ter mandado fazer cópias e as passado para Oz. Quanto a todas as coisas que ele me contou sobre um homem de óculos escuros vigiando a loja e o Templo 17, e que Wright era gay, acho que era tudo mentira, uma tentativa de nos conduzir pelo caminho errado. — Então… Oz — disse Robin. — Estamos procurando um criminoso sexual violento que mata pessoas que se tornam perigosas para ele?

— Um criminoso sexual violento que não demonstra piedade pelos cúmplices que não se contêm e cometem crimes sexuais, embora todos os indícios mostrem que seu autocontrole *também* não é dos melhores.

— Mas ele não foi pego por nenhum desses assassinatos, o que sugere inteligência — comentou Robin.

— Concordo — disse Strike. — Inteligência e o que desconfio ser prática. Um homem verdadeiramente descontrolado poderia começar uma sequência repentina de assassinatos, mas Oz não é assim. Ele é metódico e controlado, exceto quando se trata de garotas. Mas mesmo aí, ele ainda não foi apanhado.

— E você diz quatro assassinatos em oito meses — pontuou Robin —, mas podem ser cinco. Nós ainda não sabemos o que aconteceu com Sapphire Neagle.

— Eu não esperaria ver isso solucionado, porque a polícia está correndo atrás do prejuízo em relação a Oz — falou Strike. — Não acho que eles tivessem ligado o assassinato de Medina ao desaparecimento de Neagle até eu mencionar isso esta madrugada. E eles não pareciam saber que o verdadeiro Osgood recebeu um e-mail de um estranho sobre um furgão, então deduzo que eles não voltaram ao verdadeiro Osgood nem tentaram recuperar as mensagens misteriosas que ele recebeu. Por outro lado, eles nitidamente reconsideraram sua posição de que os avistamentos de Oz e Medina na St. George's Avenue foram inventados por Mandy por dinheiro…

— Descobrir que o Peugeot prateado visitou Newham duas vezes provavelmente teve esse efeito — comentou Robin.

— É exatamente o que eu acho. Eles pareceram muito putos por nós sabermos que Malcolm Truman é maçom, e ainda mais putos com minha sugestão de que ele se recusou a levar em conta indícios de que o corpo poderia não ser de Jason

Knowles, o que, nem é preciso dizer, eu tive o cuidado de mencionar na gravação.

Strike foi dominado por um bocejo. Quando terminou, levantou a mão para o garçom para pedir mais café.

— Imagino que você tenha percebido — começou ele, quando sua caneca e a de Robin tinham sido enchidas — que não saiu nada na imprensa sobre os filmes pornográficos particulares de lorde Oliver Branfoot. Os irmãos De Leon não estão cumprindo sua parte do trato.

— Faz apenas alguns dias. Nós concordamos que eles poderiam preparar o terreno com a mãe primeiro.

— Eu quero Branfoot neutralizado — afirmou Strike. — Nós estamos vulneráveis de muitas maneiras enquanto ele estiver nos rondando e enviando capangas para nos intimidar. "Nós achamos que você tem um apartamento em Lambeth onde faz filmes pornográficos" não é uma base sólida o suficiente para um contra-ataque. Nós precisamos de provas. E de um endereço.

— Você ainda acha que o homem que me ameaçou foi enviado por Branfoot?

— Mais ninguém ligado a esse caso tem capangas à disposição que adorariam burlar a lei em troca de um monte de dinheiro, e, enquanto o filho da puta tiver linha direta com Culpepper, ainda corremos o risco de mais matérias mentirosas na imprensa. O detetive Northmore fez uma observação maliciosa sobre o jeito que conduzo meus negócios. Eu diria que ele adoraria me ver atacado nos tabloides outra vez. Ia ajudar muito se pudéssemos excluir Powell ou Semple. Como foi com Wynn Jones?

Robin fez um breve resumo de sua conversa com Jones e concluiu:

— Se eu tivesse que apostar, diria que ele sabe onde Tyler está e prometeu não contar. Ele diz estar convencido de que o amigo não mexeu no carro, mas o álibi de Tyler para aquela noite é mesmo muito fraco: se sentiu mal, não saiu e ficou na casa vazia dos pais. Mas por outro lado, é difícil acreditar que Tyler os seguiu até Birmingham para mexer no sistema ABS no estacionamento.

— É mesmo — concordou Strike. Ele passou a mão pelo queixo por barbear, então falou: — Você acreditou em Jones quando ele disse que Powell nunca mencionou prata para ele?

— Ele meio que debochou da ideia — respondeu Robin. — Talvez eles *estivessem* falando sobre Sylvain Deslandes. Será que mandamos Pat continuar

ligando para todos os pubs chamados Silver alguma coisa? Estamos empregando muitas horas de trabalho a serem pagas por Decima.

— É, mas como não temos mais nada sobre Powell… Por falar nisso, finalmente fiz contato direto com a Gateshead escocesa na quinta-feira. Quando perguntei se ela era Rena Liddell, ela gritou: "Não diga meu nome", ou algo parecido, e desligou, então acho que é seguro supor que seja ela. Eu deixei mensagens em todas as suas contas antigas nas redes sociais pedindo a ela para voltar a entrar em contato. Só Deus sabe onde ela está. Não em Londres, pelo que disse. Achei que ela pudesse ter voltado para a Escócia, mas dei uma olhada à noite e não consegui encontrar nenhum pub escocês chamado Golden Fleece. A menos que algum tenha nos escapado, é um nome que só atrai os ingleses e os galeses… Enfim, vou visitar a Biblioteca Holborn esta manhã.

— Para descobrir por que os escoceses não têm pubs chamados Golden Fleece? — perguntou Robin, perdida.

— Não, porque quero ver se eles têm alguma planta antiga do Freemasons' Hall e de Wild Court. Não consigo achar nada na internet, mas a biblioteca pode ter coisas antigas em um arquivo.

— Por que você quer as plantas de Wild Court?

— Porque ainda não consegui descobrir como Wright e Oz chegaram à loja naquela noite. Você disse antes que deve haver imagens de câmeras de segurança dos dois se dirigindo à loja, mas se a polícia as tivesse encontrado, a essa altura as teria liberado. As únicas pessoas vistas indo para Wild Court perto da hora certa foram aqueles quatro estudantes que foram excluídos. Então, como diabos dois homens conseguiram se materializar em Wild Court sem serem vistos por ninguém nem capturados por câmeras?

— Não sei, mas como plantas…? Espere aí — disse Robin, sem saber se deveria achar isso divertido ou não. — Você não está sugerindo algum tipo de…?

— Passagem secreta entre o Freemasons' Hall e a loja para qual ele dá fundos? Eu concordo com você que não é muito provável, mas quero checar quando a loja foi construída e descobrir se alguma parte dela foi convertida para isso. Se houver uma conexão entre os dois prédios, estaríamos potencialmente à procura de dois homens que entraram no Freemasons' Hall à noite depois que Wright embarcou no metrô em Covent Garden.

— Mas o Freemasons' Hall estaria fechado… Ah, você quer dizer para

comparecer a uma reunião maçônica?

— Possivelmente. Estou tentando descobrir que lojas se reuniram ali naquela noite. Se Oz e Wright eram ambos maçons, isso pode explicar Wright confiar em Oz, mesmo que ele soubesse que alguém poderia ir atrás dele.

— Mas se Wright confiava em Oz porque os dois eram maçons, Oz poderia tê-lo atraído para *qualquer lugar* — comentou Robin. — Por que se encontrar com ele no Freemasons' Hall, com muitos companheiros de maçonaria como testemunhas, e então tirá-lo da reunião para matá-lo na Ramsay Silver?

— Porque isso precisava ser feito no cofre — respondeu Strike, franzindo o cenho. — Pois é. De volta ao começo.

96

(…) os olhos frios e estranhos de uma pequena sereia
E o brilho de seu cabelo dourado.

Matthew Arnold
The Forsaken Merman

Notícias sobre os assassinatos de Jim Todd e de sua mãe saíram no *Evening Standard* de Londres no dia seguinte. Para alívio de Strike, sua presença na cena não foi mencionada. Dessa vez, seus próprios interesses e os da Metropolitana pareceram ter coincidido: eles não queriam dar publicidade ao fato de que a Agência de Detetives Strike e Ellacott talvez estivesse à frente deles nas investigações do assassinato no cofre da loja de prataria, e Strike não desejava encorajar jornalistas a voltar à Denmark Street. Os jornais não pareceram ter visto a conexão entre o assassinato de Wright e os de Todd e sua mãe, pelo que Robin também ficou grata. Não precisava de mais complicações em sua relação extremamente tensa com Murphy.

Ela e o namorado finalmente se encontraram na noite de terça-feira, novamente no pub Duke. Murphy parecia ter perdido peso nos dois dias em que não se viram. Um pouco curvado e com olhos vermelhos, ele escutou enquanto Robin fazia o discurso que tinha planejado.

— Eu não vou deixar você — começou ela, e lágrimas brotaram nos olhos de Murphy; ele segurou a mão dela, mas Robin a puxou. — Mas não podemos fingir que está tudo bem e normal, Ryan, porque na verdade não está. Eu não posso ir morar com você até reconstruirmos alguma confiança.

— Isso é justo — concordou Murphy. — Isso é totalmente justo. Eu achei que tinha perdido você para sempre — disse ele com voz embargada. — Eu te amo muito, Robin.

— Eu também te amo — respondeu Robin —, mas *precisamos* de honestidade dessa vez. Eu preciso que você me conte exatamente o que está acontecendo no trabalho e com a bebida…

— Eu voltei para o AA ontem — revelou Murphy. — Eu tinha parado de ir às reuniões. Havia tanta pressão no trabalho que eu disse a mim mesmo que não tinha tempo para ir, mas isso, agora, vem em primeiro lugar. Se pelo menos essa maldita investigação estivesse terminada…

— Por que você está sendo investigado? Por beber?

— Não, é só por causa do primeiro cara que eu prendi pelo tiroteio de gangues — murmurou Murphy, que muito nitidamente não queria se aprofundar, mas Robin o pressionou.

— Mas por que estão investigando você por isso?

— Ele… diz que fui violento com ele.

— Você foi?

Houve uma pausa breve. Então Murphy assentiu.

— Ele tem muitos antecedentes, e o fim do relacionamento com a mãe da criança foi tóxico pra cacete. Não fui o único a achar que ele tinha feito aquilo. Eu perdi o controle. Tinha visto o garoto mais novo com metade da cabeça explodida — disse Murphy, com os nós dos dedos brancos em torno de seu copo de água com gás. — A questão era que ele não achava que o menino fosse dele. Sei que eu não deveria… A mãe o aceitou de volta, ainda por cima, e ela o está incentivando a processar, porque ela odeia policiais tanto quanto ele.

— Ryan, sinto muito, isso é terrível. Mas daqui para a frente você *precisa* me contar o que está acontecendo com você. Você não pode simplesmente enterrar tudo.

— Eu sei — disse Murphy, pegando novamente a mão dela, e dessa vez Robin não a puxou. — Eu vou contar.

Parada na chuva fria na quarta-feira à tarde, observando a fachada do Dino's, Robin disse a si mesma que estava fazendo a coisa certa. Ela e Murphy tinham passado por muita coisa juntos, e ela realmente gostava dele. Largá-lo nesse momento seria de uma crueldade injustificável. Ela ia decidir depois, quando ele recuperasse uma tranquilidade emocional, se… mas esse era um pensamento que ela continuava se recusando a concluir. Charlotte Campbell em uma banheira cheia de sangue; o ex-namorado de Kim em seu carro cheio de monóxido de

carbono. Ela não podia deixar Murphy agora.

O trabalho não estava fornecendo muita distração naquele dia. Robin duvidava que fosse conseguir muita coisa tremendo embaixo de seu guarda-chuva por horas, embora tivesse concluído que sua única possibilidade realista de falar pessoalmente com Cosima era quando a garota estivesse entrando ou saindo do Dino's, que era o único lugar aonde ela parecia ir sem um grupo de amigos. O problema era que a porta da frente do clube, onde um porteiro de casaca e cartola vinho ficava de guarda, estava a apenas poucos passos da rua. Mesmo assim, a experiência tinha ensinado a Robin que uma abordagem repentina e inesperada às vezes resultava em respostas surpreendentes dos entrevistados, e a falta de progresso da agência em descobrir o paradeiro de Rupert Fleetwood fez com que ela se decidisse por esse último esforço.

Enquanto estava ali parada, olhando para a rua chuvosa em busca de algum sinal de sua presa, a hipervigilante Robin percebeu um homem de meia-idade sentado em um Honda Accord estacionado perto do Land Rover dela. Parecia a estar observando, porque virou a cabeça rapidamente quando Robin olhou para ele. O homem tinha cabelo grisalho farto e um nariz muito pequeno, que parecia um cogumelo no meio de um rosto grande e quadrado. Robin continuou a observá-lo, perguntando-se se deveria ficar preocupada. Ele parecia maior e mais flácido que o homem que tinha brandido o punhal maçônico para ela. Ela mudou um pouco de posição, esperando ver o número de sua placa, mas então ela avistou o Mercedes com o motorista de Dino Longcaster deslizando pela rua e reconheceu Cosima, sentada sozinha no banco traseiro.

Ela quase correu para a calçada oposta. Quando o carro parou, Robin estava esperando, pronta para a saída de Cosima, que se demorou. Primeiro, escovou o cabelo comprido e reaplicou gloss nos lábios enquanto olhava para um espelho dobrável no teto do carro, então digitou o que pareceu ser uma mensagem antes de finalmente botar seus pertences na bolsa e abrir a porta do passageiro.

— Cosima — disse Robin imediatamente, enquanto o porteiro corria apressado na direção das duas, segurando um grande guarda-chuva vinho.

A garota olhou para Robin com surpresa.

— Meu nome é Robin Ellacott. Sou detetive particular. Eu queria fazer algumas perguntas a você sobre Rupert…

— O quê? — perguntou Cosima, olhando fixamente para Robin, enquanto o

porteiro a protegia com seu guarda-chuva.

— … Rupert Fleetwood. O que ele falou para você na festa de aniversário de Sacha Legard?

— Eu… o quê? — repetiu Cosima, mas seu rosto pálido havia corado. — Eu não… Me deixe em paz!

— Cosima, você deve saber que Rupert desapareceu — insistiu Robin, correndo junto da garota enquanto ela seguia a passos largos na direção da entrada do Dino's. — Sua irmã está incrivelmente preocupada com ele, e…

— *Me deixe em paz!* — repetiu Cosima com voz estridente. Ela saiu de baixo do guarda-chuva, entrou correndo pela porta giratória e desapareceu de vista.

O porteiro, que era um homem alto na casa dos cinquenta, disse:

— Você recebeu sua ordem. Dê o fora daqui.

— Esta é uma calçada pública — respondeu Robin friamente.

Ela recuou até uma porta a alguma distância do Dino's, perguntando-se qual deveria ser seu movimento seguinte. Ela supôs que houvesse a possibilidade remota de que Cosima, como Fyola Fay, pudesse voltar para descobrir o que Robin já sabia, mas ela não ia contar com isso.

Os olhos da detetive caíram outra vez sobre o Honda Accord estacionado, dentro do qual estava o homem com o nariz parecido com um cogumelo. Mais uma vez, ele virou o rosto apressadamente quando Robin olhou para ele. Ela não conseguia ver a placa do veículo daquela posição de jeito nenhum. Perguntando-se se não seria boa uma ideia se mover para anotá-la, ela se distraiu com o som de passos pesados a sua esquerda e se virou para ver Dino Longcaster se aproximando, grande e com um terno bem cortado, a cabeça redonda e sem brilho.

— Eu soube que você importunou minha filha — disse ele de um jeito arrastado.

— Não importunei — respondeu Robin, esforçando-se para parecer calma, porque Longcaster era intimidante tanto no tamanho quanto nos modos. — Só fiz uma pergunta.

— Você poderia me dar cinco minutos? — pediu Dino Longcaster, olhando para ela do alto de seu nariz. — Dentro do clube?

— É claro — concordou Robin.

— Obrigado, Joshua — agradeceu Longcaster quando eles passaram pelo

porteiro.

— Sr. Longcaster — murmurou o porteiro, tocando sua cartola, e afastou os olhos quando Robin passou, revelando um fone e um microfone.

Um calor delicioso a recebeu quando ela entrou em um corredor opulento cheio de espelhos com acabamento envelhecido artisticamente. As paredes eram forradas de um tecido azul-escuro com estampas em ouro de mulheres e galgos dos anos 1920 estilizados, o ar cheirava a âmbar e sândalo, e uma escada curva subia, passando por incontáveis pinturas, muitas delas de cães. Um cachorro branco de verdade que Robin reconheceu como um cão de montanha dos Pireneus esperava por Longcaster logo ao lado da porta, abanando a cauda; ele esfregou o focinho na mão de Longcaster, que o acariciou.

— Vamos subir — disse Longcaster e se virou para uma garota negra linda usando o cabelo em um coque baixo e um vestido vinho justo. — O Montagu está vazio, não está?

— Está, sr. Longcaster.

— Por aqui — informou Longcaster a Robin e começou a subir a escada, com o cão de montanha dos Pireneus seguindo atrás dele.

Havia mais funcionários vestidos de vinho no patamar do andar superior, todos eles bonitos, todos se aprumando como suricatos elegantes diante da aproximação de Longcaster. Robin estava ocupada dizendo a si mesma que se recusava totalmente a ser intimidada por esse homem ou por seu clube, porque ela tinha conhecido pessoas muito mais assustadoras do que Dino Longcaster durante sua carreira de detetive. Entretanto, o estado de alerta e o nervosismo crescentes, que pareciam tomar conta de cada membro da equipe por quem eles passavam, disseram a ela que talvez fosse necessário certo grau de presença de espírito para não ficar com medo daquele homem.

Ele passou com Robin por duas portas com placas com os nomes "Amarillo" e "Dostoiévski" e finalmente a conduziu para uma sala vazia ainda mais opulenta do que o corredor, que conseguia ser ao mesmo tempo grandiosa e aconchegante. As paredes eram cobertas por um tecido vermelho com estampa caxemira espiralada; havia muito mais pinturas a óleo, em sua maioria de cães e cavalos; um tronco queimava na lareira; havia rosas escarlate arrumadas em grandes vasos de cristal; as poltronas de veludo eram fundas e pareciam convidativas. Havia um tabuleiro de gamão e um de xadrez dispostos em mesas pequenas, e a impressão de uma casa

particular era reforçada por algumas poucas fotos em porta-retratos de prata ou penduradas nas paredes, algumas em preto e branco, a maioria mostrando o próprio Longcaster ou sua filha mais fotogênica. Em uma dessas fotos, Longcaster estava recebendo da rainha um troféu prateado de corrida; em outra, estava de smoking, cumprimentando Aga Khan na porta de seu clube.

— Por favor — disse Longcaster para Robin, apontando para duas poltronas perto do fogo.

Ele puxou a calça até os joelhos antes de sentar-se em frente a ela. O cachorro imediatamente botou sua enorme cabeça branca no colo dele, e Longcaster começou a massageá-la com dedos compridos e espatulados.

— Posso ter o prazer de saber quem tem assediado minha filha?

— Meu nome é Robin Ellacott, eu sou detetive particular, e não houve nenhum assédio.

Ainda acariciando o cachorro, Longcaster estendeu a mão livre para apertar uma pequena campainha de latão em uma mesa lateral. Um garçom uniformizado apareceu tão rápido que Robin achou que ele deveria estar parado à espera bem ao lado da porta.

— Martíni — disse Longcaster.

— Sim, sr. Longcaster. Senhora?

— Não, obri…

— Traga um Majesty para ela — disse Longcaster ao garçom, que sorriu e saiu da sala. Longcaster se virou para olhar para Robin. Seus olhos cinza profundos a percorreram da cabeça aos pés e de volta, antes que ele dissesse: — Então, você está tentando encontrar o água-viva?

— Quem é o água-viva? — perguntou Robin falsamente.

— Gênero Fleetwood — disse Longcaster —, espécie Rupert.

Ele estendeu um braço comprido na direção de um umidificador que estava em outra mesa baixa, abriu-o e pegou um charuto e um cortador. O cachorro olhou para seu mestre com reprovação quando ele parou de acariciá-lo, então, com uma espécie de gemido baixo, se instalou aos seus pés, com a cabeça sobre as patas. Longcaster começou a cortar a ponta do charuto, olhou para Robin e falou:

— Você não deveria usar preto.

— O quê?

— Preto. Isso envelhece você. Você não pode ter mais do que… trinta e

cinco?

— Você não acha que é uma coisa muito grosseira de se dizer para uma pessoa que acabou de conhecer? — perguntou Robin, esforçando-se para parecer bem-humorada.

— Não tem nada de grosseiro nisso. Estou dando um bom conselho a você.

— Mas eu não pedi nenhum.

— Supostamente porque não sabia que precisava dele. Imagino que ache que o preto a faz parecer magra, não é?

— Não — respondeu Robin —, é apenas fácil.

— O bom gosto não tem nada a ver com *fácil* — disse Longcaster com aspereza, então pegou um grande isqueiro de malaquita. — O preto fica elegante em mulheres asiáticas, na *maioria* das negras e em *algumas* caucasianas de cabelo escuro, mas não tem nada com aspecto mais brega do que preto em uma loura.

— Bem, obrigada pela informação — retrucou Robin. — Hoje em dia não é ilegal fumar em clubes?

— É — confirmou Longcaster, dando baforadas cheias de energia em seu charuto.

A porta se abriu, e o garçom reapareceu. Ele pôs um martíni com uma azeitona em um palito perto do cotovelo de Longcaster e uma taça de champanhe cheia de uma mistura de tom vermelho intenso, ao lado de Robin.

— O que é isso? — perguntou Robin a Longcaster, olhando para seu drinque quando a porta se fechou atrás do garçom.

— Dubonnet e gim. Nós o chamamos de Majesty porque é o favorito da rainha. Sempre me incomodou pensar nela bebendo algo tão comum.

Longcaster deu um gole em seu martíni, com os olhos escuros fixos em Robin, então falou:

— Beba. Você não acha que eu vou envenenar você, acha? Ou está com medo de ser atacada por mim? Não precisa se preocupar com isso. Eu fico mais excitado hoje em dia com uma mijada matinal do que com mulheres.

— Eu prefiro manter a cabeça clara quando estou trabalhando — respondeu Robin e pensou no quanto pareceu afetada.

— Duvido que Decima se ressentiria de você por um único Majesty.

Robin escolheu ignorar esse comentário.

— Sabe onde está Rupert Fleetwood, sr. Longcaster?

— Não.

— A tia dele acha que ele conseguiu um emprego em Nova York.

— Eu acho que isso é *incrivelmente* improvável.

— Por quê?

— Águas-vivas não são conhecidas por sua habilidade de pegar voos para Nova York. Beba a porcaria do seu drinque.

Robin pegou a taça e tomou um gole.

— Gostou? — perguntou Longcaster.

— Gostei — respondeu Robin com sinceridade.

— Achei mesmo que fosse gostar — comentou Longcaster. Ele soltou fumaça do charuto, então falou: — Duvido que Fleetwood tenha ido longe, a menos que tenha sido carregado por uma corrente forte e favorável. Acho que ele pode estar encalhado em algum lugar, com crianças pequenas cutucando-o com pás de plástico…

— Você não está preocupado que ele possa ter se matado?

— Não, não — respondeu Longcaster. — Posso afirmar sinceramente que não tive um segundo de preocupação quanto a isso.

— Ele parecia estar sob muita pressão, antes de desaparecer — continuou Robin.

— Eu não sei nada sobre *pressão* — comentou Longcaster de um jeito arrastado. — Ele saiu daqui sob o peso de um objeto excelente de prata holandesa do século XVII. Você diria que isso é o comportamento de um suicida, ou de um jovem que não consegue entender, como diz Wodehouse, "a bela diferença entre *meum* e *tuum*"?

— Você chamou a polícia, não chamou? — perguntou Robin.

— Naturalmente, mas nossos corajosos rapazes de azul não estão muito interessados em recuperar propriedades de pessoas como eu. "Você tem seguro, não tem?" é o refrão de sua canção. Você pode dizer a Decima, porém, que assim que eu souber onde está o água-viva, vou apontar a polícia em sua direção. Tenho certeza de que a essa altura ele percebeu que a coisa é impossível de vender. Nenhum negociante de boa reputação iria tocá-la, não sem prova legal de propriedade. É um exemplo especialmente bonito e distinto de seu tipo e, infelizmente para o água-viva, ele aparece em fotos da sala Dostoiévski. — Longcaster deu outra baforada em seu charuto, então acrescentou: — Você sabia

que eu o ganhei do pai dele?

— Sabia, sim — confirmou Robin.

— Peter e eu estivemos juntos em Eton. Na verdade, para começar, aquele *nef* não era de Peter para que ele o oferecesse em uma aposta, era de sua mulher. Ela ficou lívida quando descobriu o que ele havia feito. Peter não tinha onde cair morto antes de se casar com Veronica. O água-viva é igual a ele, torcendo para se casar por dinheiro.

Longcaster apontou um dedo comprido para uma fotografia na parede, que mostrava dois homens, um reconhecível como um Longcaster mais jovem, e outro com um rosto magro e malandro, e três mulheres. Uma delas, que também parecia ter cerca de quarenta anos, usava óculos e tinha uma aparência um tanto séria. As outras duas eram mais novas, uma morena e uma loura, e eram muito bonitas. Todos os cinco estavam posando, as mulheres em vestidos de baile, os homens de smoking, em frente a um castelo gigante acima do qual tremulava uma bandeira amarela com um leão preto.

— Esses são Peter e Veronica — informou Longcaster. — A mulher de óculos é Anjelica, irmã de Peter, tia do água-viva. Ela não gosta de mim, como tenho certeza de que contou a você, se falou com ela. — Longcaster olhou friamente para a foto por mais alguns segundos antes de dizer: — Não tenho certeza, mas *acho* que posso ter transado com ela naquele fim de semana. E a morena é uma ex-namorada minha. Na época, eu estava resistindo a suas sugestões de que deveria fazer dela uma mulher honesta, pois eu estava gostando de estar entre um casamento e outro.

— Essa é a casa dos Fleetwood? — questionou Robin, olhando para o castelo medieval ao fundo.

— Claro que não, isso é Gravensteen — debochou Longcaster.

Ele terminou seu drinque, então se inclinou e apertou a campainha de latão outra vez. O garçom abriu a porta em segundos.

— Outro martíni. Nada para ela; ela está enrolando.

Depois que a porta se fechou outra vez, Robin falou:

— Uma pessoa que acompanhou o relacionamento de perto me disse que Rupert realmente amava Decima. Essa pessoa não acreditava que Rupert estivesse com ela por seu dinhe…

— Besteira! — exclamou Longcaster. — Ninguém vai ficar com Decima por

sua beleza ou seu charme. Os dois juntos pareciam Tweedledum e Tweedledee… imagine só as crianças deles com cara de lua. O quê? — disse ele em resposta, Robin sabia, à expressão no rosto dela.

— Estou pensando… que são coisas horríveis de se dizer sobre a própria filha.

— Eu me reservo o direito de falar o que quiser sobre meus filhos — retrucou Longcaster rudemente. — O lar espiritual de Decima é uma casa geminada em Basingstoke. Ela gosta de coisas e pessoas de segunda classe. Agora ela fez papel de boba outra vez e não quer admitir isso, e é por essa razão que contratou você.

— Rupert é seu afilhado, não é? — questionou Robin.

— O que isso tem a ver com as coisas? Você acha que eu deveria protegê-lo porque conhecia seus pais? O mundo está cheio de afilhados. O que eu preciso é de funcionários decentes no meu bar. Eu fiz um favor ao água-viva ao dar a ele um emprego e tudo o que recebi de volta foi uma tentativa de esvaziar as contas bancárias da minha filha e um maldito roubo descarado. Se ele acha que foi injustiçado, isso não é nada comparado com o que vai acontecer quando eu alcançá-lo.

— Você sabia que Rupert entrou de penetra na festa de aniversário de Sacha Legard depois de roubar seu *nef*? — perguntou Robin. — Que ele discutiu com Valentine e disse algo a Cosima que a fez chorar?

Ela teve certeza, quando Longcaster ergueu levemente as sobrancelhas, que ele não sabia disso. Removendo o charuto da boca, ele falou:

— Eu acho altamente improvável que o água-viva tenha procurado membros da minha família depois de roubar minha propriedade.

— Bem, ele fez isso — afirmou Robin. — Foi logo antes de desaparecer. Houve várias testemunhas da discussão. É sobre isso que eu quero falar com sua filha.

O garçom voltou com o segundo martíni de Longcaster. Quando ele chegou à porta, Longcaster disse:

— Oliver, diga a Mimi para vir aqui.

— Sim, sr. Longcaster.

Torcendo para que "Mimi" significasse Cosima, Robin tomou outro gole de seu drinque, que ela teve de admitir ser tão acolhedor quanto o fogo depois de ficar por duas horas na chuva.

— Você teria uma aparência melhor se fizesse um esforço — comentou

Longcaster, examinando Robin de cima a baixo com seus olhos entediados outra vez. — Faça alguma coisa melhor com seu cabelo. Puxá-lo para trás desse jeito não favorece você.

— Você diz a todos como deveriam parecer e se vestir, sr. Longcaster?

— Só para quem precisa — respondeu ele.

Longcaster parecia realmente frustrado, quase sofrendo, por Robin não estar mais bem arrumada e bem vestida. Ela se lembrou da descrição que Albie fizera do homem como uma pessoa que queria viver em um mundo completamente controlado, que achava um pecado estar malvestido ou acima do peso, e pensou em Decima, e no que significaria crescer com esse homem como pai.

Cosima então entrou na sala. Sem agradecer ao garçom que segurou a porta aberta para ela, sentou-se em uma cadeira entre Robin e o pai, de frente para o fogo. Robin percebeu que a garota estava extremamente desconfortável, embora fingisse não estar. Ela jogou o cabelo louro e comprido para trás, alisou a parte de baixo do vestido vermelho curto, cruzou as pernas, sorriu para o pai e disse:

— Oi, papai.

— Acabei de ser informado — começou Longcaster — que o água-viva entrou sem ser convidado na festa de aniversário de Sacha Legard.

Cosima deu um riso forçado ao ouvir a palavra "água-viva", mas seu pai não pareceu achar graça.

— E eu soube que você e Valentine falaram com ele lá.

— Só um pouco — disse Cosima — Não foi nada.

— Por que você não alertou a polícia de seu paradeiro? — perguntou Longcaster. — Ou me ligou, para que eu pudesse fazê-lo?

— Ele só… ele só ficou lá por um instante, depois foi embora — respondeu Cosima. — Não haveria tempo para a polícia pegá-lo. Ele só entrou e saiu quase imediatamente.

A mão direita dela estava brincando com alguns anéis de ouro na esquerda. Ela tornou a cruzar as pernas.

— Sacha contou ao meu sócio que Rupert disse ou fez alguma coisa que fez você chorar — disse Robin.

— Isso é…

Robin percebeu que Cosima queria negar, mas isso significaria chamar de mentiroso o belo e famoso ator.

— Acho que, na verdade… eu não estava chorando por causa de Rupert.

— Sacha diz que você estava — afirmou Robin. — Ele diz que Rupert a aborreceu.

— Não, não aborreceu — insistiu Cosima, corando outra vez. — Você não estava lá, não sabe o que aconteceu. Eu fiquei aborrecida porque ele tinha acabado de invadir a festa de Sacha, está bem?

— Você acabou de dizer que não estava chorando por causa de Rupert — rebateu Robin.

Ela esperou que Longcaster interviesse para proteger a filha favorita de suas perguntas, mas, pelo contrário, o dono do clube estava olhando fixamente para Cosima, com uma expressão não muito amistosa em seu rosto com papada.

— Eu não estava… Houve muito drama naquela noite, está bem? Eu só me senti meio sobrecarregada, e Rupert aparecer foi, tipo, a gota d'água. Eu achei que ia haver uma cena…

— Que tipo de cena? — Robin quis saber.

— Só, você sabe, que a segurança seria envolvida, e, tipo, as pessoas iam achar que Val e eu tínhamos convidado Rupert ou alguma coisa assim…

— Por que alguém acharia que você o havia convidado? — perguntou Robin. — Nenhum de vocês era amigo dele, era? Ele só trabalhou aqui por um tempo. As pessoas não ficariam muito mais propensas em achar que Sacha tinha convidado Rupert, considerando que eles são primos?

— Olhe — disse Cosima, ainda mais vermelha —, eu só estava aborrecida naquela noite, está bem, e fiquei, tipo, *revoltada* quando ele apareceu, depois de roubar aquela coisa de prata do papai…

— Mas não revoltada o bastante para chamar a polícia — argumentou Longcaster.

— Foi rápido demais, papai, num minuto ele estava lá, no outro…

— Ele ficou lá por tempo suficiente para discutir com Valentine, não ficou? — perguntou Robin.

— Eu acho que Val só, hum, tipo, viu Rupert e tentou fazer com que ele fosse embora — respondeu Cosima, ainda enrubescida.

— Mais uma vez, não é isso o que Sacha Legard diz — afirmou Robin. — Ele diz que Rupert chegou lá querendo briga. Ele procurou Valentine, em vez do contrário.

— Bem, eu não… eu não vi tudo, estava muito cheio, não sei o que aconteceu. *Meu Deus*, qual o problema? — disse Cosima com uma risada forçada. — Por que você se importa com isso?

— Eu disse a você o porquê lá fora — falou Robin. — Sua irmã está muito preocupada com Rupert. Ele desapareceu.

— Isso não é *minha* culpa — disse Cosima, mas uma curiosa expressão de pânico passou por seu rosto bonito. — Isso não tem nada a ver comigo. Eu não sabia… não é *minha* culpa.

— Você "não sabia" o quê? — perguntou Robin.

— Quero dizer, eu não o fiz roubar aquele navio, não é *minha* culpa ele ter perdido a cabeça.

— Já chega — disse Longcaster quando Robin abriu a boca para responder. Ele apertou a campainha de latão ao seu lado outra vez. — Acho que já ouvimos o suficiente de você, srta…

— Ellacott — disse Robin.

O garçom que tinha servido seus drinques reapareceu.

— A srta. Ellacott está de saída, Oliver.

Longcaster ficou de pé, acordando o cão de montanha dos Pireneus, que se esticou e abanou a cauda.

— Até logo — disse Longcaster, estendendo a mão para apertar a de Robin. — Visita interessante.

— Até logo — disse Robin. — Obrigada pelo drinque.

Ela captou o olhar de Cosima mais uma vez enquanto saía da sala. A garota parecia revoltada, mas também assustada, pensou Robin.

97

Mas ainda assim, conforme avançamos,
Cresce cada vez mais a massa
De volumes ainda por ler,
De segredos ainda por explorar.

Matthew Arnold
Empedocles on Etna

Na noite chuvosa de primeiro de março, Strike, cansado depois de uma tarde entediante na vigilância da sra. Duas-Vezes, que ele tinha acabado de passar para Wardle, fez um desvio até a House of Computers, na Tottenham Court Road para comprar um laptop novo. Ele então parou no Flying Horse, onde ligou para o técnico de informática que a agência costumava usar e recebeu instruções sobre como instalar um navegador anônimo no dispositivo novo. Parecia tolice não aproveitar umas cervejas e um hambúrguer, já que ele estava ali, por isso eram oito e meia da noite quando Strike finalmente foi para casa.

Ao entrar na Denmark Street, ele se surpreendeu ao ver uma luz acesa na janela do escritório, porque Robin havia tirado a noite de folga e Pat era o único outro membro da agência que tinha as chaves. Ele subiu a escada de metal até o segundo andar e entrou pela porta de vidro entalhada.

Robin estava sentada em sua cadeira habitual à mesa dos sócios, com uma pizza meio comida ao lado e uma grande variedade de material de pesquisa espalhada a sua frente, incluindo as plantas de Wild Court e do Freemasons' Hall que Strike tinha conseguido na Biblioteca Holborn. Ela tinha razões pessoais para querer ficar no escritório em vez de ir para casa, e uma delas era que sua ansiedade em relação a ser seguida ou ameaçada permanecia forte. Absorta em tudo o que estava lendo e examinando, ela perdeu a noção do tempo e se sobressaltou

quando ouviu a chave de Strike na fechadura. Ao ver que era ele, seu coração se animou muito mais (como ela percebeu imediatamente e com culpa) do que deveria.

— Desculpe — disse ela automaticamente antes de perceber que aquilo não fazia sentido.

— Não precisa pedir desculpas, este escritório também é seu — respondeu Strike. — O que você está fazendo aqui tão tarde? Achei que estivesse de folga esta noite.

— Ryan teve que trabalhar, então achei que seria melhor continuar aqui.

Isso não era totalmente verdade. Murphy estava realmente ocupado, mas a segunda razão por que Robin não quis ir para casa cedo demais era o medo de que seu namorado aparecesse no seu apartamento "de surpresa". Atualmente, ele vinha alternando entre a carência e o mau humor. Este último sem dúvida se devia à dor da abstinência depois de parar abruptamente de beber, mas ele continuava tentando envolver Robin em planos, encher a agenda com compromissos futuros, atrás de garantias de que eles estariam juntos dentro de seis, oito, doze semanas. Na noite anterior, ele tinha sugerido passar seu aniversário de trinta e quatro anos, que estava chegando, em San Sebastian, onde morava sua irmã. Robin tinha dito que ia pensar. Nos últimos dias, ela estava evitando qualquer programa que não pudesse ser facilmente cancelado.

Desanimado pela sugestão de que, para Robin, não fazia sentido ir para casa se Murphy não estivesse lá, Strike pôs o laptop novo na mesa.

— O velho estava com problemas? — perguntou ela, percebendo que Strike estava usando a camisa azul de que ela gostava.

— Não — respondeu ele, dirigindo-se à área da cozinha. — Eu não quero deixar nenhum rastro do que vou pesquisar no computador do escritório. Dark web. Não podemos ser descuidados, com o MI5 de olho em nós.

Ele pegou o uísque que Robin tinha dado a ele de aniversário em um armário.

— Quer uma bebida? — gritou para ela.

— Não posso. Estou dirigindo — respondeu Robin, tentando parecer objetiva. Os dois estavam ali, sozinhos, depois de escurecer; ela estava se lembrando da noite que tinham passado juntos em Sark e também da noite em que comeram um curry para viagem ali, juntos, antes que ela e Murphy sequer se conhecessem, quando Strike disse que ela era sua melhor amiga. Ela não deveria

estar pensando nessas coisas. Ela não deveria estar notando a camisa de Strike.

— Dev acabou de me escrever — disse ela. — Ele quer tirar uma semana de folga na Páscoa, se conseguirmos nos virar sem ele.

Strike voltou para o escritório com seu uísque e um copo, e sentou-se em frente a ela.

— Uma semana inteira vai ser demais, a menos que nos livremos desse maldito caso do cofre da loja de prataria — disse ele. — Por falar nisso, tem alguma coisa acontecendo com ele?

— Quem, Dev? Não, acho que não. Por quê?

— Ele tem sido bem ríspido comigo ultimamente, e percebi que está procurando por você com perguntas sobre folgas, não por mim.

— Ele não comentou nada — disse Robin. — Hum… Eu talvez tenha descoberto o que aquele bilhete que Niall Semple deixou para a mulher significa.

— O quê? — disse Strike, pego totalmente de surpresa.

— Eu andei lendo aquele livro que você baixou, *Moral e dogma do antigo*…

— … e aceito blá-blá-blá, não é? — completou Strike. — Como isso ajudou?

Robin olhou para a tela de seu computador e leu em voz alta:

— *"Pergunta: Qual é o número mais oculto? Resposta: 5, porque ele está incluso no centro da série. Pergunta: Qual é o número mais salutar? Resposta: 6, porque ele contém a fonte de nossa felicidade espiritual e corporal. Pergunta: Qual é o número de mais sorte…"* Você entendeu a ideia — disse ela. — Se eu estiver certa, Niall estava deixando para Jade um código de oito dígitos: dois, cinco, zero, seis, dois, zero, um, seis. Acha que é demais esperar que isso abra o cofre da Ramsay Silver?

— Duvido que seja o caso — disse Strike quando Robin lhe passou um bilhete em um Post-It sobre a mesa, e ele olhou para a série de números. — Não há noves. A tecla mais desgastada daquele teclado era o nove… mas pode ser uma data, 25 de junho de 2016.

— Ah, meu Deus, eu não percebi isso! O que aconteceu no dia 25 de junho de 2016?

Strike pesquisou no Google.

— Cinco novas espécies de orquídea foram descobertas nas Filipinas.

— Eu estava pensando mais no que estava acontecendo na vida de Semple — disse Robin bem-humorada.

— Essa data é três semanas depois da última vez que ele foi avistado vivo,

então seu palpite é tão bom quanto o meu.

Strike abriu o bloco na página com as instruções de Spanner para instalar um navegador anônimo. Ele não estava pensando em Sark, nem na noite em que eles tinham comido curry no escritório, nem em dividir uma cama com Robin depois que ela escapou da Fazenda Chapman. Ele estava pensando em como essa situação era o tipo de coisa que ele esperava que surgisse naturalmente durante o curso do caso do cofre da loja de prataria, e como tinha sido inútil, no fim, ter assumido a droga da investigação.

— Eu tenho mais notícias — disse Robin. — O pai de Hugo Whitehead me ligou mais cedo.

— Quem é mesmo?

— O filho dele, Hugo, se acidentou com o carro de Tyler Powell.

— Ah, é. O que ele disse?

— Eu disse a ele que estamos tentando localizar Tyler Powell, e ele respondeu que estaria disposto a falar comigo, desde que sua mulher não descubra, porque ela fica abalada demais quando discute o acidente de carro, então vou à casa deles na segunda-feira à noite, quando ela vai estar visitando uma amiga.

O telefone fixo do escritório tocou.

— Pode ser Rena Liddell outra vez — disse Strike e pegou o fone.

Ele pôde ouvir o trânsito.

— Oi… sou eu outra vez…

Strike sinalizou para Robin com o polegar para cima.

— Oi — disse ele e, tentando não deixá-la em pânico como tinha feito na última vez, perguntou: — Tudo bem com você?

— Eu preciso me encontrar com você. Estou com *medo*.

Ela começou a chorar.

— Do que você está com medo? — perguntou Strike.

— Eu sei que estão me vigiando.

— Eu quero me encontrar com você — disse Strike com cuidado —, mas você vai ter que me dizer de que Golden Fleece está falando.

— Tem outras pessoas escutando? — perguntou ela, repentinamente desconfiada.

— Não — respondeu Strike.

— Você tem uma arma?

— Não, por quê?

— Eu quero uma.

— Isso é uma má ideia — disse Strike com firmeza.

— É, talvez… eu ia… mas isso não é certo, mesmo que eles sejam muçulmanos, não é? Isso não é certo… Só venha ao Golden Fleece, está bem? É onde ele estava. Eu não posso dizer mais do que isso, tá?

Ele ouviu um bipe e soube que ela estava em uma cabine telefônica. Possivelmente ela não tinha mais moedas, porque a linha ficou muda. Strike começou apressadamente a digitar 1471 para recuperar o número do qual ela estava ligando quando o telefone tocou outra vez.

— Merda, alô? — disse ele, atendendo.

— Sou eu — falou Midge, que parecia estar em um bar ou restaurante. — Novidades sobre Plug.

— Espere aí — pediu Strike, passando para o viva-voz. — Estou com Robin. Fale sobre Plug.

— Ele e alguns amigos estão na Stapleton Tavern, em Haringey, e estão planejando esfaquear alguém.

— *O quê?!* — exclamou Robin.

— Vocês sabem que ele estava guardando o cão preto assassino com um amigo na Carnival Street?

— Sabemos — confirmou Strike.

— O amigo o abateu. Ele obviamente não quer ser preso por fazer parte do ringue de lutas de cães. Plug está enlouquecido. Aparentemente, o cachorro era um matador campeão.

— Merda — repetiu Strike. — Eles estão planejando se vingar esta noite?

— Não tenho certeza — respondeu Midge —, mas pedi a Shah para vir me dar apoio, só por garantia. Eu tenho fotos de todos eles.

— Ótimo — falou Strike. — Mas tome cuidado.

— Vou tomar — disse Midge, e desligou.

— Pelo amor de Deus — resmungou Strike, esfregando o rosto com a mão. — As coisas ruins nunca vêm sozinhas mesmo…

— Por falar nisso — disse Robin com relutância —, acho que estou sendo seguida outra vez. Não aconteceu nada — disse ela depressa, em resposta à expressão de Strike —, mas eu já vi duas vezes o mesmo homem em um Honda

Accord. Ele estava perto do Dino's na quarta-feira e atrás de mim enquanto eu vinha de carro para o escritório esta manhã. Quando reduzi a velocidade para estacionar, ele passou direto, mas consegui uma placa parcial e dei uma boa olhada no rosto dele. Com certeza não é o homem que me ameaçou com o punhal; ele é mais velho e mais gordo. Nariz muito pequeno, rosto grande, cabelo grisalho farto.

— Merda — disse Strike outra vez.

— Você pode achar que isso é loucura — começou Robin, que estava tentando garantir que sua voz não entregasse nenhuma sugestão de seu medo sempre presente —, mas pela sua aparência, muito arrumado e respeitável, bem barbeado, eu não o vejo como um dos rapazes de Branfoot, e não consegui evitar me perguntar…

— Polícia?

— Bem, nós sabemos que a equipe trabalhando no caso do cofre da loja de prataria não está exatamente satisfeita conosco. Será que estão tentando nos flagrar interferindo?

— Não duvido que a dupla que conheci tentasse nos pegar por alguma coisa — admitiu Strike.

— É claro — disse Robin hesitante —, também existe a possibilidade de que ele seja…

— MI5?

— Bem, talvez — disse Robin.

— Meu Deus, nós pisamos nos calos de muita gente por causa desse caso — falou Strike. — Você passou a descrição do cara do Honda Accord para os outros?

— Passei, assim como a placa parcial que consegui.

— Bom — disse ele e tomou um gole de uísque. Com olhos nas plantas de Wild Court e do Freemasons' Hall que estavam diante de Robin, ele perguntou: — Você teve alguma sorte com elas? Eu não tive tempo para olhar direito.

— Nada que vá nos ajudar — respondeu Robin. — A loja foi construída em 1958 a partir de salas de armazenagem nos fundos do Freemasons' Hall. Havia duas portas nas paredes dos fundos, mas elas foram seladas com tijolos quando as salas se transformaram em loja.

— Havia uma porta no nível do porão, não havia?

— Havia, quando ele era um armário no subsolo.

— Onde exatamente ficava a porta?

— Atrás do cofre, mas, como eu disse, ela desapareceu, foi selada. Também há uma área de espaço morto atrás da parede do porão onde os armários ficam, mas para entrar lá você ia precisar cavar um túnel através dos tijolos também.

— O espaço é grande o bastante para acomodar um assassino escondido?

— Talvez uma criança agachada — disse Robin —, mas ela teria que ter entrado pela porta da frente da loja primeiro, para descer até o porão e abrir caminho através da parede para entrar lá.

— E até Kenneth Ramsay poderia ter percebido isso acontecendo — disse Strike. — Então Wright e Oz não podem ter entrado no porão naquela noite através do Freemasons' Hall?

— Não — respondeu Robin.

— Então como diabos eles voltaram para lá sem serem vistos?

— Não tenho ideia — admitiu Robin, pegando mais uma fatia da pizza fria. — O que você quer procurar na dark web, afinal? — perguntou ela, observando Strike ainda mexendo com o laptop novo.

— Alguns tiros no escuro — respondeu o sócio —, mas a essa altura, estou pronto para tentar praticamente qualquer coisa. Uma das coisas que eu gostaria de ver é a conta de Sofia Medina no OnlyFans.

— Ela sumiu — disse Robin. — Eu olhei.

— É, sumiu da internet normal, mas me ocorreu que ela ainda pode estar circulando no esgoto por baixo disso.

— Procurando por Oz?

— É. Eu sei que ele não chamaria a si mesmo de Oz no OnlyFans, mas as pessoas frequentemente adotam nomes de usuário que deixam pistas, até pessoas muito mais inteligentes do que Jim Todd. Rodolphe Lemoine. Sidney Reilly. Laurel Rose Willson… embora, reconhecidamente, ela estivesse um tanto fora de si.

— Quem são Rodolphe Lemoine, Sidney Reilly e… quem era o outro?

— Lemoine — disse Strike, abaixando-se para ligar o laptop novo — era um mestre espião francês na Segunda Guerra Mundial cujo nome real era Stallmann, mas usou o nome de solteira da mulher para propósitos de espionagem.

— Como Todd usando o nome de solteira da mãe enquanto trabalhava com tráfico humano.

— Isso mesmo. Sigmund Rosenblum, também conhecido como o Ás dos Espiões, supostamente gostava de suas iniciais…

— Como Fyola Fay — interpôs Robin.

— Exatamente, porque ele se rebatizou de Sidney Reilly. E Laurel Rose Wilson escreveu um livro de memórias inventadas de sua vida em um culto satânico abusivo sob o nome de Lauren Stratford, ganhou muito dinheiro com ele antes de ser exposta como uma fraude, então ressurgiu como sobrevivente do Holocausto, o que ela também não era, com o nome de Laura Grabowski.

— Onde está Wardle esta noite? — perguntou Robin.

— Com a sra. Duas-Vezes — respondeu Strike. — Achei que deveria dar um fácil para ele para começar.

O celular de Robin tocou. Ela sentiu um aperto no peito quando viu que era Murphy.

— Oi — disse ela, levantando-se e indo para o escritório externo para impedir que Strike lhe dissesse qualquer coisa, porque ela não queria que Murphy soubesse que ela e Strike estavam sozinhos no escritório.

— Você não está em casa — disse ele.

— Não, ainda estou no escritório. Já que você estava trabalhando, achei que podia cuidar de coisas burocráticas. Como você sabe que não estou em casa? — acrescentou ela, perguntando-se se ele estava parado em frente a seu apartamento.

— Eu passei por lá para ver se havia a possibilidade remota de tomar um café, ou algo assim. Agora estou voltando para a cidade.

— Ah — murmurou Robin. — Se eu soubesse que você ia ter uma hora livre, teria ido para casa.

— Então, você ainda está no escritório? Strike está aí?

— Não — mentiu ela outra vez, com a sensação familiar de culpa que a estava corroendo. — Ele está fazendo vigilância.

Depois que a ligação com Murphy terminou, Robin voltou para o escritório interno. Ela estava se sentindo mais culpada do que antes de ele ligar, e, embora preferisse ficar e conversar sobre o caso do cofre com Strike, disse:

— É melhor eu ir embora.

— Certo — disse ele.

Depois que ela saiu, Strike, sabendo muito bem que estava caindo em um padrão de beber sozinho, algo que ele tinha evitado por anos, se serviu de mais

uísque antes de voltar a seu computador, escolhendo o álbum *Blue Valentine*, de Tom Waits, e acionando o modo aleatório. Ele sempre gostou do consolo direto oferecido pelo cantor de voz rouca, seu favorito. Waits cantava sobre desespero, drogas e bebedeira, sobre mortes não pranteadas e vidas passadas na pobreza e na desesperança; o amor, para Waits, era geralmente condenado ou sujo, e a morte chegava cedo, de maneira aleatória e brutal. Strike tinha descoberto, sozinho, o cantor na adolescência e o achou um antídoto abençoado contra as bandas de rock cheias de solos de guitarra dos anos 1970 que sua mãe tocava sem parar.

Romeo is bleeding but nobody can tell,
Sings along with the radio
With a bullet in his chest…

Vinte minutos e uma mijada demorada depois, Strike voltou para seu laptop recém-configurado, pronto para entrar no território inóspito da internet onde comprar e vender drogas, armas e dados roubados era comum, onde documentos falsos podiam ser encomendados, e hackers contratados, e onde era possível assistir a vídeos de atos terríveis por aqueles que os achavam excitantes.

Ele levou quase uma hora para encontrar uma versão arquivada da página de Sofia Medina no OnlyFans em um site autodenominado VADIAS MORTAS, que era dedicado a fornecer material para homens que gostavam de se masturbar assistindo à exibição de mulheres que provavelmente tinham morrido por violência masculina, em vez daquelas que estavam fingindo.

Ele desceu a tela vendo os nomes e comentários de assinantes. Será que Oz poderia ser "Pau_grande_e_duro"? "Balde de porra"? Ele duvidava disso. Oz estava procurando contatos na vida real, e um homem fingindo ser um rico produtor musical dificilmente abriria a conversa com "enfie seu punho no cu". SkunkB, por outro lado, tinha publicado: "Você é linda, espero que tenha um homem que a esteja tratando do jeito que você deveria ser tratada", o que Medina tinha respondido com três emojis de coração. Entretanto, se SkunkB tinha dado seguimento a essa conversa, isso não estava visível para o público.

Tom Waits ainda estava cantando.

I'm calling out my bloodhounds, chase the devil through the corn…

O uísque estava mergulhando Strike mais fundo em seu poço de depressão, mas ele continuou a navegar pelos pântanos cibernéticos, examinando atentamente sites oferecendo documentos e cartões de crédito falsos de países tão

diferentes quanto a Ucrânia e a Tailândia, ou também o que Strike desconfiava muito ser mercadoria humana. Um site fortemente codificado com o nome *Maternidade* estava cheio de emojis de flores. Pelo contexto, ele desconfiou que esses fossem um substituto para as palavras "menina novinha".

Dizendo a si mesmo que a Interpol tinha especialistas suficientes tentando localizar falsários e pedófilos sem sua ajuda, ele passou a procurar vídeos de execuções do Estado Islâmico, pensando na missão que tinha custado a Niall Semple seu melhor amigo.

Cada um dos vídeos que Strike começou a abrir metodicamente tinha a bandeira preta e branca do Estado Islâmico no canto, trazendo um círculo branco contendo, em árabe, "Não há Deus que não seja Alá, e Maomé é seu mensageiro". Strike se lembrou da bandeira do Estado Islâmico capturada que ele tinha visto no quartel-general das Forças Especiais em Hereford, emoldurada de frente para uma suástica capturada na Segunda Guerra Mundial, na parede oposta. Na opinião de Strike, os dois grupos eram igualmente terríveis. Os nazistas tinham cometido atrocidades impronunciáveis contra seu próprio povo, assim como contra não alemães; o Estado Islâmico assassinou muito mais muçulmanos do que ocidentais, e os dois grupos eram sádicos além da imaginação da maioria dos seres humanos. Na opinião desse grupo, a morte era castigo insuficiente: os adversários também deveriam sofrer indignidades, humilhação, terror e dor extremos antes que o trabalho fosse considerado feito.

Ele observou, com o rosto inexpressivo, homens serem queimados, baleados, decapitados e afogados. A filmagem era boa: o Estado Islâmico queria que o mundo soubesse como eles eram terrivelmente desprovidos de empatia humana. Cadáveres eram jogados, por homens mascarados que zombavam de suas vítimas, em um abismo natural profundo no norte da Síria chamado al-Hota. O árabe de Strike era rudimentar demais para entender o que eles estavam dizendo, mas pareciam estar fazendo daquilo um jogo, tentando desalojar um cadáver preso em uma laje de pedra com o corpo de um segundo homem. Ele tinha visto al-Hota uma vez, muitos anos antes. Lendas locais falavam sobre o monstro que vivia em suas profundezas.

Sentindo-se vagamente enjoado, ele fechou o laptop exatamente no momento em que seu celular tocou. Era Wardle ligando.

— Um aviso — disse o ex-policial, que parecia um tanto perplexo. — Ela está

prestes a tocar a campainha do escritório.

— Quem? — perguntou Strike, confuso.

A campainha tocou no escritório externo.

98

Os males dos amantes estão todos à venda:
O olhar pálido, a voz vazia,
A cabeça caída, o olho encovado,
Você pode tê-los todos para si mesmo.

A.E. Housman
VI, A Shropshire Lad

— Tenho certeza de que ela não me viu — disse Wardle, que parecia preocupado.

Strike desligou o Tom Waits, saiu do escritório interno e fechou a porta divisória às suas costas para esconder o uísque, os livros e as plantas de Wild Court.

— Como ela chegou aqui? — perguntou.

— Táxi — informou Wardle. — Saltou na Charing Cross Road… Eu achei que pudesse ser coincidência, mas…

A campainha tocou pela segunda vez.

— Talvez eu precise que você a siga depois que ela sair — disse Strike —, por isso fique por perto.

Ele encerrou a ligação, então apertou o botão do interfone.

— Strike — falou.

— Eu sei — respondeu uma voz feminina. — Eu quero falar com você.

— Está bem. Vou abrir a porta para você.

Ele acendeu a luz do escritório externo. Enquanto esperava que a visitante inesperada aparecesse, Strike viu um movimento pelo canto do olho: o peixe preto feio com calombos na cabeça estava flutuando na superfície da água, agitando as nadadeiras desesperadamente, de barriga para cima.

A silhueta da sra. Duas-Vezes apareceu no patamar. Strike abriu a porta de vidro.

— Sente-se — disse ele.

— Obrigada — agradeceu a mulher com voz tensa, passando por ele e sentando-se no sofá.

Como poderia ser esperado de uma mulher que passava a maior parte de seus dias comprando roupas, fazendo as unhas e secando o cabelo, ela estava impecavelmente vestida e penteada, usando um casaco feito do que parecia ser cetim, um vestido cor de creme justo e sandálias pretas de salto alto. Entretanto, ela não era tão bonita de perto quanto parecia à distância. Seus traços eram pequenos e comuns, mas ela era um testemunho vivo do que dinheiro, habilidade e bom gosto podem fazer pela aparência de uma mulher: o corpo disciplinado através de dietas, o cabelo cor de caramelo clareado com luzes para valorizar sua pele, os olhos muito bem maquiados para parecerem ter o dobro do tamanho natural.

— Eu descobri esta manhã que ele está pagando você para me seguir — disse ela, ainda com a voz um pouco tensa. — Reconheci o número da conta bancária.

— É mesmo? — perguntou Strike, que sabia que negativas não iam adiantar nada. — Como?

— Eu era assistente pessoal dele. Ele me fez verificar um débito para você uma vez. Eu anotei o número da conta. Isso foi quando ele estava com aquela garota estrangeira.

— A russa — disse Strike. — É.

— Eu me perguntei se ele também faria isso comigo. Ele acha *mesmo* que eu estou pulando a cerca?

— Não sei — disse Strike, o que era verdade, até certo ponto. Ele não ia mencionar sua teoria sobre as peculiaridades sexuais do marido dela. — Eu garanti a ele que você não deu nenhum sinal de infidelidade.

— Hmm — murmurou ela, seus olhos viajando pelo escritório antes de voltarem para repousar sobre Strike, calculistas. — Está bem, certo, eu tenho tentado pensar no que fazer.

Strike, que detectou uma conotação ameaçadora nessas palavras, foi para trás da mesa de Pat e sentou-se em sua cadeira do computador.

— Eu *sei* que ele está me traindo — disse a sra. Duas-Vezes.

— Ah — murmurou Strike.

— Acompanhantes — disse ela. — Eu reconheço essa conta bancária também. Tem um lugar do qual ele sempre gostou; ele o usa há anos. É por isso que ele sempre acha bom que eu saia com as minhas amigas.

A pergunta de por que ela tinha se casado com um homem desses mal surgiu na mente de Strike e ele de imediato soube a resposta. As roupas de grife, o cabelo impecável, os almoços demorados, conversas aos risinhos com garçons bonitos: supostamente isso atenuava o estranho acordo que ela havia feito.

— Ele é bem conhecido no seu campo — continuou ela, agora examinando as unhas perfeitamente feitas. — Eu poderia causar muitos problemas para ele se te envolvesse nisso, o que ia significar muita publicidade, e ele não ia mais poder usar você para espionar suas namoradas, ia?

A sensação agourenta de Strike se intensificou.

— Ou — disse ela, erguendo os olhos — você podia começar a vigiá-lo para *mim*, em vez disso. Conseguir provas das acompanhantes. Eu não contaria a ele que usei você, e gosto muito da ideia de ele pagar para eu conseguir evidências que me garantam um belo acordo de divórcio.

— Essa, certamente, seria uma boa solução — comentou Strike.

— Você concorda, então? — perguntou ela.

— É, eu acho que podemos fazer um acordo.

Ela se levantou, pegou uma caneta no pote na mesa de Pat e escreveu o número de seu celular em um Post-It.

— Eu gostaria de atualizações semanais — falou, destacando-o e o entregando a Strike.

— Está bem — disse ele.

Eles apertaram as mãos. A dela estava fria.

— Eu não achava que fosse durar — disse ela. — Os homens não mudam, não é?

— Bem… não com frequência — respondeu Strike.

Ela olhou para o aquário.

— Acho que seu peixe está morrendo.

Strike esperou no patamar até ouvir a porta da rua se abrir e fechar, então ligou para Wardle.

— Não precisa segui-la — falou. — Não foi culpa sua. Ela é mais inteligente

do que ele, só isso. Suba para tomar uma bebida, se quiser, eu tenho uísque aberto.

Cinco minutos depois, Wardle chegou ao escritório externo, para onde Strike já tinha levado a garrafa de Arran Single Malt.

— Isso acontece com frequência? — perguntou Wardle quando Strike contou a ele o que a sra. Duas-Vezes tinha dito.

— É a primeira vez comigo.

— Não, obrigado — disse Wardle, dispensando a oferta de uísque quando Strike levantou a garrafa. — Eu estava fazendo isso um pouco demais, sozinho, há alguns meses. Resolvi parar por um tempo.

— Ah — murmurou Strike, servindo um triplo para si mesmo. — Bom para você.

— Esse peixe está bem? — perguntou Wardle, olhando para o calombo preto e arquejante na superfície do aquário.

— Não — respondeu Strike.

— Amasse uma ervilha — disse Wardle.

— O quê?

— Ele provavelmente engoliu muito ar no alto. Esses peixes dourados são uns pequenos filhos da mãe gulosos. Pegue-o e dê uma ervilha amassada para ele comer. Às vezes funciona.

— Como você sabe disso?

— Minha sobrinha tem peixes. Três aquários diferentes no quarto. Ela acabou de começar a criar betas.

Sem ter ideia do que eram betas e com zero interesse, Strike tornou a sentar-se na cadeira do computador de Pat e disse:

— Então, há quanto tempo você está sem beber?

— Desde a noite seguinte àquela vez em que você passou lá em casa com aquele curry. Engraçado, foi quando você mencionou eu trabalhar aqui. Me fez pensar sobre… você sabe… fazer algumas mudanças. Um café, porém, cairia bem — comentou Wardle. — Tem descafeinado?

— Se tivermos, está em um daqueles armários — respondeu Strike que, até onde conseguia se lembrar, nunca tinha bebido café descafeinado na vida. Enquanto tomava mais uísque, seu celular apitou. Ele olhou para baixo e viu uma mensagem de Midge.

Plug foi para casa. Sem esfaqueamentos esta noite.

— O quê? — disse ele, com a vaga impressão de que Wardle tinha acabado de dizer alguma coisa.

— Eu disse: "Você soube que Murphy teve uma recaída?"

Wardle havia encontrado café descafeinado e agora o estava preparando. Strike, cujo ritmo cardíaco tinha acabado de aumentar, como se ele tivesse saído correndo em disparada, disse, tentando mascarar o interesse na voz:

— Você me contou que alguém achava que ele podia estar bebendo outra vez.

— É, bem, eles estavam certos, o cara está. Ele foi flagrado bebendo vodca no gargalo na própria mesa. De qualquer jeito, ele está em maus lençóis. Mas provavelmente vai se safar dessa na base da conversa — disse Wardle com um lábio retorcido. — Iverson ainda acha que ele está sendo incompreendido.

— Iverson — repetiu Strike. Seu cérebro parecia lento.

— A mulher no caso do cofre. Aquela com quem ele deu uns amassos alguns anos atrás.

— Ah. É. Eu a conheci. Ruiva.

— É — confirmou Wardle quando a chaleira ferveu. — O que você vai dizer se Murphy for demitido e quiser vir trabalhar aqui?

— Vou pensar nisso quando acontecer — disse Strike.

— Ele provavelmente vai tentar convencer Robin a sair e abrir a Ellacott e Murphy, Inc, se você não o contratar — disse Wardle, ainda de costas para Strike. — Ou Murphy e Murphy, se ele conseguir o que quer.

— O quê? — repetiu Strike.

Wardle voltou para o sofá levando seu café.

— Ele vai pedi-la em casamento.

— Isso é um palpite? — falou Strike bruscamente — Ou você sabe?

— Ele contou para Iverson na semana passada, que me contou, quando eu disse a ela que ia começar a trabalhar aqui — revelou Wardle. — Ele provavelmente contou a Iverson que ia fazer o pedido para que ela o deixe em paz. Ela parecia prestes a chorar quando me contou.

— Certo — falou Strike, que sentiu como se tivesse virado gelo do pescoço para baixo. — Ele já comprou o anel e tudo mais, então?

— Não sei — disse Wardle, tomando um gole de café.

Principalmente por temer que sua expressão pudesse revelar seus pensamentos, Strike se voltou para o celular. Midge tinha mandado outra mensagem.

Consegui foto das pessoas que estão conspirando com ele

Strike, que estava com um zumbido no ouvido, digitou em resposta: **ótimo**, então teve de perguntar "O quê?" outra vez, porque Wardle, com certeza, tinha falado.

— Aquela Kim Cochran. Eu soube de uma coisa muito interessante sobre ela outro dia. O motivo para ela ter deixado a polícia.

— É? — murmurou Strike, ainda pensando em Murphy e Robin. — Bem, ela não é mais problema meu.

Talvez por ter percebido a distração do colega, Wardle disse:

— Então, o que você quer que eu faça, comece a seguir o Duas-Vezes amanhã?

— Preciso pensar sobre isso — respondeu Strike, fazendo um esforço para se concentrar. — Vamos ter que continuar fingindo que estamos seguindo sua esposa, porque ele vai me perguntar se não vir ninguém por perto quando estiver com ela.

Eles discutiram as ramificações desse trabalho de agente duplo até que Wardle, depois de terminar o café, disse que ia dormir cedo. Strike, desesperado para ficar sozinho, disse a ele para deixar a xícara — ele a lavaria junto com o copo de uísque.

Quando Wardle saiu, Strike continuou sentado onde estava. Como foi forçado a reconhecer nesse momento, ele mantinha uma esperança tênue de que, apesar da conversa de Robin sobre congelamento de óvulos, alguma coisa ainda pudesse acontecer para separá-la de Murphy. Mas se havia um pedido de casamento a caminho…

Ele se lembrou do anel de safira que enfeitava o terceiro dedo de Robin quando ela começou a trabalhar para ele, na época em que ela ocupava o espaço que agora era de Pat. O anel tinha representado uma barreira dura: não havia nada a fazer. Ela se casou com Matthew, apesar de sua infidelidade prévia e do que Strike achava, em particular, ser sua canalhice genérica. Foi preciso uma segunda infidelidade, ainda mais escancarada, para acabar com o casamento, mas Murphy,

infelizmente, parecia fiel… *Ele tem sido ótimo… não tenho nada a reclamar dele… ele me quer, mesmo que eu não possa ter filhos… e tem sido muito legal desde que isso aconteceu…*

Strike se levantou, percebeu que não estava mais com o equilíbrio perfeito e voltou para o escritório interno. Ao fechar diversas abas abertas em seu computador, ele acidentalmente tornou a tocar Tom Waits.

Nobody, nobody

Will love you the way that I could

Cause nobody, nobody's that strong…

Ele desligou a música, fechou o computador, apagou a luz, então voltou para o escritório externo, onde lavou a xícara de Wardle e seu próprio copo.

Estava prestes a apagar a segunda luz quando seus olhos caíram outra vez sobre o peixe dourado preto e ofegante na superfície do aquário, debatendo-se e dando grandes goles de forma patética, de barriga para cima, seu sofrimento, se Wardle estivesse certo, totalmente infligido por si mesmo. Com o dedo no interruptor, balançando um pouco onde estava, Strike olhou fixamente para ele, imaginando encontrá-lo morto e imóvel de manhã, boiando onde agora estava lutando pela vida. Seus dois companheiros de aquário, um prateado e um dourado, nadavam serenos abaixo dele, alheios a sua situação. O peixe preto era excepcionalmente feio; quase uma abominação. Era um insulto a mais ele ter seu nome.

— Está bem, seu merdinha burro — murmurou ele e foi, meio desequilibrado, na direção da escada para o sótão, sem saber ao certo se tinha ervilhas congeladas, mas preparado para verificar (e pasmo por se ver fazendo isso, ainda que com um desejo vago de consertar alguma coisa, mesmo quando tudo mais se transformava em merda a sua volta).

99

(…) honestidade perfeita, que deveria ser a qualificação comum de tudo, está mais rara do que diamantes.

Albert Pike
Moral e dogma do rito escocês antigo e aceito da maçonaria

Várias coisas aconteceram em rápida sucessão na manhã seguinte para desestabilizar Robin completamente.

Primeiro, ela foi acordada às seis horas por uma ligação de Barclay dizendo que não precisava se preocupar em seguir a sra. Duas-Vezes porque a mulher passaria o dia inteiro em um spa com algumas amigas, o que Duas-Vezes tinha esquecido de contar à agência. Robin ficou muito satisfeita por ter um inesperado sábado livre, que ela pretendia passar dormindo e lavando roupa.

Infelizmente, ela foi acordada outra vez, pouco antes das nove, por Murphy, que ligou para informar que os pais dele haviam chegado à cidade sem avisar, e para chamá-la para almoçar na casa dele.

— Eu não estava esperando por eles, eles simplesmente apareceram — explicou, parecendo incomodado. — Para fazer uma "surpresa", porque eu não tenho mantido contato suficiente. Então, você pode vir aqui? Eles querem muito conhecer você. Eu vou cozinhar. Meu pai quer assistir à partida de futebol. Eles não vão passar a noite aqui, graças a Deus. Vão ficar na casa da irmã da minha mãe.

Por acaso, mesmo Robin e Murphy estando no segundo ano de relacionamento, ela nunca tinha conhecido ninguém da família dele. Seus pais aposentados moravam na Irlanda, onde o pai tinha nascido. Robin uma vez atendeu ao telefone e era a mãe dele, que era inglesa, e as duas tiveram uma conversa agradável enquanto Murphy terminava de tomar banho, mas essa era a

soma total de seu contato direto. Robin, portanto, sentiu que recusar o almoço era impossível, então saiu relutantemente da cama e começou a procurar alguma coisa apropriada para vestir em seu pequeno estoque de roupas limpas.

Havia acabado de começar a preparar um banho na banheira quando seu telefone tocou novamente. Dessa vez, era Strike. Depois de uma explicação rápida sobre a visita surpresa da sra. Duas-Vezes ao escritório na noite anterior, ele perguntou se Robin poderia abrir mão do dia livre para cobrir o Duas-Vezes, porque, literalmente, todos os outros detetives da agência estavam ocupados, vigiando Plug e seus possíveis comparsas assassinos — que ainda não tinham atacado o homem que havia matado o cão monstruoso de Plug —, seguindo os movimentos de lorde Branfoot, tentando pegar Hussein Mohamed, que era motorista de Uber, em casa ou seguindo Albie Simpson-White. Robin achou ouvir um toque de irritação quando Strike mencionou o último nome e supôs que ele estivesse lembrando a ela, de maneira nada sutil, que tinha sido ela que havia acrescentado esse fardo extra à escala de trabalho.

Quando Robin explicou que não podia mesmo escapar do almoço com os pais de Murphy cinco minutos depois de aceitar o convite, Strike disse apenas:

— Está bem. Vamos torcer para que a sra. Duas-Vezes não fique puta por não estarmos fazendo o que ela pediu e decida procurar a imprensa.

Como essa era a primeira vez em anos que Robin recusava um trabalho por razões pessoais, e como ultimamente estava com uma carga de trabalho maior do que todos os terceirizados, ela achou o tom impaciente de Strike um tanto injustificado, mas, antes que pudesse dizer algo, ele desligou.

Agora mais do que exausta (de quem era a culpa por a agência estar atualmente vulnerável a ataques da imprensa?), Robin foi tomar seu banho. Depois de se secar e se vestir, ela abriu as cortinas do quarto e viu — seus olhos foram atraídos para ele instantaneamente, como se ela o estivesse esperando — um homem de jaqueta verde parado na calçada oposta. Ele virou rapidamente quando a cortina se abriu, como se quisesse esconder o rosto, embora, sem binóculo, ela não conseguisse vê-lo àquela distância. Sua mente consciente tentou lhe dizer que ela não podia ter certeza, mas seu instinto contou uma história diferente: a mesma jaqueta verde, a mesma compleição, a mesma altura do homem que tinha usado uma máscara de gorila para ameaçá-la com o punhal maçônico.

Com o coração disparado, Robin observou enquanto ele ia embora, mantendo

o rosto escondido. Ela teve certeza de que o sujeito estivera vigiando suas janelas.

O uso repetido da jaqueta na qual ela já o tinha visto de perto indicava que aquele homem não era muito brilhante. Entretanto, Robin sabia muito bem que homens burros poderiam ser tão perigosos quanto os inteligentes. Ela foi checar se o spray de pimenta estava na bolsa, dizendo a si mesma que ele não ousaria fazer nada em uma rua tão movimentada e em plena luz do dia, e lembrando que era uma caminhada muito curta da porta da frente do prédio até o Land Rover. Ela pensou em ligar para Strike, mas achou melhor não, considerando como ele tinha estado mal-humorado ao telefone. De qualquer jeito, não havia ninguém livre na agência para vir ajudá-la. Então ela desejou, pela segunda vez em dois meses, não estar morando sozinha, antes de lembrar a si mesma que, se estivesse morando com Murphy, estaria em um impasse muito maior; ele ainda não sabia nada sobre o homem de jaqueta verde nem sobre o pequeno gorila de borracha ou o punhal maçônico escondidos em sua gaveta de meias.

Será que o Jaqueta Verde tinha um carro? Será que ia segui-la até a casa de Murphy? Será que tinha feito alguma coisa com o Land Rover enquanto ela estava dormindo ou tomando banho? Ela precisava verificar isso antes de entrar nele, mas seu spray de pimenta estaria na mão quando o fizesse. Depois de tomar essa decisão, Robin vestiu o casaco, conferiu novamente o conteúdo da bolsa e saiu do apartamento.

O dia estava fresco, e nuvens deslizavam diante do sol. Robin olhou por toda a sua volta e para trás enquanto andava rapidamente até o carro, mas não havia sinal do homem com a jaqueta verde. Com o spray de pimenta na mão, ela se abaixou para verificar embaixo do Land Rover, mas não viu nada nem detectou qualquer arranhão em nenhum lugar da pintura. Ela entrou depressa e trancou as portas. Sentindo-se mais segura, ela deixou a bolsa aberta no banco do passageiro, o spray de pimenta ao alcance, e partiu, verificando constantemente o espelho retrovisor.

O problema com a Blackhorse Road era que ela estava sempre muito movimentada. Robin sabia que o Jaqueta Verde teria tido tempo, se raciocinasse, para entrar em um carro e segui-la, especialmente se conhecesse o endereço do apartamento de Murphy. Ela não tinha ideia de que carro o Jaqueta Verde podia ter, embora não duvidasse de que o sujeito sabia exatamente qual Land Rover seguir.

Robin chegou à casa de Murphy pouco antes do meio-dia, ainda sem saber ao

certo se tinha sido seguida. A porta do apartamento foi aberta pela mãe sorridente do namorado, uma loura atraente e bem vestida no início dos sessenta anos, de quem Murphy nitidamente tinha herdado a boa aparência; ela tinha a mesma estrutura óssea e o lábio superior cheio.

— Como é bom finalmente conhecer você! — disse ela, e Robin respondeu da maneira mais efusiva possível, com a mente parcialmente no Jaqueta Verde.

Se a aparência de Murphy se devia à linhagem materna, ele tinha herdado a altura e o cabelo do pai, um irlandês corpulento com uma voz grave, que também expressou satisfação por conhecer Robin e disse que Murphy a havia mantido escondida por tempo de mais. Murphy parecia um pouco tenso, o que Robin atribuiu à surpresa da chegada dos pais e à necessidade de cozinhar para os dois. Ele estava preso na cozinha, por isso Robin e os dois Murphy mais velhos ficaram sentados juntos e conversaram com muita facilidade sobre sua mudança para Galway depois de muitos anos em Londres, sobre a terceira gravidez da irmã mais velha de Murphy e sobre os dois novos sobrinhos de Robin. Ela percebeu que nenhum deles perguntou sobre seu trabalho, o que era estranho, porque foi por meio dele que ela e Murphy tinham se conhecido. Ela ficou pensando se ele tinha dito aos pais para não tocar no assunto da agência.

O almoço foi bem agradável, embora a comida pudesse estar mais gostosa; os bifes de Murphy estavam borrachudos, e as batatas, ligeiramente cruas. Havia vinho na mesa, do qual o pai de Murphy se serviu à vontade, contando piadas, algumas delas até engraçadas.

Robin não conseguia deixar de se lembrar de seus antigos sogros. O pai de Matthew também era falador, enquanto a falecida mãe dele era mais calada, mais elegante e mais alerta, e Robin sempre tinha sentido que a sogra não gostava muito dela. A mãe de Murphy era muito mais amistosa do que sua equivalente de Cunliffe; mesmo assim, Robin ainda detectou sinais de que estava sendo avaliada de forma discreta.

— Nós ficamos chateados porque a casa não deu certo — disse ela a Robin.

— É — respondeu Robin. — Foi uma pena.

Quanto mais o almoço se estendia, mais certeza Robin tinha de que os pais de Murphy não sabiam de sua recente recaída com a bebida. O olhar inquisidor da sra. Murphy sugeria que ela havia sentido que poderia haver mais na história de que a proposta para a compra da casa tinha sido superada duas vezes. Talvez

(Robin foi tomada por uma onda de desconforto) os pais de Murphy soubessem sobre a gravidez ectópica. Robin tinha feito o namorado prometer não contar para os pais *dela*, mas não obtivera nenhuma garantia sobre os dele.

Durante o almoço, ela descobriu por que Murphy, nascido em Londres, torcia pelo Liverpool: seu pai tinha passado a maior parte da adolescência na cidade e continuava sendo um torcedor apaixonado, que não teria tolerado o filho torcendo para mais ninguém, como ele explicou a Robin, que riu educadamente. O Liverpool ia jogar contra o Arsenal naquela tarde, com o início às cinco e meia da tarde, razão pela qual o sr. Murphy não quis sair para almoçar — você nunca sabia por quanto tempo aqueles restaurantes elegantes de Londres poderiam alongar uma refeição. Os dois pais disseram repetidas vezes para Robin como eles tinham orgulho de Murphy, que pareceu tenso com essas palavras. Robin se viu desejando o início do jogo porque "nós não vamos ter permissão de falar depois que ele começar", disse a mãe de Murphy, revirando os olhos de um jeito engraçado.

— Eu trouxe meu tricô — acrescentou ela.

— O sócio dela torce pelo Arsenal — disse Murphy, apontando a cabeça na direção de Robin, que sentiu um leve toque de animosidade nessa observação, e isso, então, levou a uma boa dose de brincadeiras por parte do pai dele sobre como o escritório seria um lugar desconfortável na segunda-feira, porque o Arsenal estava prestes a ser totalmente massacrado.

Às cinco horas, os três Murphy se instalaram no sofá e na poltrona, bem antes do início do jogo. O sr. Murphy se espalhou tanto que havia muito pouco espaço para Robin, então ela ficou à mesa onde eles tinham comido.

Depois que o jogo começou, Robin pegou discretamente o telefone. Ela teria preferido o laptop, mas não poderia tê-lo levado com ela. Murphy e o pai, que aparentemente tinham permissão de falar tudo o que queriam, criticavam e elogiavam várias jogadas e jogadores enquanto a sra. Murphy basicamente se concentrava em tricotar o que parecia ser um suéter de bebê em lã cor-de-rosa.

Robin primeiro checou se Tish Benton (atualmente em um hotel cinco estrelas em Paris, a julgar por sua foto mais recente no Instagram) tinha respondido ao pedido de uma conversa que ela enviara através da rede Clairmont, mas não havia nenhuma resposta.

— GOL! — gritaram Murphy e seu pai em uníssono, e Robin levou um

susto. Os dois homens estavam trocando soquinhos; Firmino tinha marcado para o Liverpool. Robin rapidamente emitiu ruídos de comemoração e abriu um sorriso largo até a atenção de Murphy retornar para a TV.

Ela tinha acabado de fechar o Instagram quando chegou uma mensagem de seu irmão Martin.

Posso ficar alguns dias na sua casa?

Robin olhou fixamente para a mensagem, perguntando-se se Martin a havia enviado para a pessoa errada. Não só seu segundo irmão nunca a havia visitado em Londres, como ele era, disparado, o membro da família de quem ela era menos próxima. Ela o amava, é claro, mas como havia dito para Strike em Sark, eles tinham muito pouco em comum. Na juventude, ele se sentia inseguro em relação ao melhor desempenho escolar dos irmãos e, por isso, perseguia Robin de forma sutil, mas constante, apenas pelo fato de ela ser a única menina. Suas escolhas de amigos, de hábitos e de vida dificilmente poderiam ser mais divergentes.

Achando que uma pergunta simples faria com que ele percebesse que tinha enviado a mensagem para a pessoa errada, ela respondeu:

Você quer dizer com Carmen e o bebê?

Não houve resposta imediata, então Robin voltou para a linha de investigação que tinha seguido até ser derrotada pela exaustão nas primeiras horas daquela manhã.

Pouco depois da meia-noite, ela tinha se deparado com a informação de que a tia paterna de Rupert, Anjelica, era uma historiadora que no passado tinha sido afiliada à Universidade de Ghent, na Bélgica. Ela permanecera profissionalmente ligada à universidade belga muito tempo depois de se mudar para a Suíça com o marido, também acadêmico, e viajava entre os dois países enquanto Rupert crescia. A decisão de botar Rupert em um colégio interno parecia ter sido tomada para permitir aos tios sem filhos darem seguimento a suas carreiras intelectualmente respeitadas.

— Você não deveria ter deixado Sánchez no banco, não é, Wenger, seu

idiota? — disse Murphy, e seu pai deu uma gargalhada. Robin continuou com a pesquisa.

Anjelica havia deixado o cargo de professora na Universidade de Ghent no ano 2000, quando Rupert tinha nove anos.

Acho que ele disse… ele não falou que sabia o que tinha acontecido com ela? E disse que a gente ia ver no noticiário?

Era possível que Rupert tivesse ouvido alguma coisa, ou soubesse alguma coisa, sobre os assassinatos de Reata Lindvall e sua filha, contada para ele por sua tia que havia morado na Bélgica ou por um dos colegas dela?

— ÉÉÉÉÉÉÉÉ! GOL, PORRA! — berrou Murphy, enquanto seu pai gritava em aprovação. O Liverpool tinha marcado outra vez, pouco antes do intervalo.

Abrindo apressadamente um sorriso, Robin falou:

— Alguém quer outro chá? Café?

Mas a mãe de Murphy já estava indo para a cozinha, deixando o tricô cor-de-rosa e fofo na poltrona. O sr. Murphy saiu para fazer um xixi anunciado em voz alta.

Robin pegou seu caderno e escreveu: *A tia de Rupert trabalhava na Bélgica até ele ter nove anos*. Ela teve de admitir: ao ser posta no papel, a informação não parecia uma grande descoberta. Quando ela fechou o caderno, o sr. Murphy tornou a entrar na sala, com a mão ainda na braguilha.

— Seu Strike não vai ficar feliz, vai? — disse ele para Robin, jogando-se novamente no sofá e ocupando facilmente dois lugares. — Já está dois a zero!

— Não — disse Robin, dando outro sorriso forçado. — Não vai.

Então você sabe alguma coisa sobre meu trabalho. Você sabe o nome do meu sócio.

— Eles vão tirar Sánchez do banco — informou Murphy.

— É, bem, eles não têm escolha — respondeu o pai.

Robin aceitou um café da mãe de Murphy com um sorriso e um obrigada; a mulher pegou seu tricô e se acomodou novamente na poltrona. Quando o jogo de futebol recomeçou, e a atenção dos outros estava mais uma vez voltada para a televisão, Robin se levantou despreocupada, supostamente para se esticar, mas, na verdade, para olhar pela janela.

Ela não conseguiu ver nenhum sinal do Jaqueta Verde, embora houvesse carros estacionados nos quais ele poderia estar escondido.

Robin tornou a se sentar e abriu outra vez o Instagram, agora seguindo uma

linha de raciocínio diferente. Já tinha encontrado duas contas no Instagram de Chloe Griffiths. A mais antiga mostrava vários pontos turísticos de Ironbridge; a nova, muitas fotos dela com o namorado, viajando.

Até onde Robin percebeu, a foto mais interessante postada por Chloe antes do desaparecimento de Tyler era de seu aniversário, em abril, que ela tinha comemorado com uma festa em casa: Robin reconheceu o cartaz de Jesus fumando um baseado no fundo.

A foto estava cheia de jovens, mas estava centrada em quatro deles. Tyler Powell tinha um sorriso bobo e orelhas grandes, e seu braço estava em torno dos ombros de Anne-Marie, reconhecível de fotos nos jornais: uma garota de aparência insípida cujo rosto pálido não era beneficiado pelo que parecia ser um cabelo cor-de-rosa pintado em casa. Ela parecia perfeitamente feliz e à vontade. Entretanto, Chloe, que estava parada do outro lado de Tyler, exibia um sorriso que parecia forçado. Um rapaz cujo rosto não era visível, mas que tinha uma cabeleira ruiva, estava com o braço em torno do pescoço de Chloe. Ele estava inclinado para a frente, aparentemente rindo, arrastando-a consigo enquanto seu copo plástico de cerveja derramava. Wynn Jones estava na sombra, atrás do casal, com um sorriso malicioso, enquanto Ian Griffiths, ao lado de Jones, talvez por prever que a cerveja seria derramada em seu carpete, não parecia muito satisfeito.

— MERDA! — gritou Murphy, e Robin levou outro susto, abrindo apressadamente um sorriso antes de registrar que Murphy não estava comemorando, e que o Arsenal tinha feito um gol, não o Liverpool.

— *Olhe a língua* — censurou a sra. Murphy com delicadeza, e Robin se lembrou outra vez de sua falecida sogra, que sempre impôs uma certa formalidade sisuda na família, mesmo em momentos de comemoração ou de crise.

Robin voltou para a foto da festa de aniversário de Chloe. A jovem estava usando uma pulseira do que pareciam ser violetas esmaltadas, e Robin supôs que esse tivesse sido o presente de aniversário de Tyler, usado, talvez, por educação, porque não combinava com o vestido preto simples de Chloe. Ela se perguntou por que Chloe não tinha feito o que vários comentários raivosos haviam exigido e removido fotos de Tyler, embora houvesse uma pista em uma de suas respostas.

Ponzie2 chloegriff deleta esse post ninguém quer ver esse escroto

Chloegriff vá se foder não venha me dizer o que fazer

A última publicação na conta antiga, que tinha aparecido algumas semanas depois do aniversário de Chloe, era uma citação de Sylvia Plath.

"Eu me aproximo de você, inerte como um fóssil. Diga-me que estou aqui."

Uma citação estranha, pensou Robin, exibindo o tipo de niilismo que ela teria esperado de uma adolescente em vez de uma jovem com seus vinte e poucos anos. Isso era uma expressão de luto por sua amiga Anne-Marie? A conta antiga tinha sido deixada aberta, talvez como um gesto de desafio em relação à censura de Ironbridge, mas a nova parecia representar uma virada de página consciente, porque essa também abria com uma citação de Plath.

"Sinto meus pulmões inflarem com o fluxo repentino da paisagem — ar, montanhas, árvores, pessoas. Eu pensei: 'É isso que é ser feliz.'"

As fotos novas mostravam as viagens de Chloe pela Europa com um rapaz muito bonito. Havia fotos artísticas de cidades e de pratos que o casal estava comendo, algumas selfies tiradas sozinha com fundos pitorescos, outras com o namorado. Então, seguindo uma nova linha de raciocínio, Robin deixou a página de Chloe e foi para a de Oz.

A conta tinha adquirido outros trinta seguidores desde que Robin a vira pela última vez, o que a deixou com raiva. Ela tinha sido usada para aliciar duas garotas, uma das quais estava morta. A Metropolitana estava tomando alguma atitude ou continuava tão determinada a não acreditar em nada do que agência dissesse, a tal ponto que a conta falsa fosse considerada de baixa prioridade?

As fotos mais recentes de Oz eram de paisagens de Nashville, com as hashtags não específicas e intrigantes de sempre: #TS6, #ProjetoSecreto. Uma garota nas respostas tinha respondido com empolgação:

AH, MEU DEUS — TAYLOR SWIFT?????

Oz respondeu com um emoji de piscadela.

Outro berro do sofá anunciou o terceiro gol do Liverpool.

— É isso! — gritou o sr. Murphy. — Agora acabou! — Ele se virou e disse para Robin: — Mande minhas condolências para o sr. Strike. — Ele falou isso com um tom e uma expressão de satisfação perversa que convenceram Robin de que Strike tinha sido um assunto de conversa entre os Murphy *père et fils*, e que Murphy dissera ao pai abertamente como não gostava do sócio de Robin.

Certo, pensou Robin, e usando a conta do Instagram no nome de Venetia

Hall, que ela reservava para o trabalho, ela digitou nos comentários abaixo do post mais recente de Oz:

> Esse homem é um impostor. Ele não conhece Taylor Swift, ele não está trabalhando no sexto álbum dela, e se você fizer uma busca reversa das fotos dele, vai ver que ele roubou todas elas.

O jogo acabou, o sr. e a sra. Murphy finalmente fizeram movimentos para ir embora, arrumando suas coisas, agora com a intenção de chegar na hora na tia de Murphy.

— Foi muito bom conhecer vocês — disse Robin com todo o entusiasmo que conseguiu reunir. — Muito bom mesmo.

Ela foi pega desprevenida pelo abraço da mãe de Murphy.

— Nós ficamos muito felizes por finalmente conhecer você.

Mas o abraço pareceu forçado, o corpo da mulher mais velha rígido em vez de maleável.

— Você deveria tirar um fim de semana de folga de vez em quando, garota — disse o pai de Murphy piscando para ela. Aparentemente, ele tinha percebido que ela estava trabalhando enquanto eles assistiam ao jogo. Será que Murphy também havia reclamado de sua tendência a ser workaholic?

Os três Murphy finalmente saíram, o filho acompanhando os pais até o carro. Robin voltou para a janela para procurar o Jaqueta Verde outra vez, mas não viu sinal dele. A família conversou por cinco minutos na frente do prédio, então os pais foram embora, e Murphy voltou para dentro.

Robin soube, assim que ele entrou novamente na sala de estar, que ela estava encrencada. Mesmo assim, tentou descontrair o clima tenso que Murphy trouxera para a sala consigo.

— Eles são muito le…

— Se você não quiser ficar aqui — disse Murphy em voz baixa —, é só dizer.

Robin o encarou.

— O que você quer dizer com "se eu não quiser ficar…"?

— Você não conseguiria parecer mais entediada nem que se esforçasse.

— Espere aí — disse Robin. — Me disseram que não tínhamos permissão para falar durante o futebol.

— Ela não quis dizer isso literalmente! Você nem ao menos veio sentar com…

— Seu pai estava ocupando dois terços do sofá!

— Você poderia ter pedido a ele que chegasse para o lado!

— Eu acabei de conhecê-lo, não vou dizer a ele onde se sentar em um apartamento que não é meu — retrucou Robin.

Ela também ficou com raiva de repente. Apesar de exausta, conversou durante um almoço prolongado, riu de todas as piadas do pai dele, respondeu a todas as perguntas de sua mãe e pôs a louça sozinha na máquina de lavar para que os pais de Murphy pudessem tê-lo para si durante o café. Ela tinha aberto mão de seu sábado sem aviso prévio para fazê-lo feliz. Ela fez todos os esforços para agir como se quisesse que o Liverpool ganhasse o jogo.

Mas o verdadeiro problema, ela tinha certeza, não foi ter permanecido em uma cadeira dura ao fundo, mas, em vez de ter pegado um tricô — especialmente um suéter de bebê —, ter pegado um caderno e o celular. Possivelmente, Murphy tinha achado que a navegação dela na internet tinha sido, na verdade, uma troca de mensagens clandestinas com Strike, assim como ele a acusara de ter feito no Natal. *Você não pode esquecer o trabalho por dois minutos?*

— Eu preciso de ar fresco — disse Murphy. Ele deu meia-volta e bateu a porta da frente, deixando Robin parada, em choque.

Ar fresco? Como todas as vezes que você saía para correr e os treinos na academia que você fazia?

Com uma eficiência impassível, Robin começou sua busca, primeiro nos armários da cozinha. Não encontrou álcool ali, nem no pequeno armário com o aquecedor para secar roupas, nem embaixo do sofá, nem escondido atrás da pequena coleção de livros de Murphy. O banheiro estava livre de álcool, ela até cheirou o xampu e a loção de barba para garantir. Então sobrou o quarto.

Não havia garrafas embaixo da cama nem nas mesas de cabeceira. Mais uma vez ela vasculhou as roupas de Murphy, pegou a caixa com cabos de carregadores e moedas, tateou a prateleira de cima onde ele tinha escondido a vodca antes, mas agora não havia garrafas ali nem nada em sua bolsa de ginástica exceto tênis e um moletom.

Havia, porém, uma maleta no fundo do guarda-roupa. Enfiando a mão dentro dela, seus dedos se fecharam em torno do que parecia ser uma bolsinha de papel.

Ela a retirou e viu que tinha a marca de uma joalheria elegante. Ela olhou em seu interior e se deparou uma caixinha preta de veludo, também nitidamente

muito nova, com um recibo enrolado. Com um choque muito pior do que sentiu ao ver a porta bater, Robin de repente teve certeza do que ia ver se abrisse a caixa.

Como esperado, quando ela levantou a tampa, viu um pequeno diamante solitário piscando para ela, engastado em ouro branco ou platina.

Uma onda de suor percorreu seu corpo.

Ah, meu Deus, não.

Ela pegou o recibo, não para ver o preço, mas a data. Ele o havia comprado dias antes de ela encontrar a vodca, antes que concordassem em deixar de lado a casa nova.

Robin recolocou o anel e o recibo cuidadosamente de volta na bolsa e a devolveu à velha maleta, depois fechou a porta do guarda-roupa e começou a arrumar suas coisas. Se Murphy não tivesse fugido para um bar ou para uma loja de bebidas, ele provavelmente ia voltar logo, cheio de arrependimento, perguntando-se se dessa vez tinha estragado tudo.

Robin estava tão agitada ao sair do apartamento que se esqueceu totalmente do Jaqueta Verde. Entretanto, ela chegou em segurança ao Land Rover e partiu, ainda mais assustada do que estivera ao chegar. Só que não era uma agressão física repentina que temia, mas o anel prateado escondido no fundo do guarda-roupa de Murphy: um pequeno e cintilante grilhão.

100

Ha ha, John colhe agora sua rosa
Para se livrar de uma tristeza no coração!
Eis que, pétala por pétala, raios ferozes desabrocham;
Antera por antera, espinhos aguçados irrompem;
E com sangue como orvalho, o broto ferve;
E um sopro de enxofre é tudo o que se cheira;
E eis que ele está terrivelmente enredado
Na flor gigante e preta do Inferno!

Robert Browning
The Heretic's Tragedy

Às oito e meia da manhã de segunda-feira, Strike partiu em uma viagem para West Country em seu BMW. Ele não precisava sair tão cedo, mas não queria se encontrar com Robin no escritório nem tinha respondido ao e-mail que ela lhe enviara sobre o que ele considerava uma conexão familiar muito tênue de Rupert Fleetwood com a Bélgica. Convencido de que Murphy tinha feito o pedido de casamento e sido aceito, e que o almoço incancelável de Robin no sábado tinha sido com seus futuros sogros, Strike necessitava de mais do que quarenta e oito horas para conseguir encontrar a expressão e o tom de felicitações de que ia precisar quando eles tornassem a se falar.

Às 8h45, ele recebeu um telefonema de Midge.

— Consegui o endereço do apartamento de Branfoot — informou ela triunfantemente.

— Fantástico — disse Strike, com o ânimo um pouco melhor com essa notícia, porque assustar Branfoot e seus capangas era uma de suas maiores prioridades. — Onde é?

— Black Prince Road, Lambeth, no segundo andar de um prédio elegante — respondeu Midge. — Eu o segui até lá ontem à noite. Ele chegou por volta das onze; uma hora depois, um homem negro de roupa de couro chegou com uma garota bêbada. As luzes se acenderam no segundo andar e ficaram acesas por cerca de três horas. Às quatro, Branfoot saiu. Às seis, a garota surgiu cambaleante na calçada e pegou um táxi, parecendo estar péssima. Meia hora depois, o ator pornô saiu. Fiz fotos de todos eles.

— Ótimo trabalho — elogiou Strike.

— Obrigada — falou Midge. — Certo, bem, eu tenho que encontrar aquele Hussein Mohamed entre seus turnos no Uber. Preciso de café. Falo com você depois.

Strike seguiu pela M40 por meia hora, então Robin ligou para ele, como ele meio que esperava que a sócia fizesse. Preparando-se, ele atendeu.

— Pat disse que você está indo para Hereford — disse ela. — Por quê?

— Vou me encontrar com Rena Liddell. Ela me respondeu ontem à noite em uma de suas velhas contas no Twitter: "Hereford, às duas da tarde de amanhã." E Hereford tem um Golden Fleece.

— Uau, ótimo — comentou Robin. — Bem, Midge descobriu…

— Eu sei. Ela acabou de me ligar — disse Strike —, por isso, quando eu chegar a Hereford, vou telefonar para De Leon e dizer que eu mesmo vou atrás de Branfoot para contar que sei o que acontece naquele apartamento, e se De Leon não quiser fazer nada e ficar esperando que a história seja divulgada sem dar uma versão decente de sua participação, vai ser problema dele.

— Bem, eu tenho outra notícia — disse Robin, que no momento estava no escritório interno, e Strike sentiu um aperto no estômago. — Ou melhor, Pat tem. Ela encontrou um pub em Yeovil chamado Quicksilver Mail que teve um barman por algumas semanas, em junho passado, que se chamava Dave. Ele era baixo e tinha orelhas grandes. Eles o demitiram porque ele não era muito bom.

— Ah — murmurou Strike. — Bem, vou estar mais ou menos perto de Yeovil em algumas horas. Posso ir até lá depois de Hereford e mostrar a eles a foto de Tyler Powell.

— Isso é muito tempo ao volante para um dia só — disse Robin. — Hereford e Yeovil não são assim tão perto uma da outra.

— Eu dou um jeito. Mais alguma coisa?

Robin, que não gostou muito do tom áspero na voz de Strike, falou:

— Não. Só passei aqui para arquivar uns recibos, mas vou entrevistar Faber Whitehead esta noite, como te falei.

— Está bem. Vou desligar agora — disse Strike.

— Strike — falou Robin rispidamente.

— O quê?

— Se você ainda está irritado por sábado, é só dizer. Você não me avisou com nenhuma antecedência, e não é como se eu estivesse com muito tempo livre ultimamente…

— Eu não estou irritado por sábado, eu sei que estava muito em cima da hora. Eu estava preocupado com as ameaças veladas da sra. Duas-Vezes sobre a imprensa, só isso.

— Bem, não fui *eu* que nos transformou em alvo dos tabloides…

— A atenção dos tabloides é um risco ocupacional — disse Strike. — Pergunte a seu namorado.

Como ele meio que esperava provocá-la a fazer, Robin desligou.

Ela estava de pé, furiosa, ao lado da mesa dos sócios, encarando o celular como se pudesse ver Strike olhando com raiva para ela. *Você é um grande babaca*. Robin abriu a porta divisória com tanta força que Pat olhou para trás, assustada.

— Está tudo bem?

— Está — disse Robin. — Eu tenho alguns recibos para arquivar.

Ela estava a meio caminho do arquivo quando percebeu um grande pote de margarina cheio de água ao lado do aquário. Ele continha o peixe preto chamado Cormoran, que estava nadando preguiçosamente em torno de seu espaço limitado.

— Por que esse peixe está fora do aquário?

— Ele me mandou alimentá-lo com a porcaria de ervilhas — respondeu Pat mal-humorada.

Havia um cartão apoiado no aquário com instruções na letra quase ilegível de Strike. Com o interesse aguçado, contra sua vontade, ela o pegou para ler.

Peixes dourados se alimentam no fundo

Se eles engolirem muito ar na superfície, isso pode afetar seu equilíbrio, e eles começam a boiar de barriga para cima

Deixe a comida de molho antes de alimentá-lo no futuro

Dê apenas uma pequena quantidade de ervilhas esmagadas até ele melhorar. Ele pode voltar para o aquário depois que estiver nadando direito

— Ele *está* do jeito certo agora — disse Robin a Pat.

— Está?

Pat se juntou a Robin, as duas olhando para o peixe com o calombo na cabeça, o corpo escuro e grande se agitando, a nadadeira dupla da cauda flutuando atrás de si enquanto ele circundava o pote. Fios compridos de excremento se agitavam embaixo do peixe.

— Devo colocá-lo de volta? — perguntou Pat.

— Eu colocaria — respondeu Robin. — Ele não tem muito espaço aí dentro.

Enquanto isso, o salvador relutante do peixe preto seguia pela M40, repreendendo-se pelo que tinha acabado de dizer a Robin. Um movimento muito inteligente, disse ele a si mesmo, comportar-se como um babaca logo depois do noivado dela. Era como se ele estivesse determinado a forçá-la a sair e abrir a Murphy & Murphy, Inc.

101

(…) a necessidade apenas, e o bem maior do maior número, pode interferir legitimamente com o domínio da justiça absoluta e ideal.

Albert Pike
Moral e dogma do rito escocês antigo e aceito da maçonaria

Strike deixou o BMW em um estacionamento de vários andares perto do centro de Hereford e saiu em busca de um almoço antecipado, porque tinha tomado café da manhã muito cedo. Uma caminhada curta o levou até um restaurante chamado Beefy Boys, que ele escolheu em um impulso raivoso de autossabotagem, pois não tinha mais razão para tentar competir com Murphy em relação à magreza. Depois de se instalar a uma mesa externa para poder fumar seu cigarro eletrônico e de pedir a especialidade da casa, o hambúrguer Dirty Boy, ele ligou para Danny de Leon, que não atendeu. Strike, então, deixou uma mensagem de voz avisando De Leon que a agência tinha identificado o apartamento no qual Branfoot filmava secretamente bêbados inconscientes sendo fodidos por atores pornôs, e que ele em breve ia confrontar Branfoot com a informação. Danny, portanto, sofreria as consequências de não ter falado com a imprensa, o que teria mitigado o risco, para ele mesmo, da vingança de Branfoot.

Strike então levou a mão ao bolso do casaco para pegar o livro de Jim Todd: *Saiba a hora de apostar: ganhe muito todas as vezes*, que trouxera para terminar de ler as anotações rabiscadas do sujeito. Ao abri-lo em uma nova página, ele examinou uma lista de apelidos para diversos pares no pôquer.

Rei-Rei — Caubóis
Rei-Dama — Casamento
Rei-Valete — Kojak
Rei-Nove — Canino

Ele estava prestes a virar essa página, na qual Todd tinha escrito apenas *bolso 8s* sem explicação, quando uma pequena agitação em seu subconsciente lhe disse para não ser tão apressado.

77 — *bengalas*… ("Eu até comprei em verde-militar para ninguém pensar que você é frouxo.")

4-4 — *barcos a vela*… ("Mantenha os olhos no horizonte se ficar enjoada…")

Pelo amor de Deus, será que tudo ia lembrá-lo de Robin? Ele continuou lendo até ouvir o telefone apitar e pegá-lo na esperança de que Robin tivesse lhe enviado uma mensagem irada que lhe desse uma oportunidade de um pedido de desculpas digitado rapidamente, por ter sido sarcástico em relação a Murphy. Entretanto, era apenas Barclay, informando a ele que o Duas-Vezes tinha acabado de entrar furtivamente em um hotel.

Strike ficou sentado, com o telefone na mão, perguntando-se se deveria se desculpar com Robin mesmo na falta de uma mensagem dela. Sabia perfeitamente bem que puni-la por não retribuir sentimentos que ele nunca expressara era o comportamento de um grande babaca. Ele ainda estava tentando formular uma mensagem que não parecesse carregar a informação subliminar óbvia de "Eu simplesmente odeio que você esteja com Murphy" quando seu pedido chegou e ele pôs o telefone de lado com alívio.

A ingestão de um cheesebúrguer enorme, completo, com bacon e cebolas fritas, o animou um pouco. Depois de comer a última batata frita, ele pegou o celular e escreveu para Robin.

Sinto muito pelo que falei. Estou exausto, mas isso não é desculpa

Ele ficou sentado observando o telefone por um minuto, torcendo para ver os três pontinhos que significariam que Robin estava digitando, mas não apareceu nada.

Depois de beber um café, pagar a conta e fazer xixi no banheiro do Beefy Boys, ele seguiu para o que o Google Maps lhe disse que seria uma caminhada curta até o Golden Fleece.

Quando entrou no pub, encontrou um interior estreito, atulhado e semelhante a um corredor, e uma grande tela de televisão sintonizada na Sky Sports. Strike comprou uma cerveja sem álcool e estava indo sentar-se quando o barman se

inclinou para a frente e falou:

— Você é Cameron Strike?

— Sou — confirmou Strike.

— É para você ir lá em cima — disse o barman, apontando na direção da porta nos fundos do pub.

Na verdade, o barman tinha dito "lá em cima" literalmente. Uma área externa pavimentada e muito pequena não tinha mesas, mas uma escada íngreme de metal que levava ao telhado. Strike supôs que Rena Liddell não soubesse que ele tinha uma perna falsa. Ele subiu com a ajuda do corrimão e derramou cerveja na mão.

Strike saiu em um terraço onde havia algumas mesas e palmeiras de plástico em vasos quadrados sobre grama artificial. Bandeirolas com a Cruz de São Jorge se enrolavam em torno do gradil, além do qual Strike pôde ver a torre alta da igreja de St. Peter.

Só havia uma mesa ocupada. De frente para Strike, com um meio-sorriso nos lábios, estava o alto, de cabelo grisalho e queixo quadrado Ralph Lawrence, supostamente do MI5. Ele não estava de terno dessa vez, mas de calça jeans e camisa sem gravata por baixo de um suéter de caxemira verde-escuro, e seus olhos azuis estavam escondidos por trás de óculos escuros estilo aviador.

Strike sabia que sua expressão traíra-o, demonstrando tanto surpresa quanto desagrado, e ele também percebeu que isso deixou Lawrence satisfeito. Depois de dirigir por muito tempo, com o joelho e o tendão doendo, de ser forçado a subir a escada às suas costas com a conivência de um homem que sabia que ele não tinha metade da perna e de uma manga molhada de cerveja, Strike teve dificuldade para esconder seu ressentimento. Quando sentou-se em frente a Lawrence, inúmeras teorias se agitaram em sua mente e pararam na pergunta mais óbvia:

— Rena me convidou aqui ou foi você?

— Foi ela — disse Lawrence com suavidade —, mas nós estávamos vigiando.

— Onde ela está?

— Ela foi internada compulsoriamente.

— Por quê?

— Estava tentando conseguir uma arma.

— Para quê?

— Você encontrou as redes sociais dela. Me diga que grupo de pessoas ela

pode achar que merece levar um tiro.

Strike não ia cair nessa armadilha. Lawrence bebeu o que parecia ser água e, enquanto ele pegava seu cigarro eletrônico, Strike se divertiu um pouco imaginando tirá-lo da mão do homem com um tapa.

— Isso é o tipo de coisa que as pessoas imaginam que espiões fazem, não é? — disse ele. — Internar pessoas por loucura se elas sabem demais.

— O que faz você pensar que Rena Liddell sabe alguma coisa?

— Ela sabe alguma coisa — afirmou Strike —, ou você não estaria sentado aqui. Você poderia ter me feito achar que ela havia apenas me dado um bolo, se não estivesse preocupado que ela já tivesse me contado alguma coisa.

— Talvez eu tenha perguntas para você.

— Vá em frente, então — disse Strike.

— Você nitidamente teve contato com ela fora das redes sociais.

— Tive?

— O primeiro contato não aconteceu lá. Quem abordou quem?

— Está tudo meio confuso agora — respondeu Strike.

— Angela me disse que você se acha engraçado — comentou Lawrence.

— Não, ela não disse — falou Strike calmamente.

— Olhe — disse Lawrence, e Strike ficou satisfeito de ver que o homem não tinha gostado do fato de seu comentário malicioso não ter causado uma reação nele. — Eu estou lhe fazendo um favor, embora você não pareça perceber isso. Você teve contato online com uma islamofóbica mentalmente instável que estava tentando conseguir uma arma.

— Você não vai me intimidar sugerindo que eu tive contato com uma terrorista — disse Strike. — Eu sei muito bem por que você está aqui. E não tem porra nenhuma a ver com armas. Você fez merda ao alertar Rena para não falar comigo. Foi isso que deu a ela a ideia de entrar em contato comigo, para começo de conversa. Se ela se tornou um problema, isso é culpa sua, não minha.

— Sr. Strike. Eu estou pedindo sua coopera…

— E eu poderia ter dado, se você não tivesse me obrigado a subir até o maldito telhado e derrubar minha cerveja. — Strike ficou de pé. — Ainda há liberdades civis neste país. Você vai ter muito trabalho para deixá-la indefinidamente em um hospital psiquiátrico. Eu posso esperar.

Ele se virou e, fazendo o possível para não mancar, começou a descer a

íngreme escada de metal. Como tinha se decidido num impulso a dirigir até o pub Quicksilver Mail, em Yeovil, ele achou melhor ir embora.

102

Conceda-me apenas um momento: se eu fracassar
— Favorecido com tal público, entenda! —
Em consertar as coisas, então me junte com a ralé
Como entendedor da mente dos homens!
A ralé — agora, é assim que o erro vem!

Robert Browning
Tertium Quid

No momento, Robin estava irritada demais com Strike para aceitar o pedido de desculpa que ele tinha escrito. O trabalho deveria ser o único lugar em sua vida em que ela não estivesse sujeita a homens descontando seu mau humor nela, e Robin não via razão para demonstrar uma cortesia que o próprio Strike raramente exibia.

Plug ainda não tinha sido preso, o que aumentava de forma irracional a raiva que Robin estava sentindo de Strike: ela associou o mau comportamento dele ao criador de cães perigosos que ainda não fora punido. Enquanto mantinha vigilância mais uma vez na casa da mãe de Plug naquela tarde, Robin não encontrou nenhum consolo ao dizer a si mesma que seu cansaço e sua angústia não eram nada em comparação com a exaustão que havia suportado enquanto estivera disfarçada na Igreja Humanitária Universal. Ela vinha dormindo muito mal, e naquele dia tinha acordado às quatro da madrugada, convencida de que estava de volta ao alojamento da igreja, de onde tinha de sair escondida uma vez por semana para enviar um relatório para Strike. Então, ficou acordada remoendo os pensamentos sobre Murphy até seu despertador tocar.

Ele havia ligado para Robin antes mesmo que ela chegasse em casa no sábado, desculpando-se por ter sido rude depois do almoço. Como Robin desconfiara, os

pais dele não tinham ideia de sua recente recaída nem da investigação à qual ele estava sendo submetido no trabalho. Ele dissera a Robin que sempre tinha achado a tagarelice e o hábito de beber muito de seu pai difíceis de aguentar, e que sua mãe o havia interrogado impiedosamente sobre a compra conjunta cancelada da casa, antes que Robin chegasse para o almoço. Robin teve certeza de que sua desconfiança sobre os sentimentos da sra. Murphy procedia: de que ela achava que Robin não era a namorada dedicada que o filho merecia.

Robin não havia perguntado ao namorado se seus pais sabiam sobre a gravidez ectópica porque não queria ouvir a resposta, mas tinha certeza de que sim. Ela também suspeitava de que eles soubessem do anel de diamante escondido no guarda-roupa de Murphy. Eles tinham ido até Londres para conhecer a futura noiva de Murphy e a possível mãe de seus futuros netos, embora ignorassem totalmente as coisas que seu filho tinha feito para deixar Robin com medo de fazer planos de longo prazo com ele.

Ela tinha aceitado as desculpas de Murphy, mas não as de Strike, porque o namorado pareceu desesperado ao telefone, e ela ainda sentia a responsabilidade de apoiá-lo na sobriedade. Se uma coisa boa tinha resultado de sua briga mais recente, pensou ela, era que ele não tinha ficado com nenhuma dúvida de que esse era um momento muito ruim para pedi-la em casamento. Robin teria preferido que ele tivesse abandonado totalmente a ideia, mas o fato de o anel e o recibo não terem sido devolvidos sugeria que ele ainda tinha esperança de que uma oportunidade propícia se apresentasse.

Plug ficou em casa até as cinco e meia da manhã, quando Robin passou a vigilância para Midge. Ela comeu um sanduíche no Land Rover, então foi para Beaconsfield, em Buckinghamshire, onde ia entrevistar o pai de Hugo Whitehead, o jovem que tinha se acidentado no carro de Tyler Powell. Como ela sabia pela sua pesquisa na internet, os Whitehead tinham feito as malas e deixado Ironbridge para sempre logo depois do funeral do filho.

Robin chegou à Tilsworth Road pouco antes das sete horas. A casa dos Whitehead era grande, feita de tijolos vermelhos, e tinha uma garagem para dois carros. Como a sra. Whitehead não deveria saber que Robin havia feito uma visita, ela levou o Land Rover um pouco mais para a frente até uma vaga fora do alcance das luzes da rua, então voltou andando até a casa.

A porta da frente se abriu quase ao mesmo tempo em que ela tocou a

campainha, e ali estava Faber Whitehead, que Robin sabia ser um arquiteto premiado. O homem de aparência estranha a lembrava de uma beluga de óculos; tinha a pele muito pálida, os olhos pequenos e uma enorme careca abobadada. Ele usava um suéter preto folgado e calça jeans, e as lentes de seus óculos, cuja armação era vermelha, eram tão grossas que reduziam os olhos a pequenos pontos.

— Srta. Ellacott?

— Isso — confirmou Robin estendendo a mão, que ele apertou.

— Entre — disse Whitehead.

Depois de pegar o casaco dela e pendurá-lo, ele a conduziu pelo corredor até uma grande sala de estar com paredes de um moderno cinza-escuro, uma mesa de centro de vidro e um sofá comprido, baixo, preto e de aço com um assento tão profundo que Robin podia escolher entre sentar-se na beira ou se encostar e ficar com as pernas esticadas a sua frente.

— Você quer alguma coisa? — perguntou Whitehead. — Chá, café…?

— Um copo de água seria ótimo. Obrigada.

Enquanto Whitehead ia buscar a água, Robin olhou ao redor e viu um porta-retratos digital em cima de um armário de madeira preta. Ele exibia uma sucessão lenta de fotos de família, e os olhos de Robin se fixaram em uma imagem do ruivo Hugo, familiar para ela da foto do aniversário de Chloe Griffiths. Hugo tinha morrido, ela sabia, aos vinte anos, mas ali ele parecia ter cerca de catorze e estava usando um uniforme de rúgbi enquanto apontava para a própria boca, aparentemente rindo da falta de um dente.

— Então — disse Whitehead depois de entregar a água a Robin e de sentar-se em uma poltrona que combinava com o sofá, segurando uma taça de vinho tinto —, você está investigando Tyler.

— Não exatamente — respondeu Robin. — Como eu disse ao senhor em meu e-mail, fomos contratados para tentar identificar o corpo no cofre da loja de prataria. Tyler foi considerado uma possível vítima pela polícia, então nós o temos investigado. Se descobrirmos para onde ele foi, vamos, obviamente, conseguir descartar que ele seja William Wright.

— Certo — disse Whitehead. Ele tomou um gole de vinho, então acrescentou: — Eu sei que você já falou com Ian Griffiths e com Dilys Powell.

— Falamos, sim. O senhor tem contato com eles?

— Eu fiz questão de manter contato com Griffiths. Ele me garantiu que você e

seu sócio estão acima de qualquer suspeita.

— Ah, bem — disse Robin.

— Griffiths e eu queremos que Tyler seja encontrado, embora por razões muito diferentes. — Com um olhar na direção da janela que escurecia, Whitehead continuou: — Nós precisamos ser muito breves, porque não tenho certeza de quanto tempo ainda teremos até Lucinda voltar. Ela quase cancelou o jantar, mas eu a convenci a ir. Acho que isso vai fazer bem a ela. Ela está tomando uma dose cavalar de antidepressivos, mas ainda… E nosso filho mais velho, Harvey, está tendo que refazer o último ano na universidade. Ele desabou totalmente depois do que aconteceu com Hugo. Mas conseguiu um adiamento, por compaixão, de suas provas finais.

— Eu sinto muito — disse Robin. — Deve ser muito doloroso falar sobre isso.

— É menos doloroso falar do que pensar sobre isso, o dia inteiro, todos os dias — falou Whitehead. — Lucinda quer que eu "siga em frente". Nós não conseguimos discutir o assunto, isso a abala demais. Harvey, porém, está do meu lado. Ele sabe que estou me encontrando com você esta noite. Ele concorda que a pessoa culpada escapou impune.

— O senhor está falando de Tyler?

— Ah, não — disse Whitehead. — Não, não, não Tyler. *Chloe Griffiths*.

Robin ficou tão surpresa que não conseguiu pensar em nada para dizer.

— Você está surpresa — comentou Whitehead, observando-a atentamente. — Mas quando eu tiver explicado… Você sabe quem é Chloe Griffiths?

— Sei — respondeu Robin lentamente. — A filha de Ian Griffiths.

— Exatamente — confirmou Whitehead. Ele tomou outro gole de vinho. — Sabe, houve uma coisa que a polícia nunca tornou pública: imagens de uma câmera de vídeo. A polícia acabou decidindo que elas não eram conclusivas o bastante para serem usadas, mas havia imagens de alguém *entrando naquele Mazda no estacionamento em Birmingham*.

— É mesmo? — perguntou Robin, pensando na qualidade ruim das câmeras de vídeo, que já tinham confundido muito esse caso. — O senhor se importa se eu fizer anotações?

— Não, não, vá em frente…

Quando Robin pegou o caderno e a caneta, Whitehead prosseguiu:

— A polícia as examinou antes de as descartar por serem irrelevantes. Nos disseram que elas estavam muito borradas, e chovia forte naquela noite, o que não ajudou, mas uma figura que parecia feminina seguiu do Mazda até o carro ao lado, depois se abaixou e sumiu de vista, e a polícia achou que ela talvez tivesse entrado no Mazda, mas então concluiu que a pessoa deveria apenas estar amarrando um sapato, ou algo assim.

— O que os fez verificar o vídeo do estacionamento? — Robin quis saber.

— Eles souberam dos boatos que surgiram em Ironbridge, sobre Tyler ter mexido no carro e, claro, se isso foi feito em algum lugar, deve ter sido no estacionamento, porque o acidente foi na volta. Tyler não poderia ter feito isso. Não só ninguém poderia confundir Tyler com uma mulher, com o vídeo borrado ou não, mas ele estava em uma ligação no momento exato em que aquela pessoa entrou no Mazda em Birmingham. O sinal do celular confirmou que ele estava falando de Ironbridge.

— O senhor sabe com quem ele estava falando? — perguntou Robin.

— Não, mas tenho certeza de que a polícia verificou. As pessoas em Ironbridge disseram que Tyler fugiu por causa do acidente, mas sei que ele estava pensando em ir embora muito antes disso. Eu o ouvi conversando com Hugo sobre partir.

— Ele disse que queria ir para Londres?

— Não, só que queria uma mudança, mas ele tinha habilidades que poderiam ser transferidas, você sabe, ele era um bom mecânico. Enfim, nitidamente não pode ter sido Tyler que mexeu no sistema ABS — afirmou Whitehead. — Outra pessoa deve tê-lo desligado. Nós todos sabíamos que havia uma tempestade chegando. Esse era um jeito imperceptível de fazer mal a eles. Qualquer um sabia que a viagem de volta seria perigosa, especialmente para um motorista recém-habilitado.

Robin, que estava fazendo anotações, ficou satisfeita por ter uma razão para não olhar Whitehead nos olhos. Ela não precisava desse encontro para saber que mesmo as pessoas mais inteligentes podem ficar cegas por seu desejo passional de não encarar os fatos. Eles não permitiram que Hugo usasse o Range Rover da família na noite de seu acidente fatal. Sua família deve ter se perguntado se ele não teria sobrevivido se o estivesse dirigindo.

— Eu entendo por que as pessoas estavam dizendo que Tyler fez alguma coisa

com o carro, que ele fingiu estar doente naquela noite, porque, é claro, era o Mazda dele, ele teria as chaves. Mas Chloe e Tyler eram amigos, ela pode tê-las pegado ou mandado fazer uma cópia sem que ele soubesse. Ela às vezes ficava conversando com ele na garagem, então pode ter perguntado como mexer em um sistema ABS.

Robin abriu a boca para falar, mas Whitehead prosseguiu:

— Já os amigos de Tyler e sua avó acharam que *nós* começamos os boatos de que Tyler havia sabotado o carro, mas não foi nada disso. Logo depois do acidente, Lucinda e eu ficávamos o dia inteiro junto da cama de Hugo, e não tínhamos ideia do que estava sendo dito em Ironbridge. Só depois soubemos o que as pessoas estavam dizendo e sobre as imagens das câmeras. Mas eu nunca consegui entender por que Tyler teria feito aquilo, nunca.

— Me disseram — começou Robin, com cautela — que ele estava com ciúme, que Anne-Marie tinha sido sua namorada.

— Não, não, isso foi anos antes — respondeu Whitehead, descartando a ideia com um aceno da mão grande e branca. — Quando os dois tinham dezesseis anos ou algo assim. Não havia a menor possibilidade de ele estar com raiva por causa *disso*. Mas quando a polícia percebeu que Tyler não poderia ter sabotado o carro em Birmingham, eles excluíram *qualquer* possibilidade de sabotagem. Mesmo assim, ainda havia aquela figura no vídeo.

Que poderia estar amarrando o sapato.

— Ninguém parou para perguntar por que Chloe Griffiths de repente viajou para o exterior — disse Whitehead. — Ela não tinha demonstrado nenhum interesse em deixar Ironbridge antes do acidente, e o que a polícia nunca levou a sério foi: *ela tinha realmente feito ameaças de matar Hugo e Anne-Marie*.

— É mesmo? — perguntou Robin.

— É. Ela teve uma briga terrível com os dois, uma coisa muito feia. Nós só soubemos disso semanas depois do acidente, mas houve muitas testemunhas. Ela literalmente gritou para os dois: "Eu vou matar vocês se vocês não pararem com isso."

— Se eles não parassem com o quê?

— Eles tinham feito uma piada, uma piada simples, sobre ela ter traído o namorado em Telford com Tyler. Não houve maldade nisso. Eles apenas a estavam provocando. Tyler tinha dado uma pulseira para Chloe, foi isso o que

iniciou a briga. Hugo chegou em casa bem abalado. Ele disse que ele e Anne-Marie a estavam chamando de "Violeta Encolhida" porque essa pulseira tinha violetas, e ela estava ficando cada vez mais irada. Então eles acharam que ela estava traindo o namorado com Tyler, e eu só consigo supor que ela tenha ficado com medo de que o namorado soubesse disso, porque ficou totalmente furiosa e gritou com eles. Uma reação muito exagerada, e todo mundo no Horse & Jockey ouviu, mas ninguém contou à polícia sobre ela ficar tão agressiva e ameaçadora por um motivo tão fútil.

"Eu pedi a outras pessoas que estavam no pub naquela noite que falassem. Harvey implorou que eles fizessem isso. Mas a polícia não quis escutar. 'Ah, foi só uma discussão boba', mas ela *literalmente dizer* que ia matá-los… Lucinda e eu nunca gostamos muito da garota. As pessoas tinham um pouco de pena dela: sem mãe, com pai imaturo… não surpreende que não tivesse muito traquejo social. Era muito calada e emburrada, mas de repente ficou má. Acho que estava um tanto acostumada a se ver como vítima e tinha sido mimada pelo pai, e esperava que o resto do mundo a tratasse do mesmo jeito. Muito bonita, mas você sempre pensava haver alguma coisa desagradável ali, sob a superfície. E agora ela fugiu para o exterior em um momento tremendamente conveniente. É por isso que eu mantenho contato com Griffiths. Eu quero saber quando Chloe voltar para o país."

— Entendo. Ela…? — começou Robin, mas Whitehead a interrompeu:

— O consenso entre os jovens, antes do acidente, era que Chloe estava enganando Tyler. Ele estava muito obviamente apaixonado por ela, mas ela o tratava como um coitado, humilhando-o e fazendo outras coisas. Ele não é muito inteligente, mas é um bom rapaz, e infeliz em casa. Seu pai, Ivor, é um homem mau, então Tyler estava sempre na casa dos Griffith, e ele era útil para Chloe, sabe? Dava caronas, coisas assim. E eu acho que fazia bem ao ego dela ter esse cãozinho sempre por perto. Mas na noite em que ameaçou Hugo e Anne-Marie, ela disse umas coisas muito feias e degradantes sobre Tyler. Deixou bem claro que ele não era bom o bastante para ela, e Hugo ficou chocado; ele gostava de Tyler, gostava mesmo. E, depois disso, Hugo me contou que Chloe praticamente não falava com ele, era como se ela tivesse uma sede de vingança contra ele e Anne-Marie. Hugo tentou conversar com ela, mas Chloe o mandou se foder. Uma raiva incrível por uma coisa tão pequena.

— Chloe me contou…

— *Você falou com ela?* — perguntou Whitehead, com empolgação quase enervante.

— Só pelo WhatsApp. Na verdade, ela me disse que não gostava de Tyler, que ela era amiga dele porque sentia pena, e sugeriu que era possível que ele tivesse sabotado…

— Está vendo? Ela *ainda* está tentando botar a culpa nele! Quem instigou os ataques contra Tyler? Quem manteve os boatos em circulação? Eu acho que foi Chloe. Tyler era dispensável para ela, um tolo útil. Eu estou *cem por cento seguro* de que ela estimulou os boatos sobre Tyler ter mexido no carro. O próprio Griffiths admitiu para mim que a primeira vez que ouviu o boato foi de Chloe. "É só o que os garotos estão dizendo. Tenho certeza de que não tem nenhum fundo de verdade."

— O senhor sabe se Chloe tinha um álibi para aquela noite? — perguntou Robin.

— A polícia não nos disse — respondeu Whitehead. — Eles simplesmente não queriam ouvir.

— O senhor conhecia uma garota chamada Zeta, em Ironbridge?

— Zeta? Não, acho que não. A menos que ela estivesse nos grupos de amigos de Harvey e Hugo, eu não a teria conhecido. Por quê?

— Ela alega que Tyler fez alguma coisa ameaçadora com ela, depois que a ouviu repetindo o boato de ele sabotar o Mazda.

— Eu na verdade não o culpo — afirmou Whitehead. — Ser acusado de uma coisa dessas…

— Ela alega que Tyler quase a atropelou.

— Ah, tenho certeza de que isso não é verdade — disparou Whitehead. — Não, não, isso não seria típico de Tyler. O amigo dele, Wynn Jones, sim, eu acreditaria nisso sobre *ele*, que não é nada civilizado, mas não Tyler. Sabe, eu não ficaria surpreso se ele desconfiasse que Chloe estivesse por trás do acidente. Tenho muito interesse em encontrá-lo para conseguir algumas respostas e ajudá-lo a limpar seu nome… Acho que vamos ter que terminar com isso logo — disse Whitehead, com um olhar agora nervoso para o céu escuro do outro lado da janela sem cortinas. — Se Lucinda voltar cedo…

— É claro — disse Robin. — Eu só tenho mais uma pergunta. Se Chloe

estava aproveitando as caronas de Tyler, ela não tinha o próprio carro?

— Não, mas ela pode ter pegado o do pai emprestado, não é? Era quando não tinha acesso a ele que ela contava com Tyler.

— Certo. Bem, muito obrigada pelo seu tempo.

— Sabe — começou Whitehead, conduzindo Robin novamente até o corredor. — Hugo *gostava* de velocidade, ninguém está fingindo que não, ele era jovem… mas nunca naquelas condições e não com uma passageira. E — acrescentou ele, pegando o casaco de Robin do gancho e o entregando a ela — ele sabia que havia uma tempestade a caminho. Todos nós sabíamos.

— Sinto muito pela sua perda — disse Robin, sem conseguir pensar em qualquer outra coisa para dizer.

— Você me avisa se encontrar Tyler?

— Se nós o encontrarmos, vou perguntar se ele se importa que avisemos ao senhor — prometeu Robin.

Estava frio do lado de fora. Ela caminhou apressadamente pela rua até o Land Rover e entrou, pensando em tudo o que tinha acabado de ouvir. Então pegou o telefone e digitou uma mensagem nova para Chloe Griffiths.

Oi, Chloe, aqui é Robin Ellacott. Desculpe por entrar em contato com você outra vez, mas tenho mais algumas perguntas e acho que você é a única pessoa que pode respondê-las. Eu entendo como isso é difícil para você e não a incomodaria outra vez se não achasse que é importante.

Depois de enviar essa mensagem, Robin ficou sentada, pensando. Por alguma razão, o nome "Horse & Jockey" passou pela sua cabeça, mas ela não soube ao certo por quê. Tinha acabado de abrir o Google para ver o lugar quando a porta do seu lado foi aberta bruscamente. Antes que ela conseguisse gritar, uma mão se fechou em seu pescoço.

103

(…) observe
O que uma única mulher fraca pode conseguir sozinha.

Matthew Arnold
Merope: A Tragedy

Ele estava em cima dela, empurrando-a para trás contra o banco do passageiro; Robin sentiu o freio de mão pressionando suas costas; ela não conseguia gritar, por causa das mãos dele em seu pescoço; o sujeito estava se arrastando para cima dela, imobilizando-a; ela sentiu sua bolsa caindo aos seus pés.

O homem tentava empurrá-la mais para dentro do carro, e Robin sabia que seu plano era tentar ir embora com ela; ela ouviu seu telefone cair com um baque; viu o rosto dele em uma luz e uma sombra estranhamente tridimensional, a ferocidade, as sobrancelhas grossas…

Ela conseguiu soltar a mão direita debaixo dele e segurou seu pulso, tentando arrancá-lo do pescoço, mas com a esquerda, ela tateava o chão, no escuro; ele estava lá, ela sabia que estava, tinha conferido antes de sair do apartamento naquela manhã…

Os dedos dela se fecharam sobre o plástico, procuraram o bico, então pontos pretos começaram a surgir diante de seus olhos, mas ela tinha conseguido pegá-lo…

O primeiro borrifo não o atingiu — ela sentiu sua ardência no ar…

O segundo cobriu o lado da cabeça dele, e Robin fechou os olhos…

Ela o ouviu engasgar, cuspir e arquejar; a pegada em seu pescoço afrouxou; ela apertou o spray de novo e de novo, e o ouviu praguejar — agora ele estava tentando escapar do spray, mas continuava com o joelho em cima dela…

Com toda a força que conseguiu reunir, ela socou para cima a esmo com a

mão direita e ouviu a batida dos nós dos dedos sobre osso…

Ela abriu os olhos; eles começaram a lacrimejar por causa do vapor nocivo, agora denso no ar, mas ela sabia onde mirar, agora…

Mais uma borrifada, e mais outra, diretamente no rosto dele…

Ela inspirou, e seus pulmões também arderam, mas não importava: ela gritou tão alto quanto jamais tinha gritado na vida, agora agarrando o cabelo encaracolado dele.

104

Envenenar com calúnias um nome que já está abertamente manchado é somar golpes com uma barra de ferro a quem já foi esfolado por açoites (…).

Albert Pike
Moral e dogma do rito escocês antigo e aceito da maçonaria

Strike estava no momento na M4, voltando para Londres. Seu desvio até Yeovil e o Quicksilver Mail tinha sido inútil: ninguém no pub reconheceu a foto de Tyler Powell.

— Não, David era bem, você sabe… gordinho — dissera a ele uma das balconistas, traçando um bambolê invisível em torno da própria cintura para demonstrar a circunferência considerável do desaparecido Dave.

Por mais tentador que fosse acreditar que Tyler Powell tivesse engordado para se transformar em Dave, Strike achou improvável que ele houvesse ganhado uma barriga tão substancial em um mês, por isso, depois de agradecer a todos, ele voltou para o BMW e retornou para Londres. Apesar de sua declaração irritada e desafiadora para Robin de que daria conta de dirigir por mais algumas horas, sua perna direita estava doendo. Ele também estava com muita fome; seu hambúrguer Dirty Boy do Beefy Boys agora era uma lembrança distante. A raiva que ele sentia de Ralph Lawrence continuava voltando, como azia.

A quinze quilômetros da cidade, seu telefone tocou.

— Sou eu — disse uma voz em pânico. — Danny de Leon.

— Você recebeu meu recado? — perguntou Strike. Muito cansado, dolorido e faminto para qualquer amenidade social, ele disse: — Eu avisei a você quando nos encontramos que eu teria que ir em frente sem você, caso demorasse demais para abrir o bico.

— Eu não sabia quem contatar — disse a voz agitada. — Está bem? Eu não

sabia como se faz uma coisa dessas…

— Então você deveria ter telefonado e me perguntado — rebateu Strike. — Eu vou mandar para você os contatos de um jornalista chamado Fergus Robertson, que já está interessado em Branfoot, mas você precisa fazer a ligação *agora* se preferir não viver o resto da sua vida conhecido como um predador de aluguel de Branfoot, e precisa se assegurar de agir com muita contrição em relação ao que você fez.

— Me assegurar de quê?

— *De agir com contrição* — disse Strike em voz alta. — Envergonhado. Culpado. Se você não quiser ser acusado e se quiser evitar a retaliação dele, exponha o escroto *agora*.

Strike encerrou a ligação e seguiu em frente, perguntando-se se não poderia ser uma boa ideia parar no próximo posto de gasolina para comer em vez de esperar até chegar ao centro de Londres.

Dez minutos depois, no posto de gasolina em Heston, Strike mandou para Danny de Leon os contatos de Fergus Robertson, observando, ao fazer isso, que ainda não havia resposta de Robin para o pedido de desculpa que tinha escrito. Ele foi, então, ao banheiro e, depois de urinar, tornou a sair para comer alguma coisa, sem pensar em nada, exceto na própria depressão e nos ruídos apropriados que teria de fazer quando Robin anunciasse seu noivado.

Quando seu celular tocou novamente, e ele viu que era Fergus Robertson, o detetive deixou que a ligação caísse na caixa postal. Supostamente, De Leon tinha acabado de entrar em contato com o jornalista e Robertson queria confirmação de Strike de que o homem era real. Mas, como chegara a vez de Strike de pedir a comida, ele ignorou a ligação.

Strike ficou um pouco surpreso quando Robertson ligou novamente enquanto ele estava esperando seu café, e uma terceira vez quando estava prestes a sentar-se para comer seu sanduíche.

— O que foi? — perguntou Strike, finalmente atendendo.

— Estou tentando fazer um favor a você — respondeu Robertson, impaciente.

— Ele já entrou em contato com você, não entrou?

— O quê?

— De Leon. Sobre Branfoot.

— Do que você está falando?

— Eu… deixe para lá. Que favor você está me fazendo?

— Culpepper vai publicar a droga de uma reportagem enorme sobre você. Eu soube por um colega. Ele tem uma fonte nova.

Foi como se uma cobra congelada tivesse deslizado pelo esôfago de Strike. Ele achou que esse assunto estava acabado, morto e enterrado, mas soube de imediato quem provavelmente era a nova fonte.

— Kim Cochran?

— Não sei.

— Que tipo de reportagem vai ser? — perguntou ele, mas já sabia.

— Aparentemente, você esteve em um triângulo amoroso com uma gostosa de cabelos escuros e com Andrew Honbold. Honbold conseguiu uma liminar para impedir que os jornais publicassem que ele não sabia se o bebê da amante era dele ou seu. Ela acabou de ser derrubada. Interesse público: o defensor dos valores das famílias traindo a mulher.

— O bebê é dele — afirmou Strike. — Eu não sou o pai.

— Está bem, se você tem prova, agora seria a hora de usá-la com um advogado — sugeriu Robertson. — Provavelmente é tarde demais para impedir a publicação da reportagem, mas você vai conseguir fazer com que ela seja corrigida.

— Certo — disse Strike, maravilhado pela calma em sua voz. — Obrigado pelo aviso.

Ele se levantou, sem desembrulhar o sanduíche nem beber o café, e voltou mancando para o BMW, onde ficou sentado por um minuto, encarando a escuridão. Se a reportagem fosse publicada, ele estaria fodido. Jornalistas iam cair novamente sobre a Denmark Street. Toda insinuação que Culpepper tinha feito até agora sobre ele seria aumentada cem vezes. Ele ia ser Aquele Cara que fez todas as coisas com aquelas mulheres: Candy, a profissional do sexo; Nina, que ele tinha comido e desprezado; Charlotte, morta em uma banheira; Bijou, com seu bebê ilegítimo e seu amante inimigo dos tabloides. Sua empresa estaria acabada. Todo mundo que trabalhou com ele ficaria marcado.

Ele ligou para Bijou. Ela atendeu no segundo toque.

— Você soube? — perguntou ela, parecendo tão em pânico quanto ele estava se sentindo.

— Soube. Me conte a verdade: você admitiu para Honbold que nós

transamos?

— Não, *nunca*! Eu *sugeri* que tínhamos transado para pessoas no trabalho, para tentar deixá-lo com ciúme! Eu mostrei a ele os testes de DNA, e ele chegou a dizer, ontem, que lamentava ter duvidado de mim, mas *agora*…

— Certo. Atenha-se à história de que nunca fizemos nada além de tomar uns drinques, e eu vou fazer o mesmo — disse Strike. — Ninguém pode provar o contrário. Eu vou tentar resolver isso. Tenho que ir.

Ele desligou. Ele conseguia ver apenas uma única solução possível para seu dilema, e nada além dessa extrema necessidade poderia ter levado a ela. Strike encheu o pulmão de nicotina e ligou para sua meia-irmã, Prudence.

105

A noite em que meu pai me gerou
Sua mente não estava em mim;
Ele não se deu ao trabalho de
Refletir se eu deveria ser
O filho que você vê.

A.E. Housman
XIV: The Culprit, Last Poems

A casa geminada em frente à qual Strike chegou meia hora mais tarde era alta e branca, com colunas dos dois lados da porta da frente preta e reluzente. Quando se aproximou o bastante para ver, notou que em vez da cabeça de leão padrão, a aldrava de latão tinha a forma de uma guitarra elétrica. Strike escolheu tocar a campainha.

Ele ouviu passos e tinha acabado de botar a mão no bolso para pegar um cartão de visita, esperando ver uma governanta ou talvez um mordomo, quando a porta se abriu e revelou o próprio Jonny Rokeby, alto e grisalho, usando um terno preto e uma camisa azul com o colarinho aberto.

— Ah — disse ele, sorrindo ao recuar para permitir a passagem de Strike. — Entre.

Na juventude, Strike sabia, Rokeby era exatamente tão alto quanto seu filho mais velho, embora agora fosse um pouco mais baixo. Rokeby tinha deixado que sua cabeleira até o ombro ficasse grisalha depois de anos pintando-a de um castanho-arroxeado. Seu rosto cor de noz tinha rugas profundas, sem dúvida devido tanto às longas estadias em sua casa de férias no Caribe, quanto por anos de uso de drogas e bebida. Ao contrário do filho mais velho, ele era muito magro.

— Por aqui — disse ele, e conduziu Strike até uma enorme sala de visitas

decorada em tons de marrom-chocolate e dourado. Ela parecia vagamente familiar, mas, em seu estado distraído, Strike não soube por quê. — Pru diz que você precisa de ajuda.

— É — confirmou Strike. Cada fibra do seu ser estava revoltada por ter de dizer isso, mas era isso, ou a aniquilação certa da agência. — Eu preciso de um advogado que possa agir depressa. Eu vou pagar, mas imagino que você consiga um bom bem mais rápido que eu.

— Sem problema — disse Rokeby.

Ele pegou o celular no bolso e apertou um número.

— Denholm, é Jonny. Urgente. Estou em casa, me ligue… Ele vai telefonar assim que ouvir isso — disse Rokeby, botando o telefone na mesa de centro. — Quer uma bebida?

— Estou dirigindo — respondeu Strike.

— Quer uma cerveja sem álcool? Eu mesmo parei de beber. Ordens médicas. Sente-se.

Strike sentou-se em um sofá marrom grande, em ângulo reto com a poltrona de Rokeby, que apertou uma campainha pequena na mesa de vidro ao seu lado, e uma filipina de meia-idade usando um uniforme cinza-prateado apareceu.

— Você poderia nos trazer duas daquelas cervejas de mentira, Tala?

Ela saiu, e Rokeby se voltou novamente para Strike.

— Para que você precisa de advogado?

— Dominic Culpepper está tentando fazer outra reportagem sobre mim — informou Strike.

— Qual é o maldito problema entre vocês? Por que…?

O celular de Rokeby tocou. Ele o atendeu.

— Sou eu, Denholm. Desculpe por ligar tão tarde… Não, é meu filho… não, Cormoran… não, é ele que precisa de você… é… ele está comigo agora, e vou passá-lo para você.

Strike pegou o telefone do pai.

— Boa noite — disse Strike.

— Boa noite — respondeu uma voz seca de classe alta do outro lado da linha.

— Eu preciso da sua ajuda com uma reportagem que Dominic Culpepper está prestes a publicar.

— Sobre que assunto?

— Uma liminar de segredo de justiça obtida por Andrew Honbold, conselheiro da rainha. Ele queria impedir que os jornais publicassem que ele tinha dúvidas se o seu filho com uma mulher chamada Bijou Watkins seria mesmo dele ou meu. Eu nunca tive um relacionamento sexual com ela, como ela vai confirmar, e fiz um teste de DNA que prova que a criança não é minha, e que Honbold já viu. Eu posso enviar a informação para você imediatamente, se necessário.

— Muito bem — falou Denholm. — Culpepper, você disse?

— Isso mesmo.

— Está bem. Eu retorno para você em…

— Me dê o telefone — disse Rokeby em voz alta, gesticulando para Strike. — Me dê.

Strike o entregou.

— Denholm? Faça o filho da puta pedir desculpas por aquela merda da prostituta também.

— Não tem… — começou a dizer Strike.

— Diga ao maldito Culpepper — disse Rokeby, ignorando Strike com um aceno — para desmentir tudo, ou Cormoran vai se encontrar com ele no tribunal. *Tudo*. Eu quero esse escroto *se borrando*… é… exatamente… é. Está bem.

Rokeby desligou e disse:

— Ele vai nos retornar assim que entrar em contato com eles.

— Eu não queria misturar aquela outra história com essa — falou Strike, contendo seu mau humor com dificuldade.

— Por quê? — perguntou Rokeby. — É verdade?

— Não, mas…

A empregada sorridente reapareceu com uma bandeja, que pôs em cima da mesa de mogno muito lustrada. Depois que ela serviu duas cervejas e se foi, Strike disse:

— Eu não tenho como bancar anos de brigas na justiça.

— Não vão ser anos. Denholm vai resolver isso. Ele deixa os escrotos morrendo de medo, porque eles sabem que os clientes dele podem extorqui-los.

— Mas eu não estou nessa faixa de renda, por isso…

— Eu p…

— Eu não quero que você pague por nada, eu já disse a você. Eu vim aqui

pelos seus contatos, não pelo seu dinheiro.

— Pelo amor de Deus, me deixe fazer isso.

— Não — negou Strike.

— Orgulhoso, hein? — disse Rokeby, falando como se Strike tivesse uma infecção sexualmente transmissível.

— Algo assim, é — respondeu Strike.

— Então retire isso do *seu* dinheiro. Ele ainda está lá parado à sua espera.

— Eu não quero.

— Por quê? — perguntou Rokeby, mas, antes que Strike conseguisse falar, ele acrescentou: — Vingança por sua mãe? Porque você acha que eu cortei o dinheiro dela e a forcei a viver na pobreza? Pois fique sabendo que eu parei de mandar dinheiro direto para ela porque sua tia Joan ligou para meu escritório e disse que Leda estava gastando todo o dinheiro com namorados e drogas, e que você não tinha sapatos decentes. Leda podia ter tido tudo o que quisesse se pudesse provar que ia gastar com você, mas ela nunca se deu ao trabalho de pedir quando eu determinei algumas garantias. Era esforço de mais. Enfim, você já pegou um pouco emprestado antes, não pegou?

— Se eu quisesse trabalhar, não tinha escolha. Ninguém achava que um homem com apenas uma perna que nunca teve uma hipoteca fosse um negócio seguro — disse Strike. — E eu paguei tudo, caso seu contador não…

— Eu sei que você pagou a porra toda, mas com que propósito? O *dinheiro é seu*. Ele é legalmente *seu*. O que você vai fazer quando eu morrer, queimar? Dar para a porcaria de um santuário de burros?

— Provavelmente para a Royal National Lifeboat Institution — respondeu Strike. Ele tomou um pouco de cerveja.

— Por causa de seu tio, não é mesmo? Qual era o nome dele?

— Ted.

Houve um silêncio desconfortável durante o qual Strike, que preferia não olhar para Rokeby, dirigiu sua atenção para o retrato gigante dos Deadbeats, feito por David Bailey, pendurado acima da lareira.

— Escute, eu nunca soube que Gillespie estava perturbando você para devolver o dinheiro — disse Rokeby. — Ele não gostou do que você disse sobre mim quando o pegou emprestado, mas eu nunca soube que ele o estava perseguindo por isso. Ele já não trabalha mais para mim. Aposentado. Fiquei feliz

em me livrar dele, para dizer a verdade… Eu passei quarenta anos chapado. Deixei que as pessoas cuidassem das coisas por mim. Não tenho orgulho disso.

— Não dou a mínima para Gillespie — disse Strike. — Sempre tive a intenção de pagar. Eu disse isso quando peguei o empréstimo.

Houve outra pausa breve.

— Eu soube que você e Pru agora se veem de vez em quando — comentou Rokeby.

— É — confirmou Strike.

— Engraçado. Vocês dois são os mais parecidos comigo, de todos.

— Eu sou igual a Ted — disse o Cormoran Strike furioso de dezesseis anos falando pela boca de seu eu de quarenta e dois, que desejou não ter feito isso.

— Eu não estou falando de personalidade — disse Rokeby, que não pareceu ofendido. — Estou falando de iniciativa. Você sabe o que meu pai fazia?

— Era policial — respondeu Strike.

— É, um maldito policial! Ele teria adorado você, exército e medalhas e merdas assim. Uma pena ele ter morrido antes que soubesse que eu produzi um homem de verdade. Nós nos odiávamos. Ele me jogou na sarjeta quando eu tinha quinze anos. Eu tive que ir ficar na casa de Leo. Você sabe quem é Leo?

— Seu baterista.

— É — confirmou Rokeby. — Então eu construí isso tudo do nada. Assim como você.

— Eu não construí isso do nada — Strike o contradisse. — Nem todo mundo tem uma reserva de dinheiro que pode pegar emprestada para começar um negócio.

— Nem todo mundo tem um amigo como Leo que não o deixa morar na rua — rebateu Rokeby. — Merdas acontecem, e a sorte também acontece. A vida é assim. Você lida com as merdas que recebe e tira o máximo proveito da sorte quando a tem, porque ela não aparece com muita frequência. Toda a história da banda começou porque a mãe e o pai de Leo me deixaram morar lá, e agora veja só. Eu tenho tantos lugares para dormir que me esqueço da metade deles… Você passou por muita merda por eu ser seu pai. Poderia também tirar alguma coisa boa disso, para variar. Sabe o que acontece quando nos aferramos a ressentimentos? Isso causa câncer.

Strike se obrigou a perguntar:

— Como você está? Eu soube…

— O que, minha próstata? — disse Rokeby, descartando o assunto. — Eles dizem que está tudo bem, mas tenho que fazer exames e coisas assim.

Outra pausa longa se seguiu. Strike tomou um pouco de cerveja.

— Escute — disse Rokeby. — Aquele dia no estúdio…

— Eu não quero falar sobre isso — interrompeu Strike, desejando que a porcaria do advogado retornasse a ligação.

— Eu sei que agi como um babaca. Eu tinha passado a noite inteira bebendo e usando muita cocaína para tentar acordar, porque tínhamos que gravar. Sabe por que eu estava num estado daqueles? Porque na noite anterior, Jimmy tinha nos contado que contraíra a porra do HIV. Agulhas contaminadas em Chelsea, o idiota. Então Leda apareceu, sem avisar, arrastando você…

— Eu disse a você, não quero…

— Eu me comportei como um babaca e estou admitindo essa porra, está bem? Eu me senti mal depois. Eu não senti orgulho de mim mesmo. Eu deveria ter agido melhor? Claro que sim. Você nunca fez nada do que se envergonhou?

— Muita coisa — disse Strike. — Eu não vim aqui para discutir o passado. Eu não preciso de suas desculpas. Você era o único que poderia me ajudar com isso, ou eu não estaria aqui.

— Você tem o cabelo igual ao de Eric Bloom — comentou Rokeby, olhando para ele. — Você sabe quem é…?

— O vocalista do Blue Öyster Cult, é, e eu tenho esse cabelo por conta do meu avô da Cornualha — disse Strike.

— Bem, como eu poderia saber disso? — questionou Rokeby. — Eu não quero desrespeitá-la, mas ela ia pra cama com todo mundo, e era de Eric que ela realmente gostava, então dá para entender o que eu achei quando você nasceu…

— Eu posso ver como tudo aconteceu — disse Strike, entre os dentes. — Esqueça. Isso não importa.

— Além disso, ela deu a você o nome do meio de "Blue", pelo amor de Deus. O que eu deveria pensar? Você escuta Blue Öyster Cult?

— Quando minha mãe estava viva — respondeu Strike. — Não depois disso.

— Eu não gosto muito deles, mas eram imbatíveis ao vivo. Eram incríveis ao vivo, tenho que reconhecer isso. Leda adorava os shows. Ela costumava me dizer…

— O que você está querendo dizer com "costumava dizer a você"? — perguntou Strike, intervindo contra sua vontade. — Foi uma vez só, certo?

— Claro que não foi uma vez só — disse Rokeby com impaciência. — Vinte vezes. Provavelmente mais. Acontecia sempre que ela estava na área. Leda disse a você que foi só uma vez?

Strike não respondeu. Tudo o que Leda tinha contado a ele sobre sua concepção foi que havia acontecido durante a melhor festa à qual ela tinha ido, nitidamente imaginando que ele veria como fator de orgulho ter iniciado sua existência em um loft em Nova York enquanto estava cercado de astros do rock dos anos 1970 e de sua miríade de agregados. A subsequente raiva dela de Rokeby por sua recusa em reconhecer a paternidade até ser forçado a fazer isso por um teste de DNA significava que ela raramente mencionava seu nome durante a infância de Strike, exceto para falar mal dele.

— Não foi uma vez só e não foi em um pufe no meio da porcaria da sala, nunca — disse Rokeby, irritado. — É como Marianne Faithfull e aquela merda com a barra de chocolate Mars. As pessoas inventam mentiras e querem acreditar nelas. Foi em uma sala lateral e não tinha ninguém assistindo, porque eu não gostava disso nem ela. E eu ia me casar com a maldita Carla no mês seguinte, então obviamente eu tinha que dizer que aquilo nunca aconteceu, não tinha? E aquela festa foi uma noite depois que Leda esteve em um show do Blue Öyster Cult, por isso quando você nasceu com o cabelo igual ao do Eric…

— Tudo bem se pararmos de discutir com quem minha mãe pode ou não ter transado? — resmungou Strike.

— Tudo bem — concordou Rokeby dando de ombros. Ele bebeu mais cerveja, então disse: — Sua mãe era engraçada. Muito engraçada. Eu sempre gostei disso. Eu gosto de uma mulher com senso de humor. Só Deus sabe por que me casei com a maldita Carla, ela é tão engraçada quanto prender o prepúcio no zíper. Afinal, de onde Leda tirou "Strike"?

— Era um cara que chegou à cidade com um parque de diversões — disse Strike. — Ela o deixou uma semana depois de se casar com ele.

— Hum — murmurou Rokeby. — Eu sempre achei que ela tinha inventado isso. Então você usa o nome de um homem que nunca conheceu?

— Eu o uso porque era da minha mãe — respondeu Strike. — Podemos parar c…?

— Escute, eu ouço coisas de outras pessoas — disse Rokeby, inclinando-se para a frente. — Sei que você acha que eu quero ficar bem com a imprensa, dizendo que estamos em contato, mas você está errado. Eu tenho tentado manter os jornais longe de você, porque se eles acharem que você pode acabar comigo, vão correr atrás de você como uns malditos chacais… Quer um sanduíche ou alguma outra coisa? Eu ia sair para jantar antes de Pru ligar e dizer que você estava a caminho. Comer alguma coisa cairia bem.

A aversão de Strike lutou brevemente com sua fome extrema, porque ele tinha deixado Heston sem comer a droga do sanduíche graças àquela situação.

— É, alguma coisa poderia cair bem — disse ele com relutância.

Rokeby tocou a campainha ao seu lado novamente, então falou:

— Pru diz que você não quer filhos.

— Não.

— Eu era novo demais quando tive meu primeiro. Não entendia o que era. Por isso, os que vieram depois, eu mimei. Ed está na reabilitação outra vez — disse Rokeby com um suspiro. — Então, por que esse merda do Culpepper está atrás de você, afinal?

— Eu provei que a mulher dele estava tendo um caso.

— Hum — disse Rokeby, tomando um gole de sua cerveja. — Você está com alguém? Tem uma mulher?

— Não — respondeu Strike.

— Eu lamentei muito quando soube daquela Charlotte.

— É, bem… — murmurou Strike.

— Linda, mas louca — comentou Rokeby. — Eu já passei por isso. Carla era assim. Um dia você acorda e pensa: É, belos peitos e um lindo rosto, mas a porcaria de uma pessoa horrível. Eu, porém, acertei no fim. Jenny e eu estamos juntos desde 1981, sabia disso?

— Sabia, sim — disse Strike, escolhendo não mencionar que algumas pessoas poderiam não considerar o terceiro casamento de Rokeby um triunfo absoluto, levando-se em conta suas infidelidades múltiplas e públicas.

— Ela me deixou três vezes, depois voltou — disse Rokeby. — Nós pertencemos um ao outro, é simples assim. Ela está na Austrália, agora, produzindo um filme…

O celular de Strike tocou e, ao ver o nome de Robin, ele atendeu.

— Oi, está tudo bem?

— Eu estou… bem — disse ela, mas ele pôde ouvir a tensão em sua voz. — Eu estou bem, mas estou em uma delegacia.

— O q…?

— Aquele homem que me ameaçou com o punhal maçônico…

— O quê? — Ele se levantou e se dirigiu à porta da sala de estar, sem conseguir ficar sentado enquanto escutava isso.

— Por favor… *por favor*… não comece a gritar comigo — pediu Robin, e Strike percebeu que ela estava chorando outra vez. — *Por favor.* Eu sei que fiz merda. Eu não vi ninguém atrás de mim no caminho para Beaconsfield, mas deveria ter checado o carro. Ele pôs um rastreador nele.

— Você tem certeza de que está bem? — perguntou Strike, embora nitidamente ela não estivesse nada bem, e ele não soubesse ao certo por que estava dizendo uma coisa tão estúpida.

— Tenho, ele não usou uma faca, ele estava tentando… me sequestrar, ou algo assim, ele entrou no carro…

— Como você sabe que foi o mesmo homem?

— Ele estava usando a mesma jaqueta verde — respondeu Robin, que estava se esforçando para conter o choro. — Mas eu usei o spray, e foi assim que o tirei de cima de mim, e havia um homem descendo a rua que me ouviu gritar e ajudou, ele o arrancou de cima de mim, o segurou no chão e chamou a polícia.

— Meu De…

— Eu terminei de prestar depoimento, e ele está sendo interrogado… acho que isso pode acabar sendo uma boa c…

— Como isso pode ser uma boa coisa?

— *Por favor, não grite comigo!* — gritou Robin.

— Desculpe, desculpe, eu só estou…

— Pelo menos, ele está sob custódia… e Strike, ele tem cabelo encaracolado. Ele pode ser Oz. Pode ser isso. A carteira de habilitação diz que ele é Wade King, mas isso é tudo o que sei até agora. Eu ligo novamente para você assim que souber mais. Querem que eu fique aqui até ouvirem o que ele tem a dizer.

— Está bem — disse Strike. — Em que delegacia você está? Eu vou aí buscar você.

— Está tudo bem, Ryan está vindo me buscar.

— Ok, então, me mantenha informado. Que bom que você tinha esse spray.

— Eu provavelmente vou ter que explicar por que eu o estava levando na bolsa — disse Robin distraidamente. — Só Deus sabe o que vou dizer. Falo com você depois.

Ela desligou, deixando Strike parado no corredor forrado por painéis de madeira, olhando fixamente para uma mandala de borboleta de Damien Hirst sem realmente vê-la. Depois de voltar à realidade, ele retornou para a sala de estar.

— Está tudo bem? — perguntou Rokeby.

— Está — respondeu Strike. — Era minha sócia.

— Robin?

— É.

— Pru gosta dela. Diz que é uma boa pessoa.

— É, sim.

— Pru acha que vocês dois deveriam ficar juntos.

— É mesmo? — perguntou Strike.

— É. Ela acha que você é apaixonado por ela. Mas não conte a Pru que eu contei isso a você, ou ela vai ficar puta comigo.

A porta da sala de estar se abriu para a empregada trazendo uma segunda bandeja, dessa vez carregada com dois sanduíches triplos e novas cervejas.

— Como você…? — Rokeby começou a dizer.

— Eu comecei a prepará-los quando soube que o senhor não ia sair para jantar — disse ela com um sorriso.

— Você vale a porra do seu peso em ouro, Tala — disse Rokeby. — Obrigado, querida.

— Você ainda pode ir jantar — falou Strike. — Não deixe que eu impeça você.

— Eu não queria ir, pra começo de conversa — disse Rokeby com a boca cheia de sanduíche enquanto a empregada ia embora outra vez. — Eu não aguento a merda do meu genro. O novo marido de Dani, mas não conte a Dani que eu falei isso.

— Nós não mantemos contato — revelou Strike.

— Ele é um picão das relações públicas — disse Rokeby. — E um babaca.

O sanduíche de Strike estava muito bom. Os dois homens comeram por um minuto, e Strike de repente percebeu de que lugar a sala de estar de Rokeby o

lembrava: do bar do Ritz em frente ao qual ele e Robin quase tinham se beijado. Então Rokeby falou:

— Quer um conselho?

— Não — respondeu Strike, e Rokeby riu.

— Eu odeio essa merda de conselhos e tudo mais. É por isso que eu não gosto da porra do marido de Dani. Está sempre me contando seu ponto de vista de RP, depois diz: "Essa foi grátis, Jonny." Um dia desses vou perguntar quanto ele cobra para manter a porra da boca fechada. Eu só ia dizer que tudo o que conta, no fim, é você estar com uma pessoa boa. Eu aprendi isso do jeito difícil. E não há tantas pessoas boas por aí como você pode pensar. Não *verdadeiramente* boas.

Por um momento, Strike foi transportado de volta para o funeral de Ted e para Polworth erguendo seu copo de cerveja para o teto. *Homem correto, o Ted.*

— Não perca Robin, se é isso o que você quer — disse Rokeby. — A vida é curta demais.

O telefone na mesa tocou, e ele atendeu.

— Denholm — disse Rokeby, passando novamente o telefone para Strike.

— É Strike — falou o detetive.

— Eu informei ao jornal que podemos fornecer provas indiscutíveis de que você não é o pai — disse a voz de classe alta do outro lado da linha.

— Vou te mandar isso agora.

— Não é preciso, ele aceitou minha palavra — informou Denholm —, o que ele sabe por experiência própria ser a atitude mais sábia e mais barata. Eu também contei a eles que você nunca dormiu com a mulher e que vai tomar medidas jurídicas se for citado. Sobre a outra questão, eles vão conversar com o jornalista antes de decidirem recuar. Eu acho que Culpepper insistiu que a história da mulher era verdadeira, mas, pela quantidade de ameaças fracas que ouvi, acho que o superior dele deve ter tido dúvidas na hora. Eu deixei claro, é evidente, que os danos morais cometidos contra você vão aumentar a cada dia que eles se recusarem a fazer um pedido de desculpas, considerando o prejuízo causado a sua reputação e as consequências para seu emprego.

— Obrigado — agradeceu Strike. — Eu quero que você cobre a mim por isso. Não a meu pai.

— Eu não sou barato — disse Denholm, parecendo estar achando um pouco de graça.

— Parece que os danos morais podem ajudar a pagar a conta.

— Podem — concordou Denholm. — Eu volto a entrar em contato depois que souber da decisão deles sobre a garota Candy, mas a história do bebê está totalmente suprimida. Ela foi retirada do site, e uma reimpressão está sendo preparada.

Pela segunda vez em duas semanas, Strike sentiu uma onda de alívio quase estonteante. Ele devolveu o telefone a Rokeby.

— Ele resolveu?

— Resolveu — disse Strike.

— E a coisa da prostituta?

— Ele está trabalhando nisso — disse Strike. Com alguma dificuldade, ele acrescentou: — Agradeço por isso. Obrigado.

— Eu não fiz nada além de dar um telefonema — falou Rokeby. — Não é grande coisa. Você pode me fazer um favor em retribuição?

— O quê?

— Eu quero manter contato. Não pela porcaria da minha imagem nem por nenhuma dessas merdas. Eu não gosto de não conhecer você. Você é sangue do meu sangue. Eu sei que fui um babaca, está bem? Sei que não posso voltar e agir como papai agora, mas estou velho. Você nunca acha que vai chegar lá, se viveu uma vida como a que eu vivi. Eu deveria estar morto, mas estou velho e não quero morrer sem conhecer você. Você acha que eu não tenho o direito de ter orgulho, talvez, mas eu tenho. Eu tenho orgulho de você.

Os olhos injetados de Rokeby se encheram de lágrimas.

— Você não precisa levar nada, eu não estou tentando comprar você. Sei que você não gostou quando eu ofereci dinheiro antes. Eu só quero conhecer você. Só uma cerveja ou coisa assim, não em nenhum lugar público. Outra cerveja, quando não houver a merda de um jornalista atrás de você. Uma cerveja.

Strike olhou para ele por alguns segundos conflituosos, então disse:

— É, está bem. Vamos tomar uma cerveja.

PARTE NOVE

Raciocinando a partir da direção da caverna, ele chegou à conclusão de que em algum lugar à frente havia aberturas (…).

John Oxenham
A Maid of the Silver Sea

106

Quem sustenta, perguntas, nesses dias ruins, a minha mente?

Matthew Arnold
To a Friend

Apesar do que ela não parava de dizer para Murphy, Robin não estava "bem", "numa boa" ou "totalmente OK". Ela estava constantemente à beira das lágrimas. Não parava de ver o rosto de seu agressor, distorcido pelas estranhas sombras quadradas produzidas pelo ângulo oblíquo das luzes da rua. Ela parecia sentir as mãos fortes estrangulando-a. Engolir era doloroso. Quando olhou no espelho, viu os hematomas cinza-escuros no pescoço; quando tomou banho, viu mais hematomas no quadril e na barriga, onde seu agressor havia se ajoelhado em cima dela. Estava tendo flashbacks com o homem que quase a havia matado quando tinha dezenove anos, a máscara de gorila a centímetros de seu rosto, a mancha branca de vitiligo embaixo da orelha dele, que ela tinha percebido e que o policial em contato com ela posteriormente disse que foi a chave para identificá-lo e condená-lo. A cicatriz de vinte centímetros em seu antebraço parecia formigar, lembrando-a de mais um homem que a atacara saído do escuro.

Se contasse essas histórias para um estranho, iam perguntar como era possível que ela tivesse se envolvido com três homens diferentes com a intenção de estrangulá-la ou esfaqueá-la, e isso antes que mencionasse que tinham apontado uma arma para ela e que tinha sido agredida sexualmente pelo líder de um culto. Iam achar que ela estava mentindo, que estava desesperada por atenção. Era absurdo. Era descabido. Essas coisas simplesmente não aconteciam. E se aconteciam, com certeza não aconteciam todas com a mesma mulher. O que ela estava fazendo para atrair isso? O que havia de errado com ela?

Ela era o elo mais fraco. Ela era a mais fácil de ser intimidada. Pelo resto da

vida, ela ia arrastar consigo sua história de vitimismo, para qualquer um ver e usá-la contra ela.

Robin não podia dizer nada disso para Murphy. Eles não podiam, os dois, estar tendo crises enormes no trabalho ao mesmo tempo. Se ele já estava preocupado com Robin quando ela não tinha contado nem a metade — não, ela não tinha contado um centésimo do que estava acontecendo —, Robin só podia imaginar o que Murphy diria se soubesse que o Jaqueta Verde a havia seguido pelo menos duas vezes antes, a ameaçado com uma faca e, tinha quase certeza, enfiado um pequeno gorila em sua mão na Harrods. Ela não podia contar a Murphy que seu agressor era quase com certeza um dos ex-criminosos de Branfoot, porque isso levava diretamente a Malcolm Truman, à Metropolitana e aos maçons, e se ela lhe contasse que tinha sido seguida por um segundo homem em um Honda Accord, ou sobre as ligações ameaçadoras para o escritório, ele só ia ficar com raiva. *Por que você não me contou?*

E a resposta para isso era simples: ele ia dizer a ela para parar de se traumatizar, para desistir do trabalho que tinha dado a ela a cicatriz e os hematomas, a insônia e os pesadelos, o que ela não duvidava ser o conselho que qualquer pessoa sã lhe daria. Murphy ia querer que ela retornasse ao estado semelhante ao de um eremita em que ela entrara depois do estupro arrasador, quando ficou quase incapaz de sair de casa. Ele não entendia que esse trabalho tinha devolvido a ela um sentido de identidade que ela tinha perdido aos dezenove anos. Além de todos os outros efeitos que o ataque mais recente causara, ela tinha sido forçada a encarar a dura realidade de que preferiria abrir mão de qualquer outra coisa, inclusive de Murphy, à agência. Essa conclusão a deixava com medo de falar com um terapeuta. Ela não queria ter sua escolha de carreira analisada nem reviver o estupro novamente, com uma caixa de lenços de papel a fácil alcance e um psicólogo meneando a cabeça e fazendo anotações.

Strike, enquanto isso, havia insistido, pelo telefone, que Robin tirasse um tempo de folga. Eles discutiram sobre isso. Ela estava morrendo de medo de não conseguir sair de seu apartamento se passasse tempo de mais ali. Finalmente, ela concordou em trabalhar de casa por uma semana.

O que Robin não sabia era que Murphy ligara para Strike no dia seguinte ao incidente em Beaconsfield. A conversa tinha sido rápida e direta. Murphy havia contado a Strike que Robin estava muito mal. Strike respondeu dizendo que

gostaria que Robin tirasse tantos dias de folga quanto quisesse, e que foi ela quem insistiu em apenas cinco dias.

— Ela só teve uma semana livre depois da Fazenda Chapman — disse Murphy em tom acusador.

— O que também foi escolha dela — rebateu Strike.

Mas depois que a ligação terminou, Strike, que estava sentado em seu BMW vigiando o escritório do Duas-Vezes, ficou ainda mais preocupado com a saúde mental de Robin. Ele não precisava que Murphy lhe dissesse que ela deveria ter tirado mais dias de folga no trabalho depois de deixar o culto que tinha investigado no ano anterior nem que lhe ensinasse sobre as realidades do transtorno de estresse pós-traumático, porque ele mesmo tinha sofrido disso.

Ele percebera um tom de posse na voz de Murphy que nunca tinha ficado tão óbvio antes, sem dúvida porque ele e Robin agora estavam oficialmente noivos, e isso tinha feito com que Strike fosse mais breve ao telefone do que poderia ter sido se não fosse o caso. Ainda assim, a ligação tivera o efeito pretendido, que era lembrar a Strike de que ele tinha responsabilidades éticas com Robin, embora ela fosse sócia na empresa, e não mais uma funcionária. Esses pensamentos o levaram a conduzir a conversa seguinte entre ele e Robin com um tato pelo qual Strike sabia não ser muito conhecido. Quando surgiu um pretexto para entrar em contato com ela na quarta-feira, o detetive ligou para a sócia do escritório.

— Eu tenho novidades.

— Ah, bom — disse Robin. — Estou muito entediada, sentada aqui assistindo ao *Orçamento*. — Isso não era totalmente verdade. O chanceler do tesouro estava realmente falando para o Parlamento na tela de TV sem som de Robin, mas, na realidade, ela estava checando um antigo site amador dedicado a supostos avistamentos de Reata Lindvall depois de seu suposto assassinato.

— Bem, primeiro: Barclay flagrou o Duas-Vezes. Fotos dele saindo de um hotel com uma loura de minissaia usando quantidades absurdas de maquiagem.

— Ótimo. Você contou à sra. Duas-Vezes?

— Contei, e acho que ela vai acabar com ele, por isso vai demorar alguns anos até que ele possa se dar ao luxo de satisfazer de novo seu fetiche por vigilância. Mas eu tenho notícias ainda melhores do que essa. Adivinhe quem concordou em se encontrar comigo na sexta-feira?

— Quem?

— O cara engraçado da TV, que vai muito a programas de perguntas e respostas e paga para matarem estrelas pornôs.

— Você está brincando.

— Não. E fica melhor. Ele quer me pagar um jantar no Goring Hotel.

— Por quê?

— Para uma ofensiva de bajulação — disse Strike. — Seus contatos na polícia, a essa altura, devem ter contado a ele que William Wright não era Jason Knowles, então eu diria que ele está ainda mais preocupado que estejamos metidos no caso. Eu liguei para o escritório dele esta manhã e disse que queria conversar com ele sobre a regulamentação do negócio de detetives, depois de seus comentários na imprensa. "Ah, com certeza, que ideia do peru."

— Ele não disse "do peru".

— Disse. E também "esplêndida".

— Você está inventando isso.

— E tem mais — disse Strike. — Eu falei que queria levar minha sócia. Ele disse que seria um prazer.

— Fantástico, eu preciso sair dessa porcaria de apartamento — respondeu Robin com entusiasmo, que era exatamente a reação que Strike estava esperando. — O Goring… não é onde a realeza sempre se hospeda em Londres?

— Acho que deveríamos estar extremamente impressionados.

— Por que ele está tentando nos bajular?

— Imagino que esteja ansioso para se apresentar como um homem que não tem absolutamente nada pessoal contra nós, apenas um interesse profissional na regulação da indústria. Torço para que ele também espere que lhe contemos tudo o que sabemos sobre corpos em cofres de lojas de prataria enquanto estamos comendo nossa lagosta ao Thermidor.

— Eu não gosto de lagosta.

— Então peça e não coma. Ele vai pagar — disse Strike, e Robin riu. — Nós dois devemos nos encontrar antes, no bar, para combinarmos nossa estratégia.

— Ótimo — concordou Robin. — O que você está fazendo no momento?

— De volta à dark web.

— Fazendo o quê?

Strike duvidava que ela estivesse em um estado psicológico apropriado para ouvir que ele estava assistindo a vídeos de execuções do Estado Islâmico outra

vez, então resolveu contar a parte mais palatável da verdade.

— Levei quase doze horas, mas acho que encontrei Rena Liddell pedindo conselhos online sobre como conseguir uma arma. Ela estava chamando a si mesma de Mirbat ali também. Achei que talvez conseguisse encontrá-la em algum lugar. Se ela ia perguntar a mim, um estranho completo, sobre uma arma, por que não tentar na internet? Enfim, ela fez contato com um homem que disse que talvez pudesse ajudar e, despreocupadamente, deu a ele o número de seu celular. Tenho a sensação de que ele não era quem dizia ser. Acho que ele estava ali para preparar uma armadilha para ela.

— Por quê?

— A pontuação e a ortografia eram boas demais, e a pessoa estava fazendo perguntas muito calculadas. Deve ter ficado decepcionada com o que conseguiu dela, porque quando lhe ofereceu a chance de botar as mãos em uma arma, ela começou a perguntar se matar pessoas não era errado, afinal de contas. Não consigo ver que motivos eles teriam para mantê-la à força em um hospital psiquiátrico por muito tempo. Eu deixei uma mensagem no celular.

— Você tem certeza de que ir atrás dela é…?

— Inteligente? Se vai irritar o MI5? Se Ralph Lawrence vai ficar puto por eu não ter fugido quando ele me mandou fazer isso?

— Sim para todas as opções — disse Robin.

— Ele me fez subir no maldito terraço daquele pub para provar um ponto. Eu não estou desrespeitando nenhuma lei ao ligar para um número telefônico.

— Eu sei, mas…

— Ele usa óculos escuros estilo aviador. Caso encerrado.

Contrariando o bom senso, Robin riu outra vez.

— Você conseguiu alguma coisa nova? — perguntou Strike.

— Não muito — respondeu ela, respirando fundo porque queria parecer natural e espontânea quando dissesse a coisa seguinte. — O cara que me atacou em Beaconsfield foi liberado sob fiança.

— Merda — xingou Strike.

Ele sabia que isso ia acontecer, mas lamentava que tivesse acontecido. Strike achava que certos tipos de criminosos eram tratados com leniência de mais pelo sistema de justiça criminal, um ponto de vista formado na adolescência pela visão de seu padrasto sempre cometendo violência, para depois ser liberado sob fiança

em condições que ele ignorava.

— Eles disseram alguma coisa nova a você sobre ele?

— Não muito. Eles ainda parecem achar que ele me atacou aleatoriamente, embora eu tenha contado sobre as outras vezes que o vi…

— "Vezes", plural? — disse Strike rispidamente.

— Por favor, não comece — pediu Robin —, mas eu… eu o vi no sábado, em frente a meu apartamento.

Com imensa dificuldade, Strike se segurou para não perder a cabeça ao se lembrar de que tinha sido um babaca com Robin no sábado, o que supostamente a havia deixado sem vontade de ligar para ele e mencionar que o Jaqueta Verde estava à espreita.

— Então ele sabe onde você mora?

— Sim — confirmou Robin. — Sabe o gorila de borracha e o punhal maçônico que ele jogou na minha direção?

— Sei. Estranhamente, os dois ficaram na minha cabeça.

— Eu guardei os dois em sacos para congelamento em casa. Eu contei à polícia sobre eles, mas ninguém apareceu para buscá-los ainda. Eles parecem estar inclinados a acreditar que ele é um oportunista ou um stalker, e não alguém tentando me impedir de investigar. Eles não se interessaram muito quando eu disse que um homem com a mesma jaqueta esteve em frente ao meu apartamento no sábado.

— Murphy não pode fazer com que eles levem isso mais a sério?

— Ele fez tudo o que podia — mentiu Robin.

— Então isso foi tudo o que disseram para você, que ele saiu sob fiança?

— E que ele mora em uma área de Londres completamente diferente da minha. Acho que eles pensaram que isso fosse fazer com que eu me sentisse mais segura, embora, como ele certamente sabe onde eu moro, não tenha adiantado muito — admitiu Robin. — Enfim, todas as condições habituais para a fiança se aplicam: ele não pode mudar de endereço, não tem permissão de entrar em contato comigo e tem que se apresentar à polícia uma vez por semana.

— É, isso vai detê-lo — disse Strike de um jeito imprudente antes de se lembrar de que essa provavelmente não era uma coisa muito útil de se dizer. — E aquele homem mais velho no Honda Accord? Você tornou a vê-lo?

— Não desde que contei a você sobre ele.

— Certo, precisamos decidir como vamos lidar com essas coisas à medida que avançamos.

— O que você quer dizer com isso?

— Você sabe o que eu quero dizer — disse Strike.

Ele tinha deliberadamente sugerido que ela se juntasse a ele para o jantar no Goring antes de entrar nessa parte da conversa porque queria tranquilizá-la de que ela não estava sendo afastada do caso. A falta de resposta do outro lado do telefone indicou a Strike que Robin esperava ansiosa para ouvir o que ele estava prestes a dizer, mas o momento para evasivas e cautela tinha acabado. Ele não ia ficar com tanta raiva quanto tinha ficado em Ironbridge, mas também não ia evitar o que sabia ser seu dever, mesmo que Robin não gostasse disso. A notícia de que o homem da jaqueta verde tinha sido mais persistente do que Strike soubera previamente tinha mais do que confirmado sua opinião de que era preciso adotar medidas de segurança mais rígidas.

— Alguém, provavelmente Branfoot, está tentando nos assustar, e você é o alvo deles — disse Strike.

— Porque eu sou…

— Porque eles acham que identificaram uma vulnerabilidade — disse Strike com firmeza. — E quando seu adversário identifica uma vulnerabilidade, você não continua a apresentá-la para ele, você *a protege*. Você é literalmente a melhor com quem eu já trabalhei. *A melhor*. Mas você não teve problemas para me dizer que eu não estava pronto para o trabalho quando eu estava de muletas, e estou fazendo o mesmo. Nada de transporte público, nada de lugares vazios e, *especialmente*, mais nada de excursões noturnas sozinha. *Nada disso*, até termos fechado este caso.

— Mas… — começou Robin, cujos olhos se encheram de lágrimas quando Strike disse que ela era a melhor com quem ele já tinha trabalhado.

— Não tem nenhum "mas" — insistiu Strike. — Nós já tivemos essa discussão antes. Se você não está abalada por tudo isso, deveria muito bem estar. Isso não significa que você não pode trabalhar, só significa que vai trabalhar de forma diferente por um tempo.

— Mas, Strike, eu não posso parar de trabalhar à noite. Se Plug e seus amigos estão planejando vingança contra aquele homem na Carnival…

— Não aconteceu nada até agora, e isso pode ter sido apenas conversa fiada e

mentiras. Olhe — disse Strike, e lhe custou algum orgulho admitir que ele tinha se lembrado das exatas palavras dela: — Você me disse que 'não queria me perder'. *Eu* não quero perder *você*.

Embora Strike dessa vez não conseguisse escutar, porque ela estava com a mão sobre a boca, Robin estava chorando novamente. As lágrimas quentes escorreram pelos seus dedos, e ela não confiou em si mesma para falar.

— Eu não contei a você — disse Strike. — Eu estava no Rokeby quando você ligou na sexta-feira.

— Onde? — perguntou Robin, com a voz levemente tensa.

— No Rokeby — repetiu Strike.

— O que é isso? Um restaurante? — disse Robin, se esforçando para parecer normal.

— Não, na *casa* de Jonny Rokeby — disse Strike. — O homem que contribuiu com metade de meu DNA. Meu pai, se você preferir.

— *O quê?* — disse Robin, a informação tendo exatamente o efeito perturbador que Strike esperava que teria. — Você… *o quê?* Por quê? Como?

Quando Strike terminou de explicar, Robin disse, atônita:

— Você disse que ia sair para tomar uma cerveja com ele?

— Não tive muita escolha, tive? Não depois que ele me tirou daquele buraco. Se você verificar o jornal hoje, vai encontrar uma retratação e um pedido de desculpas em relação a Candy. Eles enterraram isso na página dezesseis, mas mesmo assim.

— Uau — disse Robin, que tinha enxugado o rosto com a manga e estava se sentindo, mesmo depois da imposição das novas condições de trabalho, muito melhor do que estava no início da conversa. Era estranhamente consolador ser lembrada de que Strike também tinha cometido erros de julgamento que haviam ameaçado não apenas sua paz de espírito, mas sua capacidade de fazer seu trabalho. — O que você achou dele? — perguntou ela. — Quero dizer, de se encontrar direito com ele pela primeira vez?

— Gostei dele um pouco mais do que achava que gostaria — admitiu Strike. — Ele foi mais honesto do que eu esperava sobre sua vida. Eu não teria me dado ao trabalho de me encontrar novamente com ele se ele tivesse apenas puxado conversa em um bar. Mas ele foi legal.

— Isso é bom — disse Robin. — E fico muito satisfeita com o pedido de

desculpas em relação a Candy — acrescentou ela, fazendo uma anotação mental para chamar a atenção de sua mãe para isso.

— Enfim — falou Strike —, quero que você pegue um táxi para ir e voltar do Goring na sexta-feira, está bem? E tem uma coisa que você pode fazer de casa que eu não tive tempo de fazer. Tenho procurado no "A verdade sobre os maçons" e no "Abusados e Acusados" nomes de usuário, perguntas ou detalhes pessoais que apareçam nos dois sites, prestando atenção especial a qualquer um que tenha publicado antes ou perto de junho do ano passado, mas não encontrei nada. Eu gostaria que você fizesse uma busca minuciosa e sistemática.

— Nós não sabemos se Wright publicou em algum desses sites — disse Robin, que desconfiou que estivesse recebendo uma tarefa que provavelmente não teria resultados, mas que ia mantê-la em segurança e ocupada em seu apartamento. — Ele pode apenas ter dado uma olhada. E qual é a probabilidade de ele ter usado o mesmo nome de usuário nos dois lugares?

— Se ele era inteligente, não vai ter feito isso — admitiu Strike —, mas vale a pena tentar.

— Tudo bem — cedeu Robin com um suspiro. — Eu vou dar uma olhada.

— Eu também ficaria grato se você botasse um pouco mais de pressão em Tish Benton, porque estamos completamente parados em relação a Fleetwood.

— Eu tenho ficado de olho no Instagram dela — contou Robin. — Ela está se divertindo muito viajando pelos hotéis Clairmont.

— Você disse Clairmont? — perguntou Strike.

— É. Você sabe, é uma enorme rede de luxo. Estava na hashtag de uma das fotos que mostrei a você no Instagram dela.

— Ah, eu deveria ter registrado isso.

— Por quê?

— O bisavô de Charlotte era o dono do hotel original. O nome de nascimento da mãe dela era Tara Clairmont. Eu acho que ela ainda está no conselho-diretor da empresa.

— Ah — murmurou Robin.

— O que parece uma coincidência estranha — disse Strike, mas, como Robin não comentou nada, ele falou que tinha que ir e desligou, perguntando-se por que ela não tinha contado a ele que havia ficado noiva e chegando à conclusão de que ela provavelmente estava esperando para lhe contar pessoalmente.

A menção a Charlotte deixou Robin com uma estranha sensação de aperto no peito que ela não conseguiu explicar, mas não teve muita vontade de investigar. Ela parecia ser uma massa de nervos hipersensíveis que precisava muito se aprumar, parar de ser tão frágil e inquieta, especialmente quando Strike tinha conseguido fazer com que ela se sentisse melhor. Apesar disso, ela chorou mais depois que ele desligou. Após ir cambaleante até a cozinha buscar toalhas de papel nas quais enxugar os olhos e assoar o nariz, ela disse a si mesma que o verdadeiro problema era que estava cansada, então voltou para o sofá e para o site sobre Reata Lindvall, que não era atualizado havia muitos anos.

A chamada no alto da página dizia: ERIC MAES CUMPRIU DEZ ANOS POR UM CRIME QUE NÃO COMETEU.

Na verdade, Maes agora tinha cumprido dezesseis anos pelo duplo assassinato de Reata e sua filha. A foto dele mostrava um homem de aparência raivosa com o queixo prógnato, sobrancelhas pesadas e um rosto de aparência suja devido à barba por fazer; ele de fato se parecia muito com um assassino de duas pessoas.

Embaixo de sua foto de ficha policial, havia outras. Na esquerda, havia fotos verdadeiras de Reata, na direita, fotos supostamente mostrando-a em diversos lugares do continente depois de sua suposta morte.

Vista em um bar de Ossendorf, junho de 1999. Cabelo obviamente pintado, mas vejam a forma das sobrancelhas, uma mais alta do que a outra. Ossendorf, uma hora de carro de Liège!!!!!

Setembro de 2001 no lobby de um hotel em Dortmund — Lindvall prestes a entrar no elevador, cabelo novamente pintado.

25 de abril de 2002. Ganhou MUITO peso e cortou o cabelo, mas o perfil direito é EXATAMENTE IGUAL.

Também havia uma foto mostrando Jolanda com cerca de três anos, de cabelo escuro, diferente da mãe, que era loura, sentada no colo de Reata. As duas estavam sérias, atentas, seus olhares fixos na mesma direção. A falta de sorrisos nos rostos de ambas era considerada prova esmagadora da indiferença de Reata em relação à filha por quem quer que tivesse legendado a foto: *"Uma mãe amorosa." É o que parece, não é?*

As últimas fotos tinham sido escolhidas para "provar" como Reata ficava mais feliz na ausência de Jolanda. Uma mostrava Reata usando um minivestido e

dançando ao som de uma banda em um clube cheio, semelhante a uma caverna, em Liège, com o cabelo louro esvoaçante.

Ele disse que ela parecia com uma garota sueca que ele conhecia…

Robin saiu desse site e foi para o site beneficente sobre pessoas desaparecidas no qual ela tinha descoberto Sapphire Neagle. A garota ainda não havia sido encontrada.

Com um suspiro, Robin foi pegar café e biscoitos. Ela sentia que precisaria se alimentar se fosse passar dias tentando descobrir se alguém, entre as centenas de usuários do "A verdade sobre os maçons" e do "Abusados e Acusados", tinha alguma conexão, por mais remota que fosse, com um de seus candidatos a William Wright.

107

Se ela tivesse desejado, a barreira ainda estaria de pé,
Tão delicada, tão segura, entre meu amor e ela:
Eu poderia fixar seu rosto com uma proteção entre nós,
E encontrar sua alma, como quando amigos conversam,
Amigos — amantes que poderiam ter sido.

Robert Browning
By the Fire-Side

O ajuste na agenda de trabalho de Robin teria tornado extremamente difícil para a agência cobrir todos os serviços do momento se eles não tivessem solucionado o caso do Duas-Vezes. Strike pediu a Wardle que priorizasse descobrir qualquer coisa que pudesse sobre o Jaqueta Verde, também conhecido como Wade King e, enquanto isso, ele mesmo estava adiando pegar o próximo cliente da lista de espera, um homem que temia que sua mulher, uma funcionária pública de alto escalão, o estivesse traindo.

— Nós deveríamos tentar trabalhar com mais inteligência, em vez de só pegar mais trabalho — disse Barclay, quando os caminhos dele e de Strike se cruzaram no escritório na quinta-feira.

— Como se isso alguma vez tivesse funcionado — resmungou Strike.

Na sexta-feira à tarde, Strike voltou para seu apartamento no sótão, depois de várias horas vigiando Plug, que ainda estava — o que era de enfurecer — solto, e vestiu um terno para jantar com lorde Oliver Branfoot. Enquanto fazia o nó na gravata, ele lembrou a si mesmo que precisava agir melhor do que tinha agido em toda a sua vida quando Robin lhe contasse que estava noiva.

— Parabéns — murmurou ele em voz alta, enquanto olhava para o espelho do banheiro, que era o único que tinha. Seu reflexo parecia estar anunciando uma

morte.

Wardle ligou enquanto ele estava descendo a escada de metal na direção da rua.

— Consegui informação sobre Wade King.

— Excelente. O quê?

— Trinta e seis anos, era motorista de caminhão que fazia viagens longas até alguns meses atrás. Atualmente desempregado, mora com a namorada em Rainham e tem um filho. Um vizinho desconfia de que ele cometa abusos domésticos; a namorada usa muito óculos escuros.

— Algum antecedente?

— Agressão qualificada quando tinha vinte e cinco anos. Nada desde então. Nunca foi preso.

— Alguma ideia de como ele perdeu o emprego?

— Não — respondeu Wardle. — Mas ele trabalhou para a empresa por cinco anos antes de ser demitido.

— Interessante — comentou Strike.

Não foi uma grande surpresa descobrir que King era violento, mas Strike tinha esperado ouvir que o homem era muito jovem, vivendo em algum tipo de muquifo, desesperado por dinheiro e recém-saído da cadeia: em suma, exatamente o tipo de jovem que lorde Branfoot poderia usar como capanga. Por que um homem que até recentemente tinha emprego fixo, ainda que o houvesse perdido, sem falar em uma parceira e um filho em casa, tentaria sequestrar uma mulher apenas por dinheiro? E ele era motorista de caminhão que fazia viagens longas… o falecido Todd também tinha um emprego de motorista de longas distâncias do qual havia sido demitido. Isso poderia ser coincidência?

Enquanto Strike seguia de táxi na direção do Goring, um dos poucos hotéis cinco estrelas de Londres que nunca tinha visitado, ele se viu pensando mais uma vez sobre o misterioso Oz. Talvez, como Robin tinha sugerido, King *fosse* Oz? Será que a polícia havia acabado de prender e então soltar o homem que Strike acreditava ter matado pelo menos quatro pessoas em menos de um ano? Ele pegou um bloco de anotações e escreveu para si mesmo um lembrete para descobrir, se possível, onde Wade King estava quando William Wright e Sofia Medina foram assassinados.

Ao chegar ao bar do Goring, ele encontrou Robin já sentada a uma mesinha

redonda ao lado da lareira de mármore, com gravuras botânicas emolduradas sobre o papel dourado da parede atrás dela, que estava mais bonita do que nunca (o que não facilitava em nada as coisas), com o cabelo louro-avermelhado limpo e solto e usando um vestido justo de gola alta rosa-escuro, que Strike achou sexy por sua aparente discrição. Quando se aproximou dela, Robin largou a mesma revista que ele tinha lido no Savoy, com Cosima Longcaster soprada pelo vento na capa.

— Oi — disse ele, puxando uma poltrona de veludo para sentar-se, e acrescentou, pois o que isso importava agora? — Você está ótima.

— Eu achei que deveria me esforçar — respondeu Robin, tentando não fazer muito caso do elogio, embora ele a tivesse agradado. Em vez de admitir que tinha escolhido o cor-de-rosa em vez da versão preta do vestido por causa do conselho de estilo não solicitado de Dino Longcaster, ela disse: — Eu o comprei online, porque precisava de alguma coisa para cobrir o pescoço.

— Ah — murmurou Strike. — Marcas?

— Acredite em mim, você não ia querer ver o que está por baixo.

Me teste, pensou Strike.

Ela entregou a ele o menu com a mão direita, mas a esquerda estava fora de vista.

— Você já pediu? — perguntou Strike.

— Ainda não. Vou beber alguma coisa não alcoólica.

Depois de pedir ao garçom um uísque e um coquetel sem álcool, Strike se virou para ver Robin afastando o cabelo do rosto com a mão esquerda, que não tinha nenhuma joia. Robin, que percebeu seu olhar penetrante, verificou as costas da mão para conferir se havia alguma coisa ali que ela não tivesse percebido: marcas de máscara para os cílios, por exemplo, sobre as quais ele não tinha informado a ela em Ironbridge.

— Alguma razão em especial para não beber? — ele quis saber, perguntando-se se a abstinência de álcool era concomitante com a coleta de óvulos.

— Só não estou com vontade — respondeu Robin, optando por não dizer que queria estar no controle completo de suas faculdades mentais. Ela ia pegar um táxi para casa, mas ainda teria de andar entre a calçada e a porta. — Por quê?

Strike de repente resolveu levar a batalha para território inimigo.

— Wardle me contou que Murphy teve uma recaída.

— Ah — murmurou Robin, longe de estar satisfeita por Strike saber disso. Ela queria uma distração, não discussões sobre seu relacionamento. — Bem, é, ele teve uma recaída quando as coisas estavam muito complicadas para ele no trabalho. Mas já voltou para o AA. Ele está indo bem.

— Certo — disse Strike. — Vocês ainda vão morar juntos?

— Na verdade, não — respondeu Robin. — Nós perdemos a casa.

— Ah… Ainda estão procurando, então?

— Isso, por enquanto, está suspenso, com todas as outras coisas pelas quais estamos passando. Enfim — disse ela, nitidamente evitando insistir nesse assunto —, encontrei uma pessoa no "Abusados e Acusados" que também publicou no "A verdade sobre os maçons"; isso, ou foram duas pessoas usando o mesmo nome de usuário.

— Sério? — perguntou Strike, surpreso. — Qual o nome?

— Austin H — informou Robin.

Sem qualquer lógica, a palavra "fuzz" surgiu na mente de Strike; por que, ele não sabia, mas, antes que pudesse se aprofundar no assunto, uma voz masculina grave e afetada disse:

— Olá, olá!

Strike e Robin ergueram os olhos para ver lorde Oliver Branfoot, alto e gorducho, com o cabelo despenteado, os olhos caídos que eram sua marca registrada e um sorriso cordial curvando seus lábios cheios.

Ao lado dele, em um vestido preto justo na altura do joelho, estava Kim Cochran.

108

Mas a vingança viaja de um jeito perigoso,
Com questões duplas, cheia de armadilhas e ciladas
Para todos que passam, perseguidores e perseguidos —
Esse caminho é duvidoso para as orações de uma mãe.

Matthew Arnold
Merope: A Tragedy

A entrada de Branfoot fez uma onda de animação percorrer o salão. Muitas cabeças se viraram, e a maioria das expressões era divertida.

Strike foi o primeiro a se recuperar da surpresa de ver Kim. Quando ele se levantou para aceitar o aperto de mão de Branfoot, seus processos mentais pareceram se acelerar, como costumavam fazer quando ele estava sob pressão. Ele viu disposta a sua frente, como uma sequência de dominós caindo, a trilha de acontecimentos que teria juntado aquela dupla — ele teve certeza de que tinha sido Kim quem havia iniciado o contato, e Branfoot quem aceitara alegremente a assistência dispendiosa da agência Navabi para neutralizar a ameaça que era imposta a ele por Strike e Robin.

Robin sentiu a bolsa escorregar do colo e se abaixou para pegá-la, grata por ter uma razão para esconder o choque que ela sabia ter transparecido em seu rosto.

— Acho que você e a srta. Ellacott já conhecem a srta. Cochran.

— Ah, conhecemos — respondeu Strike.

Nem Kim nem Strike estenderam a mão um para o outro.

— Pou favou, não deixem que apuessemos vocês — disse Branfoot animadamente quando Strike esvaziou seu copo de uísque.

— De jeito nenhum — disse Strike. — Estamos prontos para nosso jantar.

Robin, que tinha pegado a bolsa, levantou-se sabendo que provavelmente sua

aparência denunciava como estava se sentindo: definitivamente irritada.

— Os fotóguafos da impuensa não fazem justiça a você, srta. Ellacott — disse o sorridente Branfoot.

Robin permitiu com relutância que Branfoot apertasse sua mão. Esse era o homem que tentara matar Danny de Leon e que estava fazendo todo o possível para sabotar sua agência: seus elogios tornaram ainda mais graves as lesões escondidas pelo vestido cor-de-rosa.

— Vamos, então? — disse Branfoot, acenando com um braço comprido na direção do corredor.

Mais cabeças se viraram quando os quatro se dirigiram para a porta, e Branfoot retribuía todos os sorrisos que recebia, cumprimentando alguns com uma meia saudação. Kim caminhava ao lado dele, sem olhar nem para a esquerda nem para a direita, seus saltos três centímetros mais altos do que os de Robin e o cabelo impecavelmente penteado. Robin olhou de lado para seu sócio, tentando avaliar a reação dele a essa situação inesperada, mas a expressão de Strike não revelava nada. Ao mesmo tempo, a mente de Robin se acelerou, e uma suspeita se abateu sobre ela enquanto andava atrás de Kim, e, quanto mais pensava nisso, mais segura ficava de estar certa.

Conforme andavam pelo lobby, com seu papel de parede decorado com palmeiras, um senhor idoso deu um grito de prazer ao ver Branfoot e parou para apertar sua mão.

— Nós precisamos de você de volta! — disse ele a Branfoot com sinceridade, enquanto sua mulher permanecia ao seu lado, sorrindo de um jeito nervoso. — Você ia ganhar fácil!

— *Aut viam inveniam aut faciam* — disse o risonho Branfoot. — Fiquem atentos.

Quando os três detetives e Branfoot entraram no salão de jantar grande, imponente e de paredes brancas, com lustres e um carpete vermelho, Strike falou:

— Se me dão licença um instante, eu preciso dar um telefonema rápido.

— É claro — disse Branfoot com um sorriso afetado.

Ignorando completamente para quem Strike ia ligar e por quê, ou até se ele ia mesmo dar um telefonema, Robin foi conduzida, ao lado de Branfoot e Kim, até uma mesa redonda em um canto com uma toalha branca como neve. O ar deferente do garçom tinha o mesmo toque de divertimento antecipado

demonstrado por outras pessoas que tinham reconhecido Branfoot. Era como se ele fosse o amigo cuja chegada é saudada com prazer em uma festa; a diversão estava prestes a começar.

— *Bem* — disse Branfoot. — É um prazer conhecer você, srta. Ellacott. Se me permite dizer, tenho o *maiou uespeito* pelo que você fez em relação àquele culto terrível no ano passado. Esse foi mesmo um empreendimento nobre.

— Obrigada — disse Robin.

— Jovens são vulneráveis de maneiras que a sociedade frequentemente ignora… rapazes em particular. O que seria um desejo saudável por uma *causa*, por um serviço, por uma missão, leva muitos rapazes para o mau caminho, e o que você fez foi ainda mais impressionante se levarmos em conta que você não tem treinamento formal no trabalho policial, tem?

— Bem, eu agora já estou nesse trabalho há sete an…

— Você, na verdade, não era *secuetária* do sr. Strike?

— Não exatamente. Eu tive um emprego temporário na agência…

— Temporário, é, foi isso o que eu quis dizer — falou Branfoot alegremente. — Um progresso de carreira incrível! E, levando em conta sua história pessoal, você demonstrou uma coragem realmente *extuaordináuia.*

Robin poderia ter perguntado: "Que história pessoal?", mas não confiava em si mesma para fazer isso. Branfoot poderia estar falando sobre o ferimento de faca no seu antebraço direito, que tinha saído na imprensa, mas se Strike estivesse certo em sua teoria de que o Jaqueta Verde era um dos jovens criminosos de Branfoot, então o homem sabia sobre seu estupro. Ela pegou pão e ficou com raiva ao ver seus dedos tremendo.

— Fiquei sabendo que você está romanticamente envolvida com um policial do Departamento de Investigação Criminal, é isso mesmo? — insistiu Branfoot.

— Eu preferia não falar sobre minha vida pessoal, se não se importar — disse Robin com firmeza.

— Ah, normalmente eu concordaria que segredos de alcova devem permanecer particulares — respondeu Branfoot, ainda sorrindo —, mas o sr. Strike quer falar sobre regulação na sua indústria, e é *exatamente* a sobreposição turva de investigadores regulados e não regulados que me preocupa. Na verdade, sei que isso também preocupa a própria polícia.

Robin olhou para Kim do outro lado da mesa.

— Diga a Navabi que o homem no Honda Accord é muito ruim.

— Como? — perguntou Kim com frieza.

— O detetive particular no Honda Accord, o homem grisalho com o nariz pequeno. Você deveria dizer a Navabi que eu o vi diversas vezes.

— Desculpe, mas não sei do que você está falando — respondeu Kim, mas um leve rubor pareceu indicar que o tiro de Robin tinha acertado o alvo.

Strike, enquanto isso, estava andando de um lado para outro na calçada em frente ao hotel enquanto concluía uma conversa urgente com Wardle.

— Eu preciso de um nome — disse Strike —, e rápido, ou estamos fodidos.

— Eu retorno assim que puder — falou Wardle e desligou.

Strike, então, ligou para Fergus Robertson.

— Ora, ora, ora — disse ele, atendendo quase imediatamente. — Eu ia ligar para você quando recebi…

— Danny de Leon entrou em contato?

— Esta manhã — disse Robertson, baixando sua voz alegre —, e eu devo muito a você por isso. Vou viajar para Channel Islands na segunda-feira e entrevistá-lo pessoalmente. Nós vamos precisar de confirmação, é óbvio, mas isso pode ser enorme…

— Então a reportagem não está prestes a ser publicada?

— Pelo amor de Deus, Strike, você não pode botar uma coisa dessas no jornal sem que ela passe pelo departamento jurídico!

— Então você precisa colocar alguém com uma câmera em frente ao apartamento do Branfoot na Black Prince Road esta noite.

— Por que, o que…?

— Nada, ainda, mas aposto com você que antes do fim da noite ele vai ter enviado capangas para remover o equipamento de filmagem e talvez o espelho transparente.

— Espere… você vai *alertar* o escroto?

— Se De Leon tivesse falado quando eu disse para ele fazer isso, você já teria publicado seu furo, e eu não estaria sentado em frente ao filho da puta a uma mesa de jantar — disse Strike com raiva. — Eu estou fazendo um favor a você: se quer salvar sua matéria, mande alguém para a Black Prince Road. Tenho que desligar. Estou esperando uma ligação.

Ele desligou e continuou a andar de um lado para o outro, observado pelo

porteiro de chapéu-coco do Goring, mas transcorridos mais de cinco minutos, Wardle não tinha retornado a ligação. Decidindo que não podia mais deixar Robin sozinha com Branfoot e Kim, Strike subiu a escada e voltou a entrar no hotel.

— Ah, aí está ele! — disse Branfoot quando viu Strike se dirigindo a sua mesa. — Vamos pedir antes de falarmos de negócios? *Cenabis bene, mi Fabulle!*

— Mas Catulo queria que Fabullus fornecesse a comida e a bebida — disse Strike, sentando-se. — Eu achei que você fosse pagar.

Isso provocou uma risada de surpresa em Branfoot.

— Ele também queria que Fabullus providenciasse uma garota, "bonita e disposta", é claro, mas sim, sr. Strike, eu vou pagar. Então você conhece Catulo?

— Um pouco — disse Strike.

— Por sorte, nossos amiguinhos horríveis do *politicamente coueto* nunca o leram, não é? Eles estariam queimando nossas bibliotecas.

Branfoot continuou com a saraivada de conversa animada enquanto os quatro consultavam seus menus.

— Eu recomendo muito o frango recheado com trufas. Não fiquem acanhados. Eu mesmo vou começar com o caviar, as ostras aqui também são maravilhosas…

Depois que a comida foi pedida e o sommelier foi despachado após uma conversa bem longa com Branfoot, este último disse:

— Você também fala latim, srta. Ellacott?

— Não — disse Robin.

— *Pedicabo ego vos et irrumabo, Aureli pathice et cinaede Furi*… Essas são as linhas de abertura do Poema Dezesseis, no qual Catulo ameaça sodomizar Aurelius e estuprar oralmente Furius porque eles ridicularizaram seus poemas sentimentais — disse Branfoot. — O único jeito adequado de lidar com os críticos, não acham?

— Eu submeteria isso a um grupo focal antes de transformá-lo em sua plataforma eleitoral — disse Strike, e Branfoot riu novamente. — Aonde chegamos, até agora? — Strike perguntou para a mesa como um todo.

— Nós mal tocamos no assunto — respondeu Branfoot com o leve sorriso afetado que Robin tinha percebido nunca deixar totalmente seu rosto. — Eu estava parabenizando a srta. Ellacott pelo papel importante que sua agência teve no fechamento da IHU e esbocei algumas de minhas preocupações em relação ao

negócio de detetives particulares. A srta. Ellacott foi muito reservada.

— Certo — disse Strike. — Bem, tenho certeza de que você é um homem que aprecia uma conversa franca, então vamos direto ao ponto? Você ficou muito interessado por nós logo depois que começamos a investigar o corpo encontrado, no verão passado, na Ramsay Silver.

— Esse é o caso para o qual você foi contratado por Decima Mullins?

Robin sentiu um temor repentino que nada tinha a ver com seus próprios problemas.

— Você contou tudo para ele, não foi? — disse Strike para Kim, em cujo rosto surgiu um delicado sorriso felino. — Você quebrou o compromisso de confidencialidade?

— Farah e eu resolvemos que deveríamos investigar Decima Mullins depois que eu deixei a agência — disse Kim. — Você nunca me contou que ela tinha tido um bebê que está tentando esconder. Eu não me comprometi a manter *isso* sob sigilo.

— Sua vadia — disse Robin, pegando Strike de surpresa. Kim deu um sorriso mais largo, e Branfoot riu.

— Um bebê, com certeza, é motivo de celebração — disse ele.

— Exceto pelo fato de que ela está perdendo a cabeça, assim como seu restaurante — disse Kim —, e vocês dois estão tirando dela até o último centavo enquanto fazem excursões e vigilâncias inúteis, fingindo investigar de quem era aquele corpo. Ela foi ao pronto-socorro há dois dias, convencida de que o bebê estava doente porque não parava de chorar. É essa mulher que vocês estão explorando. E vocês estão em conluio para esconder a criança. Acho que sabiam que, se alertassem o serviço social, teriam compartilhado a situação com quem teria impedido que vocês continuassem a tirar o dinheiro dela.

— Belo ângulo — disse Strike admirado. — É, posso ver como a imprensa poderia distorcer isso. Dona de restaurante famoso, com um bebê secreto, iludida em relação ao ex-namorado, detetives que rendem notícias se aproveitando dela… Nada mal.

O vinho chegou. Quando Robin o recusou, Branfoot deu um grito abafado.

— Acredite em mim, nunca vi ninguém que recusasse um Montrachet 1992. Pelo menos, assim sobra mais para nós, hein, sr. Strike? Ou posso chamá-lo de Cormoran?

— Esteja à vontade.

Depois que o sommelier foi embora, Strike disse:

— Então, qual o acordo? Nós paramos de investigar o corpo no cofre, e vocês não falam sobre Decima e o bebê com a imprensa?

— Eu não tenho nenhum interesse *pessoal* na questão, vocês entendem — disse Branfoot —, mas isso é *exatamente* o tipo de coisa que eu sinto que deveria ser regulada mais estritamente. Exploração financeira de pessoas vulneráveis, preços exorbitantes por muito pouco ganho, uma atitude extremamente frouxa em relação à proteção infantil… Agora, eu não nego que vocês dois fizeram coisas dignas de elogios, mas, para ser totalmente franco, tenho contatos excelentes na polícia por meio da minha fundação beneficente, e corrija-me se eu estiver errado, mas você foi interrogado recentemente sobre corromper testemunhas oferecendo dinheiro, o que faz, é claro, com que suas provas sejam suspeitas no tribunal.

— Bem, parece que você nos pegou de jeito — disse Strike. — Isso é tudo?

— Não exatamente — disse o sorridente Branfoot. — O namorado da srta. Ellacott… peço desculpas por tornar a falar dele…

Três *amuse-bouches* então chegaram para cada um deles. O garçom fez descrições cuidadosas de cada um, mas Robin não ouviu nem uma palavra. Ela estava um pouco enjoada. Se a carreira de Murphy fosse destruída por sua associação com ela…

— Onde eu estava? — perguntou Branfoot, depois que o garçom tornou a se afastar. — Ah, é, o detetive Murphy. É, desculpe por ter que mencionar isso, mas é relevante. Ele está enfrentando muitos problemas no trabalho, não está? Com a bebida e a prisão equivocada? E tem passado informações para vocês por baixo dos panos, para piorar.

— Não — disse Robin. — Ele não fez isso. A única pessoa que nos passou informações confidenciais que não deveria ter está sentada bem à minha frente.

Branfoot riu.

— Dá para perceber que você não está na política, srta. Ellacott. O agente Murphy passa no teste de credibilidade? O público não gosta de policiais que fazem prisões erradas, são violentos com suspeitos e vazam informações sobre casos de homicídio para qualquer mulher bonita com quem estiverem dormindo… e isso antes de chegarmos às alegações de beber durante o trabalho.

Então, se você me perdoar por dizer isso, acredito que a imprensa vai achar que seu namorado é um pouco suspeito.

— Bem, vocês com certeza parecem ter coisas que nos incriminam — disse Strike. Ele se virou para Kim: — Você pegou alguém bom em Lambeth ultimamente?

— O quê? — perguntou Kim.

— Alguém puxou conversa com você nas proximidades do escritório de lorde Branfoot? Alguém que tem um apartamento na Black Prince Road?

O rosto de Kim ficou estranhamente inexpressivo. Ela encarou Strike, e Robin, embora soubesse que deveria lamentar uma coisa dessas, se viu torcendo para que Kim realmente tivesse permitido ser convencida a ir até aquele apartamento. Então ela olhou para Branfoot.

A máscara do bufão cordial tinha derretido. Os olhos dele ardiam escuros no rosto de gnomo geralmente cômico, e de repente ficou fácil imaginá-lo entregando um envelope de dinheiro para um criminoso jovem e perigoso, e dizendo a ele que queria um segundo jovem assassinado. Mesmo assim, ela achou ler cálculo em vez de pânico na expressão de Branfoot. Talvez ele estivesse lembrando a si mesmo da grande quantidade de advogados, políticos, maçons e contatos na imprensa à sua disposição se o perigo que ele tinha acabado de vislumbrar ficasse sério, da mesma forma que Robin tinha encontrado segurança na sensação do spray de pimenta em sua bolsa.

O celular de Strike apitou. Ele o pegou do bolso e viu uma mensagem de Wardle com apenas duas palavras:

Ed Billings

Ele tornou a guardar o celular no bolso. O garçom reapareceu para levar os pratos nos quais os *amuse-bouches* tinham chegado. Então Strike falou:

— Uma das "excursões" que a srta. Cochran acabou de mencionar que nós fizemos foi para a ilha de Sark, embora você vá gostar de saber que não cobramos a srta. Mullins por isso. Você já foi a Sark?

Branfoot não respondeu. Sua imobilidade repentina e incomum era menos a de uma presa do que a de um carnívoro se preparando para atacar.

— Lugar interessante — comentou Strike. — Muita coisa para ver. E adivinhe

quem nós encontramos lá? Um conhecido seu.

Strike pegou um pãozinho. O silêncio não foi interrompido até as entradas chegarem.

Havia um zelo muito grande na montagem das partes componentes do caviar de Branfoot. Strike, que tinha pedido cavala da Cornualha, havia comido alguns bocados no tempo que levou para o garçom colocar as claras de ovo, os blinis, a cebola crua e o caviar, para a satisfação simétrica do lorde. Quando o garçom finalmente foi embora, Strike disse para Branfoot:

— Eu pagaria mil libras para ouvir seu assassino explicar por que teve que matar De Leon no cofre de uma loja de prataria maçônica. Qual era a intenção dele, tentar fazer com que parecesse uma jogada complexa? Excesso de violência maçônica; é útil você ser maçom... Vai conseguir detê-los? Não me entenda mal, isso se encaixa. Eu considerei seriamente a possibilidade de você estar tentando dar um blefe duplo, sobretudo por estar se comportando como um homem que acreditava que seu assassinato deu certo. Mas uma longa experiência investigativa me levou à conclusão de que se você conversou cara a cara com um homem, ele com certeza não está morto.

Robin teve de admirar o sangue-frio de Branfoot. Parecendo inabalado, ele estava empilhando caviar em um blini. Kim, por outro lado, não tinha tocado em sua terrine apimentada de pato.

— Se você estava pensando em mandar um segundo assassino atrás de De Leon — continuou Strike —, deveria saber que é tarde demais. Ele já falou. Então, como estamos contando coisas que achamos que podem interessar aos jornais, tem a Loja Winston Churchill, à qual tanto você quanto Malcolm Truman pertencem, o apartamento na Black Prince Road, sua associação de longa data com o produtor de pornografia Craig Wheaton, fotos suas e de diversos atores adultos entrando e saindo do apartamento e, pelo que soube, uma grande lista de pessoas que, ao descobrirem que foram filmadas em segredo transando com estrelas pornôs…

Kim, que tinha pegado o garfo, o largou ruidosamente no prato. Strike sorriu.

— Eu não achei que ele seria capaz de resistir a filmar você — disse ele para ela. — O que ele fez, levou você a um bar local, a apresentou a um homem bonito, depois deu uma desculpa e foi embora? Bem, agora você sabe. Ele não estava indo para casa ficar com a mulher, ele estava indo escondido para o

apartamento para esperar atrás do espelho, com a braguilha aberta e o pau na mão.

Mesmo com isso, Branfoot se manteve calado. Ele continuava comendo caviar.

— Tudo bem, eu posso estar errado — prosseguiu Strike —, mas acho que policiais maçônicos, um falastrão da TV, filmagens secretas, um monte de estrelas pornôs e um assassinato que deu errado vão ser de muito mais interesse para os jornais do que uma mulher que não quer que sua família saiba que ela tem um bebê e que nos contratou para descobrir se o pai de seu filho ainda está vivo. Mas eu tenho uma gravação de você fazendo ameaças implícitas de expô-la — acrescentou ele, dando um tapinha no celular no bolso do peito —, por isso podemos acrescentar chantagem à lista.

Robin esperava algum tipo de explosão de Branfoot, mas ele apenas encarou Strike do outro lado da mesa, mastigando mecanicamente seu último blini. Por fim, ele ficou de pé muito devagar e, olhando para Strike, disse:

— Você pode pagar pela porcaria do seu próprio jantar.

Branfoot atirou o guardanapo e, sem sequer olhar para Kim, foi embora.

Ela estava com o rosto lívido e parecia presa à cadeira pelo choque. Strike levantou a mão para chamar um garçom que estava observando.

— Você poderia cancelar o prato principal de lorde Branfoot, por favor? — pediu ao garçom. — Ele recebeu um chamado inesperado. E cancele o dela também — acrescentou apontando para Kim.

— A sra. tem… — o garçom começou a dizer.

— Ela tem certeza — afirmou Strike.

O garçom confuso os deixou.

— Então — disse Strike, voltando-se para Kim. — É a sua vez. Você disse que deixou a polícia por causa da "política".

— Foi — confirmou Kim.

— O que há de político em fazer um boquete em um colega de trabalho no carro quando os dois deveriam estar de serviço?

O rosto de Kim ficou escarlate.

— Isso não aconteceu. As pessoas disseram que aconteceu, mas não é verdade.

— Então por que a mulher de Ed Billings o abandonou?

— Isso *não aconteceu*, isso foi totalmente… foi um boato iniciado pela ex de Ray!

— Você não deu a mínima para o que era verdade quando procurou Dominic

Culpepper e contou a ele que eu era pai do bebê de Bijou Watkins. *Nem pense em me enrolar, merda* — acrescentou ele quando Kim abriu a boca. — Eu sei que foi você. Mas quando a imprensa botar as mãos no filme que Branfoot fez naquele maldito apartamento dele em Lambeth e descobrir uma ex-policial no vídeo, vai levar apenas dois minutos para descobrir que você foi embora porque foi flagrada chupando um colega casado…

— Eu não fiz isso, é mentira. *Eu não*…

— Ah, eles provavelmente vão incluir alguns "supostos", mas, a partir daí, ninguém vai querer saber quem mais estava naquele apartamento. Você vai ser manchete por semanas — disse Strike.

— Você não pode…

— Espere e verá — falou Strike. — Como Branfoot sabe detalhes da vida profissional de Murphy? *Você contou para ele.* Como ele sabe sobre o bebê de Decima? *Você contou para ele.* Mas eu prometo uma coisa: a menos que daqui para a frente você mantenha a porra da boca fechada sobre essas coisas, de nossa parte não vamos ter limites. Vou dar um jeito para que nenhuma agência de detetives do Reino Unido queira nada com você. Casos com homens casados, o suicídio de Ray, chupar Billings, ir até a Black Prince Road para filmar pornografia amadora… você acha que está blindada, mas vou garantir que tanta merda se grude em você que nenhuma mangueira vai conseguir limpá-la, e eu não vou dar a mínima para o quanto disso é verdade.

O rubor no rosto de Kim esmaeceu e ela ficou lívida outra vez. Seus olhos estavam cheios de lágrimas.

Strike voltou para sua cavala, agindo como se Kim tivesse deixado de existir. Depois de um minuto, ela se levantou cambaleante e foi embora do restaurante.

— Foi errado eu ter gostado *muito* disso? — perguntou Robin em voz baixa.

— Se isso foi errado, eu não quero estar certo — respondeu Strike com a boca cheia de cavala.

— Como você…?

— Wardle. Ele tentou me contar detalhes sobre a razão de ela ter saído na outra noite, mas eu estava preocupado com outros assuntos.

Recordando o que tinham sido esses assuntos, ele tomou outro gole do Montrachet 1992, então falou:

— Ele descobriu mais coisas sobre Wade King, da jaqueta verde.

— É mesmo? — perguntou Robin, tentando parecer levemente interessada. A menção do nome do homem tinha despertado uma lembrança de seu rosto, distorcido pelas sombras cúbicas.

— Ele era um motorista de caminhão que fazia viagens longas até ser demitido.

— Viagens longas — repetiu Robin. — Como…

— Nosso falecido amigo Todd. Exatamente.

— King estava viajando para o continente?

— Provavelmente. Muitos deles fazem isso.

Robin baixou a voz.

— Você acha que a rede de tráfico humano ainda está em operação?

— Eu acho que é possível.

— Então, com isso, parece que King *pode* ser Oz?

— Eu acho que isso também é possível. Estou tentando descobrir onde ele estava no fim de semana de 17 de junho do ano passado. Enquanto isso, nossas medidas de segurança continuam valendo, está bem? Você fica com trabalhos durante o dia e não faz vigilância noturna sozinha.

Robin resolveu não discutir. Aliviado pela falta de oposição, Strike falou:

— Continue com o que você estava me contando no bar, sobre Austin H.

— Ah, é. Bem, no "A verdade sobre os maçons", ele pergunta se os maçons protegem uns aos outros.

— Eu acho que vi isso — comentou Strike, franzindo levemente o cenho. — Não teve uma pessoa que respondeu dizendo que ele estava pensando na máfia?

— Isso mesmo — confirmou Robin.

— Fuzz — disse Strike, testando.

— O quê?

— Ele não falou nada sobre fuzz, falou? Tenho a sensação de que vi o nome Austin em conexão com "fuzz".

— Fuzz? — perguntou Robin, intrigada.

— Não tenho ideia… não lembro direito agora. Eu mesmo vou dar uma olhada. O que Austin disse no "Abusados e Acusados"?

— Que o pai de sua namorada estava espalhando boatos sujos sobre ele, e ele queria saber como acabar com isso. A maioria das pessoas que respondeu o aconselhou a bater no cara.

— É, eu percebi que no "Abusados e Acusados" eles não são tipos que levam as coisas na conversa.

— Mas isso *pode* se encaixar com Rupert, não pode? — questionou Robin.

— Talvez — disse Strike, embora parecesse cético. — Mas se "boatos" significam Dino Longcaster contar às pessoas que Fleetwood roubou seu *nef*, eles eram verdade. A única coisa com que literalmente todo mundo parece concordar, inclusive o próprio Fleetwood, é que ele realmente roubou o *nef*. — Strike ficou sentado pensando por mais um minuto, então acrescentou: — Talvez eu tenha mais informações sobre Fleetwood na segunda-feira. Estou seguindo uma pista. Pode não dar em nada. Eu conto a você se conseguir alguma coisa.

Ser honesto sobre a pista que ele tinha decidido seguir sobre Rupert Fleetwood significaria mencionar Charlotte, e quase toda vez que ele tinha feito isso ultimamente, Robin havia encerrado imediatamente a conversa.

Um garçom chegou para levar os pratos. Depois que ele foi embora, Strike falou:

— Só Deus sabe quanto vão nos cobrar, mas vamos pedir sobremesa. Se vamos ser enforcados por roubar uma ovelha, tanto faz se roubarmos o rebanho inteiro.

Os dois pensaram, imediatamente, no pingente com uma ovelha de prata na pulseira que Robin ainda não tinha usado.

109

Ventos, ondas e barco, levem, a Euthukles e a mim,
Balaustion, para longe — não da tristeza, mas do desespero,
Não da lembrança, mas do presente e de sua dor!

Robert Browning
Aristophanes' Apology

Strike se levantou às cinco horas na segunda-feira de manhã e saiu para Northumberland na escuridão, optando por ir dirigindo, em parte porque o trem não era muito mais rápido, mas principalmente porque a Heberley House, a mansão na qual Charlotte tinha passado a maior parte da infância e da adolescência, era de difícil acesso sem carro.

Ele tivera uma noite mal dormida. Os vídeos de execução do Estado Islâmico aos quais ele havia assistido tinham resolvido ressurgir, tardiamente e vívidos, em seu sono. Ele assistira outra vez a uma fila de prisioneiros amarrados e ajoelhados, inspirados nos macacões laranja da Baía de Guantánamo, cada um com o rosto escondido por um saco, ser baleada na nuca, buracos sangrentos aparecendo nos sacos quando seus rostos explodiam para a frente. Ele tinha visto mais homens decapitados, outros sendo queimados vivos em uma jaula, e um homem encapuzado acorrentado a um haltere pesado, arrastado pela grade de uma ponte, depois empurrado para o rio abaixo, onde afundou sem deixar rastros.

Ele também tinha revivido em seu sono seu próprio encontro pessoal com a al-Qaeda: a trilha de terra amarela e o rapaz correndo em fuga, arrastando uma criança; a bomba caseira tinha rasgado o corpo do motorista, Gary Topley, em dois, arrancado metade do rosto de Richard Anstis e explodido a parte de baixo da perna e o pé direitos de Strike.

Havia acordado molhado de suor e fumou seu cigarro eletrônico por algum

tempo. Não precisava que um psicólogo lhe dissesse que tinha sido a viagem iminente para Heberley que revolvera essas memórias. Charlotte estava para sempre emaranhada com lembranças do ferimento que tinha acabado com sua carreira militar, porque ela voltara para ele e tinha ficado e o ajudado a se recuperar antes que, inevitavelmente, as diferenças profundas e irreconciliáveis entre os dois começassem a crescer mais uma vez.

Cansado e melancólico, ele seguiu para o norte até uma casa que, por sorte, nunca mais havia tornado a ver. Ele não tinha boas lembranças de Heberley, que visitara o mínimo possível durante o seu longo e frequentemente conturbado relacionamento com Charlotte. Ela sempre ficava muito tensa e volátil ali, ela e a mãe passando uma pela outra na sala de jantar e nos corredores como gatos hostis. Ned Legard, o falecido padrasto de Charlotte e pai de Sacha, era amistoso o bastante, mas estava frequentemente ausente, precisando de períodos regulares longe da mulher para manter até mesmo a farsa de um casamento funcional.

Lady Tara Jenson (anteriormente Tara Clairmont, Tara Campbell, Tara Longcaster e Tara Legard) sempre tinha detestado o relacionamento da filha com Strike, uma opinião que ela não fazia questão de disfarçar. Strike não ficava perturbado com seu desprezo nem quando era jovem. Não só ele poucas vezes conhecera uma pessoa que detestasse mais, como sua criação o havia equipado com uma resiliência que não costumava ser muito abalada por silêncios gelados pontuados por explosões de raiva. Entretanto, desde que conseguisse passar pelos portões elétricos hoje, ele estava confiante de que Tara falaria com ele. Como sua falecida filha, ela sempre gostava de uma oportunidade para exibir seus formidáveis poderes de crítica; perder o controle a deixava energizada e eufórica.

Ele tinha ligado antes para checar se lady Jenson estaria em casa, passando-se por um vendedor da Cartier encarregado de entregar um colar importante. Essa escolha de disfarce havia sido influenciada pelo fato de Tara ser exatamente o tipo de mulher para quem colares de preços exorbitantes eram entregues pessoalmente por vendedores servis, e seu aniversário era em março, embora Strike não conseguisse mais se lembrar da data exata. Sacha estava filmando nos Estados Unidos no momento, o que representava um benefício duplo: ele não estaria na Heberley House para interferir, e poderia, plausivelmente, ter decidido enviar para a mãe um presente de aniversário convenientemente caro.

Quanto mais para o norte ele seguia, mais lembranças afiadas como navalhas

cortavam seus pensamentos: Charlotte no fim da longa entrada de carros, correndo descalça e chorando, fugindo de mais uma discussão; Charlotte rindo descontroladamente quando os dois percorreram essa estrada juntos, ela jurando que ia dar na cara da mãe se ela "começasse"; Charlotte chorando bêbada no pequeno chalé que no passado tinha abrigado um guarda-caça, onde ela se refugiara com Strike em uma noite particularmente tensa.

Ele achou difícil não pensar na ironia de sua posição. Tinha percorrido esse caminho muito tempo atrás, quando era jovem e estava apaixonado, e agora estava na meia-idade e apaixonado como estivera aos dezenove, embora de forma desesperançada e por motivos diferentes. Ele se lembrou de citar Catulo para Charlotte na noite em que se conheceram. Ele queria impressionar, provar que um jovem que tinha frequentado dezessete escolas diferentes poderia ser tão inteligente e culto quanto os velhos ex-alunos da Eton College com quem ela estava acostumada. A lembrança era constrangedora, mas o homem de quarenta e dois anos era mesmo mais sábio do que o jovem que tinha decorado os poemas de amor para Lesbia? Pelo menos este último sabia o que queria e tinha agido, independentemente das consequências posteriores desastrosas. Seu eu mais velho havia escolhido ser cauteloso quando deveria ter sido ousado; ao reconhecer tarde demais o que queria e talvez até necessitasse, ele tinha jogado fora o que sentia, cada vez mais, ser sua única chance de verdadeira felicidade.

Dirigindo pela autoestrada, Strike pensou em como seu primeiro contato com Robin tinha sido muito apropriado. Ele estava saindo do escritório, com a intenção de seguir Charlotte, com quem havia terminado apenas algumas horas antes, e com medo (com a lembrança da overdose e do ônibus em mente) de que ela estivesse prestes a se jogar na frente de um trem do metrô. Em vez de alcançar a namorada, ele colidiu com Robin com tanta força que a empurrou de costas no patamar, e só seus reflexos físicos rápidos impediram que ela caísse pela escada e possivelmente quebrasse o pescoço. Robin bloqueando seu caminho de volta para Charlotte, ele quase a matando quando se conheceram: o simbolismo ali não poderia ser mais óbvio…

O dedo anelar dela ainda podia não ter nada, mas Strike estava certo de que era apenas questão de tempo antes que isso mudasse. Essa crença tinha por base seu conhecimento de Robin. Ela era o tipo de pessoa que persistia até o fim, mesmo quando a lealdade poderia não ser considerada sábia, e Strike não podia

reclamar dessa característica, porque ele mesmo tinha se beneficiado dela. Ninguém que defendesse os interesses dela a teria aconselhado a ficar com Strike e com a agência nos primeiros dias, quando ela poderia ganhar muito mais dinheiro em uma empresa que não parecesse prestes a explodir a qualquer momento. Não, Robin era uma pessoa boa e decente, e pessoas boas e decentes não iam embora quando as coisas ficavam difíceis nem largavam seus parceiros românticos quando eles estavam tendo crises.

Depois de ficar ressentido com Murphy por estar em forma e ser bem-sucedido, Strike, agora, invejava o homem por sua recaída no álcool e seus problemas no trabalho.

110

Quem pode reestabelecer a união aqui? O que pode haver
Além de um horror permanente entre nós dois,
Golfos de sangue que nos separam? Através desse abismo
Quem pode estender as mãos?

Matthew Arnold
Merope: A Tragedy

As grandes árvores retorcidas que margeavam a estrada e as grandes extensões de fazendas férteis eram como uma paisagem vista em um sonho meio esquecido. Strike tentou obter consolo na indiferença magnífica da natureza em relação a todas as preocupações humanas, mas a estratégia foi tão ineficaz que quase sentiu alívio ao pegar a estrada secundária que levava a Heberley e se concentrar no que precisava ser feito.

Os portões altos de ferro fundido assomaram a sua frente, dispostos entre colunas de pedra, no alto das quais havia salmões esculpidos em tributo às armas da família Legard e, talvez, ao rio Tyne, que passava pela casa. Strike saiu do carro e foi até o porteiro eletrônico, que era novo: o velho, ele se lembrou, era enferrujado. Ele apertou a campainha, e uma mulher com sotaque do Leste Europeu atendeu.

— Quem é, por favor?

— Cartier — disse Strike no interfone, e quando ele voltou para o carro, os portões de ferro estavam se abrindo lentamente.

Havia rododendros margeando a entrada de carros, mas ainda não era a estação para estarem floridos; em vez disso, eles formavam uma guarda de honra densa, verde-escura e brilhante, enquanto Strike subia a ladeira. Quando o BMW chegou ao alto do morro, a Heberley House surgiu à distância: um bloco enorme

e retangular de pedra lavrada avermelhada, com janelas compridas e pilares no estilo dórico grego. Strike ainda tinha quase um quilômetro para percorrer da trilha que atravessava o parque onde havia cervos, e no qual árvores maduras projetavam áreas agradáveis de sombra nos dias de sol, e a família Legard, se sóbria o suficiente, fazia de vez em quando piqueniques — não do tipo que contava com cobertores ásperos, Tupperware e ovos cozidos, como Strike tinha experimentado com Ted e Joan, mas que envolvia empregados armando mesas com toalhas brancas e levando a prataria pelo gramado.

Ele estacionou no pátio dianteiro de cascalho e, ao se aproximar da porta da frente, ela se abriu para revelar a mulher que ele supôs ser uma empregada: baixa, magra, de cabelo claro e usando um vestido preto. Ele não a reconheceu, mas não esperava por isso. Se houvera serviçais antigos da família na Heberley House, todos tinham ido embora desde a chegada de Tara, que era famosa por sua incapacidade de manter criados que tivessem de interagir com ela com regularidade.

— Você está com o colar? — perguntou a empregada com curiosidade, olhando para as mãos vazias de Strike.

— Ele está trancado no carro — respondeu ele, apontando para o BMW. — Eu não devo tirá-lo de lá até lady Jenson estar presente.

Essa história implausível pareceu satisfazer a empregada, que se virou para conduzi-lo até o corredor de piso de mármore que havia mudado muito pouco desde que Strike tinha estado ali pela última vez. Mais salmões entalhados serviam de arremate no pé da escadaria larga, e as cadeiras do século XVIII de que ele se lembrava ainda estavam em frente a uma enorme lareira de pedra.

Strike esperou até que ela desaparecesse de vista, então, tão silenciosamente quanto possível, foi primeiro na direção da porta da sala de estar, que abriu para poder examinar o interior antes de atravessar o corredor para espiar a sala de jantar. Tinha acabado de ver aquilo que procurava quando ouviu passos outra vez e voltou a ficar parado de pé ao lado da lareira.

Tara estava descendo a escada e falando ao se aproximar.

— Eu achei que você estivesse entregando uma coisa do meu filho, mas…

Ela parou no meio da frase, ainda a seis degraus do chão, encarando Strike.

Morena e incrivelmente bonita no passado, como sua filha morta, o cabelo de Tara agora estava pintado de louro. Ela havia feito plástica no rosto,

provavelmente mais de uma vez, de modo que tinha rugas horizontais estranhas nos dois lados da boca onde a pele tinha sido esticada para cima. Preenchimentos distorciam as proporções de seu rosto. Ela estava magra como sempre, vestindo sua interpretação cara de um traje country, que nesse caso significava uma blusa de seda e calça de tweed. Se ela conseguisse mover os músculos da face direito, Strike sabia que estaria usando uma expressão de fúria.

— Que *merda* você está fazendo aqui? *Por que você o deixou entrar?* — perguntou ela à empregada, que tinha acabado de voltar para o corredor, possivelmente para oferecer bebidas.

— Ele disse que era da Cartier — respondeu a empregada, parecendo aterrorizada.

— Você pediu para ver sua identificação?

— Não — admitiu a empregada, parecendo prestes a chorar.

— Não é culpa dela — disse Strike.

— *Você* cale a boca — disparou Tara rispidamente. — Na verdade, vá embora. Vá embora daqui *agora*, ou vou mandar um dos jardineiros *arrastá-lo* para fora.

— A menos que você queira ver Sacha aparecer em todos os jornais acusado de receptar produtos roubados, eu a aconselharia a não fazer isso — disse Strike. — E antes que você finja não saber do que estou falando, eu acabei de vê-lo no aparador na sala de jantar.

Por alguns segundos, Tara olhou com raiva para ele, então gritou "Café!" para a empregada, que saiu apressada. Tara desceu a escada sem olhar para Strike, virou exatamente do mesmo jeito que Charlotte, quando bêbada, dava as costas para aqueles que a estavam irritando ou entediando, e caminhou para a sala de estar. Strike foi atrás e chegou a tempo de ver Tara pegar um cigarro de uma caixa de marfim, acendê-lo, então sentar-se em uma poltrona baixa de brocado.

A sala tinha sido redecorada em algum momento nos nove anos que haviam se passado desde que Strike estivera ali pela última vez, quando as paredes eram de um azul-prateado pálido. Elas haviam sido pintadas de verde-escuro, e alguns dos quadros tinham sido rearrumados, embora o mesmo retrato da bisavó de expressão entediada de Sacha, pintado por Augustus John, estivesse pendurado acima da lareira.

— Eu não sei como você teve a *audácia* de vir aqui — escarneceu Tara.

— Por quê? — perguntou Strike, sentando-se sem ser convidado, no sofá.

— Você sabe muito bem por quê. *Depois do que você fez.*

— Eu fiz muitas coisas — disse Strike, esticando a perna com a prótese, que estava doendo outra vez depois da longa viagem. — Você vai ter que ser mais específica.

— *É sua culpa ela ter se matado!* — gritou Tara.

Strike não ficou sequer remotamente surpreso por terem chegado em segundos a essa acusação grotesca, que, para a maioria das pessoas, teria feito sentido apenas como o ápice de uma grande briga. A tática de Tara em suas discussões sempre tinha sido usar a coisa mais danosa que pudesse jogar sobre seu adversário antes que este tivesse tempo de se recuperar. Charlotte havia sido marcada para sempre pelos ataques verbais da mãe. *Eu queria nunca ter tido você. Vá ter outra overdose, em vez de ficar choramingando em busca de atenção. Meu Deus, você é uma merdinha feia e entediante.*

— Então, de quem foi a culpa das duas outras tentativas de suicídio antes mesmo que eu a conhecesse? — perguntou Strike.

— *Vá se foder!*

— Eloquente como sempre — comentou Strike. — Enfim, de volta ao aparador.

— Não é da merda da sua conta o que tem em meu aparador!

— Não é seu aparador, é do seu filho, e ele vai se foder muito quando a imprensa descobrir onde o navio de prata de Dino Longcaster foi parar, não vai?

— Sacha sabe que ele está aqui e não se importa! — respondeu Tara, e Strike teve certeza de ser uma mentira deslavada. Se Sacha soubesse o que sua mãe tinha feito, ficaria extremamente nervoso com a possibilidade de alguém descobrir isso, sobretudo os jornalistas. — Eu li o bilhete de suicídio de Charlotte — acrescentou ela em voz alta. — *Eu sei o que você fez com ela.*

— O pior de que posso ser acusado em relação a Charlotte foi de não ter reconfigurado toda a minha vida em torno do desejo dela de morrer — falou Strike.

— Você foi infiel, você foi…

— Eu recolhi as malditas peças até não haver mais como consertá-la e estou olhando para a razão pela qual ela jamais chegaria à velhice.

— *Bastardo* — disse Tara. — E estou falando literalmente, é claro.

— Eu, sendo filho de mãe solo, até que me saí bastante bem, se comparado

com você e Charlotte — retrucou Strike. — Voltemos ao *nef*.

— Se você acha que vou explicar *qualquer coisa* para um vilão que praticamente matou minha filha…

— Está bem — disse Strike, ficando de pé. — Eu vou procurar a imprensa, vou contar a eles que Sacha está com o navio roubado e, acredite em mim, eles vão adorar isso.

— Você não *ouse*… Volte aqui! — gritou Tara quando Strike se dirigiu à porta. Antes que ele pudesse alcançá-la, ela se abriu para revelar a empregada de expressão assustada. — Saia daqui — gritou Tara para ela. — Isso é particu…

A empregada deu meia-volta, segurando a bandeja. Tara fez um ruído de desespero.

— Traga o café *primeiro* — disse ela. — *Depois* se retire. Volte aqui! — gritou ela para Strike. — *Volte!*

— Nós não temos mais nada a dizer um ao outro — falou Strike, virando-se para olhar para ela quando a empregada pôs a bandeja sobre a mesa de centro e serviu o café de Tara com a mão trêmula.

— Temos sim — disse Tara furiosamente. — Sente-se. *Sente-se.*

Strike não se mexeu. Era libertador ser capaz de tratá-la como ele achava que ela merecia; no passado, ele sempre tinha de se lembrar que Charlotte ia pagar o preço se ele se permitisse perder a calma com Tara, mas Charlotte estava no cemitério de Brompton, finalmente livre de todo sofrimento, ao contrário da mulher magra de carne e osso com o rosto distorcido cuidadosamente maquiado e o cigarro sujo de batom na mão que parecia uma garra.

Depois de servir uma xícara de café para Tara, a empregada saiu apressada da sala e fechou a porta enquanto Strike permanecia de pé.

— Sente-se — repetiu Tara. — *Sente-se.*

— Eu não sou um maldito cachorro — disse Strike. — Você vai responder a minhas perguntas?

— Vou — respondeu Tara com impaciência. — *Sente-se.*

Antes de voltar para o sofá, Strike se serviu de café. Então falou:

— Suponho que você não tenha pedido a Fleetwood para roubar o *nef*. Ele o roubou, depois o trouxe para cá porque não conseguia pensar onde mais poderia se desfazer dele, certo?

Ele tomou o silêncio de Tara como concordância.

— Quanto você deu a ele por isso?

— Isso não é da sua conta. Você pode dizer ao maldito Dino…

— Ele não é meu cliente — interrompeu Strike.

— Não minta para mim. Eu não sou idiota, e ele não contou a você toda a história, mas você pode dizer a ele que tenho testemunhas. Lottie Hazlerigg e Angus Lyall me contaram tudo sobre isso!

— Tudo sobre o quê?

— Dino *trapaceou*. Ele *sempre* desejou aquele *nef*, e Peter Fleetwood estava tão bêbado na noite em que o apostou que provavelmente estava vendo dois tabuleiros de gamão, e Lottie e Angus estavam lá e viram tudo acontecer, eles sabem o que Dino fez, mas ninguém quis desafiá-lo, porque ele pode ser muito desagradável, como eu sei muito bem. Ele deslocou a droga do meu ombro quando…

— É, eu soube da história do seu ombro — disse Strike. — Eu me lembro da mesa virada e das queimaduras na sua perna. Eu sei que você o encontrou na cama com uma adolescente contratada para servir na festa. Eu só estou interessado no *nef*.

— Eu estou contando a você sobre ele! — falou ela com rispidez. — Dino *sempre* fez bullying com Peter, tratava-o como se ele ainda fosse seu calouro em Eaton, mesmo quando eu estava casada com ele. Então você pode *voltar* para esse merda e contar a ele que eu disse…

— Eu acabei de dizer a você, ele não é meu cliente. Estou trabalhando para a filha dele, Decima.

— Por que ela se importa com a porcaria do navio?

— Ela não se importa. Ela só está interessada no paradeiro de Rupert Fleetwood. Rupert mencionou Decima quando veio ver você?

— Não.

— Então, quanto custou para você passar a perna no Dino?

— Eu acabei de dizer, isso não é da droga da sua con…

— *É* da minha conta, porque se você tivesse dado cinquenta mil para Fleetwood, ele teria conseguido se esconder com muito mais eficiência do que se você tivesse dado a ele dez mil.

Tara olhou fixamente para ele, deu outro trago no cigarro, então disse através de uma nuvem de fumaça:

— Eu dei a ele seis mil. Pronto. Está satisfeito?

— Eu acho que você também deu a ele outra coisa.

— Como o quê?

— Como um emprego no exterior, em um hotel Clairmont.

— Eu não sou responsável por contratar e demitir.

— Duvido que alguém do conselho rejeitasse a única Clairmont sobrevivente se ela dissesse querer arranjar um emprego para seu sobrinho por casamento em um restaurante ou uma cozinha. Duvido que eles sequer protestassem muito se você contasse com eles para oferecer um emprego de consultora de marca para a única outra pessoa que sabia onde estava o *nef*.

— Bem — disse Tara, com os olhos estreitos acima da xícara de café —, você é mesmo inteligente.

— As provas apontam nessa direção, sim. Em que hotel Fleetwood está se escondendo?

— Eu não sei — respondeu Tara. — Eu disse para encontrarem alguma coisa, e eles encontraram. Não sei para onde ele foi. Fleetwood, porém, me escreveu um cartão de agradecimento. Boas maneiras. Eu não me lembro de nenhuma carta de agradecimento *sua*.

— Por que diabos eu agradeceria você? — questionou Strike.

Ela estava velha, não era mais a beldade que tinha encantado nobres e astros do rock no início dos anos 1970, antes de se casar com a aposta mais segura: sir Anthony Campbell, com o dinheiro de sua família na conta bancária dele e seu castelo em Arran, mas o jeito como Tara discutia com Strike tinha uma centelha de seu antigo encanto. O destemor dela, sua arrogância e sua crueldade natural, em combinação com uma beleza estonteante, no passado, tinham mantido os homens cativados, mas Strike havia sido vacinado contra esse charme perigoso durante seu contato prolongado com a filha que tanto parecia com ela. Strike e Charlotte tinham se perguntado se suas mães tinham se conhecido; havia uma foto de Tara com Jonny Rokeby depois de um ou outro show: será que ele também tinha transado com ela? "Talvez nós sejamos irmãos", dissera Charlotte, uma ideia que Strike achou repulsiva em vez de excitante.

— Rupert contou a você por que ele queria ir para o exterior?

— Porque Dino estava atrás dele, obviamente.

— Ele contou a você que esteve na festa de aniversário de Sacha?

Tara deu outro trago no cigarro.

— Ele não contou, mas Sacha me disse que ele foi de penetra.

— E Sacha disse por quê?

— Supostamente, porque ele não tem muitas oportunidades de estar em meio a pessoas bonitas — disse Tara.

— Não bonito o bastante para um emprego de atendimento ao cliente, então? Ele está lavando pratos?

— Eu acabei de dizer a você, não sei onde ele está e não sei o que está fazendo.

— Está bem — disse Strike, ficando de pé. — Eu não vou incomodá-la mais. Se importa se eu fizer um xixi antes de ir?

— Sim — rosnou Tara.

— Não precisa se levantar — disse Strike, como se ela não tivesse falado nada. — Eu me lembro de onde fica o banheiro.

III

Parece que chegamos ao fim das coisas (…).

John Oxenham
A Maid of the Silver Sea

Preferindo deixar bem para trás as cercanias da Heberley House antes de fazer uma parada para comer alguma coisa, Strike seguiu para o sul até a cidade de York. Sentado em seu BMW estacionado e ansioso por um almoço tardio em um pub depois de ter cumprido esse dever desagradável, ele telefonou para Decima Mullins.

Quando terminou de fazer um relato da entrevista com Tara, Decima disse em uma voz estridente:

— Não… isso não pode ser verdade. Ele *nunca* teria… ele não tinha nem sequer *contato* com Tara… Não, ela deve estar mentindo!

— Ela está com o *nef* — informou Strike —, e, sinceramente, eu me sinto idiota por não me lembrar de que havia uma ex-mulher que adoraria irritar Dino Longcaster, que não era muito ética e tinha dinheiro para gastar. Ela diz não saber para que hotel Rupert foi enviado, mas acho que está dizendo a verdade sobre ele trabalhar em um deles. Ela mexeu seus pauzinhos para conseguir empregos para ele e para Tish Benton na rede. Sinto muito. Eu sei que essa não é a resposta que você esperava, mas…

— Então você vai ligar para todos os hotéis Clairmont, quando ele nem mesmo está *neles*?

— Eu acho que ele *está* em um desses hotéis — arriscou Strike, tentando injetar simpatia em vez de impaciência na voz —, e não, eu não vou ligar para eles. Isso encerra o caso.

— Por que… você está me deixando?

— Não há nada a fazer agora que você mesma não possa fazer, então seria errado continuar a cobrar de você. Sinto muito — repetiu ele. — Sei que você não queria acreditar que Rupert está vivo, mas…

— Não é isso… Como você pode dizer isso?! — gritou ela. — *É claro* que eu preferia pensar que ele está vivo, mas ele nunca teria me deixado desse jeito, *nunca*!

— Às vezes nos enganamos em relação às pessoas, por mais que achemos conhecê-las bem — disse Strike, ainda se esforçando para manter a paciência. — Sinto muito, mas, até onde sei, o trabalho está feito. Eu lhe desejo sorte — concluiu ele de forma pouco convincente — e tempos melhores.

Encerrada a ligação, Strike deixou o BMW e, mancando um pouco outra vez, saiu em busca de comida. Enquanto estava andando, ele ligou para Robin e contou a história de sua viagem até Heberley.

— … então acabou — concluiu ele. — O trabalho de identificar William Wright volta para a Metropolitana. Nós estamos fora.

Strike não ficou surpreso com o silêncio chocado que veio depois dessas palavras.

— Mas por que Rupert foi embora desse jeito? — perguntou Robin por fim. — Por que fazer isso com tanta crueldade?

— Só posso supor que a explicação mais fácil é a correta — disse Strike. — Ele não queria um bebê e escolheu a saída dos covardes. Enfim, eu estou faminto, e tem um pub à frente, então falo com você depois.

O nome do pub, Old White Swan, trouxe para Strike uma lembrança triste de Ironbridge, mas como ele não queria ter de andar mais, entrou e encontrou um lugar agradável com paredes pintadas de branco e azul. Tinha acabado de comprar uma cerveja sem álcool e pedir peixe com fritas quando seu contato na Metropolitana, George Layborn, ligou.

— Oi — disse o policial. — Recebi seu e-mail sobre Wade King.

— Ah — murmurou Strike, torcendo sinceramente para isso encerrar por completo todo o caso do cofre da loja de prataria. — Então…?

— Ele estava na França entre os dias 16 e 18 de junho do ano passado.

— França? — repetiu Strike, franzindo o cenho.

— É, dirigindo um caminhão cheio de uísque escocês de Speyside para Cannes.

— Isso é definitivo, não é?

— Totalmente confirmado, sim.

— Merda — resmungou Strike. — Não… quero dizer, foi bom saber disso. Valeu. Eu te devo uma.

Ele desligou. A informação de Layborn, mesmo útil, não era bem-vinda. Se Wade King fosse Oz, isso teria resolvido tudo, mas desse jeito…

Ele acidentalmente derrubou o cigarro eletrônico do bolso quando foi recolocar ali o bloco de anotações: ele saiu rolando para baixo de uma mesa vizinha vazia e, quando Strike se abaixou para pegá-lo outra vez, pensou novamente no objeto semelhante a um tubo que William Wright tinha deixado cair, que Mandy e Daz acharam ser um recipiente para guardar um baseado, e que Wright havia dito ser uma amostra de sangue, e ele se perguntou, mais uma vez, o que aquilo tinha realmente sido.

112

Ah, é brincar, dançar e beber
Que fazem o mundo pesado girar.
Se os corações jovens não fossem tão espertos,
Oh, eles seriam jovens para sempre:
Não penses mais; é só o pensamento
Que leva os rapazes para baixo da terra.

A.E. Housman
XLIX, A Shropshire Lad

Então o caso estava fechado. A agência tinha substituído Decima pelo cliente no topo da lista de espera, e o corpo mutilado do homem chamado William Wright continuava sem identificação, sem olhos e sem mãos em um necrotério desconhecido, e Robin não deveria se importar com ele, nem com a falecida Sofia Medina, nem com a desaparecida Sapphire Neagle, mas sua mente se recusava a expulsar os fatos desconexos do caso do cofre da loja de prataria, que ela continuava ruminando desconfortavelmente, como se fossem fragmentos de cascalho. Wright tinha mesmo uma namorada grávida? Por que ele havia visitado o "Abusados e Acusados"? Onde estava a prataria Murdoch? O que significavam os oito dígitos que Niall Semple tinha deixado para a esposa? Por que Chloe Griffiths ficara tão agressiva em relação a uma pulseira? O que eram as coisas que Albie Simpson-White achava que era melhor Decima não saber?

Robin sabia que precisava deixar tudo isso de lado. O caso agora era da Metropolitana e, como se fosse para evidenciar o fato, um porta-voz da polícia anunciara na quinta-feira que Jason Knowles não era, no fim das contas, o corpo no cofre. O jornal *The Sun* foi o único que deu algum destaque para a história, que foi publicada sob a manchete: **CORPO MAÇÔNICO: OS POLICIAIS**

"ENTENDERAM TUDO ERRADO".

Por insistência de Strike, Robin continuava a trabalhar ou em seu apartamento ou no escritório. Ela estava começando a se sentir como assistente de Pat, lidando com burocracia e pequenas pesquisas que poderiam ser feitas na internet. Por outro lado, ela sabia que seu estado mental estava pior do que nunca. Conforme os dias passavam, em vez de melhorar, ela parecia piorar. Ruídos inesperados, mesmo seu telefone tocando, a sobressaltavam; ela não conseguia dormir por mais de duas horas seguidas e continuava a ter flashbacks com o homem que havia tentado estrangulá-la no Land Rover. As menores coisas a deixavam com vontade de chorar: suco de laranja derramado, um botão perdido. Ela estava fazendo o possível para esconder tudo isso de todo mundo a sua volta, incluindo Murphy, certa de que contar a verdade ia levar a uma briga ou à insistência para que ela parasse totalmente de trabalhar por um tempo.

Wade King foi solto sob fiança, e ele sabia onde encontrá-la. Depois de adorar morar sozinha pela liberdade que isso lhe dava, Robin agora se sentia insegura em seu apartamento, e era por isso que estava indo e voltando da Denmark Street todos os dias. Preferia estar na companhia de pessoas que ela conhecia e em quem confiava, o tempo todo.

Ao entrar na Blackhorse Road na noite de quinta-feira, esperando Murphy para jantar, ele ligou para ela.

— Eu não vou poder ir esta noite.

— Ah — murmurou Robin, com raiva dela mesma por querer chorar outra vez. — Por quê?

— Há uma hora, fiz uma visita a um suspeito em casa que revelou o que parecem ser duas bombas caseiras no fundo de seu guarda-roupa.

— Merda!

— É, e a ameaça de terrorismo está "severa", por isso evacuamos metade da rua e estamos esperando o esquadrão antibombas.

— Bem, isso dá perspectiva ao meu trabalho de organizar recibos esta tarde — disse Robin, e Murphy riu. Ela se surpreendeu com a forma como ficou aliviada por tê-lo divertido; parecia que não havia muitos risos entre eles ultimamente.

— Amanhã à noite? — sugeriu ele, e Robin concordou.

Estava escurecendo. Depois de estacionar em frente a seu prédio, ela levou a mão à bolsa para pegar um frasco novo de spray de pimenta que tinha preparado,

depois que o primeiro havia sido confiscado pela polícia, então permaneceu sentada por vários minutos, tentando reunir a coragem para atravessar o estacionamento escuro. Por mais que dissesse a si mesma que não havia ninguém escondido à espera, ela não parecia ser capaz de convencer seu subconsciente.

— Vamos lá — disse ela a si mesma com firmeza, e saiu do carro.

Ela estava na metade do caminho até a porta do prédio quando ouviu vozes de homens gritando. Tomada de pânico, ela saiu correndo de volta na direção do Land Rover.

Dois homens saíram de seu prédio e seguiram direto em sua direção. Ela estava tremendo tanto que derrubou as chaves do carro. Quando se abaixou para pegá-las, ouviu as palavras "vadia de merda", e depois o primeiro homem passou correndo por ela, o cabelo encaracolado em silhueta contra a luz da rua — *era ele* —, mas o segundo homem, que era mais alto e mais forte, estava reduzindo a velocidade; ele estava quase a alcançando…

— NÃO! — gritou Robin, pegando seu spray de pimenta.

— Rob, sou eu — disse uma voz familiar. — Sou eu!

— *Martin?* — perguntou Robin baixinho, encostando-se no carro com o spray de pimenta na mão e as chaves ainda no chão. — O que…?

— Quem era aquele cara?

Martin estava segurando um pedaço de papel amassado. Robin não conseguia organizar seus pensamentos. Sem conseguir se segurar, ela começou a chorar.

— Rob — disse seu irmão, passando os braços a sua volta. — Que merda está acontecendo?

— Nada, nada — arquejou ela, sabendo a resposta ridícula que isso era. — Por que você está aqui? Como você…?

— *O que está acontecendo?* — repetiu Martin.

— Eu fiz com que aquele homem fosse preso… ele… — Mas ela não conseguiu contar a Martin sobre o ataque; não conseguiria aguentar a mãe, em especial, descobrindo. — Por isso ele está atrás de mim… Mas como você conseguiu…?

— Estava chovendo. Um de seus vizinhos me deixou entrar. Eu estava sentado na escada esperando você chegar em casa e aquele escroto apareceu e tentou botar isso por baixo da sua porta — explicou Martin, erguendo o papel amassado. — Eu disse: "Quem é você?", e ele ficou agressivo, aí eu também fiquei agressivo, e

então ele saiu correndo.

— O que tem no papel? — perguntou Robin, saindo dos braços de Martin, mas estava claro que ele não queria mostrá-lo para ela. — Martin, me dê isso.

Ele o estendeu com relutância. O papel tinha a imagem de uma cara de gorila.

Martin sabia do significado de gorilas no passado de Robin.

— Como ele sabe?

— Está na internet. Olhe, estou muito feliz em ver você, mas por que você está aqui?

— Carmen terminou comigo.

— Ah, Mart, sinto muito — disse Robin.

Em circunstâncias comuns, suas emoções dominantes ao encontrar Martin em sua porta seriam de irritação e espanto. Era típico dele aparecer sem avisar, ou melhor, quase duas semanas depois de perguntar a ela se podia visitá-la e sem que ela dissesse que isso era conveniente. Entretanto, ela estava tão grata por ele estar ali naquele momento crucial, e tão satisfeita por ter um hóspede para passar a noite, que o abraçou apertado outra vez.

— É muito bom ver você. Entre, e você pode me contar tudo.

— Você está com um Land Rover novo — disse Martin enquanto eles caminhavam de volta para o prédio. — O que aconteceu com o velho?

— Ele não passou na vistoria.

— Você deve estar ganhando um bom dinheiro, atualmente — comentou Martin, olhando outra vez para o carro, seu tom de voz entre inveja e admiração.

— É da empresa — explicou Robin —, não meu.

Ela amava o irmão, mas ele nunca tinha sido tímido em relação a pedir dinheiro para a família. Até agora, ele nunca havia aborrecido Robin em relação a isso, porque sabia que ela não tinha nenhum sobrando.

Martin pegou sua bolsa na escada onde a havia deixado e entrou atrás de Robin no apartamento.

— Lugar legal.

— Obrigada — disse Robin automaticamente. O desenho de gorila estava farfalhando; ela olhou para ele e percebeu que estava tremendo.

Sem tirar o casaco, Robin foi até a cozinha para buscar outro saco para congelamento e pôs a imagem de gorila dentro dele. Será que a polícia ia levar isso a sério? Eles ainda não tinham aparecido para buscar o punhal maçônico nem

o gorila de borracha posto em sua mão na Harrods.

— Escute — disse ela, virando-se para ficar de frente para Martin com a imagem agora protegida na mão —, por favor… *por favor*… não mencione isso em casa. Estou implorando, Martin. Não vou aguentar mamãe me dando bronca além de todo o resto que está acontecendo comigo.

— Você vai ligar para Ryan?

— Ele tem coisas muito mais importantes com que se preocupar esta noite do que comigo — respondeu Robin, pensando nas bombas caseiras. — Olhe, tem uma garrafa de vinho na geladeira…

O telefone dela tocou; era Strike.

— Vou atender isso no quarto, fique à vontade para se servir do que quiser.

Ainda de casaco e segurando a imagem da cara do gorila, Robin foi para o quarto, sentou-se na beira da cama e atendeu a ligação do sócio.

— Oi.

— Só estou checando como você está — disse Strike. — Chegou bem em casa?

— Cheguei — disse Robin, tremendo. — Onde você está?

— Haringey. Plug e o filho estão sentados na van dele na Carnival Street.

— Ah, não — disse Robin com raiva. — Ele vai levar o *filho* com ele para dar umas facadas como vingança?

— É o que parece. Barclay e Shah estão seguindo dois outros membros desse grupo de vingança, e todos eles parecem estar convergindo nesta direção. Eu acho que vai acontecer esta noite.

Robin imediatamente descartou a ideia de contar a Strike que Wade King tinha feito uma visita. Ele estava tentando impedir um possível esfaqueamento — agora não era o momento. Strike, porém, detectou um toque de tensão na voz dela.

— Você tem certeza de que está tudo bem?

— Tenho. Meu irmão Martin está aqui. Ele apareceu de forma inesperada.

— Ah — murmurou Strike, duplamente satisfeito por ouvir isso: Robin tinha um homem grande ali para propósitos de proteção e, supondo que Murphy ainda não tivesse feito isso, era improvável que ele fosse pedi-la em casamento aquela noite. — Bem, mande minhas lembranças a ele.

— Pode deixar. Boa sorte com Plug. Espero muito que ninguém se

machuque.

— Pode ser bom para Plug levar uma surra — comentou Strike —, mas vou fazer todo o possível para impedir que qualquer um machuque o garoto.

Robin escondeu a folha de papel que estava segurando na mesma gaveta do punhal e do gorila de borracha. Ela ainda estava tremendo. Em um impulso repentino, tornou a pegar o celular e, antes que pudesse reconsiderar, ligou para a meia-irmã terapeuta de Strike, Prudence.

— Robin! — disse Prudence ao atender. — Tudo bem com você?

— Hum… não muito, para dizer a verdade — admitiu Robin. — Eu sinto muito mesmo por falar sobre isso com você, Prudence, e obviamente não pode ser você, pessoalmente, mas eu estava me perguntando se poderia me recomendar alguém… um terapeuta. Quero dizer, para mim. Mas, Prudence… desculpe — repetiu Robin, sabendo que estava falando um pouco demais —, não pode ser… eu não quero uma pessoa que vá tentar me convencer a desistir do meu trabalho. Eu preciso de uma pessoa… uma pessoa que… não sei, entenda… uma pessoa que seja… Eu na verdade não consigo explicar o que estou querendo dizer…

— Robin, aconteceu alguma coisa? — perguntou Prudence, parecendo preocupada. — Quero dizer, alguma coisa nova?

— Muitas coisas aconteceram — respondeu Robin. — E eu… eu não estou em boa forma. Eu provavelmente deveria… depois da Fazenda Chapman… mas não fiz.

Houve uma pausa do outro lado da linha, então Prudence disse cuidadosamente:

— Acho que conheço *exatamente* a pessoa certa.

— Conhece? — repetiu Robin, surpresa e esperançosa.

— Conheço. Ela não é nada convencional, mas seus pacientes a amam.

— Está bem — disse Robin com certa cautela, perguntando-se se "não convencional" significava cristais e reiki; ela quase podia ver Strike com um sorriso malicioso nos lábios. — De que jeito…?

— Ela pode ser bem mandona — explicou Prudence.

— O que significa que ela diz a você o que fazer?

— É, ela tem opiniões. E também fala muito palavrão.

— Eu trabalho com seu irmão, isso não me preocupa — disse Robin, e Prudence riu.

— Ela não é barata.

— Não tem problema — falou Robin. — Se ela for boa… Sei que preciso de alguma coisa. Eu tenho que fazer alguma coisa.

— Vou mandar os contatos dela para você, embora, pensando bem, ela talvez esteja viajando no momento.

— Se ela for a pessoa certa, eu não me importo de esperar — disse Robin. — Acho que vou me sentir melhor só por saber que estou fazendo alguma coisa em relação a tudo isso… E, Prudence, por favor… por favor, não conte a Strike que eu liguei.

— Claro que não — garantiu ela —, mas…

— Ele sabe — disse Robin com dificuldade — que não estou muito bem. Eu só preferia que ele não soubesse que envolvi você nisso.

— Não é "envolver", Robin — disse Prudence. — Fico feliz por poder ajudar.

Depois que a ligação terminou, Robin permaneceu sentada por um momento com o telefone na mão, sentindo-se melhor apenas com a ideia de uma terapeuta desconhecida que falava palavrão. Ela tirou o casaco, jogou-o na cama, respirou fundo e voltou para a sala de estar, onde encontrou o irmão sentado no sofá, servindo vinho em uma caneca.

— Eu tenho taças — falou.

— Eu não consegui encontrar nenhuma — retrucou Martin, o que significava, como Robin sabia por longa experiência com o irmão, que ele não tinha se dado ao trabalho de abrir mais do que um armário. Ela foi buscar uma taça para si mesma, então sentou-se ao lado dele no sofá.

— Por que Carmen terminou com você?

— Eu a peguei me traindo.

— *O quê?*

— Cheguei em casa ontem à noite, e o maldito ex-namorado dela estava lá. "Ah, oi, Martin. Jason só veio trazer um presente para o Dirk."

Robin não gostou do jeito como Martin imitou a namorada; seu ex-marido também sempre adotava um falsete esganiçado para imitar mulheres.

— Ele também é casado, o escroto.

— Eles estavam…

— Não, eles ainda não tinham chegado a isso. — Martin bebeu metade de

uma caneca de vinho. — Ou talvez já tivessem feito isso e se vestido de novo.

— Mart, você tem *certeza*…?

— O que ele estava fazendo lá quando eu estava fora?

— Bem… levando um presente para o bebê. *Havia* um presente?

— Havia — respondeu Martin. — E eu o chutei pela janela bem na frente dele.

Robin gemeu por dentro. Ela conhecia o irmão: um cabeça-quente incurável, impetuoso e dado a ataques que um observador objetivo julgaria serem totalmente injustificados. O ciúme tinha sido um problema em vários de seus relacionamentos anteriores.

— Há quanto tempo Carmen e esse homem se separaram?

— Não sei, há seis, sete anos… — Robin se lembrou de Tyler Powell e da alegação de que ele tinha sido ciumento o bastante em relação a uma namorada, que teve aos dezesseis anos, para sabotar um carro. — Eu disse a ela que não queria mais que ela visse esse canalha nojento, aí ela vai e o recebe em casa quando não estou!

— Martin, você não tem o direito de dizer a Carmen quem ela tem permissão de ver.

— *Por que ela não me disse que ele ia?*

— Talvez ela não soubesse, talvez ele tenha ido até lá simplesmente porque estava passando por perto.

— Engraçado como isso aconteceu quando eu não estava.

— Ou — disse Robin, preparando-se para uma explosão dirigida a ela — será que ela não contou a você porque sabia que você ia perder a cabeça?

— Ela ligou para você? — perguntou Martin.

— Não, é claro que não. Carmen não tem meu telefone, a menos que você tenha dado a ela.

— Eu disse a ela: "Como eu posso saber que Dirk não é dele?"

— Você não disse isso! Martin, pelo amor de Deus…

Ele terminou a caneca e pegou a garrafa de vinho outra vez.

— Você *realmente* acha — começou Robin, sem saber que estava parafraseando o que Strike tinha dito para Bijou Watkins não muito tempo atrás — que ela estaria fazendo sexo com um antigo namorado em seu apartamento, seis semanas depois de dar à luz?

— Ela está sempre falando sobre ele! — disparou Martin. — Babaca de merda. Ele tem o próprio negócio. Sabe como se chama? *Excalibur* — disse ele, com tanto desprezo que Robin precisou se esforçar para não sorrir.

— Que tipo de negócio é?

— Aluguel de caçambas.

Apesar de todo o seu esforço, Robin caiu na risada. Foi uma liberação e um alívio; ela teve dificuldade para parar.

— Ele está ganhando muito dinheiro — disse Martin com amargura acima dos risos arquejantes de Robin. — Tem caçambas por toda Yorkshire, ele monopolizou o maldito mercado. A merda da *Excalibur*… e ele põe a espada em tudo, na lateral das caçambas e nos macacões da porra dos funcionários. Eu fico surpreso por ele não ter feito Carmen tatuá-la na bunda.

Robin conteve o riso e disse:

— Desculpe… desculpe, mas não dá para dizer que isso não é engraçado: "Aluguel de caçambas Excalibur."

Um sorriso relutante tremeluziu no rosto de Martin, mas ele falou:

— Ele é um maldito babaca. Ele e Carmen costumavam jogar *Dungeons & Dragons* juntos e essas merdas assim. Eu fui à casa dele, com Carmen, ele estava dando uma festa… mostrando o que ela poderia ter tido se eles não tivessem se separado. A porcaria de uma TV de tela grande e uma academia em casa. Ele pôs a merda da logomarca em todas as suas coisas em casa! Na porcaria das *almofadas*… ele aluga caçambas para viver e acha que é… quem mesmo era o dono da Excalibur?

— O rei Arthur — respondeu Robin, ainda lutando contra o desejo de rir.

— É, isso — disse Martin, e virou a segunda caneca de vinho. — Flexionando a merda dos bíceps para ela. Espadas em suas camisetas e até nos seus malditos pesos. Babaca de merda.

— Ele parece um idiota — comentou Robin.

— Ele é — afirmou Martin, que pareceu encontrar algum consolo nesse comentário. — É.

Mas Robin entendeu por que, quaisquer que fossem os absurdos pessoais do homem, ele tinha agravado as inseguranças latentes de seu irmão. Martin não tinha economias nem um imóvel e nunca parava nos empregos, ou, na verdade, em qualquer coisa que exigisse trabalho duro constante.

— Mart — disse Robin com delicadeza —, você tem *certeza* de que não está imaginando isso?

— Por que ela me botou para fora? — perguntou ele com a característica falta de lógica.

— Talvez porque você tenha chutado o presente do seu filho pela janela e a acusado de transar com o cara do aluguel de caçambas que acha que é o rei Arthur — sugeriu Robin, fazendo o irmão bufar.

Era estranho estar ali sentada com Martin e se dar conta de que ele havia procurado por ela, em vez de qualquer outro membro da família. Talvez ele tivesse apenas corrido para a cama de hóspedes mais distante que pudesse encontrar, mas Robin não conseguiu escapar da suspeita não especialmente lisonjeira de que ele a visse, mais do que antes, como uma alma gêmea, seguindo uma carreira estranha e intermitentemente perigosa que sua mãe reprovava, com um casamento fracassado nas costas e a compra de uma casa em suspenso; ao contrário de Stephen, que tinha um casamento feliz e era pai de dois filhos, e de Jonathan, o recém-formado com seu novo emprego convencional em gestão de marcas. Mas então Robin se lembrou de um Martin muito bêbado tentando socar seu ex-marido no dia de seu casamento, e riu novamente.

— Só estou me lembrando de você quase batendo em Matthew.

— Ah — murmurou Martin e, dessa vez, ele deu um sorriso de verdade. — Ele é realmente um grande babaca.

— É mesmo — concordou Robin. — Mas não tão babaca quanto o homem com quem você está preocupado. Escute… eu acho que você deveria ligar para Carmen e pedir desculpas.

— Eu não vou…

— Eu acho *mesmo* que ela não fez nada de errado, Martin.

Robin conhecia o irmão muito bem para não o pressionar; ele era incuravelmente do contra e ia fazer a coisa certa em seu próprio tempo, ou não ia fazer nada. Ela se levantou do sofá.

— Vou fazer alguma coisa para a gente comer.

Ela tinha acabado de abrir a geladeira para examinar seu conteúdo escasso quando, tomada por um pensamento repentino, voltou para a sala de estar.

— Mart, você disse que aquele homem da Excalibur pôs a logomarca em seus *pesos*?

— É, ele a põe em tudo — respondeu Martin.
— É possível botar imagens personalizadas em pesos?
— Se você é o tipo de babaca que gosta dessas coisas. Por quê?
— Por nada — disse Robin, e voltou para a cozinha.

113

E então estava predestinado: um dia, depois de escavar pacientemente em torno de uma grande rocha até que ela se soltasse de seu leito de séculos, ele a sentiu tremer em sua mão, e, ao apoiar o peso nela, ela desapareceu no espaço além.

John Oxenham
A Maid of the Silver Sea

Robin deixou Martin dormindo no sofá na sala de estar na manhã seguinte e foi para o escritório. Havia uma coisa que ela queria dizer para Strike pessoalmente, então fez um esforço para ir de carro para o centro, checando constantemente o espelho retrovisor e sentindo-se vulnerável e exposta durante a curta caminhada até a Denmark Street.

Chegando pouco depois das nove, ela encontrou Pat já a sua mesa e Wardle conversando com Strike no escritório interno.

— Nós não tínhamos três peixes aqui? — perguntou Robin para Pat enquanto pendurava o casaco, porque o peixe preto grande e o dourado menor pareciam ter perdido um companheiro.

— Travolta morreu — resmungou Pat. — Ele disse que o encontrou boiando quando chegou esta manhã.

— Travolta?

— É, nós tínhamos Cormoran, Robin e Travolta. O seu é o único que não deu nenhum problema. Faz sentido — acrescentou Pat de forma sombria.

Strike emergiu do escritório interno, sem ter se barbeado e parecendo exausto.

— Bom dia — disse ele para Robin. — Você perdeu um verdadeiro caos ontem à noite. Eu estava contando para Wardle agora mesmo…

Ela o seguiu até o escritório interno, onde Wardle estava de pé, de braços

cruzados, apoiado na parede.

— Nós interceptamos Plug, dois amigos e seu filho quando eles estavam se dirigindo à porta da frente do número quinze da Carnival Street — relatou Strike. — Eles chegaram à conclusão de que éramos aliados de quem matou o cão e sacaram facas. Para encurtar a história, Shah foi esfaqueado na perna.

Robin ofegou; o discurso que ela estava prestes a fazer para Strike escapou de sua mente.

— Ele está bem?

— Mais ou menos. Foi liberado do hospital hoje de manhã, mas o ferimento é profundo. Barclay segurou Plug, e eu derrubei seu parceiro mais forte, mas o terceiro cara fugiu. No entanto, nós conseguimos convencer o filho de Plug a ficar parado, o coitado. Você não estava mentindo sobre seu rosto ter sido mordido, estava?

— Não — disse Robin. — Acho que ele vai ficar com cicatrizes para toda a vida, de mais de uma forma. Onde ele está agora?

— Com o tio-avô e a avó — respondeu Strike. — Com sorte, Plug vai passar muito tempo preso, e o garoto agora tem a chance de uma vida normal. Enfim, tivemos que prestar depoimento para a polícia e por sorte possuímos muitas evidências fotográficas para provar que estávamos seguindo Plug havia meses, ou eu acho que seríamos presos por agressão, o que, nós sabemos, a Metropolitana ia adorar. E estamos com um homem a menos, talvez permanentemente.

— O que você quer dizer com isso? — perguntou Robin.

— Acho que há uma possibilidade de perdermos Shah para Navabi.

— O quê? — disse Robin, horrorizada. — Dev não sairia!

— Eu não apostaria nisso. Ele e eu tivemos uma discussão ontem à noite enquanto esperávamos que Plug agisse. Ele estava com todos os argumentos de Kim na ponta da língua. Nós não deveríamos ter aceitado o caso do cofre da prataria, estávamos explorando Decima, "entrando em conluio para esconder seu bebê", fazendo viagens pelo país etc. Acho que seus velhos amigos da Metropolitana têm dito que ele trabalha para um verdadeiro mau-caráter. Ele também acha que assediei Kim sexualmente.

— O q…?

— Ela deve ter dito isso para ele — falou Strike, demonstrando cansaço. — Ela e Navabi parecem estar com muita vontade de ferrar comigo. Elas já tentaram

aliciar algum de *vocês*?

— Não — disse Robin. — Acho que eu deveria me sentir ofendida.

— *Eu* vou falar com Shah sobre a maldita Cochran — disse Wardle, franzindo o cenho. — Vou contar a ele *exatamente* quem ela é. Eu disse a vocês antes, ela criou problemas em todos os lugares em que trabalhou. Ela é um grande fardo.

— Isso seria útil, valeu — disse Strike esfregando os olhos, que estavam ardendo de cansaço. — E quando fizer isso, pode dizer a Shah que o caso do cofre da loja de prataria continua, e vou pagar por isso do meu próprio bolso.

— *O quê?* — repetiu Robin, ficando muito animada com essa notícia.

— É melhor eu ir — falou Wardle. — Tenho que ficar de olho naquela funcionária pública corrupta em meia hora.

Depois que Wardle fechou a porta divisória às suas costas, Strike olhou para Robin e disse:

— Por que você está parecendo tão satisfeita?

— Você está falando sério? O caso do cofre da loja de prataria continua?

— Estou, sim.

— Eu também vou contribuir financeiramente. Você não pode arcar com todas as despesas. Nesse ritmo, não vai sobrar nada da sua herança.

— Eu não preciso dela para nada — disse Strike com indiferença.

— Você não quer comprar um lugar?

— Para quê? Nada seria tão conveniente quanto o apartamento no sótão — respondeu Strike.

Ele poderia ter dito que se Robin quisesse morar com ele, ele iria adorar começar a procurar casas, mas naturalmente não fez isso.

— Por que você ficou tão satisfeita por continuarmos com isso?

— Porque… não grite, está bem? — pediu Robin.

— O que aconteceu? — perguntou Strike de um jeito desconfiado.

— Nada, mas provavelmente só porque Martin estava lá. — Robin descreveu os acontecimentos da noite anterior e concluiu: — Não quero passar o resto da vida olhando para trás. Eu quero encerrar esse caso direito.

— Você ligou para a polícia informando sobre King ter desrespeitado as condições da fiança? — perguntou Strike, exercendo o máximo de controle para fazer o que ela tinha pedido e se manter calmo.

— Liguei — confirmou Robin — e lembrei a eles que ainda tenho duas outras

coisas que ele jogou sobre mim, mas…

— Eles não ficaram interessados.

— Eu não acho que seja falta de interesse — disse Robin. — A ameaça de terrorismo está severa; eu entendo que uma folha de papel com um gorila não tenha de jeito nenhum uma prioridade alta. Enfim — prosseguiu ela apressadamente, porque percebeu que Strike estava se esforçando para não começar a impor regras sobre segurança e proteção —, eu quero entrevistar Hussein Mohamed.

— Nós já falamos sobre isso. Eu não quero você na rua — disse Strike, ainda se esforçando para manter a calma. — E eu que achei que a noite passada provaria…

— Certo, está bem — disse Robin —, um dos outros pode entrevistar Mohamed, eu não me importo. Eu só quero que isso seja feito.

— Por quê?

Ela respirou fundo.

— Está bem, você pode achar que isso é loucura, mas Martin ontem à noite me falou sobre esse homem que ele conhece que põe a logomarca da sua empresa nos pesos da academia de casa. Ele é um empresário que tem obsessão pela Excalibur e a põe, aparentemente, em tudo.

— Você acha que Wright encomendou pesos personalizados? — disse Strike com as sobrancelhas erguidas.

— Nós sabemos que Oz e Medina voltaram ao apartamento de Wright nas primeiras horas para pegar uma coisa que até Oz mal conseguia carregar, certo? Foi você que disse que provavelmente eram os pesos. Bem, e se havia alguma coisa neles, uma coisa pessoal… não sei, um desenho, um slogan pessoal…?

— Pesos personalizados seriam uma compra muito extravagante para um homem que só tinha dinheiro suficiente para morar naquela pocilga — comentou Strike.

— Eu sei — concordou Robin —, mas eles não precisavam ser exatamente personalizados, eles podiam ter… não sei, adesivos, ou alguma outra coisa. Adesivos que Medina não conseguiu tirar e, mesmo que tivesse conseguido, os vestígios podiam indicar algo que o assassino queria esconder, algo que teria identificado Wright. Nós sabemos que Mandy e Daz nunca entraram no quarto de Wright, mas Mohamed pode ter feito isso. Eu sei que não é muito provável,

mas, Strike, acho que estamos muito à frente da polícia. Nós levamos a sério a possibilidade de Wright não ser Knowles por muito mais tempo do que eles. Eu só sinto que…

Houve uma batida na porta, e Pat entrou, parecendo mal-humorada.

— Era o tio de Plug. Ele quer que você finja que o garoto não estava lá. Diz que não é culpa dele, que o pai o obrigou.

— Pelo amor de Deus! — explodiu Strike. — Nós já prestamos depoimento para a polícia. O que vem agora? Ele quer que Shah finja que esfaqueou a si mesmo na perna?

— Isso, então, é um "não" — disse Pat, franzindo o cenho, e fechou a porta outra vez.

Strike então baixou a voz:

— Ela estava falando sem parar sobre aquela droga de peixe quando você chegou?

— Travolta?

— O quê?

— É como ela o chamava. Eu acabei de descobrir.

— Por que ela está dando nomes para eles?

— As pessoas fazem isso com bichos de estimação — comentou Robin, achando graça.

— Eu sabia que ia ser assim — disse Strike em desespero. — O olhar que ela me deu quando contei que ele tinha morrido, você pensaria que eu o havia comido… Onde estávamos?

— Mohamed — respondeu Robin. — Além do mais, eu recebi isso de Chloe Griffiths tarde da noite ontem. Veja…

Ela entregou seu telefone para ele, e Strike leu:

Oi, Chloe, aqui é Robin Ellacott. Desculpe por entrar em contato com você outra vez, mas tenho mais algumas perguntas e acho que você é a única pessoa que pode respondê-las. Eu entendo como isso é difícil para você e não a incomodaria outra vez se não achasse que é importante.

Que perguntas?

Eu falei com o pai de Hugo, e ele mencionou uma grande discussão que você teve com Tyler e Anne-Marie sobre uma pulseira.

E daí?

Eu só estou um pouco confusa sobre seu relacionamento com Tyler.

Você não tem OLHOS? A pessoa na porra do meu Instagram se parece com Tyler?

Eu não estou sugerindo que Tyler está viajando com você.

Chloe não tinha respondido.

— Um pouco agressiva — comentou Strike, devolvendo o telefone de Robin.

— É, não é? Eu sei que ela pode apenas não querer se aborrecer com isso…

— *Eu* não quero me aborrecer com isso — disse Strike, passando a mão pelo rosto sem barbear —, mas Rena Liddell me ligou às sete horas esta manhã. Ela teve alta do hospital em West Country e diz que está bem, agora que voltou para seu clonazepam, embora ser internada compulsoriamente não tenha feito muito por sua paranoia. Ela quer se encontrar comigo, mas está com medo de "que eles estejam escutando". Nós vamos nos encontrar no Engineer, em Camden, onde ela e Semple tomaram um drinque antes que ele desaparecesse. Ralph Lawrence aparecer outra vez é um risco que vamos ter que correr.

Como Strike não tinha gritado por causa de Wade King, Robin achou que deveria se conter da mesma forma, então, em vez de questionar se era aconselhável continuar a hostilizar o MI5, ela falou:

— Então Rena é o motivo para você querer continuar a investigar?

— Não, eu tinha decidido continuar antes que ela ligasse. Eu vim para cá depois que voltei de toda essa merda de facadas e idas ao hospital e tive… talvez não uma revelação, mas uma ideia sobre a entrega da Gibsons e o centro de mesa oriental, e quanto mais eu penso nisso, mais acho que posso estar chegando a algum lugar. Culpe Tom Waits.

— O cantor? — perguntou Robin, confusa.

— É. Escute isso.

Strike apertou um botão em seu teclado, e um piano tilintante começou a

tocar.

— Espere o refrão — pediu Strike.

… a soldier's things,
His rifle, his boots full of rocks,
And this one is for bravery
And this one is for me
And everything's a dollar
In this box…[3]

— Eu… não estou entendendo — disse Robin.

— Venha aqui — falou Strike, chamando-a para seu lado da mesa, e ele sentiu o cheiro de seu perfume outra vez quando ela foi ver a imagem congelada da câmera interna da Ramsay em seu monitor. Enquanto Tom Waits continuava a cantar, Strike apertou o play.

Larry McGee entrou na loja, deixou os caixotes e foi embora.

Wright desceu com o primeiro caixote para o porão.

A jovem loura chegou e prendeu a atenção de Pamela.

Wright levou o segundo caixote para o cofre.

Ele carregou o terceiro caixote para o subsolo.

Todd entrou na loja e ajudou Wright a levar o caixote maior para baixo.

Wright voltou para o andar da loja.

Todd ainda estava no porão. Ele ficou lá por quase vinte minutos.

Todd reapareceu.

A loura foi embora.

Pamela desceu sozinha até o cofre.

Pamela voltou para o andar da loja, trazendo itens que colocou em uma bolsa.

Wright foi embora, levando a bolsa.

Pamela recebeu sua mensagem de texto.

Pamela disse a Todd para ficar.

Pamela recebeu uma ligação. Ela apontou a porta para Todd, que saiu da loja.

Wright e Todd voltaram, cambaleando sob o peso de outro caixote grande.

Eles o levaram para o cofre.

Todd subiu novamente e devolveu a bolsa de Pamela.

Pamela foi embora.

Todd teve seu acesso de tosse.

Quarenta e quatro minutos se passaram.

Wright tornou a surgir vindo do porão.

Ele e Todd discutiram.

Todd saiu.

Strike apertou o pause. Tom Waits continuava a cantar:

And everything's a dollar in this box…

— Você viu? — perguntou Strike.

— Nada que eu não tenha visto todas as outras vezes em que assisti a isso — respondeu Robin.

— Está bem — disse Strike voltando a gravação, e ele exibiu novamente o trecho do vídeo no qual Todd e Wright levaram o caixote maior da entrega original na direção do cofre. Todd estava andando muito devagar, como um caranguejo, e parecia em risco de deixá-lo cair. — Você diria que eles estão atuando? Fingindo ser muito mais pesado do que é?

— Não — disse Robin. — Aquilo parece verdadeiramente pesado.

— Mas o centro de mesa oriental não está ali dentro, está? Porque ele foi para a Bullen & Co. Agora…

Strike avançou a imagem outra vez e apertou o play. Pamela tornou a subir vinda do cofre, carregando itens pequenos nos braços que pôs em uma bolsa e entregou a Wright, que saiu.

— Pamela tirou a tampa do caixote grande no subsolo, certo? — disse Strike para Robin. — E em vez do centro de mesa, ela viu os pequenos objetos que tinha comprado para seu próprio negócio.

— Certo… — disse Robin.

— Que ela, uma mulher de cinquenta e tantos anos, com joelhos ruins, conseguiu levar para cima. Então…

— Por que o caixote estava tão pesado quando desceu? — disse Robin, estarrecida. — *Por que eu não vi isso?*

— Pela mesma razão que eu não vi. Pela mesma razão que Pamela não percebeu, nem o próprio Wright. Pela mesma razão que as pessoas ainda caem no golpe das três xícaras — disse Strike. — Então comecei a pensar sobre a pegada no sangue em torno da cabeça, na droga da persiana estragada e na porta

empenada atrás da mesa. Luz teria sido visível através da janela se o assassino a tivesse acendido no porão. Isso não nos diz por que e não nos diz quem, mas nos diz uma coisa importante sobre nosso assassino: aquele cofre era literalmente o único lugar onde tiveram uma chance realista de pegar William Wright de surpresa. Necessidade. Eles, literalmente, não tiveram outra escolha.

---

[3] … as coisas de um soldado/ Seu fuzil, suas botas cheias de pedras/ E esta é por bravura/ E esta é para mim/ E tudo é um dólar/ Nesta caixa… (N. do T.)

114

Ao tilintar estridente do sino de prata,
Espalhando gotas frias de terror
Na calçada repentinamente cheia
Com os rostos da multidão.

Robert Browning
Christmas-Eve

Martin voltou para Yorkshire depois de uma segunda noite na casa de Robin. Carmen tinha aceitado suas desculpas depois do que pareceram ter sido mais vinte e quatro horas de recriminações recíprocas, feitas por telefone. Robin não teve opção além de ouvir o lado de Martin das discussões e até captar a maior parte do de Carmen, de tão alto que ela gritava. Entre os acessos de discussão com Carmen pelo telefone, Martin contara a Robin que Dirk dormia apenas uma hora de cada vez, que a cicatriz da episiotomia de Carmen ainda a estava incomodando e que seus mamilos tinham sangrado tanto que ela teve de parar de amamentar. Robin não queria esses detalhes desagradáveis, mas Martin parecia obter algum alívio ao contar a ela sobre isso. Com sentimentos confusos, Robin o viu ir embora. Ele deveria estar, sem dúvida, ao lado da parceira e do bebê, mas Robin tinha achado sua presença reconfortante.

Ela continuou alternando entre dias no escritório e dias em seu apartamento, que, como temia, tinha começado a parecer mais com uma cela. Infelizmente, a menos que Strike estivesse no escritório com ela (Robin não gostava de admitir isso para si mesma, mas era verdade), a Denmark Street não fazia com que se sentisse muito mais segura. Foi lá que a letra "G" tinha sido pintada na porta, e tanto a Denmark Street como a Charing Cross eram barulhentas e movimentadas, deixando-a ainda mais sobressaltada.

Quando acordou no dia 22 de março, Robin decidiu que passaria o dia no apartamento, porque seu sócio estava seguindo a funcionária pública supostamente infiel. Sua porta da frente tinha duas fechaduras, o alarme estava ligado e havia uma cadeira da sala de jantar presa contra a maçaneta da porta. Ela estava tentando não sentir inveja de Midge, que no momento estava vigiando Hussein Mohamed, em Forest Gate. Robin tinha feito um resumo completo para Midge, contando a ela que estava especialmente interessada em saber se Mohamed algum dia tinha visto pesos no apartamento de Wright, mas desejou que pudesse conduzir essa entrevista ela mesma.

Robin tinha marcado uma consulta com a terapeuta que Prudence lhe recomendou e, embora só fosse para dali a três semanas, ela sentiu, como tinha contado a Prudence, certo conforto em saber que estava buscando ajuda. Não tinha contado para mais ninguém sobre a consulta, nem mesmo para Murphy. Robin não queria pensar no que isso dizia sobre o estado de seu relacionamento.

Depois de terminar o café da manhã, Robin enviou uma nova mensagem no WhatsApp para Chloe Griffiths, que tinha ficado em silêncio desde sua última explosão de raiva.

Chloe, sei que você não quer ser questionada sobre isso, mas a polícia descobriu que Tyler estava em uma ligação em Ironbridge com alguém em Londres quando Anne-Marie e Hugo sofreram o acidente, então ele não pode ter algo a ver com isso.

Para leve surpresa de Robin, ela recebeu uma resposta em poucos minutos.

E daí? Eu nunca tive certeza de que ele tinha feito isso.

Robin digitou:

Então por que você acha que ele foi embora de Ironbridge?

Como eu posso saber?, respondeu Chloe imediatamente.

O sr. Whitehead diz que você e Tyler eram próximos.

Ele está falando merda. Eu disse a você, Tyler é horrível.

Seu pai e Wynn Jones acham que Tyler foi trabalhar em um pub. Tyler alguma vez mencionou isso para você?

É, uma vez ele disse que estava pensando em trabalhar em um pub em algum outro lugar.

Você se lembra de onde?

Wolverhampton, provavelmente. Ele ia querer ficar perto do Molineux Stadium.

É lá que os Wolves jogam, certo?

É.

Desculpe por ser literal, Chloe, mas quando você me enviou uma mensagem pela primeira vez, me disse que Tyler nunca tinha desejado viver em nenhum outro lugar antes.

Dessa vez, Chloe não respondeu. Robin estava prestes a largar o telefone quando ele tocou.

— Onde você está? — perguntou Murphy, em pânico.

— Em casa, por q…?

— Graças a Deus. Houve um ataque terrorista na ponte de Westminster.

— Ah, meu Deus, o que f…?

— Um homem jogou deliberadamente seu carro em cima de pedestres. Preciso ir. Eu só queria saber se você estava longe disso.

Murphy desligou. Uma onda de suor frio atravessou o corpo de Robin. Strike estava em Westminster, seguindo a funcionária pública. Ela ligou para ele, que não atendeu.

Ela correu até a televisão e ligou no noticiário.

O carro do terrorista tinha subido na calçada na ponte e atropelado pedestres, um dos quais tinha caído, por cima da balaustrada, no Tâmisa. O homem

continuou em frente, batendo na cerca do perímetro do Palácio de Westminster, então fugiu a pé, armado com uma faca. E esfaqueou um policial desarmado.

Com os olhos fixos na tela, Robin ligou para Strike mais uma vez. Nenhuma resposta.

— Ah, por favor, Deus, que ele esteja bem — sussurrou ela.

O motorista do carro tinha sido baleado e morto pela polícia. Todo o ataque tinha durado oitenta e dois segundos, mas havia dezenas de pessoas ensanguentadas, feridas e possivelmente mortas.

O celular de Robin tocou: era Strike.

— Desculpe — falou ele —, meu celular estava silenciado para escutá-la conversando com uma amiga.

— Onde você está? — perguntou Robin, que podia ouvir sirenes e muitos gritos.

— Na St. Stephen's Tavern.

— Você estava muito perto! — disse ela, que conhecia o pub; os dois estiveram lá juntos.

— Estava, e não temos permissão de sair, há policiais armados por toda parte — informou Strike, que estava tendo de levantar a voz acima da comoção ao redor. — Eu mantenho você informada, mas estou bem.

— Ótimo — disse Robin baixinho.

As pernas dela estavam tremendo. Depois que Strike desligou, ela se jogou no sofá, olhando fixamente para a televisão. O gesto de brutalidade gratuita tinha intensificado sua sensação de um perigo sempre presente.

Então um pensamento feio passou pela sua cabeça. Será que ela teria ficado tão aterrorizada e afetada por isso se tivesse sido Murphy quem estivesse em Westminster, se tivesse sido Murphy com quem ela não conseguisse entrar em contato?

É claro que teria, disse ela a si mesma furiosamente. *É claro.*

115

Meus sonhos são com um campo distante
E sangue e fumaça e tiros.
Ali meus camaradas estão em seus túmulos,
Em meu túmulo eu não estou.

A.E. Housman
XXXIX, More Poems

Enquanto Strike dirigia para Camden às sete horas daquela noite, ele escutava o rádio no carro. Quatro pedestres tinham sido mortos pelo terrorista ainda não identificado que avançara sobre as pessoas na ponte de Westminster. Mais de vinte tinham sido feridos, alguns em estado grave. Uma mulher tinha sido derrubada no Tâmisa e estava em situação crítica.

Strike esperava que ninguém que ele conhecesse descobrisse o que ele sentiu e fez quando ouviu os gritos do lado de fora da St. Stephen's Tavern, viu policiais armados correndo e civis fugindo e escutou tiros. Horas mais tarde, ele ainda estava mortificado pela lembrança de sua própria reação instintiva e impensada.

Suor frio tinha molhado seu corpo inteiro, e ele foi mancando o mais rápido possível na direção da rua, passando pelas pessoas sentadas no pub que começavam a entrar em pânico, como se ele ainda estivesse armado, usando um colete à prova de balas e tivesse duas pernas inteiras, e coubesse a ele, pessoalmente, salvar Londres. Um policial correndo tinha gritado com ele para voltar para dentro, e a razão de Strike retornou junto com uma onda de vergonha; ele voltou para dentro do pub, um herói comum de quarenta e dois anos.

Mas por alguns segundos, o pub, os gritos e os clientes tinham se turvado e deixado de existir; ele estava de volta à estrada de terra amarela no Afeganistão, no veículo prestes a explodir, porque ele gritou "freie" tarde demais. Strike

desconfiou que sua pressão sanguínea tivesse permanecido alta por horas depois do ataque terrorista e não confiava que agora ela estivesse normal.

Ele não imaginava que efeito o ataque teria tido em Rena Liddell, que deplorava a entrada de islamistas na Grã-Bretanha e havia feito uma tentativa desastrada de conseguir uma arma para poder atirar em muçulmanos. Ele achou provável que ela não aparecesse para seu encontro no Engineer. O efeito de atos cataclísmicos de violência em mentes já desequilibradas podia, como Strike sabia muito bem, ser catastrófico. Ele se lembrou da história contada a ele por um amigo socorrista do exército sobre um homem gravemente ferido que tinha entrado em um estado de psicose paranoica e parecia acreditar que ele, pessoalmente, estava fazendo prédios explodirem em Bagdá, embora estivesse deitado em um leito de hospital na Alemanha.

Strike estacionou o BMW na Gloucester Avenue, onde ficava o Engineer. O pub, percebeu ele, ficava a apenas uns duzentos metros de distância de uma ponte sobre o Regent's Canal. A placa acima da porta mostrava Isambard Kingdom Brunel de cartola.

Ao entrar, Strike encontrou um gastropub estiloso. O bar era de madeira muito lustrada, as paredes eram escarlate, e toda a clientela parecia bem arrumada. Não havia nenhuma mulher com uma tatuagem no rosto, nem dentro nem na área externa. Decidido a ter certeza, ele voltou até o bar.

— Meu nome é Cormoran Strike e eu deveria me encontrar com uma pessoa aqui. Deixaram algum recado para mim? Uma jovem loura.

O jovem barman pareceu achar um pouco de graça, pelo que Strike não poderia culpá-lo. Quem deixava recados para serem transmitidos por seres humanos em um mundo em que existiam telefones celulares? Esse velho idiota não percebeu que tinha levado um bolo? Mas uma mulher mais velha atrás do balcão virou a cabeça ao ouvir as palavras de Strike.

— Ela tem uma tatuagem no rosto?

— Tem — respondeu Strike.

— É ela — disse a mulher para o barman. — Aquela suja que começou a gritar.

— Ah — murmurou o barman, nitidamente revendo sua opinião sobre o estado de ilusão de Strike, embora, ao que parecia, desprezando seu gosto em mulheres.

— Eu acho que ela não está muito bem — comentou Strike. — Quando ela esteve aqui?

— Há uma hora, mais ou menos.

— Ela deixou recado?

— Não — respondeu o balconista. — Ela gritou alguma coisa sobre uma ponte, então foi embora.

— Está bem — disse Strike. — Obrigado.

Ele saiu do pub para a rua outra vez. O que Rena teria feito depois de fugir do Engineer? Pegado carona para sair de Londres? Ele olhou na direção da ponte sobre a rua; não havia nenhuma loura ali.

Ele continuou andando e, quando viu uma escada à sua esquerda que levava da rua até o Regent's Canal, ele a desceu sem uma ideia muito clara de por que estava fazendo aquilo, exceto que seu próprio impulso natural ao se ver perto de um corpo d'água era ir dar uma conferida nele, mas também porque ele estava se perguntando se Rena poderia ter seguido por esse caminho.

Ele chegou a uma trilha que corria paralelamente ao canal verde-lodo que fluía devagar, de modo que estava entre duas pontes, uma feita de tijolos, para carros e pedestres, e outra de ferro, com trilhos de trem.

A luz da tarde estava desvanecendo rápido. Árvores projetavam sombras que espalhavam áreas de escuridão mais profunda na água lenta. Um único cisne nadou lentamente na direção de Strike, com olhinhos escuros inteligentes. Ele o observou deslizar por baixo da ponte de pedra, seu branco puro se tornando cinza sujo na sombra, então viu uma massa escura e encolhida embaixo da ponte que ele achou que poderia ser uma pessoa.

Um corredor passou por Strike de cara feia porque o detetive o havia forçado a desviar alguns centímetros de seu caminho autodeterminado e passou depressa pelo que parecia ser uma pilha de trapos sem olhar para ela. Isso era Londres: a menos que as pessoas estivessem gritando de angústia e pertencessem a um grupo estatístico propenso a despertar simpatia, e às vezes nem assim, os outros habitantes da cidade estavam ocupados demais para parar e cansados demais para se importar. Strike sabia disso por experiência própria. Ele era grande demais, másculo demais e com aspecto demasiadamente ameaçador para despertar impulsos protetores no coração dos passantes, assim como sabia da suspeita universal com a qual tinha sido tratado ao cair e não conseguir se levantar de uma

calçada da cidade, na ocasião em que seu tendão parou de funcionar completamente.

Strike se aproximou da figura lentamente. Ela estava enroscada em posição fetal, silenciosa e imóvel, ao lado de uma mochila cheia. As mãos imundas agarravam o cabelo louro, cobertas de tatuagens feitas por ela mesma. Era pequena; com certeza, não era um homem.

— Rena? — disse ele em voz baixa.

Ela ergueu os olhos. Mesmo no escuro da ponte que os abrigava, Strike pôde ver que sua compleição era pálida e manchada de um jeito doentio. Ela tinha uma ferida feia de herpes no lábio inferior e uma tatuagem borrada de lágrima embaixo do olho direito.

— Eu sou Corm…

Do início ao fim, o ataque terrorista daquela manhã tinha durado oitenta e dois segundos. O que aconteceu ali foi muito mais rápido, mas a reação de Strike foi ainda mais veloz por ele ter estado tão recentemente perto de um assassinato em massa. Ele segurou o pulso magro dela antes que sua mente consciente percebesse que ele tinha visto o cano de uma arma apontado para cima; com a outra mão, ele a tomou; ela gritou e bateu nas pernas dele com o punho livre, sua voz ecoando em torno da parte de baixo da ponte.

Ele a afastou, tentando não ser mais duro do que o necessário, suas narinas cheias do cheiro dela; era como se ela não se lavasse há meses.

— Sou eu, Cormoran Strike, você queria se encontrar comigo, pelo amor de Deus — disse ele, segurando a mão que estava dando a maioria dos socos. — Sou eu, você tem me ligado há semanas!

O sentido de suas palavras pareceu penetrar; ela parou de lutar, e ele a soltou imediatamente, sem querer ser acusado de agressão. Ele olhou para a arma a fim de verificar se estava carregada, e logo viu que era uma réplica, e uma nada convincente. Depois de guardá-la no bolso, ele estendeu a mão.

— Levante-se. Você vai morrer de frio sentada aqui embaixo. Nós podemos comer alguma coisa.

— Vá se foder — disse ela com ferocidade. — Eu vou ficar aqui.

— Por quê?

— Porque eu quero. Tem pessoas atrás de mim.

Como Strike tinha certeza de que Rena interessava ao MI5, ele não conseguiu

atribuir a crença exclusivamente ao fato de ela ser uma Gateshead.

— Bem, é bom finalmente conhecer você — falou o detetive.

Ela estreitou os olhos para ele, e Strike achou que ela parecia estar meio intrigada, meio surpresa.

— Você é mesmo ele, não é? O detetive?

— Sou, sim — afirmou Strike.

— Eles me disseram para não falar com você.

— Eu sei. Eles acham que eu quero causar problema. Não quero. Só estou tentando descobrir o que aconteceu com Niall Semple.

— Eu achei que você estivesse tentando encontrar meu irmão.

Merda.

Ele tinha visto no Twitter de Rena que ela não acreditava que o irmão, Ben, estivesse morto, é claro, mas ele esperava que a verdade pudesse ter sido assimilada durante os dois anos seguintes. A situação, ele sabia, ia exigir muito cuidado, porque ele não tinha ideia se Niall Semple, graças a seu dano cerebral, a havia alimentado com falsas esperanças de que seu irmão ainda estivesse vivo.

— Vamos comer alguma coisa — sugeriu ele no que devia ser um tom de voz encorajador.

— Não — respondeu ela, ainda olhando para ele com olhos estreitos na penumbra. — Você era do exército, não era? Eu vi na internet.

— Eu estive no exército, sim — disse Strike.

— Eu não acredito em exércitos. Eu acho que eles não deveriam nem existir. Eu já vi o que acontece.

Longa exposição a pessoas nas garras do vício e a questões de saúde mental durante a infância de Strike tinham ensinado a ele que, a menos que você gostasse de conflitos que escalavam rápido e cenas feias, um acordo calmo, sempre que possível, era a melhor política.

— É, coisas ruins acontecem — comentou ele. — Por que não caminhamos um pouco?

Rena ignorou a sugestão. Seu cabelo louro estava em dreadlocks, e Strike não ficaria surpreso se visse insetos rastejando nele. Ele não a culpava pelo estado físico em que se encontrava, mas se perguntou como o hospital psiquiátrico poderia ter dado alta para ela, por mais que fosse conveniente para ele que tivessem feito isso.

— Eu acho que ele estava falando desse lugar — disse Rena, apontando para a

ponte.

— Quem, Niall?

— É. Ele disse que tinha deixado coisas para mim. Mais coisas. Talvez escondidas atrás dos tijolos? — disse ela, olhando vagamente para cima.

— É, você me contou que ele te deu uma coisa quando vocês se encontraram — comentou Strike. — O que era?

— Eu não vou dar para você — disparou ela, tomada de desconfiança outra vez.

— Eu não estou atrás disso — assegurou Strike. — Eu só estava interessado porque você me falou.

— Eu nunca disse isso.

— Ah, eu devo ter imaginado então — disse ele para acalmá-la. — Vamos, vamos andar um pouco. Nós podemos voltar para cá. Você não está com fome?

— Você não está trabalhando para aqueles escrotos do serviço de segurança, está?

— Não — respondeu Strike. — Eles não estão felizes comigo. Não querem que eu me encontre com você.

— É, eu sei disso. É por causa do que eu posso dizer.

— Está esfriando. Por que nós não damos uma volta?

Ela mexeu na unha do polegar de um jeito desconsolado por um instante, então disse:

— É, tudo bem.

Ela se levantou e ergueu a mochila também.

— Você quer que eu carregue isso? — perguntou Strike enquanto ela a jogava sobre os ombros.

— Não… você só tem uma perna, não é?

— Uma e meia — corrigiu Strike, e levantou a perna direita da calça para mostrar a Rena a barra de metal que funcionava como seu tornozelo.

— Merda — disse ela. — Você tem cigarro?

— Não — negou Strike quando eles começaram a andar pela margem do canal. — Atualmente estou usando um eletrônico.

— Como essas coisas são?

— Legais, mas não é tão bom quanto fumar.

— Ah — murmurou Rena, no que pareceu ser um pouco de bom humor.

— Você se encontrou com Niall no Engineer? — perguntou Strike.

— Me encontrei.

— Sobre o que vocês conversaram?

— Ele só me contou que ia se redimir com Ben. Que ia encontrá-lo.

— É mesmo?

— É. É por isso que aqueles filhos da puta não querem que eu fale. Deixaram meu irmão lá sem ter como voltar e não querem que ninguém saiba disso.

A noite caía depressa. Strike não estava achando a trilha às margens do canal especialmente fácil para sua perna direita.

— Você tem certeza de que não quer comer alguma coisa? — perguntou ele.

Ela olhou de soslaio para ele através do anoitecer.

— É, está bem — concordou ela.

Ela pareceu deixar a hostilidade sob as sombras da ponte, uma situação que Strike torcia para que durasse. Eles voltaram até a escada por onde ele tinha descido e subiram juntos até a rua, o joelho e o tendão de Strike doendo, então entraram no Engineer.

Ele pensou ver apreensão no rosto dos funcionários do bar quando entrou com uma Rena muito suja e fedorenta, mas ninguém impediu os dois de pegarem uma mesa ao lado da janela no salão de paredes vermelhas, embora um casal de meia-idade tenha franzido o nariz ostensivamente quando a mulher passou por eles.

— Eu não consigo me lembrar de nada antes de ter seis anos — anunciou Rena depois de sentar, sem relação com nada.

— É mesmo? — perguntou Strike. Ele tinha muita experiência com declarações aleatórias e desconexas de pessoas com fragilidade mental.

— É — respondeu Rena, mexendo nos dedos outra vez. — Foi quando nossos pais morreram.

— Sinto muito por saber disso — disse Strike. — Como eles morreram?

— Em um terremoto na Turquia, quando eles estavam de férias. Izmit. Só que eu não acho que eles eram meus pais verdadeiros. Eu me lembro de uma mulher loura, e a mulher que morreu tinha cabelos escuros.

Strike se perguntou se a história do terremoto era verdade. Perdas traumáticas repetidas podiam muito bem explicar os problemas mentais de Rena, mas ele também se lembrou de uma mulher na qual não pensava em anos, que tinha conhecido quando criança em uma das piores ocupações para a qual sua mãe o

arrastara junto com Lucy. Ela tinha dentes quebrados e um olhar desvairado, e contava a todo mundo disposto a escutar que era a filha ilegítima da falecida princesa Margaret com seu primeiro namorado, Peter Townsend, algo que ela podia provar com horários, datas e suas primeiras lembranças, que incluíam uma mulher de tiara chorando sobre seu berço.

Os dois pediram uma bebida. Rena pediu uma cerveja.

— Sabe — começou ela, mais uma vez sem nenhum estímulo e ignorando o menu que a garçonete tinha posto à sua frente —, ele me deu isso.

Ela tateou por baixo de suas camadas de roupas sujas e sacou um colar de prata. Ele tinha um pingente estranho: um tabuleiro de xadrez quadriculado.

— Niall deu isso a você? — perguntou Strike, olhando para a coisa.

— Foi. Ele disse que era mágico — respondeu Rena. — Para proteção. Ele me deu isso quando nos conhecemos. E ele ia me dar mais. Ele me contou. Na ponte…

— Ele ia dar a você mais joias de prata?

— É, é. Acho que ia. Ele escondeu isso, na ponte.

— Na ponte onde eu encontrei você?

— É, acho que sim. Ou talvez na ponte ao lado dela. Eu não sei.

— Niall tinha uma maleta com ele quando se encontrou com você?

— Tinha — confirmou Rena. — E ela era muito pesada. Acho que havia mais dentro dela.

— Mais prata?

— É.

A cerveja de Rena chegou, e ela bebeu metade da bebida com prazer. Strike se perguntou se cerveja combinava com clonazepam, o remédio que ela lhe disse que estava tomando.

— Então Niall disse que estava indo atrás de Ben, quando se encontrou com você?

— Disse — respondeu ela com um repentino ressurgimento de raiva —, porque mais nenhum outro filho da puta vai atrás dele, não é mesmo?

— Você e Ben cresceram juntos, depois que seus pais morreram?

— Não, eu tive que ir morar com minha avó, e ele ficou com nosso tio. Nosso tio não é casado, e Ben era mais velho. Ele não queria uma garotinha.

Strike se lembrou imediatamente de sua mãe e de sua separação forçada de Ted

aos dois anos. Será que a vida de Leda teria sido melhor se ela tivesse conseguido permanecer com o irmão? Será que a de Rena teria?

— Eu *acho* que ele é meu irmão — disse Rena irrequieta. — Eu *acho* que é.

— Onde você estava morando quando Niall entrou em contato com você no ano passado? — perguntou Strike. — Ainda com sua avó?

Ele calculou que ela tivesse vinte e tantos anos, embora fosse difícil ter certeza. Ela poderia ser mais nova do que seu rosto enrugado e encovado sugeria.

— Não — disse Rena. — Ela morreu há muito tempo. Eu estava em um Lugar.

A inflexão da palavra sugeriu que Rena poderia ter estado em um hospital psiquiátrico, ou talvez em uma unidade para dependentes de drogas.

— Niall contou como ele soube onde você estava?

— Acho que Ben pode ter contado a ele — respondeu Rena de um jeito vago.

— Então você e Ben mantinham contato?

— Às vezes. Ele me contou — disse ela, com uma animação repentina — sobre uma batalha no dia do meu aniversário, 19 de julho. E eles não deram uma medalha àquele cara grande que morreu, que era, tipo, corajoso pra cacete, e ele não era britânico, era de Fiji, ou algum outro lugar, enfim, eu não sei de onde, e eles nunca deram a ele uma medalha de verdade, porque ninguém deveria saber que eles estavam ali, então esse é o tipo de merda horrível que eles fazem no exército.

— Talaiasi Labalaba — disse Strike. — Batalha de Mirbat.

— Como você sabe disso? — perguntou Rena, meio empolgada, meio nervosa.

— Há uma estátua dele na base das Forças Especiais em Hereford — explicou Strike.

Ele tinha acabado de se lembrar por que o nome de usuário Austin H tinha posto a palavra "fuzz" em sua mente no bar do Goring com Robin. Ele a tinha visto no "A verdade sobre os maçons".

Tenho quase certeza de que Austin "Fuzz" Hussey (também das Forças Especiais, Batalha de Mirbat) era maçom.

116

"E muitas e longas devem ser as tribulações
Que tu deves vitoriosamente suportar,
Se essa fronte for verdadeira, e esses olhos, seguros;
Como a feroz análise de um descobridor de joias
Do prêmio que ele escavou de seu túmulo na montanha —
Deixe que o raio defensor
Salte uma vez em meio à escuridão ansiosa,
E o aço e o ferro fizeram sua parte
E o prêmio recai sobre o coração de quem o encontrou…"

Robert Browning
The Flight of the Duchess

Robin estava em casa sozinha. A noite tinha caído, suas cortinas estavam fechadas, sua porta com duas trancas, o alarme ligado e a cadeira da sala de jantar ainda presa embaixo da maçaneta da porta da frente. O noticiário da TV estava silenciado, e ela ligara as legendas para saber mais sobre o ataque na ponte de Westminster. Não divulgaram o nome do terrorista morto, mas sua descrição física sugeria que ele poderia ser muçulmano. Ela sabia que isso não estava fazendo muito bem para sua ansiedade, olhar imagens da carnificina, mas não parecia capaz de afastar os olhos.

Seu telefone tocou, sobressaltando-a.

— Oi — disse Midge, que parecia triunfante. — Consegui o que você queria com Hussein Mohamed. O coitado chegou cedo do trabalho. "É um dia ruim para ser um muçulmano dirigindo um carro em Londres." Vou te mandar o arquivo de áudio agora para você mesma poder ouvi-lo.

— Os pesos? — perguntou Robin, com uma onda repentina de expectativa.

— Ele mencionou…

— Só escute — insistiu Midge, parecendo muito satisfeita. — Você não vai se decepcionar. Começa aos sete minutos.

Então Robin desligou e fez o que ela disse, abrindo o arquivo de áudio e botando o volume de seu telefone no máximo.

"… então, você falava muito com ele?", perguntou Midge.

"Eu, pessoalmente, só umas duas vezes", disse uma voz de homem com sotaque sírio. "Na primeira, ele se ofereceu para nos ajudar com a cadeira de rodas da Hafsa. Era difícil morar no último andar. Nós dissemos que íamos dar um jeito… qualquer coisa para deixar o centro de detenção. Nós o convidamos para tomar um café, mas ele disse que tinha coisas para fazer… Ele com certeza não era o ladrão?"

"Não", disse Midge. "Por quê?"

"Porque se ele fosse, isso explicaria algumas coisas. Ele nunca quis que víssemos o interior do seu quarto. Ele chegava até a esperar que passássemos para abrir a porta."

"Ele contou a você que sua namorada estava esperando um bebê?"

"Não para mim, ele contou um dia para minha esposa, quando eu não estava e ele a estava ajudando com Hafsa outra vez. Ele disse que torcia para que fosse uma garotinha. Ela disse para ele: 'A maioria dos homens quer um filho.' Ele disse a ela que homens causam a maioria dos problemas no mundo, e ele não queria acrescentar mais um… Minha esposa perguntou por que a namorada dele não estava com ele, se ela estava esperando seu bebê, e ele disse que ela ia chegar em breve. Ele disse que a família dela não o aprovava, então era difícil. Nós pensamos, depois que ele foi morto, que era possível que a família da namorada tivesse alguma coisa a ver com isso, mas talvez tudo o que ele contou fosse mentira."

"Você chegou a falar com ele outra vez?"

"Só uma vez."

"Sobre o que vocês falaram?"

"Leões", disse Mohamed.

"*Leões?*"

"É. Minha esposa, eu e Hafsa tínhamos passado o dia inteiro fora. Nós estávamos esperando uma encomenda. O homem do andar de baixo disse que

tinha visto William levando caixas para seu apartamento. Eu me perguntei se ele estava guardando a nossa para nós, então bati na porta. Ele levou um tempo para atender. Tinha fechado as cortinas, e havia apenas uma lâmpada acesa, então estava escuro, e ele havia feito uma coisa estranha: havia jogado um lençol por cima de seus pesos, mas ele caiu quando eu estava lá. Ele tornou a cobri-los. Eu percebi que ele não queria que eu os visse; na hora, não soube por quê. Eu não entendi. Mas se ele os tivesse roubado, isso faria sentido. Talvez eles tivessem vindo de uma casa que ele tinha roubado."

"Você consegue se lembrar de mais alguma coisa sobre os pesos?", perguntou Midge, enquanto o coração de Robin acelerava de forma quase dolorosa.

"Lembro, eles eram amarelos, com a cara de um leão preto neles, ou talvez uma leoa, como em um desenho animado. Eu só os vi por um segundo. Ele me olhou de um jeito estranho depois que tornou a cobri-los. Culpado, sabe? Mas ele sabia que eu tinha visto, então eu falei, para mostrar que não ligava, para ser amigável: 'Ah, o leão é meu animal da sorte. O nome de Hafsa significa filhote de leoa.' Eu disse isso para ele, que sorriu e respondeu: 'Mas não chamam al-Assad de o Leão da Síria?', o que é verdade, e uma coisa que nem todo mundo sabe, então eu falei: 'Mas isso não é culpa dos leões', e ele riu. Ele me entregou meu pacote, e isso foi tudo… não, nem tudo. Havia um terno, que ele estava passando. Ele me disse que ia começar em um emprego novo na segunda-feira. Ele parecia satisfeito com isso."

"Você contou à polícia sobre os pesos amarelos que viu no quarto de Wright?"

"Não. Eles mesmos devem ter visto, não é, quando entraram lá?"

"Você sabia que duas pessoas, um homem e uma mulher, foram duas vezes ao quarto de Wright, antes e depois do assassinato, e levaram coisas?"

"Eu soube que eles passaram lá, mas não que tinham levado coisas. A mulher do térreo me perguntou se eu os tinha visto, mas eu não vi. Você está dizendo que eles roubaram? Eles roubaram o apartamento?"

"É, nós achamos que sim. Você se lembra de mais alguma coisa que Wright disse para você ou para sua esposa? Como amigos, colegas de trabalho, qualquer outra pessoa que ele conhecesse em Londres?"

"Não… só o que ele nos falou sobre um banco de alimentos na… Stone Road, eu acho que era isso."

"Wright o utilizava?"

"Acho que sim. Ele nos contou que não tinha muito dinheiro."

"Stone Road, é?"

"É, Minha esposa e eu fomos lá algumas vezes, depois que ele nos contou."

Robin escreveu uma mensagem de agradecimento para Midge, então percebeu que tinha recebido uma resposta de Chloe Griffiths no WhatsApp.

Não, eu não sei por que Tyler foi embora, ele praticamente não estava falando comigo antes de eu viajar, e meu namorado estava ficando com raiva se eu sequer dissesse oi para ele na rua depois que ele me deu aquela merda de pulseira com flores. Por que você ainda está me atormentando? EU NÃO SEI ONDE TYLER POWELL ESTÁ E NÃO DOU A MÍNIMA.

Robin enviou uma mensagem nova no WhatsApp.

Por curiosidade, onde você estava na noite do acidente de Hugo e Anne-Marie?

Ela sentiu que Chloe poderia precisar pensar um pouco antes de responder essa.

Robin então procurou a Stone Street, em Newham, onde William Wright tinha visitado um banco de alimentos. Eles só precisavam de uma pessoa que não estivesse bêbada, drogada ou sofrendo de problemas na visão quando viu Wright à luz do dia, só uma, que olhasse para uma fotografia e dissesse, com convicção, que *era ele*…

Mohamed tinha, compreensivelmente, confundido o nome da rua onde ficava o banco de alimentos: era "Strone", não Stone. Robin o anotou, lembrando-se, ao fazê-lo, de quando foi corrigida presunçosamente por Wynn Jones: *na Wellsey Road* — Wesley *Road*.

Palavras fáceis de confundir uma com a outra… coisas que pareciam como você esperava que parecessem. Um feixe de milho, ou uma árvore. Um leão preto sobre um fundo amarelo…

Nomes… William Wright era um fabricante atacadista de talheres para empresas de alimentação, ou um botânico escocês do século XVIII, ou um famoso jogador de futebol inglês, ou um maçom que se afogou na Primeira

Guerra Mundial… o significado dos nomes…

Tomada por uma ideia aleatória, Robin pesquisou o significado de um nome no Google.

— Ah, meu Deus — sussurrou.

Com mãos trêmulas, ela abriu o Instagram novamente. Precisava ter certeza antes de entrar em contato com Strike. Precisava ter certeza absoluta.

Uma hora se passou e, pela primeira vez desde que tinha sido atacada perto da casa dos Whitehead, Robin se esqueceu de seu medo. Ela nem se assustou com pequenos ruídos noturnos, nem se levantou da mesa para tornar a checar se a porta estava trancada. Não passou por sua cabeça ir até a janela para olhar a Blackhorse Road e checar se Wade King estava vigiando suas janelas. Tudo o que importava para ela era provar a teoria chocante que saltou sobre ela a partir do significado de um nome.

Finalmente, ela pegou o celular ao seu lado e ligou para o sócio.

Strike atendeu quase imediatamente.

— Onde você está? — perguntou Robin.

— Acabei de deixar Rena Liddell em um Travelodge — respondeu Strike. — Eu paguei para ela ficar lá por duas noites. Como você está?

— Strike, acho que consegui uma coisa importante… *muito* importante.

— Engraçado — disse Strike, que estava mancando na direção de seu BMW. — Eu também consegui.

PARTE DEZ

Aqui, com certeza, disse ele para si mesmo, estava o coração de prata do qual as veias dispersas se projetavam.

John Oxenham
A Maid of the Silver Sea

117

Cavaleiro do Leste, ou da Espada…

A maioria dos homens cede à força da corrente e flutua com ela até a margem, ou é varrida pelas corredeiras; e só aqui e ali o coração forte e robusto e os braços vigorosos lutam na direção do sucesso final.

Albert Pike
Moral e dogma do rito escocês antigo e aceito da maçonaria

— Eu ainda acho que vamos ter muita sorte se despertarmos o interesse da Metropolitana pelo que temos neste momento — comentou Strike.

Ele estava de volta ao escritório, sentado à mesa dos sócios, o céu escuro do outro lado da janela. Ele e Robin ainda estavam na ligação que ele tinha atendido a caminho do carro, duas horas antes. Cada um deles tinha contado tudo o que havia descoberto e deduzido, e embora os dois acreditassem que, finalmente, tinham isolado as peças do quebra-cabeça de William Wright das de outros homens e as montado corretamente, sua conversa estava andando em círculos havia um tempo.

— Eu não me perdoo — disse Robin. — Eu deveria ter visto…

— Nós estávamos caçando uma agulha num maldito palheiro — falou Strike —, mas não consigo ver qual será nosso contra-argumento se a polícia disser que tudo o que temos são conjecturas, algumas contas falsas no Instagram e um anúncio velho no eBay… Mas descobrir isso foi um trabalho excepcional.

Strike estava olhando para o velho anúncio enquanto falava, porque Robin o havia enviado para ele por e-mail: pesos de segunda mão, vendidos por um homem em Dagenham em maio do ano anterior. Robin já tinha entrado em contato com o vendedor, e disseram a ela que um homem chamado Will os havia comprado em dinheiro e ficado muito satisfeito com eles, porque não imaginava

que um conjunto como aquele existisse.

— Estou nervosa em relação a você fazer isso sozinho outra vez — disse Robin, não permitindo que a lisonja a afastasse de suas preocupações.

— Eu não vou estar sozinho. Vou levar Barclay e Wardle.

— Vocês vão agir por baixo dos panos outra vez, então. No sentido de serem presos por arrombamento e invasão de propriedade novamente.

— Isso vai ser diferente.

— Como?

— Se eu tiver sorte, vou entrar e sair sem ninguém saber que estive lá. Foi você que disse que isso era uma questão de vida ou morte.

Robin tinha mesmo dito isso logo no início da ligação, mas duas horas de discussões infrutíferas depois, ela estava se sentindo um pouco menos otimista.

— Isso pode ser apenas seu desejo de que seja verdade. Eu odeio dizer isso, mas Sapphire Neagle pode estar morta. Não há sinal dela há meses, e nós sabemos que ele não tem escrúpulos em relação a matar pessoas que deixaram de ser úteis.

— Bem, se você e Midge tiverem sucesso na Ramsay Silver amanhã de manhã, vamos ter prova sólida de que pelo menos parte da nossa teoria está certa. Eu contei a você que a Ramsay está fechada desde que descobriram que Todd foi assassinado?

— Não — respondeu Robin. — Por quê?

— Aparentemente, a assistente se demitiu, com medo de que pudesse ser a próxima funcionária assassinada, a mulher dele não está em bom estado para voltar ao trabalho, e ele mal está conseguindo manter seu emprego no mercado financeiro. Ele disse que vai declarar falência.

— Ah, não — disse Robin.

— Você sempre sentiu mais pena dele do que ele merece — comentou Strike. — Eu sei sobre o filho falecido e a esposa doente, mas o homem é um idiota.

— Tudo bem, se acalme — pediu Robin com leve surpresa diante do tom rabugento de Strike. — As pessoas cometem erros.

— É, e eu cometi muitos, mas não sou sentimental em relação a pessoas que cometem erros evitáveis e repetidos, e aquela maldita loja era um erro desde o começo.

Ele ouviu um bipe.

— Tem outra ligação?

— Tenho, desculpe… vou ter que atender, é Ryan. Eu vou…

— Tudo bem, falo com você amanhã — disse Strike abruptamente, e desligou.

— Oi — disse Robin para o namorado.

— Está tudo bem com você? — perguntou Murphy.

— Ótimo — respondeu ela, porque o que mais podia dizer?

Acho que amanhã podemos solucionar um caso no qual a polícia se equivocou muito, mas eu não consegui contar a você como chegamos lá, porque isso ia envolver eu contar um monte de coisas que tenho escondido deliberadamente de você. Além disso, meu sócio está prestes a arrombar uma casa outra vez, e eu não fiz nada para impedi-lo.

— Como estão as coisas por aí? — perguntou ela. — Como está o cara da bomba caseira?

— Foi confirmado que era só um garoto com problemas interpessoais — respondeu Murphy. — Nada a ver com o atentado em Westminster.

— Bom — disse Robin, embora não soubesse ao certo por quê. Bombas eram bombas. Talvez fosse um alívio pensar que o jovem se tornara assassino sozinho, não como parte de uma organização. Seu pressentimento havia piorado ao longo da conversa com Strike; Oz tinha um número desconhecido de associados.

— Enfim — disse Murphy —, estava pensando no meu aniversário.

Robin levou alguns segundos para ajustar o cérebro à vida cotidiana. Claro, o aniversário de Murphy estava se aproximando depressa; ela ia precisar comprar um presente para ele, além daqueles que ainda não tinha comprado para os novos sobrinhos.

— Eu reservei o restaurante do Ritz. Achei que não fazemos extravagâncias com muita frequência. Estou avisando você com muita antecedência para que você possa tirar a noite de folga, está bem? Porque eles estão com o número do meu cartão de crédito.

— Ah — disse Robin de um jeito inexpressivo. — Está bem, quero dizer… certo. Vou me preparar para tirar a noite de folga. — Temendo não ter soado suficientemente entusiasmada, ela acrescentou: — Vai ser ótimo, o Ritz.

Mas depois que Murphy desligou, Robin ficou sentada, congelada, olhando fixamente para a gravura de Raoul Dufy pendurada acima de sua lareira. Ela mostrava uma paisagem marinha vista através de duas janelas abertas, e isso adicionou um traço de anseio a sua repentina sensação de pânico.

A preferência de seu namorado, quando comiam fora, sempre tinham sido os

gastropubs. Nunca em todo o seu relacionamento ele tinha sugerido ir a qualquer lugar tão chique quanto o Ritz. Não que ele fosse mesquinho: ao contrário, ele dava gorjetas generosas, sempre era o primeiro a se oferecer para pagar uma rodada, mas nunca tinha demonstrado a menor queda por comida francesa nem pelo tipo de restaurante para o qual você precisava se arrumar.

A quinze quilômetros de distância, Strike estava lamentando o tom que tinha usado com Robin em relação a Kenneth Ramsay. Suas críticas às pessoas que faziam coisas estúpidas e eram perdoadas com muita facilidade por Robin tinham muito pouco a ver com o dono da loja de prataria e tudo a ver com o alcoolista em recaída cujo pedido de casamento, ele tinha certeza, estava se aproximando depressa.

O trabalho geralmente permitia que Strike se esquecesse de seus problemas pessoais; ele era adepto de isolar partes de seu cérebro e se concentrar exclusivamente no que quer que precisasse ser feito, um talento aperfeiçoado nas forças armadas. Para seu azar, a tática não estava funcionando muito bem nesses dias, porque a pessoa em quem ele estava tentando não pensar estava indissociavelmente ligada ao seu trabalho.

Mesmo assim, planejamento e preparação cuidadosos eram essenciais para ele conseguir se safar com o que ia tentar no dia seguinte, por isso, fazendo o possível para pôr de lado os pensamentos em Robin e Murphy, Strike voltou a fazer uma lista das coisas que precisavam ser feitas ou obtidas antes de lidar com o que, com sorte, seria a última parte do trabalho no cofre da loja de prataria. Depois de ler tudo o que tinha escrito até então, Strike acrescentou algemas (várias?), refletiu um pouco mais, então escreveu a palavra "porrete". Depois de fazer isso, ele apagou a luminária de sua mesa, pegou seu bloco de anotações e saiu para seu sótão.

118

Nenhum homem omite precaução, negligencia
O segredo, a segurança, não trama uma retirada,
Depois de pensar em como poderia avançar.

Robert Browning
Conde Guido Franceschini

— Tem uma razão para começarmos às sete da manhã? — Barclay bocejou no dia seguinte ao chegar à garagem onde Strike guardava seu BMW. Ele estava segurando um saco do McDonald's que cheirava a bacon. Wardle, que tinha chegado poucos minutos mais cedo, estava bebendo um café para viagem.

— Tem, vocês dois vão na frente para avaliar o território — respondeu Strike. — Meu rosto e meu carro foram ambos vistos lá, por isso não vou aparecer até depois de escurecer. Você pode ir dirigindo até a locadora — acrescentou ele, entregando as chaves do carro para Wardle. — Não quero que minha perna esteja travada se eu tiver que lutar.

— Nós podemos lidar com ele, se chegar a isso — disse Wardle, fazendo a volta no carro.

— Nenhum de vocês vai se envolver em nada físico a menos que seja absolutamente necessário — declarou Strike. — Se eu for pego, vai ser uma merda, porque a polícia já está puta comigo, e eu vou voltar para as notícias. Mas se um homem que acabou de deixar a Metropolitana for pego por arrombamento e invasão, ou se meu terceirizado que recentemente foi preso por subir em telhados for enquadrado por agressão, vamos ter um percentual muito alto da nossa força de trabalho cujos nomes e fotos estiveram nos jornais.

— Eu fico enjoado quando vou no banco de trás — disse Barclay de um jeito sombrio quando Strike entrou na frente, no banco do passageiro.

— Você vai ficar bem — falou Strike —, a menos que tenham enfiado camarões no seu sanduíche.

— Você não vai pegar meu soco-inglês emprestado se for se comportar assim — disse Barclay, puxando as pernas compridas para dentro do carro.

119

(…) e mais uma vez começa a busca!
Aqui, onde a ceifadora trabalhou recentemente (…).

Matthew Arnold
The Scholar-Gypsy

— Oi — disse Midge, juntando-se a Robin na extremidade de Wild Court às 8h45. A manhã cinzenta e monótona estava fria, e Midge usava um cachecol com sua jaqueta de couro, enquanto Robin estava arrependida de não ter botado um suéter. As duas mulheres levavam bolsas grandes de viagem, e Robin sorriu quando a de Midge produziu um som metálico.

— Mentes brilhantes pensam igual — disse ela, ajustando a sua no ombro.

Elas entraram juntas em um beco, passando por latões de lixo e pela entrada dos fundos dos Connaught Rooms.

— Como estão as coisas com você? — perguntou Robin, que não tinha uma conversa de verdade com Midge havia semanas.

— Não estão mal. Dei uma transada ontem à noite para me consolar da separação.

— Bom para você — disse Robin fingindo achar graça, embora a última coisa que ela quisesse nesse momento fosse pensar em relacionamentos e mágoas. *Eu reservei o restaurante do Ritz… Eu estou avisando com muita antecedência…* — Quem é a mulher de sorte?

— O nome dela é Ellen. Ela é ex-namorada de minha penúltima ex.

— Ah — murmurou Robin.

— Eu sempre a achei gostosa, mas ela tem um gato horrível.

— É mesmo?

— Ele só tem três pernas — falou Midge.

— Você não pode culpá-lo por isso — disse Robin pensando em Strike.

— E um olho só.

— Mesmo assim…

— E quando ele não está feliz, caga na banheira.

Robin começou a rir, então viu Kenneth Ramsay andando depressa na direção delas, seu cabelo prateado despenteado, o paletó ainda mais folgado em torno dele do que na última vez que Robin o vira.

— Isso é tudo muito… Quando recebi a ligação do sr. Strike…

— Por favor, não fique esperançoso demais — pediu Robin. — Nós não temos certeza se nossa teoria está certa.

Mas ela percebeu, pela agitação de Ramsay enquanto mexia com as chaves da loja, que ele estava rezando por um milagre.

120

(…) então, por fim, um fio de prata
Serpenteia sem qualquer ruído, através da mata profunda,
Até que, através de uma fenda, através do musgo e da pedra,
Ele se junta a seu rio pai com um grito.

Robert Browning
Pauline

Enquanto seguiam para o norte, Strike contou para Barclay e Wardle como acreditava que William Wright tinha morrido e por quê. Ele achou isso um exercício útil, porque a incredulidade deles lhe mostrou exatamente o que ele e Robin iam precisar fazer se fossem convencer a polícia.

— Se foi isso o que aconteceu — disse Wardle —, é a merda do assassinato mais complicado de que já ouvi falar, e não consigo acreditar que ele tenha conseguido se safar dessa.

— Ele não conseguiu — observou Strike —, ou nós não estaríamos indo atrás dele, estaríamos? A coisa era complicada demais. Partes móveis demais. Bem, isso e o fato de que ele não conseguiu resistir a adicionar um crime sexual ao golpe. Nunca misture negócios com prazer.

— Acho que você vai precisar de sorte, se basear a coisa toda naquela pegada — comentou Wardle.

— Se estivermos certos, vai haver muito mais provas físicas do que uma pegada — falou Strike. — Embora eu admita que ainda não temos nenhuma delas, e não sabemos onde algumas estão.

Eles chegaram à locadora de carros em Banbury logo depois das nove horas. Wardle e Barclay pegaram o Mitsubishi alugado e continuaram para o norte, deixando Strike em busca de algum lugar para matar algumas horas na

cidadezinha. O Old Town Deli and Café forneceu não apenas café, mas uma mesa na qual Strike pôde consumir dois bolos de aveia, fumar o cigarro eletrônico e ler as notícias do dia no celular.

O Estado Islâmico tinha assumido a responsabilidade pelo ataque terrorista na ponte de Westminster. O motorista havia sido identificado como Khalid Masood, um residente de cinquenta e dois anos do Reino Unido e muçulmano convertido, com uma longa série de condenações criminais em seu passado. Strike desceu a tela do site da BBC em busca de distração. Robin ainda não tinha ligado, e, se a teoria dele sobre a Ramsay Silver se mostrasse errada, ele talvez ainda tivesse de ligar para Barclay e Wardle e dizer a eles para voltarem. Foi, portanto, com menos interesse do que poderia ter tido alguns dias antes que ele viu o nome de Dominic Culpepper. O jornalista fora demitido do jornal, e Strike teve forte suspeita de que havia sido pela reportagem infundada sobre Candy.

Seu telefone tocou. Ele atendeu sem ver quem era, por isso ficou momentaneamente desconcertado quando ouviu a voz de Shah em vez da de Robin.

— Oi — disse Shah. — Eu, ah… estou ligando para pedir desculpas.

— Por quê? — perguntou Strike, tão preocupado que não conseguiu lembrar imediatamente por que Shah precisava se desculpar.

— Por dizer o que eu disse sobre o caso do cofre da loja de prataria e por acreditar em Cochran quando ela disse que você deu em cima dela. Wardle e eu tivemos uma conversa, e… é, eu não deveria ter acreditado nela. E eu sei que você continua tentando descobrir quem matou aquelas pessoas do seu próprio bolso, então eu… Eu não estou orgulhoso do que disse para você.

— Não se preocupe com isso. Eu já disse muitas coisas das quais não me orgulho — disse Strike. — Como está a perna?

— Doendo — respondeu Shah.

— Aposto que está. Não se preocupe com dinheiro, podemos pagar a você o valor mensal médio enquanto estiver afastado.

— Isso é muito decente da parte de vocês — falou Shah.

— É, bem, eu prefiro manter você na agência — disse Strike.

Ele ouviu um bipe.

— Shah, eu tenho que desligar, pode ser Robin.

Ele mudou de ligação sem esperar resposta.

— Oi — disse Midge. — Estamos quase lá. Robin achou que você ia gostar de um passo a passo. Ela está quase conseguindo tirar a parte de trás.

Robin, que era pouca coisa mais baixa do que Midge e um tanto mais magra, estava ajoelhada dentro de um dos velhos armários no porão de Ramsay, de onde tinham removido todos os produtos de limpeza. Só os pés dela estavam visíveis enquanto usava o martelo de Midge para arrancar pregos.

— Qual o aspecto? — perguntou Strike. — Parece que foi mexido recentemente?

— Tem pregos novos — respondeu Midge —, mas ainda não sabemos se a parede está intacta atrás da madeira.

Kenneth Ramsay estava sentado na escada íngreme de madeira que levava até o espaço do porão, com a cabeça entre as mãos.

— Consegui — disse a voz abafada de Robin, e Strike ouviu arranhões e pancadas.

Desgrenhada e empoeirada, Robin manobrou para sair do armário, arrastando com ela a tábua que estava no fundo.

— Me dê sua marreta — pediu a Midge. — Os tijolos foram recolocados no lugar, mas estão soltos.

— Ela acabou de dizer que os tijolos estão soltos? — perguntou Strike, muito tenso.

— Sim — confirmou Midge enquanto passava a marreta para Robin, que rastejou de volta para dentro do armário, apenas com os pés para fora, e Strike ouviu mais batidas abafadas.

— O que está acontecendo?

— Ela está tentando derrubar a parede.

Robin bateu nos tijolos com toda a força que tinha naquele lugar apertado, e um deles caiu no espaço aberto que havia por trás. Com um clangor, ele atingiu alguma coisa metálica.

— Lanterna — pediu ela para Midge, que providenciou uma.

— Ela…

— Ela queria uma lanterna, e eu dei uma para ela — disse Midge.

Tossindo em uma pequena nuvem de poeira e com os olhos lacrimejando, Robin empurrou a marreta para fora do armário e ligou a lanterna, então pôde ver através do buraco deixado pelo tijolo que tinha caído.

O facho de luz caiu sobre um tesouro de prata amontoado no espaço morto atrás da parede. Ela viu o centro de mesa oriental, feio e ornamentado; os macetes e esquadros de prata; o punhal cerimonial de John Skene e, com as velas e o cordame de prata envoltos na sombra da parede por trás dele, o *nef* do *Carolina Merchant*. Em um canto distante, havia o que pareciam ser roupas emboladas. A camisa estava coberta de manchas marrons ferruginosas.

Robin se contorceu para trás, saiu do armário e pegou o telefone na mão de Midge.

— Está aqui — disse ela a Strike. — Parece que está tudo aqui. Além das roupas de Wright.

— Sapatos?

— Não consigo ver nenhum.

— Puta merda — disse Strike.

Ele tinha achado provável, segundo o padrão das evidências, que a prataria Murdoch na verdade nunca tivesse deixado a loja, mas ouvir essa teoria confirmada foi um alívio imenso. Então ele ouviu um lamento alto e ecoante.

— Que merda é essa?

— Hã… isso foi o sr. Ramsay — informou Robin.

O dono da loja tinha se jogado da escada e caído de quatro a fim de se espremer para dentro do armário e olhar através do buraco que Robin tinha feito. Agora estava chorando histericamente, com apenas as pernas e as costas visíveis.

— Espere aí — pediu Robin, enquanto os lamentos ecoantes de Ramsay enchiam o pequeno espaço, e subiu a escada de volta para o nível da loja. — Ele está um pouco exaltado — falou em voz baixa.

— Aposto que está — disse Strike.

— Eu queria saber quanto tempo Todd levou para abrir o buraco na parede — disse Robin. — A argamassa era velha e quebradiça, então não acho que deve ter sido muito difícil. A pior parte deve ter sido se espremer no armário para fazer isso.

— Um problema que nosso amigo Oz não deve ter tido quando enfiou toda a prata ali dentro — comentou Strike.

— Verdade… Onde você está? — perguntou Robin, agora de pé na loja escura e empoeirada.

— Em Banbury, esperando notícias de Barclay e Wardle.

— Vai esperar até escurecer?

— Dessa vez não pode haver testemunhas. Eu estou aqui sob um risco muito grande. Por que você não… Merda, espere aí — disse ele quando seu telefone começou a apitar. — Eu te ligo de volta.

Ele desligou e atendeu a nova ligação.

— Oi — disse seu contato na Metropolitana, George Layborn, com uma voz lúgubre. — Você estava certo.

— Vocês o encontraram? — perguntaram Strike, espantado. — Já?

— Já.

— Isso foi rápido.

— Há uma sensação geral de que suas dicas não devem ser descartadas, depois de Knowles. A família está sendo notificada esta manhã.

— Está bem, obrigado por me informar.

— Tem mais alguma coisa que você queira contar, já que estamos falando sobre isso?

— Ainda não — disse Strike.

— O que você está tramando? — perguntou Layborn, com o que Strike foi forçado admitir ser uma suspeita justificada.

— Você não vai querer saber — respondeu Strike.

Ele desligou e ligou de volta para Robin.

— Layborn — disse ele, sem preâmbulo. — Eles encontraram o corpo de Semple.

— Ah, meu Deus.

— É — disse Strike —, mas é um encerramento. Mais fácil do que nunca saber. Escute, será que você poderia convencer Ramsay a não sair por aí dizendo que sua prataria foi encontrada até termos cuidado do restante do negócio? Explique que é do interesse dele… que se ele não fizer isso, pode parecer que estava tentando conseguir publicidade, escondendo a prataria em sua propriedade.

— Está bem — concordou Robin. — Mas, por favor, tome cuidado.

— Acho que isso é o que chamamos de "ironia", vindo da mulher que uma vez pulou na frente de um trem em movimento — falou Strike. — Está bem, vou tomar cuidado. É Barclay — acrescentou ele quando seu telefone começou a apitar outra vez. — Eu mantenho você informada.

Ele desligou na cara dela pela segunda vez e aceitou a ligação de Barclay.

— Estamos aqui — disse o escocês de Glasgow—, mas ele acabou de sair com uma van cheia de outros caras. Wardle foi atrás deles. Eu ainda estou vigiando a casa.

— Está bem — falou Strike. — Eu vou me aproximar.

Ele pagou pelos bolos de aveia e pelo café, foi até o banheiro, voltou para o carro e partiu na direção de Ironbridge.

121

Sobre a face da joia, você vê uma representação dos três primeiros recipientes deste grau, dois deles baixando o terceiro para o cofre subterrâneo.

Albert Pike
Liturgia do rito escocês antigo e aceito da maçonaria

A noite tinha caído quando Strike decidiu que era seguro para ele voltar a entrar na cidadezinha que parecera tão bonita e pitoresca à luz do dia. Ela, agora, tinha um aspecto totalmente diferente, ou talvez fosse o que Strike sabia sobre um de seus habitantes que conferiu ao largo e escuro Severn e à gigantesca ponte em arco uma aura ameaçadora. Entre o rio e a ponte à sua esquerda e as casas que pareciam cair do morro íngreme à sua direita, ele experimentou um pouco da desconfiança primitiva em relação a ravinas e abismos, uma sensação de estar sendo encurralado e preso. Ele pensou no desfiladeiro al-Hota aparentemente sem fundo, nos mortos que tinham sido jogados nele e nas histórias contadas sobre o que há em suas profundezas.

As luzes do Swan Taphouse, onde ele e Robin tinham discutido, brilhavam agradavelmente à frente. Ele fez a curva fechada para a New Road, que eles tinham subido a pé, e passou pela placa azul em homenagem a Billy Wright e por uma janela acesa na casa laranja e enlameada de Dilys antes de estacionar algumas portas abaixo da antiga casa da família de Tyler Powell.

Quando ele saiu do BMW, uma figura alta surgiu da escuridão.

— O que está acontecendo? — perguntou Strike.

— Acabei de ter notícias de Wardle: eles ainda estão no pub em Horsehay — informou Barclay. — A quinze minutos de carro daqui. A menos que haja alguém ali que fique feliz sem nenhuma luz, a casa está vazia.

— Com quantos outros ele saiu?

— Havia dois na frente da van, mas provavelmente mais na traseira.

— Você tentou a campainha?

— Tentei. Ninguém atendeu.

— Certo — disse Strike, checando a presença das chaves-mestras, das algemas e do velho porrete de pescador nos bolsos do casaco. — Eu vou entrar. Se você vir qualquer sinal dele ou da van voltando, me ligue.

— E se eu ouvir você gritando "socorro"?

— Me ignore, obviamente.

Strike saiu andando pela rua. A noite estava fria e seca; a lua, minguante, pendurada como um pingente de gelo acima das árvores na margem oposta do Severn. Nenhuma luz brilhava dentro da velha casa dos Powell, embora a placa de venda tivesse desaparecido: supostamente, Ivor tinha, enfim, recebido uma oferta que havia satisfeito suas expectativas gananciosas.

Strike virou à direita e seguiu pela trilha que levava à porta dos fundos de Ian Griffiths. Depois de pegar suas chaves-mestras, ele começou a trabalhar, torcendo para não haver corrente nem ferrolho no lado de dentro.

Depois de poucos minutos, a fechadura cooperou, e a porta se abriu com um leve rangido. Strike passou por ela, entrou no corredor escuro como o breu e a fechou silenciosamente às suas costas.

Um cheiro desagradável e almiscarado, que não estava presente na última vez que ele tinha estado ali, encheu suas narinas, embora possivelmente as varetas de incenso, das quais ele ainda podia detectar um leve traço, o houvessem mascarado anteriormente. Movendo-se com cautela e em silêncio, Strike entrou na sala de estar e fechou as cortinas sobre a janela antes de ligar a lanterna do telefone. O facho de luz caiu quase que de imediato sobre a pequena réplica do Manequinho. Ele olhou lentamente ao redor da sala sob a luz da lanterna. Como antes, souvenirs bregas estavam em destaque por toda parte. O facho de luz iluminou o pôster de Jesus fumando um baseado e fez o elefante tailandês brilhar, antes de viajar para as muitas fotografias de Chloe, demonstrando o bom pai que Ian Griffiths era, como ele tinha orgulho da filha, que agora estava viajando pelo exterior com um namorado bonito. E havia a foto da mulher bonita usando um colar de contas vermelho, com os braços em volta de uma Chloe jovem. Strike se perguntou se ela ainda estaria viva. Para Griffiths, aquele colar de rubis parecia ser o equivalente dos macacões laranja das execuções do Estado Islâmico.

Quando estava prestes a deixar a sala, ele ouviu o toque distante de um celular.

Ele desligou imediatamente a lanterna e ficou totalmente imóvel, escutando.

Houve uma pancada surda no teto que fez o lustre sobre sua cabeça tremer. Havia alguém no aposento exatamente acima dele.

Strike se moveu em silêncio e se espremeu contra a parede ao lado da porta na sala de estar quando uma voz de homem ficou gradualmente mais clara.

— Sou eu, Jonesy. Quem mais poderia ser? Você acabou de me ligar, seu idiota, você está bêbado?

Alguém estava descendo a escada, uma pessoa grande e pesada, pelo barulho. A luz do corredor se acendeu. Strike botou o telefone no bolso esquerdo do sobretudo e tirou o porrete de pescador de Ted do outro.

— É, vá em frente… hahaha… não, eu estava tirando um cochilo… o quê?… estava totalmente bêbado ontem à noite, é por isso… é, obviamente… estou de babá, não estou? Tudo bem, é. Eu vou deixar ela pronta… hahaha… tchau.

Strike ouviu passos, um leve farfalhar, seguido por um baque surdo. Parecia muito o barulho que Griffiths tinha dito que havia sido feito por Dilys quando ela, ao deixar a sala, bateu em uma mesa no corredor.

— Você precisa se lavar. — Ele ouviu o homem dizer. — Eles estão voltando, e Mickey vai querer uma vez.

— Eu não consigo alcançar as coisas — disse uma garota, com uma voz digna de pena. — Ele me amarrou novamente.

— Eu vou querer alguma coisa se você me fizer descer aí — disse o homem. — Um boquete, ou você pode continuar imunda.

Strike se moveu o mais silenciosamente possível para o corredor, com o porrete na mão. Não havia ninguém visível. Ele fez uma segunda curva.

Diretamente à frente, à esquerda da escada e de costas para o detetive, havia um homem do mesmo tamanho que o próprio Strike, com um pescoço grosso e cabelo escuro curto. Ele parecia estar se preparando para descer por um alçapão aberto, ao lado do qual havia um tapete embolado.

Wynn Jones ou ouviu ou sentiu Strike. Ele virou a cabeça, mas tarde demais: o porrete de pescador já tinha começado a descer.

122

(…) um de muitos homens,
Ao buscar uma presa para sua mão,
Agarrou um pequeno escravo de cabelo claro (…).

Matthew Arnold
The Sick King in Bokhara

O golpe atingiu o crânio de Jones com um grande estalo, e ele tombou para a frente, batendo a testa na borda oposta do buraco retangular no chão e caindo desajeitadamente por ele, atingindo, primeiro, uma escada curta, depois, com um baque seco ressonante, o chão do porão. Strike caminhou para a frente e viu o corpo considerável de Jones esparramado, imóvel, sobre o concreto. Sabendo bem que havia uma grande possibilidade de ter acabado de matar um homem, ele pôs os pés na escada e, atrapalhado pelo peso de seu sobretudo, desceu com alguma dificuldade para um espaço subterrâneo onde o cheiro almiscarado que ele havia detectado estava muito mais forte, agora com toques fecais e urinários.

— Quem é você? — disse a voz aterrorizada de uma garota.

Ela estava sentada junto da parede em frente. Quando os olhos de Strike se acostumaram com a escuridão, ele viu um rosto semelhante ao de uma caveira e com olhos fundos. A palidez de sua pele brilhava no escuro como a lua, e ele pôde ver, após um rápido olhar, que ela estava vestindo muito pouco. Ele tirou o casaco, se aproximou dela, curvado para não bater a cabeça no teto muito baixo, e pôs o casaco por cima dela.

— Eu estou aqui para ajudar. Você está amarrada?

— Estou — disse a voz dela, estridente e em pânico. — *Quem é você?*

— Um detetive.

O porão parecia ter sido escavado pelo próprio dono. O chão de concreto era

irregular e com calombos. Havia um banheiro no canto. Um cano baixo corria em torno do pé da parede. Dois vibradores enormes estavam em cima de uma mesinha de vime. Também havia uma bacia com água e sabão com uma esponja boiando nela.

Ele se abaixou para examinar o braço da garota, que estava ao mesmo tempo amarrado e acorrentado ao cano que corria em torno da parte baixa da parede da caverna; com certeza, não ia ser um trabalho rápido libertá-la.

— Você é Sapphire? — perguntou ele.

— Como você sabe?

— Nós temos procurado por você. Eu vou libertá-la — prometeu a ela. — Eu só preciso conferir se esse merda está morto.

Ainda curvado, Strike voltou até Jones e procurou sua pulsação no pescoço. Ele a encontrou, mas ainda não tinha certeza de que Jones não tinha quebrado o pescoço na queda. Apesar do princípio de calvície, o gordinho Jones inconsciente parecia absurdamente jovem.

Strike estava certo de que seu telefone, que ainda estava no bolso do casaco que cobria Sapphire, não teria sinal no subsolo.

— Eu só vou pegar o celular e voltar lá para ci…

— Não… primeiro me solte! Me solte! — gritou Sapphire, a voz se erguendo em um lamento.

— Eu preciso ligar para umas pessoas que podem ajudar a libertar você.

— *Me solte! ME SOLTE!*

— *Cale a boca!*

Strike tinha ouvido alguma coisa acima: o som inconfundível da porta dos fundos se abrindo, seguido por um estrondo de vozes de homens.

— *Ah, meu Deus, não, não, não, vá embora, ele vai me matar…*

Strike gesticulou furiosamente para a garota ficar quieta enquanto ele voltava sorrateiramente na direção da abertura no teto, calculando depressa suas chances. Ele não duvidou que Wardle ou Barclay tivessem tentado avisá-lo por telefone que Griffiths e os amigos estavam a caminho da casa, e não era culpa deles ele estar no momento em uma câmara de concreto subterrânea sem sinal de telefone, mas isso não alterava a posição sem dúvida perigosa em que ele e a garota estavam agora. Sua resposta curta para o "e se eu ouvir você gritando 'socorro'?" não era mais tão engraçada; possivelmente, seus colegas estavam esperando por um sinal

ou um grito avisando que ele precisava de ajuda, mas, como fazer qualquer barulho agora ia expor sua presença para o que pareciam ser quatro ou cinco homens, um dos quais ele sabia ser um assassino em série, Strike, em vez disso, resolveu ir para a sombra atrás da escada.

Música alta começou a tocar na sala de estar: Steely Dan.

While the music played

A qualquer momento, alguém — talvez o "Mickey" mencionado por Jones, que "queria uma vez" — ia fazer a curva no corredor e ver o alçapão aberto e Jones inconsciente. A conversa alta dos homens se misturava à música.

— Vá embora daqui — choramingou Sapphire. — Ele vai achar que é minha culpa…

— Fique quieta!

— *Ele já matou pessoas!* — sussurrou Sapphire.

— Eu sei, *fique quieta*!

Ele precisava de Wardle e de Barclay; se eles conseguissem pelo menos fazer os homens acima acreditarem que eram da polícia, ele podia ter uma chance…

— Que merda é essa? — disse uma voz masculina diretamente acima, e uma sombra apareceu sobre o corpo imóvel de Jones. — Jonesy?

Um pé pequeno e de tênis apareceu no degrau mais alto da escada. Strike estendeu a mão pelo vão, agarrou o tornozelo e puxou.

Ian Griffiths caiu com um grito que Strike torceu para ser mascarado pela música tocando ali no alto, aterrissando e rolando por cima do inconsciente Jones.

Strike atingiu Griffiths com toda a velocidade antes que ele conseguisse se levantar, derrubando-o no chão de concreto, a mão direita grande sobre sua boca, a outra tentando agarrar o pulso do homem, mas tarde demais…

Strike sentiu uma dor ardente quando uma lâmina atingiu a lateral de sua cabeça; ele teve sorte por seu rosto não ter sido rasgado, mas sua orelha havia sido cortada…

Com sangue agora jorrando do ferimento na cabeça, Strike conseguiu agarrar o pulso da mão de Griffiths que estava segurando a faca, então bateu com ela repetidas vezes no chão duro de concreto até ouvir a lâmina cair da mão do homem, enquanto Griffiths tentava gritar o mais alto possível, com a outra mão de Strike sobre sua boca. Strike bateu a cabeça do seu agressor repetidamente no chão, tentando dissuadi-lo de lutar…

A música tocando na sala de estar parou. Strike ouviu uma batida na porta dos fundos. Então veio um grito que ele reconheceu como de Wardle.

— Abram, é a polícia!

Strike ouviu passos correndo acima: uma sombra passou por ele e por Griffiths, e o alçapão fechou com um chute de alguém que não pareceu ter olhado para baixo. Os três homens e a garota agora estavam encerrados juntos na escuridão, e Strike ouviu o tapete ser colocado novamente em cima do alçapão para escondê-lo.

Um gemido alto ecoou pelo espaço apertado: Jones estava acordando. Strike, que calculou que Jones fosse pelo menos vinte anos mais novo, não gostou de suas chances contra ele, levando em conta o tamanho do homem, uma orelha cortada que já estava começando a provocar náusea, um segundo homem para manter sob controle e uma faca jogada em algum lugar no escuro.

— Que merda? — disse a voz grogue de Jones. — Que merda aconteceu?

Strike ainda se esforçava para manter Griffiths, que estava lutando, preso ao chão, com a mão em sua boca. Ele não conseguia ouvir direito com o ouvido esquerdo, porque ele estava cheio de sangue.

— Que merda aconteceu? — repetiu Jones, e Strike ouviu movimento; longe de estar feliz por Jones não ter quebrado o pescoço, ele agora desejou que tivesse. Griffiths estava tentando falar através da mão de Strike, produzindo apenas um ruído estrangulado. — Quem está aí? O que está acontecendo?

Apesar de abafados pelo alçapão e pelo tapete, gritos e batidas agora ficaram audíveis acima. Como Barclay e Wardle estavam em inferioridade numérica de mais de dois para um, Strike duvidou que pudesse contar com ajuda imediata. Tirando a mão da boca de Griffiths, porque já não importava muito se o filho da puta gritasse agora, ele deu um soco na direção onde sabia que estava seu rosto e ouviu um berro de dor. Sangue continuava a jorrar do ferimento de faca na orelha de Strike.

— O que está acontecendo? — repetiu Jones, e Strike sentiu uma mão grande apalpar seu ombro, que estava coberto de sangue. — Quem é você, porra?

— STRIKE? — ouviu-se a voz de Wardle.

— AQUI EMBAIXO! — gritou Strike

— O que…? — disse o invisível Jones, e Strike o ouviu se levantar cambaleante, depois um grito de dor quando sua cabeça bateu no teto baixo.

O alçapão se abriu, e Strike viu Wardle olhando para ele.

— Pelo amor de Deus — disse ele alarmado, e Strike percebeu que seu ombro esquerdo estava encharcado de escarlate brilhante.

— Preciso de ajuda — arquejou Strike, ainda sentado em cima de Griffiths.

— Barclay! — gritou Wardle antes de se jogar naquele espaço sem usar a escada.

Se Barclay não tivesse chegado ao porão nessa hora, Strike duvidava que as coisas tivessem corrido bem para Wardle, porque o jovem Jones, embora ainda grogue, parecia ter percebido que os estranhos não tinham boas intenções em relação a ele. Sua tentativa de investir contra o ex-policial foi frustrada pelo escocês que, arrancando a escada do lugar, golpeou com ela de um lado para outro, errando por pouco a cabeça de Strike, e derrubou Jones de lado, virando a mesa onde estavam os vibradores.

— Faca, em algum lugar — arquejou Strike, prendendo Griffiths, que ainda lutava, no chão.

— Achei! — disse Wardle, pegando-a no chão antes de ir ajudar Barclay, que estava tentando algemar as mãos de Jones às suas costas.

— O que está acontecendo lá em cima?

— Três fugiram assim que entramos pela porta — arquejou Wardle. — Nós algemamos dois que foram mais lentos, mas não sei se algum deles é…

— Este é o homem principal — disse Strike, ainda lutando para dominar Griffiths.

— Você sabia que sua orelha está pendurada? — perguntou Barclay a Strike.

— Você tem uma filha, não tem?

— Tenho — disse Barclay, parecendo compreensivelmente perplexo com a falta de lógica.

Strike, que tinha a ideia confusa de que o pai de uma filha era a segunda melhor coisa, na ausência de uma mulher, acenou com a cabeça na direção de Sapphire.

— Ela está presa àquele maldito cano. Você consegue soltá-la?

— Sem problema — disse Barclay, levantando-se o máximo possível, com Jones agora algemado de forma segura e deitado de bruços. — Você está bem, garota — disse ele para Sapphire caminhando em sua direção. — Nós vamos tirar você daqui bem depressa.

— Me ajude a levar esses merdas para cima — pediu Strike ofegante para Wardle, enquanto Griffiths continuava resistindo.

123

Nós entendemos intuitivamente o que é a justiça melhor do que conseguimos descrevê-la. O que ela é em determinado caso depende tanto das circunstâncias que definições são totalmente enganadoras.

Albert Pike
Moral e dogma do rito escocês antigo e aceito da maçonaria

Griffiths parou de resistir assim que Wardle o algemou. Strike ficou satisfeito ao ver que tinha quebrado o nariz do sujeito, que estava espalhado pelo seu rosto e sangrando profusamente, embora nem de perto tanto quanto o ferimento na orelha esquerda de Strike, que estava lhe causando uma dor excruciante. Ele podia sentir um frio estranho, como se carne que nunca tivesse sido exposta ao ar fresco o estivesse encontrando pela primeira vez, contrastando de forma desagradável com o fluxo contínuo de sangue quente.

— Você precisa de um hospital — disse Wardle para Strike enquanto eles subiam Griffiths pela escada que Barclay tinha recolocado no alçapão. — Rápido.

— Depois — rebateu Strike.

Ele não estava sofrendo tanto para deixar de perceber o andar de Griffiths, com os pés ligeiramente virados para dentro, enquanto o arrastavam, uma peculiaridade que Strike tinha atribuído ao tropeço de Griffiths em seu violão na primeira vez que tinham se encontrado cara a cara. Essa pequena confirmação extra de sua teoria foi o bastante para que Strike decidisse que ele mesmo resolveria as coisas, porque estava preocupado que Ian Griffiths ainda pudesse se safar do assassinato de Tyler Powell. "Sem provas" era o veredito que ele temia. Mesmo que os assassinatos de Sofia Medina, de Jim Todd e da mãe de Todd pudessem ser atribuídos a Griffiths, mesmo que o homem fosse corretamente condenado a diversas sentenças de prisão perpétua, isso não seria suficiente para Strike. Ele

queria justiça, até vingança, para Tyler Powell: um jovem que tinha sofrido uma quantidade absurda de azar enquanto era vivo e que com toda certeza não tinha merecido o destino que havia encontrado nas mãos de Griffiths. A natureza engenhosa, complicada e bizarra de seu assassinato talvez não permitisse que um júri acreditasse que ele pudesse ter acontecido como Strike estava certo de que tinha acontecido, mas Powell havia se tornado real para ele ultimamente: um pouco perdido, como Robin dissera, mas corajoso, talentoso e determinado, não o tolo que as pessoas poderiam ter achado que fosse; um jovem que, Strike acreditava, tinha sido realmente bom e cujo maior erro havia sido acreditar que um homem que estendeu a mão para ajudá-lo estava fazendo aquilo por bondade.

A sala estava uma bagunça. Um teclado tinha sido virado, e o pôster de Jesus fumando um baseado estava torto. Strike chutou para o lado um urso de pelúcia rastafári que estava de cara para baixo sobre o carpete. Era uma sala feita sob medida para um homem que gostava de atrair adolescentes e mulheres jovens, uma sala que falava de forma pouco sincera sobre um sedutor excêntrico que permanecia jovem de espírito. Strike a desprezava.

Dois homens estavam sentados no chão, algemados de costas um para o outro. Um era um jovem magro cuja boca estava aberta, revelando dentes muito ruins. O outro era um homem de meia-idade com uma barba farta, que estava chorando.

— Traga o outro aqui para cima — disse Strike para Wardle enquanto jogava Griffiths em cima do sofá coberto por uma mandala. — Se ele criar algum problema para você, Barclay vai ajudar.

— Strike…

— *Traga o maldito Jones. Eu quero ele aqui para o interrogatório!*

— Você pode ferrar com todo o processo — disse Wardle em voz baixa. — Nós precisamos ligar para a polícia *agora* para eles poderem ver o que nós vimos, e você precisa de um hospi…

— Ele ainda pode escapar do cofre da loja de prataria — disse Strike. — Você mesmo disse: a pegada não é suficiente. *Traga o maldito Jones!*

Com nítida relutância, Wardle saiu da sala.

— Cale a porra da boca — rosnou Strike para o homem de barba que estava soluçando, que agora se reduziu a choramingar.

Além de estar com raiva de Wardle por ter sugerido que ele poderia estar

pondo o caso em risco na frente dos detidos, Strike estava com dificuldade para ouvir, porque sua orelha esquerda estava cheia de sangue; ele enfiou o dedo nela para limpá-la, o que foi tão doloroso que ele quase vomitou. Pelo que tinha acabado de sentir, ele desconfiou que Barclay não estivesse brincando quando disse que ela estava pendurada.

Griffiths estava sentado em silêncio no sofá, o nariz ainda inchando, e respirava pela boca. Strike não duvidou que o homem tivesse chegado a acreditar que era intocável, e por isso ele tinha se permitido muitos riscos, feito apostas tão altas, brincado com fogo. E Strike desconfiou de que ele não tinha perdido totalmente a fé em sua própria invencibilidade, mesmo agora, com o nariz tão descolorido e inchado que parecia cada vez mais uma beterraba e encharcado com o sangue do homem que ele tinha acabado de cortar.

Wardle reapareceu com um Jones de aparência truculenta, embora ainda levemente atordoado, com sua enorme testa vermelha, papada e olhos descombinados. Wardle forçou Jones a sentar-se no chão e o algemou aos dois que já estavam sentados ali. Um galo grande crescia na testa de Jones, onde ele tinha batido na borda do buraco no chão antes de cair no porão.

— Tenho quase certeza de que ele sofreu uma concussão — disse Wardle.

— Com um crânio grosso como o dele, ele vai ficar bem — rebateu Strike.

— Você precisa…

— Você pode conseguir alguma coisa para me ajudar com essa maldita orelha? — pediu Strike, ansioso para se livrar do ex-policial. A contragosto, Wardle saiu da sala outra vez.

Strike puxou a cadeira, que Dilys tinha usado meses antes, para o meio da sala e sentou-se nela, o que foi um alívio; sua cabeça girava um pouco menos agora que estava sentado. Um barulho metálico distante e a voz de Barclay chegaram à sala.

— Certo — disse Strike para Griffiths. — Onde está sua filha Chloe?

— Você não tem o direito de nos fazer perguntas — disse Griffiths com uma voz anasalada. — Você desrespeitou a lei, você arrombou, você nos agrediu…

— Não é assim que eu me lembro — interrompeu Strike. — Eu bati na sua porta, você abriu, alguns de seus amigos saíram correndo, você tentou me esfaquear no rosto, o que me fez suspeitar que você tinha a consciência culpada, uma teoria confirmada quando levantei o alçapão no corredor. É isso que meus

amigos vão lembrar também. Não leve Wardle a sério demais. Ele acabou de deixar a polícia. Ainda tem ideias antiquadas sobre procedimento policial e sobre não usar violência extrema nos suspeitos. *Onde está Chloe?*

Depois de uma pausa breve, Griffiths respondeu:

— Viajando com o namorado.

— Isso é mentira, aquela conta dela no Instagram é tão falsa quanto a sua de Oz. Você só a colocou com um sujeito qualquer em frente a pontos turísticos.

Por maior que fosse a agonia em que Strike estava, ele ficou satisfeito ao ver o rosto de Griffiths empalidecer.

— Eu não fiz nada. Eu não fiz nada — choramingou o homem barbado no chão.

— Cale a boca — ordenou Strike. — Você… — Ele apontou para o jovem com dentes ruins. — Qual o seu nome?

— Darren Pratt — sussurrou o jovem.

— E o dele?

— Wynn Jones.

— E o dele? — perguntou Strike, apontando para o homem de barba.

— Mickey Edwar…

— Não *diga* para ele! — guinchou Edwards.

— Se você é Mickey, com certeza estava prestes a fazer alguma coisa, seu merda — disse Strike —, e eu apostaria minhas bolas que você já fez isso antes.

— Por favor… *por favor*… eu sou casado, eu tenho filhos…

— Então o melhor que eles podem fazer é se mudar para bem longe de Ironbridge e trocar de sobrenome — falou Strike — Eles não vão se divertir muito no playground depois que eu terminar com você. Algum de *vocês* sabe onde está Chloe? — perguntou ele para os três homens no chão.

— Viajando — disse Jones em voz baixa. — Griff acabou de dizer a você.

— Você não precisa responder às malditas perguntas dele! — retrucou Griffiths.

— Eles precisam, se quiserem manter os dentes — rebateu Strike e, dirigindo-se a Pratt outra vez, falou: — Tyler deu uma pulseira de presente de aniversário para Chloe, não deu?

Pratt olhou para Griffiths e ficou em silêncio.

— Aquela pulseira deixou vocês morrendo de medo, não deixou? —

perguntou Strike para Griffiths. — E nós dois sabemos por que Chloe ficou agitada no pub quando as pessoas insistiram em falar sobre isso, não sabemos? Violetas roxas. Nós vamos voltar a isso.

Wardle tornou a entrar na sala segurando o que parecia ser um lençol limpo, que ofereceu para Strike. Este o pegou e o apertou sobre o lado esquerdo da cabeça, o que foi apenas um pouco menos torturante do que tinha sido enfiar o dedo no ouvido.

— Bem — disse Strike, dirigindo-se aos quatro homens algemados, com o lençol apertado contra o ferimento na cabeça e desejando estar se sentindo menos enjoado —, vocês todos vão ser presos pelo estupro da garota no porão; isso é certo. A verdadeira pergunta é o quanto vocês são cúmplices nas outras coisas que seu amigável vizinho cafetão tem feito. Vocês sabiam que estavam andando com um assassino e também traficante sexual?

— Ela não foi traficada! — rosnou Jones, olhando com maldade para Strike. — Ela topou.

— É mesmo?

— Ela fugiu de casa — disse Griffiths. — Eu dei a ela um lugar para ficar. E ela gosta de sexo, e daí?

— Por que ela está acorrentada à porcaria de um cano?

— *Cinquenta tons de cinza* — disse Griffiths. — As garotas jovens gostam dessas coisas hoje em dia. Pergunte a ela. Ela vai te dizer.

— Eu achei que ela estivesse consentindo! — disse Edwards chorando.

— Você meteu em Chloe, Mickey? — perguntou Strike. — Antes que ela fosse tirada daqui e Sapphire trazida?

— Nunca — guinchou Edwards.

— Wardle — disse Strike —, peça para Barclay pegar para você minhas chaves-mestras no bolso do casaco e vá verificar a casa em frente, para ver se tem outra garota amarrada lá.

— Você precisa…

— *Só vá lá verificar a droga da casa.*

Wardle saiu. Strike se voltou novamente para os homens no chão.

— Estou prestes a fazer um favor a vocês três.

Ele não acreditava que eles soubessem de tudo; pelo contrário, desconfiava de que Griffiths tinha contado a eles o mínimo necessário. Quem sabia mais sobre

Griffiths com certeza era Todd, e foi por isso que Todd precisava morrer. Mesmo assim, Strike estava certo de que Griffiths tinha usado esses homens também, atraindo-os cuidadosamente para sua vida sórdida, secreta e oculta. Homens como Griffiths eram bons em identificar o estuprador em potencial nos outros; eles sabiam como controlar seus associados e capangas, comprometendo-os, tornando-os cúmplices. Devia ter sido assim que Griffiths ou seu assistente Todd tinham usado o mente suja e ganancioso Larry McGee. Um caixote grande e vazio da Gibsons, duas etiquetas trocadas, McGee atraído pela promessa não apenas de dinheiro, mas também de sexo. Talvez ele até tenha tido permissão de apalpar Medina na esquina, enquanto ela o distraía do que realmente estava acontecendo na traseira de seu caminhão de entrega.

Mas Strike também era um bom avaliador de homens, também sabia usar as pessoas. Ele julgou que o choroso Edwards não teria nenhum valor; ele conhecia o tipo: *Eu nego tudo, eu sou inocente!* Eles diriam isso mesmo que houvesse sangue pingando de suas mãos, convencidos de que poderiam tocar os corações duros de investigadores da lei fingindo cuidadosamente serem dignos de pena. No entanto, o olhar ardiloso de Jones revelou para Strike que havia dentro dele um forte instinto de autopreservação. O jovem magricela com dentes ruins parecia aterrorizado, mas até ele poderia ter bom uso. Strike achou seguro presumir tanto ingenuidade quanto maleabilidade em um homem tão inepto que estava usando o moletom com capuz pelo avesso.

— Eu não fiz nada — sussurrou Edwards outra vez. — Nada. Eu não entendo…

— Eu vou ajudar você a entender, não se preocupe com isso — disse Strike. — Vocês dois eram amigos de Tyler, não eram? — perguntou ele para Pratt e Jones.

— Sim — confirmou Jones de forma agressiva. — E daí?

— Vamos falar sobre aquele acidente de carro tão conveniente.

— Lugs nunca fez nada com aquele carro! — disparou Pratt imediatamente.

— Eu sei disso, seu descerebrado de merda — disse Strike. — O acidente foi conveniente para seu amigo Griff, não para Tyler.

— Pare de responder às merdas das perguntas dele! — ordenou Griffiths. E nitidamente sentindo que era melhor tomar sua defesa nas mãos em vez de confiar nos outros, ele acrescentou: — Como isso foi conveniente para mim? Fui *eu* que

fiquei do lado de Tyler quando todo mundo lhe deu as…

— Não me venha com essa baboseira. Tyler sabia que você estava por trás desses boatos. Ele postou sobre você no site "Abusados e Acusados", não foi? "O pai da minha namorada está espalhando boatos sobre mim." Ele também sabia que você era Oz. Chloe deve ter contado a ele, que tentou contar ao verdadeiro Osgood quem você era. É em parte por causa do homem que você achava que nunca ia iluminar o mundo com seu cérebro que você está fodido.

Para grande satisfação de Strike, o que ainda restava de cor no rosto de Griffiths se esvaiu.

A parte seguinte do interrogatório, Strike sabia, era fundamental. O que ele precisava de fato era que um dos homens se voltasse, deliberada ou acidentalmente, contra Griffiths, porque era naquele emaranhado de lealdades equivocadas e conexões improváveis que a justiça para Tyler Powell ainda poderia escapar de seu alcance.

— Vocês sabiam — começou Strike, dirigindo-se a Jones e a Pratt enquanto Edwards continuava chorando em silêncio — que Tyler publicou no "Abusados e Acusados" pedindo conselhos?

— Ele está tentando enganar vocês — disse Griffiths, nervoso.

— Eu estou fazendo um favor a eles — falou Strike. — Estou mostrando que você tentou implicá-los em assassinato.

— Assassinato… — escarneceu Jones. — Quem foi assassinado?

— Seu amigo Tyler — respondeu Strike.

— Ele está trabalhando em um pub!

— Você tem provas? — perguntou Strike.

— Eu estou em contato com ele, não estou?

— Você falou com ele? Não foram apenas mensagens?

— Falei.

— Tome muito cuidado com o que você está afirmando aqui — avisou Strike. — Porque se foram apenas mensagens, e é fácil verificar isso, vai ser melhor para você no tribunal. É fácil não perceber uma pessoa se passando por outra via texto, não tão fácil ao ouvir uma voz. Pense com cuidado agora. Se você continuar a mentir sobre falar com Tyler depois de junho do ano passado, vai desejar que tudo o que tenham contra você seja estupro. Você vai ser cúmplice de assassinato, por ter entrado em conluio com Griffiths para fingir que Tyler ainda está vivo.

Você não achou estranho Tyler pedir a você, de um número novo, para ligar para a avó dele e se passar por ele?

— Isso foi só uma piada… — começou Jones.

— CALE A PORRA DA BOCA! — gritou Griffiths. — Ele está enganando vocês, você não…

— Eu não estou te enganando — disse Strike, ainda falando com Jones. — Se você acreditou que um velho amigo estava pedindo favores e se divertiu um pouco com uma velhinha tola, isso é muito diferente de encobrir um assassinato.

Strike achou que entendia a categoria de amizade masculina juvenil à qual Powell, Pratt e Jones tinham pertencido. Dias na escola, brincadeiras e bebida compartilhados, mas sem nenhuma compreensão mais profunda, e nunca nenhuma confidência. Não foi surpresa para ele que todos tivessem escondido segredos gigantes uns dos outros; ele mesmo teve amizades como essas. E, de qualquer forma, Powell sabia que, se tivesse contado a esses dois idiotas a verdade sobre a vida doméstica oculta de Griffiths, ele arriscaria mais do que a própria vida.

Houve movimento na porta atrás de Strike. Ele virou a cabeça cautelosamente por causa da dor extrema na orelha sobre a qual ele estava pressionando o lençol e viu Barclay.

— Eu só vi um outro cara se mijar todo assim uma vez — disse Barclay, examinando os homens no tapete com um ar de interesse acadêmico. Como esperado, fosse porque tinha bebido demais no pub em Horsehay, ou porque sentiu muito pânico com o rumo da conversa e não conseguiu se segurar, Mike Edwards tinha acabado de perder o controle da bexiga. Uma grande marca molhada estava se espalhando no tapete, e a urina do homem escorreu para baixo de Jones.

— Pelo amor de Deus, Mick! — rosnou ele.

— Strike — disse Barclay, agora olhando para o ferimento do detetive —, sua orelha…

— O que está acontecendo com a garota?

— Preciso de uma torquês. Quando a ambulância vai…

— Quando eu chamar. Vá ver se você consegue achar um uísque ou conhaque, qualquer merda forte. Traga a garrafa.

Barclay desapareceu novamente.

— Você foi enganado — disse Strike para Jones, que agora estava sentado em uma poça de mijo —, e o que decidir agora pode fazer uma diferença de dez anos em sua sentença. Seu amigo Tyler está morto e foi atraído para a morte através do site "Abusados e Acusados". Eu acho que um de vocês dois recomendou esse site para ele, porque ele com certeza não ia ouvir conselhos desse merda — disse ele, apontando para Griffiths. — Então, como isso aconteceu? Um de vocês mencionou o site para Tyler, depois contou a Griffiths que ele estava postando lá? Ou Griffiths o recomendou para vocês, como um lugar no qual Tyler poderia ir em busca de conse…

— É… — começou Pratt, mas Griffiths de repente gritou:

— *Cale a boca!*

— Você estava ajudando ele — disse Pratt, nitidamente acreditando que estava auxiliando Griffiths, e Strike teria sorrido não fosse o fato de que isso exigiria músculos conectados com sua orelha sangrando.

— Griffiths disse a vocês para não contar para Tyler que a recomendação veio dele?

— Dis…

— *Cale a boca, pelo amor de Deus!* — bradou Griffiths.

— Você é um homem inteligente, Darren — disse Strike, e Pratt olhou para ele boquiaberto, sem dúvida porque nunca na vida tinham lhe dito que ele era inteligente. — Continue contando a verdade e vai ser muito melhor para você com a polícia, isso eu garanto.

Virando-se para Griffiths, Strike prosseguiu:

— Então Tyler publica sob o nome de seu carro favorito, Austin "H", de Healey, e diz: "O pai da minha namorada está espalhando boatos sobre mim", porque ele sabia que você estava por trás de tudo, não é? Ele talvez até desconfiasse de que você tivesse causado o acidente. Uma pessoa muito baixa foi filmada por uma câmera espreitando em torno do carro em Birmingham. Parece que ninguém nunca se perguntou se o alvo almejado do acidente não era o próprio Tyler, vendo que era o carro dele e que ele deveria ir ao show.

— Você não pode…

— Você tem razão — disse Strike. — Não posso provar isso, mas não importa. Tenha sabotado ou não o carro, você tirou bom proveito do acidente depois, não foi? Você queria tirar Tyler de Ironbridge, afastá-lo de Chloe e encurralá-lo em

algum lugar onde um babaca baixinho como você pudesse ter uma chance de se livrar dele. Por falar nisso, Todd alguma vez contou a você por que ele usou "Kojak" para atrair Tyler?

— Eu não sei quem é Todd — disse Griffiths com o rosto suado.

— Quantos criminosos sexuais baixinhos e gordos você matou ultimamente? Kojak. Rei e valete. Uma mão inicial no pôquer. Tipo você chamar a si mesmo de Skunk para conversar com Sofia Medina

O rosto de Griffiths estava ficando cada vez mais pálido.

— Eu não…

— Skunk Baxter. O guitarrista do Steely Dan.

— Esses são apenas a porcaria de…

— Nomes de usuários, é — completou Strike —, e eu admito que, sozinhos, eles não são grande coisa, mas tenho a sensação de que seu disco rígido vai contar uma história diferente.

Barclay reapareceu, segurando uma torquês em uma das mãos e uma garrafa de uísque Teacher's na outra, que entregou a Strike.

— Como está indo? — perguntou Strike.

— Quase lá — respondeu Barclay.

— Ótimo. Me faça outro favor antes de ir — disse Strike, deixando o lençol sujo de sangue cair para poder abrir a garrafa de Teacher's — e reviste os dois à procura de celulares. Não o que se mijou — acrescentou ele. — Os outros dois.

Pela orelha ilesa, Strike ouviu a porta dos fundos se abrir e se fechar. Logo depois, Wardle reapareceu na sala.

— Não tem nenhuma garota presa na casa em frente.

— Eu não achei que tivesse — admitiu Strike. Ele bebeu um gole de uísque. Isso não aliviou perceptivelmente sua dor, mas mesmo assim ajudou um pouco.

— Por que você está bebendo? — questionou Wardle.

— O que você é, minha maldita esposa? Saúde — acrescentou Strike enquanto Barclay entregava dois celulares a ele, depois saiu com a torquês na mão. — Não fique aí me encarando, porra — disse Strike para Wardle com irritação. — Se vai ficar, sente-se.

Wardle sentou-se ao lado de Griffiths no sofá com uma expressão de total reprovação.

— Você parece prestes a desmaiar — disse ele para Strike.

— Eu estou bem — retrucou Strike, tomando um segundo gole ainda maior de uísque. — Enfim — continuou ele para Jones e Pratt —, Tyler usava adrenalina injetável? Por causa de sua alergia a amendoim?

— Usava — respondeu Pratt com cautela.

— Ele a deixou cair diante de testemunhas — disse Strike a Griffiths. — Mentiu, tentou encobrir isso, mas elas vão saber exatamente o que era quando virem uma.

Apesar de conseguir escutar apenas por um ouvido, Strike percebeu nitidamente o som de uma sirene distante.

— Você chamou a polícia? — perguntou ele a Wardle.

— Não — respondeu Wardle e, parecendo confuso, tornou a se levantar e saiu da sala.

Temendo que Wardle estivesse mentindo e com ainda mais medo de não conseguir terminar o que tinha começado, Strike disse para Griffiths:

— Esse plano todo estava baseado em você ser um maldito pigmeu, não estava?

— Eu não sei do que você está falando — disse Griffiths.

— Você não tinha nenhuma chance de encarar Powell, então você e Todd prepararam um planinho traiçoeiro, não foi? Você e ele fizeram bons negócios nos anos 1990, não fizeram? Transportando garotas entre bordéis e casas particulares? Estuprando e abusando com impunidade sempre que tinham vontade? Mas você conseguiu escapar antes que eles estourassem a rede na Bélgica, não foi?

— Eu nunca estive na Bélgica — afirmou Griffiths. — Nunca.

— A internet conta uma história diferente — falou Strike.

Mas quando levou a mão ao bolso da calça para pegar o telefone, ele se lembrou de que o aparelho ainda estava no casaco que agora cobria Sapphire no porão. Ele, então, pegou um dos telefones no seu colo, que Barclay tinha tirado de Pratt e Jones.

— De quem é este e qual a senha? Não me façam levantar — ameaçou-os Strike —, porque eu só vou voltar a me sentar depois de deixá-los sem sentidos. Senha. Agora.

— Meia nove meia nove — murmurou Wynn Jones.

— Claro que é — resmungou Strike, desbloqueando o telefone e buscando no

Google a foto de que precisava enquanto sua orelha latejava tanto que ele se perguntou se ia vomitar. — Aqui — disse ele por fim, estendendo o telefone e a foto para mostrar para Griffiths. — Aqui está você no palco na Bélgica, tocando sua guitarra de merda no porão de uma casa noturna. Foi minha sócia que encontrou. É engraçado, mas seu amigo Wade King, visto aqui tocando baixo, estava tentando assustar a pessoa certa o tempo todo. Foi Robin que realmente solucionou o caso.

— Esse não sou eu — sussurrou Griffiths —, e não conheço o homem no b…

— *É* você — afirmou Strike. — Minha sócia fez uma pesquisa, e sua banda vagabunda pan-europeia excursionou um pouco pelo continente nos anos 1990, não foi?

Wardle então reapareceu na sala.

— Tem alguma coisa acontecendo junto da ponte. A polícia e uma ambulância estão lá. Posso ver as luzes pelas janelas da frente.

— Então eles estão ocupados demais para nós — falou Strike.

— Eles não vão permanecer assim — disse Wardle com determinação. Ele tornou a sair da sala, e Strike ouviu a porta dos fundos bater.

— Ele parece até da Polícia Montada — disse ele para Griffiths. — Sempre pega o culpado.

Embora Strike não estivesse familiarizado com desmaios, ele tinha uma vaga ideia de que aquela sensação de flutuação era algo que uma pessoa sentia logo antes de apagar, por isso ele não virou a cabeça quando ouviu mais movimento às suas costas.

— Eu a soltei — anunciou Barclay, entrando na linha de visão de Strike com a torquês ainda na mão. — Ela está na cozinha, comendo. Está precisando — disse ele com um olhar ameaçador para Griffiths. — Algum deles está merecendo umas porradas? Eu estou no clima.

— Possivelmente — respondeu Strike. — Ainda estamos no estágio de coletar informação.

— Ótimo — disse Barclay, batendo a torquês na palma da mão. — Onde estamos?

— No jeito como Tyler foi atraído para a Ramsay Silver — respondeu Strike, voltando-se novamente para Griffiths. — Todd aconselhou Tyler a adotar um nome novo e se disfarçar, até fingir ser canhoto, para se esconder do pai homicida

de sua namorada e arranjar um emprego que ninguém esperaria que ele tivesse, a fim de ganhar o suficiente para sustentar a si mesmo e a namorada quando ela também fugisse, mas na realidade para tornar tão difícil quanto possível identificá-lo depois da sua morte.

— Eu não sei nada sobre *nada* disso! — choramingou o homem barbado no chão.

— Quem é esse? — perguntou Barclay a Strike.

— Mickey Edwards.

Barclay deu dois passos na sala e deu um chute tão forte na lateral da cabeça de Edwards que o homem foi derrubado de lado, arrastando Jones e Pratt com ele.

— Ela me contou sobre você — disse Barclay, parado sobre a pilha de homens arquejantes e cuspindo.

— Você não pode fazer isso! — gritou um Griffiths de olhos arregalados do sofá.

— É, não faça isso — disse Strike para Barclay, tomando outro gole de uísque — na frente de Wardle.

— Aonde ele foi?

— Tem alguma coisa acontecendo na ponte, ele foi investigar. Enfim — disse Strike, com a cabeça ainda flutuando quando se voltou para Griffiths —, você conseguiu convencer Tyler a interpretar um papel no trabalho, mas não podia policiá-lo em casa, podia? Onde você descartou os pesos dele do Wolverhampton Wanderers? E suas mãos, seus olhos, seu pau e suas orelhas? Em Petts Wood?

Griffiths parecia mais pálido que nunca, mas falou:

— Eu não sei do que você está…

— Petts Wood, aonde você e Medina foram depois que visitaram o quarto de Tyler nas primeiras horas da manhã — explicou Strike. — Se as orelhas de Powell, ou seu pau, ou seus pesos aparecerem lá, essa vai ser uma prova e tanto. *Isso* é mais do que uma pegada.

Strike se ouviu falando de forma indistinta, mas não achou que pudesse ser o uísque; ele não tinha bebido o suficiente. Seria a perda de sangue? Sua tontura estava se intensificando. Ele bebeu outro gole grande de Teacher's.

— Você gostou de mutilar o corpo, não gostou? — perguntou. — É, foi um truque para implicar a maçonaria, mas você gostou. Tyler Powell via você. Ele sabia o que você era. Ele queria botar Chloe em segurança, então você o cortou

em pedaços. Mas tudo foi elaborado demais. É, Ramsay tinha uma segurança de merda e um cofre sem câmeras… Medina estava no andar de cima, mantendo Pamela ocupada… Todd deixou você sair, e você se escondeu… onde? No banheiro? No armário? Você ficou escondido até Todd tossir para dizer que a barra estava limpa. Então você se aproximou escondido pelas costas de Tyler, bateu na parte de trás da cabeça dele com a porra de um malho e continuou batendo até esmagar seu crânio.

Strike ouviu a porta dos fundos se abrir. Wardle voltou para a sala agora cheia.

— Um dos amigos de vocês acabou de se jogar da ponte de ferro — informou ele aos homens algemados. — Ele não quis levar a culpa.

Strike tentou dizer "isso é coincidência", mas as palavras não saíram. De qualquer forma, ninguém na sala teria entendido. Edwards irrompeu em lágrimas outra vez.

— Cale a merda da boca — rosnou Barclay. — Ou vou obrigar você a calar.

— Alguém está vindo para cá — disse Wardle para Strike. — Polícia. Eu disse a eles que encontramos uma garota sequestrada. Eles vão chegar aqui a qualquer minuto. Nós precisamos tirar as algemas dessa gente.

— É justo — disse Strike. Ele tentou se levantar, mas caiu para trás no assento.

— Fique onde está, pelo amor de Deus — falou Barclay. — Vou chamar uma ambulância.

Possivelmente combinar a intensa perda de sangue com uísque puro não tinha sido a melhor das ideias. Strike estava preparado para aceitar isso agora, mas tinha de continuar falando, porque queria que o sujeito soubesse que *ele* sabia. Enquanto Wardle estava ocupado tirando as algemas dos homens no chão, Strike falou:

— Você o matou e pisou no sangue em volta de sua cabeça. E não percebeu, porque estava em pânico demais. Você precisava subir, com a merda da sua barba falsa, de terno e de óculos, com seu tênis sujo de sangue dentro de uma bolsa da Ramsay, mas usando os sapatos dele, para se passar por William Wright, e fingindo ser ele ao sair da loja e ir para a estação Covent Garden. E você tropeçou, porque seus malditos pés pequenos não preenchiam calçados número 41.

— Strike, pare de falar, porra — disse a voz impaciente de Wardle. — Deixe isso para lá.

— Você voltou para a loja para mutilar o corpo. Não pôde acender a luz, por isso não percebeu aquela pegada… ela tinha secado… não borrou… isso prova que o assassinato aconteceu bem antes da mutilação… Mas Todd não ia ajudar, a menos que parecesse que o assassinato tivesse acontecido à noite… Porque ele foi preso na Bélgica, e você se safou… e não venha me dizer que nunca esteve na Bélgica…

Strike mostrou o celular de Jones para Griffiths.

— A foto… a merda do seu show… está vendo a loura na foto? Essa é Reata Lindvall, que morreu dois meses depois… a filha dela desapareceu… uma menininha seria muito útil para um homem que queria atrair mulheres jovens… e ela cresceu e também foi útil, não foi? De um jeito diferente… "Jolanda" significa "violeta" ou "roxo"… Chloe contou para ele seu nome verdadeiro… Quando eles desmontarem seu computador… encontrarem uma busca no Google pelo nome Jolanda… Onde está ela? O que você fez com ela?

— Ele me contou que ela está embaixo do piso de concreto — sussurrou uma voz infantil.

Ainda usando o sobretudo de Strike, Sapphire estava parada na porta, branca como um fantasma.

Griffiths tentou sair correndo, mas mal tinha dado três passos quando Barclay o derrubou com um estrondo alto e satisfatório.

— Provas concretas — disse Strike, abrindo os contatos no telefone de Jones. — Lá vamos nós…

O número estava salvo como "LUGS NOVO". Strike o apertou.

Em algum lugar em outro aposento, eles ouviram o toque: "Do It Again", do Steely Dan.

In the mornin' you go gunnin'

— Aí está — disse Strike para Jones. — Você foi manipulado. Ele assassinou seu amigo.

Strike supôs tolamente que ficar de pé pudesse fazer com que se sentisse melhor. A última coisa que viu antes que seus olhos girassem para trás em sua cabeça e ele desmaiasse foi Jesus fumando um baseado.

Epílogo

Ele tinha descoberto o que havia buscado com tanto sacrifício e persistência. O que mais importava?

John Oxenham
A Maid of the Silver Sea

124

E ele estava feliz por conhecer
As causas das coisas e ver, bem abaixo
De seus pés, o fluxo lúgubre
Do terror e da angústia insana,
E o destino impetuoso ser felicidade.

Matthew Arnold
Memorial Verses: April, 1850

Onze dias depois que Ian Griffiths e seus amigos foram levados sob custódia, e Strike e Sapphire Neagle foram conduzidos de ambulância para o Hospital Princesa Real, em Telford, Strike vestiu seu único terno preto no apartamento no sótão e foi de carro, novamente, para Hereford.

Ele e Robin estavam planejando resolver o último fragmento do caso do cofre da loja de prataria naquele mesmo dia, mas então Jade Semple tinha ligado para o escritório e feito um convite pessoal para Strike ir ao funeral do marido. O cadáver decomposto e encharcado tinha sido encontrado, como Strike pensara, no fundo do Regent's Canal, embaixo da ponte ferroviária, arrastado para o fundo por uma maleta cheia de tijolos à qual o pulso do corpo permaneceu algemado.

— Eu acho que devo ir — disse ele para Robin, embora com algum arrependimento. Havia imaginado outra viagem para o exterior com ela, mesmo que tivesse perdido toda a esperança de aproveitar a paisagem bonita para sabotar seu noivado iminente. — Você conquistou a última parte, pode fazer isso sozinha.

Strike não tinha mais preocupações com a segurança de Robin. Mesmo que Griffiths tivesse associados no tráfico humano na Itália, não fazia sentido atacar Robin agora que diversos computadores e telefones estavam sendo examinados por especialistas forenses e uma rede que se espalhava pelo continente estava

sendo lenta e metodicamente revelada. A dimensão completa da história ainda não tinha chegado à imprensa. Nenhum jornalista sabia da conexão entre o homem assassinado na Ramsay Silver e a rede de tráfico humano. Tudo o que tinha sido noticiado foi que uma garota desaparecida havia sido encontrada em uma casa em Ironbridge e, alguns dias depois (o que chegou a várias primeiras páginas de jornais), que o corpo de uma segunda jovem tinha sido recuperado debaixo de um piso irregular de concreto no porão construído por Griffiths. O cadáver ainda não tinha sido identificado, embora o contato da agência na Polícia Metropolitana, George Layborn, tivesse revelado de forma confidencial para Strike que o corpo era de uma jovem grávida.

O envolvimento da agência de detetives na prisão de Griffiths era, até agora, desconhecido dos jornais, o que Strike imaginou ser tão bom para a polícia quanto para ele. Ninguém tinha feito muito barulho por causa das chaves-mestras dessa vez, ninguém próximo ao caso pareceu achar que força desnecessária tivesse sido usada contra Griffiths e seus companheiros estupradores. A orelha cortada de Strike ajudou nisso, é claro. Também pareceu um acordo tácito que, desde que a agência saísse do caminho em silêncio, permitindo que a polícia falasse sem entusiasmo sobre "fontes" e "dicas" e levasse o crédito por acabar com a rede de tráfico humano, quaisquer atos ilegais ou heterodoxos cometidos por Strike, Wardle e Barclay, inclusive várias agressões físicas, poderiam ser ignorados.

Enquanto isso, o furo de Robertson sobre lorde Oliver Branfoot tinha sido publicado no *Sunday Telegraph* ("os malditos advogados quase me fizeram dar uma amostra de fezes", como o jornalista tinha informado a Strike por telefone), e pelas quarenta e oito horas anteriores, parecera haver poucas outras notícias no Reino Unido, incluindo até o corpo encontrado sob o piso do porão de Griffiths. Danny de Leon tinha conseguido um acordo lucrativo com o *Sun* para contar tudo; a mulher e os filhos de Branfoot foram seguidos pela rua por repórteres aos gritos, até que o filho tentou dar um soco em um operador de câmera, errou e acertou uma jornalista no queixo; o apresentador do programa de perguntas e respostas no qual Branfoot aparecera uma dúzia de vezes fizera uma declaração "chocada e com repulsa"; o próprio Branfoot, que segundo boatos tinha contratado a agência de RP mais cara de Londres, havia desaparecido dos olhos do público, embora tivesse emitido uma declaração que nem confirmava nem negava nada, mas fizera isso em um tom injuriado, com dignidade; Craig

Wheaton parecia ter desaparecido da face da terra, e várias mulheres jovens que foram filmadas sem saber na Black Prince Road tinham se juntado para contratar nada menos do que Andrew Honbold, conselheiro da rainha.

Foi nesse furor que Strike se viu pensando, parado sob o sol fraco de abril, respeitosamente de pé no fundo da multidão em torno do túmulo no qual os restos terrenos de Niall Scott Semple seriam sepultados. O cemitério da igreja de St. Martin já tinha sua cota justa de túmulos das Forças Especiais, todos com lápides quase idênticas de pedra clara, gravadas com o escudo do punhal alado do regimento.

Strike ficou mais afetado pela descoberta do corpo de Semple do que havia esperado ou admitido, mesmo para Robin. Em comparação com a sensação gerada pelos delitos de Branfoot e pela descoberta do corpo de Jolanda embaixo do chão de concreto, o suicídio de Semple mal provocara comoção na imprensa. O consenso tácito pareceu ser que sua morte foi triste, mas o tipo de coisa que você esperava que acontecesse a um soldado com lesão cerebral, e então o público seguiu adiante, preferindo se deliciar com os excessos extravagantes e sujos de lorde Branfoot. Para Strike, porém, havia alguma coisa nesse final em águas turvas, no corpo ali estendido, invisível e despercebido, que lhe causou uma dor brutal, uma coisa além da tristeza. Pelo menos, parte da razão por ele estar ali em vez de viajando para a Itália com Robin foi ter visto comentários abaixo das poucas reportagens sobre a morte de Semple que o deixaram com raiva: expressões superficiais de pesar seguidas por longas diatribes sobre a política externa britânica e o papel do exército em empreendimentos coloniais e opressores. Nenhum deles parecia se perguntar se Semple e seus semelhantes tinham arriscado suas vidas para que mais civis, talvez até eles mesmos ou suas famílias, não fossem atropelados por um extremista assassino enquanto atravessavam uma ponte.

Esses pensamentos estavam distraindo Strike das palavras do vigário, embora não do latejar em sua orelha esquerda. Ele precisara de uma microcirurgia para recolocá-la no lugar porque ela havia sido praticamente arrancada. Tinha uma vaga lembrança de alguém dizendo que ele podia perdê-la totalmente, e uma recordação um pouco mais clara de rir quando uma enfermeira sugeriu que ele ainda podia fazer cirurgia estética, se estivesse preocupado com a aparência.

Essa não era a primeira vez que Strike ia machucado a uma cerimônia numa

igreja, mas mesmo assim ele sentiu que o curativo na orelha era demasiadamente chamativo. O hematoma no rosto — ninguém tinha sido rápido o bastante para segurá-lo quando ele desmaiou na sala de estar de Griffiths, o que significava que ele tinha caído de cara no chão — também ainda não havia desaparecido completamente, o que aumentava a impressão de um homem que decidira participar de uma luta em uma arena antes de seguir para o funeral.

O vigário concluiu suas observações. Strike era alto o suficiente para ver o caixão descendo, embora houvesse três fileiras de pessoas entre ele e o túmulo. Jade soluçava baixinho em um lenço, ladeada pela irmã gêmea e pela mãe.

Finalmente, o sepultamento terminou. Strike tinha acabado de sair andando de volta para o carro quando seu telefone tocou. Ele esperava que fosse Robin, mas era Wardle. Como Strike sabia que Wardle estava em contato com Iverson, a ruiva na equipe de investigação do assassinato, ele atendeu a ligação.

— Encontraram os pesos do Wolves — disse Wardle sem preâmbulo. — E duas mãos humanas.

— Petts Wood?

— É, ontem à noite. Eles continuam procurando.

Uma enorme onda de alívio passou por Strike com essa notícia. Até dirigindo na direção de Hereford naquela manhã ele estivera atormentado por dúvidas sobre se Tyler Powell seria identificado e se o envolvimento de Griffiths em sua morte seria provado.

— Sapphire está falando — disse Wardle. — Muito. Griffiths a pegou em Londres, a manteve em um quarto de merda com duas outras garotas menores de idade, visitado com regularidade por Wade King, Todd e diversos outros, depois a levou para o norte até Ironbridge, onde aqueles merdas que conhecemos se revezavam.

— Puta merda! — praguejou Strike, revoltado. — Escute, você por acaso não saberia se Griffiths a forçou a se passar por algumas jovens no telefone, saberia?

— Ele fez isso, sim — respondeu Wardle, que pareceu surpreso. — Como você…?

— Robin percebeu. Ela recebeu ligações de duas garotas, uma suposta sobrinha-neta de Dilys Powell e uma garota chamada Zeta que nunca localizamos. Nas duas vezes, elas passaram desinformação sobre Tyler Powell e tentaram descobrir o que nós sabíamos. Numa dessas vezes, a garota errou nomes

locais.

— Ah — murmurou Wardle. — Bem, descobriram seis telefones descartáveis diferentes até agora na casa do Griffiths, além de uma peruca cacheada e um colar de rubi escondido em um estojo no alto de um guarda-roupa.

— Meu Deus, Iverson não economiza quando dá informação, não é? — comentou Strike, surpreso. — Eu achei que ela fosse ficar de boca fechada depois do jeito que foram atrás de Murphy por nos ajudar.

— Ela, ah… nós tomamos um drinque ontem à noite — disse Wardle com um tom de constrangimento arrependido que contou para Strike tudo o que ele precisava saber. Susan Iverson, pensou ele, estava no mesmo estado de ânimo em que ele estivera quando aceitou a sugestão de Bijou Watkins de que tomassem um drinque mais de um ano antes: à procura de uma distração para salvar o ego, suas esperanças em relação a Murphy irrevogavelmente frustradas. Era possível, pensou Strike com desânimo, que o caso com Wardle significasse que Robin e Murphy agora estavam enfim noivos. Em vez de tocar no assunto, ele perguntou:

— Já houve alguma identificação do corpo embaixo do piso? Alguém contatou a Bélgica para conseguir o DNA de Jolanda?

— Parece que vão fazer isso hoje. Ah, e aquele cara que é um produtor musical de verdade, Osgood? Eles recuperaram seus e-mails apagados.

— E?

— Uma prima da Sofia Medina tentou entrar em contato com ele da Espanha. Medina tinha contado à garota que ela e seu namorado produtor musical iam pregar uma peça em uma pessoa que o havia traído.

— Essa peça envolvia ele esconder uma grande quantidade de prata e roubar um apartamento caindo aos pedaços?

— Aparentemente — disse Wardle.

— Puta merda — repetiu Strike.

— Eu soube que a coisa de que Quincy Jones mais gosta é arrombar lojas de prata — contou Wardle, e, por mais desanimado que se sentisse, Strike riu. Era a primeira vez em muito tempo que ele ouvia Wardle fazer qualquer coisa próxima de uma piada. Sexo com certeza animava um homem… talvez Strike, como Wardle, devesse começar a correr atrás do prejuízo…

Terminada a ligação, ele continuou a andar na direção do BMW até uma voz alta e rouca chamá-lo pelo nome. Quando se virou, ele viu Jade Semple, cuja

mão tinha apertado brevemente quando entrou na igreja.

— Você vai à recepção? — disse ela sem fôlego.

— Vou, claro — respondeu Strike, embora preferisse não ir.

Então ele foi de carro até o hotel e se juntou aos outros que estavam no funeral, aglomerados como corvos sombrios em um grande salão de eventos decorado em azul, onde havia muitas mesas circulares, mas nem perto de cadeiras suficientes. Havia um bufê disposto ao longo da extensão de uma parede, mas ninguém estava comendo ainda. Depois de decidir que as cadeiras eram para os idosos e familiares mais próximos, sentindo-se envergonhado e chamativo por causa do curativo na orelha e levemente arrependido de não ter levado analgésicos, Strike comprou uma cerveja de baixo teor alcoólico e foi para uma área externa para fumantes, avistando o distinto Ralph Lawrence à distância. O homem fez um pequeno aceno com a cabeça para Strike, que retribuiu — um gesto apropriado tanto pelo grau de conhecimento entre eles quanto pela mistura de antipatia e respeito que Strike suspeitava que os dois sentissem um pelo outro.

Quando estava do lado de fora, com um bom pretexto e sem conseguir resistir ao impulso, Strike ligou para Robin.

— Oi — disse ele quando ela atendeu. — Onde você está?

— No banco de trás de um táxi — respondeu Robin. — Devo chegar ao hotel em dez minutos.

Ela, no momento, estava viajando por uma estrada na Sardenha ladeada por palmeiras sob um céu azul límpido. Quando chegou de avião à capital, Cagliari, ela imaginou ter entrado na gravura de Raoul Dufy acima de sua lareira: mar cintilante, casas em cores pastel, sol quente sobre a pele. Ela sabia que seu interlúdio na ilha seria muito curto, o que tornava agridoces a beleza do lugar e o clima glorioso. Na melhor das hipóteses, isso era apenas um alívio temporário da miríade de problemas que permaneciam atrás dela na cinzenta e sombria Londres: ela estranhamente se sentiu como tinha se sentido no hospital depois da gravidez ectópica; parecia haver a mesma sensação de irrealidade sobre todas as coisas.

— O funeral terminou? — perguntou ela.

— Agorinha — respondeu Strike. — Jade quis que eu viesse à recepção. Estou ligando porque Wardle acabou de receber uma atualização da equipe de investigação do assassinato.

— Eles ainda estão falando conosco? — disse Robin, surpresa.

— Alguém está — falou Strike, escolhendo não dar detalhes. — Enfim…

A reação de Robin quando Strike terminou de passar a informação de Iverson não foi tão comemorativa quanto seu sócio esperava.

— Se eu tivesse percebido antes… — comentou ela com um suspiro, olhando fixamente para o mar reluzente à sua esquerda. — Se eu tivesse percebido que a mesma garota estava ligando para mim…

— Um equívoco fácil — disse Strike.

— Não, eu deveria ter notado que havia alguma coisa errada — insistiu Robin. — Ela disse o "Jockey & Horse" em vez de o "Horse & Jockey", "Wellsey Road" em vez de "Wesley". E eu me lembrei de outra coisa ontem à noite: na primeira vez que ela me ligou, eu ouvi alguém escrevendo… devia ser Griffiths, mostrando para ela o que dizer, não devia?

— Provavelmente — respondeu Strike.

— Eu deveria ter notado — repetiu Robin.

— Mas Griffiths está totalmente fodido — comentou Strike.

— Eu sei e estou satisfeita por isso — disse Robin —, mas não consigo parar de pensar sobre Jolanda. Que vida terrível. Sequestrada pelo assassino da mãe. Forçada a interpretar um papel para sempre. E então, quando ela achou que talvez finalmente conseguisse se libertar… E também tem Tyler… sinto como se, de algum jeito, nós o tenhamos conhecido, no fim, sem perceber. Acho que ele era mesmo uma boa pessoa.

— Eu também — concordou Strike. — Talvez não muito inteligente, mas ele se interessava o suficiente pelo mundo exterior para saber que Assad é chamado de o Leão da Síria, era trabalhador e estava preparado para correr todo tipo de risco para afastar a garota de Griffiths.

— Acho que, conforme Jolanda ficava mais velha, Griffiths não conseguia mantê-la totalmente escondida. Ele tinha que deixá-la ir à escola se quisesse viver no Reino Unido.

— Ele provavelmente contava com o fato de ela ter medo de mais dele para contar a verdade para qualquer pessoa. Ela devia ser muito útil para atrair outras mulheres jovens também. É uma boa imagem, pai solo dedicado, que tinha enviuvado cedo… mas ele a engravidou. Isso seria difícil de explicar.

— Você acha que o bebê era dele? Não de Tyler?

— Acho que vamos descobrir no devido tempo, mas, sim, desconfio que era

dele, e Tyler estava preparado para ajudá-la a criá-lo.

Strike tinha perguntado a si mesmo se teria sido tão generoso quanto Tyler Powell em relação a isso, sem chegar a uma conclusão.

— Strike, vou ter que desligar, acho que estou vendo o hotel — disse Robin.

— Está bem. Nós nos falamos quando você voltar.

Ele sentiu que não deveria ficar do lado de fora, fumando, enquanto os outros convidados enchiam o salão de eventos, mas, quando se virou para entrar no hotel, viu Ralph Lawrence saindo dele. Strike desconfiou de que ele estivesse aguardando que o detetive terminasse a ligação e esperou, mais por curiosidade do que por preocupação, para ouvir o que Lawrence queria dizer para ele dessa vez.

— Tudo bem com você? — perguntou o homem que Strike agora, com relutância, estava preparado para aceitar que fosse mesmo do MI5.

— Tudo bem — respondeu Strike. — E você?

— Você fez uma coisa incrível ao encontrá-lo.

— Um palpite de sorte — comentou Strike com indiferença.

— Você sabe por que ele se matou daquele jeito?

— Tenho minhas suspeitas — disse Strike. Quando Lawrence pareceu intrigado, ele acrescentou: — Eu vi um vídeo do Estado Islâmico na dark web. Um cara encapuzado acorrentado a um peso e jogado de uma ponte. Me ocorreu que esse talvez tenha sido Ben Liddell.

Lawrence olhou para trás, para o salão de eventos, que ainda estava se enchendo de pessoas vestidas de preto, então disse em voz baixa:

— Quatro homens do Esquadrão E foram transportados ocultamente para um território onde não é de conhecimento público que as forças britânicas estejam operando. O objetivo era fazer contato com um grupo atuando contra o Estado Islâmico e fornecer a ele equipamentos de comunicação avançados.

"A missão deu totalmente errado. Eles estavam em um avião pequeno e foram atingidos por um míssil antiaéreo. O piloto morreu na hora, o avião pegou fogo e começou a cair; eles tiveram que saltar de paraquedas a baixa altitude. Dois homens do regimento morreram no impacto com o solo, Semple ficou gravemente ferido e praticamente inconsciente, mas foi arrastado para um local seguro por Liddell.

"Eles tinham um rádio e munição suficiente para deter qualquer um que tentasse achá-los por algumas horas, mas era incerto se a ajuda ia chegar antes que

eles fossem capturados ou mortos. Quando a equipe de resgate chegou, eles encontraram Semple sozinho. Liddell tinha deixado o abrigo para tentar conseguir água para ele e nunca mais voltou.

"O MI6 nos passou os detalhes quando Semple desapareceu. Eles tinham descoberto o vídeo de execução ao qual você assistiu, mas o Estado Islâmico não parece ter se dado conta de que o homem que eles pegaram era das Forças Especiais, do contrário teriam feito disso uma coisa muito maior. Liddell sabia que a prioridade era não admitir ser do regimento. Seu árabe era bom. Só Deus sabe quem ou o que ele fingiu ser.

"Nós apagamos todos os vestígios do maldito vídeo na internet regular e, como você deve ter visto, não dá para reconhecer Liddell nele. Nossa preocupação o tempo todo era impedir que Niall Semple transmitisse sua versão confusa da missão para o mundo. Quando ele saiu do coma, estava desorientado e com muita raiva. Antes da lesão, haviam confiado a ele certas informações muito delicadas. Esse é um admirável mundo novo, sr. Strike: nos velhos tempos, nós tentávamos impedir que jornalistas conseguissem informações confidenciais, mas hoje em dia, com as redes sociais, tudo de que Semple precisava era acessar a internet, e pessoas trabalhando sob disfarces profundos teriam sido colocadas em risco imediato."

— Rena Liddell sabe como o irmão morreu?

— Semple pode ter contado a ela, mas ela ainda não está preparada para acreditar que o irmão está morto. Você tinha razão em relação a minhas preocupações com ela. Eu não estava apenas preocupado que Semple pudesse ter contado a ela uma versão truncada do que aconteceu na missão. Eu tinha medo de que ele tivesse revelado informações que não queríamos que estivessem nas mãos de uma mulher imprevisível com problemas de saúde mental.

— Então o que vocês vão fazer, trancá-la em outra instituição psiquiátrica?

— Você pode não acreditar em mim — disse Lawrence tranquilamente —, mas acredito em liberdades civis, embora às vezes a segurança nacional exija medidas que possam infringir a regra ideal de justiça de algum sonhador.

— Quantos anos tem sua avó? — perguntou Strike, e Lawrence pareceu surpreso.

— O quê?

— Você acabou de citar Albert Pike — disse Strike. — Tem uma passagem

em *Moral e dogma* sobre o general que destrói uma ponte para salvar o corpo principal de seu exército, mesmo que isso signifique sacrificar um batalhão. Essas ações não são injustas, diz Pike, mas "podem infringir a regra ideal de justiça de algum sonhador".

— Ah — disse Lawrence. — Quantos anos tem a *sua* avó?

— As duas estão mortas — respondeu Strike.

Através da porta de vidro que levava de volta para a recepção, ele viu a agitação das pessoas que significava que a família tinha chegado: Jade, em seu vestido e casaco pretos, com sua gêmea ao lado segurando sua mão.

— Nós deveríamos…

— É — concordou Lawrence, e lado a lado eles retornaram ao hotel.

Strike tinha acabado de parar de pé na beirada do salão quando avistou Jade caminhando em sua direção.

— Obrigada por voltar — disse ela.

— Eu sinto muito pela sua perda — falou Strike formalmente para ela.

Ele percebeu que Jade estava, outra vez, à beira das lágrimas, mas não ficou aborrecido com ela por isso nesse dia. Sem dúvida, ela estava se sentindo como ele tinha se sentido no funeral de Ted, como se uma pedra invisível estivesse pesando sobre seu peito.

— Você se encontrou com ela, não se encontrou?

— Rena Liddell? Me encontrei — confirmou Strike, e percebeu pelo tom de voz dela que Jade ainda tinha desconfianças sobre o relacionamento exato de seu marido com a irmã de seu amigo morto. — Eles não eram… Não havia nada romântico ali. Ele só queria entrar em contato com ela e lhe dar aquele colar de prata.

— Mas aquilo deveria ter sido *meu* — disse Jade em um lamento, irrompendo em lágrimas.

Cabeças se viraram. Algumas das expressões eram acusatórias. Strike estava perturbando a viúva.

— Podemos sair por um momento? — pediu Strike, que não queria fazer um espetáculo infeliz para os convidados e conduziu Jade de volta para a área de fumantes. Ela desabou em uma cadeira de madeira, e ele sentou-se ao seu lado enquanto ela chorava. Finalmente, ela enfiou a mão dentro da bolsa e pegou um maço de cigarros.

— Não está mais fumando cigarro eletrônico? — perguntou Strike, observando com inveja ela acender um.

— Eu provavelmente vou voltar — disse Jade, dando um trago profundo em seu Marlboro e soprando a fumaça para cima —, mas tenho permissão para fumar um maldito cigarro hoje, não tenho?

— Com certeza — afirmou Strike.

— Aquele colar de prata era da mãe de Niall. O pai dele o comprou anos atrás, em Omã. Por que ele o deu para *Rena*, não para mim?

— Acho — começou Strike — que para compensar alguma coisa. Culpa, talvez, por ele ter sobrevivido quando o irmão dela não sobreviveu. E ele achava que era uma forma de proteção.

— Então por que ele queria protegê-la e não a mim? — insistiu Jade, a máscara dos cílios sujando seu rosto enquanto ela chorava.

— Porque ele sabia que ela estava com problemas e não tinha família, agora que Ben estava morto? — sugeriu Strike.

Jade chorava, seu cigarro queimava lentamente apontado para baixo e Strike desejou poder tomá-lo da mão dela e terminá-lo. Finalmente, Jade disse:

— Você sabe qual era o código da maleta que ele encheu de tijolos?

— Não — respondeu Strike.

— A data prevista para o parto do bebê que eu perdi. Então… isso deve ter significado alguma coisa para ele, não deve?

— É, deve — concordou Strike. — Eu soube que só havia tijolos na maleta.

— Tijolos e coisas que ele tinha escrito, tudo embalado em polietileno, mas me disseram que ninguém conseguiu ler. Estava encharcado. Eu não sei se isso é verdade… talvez fosse uma carta para mim?

— Talvez — disse Strike.

Ele pessoalmente apostaria que Semple tinha escrito o que acreditava ser a verdade sobre a missão com o Esquadrão E, qualquer que fosse ela. Ele não viu nenhuma outra razão para Semple deixar para trás pistas sobre onde ele e suas informações poderiam ser encontrados, ou para que elas fossem suprimidas, encharcadas ou não.

— Às vezes, você quer tanto uma pessoa, mesmo quando sabe que é errado e que não vai funcionar, mas você ainda a quer, sabe? — comentou Jade em uma voz abafada.

— Sei — disse Strike, e imaginou Charlotte com um sorriso irônico.

— Nós não éramos bons um para o outro, mas ainda queríamos isso. Não conseguíamos sair da situação. Nós não éramos compatíveis. Eu sei o que todo mundo dizia, e tudo bem, eles estavam certos, mas nós… Eu o amava — sussurrou ela. — Amava mesmo. Eu sempre senti que não conseguia *alcançá-lo*. Que se eu conseguisse apenas *alcançá-lo*… mas eu não conseguia.

Strike pensou na crença que tinha abandonado havia muito tempo, de que ele, de algum modo, podia lidar com Charlotte e consertá-la, e torná-la plena e feliz.

— Você está bem, querida? — disse uma voz ressabiada atrás deles.

O homem com o bigode ruivo que Strike tinha visto em Crieff tinha chegado para buscar Jade.

— Estou — respondeu ela com voz rouca, tornando a se levantar. — Estou bem… Até logo — disse para Strike, e Bigode Ruivo a conduziu dali, com um olhar desconfiado para o homem grande com um curativo na orelha.

Strike observou Jade ser absorvida pelas pessoas. Dessa vez, ele não voltou para o salão. Quando teve certeza de que ninguém o estava observando através das portas de vidro, ele voltou para o carro.

125

Quando eu vou morrer e me livrar
Do mal feito por meu pai?
Quanto tempo, quanto tempo, até a pá e o caixão
Botarem a maldição de minha mãe para dormir?

A.E. Housman
XXVIII: The Welsh Marches, A Shropshire Lad

O Hotel Serenità era ainda mais bonito na realidade do que no Instagram: uma construção grande de pedra amarela desgastada pelo tempo que no passado tinha sido uma propriedade rural. Depois de pagar o motorista, Robin atravessou o saguão climatizado com um ar de aparente confiança, seguindo direto por ele até uma área externa onde podia ver algumas pessoas aproveitando o almoço. Ela pretendia pedir uma refeição e depois começar a fazer perguntas para os funcionários.

Mas isso não foi necessário. Robin mal tinha se sentado havia dois minutos quando um jovem de rosto redondo e pescoço curto, cujo cabelo louro tinha sido clareado até ficar quase branco pelo sol da Sardenha, apareceu para oferecer um menu escrito em inglês e perguntar se podia lhe servir uma bebida antes que ela fizesse o pedido.

— Rupert — disse Robin. Embora ela esperasse encontrá-lo ali, sua súbita materialização foi um choque.

O rosto redondo de Fleetwood perdeu repentinamente a expressão, o que Robin imaginou ser o auge de meses de pavor.

— Meu nome é Robin Ellacott — disse ela. — Eu sou detetive par…

— Eu sei quem você é — interrompeu ele com sua voz grave. — Ah, meu Deus… ela não está aqui, está?

— Decima? — disse Robin — Não, ela está no Reino Unido.

— Ela…?

— Ela sabe que você está trabalhando em um hotel Clairmont, mas não sabe em qual. Eu achei que você estivesse aqui. Soube que Tish Benton esteve aqui fora de temporada e imaginei que ela provavelmente veio para visitar você.

Fleetwood olhava fixamente para ela, congelado no lugar.

— Eu não estou aqui para causar problema para você, Rupert — disse Robin em voz baixa, porque uma família em uma mesa próxima estava observando o garçom, intrigada com seu comportamento estranho e boquiaberto. — Eu só quero conversar. Quando você tem um intervalo?

Robin achou que o rapaz não fosse responder, mas então, com um ar de desalento, ele murmurou:

— Às três.

— Podemos conversar então, por favor? Prometo não entrar em contato com ninguém antes disso.

Ele assentiu, arrasado.

Então, às três horas, Robin e Rupert Fleetwood se encontraram em um terraço sombreado com um dossel de buganvílias cor-de-rosa que começavam a florescer. Fleetwood levou com ele dois cafés, mas parecia incapaz de encarar Robin. Quando ela agradeceu, ele assentiu, então botou açúcar no dele sem olhar para ela.

— Como ela está? — perguntou Rupert, olhando fixamente para a superfície do café que estava mexendo.

— Não muito bem — respondeu Robin.

— Eu tentei… eu liguei para seu sócio.

— Eu sei disso — disse Robin

— Então ela deveria saber que eu estava vivo.

— Sim, mas essa ideia é ainda mais dolorosa para ela do que você estar morto. Ela não consegue entender por que você simplesmente a deixou daquele jeito, sobretudo quando ela estava grávida.

Rupert largou a colher com um tilintar que lembrou Robin do tijolo que atingiu a prataria Murdoch.

— Ela fez um aborto? — sussurrou ele.

— Não — disse Robin. — Você tem um filho.

— Ah, meu Deus — disse ele, colocando o rosto entre as mãos.

— Ele está bem — acrescentou Robin. — Nasceu sem problemas.

Depois de um tempo, ficou claro que Rupert estava chorando, não alto como Danny de Leon ou Murphy, mas em silêncio, com os ombros tremendo.

— Rupert — disse Robin —, eu acho que sei por que você foi embora.

— Você não tem como saber — disse sua voz abafada.

— Acho que tenho — insistiu Robin. *Os dois juntos pareciam Tweedledum e Tweedledee… imagine só as crianças deles com cara de lua.* — Você descobriu que Decima é sua meia-irmã.

Ele ergueu os olhos, seu rosto marcado por lágrimas e com uma expressão horrorizada.

— Como…

— Eu li uma entrevista de Cosima em uma revista e vi que ela tinha feito um teste de DNA. Então eu percebi que vocês todos se parecem um pouco — disse Robin. — Dino, Decima e você.

Rupert esfregou o rosto com força com sua manga branca de garçom, mas lágrimas ainda estavam correndo de seus olhos. Ele tinha, pensou Robin, um rosto muito agradável; não exatamente bonito, mas com melhor aparência em pessoa do que na foto que ela e Strike tinham mostrado às pessoas conectadas com William Wright.

— Como você descobriu? — perguntou ela.

Depois de enxugar o rosto na manga pela segunda vez, Fleetwood levou a mão ao bolso do peito do colete, pegou um maço de Marlboro Lights, acendeu um e disse com voz rouca:

— Valentine.

— Ele contou a você?

— Não… com certeza não — disse Fleetwood.

Robin esperou. Fleetwood fumou por um minuto inteiro sem falar, então disse:

— Ele pegava muito pesado comigo e com Decima desde o começo… uma noite, ele ficou muito bêbado no Dino's e me contou que Dino tinha dormido com a minha mãe, que eles tinham tido um caso… disse que ele os flagrou juntos em um sofá quando era criança… então… não sei, ele provavelmente entrou em pânico por ter falado demais… tentou recuar, disse que estava brincando e saiu

cambaleando do clube… No dia seguinte, eu liguei para ele, e ele alegou que só queria que eu ficasse longe de Dessie, e que tinha dito aquilo para tentar me assustar… mas…

Fleetwood deu um trago profundo no cigarro e acrescentou:

— Eu olhei para Dino naquela tarde e pude… ver isso. Ele, Dessie e eu, todos nós três temos rostos redondos e um tipo de… pescoço curto. Eu sempre soube que nunca fui parecido com Peter Fleetwood… eu nem me pareço com a minha mãe, exceto que ela era loura… então… quanto mais eu me olhava no espelho, mais eu me enxergava como um Longcaster do que como um Fleetwood…

— Você contou a Decima?

— Nossa, não — disse Fleetwood, fechando os olhos momentaneamente. — Eu só… eu fiz um daqueles testes de DNA… e sim. Ele batia com o teste que Cosima tinha feito… ele mostrou que éramos meios-irmãos… o que fazia sentido e explicava *muita coisa*. Minha tia sempre me odiou… ela provavelmente sabia que eu não tinha nenhuma relação com ela, mas ficou encarregada de me criar. E ela sempre *odiou* Dino Longcaster… deve ter sido revoltante para ela me ver crescer e ficar cada vez mais parecido com ele.

— Então você foi à festa de Sacha porque…

— Porque eu queria tirar essa merda a limpo com Valentine — disse Rupert. Ele deu outro trago longo no cigarro, soltou a fumaça, então continuou: — Eu estava puto da vida. Se ele tivesse avisado a mim e a Dessie desde o começo, isso não teria acontecido. Ou mesmo se tivesse alertado a mim e a Dessie antes que ela engravidasse… aquele filho da puta covarde. Ele não queria aborrecer Dino, foi isso o que aconteceu. Ele resolveu deixar quieto… Eu não sei por que Cosima estava chorando. Talvez ela achasse que eu ia fazer um escândalo nos jornais ou algo assim. Dino odeia a imprensa. Ou ela pode ter achado que eu teria uma parte do patrimônio de Dino. Conhecendo ela, acho que ficou preocupada que só fosse receber um quarto, em vez de um terço…

— Quem sabe a verdade? — perguntou Robin. — Albie? Tish?

— É, eles sabem — respondeu Fleetwood, com lágrimas ainda caindo do canto dos olhos. — Só eles. Eu tive que contar para alguém. Estava ficando desesperado… *incesto* — disse ele, olhando fixamente para a mesa, e Robin ouviu o horror e a vergonha que ela achou que o estavam devorando havia quase um ano.

— Eu li que pessoas que são aparentadas, mas que são criadas separadas, podem se sentir atraídas uma pela outra quando se conhecem — disse Robin. — Elas podem sentir uma conexão. Isso não é culpa de nenhum de vocês.

— Foi isso o que Tish e Albie disseram, mas é fácil falar, quando não é você… Eu dormi com a minha *irmã*, pelo amor de Deus…

Robin não conseguia pensar em nada para dizer. Parecia estranho e inapropriado estar sentada em meio a tanta beleza, com o mar azul-esverdeado brilhando à distância e as buganvílias por toda a volta deles, enquanto conversava sobre um tabu antigo violado por pessoas que não tinham ideia de estarem fazendo isso.

— Imagino que você saiba sobre o *nef*, não sabe? — murmurou Fleetwood.

— Que você o roubou e o vendeu para lady Jenson? Sei — confirmou Robin.

— Ele era da minha mãe — disse Fleetwood em voz baixa. — Ele pertencia aos Legard. Eu ainda sou um Legard, ninguém pode tirar isso de mim. Dino não tinha direito a ele. Eu nunca peguei mais nada dele, nunca, mas ele me devia alguma coisa. Ele *me devia,* merda.

— Rupert, Decima tem se torturado. Ela acha que você está morto. Ela acha que é culpa dela…

— Que eu morri no cofre de uma loja de prataria — completou Fleetwood, fechando os olhos brevemente outra vez. — Eu sei, Albie me contou. Mas eu liguei para seu sócio…

— Ele não acreditou que fosse você. Rupert, seria muito melhor, mais gentil, se você mesmo ligasse para Decima e explicasse tudo para ela.

Ele pareceu estar pensando. Robin tomou um gole de café achando que o havia encontrado com tanta facilidade e tão rápido que não tinha razão para adiar seu retorno a Londres. Com o sol da Sardenha nas costas e as buganvílias adejando acima, ela se lembrou de Murphy perguntando por que nunca tinham feito uma viagem para o exterior e então, inevitavelmente, do anel de platina e diamante que ele estava escondendo em sua maleta. Robin estava certa de que lhe restavam quatro dias antes que ele o oferecesse a ela no Ritz. Robin não tinha feito nada para impedir o pedido, porque não conseguia ver como poderia fazer isso sem revelar que havia revistado seus pertences.

— Sabe — disse Fleetwood baixinho do outro lado da mesa —, eu ainda a amo. Eu tenho tentado muito não amar… mas amo.

— E ela ainda ama você — falou Robin. — Mas tem um bebê envolvido, agora, Rupert. Vocês dois precisam chegar a uma solução. Você não pode se esconder para sempre.

Rupert amassou o cigarro no cinzeiro.

— Como ela o chamou?

— Lion — respondeu Robin.

— Ah, meu Deus — disse Rupert, levando as mãos ao rosto outra vez. — Por causa da porra do White Lion? Isso não significa nada, ele nunca foi meu pai…

— Rupert — disse Robin —, ela passou pelo nascimento sozinha. Ela está vivendo há meses no inferno, culpando a si mesma por sua morte. Por favor, ligue para ela e conte a verdade.

126

Minha própria esperança é que o sol perfure
A nuvem mais espessa que se estendeu sobre a terra;
Que, depois do Último, volte o Primeiro,
Embora um grande desvio seja feito;
Que o que começou melhor não termine pior,
Nem que o que Deus abençoou uma vez se revele amaldiçoado.

Robert Browning
Apparent Failure

— De certa forma — disse Decima Mullins —, sinto como se ele *tivesse* morrido.

Era o fim da tarde de sexta-feira, e sua antiga cliente tinha solicitado uma reunião final com Strike e Robin no escritório. Decima estava mais bem arrumada hoje do que os dois detetives já a haviam visto; tinha emagrecido muito, mas estava discretamente atraente, embora com olhos assombrados. Como já tinha explicado, ela havia retornado a Londres com o filho e pretendia em breve voltar a trabalhar em seu restaurante, embora em meio expediente.

Robin, que teoricamente tinha esse dia de folga, quis estar presente na reunião e chegou usando o vestido cor-de-rosa e os saltos altos que havia usado no Goring. Strike já tinha olhado para sua mão esquerda. Continuava sem anel.

— Se ele tivesse me contado… — disse Decima.

— Eu acho — começou Robin — que ele ficou tão horrorizado com a descoberta…

— Mas simplesmente fugir de mim desse jeito… ele *sabia* que eu estava procurando por ele, Albie e Tish lhe contaram…

— Não estou defendendo a partida dele — disse Robin. — Sei que ele deveria ter ficado e sido honesto.

— Há momentos em que desejo que nunca tivéssemos sabido — disse Decima, infeliz. — Tudo poderia ter ficado bem, se nunca tivéssemos descoberto. De que adianta saber? Ele me ligou de novo ontem à noite. Nós ficamos no telefone por seis horas.

— *Seis?*

— É. É sempre assim, quando conversamos; não conseguimos parar de falar — disse Decima. — Eu estava com muita raiva… e então nós dois choramos, e então… depois de um tempo, foi como costumava ser, mas parecia que eu estava conversando com o fantasma dele. Mas está acabado, é óbvio. Eu tenho que pensar nele de um jeito completamente diferente… nós nunca vamos… nós não podemos voltar. É uma confusão horrível, tudo isso… ele diz que quer retornar a Londres, arrumar um emprego aqui e me ajudar com Lion. Quer ter um relacionamento de verdade com ele… — Ela respirou fundo e chegou ao que Strike tinha adivinhado ser o objetivo da reunião. — Val e Cosima não vão contar a ninguém, eles estão envergonhados demais. Então…

— Nenhum de nossos terceirizados sabe disso, e Cormoran e eu nunca vamos falar nada — garantiu Robin. Strike assentiu, concordando.

— Obrigada — disse Decima. — Eu não quero que Lion escute nenhum boato nem descubra antes de sabermos… como contar a ele.

— Você precisa fazer isso? — perguntou Strike, e Robin olhou para ele surpresa; ela imaginava que Strike fosse achar que a verdade, por mais impalatável que fosse, era sempre preferível a uma mentira, e ela não conseguiu evitar se lembrar de seu conselho raivoso para ela: *não somos a porcaria de assistentes sociais*. — Por que ele tem que saber qualquer coisa além de que seus pais o queriam, mas o relacionamento não deu certo? Está tudo bem com ele fisicamente, não está?

— Está — confirmou Decima —, ele está bem. Acho que temos sorte por ninguém da família ter nenhum problema genético sério. Somos todos saudáveis.

— Esse tipo de coisa provavelmente aconteceu com muito mais frequência do que as pessoas se deram conta, antes que todo mundo pudesse fazer um teste de DNA — disse Strike. — Eu diria que seu filho tem muito mais sorte do que muitas crianças. Pais que o amam e se dão bem um com o outro. Um pai que quer estar envolvido em sua criação. É, eu diria que ele é uma criança muito afortunada, em comparação com algumas.

Robin percebeu uma espécie de espanto no olhar que Decima lançou para

Strike. Ela pareceu profundamente tocada por sua visão prática da situação, e Robin sentiu uma onda de carinho pelo sócio que provocou imediatamente um espasmo interno de culpa, porque era o aniversário de Murphy, e ela ia jantar com ele em uma hora e meia, e não deveria derreter por dentro ao ver Strike mostrando uma sensibilidade e uma compaixão inesperadas quando o homem que ela dizia amar provavelmente estava se perguntando naquele exato momento quando, exatamente, deveria apresentar o anel de diamante… Ela percebeu que Decima estava falando outra vez e arrastou seus pensamentos de volta para o presente.

— … descobriram quem era o homem morto no cofre da loja de prataria. E aquela pobre garota está segura.

— E isso se deve a você — disse Strike. — Sem você, não teria havido justiça para Tyler Powell, nenhum fim para a rede de tráfico humano, e a mulher de Niall Semple ainda não saberia onde ele estava. Em suma, você estava certa. William Wright não era Jason Knowles.

Decima sorriu. Ela estava com uma aparência melhor do que ao entrar no escritório; menos abatida e ansiosa.

— É melhor eu ir — disse ela. — A babá fica até as seis. Obrigada a vocês dois.

Ela apertou as mãos de ambos e foi embora. Quando ouviram a porta de vidro se fechar no escritório externo, Robin disse em voz baixa:

— É horrível, não é?

— Podia ser melhor — admitiu Strike.

— Acho que eles vão se amar para sempre e nunca vão ser capazes de fazer nada em relação a isso.

Tentando desmontar a sensação de depressão provocada nele pelas palavras de Robin, Strike disse:

— Quer um café?

Robin olhou a hora no telefone. Ela ainda tinha mais de uma hora antes do seu horário previsto no Ritz. Toda vez que pensava nisso, ela experimentava uma onda de pânico.

— Quero, obrigada — disse ela, feliz por ter um pouco mais de tempo em que pudesse pensar apenas no trabalho, ou pelo menos tentar fazer isso.

Pat ainda estava em seu computador no escritório externo. Ela sempre ficava

para fazer chá ou café se houvesse um cliente presente, mesmo se, como naquele dia, isso significasse ficar até depois das cinco.

— Você está liberada — lembrou Strike a Pat quando ligou a chaleira.

— Vou terminar essas contas, agora que comecei — rosnou a gerente do escritório com o cigarro eletrônico balançando na boca enquanto continuava a digitar. — Assim, não vou precisar fazer isso na segunda-feira.

— Você arranjou um substituto para Travolta — comentou Robin, percebendo que o aquário tinha um novo ocupante, este malhado de branco, preto e laranja.

— É — disse Pat rispidamente. — O aquário parece vazio com apenas dois.

— Qual o nome desse?

— Elton — respondeu Pat, e Robin riu.

Quando os dois detetives voltaram para o escritório interno com café, Robin disse:

— Eu não perguntei como está sua orelha.

— Parece estar se grudando de volta na minha cabeça — respondeu Strike —, o que é bom, porque eu ia parecer um verdadeiro idiota tentando usar óculos escuros sem ela.

— Está doendo?

— Não — disse ele, sem saber exatamente por que estava mentindo, embora desconfiasse de que ainda não tinha perdido o hábito de tentar parecer tão em forma e fisicamente inteiro quanto Murphy. — Esse caso foi cheio de amantes condenados, não foi? — falou, preferindo abandonar o assunto de sua própria decrepitude física.

— Foi — concordou Robin. — Rupert e Decima. Os Semple. Pamela Bullen-Driscoll e o marido…

Strike sorriu, mas disse mais seriamente:

— E Tyler e Jolanda… foi a porcaria de uma pulseira que ferrou com eles. Griffiths poderia ter suas desconfianças de que ela estava se aproximando demais de Tyler, mas a pulseira foi o grande erro.

Robin pensou, mais uma vez, na pulseira com pingentes de prata escondida em casa em sua bolsa de festa.

— Não consigo suportar a ideia de Tyler ir para Londres, envolver-se com toda aquela história do disfarce — disse ela —, passar na entrevista na Ramsay

Silver achando que está conseguindo uma casa para Jolanda… tentando descobrir se valia a pena se juntar aos maçons em busca de proteção…

— É — disse Strike. — Eu sei.

Como tinha sido para Robin, a investigação do cofre de prataria foi uma das menos agradáveis para Strike. Houve, claro, satisfação por saber que Griffiths e seus amigos estupradores estavam presos; ele estava, em teoria, orgulhoso por terem descoberto aonde cada um de seus cinco possíveis William Wright tinha ido ou que fim levara, mas o que ele sentia, acima de tudo, ao olhar para os últimos dois meses, era um arrependimento amargo e uma recriminação sem limites de si mesmo que não tinha nada a ver com o cofre de prataria e tudo a ver com Robin.

— É melhor eu ir andando — disse ela com relutância quando terminou o café.

Strike a acompanhou até o escritório externo, onde Pat estava vestindo o casaco, evidentemente tendo terminado de lidar com os recibos.

— Tenham um bom fim de semana — desejou ela com voz rouca.

— Você também, Pat — disse Robin. — Obrigada por ficar.

Quando a porta se fechou às costas da gerente do escritório, Strike apontou para o vestido de Robin.

— Vai a algum lugar legal?

— Vou — disse ela sem olhar para o sócio. — É aniversário de Ryan. Nós vamos ao Ritz… ao restaurante — acrescentou ela rapidamente, em uma tentativa de afastar os pensamentos dos dois do bar. — Bem, vejo você na segunda-feira.

A porta de vidro se abriu e se fechou outra vez, e Robin se foi.

Strike de repente foi inundado por adrenalina. Ele parecia estar de volta àquela estrada de terra amarela, sabendo o que estava prestes a acontecer porque tinha visto o jovem que havia plantado a bomba correndo para longe da estrada, arrastando um garotinho que ele estava determinado a afastar da explosão iminente. Ele gritou "Freie!" tarde demais para evitar a calamidade.

Era quase certo que estava atrasado demais agora. Mesmo assim, ele empurrou e abriu a porta de vidro.

127

Nenhum estalido de sinal, nenhum jato ou corrente tênues vindos da imensidão verde além.
Apenas um colapso universal, um momento crítico caótico, iniciado
E encerrado no mesmo instante, como a crosta da câmara, não mais apoiada pelo ar aprisionado, dissolvido sob a pressão irresistível do mar.

John Oxenham
A Maid of the Silver Sea

Os saltos de Robin estavam fazendo tanto barulho na escada de metal que ela não percebeu que seu sócio a havia seguido até o ouvir chamar seu nome. Ao se virar, ela o viu parado acima dela no patamar escuro. Para sua surpresa, ele não disse nada, apenas a encarou.

— O quê? — perguntou ela.

Strike desceu alguns degraus.

— Não cometa o mesmo erro duas vezes.

— O quê? — repetiu Robin, confusa.

— Só porque Murphy tem sido decente em relação a… você sabe… você não deve nada a ele.

Robin o encarou, estupefata. Então, de repente, ela entendeu.

— Você *sabe*?

— Sei o quê? — perguntou Strike.

— Que Ryan vai me pedir em casamento.

— Então *você* sabe? — disse ele, descendo mais um degrau, tentando ler a expressão dela.

— Como…?

— Ele contou para Iverson, que contou para Wardle.

Robin, de repente, sentiu uma necessidade poderosa e inexplicável de chorar. Ela detestou a ideia de que as pessoas, especialmente Strike, soubessem que o pedido de casamento estava prestes a acontecer; isso adicionava uma pressão quase insuportável, quando ela tinha menos de uma hora para decidir o que ia dizer quando Murphy pegasse a caixa do anel no bolso.

— Eu tenho que ir — disse ela, e se virou para sair.

— Robin.

— O quê? — disse ela mais uma vez.

— Você precisa… Eu quero dizer uma coisa.

Strike desceu mais um degrau, de modo que eles ficaram apenas a dois degraus de distância, e o sangue estava pulsando forte em seus ouvidos, exatamente como na manhã em que ele descobriu que Charlotte estava morta. Os segundos se passaram, até que, de forma quase agressiva, ele disse:

— Estou apaixonado por você.

Robin não se mexeu nem falou, mas em algum lugar em seu interior ela sentiu uma erupção gelada, e não sabia dizer se era choque, prazer ou dor, e não pensou em nada além de dizer, pela quarta vez:

— O quê?

— Estou apaixonado por você — repetiu Strike.

Robin ficou com a expressão totalmente vazia, o rosto um pouco mais pálido que o habitual, mas ilegível. O silêncio se estendeu, e Robin simplesmente o encarou. Ela não podia acreditar no que tinha acabado de ouvir, mas a conclusão à qual ela chegara ao longo dos últimos meses excruciantemente dolorosos enfim fez com que ela falasse em uma voz entrecortada:

— Eu sei exatamente o que você está fazendo. — Foi necessário até o último grama de autocontrole para ela não desmoronar. — Você está com medo que eu saia da agência se me casar…

— Besteira, isso não…

— Então por que dizer isso esta noite? Porque você acha que está prestes a me perder? — disse ela antes que ele conseguisse responder. — Bem, você não precisa se preocupar. Eu não vou a…

— Isso não é sobre a agência. Não é — insistiu ele antes que ela pudesse contradizê-lo. — *Eu* vou deixar essa merda de agência antes de você. Eu tenho tentado encontrar o momento certo para dizer isso há meses. Este não era o plano

— disse ele, apontando para a escada escura. — Eu ia dizer em Lake District, depois em Sark…

— Eu não acredito em você — disse Robin com dificuldade, porque sua garganta parecia ter inchado. Ela não sabia se isso era por raiva de Strike, de si mesma, de Murphy, ou por causa da terrível dor lancinante no coração. — Se você realmente… Se isso fosse real… Eu tenho que ir — repetiu ela e começou a descer a escada correndo, deixando Strike onde estava.

Ele escutou os passos dela e pensou se deveria segui-la, e ainda estava ali parado, indeciso, quando a ouviu subir a escada de volta, e quando ela fez a curva na escada, estava vermelha e com raiva, mas Strike, que acreditava que uma mulher que não tivesse sentimentos mais profundos por ele do que a amizade bateria a porta da rua naquele momento, de repente conheceu a esperança.

— Você teve uma eternidade — disse Robin, que agora estava tremendo de raiva. — Anos. Eu estava solteira. Eu estava livre. Toda vez que nós ficamos ligeiramente mais próximos, você me afastou e foi transar com outras mulheres.

— Não ultimamente — disse Strike.

— Não, porque era seguro testar os limites, agora que estou com Ryan!

— Você acha que estou fazendo isso para me divertir?

— Talvez — respondeu Robin, lágrimas de fúria agora iluminando seus olhos. — Me dizendo que *Charlotte* achava que você estava apaixonado por mim, e o que você esperava que eu dissesse em relação a isso? Você está só tentando decidir o que quer… Você teve *anos* — disse ela, levantando a voz — e não disse *nada*.

— Eu tinha medo de estragar as coisas, de foder com tudo…

— A agência, é sempre…

— Não era só a agência, era isso, *nós*, a amizade…

— Bem, eu ainda sou sua amiga, então você não precisa…

— Eu não quero ser a porcaria do seu amigo — disse Strike, sua própria voz se levantando agora —, é isso o que estou dizendo a você. Eu te amo. Todas as outras pessoas podem ver isso, por que não você?

— E você espera que eu simplesmente jogue fora um relacionamento de dois anos para ser a mais nova mulher com quem você vai se entediar depois de dois meses? — indagou Robin com a voz ecoando pela escada.

— Faz sete anos, e nunca me entediei. Você acha que eu estaria dizendo isso se só quisesse uma trepada? Eu não estou pedindo para você trair, eu não quero

um caso. Eu quero estar com você. Permanentemente. Case comigo.

Strike não esperava se ouvir dizendo isso. Robin deixou escapar algo entre um sorriso e um suspiro.

— Você está… você está louco — disse ela, entorpecida pelo choque. — Você está literalmente… Você perdeu a cabeça. Nós nunca nem…

— Isso é facilmente remediável.

Strike desceu a escada e pôs as mãos na parte de cima dos braços dela e a puxou em sua direção, mas ela pôs o punho em seu peito e o empurrou.

— Não! — disse ela, tremendo com o contato e com raiva de si mesma por isso. — Eu não sou essa pessoa…. Eu não vou fazer com Ryan o que Matthew fez comigo!

— Eu tinha que contar a você — disse Strike. — Você precisava saber.

Robin se esforçou para encontrar algo a dizer, mas não conseguiu. Finalmente, ela deu meia-volta e desceu correndo a escada, os saltos batendo no metal, e dessa vez Strike ouviu quando ela chegou ao corredor, o barulho da porta da rua se abrindo, depois se fechando atrás dela.

Ele ficou parado por um minuto inteiro, na esperança de ver a porta tornar a se abrir, mas ela não se abriu.

Merda.

Ele se virou e, movimentando-se com a ajuda do corrimão, subiu novamente a escada na direção do segundo andar, então se deteve de repente. Pat estava parada no patamar.

— Eu precisei usar o banheiro — disse ela na defensiva.

Se Strike estava se perguntando se as vozes dele e de Robin tinham passado através da porta do banheiro, ele não teve de esperar muito pela resposta.

— Não se preocupe — disse ela asperamente. — Não vou fazer fofoca.

Sem conseguir pensar em nada a dizer, Strike passou por Pat, entrou no escritório e se jogou na cadeira. Levou alguns segundos até ele sentir que não estava sozinho e erguer os olhos. Pat o havia seguido.

— Claro, ele é muito bonito, o Murphy — disse ela em sua voz grave de barítono.

— Esse é o incentivo de que eu precisava — retrucou Strike com amargura.

— Mas ela não parece feliz ultimamente. Quero dizer, em casa.

Strike não disse nada.

— Você não faz um pedido de casamento assim, gritando para uma mulher em uma escada porque o namorado dela está prestes a pedir a mão dela — disse Pat.

— Eu não tive a intenção… simplesmente saiu.

— Bem, não vá dizer isso para *ela* — falou Pat abruptamente. — Só vai piorar se você voltar atrás.

Strike emitiu um gemido baixo e levou as mãos à cabeça. Se estivesse olhando para ela, poderia ter visto uma leve suavização do rosto simiesco de Pat.

— Você não pode esperar que ela diga a mesma coisa para você esta noite, não é?

— Por que não?

— Para um homem inteligente, você está sendo muito lerdo — disse Pat, desesperada. — O que ela deveria ter feito, quando o namorado dela está ali na esquina esperando por ela com um anel no bolso? De qualquer jeito, você brincou com ela, não foi?

— Como eu…?

— Você esperou até outro homem querer se casar com ela antes de dizer qualquer coisa. Claro que ela acha que você está dizendo isso para impedir que ela vá embora.

— Eu não planejei isso.

— Então você precisa de um novo plano, não é? — disse Pat animada. — Eu preciso ir. Vou receber pessoas hoje para jogar Bridge.

Ela se virou e foi embora, fechando a porta às suas costas. Strike ficou ali olhando para o vidro no qual estava gravado *Agência de Detetives Strike e Ellacott*.

Aquilo não era como acordar no hospital sem metade da perna nem como descobrir que Charlotte havia se matado. Dessa vez, ele não era uma mera vítima do destino: ele mesmo tinha deliberadamente provocado essa mudança drástica e possivelmente catastrófica. Olhando fixamente para a porta, ocorreu a ele que embora sempre tivesse se considerado um mestre do próprio destino, ele na verdade havia lidado bem com os golpes que fora forçado a levar. Três vezes em toda a sua vida ele tomara sozinho uma decisão consciente, não forçada e capaz de mudar sua vida, e não podia culpar mais nada nem ninguém por nenhuma delas.

Na primeira vez, ele atravessou uma sala lotada em Oxford, bêbado e esperando ser rejeitado pela mulher mais bonita que já tinha visto. Na segunda, ele começou sua agência de detetives, correndo o risco de humilhação e ruína

financeira. Aquela noite foi a terceira. Ele tinha finalmente, e talvez tarde demais, encontrado uma coisa que desejava mais do que a solidão e a segurança, e suspeitava de que tudo o que poderia fazer agora seria esperar para descobrir se Robin Ellacott decidiria que também queria isso.

O telefone na mesa a sua frente começou a tocar. Strike deixou cair na caixa postal. Quando pegou o cigarro eletrônico do bolso, viu movimento pelo canto dos olhos. O peixe preto chamado Cormoran estava novamente se debatendo indefeso no alto do aquário.

— Babaca burro — disse ele com raiva. — Você fez isso a si mesmo.

O telefone parou de tocar. Strike ficou sentado em silêncio por mais um minuto, fumando, então se levantou, com a orelha e o joelho latejando. Na falta de outra coisa que pudesse fazer para melhorar sua situação atual, ele foi até o sótão para buscar o pote vazio de margarina e algumas ervilhas.

Agradecimentos

Um enorme agradecimento, como sempre, a meu editor inigualável, David Shelley. Não consigo pensar em ninguém melhor para trabalhar nos livros de Strike comigo.

Nithya Rae mais uma vez fez um trabalho fabuloso de copidesque, pelo qual sou imensamente grato.

Mais gratidão do que pode ser expressa nesta página para Sean e Nadine Harris, que abriram certas portas, me deram almoço no Swan Taphouse e forneceram comida, conforto e hospitalidade em um nível que, para vivenciar, a maioria das pessoas tem de visitar hotéis cinco estrelas.

Como sempre, agradecimentos sem fim para meu agente, Neil Blair, por seu trabalho incansável em meu nome; para os insubstituíveis Nicky Stonehill, Rebecca Salt e Mark Hutchinson, que são as pessoas que me mantêm agarrado à sanidade, e para Di Brooks, Simon Brown, Danny Cameron, Angela Milne, Ross Milne, Fiona Shapcott e Kaisa Tiensuu, cujo trabalho duro e eficiência mantêm minha vida real andando quando estou perdido em mundos fictícios.

Por último, para Neil, Dec, David e Kenzie: sem vocês, nada importaria.

Créditos

'Silver Bells' (p. 111) de Paramount Picture THE LEMON DROP KID. Letra e música por Jay Livingston e Ray Evans. Copyright © 1950 Sony Music Publishing (US) LLC. Copyright renovado. Todos os direitos administrados por Sony Music Publishing (US) LLC, 424 Church Street, Suite 1200, Nashville, TN 37219. Copyright internacional assegurado. Todos os direitos reservados. Reimpressão permitida por Hal Leonard Europe Ltd.

'Have Yourself a Merry Little Christmas' (p. 133) de MEET ME IN ST. LOUIS. Letra e música por Hugh Martin e Ralph Blane. Copyright © 1944 EMI Feist Catalog Incorporated, USA. Todos os direitos administrados por EMI United Partnership Limited. Copyright internacional assegurado. Todos os direitos reservados. Reimpressão permitida por Hal Leonard Europe Ltd.

'Have Yourself a Merry Little Christmas' (p. 133) Letra e música por Ralph Blane & Hugh Martin. © 1943. Reprodução permitida por EMI Feist Catalog Inc./Sony Music Publishing Ltd, London N1C 4DJ.

'Not Tonight Santa' (p. 330) Letra e música por Brian Higgins, Shawn Mahan, Nicholas Coler, Lisa Cowling & Miranda Cooper. © 2005. Divulgação por Hipgnosis Songs Fund Limited, administrada por Peermusic (UK) Ltd.

'Not Tonight Santa' (p. 330) Letra e música por Holly Bush, Beth Lehem, Henry Mistletoe, Festiv Gifts e S Claws. Xenomania Songs Ltd (NS), Warner Chappell Music Ltd (PRS) e Honky Tonk Limited (NS). Todos os direitos reservados em nome de Xenomania Songs Ltd administrado por Warner Chappell Music Publishing Ltd. Todos os direitos reservados em nome próprio e de Honky Tonk Limited administrada por Warner Chappell Music Ltd.

'Itchycoo Park' (p. 669) Letra e música por Steve Marriott e Ronnie Lane. Copyright © 1988 EMI United Partnership Ltd. Copyright internacional assegurado. Todos os direitos reservados. Reimpressão permitida por Hal Leonard Europe Ltd.

'Itchycoo Park' (p. 669) Letra e música por Ronnie Lane & Steve Marriott. © 1967. Reprodução permitida por EMI United Partnership Ltd/Sony Music Publishing Ltd, N1C 4DJ.

'Tous Les Garçons Et Les Filles' (p. 670) Letra e música por Françoise Hardy e Roger Samyn. Copyright © 1962 EDITIONS MUSICALES ALPHA. Todos os direitos administrados por UNIVERSAL MUSIC PUBLISHING LTD. Todos os direitos reservados. Usado com permissão. Reimpressão permitida por Hal Leonard Europe Ltd.

'Shakin' All Over' (p. 674) Letra e música por Johnny Kidd. © 1960. Reproduzido com permissão de EMI Mills Music Ltd/Sony Music Publishing Ltd, N1C 4DJ.

'Romeo Is Bleeding' (p. 746) Letra e música por Tom Waits. Copyright © 1978 Jalma Music. Todos os direitos globais reservados, exceto nos Estados Unidos, administrado por BMG Rights Management (US) LLC. Todos os direitos reservados. Usado com permissão. Reimpressão permitida por Hal Leonard Europe Ltd.

'Romeo Is Bleeding' (p. 746) por Tom Waits. © 1978, Jalma Music (ASCAP). Usado com permissão. Todos os direitos reservados.

'Whistlin' Past The Graveyard' (p. 747) Letra e música por Tom Waits. Copyright © 1978 Jalma Music. Todos os direitos globais reservados, exceto nos Estados Unidos, administrado por BMG Rights Management (US) LLC. Todos os direitos reservados. Usado com permissão. Reimpressão permitida por Hal Leonard Europe Ltd.

'Whistlin' Past The Graveyard' (p. 747) por Tom Waits. © 1978, Jalma

Music (ASCAP). Usado com permissão. Todos os direitos reservados.

'Nobody' (p. 754) Letra e música por Tom Waits. Copyright © 1974 Jalma Music. Copyright renovado. Todos os direitos globais reservados, exceto nos Estados Unidos, administrado por BMG Rights Management (US) LLC. Todos os direitos reservados. Usado com permissão. Reimpressão permitida por Hal Leonard Europe Ltd.

'Nobody' (p. 754) por Tom Waits. © 1975, Jalma Music (ASCAP). Usado com permissão. Todos os direitos reservados.

Extrato de 'Two Campers in Cloud Country' (p. 763) retirado de *The Collected Poems of Sylvia Plath*. © Estate de Sylvia Plath e reimpresso com permissão de Faber and Faber Ltd.

'Two Campers in Cloud Country' (p. 763) retirado de *The Collected Poems of Sylvia Plath*, editado por Ted Hughes. Copyright © 1960, 1965, 1971, 1981 por Estate of Sylvia Plath. Usado com permissão da HarperCollins Publishers.

Extrato de *The Bell Jar* (p. 764) © Estate of Sylvia Plath e reimpresso com permissão de Faber and Faber Ltd.

The Bell Jar por Sylvia Plath (p. 764) Copyright © 1971 by Harper & Row, Publishers, Inc. Usado com permissão da HarperCollins Publishers.

'Soldier's Thing' (p. 864) por Tom Waits, Kathleen Brennan. © 1983, Jalma Music (ASCAP). Usado com permissão. Todos os direitos reservados.

Título original
THE HALLMARKED MAN
A Cormoran Strike Novel

Primeira publicação na Grã-Bretanha em 2025 por Sphere.

Copyright © 2025 *by* J.K. Rowling

O direito moral da autora foi assegurado.

Todos os personagens e acontecimentos neste livro, com exceção dos claramente em domínio público, são fictícios, e qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou não, é mera coincidência.

Todos os direitos reservados.
Nenhuma parte desta obra pode ser reproduzida ou transmitida por meio eletrônico, mecânico, fotocópia ou sob qualquer outra forma sem a prévia autorização do editor.

Verso da página 135 de "Shout Out to My Ex" © Camille Purcell, Edvard Foerre Erfjord, Henrik B. Michelsen, Iain Farquharson, Jade Amelia Thirlwall, Jessica Louise Nelson, Leigh Anne Pinnock, Perrie Louise Edwards

Versos das páginas 905 e 922 de "Kid Charlemagne" e "Do It Again" © Walter Becker e Donald Fagen

Direitos para a língua portuguesa reservados
com exclusividade para o Brasil à
EDITORA ROCCO LTDA.
Rua Evaristo da Veiga, 65 – 11º andar
Passeio Corporate – Torre 1
20031-040 – Rio de Janeiro – RJ
Tel.: (21) 3525-2000 – Fax: (21) 3525-2001

rocco@rocco.com.br
www.rocco.com.br

Preparação de originais
MÔNICA FIGUEIREDO

Coordenação digital
MARIANA MELLO E SOUZA

Edição digital: junho, 2026.

A editora não é responsável por sites (ou seu conteúdo) que não sejam de sua propriedade.

CIP-Brasil. Catalogação na Publicação.
Sindicato Nacional dos Editores de Livros, RJ

G677h
Galbraith, Robert, 1965-
O homem marcado [recurso eletrônico] / Robert Galbraith ; tradução Edmundo Barreiros, Ryta Vinagre. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Rocco Digital, 2026.
recurso digital (Detetive Cormoran Strike ; 8)

Tradução de: The hallmarked man : a strike novel
Formato: epub
Requisitos do sistema: adobe digital editions
Modo de acesso: world wide web
ISBN 978-65-5595-488-3 (recurso eletrônico)

1. Ficção inglesa. 2. Livros eletrônicos. I. Barreiros, Edmundo. II. Vinagre, Ryta. III. Título. IV. Série.

26-104739.1 CDD: 823

CDU: 82-3(410.1)

Meri Gleice Rodrigues de Souza - Bibliotecária - CRB-7/6439
22/04/2026 22/04/2026

O texto deste livro obedece às normas do Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa.

O Autor

ROBERT GALBRAITH é o pseudônimo de J.K. Rowling, autora da famosa série Harry Potter e dos romances *Morte súbita, O Ickabog* e *Jack e o Porquinho de Natal*. Os oito volumes da série protagonizada pelo detetive Cormoran Strike, todos publicados no Brasil pela Rocco, encabeçam listas internacionais de best-sellers. A série foi adaptada para a TV e produzida pela Brontë Film & Television.

www.robert-galbraith.com
CormoranStrikeNovelsOfficial
@robertgalbraith
@RGalbraith

Índice

- Capa
- Folha de rosto
- Dedicatória
- Sumário
- Epígrafe
- Parte Um
  - Capítulo 1
  - Capítulo 2
  - Capítulo 3
  - Capítulo 4
  - Capítulo 5
  - Capítulo 6
  - Capítulo 7
  - Capítulo 8
  - Capítulo 9
  - Capítulo 10
  - Capítulo 11
  - Capítulo 12
  - Capítulo 13
- Parte Dois
  - Capítulo 14
  - Capítulo 15
  - Capítulo 16
  - Capítulo 17
  - Capítulo 18
  - Capítulo 19
  - Capítulo 20
  - Capítulo 21
  - Capítulo 22
  - Capítulo 23
  - Capítulo 24
  - Capítulo 25
  - Capítulo 26
  - Capítulo 27

- Capítulo 28
- Capítulo 29
- Capítulo 30

Parte Três

- Capítulo 31
- Capítulo 32
- Capítulo 33
- Capítulo 34
- Capítulo 35
- Capítulo 36
- Capítulo 37
- Capítulo 38
- Capítulo 39
- Capítulo 40
- Capítulo 41

Parte Quatro

- Capítulo 42
- Capítulo 43
- Capítulo 44
- Capítulo 45
- Capítulo 46
- Capítulo 47
- Capítulo 48
- Capítulo 49
- Capítulo 50
- Capítulo 51
- Capítulo 52
- Capítulo 53
- Capítulo 54
- Capítulo 55
- Capítulo 56

Parte Cinco

- Capítulo 57
- Capítulo 58
- Capítulo 59
- Capítulo 60
- Capítulo 61
- Capítulo 62
- Capítulo 63

- Capítulo 64
- Capítulo 65
- Capítulo 66
- Capítulo 67
- Capítulo 68

Parte Seis

- Capítulo 69
- Capítulo 70
- Capítulo 71
- Capítulo 72
- Capítulo 73
- Capítulo 74
- Capítulo 75
- Capítulo 76
- Capítulo 77
- Capítulo 78
- Capítulo 79
- Capítulo 80

Parte Sete

- Capítulo 81
- Capítulo 82
- Capítulo 83
- Capítulo 84
- Capítulo 85
- Capítulo 86
- Capítulo 87
- Capítulo 88
- Capítulo 89
- Capítulo 90
- Capítulo 91
- Capítulo 92

Parte Oito

- Capítulo 93
- Capítulo 94
- Capítulo 95
- Capítulo 96
- Capítulo 97
- Capítulo 98
- Capítulo 99

- Capítulo 100
- Capítulo 101
- Capítulo 102
- Capítulo 103
- Capítulo 104
- Capítulo 105

Parte Nove

- Capítulo 106
- Capítulo 107
- Capítulo 108
- Capítulo 109
- Capítulo 110
- Capítulo 111
- Capítulo 112
- Capítulo 113
- Capítulo 114
- Capítulo 115
- Capítulo 116

Parte Dez

- Capítulo 117
- Capítulo 118
- Capítulo 119
- Capítulo 120
- Capítulo 121
- Capítulo 122
- Capítulo 123

Epílogo

- Capítulo 124
- Capítulo 125
- Capítulo 126
- Capítulo 127

Agradecimentos
Outros créditos
Créditos
O Autor